CORA RICHMOND



DISCURSOS 8

TRADUCÃO:
AMADEU ANTÓNIO

PREVISÃO DE ACONTECIMENTOS 1902
QUE SERÁ QUE O ANOS NOVO TRARÁ À VELHA TERRA?

"E haverá um novo céu e uma nova terra."
"Eis que faço novas todas as coisas."
"Não há nada de novo debaixo do sol."

Estas passagens aparentemente contraditórias do mesmo volume, mas de livros separados de inspiração, são, contudo, todas verdadeiras.

No que diz respeito à substância da Terra e à recorrência das coisas, nada pode haver de novo. No que diz respeito ao batismo da espiritualidade e à entrada em novas condições, estas são sempre novas. Os princípios e verdades das almas e de Deus nunca mudam; as manifestações estão sempre a mudar.

Por isso, segundo o vosso calendário — o calendário da Cristandade — isto é a entrada num novo ano. Propriamente, o novo ano deveria começar quando o Sol volta a subir em direção aos céus do Norte, ou quando, na vossa parte da superfície terrestre, os dias começam a tornar-se mais longos.

Por todo o Oriente, nos países orientais a norte do equador, onde existiam manifestações astronómicas semelhantes às vossas, este era o costume.

Um grande número das tribos indígenas da América do Norte observava melhor as mudanças nos corpos celestes do que vós próprios, embora talvez não fossem tão grandes matemáticos. O dia mais curto era imediatamente seguido de celebrações e regozijo, porque o Sol começava a dar cada vez mais luz à Terra.

No Egipto, quando o Sol passava uma determinada linha e descia ao ponto mais baixo no céu, começava então o regozijo. Enquanto isso, no extremo Norte, entre os escandinavos, de onde vieram o poderoso Thor e Woden, e Friga, a deusa, assim que o dia mais curto passava, começava a alegria, pois em breve chegaria a Primavera.

Mas qualquer que fosse o momento escolhido, isso pouco importava, pois servia como símbolo de um grande ciclo.

O Ano Novo é, para a maioria das pessoas, um dia de novos começos. Para muitos é um dia de retrospetiva e reminiscência; mas, acima de tudo, olhar para trás é a pior coisa que se pode fazer, pois até Janus, que olhava para trás tanto quanto para a frente, ordenava que todos olhassem para diante em vez de para trás; e quem quer que tente pedir emprestado ao tempo, no meio daquilo que é e há de ser, no meio das ocupações da vida e das coisas que precisam de ser feitas, deve considerar-se a si próprio ou a si própria como estando a violar aquilo que Janus ensina.

No entanto, hoje a velha Terra geme, como nos ciclos passados dos anos, sob a grande tensão de um período poderoso. Estais a entrar num estado que levará muitos anos a completar-se, mas que já paira plenamente sobre vós. As condições físicas sobre a Terra estão palpavelmente a mudar; não obstante as vossas longas sucessões de Invernos amenos nesta latitude, e não obstante o abate das florestas nos estados do Centro-Oeste e do Leste ter causado perda de neve, esta parte da Terra está gradualmente a tornar-se mais fria.

A Gronelândia já foi uma terra verde; já não o é, e toda a costa norte e nordeste do vosso país neste continente está gradualmente a tornar-se mais fria. O grande cinturão de gelo avança constantemente sobre vós. Como dissemos numa recente discussão, a Terra já está a entrar numa dessas grandes catástrofes glaciais, que inclui mudanças não apenas na geografia física da Terra, mas também nas condições sociais, políticas e morais dos habitantes da Terra.

Onde o período de tensão atualmente existe estende-se do noroeste ao sudoeste; começando na porção ocidental deste continente, prolongando-se ao longo da costa do Pacífico até ao México e estendendo-se mensuravelmente numa direção sudoeste até metade do globo. Mais a norte, encontrar-se-á novamente um cinturão que incluirá a Europa Ocidental, uma porção da costa Atlântica e uma parte dos estados atlânticos, ou da costa oriental da América do Norte.

Estes serão locais de grande tensão. Os lugares visitados por erupções dos vulcões mais recentes apresentam manifestações do passado período glacial, uma espécie de eco, mas não serão incluídos na destruição.

As formações mais recentes estarão mais isentas, embora haja perturbações e inquietações nos distritos vulcânicos do vosso território ocidental. Estendendo-se ao longo das periferias deste mesmo cinturão ou linha encontra-se uma costura que o último período glacial formou: as Montanhas Rochosas, que provavelmente não sofrerão alterações, mas haverá perdas na costa sudeste e perdas na costa noroeste e sudoeste. Haverá um novo continente no meio do oceano Atlântico. Continentes perdidos, ou porções deles, reaparecerão no oceano Pacífico, e haverá mais terra a sul do equador do que a norte do equador quando o período glacial terminar.

Durante os anos imediatamente vindouros, este grande cataclismo não será suspeitado; tereis frequentemente surtos, como as recentes erupções vulcânicas nas ilhas longínquas, e tereis terramotos mais perto de casa apenas para vos recordar do período em que estais. Mas a grande luta continuará, com mudanças graduais nas vossas condições climáticas, com perturbações meteorológicas invulgares através de um grande cinturão causado por erupções vulcânicas: neves nos trópicos, calor intenso nas zonas temperadas e frígidas do norte, talvez a meio do ano o tempo seja alterado do seu estado habitual.

O Verão do ano que acaba de passar é uma indicação do que o pó vulcânico pode fazer, causando chuva onde não deveria haver nenhuma; causando frio onde normalmente é quente, e outros cinturões de poeira vulcânica formar-se-ão e tomarão

as suas posições devido, naturalmente, à revolução da Terra e à peculiar ação magnética e elétrica dos elementos, até que os climas pareçam ter mudado de lugar. Será mais frio no extremo sul e mais quente no extremo norte.

Mas, de ano para ano, a inclinação do eixo da Terra indicará que o grande cataclismo glacial se está a aproximar. Naturalmente, o gelo romper-se-á desta vez primeiro no Pólo Norte, mas separar-se-á de ambos os pólos. A camada de gelo no Pólo Sul é muito elevada, enquanto a maior área de gelo em redor do Pólo Norte ainda não foi penetrada. Traçamos-lhes este esboço, não para o ano que se aproxima, mas para o século, para que possais estar preparados para mudanças atmosféricas peculiares nos anos vindouros.

As condições elétricas e magnéticas da Terra serão perturbadas; os eletricistas, por mais certos que estejam das suas experiências, descobrirão que não só as comunicações telegráficas, mas também os telefones e todos os instrumentos elétricos, e especialmente a telegrafia sem fios, serão seriamente afetados por estas condições atmosféricas.

As manifestações elétricas serão maravilhosas, produzidas pela natureza, e estas proporcionarão oportunidades de observação nunca existentes desde que a eletricidade é conhecida pela ciência; contudo, os métodos habituais de experiências elétricas e da sua utilização serão seriamente afetados.

Quase todas as condições elétricas seguem a linha da superfície da Terra, começando no equador e estendendo-se daí até qualquer dos pólos. Sendo o Pólo Norte manifestamente mais elétrico, isto será perturbado e as correntes regulares de forças magnéticas e elétricas serão desviadas pelo pó vulcânico, e por perturbações sob a fina incrustação, rochosa e endurecida, que a Terra aparenta ser.

O mesmo será verdadeiro nas forças humanas; a previsão de acontecimentos (que a astrologia, em certa medida, ensina como ciência, mas que geralmente deve ser acompanhada de uma grande dose de intuição) deve ser perturbada por estas peculiares condições da própria Terra, e pelas grandes mudanças psíquicas, devido ao vasto cinturão intersolar em que a Terra está a entrar na sua trajetória espiral em torno do grande Sol central; pois o próprio sistema solar entrou neste novo cinturão e todas estas condições perturbadas são o resultado das mudanças cíclicas que devem ocorrer nesta posição alterada da Terra. Naturalmente não podeis estudá-lo porque estais sobre ela. Mas outros planetas experimentam mudanças, e aqueles que já passaram pelas condições dessas perturbações febris serão ajudados a alcançar maior vitória, enquanto a Terra atravessa a grande sombra cíclica.

Percebemos para as nações da Terra, no ano vindouro, relações muito singulares. O caminho que a Grã-Bretanha seguiu durante séculos aproxima-se do fim; não que isso aconteça como nação no próximo ano, mas a sua trajetória já se aproxima do fim. A supremacia dos mares; o avanço do comércio mundial para terras distantes; a conquista de chamadas raças inferiores — tudo isto está a mudar. A Rússia assumirá uma atividade na direção de uma guerra mais agressiva no Oriente. A Rússia dominará

o “Olho do Oriente”; aquilo que tem sido constantemente controlado pelo “Equilíbrio de Poder” através das várias alianças das nações da Europa. Esse poder pelo qual a Grã-Bretanha dominou a Índia, o Afeganistão, a Birmânia e todas aquelas nações confinantes com o norte e o noroeste da Índia será quebrado pela Rússia. A Rússia entrará em alianças com inimigos da Grã-Bretanha, isto é, nações que invejam o propósito passado da Grã-Bretanha, invejosas da extensão do seu domínio.

Mas notareis estas mudanças mais em relação aos acontecimentos nacionais no continente ocidental. Aquilo que tem vindo a desenvolver-se no Oriente será transferido para este continente.

Não pretendemos pregar sobre a vossa espécie de economia política, mas a nação entrou numa nova época e não voltará atrás nos seus passos. Quanto aos ideais da nação, nós …lamentamos que ela tenha entrado nisso; mas, porque era inevitável, não lamentamos. Era inevitável por causa do espírito da época, por causa da condição do povo no presente estado do progresso humano. Se esta tivesse sido realmente uma República ideal, a presente condição dos assuntos teria sido impossível. Mas nunca foi verdadeiramente uma república ideal.

Não era ideal quando foi fundada por Washington, Jefferson, Paine e os Adams e os seus compatriotas. Era ideal em comparação com uma monarquia; era ideal em comparação com aquilo de que tinham fugido. Mas nada poderia ser ideal que incluísse a escravatura ou a exclusão de metade da raça humana. A escravatura dos negros e o não reconhecimento da mulher impediram-na de ser uma república ideal. Consequentemente, não é estranho que, sob essas condições, a escravatura devesse ter produzido os resultados da frutificação da guerra e de questões ainda não resolvidas. Conquistastes o Sul, mas não resolvestes o problema negro.

Quando o impulso, que foi motivado pelo Espírito da verdadeira Liberdade, levou a vossa nação à guerra contra a Espanha para proteger Cuba, não foi tido em consideração que a nação não estava na posição correta para fazer algo dessa natureza através da aquisição de outros territórios. Seguiu-se a vossa conquista das ilhas Filipinas. Portanto, os vossos lábios foram selados quando a guerra na África do Sul estava em fúria; por conseguinte, os vossos lábios serão selados quando os estados da América do Sul forem repartidos entre potências europeias, ou tomados pela posse dos Estados Unidos, como medida de “proteção” contra invasões.

Não precisamos de vos dizer que esperamos este último resultado. A abertura do canal, que será explorado pelos Estados Unidos, abrirá as vossas responsabilidades, e as responsabilidades que a Grã-Bretanha teve na Índia vós tê-las-eis na América Central e do Sul.

Esta é a nossa previsão; tomai-a pelo que vale. Mas assim que “protegerdes o comércio” desse famoso canal, sereis obrigados a proteger todas aquelas peculiares, estranhas, misteriosas, caprichosas e revolucionárias repúblicas sul-americanas.

O Sr. Roosevelt é sábio no seu tempo e geração; não quis resolver o caso venezuelano, pois isso acarretava demasiada responsabilidade. Mas assim que o comércio vos chamar e guardardes, protegerdes e zelardes para que não haja qualquer invasão indevida dos direitos do comércio, nesse momento os Estados Unidos assumirão sobre si a responsabilidade pelo continente ocidental. O que fizestes através da Doutrina Monroe como ideal, fizestes com muito pouca dificuldade.

O que as nações da Terra respeitavam como ideal, deixarão de respeitar como questão de comércio. Baixastes as barreiras, por isso podeis esperar guerras e rumores de guerras, podeis esperar invasões e rumores de invasões; dívidas cobradas pela força, e dívidas reclamadas talvez onde não existam. Podeis esperar o mesmo tipo de inveja das nações da Terra que a Grã-Bretanha experimentou no século passado.

Isto começará, aliás, já começou. As nações do…

…Terra que consideravam sagrados os vossos ideais deixarão de estar mais ligados a eles do que estariam por outras alianças. Notamos que alianças são feitas entre nações europeias da mesma forma que grandes alianças foram feitas pelo governo dos Estados Unidos com os índios, com o propósito expresso de serem quebradas. E veremos que as nações que entrarem em aliança com os Estados Unidos, vendo a tendência dessas alianças, serão nações que não respeitarão essa aliança para além das necessidades do caso, e as necessidades serão necessidades físicas.

As necessidades são os mais fortes navios de batalha; as necessidades são o exército permanente; as necessidades são as mais fortes fortificações. A costa do Atlântico, estendendo-se do Maine ao Golfo do México, e a costa do Pacífico, estendendo-se do Alasca ao México, têm sido invulneráveis por causa da força moral dos Estados Unidos. Quando se trata da força física, considerai o que será necessário para fortificar tal extensão de costa, incluindo a nova via navegável entre os oceanos!

Estamos apenas a indicar aquilo que vemos. Tentamos ser imparciais. Consideramos que isto é inevitável; encaramo-lo, tal como os grandes reis financeiros e monetários, como parte da próxima etapa. Acreditamos que o próximo ano dará ênfase a todas as coisas que se manifestaram este ano e que já se tinham manifestado no ano anterior. Não pensamos que haja menos riqueza nas mãos dos milionários. Pensamos que o Congresso legislará algo que seja minimamente eficaz contra os trustes; pensamos que alguns tentarão fazê-lo e que alguns, como o Sr. Roosevelt, dirão que já existe legislação suficiente nessa direção, se apenas fosse aplicada. Vós e nós sabemos que não será. Compreendemos perfeitamente que agora existem duas grandes forças que podem, possivelmente, encontrar-se em arbitragem, mas que em qualquer momento podem ser lançadas uma contra a outra.

Compreendemos que a legislação será moldada para tornar impossível a suspensão dos negócios, para obrigar o comércio a prosseguir, como aconteceu durante os últimos meses devido a uma disputa entre trabalhadores e capitalistas. Não fazemos ideia, e vós também não, de que isso venha a ser resolvido especialmente com maior justiça para o trabalhador. Pensamos que esta questão será considerada;

pensamos que muito será dito acerca dela; pensamos que será debatida repetidamente na comissão que agora está reunida. Acreditamos que recomendações sábias serão feitas por essa comissão; acreditamos que o Presidente recomendará as recomendações à ação do Congresso.

Contudo, a tendência dos acontecimentos segue na direção de um maior poder da riqueza. Há hoje mais influência da riqueza neste país e no mundo do que nunca antes. O dinheiro que em vastas quantidades está na posse de poucos é cobiçado por muitos. Os poucos que o possuem formam luzes brilhantes (na estima do mundo), marcos para outros seguirem. É inútil dizer ao trabalhador que trabalhe oito, dez, doze ou dezasseis horas por dia pelo seu pão quotidiano, quando homens, por um golpe da roda da fortuna, podem ganhar milhões. Ele quer saber como, quer esforçar-se juntamente com os outros que lutam. E quanto ao lavrar da terra, isso quase deixou de ser uma ocupação honrosa.

O agricultor depreciou a sua vida — o homem mais independente à face da Terra — inveja o homem da Bolsa. Se comparardes as visões e sons que ele vê com as visões e sons que saúdam os ouvidos do homem da Bolsa em cada dia comercial do ano, admirais-vos. Mas não é isso; é o poder, é a liberdade do jugo do trabalho. É isso que torna menos repugnante parecer empenhado no lucro. As mãos marcadas e endurecidas pelo trabalho estão a tornar-se cada vez menos o penhor da vossa liberdade. O típico agricultor da Nova Inglaterra, o típico agricultor dos estados do Centro-Oeste e do Oeste está a mudar; e o país avança na grande "conquista do mundo". O que Roma foi, o que a Grécia foi, o que o Egipto foi, o que a Grã-Bretanha foi, a América está destinada a ser. E aqueles que estão no grande turbilhão e são bem-sucedidos nas coisas materiais alegram-se. Porque não haveriam de se alegrar quando veem qual é o poder do sucesso material?

O destino do Egipto, o destino de Roma, o destino da Grécia, o destino que se aproxima da Grã-Bretanha — abandonada pelas suas colónias, cega, velha e solitária; deserta, rodeada pelo mar quando o cataclismo glacial vier, e apagada como se nunca tivesse existido. Esse será o seu destino. E este jovem gigante do Ocidente está a estender o seu poder e influência sobre toda a Terra. No entanto, que passos foram estes senão passos de conquista já? Mas algumas das tribos originais ainda restam, que poderiam ter sido incluídas na civilização desta terra ocidental.

Os índios batem à porta para serem admitidos nestes Estados Unidos. Embora os poucos que restam ilustrem os grandes e belos poderes que possuíam. Se tivessem pertencido aos gregos, romanos ou britânicos, teriam sido classificados entre os mais poderosos do universo. Passo a passo, do Atlântico ao Pacífico, de Massasoit a Montezuma, desde as tribos da Nova Inglaterra até aos Navajos, houve passos de desolação. O índio está a desaparecer. O homem negro está a aumentar, e terá o seu dia de ajuste de contas pela escravatura.

Agora, confrontados com este grande problema do poder, por aquilo que conduz a civilização, como lhe chamam, avante, é a esperança acarinhada daqueles que nunca sustentaram quaisquer destas convicções ou sonhos de poder que esta "civilização"

será diferente; que esta guerra não é tão cruel; que esta cristianização não é a mesma civilização dos gregos, dos romanos e dos egípcios nas suas conquistas. Não obstante o protesto de homens como Gladstone e Bright em Inglaterra e dos seus dignos seguidores, a trajetória da Grã-Bretanha desde o tempo da formação da Companhia das Índias Orientais até ao presente foi elogiada e aplaudida pelo clero cristão como sendo a mais bela conquista do Cristianismo.

A Índia do futuro declarará uma civilização tão muito maior do que a Grã-Bretanha alguma vez sonhou que ela empalidecerá e desaparecerá na história do futuro como uma das nações bárbaras da Terra. Os antigos filósofos védicos ressurgirão sob nova forma. Brahma reaparecerá num maravilhoso novo traje. Vishnu, o Preservador, o poder da luz, e Seva serão novamente proclamados; e o Buda de um tempo posterior espalhará a sua radiação sobre toda a nova Índia, libertada da servidão dos exércitos e do império da Inglaterra. O Durbar, com as suas luzes e pompa, com o seu renascimento do esplendor pagão, com o seu apelo ao amor do brilho nas mentes e sentidos dessas pessoas, desaparecerá de vista e será esquecido, e a nova Índia não será inglesa.

Estais a trilhar o mesmo caminho. Não podeis tomar a experiência dos outros, tal como um rapaz não pode tomar a experiência do seu avô; ele tem de queimar os dedos no mesmo fogo da tentação, as paixões da sua juventude devem atraí-lo e abrir caminho até à sua consciência; ele tem de viver a sua própria vida; e vós, como nação, deveis viver a vossa.

Este ano, as indicações são de que continuareis a falar muito e a fazer pouco. Falar-se-á de corrigir muitos erros, mas eles não serão corrigidos. Haverá páginas e colunas repletas de explicações sobre como atravessar a barreira que separa o homem que nunca vê a luz do dia do homem que habita num palácio, e sobre como alcançar o vínculo da fraternidade. Mas não o vereis este ano. Se John Mitchell conhece o verdadeiro lugar que lhe pertence na história, não permitirá que os políticos vendam o bom nome que conquistou pela sua sinceridade e altruísmo.

Agora voltamo-nos para outro quadro. O ano vindouro será fértil na dissolução de antigos marcos e partidos políticos, e, tal como as religiões da Terra, e especialmente da Europa e da América, serão permeados por algo que nasce do novo. Há muito pouca religião evangélica ortodoxa no mundo atual; resta muito pouco dos antigos partidos Whig e Republicano; resta muito pouco do partido Democrata. Há algo a tomar posse do povo que olha para o novo. Não falarão muito disso. Agir é a última coisa que acontece. Convicção, consciência e, finalmente, necessidade obrigam à ação.

O Sr. Lincoln foi o homem para o seu tempo e hora, mas não libertou os escravos assim que soube que a escravatura estava errada; libertou-os quando isso se tornou uma necessidade militar. Todos vós o sabeis, mas os políticos louvam-no por isso. Contudo, foi o hino de John Brown que manteve os soldados em marcha; contudo, foram as palavras pacíficas, mas penetrantes, de William Lloyd Garrison e dos seus colaboradores que libertaram os escravos; contudo, foi Harriet Beecher Stowe quem

marcou a escravatura no seu pior aspeto, pois os homens são muito cegos para o gado que valorizam, mas no seu pior quando esquecem ser bondosos. Assim, as pessoas não exprimem logo as suas novas convicções neste mundo.

Em tempos de paz, não votais segundo as vossas convicções; não as podeis viver no quotidiano das transações comerciais comuns; não as podeis viver na pequena mercearia da esquina, embora vos esforceis. Naturalmente, não estais preparados para morrer à fome pelas vossas convicções. É preciso uma grande companhia de pessoas famintas para fazer uma revolta. As Leis do Milho não foram abolidas em Inglaterra quando se reconheceu que estavam erradas, mas quando o povo se levantou clamando por pão, foram abolidas.

Este ano haverá poucas dessas tentativas; este ano haverá poucos reconhecimentos no Congresso ou fora dele. Entre os trabalhadores e entre os capitalistas haverá um desejo sincero por parte de alguns homens de ver o caminho certo e segui-lo. Mas o caminho errado, ou o caminho que está demasiado bem estabelecido, é o mais fácil. Tudo está a seguir nessa direção e não podeis deter a maré se pensais que podeis. “Ide vender tudo o que tendes e dai-o aos pobres” ainda não entrou na mente de Carnegie ou Rockefeller.

Carnegie deu-o a bibliotecas, mas isso não alimenta as pessoas. Rockefeller deu-o a universidades, mas isso acabou por transformar muitos membros da sociedade em pessoas inúteis. Os métodos não serão mudados este ano; mais dinheiro será acrescentado às universidades; mais livros comprados para as pessoas lerem as coisas que têm sido escritas desde os dias de Hesíodo. Mas ninguém presta muita atenção a “Milhões de seres espirituais percorrem a Terra invisíveis, quer despertemos quer durmamos”.

Assim disse Milton; e quem age como se acreditasse nisso? Milhões de pessoas em forma humana percorrem a Terra e acotovelam-se umas às outras como se quisessem que todos os restantes partissem, exceto elas próprias. Deste inumerável conjunto de seres espirituais que colhem a colheita que semearam, pensais pouco, a menos que vos tenham sido retirados os vossos entes queridos. E o que lhes dais então? Algumas lágrimas, alguma tristeza, alguns arrependimentos inúteis. Mas os grandes atos de amor que vos colocariam ao lado deles, que vos fariam um só com eles enquanto percorreis a vida quotidiana, conseguis fazê-los? Pensais que não podeis; pensais que estais no louco turbilhão da vida diária e que não o podeis fazer. Mas as flores não florescerão no jardim do vosso Éden enquanto não o fizerdes.

As pessoas não esquecerão a sua tristeza, o seu sofrimento, as suas lutas, os seus crimes e a grande, grande miséria, até que esse estado chegue. Se um vulcão surgisse mesmo aqui perto, isso poderia levar-vos a pensar noutra coisa. Quando há um desastre louvamos o Senhor, porque então as pessoas têm simpatia, bondade amorosa e espírito de ajuda, e auxiliam os seus semelhantes. Uma fome na Índia é melhor do que uma vitória britânica; ela leva as pessoas à fraternidade.

Estes cataclismos que ocorrem despertam a vossa simpatia por aqueles que permanecem e sofrem. Mas, santo céu! não sabeis que há um cataclismo em Chicago durante todo o tempo, moral, social e politicamente? Mais pessoas morrem de carência ali do que alguma vez morrem na Índia; falta de pão, falta de ar fresco, falta de belos arredores, daquilo que satisfaz; e, acima de tudo, a maior e mais profunda fome, a fome por simpatia humana.

Oh, sim! Isso chega-vos depois de algum tempo, quando vos tornais milionários e todos ficam contentes porque morrestes, porque os vossos milhões podem ser herdados e esbanjados; então sabereis o que é estar no cataclismo da fome por simpatia humana. Este ano pode não o trazer, mas algum ano virá, de acordo com a semente que é semeada.

Este ano observareis grande desolação, o resultado de terramotos; navios que se afundam no mar, engolidos por algum vulcão sob o oceano; e perguntareis quando este mar da Terra entregará os seus mortos, e quando este grande fruto amargo e morto deixará de ser lançado às margens do tempo? Dizemos-lhes que um tal Ano Novo como aquele em que começais a fazer aquilo que sabeis ser verdadeiro será o começo desse dia.

UM JULGAMENTO POR HERESIA

PELOS GUIAS DA
SRA. CORA L. V. RICHMOND

Proferido em Chicago, Illinois, domingo, 6 de Junho de 1891.

“Não vim destruir, mas cumprir.”

Fazei recuar a cortina da história, ou suposta história dois mil anos, e estais em Jerusalém, essa cidade sagrada sob o domínio do Império Romano, então praticamente o império do mundo. Pôncio Pilatos representa Roma; os judeus mantêm a sua antiga reunião no templo, submetendo-se ao domínio exterior como por força têm de fazer face ao poder estrangeiro

Os Césares são mais poderosos do que os descendentes dos profetas de Deus de David, e a casa de David degenerou constantemente. Em consequência das visões dos profetas se terem afastado da missão divina, o ministério daqueles que lhes deram novas e maravilhosas revelações, os sacerdotes realizam as suas funções e os rituais no templo

…como meros cerimoniais, e o serviço é ainda mais prescrito com sacrifício de sangue inocente como o de pombas e cordeiros, e holocaustos, conforme o povo é mandado a oferecer segundo a letra da lei.

Estais em Jerusalém; é a sede do julgamento, um julgamento tal como, se é que algum verdadeiro julgamento sagrado alguma vez foi registado na história até aquele dia e hora, nunca antes fora visto. Os judeus, enraivecidos com os ensinamentos de um certo Jesus de Nazaré, instigaram os seus superiores, sacerdotes e outros a vigiar o perigo das suas palavras, para que as suas palavras não fossem possivelmente pervertidas e levassem algo contra a Igreja ou a lei.

Ele também foi interrogado acerca do César e do tributo que lhe deveria ser pago, para que pudesse cair vítima do Estado. Entre outras coisas, foi acusado de desejar derrubar o reino dos judeus, proclamando-se rei dos judeus. Ele é seguido diariamente, semanalmente, enquanto ministra nas margens do mar ou nos montes.

Por fim, por alguma estranha combinação de acontecimentos, a cobardia e o egoísmo dos seus seguidores, e os propósitos mais profundos de ganância de alguns deles, levaram-no às mãos das autoridades, é entregue aos Judeus, já que naturalmente os romanos não tinham qualquer contenda com o homem; é julgado pelos sumos sacerdotes e pelo conselho dos sacerdotes que se reuniram; trata-se de um julgamento — é simplesmente uma condenação, uma conspiração; é interrogado para que declare quem é; não o anuncia, não profere palavra alguma acerca de si próprio, mas acerca do Pai que lhe dera o poder de expressão.

Finalmente, de forma descuidada, uma palavra cai dos seus lábios, a qual é interpretada como significando que ele sancionou palavras que significam que se colocou acima dos seus seguidores, acima dos sacerdotes. Os sumos sacerdotes ressentem-se disso e chamam-lhe blasfemo. Como se disse antes, se houvesse uma oportunidade ou mesmo falta dela, Jesus deve ser condenado. O julgamento prossegue, por fim Jesus é levado perante Pilatos — mas agora os judeus fizeram esta acusação acerca dele e trouxeram-no diante de Pilatos, coisas estranhas e transpiravam, premonições, asas do espírito, visões e ministrações àqueles que seguiam Jesus.

Entretanto, alguns dos apóstolos manifestavam grande cobardia e abstiveram-se de se deixar identificar com Jesus, agora que estava destinado a ser condenado, e desprezaram-se a si próprios por causa da sua espera egoísta, porque tinham duvidado, porque Pedro tinha negado e porque Judas, devido à traição, se dizia ter-se destruído a si mesmo.

A esposa de Pilatos, entretanto, tivera um sonho singular em que lhe tinham a aparecido anjos e iluminado o aposento em que repousava e uma voz havia declarado Jesus de Nazaré inocente, e ela viu no sonho a vinda do processo que estava lentamente a encaminhar-se para o Calvário e receou que aquele homem inocente certamente fosse condenado à morte. Ela revelou o sonho a Pôncio Pilatos, mas ele, desejando agradar aos judeus, não obstante estar ciente de que aquele era sangue

inocente, lavou as mãos de toda a responsabilidade, e lançou-a sobre os sacerdotes judeus e as autoridades da Igreja, e então ordena que o julgamento prossiga.

Jesus é considerado o principal blasfemo, não contra o Estado, nem contra a Igreja de Deus, mas contra os estatutos do governo eclesiástico judaico. Sabeis o que se diz ter acontecido a seguir; sabeis da crucificação; sabeis o que depois aconteceu em Jerusalém. Alguns dos poucos seguidores de Jesus, esconderam-se pelo melhor que puderam, para que também eles não fossem condenados à morte por se terem associado a alguém tão perverso e desprezível, que não apenas assumira conduzir o povo como profeta, possivelmente como rei, mas que assumira possuir dons divinos e desviá-los.

Este julgamento notável e os seus resultados foio tema nestes dois mil anos, sobre o qual o Cristianismo se apoiou como esperança da salvação imortal, culminando gradualmente no curvar das instituições em reverência perante as maravilhas que foram operadas pelo Jesus que foi condenado à morte, como criminoso comum entre dois ladrões.

Sobre os resultados omnipotentes desse poderoso drama, o mundo cristão suspendeu a sua esperança de imortalidade e de felicidade além da sepultura; sobre o que se aglomerou em redor da vida de Jesus de Nazaré, que foi humilde na sua origem, desprezado entre os judeus e finalmente morto como um malfeitor e um pária, sobre a sua vida e a sua morte pendeu todo o plano da salvação cristã. Nenhuma porção da sua vida foi exaltada num sentido mundano, desde o início, quando nasceu entre animais, embalado no estábulo das feras, e até a altura em que a multidão zombadora e escarnecedora lhe colocou a coroa de espinhos sobre a cabeça.

Então nada havia que indicasse que ele possuía a sanção da autoridade, ou que fosse reconhecido pela Igreja, ou que ocupasse uma posição respeitável, exceto o facto de os seus pais e parentes serem nazarenos muito pobres e trabalhadores. No entanto, passaram-se dois mil anos, e se Jesus de Nazaré aparecesse num templo de culto, em São Paulo ou Westminster, em Londres, em qualquer dos grandes templos do culto cristão de hoje, ou em qualquer assembleia eminente de teólogos, conferência ou sínodo religioso, seria tratado segundo a lei da Igreja em resumo, tal como foi há dois mil anos.

Em terras em que pudesse ser condenado à morte, ele seria condenado à morte. Na Rússia, seria enviado para a Sibéria em Roma seria banido ou silenciosamente afastado, e em qualquer igreja protestante não estaria fora de questão que fosse expulso da igreja, e todos os corpos evangélicos seriam levados a condená-lo; ou estivesse ele ainda na igreja, e haveria de ser julgado por heresia.

Alguém terá dúvida disso? Então que qualquer um que possua esses dons divinos se revelasse entre eles, revestido da mesma humilde vida que então levava, e discutisse com os doutores no seu próprio terreno de vantagem, iluminado pela luz do amor, curando os doentes e expulsando o mal em nome do Espírito — vede então o que a Igreja faria.

As bruxas eram condenadas à morte há pouco mais de cem anos, e sabeis o que sucedeu às várias denominações protestantes quando se separaram do poder da Igreja de Roma e da autoridade do Estado. Sabeis o que aconteceu aos hereges depois disso na Cristandade protestante, e sabeis que, todos os anos desde que Constantino pôs fim às dez perseguições ao abraçar o Cristianismo, houve em cada século alguns julgamentos, algumas cenas de derramamento de sangue, resultado da chamada heresia na Igreja. Todas estas coisas não precisamos de as contar, pois os séculos já as registaram, e quem tiver coração pode voltar as páginas da história e ler por si mesmo.

Todo este julgamento foi, como dissemos antes, há dois mil anos.

Estamos agora próximos do vigésimo século, e a visão cristã mais lúcida daqueles que têm olhos para ver pode discernir sob que poder e domínio, força e luz se reúnem as hostes congregadas daqueles que habitam os céus superiores. O sumo sacerdote é Jesus de Nazaré, o credo é o Sermão da Montanha, os artigos de fé podem ser encontrados no quinto, sexto e sétimo capítulos de Mateus e nas obras ilustradas nos quatro evangelhos do Novo Testamento. É um julgamento por heresia.

Este julgamento organiza as primeiras igrejas cristãs que, em grande medida esqueceram os ensinamentos de Jesus no seu zelo por expor outras doutrinas; acusa Paulo de divergir dos outros discípulos, eminentemente daqueles com quem foi pregar o evangelho de Cristo, esforçando-se por fazer avançar as suas próprias doutrinas; acusa também aqueles que criaram dissensões entre as primeiras igrejas do Cristianismo; mostrando que Paulo exerceu muita exortação e ensinamento para desviar os primeiros cristãos do verdadeiro estado original, de tal modo que os outros que ensinavam o evangelho eram menos atendidos, por não serem tão eruditos.

Mostrando que o ensinamento de Paulo desceu a várias regiões da Ásia e foi mesmo introduzido em Roma; que, sob o ensinamento de Paulo, houve um amplo afastamento dos artigos originais contidos nos três capítulos referidos, que constituem a substância do Sermão de Cristo no Monte. Acusa ainda que essas várias igrejas formularam credos e dogmas, e começaram a perseguir com base neles, tornando-se também mundanamente sábias, como sucedera com os judeus; e que Paulo estava cheio de política em vez de retidão, preocupando-se mais em estabelecer as suas próprias doutrinas, procurando evitar as consequências da defesa da verdade e esforçando-se por agradar a todos os lados para promover a sua versão do Cristianismo.

Acusa que as bem-aventuranças, que formam o início do maravilhoso sermão, e as instruções morais nele contidas, foram inteiramente abandonadas nos primeiros duzentos ou trezentos anos da propagação do Cristianismo; e acusa ainda que, quando Constantino, por motivos de política, aceitou o Cristianismo, lavando as suas mãos manchadas de sangue no sangue de Cristo para que pudesse ser salvo, fazendo do Cristianismo uma religião de Estado, esse ato colocou o selo final da heresia sobre a Igreja, e que, desde então, a Igreja, enquanto corpo organizado, se afastou constantemente dos ensinamentos de Cristo.

Lembrar-se-ão das sete bem-aventuranças, como promessas espirituais dadas aos humildes, aos pobres, aos que estão em sofrimento, aos que têm fome e sede de justiça, aos que procuram todas as coisas boas e elevadas; e lembrai-vos de que estas não eram as coisas defendidas pelos fundadores da Igreja de Estado.

Tereis também presente, ao seguirdes este julgamento que decorre sobre a Terra, o conhecimento daquilo que foi realizado em nome de Cristo. Que, em vez de paz, houve guerra; em vez da ausência de julgamento, houve repetidos julgamentos contra aqueles que professavam divergir, não dos ensinamentos de Cristo, mas dos ensinamentos daqueles que se nomearam a si próprios seus intérpretes, os vice regentes do Céu na Terra.

Tereis igualmente presente que, em vez de abençoarem os seus inimigos e fazerem o bem aos que os odiavam, através de todas as eras da autoridade autoestabelecida dos cristãos houve contínua retaliação e vingança. Assassinatos foram cometidos em nome de Cristo, e sangue inocente foi repetidamente derramado em seu nome.

O Estado tomou o seu nome e o seu estandarte como sanção para guerras de agressão e represália e, em vez de perdoarem os seus inimigos, estes eram atingidos pela espada e pelas chamas sempre que possível; tão longe estiveram de cumprir os ensinamentos divinos encontrados no único sermão de Cristo — aquele que se afirmava que os que estavam investidos de autoridade na Igreja haveriam de preservar — que, pelo contrário, trabalharam contra eles e, de facto, os ensinamentos de Cristo foram esquecidos.

Acusa-se que, quando o cargo de Papa foi estabelecido, seguindo a organização estatal da igreja, houve um desvio total dos ensinamentos de Cristo. Ele não aconselhou a organização, mas sim a pregação do evangelho a todos os povos; não deu a homem algum o poder de o representar, exceto àqueles sobre quem os dons do Espírito descessem, e estes fariam coisas maiores do que ele. Ele não sugeriu a nomeação de sacerdote, ou Papa, ou conselho eclesiástico sob o nome de qualquer igreja ou Estado. Deverá também ter em mente que os concílios de Niceia e de Trento formularam credos que se desviaram por completo dos ensinamentos do Sermão da Montanha, e colocaram diante do mundo, em vez dessas máximas divinas e maravilhosas, as várias doutrinas e dogmas da igreja.

Deverão igualmente ter em mente que essas organizações da igreja usaram todos os poderes ao seu dispor: o poder das armas, que era o da força, contra os ensinamentos de Cristo; o poder da riqueza, que era o de Mamom, e constituía o serviço ao outro senhor que não Deus, visto que o homem não pode servir a dois senhores, a Deus e a Mamom. O Estado e a igreja combinados valeram-se da riqueza de todo o mundo para assassinar os opositores daquilo que tem sido chamado de civilização cristã. Nunca houve uma nação de qualquer distinção ou destreza erguida em nome do cristianismo que não tenha sido erguida pela força.

A igreja estatal de Roma governou onde quer que o império da força pudesse exercer o seu domínio, e esta, a dada altura, manteve todos os monarcas da Europa sob os seus poderes (excetuando, possivelmente, Napoleão).

A igreja, sob vários estratagemas, entrou em todos os Estados da Europa; escravizando, sob a forma da igreja grega, o império russo, com a sombra dos seus resultados na Sibéria, interpretando sob a lei do monarca russo que obediência ele deverá exigir e que penalidades infligir aos seus súbditos. O Czar de todas as Rússias reza ao céu pelo sucesso do seu trono e reino, fundados sobre o sangue do coração das vítimas da sua injustiça, e firmemente mantidos no sacrifício delas.

Toda a Europa segue na linha da acusação. A Alemanha, cujo imperador protestante, o falecido Guilherme (não Frederico), foi um dos mais devotos monarcas, acreditava que o Deus de Cristo o ajudava no seu império e nas suas últimas batalhas pelo império contra a França, e em todas as batalhas anteriores que tinha travado; a Áustria reza ao mesmo Deus, do mesmo Cristo, sob o estandarte do cristianismo, para impulsionar os seus planos e dar sucesso aos seus exércitos. A França católica romana, planeando o exercício do poder, que nunca foi voz nela, procura governar uma parte do mundo sob o nome daquele mestre que proibiu o conflito e ordenou a paz.

A Inglaterra, protestante, reformadora, portadora da paz (...) a Inglaterra que adora, desde o tempo de Henrique Oitavo até ao presente (...) nunca hesitou em usar o nome de Cristo para impulsionar os seus estratagemas em todas as terras, (...) a Birmânia, o Afeganistão, a África e outras vastas porções da terra engolidas por este poder tudo-conquistador por amor de Cristo e do erário da Inglaterra! Não acreditam nisso? Quando os credos pedem a Deus pela prosperidade das armas da Inglaterra na conquista das terras que se tornaram as suas colónias, e sempre que um inimigo estrangeiro é varrido, ou um poder pagão é conquistado, pensa-se então que muito mais é acrescentado ao território de Cristo!

Esquecendo a Irlanda e os seus próprios pobres, ela (a Inglaterra) orgulha-se tanto de que a cruz de São Jorge e a cruz de Cristo flutuem sobre as suas muitas colónias; tudo isto para a glória de Cristo em nome; e em tudo isto, o que quer que tenha sido infligido contra a humanidade, negra, branca ou vermelha, foi infligido sob o nome da civilização cristã.

Hoje, na chamada igreja de Cristo, quando algum homem declara que todos os homens são irmãos, que existe um laço de simpatia entre todos os adoradores cristãos e que o credo e o dogma estão finalmente a desvanecer-se da terra, a denominação ou seita da igreja à qual este infeliz homem por acaso pertence levanta-se em perseguição e é encenado de novo um julgamento por heresia. A igreja fundada sobre o nome de Cristo nunca teve muito do espírito de amor fraternal ou de reconhecimento espiritual; os adoradores do credo paulino cedo se desviaram da base de Cristo, e as formas e cerimónias passaram a representar Cristo. Cristo é novamente julgado, não perante Pilatos, mas na presença do sumo sacerdote dos conselhos teológicos.

Não pensamos que alguém que leia os capítulos a que nos referimos vá dizer que Jesus era católico romano ou protestante, ou que era episcopuliano, batista, presbiteriano ou metodista, ou que fundou qualquer um dos corpos evangélicos. Que ele não pertence a nenhum destes é evidente pelo facto de que todos o reivindicam, e cada um interpreta de acordo com o seu desejo os ditos de Cristo como aqui registados, e contudo, tão opostas como o céu ao Hades, como o dia à noite, são estas interpretações da única formulação autorizada para a adoração cristã.

Será a Igreja do Cristo Vivo que pede contas àqueles hereges que primeiro perverteram o seu ensinamento, que primeiro os fizeram servir o propósito de reis e governantes na sua ambição? É a falsa igreja que substituiu a linha da política pela linha da verdade, e fez com que as doutrinas ocupassem o lugar do espírito, e a letra ocupasse o lugar da luz viva. É a falsa igreja que é chamada a prestar contas por estes erros que as eras acumularam, erros sem número, matando aqueles que, como Catarina de Siena, Santa Cecília e a Donzela de Orleães, eram possuidores de dons do Espírito.

Depois, quando os dons foram plenamente atestados, esta igreja que os acusou voltou-se e reivindicou-os como santos, como seus próprios. É a igreja do Cristo vivo que pede contas a toda a longa linha daqueles que detêm o poder papal e às autoridades autoproclamadas da igreja, pois estas nomeações não estão autorizadas. É proibido, de acordo com o único credo da igreja do Cristo vivo, fazer qualquer preparação para falar. Mesmo quando comandados a aparecer perante as autoridades, os seguidores de Jesus eram instruídos a não fazer qualquer preparação, mas a falar conforme o espírito lhes desse expressão, e o Pai celestial falaria através deles e neles.

No entanto, não têm apenas uma longa linha de instituições católicas romanas, com cada passo desde a infância até à sepultura a ser conduzido através de instrução específica, mas têm sacerdote, bispo e arcebispo, todos educados da maneira mais elevada, em universidades e escolas como professores da religião de Cristo.

Nem a igreja protestante é menos culpável. Todo o serviço ou ritual da Igreja da Inglaterra está entregue à impressão e deve ser lido a partir de livros. Qualquer homem que seja nomeado para pregar o evangelho deve pregar porque tem a sanção das escolas e universidades. Cristo pode tê-lo chamado no seu coração, mas as escolas tiveram de lhe trazer a sua linguagem, o tema, a eloquência e a aprendizagem do tempo passado, ou ele não é recebido como um ministro de Deus. Enquanto até aqueles corpos dissidentes que, no movimento comum, tinham alguma semelhança com a igreja viva de Cristo, são agora chamados a prestar contas nesta acusação por seguirem os passos do mundanismo, por acumularem vastos tesouros e por ensinarem como pregar a palavra de Deus quando o Sermão da Montanha está diante deles, e Deus está dentro e acima deles, e o espírito de Cristo deveria estar ali também.

Sim, mas quando os Quacres e os Wesleyanos e outros dissidentes se aventuraram a falar do espírito da verdade conforme eram inspirados, é a igreja que está agora em julgamento que colocou estes homens à prova e os expulsou como hereges; e eles, por sua vez, tornados populares e aceites pelo povo, criaram regras e

leis e ensinamentos e credos, e procederam então, quando outro foi inspirado pelo Espírito e transcendeu a letra do credo, a instruir outros julgamentos por heresia.

Hoje tendes o espetáculo de vários homens proeminentes que são eminentes na sua cultura, os quais estão a ser julgados por heresia. Mas a igreja do Deus vivo e o credo do Cristo vivo, e o Espírito da humanidade viva declaram que é a igreja que está a ser julgada por heresia, e esses homens são inspirados por mais do Espírito de Cristo do que aquilo de que têm consciência.

Que seja doravante conhecido por toda a cristandade que se um herético distinto, como lhe chamam, reúne nesta cidade um grande número de pessoas devido ao seu belo discurso e eloquência de linguagem, não é porque ele tenha sido expulso da igreja, a igreja é que é a herética.

Que seja também lembrado que se aqueles que são julgados por heresia disserem com honestidade de espírito, e com a veracidade da consciência, àqueles com quem estiveram em comunhão: "Já não posso continuar a permanecer e a ensinar como ensinei, já não aceito este credo ou tal interpretação, escolho tomar o Sermão da Montanha e a vida de Cristo como o meu credo, como o meu padrão", e se afastarem calmamente sem serem expulsos da igreja como heréticos, ele anunciou de forma branda, mas não menos segura, o veredicto de que a igreja é herética em relação à religião de Cristo.

Que seja além disso conhecido que quando, no assunto da escravatura, homens como Theodore Parker e outros foram obrigados a libertar-se do corpo evangélico a que pertenciam, foi a igreja que foi herética em relação ao cristianismo de Cristo, e não o Sr. Parker. Quando ele estava fora da igreja, tinha dez pessoas a quem pregar no início da sua igreja de liberdade e humanidade, que era Cristo, mas esta cedo aumentou para dez mil e ele pregava o que Cristo teria ensinado se estivesse no mundo.

Que seja também lembrado que quando da Inglaterra e de Roma e de cada corpo evangélico protestante surge um clamor de que "devemos lutar pela religião de Cristo, não devemos esquecer o nosso espírito marcial, mas pegar em armas e dar combate pela religião de Cristo", e vós perguntais o que é isto a que chamais a religião de Cristo? É isto: Que o Estado, a igreja, a sociedade e Mamom têm estado a lutar e a derramar sangue humano, através de ações e através de palavras, por isso despertai de modo a termos o próprio espírito marcial, o próprio espírito com que avançais para o engrandecimento da riqueza, acumulando-a em grandes cidades até que a propriedade da igreja cresça para proporções enormes, e as necessidades dos pobres sejam esquecidas no conflito sobre as relações e posses da igreja e do Estado.

Tudo isto é heresia contra a religião de Cristo, e aquele que se mantém à parte, dizendo: "Já não posso aceitar isto como estando de acordo com o espírito do Sermão da Montanha", juntou-se ao exército de Cristo para lutar numa batalha pelo mundo. Mas como são pequenos e estreitos os tribunais do julgamento terreno, como são limitados os olhos que tentam perceber, como é estreito o alcance dessa suposta

inspiração que pretende enquadrar, medir e iluminar a humanidade divina através do credo que uma igreja formulou centenas de anos após Jesus caminhar na terra, e ainda assim permitir que o Novo Testamento ou mesmo os quatro Evangelhos sigam adiante como a palavra de Cristo; e aquele que pega no credo da igreja numa mão e no Sermão da Montanha na outra, é obrigado a chamar a igreja de herética em relação à igreja de Cristo; e aquele que consegue permanecer no dogma e no credo da religião do Estado, quando Jesus batizou criancinhas, quando Jesus reconheceu os pobres, os humildes e os párias, quando Ele disse que os publicanos e os pecadores estavam mais perto do reino dos céus do que os escribas e os fariseus; quem consegue ler isto e depois supor que um tribunal de clérigos pode sentar-se em julgamento sobre alguém por pregar a religião de Cristo e chamar a isso heresia, deve ser cego de facto.

Essa vasta igreja do Deus vivo está no erguer da humanidade; a vasta luz que se derrama sobre o mundo vem do Espírito desse Cristo, sob qualquer nome que seja conhecido, e Deus, que é a única autoridade, estabeleceu os seus sumos sacerdotes dentro da consciência humana. Aí, e apenas aí, Ele se senta em julgamento; aí, e apenas aí, deve a vida individual ser julgada; aí, e apenas aí, deve o veredicto ser dado. E agora, ao olhardes lá fora para todas as terras cristãs e ao vê-las eriçadas com os armamentos de guerra, ao vê-las a preparar-se para mais conflitos umas com as outras, ao verdes a luta entre reis e governantes cristãos que deveriam ser irmãos, ao verdes a disputa por lugar e poder, o domínio absoluto de Mamom, o julgamento que é visível sobre aqueles que não pensam e não seguem este poder mundano da igreja; quando olhais lá fora e vedes o apego sôfrego com que esta autoridade estabelecida procura manter o domínio nas questões do mundo, perguntar-vos-íeis se os fundadores de alguma seita cristã alguma vez leram o Sermão da Montanha — com o espírito de compreensão certamente não o fizeram; e é a consciência disto, sem dúvida, que os faz sentir que a posse da igreja cristã é frágil; que algo se passa com aquilo a que chamam a igreja.

Que ela está em perigo, ameaçada; que algures estes inimigos ocultos se vão aglomerar para derrubar a cidadela forte daquilo que alegam, e possivelmente do que podem sinceramente acreditar, ser a igreja de Deus na terra. Cegos e frágeis como são, que leiam novamente, que leiam o testemunho sobre Jesus e a sua vida, a única autoridade sobre a qual a igreja cristã deveria ter algum fundamento para a fé; que leiam novamente estes três capítulos de São Mateus sobre os deveres que os homens devem uns aos outros, e verifiquem se há em algum dos credos, doutrinas ou leis da igreja aquilo que confirma e se coaduna com estes ensinamentos, e se descobrirem que sim, então de que valor é o credo ou o dogma ou o ritual da igreja, senão uma cerimónia vã?

Ora! É a humanidade da terra que se ergue sob a liderança do espírito divino de Cristo; são os párias e os humildes, é o escravo que foi condenado à servidão pela igreja, é aquele que foi condenado às grilhetas de Mamom pela igreja, erguendo-se finalmente para declarar onde reside a heresia, quando diante dos olhos da cristandade homens como Heber Newton, o Rev. Sr. Parkhurst, Phillips Brooks e o Dr. Briggs são acusados de heresia porque veem um pouco mais claramente a luz que brilhou no

Olivete, e de forma mais distinta e com visão iluminada a interpretação do que aquilo significava.

O mundo do sentimento religioso inteligente, de adoração profunda e profunda deve sorrir perante a fragilidade de qualquer igreja que possa anular a utilidade de um homem, ou tentar fazê-lo, porque ele ama mais o seu semelhante. Ora, Deus e os Anjos, e o próprio Cristo, revestidos com as asas imortais da luz, pairam sobre as ministrações, as meditações e as orações de um homem assim; e transformam-no no condenador daqueles que condenam. Não dizemos estas coisas com desdém ou ira, não no julgamento e vitupério da terra, mas apenas suspensas num fio de ouro em redor do qual todos os julgamentos devem basear-se no que respeita aos ensinamentos de Cristo.

O tempo rolará — em mais dois mil anos todas estas coisas terão passado e outra classe de pessoas estará sobre a terra, as nações terão mudado de lugares e posições, as formas de governo serão diferentes, e aqueles dessa época terão subido à altura do Sermão da Montanha e dos ensinamentos de Cristo e, olhando para trás para esta época como vós olhais para trás para dois mil anos atrás, dirão: "Vejam o que esses blasfemadores fizeram nos templos que foram dedicados a Cristo quando se esforçaram por perseguir os homens que ensinaram o seu espírito vivo".

Sim, e todos os olhos estarão voltados para o mundo tal como ele é hoje, e quem quer que tenha sido e quem quer que tenha sofrido mais perseguição, quem quer que tenha sido mais condenado ou ultrajado, e quem quer que tenha sido desprezado e entregue ao Estado para perseguição, por causa destas coisas, será contado então como os seguidores do Cristo vivo, enquanto, tal como vós olhais para os sumos sacerdotes e os judeus do templo a julgar e a condenar Jesus, olharão eles para estes homens que se autodenominam os defensores da fé de Cristo.

Entretanto, outro e mais elevado florescimento e frutificação da verdade terá aparecido; uma nova interpretação de glória. O mundo não terá sido deixado sem aquele consolador que Jesus prometeu; a Nova Luz será revelada em beleza clara e radiante, a religião divina de Jesus terá entrado na posse dos corações humanos; aquilo que Jesus ensinou no ensinamento sobre o Olivete será a lei estabelecida de todas as terras; não haverá necessidade de igreja, pois o templo de Deus será o universo, o céu que se curva acima, a terra ampla; não haverá necessidade de autoridade do Estado para a Regra de Ouro.

"Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles", prevalecerá; não haverá necessidade de credo, pois o "Novo Mandamento" que Cristo deu prevalecerá nas terras, e o espanto será, quando essa raça olhar para trás para a presente hora, porque razão, em nome do Cristo do amor, pôde ter sido construída uma cidadela, uma fortaleza, uma torre de ódio e de mamom para esmagar os filhos de Deus.

Eis que o julgamento que está agora em curso chegará ao fim. Haverá tal exemplo assinalável e singular perseguição que, finalmente, a própria igreja se

desmoronará, devido à dissensão, desintegração e guerra no seio mesmo dos baluartes dos credos e dogmas; o manto da fé será despedaçado; far-se-ão esforços para o tornar inteiro, mas está além de qualquer reparação; se for remendado, será ainda assim rasgado novamente; finalmente, como o padrão de todas as religiões da terra, haverá outro e mais seguro fundamento; nenhuma confiança absoluta haverá senão a do amor à verdade apenas.

Então o Sermão da Montanha cumprir-se-á; então a luz divina será realizada, então as nações serão verdadeiramente cristãs; então este grande julgamento que os espíritos e anjos e arcanjos e a visão sábia e aberta dos mortais estão agora a contemplar terá passado, pois não serão as almas nem os corpos, mas a própria igreja que será julgada, sentenciada e condenada à morte sobre os altares da sua própria criação.

BÊNÇÃO

Que o espírito dessa verdade divina derramada sobre o Olivete e respirada pelos anjos em todas as épocas liberte as vossas almas para que, à luz do amor de Deus, todos vós habiteis no reino dos céus. Ámen.

O poeta, da sua própria mágoa,
Derramou uma triste canção;
Um estranho, no dia seguinte,
Aproximou-se com passo firme e forte.
E disse: *"Sob o teu manto*
Guardei meu peito em vão—
Ao mundo deste o pranto
Que era do coração.
Quem te contou o segredo
Da dor que trago em mim?
Quem viu o meu degredo,
Meu triste e escuro fim?"

CERIMÓNIAS DA IGREJA

Senhores Editores — Sendo um dos muitos ouvintes agradecidos pelas palavras de eloquência e verdade que saíram dos lábios da Sra. Tappan na manhã do último domingo, procurei, para minha própria satisfação, ao sair da sala, anotar alguns dos pensamentos apresentados e, tanto quanto a memória serviu, na linguagem usada na ocasião.

Ao ler estas poucas linhas a um amigo, foi sugerido que outros poderiam interessar-se por elas e, talvez, serem assim fortalecidos para suportar com mais firmeza e paciência as provas terrenas.

Como ninguém sabe melhor do que vós, Senhores Editores, que alguns pensamentos incisivos oriundos de uma fonte inspiradora atingem mais profundamente o coração e a vida do que volumes de velha teologia, talvez considereis este esboço, breve e imperfeito como é, digno de um canto no vosso interessante e valioso jornal.

Referindo-se às cerimónias da igreja e às observâncias do período do ano que acabara de passar, foi observado, substancialmente, que era a época em que todo o mundo cristão tinha estado excitado e jubiloso com o pensamento de um Salvador ressuscitado. E isso era bom; mas, pelo modo como o mundo cristão compreendia a ocasião assim celebrada, receia-se que apenas fracamente se apreendesse o seu mais pleno significado espiritual; pois o espiritual perdia-se no cerimonial, a sombra deslocando a substância, falhando assim em alcançar, na prática, a vida da humanidade.

Digo-vos que, se há alguém entre vós que abandonou o mal e aprendeu a fazer o bem, esse ressuscitou.

Se há alguém entre vós que lutou e venceu alguma propensão, disposição ou hábito mau que no passado mantinha o seu espírito abatido, esse ressuscitou.

Se há alguém entre vós que aprendeu a suportar melhor a sua cruz hoje do que conseguia suportá-la ontem, esse ressuscitou.

Se há entre vós aqueles que venceram o medo e o pavor da morte, esses ressuscitaram e já entraram na vida celestial.

Aludindo ao inestimável privilégio desfrutado pelos espiritualistas da “visão aberta” para o mundo espiritual, e ao facto de, perante as prometidas bênçãos que ali nos aguardam, alguns poderem ser tentados a apressar os seus passos para lá, foi substancialmente observado:

Se há entre vós alguns que estão prontos para exclamar: “Oh, se eu pudesse agora despir este corpo cansado, sobrecarregado e dorido, e juntar-me aos entes queridos no além, onde já não há dor, tristeza nem fadiga!”, lembrem-se esses de que, se assim atravessarem o rio da morte, não terão, portanto, cumprido a sua missão aqui, não terão realizado tudo o que pertence a esta vida; e, deixando assim por cumprir os deveres terrenos, não alcançarão a luminosidade do mundo espiritual, mas, envoltos na escuridão e tristeza que levam consigo, não serão ganhadores mas perdedores por irem prematuramente para a vida espiritual. Suportai, portanto, o vosso fardo designado; enfrentai os vossos labores, os vossos deveres e, se necessário, as vossas provações, com um espírito alegre e sem queixas, lembrando-vos de que só podeis viver aqui ou no além a verdadeira vida espiritual.

Começai, então, essa vida espiritual aqui e agora. Vivei de acordo com a vossa elevada vocação; e, se não puderdes, cada um de vós, mover o mundo à vossa volta na vossa direção, podereis talvez dar luz a alguma alma obscura e rastejante, elevando-a à luz pela vossa palavra de sabedoria oportunamente pronunciada; e assim podereis descobrir, dia após dia e hora após hora, que o sagrado encargo confiado à vossa vida terrena está a ser fielmente cumprido, e que vos tornais diariamente mais preparados para passar aos deveres contínuos da vida futura.

Bem podemos dizer “contínuos”, pois o que é, na verdade, o homem? O seu espírito coexiste com o Espírito do Universo. Ele é, de facto, maior e mais elevado do que o sistema planetário acima e em redor dele; pois pode não dizer aos astros: “Afundai-vos porque eu me ergo — erguei-vos porque nós escolhemos”?

Dou-vos assim, Senhores Editores, alguma ténue ideia de um discurso rico em beleza de linguagem, verdade de sentimento e felicidade de ilustração em toda a sua extensão, lamentando sinceramente que não tenha podido ser preparado para as vossas colunas um relatório estenográfico completo de toda a palestra.

— Respeitosamente vosso,
W. S.

Nova Iorque, 28 de Abril de 1871.

A MEDIUNIDADE DE CORA V.L. HATCH

Um Facto Notável a Seu Favor, Evidenciado pela Crítica de um "Ouvinte"

Waukegan, 3 de fevereiro de 1861

A. J. Davis, Caro Irmão: O que se publica como uma conferência de Theodore Parker, e outra de Henry Clay, recentemente proferidas através de Cora Hatch, como médium, no Dodworth's Hall, foi por mim lido à pressa ontem à noite; depois disso, o seu bem-vindo *Herald of Progress* chegou-me às mãos, e fiquei contente por ver que não só tinha publicado as críticas de um "Ouvinte", mas que tinha convidado a mais críticas sobre estas conferências. Nós, os semisselvagens do Oeste, apreciamos estas evidências da sua perfeita confiança no poder autossustentado da verdade. Não conseguimos discernir prazer ou proveito no autoengano, e sabemos que nenhum bem duradouro é alcançado ao tentar enganar os outros, mesmo que não sejamos apanhados nisso. Numa análise justa das reivindicações da Sra. Hatch como oradora pública, surgem várias questões distintas.

1.ª Apresenta ela quaisquer faculdades de pensamento ou expressão que sejam de alguma forma extraordinárias para uma mulher da sua idade e oportunidades?

2.ª Se extraordinárias, a que deve as suas capacidades peculiares — a leituras extensas, a uma memória capacitada, a uma preparação laboriosa ou a alguma influência anormal sobre a sua mente?

3.ª Se a influência é anormal, a que se deve atribuir — a uma exaltação psicológica autoestimulada das suas faculdades ou à influência de inteligências invisíveis que, através do mesmerismo, controlam a sua mentalidade e proferem os seus próprios pensamentos através do organismo dela?

4.ª Se for o último caso, podemos ter a certeza de que temos a verdadeira identificação dos indivíduos que professam controlá-la?

5.ª Se a temos, estas pessoas falam no seu próprio estilo de linguagem ou no da médium?

6.ª Se falam a linguagem da médium, por que razão o fazem?

7.ª Não cometem erros em declarações de factos que seriam descredibilizantes para a reputação de inteligência que os oradores tinham adquirido na sua vida terrena?

8.ª Por que razão acontece isto?

As precedentes são algumas das questões ligadas às reivindicações decorrentes das conferências públicas da Sra. Hatch que eu gostaria de ver discutidas de forma inteligente e cândida por aqueles que mais sabem dela e da sua história, e que estão mais bem qualificados para fazer críticas imparciais sobre as suas conferências. Se eu não conhecesse de todo a Sra. Hatch, e se não soubesse que, quando ela era vários anos mais jovem do que é atualmente — quando era uma simples rapariga —, era capaz de abordar e discutir, com uma capacidade magistral, questões tão abstrusas como as que lhe eram propostas, sem um momento de aviso, poderia concluir que os seus discursos eram preparados com antecedência, decorados e proferidos num estado normal; mas ouvi-a em Nova Iorque e em Waukegan o suficiente para me satisfazer de que ela fala sob algum tipo de influência anormal.

Se eu não tivesse outro conhecimento da sua mediunidade além do que obtive ao ouvir e ler os seus discursos, provavelmente duvidaria mais fortemente do que agora se o dela não seria um caso de exaltação autoestimulada, no qual ela se imaginava a representante de algum espírito desencarnado de grande eminência e distinção. Ao determinar esta questão, um único facto, conhecido apenas por mim, poderá não ser totalmente desprovido de peso nas mentes dos outros, como certamente não o é na minha. Ofereço-o para publicação como um teste algo invulgar.

No verão de 1857, quando Cora tinha apenas dezassete anos de idade, ela e o marido vieram a Waukegan, onde ela deu, perante audiências lotadas, duas conferências sobre temas propostos por uma comissão escolhida para a ocasião. Durante a sua estadia aqui, ficaram hospedados na minha casa. No intervalo entre a conferência da manhã e a da noite, Cora alegou estar sob a influência de uma índia que se autodenominava Shenandoah (familiarmente Shanna).

Quando influenciada, apresentava o sorriso afetado e a articulação suave e peculiar de uma índia, mas por vezes usava palavras que pensei que nenhuma mulher

aborígene teria probabilidade de usar. Como, por exemplo, a palavra "desenvolvimento". Embora pronunciasse a palavra de forma imperfeita, duvidei que estivesse controlada por uma verdadeira mulher índia, mas pensei que seria provável que estivesse num estado comum aos sujeitos mesméricos, conhecido como "sonhos mesméricos", no qual imaginam que estão a caçar, a pescar, etc., e realizam todos os movimentos inerentes às suas ocupações imaginadas.

Cerca de dois anos mais tarde, estava em casa de um amigo, o Sr. G., em Chicago, e entrou uma médium do sexo feminino, anteriormente do Condado de Oneida, Nova Iorque, para quem eu era um completo estranho. Fui-lhe apresentado pela Sra. G. Ela nunca tinha estado mais perto de Waukegan do que Chicago, consequentemente nada sabia sobre mim ou sobre a minha residência. Depois de ter conversado alguns momentos com la Sra. G., conversa na qual não tomei parte, pareceu ficar sob a influência de algum agente externo. A Sra. G., após observá-la por um momento, comentou: "A Shanna está aqui".

Instantaneamente, a médium atravessou a sala, veio até onde eu estava sentado, estendeu o braço para me cumprimentar e, com aquele sorriso afetado e tom peculiares exibidos pela Sra. Hatch na minha casa, disse: "Conheço-te, velho amigo, já te vi antes. Vi-te na tua casa quando a Cora lá esteve. Eu influenciei a Cora, tu não acreditaste, mas eu influenciei. Eu sabia o que pensavas, velho amigo. Sim, sabia. Havia duas salas na tua casa separadas por portas de correr. Nós estávamos na sala da frente. Não é verdade, velho amigo? Sim, tu sabes que era assim". Fez depois mais algumas observações a respeito da minha mentalidade, que não é necessário repetir.

Estou inteiramente certo de que esta médium não sabia que eu alguma vez tinha visto Cora Hatch — não sabia que Cora tinha estado na minha casa, ou que a minha casa tinha portas de correr, ou que a Sra. Hatch tinha sido influenciada na sala da frente, ou que eu tinha duvidado das manifestações, porque não me lembro de alguma vez ter falado dessas dúvidas com qualquer ser humano. A Sra. G. nunca tinha estado na minha casa e era tão ignorante de cada facto referido como a médium. No entanto, tudo o que foi dito pela médium em relação ao local onde Cora foi influenciada, e em relação às minhas dúvidas sobre o assunto, era estritamente verdadeiro.

Para demonstrar que a médium não estava ela própria sob a influência de uma autoexaltação, acrescentarei que, enquanto estava influenciada por Shanna, um alemão, de Chicago, entrou na sala, e o que ela chamava Shanna retirou-se, e um espírito alemão alegou tomar posse imediata. Sob esta última influência, ela falou e cantou em alemão, usando a língua alemã com tanta facilidade e fluência que o alemão presente conversou com ela durante quase uma hora na sua própria língua, embora ela e os seus amigos me assegurem que não sabe falar uma única palavra de alemão no seu estado normal. Se esta última influência foi atmosférica, mesmérica, psicológica, espiritual ou diabólica, submeto-o à sabedoria do mundo.

Fraternamente vosso,

Ira Porter

O ESPIRITUALISMO MODERNO

Proferido em Brooklyn, no dia 20 de Abril de 1857

"Existirão algumas verdades gloriosas associadas ao Espiritualismo moderno e, em caso afirmativo, quais serão?"

A questão apresentada à nossa elucidação nesta ocasião — Existirá algum princípio grandioso de verdade no Espiritualismo moderno? – é tão abstrusa, tão abstrata, que nos esforçaremos, na medida do possível, por extrair dela ideias, princípios e factos que ilustrem com clareza a todo o espírito que podem existir pelo menos alguns princípios de verdade no Espiritualismo moderno. Contudo, é uma questão que todos os espíritos deste século têm procurado resolver: talvez alguns tenham chegado a uma conclusão, mas muito poucas pessoas chegaram às conclusões certas.

Muitos professam acreditar e reconhecer a descoberta de princípios de verdade nas manifestações do Espiritualismo, ou nos diversos fenómenos que estão a ser exibidos nas diferentes partes do vosso país, e que surgem espontaneamente por todo o mundo, mas no que, arriscamos dizer, eles não encontraram tanta verdade quanto imaginavam.

Em primeiro lugar, esta questão envolve uma dúvida e traduz infidelidade e ateísmo. Não desejamos que entendam que estamos a ser pessoais nestas observações; mas a forma como a questão é apresentada implica que o inquiridor ou inquiridores abriguem uma dúvida quanto à verdade do Espiritualismo moderno.

**Assunto selecionado pelo público.*

Toda manifestação, qualquer alvorecer de uma era nova, todo desenvolvimento de um fenómeno, seja científico, religioso ou moral, baseia-se em princípios de verdade, caso contrário nunca poderia existir. Deus não é ao mesmo tempo contraditório e harmonioso; ele não é ao mesmo tempo abominável e belo; ele não é um ser repleto de antagonismo, dúvidas, discrepâncias e falta de harmonia; mas era o mesmo ontem que é hoje e será sempre.

E o Espiritualismo moderno, seja uma manifestação das leis da Natureza até então desconhecidas, seja uma manifestação de artifícios da arte, ou de princípios religiosos que são revividos e que sempre existiram, ainda apresenta a todos os espíritos algum grande princípio de verdade; pois a Verdade é sempre a mesma – a Verdade é o elemento simples, o alicerce, a pedra angular eterna no templo do nosso Pai. Mas a Verdade, quer seja manifestada nas operações silenciosas da terra material, ou nas ideias incongruentes do intelecto e da ciência, ou na grande e gloriosa inspiração da religião, é ainda a Verdade, é ainda a mesma para sempre.

Mas, deixando de lado essa ideia da dúvida, tentaremos ilustrar-lhes, como um professor ao seu aluno; ou suponham que vocês sejam crianças e que estejamos a falar sobre um assunto no qual vocês nunca pensaram antes, que envolve uma grande lição prática, e cujo significado vocês, enquanto crianças, não entendem.

O Espiritualismo Moderno é assim designado simplesmente porque apresentar manifestações, fenómenos e revelações nesta época que correspondem às da era Apostólica. O Espiritualismo Moderno significa o Espiritualismo da época atual, o que quer dizer, por antítese, que existiu um Espiritualismo antigo. Consequentemente, a maneira pela qual a questão deveria ter sido colocada é: "Existirão alguns princípios de verdade no Espiritualismo moderno e antigo, e existirá alguma analogia entre os dois? Se assim for, qual será o resultado intelectual e moral dessas manifestações e o dessas maravilhas?"

Ora, homens e mulheres, todas as vossas vidas, as vidas dos vossos predecessores, as vidas de todos os grandes e notáveis homens do passado, as vidas dos profetas, dos videntes, dos poetas, dos filósofos, dos teólogos e dos homens da ciência, foram dedicadas, mais ou menos, à solução deste grande problema: existirá algum princípio grandioso de verdade no Espiritualismo, seja moderno ou antigo?

As inspirações das eras anteriores são-lhes transmitidas através da história sagrada e profana, e culminam no presente como uma massa, uma confusão de letras, de palavras, de frases, de capítulos, de livros, dos quais vocês não formam uma ideia distinta, exceto que elas chegaram até vós provenientes de eras passadas e que com o tempo se tornaram sagradas. Contudo, vocês debruçam-se sobre essas páginas, e parecem impregnados com um desejo renovado e mais intenso de conhecimento e interrogam-se: "Existirá algum princípio grandioso de verdade no Espiritualismo antigo? Terá Moisés sido inspirado? Terá Jesus de Nazaré sido divino? Terá ele sido puro e santo? Terão os seus discípulos sido verdadeiros fiéis?" – Até que finalmente vocês parecem viver nas próprias eras do passado, e ver e ouvir novamente as manifestações que vêm registadas na história; vocês comparam-nas aos vossos próprios pensamentos e sentimentos e dizem: "Em verdade, há alguma verdade nisto, caso contrário não há confiança que possamos depositar nas nossas experiências interiores."

Assim, qual terá sido o resultado desses pensamentos e sentimentos, dessas indagações sobre a inspiração divina? Onde terá estado o marco que deveria guiar o navegador no seu perpétuo progresso? Onde terá estado o farol que deveria apontar-lhe os baixios e as areias movediças neste oceano da vida, para que ele pudesse evitá-los? Esse farol esteve encoberto durante algum tempo, esteve na escuridão, envolto em nuvens de materialismo; e quando presentemente uma luz estranha irrompeu, e se manifestou através de simples batidas, e clamou em voz alta e disse: "Homem, a tua alma é imortal!" O materialismo recuou, a ciência ficou assustada, a religião ficou chocada e os homens clamaram: "Haverá algum princípio de verdade nesta voz?"

É como a voz daquela estrela solitária, que brilhava no Oriente há mil e oitocentos anos atrás, que parecia penetrar no deserto, a chamar os reis e os grandes

homens à adoração. Eles não sabiam porquê, e ainda assim ficaram assustados, pois disseram: "Os credos das trevas despedaçar-se-ão diante desta luz brilhante." Esta voz, o que quer que ela seja; este princípio de inspiração, onde quer que exista; e esta beleza do pensamento, seja de onde for que possa ter a sua origem, baseia-se num princípio de verdade, e esse princípio torna-se a estrela de orientação no destino do homem, o guia do seu intelecto, estimula-lhe todas as capacidades da mente e apresenta-lhe um campo ilimitado e quase inexplorado de operações, de pensamento, de sentimento, de esperança, de amor, até que a religião, combinada com todos os elementos nobres da sua natureza, seja chamado do passado morto para o presente vivo, e concentrado nesta verdade divina.

Existem três graus de verdade manifestos tanto no Espiritualismo moderno como no antigo: Um é a *verdade material*, outro a *verdade intelectual*, o outro a *verdade religiosa*. Definiremos cada um deles por ordem e depois perguntar-lhes-emos se não poderão existir haver pelo menos alguns princípios de verdade nas revelações do Espiritualismo moderno.

Primeiro, as *verdades materiais*. Que são essas verdades? São coisas, factos, ideias, pensamentos e sentimentos, que têm influência na tangibilidade, no mundo objetivo, no mundo dos factos, no mundo prático, e que se revelam de tal forma e por tais meios, que os sentidos de um homem ficam atónitos, e ele fica convencido. Estas são verdades materiais, ou poderíamos denominá-las como factos que são a manifestação de verdades. Que verdades são essas? A concentração de forças até então desconhecidas, que transmitem inteligência ao homem através de corpos tangíveis, por meio de elementos imponderáveis, que antes se supunha não terem poder - assim como as estranhas combinações de manifestação que são vistas nas simples inclinações de mesas e batidas, que transmitem inteligência à alma, mas que não podem ser produzidas por nenhuma concentração de forças elétricas, nem por nenhum poder, exceto pelo poder da inteligência.

As verdades materiais são, pois, aquelas que são intituladas de factos e que se revelam aos sentidos absolutos do homem, através do intelecto, da perceção e da sensação, até que ele seja levado a duvidar das suas próprias conclusões, simplesmente porque não ter visto as mesmas coisas antes; e multidões foram levadas ao convencimento que a princípio eram inteiramente incrédulas, e milhões acorrem a ver esses estranhos fenómenos, e ficam mudos, ao imaginarem que veem uma mesa a mover-se, e que ouvem a voz do anjo a entoar cânticos doces, que lhes apontam um reino floral.

Nunca antes, no mundo da ciência, os homens foram considerados loucos por terem descoberto um corpo ou um princípio, ou exibido as propriedades de uma lei; mas embora fosse uma ideia, uma especulação, um princípio não concretizado, eles foram chamados de loucos. A título de ilustração: A nova ciência astronómica não foi reconhecida como verdadeira senão até um século depois; as leis da gravitação não eram, até recentemente, reconhecidas como corretas – eram consideradas vagas e visionárias; e eram loucos todos aqueles que acreditassem nelas. Mas os factos, constantes como os excrementos que desgastam a pedra, deixaram a sua impressão

legítima no mundo do pensamento, até que homens e mulheres reconheceram inconscientemente as leis da gravitação e da ciência astronómica, e estas se tornaram realidades fixas e reais na Terra. As leis e o poder do vapor e a concentração da eletricidade foram considerados vagos, visionários e fanáticos; mas o que é que os factos provam?

Que ainda hoje o poderoso cavalo de ferro percorre os continentes, transportando o comércio das nações; e a eletricidade, esse mero brinquedo do estudante, carrega nas suas asas as mensagens, a inteligência, os interesses de todo o mundo civilizado. O Espiritualismo é apenas outra força a vapor, outra eletricidade, que foi apanhada dos céus pelos papagaios de papel do pensamento e do sentimento, com as quais os homens têm brincado através dos tempos do passado, e que até agora têm sido meros brinquedos. Esses papagaios de papel do pensamento que subiram nas asas do vento são a Infidelidade e o Ateísmo; e estas têm sido os papagaios de papel da Humanidade - até que agora possam ser transformadas em fios telegráficos, o que prova que existe um princípio, um pensamento, um sentimento, além do que os homens descobriram até agora. Então o mundo inteiro percebe-o inconscientemente.

Isso está a impregnar as suas mentes até que eles digam: “Sim, acreditamos nas derrocadas e nas batidas, mas não acreditamos em Espíritos. Achamos que tudo é eletricidade”. As manifestações ocorrem: esta é a verdade material, que nenhuma mente inteligente que esteja a par dos acontecimentos do século XIX tentará refutar.

As intelectuais, tal como reveladas pelo Espiritualismo moderno, são as mais maravilhosas, por assim dizer, de qualquer um dos seus desenvolvimentos. Por essa razão, assim como a religião teve o seu clímax nas eras do passado, e o materialismo na era presente, também o intelecto, a verdadeira razão, que tem permanecido um meio-termo entre os dois, deve ter o seu funcionamento em jogo. Consequentemente, a fase intelectual do Espiritualismo é a mais importante, e as suas manifestações de verdades as mais radiantes e fiáveis.

"Como é que acontece isso?" dizem vocês. “Existirão novas ideias ou verdades reveladas no Espiritualismo moderno? Os espíritos explicaram através de batidas ou indícios, ou falaram algo que alguma mente na terra não conhecesse antes? Não; as verdades são imutáveis; elas nunca mudam, exceto na sua manifestação. Mas está mais na forma ou maneira pela qual uma verdade é apresentada à vossa mente do que na própria verdade; e se vocês têm a verdade em vós, basta usar os meios adequados e ela será revelada e vivificada.

Então quais são as verdades intelectuais reveladas no Espiritualismo moderno? São estas: Primeiro, explicar as ciências do mesmerismo ou da psicologia, que têm constituído um mistério que nenhum homem ou mulher foi capaz de resolver. Mas o Espiritualismo torna-se a chave pela qual eles desvendam aquilo que até então era misterioso no mesmerismo e na clarividência; e eles veem, ao traçarem a história desses desenvolvimentos, que o Espiritualismo, no seu desenvolvimento, tem sido a causa motriz; que a intercomunhão de alma com alma, de mente com mente; que as leis da mente, reveladas em todas as ciências, têm a sua origem no Espiritualismo

enquanto princípio; que, por outras palavras, a fase intelectual do Espiritualismo tem sido a fonte de todas as revelações da ciência e da arte que resplandecem nas páginas do correio e se apresentam em formas vivas no presente.

Portanto, intelectualmente, o homem tem uma estrela mais brilhante do que até agora; e mentes que flutuavam sem qualquer âncora, leme ou direção, encontraram finalmente um porto onde podem descansar em paz, por esses factos terem flutuado, carregados com os ricos frutos que crescem nos cumes eternos das montanhas da Verdade. Perguntem aos homens da ciência da época atual que investigaram abertamente o Espiritualismo - não como *Od-force*, não como uma teoria do cérebro posterior, mas como Espiritualismo - e eles dir-lhes-ão, de forma distinta e franca: "Encontrámos o porto da Verdade, enquanto até agora só tínhamos encontrado as pequenas ilhas dos Factos, variados e transitórios, e que foram varridos pelas rajadas que sopraram dos hemisférios norte e ocidental da Verdade."

Mais uma vez, o Espiritualismo revelou uma verdade que, embora lhes possa parecer surpreendente, não deixa de ser menos verdadeira: ele revela e demonstra-lhes o facto importantíssimo, o princípio, de que todos os homens são iguais em essência e em princípio; que os poderes das suas mentes, embora sejam diferentes, têm a sua origem na mesma fonte e origem; que, como toda a Natureza, são variados, mas harmoniosos; e as manifestações no cérebro do homem são simplesmente o resultado de pensamentos e sentimentos, tal como cada flor e cada árvore cumpre o seu próprio destino no mundo material; e homens e mulheres tornam-se as flores e os rebentos espirituais do nosso Pai, produzindo os frutos intelectuais e espirituais do amor e da harmonia perpétuos.

Esta é uma grande e gloriosa verdade; e as crianças pequeninas, mal capazes de pronunciar "papá" e "mamã", surpreendem-nos com as suas palavras de sabedoria, numa linguagem muito além da sua idade, e com uma profundidade de pensamento que não imaginávamos que possuíssem. O que é isto? É a verdade intelectual; é a mente fora da forma humana a usar aquele pequeno cérebro e organismo para proferir palavras de sabedoria e cumprir a profecia do passado.

Mais uma vez: vocês dizem que isto é tão maravilhoso e surpreendente, que se desviam com medo e dúvida, dizendo: "Isto não pode ser verdade". Mas o Intelecto clama, com a crítica estrita da lógica, por uma investigação calma e científica dessas manifestações. Mas quantos de vocês, presentes nesta ocasião, fizeram isso, deixando de lado a espiritualidade disso, toda a ideia de revelação, toda a ideia de imortalidade? Quantos de vocês investigaram isso intelectualmente? Quem foi beneficiado com isto? Quem teve o seu intelecto ampliado pelos ensinamentos e revelações das diversas formas do Espiritualismo moderno?

Atrevemo-nos a dizer que nem metade investigou o assunto sem preconceito, de forma sincera e religiosa. O Espiritualismo, tal como apresentado agora, pode não ser tão satisfatório como muitos desejariam; no entanto, é pelo menos o trampolim da Infidelidade para o Cristianismo - aquele verdadeiro Cristianismo que consiste não apenas numa forma de crença, mas na prática de uma vida em harmonia com Deus;

que não está morto nem é emitido do púlpito e da tribuna, mas aquele que vive na vida diária e encontra o seu fundamento em princípios há muito estabelecidos que nascem em Deus; que foi transmitido através dos profetas e videntes de outrora; que se manifestou em Jesus de Nazaré, e que na era atual vos está a convidar a praticar os seus ensinamentos.

Se investigaram verdadeiramente o Espiritualismo, no plano religioso, encontrarão nele contida a forma mais elevada de verdade jamais transmitida ao homem – a da sua imortalidade; pois nenhum infiel ou materialista que tenha visto a luz do Espiritualismo moderno com olhos de imparcialidade deixou de ver a beleza e a demonstração da sua própria imortalidade. Porquê? Porque é um facto material, intelectual e espiritual; e este torna-se o triplo teste do Espiritualismo moderno, que a maioria dos nossos reverendos doutores tem ignorado. Eles deram o nome corretamente, mas não o teste. Pois, a menos que toda a ciência, toda a filosofia e toda a religião sejam trazidas para esta investigação, não será uma investigação verdadeira.

Vocês não podem investigar adequadamente apenas através de uma faculdade da vossa natureza, mas através de todas; e então, talvez, se isso não tiver influência sobre vós intelectual ou materialmente, poderá ter espiritualmente; e vocês esperam calmamente o resultado e contemplam a fruição: vocês trazem do desenvolvimento do vosso próprio pensamento e investigação o troféu do triunfo; vocês conquistaram essa infidelidade, esse materialismo, esse ateísmo, esse dogmatismo; e contemplem aquela guirlanda de beleza perpétua que é lançada na vossa testa como resultado do vosso triunfo. Torna-se uma guirlanda viva, uma flor da vossa alma, uma religião florescente, que se revela numa verdade tão imutável como o próprio Deus.

Portanto, enquanto filhos do vosso Pai, como filhos da Humanidade, enquanto homens e mulheres de inteligência que são, investiguem, não apenas com o olhar da crítica e do materialismo, não apenas com a ideia de religião, mas com todos os poderes e faculdades das vossas almas; e vejam se no Espiritualismo, tal como se manifesta, não apenas neste século, mas em todos os séculos - não apenas através de batidas, movimentos, escrita, fala ou transe - mas através de cada pensamento e sentimento da vossa natureza, não existem grandes e gloriosas verdades, dignas da vossa mais profunda consideração e maior atenção.

POR QUE A ALMA ABANDONA

A PERFEIÇÃO PELA IMPERFEIÇÃO?

Chicago

"Para isso Osíris afundou na sombra e passou pelo grande submundo: para que a Sombra pudesse ficar ciente da Luz."

Da Pérsia temos isto: "Ormuz da luz e do alvor enviou o seu espírito para vencer a sombra e fazer toda a luz".

Se a partir de *Chaos* e *Nox*, as divindades mais antigas, o divino Júpiter pôde moldar a luz, então deve ser que, porque a maior Deidade é a luz, toda a experiência deve finalmente manifestar essa luz. No entanto, como tudo o mais deve ser menor que a Divindade, mesmo o brilho manifestado pareceria uma sombra. Por insistirmos na tese divina, que nos é permitido ensinar, de que a alma é perfeita, muitos que não estudaram toda a proposição e não conhecem a conclusão nem os passos que levam a ela, dizem: "Bem, se a alma é perfeita, por que busca a imperfeição? Por que não se contenta em ser perfeita? Por que ela abandona a perfeição pela imperfeição?"

De uma vez por todas, entenda-se que a alma nunca abandona a perfeição; vocês não devem confundir, como dissemos muitas vezes, a manifestação da alma pela alma, assim como não confundem a manifestação do mecânico com o próprio mecânico. Primeiro, o estado de ser é absoluto; esse é o estado da alma, e para todo o sempre, como alma, não há nada menos que perfeição para a alma. O que quer que a alma faça ao entrar em contacto com o tempo e os sentidos está, por causa das leis da criação, subordinado ao tempo e aos sentidos até que a alma obtenha a sua vitória completa.

Ora, o tempo e o sentido de que falamos de modo algum podem afetar essas qualidades puras e perfeitas que pertencem à alma. No entanto, como dito antes, tudo o que a alma faz deve estar subordinado às condições do fazer. Os mergulhadores que procuram ir sob as ondas não o fazem destruindo o oceano, ou mantendo-se afastados dele, mas, de alguma forma, tornando-se impermeáveis à água. Isso desenvolve engenho e destreza, mas o próprio homem não muda por ser um mergulhador. Se um homem vestido com a imagem da humanidade entra numa mina de carvão para ganhar o seu pão de cada dia e assim o seu rosto e as suas mãos ficam escuros, vocês não devem, portanto, julgar que o homem é escuro. No entanto, tão fictícia é a estimativa externa das coisas, que um rei com um coração negro, uma bugiganga vazia para coroar a sua cabeça e vestes reais pode representar mais no mundo humano do que um homem com um coração real, mas um rosto enegrecido.

Vocês confundem a sombra com o homem; e porque assim é, todas as condições da vida humana que contribuem para a vitória parecem, por enquanto, ser sombra; a roupa que vestem, o corpo que forma o meio de expressão, as coisas que são feitas através desse corpo para a vitória final são todos confundidos com a alma.

"Se, porém", perguntam vocês, "a alma é perfeita, por que consente em tomar sobre si a sombra?" Pela mesma razão que o jovem, feliz num lar amoroso, cercado do afeto dos pais, irmãs, irmãos e todos os filhos da casa, embora, aparentemente, perfeitamente feliz, sairá para o mundo. Para quê? Para fazer alguma coisa. O estado de estar feliz ou contente não é suficiente; há energias latentes, há poderes não

expressos, há uma mente que insiste em pensar, há uma individualidade que busca expressão.

"Mas, meu filho", diz a mãe, "entrarás em tentação, entrarás na sombra. Fica em casa", chora o seu amor. Ele responde: "Prefiro cair em tentação, e às vezes até ceder à tentação, do que ficar e não fazer nada".

Se a alma parece deixar o reino da luz no estado de ser que é absoluto, e onde anjos e arcanjos percebem o perfeito, o divino, é por isto: o estado de ser não é o estado de fazer; esta grande alegria deve ser expressa, este grande amor deve ser manifestado. Lúcifer, o antigo Filho da Manhã, saiu do brilho do Bem Infinito para levar a luz à sombra, e aparentemente cedeu a essa sombra. Tal é o desejo de expressão, de manifestação, de ação, que assim como o Infinito busca manifestação no universo, a alma deve manifestar-se no tempo e no sentido.

O panteísta confunde essas flores como parte de Deus. Aqueles que não conseguem medir adequadamente a Inteligência Infinita pela sua perceção concebem que não pode haver inteligência infinita a menos que o universo inclua essa inteligência. Assim, dir-vos-ão que o átomo é uma parte de Deus, que os cavalos e os pássaros são partes de Deus; confundindo as manifestações da Divindade com a Divindade. Também se pode dizer que o quadro é uma parte do artista que o pintou. Ah! pode revelar muitos dos atributos do artista; possivelmente o sangue da sua vida poderia ter saído em gotas de agonia enquanto o pintava, ou, possivelmente, poderia haver dentro do seu espírito tal simpatia pelo que estava a fazer, que, por enquanto, todas as suas energias e toda a sua vida pareciam centradas ali. No entanto, por si só, o quadro não é o artista; quando termina, pouco se importa com isso, outra imagem toma o seu lugar, ele anseia por fazer algo maior e melhor, e ainda mais perfeito.

Ah! o barro, nas mãos do oleiro ou nas mãos do artista habilidoso, é moldado numa imagem que finalmente deve ser esculpida em mármore (se for esculpida). O artista faz do barro informe uma imagem do pensamento que está dentro e, mais tarde, faz da escória, da sombra e da infâmia da vida física a coisa que é divina.

Se já pensaram no que deve ter sido durante a noite, no caos, quando, para este sistema solar e seus sistemas auxiliares, nenhum *Logos* havia sido soprado sobre a substância sem forma ou noite, então, tocados e permeados pelo pensamento consciente do Infinito, os mundos começaram a existir e as grandes órbitas dos sóis formaram-se, então os mundos separados, cada um tomando o seu lugar designado pelas leis que foram impressas naquele caos, vocês podem, talvez, pensar no que foi para aquele caos e noite sem forma ser tocado e permeado pelo *logos*, as palavras do Divino.

Mesmo assim vimos algumas vezes a mãozinha de uma escultora, uma mulher pequena, moldando e dando forma ao barro sem vida sob o seu toque, até crescer em contornos que eram divinos, e pensámos: "Que barro feliz é este, que se pode emocionar com os pensamentos e permear com a energia criativa de uma mente tão maravilhosa!" Às vezes pensámos, quando vimos qualquer obra de arte ou arquitetura,

um templo como o de São Pedro em Roma, ou como algumas dessas magníficas estruturas que a arte moderna está gradualmente a aprender a construir: “Que felizes rochas e pedras, e gesso, e madeira devem ser estas que ajudam a tornar tão perfeita uma estrutura ou imagem do pensamento.”

Quando as flores são cuidadas e atendidas por alguma mente ou coração amoroso, os olhos observam-nas desabrochar e o sol é temperado de modo que as flores não brotem demasiado rapidamente e, quando finalmente elas abrem as suas pétalas e os olhos observam o crescimento, não supõem que as flores têm um grande prazer adicional no seu crescimento? Há algo no espírito do observador e do trabalhador que se transmitiu ao florescimento. Não conhecem vidas que matam as flores, como elas são, e matam tudo o mais com que entram em contacto?

O seu estágio, ou falta de desabrochar, é a morte, não a vida. Conhecemos pessoas tão egoístas, e tão estreitas e tão pequenas que tudo o que entrava na sua atmosfera parecia murchar, definhar e morrer, expressando a sombra em vez da luz. O egoísmo é assim: designar, distribuir todas as coisas para si mesmo. Ilustra a sombra da falta de crescimento, e como cada coração que entra em contacto com tal vida é, por enquanto, sacrificado; como toda a vida que entra em contacto com tal pessoa parece, por enquanto, quase arruinada, e o grande sopro fulminante da ambição e o anjo destruidor da guerra mostram o que pode ser feito sob o ímpeto do egoísmo.

A noite não é uma lição para o dia? Não é a tempestade uma lição para a calmaria, e as ondas agitadas pela tempestade não são uma ilustração do coração humano quando inquieto sob o domínio da luta e do egoísmo? E a grande lição da paz não é aquela que vem sobre o pano de fundo da guerra? No grande fluxo e refluxo alternado das infinitas marés da vida que a Divindade manifesta no universo, não há a grande lição para que propósito a vida humana é buscada?

Ah! sabemos que as pessoas dizem que preferem entrar em qualquer condição de sombra humana do que permanecer sem fazer nada no que parece ser uma felicidade perpétua. Isso não é ilustrado pelas grandes lutas da vida humana aqui pelo poder, pela supremacia, pelo conhecimento e, finalmente, pela conquista pessoal? Pensem no que suporta um homem que passa para o extremo norte; equipando os seus navios e convocando voluntários para explorar o conhecimento. Através de grandes mares de tempestades e gelos congelados até onde as neves são perenes, e tudo para descobrir o que pode estar além delas. Os Sir John Franklin que saem em busca de conhecimento e nunca mais voltam para os seus lares humanos. As pessoas dizem: “Por que não puderam eles ficar onde estavam confortáveis e felizes, sentados ao lado das suas famílias e curtindo a vida?” Mas eles sentiram a grande necessidade urgente de fazer alguma coisa, de cumprir alguma coisa.

As almas saem do paraíso do ser para encontrar expressão. Não que a alma no seu estado absoluto não esteja sempre lá, mas aqui na noite, na sombra dos sentidos, na criação das coisas, na revelação do que está dentro, a alma passa por tal expressão; e seja expressando a sombra ou a luz, seja em estado de realização ou de experiência, qualquer que seja o grau ou condição, não cabe à vida humana julgar o que é um

homem, ou uma mulher, ou quais são os seus estados ou graus de expressão ou desabrochar pelo que fazem.

Para poder julgar outro, deve-se estar num estado de perfeição. Somente o Infinito reservou ao Infinito a vida e o amor, a perfeição do julgamento. Porque se vocês se julgam uns aos outros, julgam a partir de um estado que é suscetível de ser tão imperfeito quanto aquele que estão a julgar. Eles simplesmente são perfeitos de acordo com o seu padrão. Mas qual é o vosso padrão? Outra alma ou um anjo pode achar isso muito aquém da perfeição.

É dado, no entanto, aos seres humanos para ilustrar os seus graus de imperfeição sentando-se em julgamento sobre outros em tribunais de justiça humana, mal chamada, sob leis que às vezes são moldadas sob a mais alta inspiração, mas são administradas sob os estados mais imperfeitos e com falta de justiça. É por isso que toda a tentativa de liberdade que eleva a humanidade mais alto do que o nível que a humanidade atingiu deve, necessariamente, ficar aquém na sua expressão. A inspiração estava certa; a liberdade estava certa, mas a raça humana ainda não atingiu esse estado.

Achamos que é Walt Whitman quem canta a grande canção de "chegar". É uma grande coisa "chegar", seja de noite ou de dia, seja na sombra ou na luz. Seja qual for o vosso estado, vocês chegaram lá, e qualquer que seja o vosso estado, chegarão lá em algum momento. O observador solitário da noite diz: "Oh, nunca será de manhã?"; contudo, o girar dos ponteiros do relógio ou adiantar o cronómetro não mudará essa grande pulsação nem por um segundo de tempo. A noite foi feita para um propósito maior do que o de um observador; o observador deve adaptar-se à noite.

Muitas pessoas pensam que este universo gira em torno delas; na verdade o seu é o estado de ponta de crescimento humano, ou falta de crescimento, que sempre usa isso. É o "Eu" maiúsculo no centro e o universo a mover-se em torno dele; e o que quer que seja feito no universo, pensam, como o bebé, que é feito a favor ou contra eles. Vocês entram numa casa onde o bebé mora e começam a falar agradavelmente com qualquer pessoa, e o bebé vai rir, pensando, claro, que é feito para se divertir; se falarem muito alto ou irritados, o bebé vai chorar. Claro que não estão a pensar no bebé, possivelmente. Assim é no estado infantil de crescimento; se estão nesse estado, tudo é feito a favor ou contra vocês. O "Destino" ou o "fado", a humanidade ou algo assim, ou alguém está sempre a fazer algo convosco. O tempo sujeito a essas coisas, então, tendo encontrado a maneira de fazer algo, vocês já não estão tão ocupados convosco mesmos, não pensam que todo o universo está a fazer algo convosco.

Agora conhecemos homens assim nos seus negócios. Os criminosos têm uma maneira muito lógica de lutar e escapar da pena dos seus crimes, dizendo: "Oh, todo o mundo está contra mim". Isso depende de onde o "eu" está, que atitude o "eu" toma em relação ao mundo? Se o "eu" pudesse ser perdido de vista; se pudéssemos eliminar o *I* maiúsculo, eliminar o pronome pessoal do vocabulário, não seria então o milénio? É o maior eu dentro da família; "Nós" soa muito melhor do que "eu" ou "meu", e "nosso" soa muito melhor, especialmente para o jovem marido e a jovem esposa, do

que “meu”; é a “nossa” casa, os “nossos” móveis, os “nossos” quadros e o que é que “nós” devemos fazer?

Mas o *E* maiúsculo é engolido pelo nós; pouco a pouco ele funde-se com a humanidade maior e, em vez de minha e minha e nossa casa e nossa família, meu menino e minha menina, são todos meninos, seja a vagar da minha casa ou da nossa casa, na escuridão, ou de outra, a luz ainda deve estar a brilhar para eles. Ou se essas meninas saem de baixo do nosso teto ou do teto de outro, a oração da mãe e o desejo da irmã devem ser para elas. Todas as mães têm interesse no filho de toda e qualquer mulher.

Encontrar essas manifestações na casa do dia, descobrir que a imagem do deus está estampada no pó, saber isso depois do encontro e da aparência; derrotar a grande vitória é nossa, saber da vida de Buda e da vida de Jesus, a vida de Cristo, que “eu venci o mundo”, e que eles, no entanto, podiam ver las sombras na vida humana, podiam entender as condições dos egoístas e dos hipócritas, e podiam ter compaixão dos excluídos e oprimidos, tudo isso é motivo suficiente para a alma assumir a expressão humana.

Aqueles anjos *a priori* que não tocaram a vida humana, que nos grandes ciclos podem não ter entrado em contacto com a poeira deste planeta ou de outro, que não sabem o que é lutar; porquê! vocês teriam compaixão deles talvez, se não fosse que todos os anjos passam por alguns estados semelhantes chegando a vitórias semelhantes e entendem o que é fazer e ser. Mundo após mundo, sistema após sistema, são os seus lugares de atuação; ciclo após ciclo, éon após éon, esses são os seus estados de ser. As grandes marés alternadas, varrendo a existência humana onde e quando quer que a alma queira, põem-na em contacto com a matéria a fazer.

Os grandes ciclos ou eras de descanso, daquilo a que os budistas chamam “Nirvana”, daquilo que os cristãos perverteram num “reino dos céus” material, o estado da alma, que para todo o sempre é semelhante a Deus, que nunca abandona a sua perfeição, que não é obscurecido pelo tempo e pelo sentido na sua lousa de ser, que consente em pegar numa mão enegrecida, num rosto enegrecido, em roupas sujas, na roupagem externa da miséria, carência e crime para que a grande alma - a vitória possa ser conquistada, e para que no pó esta, a mais alta e nobre imagem de Deus, possa ser estampada.

Porque essas flores murcharão, o Infinito arrepende-se de ter pensado numa flor? Porque as coisas externas se desvanecem, vocês arrependem-se dos pensamentos que as produziram e as tornaram belas e amáveis? Porque as formas externas perecem, arrependem-se do selo de vida que estava lá, que fez da forma humana a coisa pulsante da vida que vocês amaram, à qual se agarraram enquanto a respiração estava lá, que representava o divino?

Oh, aqueles olhos que olharam nos vossos com bondade amorosa; que pronunciaram o vosso nome com carinho, essa forma que vocês perceberam sempre com um arrepio de alegria, arrependem-se de que estivesse lá? Então nunca, nunca a

alma, no seu estado supremo e mais alto, lamenta a marca que é feita no pó, ou o que é feito do caos e da noite e da sombra eterna para imagem do divino. E o melhor de tudo, se aqueles que, como Lúcifer, no grande estado do ser, não tivessem conhecido o eu e como conquistar o eu, como é que o brilho eterno brilharia tão belo? Pois *Festus*, no maravilhoso poema de James Philip Bailey, faz com que até Lúcifer se torne um anjo de luz sobre o grande fundo da sua sombra.

Então, fora desse eu, dessa escuridão, dessa busca, vejam! floresce toda branca como os lírios de Deus provarão por que a alma se manifesta na sombra.

ESPIRITUALISMO E CRISTIANISMO

OS FENÓMENOS E A FILOSOFIA DO ESPIRITUALISMO
EM COMPARAÇÃO COM OS DE JESUS CRISTO

Na primeira frase devemos ter como premissa dizendo que o Espiritualismo é apenas o nome moderno para as manifestações do espírito que ocorreram em todas as épocas, seja sob a forma do Cristianismo, seja nos velhos tempos mosaicos nas manifestações de profetas, adivinhos, sonhos e os intérpretes de sonhos da época. Voltando ainda mais longe, as manifestações que ocorreram na Índia, na Pérsia, na China, sob as várias ministrações daqueles que tiveram os dons do espírito.

Paulo enumera distintamente os dons do espírito, ou "dons espirituais" na sua epístola aos Coríntios, e é perfeitamente fácil para vocês entenderem, pelas suas definições, esses dons, e que eles não existiam sozinhos naqueles dias, pois aqueles de que se é possuído hoje assemelham-se a eles em todos os aspetos, até mesmo nos nomes que são dados aos dons espirituais.

Jesus de Nazaré ensinou pelo espírito. Não era obra dele, mas obra do Pai. No entanto, anjos vieram e o serviram. O seu ensino era o da lei da benevolência; as manifestações eram os dons do espírito. Havia o dom de profecia, o dom de línguas e o dom de interpretação de línguas, o dom de curar, o dom de operar milagres (ou maravilhas), tais como são feitos pelos seus médiuns para fenómenos físicos, e todos os diferentes dons enumerados conforme Paulo os classificou. Esses dons foram possuídos e encorajados pelo mestre de Nazaré.

Estes foram mostrados como parte do seu trabalho e parte do trabalho dos seus discípulos: para onde quer que fossem, eles praticavam os dons que possuíam, os seus seguidores praticavam dons espirituais na Igreja Cristã primitiva. Até a Igreja Romana manteve vivos os dons do espírito. Os santos referidos no calendário da Igreja Romana, referidos na igreja primitiva em Jerusalém, referidos nos apóstolos e discípulos do cristianismo, eram acompanhados de dons do espírito.

É somente nos últimos dias da igreja que esses dons foram negados. Pois deve ser sabido que George Whitfield, que John Wesley e toda a família Wesley, que aqueles que se afastaram da Igreja da Inglaterra nas várias denominações tinham esses dons espirituais e os exercitavam sem considerar que isso era mau. Até Watts, o poeta, fala daqueles "espíritos ministradores" e "anjos" que não apenas atendem os santos moribundos, mas que vigiam ao seu redor todos os dias.

Por outras palavras, se lerem o Novo Testamento com atenção, descobrirão que os espíritos ministradores e os anjos tiveram uma parte ativa na família dos cristãos mais verdadeiros, e que sem esses dons espirituais a introdução do cristianismo não poderia ter ocorrido, pois o ensino só por si não teria satisfeito aqueles que buscavam um "sinal" e um "sinal". Portanto, quando Paulo disse, “não são todos eles espíritos ministradores?” queria dizer aqueles que passaram da terra, que ministram àqueles que são “herdeiros da salvação”.

Na nossa opinião, os ensinamentos de Cristo e dos primeiros cristãos (e vocês devem perdoar-nos) diferem essencialmente dos ensinamentos da teologia. Claro que todas as denominações têm uma porção da verdade, mas nenhuma delas pode ter toda a verdade, ou não haveria diferenças entre elas.

Estamos perfeitamente dispostos a que aqueles que pensam que a Igreja Romana ou a Igreja Episcopal, ou Batista, ou Presbiteriana, ou Metodista, ou Universalista, ou Unitarista contém toda a verdade adorem lá. Mas é bem sabido que Jesus não estabeleceu nenhum credo. O único mandamento ou credo que ele deu foi o mandamento de que "amais uns aos outros", e o seu único sermão doutrinário foi o Sermão da Montanha. Estamos perfeitamente dispostos a colocar esse Sermão da Montanha lado a lado com os nossos próprios ensinamentos e os ensinamentos do Espiritualismo.

O ensino de Cristo era para o mundo futuro; foi o estabelecimento de um reino espiritual em vez de um reino material na terra: foi a superação do ódio com amor, em vez de superar o ódio com ódio; foi la revelação de que Deus é um rei espiritual em vez de material, que o céu é um reino espiritual em vez de material. Ele não apenas o definiu, mas, em resposta a uma pergunta, afirmou claramente que "o reino dos céus está dentro". Além disso, ele ensinou livre e completamente sobre o reino, que alguns dos seus discípulos esperavam compartilhar com ele; que ele ia “preparar um lugar para eles”, para que onde ele estivesse “eles também pudessem estar”. Os seus amigos, aqueles que passam deste lado da vida, costumam dizer isso. Jesus claramente transmite a lição de que as ações feitas na vida humana, que as práticas diárias, que são os resultados dos pensamentos e condições humanas, devem constituir o fundamento para o início da existência do espírito.

Na nossa opinião, os ensinamentos do cristianismo são muito simples. A igreja tornou-os muito complexos. O que acontece com a lei canónica e ecuménica em Roma e o estabelecimento da Sé Papal sob o reinado de Constantino, e as várias ordenanças da igreja, torna-se muito complexo. O Catecismo de Westminster não é mais simples,

nem as leis que regem as várias denominações. Vocês afastaram-se deles, portanto, eles não podem ser finalidades.

Todo o mundo cristão se afastou, em certa medida, dos ensinamentos da igreja primitiva. Seja a Igreja de Roma ou a Igreja da Inglaterra a igreja primordial, como muitos sustentam, vocês sabem que o cristianismo não é o que era há dois mil anos. João Calvino ensinou um ensino mais rigoroso, mas mais vingativo por causa da frouxidão e corrupção que foi encontrada na Igreja Católica Romana e depois na Igreja Episcopal Protestante.

Martinho Lutero começou a Reforma quando, inspirado pelo seu fervor religioso na sua cela solitária, saiu para visitar Roma para prestar a sua homenagem à mais alta autoridade da igreja. Lá ele encontrou um estado de imoralidade e corrupção que não conseguia entender como compatível com a pureza da igreja. Portanto, Martinho Lutero iniciou uma reforma branda, que se estendeu à vida política quando o dissoluto rei Henrique VIII a aceitou como religião do Estado. Assim como Constantino já havia aceitado a fé romana.

O espírito do cristianismo, no entanto, manifestou-se entre os corpos dissidentes. Os vários dissidentes, especialmente sob o ensino brando de John Wesley, avançaram com a renovação dos dons do espírito. Enquanto George Fox e os Quacres estabeleceram claramente uma comunhão distinta com os espíritos, Madre Ann Lee e os Shakers estabeleceram ainda mais a comunhão dos espíritos ministradores. Estas são apenas porções da aceitação do homem, enquanto os ensinamentos de Jesus permanecem.

Nós, como dissemos antes, estamos perfeitamente dispostos a pegar nos primeiros quatro evangelhos do Novo Testamento – tais porções deles que afirmam conter os ensinamentos de Jesus de Nazaré – e apresentá-los a vocês como nossos. Mas não estamos dispostos a aceitar a interpretação de Constantino. Não estamos dispostos a aceitar a interpretação dos Papas e dos primeiros pais da Igreja Romana. Não estamos dispostos a aceitar a interpretação de João Calvino. Não somos obrigados a aceitar a interpretação de John Knox, aquele agitador do norte que, embora conscienciosо, mergulhou no tormento eterno todos os que não concordavam com ele. Documento adaptado para vós, não estamos dispostos a tomar as guerras que surgiram em nome do cristianismo e chamá-las de nossas.

Não estamos dispostos a dizer, enquanto cada metro do solo britânico está manchado com o sangue daqueles que lutaram em nome do cristianismo, que aceitamos uma ou outra das igrejas em conflito como totalmente corretas. Não estamos dispostos a pegar nas espadas dos cruzados e considerar que são nossas.

But por tudo isso estamos dispostos a seguir a linha suave dos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Estamos dispostos a tomar a lei do amor como conquistando o ódio. Estamos dispostos a tomar a lei dos dons dos espíritos como prova e demonstração do poder do espírito e da excelência do homem. É para crédito desta era da cristandade que o corpo maior de cristãos está a superar as linhas denominacionais e sectárias; que

eles estão a trabalhar para o bem da humanidade mais do que para o bem dos credos ou dogmas da igreja, e que no grande mundo do pensamento humano os ensinamentos reais de Jesus têm uma influência cada vez mais ampla do que quando foram reduzidos a qualquer forma especial de credo.

Houve uma época em que presbiterianos e batistas não apenas brigavam uns com os outros, mas estavam amplamente separados em toda a sua vida diária por causa das diferenças de credo. Houve um tempo em que *Covenanters* e Dissidentes não podiam encontrar-se sem brigar; houve uma época em que os dissidentes e os membros da Igreja da Inglaterra não podiam reunir-se sem guerra; tempo houve em que la Igreja Romana e a Igreja Estabelecida da Inglaterra estavam em conflito perpétuo. Tudo isso não era "cristão"; era simplesmente humano, e a maior parte disso no plano mais baixo da existência humana.

Aquela teologia que leva o nome de cristianismo com o propósito de fazer guerra contra as mulheres e crianças indefesas, ou mesmo contra o homem, não é cristã. Mas o espírito de Cristo, o espírito do Sermão da Montanha, o espírito da Regra de Ouro, o espírito dos vários dons do espírito são o Espiritualismo.

Hoje as manifestações vêm de acordo com as necessidades de hoje. Hoje esta luz é derramada no mundo por vários meios, de acordo com as necessidades atuais do mundo. Como esta é uma era materialista, as manifestações vêm em forma de "sinais", "sinais" e "maravilhas" para atender o homem de ciência e a mente materialista. Hoje o dom de curar, o dom de línguas, o dom de interpretação de línguas, o dom de operar maravilhas, ou "milagres" (assim chamados) estão no mundo porque os homens devem ter sinais e sinais externos como outrora. Que esses dons constituem uma série de manifestações adaptadas à necessidade humana é evidente. Homens como o Dr.

Hodgson, o Prof. Hyslop, e antes deles Alfred Russell Wallace, o Sr. Crookes e uma vintena de cientistas não teriam, nem por um instante, voltado a sua atenção apenas para uma proposição ética ou meramente para o pensamento de uma vida futura. Mas como a manifestação os desafia a explicá-la no âmbito da pesquisa científica, e eles não podem fazê-lo, eles são constrangidos – como o foram outros professores de ciência – a admitir a verdade da hipótese espiritual, assim como os judeus e gentios incrédulos foram constrangidos a admitir que os dons do espírito devem pertencer a Jesus e aos seus discípulos, ou essas coisas não poderiam ser realizadas.

Mesmo naqueles dias, dizia-se que eles operavam esses milagres em nome do "Príncipe dos Demónios". Assim, os teólogos têm-se esforçado para explicar as manifestações do Espiritualismo, dizendo que todas são obras de Satanás. Henry Ward Beecher, do Brooklyn, o Rev. Mr. Haweis de Londres, Rev. Mr. Savage de Nova Iorque, e mais de uma centena de ministros de várias denominações não encontraram e não encontram "Satanás" nessas manifestações e, portanto, consideram-nas dignas de atenção e credibilidade.

O Espiritualismo em cinquenta e cinco anos fez mais para mudar a teologia do mundo do que qualquer outra forma de pensamento já realizada no mesmo período de tempo. O cristianismo passou muitos séculos a sofrer perseguição. Não foi senão depois da décima perseguição que Constantino se converteu e se declarou contra novas perseguições aos cristãos. Reis e governantes naquela época podiam matar os defensores de quaisquer novas teorias de religião que eles temiam. Não foi senão depois da sua conversão das medidas sangrentas que ele havia adotado anteriormente, que Constantino fez com que as perseguições cessassem.

No entanto, a igreja, por sua vez, tornou-se a perseguidora, mesmo na época da feitiçaria de Salém. Vocês não têm nada de que se orgulhar nas perseguições de uma denominação cristã por outra, enquanto a ciência encontra continuamente obstáculos semelhantes. Foi somente na última parte do século passado que a estátua de Bruno pôde ser inaugurada na presença do Vaticano sem ofensa, enquanto para a Santa Sé é uma ofensa contínua agora, mas permanece lá agora pela voz do povo. Hoje vocês não matam as pessoas por essa forma de crença, vocês não as perseguem a não ser de uma maneira social branda; mas isso já não está na moda, já que muitos cientistas e muitos ministros de diferentes denominações a aceitaram total ou parcialmente.

But o Espiritualismo ensina a imortalidade da alma; ensina uma vida futura pessoal; ensina o retorno dos espíritos para ministrar e comunicar-se com os mortais, e vigiá-los; ensina que a vida na terra forma a base da vida vindoura, e que de cada ação e pensamento na vida terrena vocês colhem a recompensa ou penalidade na vossa própria natureza ou espírito; ela ensina tudo o que pode ser ensinado à raça atual sobre a natureza da alma do homem, o seu passado e o seu futuro. Ao contrário da teologia da época, não limita as possibilidades do conhecimento do homem sobre o universo material ou espiritual.

Era a missão de Jesus apontar para o Deus do Amor em vez de um Deus de ódio e vingança; era sua missão apontar o espírito como fonte da vida, em vez da natureza material como fonte da vida; era sua missão mostrar que tudo o que é bom e grande deve vir do espírito e não das condições materiais; era sua missão mostrar que tudo o que é real vem de dentro; que "como um homem pensa, assim ele é", que vocês não têm de cometer um assassinato para ser um assassino, vocês não têm de roubar para ser um ladrão, mas quando vocês têm ódio pelo vosso próximo, isso é assassinato, quando vocês pensam em fazer mal ao vosso irmão, vocês fazem-lhe mal, e que tudo de bom que há no vosso pensamento também é real e verdadeiro.

Não só o Cientista Cristão, o Teosofista e os melhores nas diferentes denominações podem descobrir o espírito dos ensinamentos de Cristo, mas esta é a Palavra de Deus universal em todo o mundo. Na Pérsia, a Regra de Ouro é interpretada: "Faça aos outros em pensamento ou ação o que gostaria que fizessem a si." Em todas as línguas existe a Regra de Ouro. Em árabe é: "Sinta em relação aos outros o que você gostaria que eles sentissem por si". Pois é bem sabido que, se vocês sentirem bondade ou maldade, a vossa ação corresponderá ao pensamento ou sentimento que deve preceder a ação. O mundo está a aproximar-se dessa altura.

O Espiritualismo nos últimos cinquenta anos (perdoem-nos, mas é verdade) cristianizou o cristianismo. Trouxe-o dos estreitos entraves dos credos para o âmbito mais amplo da fraternidade universal; estabeleceu, ou restabeleceu, os dons do espírito que quase se extinguiram dentro da igreja por falta de encorajamento; reafirmou esses dons como sendo a apresentação natural do poder espiritual ao homem; ele ilustrou-os através dos vários sinais e manifestações que foram dados em seu nome e, nos dons do espírito, cumpriu as Escrituras. Como Jesus disse, ele veio "não para destruir, mas para cumprir".

É apenas a adesão à letra que mata, e a doação do espírito que dá vida. Assim, o Espiritualismo veio, não para destruir, mas para cumprir. Jovens e donzelas, velhos e matronas sonharam sonhos e tiveram visões; aqueles de idade jovem foram obrigados a falar palavras de sabedoria muito além dos seus anos; esses dons desceram sobre eles e causaram uma impressão em todo o mundo. Já não há os *Néftis** de luto na hora da morte; não mais o crepe, não mais a sombra terrível da tumba; mas guirlandas de flores são frequentemente penduradas nas portas para anunciar o nascimento na vida espiritual de um morador amado da casa, e belas flores enchem todos os quartos com fragrância para mostrar que a vida que se foi entrou num mundo de florescimento.

**(NT: Na tradição egípcia, Nephthys é a deusa associada aos ritos funerários, ao luto e à noite. Ela é irmã de Ísis e de Osíris.)*

O Espiritualismo operou essa mudança. Temos estado ao lado dos caixões dos falecidos com clérigos de todas as denominações, ministrando àqueles que permaneceram na hora da sua aflição, e as suas palavras foram permeadas com a nossa crença, com o nosso conhecimento. Quando um ministro episcopal dizia: "Sei que o amigo cujo corpo jaz aqui está connosco neste momento; que procura consolar aqueles que choram pelo seu corpo; que a sua guarda e amor podem permanecer convosco, queridos amigos, na vossa vida mortal;" isso era Espiritualismo, e ele sabia disso. Foi exatamente o que foi dito de nós vinte minutos antes, então foi chamado de Espiritualismo.

Mas ele era um clérigo episcopal. Quando o Rev. Dr. Thomas, de Chicago, diz aos seus amigos que os espíritos dos falecidos estão próximos, que eles podem ministrar aos seus amigos aqui, e tomar conhecimento da vida terrena, que eles podem elevar e fortalecer os seus entes queridos, não apenas por impressões, mas pela sua presença real, isso é aceito como teologia cristã. Precisamente as mesmas palavras, se as pronunciamos, são chamadas de Espiritualismo. O que é o Espiritualismo senão o conhecimento do espírito de Deus e do espírito do homem onde quer que estejam, o que quer que façam e em qualquer estado em que possam entrar?

No entanto, o Espiritualismo não aceita o pensamento de um credo; de que vocês devem limitar as vossas investigações. Se há uma porta aberta para o outro mundo, vocês têm o direito de conhecê-la. Se existe um método de comunicação com os entes queridos que partiram desta vida, é a vossa herança possuí-lo.

Quando o Dr. Franklin brincou com o relâmpago, a igreja condenou-o; quando o motor a vapor foi aproveitado para ser o seu camião-cavalo, a igreja condenou-o; quando la porta se abriu há pouco mais de meio século, de modo que muitos possuíam o conhecimento da comunhão com o mundo espiritual, a igreja condenou-o. Mas como o conhecimento elétrico, como as invenções de Edison, como a máquina a vapor, que faz muito do seu trabalho, essas outras forças da natureza serão aproveitadas como o vosso cavalo de força; o sol que explode com promessas, o ar que muitas vezes não cumpre o que poderia fazer; os grandes mares que se estendem entre outras terras e a vossa, se tornarão recetivos aos poderes do espírito, que se estão a desdobrar cada vez mais para o homem.

A natureza espiritual já não é um mistério a ser temido ou uma bolha que deve ser estoirada e enviada à aniquilação. O espírito do homem é o ego, a arma do poder material, aquilo que faz o seu corpo mover-se, o seu cérebro pensar, e o Espiritualismo – não a Ciência Cristã, não a teosofia, não o ocultismo – mas o Espiritualismo puro e simples, trouxe este conhecimento para o mundo.

Saudamos qualquer porta, ou qualquer desvio, ou qualquer ismo que ponha mais pessoas em relação com o espírito do homem. Mas o Espiritualismo é o cumprimento da promessa do Cristo do Cristianismo: "Eu vos enviarei o consolador, sim, o espírito da verdade que vos dirá todas as coisas". Aquilo que traz esperança aos corações dos enlutados, aquilo que enxuga as lágrimas da tristeza; aquilo que revela a vida que está oculta pela cegueira e materialismo do homem; aquilo que mostra o caminho para todos esses caminhos de investigação e pesquisa; aquilo que leva a tocha do espírito para iluminar o caminho através dos baixios e areias movediças da ciência material; o que diz ao agnóstico e ao materialista: "Se você não sabe, se você sempre nega, podemos dizer-lhe"; o que diz ao cristão, ao que duvida parcialmente, àquele cuja filosofia está trémula por causa da falta de conhecimento perfeito, "isto é conhecimento"; o que diz ao duvidoso: "podemos convencê-lo"; o que diz para aquele que tem apenas fé, “você pode ter pleno conhecimento”; aquilo que declara à Igreja Cristã que Jesus fez uma afirmação que nunca foi cumprida até agora, que este "consolador", este "espírito da verdade" está espalhado pelo mundo e vencerá a falsidade pela sua veracidade, vencerá o erro pela sua verdade, vencerá as trevas pela sua luz, para que o grande reino do invisível possa ser revelado à consciência e à utilidade do homem com o propósito de levá-lo à ética do Sermão da Montanha e à Regra de Ouro.

Declaramos que o Espiritualismo e o Cristianismo de Cristo são um. Declaramos que o cristianismo de Cristo e o ensino do Espiritualismo e a sua manifestação concordam plenamente, e declaramos que estes estão tão distantes da teologia da cristandade como a guerra está da paz, como o ódio está do amor, como o egoísmo está do altruísmo, como a agressão está da fraternidade, e que o Espiritualismo ensina aquela fraternidade que se destina, como era nos dias do Sermão da Montanha, a vencer o ódio com amor, a guerra com justiça e paz, e levar os homens ao conhecimento da alma e do espírito como triunfantes sobre os limites do corpo e sobre a morte.

A ÉTICA DO ESPIRITUALISMO

Cora Richmond em Washington DC, 14 de novembro de 1897 (Pensador Progressivo v17 1897/8, página 133) Frequentemente pergunta-se aos espíritas: “Que grande princípio moral foi desenvolvido; que nova declaração dos deveres da vida e quais são as relações das pessoas umas com as outras e com Deus à luz do Espiritualismo?” "Pelos seus frutos os conhecereis." “Os homens não colhem uvas dos espinhos nem figos dos cardos.” Isto, que foi dito nos tempos antigos, é igualmente aplicável hoje, se vocês julgarem ou lerem corretamente o que está escrito ou traçado de qualquer nação ou povo.

Nenhum movimento é valioso para o mundo a menos que traga, como resultado da sua existência, um estatuto moral mais elevado do que aquele que existia anteriormente; a menos que conclame o povo a fazer o que é melhor do que o pensamento precedente, ou a menos que apresente, na sua filosofia, aquilo que induza uma visão mais elevada das obrigações morais do homem.

Nesta apresentação da ética do Espiritualismo pretendemos adotar o padrão mais amplo, e queremos dizer, também, adotar esse padrão anunciado por Jesus, de que ninguém está qualificado para julgar os outros, de que vocês não devem julgar os outros. Qualquer que seja a tendência de um movimento, qualquer que seja o seu poder de elevar e fortalecer o esforço humano, qualquer que seja o seu padrão como incentivo à vida mais elevada, esse deve ser o seu valor ético e, nessa proporção, ele é valioso para o mundo.

Uma mera declaração de facto desacompanhada de qualquer capacidade de beneficiar a raça humana não tem valor ético. A matemática não aplicada ao conhecimento ou bem-estar da raça humana seria simplesmente sem valor; a química não aplicada ao bem-estar, prosperidade e conhecimento da raça humana não teria valor. Todo o conhecimento é valioso, mas o conhecimento que pode ser aplicado à utilidade humana é considerado o mais desejável; aquele conhecimento que pode ser aplicado à raça humana moral e espiritualmente foi obrigado a ocupar um lugar secundário; embora as guerras tenham sido travadas com a maior crueldade para a manutenção de opiniões teológicas, ainda não foi demonstrado que houve qualquer matança humana na manutenção de um sistema de ética.

VERDADEIRO E FALSO CRISTIANISMO

O Espiritualismo deve ser medido pelas declarações dos seus princípios; o que ele faz para elevar a raça humana, para elevar o indivíduo e, assim, a raça humana; e deve ser medido em contraste com o que o precedeu. Não chamamos o Cristianismo da Cristandade o mesmo Cristianismo que o Sermão da Montanha ou a Regra de Ouro, estes há muito se transformaram em meras lendas, no que diz respeito ao que é chamado Cristianismo prático. Pode haver vidas individuais, sem dúvida houve milhares de vidas, que foram elevadas ao alto padrão de abnegação para o benefício da

raça humana, sob o estímulo dos ensinamentos de Cristo; mas o cristianismo que faz a guerra, o cristianismo que permite o roubo e o furto sob outros nomes, o cristianismo que permite que um homem se aproveite do próximo e seja muito devoto ao domingo, o cristianismo que tira do indivíduo a responsabilidade pelas suas próprias ações, portanto, a sua perceção moral, e atribui a outro essa responsabilidade, o que acabaria com a obrigação do homem e a sua confiança na sua própria força e desenvolvimento individual, é o cristianismo que estava no mundo imediatamente anterior ao advento do Espiritualismo.

Não nos referimos agora àquelas vidas exaltadas que são influenciadas e têm sido influenciadas pelo propósito mais elevado, e estão a viver uma vida semelhante a Cristo, nem nos referimos àquela vasta influência moral e edificante que surgiu dos ensinamentos éticos do Cristianismo independente de credos e dogmas; mas queremos dizer o cristianismo cristalizado, como tem sido pelo nome, em seita, dogma e credo; a ética da irresponsabilidade, a ética de um inocente a sofrer pelos culpados, a ética de acabar com a ação individual e suplantar a ação de outro para servir para toda a ética de fugir da prática, por muitos séculos, daquilo que é ensinado na teoria, e negligenciando substancialmente os elementos vitais dos ensinamentos professados.

Tudo isso deve ser moralmente degradante para o mundo, independentemente de por quem é ensinado ou onde é ensinado. Se ensinado por hindus, maometanos, parses ou judeus, seria igualmente imoral. A imoralidade está no ensino daquilo que subestima ou desvaloriza a responsabilidade legítima da ação humana.

Partindo do dogmatismo dos credos, o espírita aprende distintamente a responsabilidade individual; que todo o ser humano é responsável pela sua ação de acordo com o conhecimento, nem mais, nem menos; que quem é ignorante não pode ser responsável, quem é desinformado não pode ser responsável, e que, portanto, a responsabilidade está dentro do indivíduo na exata proporção do conhecimento.

O grande objetivo de todo o ensino é transmitir conhecimento sobre o que é ensinado. Portanto, cabe ao homem que ensina matemática instruir os seus ouvintes com referência à aplicação desse conhecimento matemático para resolver os problemas matemáticos que possam ocorrer; cabe ao professor de química mostrar as fórmulas pelas quais os homens, nas circunstâncias exigidas, podem realizar as mesmas análises que as fórmulas declaram que podem ser realizadas. Se os mesmos resultados não ocorrerem, então as fórmulas estão erradas ou a experiência está errada. Cabe, também, ao professor de ética fazer corresponder a base e a conclusão, fazer coincidir o exemplo e o exemplar e adequar a vida humana à sua possível realização. Os preceitos que são engendrados quando a Regra de Ouro é colocada no alto dos altares cristãos e então um ministro do evangelho diz (como ouvimos alguém dizer), que essa regra não foi destinada à prática humana, mostram um ensino ético que não pode exaltar a raça humana. Ou, se é ensinado que é intencional, mas que os homens são desculpados na sua evasão, é igualmente imoral.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL

O que o Espiritualismo revela claramente é a existência individual aqui e no além; que a vida de cada indivíduo encontre resultados de vida da sua condição; a sua conduta; o seu cumprimento ou descumprimento do dever, e que este não pode ser esquivado, evitado ou transferido a outro indivíduo, seja para sofrer ou para gozar, salvo com simpatia ou na medida em que a ação de cada uma das condições individuais afete os outros. As primeiras mensagens recebidas da vida espiritual são estas, em resposta às perguntas dos velhos tempos: "Você está feliz?" “De forma mensurável.” "Você está infeliz?" “Sim, por causa das minhas imperfeições.” “Você está no céu?” “Estou no céu que eu mesmo criei.” "Você está no hades ou no inferno?" “Nenhum outro inferno além daquele que eu mesmo criei.”

Instantaneamente, toda a posse moral da vida é alterada. Ninguém é levado para um céu distante, ninguém deve escapar dos seus pecados; ele não é imediatamente transportado para o paraíso, ele não está mergulhado na perdição, ele encontrou-se cara a cara, ele encontrou a sua fraqueza ou a sua força, a sua loucura ou a sua sabedoria, o que quer que ele tenha encontrado, e o espírito é lançado sobre a responsabilidade individual. Esta é a única força, o fundamento do Espiritualismo.

Vocês podem dizer, isso não é novo. Não afirmamos que seja; mas é uma inversão dos ensinamentos aos quais vocês estão acostumados há séculos; é uma inversão da proposição de que vocês devem evadir ou evitar as consequências das vossas condições ou atos individuais por meio da virtude e do derramamento vicário do sangue de outro; e eleva o padrão da vida humana, transformando o indivíduo de um pecador sem esperança e desamparado, que nunca pode recuperar a sua posição, ou, se ele pecou ao ponto de qualquer lei, humana ou divina, seguir o seu curso, ele seria punido para sempre, mas ele é salvo pelos sofrimentos vicários de outro, à condição de crescimento individual, ação individual e conhecimento individual como a base do seu estado moral e a base de fazer o melhor que sabe. Ninguém é culpado na ética do Espiritualismo por não ter conhecimento; ninguém é culpado por não agir com mais sabedoria do que sabe, mas todos são considerados responsáveis pelo cumprimento do mais elevado que se conhece.

Frequentemente os mortais recebem mensagens dos espíritos dos seus amigos falecidos em resposta à sua pergunta: "Você se arrepende de algo?" “Sim, lamento não ter vivido o melhor que conhecia; lamento não ter melhorado as minhas oportunidades de adquirir conhecimento; lamento não ter sido mais fiel às minhas convicções.” E vem uma longa lista de tais confissões de todos os espíritos que passaram da vida humana. Em vez dos velhos assuntos teológicos, em vez do banal “céu e inferno”, os mortais recebem mensagens do mundo espiritual sobre a felicidade ou miséria dos seus amigos falecidos. Isso é inteiramente baseado na sua própria condição. Eles dizem: “Se eu tivesse sido mais fiel a mim mesma, teria sido mais feliz.” “Se eu tivesse realizado o melhor que sabia e vivido o mais alto que conhecia, teria sido mais feliz.” O primeiro negócio na vida espiritual é o autoexame, para saber o que o indivíduo é e o que foi.

Afirmamos que essa mudança de base, essa reafirmação de uma verdade antiga, essa colocação da responsabilidade individual sobre si mesmo é o passo mais exaltado

na moral que foi dado nos tempos modernos. Que é uma revelação inteiramente nova na ética do mundo cristão moderno; e que, quando vier a ser aceita, constituirá a proposição mais elevada. Se é verdade que todos esses cristãos são ordenados a buscar a salvação por mérito de outro; são ordenados a encontrar o céu com o sacrifício de outro, elimina imediatamente da proposição da vida quotidiana a responsabilidade do indivíduo e oferece uma desculpa, muitas vezes, para delinquências, evasões morais e até mesmo para crimes.

Tomemos dois extremos: aqui está um homem fora dos limites da igreja cristã, como Thomas Paine, ou como Robert G. Ingersoll; Thomas Paine nunca fez mal a um homem voluntariamente, ele nunca oprimiu conscientemente o seu próximo, ele sempre fez justiça por outros, mas, de acordo com o padrão teológico, ele estava condicionado à perdição eterna; e aqui está um homem que cometeu todos os crimes do calendário, que todos os dias violou alguns dos mandamentos do decálogo e, por fim, com as mãos manchadas de sangue, fruto de uma longa carreira de crimes, é preso e está condenado à forca, e, como lhe foi dito, que no último momento esse homem, com a sua carreira, a sua vida, pode ter os seus pecados perdoados e no instante seguinte, depois de ter passado do seu corpo, ele estará nos braços do Salvador.

Perguntamos-vos se esta não é uma proposta degradante? Se o vosso filho, a vossa filha é treinado num tal sistema de ética e acredita nele, não é degradante? Não mostra que uma vida boa não vale nada? Não mostra que um propósito exaltado, uma natureza genial e uma manifestação de bondade amorosa para com os outros não valem nada? Enquanto aqui está um criminoso que no último momento pode ser perdoado e conduzido à companhia dos anjos. Sabemos que este é o caso extremo, mas não é mais extremo do que a declaração disso na cristandade nos últimos cem anos. Vocês estão perfeitamente cientes de que vos foi dito na vossa infância que não havia graça salvadora em boas ações. É verdade que, por algum tipo de perceção moral, os cristãos ensinam vidas boas, e um bom exemplo é considerado digno de imitação.

Sem embargo, quando um jovem na Inglaterra tentou ensinar à sua classe na escola dominical o valor das boas ações, dos pensamentos exaltados - ele tendo convicções de consciência contra apresentar a expiação como o único meio de salvação, evitou esse assunto e ensinou uma vida boa, um propósito exaltado e os mais elevados e santos preceitos e exemplos morais - depois de um tempo o superintendente da escola dominical, que o observava há muitas semanas, anunciou diante de toda a escola que tinha sido doloroso para ele testemunhar o que tinha estado a transparecer em algumas das aulas, e que nenhum professor poderia ensinar naquela escola dominical a graça redentora de uma vida boa, de um propósito exaltado nas ações diárias; que havia apenas um poder redentor, que era o sangue de Cristo.

Perguntamos-vos, por uma questão de perceção moral sem nenhum viés teológico, se isso não está a rebaixar o padrão de excelência humana? Se não tira dos homens e mulheres aquela obrigação que eles têm para consigo mesmos e para com os seus semelhantes?

O Espiritualismo instantaneamente, desde o primeiro sinal sonoro que veio de Hydesville até ao presente, apagou essa mancha. Disse ao indivíduo: vocês representam o que vocês são; vocês são, no universo da vida, o representante da vossa própria vida; se vocês são ignorantes ou sábios, se vocês são tolos ou dotados de muita sabedoria, ainda assim isso permanecerá por si mesmo, e não pelos méritos de outro vocês podem subir um grau. O bebé precisa de ajuda para andar no início, mas que mãe fica feliz se o seu filho, ano após ano, não consegue aprender a andar sozinho? A grande proposta ética é, não apenas a fraternidade, mas antes essa individualidade, essa responsabilidade distinta e decidida. Se não houvesse outro ensinamento, se nenhuma proposição além desta tivesse sido dada pelas revelações do Espiritualismo, esta revelação teria sido de tal valor ético que a sua aplicação mudaria toda a estrutura da sociedade humana.

Que as pessoas pertencentes a denominações teológicas não acreditem plenamente, não aceitem plenamente e vivam esta vida irresponsável que lhes foi ensinada é devido ao facto de que há uma perceção nas almas de muitas pessoas, e nas suas mentes, além dos ensinamentos que receberam; e o facto de que os corpos dissidentes da fé antiga, particularmente as denominações liberais, colocaram os seus ensinamentos sobre a alta base ética do Sermão da Montanha e da Regra de Ouro prova que a perceção do espírito é maior do que os ensinamentos teológicos, mesmo por centenas de anos.

Mas a declaração que fizemos é a única declaração que ao mesmo tempo separa a humanidade da apatia, estagnação e, como dissemos antes, da proposição moral deteriorante e degradante que foi ensinada; de alguém fazer a vossa economia por vós, o vosso crescimento por vós, a vossa caminhada por vós.

É por isso que nos primeiros anos do Espiritualismo houve tal individualização; é por isso que todos os crentes caminharam em direções diferentes por sua própria responsabilidade e criaram os seus próprios propósitos sem consultar ou cuidar dos outros; é por isso que eles se afastaram o máximo possível do esforço organizado e associado, porque eles imaginavam que era a organização que os escravizava e os tornava inferiores nas suas perceções morais. Isso, é claro, explicará muitas dessas visões erráticas e vidas erráticas que pareciam voltar-se para o Espiritualismo como a única saída para as dificuldades do passado.

Mas além de tudo isso; estando a base certa, a sociedade estará certa quando adotar essa base, e a maioria dos espíritas foi ensinada pelos seus amigos espirituais de todas as mensagens que chegaram por todos os meios que conhecemos, mesmo médiuns que não eram em si e por si mesmos exaltados ou não tinham conhecimento preciso, esta proposição: de que vocês encontram os resultados da vossa própria vida tanto aqui como no futuro; que cada estado de existência é uma manifestação do vosso crescimento individual. Em seguida, a declaração que acompanha, como se fosse para selar esta declaração exaltada, há outra declaração: Nenhum ser humano tem o poder de julgar outro.

O preceito da restauração que Cristo ensinou, e a calúnia cristã, a censura cristã, o julgamento cristão e o envio de pessoas à perdição são todos eliminados; e as pessoas sabem que, se atenderem às dificuldades internas, se deixarem de lado as suas próprias imperfeições, se tirarem a trave dos seus próprios olhos, isso é tudo o que se espera delas.

Então, ainda outra desta maravilhosa linha de proposições éticas torna-se valiosa e praticável pela declaração de espíritos ministradores, que estão assim a desfazer os erros das suas vidas terrenas, superando os seus erros e realizando a sua própria salvação, é esta: que toda a ignorância é para ser curada com conhecimento, não punida; que todo o crime é uma doença e deve ser curado curando o paciente, não matando-o; não matá-lo aqui nem queimá-lo no futuro para sempre. Em outras palavras, vai até às raízes, não apenas das vossas instituições teológicas, não apenas do sistema de ética que cresceu por causa delas, mas vai até às raízes da jurisprudência moderna e do direito penal, e tudo o que se relaciona com o tratamento do homem ao seu próximo, e pronuncia a atual atitude do homem para com o homem imoral e desmoralizante para a raça humana.

Quando Robert G. Ingersoll diz que a verdadeira intuição de um homem que não é tolhido por falsos ensinamentos teológicos é que "é melhor fazer um homem do que enforcá-lo", ele ecoa a ética do Espiritualismo; o que havia sido ensinado nos últimos cinquenta anos pelos professores de filosofia espiritual. A monstruosidade da pena capital entre um povo cristão tem sido comentada, deplorada e denunciada por muitos indivíduos, mas nenhum sistema de ética foi apresentado, exceto no Espiritualismo, para mostrar por que é monstruoso, por que é insustentável, por que é contra todas as leis justas humanas e divinas, e que o crime deve ser tratado como uma doença, e a possibilidade de restauração final e retorno daqueles que estão sujeitos à doença como membros adequados da sociedade implicou que existem professores adequados, e que uma enfermidade moral pode ser corrigida e curada, assim como uma enfermidade física.

Vejam o que foi realizado em relação aos cegos: vocês têm asilos para cegos, e existem sistemas pelos quais os cegos podem ser ensinados a ler, com livros impressos em letras em relevo, o ensino de música, arte e aplicação científica de conhecimento até que os cegos não apenas ganhem o seu sustento, mas enfeitam e adornam a sociedade em que vivem. Com o instinto ou perceção que aumenta todas as outras faculdades, todos os outros sentidos pela cegueira, o cego intuitivo pode ver melhor do que muitas pessoas que têm olhos, e o mesmo acontece com os negócios. Acontece até que os coxos e aleijados em todas as direções são supridos com o que está em falta; membros e várias partes do corpo humano.

A cirurgia foi tão longe que a bochecha, o nariz ou quase qualquer outra parte do corpo que foi perdida ou desfigurada pode ser suprida ou restaurada. Vocês aplicaram este sistema de remédio até mesmo aos idiotas. O falecido Dr. Howe, de Boston, descobriu que havia meios de educar aqueles que são chamados de idiotas - não nos referimos agora aos idiotas intelectuais comuns que são expulsos de colégios e universidades e percorrem o mundo, mas aqueles a quem o mundo chama de idiotas –

que se não houvesse qualquer manifestação de inteligência, o som da música, ou alguma cor brilhante, ou alguma ação distinta de algum indivíduo em particular poderia atingir a consciência que parecia estar obscurecida. O Dr. Howe viveu para ver, por meio de experiências e ensinamentos, que mesmo essa classe de desafortunados poderia ser mensuravelmente recuperada, e que um idiota educado, um idiota que havia sido treinado e algo trazido dele era muito superior a alguém que não foi, pois o ser humano comum é superior, quando educado, ao que é ignorante.

DELINQUENTES MORAIS

No momento em que vocês entram na esfera moral, no entanto, no direito e na teologia, o delinquente moral deve ser punido. Nunca houve, até recentemente, qualquer tentativa de aplicar esses princípios de educação e cura à natureza moral e espiritual do homem. Os insanos foram tratados cruelmente no passado; eles agora são tratados com mais humanidade, mas não tão humanamente como serão quando maior conhecimento e habilidade prevalecerem, quando o espírito dominante de bondade controlar a doença que os controla.

Então, o que dizer do ladrão, do assassino, daqueles que traem a sua confiança em muitas direções da vida e são classificados como criminosos, e precisam de ser punidos, muitas vezes para rastrear criminosos maiores? Vocês mentem, enganam o vosso vizinho e passam, mas quando isso desabrocha em pequenos furtos, ou no banco num estupendo desfalque para o qual, se não for coberto por fuga ou por milhões, o infrator é enviado para a penitenciária. Um homem comete um assassinato e é preso; em muitos casos, ele tem um julgamento justo, mas, quer o tenha cometido ou não, o seu delito é tirar uma vida humana, e na maioria dos estados desta União ele deve ser punido com a retirada da sua vida.

Professando a religião cristã, a Dispensação Mosaica é aplicada: Vida por vida, “olho por olho, dente por dente”. Esta é a base moral das vossas leis. Algo está errado com aquele homem ou ele não teria matado um homem. Algo está errado com a nação ou ela não enviaria homens para matar outros homens; o problema é que o único assassino não é um Napoleão, um César, um Alexandre ou o líder de um exército cristão, então ele deve ser punido. De certa forma deve-se aos motivos dos líderes dos exércitos; um pouco deve-se ao que se chama patriotismo; um pouco deve-se à grande luta que se deve seguir pela liberdade da vida humana.

Mas quando vocês estiverem a lidar com criminosos, lidem com eles de acordo com a natureza da sua doença. Corrijam este homem que mata por avareza, ou vingança, ou porque se colocou em posição de ser morto se não matar o outro; tratem-no como alguém que está doente. Muito poucas pessoas matam porque podem amar; tais casos são conhecidos, alguns deles existiram no vosso próprio país, mas a parte mais estranha disso é que os homens que gostam de matar raramente são punidos, enquanto aquele que mata sob algum tipo de excitação e que manifestamente está doente dessa forma, não escapa da forca.

Toda a questão é uma questão ética. O crime é aumentado pela violência, e é verdade que o testemunho de execuções, que era outrora costume na Inglaterra e neste país, tem um efeito brutalizador. Nada gera tanta crueldade quanto testemunhar isso. Está a chegar o tempo em que essa proposição moral será cada vez mais reforçada; de que, se as pessoas têm uma tendência para matar, se as pessoas são irresponsavelmente zangadas, ou irresponsavelmente avarentas, elas serão submetidas a tratamento. Isso atingirá muitas linhas da vida; se houver uma tendência para roubar, não apenas se admitirá que existe uma doença chamada cleptomania, mas quase toda a família humana é um pouco cleptomaníaca; pois aproveitar-se do próximo numa transação comercial, embora não seja chamado de roubo, é, no entanto, roubo sancionado pela perversão da natureza moral do homem e permitido pelos usos do comércio e dos costumes da sociedade, é, no entanto, criminoso. Sobre esta base somente vocês podem alcançar a mais alta exaltação.

Se aquele que é elogiado por uma transação comercial afiada e aquele que é condenado por roubar um pedaço de pão para evitar que a sua família passe fome fossem colocados na balança espiritual, o julgamento seria revertido. Leiam novamente a ética do Sermão da Montanha e os ensinamentos de Cristo aos Seus discípulos, e então leiam a sua aplicação nos últimos cem anos e vejam se uma nova declaração de ética espiritual não é necessária no mundo. Nós não toleramos o crime de assassinato, simplesmente dizemos que o homem que comete assassinato está doente.

Onde estão os asilos da cristandade para os moralmente cegos? Onde estão as enfermarias para aqueles que são moralmente irresponsáveis? Onde estão as letras elevadas da ética cristã para ajudar aqueles que são moralmente cegos demais para ler corretamente? Onde estão todos os aparelhos para a cura espiritual que Cristo deu ao mundo para criar o fundamento de uma nova sociedade? O comércio continua a moer as suas rodas implacáveis, e o poder de Mamon, como o carro de *Juggernaut*, destrói a vida das vítimas que seguem no seu rastro. Fascinadas, desnorteadas pelo grande turbilhão de especulações, pelo que é tolerado na cristandade, essas vítimas rolam sob esse grande carro e são esmagadas. A natureza moral é rebaixada e a sociedade humana é rebaixada. Então vocês perguntam-se por que as vossas prisões e penitenciárias estão cheias.

Os jovens são criados na igreja cristã, são enviados para escolas dominicais cristãs, depois são colocados nas salas de contabilidade sob a administração competente de cavalheiros cristãos; eles veem os cofres cheios ano após ano com o preço da usura, e eles veem esses homens a lançar mercadorias a um valor fictício e a receber em troca ouro reluzente. Gradualmente, o instinto moral é minado; naturalmente, ver tanto dinheiro recebido como o preço de nada mina a sua estimativa da natureza moral do homem e os desfalques seguem-se. As jovens vidas são sacrificadas e os usurários e ladrões ficam livres.

Esta é a ética do mundo; é permitido, vocês não se assustam com isso, mas as pessoas perguntam-se então por que as vidas de jovens tão promissores são arruinadas, por que os homens crescem para todo o tipo de vício, afogando muitas vezes a voz da

consciência no copo inebriante. O estímulo da obtenção de ouro convida ao estímulo da embriaguez física; eles andam de mãos dadas destruindo os campos justos da vida humana.

O Espiritualismo diz que a especulação é uma doença, a sede febril de tirar vantagem do próximo é uma doença, a excitação que toma as pessoas quando se declara que há campos de ouro no Klondyke é uma doença. Essa corrida enlouquecedora para exceder e superar os seus semelhantes na manutenção do poder físico e exibição física é uma doença. Tudo isso pode ser curado pelo desmascaramento do espírito, fazendo-se conhecer que este não é o verdadeiro tesouro, esta não é a verdadeira vida; que um ato de afeição, um tom de bondade amorosa, uma ministração a outro que é menos afortunado do que vocês é de mais valor do que todas as riquezas mundanas que vocês possam obter.

Não, é la única expressão de valor real, a riqueza mundana tem apenas um valor fictício. A terra deve ceder à mão do homem aquilo que pode manter toda a vida humana em conforto, e até mesmo em abundância, se necessário; há produtos da terra suficientes para fazer isso. Mas é simplesmente a condição doentia da estimativa da vida humana, a falsa conceção do valor das coisas que impede que isso seja realizado. Portanto, isso deve ser cada vez mais corrigido pela ética do Espiritualismo.

Não é porque eles não são capazes de ganhar dinheiro que os espíritas em muitos casos, e quase todos, são pobres - é para seu crédito que há muito poucos milionários entre eles. Eles ganham o pão de cada dia, mas a maioria deles não troca as suas almas por Mamon; muito poucos podem entrar no tipo de negócio que lhes permitirá acumular riqueza. Isso chama-se falta do mundo, não é motivo de elogios, e muitos são ridicularizados por serem “impraticáveis” e outros por se contentarem com um pouco dos bens do mundo. Mas deixem-me dizer-vos que, se vocês não entrarem num acordo ou barganha pelo qual possam tirar vantagem dos vossos semelhantes, é para vosso crédito e para o crédito da ética que vos foi ensinada.

Temos alguns jovens que estiveram sob o nosso ministério por vários anos na cidade de Chicago, a quem foi exigido, quando entraram no emprego de certa firma, atuar como espiões sobre os seus companheiros de trabalho. Eles recusaram-se a fazer isso e perderam as suas posições. Que tipo de honra, que terra de integridade pode ser essa que obriga um homem a trair os seus companheiros de trabalho? Era um costume degradante que às vezes era praticado nas escolas o de nomear um dos alunos para vigiar durante a ausência do professor e contar o mau comportamento de qualquer um dos outros quando o professor voltasse. Foi um exemplo exaltado de um professor, que nomeou um aluno para fazer isso e quando o aluno estava pronto com todas as ofensas dos outros, disse: “Bem, o que você fez que não estava certo?”, não tomando nota das inadimplências* dos demais conforme relatado.

**(NT: Termo jurídico que significa incumprimento de obrigações)*

PADRÃO EXALTADO

O padrão, como dito antes, da vida humana é exaltado pelos ensinamentos do Espiritualismo. É o que vocês são, não o que vocês possuem; e o que vocês fazem como resultado do que vocês são, não a conquista e o glamour da vitória no mundo. O padrão é colocado diante de vós e cinquenta anos de provação mostraram que os espíritas estão hoje, não apenas tão elevados em excelência moral, não apenas tão exaltados na sua perceção do dever uns para com os outros, mas mais moderados, mais cheios de sobriedade, mais capazes de honrar os seus semelhantes, mais elevados à altura da emulação exaltada da fraternidade ou da fraternidade dos homens. Não dizemos isso para bajular.

Infelizmente! há muitas imperfeições entre todos; mas é verdade que a grande tendência dos vossos ensinamentos tornou impossível para eles fazerem as coisas que geralmente são feitas para o sucesso mundano; e os registos criminais mostrarão que, embora haja muitos que violam a santidade das vestes de Cristo para servir os seus propósitos, há muito poucos entre os espíritas que degradam os seus ensinamentos ou pensamentos dessa maneira.

Não sejamos cheios de elogios, o mundo ainda tem o seu domínio e influência sobre os espíritas; não é suficiente insistir no alto padrão da ética exaltante como declarado. A grande vitória deve ser alcançada, a conquista dentro e ao redor de vós deve ser conquistada, e esta grande guerra contra a maré invasora de Mamon deve ser travada. Felizmente os males monstruosos contêm em si os germes da sua própria destruição. Como o escorpião que, quando encurralado, pica até à morte, Mamon, com os seus poderosos anéis e o seu grande poder, produz a sua própria destruição.

MAMON VS. HUMANIDADE

Surge no mundo, fora das fileiras do Espiritualismo, a grande solução desta questão: De um lado está Mamon, do outro está a humanidade. A humanidade está a começar a perceber as suas necessidades e exigências. Mas a Luz do Mundo, ouçam o que dizemos! pois queremos dizer isto! a Luz do Mundo está neste Espiritualismo que chegou até vós. Nos últimos cinquenta anos, ela selou as almas humanas, bem como as vidas humanas. Faz o homem no calabouço saber que a sua vida na eternidade está sob a sua própria guarda, que a condição dessa vida dependerá da sua superação, superação e, finalmente, tornar-se o vencedor nas condições com as quais ele está cercado, e estabelece o *selo* do mais alto e sagrado esforço nas vossas vidas, e isso faz com que vocês sintam que, em vez de fazer alguma injustiça ao vosso vizinho ou amigo, vocês não seriam apenas pobres, vocês não apenas passariam fome, mas ao invés de elevar a vossa voz ou a vossa mão contra ele, vocês sofreriam a morte.

Chega um momento em que a humanidade se eleva à dignidade e ao padrão cheio de excelência moral. Espíritas, esse tempo está sobre o mundo, mais iminente do que vocês estão cientes. Vocês serão postos à prova; a força dos vossos ensinamentos morais será então medida; e, se vocês permanecerem nas vossas alturas sublimes, conscientes do vosso maravilhoso poder nas vossas vidas, verão então que a ética do Espiritualismo, embora parcialmente ensinada, embora pouco compreendida, embora apenas anunciada por meio século, ainda colocou a humanidade um grau acima na

escala do progresso humano, e a humanidade nunca pode retroceder, mas avançar para sempre!

ESPÍRITOS GUARDIÕES E ANJOS GUARDIÕES

SEU SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA

Discurso proferido pela Sra. Cora LV Richmond, Washington, DC, 19 de dezembro de 1897 (Pensador Progressivo, 19 de fevereiro de 1897, página 109) "Não são todos espíritos ministradores?" "Ele dará ordens aos seus anjos a respeito de ti."

Nas mais de cinquenta vezes em que a palavra anjo é usada na Bíblia, e nas muitas vezes em que a palavra espírito é usada, há, é claro, alguma distinção a ser feita. A palavra antiga da qual deriva anjo é muito sutil e refere-se a um mensageiro, mensageiro dos ciclos; a períodos recorrentes de tempo e, consequentemente, foi interpretado com dificuldade por aqueles não familiarizados com os ciclos de Magia.

Literalmente, um anjo era um mensageiro do ciclo e os arcanjos eram os mensageiros dos ciclos messiânicos; consequentemente, um arcanjo raramente aparecia, exceto para anunciar ou encerrar um ciclo messiânico menor ou maior. Este conhecimento foi o resultado da computação dos magos e daquelas ordens secretas onde a astrologia incluía tanto os ciclos astronómicos quanto os ciclos espirituais. Os anjos, porém, eram mensageiros dos ciclos das vidas individuais, bem como dos Messias.

Quer vocês aceitem como tradição ou mito, cada nação tem os seus anjos da guarda mitológicos, bem como espíritos ministradores. Os *Devas* do Oriente nada mais eram do que ministrantes sombrios e brilhantes, e os anjos das Escrituras derivam daquelas vidas ou seres celestiais que deveriam ter o controlo de grandes eventos na terra e de vidas individuais no seu estado mais elevado e sagrado.

No Oriente foi ensinado que, ao nascer, um anjo de luz e um anjo de sombra pairavam perto de cada vida humana, um induzindo ao bem, o outro ao mal ou à sombra. Isto foi derivado em parte das religiões parses e em parte das religiões hindus. Muitos outros povos acreditavam que um anjo de luz pairava perto de cada vida humana. Mas esse anjo de luz não conseguiu afastar as sombras nem impedir a experiência humana. Consequentemente, entre os judeus a interpretação era tanto do Oriente quanto do Egito. Quando dizemos oriental queremos dizer budista ou Bramânico.

O poder do anjo, no entanto, muitas vezes tem sido mal compreendido e mal interpretado. Há outra referência bíblica ao anjo em referência às crianças: "Vede que não prejudiqueis a nenhum destes pequeninos, porque os seus anjos sempre contemplam a face do pai que está nos céus". Nisto, "seus anjos" significariam as suas

próprias almas, a luz da alma, que nunca está separada do Infinito, ou do Pai, ou dos céus.

INSPIRAÇÕES PRINCIPAIS

Qualquer que seja a origem desse pensamento, ele é tão antigo quanto a história humana e deve ter tido a sua origem naquelas inspirações que são primordiais para todas as religiões. O guarda dos anjos é aquilo em que cristãos, judeus e pagãos acreditam. Até mesmo os índios norte-americanos chamavam os "manitous" menores aos espíritos dos chefes, sábios ou senhores falecidos, "os ministradores". O Manitou é a Divindade ou Grande Espírito; o menor Manitou é um espírito guardião ou anjo.

Façamos a proposição: muitas pessoas acreditam num estado futuro, mas acreditam que não há nada ordenado, que não há nada organizado, que tudo é casual, como às vezes parece ser na vida humana. Ora, o florista está disposto a acreditar que, por exemplo, a ordem do *lilium* tem naturalmente seis pétalas, e a ordem da rosa no seu estado natural tem cinco pétalas; é claro que há exceções, mas a exceção ilustra claramente a regra geral. Ora, porque o florista ou botânico descobre isso, ele não é obrigado a explicar por que é assim; ele simplesmente diz-vos que é assim, que é assim na natureza.

O materialista não critica essa explicação, porque assim se verifica e o botânico a descobre. É interessante traçar por todo o reino floral a planta ou flor particular que pertence a esse género ou espécie. Em todo o reino da natureza encontra-se uma certa ordem, uma certa harmonia, e o objetivo da ciência é descobrir essa ordem e, se possível, explicar a sua referência a leis primitivas; mas certamente nunca é necessário que, quando um cientista descobre uma lei ou regra pela qual as coisas são governadas, ele declare por que é assim. Simplesmente é assim.

Ora, no reino da mente, existem certas leis e regras que os lógicos reconhecem, embora as compreendam muito imperfeitamente, mas ninguém é obrigado a dizer por que é assim. O mesmo com a matemática; é simplesmente um facto que certas proporções, certos números, certas regras e certas relações governam os átomos, os mundos e as manifestações da natureza.

Também se descobre ser uma proposição natural que há uma certa génese da vida, e que nas formas orgânicas, especialmente nas formas animadas, quanto mais vocês se aproximam das formas antropológicas de vida, mais a ancestralidade, especialmente a filiação, se torna especial, distinta e pessoal, e finalmente na raça humana o parentesco particular é o objeto especial de consideração, e com muitos que estão a tentar descobrir através de meios materiais somente as leis da hereditariedade, a ancestralidade do ponto de vista físico é da maior importância. Raças de pessoas que se parecem umas com as outras dependem em grande parte da ancestralidade para as suas peculiaridades físicas.

Isso é admitido, embora todo o estudante da natureza humana esteja interessado em traçar, se possível, as proposições primárias relacionadas com isso. No entanto,

ninguém é obrigado, porque ele descobre uma certa linhagem de parentesco, uma certa descendência linear para uma determinada raça, a explicar o porquê.

É uma pergunta tola, por isso. É como o rapaz que não queria aprender o alfabeto. Quando o professor disse: "esse é o A", ele disse: "como sabe que é o *A*?" "Esse é o B." "Por que é o B?" Esse é o limite da aprendizagem. No momento em que o "porquê" começa a intrometer-se quando uma afirmação é feita como finalidade, é um fim para a aprendizagem. Vocês devem dar algo como adquirido. A figura hipotética do matemático é dada como certa; a letra hipotética do alfabeto é dada como certa; quando vocês aprenderem a ler, saberão porquê.

LEI DA MENTE E DO ESPÍRITO

Esta lei é verdadeira, embora não reconhecida, no reino da mente, do espírito e da alma. Mas porque as pessoas estão acostumadas a pensar que os pensamentos são acidentes, que o espírito é um fantasma ou um sonho, que não há lei ou regulamento sobre o espírito e a existência do espírito, elas recusam-se a considerar as proposições que dizem respeito ao governo, ordem e harmonia da existência espiritual tanto aqui quanto no estado espiritual.

Vocês reconhecem a filiação natural da vida, porque isso vos é imposto, embora existam milhares de seres humanos que nunca experimentam nenhuma da sua proteção no amor que é propriedade supostamente pertencente à vida paterna; há órfãos a chorar nas ruas, crianças no meio da pobreza e vergonha e degradação, que quase poderiam ter sido melhores sem pais materiais. No entanto, a grande lei da vida é reconhecida, e entre aqueles que têm afeto e desdobramento adequado, reconhecida com alegria, com ação de graças, com o devido apreço.

Admite-se que o amor ideal da humanidade é o amor de pai por filho, e de filho por pai, e das pessoas umas pelas outras que são verdadeira e harmoniosamente unidas.

Ora, é um facto que na comunhão entre os estados espirituais e no reconhecimento da natureza espiritual dos mortais se encontra uma relação, uma lei da mente e do espírito, aquilo que torna os pensamentos de dois indivíduos mais semelhantes, talvez, do que os pensamentos de dois outros indivíduos. Isso não vos foi imposto, mas descobre-se que é verdade, quer vocês escolham aceitá-lo ou não. Vocês podem negar a proposição referente ao lírio, mas isso não altera o facto; vocês podem negar a lei relativa às pulsações da luz, mas isso não a muda; a vossa ignorância não altera os grandes princípios fundamentais do universo.

É um facto que entre todas as pessoas não houve apenas o reconhecimento de um estado futuro para o ser humano, mas houve o reconhecimento da lei da relação entre aqueles que estão na vida humana e aqueles que estão além da existência humana, no estado seguinte ou na existência anterior, *à priori*. Tomemos, por exemplo, a lenda da Terra do Norte. Friega é a deusa benfazeja, a esposa do grande deus Odin, que habita no reino das almas; ela cuida das almas antes que elas assumam formas humanas.

Então, quando elas assumem a vida humana sob a orientação e tutela benéfica de Friega, anjos da guarda são designados dos salões de Valhala, da morada dos abençoados, para permanecer perto delas de uma forma ou de outra. Esse pensamento permeia todas as religiões, todas as assim chamadas mitologias do mundo.

É a crença de todo o coração de mãe intuitiva, especialmente quando o seu filho com a sua jovem vida pulsante é colocado pela primeira vez nos seus braços, que um anjo deve ter trazido essa criança dos jardins do paraíso, tão alegre é o pulsar do coração do amor materno, tão grato é o seu espírito por este novo tesouro de vida que lhe é dado. Quando vocês olham nos olhos do bebé, que com lágrimas e admiração contempla o mundo da vida humana, vocês quase podem ver a luz daquele reino imortal de onde veio, e que o pensamento do bebé começa a conhecer, vagamente, da sombra do nascimento humano.

Ninguém pode duvidar que a imagem ideal do anjo da guarda curvado sobre o berço do bebé adormecido seja verdadeira, ou seja, ninguém pode duvidar na sua natureza ideal. É apenas a fatuidade cega dos sentidos, apenas a escravidão do pó que faz com que as pessoas neguem isso. Então, quando se trata do vosso conhecimento através da consciência externa dos espíritos ministradores, dos anjos da guarda que vos foram revelados, volta então a realização do sonho ideal da vossa infância e da vossa mãe.

As classes de seres que guardam a vida humana podem ser arranjadas tão bem quanto a ordem das plantas, ou como estão arranjadas as classes de seres que vocês encontram na vida humana, só que vocês não conhecem o arranjo, vocês ainda não resolveram a combinação, vocês não entendem os vários mistérios éticos e espirituais das relações da vida. Mas suponham que vocês fossem um anjo (é claro que uma possibilidade muito ténue no momento presente, mas que vocês esperam com esperança), isso, que parece duvidoso, misterioso, desorientado e desprotegido, seria resolvido.

É exatamente como muitos problemas que um matemático proficiente pode desembaraçar; ou muitas cores; aquele que é proficiente em cores pode perfeitamente separar uma da outra; tudo o que há na vida humana que parece tão estranho, tão casual, tão fora de ordem, tão retinindo, “como doces sinos desafinados,” deve ser perfeitamente compreendido por aqueles que são sábios o suficiente para traçar os diferentes fios da vida humana, e entender que cada um tem significado e importância; que as relações da existência humana não são acidentais, mas organizadas de dentro e de fora de acordo com as necessidades e condições de cada ser humano.

Portanto, deve haver no reino espiritual e na vida angélica aqueles adaptados para vos guiar e guardar, provavelmente melhor para ministrar-vos do que muitas pessoas com as quais vocês parecem estar em contacto na vida humana, embora vocês estejam em contacto com um propósito, com o propósito de disciplina; o propósito do espírito ministrador e guardião deve ser para orientação e força.

O significado subtil da tentação de Fausto, que de uma forma ou de outra é retratada entre todas as pessoas, é que a vida humana deve ser tentada com o propósito da vitória final. Até o próprio Satanás, como diz Bailey na sua tradução de "Festus," é criado para ser salvo. Então todo o ser humano deve, não apenas ter um anjo da guarda que desde o nascimento carrega todo o conhecimento do ser humano através das várias transições, que não pode tirar nenhuma experiência humana, mas pode levar sempre para a luz, embora não possa obrigar-vos a caminhar na luz, mas espíritos guardiões que são adaptados de várias maneiras para sugerir, ministrar, estimular.

É verdade que os espíritos guardiões podem mudar, ou seja, um espírito guardião pode adaptar-se a vocês num período da vida e outro noutro. É um pai sábio, por exemplo, na vida humana, que sabe quais os professores mais adequados para ensinar os seus filhos. Sob os sistemas de instrução pública, vocês têm uma espécie de trituração mecânica das pessoas mental e intelectualmente, mas isso não deveria ser o verdadeiro ensinamento da vida; isso é o mero ensino de utilidade e método.

Algum anjo da guarda de um sábio deve ter sugerido o "jardim de infância," a lei de adaptação às crianças nesse método. Sob algumas dessas condições, ou ordem, dá-se a nomeação de espíritos guardiões. Às vezes são da vossa própria casa; naturalmente acrescentar-se-ia ao laço de consanguinidade a afeição mais profunda que não é meramente da relação física. Como a mãe tem o cuidado e a orientação dos seus filhos, o bebé não está separado dela no estado terreno, e ela sabe que, se aparentemente está separado dela pela morte do corpo, o tempo todo a criança é atraída pelo seu amor e o amor da criança por ela; então a filha ou o filho que deixou a vida terrena na juventude, a quem vocês se voltam com desejo inexprimível, ou o pai a quem vocês se voltam para conselho e orientação, que foi embora deixando-vos na vida humana; estes devem estar entre os vossos espíritos guardiões; existem muitos espíritos guardiões.

Ora, pensem num amor que é paternal, que é como irmão e irmã, que também é permanente, que não é infinito, mas que é inclusivo; suponham que o anjo da guarda, alguém que vos conhece por completo, que na hora do nascimento conhecia as condições precisas sob as quais vocês entraram na vida humana; que compreendeu a linha de vida que vocês necessariamente seguiriam, por causa das condições da vossa entrada na vida humana, das condições dentro de vós; aquele que poderia tão bem prever qual seria o vosso destino terrestre pelos ângulos da existência individual, pelas linhas de dentro e de fora, como o matemático pelos ângulos e linhas de incidência e coincidência pode prever os resultados finais dos cálculos geométricos; suponham que no período da vossa entrada na vida humana este anjo se encarrega, sabendo de tudo e designado para sempre habitar lá, decida quem serão os vossos espíritos guardiões, se alguma decisão for necessária, para que a lei da adaptação possa prevalecer.

Então imediatamente as pessoas dizem, sempre ansiosas para tirar uma conclusão e evitar o caminho do conhecimento e o caminho da sabedoria: "por que eles não me tiram da infelicidade?" Porque não é da conta deles manter-vos longe da tolice. A loucura é o resultado da falta de desdobramento.

Vocês podem perguntar, como diremos: “Por que a mãe humana não impede que o seu filho cresça?” Ela fá-lo às vezes involuntariamente, ela não pretende. Para que a criança cresça, não só a criança deve andar, mas a criança deve experimentar o conhecimento da sua fraqueza pelas quedas; é claro que a mãe apanha-o e repara as contusões, acaricia-o de várias maneiras para fortalecê-lo. Uma criança bem nascida não permitirá que vocês caminhem por ela, e o espírito, embora fraco, vacilante e sombrio, não deve esperar que os espíritos guardiões ou o anjo da guarda afastem as provações e tentações.

O que vocês devem pensar, o que vocês vão pensar quando souberem qual é a lei perfeita, que os espíritos guardiões vos ensinarão o caminho para enfrentar as provações, ajudar-vos-ão a superá-las, dando-vos mais conhecimento e mais força. Conhecemos mães e pais que passaram para a vida espiritual para dar esta mensagem escrita na lousa ou falada pelos lábios de um médium: “Meu filho, não posso esconder de ti as experiências necessárias da vida; eu não o faria se pudesse. Nós amamos-te, vigiamos o teu caminho, orientamos-te, mas tu deves aprender essas lições de vida.”

Assim, os espíritos guardiões, como os pais na existência humana, devem conduzir, mostrar o caminho, apontar a luz, apontar o significado da lição. O professor que é sábio, porque o aluno não consegue entender à primeira, diz por acaso: “Não importa, eu vou resolver o problema por ti; tu vais lá para fora e brincas; não importa, eu vou fazer a prática por ti, tu não precisas de fazer isto”? Não; o professor diz: “Esta é a regra; agora, meu filho, vou dar-te uma ilustração, depois deves resolver o problema por ti mesmo.” Até que o cérebro dessa criança seja treinado para saber o significado da aplicação da regra, o professor não deve parar, tentando influenciar a criança a resolver o problema.

Assim é com as propostas e dificuldades diárias que vocês encontram; nessa corrida louca para consultar os médiuns sobre como enfrentar essa dificuldade, como evitar esse obstáculo, como contornar essa tristeza, e a resposta é muitas vezes insatisfatória. Meramente insatisfatória porque ao mundo espiritual não é permitido pensar por vós, crescer por vós.

Temos em mente um homem de intelecto gigante, que desprezaria a ajuda de qualquer ser humano para resolver um problema de lógica ou matemática, mas que se afasta de um médium aparentemente desgostoso porque o seu pai, a sua mãe ou o seu espírito guardião não resolverão um problema moral por ele, que o colocou nos seus próprios recursos, ou, possivelmente, uma falsa solução é sugerida para que ele encontre a verdadeira. Assim como o professor humano faz.

Muitas pessoas esperam do mundo espiritual não apenas a verdade absoluta, que não podem compreender, mas a verdade relativa, mas não levam essa condição consigo para o médium. Um espírita que o vosso orador conhece disse: “Os espíritos muitas vezes dão respostas falsas, mas a resposta falsa é a resposta verdadeira.” Isto é, se vocês forem a eles para orientação, se vocês os buscarem por força e luz; vocês não devem ir a eles como autoridade; se o fizerem, certamente descobrirão que este não é o caminho da luz, nem o caminho da tutela. Os espíritos respondem a partir das suas

próprias condições; às vezes os espíritos guardiões, os superiores, respondem de acordo com a vossa necessidade. Então, muito à frente nos anos que se seguem, vocês olharão para trás, para a mensagem que foi dada, mas que não entenderam, e dirão: "Oh, vejo agora o significado daquela mensagem que parecia tão cega. Vejo agora a força que me foi dada na hora em que precisei."

LEI DO DESENVOLVIMENTO DA VIDA

É uma lei do desenvolvimento da vida que qualquer espírito que seja colocado em relacionamento ou contacto com vocês seja apenas para orientação e sugestão. Se vocês buscam autoridade, os espíritos vão dar de acordo com o melhor do seu conhecimento e sabedoria, mas a autoridade não deve ser absoluta, ou vocês ficam mais fracos do que uma criança, e apoiam-se neles quando deveriam andar sozinhos, usam as suas muletas quando vocês devem ficar sozinhos. É este apoio à autoridade que constituiu o pauperismo espiritual e o empobrecimento espiritual dos séculos. É "tu deves, diz o Senhor," em vez de "tu crescerás e aprenderás".

Claro que existe a verdade absoluta, existe o modo de vida absoluto, existe a solução final das proposições morais do Universo como existe na matemática, mas vocês têm que crescer até ela, para aprendê-la. Para perguntar ao mundo espiritual: "é certo que eu faça isso?" é mostrar fraqueza; é claro, na infância da condição humana, eles guiam e conduzem de muitas maneiras; mas os anjos da guarda não conduzem e guiam os mortais à sua fraqueza; deve haver o poder de decidir, o limite dessa incapacidade de decidir por si mesmo. Então, chega a vocês de maneiras que são fortalecedoras, maneiras que são necessárias, maneiras que o confundem.

O homem de intelecto, o cientista, vai consultar o mundo espiritual sem se importar com todo esse reino de lei ética e espiritual, e espera aplicar à mensagem de um espírito que partiu a regra da química, ou geologia, ou astronomia, ou matemática, pois ele estudou tudo isso; ou espera aplicar la lei da mera lógica humana. Se ele entrou no reino da moral, se ele compreende as grandes proposições éticas da vida, se ele, em certa medida, se familiarizou com elas por estar associado àqueles que são chamados de criminosos, aqueles que são chamados de loucos, aqueles que têm alguma obliquidade que o mundo reconhece, então ele pode ver que existe uma lei de adaptação.

Supondo que vocês estivessem encarregados de um lunático; nessa acusação vocês não aplicariam as mesmas regras que aplicam a pessoas que não deveriam ser insanas. Há muitas vezes em que contradizer um lunático é produzir a maior violência possível; a mente não é capaz de receber o que é realmente o facto; vocês devem, em algum grau, curvar-se aos caprichos do lunático. Vocês já pensaram que o espírito guardião faz isso nas mensagens que vocês recebem; que às vezes o facto absoluto, ou a verdade absoluta, é tão estranho à vossa condição atual que vocês ou desacreditariam inteiramente ou seriam como um maníaco delirante, totalmente despreparado para recebê-lo.

Vocês curvam-se muitas vezes às condições da infância; há um grande número de proposições humanas que vocês não podem ensinar a uma criança. Algumas pessoas dizem que não é certo enganar as crianças. Então tudo o que vocês têm a dizer é: "Espera, minha querida, até cresceres e aprenderes mais, então entenderás". Vocês já conheceram uma criança que ficasse satisfeita com essa resposta?

Quando vocês, crianças adultas, vão ao mundo espiritual em busca de mensagens, talvez além do vosso conhecimento atual, além da vossa possibilidade atual de conhecer ou entender, ou além daquilo que é judicioso para vocês receberem, vocês ficam satisfeitos quando a resposta vem: "Não posso dar-lhe uma resposta agora?" No entanto, a lei infalível da tutela é a adaptação, é o fortalecimento, é apontar as lições da vida como elas vêm diariamente.

Então, às vezes, os guardiões vêm e produzem na lousa ou na mente, em suas sentenças incomparáveis, exatamente o conselho, exatamente o conselho necessário; para o cético, o zombador, aquele que busca egoisticamente uma resposta direta sobre os assuntos humanos: "Mas essas são apenas generalidades brilhantes", diz ele; embora a tristeza específica seja sempre consolada, a dificuldade específica que sempre lhe dizem que vocês devem enfrentar da maneira que for melhor e mais sábia, e se pela vossa persistência for dada uma resposta mais direta, mesmo assim ela não vos satisfará.

Há pessoas que só buscarão tutela para descobrir minas de ouro, poços de petróleo ou alguma fonte de riqueza material. Quando a resposta não se torna realidade, é um choque para a sua natureza espiritual ideal? Não! Se todo o mundo espiritual se tornasse caçadores de ouro, de que valor seria a tutela? Como o mundo seria beneficiado espiritualmente se, em vez da grande verdade primordial da tutela, o anjo anunciasse através da sua trombeta: "Ho, for Klondike!" vocês considerariam isso como o conselho mais exaltado? Ou se, às vossas próprias portas, as brigas diárias sobre as coisas humanas, as barganhas mesquinhas nas quais vocês esperam ganhar vantagem sobre o vosso vizinho fossem o principal conselho dado? Ou se, como um especulador proeminente em Chicago, vocês pensassem que tinham um sindicato no mundo dos espíritos composto pelos Vanderbilts, os Goulds, os Astors, quem vos diria como tirar vantagem do vosso vizinho, do vosso irmão, vocês considerariam isso como a tutela mais exaltada?

Erros necessariamente ocorrerão em qualquer conselho, e é de acordo com o plano mais adequado que eles devem ocorrer. Se vocês devem buscar conselho nessa direção, o desejo mais glorioso que o vosso anjo da guarda poderia oferecer é: "Oh, que o conselho possa estar cheio de erros", caso contrário, o mundo inteiro simplesmente enlouqueceria ao buscar tais santuários, tais conselhos para coisas materiais. Os oráculos foram afastados do homem por causa disso; os antigos santuários tinham que ser protegidos por causa disso; e aqueles que buscavam espíritos familiares tinham que ser condenados porque buscavam apenas atividades terrenas.

Então alguém pergunta com grande plausibilidade humana: "Os nossos amigos espirituais não se interessam pelo nosso bem-estar material?" Certamente eles se

interessam pelo vosso bem-estar; se ainda são muito humanos, consideram, talvez, que o vosso bem-estar material é importante e tentam ajudar-vos dessa maneira, e às vezes fazem-no de forma limitada; mas o anjo da guarda, que sabe que o vosso bem-estar material não é o mais importante, que não é o único objetivo e proposta da vida humana, e que aqueles que mais conseguem obter posses mundanas – marquem a proposição – aqueles que conseguem sucesso, fazem-no à custa dos tesouros morais e espirituais da vida.

Alguém veio até nós e disse: "Por que não podemos ter todo o dinheiro que queremos para uma boa causa?" Nós dissemos: "O quê! vocês invejam o dinheiro do mundano? Isso é tudo o que ele tem, e é um tesouro muito pobre e fraco para se apoiar. Deixem-no tê-lo, pois ele precisa; mas vocês, que têm a verdade, vocês que têm conhecimento do amor, podem dar-se ao luxo de sacrificar coisas menores, podem dar-se ao luxo de ser pacientes, de ser fortes em meio a toda essa fraqueza material". Quando Mamon se volta para servir a verdade, cuidado! Mas chegará o tempo em que todas as coisas necessárias fluirão para aqueles que precisam, porque não haverá dois altares de adoração humana, Deus e Mamon; haverá apenas Deus, isso significará humanidade. Cada vida deve ser paciente se entende, cada coração deve ser paciente se anseia por este fim.

Mentre tanto, anjos da guarda, espíritos e ministrantes estão esperando e vigiando, e estes, por sua vez, são guardados e guiados por aqueles que estão acima deles. Muitas vezes, quando os vossos amigos espirituais vos dão uma resposta a alguma pequena pergunta humana, a resposta vem: "Não tenho permissão para dizer isso". Então é que o anjo da guarda se interpõe e põe o selo sobre os lábios que falariam ou a mão que escreveria. "Não é o melhor, esse não é o tipo de informação para dar; hoje não; não a esta hora." Mas quem já ouviu os limites para aqueles que buscam o alimento espiritual e divino? Pois quando vocês buscam esse conhecimento, esse pão da vida, esse entendimento espiritual, mesmo assim ele vem de acordo com a vossa necessidade.

Quando Jesus disse: "Tenho muitas coisas para vos dizer, mas vocês não as podem suportar agora", Ele quis dizer tudo o que estava por vir na grande e terrível aflição que se seguiria, e Ele quis dizer aquela luz clara e branca da verdade, aquele amor absoluto, que os discípulos não conheciam. Basta pensar, quando Lhe perguntaram quem seria o maior quando Ele entrasse naquele reino dos céus, mostrando a fraqueza humana, o egoísmo humano e o desejo de promoção. Vocês sabem a resposta d'Ele. Não pode haver maior no reino perfeito.

Muitos espíritas procuram saber como alcançarão a maior altura no reino espiritual, como lhes será atribuído o lugar mais alto. Mas não é melhor saber o que é verdade, seguir bons caminhos e orientações? Vocês não entendem que não há recompensas de mérito, no sentido de preferência externa? Essa competição que é a grande maldição da existência humana e a sua necessidade; este desejar o primeiro lugar, a posição principal, em vez da excelência por si mesma; tudo isso deve ser mudado pelo perscrutador de corações, pelos anjos da guarda, que instruem os espíritos ministradores que são designados para fazer esse trabalho de várias maneiras;

para vos testar, para vos guiar, para vos fortalecer sem vos enfraquecer, para dar a luz que lhes vier a dar.

Oh! a bem-aventurança de saber que não se está só, a bem-aventurança de saber que não se é negligenciado, que o órfão e o pobre, abandonados pelos seres humanos, ainda estão tão próximos do amor infinito, tanto objetos de terno cuidado e piedade quanto qualquer um, e não são negligenciados.

SE ELE FOSSE DEUS

O Sr. Ingersoll diz que, se ele fosse Deus, não teria infelicidade no mundo. Então, se ele fosse Deus, teria que remover primeiro todo o egoísmo. Mas o caminho é através da conquista pessoal, e alguns daqueles que têm a fraqueza de não olhar para a tristeza porque isso os deixa desconfortáveis, terão que vencer o seu egoísmo e ministrar à tristeza. Muitas pessoas são muito generosas; isso não é beneficência real nem caridade; são generosos apenas porque não querem ver uma mulher chorar, não querem ouvir um bebé chorar. O que foi que levou Florence Nightingale a seguir os rastros do exército em retirada e expiração, senão o grande galante da simpatia humana, forte para vencer a fraqueza que não suporta ver o sofrimento?

Eles simpatizam mais verdadeiramente com aqueles que se sentam e choram impotentes ao lado do leito dos doentes e sofredores? Eles realmente confortam aqueles que dizem: “Oh, bem, eu não vejo como você vai dar-se bem; sinto muito por si”, mas nunca sugere um remédio? O grande segredo do cirurgião está na coragem que transmite; o verdadeiro simpatizante ministra dando força amorosa para ajudar a pessoa nas grandes dores do sofrimento, o que não é condenação nem tolice ceder à piedade por sua condição. Entre esses dois está o caminho dourado da ministração. Sinto muito por si na sua fraqueza e enfermidade, vou mostrar-lhe um caminho que é mais excelente: seja homem, seja mulher, nunca há um tempo em que a esperança se perca totalmente, nunca há um tempo em que você não possa voltar; não apelando ao medo ou à ira de um Deus irado, mas ao grande Amor que é eterno, à luz guardiã que nunca pode falhar, ao facto de que cada alma humana é tão valiosa quanto qualquer outra alma à vista do Infinito amor.

Ah! a guarda dos espíritos, o doce conforto na hora da dor, a força dada na hora do mais profundo desespero! Vocês conheceram pessoas numa condição onde não havia nenhum raio de luz, onde aparentemente todos os caminhos estavam fechados, onde parecia não haver força de fora, e de repente viria sobre elas, transmitido por este poder luminoso, por esta força de dentro e de cima, por este anjo da guarda, tal luz que elas exclamariam: “Agora tenho esperança, nada na vida exterior ocorreu para me fortalecer, mas sei que posso seguir em frente”.

Esta é a verdadeira vitória. Vocês devem ajudar-se uns aos outros para obtê-la; vocês devem ministrar com as mãos onde quer que esse ministério seja necessário, ministrar com a voz onde for necessário; vocês devem voltar-se para os vossos espíritos guardiões, não para dizer, como uma ilustração do lado humano, “deixe este cálice passar de mim”, mas eis que “eu venci o mundo!” significando a tristeza, a

tentação, a fraqueza das condições humanas. Então, finalmente, nesta vida, os vossos espíritos guardiões, os vossos amigos ministradores, não serão apenas companheiros familiares, não apenas conselheiros, guias e amigos amorosos, mas iluminarão o vosso caminho, até que em algum momento supremo, em alguma hora de transfiguração, o véu espiritual será removido, e eis! o vosso anjo da guarda, que nunca falha convosco, está revelado no amor eterno que permanece para sempre.

O ESPIRITUAL ENQUANTO GUIA DA VIDA

A Árvore da Vida que deve crescer no jardim imortal do paraíso, onde os frutos estão pendurados para a cura das nações, não pode ser o produto de um único dia, nem de um ano, nem de um século de crescimento. A verdade espiritual ou é eterna ou não tem lugar permanente no universo; é apenas imaginação, sentimento, metafísica, filosofia, poesia, mas não realidade, e se a verdade espiritual permanece na eternidade, ela espera pelo crescimento. Ela pode permitir os séculos de avanço lento, pode permitir a repetição dos seus raios, pode permitir a aparente escuridão que se eleva para eclipsar o seu brilho. Cada advento da verdade espiritual é acompanhado por um impulso que por um tempo parece render ao mundo uma colheita, pelo menos a promessa de uma colheita, de maiores e melhores triunfos.

Os profetas surgem, os salvadores nascem, os apóstolos saem sabendo que a verdade é vivificada com a evidência do poder de Deus; o mundo espera, mesmo contra a experiência, um triunfo completo do propósito espiritual. A onda recua, as nações ficam um pouco na escuridão. Surgem discussões, o intelectualismo toma o lugar do culto espiritual, e as eras se perdem então na teia emaranhada de sofismas tecidas da vida externa. Nenhuma verdade religiosa veio à terra que não tenha experimentado esses vários estágios. Nenhuma virá até que, naquelas eras que ainda estão por acontecer, a humanidade nasça com impulsos espirituais adequados não apenas para superar os sentidos físicos, mas também as tentações intelectuais que existem na terra.

A espiritualidade é tão diferente da sua proposição intelectual quanto a regra de ouro de Cristo é diferente da sua aplicação no mundo de hoje. A verdade espiritual é tão essencialmente diferente da declaração do código moral intelectual quanto o sentimento de amor que penetra no coração humano é diferente de uma declaração dele por um terceiro. Nenhum conhecimento adequado, experiência, poder ou princípio de bondade é transmitido por regra. A matemática não contém moralidade, e a ciência da geometria não é em si um código de moral.

Os códigos de moral adotados, tanto pelos países cristãos como pelos pagãos, devem necessariamente conter um pouco de vitalidade espiritual no seu início. Como códigos, eles não significam nada; os preceitos não têm valor, mas se a alma for permeada pela mesma essência que lhes deu origem, constituem um ponto de reconhecimento entre o presente e o passado e são como índices para mostrar que

outros pensaram os mesmos pensamentos, realizaram as mesmas inspirações e sonharam com as mesmas possibilidades para a humanidade.

Ninguém pode ser propriamente um moralista no sentido meramente intelectual e ainda levar uma vida espiritual. O moralista não pode fazer nada em desacordo com o código do decálogo; ele não pode violar nenhum dos mandamentos; ele não pode violar a Regra de Ouro; mas se ele não classificar afirmativamente, portanto, não tem o ímpeto e o poder espirituais. Se o homem se abstém de fazer mal ao próximo e também não se engaja ativamente no bom trabalho, ele apresenta o negativo da bondade, o negativo do mal; para todos os propósitos morais do universo, ele é um vácuo, e em torno desse vácuo podem congregar-se vários resultados sociais que são negativamente bons, mas a menos que o homem não apenas se abstenha de ferir o seu próximo, mas procure fazer algum bem ao próximo, a menos que ele não apenas se abstenha de raiva, condenação, censura, crítica, calúnia e outros males de natureza social e moral oculta, mas também pratique algum ato de bondade, proteja ativamente o nome do seu próximo com palavras de caridade, pratique boas ações em todas as oportunidades, expresse a sua vida nos impulsos superiores da humanidade superior, ele não é, portanto, um poder espiritual ativo na sociedade humana.

O problema com os impulsos religiosos é que eles tomam o lugar, primeiro, da forma ativa de adoração, depois, das boas ações, e finalmente retrocedem para a condição negativa de não-ação – isto é, abster-se de qualquer coisa realmente errada. Isso, é claro, é considerado um grande ponto no mundo moral. Não o negamos, considerando o que os homens realmente fazem sob tentação. Mas, ao mesmo tempo, aquele que entende as leis do poder e da atividade espiritual sabe que a natureza não apenas abomina o vácuo, mas o negativo, e que aquele que se abstém do mal, seja porque o preceito moral é forte dentro dele como uma proposição intelectual ou por medo das consequências, não está absolutamente sob o controlo espiritual da religião, mas está sob o controlo intelectual de uma proposição de moralidade.

As leis de moral pertencentes à igreja cristã estão ativamente em voga apenas, talvez, nas mais simples e humildes esferas da vida. Nos graus mais amplos da sociedade, elas são violadas negativamente, violadas ativamente, sem conhecimento, e o mundo flutua na ignorância do facto de que o tecido social, moral e político de todo o globo civilizado é uma violação perpétua da Regra de Ouro.

Chocaria qualquer adorador fervoroso e devoto em qualquer santuário cristão hoje em dia dizer-lhe que em todos os dias da sua vida ele estava a violar a Regra de Ouro e os preceitos do Sermão da Montanha de Cristo, e, no entanto, tal é a construção da sociedade que isso é inevitável, se alguém vive e faz parte da estrutura social existente; e os governos baseiam-se numa violação dela; a sociedade baseia-se numa violação dela; as regras do mundo civilizado e esclarecido proíbem a sua plena praticabilidade, e ele é um recluso ou um excêntrico, excluído do mundo social e excluído de todas as relações comerciais, políticas e outras com a humanidade, quem ousa seguir a Regra de Ouro em espírito assim como em letra.

Eu não estou a fazer esta afirmação muito forte. Aplica-se a todos os que estão aqui, bem como àqueles que estão ausentes; é uma parte da existência que vocês naturalmente, como supõem, herdam; que é herdada da estrutura social sob a qual vocês vivem e em relação à qual, provavelmente, vocês não têm mais responsabilidade ou conhecimento do que têm pela cor dos vossos olhos e cabelos. Mas uma parte da responsabilidade vem com o conhecimento do facto; e a natureza espera que o homem, na proporção do seu conhecimento, obedeça às suas leis. Assim, as forças morais do universo esperam que o homem, em proporção ao seu despertar, alcance o ponto de triunfo pela conquista, não apenas sobre o que é pessoalmente errado em si mesmo, mas sobre uma condição na sociedade que constantemente força os seres humanos a cometer erros que estão estabelecidos na lei espiritual como sendo uma violação dos seus preceitos e forças.

Porém, o indivíduo a quem esta proposição será apresentada – provavelmente nove décimos dos que estão aqui presentes – dirá: "Se nos engajarmos ativamente na plena expressão da lei espiritual, como a conhecemos, somos impedidos de cumprir o nosso dever para com a nossa família, os nossos amigos; não podemos existir nos negócios, na vida social; deparamo-nos logo de início com o obstáculo da fome." Mas isso é alguma prova? Se a lei moral exige mártires, por que não vocês, assim como outro? Não se considerava nada nos dias do martírio perecer por causa de um sentimento, um credo, uma fórmula de culto.

Não era considerado nada no tempo dos huguenotes matar um homem por causa da opinião. Se é facto que a Regra de Ouro é impraticável, e que o homem não pode viver expressando-a, de que valem dois mil anos de ensino? Toda a agregação de riqueza que está nesta cidade gasta no ensino da Regra de Ouro neste dia, evitaria que milhões de pessoas passassem fome que agora estão famintas por pão.

Se no século XIX se descobre que o sentimento moral de todo o mundo foi um erro; que nem o hindu, o parse, o brâmane, o budista, o hebreu ou o cristão estavam certos; que nem o *Zend-Avesta*, o *Sinistro*, o *Alcorão*, as Bíblias de todas as Índias, o Novo Testamento, contêm o espírito essencial do que é praticável na vida; se for descoberto que os ensinamentos de Sócrates, Platão, Zoroastro, Confúcio e todas as mentes cujos nomes aparecem em letras consteladas como guias para a conduta humana estavam errados; se se verificar que as aspirações do poeta, do filósofo, do vidente e do sábio não têm fundamento, e que essas aspirações não pertencem a nenhum impulso de vida possível, mas sim a um *fogo fátuo* nascido de uma fatalidade que o homem não pode superar, deixem-na hoje de lado como regra de ação. Nem que fique em trajes zombeteiros na entrada do templo e do santuário, nem que seja exibida em todos os departamentos de literatura, nem que seja a regra de orientação para crianças pequenas lerem e tentarem imitar até que sejam suprimidas pelos pais super-sábios ou pela escola mundana na qual elas ingressam na idade adulta.

O livro da escola dominical pode ser rasgado, o comportamento sabático da educação humana deixar de existir, e a humanidade ser colocada sobre uma base prática de vida, que é a sobrevivência do mais apto, o sucesso do mais forte, o triunfo do que tem o maior poder físico, e a lei da evolução pode ser desenvolvida num

código. Se for certo que o homem viva sobre uma base material, que a filosofia material prevaleça, que prevaleça. Mas não tenhamos Bíblias, Novo Testamento, código de moral, poesia, filosofia, que ensinem algo diferente, algo tão sublimemente em desacordo com o uso diário da vida e os ensinamentos da filosofia material.

A lei que governa a criação bruta, a lei da qual surgiu a teoria darwiniana da vida, é infelizmente uma parte da lei que prevalece na sociedade: o mais rápido vence a corrida, o mais forte vence. Aqueles que são maiores em material podem vencer os mais fracos, e não é mais costume na vida humana que os homens matem os seus inferiores, fisicamente, quando os encontrarem na rua. Eles agrupam homens e a nação mais forte mata a mais fraca. Ou, se for no campo do combate comercial, aquele que é o mais forte intelectualmente mata aquele que é tão infeliz que não possui uma mente tão forte. Mas no campo da vida social é o triunfo de quem tem, talvez, a maior quantidade de riqueza física e a maior quantidade de orgulho, ambição, tirania e poder para dominar os seus semelhantes.

Esta é uma imagem unilateral. Se esse lado fosse o único lado humano, e se fosse verdade que a lei espiritual nunca pode formar a base da ação humana, esse seria todo o lado a apresentar; e eu deveria apenas dizer-vos que é o mais alto código de moral derivado da natureza física; esse homem deve atacar o seu irmão onde quer que tenha oportunidade, ou onde achar necessário fazê-lo; que ele adquira toda a riqueza que desejar, como o poder é certo; que ele deve, se fisicamente mais forte, destruir o mais fraco para que o mais apto prevaleça; que ele também determinará quem são os mais aptos, por leis de poder e legislação como em convocação solene, chamada "Congresso das Nações", estes determinarão, e em todos os aspetos o homem viverá para si mesmo, pois não há mais nada para ele para viver.

Mas como este, eu digo, não é o único lado, e como o outro lado brilha mais brilhante, apesar de a sua superfície ter um lado temporal e material de existência, pois é apenas na superfície, enquanto o espiritual é mais profundo, profundo e permanecendo, apresentarei o outro lado e dir-vos-ei que em todos os detalhes essenciais para os quais a vida é valiosa, a regra de ouro da abnegação, física e até intelectual, da imolação do eu, se necessário, no santuário do princípio, ou num altar de sacrifício, constitui não apenas o mais elevado ideal de vida, mas o mais alto pensamento de amor na veneração do mundo, e que a humanidade não admira tanto o heroísmo do campo de batalha, nem tanto a conquista de exércitos, nem tanto o triunfo dos Alexandres, dos Césares, dos Faraós do mundo, como o triunfo daquele que, pelo seu país, sacrifica a sua vida; a vítima que sobre o altar é imolada; o mártir que morre para sustentar uma verdade, como supõe.

Cristo no Calvário, que perece por causa da verdade, e que ao longo da brilhante linha de heráldica que a história regista nenhum nome é considerado tão sagrado quanto aqueles que através do heroísmo salvaram um país, nação, cidade ou um ser humano da destruição; e que aquele que caminha nesta vida com o eu sob os seus pés torna-se o triunfo dos tempos, e é apontado por filósofos, estudantes, estoicos e teólogos materialistas, igualmente, como sendo o mais alto exemplo de humanidade.

Não apenas isso, mas a humanidade em todos os lugares responde a esse sentimento elevado.

Visitem qualquer prisão, qualquer cela de masmorra, os lugares mais sombrios de Londres, Paris, Nova Iorque, reúnam uma multidão de homens e contem-lhes um ato de heroísmo contra a tirania, e todo o homem clamará a favor do heroísmo e contra o mal. Entre os seres humanos mais depravados, um ato de virtude é elevado e exaltado, enquanto um ato de vício, tirania ou vergonha é condenado.

O que isto significa? Significa simplesmente que dentro e além da superfície aparentemente incongruente da vida humana, aquela que lida com miséria, pecado e vergonha, há um certo acorde sintonizado com o mais alto que a natureza e Deus podem dar; não apenas ao canto dos pássaros e ao gorjeio das cordas da natureza através de cachoeiras e folhetos, e cantores emplumados, mas sintonizados com os mais altos impulsos, onde virtude, integridade, pureza, veracidade e tudo o que pertence à exaltação humana ganha um triunfo imediato nos corações daqueles que os contemplam, mesmo que esses corações estejam conscientes de estar na escuridão do desânimo.

O poder espiritual, então, é um poder que se exerce apesar das falhas, defeitos e perplexidades da vida, e supera a escuridão das eras intermédias por arcos divinos de triunfo, arcos que são formados de heroísmo humano, de profecia, desse propósito divino que algumas vidas assumem e necessariamente devem produzir a colheita para o homem. Santos e heróis na guerra moral existem indubitavelmente para esse propósito; que esses arcos não se percam; que os pilares sobre os quais eles são erguidos não sejam afundados muito abaixo da superfície, e que a humanidade possa ser fortalecida por períodos recorrentes de poder espiritual, quando a discórdia, o conflito e a contenda serão superados pelo espírito da verdade.

Peço a vossa atenção para isso, pois está um pouco em discussão diante das vossas mentes no grande mundo do pensamento, naquilo que habita os corações dos homens. Se a vida for meramente intelectual, se o padrão de excelência humana for governado meramente pela lógica e pela inspiração, então todo o mártir foi um tolo, todo o filósofo um idiota, todo o profeta um imbecil ou um lunático, e os Messias do mundo impostores de nível mundial que procuravam dar à humanidade o que eles sabiam ser falso.

Se, por outro lado, é verdade que prevalece um princípio espiritual permanente, que o universo está repleto de poderes que vocês não podem perceber porque os vossos olhos estão embaçados, e esses poderes são como a luz na atmosfera que não pode ser discernida exceto pelo contacto com corpos opacos ou por sua remoção — como a própria atmosfera que não pode ser descoberta, mas apenas conhecida pela sua presença penetrante, então — se isso for verdade — que a vida espiritual e o fervor permanecem; que o triunfo do vidente e do santo é algo mais do que um *ignis-fatuus* para levar-vos a uma certa destruição; que a espiritualidade e a inspiração são poderes que pertencem à verdadeira natureza do homem; que a superestrutura da vida é mais alta, mais ampla e mais profunda do que a terra e do que o mero corpo físico do

homem, e que essa vida tem o seu fundamento e firmeza na terra apenas por um tempo, enquanto a sua fonte superior está no centro espiritual, a própria alma do homem; então é preciso que, depois de um tempo, esse poder espiritual elimine o *incubus** externo que surge do contacto com la terra e faça da vida de um homem uma expressão adequada do espírito que está dentro, faça do ser humano o santuário e altar e templo planeados pelo Divino Criador, aquele princípio divinamente criativo que busca a perfeição de cada impulso de existência nas ordens inferiores de existência, a perfeição da sua espécie; na ordem superior, a perfeição da sua espécie; no homem, ou a zombaria de um ápice sublime sem propósito ou a perfeição daquele ser que permanece na imortalidade.

**(NT: Ou íncubo, que no folclore medieval e cristão significava um demónio com forma masculina que visita as pessoas (geralmente mulheres) durante o sono. Segundo a lenda, este ser deitava-se sobre as vítimas adormecidas para ter relações com elas e drenar a sua energia vital. O equivalente feminino deste demónio chama-se súcubo (succubus).*

Vocês têm de escolher em coisas pequenas, bem como em coisas maiores. Vocês não cometeriam assassinato; isso é um crime. Vocês fariam algum ato de injustiça ao vosso próximo? Não conscientemente. Podem fazê-lo com raiva; podem ignorantemente. Uma palavra é muitas vezes como um punhal; uma única observação mata muitas horas felizes; e o contacto com os vossos semelhantes, na vida quotidiana, desperta continuamente os atributos egoístas do ser físico, enquanto apenas nos momentos mais calmos de meditação e retiro são despertados os atributos espirituais.

Vocês sairão deste edifício provavelmente em plena posse do pensamento de que a Regra de Ouro é a mais elevada, é a melhor e é a orientação ou deveria ser de toda a vida humana. Como será amanhã? O espírito irá acompanhar-vos ao balcão, à rua, aos vários locais de negócios? Será que o egoísmo surgirá nas vossas relações com o vosso irmão? Vocês vão enganar? Vocês vão usar de equívocos? Vocês vão, de alguma forma, roubar à vossa alma a sua representação legítima, seja no vosso semblante, na vossa ação, na vossa palavra ou no vosso ser? E se vocês não o fizerem, então vocês serão excluídos do contacto com a vida quotidiana, e os homens chamar-vos-ão entusiastas, e vocês sentirão a condenação da maré social que se volta contra vós, e vocês serão então um herói?

Eu coloco estas questões com força, não com uma ideia ou esperança de que elas possam ser plenamente realizadas amanhã; mas com a ideia e a esperança de que todo o impulso do espírito em direção à sua realização é exatamente um terreno vantajoso, e que, por esforços contínuos nessa direção, o mundo superará continuamente o que considera uma necessidade intelectual de fazer o mal, uma necessidade de fazê-lo, então, por uma questão de política, uma necessidade de violar a consciência, as regras superiores do ser, para fins que pertencem à vida material; um compromisso perpétuo entre a Regra de Ouro e o sucesso comercial do país, um compromisso perpétuo entre a Regra de Ouro e o vosso sucesso nos negócios. Eu digo, se cada um de vocês fizer um esforço amanhã, e esse esforço for seguido por outro no dia ou semana seguinte, chegará um tempo em que, como homem ou como mulher, vocês se elevarão acima da

política intelectual da hora presente e se tornarão um daqueles, pelo menos, que acreditam na elevação espiritual do homem por métodos espirituais.

Ora, não nego que todo o ser humano tem direito à alimentação e ao vestuário. Não nego que sob leis iguais e distribuição igual de leis, todo o homem tem igual direito a uma voz no governo; não nego que nos negócios ou na busca da felicidade todo o homem tem direitos e privilégios iguais, e nenhum homem tem o direito de violar direitos e privilégios; mas eu declaro que toda a legislação que o mundo já viu, e nenhuma outra que possa ver, nunca atingirá a raiz dos males da injustiça e da violação por parte do homem das leis do direito para com os seus semelhantes, até que seja uma proposição espiritual e intelectual de que a Regra de Ouro é possível.

Vocês escaparam da tirania dos reis, mas são subservientes à tirania da ambição individual. Vocês escaparam dos males da perseguição física e da injúria, e da condenação da organização da igreja e poderes que mantêm os homens, a vida dos homens e as suas consciências sob a sua guarda, mas vocês não escaparam do domínio daquelas leis sociais arbitrárias que constituem, ao mesmo tempo, a guilhotina e o executor em muitos casos da vida moderna, nem vocês escaparam da constante corrente de crime intelectual que surgiu em lugares altos, no próprio coração e cidadela da religião, como a própria reação dessa proposição intelectual. Se vocês escaparam da tirania dos reis, o assassino individual persegue o exterior.

Se vocês escaparam do trabalho da escravidão, da servidão e do cativeiro como vassalos de um poder controlador, vocês estão sob o domínio e a tirania de um medo de que o ladrão ou o assassino da meia-noite entre na vossa morada, e nesta terra cristã com a Regra de Ouro a desfilar diante de vós noite e dia, vocês têm medo pelas vossas vidas e pela vossa propriedade. Não quero dizer que haja um terror generalizado na comunidade, mas vocês são suscetíveis a qualquer momento de sofrer essas ocorrências. Se a Regra de Ouro fosse uma proposição espiritual, em vez de intelectual, não poderia ter sido assim. Os tiranos teriam recebido o que era seu e não haveria terror entre aqueles que seguiam a Regra de Ouro.

ESPAÇO E TEMPO:

A FORMAÇÃO E A DURAÇÃO DOS MUNDOS

Um discurso proferido através da mediunidade de transe da MRS. CORA LV RICHMOND, domingo à tarde, 25 de janeiro de 1880, no Parker Memorial Hall, Boston.

[Assunto sugerido por um dos Comités.]

Os três assuntos apresentados à nossa consideração são, em substância, os seguintes: Espaço infinito, com respeito aos corpos celestes que se acham ao alcance dos telescópios terrestres; Tempo último, com respeito ao período de formação das

incrustações terrestres e à duração provável do planeta; A última ou bela harmonia no futuro, com referência às criações espirituais e materiais.

Vocês descobrirão que esses pequenos assuntos podem exigir, para consideração final, um período de tempo maior do que uma hora; mas a falange que controla o médium deseja dar o que eles consideram uma declaração concentrada sobre os temas apresentados, deixando que vocês os elaborem na quietude das vossas casas, no escritório ou no santuário, conforme melhor se adapte ao vosso propósito.

O espírito humano está sempre a aspirar ao Infinito. Incompreensível, ainda assim é concebível; e enquanto a infinitude deve escapar para sempre do alcance humano, a possibilidade da infinitude é o que a mente humana deseja saber. O espaço, tanto quanto pode ser concebido por qualquer mente, é limitado às conceções dessa mente; além disso é a infinidade. Tanto quanto qualquer espírito, homem ou anjo sabe, o espaço final é infinito.

As limitações são apenas limitações da mente humana ou angélica, e toda a ciência declara que não há limitação provável ao espaço. Os mundos ou estrelas no espaço são agrupados em corpos constelados e organizados em sistemas solares como o vosso. Do número trazido ao alcance por observação telescópica ou cálculo astronómico, há provavelmente de seis a dez mil sóis como o sol do vosso próprio sistema solar, cada um formando o centro de um sistema similar de planetas.

Além destes, há vislumbres de outras estrelas pertencentes a outros sistemas, cujos sóis estão velados da vossa observação ou mesmo do vosso cálculo mais remoto. Em apenas um disco dos céus, revelado pela observação do maior poder telescópico, existem entre duzentos e trezentos milhões de mundos. Se isso vos dá alguma ideia precisa de uma pequena porção de infinitude, então atravessem os céus inteiros com o telescópio, e vocês terão biliões de estrelas, até que a mente, sendo incapaz de observação através dos sentidos, confie na matemática e nas probabilidades para revelar o facto de que, para todos os propósitos humanos, os mundos são incontáveis.

A ideia de que esses sistemas de mundos, esses sóis constelados, em torno dos quais os planetas se devem mover para sempre de acordo com o crescimento e o desenvolvimento, atendem a essa pequena partícula de poeira, a terra, é tão absurda que a ideia afunda em total insignificância. Que a própria terra seja um dos menores dos vários corpos celestes, pertencente não apenas ao sistema solar, mas aos céus siderais, e ainda que esta terra contenha inteligências capazes de desejar saber tudo o que esses mundos podem dizer, é uma maravilha que não tem paralelo exceto nos reinos espirituais da vida.

A astronomia, ao lado da revelação através da inspiração, é a única ciência que transmite à mente do homem o pensamento da infinitude mais do que qualquer outra; no entanto, a química pode revelar a maravilha do átomo, a infinidade das formas de vida e, portanto, podemos dizer que o átomo revela tudo o que esses mundos podem conter no seu bem-estar físico. Com o alcance que o telescópio inventado por Herschel dá, vocês estão habilitados a saber o que está além do grupo de estrelas que formam o

vosso sistema solar e prever ou ditar o centro de outro e outro, até finalmente o grande sol central, suposto pelos antigos como estando localizado nas Plêiades, forma a luz em torno da qual muitos sistemas constelados se movem e giram, roda dentro de roda, orbe dentro de orbe, planeta após planeta a desdobrar-se na vossa visão, e cada um transmitindo um grau separado de luz, como uma alma individual ou espírito pode — um destino distinto, um propósito absoluto.

Qual é esse propósito não pertence, aparentemente, à ciência material revelar; mas um pensamento desses mundos múltiplos e uma conceção desses milhões de planetas é suficiente para acender a inspiração da vida eterna.

Infinitude, então, é esse termo aplicado ao universo, qualquer que seja e onde quer que seja; é aquela expressão absoluta da existência que inclui os mundos visíveis e aqueles que estão além da vossa visão, ainda iluminados por sóis, ainda iluminados por fontes centrais de luz e calor, ainda mantidos nas suas órbitas pela incomparável harmonia e grandeza da lei infinita. Esse caminho estelar conhecido como “a via láctea”, formando miríades de agrupamentos de planetas, cujos nomes e números nem sequer são sonhados, esse maravilhoso cinturão de luz que, como um caminho de anjos, circunda os céus, como se num grande sopro do Infinito se tivesse formado um caminho florido para conduzir as próprias estrelas, está repleto de inumeráveis biliões de mundos, e cada um deles tem por sua duração e tempo algum período maravilhoso da história não calculável pela matemática, não discernível pelo conhecimento humano.

No que diz respeito à terra, o que ela revela no seu grande silêncio eterno à mente do homem? A observação, a comparação, mas principalmente a intuição, abriram o caminho. O maravilhoso sistema de Laplace revela o facto, que sem dúvida é aceite pela maioria das mentes astronómicas mais elevadas dos nossos dias, que o sol anteriormente preenchia todo o disco do sistema solar; que, não por os planetas serem expulsos do sol, mas pela recessão gradual, os anéis foram formados. Cada planeta que agora ocupa uma determinada órbita é formado por uma porção de um desses anéis, enquanto os satélites podem ter sido formados pelas outras porções, sendo esses satélites igualmente planetas, mas sendo alguns fragmentários, outros mais antigos que os planetas propriamente ditos que agora são partes do sistema solar regular.

Suponham que digamos que o planeta mais externo é formado primeiro pela recessão dos raios do sol; o anel que formou o planeta mais externo foi feito primeiro; que gradualmente, pelo movimento e pela retirada da atmosfera do sol, esse anel se rompe; depois, certas porções do anel formam agrupamentos de um planeta, ou de um planeta e luas, cujo agrupamento é, ao princípio, toda a esfera ou raio de um planeta e dos seus satélites. Gradualmente este planeta recua, deixando o que é chamado de lua. Então a lua não é lançada do planeta ou da terra, mas é mais antiga que a terra ou o planeta e, portanto, a lua pode ser a mãe da terra, as luas dos diferentes planetas mais antigas que os próprios planetas em formação da vida, e como a lua em torno de cada planeta se desenvolveu por condensação na formação da vida orgânica, uma lua seria a primeira habitada, e o planeta o último do agrupamento particular que formou o mundo, estrela ou planeta. Sob essas formas de arranjo, o planeta mais externo do

sistema solar seria o planeta mais antigo; os planetas próximos na ordem seriam os próximos no período de tempo de formação, e os planetas com luas seriam os planetas que se desdobraram mais tarde, enquanto as luas foram previamente desdobradas ou concentradas em formas de vida orgânica.

A terra revela, no que diz respeito à observação e à ciência, um grau de desenvolvimento que a astronomia presume não pertencer a outros planetas exteriores, sendo Vénus sozinho considerado do mesmo grau de desenvolvimento, ou com aproximadamente igual poder de sustentar a vida. Antes de entrarmos nesse assunto, porém, passamos à formação de incrustações. O estado vaporoso, quando a atmosfera ou o sol preenche todo o sistema solar, e quando, tendo deixado de preencher todo o disco, o planeta se forma, é um estado que a terra e todos os planetas preencheram uma vez.

Provavelmente a terra revela o facto de alguma maneira subtil que a astronomia não pode ter descoberto, nem a química analisado, que aquele estado vaporoso deve ter ocupado pelo menos cem milhões de anos; que entre o estado vaporoso e a formação das primeiras incrustações que poderiam ser consideradas suficientes para manter a superfície da terra na sua posição atual, deve ter havido duzentos milhões de anos; que entre a formação das incrustações da terra e o período de desenvolvimento necessário para produzir a vida orgânica dos tipos superiores, deve ter havido um período de trezentos milhões de anos, deixando assim, para a habitação humana da terra, e para a perfeita expressão dessas formas de vida orgânica sobre a superfície da terra hoje, um período de tempo muito mais curto, mas que passará por cem milhões de anos.

Durante esta parte do tempo, a terra envelhecendo e o seu desdobramento tornando-se novo, os métodos e processos de formação podem ser descritos de várias maneiras como alternando calor e frio, alternando expressões de fogo de dentro e de frio de fora. O espaço sem contacto com corpos planetários é frio; o espaço sem trituração atómica e formação deve ser frio. Sempre que há planetas ou sistemas solares em processo de formação, ou em qualquer período de desenvolvimento, há calor. Este calor é para sempre influenciado pelo frio circundante. O resultado é ação e reação contínuas, até que anéis, cometas, satélites, planetas sejam formados. A lua deve, portanto, ser uma expressão de vida mais antiga nas suas formações do que a terra, deve ter sido habitada, deve ter-se afastado das suas formas de vida e pode ser chamada de mãe da terra, velha, cansada e pálida, atendendo a sua filha até que o seu fim final seja executado, quando ambos passarão para o grande mar do caos novamente.

O tempo, no que diz respeito à terra, pode não ser contado num sentido absoluto. Para todos os propósitos humanos, o tempo começa quando a humanidade começa e termina quando a vida humana se extinguir, e essa duração de tempo descreverá tudo o que pertence ao crescimento espiritual ou necessidade do homem no planeta. Enquanto isso, todos os outros desenvolvimentos da vida necessários para essa perfeição final também atingirão a sua perfeição e retrocederão, e cada átomo da terra tenderá para essa perfeição final até que a raça seja completada, até que a humanidade seja

aperfeiçoada, até que o planeta tenha rendido a sua mais alta oferenda ao Criador, e então começa o período de desperdício e desolação.

Desertos áridos, planícies de álcalis causadas pela evaporação de toda a humidade, ainda agora são encontrados; e embora novas civilizações reproduzam a verdura sobre campos de desolação, chegará o tempo em que não haverá mais humidade, quando a terra deixará de se vaporizar e quando não haverá mais atmosfera. Quando isso for realizado, o homem terá terminado há muito tempo a sua carreira na terra, e os antigos poderes da matéria reivindicarão a terra como sua, herança apenas do espírito, enquanto o homem a requer para seu uso. Nos reinos da duração do tempo, vocês têm pouca ideia do período anterior à história humana, exceto como uma estimativa de proporção; ou como algum ponto de observação que possa tender a cálculos futuros a respeito da terra e da sua continuação.

A astronomia um dia poderá declarar com precisão a duração do tempo. No momento atual, admite-se que provavelmente cem milhões ou duzentos milhões de anos se passarão antes que a terra seja inteiramente inútil como habitação humana; provavelmente a humanidade terá descoberto isso muito antes, tornando-se tão perfeita quanto possível na forma orgânica, e terá passado para outros graus de desenvolvimento em outros mundos e outros sistemas de corpos, enquanto a terra retrocede aos reinos primitivos da vida inorgânica.

Além de tudo isso, e independentemente da ciência astronómica, há outra ciência correlata que não se calará; que, quando se falar de outros mundos, perguntará se são povoados; quando outros sistemas forem revelados aos olhos, perguntará o seu objetivo final de criação. A astrologia, mais do que a astronomia, revela isso. Assim como a astronomia é a estrutura matemática do universo reduzida à ciência, a astrologia é a estrutura espiritual do corpos planetários, e revela a relação oculta existente entre os planetas. Passamos do reino da astronomia, a observação dos céus celestes e siderais, para a região das forças ocultas, não as mais elevadas, mas peculiarmente humanas, e pertencentes aos reinos espirituais da observação humana. Antigamente, a astronomia e a astrologia eram combinadas como a alquimia e a química.

Assim como a alquimia era a associação do espiritual com os processos químicos, a astrologia era a associação ou combinação do discernimento espiritual com as observações externas. A razão pela qual os antigos astrónomos não eram mais precisos cientificamente era porque eles eram mais claros espiritualmente. A razão pela qual os antigos alquimistas não entendiam todos os termos modernos da química moderna era porque havia outras forças mais espirituais a agir independentemente da mera ação química. Hoje a astronomia dos céus é simplesmente matemática.

No reino espiritual é o espírito do universo. A matemática revelar-vos-á as distâncias, talvez as formações dos planetas; dir-vos-á o número de corpos constelados na vossa observação; agrupará os vários sistemas solares nos seus devidos pertences; mas a astronomia sem inspiração nunca vos falará sobre as habitações desses planetas, daqueles que podem povoar as habitações, dos graus de desenvolvimento espiritual

pertencentes a eles, da natureza da estrutura do sistema solar com referência ao crescimento mental e espiritual — nunca vos falará, sem a ajuda da inspiração, de qualquer sopro de vida potente a ligar mundo com mundo, sistema com sistema, constelação com constelação.

Somente a inspiração revelou a Laplace o maravilhoso sistema de formação de mundos que afirmamos; a única inspiração revelou a Herschel a localização do planeta particular que levava o seu nome outrora, quando ele não tinha telescópio para revelá-lo ao seu olhar, e foi obrigado a esperar o tempo para justificar a sua profecia. Nada além de inspiração revelou a Kepler as suas descobertas mágicas. Somente a inspiração pode revelar o destino final da terra, a sua duração de tempo, o objeto dessa duração e o seu limite absoluto; e somente a inspiração precederá a ciência, dando vislumbres do maravilhoso futuro que está diante da terra e pertence a todos os planetas nos seus vários graus de desenvolvimento.

Todos os planetas visíveis ao olho humano ou ao telescópio, ou além do alcance da visão telescópica, estão em graus paralelos de desdobramento com a terra, ou passaram além da terra em grau de desdobramento, ou estão menos desdobrados; e cada um desses três graus pode ter tantas variedades quantos são os planetas diferentes em número. Quando vocês considerarem, então, que a terra representa apenas um, digamos, num bilião de mundos, cada um tendo um grau distinto e diferente de desenvolvimento, vocês descobrirão quais as prováveis variedades de expressão que existem nos numerosos planetas, e que a terra é apenas uma forma dessa expressão, tipificando o propósito infinito da Mente Infinita.

Quando vocês também se lembrarem de que não é o tamanho de um planeta que determina a sua idade, mas várias outras condições, e que, de acordo com a ordem de desenvolvimento por nós nomeada, os planetas mais externos são os mais antigos e os mais internos são os planetas mais jovens do sistema solar, qual teoria é a única compatível com a formação nomeada por Laplace, então vocês estimarão que de todos os planetas do sistema solar que conhecem, a terra é um dos mais jovens no seu desenvolvimento, e que o facto de a vida humana existir na sua superfície não é evidência do seu grande grau de avanço em comparação com outros planetas que formam o sistema solar além da terra, e que os graus de vida ali desenvolvidos, na medida do possível para a expressão em contacto com a matéria, devem transcender a terra, assim como a terra no momento presente transcende as formações de trezentos milhões de anos atrás.

E que no tempo vindouro, quando outras centenas de milhões de anos tiverem passado, a Terra transcenderá a sua atual formação por esse grau de tempo, e os planetas mais próximos do Sol terão atingido um crescimento que a Terra agora expressa. O que queremos dizer com “crescimento” não é crescimento em tamanho, lembrem-se, mas apenas desdobramento e condensação. O tamanho da Terra é aumentado gradualmente por pedras meteóricas e outros corpos, ou átomos que possam existir no espaço ao seu redor a ser atraídos para a sua superfície.

Após os primeiros cem milhões de anos de formação, a terra não diminui de tamanho, não se condensa de forma visível ou palpável, embora talvez, após um período de cem milhões de anos, possa haver uma diminuição percetível; mas esta diminuição é amplamente contrabalançada pelo acréscimo e agregação de pedras meteóricas ou aerólitos; é provável, portanto, que a duração total do tempo conhecido pelo planeta, quando cuidadosamente estimado, seja de 1200 milhões de anos, desde o primeiro estado de vapor até ao último átomo que será visto a flutuar nos céus, que vocês dizem, daqui a muito tempo, pertenceu à terra. Nesse período de tempo, a terra terá produzido toda a expressão possível de vida que a matéria pode oferecer, e a humanidade certamente não a terá povoado metade desse tempo.

No que diz respeito à grande harmonia e ao belo último do universo, o último e a harmonia estão ambos em existência. Não devemos confundir harmonia relativa com o todo, nem devemos confundir desarmonia relativa como sinal de desarmonia infinita, pois o infinito neste momento e hora é tão perfeito quanto em qualquer momento da eternidade. Para todos os propósitos infinitos, a harmonia deste instante é o diapasão completo do universo. Ele expressa a voz suprema da infinitude e revela nas profundezas insondáveis do espaço a conclusão absoluta do hino divino. Relativamente, os universos espiritual e material estão continuamente em discórdia. Mas, não fosse por isso, não haveria triunfo do espírito; não fosse por isso, não haveria experiências individuais de almas individuais; não fosse por isso, não haveria contacto com a matéria, para a expressão da vida que arde dentro da alma última do homem.

Deus sempre mantém o seu próprio conselho nos grandes segredos do universo, impassível pela calmaria ou tempestade que afeta a frágil casca que flutua no mar da vida material aqui. Ele não conta a sua vida pelas batidas do coração. As grandes pulsações do Infinito fluem calma e seguramente sobre os céus imensuráveis e os espaços povoados de estrelas, e não há som de discórdia em retorno. Ouçam a voz de uma grande cidade; no meio dela vocês ficam perturbados pelo conflito de sons — os gritos, os clamores, os gemidos, as gargalhadas, a dissonância, a dúvida, a escuridão, o ruído das rodas da vida a esmagar as almas até à pobreza. Mas nas colinas a distância distante dá harmonia aos sons, e parece o hino das almas a flutuar para fora e para cima para vós; ou é como o som do mar que para sempre, com tom solene, incessante e monótono, repete as suas ondas e vibrações na praia, a maré a entrar e a sair a repetir o mesmo som — a voz do Infinito?

Ou é como o som do vento entre as árvores da floresta, quando a tempestade se aproxima e quando o indivíduo é derrubado ao pé do carvalho gigante? Mas ao longe vocês ouvem a fúria da tempestade como a voz humana, como a voz do mar, como o som do planetas nas suas esferas, e há apenas um som, profundo, cheio de harmonia e paz, como a respiração da harmonia infinita, última, enquanto na própria alma há calma; como aquele mar provável que existe em algum lugar da terra, onde há equilíbrio real, sem tempestade, sem borrasca, sem calmaria, sem inverno, sem verão, mas um equilíbrio permanente e sempre presente, a manter o mundo no seu lugar pelo seu equilíbrio incomparável.

Tal é a atmosfera da alma comparada com a vida da terra — harmonia final. Ora, Deus é a vida do universo neste momento. Ele nunca pode ser mais; o infinito nunca pode ser menor. Para o pensamento tateante e a visão cega do homem, é noite quando a terra se afasta do sol, e é inverno quando vocês estão numa determinada posição, com referência à revolução da vossa terra; mas não é nem noite nem inverno sobre o próprio sol. Há dia perpétuo ou noite perpétua — quem sabe? Mas seja qual for o estado, é aquele que dura para sempre, um estado permanente, uma calma perene, um deleite que só pode ser conhecido nas regiões da alma, naquilo que pertence ao centro, a Deus, a uma porção do infinito.

Agora marquem: mil e duzentos milhões de anos para expressar um mundo, e durante esse tempo o homem preparou o limite do seu crescimento espiritual na terra. Onde está ele? Engolido pelos átomos da grande onda que recua, afogado no misterioso mar do esquecimento que finalmente ladeia a terra, como o casco de um navio naufragado nas águas, e o move de um lado para o outro ao redor do sol até que o seu último átomo bruxuleante tenha gasto a sua vida?

Não, ele usou a vida dela, expressou-se na sua superfície, extraiu das suas veias o emocionante sangue vital e as correntes de poder magnético, carregou as suas naus com os seus tesouros e navegou para fora do seu refúgio decadente para outro, e outro, e outro mundo, a experimentar ali a sua energia, a povoar ali algum outro mundo novo com os seus poderes e capacidades, a dar mais um passo na grande viagem da vida eterna, a dominar algum novo problema do ser, a lançar-se em algum novo mar de empreendimentos elevados. Enquanto o mundo está a recuar para o Caos dos velhos tempos, e a Noite antiga está a chegar a ela, a alma está em alguma manhã de existência espiritual, a povoar um planeta com novos seres do seu pensamento, e a humanidade renasce para a existência total de uma nova criação.

Incomparável como é o pensamento dos céus ilimitados; incomparável como é a maravilha daquele vasto mar de mundos cujos nomes, até mesmo, vocês não conhecem; incomparável como é o poder arrebatador desses sóis centrais que mantêm vivas as chamas da luz e a tocha da existência em inúmeros planetas; incomparável como é aquele sol ainda mais central a formar a vida de milhões de agrupamentos de mundos, o que é tudo isso comparado ao espiritual, comparado à vida que pode povoar todos os mundos, que pode residir na onda mais alta de cada desdobramento planetário, que pode tomar a maré da vida exatamente onde surge a possibilidade humana e, a aperfeiçoar-se ao máximo naquele planeta, seguir adiante, até que as estrelas se tornem os seus degraus, até que os sóis centrais pareçam pequenos pontos de chamas comparados ao seu curso maravilhoso, e então, a conhecer tudo e a adivinhar tudo, essas imensuráveis cidades dos céus tornar-se-ão para ele as habitações de uma hora ou de um dia! Pois o que são mil anos senão uma hora de eternidade?

O que é um milhão de anos senão um dia desse tempo que não tem duração? E então a alma, semelhante a Deus em poder, maravilhosa na sua capacidade, ainda segue adiante, até que o sol central não tenha engolido a sua energia, mas mesmo o centro mais remoto e distante deve acenar-lhe de longe. A alma ainda está na manhã da eternidade. Por que vastas conceções de tempo medimos essa possibilidade infinita?

Por que maravilhas dos incomparáveis reinos do pensamento agrupamos almas em constelações que nunca perecerão, mas viverão e queimarão enquanto as luas desaparecem de vista, enquanto os planetas passam novamente ao esquecimento, enquanto o caos chegará a todas as coisas mutáveis, e as ondas que se afastam da criação levarão os planetas para a escuridão, e os sóis serão engolidos novamente na grande noite do caos, enquanto novos planetas e novos sóis estão a nascer, para que agora as almas possam ser carregadas com a mensagem da vida e levar adiante o sopro incomparável da criação de Deus.

Ah, tempo! embora tu tenhas cem milhões de anos, embora tu sejas biliões de éons, quintiliões de eras, tu não és nada comparado ao único sopro de inteligência que nesta hora vibra em direção à eternidade, e exige de Deus a sua resposta infinita para a vida infinita da alma! Incomparável, eterno, omnipresente, glorioso, a vossa alma e a nossa, sem fim, com Deus eterno nos céus!

A pedra angular da verdade espiritual Washington DC. 1 de maio de 1898 (Pensador Progressivo v18 1898 página 10)

O que é a pedra angular do arco, tal é a pedra angular do templo. Em todo o edifício para expressão arquitetónica; em todos os templos, igrejas e outros edifícios separados para um fim especial, o lançamento da pedra fundamental é uma cerimónia imponente. Entre os maçons esta é uma cerimónia esotérica; pois inclui não apenas o fundamento externo, mas o símbolo espiritual do fundamento do caráter, da justiça, das boas ações. Nas grandes passagens de Isaías e Salmos vocês frequentemente ouvem, ou leem, a expressão dos “fundamentos” das coisas.

As quatro pedras angulares constituíam o antigo símbolo das quatro verdades primordiais, e essas verdades primordiais eram tudo o que era necessário para o desenvolvimento humano. Deve haver uma verdade primordial de amor, que também serve como a pedra angular do arco, mas deve haver sabedoria e justiça, e esperança e fé; estas com amor constituem a fundação e a cúpula do edifício.

Deve haver uma verdade primordial na base de todo o desenvolvimento espiritual, e essa verdade primordial deve constituir a força motriz essencial da vida. Não deve ser apenas que o espírito seja, mas que haja conhecimento dele, perceção dele. Muitas pessoas confundem os resultados da ação humana com a própria verdade; eles dizem que a base são boas ações, obras e palavras amorosas, a manifestação da sabedoria e a obtenção do conhecimento. Todos estes devem ser os resultados, mas a verdade primordial deve estar lá ou não pode haver resultados. Quando o matemático resolve um problema, o problema em si não é o fundamento da matemática, mas é uma das coisas que ele pode resolver pela regra correta. As regras permanecem e estão sob sua guarda, e permanecem para sempre a base de todas as soluções matemáticas.

Quando o arquiteto constrói um templo, ou o modela a partir do seu pensamento, não é o templo que é permanente, mas as regras geométricas, as proporções, tudo o que pertence às leis da harmonia, do gosto e da construção perfeita. Não deve haver falha em nenhum ângulo; não deve haver nada imperfeito na fundação, a pedra angular

deve ser segura e firme, e todas as paredes e todos os pilares devem ser fundados com referência à lei perfeita da proporção matemática; caso contrário, o edifício está em perigo; caso contrário, a grande lei do desgaste o varrerá, quase antes de ser moldado.

A forma das antigas pirâmides egípcias e muitas das estruturas no Egito deveu-se a esse conhecimento das leis fundamentais da geometria. Tinha que haver algo que resistisse, não apenas à atração da substância externa, ao desgaste das águas e tempestades, mas aquilo que tornasse a base da estrutura a mais forte, pois o que quer que surgisse da base não deveria atingir apenas o ápice, mas deve expressar a intenção na sua amplitude de fundação. No simbolismo, portanto, que é assim expresso, o simbolismo da verdade espiritual, os fortes fundamentos da vida são muitas vezes equivocados; supõe-se, superficialmente, ser uma realização intelectual, a assim chamada realização espiritual. Aquilo que nasce do mero impulso, da impetuosidade, da simpatia exterior ou da realização do intelecto não pode sobreviver ao stresse, tensão e choque da experiência humana.

Muitas pessoas supõem ter na sua teologia um forte fundamento religioso; quando a tristeza e a morte os invadem, eles encontram a sua fé tão instável quanto as areias movediças. Uma senhora disse-nos que não tinha dúvidas de que a sua religião a sustentaria na hora da provação; no entanto, quando a sua linda filha lhe foi tirada pelo anjo da morte, as palavras do seu pastor soaram vazias, estranhas e sem sentido; ela ficou presa nos baixios e areias movediças da dúvida e da incerteza. Muitas pessoas pensam que estão bem fundamentadas na verdade espiritual por um certo acumular de factos. Elas podem estar intelectualmente convencidas, mas tal convicção deve necessariamente falhar se não tiverem a base correta, se não tiverem uma base estável. Os factos não constituem a verdade; só a verdade pode explicar os factos do universo.

Se vocês observarem um facto de um ponto de vista equivocado, vocês pervertem o facto. Os antigos observaram o que parecia ser o nascer e o pôr do sol e concluíram que a terra era o centro, e que o sol, a lua e as estrelas giravam ao redor da terra, e pretendiam iluminar essa pequena partícula de poeira. Observaram os factos aparentes; no que diz respeito à sua observação, era verdade.

Mas com a base da verdadeira matemática e observação mais acurada sobre a “precessão dos equinócios” e a forma da superfície da Terra, a conclusão final de que a Terra girava em torno do Sol com os outros planetas foi uma base de verdade que causou a perseguição do primeiro locutor e o sacrifício de tudo o que a vida humana preza. Mas, no entanto, a deles era uma perceção da verdade. Depois disso, a observação ou os factos tornaram-se inteligíveis; depois disso, o verdadeiro significado do "nascer e pôr" do sol pôde ser percebido.

O mesmo acontece no âmbito espiritual: as pessoas observam um facto do ponto de vista do materialismo e ele tem um aspeto, é um aspeto equivocado; elas tiram conclusões disso e declaram que estão corretas. Observam o facto do ponto de vista do fanatismo, da perversidade, da obliquidade da visão e os mesmos resultados se seguem. Mas se a base real da vida, o fundamento real, for compreendido, todo o facto se molda de acordo com essa base. Vocês podem provar a medida de um círculo pela

menor parte de um arco. Porquê? Porque o conhecimento preciso da curva e a sua medida dar-vos-á o tamanho do círculo sem que a parte restante esteja diante da vossa visão. Isso é porque, com o conhecimento correto, vocês sabem que não pode ser menor e não pode ser maior do que a indicação do arco certo, por menor que seja a porção que vocês percebam. Assim, as indicações na vida humana, quando devidamente observadas, apontam inevitavelmente para um certo fundamento.

O QUE É A VERDADE?

Seria muito divertido, se não fosse tão lamentável, ouvir as pessoas dizerem interrogativamente: "O que é a verdade? Como pode alguém determinar o que é a verdade? A verdade é problemática; a verdade varia; a verdade é simplesmente um nome, um termo; a verdade difere em cada época." Tudo isso é infantilidade; não há diferença na verdade de uma era para outra. Claro que há uma diferença na perceção humana. Ninguém é egoísta o suficiente para supor que a sua observação limitada dos factos é a verdade. Se ele não tem nada melhor para dar do que isso, ele simplesmente dá-o como a sua opinião. No entanto, vocês ouvem pessoas falar muito levianamente sobre factos, sobre a verdade, que não têm a menor perceção da verdade. Agora, não afirmamos ter descoberto a verdade, mas afirmamos conhecê-la quando a vemos, da mesma forma que conhecemos um ângulo, um círculo ou um quadrado.

Com conhecimento geométrico vocês não podem enganar-vos sobre um quadrado, vocês não podem enganar-vos sobre a forma de um triângulo, vocês não podem enganar-vos sobre o círculo; então a verdade ou é verdade ou é apenas uma imperfeição humana, uma afirmação de um facto como o indivíduo o vê, mas pode diferir quando comparado com o mesmo facto visto por outro indivíduo, porque o testemunho humano varia, mesmo em tribunais de justiça, assim chamados; quando em processos judiciais o testemunho de indivíduos deve ser tomado com grande tolerância, não porque os factos variem, mas porque as observações de acordo com as perceções variam, ou porque alguém adulterou a consciência individual, ou porque sob a influência dominante ou conselho de amigos uma pessoa considera que a observação de um facto é diferente do que deveria ser quando visto.

EVIDÊNCIA DOS SENTIDOS

Isso mostra quão falaciosa deve ser a observação dos sentidos, a menos que haja uma mente iluminada por trás dos sentidos. Muitas vezes ouvimos as pessoas dizerem: "Oh, bem, eu não acreditaria nisso a menos que visse". Vocês acreditariam se vissem? Vocês são capazes de acreditar? Um cavalheiro disse com muita franqueza: "Se eu visse uma mesa levantada no ar sem nenhum contacto humano, não acreditaria". Simplesmente porque a sua mente não estava treinada para a perceção do facto. Muitas pessoas pensam que a melhor coisa que podem fazer pelos seus amigos é levá-los a uma sessão de materialização para provar a imortalidade. A mente humana média está treinada para a perceção do facto da materialização?

Nós respondemos não; porque a mente humana comum imediatamente, e sem qualquer tentativa de receber o facto como verdadeiro, se esforça por explicá-lo de

todas as maneiras possíveis; primeiro como um truque ou fraude, depois como uma espécie de ilusão, e até recorre a uma "sugestão mental" impossível para explicar o que poderia ser claramente explicado se houvesse uma base correta de conhecimento mental e espiritual.

O facto de uma forma ser reunida no ar aparentemente vazio não está além do alcance da compreensão daqueles que têm perceção espiritual, ou daqueles que têm conhecimento material adequado. O químico pode dizer-vos que isso é possível, embora ele possa duvidar disso como resultado da ação do espírito; alguém suficientemente familiarizado com as leis da substância pode dizer-vos que uma forma pode aparecer, que pode ter, aparentemente, gravidade específica e todas as qualidades de um organismo material e, ainda assim, pode não ser mais sólida do que vapor fino, porque a forma e a gravidade específica são simplesmente condições conferidas à matéria.

Este é um prefácio, então, para algo mais amplo e profundo: esse conhecimento não vem de fora, mas de dentro; que nenhuma quantidade de factos pode produzir uma única perceção na mente humana, a menos que seja estimulada pelo espírito que percebe; que de todas as coisas que caíram na terra antes daquela maçã, ninguém estava pronto para aproveitar o facto da sua queda como uma ilustração do princípio da gravidade; que de todo o vapor e fumo que subiram da terra e da água fervente ninguém foi capaz de ligá-lo à força poderosa que agora é a força motriz do mundo, exceto a única mente que foi preparada.

Se os factos por si só fossem suficientes, vocês não teriam esperado todos esses anos para que os homens soubessem que o relâmpago encadeado pode ser a sua mensagem, amigos. O Dr. Franklin chocou o teólogo e o fanático por adulterar o "relâmpago de Deus"; hoje as mensagens do mundo inteiro são transmitidas por esta agência. A mente preparada, o entendimento que é iluminado de dentro, a observação que é feita sob a orientação de uma força ou vontade inteligente é o que torna o facto valioso.

PERCEPÇÃO ESPIRITUAL

Ouvimos pessoas a falar em torno da proposição da expressão moral na vida humana, mas isso não constituiu o fundamento do caráter humano. A perceção do que é certo — dissemos antes e dizemos agora; a perceção do que é certo é um dom da alma humana, o seu desdobramento não é uma questão de condições de tempo e sentido, mas a conquista sobre o tempo e o sentido.

O certo é o certo quando e onde, e em quaisquer circunstâncias em que alguém possa ser colocado. A delinquência, a obliquidade, a divergência, o excesso de ignorância humana e o egoísmo humano tentaram lançar uma nuvem de mistério sobre o que é certo; contudo, tendo qualquer perceção da base de uma verdadeira vida espiritual e moral, ninguém pode estar enganado se deve fazer uma determinada coisa ou não. Aquilo que se relaciona com assuntos materiais é uma proposição diferente, pode haver direções e atividades nas quais as pessoas podem não ser capazes de

escolher. Mas aquilo que se baseia na ética pura, numa proposição que se conhece na alma, não pode ser enganado; toda a tentativa de evitá-la é simplesmente a voz do egoísmo ou da política, ou alguma linha da razão humana.

Agora, qual é o fundamento primordial disto que preparou a mente, em algum momento em desenvolvimento, para tirar vantagem do conhecimento dos factos, para descobrir o porquê e para quê, e o arranjo das manifestações no universo? O que é isso que permite à mente perceber apenas uma demonstração de um certo tipo e saber que é tão valiosa quanto mil ou um milhão? É a perceção espiritual. Vocês podem saber a diferença entre as mentes que estão preparadas espiritualmente e aquelas que não estão. A mente que não tem perceções espirituais precisa de ser convencida todos os dias. A fome física precisa de ser saciada todos os dias; a fome mental que se baseia nos sentidos precisa de ser satisfeita todos os dias. Sempre há uma revolução, uma dúvida, algo a insinuar-se. Mas a mente preparada é capaz de captar o primeiro facto desse tipo que aparece.

Assim, no início do Espiritualismo, há cinquenta anos, havia pessoas que viajavam para Hydesville; recebendo os *raps* e recebendo a mensagem que elas sabiam ser verdade. Não procuraram o estalar das articulações dos pés, não colocaram as meninas em pratos de vidro, não fizeram nenhuma das coisas que os médicos de Buffalo faziam, que chegaram à sábia conclusão de que as pancadas eram apenas o estalar das articulações dos pés das meninas. Eles podiam ouvi-los nas paredes, nas mesas, nos jornais, em todos os móveis e vidros da sala, e eles não precisavam da tolice de substituir uma explicação absurda.

O mesmo acontece, muitas vezes, com aqueles que ouvem falar de comunhão espiritual: Theodore Parker disse: "Não tive tempo, no curso de uma vida muito ocupada, para investigar os fenómenos do Espiritualismo; mas se o Espiritualismo não é verdadeiro, deveria ser". Ele tinha perceção espiritual suficiente para saber que era a única coisa no universo que deveria ser verdade. Quando Herschel disse, por um sistema de proporção exata, que "deveria haver um planeta" em determinada posição do sistema solar, ele disse-o a partir de uma perceção espiritual da relação das coisas.

O mundo científico zombou; ele foi alvo de críticas; dizia-se que era um monomaníaco no seu passatempo particular. Mas quando um telescópio foi construído suficientemente poderoso para observá-lo, lá estava o planeta exatamente onde ele disse que deveria estar.

Quando as manifestações espirituais vieram e o mundo foi elevado ao conhecimento da vida além da morte, como Theodore Parker, em comum com todos os profetas da humanidade, disse, havia a verdade espiritual exatamente onde deveria estar e exatamente como deveria estar. O fundamento da verdade espiritual, portanto, não é a manifestação dela, mas a perceção de que ela deveria estar lá; de que é a única coisa que responderá a esse propósito no universo.

Emerson diz: "Não há necessidade de demonstrar a imortalidade, a perceção da imortalidade é inata." Se um homem não a pode perceber, vocês podem provar-lha?

Há quarenta anos conhecemos um materialista cabeça-dura que investigava as manifestações do Espiritualismo; ele recebeu provas suficientes para preencher esta sala se fossem registadas, suficientes para fazer e desfazer impérios, suficientes para formar o registo de todas as bíblias do mundo, suficientes para fazer e desfazer todas as ciências, e ao fim de quarenta anos ele queria que a sua dúvida fosse removida. Quem poderia tirar essa dúvida? Nem todos os factos do universo, apenas aquele que desperta da observação egoísta e externa para a perceção espiritual. O que causaria esse despertar?

Talvez a flecha da tristeza que derrubaria a sua amada; então, de pé junto à sepultura aberta com o caixão a segurar a forma da sua amada, como fez o grande agnóstico Robert G. Ingersoll, ele sentiria essa esperança a brotar de dentro. O que disse Robert G. Ingersoll?

"Esperamos um reencontro futuro." Sim! a sua esperança transcendeu a sua filosofia; a sua esperança era superior ao seu agnosticismo. Por um tempo a sua esperança tomou as rédeas de uma mente magnífica e abriu o caminho para a possível realização que redimiu o agnosticismo; o materialista é redimido no momento em que a esperança começa a partir de dentro.

"*EU SABIA QUE ERA VERDADE*" Só pode haver um fundamento para tudo isso, e esse é a realidade inefável e imortal da vida imortal, a realidade inefável e infalível. Tateando no escuro vocês sentem que deveria ser verdade se não for; dotados da luz, vocês sabem que está lá, mesmo que não tenha sido provado. O primeiro som que vem do outro lado do rio da morte é ouvido; faz o coração preparado gritar de alegria, dizendo: "Eu sabia que era verdade". Quantos sons proféticos são ouvidos, quantas mensagens de aviso são dadas, quanto se sente em silêncio na grande luta do combate humano.

Vocês sabem que é verdade, mas como as palavras quotidianas que os amantes nunca se cansam de dizer ou ouvir, como aquela que vem como um som de boas-vindas dos lábios da criança, dos lábios da filha e do filho, e dos lábios da esposa e do esposo: *Eu amo-te*. Assim, la mensagem dos céus, através das barreiras, através do silêncio profundo, através das dúvidas e medos, e das vestes externas de inquietação que foram tecidas em torno da vida humana, dizendo: "Eu ainda vivo e amo-vos", fortalece toda a esperança, cumpre toda a aspiração perfeita, e vocês gritam com alegria: "Eu sabia que era verdade!"

A voz, o testemunho é o complemento feliz para o vosso conhecimento. As manifestações deste conhecimento atingem as condições humanas e aos poucos a respiração, o pensamento no mundo desperta, por fim, até mesmo a perceção que está adormecida, que está embotada, que está aparentemente sem vida.

É por causa desse resultado inevitável que os espíritas não sentem grande urgência em salvar almas. Se vocês pensassem que, por as pessoas não saberem sobre a imortalidade, elas não seriam imortais, vocês fariam muito mais esforço do que fazem para que elas o soubessem, vocês manifestariam mais a luz que está dentro de

vós; se houvesse algo de que vocês tivessem de resgatar as pessoas, como o Exército da Salvação tem, para resgatá-las do inferno, é claro que vocês estariam prontos e a agir. Mas vocês têm de resgatá-las do medo da morte, do medo do que vem depois da morte. Vocês têm de colocar no seu caminho essas flores de esperança e fé, e dizer: *Estas flores eu as colhi do reino espiritual*. Elas perguntarão: *Posso colhê-las também?*

UMA BELA RELIGIÃO

Numa ministração semelhante à realizada ontem, quando pronunciámos as últimas palavras sobre a forma mortal de uma senhora que acabara de falecer, uma senhora batista disse: "Oh, por que não podemos ter serviços tão bonitos nos nossos funerais?" Outra senhora respondeu: "Porque você não tem uma religião tão bonita." Isto é bem verdade. A esperança gera esperança, e promete a expectativa e o cumprimento. A beleza deve ser o resultado da beleza. Então, com a falta de esperança, ou com uma possível dúvida sobre o estado futuro do ente querido, como pode o serviço ser belo? Como pode ser outra coisa que não solene, temeroso e duvidoso? "Ouçam da tumba um som triste" em vez da aclamação alegre de nova vida e alegria.

Dizemos que o conhecimento da imortalidade é a base e a pedra angular da verdade espiritual. Dá vida à ética. De que vale fazer o bem uns aos outros, praticar a abnegação, fazer o que fará os outros felizes se vocês morrerem como a árvore morre, ou como foi dito, se o fruto morre para que vocês possam legar uma certa espécie de herança da vida humana? Mas vocês não podem fazer as pessoas acreditarem que a hereditariedade existe sem espiritualidade.

A história mais triste e lamentável que já ouvimos foi apresentada num dos pequenos congressos do Parlamento das Religiões, realizado em Chicago durante a Feira Mundial, por aquela nobre mulher, Helen Gardner. Tratava-se do caso de um criminoso que, segundo ela, foi feito criminoso por hereditariedade, como resultado da condição da mãe antes do nascimento da criança: Uma mãe com nobres impulsos, com altas aspirações, com grandes dotes morais, era obrigada a tirar dinheiro dos bolsos do marido para obter as coisas necessárias para acolher este pequeno estranho na vida humana.

Dizia-se que isto era uma base ampla para fazer daquela criança uma ladra. É falsidade, é falsidade! Nenhuma mãe humana jamais foi chamada em tais circunstâncias para testemunhar tal resultado. A condição espiritual daquela mãe foi exaltada; ela não se sentia uma ladra; a responsabilidade moral da sua natureza não foi rebaixada, não era um registo real da sua vida. Sem dúvida, se tal filho viesse a existir, seria o resultado moral desse tipo de pai; pois a hereditariedade tem duas fontes, o pai e a mãe.

Quando Helen Gardner contou essa história, um senhor de forma singular, antiquada, levantou-se na plateia e começou a dizer: "Mas eu tenho uma herança do Senhor". Não era isso que o povo queria, eles eram tão fanáticos em buscar a causa na

hereditariedade, que não deram ouvidos a esta voz que dizia: “Tenho uma herança do Senhor”. Mas, no entanto, a herança do Senhor prevalece em última análise, e a linha de hereditariedade não pode eliminar essa herança do Senhor. No meio de pessoas santas às vezes aparece um criminoso, e no meio de pessoas viciosas aparece um santo; eliminando assim a hereditariedade material por outra linha de propósito espiritual e herança espiritual.

BASE DA MORALIDADE

A moralidade tem a sua base ou no pó ou no céu. Se está no pó, o que é? O maior consome o menor, o poderoso vence o fraco; tudo sucumbe na matéria ao que é mais forte do que ele. Se no céu, a majestade dos ventos e das ondas, as grandes mudanças das estações, dos ciclos e das condições pelas quais a força do poder físico conquista, aparentemente, o que é fraco, e a destruição do menor e mais fraco pelo maior e mais poderoso, tudo deve ser fundido no grande propósito final; mas na vida humana a voz de uma criança a chorar na noite assusta o homem de negócios na rua, ele não corre para a sua casa confortável, ele não foge da criança porque pode; a grande importância da sua herança espiritual faz com que ele fique e ajude a criança, se puder.

Está a chegar o tempo em que essa influência da herança espiritual fará com que os fortes protejam os fracos em todos os sentidos. Vocês desprezariam e rejeitariam o homem que pisotearia mulheres e crianças sob os seus pés. Por isso desprezam a Espanha entre as nações da terra. A guerra entre homem e homem é uma coisa; mas quando os brutos da América do Norte, sob o nome de soldados dos Estados Unidos, empalaram bebés índios nas suas baionetas, foi o mesmo tipo de brutalidade que vocês estão a condenar em outros e de que o mundo inteiro se revolta.

Havia cinco comissões nomeadas pelo Congresso para investigar um certo massacre de índios em *Sand Creek*; todos eles declararam que era uma carnificina devassa. But o oficial que liderou o massacre nem sequer foi repreendido. Como podem esperar de tal exemplo da mais exaltada das nações que outras nações farão melhor?

Chega um momento em que o poder não é a razão, quando a grande voz da eternidade na alma imortal clama: “Sustém a tua mão!” Chega um momento em que, no contacto diário, vocês não tiram vantagem do vosso amigo, vizinho ou irmão porque podem. Se, na correria e na agitação das ruas apinhadas, um coxo é derrubado, centenas gritam: *Vergonha!* Se, no conflito dos negócios, os fracos, os impotentes, os desamparados, os sensíveis e conscienciosos estão encostados à parede, a voz desta alma imortal finalmente clama: *Vergonha!* e a cooperação surge, precursora de influências legítimas que finalmente prevalecerão.

Dizemos que se vocês construírem para o tempo, tudo se justifica do que presenciam na natureza física; se vocês construírem para a eternidade, a natureza física deve ser subjugada e subvertida aos usos da alma, e tudo o que é belo, amável e justo na natureza deve ser encorajado. Um dia essas belas flores não precisarão dos espinhos protetores; um dia os cardos e as urtigas não se propagarão mais depressa do que os

lírios; chegará o tempo em que a calúnia não voará nas asas do vento como a penugem do cardo, e as boas palavras não serão encerradas no vosso próprio coração por inveja. Chegará o tempo em que vocês se apressarão a contar um ao outro todo o bem que conhecem, da luz e da beleza e da alegria que são vossas; quando nenhuma palavra de insinuação jamais escapará dos vossos lábios, mas quando, se vocês puderem louvar, haverá louvor.

O tempo virá quando o melhor lado da humanidade surgirá tão espontaneamente quanto as flores de maio brotam sob a influência do sol da primavera. Isto será porque aquilo que deveria ser verdade é verdade; que a base da verdadeira moralidade é o conhecimento da vida eterna, assim como a base da mais verdadeira pureza é o conhecimento do amor eterno.

Nada menos do que isso será suficiente; não há substituto, não há sofismas, e não há necessidade de demonstração quando o coração, a vida e a mente são vivificados. Existem ajudas para a criança aprender a andar, mas a força deve vir de dentro, como todos vocês admitem, e o bebé que fosse carregado para sempre nos vossos braços seria um bebé indefeso. Mas a grande voz desta vida eterna varre a alma e através dela, vivificando o intelecto para a observação dos factos e o propósito deles, iluminando a natureza moral para o mais alto e melhor esforço, e finalmente ensinando à vida humana que essas coisas são inúteis e sem valor se não pertencem à eternidade.

Quando alguém inicia um voo para o céu, deseja eliminar tudo o que é inútil para a sua jornada; quando vai por terra num comboio de mercadorias leva tudo consigo; mas esse voo em direção ao céu significa levar apenas o mínimo necessário para a segurança. Aos poucos, o peregrino ao longo do tempo levará consigo apenas as coisas necessárias para o dia e a hora; ele terá o seu pão de cada dia, não haverá necessidade de acumular coisas supérfluas, não haverá necessidade de acumular tesouros, não haverá necessidade de acumular para o "dia de amanhã", pois então toda a família humana o ajudará. Ele não interromperá o trabalho do parto a menos que seja vencido pela fraqueza ou velhice, pois então encontrará um estupendo hospital no mundo inteiro.

Lá no Japão, quem pertence à classe alta não guarda coisas extra, ele consegue o que precisa no dia a dia; é apenas o pobre que acumula coisas, é apenas o pobre da alma que acumula tesouros e coisas materiais. O amanhã é algo que nunca chega à mente saudável e bem constituída. O espírito que vive hoje é o espírito eterno; está iluminado com toda a alegria, e possui a herança da terra e a herança dos céus. Tal é a posse da vida que tem a pedra fundamental, a pedra angular da verdade espiritual. *Eu vivo para sempre e tudo o que existe na eternidade é meu!*

O QUE DEVERÃO OS MÉDICOS

xFAZER NA VIDA ESPIRITUAL?

Pelo Espírito de um Médico — Dado através dos lábios da Sra. Cora L. V. Richmond (Pensador Progressivo v21 1899-1900, página 197)

Desde os dias de *Esculápio*, a ciência médica tem sido experimental. Existe uma ciência da anatomia; existe uma ciência da fisiologia; não há ciência da *matéria médica*. Aprendi isto enquanto estava na terra, pois me formei numa das mais respeitáveis faculdades de medicina de uma grande cidade. Tinha a prática que um médico jovem e estudioso teria. Tive boas oportunidades na minha profissão, não só para alargar o meu estudo e experiência, mas para descobrir quão tolos são os supostos remédios da *matéria médica*. No entanto, eu era totalmente conservador nas minhas opiniões, nunca rejeitando, é verdade, uma nova descoberta quando ela era apresentada por uma autoridade suficientemente respeitável.

Mas não aceitei heresias. Eu não acreditava na homeopatia; não aceitei a hidropatia, exceto como um dos remédios naturais; e todas as ideias que estavam em voga no meu tempo sobre qualquer possível auxílio à ciência médica de fontes ocultas ou outras desse tipo foram totalmente rejeitadas por mim. Cheguei também a duvidar da minha formação religiosa inicial, da minha crença numa vida futura pelo contacto direto com o corpo humano, vivo e morto. O bisturi, a faca de dissecação e as clínicas devem endurecer um homem. Também o fracasso da ciência em descobrir qualquer remédio supremo para a doença me fez desconfiar até mesmo do intelecto do homem, e cheguei a pensar que quando o corpo morre, tudo acaba.

Eu pensava assim, até que a doença veio de natureza grave para a minha própria casa, tendo como vítima a minha filha, uma jovem de capacidade incomum — não se parecendo com o pai, garanto-vos — e de bela pessoa e rara promessa mental. Como é costume entre os médicos, porque a mente não pode estar clara quando um ente querido está em perigo, usei outros conselhos, e outros, e outros até que seis dos melhores médicos da nossa cidade foram convocados, e até mandei vir de cidades distantes, mas tudo em vão.

A sua doença aumentou; foi o ataque mais virulento de pneumonia — pneumonia tifoide. No curso da sua doença, no que eu supunha ser um delírio, ela daria evidências de visões maravilhosas e realizações intelectuais. Ela daria um discurso e daria o nome de algum orador proeminente; noutra ocasião pedia lápis e papel e escrevia os mais belos versos. Muitas vezes, no que eu supunha ser um delírio, ela dava provas de um poder artístico que ela mesma, com saúde, não possuía. Eu dizia que isto é o resultado da doença. Chegou a última hora da sua existência mortal, quando, com os braços de sua mãe a apoiá-la e eu a ajudá-la parcialmente, ela me disse:

"Pai, você supôs que tudo o que veio de mim nesta doença foi resultado da doença, de delírio; você pensou que era a febre a atacar o cérebro físico e a desgastar a vida; mas um novo mundo se abriu para mim; está aberto para mim agora, e em breve estarei naquele mundo longe do meu corpo mortal. Eu lhe direi quem vejo agora." Ela descreveu uma multidão de pessoas, dando os seus nomes. Entre elas estavam pessoas que eu conhecera, mas nunca lhe tinha mencionado que fossem do meu conhecimento

antes; lá estavam os nossos parentes e amigos e algo de cada um que designaria a sua individualidade e presença pessoal.

Eu tinha todo o conhecimento de psicologia e mesmerismo que foram atribuídos por mim como um mero sonho. Mas isto que veio a ela e através dos seus lábios moribundos a mim, causou uma nova impressão na minha mente, como nunca havia sido feita sobre uma vida futura desde que eu era jovem. Ela faleceu; a sua mãe aceitou plenamente tudo o que a criança tinha dito, acreditando que era obra do amor de Deus e do anjo ministro para me levar de volta ao pensamento religioso. Rejeitei essa proposta, mas não disse nada. No entanto, eu repassava aquilo várias vezes, e quanto mais pensava nisso, menos o podia explicar sob qualquer hipótese de doença física.

Não demorou muito para a minha vida se esvair; nenhuma habilidade dos médicos pôde valer, eu empreguei todo o meu próprio conhecimento e todo o conhecimento dos meus amigos que eram médicos; no entanto, eu sabia exatamente o tempo que levaria para a doença seguir o seu curso, e aconteceu. Mas para o que eu não estava preparado era que, no meu caso, aconteceu quase uma experiência semelhante à que aconteceu com a minha filha. Eu estava perfeitamente consciente, mas contemplei esses seres. Eram seres que viveram na terra e que eu conhecera. Também dei à minha esposa descrições deles; e havia momentos em que, animado pela presença deles, eu falava fluentemente sobre assuntos que não conhecia.

Por fim, os portões abriram-se e fui admitido na presença da minha filha, e havia muitos amigos meus. Era como se uma manhã tivesse surgido no meio da noite. Era como se uma grande glória luminosa tivesse entrado na minha existência depois de ter sido sombreada. Era como se alguém despertasse de um sonho para uma existência real. Mas eu estava morto? O meu laboratório, o meu escritório, o meu local de experimentação, os meus pacientes, tudo se tinha ido. Dediquei a minha vida à minha profissão e à minha família.

Eu tinha alguns da minha família comigo, mas e a minha profissão? Não encontrei escolas, universidades ou outras instituições como as da Terra. Descobri que parecia não haver necessidade para o que era a minha profissão. Eu não tinha conhecimento espiritual ou instruções especiais.

Eu disse: “Neste novo mundo, neste reino, não existem aqueles que estão doentes, que precisam de ajuda médica?”

Um, que era amigo e muito filósofo, mesmo no estado terreno, disse-me:

“Há muita necessidade de médicos aqui, mas não de *matéria médica*.”

“Como, então, poderei curar ou tratar os doentes, a menos que haja remédios?”

“Logo verás”, disse o meu amigo, que também provou ser o meu instrutor. Ele logo me conduziu por vários estados de existência espiritual, que tentarei descrever:

Vi pessoas sombrias que pareciam ser deformadas na sua aparência, como muitos sujeitos ou pacientes que eu havia tratado em hospitais terrenos, exceto que a sua deformidade era de natureza peculiar; não se relacionava tanto com a sua aparência externa, embora afetasse isso, mas parecia ser interior, e qualquer sombra que estivesse sobre a mente ou o espírito parecia mudar a sua aparência. Para minha surpresa, vi alguns que eu conhecera na vida terrena como possuindo aparências físicas muito boas, mas que estavam lá deformados.

Eu disse: "Explique-me isso; tais indivíduos não eram deformados na vida terrena".

"Oh", disse ele, "essa deformidade é o resultado da perversão mental e moral. Onde quer que haja perversão moral, isso afeta a aparência espiritual".

Então, enquanto eu passava, vi o que parecia ser uma grande companhia de homens aparentemente sem fazer nada, mas eles estavam a mover-se com muito egoísmo, estavam a considerar-se aparentemente com muita importância, mas eu pude ver que eles estavam fracos; eles não tinham poder; eles pareciam estar, em muitos casos, a lutar com as sombras.

Eu disse: "Quem são aqueles aparentemente em tão boas condições e por que são tão fracos?"

Ele disse: "Esses são aqueles que, como você, tinham muito conhecimento terreno, mas muito pouca sabedoria. Eles tinham conhecimento da ciência dos materiais e eram um pouco orgulhosos das suas profissões, mas faltava-lhes a gentileza que você possuía na sua profissão. Eles seguiram as suas profissões exclusivamente para a realização intelectual ou exclusivamente para ganho."

"Mas", disse eu, "eles estão doentes, muito doentes?"

Ele respondeu: "Eles estão doentes com a doença da autoconsciência, da autoimportância e da mera aprendizagem. O conhecimento técnico que eles possuíam não tem nenhum valor deste lado da vida, pois eles estão relacionados de maneira diferente com a matéria. Mas a primeira cura deve ser com eles."

Passei para onde parecia haver aqueles que estavam a receber muita atenção, e ainda assim pude descobrir, como médico, pensei, nenhuma doença especial, e disse: "Quem são estes?"

"Ah, estes são aqueles afligidos com desejos e anseios criminosos durante a vida terrena, que, no entanto, talvez não tenham sido expressos, mas, tendo domínio sobre as mentes e espíritos dos homens, os corromperam espiritualmente em primeiro lugar, e estes devem ser tratados por essa doença."

Entrei noutro lugar, onde vi pessoas que conhecera nas suas profissões de doutores em direito, juristas e doutores em teologia.

Eu disse: “Estes homens sofrem de alguma doença aqui? Eu sei que eles sofreram as condições físicas pelas quais passaram da vida terrena, mas certamente a doença da qual eles faleceram não está com eles?”

“Ah, não; eles não estão a sofrer de nenhuma doença física. Mas aquele juiz”, apontando para alguém que eu conhecia, “está a sofrer de remorso por causa de uma decisão injusta. Esse doutor em divindade está a sofrer de um estado de espírito semelhante, por causa do credo que ele inculcou em muitas vidas e que considerou erróneo; e outro que vejo lá, que foi mencionado como um grande filósofo e doutor em direito e ciência, está a sofrer de inatividade espiritual desde que fez da matéria o seu deus, e não recuperou o seu equilíbrio aqui.”

Passei por muitos estados e vi muitas mentes que pareciam estar a receber diferentes tipos de atenção e instrução, e ele disse:

“Essas pessoas não sabem que são inválidas, não sabem que estão a receber um tratamento especial. Nós tratamo-las de tais doenças da mente, ou consciência, ou carência espiritual conforme as percebemos, mas não nos fazemos aparecer acima delas, ou parecer de alguma forma além delas, porque isso em si é uma opressão. Onde quer que elas faltem, somos levados a percebê-las; e nesta grande esfera de cura onde você foi admitido, todos os estados e condições da vida humana onde há um estado mental mórbido, onde há carência espiritual, onde há enfermidade moral, onde há falta de desenvolvimento espiritual, todos são recebidos”.

Então, eu disse: “Quantas pessoas que passam da vida terrena para a vida espiritual estão isentas dessa condição?”

“Muito poucas”, disse o meu instrutor.

“Posso fazer alguma coisa aqui?”, disse eu.

“É verdade que tenho muito pouco conhecimento de remédios espirituais; o meu conhecimento de terapêutica estende-se apenas à substância material, mas posso fazer qualquer coisa?”

“Muito”, disse o meu amigo. “Por o pedires, sou livre para to expressar, pois tens força para o suportar; tu és um dos meus pacientes, e cada paciente pode tornar-se mais forte dando ajuda e assistência aos outros.”

Com um sobressalto parcial e um grande sentimento de humilhação, eu disse:

“De que doença pensa que estou a sofrer?”

“Não estás a sofrer de nenhuma doença; talvez fosse melhor se estivesse, mas é falta de despertar espiritual e regeneração. A mente tem os seus hábitos materiais de pensamento. O espírito foi sobrecarregado pela sua falta de conhecimento das coisas espirituais, e você até desejou, quando a sua filha faleceu e foi admitida nas visões deste reino, alegar que era a sua doença humana. Meu amigo, você esteve doente

espiritualmente por mais anos do que o seu corpo esteve aflito; e é essa doença que impede a perceção clara e o maior conhecimento desta vida espiritual."

Descobri então que a minha volição parecia ser prejudicada em comparação com a dele. Ele parecia ter grande poder sobre todas essas pessoas. À sua aproximação, elas iluminavam-se e assumiam diferentes condições. Cada uma parecia estar ajustada a algum trabalho especial de ministrar umas às outras, de modo que superavam as suas próprias condições. Vi um sentado longe dos outros, que parecia estar a meditar e a remoer.

Eu disse: "Qual é o problema com ele?"

O meu instrutor disse-me para lhe perguntar.

Eu disse: "Como lhe hei de perguntar?"

"Pergunta-lhe como perguntarias a qualquer um de quem te pudesses aproximar."

Então, falei com ele, mas ele não respondeu. Tentei entrar em conversação ou comunicação com ele, mas ele não respondeu. Olhei para o seu rosto; ele, aparentemente, não me viu. Voltando-me para o meu instrutor, ou ele para mim, eu disse:

"Mas não consigo fazer-me ouvir por ele. Será ele surdo? Não posso conseguir fazer com que me veja, ele será cego?"

"Não, ele não é surdo nem cego, mas falta-lhe o essencial para que o veja, o essencial para que te ouça. Precisas lembrar-te de que este é um reino em que a ótica não é a única lei da visão, em que a vibração não é a única lei da audição e da perceção."

"Então, como hei de fazer com que ele me ouça e me veja?"

"Não tens a qualidade essencial da compaixão. Há apenas uma maneira pela qual os espíritos se comunicam, e é pela lei da compaixão e da adaptação. Os teus métodos intelectuais não poderiam alcançá-lo mais do que se tu ou ele fossem inflexíveis; não podes entrar na sua esfera de consciência apenas por decidires conhecer o seu estado mental.

Poderias perguntar-lhe, mas não conseguirias fazê-lo ver-te nem ouvir-te, a menos que pudesse despertar uma corda simpática". O

meu instrutor passou para ele e, imediatamente, ele voltou os olhos para ele, tristes, mas fixos nele, e com um pouco mais de esperança. Quando ele olhou para ele, parecia vir daquele semblante um olhar inexprimível de desejo; quase de desespero. Ele disse:

"Aquele homem está desesperado por causa de algo que fez enquanto era humano; ele agora vê o grande erro que cometeu e está a tentar curá-lo, mas ainda não chegou à consciência de que não o pode curar meditando sobre ele. Essa é a sua condição, e deve ser removida."

Então eu vi algo como um grande clarão, em que um novo sentimento tomou conta de mim e eu disse: "Posso ajudá-lo?"

"Ah!", disse o meu amigo, "agora o acorde foi tinido, porque te compadeces do estado dele; se entendes que ele não deve ser repreendido pelas suas falhas, que ele as percebe mais do que qualquer outra pessoa. O que deve ser curado é esse remorso; é um estado que não pode ser removido meditando sobre ele; se ele se atormentasse por eras, como poderia desfazê-lo? Tocaste a nota no meu coração. Diz-lhe que se sente triste; que tens grande compaixão por ele. Vou nomeá-lo para tentares recompô-lo."

Ah, amigos! Eu tinha estado na presença da doença humana. Tinha estado na presença daqueles cujos corpos físicos quase foram partidos em pedaços por acidentes. Talvez eu também sentisse a responsabilidade de salvar vidas humanas, mas nunca senti a minha fraqueza. Nunca senti a minha falta de capacidade como senti então. Por ter colocado a meu cargo um espírito humano cuja única doença estava além do alcance possível de qualquer ciência que eu já havia alcançado, como poderia alcançar um espírito doente de pecado e remorso? Pensei nos hinos que a minha mãe cantava quando eu era criança e no poder daquele Salvador de quem ela cantava para alcançar essas almas. Rejeitei o credo, mas agora ele veio a mim com um significado diferente.

Talvez fosse o amor de que ela cantava; talvez houvesse algo que eu tivesse perdido naquela religião que fosse mais profundo e verdadeiro do que eu sabia; talvez estivesse a chegar a mim um novo significado da religião com força, e eu acreditei, rezei; elevei o meu espírito em aspiração ao Infinito, ao meu instrutor, ao meu tutor, que então novamente me apareceu, para que eu pudesse ajudar aquele espírito aflito. Conforme pensei, aproximei-me cada vez mais. Ele voltou aqueles olhos inescrutavelmente tristes e ansiosos para mim, então, reconhecendo o meu interesse e simpatia, o olhar mudou, tanto quanto para dizer:

"O que poderá fazer por mim?"

Então dei por mim a entrar em conversação com ele. Agora não me entendam mal; não acredito que tenha sido gerado o menor som entre nós. Não havia vibração, como a que se faz neste ambiente terreno em que qualquer som é audível ao ouvido humano, enquanto eu proferia essas palavras, mas ele parecia conhecer os meus pensamentos, parecia conhecer a compaixão que eu sentia. Ele disse, em resposta, ou pensou em resposta:

"O que fiz, não o posso desfazer".

"Mas", disse eu, "se não pode desfazer essa coisa em particular, ainda pode ajudar os outros."

“Pode haver quem possa ajudar; talvez até mesmo quem pense ter prejudicado, você pode ajudá-los, pois sempre há alguém que está a sofrer; tente confortar esse alguém.”

Eu disse: “Você não conseguirá pensar em nenhuma vida humana ou na vida espiritual a quem pudesse ajudar, que ficasse mais feliz por causa da sua presença, a quem pudesse alcançar enquanto fala ou pensa comigo?”

O seu rosto mudou como se ele estivesse a estudar. Eu disse: “pense que essa pessoa está perto, pois tenho a certeza de que é esse o caminho”.

Logo, sem que eu pensasse ou soubesse o que ele pensava, nós dois estávamos ao lado de um ser humano, um que eu não conhecia, mas que ele evidentemente conhecia. Pude sentir que a sua confissão cheia de remorsos saía para aquele ser humano com todas as pulsações de uma natureza muito intensa, e o efeito sobre o mortal era tal que produzia soluços e quase convulsões.

Eu disse: “Isso não serve; que seja mais leve e esperançoso.”

“Como posso”, disse ele, “ter esperança?”

“Mas”, disse eu, “pelo bem daquele a quem está a tentar ajudar, que seja esperançoso e útil.”

Ele pareceu captar o meu espírito, e até o meu pensamento alcançou aquele a quem ele estava a procurar beneficiar. Então houve calma e uma luz como se pudesse haver esperança, algo que o emocionou, uma grande pulsação de perdão por algo que havia sido feito. Senti que não poderia entrar no santuário entre essas duas vidas. Mas o espírito, sentindo-se seguro daquele perdão do mortal, tornou-se cada vez mais radiante do que eu o vira. Então ele aproximou-se cada vez mais, como se para ajudar, e veio distintamente um arrepio naquela vida humana que havia sido desesperadora, um arrepio de esperança.

“Agora,” disse-lhe eu, “você está sob a sua responsabilidade.”

Achei que podia relatar ao meu instrutor que tinha conseguido parcialmente.

O tempo passou e visitámos muitos lugares juntos; depois outras vidas foram dadas a meu cargo, embora eu quase desejasse saber desde o início se poderia visitar os meus companheiros e amigos terrenos. Mas, aparentemente, eu tinha saído do seu reino de pensamento; é claro que eles me viam como morto, pensavam em mim como morto, e com muita consideração todos os meus amigos gentilmente esqueceram as minhas falhas, e muito caridosamente me colocaram em algum lugar no claustro das suas memórias, como alguém que eles nunca veriam até àquele “grande despertar”.

A minha esposa tinha alguma fé religiosa de que me encontraria em algum lugar, de que eu havia recebido algum dom da graça divina que me tornaria o seu companheiro na terra celestial para onde ela esperava ir. Eu procurava fazê-la saber da

minha presença, como a minha filha fazia, e às vezes ela quase a percebia. Mas a grande sombra da sua formação teológica interpunha-se entre nós. O doce espírito da sua religião, no entanto, manteve-me por perto. Eu disse então ao meu instrutor:

"Não há espaço em todo este reino para o tipo de conhecimento que passei a minha vida a obter e a praticar?"

Ele disse: "Não há espaço para a sua prática, como vê, mas há muito espaço para o seu conhecimento. Agora você tem conhecimento da anatomia humana, da fisiologia humana; eu lhe darei o conhecimento da psicologia humana, a relação do espírito com o corpo, e você poderá tornar-se um verdadeiro médico, se quiser."

Não achei que isso fosse um grande elogio ao que eu tinha sido, ao mesmo tempo que me sentia disposto a aprender.

Eu disse: "Você quer dizer que não há nada de verdadeiro na terapêutica médica?"

"Nem um pouco aqui; mesmo que seja verdade relativamente, não há verdade alguma na matéria ou nas drogas materiais; é apenas a sua relação com a vida humana, o seu ajuste às condições humanas que as torna valiosas. Pode haver certos venenos específicos e os seus antídotos, mas o antídoto é igualmente suscetível de ser venenoso para a condição de algum indivíduo. Não há ciência terapêutica que possa alcançar a vida humana, exceto o poder do espírito".

"Então," disse eu; "o que é isso? Como se aplicará à cura de doenças?"

"É a chave para a cura da doença." "Porém" — e o velho sentimento de desgosto tomou conta de mim — "você não quer dizer cura pela fé, ou cura pela oração, pois não?"

"Quero dizer", disse ele, "qualquer coisa que possa colocar em movimento as forças curativas do universo para o alívio do sofrimento humano. Quero dizer o que quer que se mova do lado espiritual da vida para curar doenças, como no caso de Jesus e dos seus discípulos e de centenas e milhares de outras pessoas. Quero dizer o que pode agir sobre a existência humana de modo a ajustar o espírito ao corpo e, assim, curar doenças físicas pelo poder do espírito".

Então eu disse: "Você quer dizer que o sistema de terapia humana que adota um remédio físico para uma doença física está errado?"

"Não", disse ele, "está certo enquanto ajustado à consciência humana e às condições humanas no passado, mas o mundo está a entrar em novas condições de pensamento, e a era está a crescer em novos ensaios e práticas, e está a tornar-se perfeitamente verdadeiro que a cura de doenças é possível sem drogas. Não apenas os agentes da atmosfera e da natureza são remediadores, como o ar puro e a água pura, a alimentação saudável e a vida higiénica, mas, e você, como médico, sabe-o pela sua

prática ao longo da vida, a mente do paciente, bem como a do médico, tem muito a fazer em mudar os sintomas e possivelmente em produzi-los."

Lembrei-me de muitos casos na minha longa prática e disse: "Eu sei disso".

Então ele disse: "Eu posso até agora dizer-lhe que este reino é o grande reino da cura; que atua sobre a vida humana por todas aquelas agências que mencionei; que existem poderes constantemente a trabalhar, a tentar alcançar vidas humanas, e alcançando-as aproximadamente por esses métodos espirituais.

Às vezes, é a oração que põe em movimento os agentes de cura da existência, pois o Infinito não é específico quanto aos agentes a serem empregados. A oração abre a porta para a perceção espiritual, e sempre há resposta. Vocês sabem, a partir de experiências científicas, que o que quer que acione esses glóbulos e condições nervosas que foram perturbados ou estão estagnados; o que quer que cause a pulsação do sangue ou a renovação das forças nervosas, deve ser um agente de cura.

Agora, um pensamento pode fazer isso; não pode curar tanto quanto matar? Não pode restaurar, bem como fazer alguém sofrer? Vocês viram uma mulher prostrada porque soube que o seu filho estava morto! Por que não haveria de ser restaurada se viesse a ela o conhecimento de que o jovem está vivo? Vocês viram pessoas adoecerem por causa do infortúnio, da pobreza, da miséria ou de alguma perda repentina de dinheiro. Por que o conhecimento de que o dinheiro não é a verdadeira riqueza não as restaura? Que a adversidade não as pode alcançar, a menos que elas escolham chamar-lhe adversidade."

"Você nega", eu disse, "a causa física e o efeito nas doenças da vida, que certas formas específicas de doenças são o resultado de germes de doenças distintos?"

"De jeito nenhum", disse ele. "Os germes das doenças são uma coisa, a sua ação sobre a existência humana é outra. Pode haver milhões de bactérias numa sala, mas se os corpos humanos naquela sala estiverem bem equilibrados, bem condicionados, as bactérias podem morrer de fome; elas não encontrariam sustento nesses organismos bem condicionados, bem equilibrados e bem harmonizados. Onde quer que a consciência do espírito possa agir para permear o corpo, de modo que cada fibra, tendão e nervo estejam de acordo direto com esse espírito, não pode haver invasão de doença".

Abriu-se-me todo aquele reino que estava fechado, revelou ao meu espírito as manifestações que estiveram no mundo; há cinquenta anos, que trouxeram esse conhecimento de que os curadores dotados com esse dom, mas carecendo dos primeiros elementos de conhecimento anatómico e fisiológico, foram capazes de curar doenças onde outros falharam.

"Mas", disse eu, "você quer dizer que é certo soltar um bando de pessoas ignorantes e sem instrução no mundo e confiar os seres humanos à sua falta de habilidade?" "Ah", disse ele, "se você nunca tivesse perdido um paciente, poderia falar

assim. Mas quando os vossos médicos 'instruídos' são chamados para ver um paciente morrer, e quando eles, sob o seu próprio tratamento, perdem a maioria dos seus casos, não é necessário que você diga nada sobre pessoas 'incultas'. A principal coisa que lhe falta neste reino das causas é o resultado da sua educação. Você foi educado em efeitos.

Tem-se envolvido em resultados. Agora ouça: se alguém é dotado do dom de curar e não conhece um osso do outro, é muito melhor que o paciente seja curado do que saber os nomes dos ossos e perder o paciente. Atualmente, há vários estados nesse vosso país livre, chamado América, onde são aprovadas leis que proíbem pessoas de praticar medicina se não possuem diplomas de certas universidades e faculdades. Ao mesmo tempo, nenhum médico é multado por perder os seus pacientes.

O tesouro não recebe aumento do grande número de pessoas que morrem nas mãos dos médicos. Que receita seria se o governo pudesse ter algo para cada paciente que morre sob os cuidados de um médico. Mas se uma pessoa morre, tendo sido abandonada por todos os médicos 'regulares', sob o tratamento de um 'feiticeiro', um 'curador da mente', um 'curador espiritual' ou um 'cientista cristão', há o maior alarido e clamor concebível.

Agora as pessoas estão a começar a pensar que têm tanto direito de morrer de acordo com os ditames da consciência quanto de adorar de acordo com os ditames da consciência, e que se se sentirem mais confortáveis, se se sentirem em melhores condições na presença do curador do que na presença do MD regular, elas preferem ter o curador. Não sou um defensor da ignorância", disse ele, "mas a ignorância dos princípios espirituais é a epidemia predominante na terra; e você foi uma das suas vítimas", disse-me ele, e eu fui informado, consequentemente, que tudo o que eu havia aprendido deveria ser desaprendido.

"Precisas começar do início, e agora, em vez de análise química e vibração atómica e molecular, comece com o espírito, e deste lado da vida observe a influência desta grande maré de vida espiritual que está a fluir sobre as pessoas; não importa sob que nome, existiu com os Shakers e os Quacres. Foi derramada sobre a terra na era cristã. Começou no Oriente. Foi aceite entre todas as pessoas, e está a crescer agora para ser um facto aceite. E os médicos, longe de negá-lo, procuram monopolizá-lo: 'hipnotismo', 'sugestão mental', junto com a eletricidade e esse tipo de terapia psicológica que afeta todo esse tipo de cura."

Ele continuou: "Com os pensamentos certos, você poderá ser um dos nossos curadores".

Então ele apontou-me muitos médicos que empregavam clarividentes para diagnosticar as doenças dos seus pacientes e os tratavam com drogas; muitos médicos que empregavam curadores para acompanhá-los para transmitir o magnetismo e a ação dadora de saúde, enquanto eles passavam pela aparência de cura sentindo o pulso e prescrevendo algum remédio inofensivo.

"Muitos médicos estão a começar a perceber que essa força espiritual de cura está no mundo", disse ele. "Este reino é o reino da cura. Não estamos apenas ocupados a curar as mentes aflitas que vêm aqui, mas estamos a ajudar a curar os corpos e as mentes daqueles que estão na terra."

Ele então me disse que havia "mensageiros" treinados para serem espíritos ministradores que traziam mensagens de cura. Ele então me disse que havia homens vermelhos nobres — todo o médium tem um controlo índio — que, tendo grandes poderes de cura por viverem perto da natureza quando na terra, podem ser empregados para dar força e vitalidade, e grande cura, pois eles reconheceram na sua vida terrena o poder da cura. Ele então me disse que havia muitos médiuns sob a influência desta esfera de cura do mundo espiritual cujas vidas eram dedicadas a este ministério, que podem curar os doentes e que podem expulsar os males das mentes perturbadas; de espíritos que estão em desarmonia com os seus corpos".

Ele disse-me: "Este grande reino da vida está a ser gradualmente aberto aos habitantes da terra até que, em vez da farmácia da esquina e da cura de veneno pela introdução de veneno no sistema humano, e em vez das horríveis novas descobertas que agora se supõe serem feitas da inoculação de uma doença para a cura dessa doença; em vez dos horrores da vacinação e da vivisseção; em vez dos horrores das experiências com pacientes indefesos em hospitais, haverá tal clamor de indignação por parte do povo, e tal reivindicação do verdadeiro espírito de cura que, finalmente, as pessoas na terra apenas clamarão por este poder de cura do espírito.

"Está a chegar, a grande maré e o batismo da terapêutica espiritual. É a regeneração da mente que constitui a primeira educação e o batismo inteligente do corpo pelo espírito, a impregnação do corpo pelo espírito. Não há vibração de nervo, músculo, veia ou pulsação de vida que não possa ser permeada pelo espírito, e a saúde e a força virão assim que o espírito estiver consciente de ser saudável. Quando isso for conhecido, a visão retornará aos cegos, os surdos ouvirão, os coxos andarão e os moralmente decrépitos e enfermos conhecerão o verdadeiro caminho da vida".

Falem da doença! O mundo inteiro foi ensinado a fugir da morte como de uma sombra, como de um horror, e o esqueleto no armário de cada vida humana era o lugar da morte para onde os entes queridos foram designados. Mas quando se sabe que a morte é vida, quando se sabe que aqueles que "passaram adiante" existem e estão presentes, que espaço há para o medo da morte? E quando a mente e o corpo estão sintonizados com aspirações saudáveis e desejos puros, onde há espaço para doenças? É por causa da luz nesta sala que a sombra se foi.

Aquelas sombras ali no canto não entram na sala e dizem: "Sou mais forte que você" para a luz. A grande e pulsante orbe do dia sobe aos céus com o esplendor da manhã, dissipando as sombras da noite porque a luz é mais forte que a escuridão, e mesmo quando a escuridão está aqui, vejam! além da miríade de mundos e sóis, vibrantes ao sopro do amor Infinito, respondem e dão a sua luz pulsante. A saúde, a felicidade, o conhecimento, através da sabedoria e do amor, são a luz do universo; e a esfera curativa da vida espiritual aproxima-se para batizar, fortalecer, elevar e tornar

manifesto o que está no seu poder e posse. Não rejeite a mão da sua filhinha que vem ter consigo quando você está cansado dos negócios e diz: “Papá, eu posso curar a tua dor de cabeça”. Então ela pode; e o pequeno encanto mostra um novo caminho, que é amar. Não rejeite a mão da esposa, irmã ou amiga, porque na mão inspirada pelo amor, esperança e coragem está a grande cura do universo.

Não rejeitem essas presenças invisíveis, ainda que invisíveis, que se aproximam com fé para ajudar quando vocês estão a sofrer.

Lembrem-se de que há mais saúde do que doença no universo; que a saúde vem em resposta à vossa necessidade. Portanto, há mais vida, luz e beleza. Quando Robert Ingersoll disse que, se fosse Deus, teria tornado a saúde tão contagiosa quanto a doença, esqueceu-se de afirmar que, se a saúde não fosse um bilião de vezes mais contagiosa que a doença, não sobraria um ser humano para contar a história.

É porque a saúde é contagiosa e inerente à saúde que todos vós estais aqui; que a raça humana está a crescer melhor, apesar dos sofismas, investigações e descobertas dos homens da ciência — tenho vergonha de dizer que uma vez tentei sê-lo — apesar dos venenos insidiosos introduzidos nos sistemas dos bebés para prevenir doenças; não obstante as coisas nocivas introduzidas nos seus corpos, o mundo é comparativamente saudável; apesar da sua horrível instrução religiosa, ou instrução teológica, o mundo é relativamente feliz.

Se os homens acreditassem nas suas almas que havia um lugar de tormento eterno, estariam fadados à loucura, e todo o ser humano que acreditasse nisso estaria fadado a ser infeliz; mas o facto de não o serem é um crédito para a sua natureza humana e para as suas almas. Se os seres humanos cedessem a todos os desânimos da doença, das condições adversas (além das quais a ciência médica colocou sobre a humanidade uma miséria indescritível), não restaria nada além de doença. A doença seria considerada o estado natural do homem e a vida mais doente seria considerada a mais triunfal; mas a saúde é a posse inerente do corpo como a felicidade o é da alma, e quando a alma, a respirar o seu verdadeiro espírito de vida sobre o corpo, o impregna e o imprime com a sua própria imagem, então não haverá mais doença, dor ou medo da morte.

UMA PROPOSIÇÃO ESPIRITUAL

Entregue através da Sra. Cora L. V. Richmond, Washington, D. C., 9 de outubro de 1898

“A letra mata, mas o espírito vivifica.”

Um grande cientista disse: “Não há força no universo que seja visível aos olhos ou palpável a qualquer sentido humano”.

Um grande filósofo oriental disse:

"Somente o entendimento pode compreender a sabedoria pura e o benefício, mas os olhos podem não ver, os ouvidos não podem ouvir e a mente sozinha não pode entender."

O que se entende por entendimento é a perceção mais profunda; no entanto, vocês estão a viver numa época e num mundo em que o ultramaterialista se propõe ganhar tudo pelos sentidos, ou se não pelos sentidos, pelo menos pela mente, que é o resultado do organismo físico. Vocês também estão a viver num período em que a proposição oposta é apresentada mais do que em qualquer período anterior da história humana. Há mais mentes hoje que estão prontas para afirmar que as forças do universo, as absolutas

FORÇAS, SÃO ESPIRITUAIS,

não materiais. Há mais mentes que estão prontas para declarar que quanto menos palpável uma coisa é para os sentidos, mais potente ela é. É verdade que a manifestação é uma indicação de força; que onde quer que haja uma manifestação elétrica, há uma centralização da qual primariamente é invisível, impalpável a qualquer sentido.

No entanto, vocês estão perfeitamente cientes de que existem milhares de vibrações elétricas a ocorrer nos vossos organismos e em cada corpo organizado ao vosso redor que não produzem nenhum resultado palpável aos sentidos, mas sem as quais não poderiam viver, sem as quais não haveria manifestação de vida ao vosso redor.

É somente quando a eletricidade é utilizada, como tem sido de muitas maneiras pelo mago Edison e outros, que vocês percebem que a sua manifestação é palpável; ou quando sob a influência de uma tempestade elétrica ocorre alguma grande violência e há destruição ao vosso redor. Aquilo que é destrutivo por natureza sem orientação torna-se a força para carregar as mensagens e muitos dos fardos do mundo físico.

O mesmo vale para os ventos e as ondas, e para todos os outros elementos que, quando agitados e não dirigidos a algum propósito distinto, parecem ser destrutivos e irresponsáveis, mas quando o homem se pode valer desses elementos tão destrutivos para aquilo que é útil, vocês perceberão que a força é suscetível à inteligência que a pode guiar. Isso prova que ventos e ondas, eletricidade e calor, e até mesmo furacões e incêndios devastadores e tempestades nos mares podem, em última análise, estar sujeitos ao controlo do homem.

Quando é afirmado no Novo Testamento que Jesus acalmou a tempestade, não há materialista que o aceite. Mas quando se afirma que um para-raios pode transportar a eletricidade numa nuvem para a terra, de modo que nada possa ser prejudicado por isso, embora a tempestade deva cair sobre a casa, todos os materialistas o aceitam. Não há nada menos maravilhoso no para-raios que afasta a corrente elétrica onde não causará dano do que há no poder da mente para acalmar a tempestade quando

suficientemente consciente e despertada para o conhecimento de acalmar tempestades. Muitos acharam que era

APENAS UMA TEMPESTADE ESPIRITUAL,

ou talvez se referisse às mentes que estavam ao seu redor. Mas por que não às águas literais? Pois manifestações físicas podem ocorrer, e os espiritualistas materiais insistem em ter manifestações físicas, mas parece que eles sabem perfeitamente bem que o poder que produz essas manifestações físicas é invisível e impalpável para qualquer um dos seus sentidos. Que assim como a mente humana governa o corpo, a direcionar os seus movimentos, a sua expressão, a balançar e a movê-lo, e a forçá-lo a obedecer ao espírito interior; assim, esses poderes e inteligências invisíveis agem sobre a matéria para produzir manifestações físicas nas quais o materialista insiste.

O espiritualista materialista tem apenas a evidência do poder do espírito; se a manifestação física fizesse o espírito existir, se a manifestação física produzisse o espírito, a sua proposição poderia estar correta. Mas é uma confissão de que o presente precisa desse tipo de evidência; e o facto de as manifestações ocorrerem prova que aqueles que produzem as manifestações percebem essa necessidade. Mas isso não

PRODUZ A EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO;

a manifestação não cria o espírito, mas para o espírito, que é impalpável, invisível aos sentidos, *a priori*, como o vosso próprio espírito o é ao sentido, não poderia haver tal manifestação; não haveria tal ilustração.

Vocês sabem, quando uma mensagem elétrica é enviada, que uma tempestade não fez isso, que não é o resultado de uma manifestação errática da natureza. Vocês sabem que se a eletricidade é empregada de forma inteligente para transmitir uma mensagem humana, deve haver um ser humano na outra extremidade do fio; nenhuma quantidade de sofisma o pode refutar.

Agora, alguém cético pode dizer: “Não vou acreditar que haja alguém na outra extremidade do fio até vê-lo”. É claro que existem grandes variedades de aparelhos elétricos pelos quais ele pode ver quadros e imagens em movimento e ouvir vozes; mas para a voz ditada pela Inteligência não poderia haver nenhuma dessas manifestações. Assim, sem aquilo que não pode ser visto, que não pode ser ouvido, que não pode ser percebido por nenhum sentido físico, nenhuma manifestação física ocorreria.

No entanto, as pessoas parecem pensar que a parte física é a única parte que existe; que a parte física do homem é a única parte do ser humano; que o corpo físico é o amigo. Vocês dizem: “Eu vi o meu amigo e ele está a sentir-se muito bem.” “Eu vi fulano de tal hoje e ele está muito bem (seja ele ou ela).” Quem era ele ou ela? O corpo? Amanhã esse corpo pode morrer, a respiração cessará, o alquimista ou o químico dir-vos-á que não perdeu um dos seus constituintes químicos. Vocês veem o vosso amigo quando veem esse corpo? Existe algum

BRILHO DE INTELIGÊNCIA

lá? Alguma conversa em resposta ao que vocês dizem? Nem um pouco; o vosso amigo é invisível, e é tão invisível hoje quanto o corpo quando é deixado de lado. Aquilo que vocês veem é apenas a manifestação, a estrutura orgânica que ele usa da mesma forma que usa, à distância, a máquina telegráfica para conversar convosco. É uma questão de maquinaria, é uma questão de aparelho. É claro que há uma grande complicação de força vital e energia nervosa que entra no arranjo do organismo que o vosso amigo emprega ao usar o corpo físico.

Quando separado do corpo físico, ele usa o organismo de um médium.

Depois, há a complexidade acrescida de usar o organismo do outro; nem sempre sabendo pegá-lo e treiná-lo, há sempre alguma obstrução orgânica ou educacional; ainda assim ele consegue manifestar-se para que vocês o possam conhecer. Quando ele usa um organismo que

NÃO ESTÁ CHEIO DE SENSAÇÃO,

sempre que se utiliza uma mesa, cadeira ou outra estrutura, há a desvantagem de não ter um organismo totalmente sensibilizado, não ter um que tenha tecido nervoso e cerebral; mas há a outra vantagem de que o cérebro se manifesta através de uma coisa que não tem cérebro, e mostra que há algo além dos centros nervosos ganglionares e depósitos cinzentos no cérebro através dos quais a inteligência se pode manifestar. Mesas e cadeiras não têm centros ganglionares; não há depósito de substância cinzenta, a não ser poeira e sujidade, mas, no entanto, a inteligência que não é vista, a empregar forças que não são vistas, pode manifestar-se através dessas substâncias. Isso constitui o grande valor dos

OS FENÓMENOS FÍSICOS;

o grande valor de todos os fenómenos em ligação com o Espiritualismo.

Então, quanto ao controlo de outro cérebro e à manifestação de inteligência superior àquela que esse cérebro poderia manifestar no estado normal, e ao grau de exaltação e estimulação ao ser atuado por outro poder superior que sabe como usar o cérebro melhor do que o próprio indivíduo o pode usar. Mas todas essas manifestações, toda essa classe de fenómenos, ou qualquer outra classe, simplesmente ilustram uma inteligência invisível e impalpável.

Agora suponham que, em vez de mesas, pianos, lápis e quadros, o espírito atua diretamente sobre os nervos, sobre o cérebro livre e transmite inteligência distinta: isso chama-se

INSPIRAÇÃO OU IMPRESSÃO.

Então suponham que existam várias substâncias mais subtis ou vibrações de substâncias que não foram classificadas. Eletricidade e, no máximo, forças magnéticas

e psíquicas são termos muito pouco compreendidos. Um grande número de pessoas, ignorantes do que estão a falar, desejam explicar as manifestações do Espiritualismo pela eletricidade. Raramente o raio atinge os seus objetos de forma inteligente.

SE ATINGIR UMA IGREJA,

o que acontece então? O herético pensa que é bem dirigido; que é uma grande manifestação de inteligência. Mas em ambos os casos, evidentemente, não há intenção de matar um herético ou queimar uma igreja; é um assunto que não diz respeito ao relâmpago ou ao poder por trás do relâmpago.

Os heréticos não cansam os objetos especiais de antagonismo às forças da natureza, nem as igrejas; ambos pertencem a um reino diferente. Então, se há outras forças que uma inteligência usa, ou que manifesta a inteligência, não é explicação dizer que é eletricidade; porque a eletricidade não fala de si mesma, ela fala quando empregada pela inteligência para fazer o trabalho.

Depois, há outra classe de filósofos, ou pseudofilósofos e cientistas, que agora explicam tudo por “vibração”. Vibração é uma palavra para expressar a ignorância absoluta das pessoas que a utilizam. Porque, embora a vibração seja uma manifestação de vida e luz, todos sabem que não pode haver movimento vibratório sem uma causa de movimento. Então isso não explicará a existência de um propósito, ou de inteligência. Pode explicar o método da sua expressão. Então, entre o espírito e a eletricidade e o magnetismo

OU ATÉ “FORÇA PSÍQUICA,”

que o cientista está gradualmente a aprender a usar, existem milhares de forças e elementos que os espíritos podem empregar para expressar um propósito, e nenhum deles foi nomeado pela ciência, nem a ciência, até agora, suspeitou da sua existência.

A ciência, tal como está no mundo de hoje, nem sequer reconhece esse termo bastante ambíguo "força psíquica" ou "aura" que envolve os médiuns e outros indivíduos que, aparentemente, capacita os espíritos a agir sobre a substância na sua presença; e mesmo que a força psíquica esteja lá, não faria nada por si só, não mais do que a eletricidade. É simplesmente um meio de transmitir inteligência específica quando atuado. Um médium coloca as mãos numa mesa ou num piano e há uma resposta inteligente. Não é a força psíquica que responde, e não é o cérebro ou o pensamento do médium.

Porque o poder espiritual não está relacionado com a substância organicamente como o ser humano. Vocês estão no lado negativo desse reino. Vocês estão do lado em que o reino positivo é, aparentemente, la lei natureza; vocês são dominados pelas condições orgânicas da vida; vocês expressam-se através de funções orgânicas; vocês podem controlar o cérebro desse ponto de vista. Gradualmente, a raça humana tomou consciência de ser capaz de controlar outras mentes, de agir sobre outras inteligências pelos chamados processos psicológicos.

Mas quanto às substâncias materiais, ninguém jamais foi capaz de dirigir o pensamento para controlar essas substâncias, exceto pelo poder do espírito, pelo poder das inteligências humanas desencarnadas. Essas inteligências humanas desencarnadas estão relacionadas com a matéria numa direção exatamente oposta à dos seres humanos encarnados. A sua relação é a de mente ou espírito como positivo e matéria como negativa. Enquanto aqui, na maior parte, a matéria é positiva e a mente subjetiva ou negativa, no reino espiritual, para aqueles que estão separados do corpo, o espírito ou a mente é positivo, a matéria é negativa e pode ser controlada e dominada sem a habitual obstrução do processo orgânico e da lei.

Os espíritos desse reino abordam a matéria de uma maneira inteiramente diferente; só o pensamento oscila e governa. Enquanto na vida humana vocês se devem adaptar às condições orgânicas. Vocês, por exemplo, não podem passar as vossas

MÃOS ATRAVÉS DA MESA,

um espírito pode; queremos dizer mãos humanas. Vocês, por exemplo, da mesma maneira, ou sem empregar força física para o desintegrar, não podem desintegrar um casaco ou um vestido e separá-lo do corpo onde foi firmemente preso; um espírito, a ocupar uma relação diferente com a matéria, pode fazer essas coisas. Vocês não podem fazer como Jesus, que apareceu num corpo físico semelhante ao que estava habituado a usar no quarto onde todas as portas estavam trancadas; seja qual for a causa, inquestionavelmente, naquele “pequeno cenáculo” em Jerusalém, onde os discípulos estavam habituados a realizar sessões espíritas, trancaram as portas, não só por medo de intrusão, mas por causa da vigilância das autoridades, as quais era bastante necessário que fossem excluídas, ou os discípulos seriam perseguidos. Ora, Jesus apareceu no

MEIO DELES EM FORMA CORPORAL,

uma forma material, sem que as portas se abrissem. Vocês não podem fazer isso porque estão relacionados com a matéria de tal forma que a matéria é o elemento positivo e a força da vida física.

Jesus mais, talvez, do que qualquer outro ser humano de data recente estava relacionado com a matéria no grau de ser positivo em relação a ela. Ainda assim, para o grande propósito moral da sua vida, ele não estava tão relacionado com a matéria que não sofresse a morte física nas mãos dos judeus. Naquela época não havia razão para preservar o corpo físico. Ele havia terminado o seu trabalho, pois ele iria passar. Mas se houvesse uma razão para isso, haveria poder suficiente para o proteger dos judeus.

Sempre tivemos muita simpatia por Judas. Pensamos que Judas esperava totalmente que Jesus fosse facilmente capaz de se salvar a si mesmo. Ele tinha todos os motivos para acreditar nisso a partir do tipo de manifestações e evidências físicas com que o ambiente o havia dotado. Não havia dúvida de que ele esperava uma vindicação

plena e triunfante. De qualquer forma, havia todos os motivos para supor que aquele que tinha sido triunfante e tinha dominado a matéria continuaria a fazê-lo. É claro que Judas estava enganado, como muitos outros. Nós o respeitamos pelo remorso que sentiu.

Ele foi, talvez, mais consciencioso do que alguns outros discípulos que, no momento supremo, negaram o seu senhor e mestre, mas que posteriormente assumiram ser os líderes e diretores da obra introduzida por Jesus. Esta força espiritual, a agir sobre a matéria do lado positivo da existência, é o poder que sempre acompanhou todo o derramamento espiritual de todo o ciclo de revelação espiritual e os grandes movimentos religiosos de todas as épocas, e

ABRIU UM REINO

para o pensamento humano inteiramente diferente de qualquer reino que a ciência tenha aberto. É, no entanto, singular, e muito encorajador, que no mundo da ciência hoje haja uma aproximação gradual a esse domínio; há uma firme admissão de que o poder psicológico, o poder de clarividência e outros poderes podem existir na mente humana separados dos sentidos físicos; e há ainda uma admissão adicional por mentes como o Prof. Crookes e o Dr. Alfred Russel Wallace de que a ciência, tal como existe no mundo hoje, ou quando fizeram as suas pesquisas, não contém solução para os fenómenos que investigam, chamados Espiritualismo. Que não há outra conclusão a ser alcançada — a não ser que eles se originam da fonte que é reivindicada, ou seja,

ESPÍRITOS DESENCARNADOS.

Sir William Crookes esforçou-se muito no seu recente discurso perante a British Association of Sciences, ao aceitar a presidência daquele órgão, para explicar a sua atitude nesta matéria. É muito para seu crédito que ele exprima pontos de vista que apenas confirmam as suas investigações anteriores, mas que vão mais longe do que jamais havia ido antes. É de muito mérito também para o Dr. Alfred Russel Wallace o facto de não ter achado necessário recapitular as evidências do passado perante o Congresso Internacional de Espiritualistas; ele não viu nenhuma razão para mudar os seus pontos de vista anteriormente expressos em relação à fonte dos fenómenos, mas sim que a sua mente passasse para a investigação de outros assuntos relacionados, que afetam o bem-estar dos seres humanos e as suas relações uns com os outros, a partir deste grande ensinamento espiritual.

Quando as pessoas estão dispostas a abordar a investigação dos fenómenos do Espiritualismo de forma tão conscienciosa e justa como esses homens eminentes, elas não dizem que há uma solução material para este problema. Não dizem que os fenómenos são o resultado da lei natural, mas dizem que há todas as razões para acreditar que eles devem emanar da fonte alegada,

ESPÍRITOS DESENCARNADOS.

Esse é o resultado de abordar o assunto do ponto de vista cuidadoso e mais utilitário, e de investigar os fenómenos do efeito para a causa. Agora, supondo que, quando a proposição se apresenta pela primeira vez, há mentes suficientemente ajustadas ao reino espiritual para não precisarem de ir do efeito para a causa, mas que percebem a causa imediatamente, podendo chegar lá instantaneamente pela primeira indicação. Isto equivale

A TER O ESTADO DE PROFETAS,

videntes e instrutores cujas intuições já estão cientes desse reino, que já estão sintonizados e ajustados às manifestações mental e espiritualmente, a partir de dentro. É claro que isso não constitui nenhum tipo de evidência para a mente que não está tão ajustada; a maior parte dos seres humanos não o está. No entanto, quando eles passam a compreender as suas próprias naturezas, as suas próprias vidas, é surpreendente para todos os seres humanos quantas experiências espirituais eles realmente têm. Quando Moncure Conway disse à sua atual oradora: "Nunca tive consciência de ter uma experiência espiritual na minha vida." "Pobre homem," disse ela, "tenho pena de si como se me tivesse dito que era cego." "Mas," acrescentou ela, "não é verdade; você simplesmente não sabe o que é uma experiência espiritual; se soubesse, estaria ciente de que a sua vida foi cheia de experiências espirituais."

Muitas pessoas não sabem, quando ouvem música, que melodia está a ser tocada num instrumento. Mas a mente treinada, o ouvido educado, não só descobre

A DIFERENÇA DE SINTONIA,

mas a diferença na execução de uma música. O quadro tosco na parede pode atrair a atenção do bebé ou de alguém não instruído em arte; mas a imagem sugestiva, a imagem cheia de tons, formas e cores finas só pode atrair a mente que está desperta nessa direção. Assim, os graus de perceção espiritual, os graus pelos quais homens e mulheres podem saber que têm experiências espirituais, ainda não foram despertados e medidos.

Se vocês soubessem o significado de muitas impressões, sugestões, pensamentos e sentimentos que têm ao longo de um ano, saberiam que têm milhares de experiências espirituais sem ser capazes de as distinguir das comuns.

Poderiam ter um milhão a mais se fossem treinados para as compreender e observar. Se, por exemplo, vocês tivessem uma premonição para não fazer algo hoje, sem qualquer causa — não uma premonição que seja resultado de indigestão ou de mau humor, não qualquer coisa desse tipo, mas uma premonição distinta — e depois fossem e o fizessem. Vocês dizem: "Lamento não ter seguido o meu primeiro pensamento". Costumam usar a palavra "impressão". Foi uma impressão. Se gradualmente obedecerem às vossas impressões — mas primeiro tenham a certeza de que elas o são, e saberão, porque há um tipo peculiar de sentimento que as acompanha — descobrirão que essas experiências espirituais ocorrerão cada vez mais frequentemente.

Então, pode haver um certo tipo de exaltação não devido a uma condição física, não devido à influência da atmosfera ou da comida que comeram, mas devido a algo presente que não podem definir;

SE VÓS O RECONHECEIS,

e se é acompanhado pelo pensamento do vosso filho, ou da vossa mãe, ou pai, ou de um amigo que faleceu, então podem perceber que estão em comunhão com aquele cuja presença está perto de vós. Isso explica a vossa exaltação. Quando uma senhora desatou a cantar uma música, sem estar a pensar em nada sobre o assunto, e essa era a música favorita da sua filhinha que havia falecido, poderia haver alguma evidência melhor de que o seu filho espiritual estava a soprar no seu pensamento, inconscientemente para ela mesma? Oh! deem lugar às vossas canções, à expressão de sentimentos, à busca daquele bom pensamento que vos vem à mente, pois pode vir de alguém que já faleceu e está a incitar a boas ações e a pensamentos bondosos para com os outros.

O monótono espírito comercial da época mede tudo pelo padrão do comércio. Há muitas pessoas no mundo que pensam que uma coisa é um fracasso real se não trouxer uma certa quantia de dinheiro; quando uma causa, como uma proposição, não está associada ao dinheiro, ela pertence a outro reino. Está na moda agora apaixonarem-se por uma certa quantia de dinheiro. Os senhores titulados do velho mundo apaixonam-se pelas filhas milionárias americanas, e as filhas milionárias apaixonam-se pelos títulos dos senhores; se o título e o dinheiro desaparecessem, haveria desilusão mútua. Muitas vezes há uma desilusão que resulta em tristeza e divórcio. Se nada mais senão a

VERDADEIRA AFEIÇÃO ESPIRITUAL

conduzisse as uniões hoje, os tribunais de divórcio estariam menos cheios de escândalos. Porque a utilidade entra em cada transação da vida, porque o padrão mais elevado não é aquele que governa, os seres humanos devem aprender pelo sofrimento e pela experiência.

O mesmo acontece com a religião: o valor comercial da religião está no mundo de hoje; e esse valor comercial muitas vezes substitui qualquer outra consideração. Um jovem casa-se, em parte por atração, em parte por motivos de utilidade. Estabelece-se numa cidade pequena ou grande. É necessário que ele tenha associados.

Une-se à igreja, não por uma profunda convicção religiosa, não porque se tenha convertido regularmente à moda antiga ou à moda nova, mas por causa das suas relações sociais. Isso é tanto uma transação comercial quanto o aluguer da sua loja ou a celebração de um contrato de qualquer tipo de negócio. Torna-se, portanto, uma questão de utilidade. Claro que os arredores são todos “bons”; há o que deve “alcançar os melhores interesses da sociedade”. Se por acaso ele tiver algumas pequenas objeções ou escrúpulos de consciência, porque não acredita no credo, o clérigo chama-o de lado e diz-lhe que não faz

A MENOR DIFERENÇA,

se ele deseja unir-se à igreja, eles tratarão disso. Os clérigos muitas vezes apelam às pessoas para se juntarem à igreja com base nisso. Por um lado, é uma boa evidência do pensamento liberal que está a acontecer nas igrejas. Mas, e a consciência do indivíduo? Achamos que quase qualquer tipo de religião é melhor do que nenhuma religião; mas opomo-nos ao embrutecimento perpétuo da voz da intuição, a esse tipo de compromisso que faz as pessoas desistirem das suas convicções em nome da sociedade e da popularidade. Isso leva a toda essa estupidez e hipocrisia que existe no mundo hoje.

Na recente viagem do vosso pastor à Inglaterra, é claro que logo houve um conhecimento geral no navio a vapor de que havia uma delegação a bordo a dirigir-se para o Congresso dos Espiritualistas em Londres. Os passageiros do navio desejavam saber sobre o assunto do Espiritualismo, e mostravam-se extremamente liberais nas suas indagações e, é claro, após a invocação e o discurso, todos estavam livres para falar sobre isso. Aconteceu, no curso de uma dúzia ou mais de conversas privadas com uma dúzia ou mais de indivíduos, que não havia uma dúzia de pessoas naquele vapor que não soubesse mais ou menos sobre o Espiritualismo por experiência real.

Mas essas pessoas, a viver numa sociedade superficial e mundana, estavam habituadas a um estado de fingimento. Elas conheciam o Espiritualismo; tinham médiuns nas suas famílias; visitavam médiuns e tinham coisas maravilhosas que lhes eram contadas. Quando o assunto deixou de ser impopular no vapor, todos falaram sobre ele. A primeira reserva e o fingimento são o resultado desta vida superficial, de não se reconhecerem as forças espirituais que estão em ação no mundo.

Por que ter vergonha de ser intuitivo? Por que envergonhar-se de estar sujeito a um poder superior, ou à voz daquele reino que não pode estragar, mas que pode embelezar a vida e aumentar o seu brilho e a sua beleza? As pessoas falam sobre o Espiritualismo tornar o mundo insano. “Eu não sou louco, é o mundo que está louco”, disse um inspirado. Há uma loucura universal sobre o assunto de a vida material ser a única vida. Não é de admirar que as reuniões de avivamento e a excitação religiosa façam com que as pessoas pareçam (e realmente estejam) desequilibradas.

É deixar entrar uma torrente de luz onde não havia luz, esperança ou emoção; onde não havia emoção antes. Deixem a solteirona endurecida ou o solteiro convicto apaixonar-se, os resultados são tremendos, tremendos! Os jovens apaixonam-se naturalmente e não fazem nenhum alarido especial sobre isso, mas consideram isso a coisa mais natural do mundo. Quando alguém declara que não existe amor, e que nunca se poderia apaixonar, e depois faz o que professou desprezar — o terramoto do sentimento é algo maravilhoso. Assim é quando os materialistas têm experiências religiosas ou espirituais: conhecemos um homem que era materialista, que não acreditava em inspiração ou no futuro.

Ele ouviu um discurso proferido através do organismo que está diante de vós por William Ellery Channing sobre “As Evidências da Imortalidade”, que foi publicado no

Chicago Times. Apelou à sua razão. Apelou ao seu julgamento. Apelou até mesmo àquelas intuições que haviam sido embrutecidas. Ele alugou um salão na cidade onde morava e leu esse discurso aos seus vizinhos e amigos; depois, após lê-lo, revelou-lhes a fonte do mesmo. Daquele momento em diante, ele estava convencido da existência do espírito. Mas uma noite, cerca de um ano depois, ele foi à casa da sua oradora, aparentemente embriagado; parecia um homem embriagado de vinho ou licor, mal conseguia falar coerentemente. Ele disse: "Eu... eu, eu, eu tenho... eu tenho." "O que é isso?" "Recebi uma mensagem da minha filha." Ele já havia aceitado o

PENSAMENTO DE IMORTALIDADE,

o conhecimento dela, a filosofia dela, pelo que tinha ouvido e lido nos discursos; mas as fontes do seu coração, as fontes dos seus afetos internos não haviam sido tocadas até àquela noite, e ele poderia ser desculpado por até mesmo cambalear como um ébrio. Vocês lembram-se, nos tempos antigos, quando as pessoas dançavam e falavam sob a influência de dons espirituais, eram acusadas de ter "bebido vinho novo". Ah! era o vinho novo do espírito, era o vinho novo da convicção espiritual, da colheita desacostumada da alma. Não é de admirar que parecessem embriagados. No entanto, os Espiritualistas como corpo são as pessoas mais sóbrias e menos impulsivas do mundo. É uma maravilha, considerando a grande escassez de impressão espiritual e inspiração espiritual no mundo, que não tenham sido acusados de beber "vinho novo". Sim, é o vinho novo do espírito que cura e esclarece enquanto inspira e abre a visão para uma perceção mais pura e mais elevada, e quando verdadeiro e sincero entra em toda a existência, purga e

PURIFICA TODA A NATUREZA,

torna destemidos, verdadeiros e altruístas aqueles que percebem a sua luz. A sua potência no mundo de hoje não deve ser negada. Se encontrarem qualquer assembleia iluminada em qualquer país hoje, haverá mais discussão e discurso sobre as várias proposições espirituais que vieram ao mundo durante os últimos cinquenta anos do que sobre qualquer outro tema; "Ciência Cristã", "Pesquisa Psíquica", "Teosofia", todos seguindo o seu rasto e aproveitando-se da grande onda de força espiritual que está no mundo hoje.

PROPOSTA ESPIRITUAL COM RESPEITO À MATÉRIA

Um Discurso através da Sra. Cora Richmond, Washington DC, 14 de novembro de 1879

O nosso tema é a relação do espírito com a matéria, ou uma hipótese espiritual.

Muitos Espiritualistas estão especialmente ansiosos para que o Espiritualismo seja chamado de ciência e recusam-se, por associações passadas e pelo ceticismo moderno, a aceitá-lo como religião. A única maneira correta de determinar se o Espiritualismo é uma ciência ou não, é saber o que ele pode fazer, e o que, em determinadas circunstâncias, pode ser realizado pela experiência. É verdade que mentes científicas em outros ramos da ciência investigaram os fenómenos do Espiritualismo.

Também é verdade que elas declararam claramente que não podem descobrir nenhuma base científica conhecida para os fenómenos; que, embora tenham aplicado todos os métodos científicos à sua disposição na investigação dos fenómenos físicos, não há hipótese científica sobre a qual possam explicá-los, pelo que chegaram à conclusão de que as manifestações emanam da fonte de onde pretendem vir, isto é, uma inteligência desencarnada.

ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA

Nem o Sr. Crookes, o Sr. Wallace, o Sr. Varley, o Sr. Zoellner, o Sr. Flammarion, nem qualquer uma das mentes científicas deste século jamais admitiram que os fenómenos do Espiritualismo tenham sido classificados como uma ciência, ou que haja alguma explicação científica para eles. Como sabem, a verdadeira ciência é a classificação de uma certa linha de fenómenos num método formulado que pode ser distintamente repetido e, por experiência, sendo as condições conhecidas, os resultados serão sempre os mesmos. Isto é verdade para a matemática; é verdade para a química e, até onde se sabe, é verdade para toda a ciência que pode reivindicar ser precisa e pode reivindicar ser uma ciência.

Não existe tal classificação dos factos no Espiritualismo. Existem factos suficientes para provar que o universo é ou não é o que escolherem. Existem factos suficientes para estabelecer todas as ciências do mundo e muito mais. Esses factos, se provam alguma coisa, devem provar as coisas que pretendem provar: não que haja uma força desconhecida na natureza, não que haja alguma hipótese de "subconsciência" que os explique, mas que eles emanam da fonte de onde pretendem vir, e este é o ajuste de valor dos factos.

Agora, não há nenhum sistema de ciência ainda descoberto que possa garantir que os factos ocorrerão sob certas circunstâncias, ou declarar quais são essas circunstâncias. Sabe-se que na presença de certas pessoas, em condições totalmente desconhecidas, ocorrem certas manifestações, mas que não ocorrem uniformemente em condições semelhantes com o mesmo indivíduo; que não parece haver condições de uniformidade de um dia para o outro. Se houver condições uniformes exigidas,

ninguém sabe quais são essas condições. De facto, todo o alcance da questão chamada mediunidade é um reino desconhecido.

Ninguém sabe o que constitui um sensitivo, ou psíquico, ou médium. O Espiritualismo chamou essa classe de pessoas de médiuns; ultimamente, a Sociedade de Pesquisa Psíquica nomeou-os psíquicos. Não há diferença: o psíquico e o médium são precisamente os mesmos. A Sociedade de Pesquisas Psíquicas não teria desculpa para existir se não fosse pela mediunidade; mas o que é um médium como médium, ou o que é um psíquico como psíquico, ninguém afirma saber. É verdade que deve haver um certo tipo de sensibilidade, ou um certo tipo de aura, ou um certo tipo de algo que ninguém definiu satisfactoriamente.

Os nossos amigos, os teosofistas, e os nossos melhores amigos, os hindus, vêm aqui e falam-nos sobre os vários tipos de éteres, como deve haver certas forças na natureza ainda não descobertas sobre as quais o espírito no homem pode agir. Esses éteres são indefinidos, não são explicados, ainda não foram declarados; ninguém sabe de que maneira eles podem agir ou agir sobre os seres humanos. Em seguida, vários dispositivos e invenções foram substituídos pelo senso comum que deveria ser inerente à raça humana, com o qual explicar as coisas já explicadas.

VÁRIAS TEORIAS

Os fenómenos do Espiritualismo — a ocorrer agora há quase cinquenta anos — vieram simultaneamente com a sua própria explicação. As batidas, assim que a comunicação inteligente foi estabelecida, declararam que essas manifestações vinham de espíritos falecidos. Nenhuma outra hipótese explicou nem as manifestações nem a inteligência; no entanto, tantas teorias quantas são as mentes diferentes no mundo foram consideradas para as explicar de alguma outra maneira.

A teoria do subconsciente não é nova, pois há quase cinquenta anos o Dr. John Bovee Dods ressuscitou essa teoria e chamou-lhe a “teoria do cérebro posterior” em vez de subconsciência, e esforçou-se por mostrar que o indivíduo num estado inconsciente poderia produzir os fenómenos, e poderia produzir inteligência sobre coisas que o indivíduo nada sabia, e que nenhum ser humano na presença desse indivíduo sabia. Essa teoria do cérebro posterior foi explodida pelos factos; e esta teoria subconsciente de hoje partilhará o mesmo destino.

But isso não impede muitos espíritas sinceros, muitas mentes sérias, de afirmar que o Espiritualismo é ciência, e de negar que ele tenha qualquer significado ético especial — exceto os efeitos de saber sobre a outra vida na vida humana —, ou que tenha uma base espiritual. Ora, a primeira afirmação do Espiritualismo desestabiliza essa ideia e apaga-a ao revelar que existe um poder ou força que pode agir sobre a matéria independentemente de qualquer lei física conhecida e, no que diz respeito ao conhecimento humano, inteiramente em desacordo com qualquer base de fenómenos naturais. Em outras palavras, revelando um reino no qual a ciência não penetrou. Não somos da opinião de que a mente científica seja a mais qualificada para investigar o

Espiritualismo. Gostamos que mentes científicas investigem, se quiserem; se elas se colocarem no nível de qualquer outro investigador.

Mas o homem de ciência com uma teoria é tão fanático quanto o homem de teologia com uma teoria. Aquele que vem investigar o Espiritualismo a pensar que é do Diabo certamente não é um investigador imparcial; e aquele que vem a pensar que é alguma lei desconhecida e não descoberta na natureza fenomenal é igualmente fanático. De facto, às vezes o treino científico, necessário para experimentar numa determinada direção, desqualifica um homem de ser investigador noutra direção.

Se a sua mente é ampla como a do Sr. Crookes ou do Sr. Wallace, ele pode facilmente descobrir que isto não está dentro do seu domínio de investigação. Quando ele aplica todas as regras com as quais está familiarizado e ainda está confuso, ele sabe que existe uma força que está além do escrutínio científico, e ele diz-nos. Mas se ele é um pseudocientista, se ele é mais tacanho, embora preciso na sua busca individual da ciência, ele ainda não está qualificado para investigar fenómenos fora do alcance do que ele admite ser verdade.

Quando um juiz na cidade de Nova Iorque ordena a um júri que eles não são obrigados a receber provas fora da razão humana, fora da possibilidade, ele assume saber o que é possível no universo e instrui o júri de antemão sobre o que é possível; isso é fanatismo. Declarar o que é possível apenas porque não é possível dentro de um campo de manifestação conhecido e aceito é fanatismo. Quer dizer: "Eu investiguei numa certa linha de manifestações na natureza e descobri que tais e tais factos são verdadeiros", tudo bem.

Mas suponham que um botânico seja chamado para testemunhar a manifestação da produção de flores numa sessão e traz o seu conhecimento botânico para testemunhar essa manifestação; ele diz: "Eu nunca vi flores crescerem nessas circunstâncias, portanto, devo duvidar dessa manifestação." Negando o facto por causa do alcance limitado da sua pesquisa; mas inegavelmente ele pode ser um bom botânico. Suponham que um químico fosse chamado para testemunhar a manifestação da levitação de uma mesa no ar, ou a formação de uma forma a partir do ar aparentemente vazio, e ele aplicasse o seu conhecimento químico para explicá-lo, ou tentar, e dissesse: "Bem, nunca vi tais manifestações ocorrerem." Seria tão absurdo aplicar a química ou o conhecimento da dinâmica física a um poema ou a uma composição musical.

LEIS DESCONHECIDAS

Vocês entenderão que queremos dizer com isso que as leis do universo material, na medida em que são entendidas, podem ser infalíveis numa certa direção conhecida e aceita pela ciência, mas também existem outras leis provavelmente tão infalíveis, no vasto domínio do que um dia será ciência, mas ainda é desconhecido. Mas os fenómenos espirituais em cada era, as revelações do reino espiritual, a lei que governa as comunicações entre os dois mundos deve ser um reino desconhecido até que vocês investiguem do ponto de vista da manifestação. Não há investigação experimental até

agora que tenha conseguido produzir qualquer outra conclusão além de que os factos ocorrem; como ocorrem, por que ocorrem, qual é a relação da inteligência produtora com a manifestação produzida, ninguém sabe. Não obstante a literatura espírita estar repleta de hipóteses, não pode haver fórmula. Porquê? Porque as manifestações vieram principalmente de uma fonte fora das fontes usuais de informação humana, e vieram principalmente de uma inteligência.

Ora, as manifestações da natureza ocorrem uniformemente em obediência a leis que podem ser enunciadas como formuladas; elas ocorrem com periodicidade uniforme e recorrente para que vocês as possam estudar, e, salvo se alguma força sobrenatural desse tipo intervier, elas sempre ocorrerão da mesma maneira. Mas tomemos, por exemplo, a condição física de um psíquico, um sensitivo ou médium que é lançado possivelmente em estado de transe, e parece haver um estado distinto de coma, e em alguns casos parece haver uma completa cessação da respiração.

Em alguns casos, esse estado é produzido por condições puramente físicas que indicariam uma perturbação muito séria na constituição ou na condição fisiológica do sujeito, mas, em vez de ser esse o caso com os médiuns ou psíquicos, eles podem passar por todas as manifestações de coma ou transe, pode haver uma ação perturbada do coração e dos pulmões e nenhum resultado grave ocorre; assim que a causa produtora é removida, que é uma inteligência externa, toda a função física retoma a sua ação normal.

É claro que as pessoas estão em estado de coma, transe ou condições desse tipo por doença, e condições para ser uma doença; mas aqui está um caso que não é produzido por doença, onde há uma inteligência distinta manifestada e declarada. O psíquico ou médium, quando libertado deste estado, não é afetado ou perturbado de forma alguma.

Ora, isso prova que uma inteligência pode intervir, pode pôr de lado, temporariamente, a ação usual da lei fisiológica, e pode fazê-lo sem ferir gravemente ou obstruir o estado de saúde habitual do sujeito; e quando a causa é removida, isto é, a inteligência, há a ação normal do sujeito. Nenhuma ciência ainda foi capaz de descobrir como isso é feito, ou por que é assim. O mesmerismo ou hipnotismo é o que mais se aproxima disso na vida humana, mas mesmo isso não pode explicar muitos dos estados extraordinários dos médiuns espíritas, porque eles não parecem estar dentro do alcance das leis hipnóticas usuais. Neste caso, o hipnotizador é um espírito em vez de um mortal; no entanto, esta é uma explicação, mas é claro que não está dentro do alcance da ciência aceita.

Ainda assim, não se pode explicar como uma mesa pode ser levitada sem nenhuma força física aparente, sem perturbação elétrica ou atómica da estrutura; até onde se sabe, sem nenhuma vibração palpável além do facto da remoção. Não há ação de eletricidade, como comprovado pelo Sr. Crookes nas suas investigações, quando tais manifestações ocorrem. Se não for elétrica, parece não haver ação dinâmica, não há ação da atmosfera, mas as manifestações ocorrem.

Assim, quando os instrumentos são tocados e não há executantes visíveis; não há condições atmosféricas perturbadoras, tanto quanto possa ser percebido pelos seres humanos, e se um eletrómetro é colocado em ligação com os instrumentos, descobre-se que não há força elétrica aparente, mas a música é executada. Aqui, então, está uma lei ou força relacionada com a matéria que a ciência não descobriu, um reino no qual a ciência não penetrou, e afeta as condições materiais da vida no grau da intenção daqueles que produzem essas manifestações.

De modo nenhum pensamos que se pretenda que essa força venha a substituir as ações usuais da lei natural; não pensamos de forma alguma que se pretenda que vocês mudem as vossas casas ou que a vossa mercadoria seja transportada por este método; nós não pensamos que esta força espiritual tomará o lugar das vossas atuais forças motoras ou que seja, no presente ou no futuro, destinada a levar o vosso comércio de um município para outro através dos continentes, mas uma força que pode fazer isso é adequada para fazer qualquer coisa. É simplesmente limitada pela intenção, não pelo poder.

QUAL SERÁ O PROPÓSITO?

Qual será a intenção com referência a esta força física e às suas manifestações em associação com o Espiritualismo? A sua intenção é meramente fazer uma manifestação para um propósito. Qual será o propósito? Não para provocar o encantamento, não simplesmente para levitar mesas, não simplesmente para fazer sons, mas para atrair a atenção para que se saiba que ali está uma inteligência que deseja comunicar-se. Qualquer que seja a facilidade que possa ser encontrada no universo para efetuar este fim, o mundo espiritual parece empregar, mas eles não a empregam sempre por vontade ou capricho dos seres humanos; e no momento em que vocês se sentam com um conjunto de instrumentos científicos, ou aparelhos mecânicos, ou aparelhos para descobrir como isso é feito, ela voa e vocês ficam perplexos. Podem continuar com experiências, talvez, como o Sr. Crookes fez; e podem descobrir que não é ciência, que não é química, que não é eletricidade, mas não podem descobrir que força subtil é, exceto que há uma inteligência por trás dela.

Em outras palavras, entre a manifestação e a inteligência que a produz não há lei natural conhecida. Mas há um reino que está absolutamente inexplorado, há condições que não são conhecidas, mesmo pela mente científica, ou por qualquer lógico, ou por qualquer classe de pensadores humanos, que só são percebidas por aqueles que são intuitivos.

Como vocês não sabem como os profetas profetizam, como as pessoas inspiradas recebem a sua inspiração, ou por que algumas pessoas são suscetíveis a esse conhecimento da presença do espírito, então não sabem qual é a força ou o processo pelo qual estas manifestações físicas ocorrem; e quanto menos alegarem saber sobre isso, melhor é para a vossa inteligência, porque, não sabendo nada sobre como é feito, se tentarem prová-lo, provam a falácia da vossa afirmação. Não se segue que não ocorra porque não podem mostrar como é feito; não se segue necessariamente que toda a hipótese do Espiritualismo seja falsa porque não podem mostrar que as

manifestações ocorrem sob condições e circunstâncias dadas e declaradas. Pelo contrário, toda a mente inteligente que testemunha o facto em condições que lhe são satisfatórias deve decidir por si mesma. Mas muitos não são competentes para testemunhar o facto; muitos vão com preconceito.

Todas as pessoas são mais ou menos preconceituosas. O espírita é acusado de ser excessivamente crédulo; mas ele chegou à sua credulidade por meio de muito ceticismo e questionamento, e se por fim ele é crédulo é porque encontrou algo que é verdadeiro.

O experimentador chega à sua investigação prevendo o que deve ocorrer; geralmente o cético vem determinado a descobrir o truque, assumindo de antemão que é um truque. Claro que vocês não fazem isso em ligação com a investigação de qualquer ciência; não supõem que o astrónomo, o químico ou qualquer outra pessoa esteja a tentar pregar-vos uma partida. Mas aqui existem obstáculos: aqueles através dos quais as manifestações vêm podem não estar acima de suspeita, ou as circunstâncias são tais que não podem saber positivamente, ou o vosso estado de espírito e conhecimento são tais que não podem saber. Mas a prova do que vem, a inteligência da mensagem que é dada e o estabelecimento de uma identidade distinta foram conclusivos em todos os casos. É isso que busco estabelecer: a comunicação entre os dois reinos.

É porque a manifestação se originou no lado espiritual da vida, e não aqui, que vocês não têm solução para o problema. Vocês não estão em condições de saber que relação o espírito ocupa com a matéria quando desembaraçado da forma material. Não sabem que as coisas que parecem insuperáveis para vós são facilmente superáveis para eles; o que é sólido para vós eles podem dissolver; o que é substância para vós é para eles sombra. Os espíritos declaram que podem entrar e sair de qualquer edifício através de paredes sólidas; que não há desintegração do espírito por essas paredes quando eles entram e saem desta sala. Em outras palavras, a relação deles com a matéria não é como a vossa, fisicamente. Qualquer que seja a sua relação, mental ou espiritualmente, em abstrato, vocês não entraram na posse dessa relação aqui.

Vocês não sabem o que poderiam fazer independentemente da lei orgânica se a vossa mente tivesse sido ensinada a fazê-lo; mas até agora realizaram muito pouco nessa direção. Vocês usam a vossa força de vontade e não conseguem levantar uma palha, embora um espírito o possa fazer, e a análise mais próxima, no que diz respeito à ciência, é que eles não usam nenhuma força com a qual estejam familiarizados.

Supondo que existam forças além da eletricidade, tão mais subtis que a eletricidade quanto a eletricidade é mais subtil que a força física sob o vosso comando para levantar um objeto, então deve ser verdade que existem vibrações da matéria, que existem qualidades da matéria de que nada sabem, as quais são muito mais refinadas do que as vibrações elétricas, assim como a eletricidade deveria ser mais refinada do que a mera alavanca de mão com a qual movem um objeto.

Poderiam ter mostrado a qualquer homem que viveu nesta terra um século atrás um elétrico e um cabo de alimentação e ter-lhe dito que toda a força física que impelia aquele carro se encontrava no leve contacto entre o elétrico e o cabo, e ele ter-se-ia rido de vós com desprezo; o asilo de lunáticos teria sido o vosso local de residência ou teriam sido enviados para a região de Sua Majestade Satânica como estando em aliança com ele.

Se este único ponto de conexão com um agente que é invisível — exceto pelos seus resultados, e exceto quando o atrito causa uma faísca elétrica — é capaz de produzir tais maravilhas, então, presumivelmente, existe uma força na inteligência que pode agir sobre a substância talvez um milhão de vezes maior do que aquela centelha elétrica. O único problema é que vocês querem utilizá-lo e torná-lo de valor comercial, e fazer com que o mundo espiritual faça as vossas mudanças por vós, pedir-lhes que descubram as vossas minas de ouro e, finalmente, trabalhem nelas e, em suma, façam o trabalho da vida por vós. Esse não é o propósito.

O GRANDE OBJETIVO

O único grande propósito é afastar o facto e o medo da morte. O próximo grande propósito é mostrar a relação do espírito, não apenas com a sua existência aqui, mas com a sua existência eterna; para mostrar a porta aberta da vida espiritual. Sendo esse o propósito, todo o resto é secundário; sendo essa a finalidade, seja qual for o aparente, o facto, cientificamente, não tem valor essencial, exceto quando medido por essa finalidade. Então, as leis da inteligência são as leis que governam as manifestações, e quaisquer que sejam as leis da inteligência desencarnada a agir sobre a substância, são leis que se relacionam com os fenómenos do Espiritualismo; e porque estas são de uma inteligência instintiva, vocês não as podem atribuir a nenhuma regra de ação distinta. Não podem saber se as manifestações ocorrerão num determinado momento sob determinadas circunstâncias. Nenhum médium pode saber se obterá quaisquer manifestações, a menos que o espírito que as produzirá lho diga.

Isto apresenta ao domínio da ciência uma nova proposição: é que há inerente à matéria um conjunto de leis com as quais eles não têm conexão e sobre as quais não têm consciência alguma, ou que o espírito se relaciona com a matéria, quando separado do organismo físico, de uma maneira diferente daquela em que está relacionado enquanto na forma — ou pelo menos deve ser assim, a julgar por tudo o que aconteceu até agora.

Supõe-se que os “Adeptos” da Índia e outros trabalhadores especializados nesse sentido produzem fenómenos semelhantes aos dos médiuns, mas não está provado que não sejam produzidos da mesma forma. É uma mera suposição dizer que o “adepto” o faz por si mesmo. Não há evidência para mostrar que ele o faça; até onde podemos derivar de fontes nativas, não há essa suposição.

Esta suposição é feita principalmente por teosofistas e não por orientais. O oriental coloca-se em condições de receber essas manifestações; muitos deles, segundo os viajantes e segundo os hindus que visitaram este país, sabem que uma inteligência

externa os ajuda no trabalho; que alguns se colocam em condições, ou se esforçam por fazê-lo, como fazem os médiuns, tornando-se harmoniosos, esforçando-se por remover todas as condições positivas da mente. Na verdade, é simplesmente mostrado que eles são médiuns. Nenhum destes adeptos foi transportado, seja para a Europa ou para a América.

Apesar das afirmações absurdas sobre Madame Blavatsky, foi demonstrado que ela nunca foi outra coisa, em momento algum, além de uma boa médium; na verdade, ela começou como médium, começando por visitar as sessões espíritas dos Irmãos Eddy. Quando a sua teoria exigia que ela fosse uma adepta, a sua mediunidade foi chamada de *adeptship (condição de adepto, ou mestria)*.

O facto é que, quando esses fenómenos ocorrem e ninguém sabe o poder pelo qual são produzidos, isso é mediunidade, e ninguém pode fazer essas coisas sem o auxílio do espírito manifestante. Se um médium tenta fazer isso sozinho, é simplesmente trapaça, e descobre-se que é assim. O facto de muitos médiuns terem tentado a trapaça, e ter-se descoberto que ela não substitui a mediunidade, é evidência suficiente do que dizemos.

Em outras palavras, aqui está a proposição da relação do espírito com a matéria, que não pode ser considerada cientificamente porque começa onde a ciência termina; ocupa um domínio do universo onde a ciência não pretende entrar, onde não deveria entrar, e onde as mentes científicas, se entram como mentes individuais, entram como seres inteligentes, não como cientistas.

UM REINO PRÓPRIO

Em outras palavras, este grande reino de vida espiritual e luz dentro de vós, além de vós e acima de vós, é um reino próprio. Se investigarem isto, devem fazê-lo com o vosso próprio método; se perseguirem o vosso estudo, devem fazê-lo em relação à vossa perceção espiritual e inteligência. Vocês não estudam astronomia com um microscópio; não colocam as estrelas no cadinho do químico, mas o telescópio é o instrumento para o estudo da astronomia. Nem podem explorar o reino do espírito com métodos materiais.

A maioria dos Espiritualistas quer que o outro mundo seja exatamente como este mundo, ou mais. Se eles esperam encontrar isso, vão ficar tão desapontados quanto o homem que espera ir para o céu teológico; tão desapontados quanto o cristão que espera ir para um inferno literal. O reino espiritual é o reino do espírito. Vocês podem ser ignorantes quando estiverem lá, mas serão espírito; não levarão convosco a vossa estrutura fisiológica; qualquer forma que tenham está à escolha da vontade, é a condição da mente.

Psicologicamente, podem aliar-se à matéria, podem estar relacionados com a matéria, mas, se forem um espírito potente, terão cessado as vossas relações fisiológicas com a substância, não serão dominados pela lei fisiológica, não serão dominados por leis que se relacionam com a física deste lado da vida. Qualquer que

seja a atração da gravitação, vocês podem superá-la; mas, como espírito, não vão vencê-la pegando numa mesa à força e levantando-a no ar, mas, estando do lado oposto da matéria onde a lei da gravitação não vos afeta, a mesa vai até vós se assim o desejardes por vossa vontade. Esta é a soma total do poder do espírito sobre a substância. Vocês estão perfeitamente cientes de que a gravidade, e tudo o que está relacionado com o governo do universo físico, devem ser termos relativos; que no absoluto, no reino do infinito, a gravitação não afeta Deus.

Ele só usa isso como um método para o governo do universo da matéria. Vocês devem estar perfeitamente cientes de que o espírito que pode desintegrar a substância pode tirar um casaco de uma pessoa sem o desabotoar ou desamarrar o cordão se estiver amarrado, ou pode dar um nó num cordão contínuo. O Prof. Zöllner provou que isso pode ser feito, e que o poder que o faz deve ocupar uma relação com a substância diferente da que os mortais ocupam. Quando o Prof. Zöllner pegou neste cordão — este cordão circular contínuo — e um nó foi amarrado na presença do Dr. Slade, e sob condições que tornavam a impostura absolutamente impossível, ele ofereceu-se para mostrá-lo a qualquer mente científica ou a qualquer pessoa; ele queria provar que era verdade, como uma ilustração de um poder que ocupa uma relação com a substância diferente da dos seres humanos.

Se um espírito pode desintegrar um cordão o suficiente para dar um nó e depois restaurar as vibrações, mostra um controlo instantâneo de substância para o qual a ciência não tem domínio para explicar ou experimentar. Isto foi estabelecido no que diz respeito aos fenómenos, embora eles nada mais sejam do que o porta-voz, a agência, os sinais e acenos para declarar o que se segue.

Muitos médiuns, habituados a dar manifestações, afirmam que não são suficientemente apreciados, que os fenómenos estão a ser desacreditados. Isso é tão absurdo quanto dizer que essas declarações estão a ser condenadas. Esses fenómenos mostram um propósito, e os fenómenos não teriam valor algum exceto pela mensagem que está por trás deles. Vocês podem testemunhar a atuação do prestidigitador, podem testemunhar as manifestações do ilusionista se quiserem ver maravilhas. Mas a maravilha por trás das manifestações do poder espiritual é a inteligência que está lá, a mensagem do vosso amigo, a grande filosofia de vida na qual os vossos amigos que partiram entraram, e isso inclui a filosofia da vossa própria vida.

Na verdade, é a restauração para as vidas humanas de todo o reino do espírito que foi ignorado, posto de lado, obscurecido ou apagado pela teologia e pelo materialismo. Vocês são restituídos a vós mesmos; o lugar que o espírito ocupa na vossa própria existência é restabelecido; o homem, como uma inteligência separada do seu corpo, é plena e claramente restituído a si mesmo; ele toma posse deste reino interior e superior enquanto está aqui sob esta instrução e conhecimento.

Não apenas vos ensina o valor da entidade no estado imortal, mas que isso é a imortalidade aqui e agora; que o homem deve ser fiel ao seu ambiente, ser fiel às condições da sua existência aqui, que este é um estado de disciplina e conquista enquanto está no corpo, mas que o corpo não deve ser levado com ele para o reino do

espírito, que somente as posses espirituais sobrevivem à mudança chamada morte. O químico dir-vos-á que o corpo, no que diz respeito à análise química, não é diferente um minuto depois do que é um minuto antes de o espírito deixar de o animar.

O que ocorreu? Nenhuma mudança química, mas o grande facto da vida ocorreu: o corpo está morto como ser humano, e o espírito vive como espírito humano. Esse grande facto admite-vos no reino da existência espiritual, admite-vos em todas as suas possibilidades, em todas as suas funções espirituais. Vocês têm hoje o conhecimento para descobrir quais são essas possibilidades e funções sem a mudança da morte. Elas devem ser exatamente como os vossos afetos e inteligência; tudo o que vos torna dignos como homens e mulheres, isso deve permanecer. Se há sombras, elas devem ser superadas, mas a luz do espírito é uma luz inextinguível; os seus poderes pertencem ao reino invisível e impalpável aos sentidos. Se atua sobre os sentidos, é por essa força que é imortal e suprema.

Vamos, então, não apenas afirmar que o Espiritualismo é uma ciência e passível de análise científica, mas afirmar que é tão superior que, em vez de fazer do Espiritualismo um brinquedo científico, ou de o tornar suscetível à maçante utilidade da vida num sentido material, levaremos o mundo ao padrão do Espiritualismo e faremos da sua ética e filosofia a única lei suprema para governar as forças espirituais deste mundo, bem como daquilo que estais habituados a chamar de mundo espiritual. Em outras palavras: por trás dessa substância, por trás dessa fina camada de resistência, por trás daquilo a que vos deveis curvar e dobrar, e obedecer na forma física, está a grande vida em si, que não está amarrada, acorrentada nem de qualquer forma presa pela escravidão dos sentidos; a qual, quando libertada, embora não tenha o conhecimento supremo, não tem a suprema cegueira dos sentidos!

A HISTÓRIA DO OCULTISMO E A RELAÇÃO QUE TEM COM O ESPIRITUALISMO

(Assunto escolhido pelo público)

Um discurso proferido no Salão da Associação de Palestras Espirituais, em Chicago, Illinois, no domingo à noite, 2 de abril de 1876, pela Sra. Cora L. V. Tappan.

[Relatado especialmente para o *Banner of Light*]

A palavra Ocultismo é uma que não nos lembramos como tendo tido uma história, exceto por alguns meses de duração. É uma cunhagem da linguagem moderna, adaptada, sem dúvida, a uma certa classe de fenómenos que existiam nos tempos antigos, bem como nos mais recentes; mas é um termo que agora é usado como um suposto sinónimo de Espiritualismo, tendo-se originado com o Coronel Olcott nas suas investigações a ligar o Espiritualismo com a feitiçaria antiga, a magia e várias outras ciências até então supostamente enterradas na obscuridade.

A palavra é, em si, suficientemente aparente quanto ao seu significado. Na sua aplicação, porém, e em relação ao Espiritualismo, depende apenas de uma mente; e não supomos, já que o Ocultismo ainda fez poucos, se é que alguns, convertidos ou defensores absolutos, e não tem base ou alegação de existência no mundo da ciência, que possa, ainda, no mundo da investigação absoluta, ter uma relação especial com o Espiritualismo.

Diremos, no entanto, o que sabemos a respeito, e talvez assim possamos aliviar a ansiedade de muitas mentes que temem que a descoberta de qualquer nova ideia, ou talvez o anúncio de qualquer nova teoria, possa derrubar o que eles supõem ser verdadeiro. A própria verdade nunca foi assim derrubada. Nunca soubemos de um exemplo de inspiração genuína ter sido derrubada por uma descoberta da ciência ou pelo anúncio de uma teoria.

Que há relação entre as antigas práticas de magia, feitiçaria e as várias outras ciências secretas e o Espiritualismo, é tão evidente quanto há relação entre todas as formas de religião e todas as outras formas de religião. Que o anúncio de uma nova descoberta, ou a revelação de novos factos, em qualquer direção, nunca pode afetar a existência positiva de uma verdade, é também tão evidente quanto o anúncio da descoberta de um novo mundo não afeta a teoria do sistema planetário em qualquer grau.

Nos últimos meses, não tem havido pouca agitação nos círculos espíritas, por causa de declarações, mais ou menos vagas, de que uma classe de pessoas, em pequeno número, mas pensando ou acreditando possuir certos segredos em relação à antiga feitiçaria e ocultismo, estavam em perigo de derrubar alguns dos princípios do Espiritualismo. A ideia favorita que se espalhou é que o Ocultismo é apenas outro modo de explicar as manifestações até então consideradas pelos crentes como pertencentes ao Espiritualismo. Consideramos que não o faz em nenhum sentido; e, de facto, não pensamos que a declaração seja destinada a esse propósito.

A força psíquica, como empregada pelo sargento Cox, era suposta, por muitas mentes, para explicar as manifestações espirituais de uma maneira em desacordo com a teoria espiritualista. Pelo contrário, era um local conveniente de ancoragem para o sargento Cox, que não queria anunciar a sua plena crença na comunhão espiritual, mas preferiu parar na entrada do porto e deixar o Sr. entrar e ver o que realmente havia dentro do Espiritualismo. Assim, toda a tentativa de explicação com referência a uma força oculta provou ser da mesma natureza, uma vez que nenhuma força ainda descoberta na natureza foi considerada adequada para explicar a inteligência individual; e, até que seja descoberta uma força que explique a inteligência individual, a ciência, é claro, não pode alegar ter colocado uma finalidade nas suas decisões sobre o Espiritualismo.

A teoria, no entanto, que pertence diretamente ao Espiritualismo em conexão com o Ocultismo é que existem almas elementares ou fragmentárias, ainda não humanas, que partilham um pouco da natureza dos seres humanos, possuindo talvez qualidades maliciosas, más ou subdesenvolvidas, que podem, sob o comando de seres

humanos, ser feitas para se assemelharem a espíritos, amigos desencarnados, fantasmas de falecidos, e assim criar grande dano e confusão na mente humana quanto a uma comunhão direta com seres espirituais.

Será lembrado que a antiga palavra feitiçaria, ou o exercício dela, era proibida entre os hebreus. A tradução é que nenhuma bruxa deveria ter permissão para viver. Essa deveria ser a interpretação literal; e, agindo de acordo com isso, os seus antepassados muito piedosos e devotos mataram, sem testemunho adequado, um número de pessoas muito inteligentes, sábias e sinceras sob a condenação de feitiçaria. Descobriu-se agora que a interpretação ou tradução deveria ser que nenhuma bruxa deveria ter permissão para ganhar a vida pela prática da sua arte. Ou seja, não deve ser feito disso uma profissão.

Esta falta de compreensão da interpretação literal causou a confusão que se insinuou nas mentes sobre a feitiçaria. É claro que existem muitas outras indicações do mesmo tipo, e a própria feitiçaria era, sem dúvida, uma ordem de prática separada da inspiração genuína ou dons espirituais; e qualquer outra coisa que possa significar, significa o exercício de algum poder ou qualidade prejudicial aos reais interesses religiosos do povo e destrutivo um pouco dos dons espirituais genuínos.

A tal classe, sem dúvida, pertencia muito da feitiçaria, da magia e de várias práticas do Oriente, e a tal classe, sem dúvida, muito do que se chama manifestação espiritual deve ser atribuído. Mas é fácil traçar a linha de distinção, e achamos que isso é feito de maneira justa e adequada pelo Coronel Olcott, entre a manifestação espiritual genuína e a prática de uma aparência dela sob o nome anteriormente de feitiçaria. Nem pensamos que isso milite em qualquer grau contra a genuinidade da manifestação espiritual ou a inspiração absoluta que vem da inteligência desencarnada.

Em primeiro lugar, o termo “espíritos elementares” não é adequado para exprimir o que se quer dizer. Não pode haver tal ordem como espíritos elementares. Ou o que se expressa é uma inteligência ou não é. Se é uma inteligência e manifesta os atributos e qualidades da humanidade, então deve ser a inteligência humana; e, se algum poder se manifesta com inteligência humana, que não é corporificada, deve ser inteligência humana desencarnada. Mas há muitas manifestações que passam sob o nome de espirituais que não dão evidência da inteligência humana individual desencarnada, mas são, por outro lado, o resultado, às vezes, da clarividência, que é um ramo da ciência humana e capaz de cultura humana; às vezes, da psicometria, que é um dom da mente humana, estimulada por influência espiritual externa, mas também capaz de ser exercida sem qualquer controlo individual aparentemente direto.

Às vezes, os dons podem ser os da magia real, e tais como são realizados no Oriente sob um dom especial de organização, e sem serem ditados ou dirigidos por qualquer alma desencarnada individual. Explicar essas coisas, que na realidade não são espirituais, e ainda assim eliminar a suposição de que sejam fraude ou imposição, seria na realidade uma grande descoberta para a ciência e, se estabelecida, colocaria muitas mentes sinceras num caminho de investigação melhor do que aquele que têm perseguido. O facto é que nenhuma verdade jamais sofre com a adição ou aumento das

vias de aproximação a ela. Se houver uma cidade com um ou dois portões, o número de pessoas que podem entrar nessa cidade deve ser limitado; mas, se houver mil portões a conduzir para a mesma cidade, é claro que muitos milhares de pessoas poderão entrar.

Agora, a verdade espiritual é comparada a uma cidade. Por qualquer avenida que vos aproximeis da periferia, entreis nos portões ou no vestíbulo, não importa. Toda a ciência que trata da mente humana em qualquer de suas etapas ou relações é um valioso auxiliar para a investigação do Espiritualismo.

Tudo o que abre um novo caminho de investigação de um assunto que até agora foi profundamente selado deve ser saudado com prazer por toda a mente sincera. Tudo o que dá alguma nova luz aos antigos oráculos, os segredos das cavernas mitraicas, as ordens dos magos e várias outras sociedades secretas e ocultas nos tempos antigos, também deve ser saudado com prazer. O que quer que revele a subtil relação existente entre as mentes encarnadas quanto à sua ação umas sobre as outras, e as suas capacidades de controlar os elementos, também será um trampolim para revelar as possibilidades dos poderes dos espíritos desencarnados.

É inquestionável e indubitavelmente verdade que o efeito do magnetismo humano, o poder da mente individual e do espírito individual são inteiramente ignorados pela grande maioria das pessoas; e, se um espírito desencarnado possui certas relações com substâncias elementares pelas quais elas podem ser controladas e governadas, vós também possuís em certo grau os mesmos poderes em embrião, e se uma alma encarnada possui os mesmos poderes em embrião, e pode exercer esses poderes, então isso prova que existem almas encarnadas que possuem mais influência sobre os elementos ocultos do que muitas almas que estão desencarnadas.

Tomemos, por exemplo, a ciência do Mesmerismo, ou Magnetismo Psicológico, que é uma das ciências ocultas. Aqui, uma mente incorporada controla uma mente incorporada, em presença pessoal, a uma distância de várias centenas de metros, e finalmente a uma distância de uma ou três mil milhas, com o poder subtil da vontade individual incorporada. Mas isso não acaba com o Espiritualismo, é apenas um dos degraus para ele. Isso prova que a mente humana, mesmo aqui, possui os atributos não desenvolvidos que pertencem aos espíritos desencarnados.

Outra forma de manifestação ou facto é que o espírito humano, embora mantendo uma conexão vital com o corpo, pode ser visto ausente do corpo noutro lugar a milhares de quilómetros de distância, e isso pode ser feito enquanto a pessoa está aparentemente ativa nos deveres comuns da vida, ou enquanto o corpo está dobrado em sono. Esta característica da aparição ou “duplo” é conhecida por ter existido em todas as épocas, e foi testemunhada entre as escolas de ciência do Velho Mundo, e frequentemente comprovada pelo nosso próprio médium e outros.

Agora, o que isso prova? Vai muito longe para estabelecer o facto de que o espírito tem uma individualidade independente do seu corpo físico, e se ele pode existir separado do seu corpo físico enquanto este está em perfeita saúde,

aparentemente, certamente seria perfeitamente justificado em fazê-lo quando o corpo sente que está em boa saúde e está realmente morto.

Todas estas são porções da chamada ciência do Ocultismo, e de forma alguma subvertem, sobrevêm ou substituem a ciência que explica a condição da alma humana após a morte. Elas são partes de um ramo legítimo da investigação humana e relacionam-se com as várias capacidades e poderes que a alma possui enquanto ainda incorporada na estrutura humana.

A teoria das almas fragmentárias, almas meio formadas, ou seres que não existem como seres humanos, mas são metade peixes e aves e metade humanos, é em si insustentável. Não há nada na natureza para mostrar que tais híbridos existam naturalmente. Onde quer que sejam forçados, eles não se perpetuam, e a Natureza preserva os seus tipos com mais tenacidade e não permitirá invasões de um sobre o outro. Não se pode supor que no seu reino espiritual ela seja menos tenaz de tipos do que no reino material. Não se pode supor que haja qualquer terra de fronteira em que a inteligência seja misturada em várias formas e organizações que não tenham nenhuma semelhança com animais, pássaros ou homens.

Mas deve-se supor que a própria inteligência humana às vezes assume formas muito grotescas, e que essa inteligência, quando não qualificada em regiões de moral elevada, pode muito bem manifestar-se em todas as variedades de formas. Vocês devem ter em mente que a região da ciência oculta é uma região de elementos, muito mais subtil e muito menos sujeita a leis orgânicas do que a vossa; que essas figuras e formas grotescas, espetros, fantasmas, duendes, fadas, gnomos e várias outras personificações são símbolos para expressar condições ou qualidades pelas quais a própria mente humana deve passar.

Quando o bêbado vê demónios, serpentes e formas horríveis ao seu redor, e tenta afastá-los, não é totalmente imaginário. Não é simplesmente o resultado de um cérebro febril e sobrecarregado, mas ele próprio atraiu elementos de impureza que devem tomar alguma forma e feitio em torno dele, pois na lei da mente também deve haver forma e feitio para tudo o que é atraído para o indivíduo. Portanto, essas serpentes, esses diabretes e várias coisas que o torturam são a criação subjetiva da sua própria condição de vida, e podem ser conjurados (atraídos e criados) da atmosfera e da impureza da sua própria existência. Que estes possam ser espíritos elementares é impossível. São condições da sua própria mente, a falta de crescimento e cultura, que produzirão exatamente tais formas até que a sua mente as supere pela clareza do seu julgamento, volição e pureza dos seus pensamentos.

O facto de que em espírito todo o pensamento age sobre a substância de maneira objetiva explicará as múltiplas formas e visões do maníaco, do embriagado e as várias imagens que fluem através da imaginação distorcida de uma mente doente. No momento em que vocês atravessam ou cruzam a linha entre o que é conhecido como substância organizada e externa para a região das substâncias espirituais, vocês invertem a ação da Natureza.

Em vez de vós e os vossos pensamentos serdes subservientes à matéria, e só serdes capazes de a mover por processos externos reconhecidos, vocês tornam-se os controladores da matéria e sois capazes de a moldar em qualquer forma adaptada à vossa condição; e desta forma o Ocultismo, se for genuinamente aplicado, explicará toda a forma vaga ou fantasia de vidência, feitiçaria, bruxaria ou qualquer tipo de magia que tenha sido produzida em semelhança de controlo espiritual genuíno, mas o conhecimento aduzido a partir disso e a individualidade revelada em nada se assemelharão à inteligência humana genuína.

A prova das manifestações genuínas está na individualidade e personalidade dos espíritos que se manifestam, e todas as outras provas são como nada; pois, se as manifestações vêm sem inteligência, é claro que elas são governadas pela lei das forças ocultas que atuam sobre as condições de vida magnética e elétrica que cercam os indivíduos. Mas, onde quer que uma resposta inteligente se assemelhe ao vosso próprio pensamento, mas não tenha nascido dele, ela não pode ter a sua origem abaixo da inteligência humana, mais do que o bruto que toma emprestada a sua inteligência da vossa orientação age independentemente do vosso controlo (exceto, é claro, nesses assuntos pertencentes à sua própria existência orgânica).

Sempre que a inteligência refletida no cão ou no cavalo, no elefante ou noutro animal, transcender a sua instrução ou a oportunidade de instrução, então vocês podem começar a considerar que existe uma ordem separada de inteligência da qual o ser humano não tem conhecimento. Referimo-nos aqui à porção da inteligência semelhante ao pensamento humano e governada pelos seus métodos. E sempre que um espetro ou bruxa, duplo ou fantasma sem nome for encontrado a flutuar por aí, manifestando qualidades e propriedades dos vossos amigos falecidos, vocês podem ter a certeza de que eles não podem emanar de outras fontes além de espíritos desencarnados, pois essa luz só pode ser o resultado de uma certa combinação de átomos sob vibração, e de nenhuma outra causa.

A causa de todo o resultado pode ser julgada e medida pela natureza do próprio resultado, e a natureza desse resultado é uma indicação tão clara da causa quanto a mão, o rosto, a forma, a voz, a evidência de um ser humano. O que quer que manifeste a inteligência, exiba a forma e a voz, e expresse o pensamento, a afeição e o sentimento do vosso ente querido, é o vosso ente querido. Vocês podem plantar uma pedra e esperar trigo; podem plantar um cardo e esperar uma rosa, mas essas coisas nunca acontecem. A inteligência só emana de seres inteligentes; a inteligência pessoal apenas de seres pessoais inteligentes; e tudo o que é vago e incerto ocupa essa fronteira e é afetado e governado de várias maneiras pela ignorância desta vida e pela incapacidade do mundo espiritual de sondar essa densa atmosfera terrestre.

Se imaginássemos, ou concebêssemos, a existência de uma vasta mistura de espíritos meio formados ou almas que têm pouca relação com os homens, mas suficientes para os torturar, isso faria do próprio espírito humano tal combinação que a sua imortalidade, ou evidência dela, estaria inteiramente fora de questão. Se descobrirmos a existência de tal região, saberemos imediatamente que essas almas fragmentárias não são existências separadas em si mesmas, mas que são antes os

pensamentos e ações fragmentárias de almas que ainda não compreenderam completamente as leis da sua própria vida e identidade, assim como vós, talvez, se fizésseis um retrospeto das vossas próprias vidas, descobriríeis que as vossas ações, se moldadas em formas reais, teriam aparências muito fragmentárias, e se cada um desses fragmentos fosse julgado separadamente, em vez de em referência à sua individualidade, ou a toda a sua vida, eles certamente fariam uma aparência muito grotesca.

Se vocês fossem personificar os vossos pensamentos — fazer com que eles realmente assumam a forma que podem assumir no oculto, substâncias ao redor —, estais muito bem cientes de que tal forma e feitio seriam extremamente variados, e que o grotesco dos múltiplos pensamentos que tendes tido nas vossas vidas tornaria o mundo tão pitoresco quanto qualquer coisa que o Coronel Olcott ou os seus amigos pudessem imaginar; e que se um espírito, entrando na vossa atmosfera, registando a vossa vida ou medindo a condição da vossa mente, julgasse o estado de espírito pelas formas ao vosso redor, apresentaria uma aparência tão singular quanto a cena das bruxas em *Macbeth*, e às vezes tão trágica.

A verdade, no entanto, é ainda mais profunda do que isso. Os métodos que os homens aplicam às coisas e assuntos espirituais são os mesmos métodos que eles aplicam às coisas externas, ao passo que, embora o mesmo raciocínio deva ser empregado em todos os assuntos, o método deve variar de acordo com a coisa a ser medida. É claro que vocês não levam um telescópio para estudar um pequeno inseto, nem esperam ver as estrelas através de um microscópio; mas os seres humanos esperam estudar os elementos e as coisas espirituais pelos mesmos métodos que aplicam às substâncias orgânicas, e se não forem analisados quimicamente e classificados de acordo com as ciências orgânicas, então o assunto fica aberto às especulações mais loucas, e considera-se que não há ciência em conexão com as coisas espirituais.

Pelo contrário, o próprio espírito deve ser tomado como o centro. A ação do espírito sobre todas as substâncias circundantes depende da familiaridade do espírito com essas substâncias, e o som, a vibração, a manifestação intelectual, a fala e a ação dependem tanto da facilidade de operação e conhecimento que o espírito tem em contacto com a matéria como o desempenho de uma criança num instrumento musical depende do seu conhecimento das manipulações. Os primeiros esforços da criança são desajeitados, e os sons produzidos não têm semelhança com a música, mas são ásperos e dissonantes, e se fotografados, ou tipificados na atmosfera, apresentariam formas sonoras muito singulares e irregulares.

Vocês devem ter em mente que cada pensamento da mente humana é em si fotografado na atmosfera ao seu redor (aura); que cada condição da mente humana produz algum efeito sobre as substâncias que a cercam, e que todas elas têm uma forma típica e uma forma de arranjo que pertence a uma ordem de existência nas coisas espirituais; e que, portanto, se um vidente ou médium vê uma pomba ou um falcão, uma serpente ou um lírio perto de vós, é provável que seja uma expressão típica do vosso estado de espírito; e se vocês atraíram tais elementos na atmosfera para

produzir a semelhança espiritual de uma serpente, essa serpente está lá na realidade tanto quanto se estivesse a rastejar no chão aos vossos pés — mais real, porque tem a sua origem nos traços e qualidades mais duradouros da Natureza, ou seja, o espiritual, e é formada a partir dessas substâncias atraídas para vós.

Se um médium vê uma pomba, que era usada no simbolismo antigo como a expressão do Espírito Santo, é evidente que a vossa atmosfera é de paz e inspiração, e que a pomba é tão real como se fosse pousar sobre o vosso peitoril da janela e alimentar-se da vossa mão. Um é o resultado da vida organizada através de um processo externo, o outro é o resultado da vida subjetiva através de um processo espiritual, que é igualmente real e constitui uma parte da existência espiritual.

Quando compreenderdes isso, também compreendereis os significados dos vários símbolos empregados pelos espíritos para se fazerem entender por vós. Vocês também compreenderão mentalmente, embora não fisicamente, a natureza da existência espiritual e a substância da vida espiritual. Entenderão ainda que as várias forças que supostamente existem como ordens separadas de seres num estado elementar de vida espiritual são, na realidade, os vários estágios pelos quais a mente humana passou, que foram representados ou evocados imperfeitamente pelo feiticeiro, o mago, a bruxa, ou por outros cujos processos são desconhecidos para a humanidade.

A ciência distinta da feitiçaria é a de evocar ou criar da atmosfera as imagens de coisas que estiveram na vossa própria mente ou representam a vossa própria vida, ou outras vidas; mas que estes possam manifestar uma inteligência separada, ou que eles de alguma forma interfiram na inteligência real dos espíritos desencarnados, é tão impossível como que uma aparência da lua refletida sobre um lago, ou a lanterna mágica, possa eclipsar a luz daquele luminar para sempre; ou que os símbolos do professor Proctor usados para ilustração nesta cidade algumas noites atrás possam apagar o sol e todo o sistema solar.

São apenas representações. O conjurador tem o dom de apresentar tais imagens à vossa mente, e ele emprega a mesma força para fazê-lo que o espírito emprega para se representar à vossa inteligência. O poder do espírito está por trás de todas as coisas. Essas produções do mago são simplesmente imitações e, como tais, foram proibidas nos tempos antigos, pois assemelhavam-se e falsificavam a manifestação espiritual genuína de tal forma que eles se viram obrigados a proibir a sua prática para não encorajar a falsificação em vez da genuína.

E esta é la linha que atravessa toda la história entre os dons genuínos do espírito e a falsificação. Esta é a diferença entre o médium inspirado genuíno do vidente e aquele que exerce o dom pelo poder da magia. Esta é a diferença entre o profeta ou vidente genuíno de tempos antigos e o feiticeiro ou bruxa. Foi no Egito, e em algumas partes da Pérsia, que esses dons ou poderes foram possuídos no seu maior grau, e enganaram até mesmo muitos dos crentes em dons espirituais, pela sua estreita semelhança com as formas genuínas de manifestação.

Paralelamente às manifestações espirituais de hoje, há imitações muito inteligentes e engenhosas delas. Os vários feiticeiros ou magos que realizam magia ou prestidigitação imitam tão de perto a manifestação espiritual genuína que enganam muitas pessoas, e há na Inglaterra e na América muitos que acreditam que Hermann e os vários feiticeiros que se anunciam como magos genuínos são médiuns genuínos. Esse não é o caso. O seu poder é o resultado de prestidigitação. Eles são perfeitamente habilidosos nos seus truques, entendem os métodos e podem transmiti-los aos outros. Isto é magia; a outra fase existente é a manifestação espiritual. Ora, esta esfera de magia também pode ser incluída nesta ciência oculta.

O hipnotizador pode ser um mago; ele pode fazer com que o seu sujeito veja várias formas, mas não pode transcender o seu próprio conhecimento. Sempre que o sujeito vai além desse conhecimento, não é a mente dele que controla. A hipnose pode fazer com que o sujeito veja qualquer amigo falecido que ele tenha conhecido pessoalmente; ele pode imprimir isso na visão do sujeito hipnotizado, mas quando o médium ou sujeito independente da sua vontade passa a descrever alguém que ele não conhece, isso não é magia, mas ciência espiritual. A diferença é muito clara. Aqui está o exercício da força de vontade, o mesmerista ou mago a agir sobre o seu sujeito, a brincar com o cérebro.

Por outro lado, há o dom espiritual genuíno que transcende o seu poder. Vocês podem dizer: “Mas um espírito desencarnado não pode fazer esses truques?” Certamente, um espírito desencarnado pode imprimir na mente do médium certas imagens ou formas, mas sempre deve ser de alguma pessoa ou coisa que aquele espírito desencarnado conheceu; se for a forma de uma pessoa, pode ou não ser a de alguém que partiu ou não da vida terrena, e quando chamados a falar por si mesmos, vocês podem facilmente descobrir se esse espírito desencarnado está realmente lá, ou se é apenas uma conjuração do cérebro atuada por um mesmerista nesta vida ou na vida espiritual.

Muitas das imagens retratadas no cérebro dos médiuns pelos seus guias espirituais são declaradamente psicológicas. A maioria das visões vistas são declaradamente obra de impressões por espíritos-guias com o propósito de instrução. Provavelmente, não mais do que um décimo são visões reais da vida espiritual, enquanto o resto é impressionado por um espírito, tão simbólico ou ilustrativo da vida espiritual quanto possível. Este é um processo de conjuração, mas é exercido por espíritos desencarnados, bem como por aqueles na carne. Muitos espíritos fazem com que os seus médiuns pratiquem o que se supõe serem enganos por parte do médium; no entanto, eles são movidos a fazê-lo pelos espíritos controladores, que não são de uma ordem de consciência elevada.

A visita de Swedenborg através de vários estágios da existência espiritual não foi totalmente a do vidente real. Às vezes descia à região do controlo psicológico por uma certa classe de espíritos que lhe imprimiam a intensidade do seu estado de infelicidade ou miséria, e ele supunha ter visto o inferno. Isto, no entanto, não eliminou o facto de ser uma manifestação espiritual genuína, mas aboliu a autoridade real, como um lugar permanente, daquilo que é visto e revelado.

Não pode haver autoridade ou padrão distinto além do fundamento bem atestado da verdade espiritual genuína. Todas as especialidades ou detalhes devem, por enquanto, permanecer objeto de tanta dúvida quanto qualquer ciência na sua infância sempre possui, e essa dúvida é sobre a identidade dos espíritos que pretendem comunicar-se por meio de médiuns e a localização das esferas espirituais. A manifestação pode ser genuína.

A demonstração pode dar até certo ponto evidência de identidade, mas se não suportar o teste de sondagem além desse ponto, se não responder algo além de generalidades, se não for algo diferente do que um espírito clarividente poderia ler da vossa própria mente, desconfiai; porque todo o médium é acompanhado por um espírito que anseia por se destacar no seu departamento individual. Eles farão tudo o que puderem e, se não forem muito verdadeiros, tentarão simular os vossos amigos. Mas se eles manifestam uma inteligência que apela a vós como do indivíduo, dando conhecimento que vós mesmos não conheceis, e também dando conhecimento que vós e o vosso amigo só conhecíeis, então tende a certeza de que esse amigo está a falar.

De modo algum afeta o facto da comunicação espiritual porque a comunicação não vem da pessoa que vocês possam supor. De modo algum muda a filosofia de controlo espiritual porque, em alguns casos, os espíritos subdesenvolvidos se manifestam sob o nome dos seus amigos desencarnados. Mas não pode haver engano contínuo e perpétuo em torno da amizade e relacionamento de dois espíritos quase aliados. Não pode haver nenhuma dúvida. A própria comunhão revela a personalidade e a individualidade. Duas pessoas aqui, tendo sido amigas na juventude, após longos anos de separação encontram-se. Não há pontos de semelhança, talvez, com a aparência juvenil, mas conversando e ensaiando as experiências daqueles dias juvenis, comparando aquele longo tempo de relações que tornou a sua amizade deliciosa, elas na realidade revelam-se uma à outra.

É isso que o Espiritualismo faz pela comunicação genuína entre um amigo desencarnado e vós mesmos. É claro que pode haver um grande número de mensagens que não se relacionam convosco pessoalmente e não vêm dos vossos amigos pessoais, mas vêm de algum lugar e pertencem a essa classe de evidência auxiliar que prova a existência de inteligência, mesmo embora não seja a inteligência que estais a procurar, e assim derruba a ideia de espíritos elementares.

Nós nos esforçámos brevemente por examinar a relação, como a entendemos, entre esses dois ramos da ciência espiritual. Claro que não pode haver tempo suficiente para dar uma olhadela em todas as reivindicações desta “nova partida”, como é chamada, em relação ao Espiritualismo, numa palestra. Pode-se afirmar brevemente que a base fundamental do Ocultismo, em abstrato, é bastante correta; que é correto no facto de abrir à compreensão e mente do homem a existência de um mundo de magia, de poderes e dons espirituais, de uma ciência espiritual subjacente que pertence à vida humana, existe em conexão com espíritos humanos encarnados, e ocupa grande parte da vida da humanidade, mesmo que ela o desconheça. Mas este ramo da ciência espiritual não pode ser separado do Espiritualismo propriamente dito, assim como

vocês não podem separar a atmosfera desta sala da atmosfera externa e continuar a respirar.

Você não pode encerrar no Ocultismo, ou em qualquer outro ramo da ciência, toda a atmosfera espiritual e explorá-la para se sustentar nessa base. Você pode torná-lo uma parte e porção da ciência espiritual. Há partes e porções em cada ciência, e tornou-se cada vez mais o território dos pensadores do século XIX tomar as ciências não como um todo, como fez Humboldt, mas aos poucos, fazendo de cada porção uma especialidade. Os homens às vezes eclipsam a ciência maior com a menor que está à mão. Para que vocês não façam isso, não há perigo em investigar qualquer assunto; de modo que a moeda de dez cêntimos não eclipse em visão o esplendor maior da moeda de ouro além; para que não façam a gota que está diante dos vossos olhos contar por todo o firmamento estrelado; para que não julguem mal o átomo, pensando que é um mundo ou um sol. Cada parte e átomo é valioso no seu lugar, e cada ciência é uma porção da grande ciência geral que em si mesma não pode ser destruída nem retirada, assim como o sol não pode ser arrancado do seu lugar ou o firmamento estrelado destruído pela análise de uma gota do mar ou um grão de areia.

Cada ramo da investigação humana legítima — e este é um ramo — é aquele que abre um novo caminho para a verdade central. Essa verdade é tão completa e perfeita que a humanidade não pode recebê-la como um todo, mas deve ser quebrada ao entendimento em fragmentos. O ocultismo é um dos fragmentos da verdade espiritual. Aqueles que se dedicam à investigação tropeçaram nele nas suas pesquisas e supuseram, como talvez muitos o fazem, que contém a chave para todas as coisas. Não é verdade que todo o descobridor da ciência acredita, por enquanto, que a sua descoberta eclipsa todas as outras coisas e explica tudo sob o sol? e não se revela que ele era apenas um pequeno fragmento da grande luz da verdade que sempre queima, e da qual milhares de outras pessoas também estão a lascar, obtendo fragmentos de vez em quando, e supondo que encontraram o todo?

Não prova também que os vários raios de luz que podem ser divididos pelo prisma, finalmente se dissolvem no único feixe puro de luz branca? Assim é com esta ciência: com um pouco de egoísmo e erro, com considerável parte do elemento das mitologias passadas, ela mantém a mesma relação com a ciência espiritual que qualquer uma das diferentes cores mantém com o puro raio de luz. É uma porção da verdade, um fragmento de rocha, um grão de areia à beira-mar, uma gota de água no oceano, um dos satélites das grandes constelações celestes que se movem; enquanto as almas angélicas, sentadas em seus lugares, cientes de sua existência, conscientes de sua vida, não são influenciadas nem movidas nem de forma alguma alteradas por esses vários mistérios que são revelados um após o outro ao seu entendimento.

Os Rosacruzes supunham ter descoberto o segredo de toda a vida, e que por uma gota de orvalho sobre a grama eles tinham visto o simbolismo do maravilhoso Universo e o processo de desenvolvimento da vida. Assim, todas as pessoas são Rosacruzes. A verdade revelada pela primeira vez ao entendimento humano torna-se para os homens toda a verdade, e eles esquecem que muitos outros estudantes e peregrinos encontraram a mesma gota, descobriram o mesmo reflexo do Universo e

passaram para seus superiores. propriedade, deixando que outros sigam e peguem essas gemas como novas descobertas, e as coloquem no altar do tempo como suas oferendas ao grande conhecimento do mundo.

Esta, resumidamente, é a nossa opinião sobre a nova teoria recentemente introduzida.

Após questionamentos da plateia sobre o assunto da palestra, o orador pronunciou a seguinte improvisação, sendo o assunto escolhido pela plateia:

CAPACIDADES DA MENTE HUMANA

Em qualquer reino do espaço,
Cercado por quaisquer esferas,
O orbe iluminado pelo sol tem seu lugar brilhante,
E se move através de anos mutáveis e imutáveis —
Limitado ao vão perfeito
Que forma sua porção do plano de Deus.
Mas a mente não tem extensão, domínio,
Sem altura, nem largura, limite ou poder;
Invisível, mas sentida na alegria ou na dor,
Ilimitado é o dote escolhido.
Agora montando nas esferas iluminadas pelo sol,
Noé mergulhando na terra abaixo,
Movendo-se pelo impulso dos anos;
Agora mais rápido que os relâmpagos — lento
Como o lento caminho de tortura da dor,
Ainda sem limites através de seu vasto domínio.
Circunscrita aqui pelo tempo e sentido,
Sepultado dentro do barro exterior,
Ele ainda encontra melhor recompensa —
Em muitas asas procurando longe.
A luz seu caminho é para mundos
Que estão além deste grão de poeira;
E o ar, seu campo, com asas maravilhosas
Elevando-o de mofo e ferrugem.
A imaginação é seu conceder
Com o qual monta a mundos desconhecidos
Além da visão, além do saber,
Ele voa para satisfazer sua necessidade infinita.
Repleto de todo sofrimento e dor,
Corporativo nesta forma de barro
Ele ainda se recusa a permanecer,
E nos pensamentos os pinhões voam para longe.
Para onde? Ah, o espaço é ilimitado!
Ainda há algo do além;
Seja qual for o poder que você possui agora,

A esperança afetuosa e expectante, ainda encontrada,
Atrai e seduz para algo mais —
Um mundo mais novo e uma loja mais brilhante.
A mente assim amarrada não ficará,
Mas liga-se ao dia sem fim.
Nenhum átomo pequeno, mas o que é semente
Pode abranger até mesmo seu pequeno domínio;
Nenhum mundo tão vasto, mas o que é necessário
Ainda se esforça uma altura mais alta para ganhar,
Do pico da montanha em sóis ele se eleva,
Sempre nova vida ainda explora.
Veja, quão vasto! aqui neste torrão
Pulsa com uma ponta de barro!
Lá, libertos, sem algemas, montam para Deus.
Aquecendo-se em um dia eterno.
Eternidade que não tem nome,
Sem limite e sem limites de espaço,
Mas só brilha a pura chama branca,
E você pode traçar no próprio lugar de Deus,
Para sempre e para sempre,
Novos mundos para conquistar e explorar.

SERÁ A CONDIÇÃO MORAL DA SOCIEDADE MELHORADA PELOS ENSINAMENTOS DO ESPIRITUALISMO?

(Assunto escolhido pelo público)

Uma palestra da Sra. Cora L. V. Tappan, proferida em 9 de abril de 1876, em Chicago, Illinois.

Podemos responder a essa pergunta em três palavras ou quatro. Se quiserem, faremos um discurso sobre isso. Depende inteiramente da própria sociedade. O que quer que exista de verdade é inestimável para a mente humana e, se for uma verdade, é em si uma desculpa suficiente para a sua existência. O que a mente humana fará com uma verdade, que efeito ela terá sobre a vida e conduta diária, quanto ela elevará, exaltará e permeará toda a natureza, depende inteiramente de o ser humano a receber.

A Regra de Ouro está no mundo há vários milhares de anos — está no mundo cristão há quase dois mil anos —, mas, se fôssemos julgar pela cristandade, deveríamos dizer que nunca foi dita. As verdades da ciência estão no mundo; elas formam a grande base de uma filosofia natural sobre a qual a humanidade é gradualmente elevada, quer queira quer não, mas, se fôssemos julgar pelas ações individuais dos homens e pela quantidade de benefícios individuais que eles recebem delas, diríamos que não tem havido ciência no mundo. As verdades do governo e da lei moral são tão antigas quanto a dispensação mosaica, são tão antigas quanto as leis dos

medos e dos persas, mas, se julgássemos pela existência de formas humanas de governo e pela sua aplicação prática, diríamos que não havia lei, que os governos se administravam de maneira aleatória e que o mundo, apesar de si mesmo, se havia tornado melhor pela influência avassaladora de uma vontade divina.

Não é frequente que, trinta anos após o advento de um novo sistema de filosofia, este seja chamado a defender-se perante a barra moral de qualquer julgamento humano, exceto quando o poder moral absoluto é exercido por ambos os legislativos. Se houver uma monarquia, ou uma teocracia, ou uma inquisição, então qualquer sistema pode ser apresentado a ela e acusado com base na sua excelência moral.

Estamos bem cientes de que há um tribunal mais amplo e mais alto do que este, ao qual, em última análise, todo o pensamento da mente humana deve chegar, e diante do qual todos os assuntos devem finalmente curvar-se e ceder às suas decisões. Mas as suas decisões não são tomadas em pouco tempo. Raramente ocorre num século de tempo. Dá tempo suficiente para que a semente seja semeada, a colheita seja cultivada e amadurecida, antes de ser julgada pelos cardos ou pelos frutos; e, somente com base nisso, será totalmente impossível formar um julgamento sobre um sistema de filosofia que ainda não existe no mundo como um sistema há trinta anos.

As tendências dos ensinamentos espirituais são, em nossa opinião, tão valiosas para a humanidade quanto a tendência de qualquer verdade que pertence à natureza espiritual do homem. Não é nada no sentido de autoridade absoluta ou de qualquer coisa que o mundo espiritual possa dar à humanidade que deva substituir o julgamento e a razão individuais, mas é a ampliação do escopo da mente, a introdução de um sistema de filosofia que ao mesmo tempo explica a morte e elimina o medo dela, e a consciência de uma vida permanente e constante num estado futuro, que deve exercer uma vasta influência moral no mundo. Isso por si só faria da Filosofia Espiritual um assunto muito sério e solene de consideração. Isso por si só faria o seu benefício para a humanidade, se for verdade, de tão vasta importância que não seria eclipsado ou mesmo abordado por qualquer outro assunto; e, se fosse falso, haveria um fim para a existência espiritual do homem de qualquer forma.

O Espiritualismo ou é verdadeiro como facto — demonstrável como ciência, capaz de análise como filosofia e a apelar para a natureza espiritual do homem na ampla base da sua existência imortal — ou a própria natureza humana é uma ficção desde o início, e não pode apreciar nem apropriar-se de nenhum dos testes que geralmente são aplicados a todos os assuntos. Se for um sistema de filosofia a resolver os mistérios da vida além da morte e a dar muita explicação para os mistérios desta vida, então é claro que se torna o sistema mais amplo que já ocupou a atenção do homem. Se for descoberto, por outro lado, que é uma ilusão, o resultado da imaginação ou de forças ocultas na natureza até então inexplicáveis, então todo o assunto de investigação humana deve ser considerado, e todo o tecido da natureza imortal e espiritual do homem cai por terra e não é nada.

Sobre esta base, os ensinamentos do Espiritualismo não são nada comparados aos seus factos. Os ensinamentos são os factos. Não há teorias, nem teologias, nem

filosofias que não sejam baseadas na sequência legítima da existência após a morte. Espíritos individuais têm opiniões individuais; eles têm direito a tanto crédito quanto as teorias de qualquer mente avançada e inteligente. Mas o próprio facto do Espiritualismo é um grande facto moral ou nada. É uma verdade estabelecida ou nada e, sendo tal, não se trata de saber o que fará à humanidade, mas: está no mundo? E estando no mundo, o que fareis com ele?

O sol brilha? Então vocês devem ajustar as vossas habitações e as vossas janelas, as sementes que semeiam e todas as coisas, com referência à sua existência. Existe uma atmosfera que irá ferir ou dar vida? Então devem ajustar todas as vossas roupas, habitação, tudo, com referência a receber tanto dessa atmosfera quanto for benéfico para a vossa existência. Existem elementos e propriedades que dão vida no universo? Cem anos atrás, o Dr. Priestley descobriu o oxigénio. Foi ele criado quando o descobriu? Não; mas o uso dele, as várias aplicações, a influência que ele tem sobre a vida humana, foram então revelados à consciência humana. O oxigénio foi, muito antes disso, o elemento vital da vida, mas agora a compreensão dele faz com que a humanidade avance na ciência sanitária muito além dos tempos passados.

A descoberta de um novo princípio na existência espiritual do homem não é a criação dele, mas simplesmente o seu desdobramento na forma de compreensão para o homem, e esse desdobramento faz um sistema de filosofia que pode ser perigoso, mas que ao mesmo tempo deve ser valioso e deve ser um dos elementos vitais da vida, caso contrário não existiria. A descoberta do vapor não foi desacompanhada de perigo. A existência dele no mundo como potência motora é a cada dia acompanhada de desastres. Mas ninguém pensa em abolir a força motora por motivos imorais.

Quem entende de ciência é capaz de manejar uma máquina a vapor; quem não entende deve primeiro tornar-se um estudante da mesma. Os grandes elementos da lei espiritual existem. Eles podem explodir — produzir vários desastres mentais; sempre estiveram na existência; sempre produziram esses desastres; os homens não os compreenderam; a insanidade, a obsessão, a cleptomania, várias ordens de doenças mentais que confundem a habilidade da ciência são atribuídas a essas subtis leis espirituais pelas quais os homens afetam uns aos outros.

A revelação do Espiritualismo, a consciência de superestratos de vida além da vossa, o facto de que estais ligados a essa vida por laços indissolúveis, a consciência de que as vossas próprias almas estão fadadas a existir nesse estado futuro, e a filosofia do desdobramento dessa natureza espiritual aqui e no mundo vindouro é, sem dúvida, um problema sublime, e talvez para indivíduos de mente fraca um problema perigoso de se lidar. Não pedimos a todo o ser humano que se torne engenheiro, astrónomo, químico, mas supõe-se que todo o ser humano de inteligência média reconhecerá o avanço gradual da verdade científica no mundo e aceitará o testemunho daqueles que sabem.

O Espiritualismo difere de outras ciências nisto: que não tem especialidades, que não há autoridades absolutas sobre o assunto; mas é uma questão sobre a qual cada um se pode tornar uma autoridade, e que diz respeito tão intimamente a cada mente

individual que, se quiserem questioná-la de qualquer maneira, podem tornar-se estudantes do sistema em vários graus. Na verdade, vocês podem investigar o Espiritualismo, acreditar que há algo nele, mas ainda assim pode não ter o menor efeito sobre a vossa vida ou ações aqui de qualquer maneira. Tais são os Espiritualistas dos fenómenos, que aceitam os fenómenos, os consideram genuínos, acreditam que há um estado futuro e seguem o seu caminho, assim como muitos cristãos, independentemente do mundo vindouro.

Há aqueles que acreditam na filosofia do Espiritualismo, que se tornaram estudantes mais profundos, que consideram que é um crescimento, e que aceitam o que ele dá sobre la lei da mudança chamada morte como uma solução clara do mistério mais profundo que existe. De facto, para essa classe de mentes ela vem na forma de uma revelação. É la solução desse problema maravilhoso; é a revelação da pedra fundamental no arco da existência por meio da qual o único grande mistério é desvendado, o único abismo superado, o único terror varrido. O efeito moral da abolição do medo no mundo é em si tão grande que, se fosse possível agora eliminar da mente humana todo o medo da morte por um conhecimento filosófico da mudança chamada morte, teria mais efeito sobre a existência do homem do que todos os conhecimentos teóricos juntos.

O facto de que a ciência o tenha feito aproximadamente elevou o padrão moral da humanidade sem, talvez, melhorar a natureza religiosa ou espiritual; mas quando por trás da ciência há um sistema de filosofia que suplanta o medo sem tirar a devoção, que acrescenta mais à apreciação espiritual dando conhecimento em lugar de crença, quando há um sistema que chega tão longe na existência do homem a ponto de lhe mostrar o problema da vida, provando-lhe que ela nunca perece, então se torna a solução do poderoso problema das eras, e eleva a humanidade da paixão mais insignificante que já obscureceu a razão humana, a saber, o medo. Vocês sabem o que os homens farão na cegueira do terror — que loucura exibem quando a morte se aproxima, que cobardia quando pegos de surpresa.

Vocês sabem o que a morte tem sido no mundo — aquele esqueleto ao lado da lareira, o único armário escuro no canto da vida, o único terror que vidente, filósofo e pregador têm procurado superar. Vocês sabiam como ela permanece no pensamento dos jovens. Vocês sabem como nos anos mais maduros a face empalidece ao pensar na morte, a menos que acompanhada por um motivo mais elevado de amor ou patriotismo. Vocês sabem que mártires e santos triunfaram sobre ela por causa da consciência, da vida espiritual além, e por causa da fé e fervor que os sustentou e manteve.

Façam da morte não um demónio das trevas, não um demónio do terror, não um esqueleto vestido de armadura que vem para atacar o mundo e matar a humanidade; mas sim a fruição da vida, o desabrochar da existência aqui, a continuação do crescimento da árvore, o derramamento das folhas e dos galhos que foram cultivados aqui na obscuridade e escuridão, e vós tereis uma alavanca moral no mundo que nenhum zelo religioso ou fogo pode exceder, que o patriotismo não pode, com a sua

expressão espasmódica, igualar, e que somente o amor divino e perfeito pode superar em qualquer grau.

E esta é a filosofia do Espiritualismo. Onde quer que o facto se tenha tornado evidente para a mente humana, onde quer que os membros do grupo familiar tenham recebido evidência da presença de amigos falecidos, não é como o antigo oráculo, a caverna mitraica, nas eras das superstições das trevas, mas é la presença de amigos amorosos, a consciência do seu poder na lareira e no círculo familiar, o reconhecimento dos laços, a fusão de corações e vidas, a revelação de outra existência; é um sublime englobar pelo poder do conhecimento daquele mistério que todo o coração anseia por resolver, mas que deve permanecer sem solução, a menos que seja resolvido por este sistema de filosofia e ciência.

O efeito moral disso deve ser julgado por vós mesmos. Não conhecemos nada a não ser a rigidez absoluta e o amor a ela, a não ser a verdade e o amor a ela por si mesma, a não ser o amor conquistador e controlador do Infinito, que com profunda compaixão envolve toda a fraqueza humana — não conhecemos nada, salvo essas coisas tão calculadas para elevar a humanidade dos cuidados prementes e da região estreita da vida externa como a consciência da presença dos que partiram.

A crença de que eles estavam mortos — a crença de que eles foram colocados longe em alguma prateleira terna da memória —, a crença de que, acima do vosso alcance, eles moravam em algum ar mais alto, onde nunca poderíeis penetrar, e que éreis requisitados por algum processo de transubstanciação espiritual para os encontrar lá, foi uma crença elevada. Quão mais elevado e valioso é o conhecimento de que o amor que tendes por eles e eles por vós é tão substancial que encontra uma maneira de superar esse grande silêncio sem voz; que, em algum acorde invisível de vibração, eles possam falar as palavras e revelar a consciência das suas mentes individuais, de modo que não a sua memória, mas eles mesmos estejam lá e permaneçam convosco.

Vocês sabem o que é o amor de uma mãe terrena; sabem como, durante todos os anos da infância e da juventude, as suas orações, as suas admoestações, a sua voz gentil formam a única estrela de excelência moral para a mente jovem. Vocês sabem que, mesmo quando a dissipação e o crime se infiltram, o amor dela é o único amor terreno atenuante, e a única oração que segue para o calabouço, para a cela e, se necessário, para a forca e a morte. Quando pensam numa mãe terrena assim, o que não será se, além das portas do tempo e dos sentidos, acima das grades da prisão da vida exterior, ela ainda bate no peito com orações e petições e admoestações amorosas?

O que não se torna quando a própria morte não tem poder sobre esse amor, mas ainda mais brilhantemente brilha, e ainda mais ilumina o caminho do cativo e a rotina solitária da vida do mundano? Ah! Se a mãe é a salvadora da vida exterior do homem, o que não será o seu amor quando transfigurado e glorificado além da vida exterior? Torna-se então, para sempre, uma graça edificante e salvadora. Torna-se então um santuário de glória perfeita, e qualquer mensagem da alma dessa mãe é como uma luz permanente e um poder sustentador. Quer seja amigo ou companheiro sagrado, quer

seja o filho do vosso coração, ou irmão ou irmã ressuscitada, não é a voz doce, e a influência não é boa?

A vida social na terra é o florescimento da civilização cristã. O lar e as suas influências são o florescimento das sementes sagradas da verdade que Deus deu às eras do mundo. Então, se esse lar não for quebrado pela morte; se essas influências sociais não forem destruídas pela ausência corporal do ente querido; se de facto é verdade que, transcendente e acima da morte, o mesmo acorde imortal de simpatia se estende, a sociedade se amplia, o mundo se fortalece, as esperanças do mundo se ampliam; e vocês não se estão a esforçar, o melhor que podem, com um Deus distante a quem estais amarrados e vinculados por credos, para que possais ser salvos do abismo abaixo; não estais a olhar para a face do homem-Deus que, semelhante ao homem, mas sendo Deus, está longe de vós; mas, pelas mesmas ajudas que Deus vos deu, sois elevados a um estado mais alto aqui e sustentados depois, mesmo que penseis que os olhos estão fechados na morte.

Se houver influência moral no mundo, se a santa esposa, mãe ou filho tiver alguma influência para guiar os passos corretamente; se o amigo amoroso ou o irmão em companheirismo desviar os vossos caminhos do mal e vos fortalecer quando a resolução vacilar; se o professor, por palavra de sabedoria ou advertência, direciona a vossa mente no caminho certo; se o santo amigo, poeta, sábio ou filósofo expira, através de livros e palavras escritas, a evidência do seu propósito elevado e inspira a emulação, então o que não farão eles vivos, que mortos têm esse efeito na vossa memória? O santuário está lá — a cidadela sagrada da vida não mais deserta; o templo transfigurado e glorificado, o altar não de pó, mas de chamas; a voz não do passado, mas do presente; a elevação não da memória, mas da vida real e da esperança, para acender uma chama sempre presente que não se apaga.

Não conhecemos nenhum espírita que tema a morte corporalmente; não conhecemos nada além do medo da morte moral na qual, ai!, muitas almas são encontradas hoje; não conhecemos nada além de que a sua consciência é como um fogo penetrante a descobrir continuamente os cantos e lugares escuros da mente, e vivificado com a vigilância sempre presente e a vida sempre vigilante do mundo dos anjos, consumindo tudo o que é indigno e cheio de escória. Não conhecemos nenhum verdadeiro espírita que não deseje que o mundo dos anjos contemple o tempo todo as suas almas que aspiram a uma vida mais elevada e melhor.

Eles falham — todos falham —, ninguém consegue o que espera ou deseja; mas é algo para tentar, e, por fervorosa prova o tempo todo, e voltando o rosto firmemente para a luz, não pode ser senão que um propósito mais elevado e uma excelência mais grandiosa serão alcançados na vida. Os cristãos alcançam-na voltando o rosto para o céu e com fé no amor divino que reconcilia Deus com o homem. Todas as pessoas que buscam a verdade a alcançam fazendo da verdade o seu padrão e o seu guia. Então, quando o Espiritualismo estiver no mundo como solvente de credos, como solução de mistérios, como levantamento do véu, como revelação da luz do sol que antes brilhava obscuramente através das brumas do crime, da ignorância, da hesitação, do credo, sem

dúvida — certamente vem com ele um fervor moral e poder que não pode deixar de abençoar a humanidade.

Não sabemos, mas e se a revelação sobre a morte tirar o terror da vida além, pode isso ser considerado como privando o homem de algum incentivo à excelência? Mas, em nossa opinião, o amor à verdade por si mesma e não por causa da felicidade, o ódio ao mal por causa dele mesmo e não por medo do castigo, é o ensinamento moral mais elevado que pode vir ao mundo. Temos pouca fé na excelência daquele homem que não peca porque deseja escapar do fogo consumidor do Hades; temos pouca fé na justiça daquele homem que faz o bem por causa da recompensa que espera obter. Sabemos que os santos e mártires ressurgiram não por amor ao homem, nem por louvor, mas por causa daquele ardor nas suas almas que recusou todo o suborno e falsidade, e apenas confessaram o que eles supunham ser verdade.

Galileu na cela da masmorra, Sócrates com o veneno lento nas veias, todos os que têm forjado para o grande heroísmo moral do mundo se baseiam nessa verdade e, portanto, se houver nele aquilo que dissolve o medo da morte e o medo do inferno, e traz consigo apenas o desgosto pelo mal feito por si mesmo, e apenas o amor à verdade por ela mesma, então pensamos que as firmezas são mais seguras do que aquelas que se baseiam na influência típica e débil do terror humano e da vaidade humana.

A cupidez e a ignorância do mundo reduziram os padrões morais e levaram os homens a fazer por medo de serem descobertos o que não fariam se fossem deixados a si mesmos. Esta filosofia do Espiritualismo, se interpretada corretamente, coloca cada ser humano no nível dos seus pensamentos, no nível das suas ações, e os julgamentos não são dos homens, mas do espírito, e o seu estado espiritual corresponde ao estado da mente interior. Se, ao acabar com o lendário reino dos céus que é externo e literal, e colocar o céu onde Jesus o colocou, dentro de vós, há menos incentivo para a excelência; se, em acabar com os fogos do Hades em sentido literal e colocá-los na consciência de cada ser humano; se, ao aliviar os fardos da morte, de modo que não tenhais tanto medo de morrer, mas de viver, houver uma tendência imoral, então o Espiritualismo pode declarar-se culpado.

É a elevação da voz humana e o ensino de uma verdade para desmascarar o que está velado e oculto e revelar a verdadeira condição da humanidade; se for para inspirar o amor da verdade por si mesma e o amor do amor por causa daqueles que permanecem na vossa casa cheios de bondade e compaixão; se for para arrancar os terrores fictícios tecidos pelo credo e sofisma, e levar o homem à certeza de que ele não tem nada pior a temer do que a si mesmo, e se tudo isso é imoral, então o Espiritualismo ensina a imoralidade.

Mas se for grande e bom contar a condição exata de cada alma aqui e no além, fazer com que cada espírito conheça o seu próprio estado e lute pelo que é mais alto e melhor; se a lei do crescimento gradual suplanta a lei da interferência providencial e leva o homem a saber que operará a sua própria salvação com temor e tremor, então o Espiritualismo eleva o padrão, coloca a base da vida humana sobre os seus próprios méritos, revela a integridade pelo seu próprio bem como a mais alta oferenda do

homem, e revela o amor por causa do amor como o maior benefício do mundo dos anjos.

De modo algum alivia a humanidade dos seus encargos ou responsabilidades; de modo algum realiza o trabalho da vida por vós; ele apenas mostra o próximo estágio pelo qual cada ser humano deve passar — abrindo o portal que vós podeis ver e revelando a filosofia daquilo que está além. Mas o tempo todo é como a luz do sol, e o ar, como a terra sob os vossos pés, brilhando sobre vós, fluindo ao vosso redor e apenas influenciando-vos à medida que o recebeis. Se o cardo e o lírio crescem lado a lado e o cardo recebe a mesma luz do sol que nutre as pétalas brancas do lírio, será por culpa dos raios do sol que ele não seja tão bonito?

Se os germes da loucura e do orgulho, da ignorância e da paixão estiverem dentro de vós, até mesmo a luz do sol da verdade pode ser pervertida para produzir uma colheita de cardos; mas se tendes aspirações e orações pela verdade, se buscais a união com o que é mais elevado e melhor, se os amigos que invocais são aqueles cuja companhia gostaríeis de ter, se a luz que buscais do mundo espiritual é a luz da pureza e de excelência, então o Espiritualismo entrega-vos no jardim da vida a frutificação de flores escolhidas, e frutos dourados que pendem da árvore da vida, dos quais não vos envergonhareis.

UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DO LOGOS, CONFORME REVELADO PELO ESPIRITUALISMO

Discurso proferido através da Sra. Cora L. V. Richmond, na Câmara Municipal, Kensington, domingo à noite, 18 de maio de 1884. Webster Glynes, Esq., presidente.

O terceiro capítulo do Evangelho segundo São João foi lido pelo Presidente, como a Lição da noite.

O Espiritualismo revela que a Palavra mais antiga não é um livro escrito, mas o impulso direto ou impulso da Mente Divina para a expressão. Quando lerdes atentamente os primeiros versículos do capítulo que acabamos de ler, descobrireis que esta Palavra antiga, este Logos original, este significado divino e cósmico, é aquilo que é a primeira intenção de expressão sob a forma do homem na terra, e que todos os passos que precedem essa expressão são os passos do Logos.

Pelo materialista isso pode ser chamado de evolução ou lei natural, pelo adorador estrito em qualquer santuário especial, pode ser chamado de édito de Deus, mas pelo observador inteligente e cuidadoso do significado da linguagem antiga, deve significar um propósito inteligente dirigido a um determinado objeto, cuja realização é cumprida quando o Logos é revelado. O que, portanto, entre Deus e o homem intervém, diante da expressão perfeita da vida de Cristo na terra, cada passo é uma preparação para essa vida de Cristo, e João, o possuidor do segredo divino, mais próximo e querido do

Cristo, percebeu as evidências desta divindade no homem de Cristo como ilustrativas da Palavra mais antiga.

Mas deixemo-nos da mera personalidade desta realização para a conceção adivinha e mais ampla que a palavra implica, na sua promessa à humanidade. Há muitos que concebem que esta expressão, o Logos, só se encontra na Bíblia, sob a forma de frase retórica, e aí leem tudo o que é pretendido pela Palavra, portanto, declaram que, quando esse Livro é escrito, toda a expressão de Deus é alcançada. Outros supõem a forma literal de Cristo. "A palavra que se fez carne" deve ter significado o que João indicou, e que, portanto, nenhum outro significado desta Palavra pode ser revelado a partir do registro antigo do que este testamento escrito a respeito de Cristo. Há outros que olham com uma visão ainda mais ampla para as expressões mais antigas da fé e consciência humanas na Deidade, que percebem que ao longo de todo o caminho da criação as indicações deste Sopro de Vida, desta Palavra impregnante, devem ser reveladas.

Não que Deus tenha requerido no princípio esta Palavra, mas que no princípio das coisas (quaisquer que sejam as coisas implícitas, nessa Palavra, por enquanto), foi destinado o impulso procedente da Mente Divina, e esse primeiro impulso criativo para a matéria, com o propósito de expressar na matéria inteligência, deve ser o Logos último ou primordial, que através de todos os estágios do desenvolvimento material, quando a matéria ainda era aparentemente caótica, e quando as formas mais débeis de vida tinham expressão, ainda assim este Logos estava se forçando a sair do universo divino do ser de Deus, e finalmente buscava expressão no homem.

Adão, o primeiro homem, sendo da terra (isto é, do barro vermelho), foi a primeira expressão dessa consciência, foi a ilustração típica do Logos na forma humana material; Cristo, a expressão do espírito, e não da terra, o segundo homem e, portanto, o homem que revela a vida de Deus, é a ilustração da conclusão daquele Verbo, Logos, na carne. Estas duas ilustrações comprovam o início e o fim da existência humana. Onde homem começa é com a terra, Adão, o barro vermelho; onde o homem triunfará é com o Cristo, o Logos, o Verbo feito carne, a consciência divina de Deus revelada no homem. Onde o homem tropeça é na ausência desta luz, onde o homem se torna consciente e transcendente está na presença desta luz, «que ilumina todo o homem que vem ao mundo».

Isto pode não ter nenhuma referência a outros mundos, a outros sóis ou outros sistemas, ou outros começos, mas apenas àquele início que é indicado neste registro, o início da intenção deste Logos divino como afeta a humanidade sobre a terra, e se a vida deste Verbo feito carne significa alguma coisa para a humanidade, é la profecia, a esperança, a consciência, a promessa divina de que Ele os fez «Filhos de Deus» pela sua presença e revelação do Logos, e tendo-lhes assim mostrado o caminho para se tornarem filhos de Deus, esta é uma promessa a todas as outras almas sobre a terra, que pelo caminho transcendente aqui revelado e interpretado na vida de Cristo, a cada ser humano é mostrado o caminho para essa luz Não só esta nova interpretação é proporcionada pelas revelações da vida espiritual, mas os anjos mais antigos de Deus

tendo carga sobre a terra mostram que Cristo fez a terra, não como Deus, mas como o Logos de Deus para preparar a terra para a Sua própria vinda.

Como você pode ser enviado para preparar uma cidade, então deve haver o reconhecimento de que você deveria ser o rei ou imperador dessa cidade; assim, esta sagrada preparação da terra, esta que vem de Deus nos primórdios da matéria criadora, onde os anjos se reúnem para contemplar a construção dos mundos, onde mesmo enquanto reina o caos no sistema que espera ser ultrapassado, o homem de Cristo espera a formação dos mundos, espera com o poder edificante dos tempos, com a consciência do Divino dentro de si, com a missão que lhe foi finalmente designado para cumprir sobre a terra, essa palavra inteiramente revelada a Ele, espera que as eras desdobrem a matéria, e espera que o homem esteja preparado para a sua vinda.

É a consciência que primeiro se revela no poder do homem sobre a matéria, a vitória alcançada sobre a mera lei material, e este ponto onde espírito e matéria se misturam, onde o espírito se afirma além da matéria e, finalmente, triunfa, é o ponto onde o homem toma consciência pela primeira vez da intenção divina do Logos divino que se revela no homem de Cristo.

A terra possuía a natureza e a realização de Cristo muito antes do nascimento de Jesus sobre a terra. A profecia deste Logos foi revelada ao sábio e ao vidente. Buda procurou-a debaixo daquela árvore maravilhosa, cujas folhas sussurrantes lhe revelavam as maravilhas dos sinais de vida, cujos sons murmurantes encantavam as longas vistas das existências através das quais ele chegara ao Divino. Zardurst (ou Zoroastro) procurou-a na dama Divina do ser que saltando de Brahma, deu à vida e à forma da matéria a criação visível da alma do homem, e depois restaurou-a novamente libertada e aperfeiçoada à sua herança Divina. Foi mostrado no Egito sob os pinhões velados de Osíris, enquanto Ísis dormia. O sopro de Deus soprou sobre a terra as maravilhas da criação.

E então a alma brotou dessa fonte divina, e deu à matéria sua herança, e não mais havia morte, mas vida imortal, com sua esfera envolvente, seus dois pinhões de existência. Foi revelado a Moisés, que com poder adivinhador do que a vara de Arão, com uma perceção mais elevada de Jeová, percebeu suas maravilhas nos templos mais íntimos do Egito, combinando-as com as maravilhas do Deus de Abraão. Era do conhecimento dos Profetas, que previam com perceção divina as imagens da presença de Deus, reveladas na vida e na história humanas; e como, passo a passo, através da longa linha de descida, as maravilhas da alma foram reveladas ao homem.

Foi visto por aqueles "Reis Magos do Oriente", que sob o simbolismo da Kabala perceberam as indicações sagradas da aproximação do Novo Messias, e traçaram novamente as pegadas dos Filhos de Deus sobre a terra. Ela foi revelada mais distintamente pelo próprio Cristo, que se declara a expressão do Pai, a voz suprema, o porta-voz do Divino, o testemunho direto e o testamento entre Deus e o homem.

Deixando de lado todos os cerimoniais intervenientes e declarando o Amor de Deus por Seus filhos, agora se revela, não em ritos sagrados e santuários místicos, tudo

aquilo com que o homem envolveu o significado do Logos, mas em tudo o que é revelado à consciência humana como emanando do Divino. Aquela palavra de Verdade, de Liberdade, de Sabedoria, de Justiça, de Pura, de Bondade que eleva o homem um grau mais próximo da vitória divina que ele deve alcançar na terra; aquela Palavra de Deus, que fala a toda a consciência humana, mais próxima daquelas que, porventura, se calam, e se revela nas boas obras, nas ações que finalmente florescerão na caridade divina; aquela Palavra de Deus que faz da Sabedoria, da Verdade e do Amor árbitros dos destinos humanos, em vez de reis, ou governantes, ou hierarquias — que transcende para além de todos os testemunhos e sinais externos, para além da letra da lei, e da palavra pelo espírito que é divino; aquela Palavra que vos faz ler com olhos e visão iluminados, o registo transcendente do tempo passado, contemplando-o não com o olho da visão humana, mas com o olho daquela fé superadora que compreende desde o princípio as relações de Deus com o homem; também esta Palavra, que revela como, passo a passo, vencendo continuamente as tentações que assolam o vosso caminho, alcançais finalmente o triunfo que Cristo revelou.

GENERAL GORDON

Os "Filhos de Deus" devem ter dois significados distintos no registo antigo, ou então os teólogos devem ser tristemente culpados ao atribuir a Cristo apenas o título de Filho de Deus, pois aqui o Apóstolo declara distintamente que Cristo lhes revelou o caminho para se tornarem filhos de Deus. Se isso fosse verdade, então o seu caminho só era excecional porque mais divino do que o deles, destinava-se a iluminar o mundo, mostrando o caminho pelo qual eles deveriam ir também para alcançar essa luz; e cremos que os primeiros Padres cristãos, notadamente a congregação em Jerusalém, aceitaram isso como a ministração de Cristo, ou seja, que Ele apontou o caminho pelo qual todos poderiam caminhar. Que Ele revelou a luz "que ilumina todo o homem que vem ao mundo". Que Ele apresentou a Palavra como expressa na forma humana, pela qual todos também poderiam recebê-la no amor perfeito de Deus Pai Infinito.

Ele trouxe o título de Pai, em vez de rei; de Amigo em vez de Governante; d'Aquele que iria atender às vossas necessidades imediatas, ouvir os vossos gritos, em vez d'Aquele que deu anúncios e ordens raivosas. Trouxe as bem-aventuranças, em vez da lei levítica; as Três Graças Cristãs, cuja principal é a Caridade, em vez das ordenanças do ódio, em vez dos vários mandamentos da vida física; trouxe a sublime exaltação da esperança, da profecia, a salvação para a humanidade das trevas da terra, em vez da condenação. E este Verbo fez-se carne, porque implicava a Completude do amor de Deus.

Em torno desse Logos místico devem agrupar-se todas as conceções do pensamento da Divindade. Tudo o que é mais sagrado e querido para a alma humana, tudo o que é lembrado da existência ou herança divina do Reino dos Céus, tudo o que separa a alma da matéria, e faz com que a herança da primeira sobreviva e sobreviva a todas as mudanças da segunda, tudo o que é divino e sagrado encerrado na forma material, mas buscando expressão aqui, este deve ser o significado divino do Logos.

Aquilo que Lutero procurou em vão; aquilo que Melanchthon se esforçou por resolver; aquilo que todo reformador se esforçou para alcançar, o significado esotérico do Logos; aquilo que a Igreja Protestante, desde o tempo de Lutero até ao presente, tem se esforçado para resolver, a criança mais simples pode ler na declaração verdadeira que brota espontaneamente em seus lábios, e na luz amorosa que brilha de seus olhos. Pois ela é conhecida ali na alma transparente, a voz límpida que vem da eternidade passada, pelos corredores do ser material, ressoando límpida e cheia de harmonias musicais, o Amor do Infinito, a posse do Divino, a água cristalina perfeita, revelada na vida pura de Cristo.

Vede onde o passado se abre diante de vós, como a sua luz já não está enredada no longo labirinto e na visão do dogmatismo teológico; como, desvendando-vos do labirinto do credo e do catecismo, vedes, com a simples luz do menino, a verdade de Cristo e o amor de Deus ao homem; e vede cada vez mais onde, pelo mesmo caminho, sois também os Filhos de Deus.

Aquela lâmpada que brilha no meio de vós, a lâmpada da consciência, aquela guia, revelando-se às vossas vidas, o guia do pensamento puro: aquilo que floresce nas boas ações, no amor dos vossos semelhantes; aquela que triunfa sobre o egoísmo ministrando aos outros, a realização divisória de toda a vida semelhante a Cristo; a abnegação, a vitória divisória de todo ser infantil; o reconhecimento do amor de Deus; e todas as disquisições eruditas, todo o pensamento da evolução e da lei natural devem afundar-se diante do mandato divino desta única vontade poderosa, que para fins de completa expressão e triunfo vence a matéria, revela-se, passo a passo, nas lutas dos tempos, faz marcos de videntes, profetas, filósofos e sábios e, finalmente, a luz coroadora sobre o jardim das oliveiras, do homem de Cristo triunfando sobre a tentação terrena; e sobre o Calvário, o homem de Cristo triunfante sobre todas as dores terrenas, vencendo o mundo; a vitória que é forjada através da matéria, para que a alma possa brilhar tão transparentemente ali quanto a luz elétrica clara brilha através da atmosfera da terra.

Logos maravilhoso! Falado na eternidade passada no início da vida orgânica, quando os átomos estavam informados, quando os sóis não tinham os seus lugares, quando o Caos e a Noite, as divindades mais antigas, prevaleceram. Tu falaste, e então a intenção era o homem de Cristo, mesmo assim, mas as linhas de luz brilhantes foram gradualmente formadas, as esferas da matéria gradualmente se desdobraram em ser orgânico; esses anéis foram gradualmente quebrados que finalmente se tornaram planetas e orbes de fogo por este único mandato.

Ainda não estava o Logos aqui. Então apareceram as formas orgânicas, as leis da matéria, e eram claras e distintas; então as eras que aconteceram finalmente produziram formas de seres, ainda o Logos não tinha aparecido; finalmente a alma chega de sua casa, a da Deidade, transcendente em seu poder, onde os anjos assistiram ao processo de criação formando aqueles mundos maravilhosos, e aí a Luz toma o seu lugar na terra; aí o Logos acende os primeiros fogos débeis da consciência humana, ouve-se a presença de Adão a Cristo, a voz de Deus através das nações primitivas, só finalmente o triunfo se torna completo.

Só as eras bastariam para a sua expressão, milhares e milhares de aeons para o seu desdobramento, mas esta é a menor porção dessa eternidade que ainda está apenas começando. Então, sobre a terra, o homem se curva diante deste triunfo, desta vitória, o invisível venceu, o invisível triunfou sobre o visível, sobe novamente ao seu lugar, eterno nos céus, mas as marcas rasteiras de sua presença são vistas nas linhas de luz ao longo da história humana. As torres de vigia pelas quais sois guiados até ao porto eterno, os sinais pelos quais conheceis, na vossa viagem de existência material, de onde vem a alma e para onde vai. A partir desta grande e divina fonte de vida, os vossos seres contemplam como se formam as maravilhas das novas dispensações.

O Logos anuncia-se, não só no Cristo, mas em todos os homens que amam a sua espécie, não só naquele revelado no Calvário, mas em todos os que, nas suas várias provações da existência humana, triunfam sobre a morte, a dúvida e as trevas, não só no poder de Jesus, seja no divino Sermão da Montanha, ou quando Ele triunfa sobre os seus inimigos e se declara Príncipe da Paz e do Amor, mas também aquilo que o revela à vossa própria vida, o triunfo do amor nos vossos próprios corações, a pureza que opera o bem e vence todo o mal, a pureza que triunfa sobre todas as sombras e corrupção, a vitória concedida a cada filho da terra, e esta promessa aqui registrada ousamos interpretar em seu sentido mais amplo e literal, que nem um filho da terra nem qualquer ser humano em qualquer estado de ser mortal ou espiritual, mas um dia realizará, sob esta luz, esta vitória.

Não há ser humano, por mais degradado que seja, mas um dia estará onde Cristo estava, consciente do Logos em suas vidas, e poderá ser mostrado o caminho da vida, que por mais débil que seja a voz desta consciência do ser imortal, por mais fútil que este Logos pareça ser, por mais vago que chegue agora à sua consciência exterior, que ainda desde o início do vosso estado terreno, quando a alma, convocada da sua casa celestial para o contacto com a matéria, esta voz conheceu e dominou a perfeição divina do vosso ser no estado terreno, e essa coroa e que o triunfo é, um dia vencerás a matéria como Cristo mostrou o caminho, e um dia porás debaixo dos teus pés o egoísmo e o orgulho, o mundanismo e a falta de caridade; um dia triunfarás sobre todas as trevas que agora te rodeiam, um dia verás os planetas, e os sóis, e os sistemas passarem diante daquele Logos divino que é imperecível, a vida eterna para sempre.

Deus falou ao homem através de profetas, videntes e sábios; é isto que dentro de cada alma se ouve; está aqui agora em seus corações e vidas; está na palavra de João; está no ensino do Sermão da Montanha; está na maravilhosa oração pregada por Jesus. Se esta voz não estivesse em sua alma, você também não a receberia nos registros da vida passada, nem a vida dos mártires cujas almas brotaram para o céu em nuvens de chama seria valiosa, mas para este poder buscador e ministrador que sabe em suas vidas que a vitória também virá ao mais alto e ao melhor:

Veja onde o Logos é traçado sobre todas as formas de vida: estrelas que se movem para seus lugares designados nos vastos céus por leis tão perfeitas e completas quanto podem ser concebidas, matemática revelada nos sistemas pelos quais os mundos são governados, e as pétalas da flor numeradas para que seu tipo e género possam ser conhecidos pelo homem, no entanto, é dito, vangloriando-se pelo homem,

que nenhuma inteligência criou o lírio para ter seis folhas, e a rosa selvagem cinco. Dizemos que onde a natureza geometriza há Deus, dizemos que onde o cristal revelou leis de precisão matemática, há intenção e o Logos; dizemos que onde a natureza moral do homem floresce na certeza do triunfo, tão precisamente quanto os lírios florescem, há a palavra de Deus traçada em suas vidas, e vocês se tornam anjos por causa da palavra de Deus.

Este estado angelical é a sua herança. Este Logos você trouxe consigo. O divino é sempre teu; a imperfeição yon lançará de você. Nada do que tem sombras podeis suportar até à eternidade, mas a luz deve sempre tornar-se mais resplandecente e, com o seu triunfo e vitória, a Palavra revelada de Deus resplandecerá em cada vida, e as maravilhas desta "Luz que ilumina cada homem no mundo" serão lembradas desde o princípio.

GENERAL GORDON

Quem são os heróis, os que estão em batalha,
Que saem com força, força e poder,
Não tendo uma palavra de bondade para dizer,
Rut arranjado com rolo real?

As nações proclamam aqui a sua grandeza,
E na página do rolo da história
Com linhas sangrentas seus nomes aparecem,
Anunciado em todas as épocas.

Mas quem pode ouvir a voz de Deus, -
Invocando em sabedoria para a espécie humana,
Sob o lance da armadura do guerreiro
A alma fervorosa a ligar,

Então, por acaso, a história dirá:
Ele é um fraco na terra,
Pelo amor do homem, ele cederia,
Em vez do valor do guerreiro.

A voz de Deus não pode ser afogada
No jantar bélico da batalha,
A quem as nações com louros amarraram
Nem sempre Deus está com quem ganha.

Assim sussurra a voz de Deus no homem;
Algum tempo vem um decreto profundo,
O plano da nação mais alto e mais orgulhoso
Submerso na Vitória do Céu."
Mas mais profundo do que a respiração do soldado
É a única forte necessidade da humanidade,

Mais alto do que o pensamento da morte,
Seu desejo de fazer escravo e rei para ser
Um diante do Senhor
Ungido —

Quem serve dois mestres vê
Finalmente, Deus triunfa numa palavra,
Não na sua espada, mas
na humanidade.

Stern pensou ter levado o herói embora
Da dor e da guerra, a tudo o que há
Do espírito nascido para confiar na influência de Deus,
Seu nome perfeito, Sua Justiça.

Não julgamos: nenhuma nação é nossa para julgar,
Mas às vezes Deus escolhe aqueles que parecem
Mais fraco, para operar o Seu caminho na terra,
Ou o mais forte para o sonho da nação.

Tanto sabemos que a guerra é vã,
Que às vezes a espada da verdade e do direito,
Que atravessa e atravessa com dor,
Traz a chama sagrada, então vai ficar à direita.

E se houver herói e sacerdote
Em um homem, o nome desta noite é dado:
O General Gordon não vai brilhar menos,
Quando ele aparece na
Corte dos Céus.

Bênção

Que o amor de nosso Pai, e a Luz que ilumina todo homem que vem ao mundo, e o Espírito Santo vos guiem e guardem sempre.

Que o amor de nosso Pai, e a Luz que ilumina todo homem que vem ao mundo, e o Espírito Santo vos guiem e guardem sempre.

QUE SIGNIFICA A MORALIDADE?

Music Hall, Boston, 28 de Agosto de 1859

DISCURSO DA TARDE

REPORTADO PARA O *BANNER OF LIGHT*, POR J. M. PEEBLES.

[As séries de discursos da manhã, no Horticultural Hall, sobre “Inferno”, “Factos e Falácias”, duas das quais já foram publicadas, e a série da tarde, tendo sido tratadas em conjunto no seu encerramento, adiamos a publicação das conferências finais, para inserir as três proferidas nas sessões da tarde, a primeira das quais damos abaixo.]

O QUE SIGNIFICA MORALIDADE?

Propomo-nos, esta tarde, falar sobre Moralidade — investigar o seu significado verdadeiro e legítimo, e esforçar-nos por distinguir entre a moralidade, enquanto tal, e as manifestações de qualquer outro princípio.

No mundo governamental e cristão, e mais especialmente entre os religiosos, a moralidade é considerada idêntica ou, pelo menos, quase inseparavelmente ligada à ideia de religião. Esta visão é inteiramente falsa. O respeito que muitos moralistas têm não se limita às igrejas cristãs ou aos religiosos de qualquer espécie. Nos países pagãos da Antiguidade, a moralidade era ensinada pelos filósofos e, segundo o padrão imperfeito da época, era efetivamente praticada entre o povo. Mesmo entre as tribos selvagens do mundo, na atualidade, um certo padrão de moralidade é mantido e praticado.

Mas, em terras cristãs, muito certamente, não é apenas entre aqueles que professam seguir os passos do manso e humilde Jesus que devemos procurar a prática da moralidade. Quantos que nunca frequentam uma igreja, que não são sequer incrédulos, dão um exemplo de benevolência e moralidade que os cristãos fariam bem em seguir. Não são homens religiosos, mas homens morais são, muito mais morais do que milhares daqueles que se ajoelham perante Deus todos os domingos, no confortável banco de esplêndidas igrejas, e enganam, roubam o próximo e oprimem os pobres durante o resto da semana.

A diferença entre moralidade e religião é esta: a religião é a forma fixa e positiva através da qual a alma presta culto, segundo as regras dessa forma, a um deus ou deuses. É uma lei social, feita subordinada a todas as condições e exigências da época. A religião pode durar milhares de anos e permanecer inalterada; um código de moral pode mudar todos os dias — mas não é moralidade. Aquilo que era correto para Moisés e para o antigo judeu torna-se ridículo para o cristão moderno. Aquilo que o hindu ou o chinês considera correto, o cristão abomina. A excelência moral que numa…

…país e nação parecem o melhor e mais verdadeiro, no vosso país são desprezadas e odiadas. E porquê? Porque o padrão moral, tornado subordinado à religião de cada país, é mais subserviente aos caprichos, paixões ou sistema político de uma nação. Quando religião e política estão unidas, quando Igreja e Estado formam a autoridade controladora de qualquer povo, as morais públicas tornam-se subordinadas à religião: a religião é a igreja, a religião é o Estado, a religião é a vida privada, a religião é cada ato e cada dever realizado por uma pessoa.

Tudo deve ser feito religiosamente; portanto, a religião torna-se subordinada aos fins mais baixos assim como aos propósitos mais elevados, à superstição mais vil assim como à benevolência mais sublime, aos impulsos mais grosseiros da razão assim como às aspirações mais santas e elevadas. A religião torna-se causa de guerra e fome, para satisfazer uma ambição mesquinha, baixa e ignóbil. A religião torna-se subordinada a tudo o que é vil e degradante; mas a Igreja e o Estado sancionam-no.

A França Católica e a Áustria Católica podem combater; uma pela Igreja e pelo Estado, a outra por uma liberdade que nunca conheceu em casa e nunca pôde conceder aos seus súbditos. A Inglaterra Protestante pode matar aos milhares, para aumentar os seus domínios, poder e riqueza, e o mandamento pode ser emitido pela igreja, e o ministro pode proclamá-lo do púlpito, e os cristãos podem dizer — "Não matarás".

A moralidade dos antigos diferia da do cristianismo neste aspeto. Epicuro, citado como defensor da licença, mas que era de facto um moralista rigoroso à sua maneira, tinha um padrão de excelência moral que consistia nisto — a maior quantidade de prazer para o indivíduo. O padrão cristão de moralidade é a maior quantidade de bem para o maior número de pessoas. A moralidade pagã dá subserviência às paixões; a moralidade cristã consiste em tornar a paixão subordinada à razão. A moralidade pagã consiste em desfrutar dos prazeres do momento presente, desprezando o futuro; a moralidade cristã consiste em esforçar-se por ser bom e grande, para que o futuro também possa ser abençoado. A moralidade pagã deleita-se apenas nos prazeres que são em si mesmos extremamente baixos; a moralidade cristã deleita-se nos pensamentos, sentimentos e aspirações elevados de uma mente cultivada. Essa é a diferença entre as duas.

Não dizemos que o cristianismo, enquanto teologia, tenha feito isto; dizemos que o cristianismo, enquanto força moral, o fez. Porque, lembrai-vos, havia muito pouca teologia no cristianismo primitivo. Não havia organizações eclesiásticas, não havia Igreja e Estado, não havia templos sacerdotais, não havia salões de culto, não havia santuários nem imagens esculpidas, não havia credo senão o do amor, não havia forma de culto senão a da constante e…

…incessante bondade; não havia igreja senão o mundo da humanidade, não havia restrição senão a da verdade positiva, eterna e perfeita. Tal é o código moral do cristianismo. Não era teologia, salvo aquilo que os homens lhe acrescentaram. Não tinha credo, salvo aquele que mencionámos; não tinha organização senão a do amor e da fidelidade constante e zelo na obra então cometida. A moralidade cristã, então, é o maior bem para o maior número de pessoas. Esta moralidade teve de se tornar subordinada às regras teológicas, a uma questão de forma e cerimónia. A diferença entre o certo e o errado tornou-se subordinada aos caprichos das seitas teológicas.

O ministro, a Igreja, o credo, devem dizer-vos o que é certo e o que é errado. Algumas partes da Bíblia são verdadeiras e outras não, diz um. Outro diz: "Tudo é verdadeiro, tudo é bom, tudo está certo; não é apenas o padrão da religião, mas o padrão da moralidade." Outro diz: "Deveis receber apenas aquilo que vos mandamos

receber.” Outro diz: “A vida de uma pessoa deve ser devotada apenas à Igreja.” Assim percebeis que todo o homem é tornado subordinado, não ao mais elevado padrão de moralidade estabelecido, nem à religião cristã adotada na vossa própria Constituição, que foi a mais iluminada e grandiosa do mundo — quão tristemente deteriorada pela prática dos seus seguidores!

O correto, estritamente falando, é aquilo que, na estimativa daquele que pratica o ato, é estrita e inteiramente justo. Esse correto, segundo o verdadeiro padrão, é aquilo que em todos os tempos, e sob todas as circunstâncias ou tentações, em qualquer ocasião, é a regra do nosso dever absoluto. O errado é tudo aquilo que está em oposição ao correto. Ora, não estamos a pregar sobre qualquer assunto religioso, mas confinamo-nos puramente à aplicação prática do nosso tema. Porque, seja qual for a nossa opinião sobre o tema do mal, isso nada tem a ver com a ação individual da humanidade. Se Napoleão III tivesse conseguido liberalizar toda a Itália, o mundo inteiro teria dito: “Quão grande!” quão bom! quão virtuoso! quão moral!”

Mas, se tivesse conseguido estabelecer uma tirania maior do que aquela que exercia no seu próprio país, provavelmente teria sido o resultado em Itália. Boas ações, virtude, bondade, excelência e retidão, bem como caridade, começam sempre em casa. Napoleão III restringe a sua própria imprensa, é justamente impopular no seu próprio país, não é bom no seu próprio lar. A Itália podia esperar da França nada melhor do que aquilo que a França recebia, e muitas vezes tinha libertado mal a Itália, não colocando sobre ela os grilhões da servidão mais pesados e mais degradantes do que aqueles de que era libertada, se as suas intenções não fossem boas.

Pois ele comprou glória, fama e engrandecimento pessoal, enquanto a Liberdade permanecia sentada, dobrando silenciosamente as suas asas diante dele. Não é moral nem bom quem, involuntariamente, realiza uma boa ação. Não é correto aquilo que por vezes produz o bem; só é absolutamente correto para a pessoa que age aquilo que ela sinceramente e conscienciosamente acredita ser correto. À luz do Dever, que é infinito, perfeito e divino, é correto aquilo que produz os maiores e melhores resultados; à luz dos homens mortais, que são humanos e finitos, é correto aquilo que tem a aprovação da consciência.

Sois cristãos. Acreditais nos Dez Mandamentos de Moisés e no Décimo Primeiro Mandamento dado por Jesus — “Amarás o Senhor teu Deus.” Acreditais na Regra de Ouro; é o padrão professado da vossa religião, da vossa moralidade, da vossa organização social; a vossa constituição baseia-se nisso, as vossas leis são moldadas de acordo com as suas exigências. Mas que sois vós? Vejamos. Passaremos por cima do primeiro destes dois mandamentos — o amor de Deus. “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Sois membro de uma igreja cristã. Assinastes o credo, fostes batizado na igreja, sois um dos seus filhos. Perto de vós está um homem com quem tereis negócios amanhã. Ele é vosso vizinho, vosso irmão de igreja, e agora vedes que, em consequência de algum negócio em que ele levou vantagem sobre vós, talvez com

ódio, talvez com desprezo secreto, ele é vosso irmão. Talvez não o ajudásseis se ele viesse, faminto, à vossa própria porta…

…do templo onde prestais culto. Amais o vosso próximo como a vós mesmos?

"Não furtarás." Esta é uma palavra chocante de usar numa sociedade cristã respeitável, onde ninguém sai ostensivamente para roubar, e a lei providencia imediatamente um remédio, enviando-os para a penitenciária ou prisão. Mas "Não furtarás" é uma das exigências do código moral das vossas leis. Vejamos: sois banqueiro, comerciante ou mercador. Aqui está a vossa viúva, com filhos sem pai, esforçando-se por sustentar a sua vida e ganhar um pedaço de pão. Deveis-lhe uma dívida — porque ela não consegue pagar a renda do seu quarto, porque mal consegue, esforçando os olhos sobre o trabalho, providenciar comida para os filhos — tomais então a última soma miserável que possui, e, se puderdes obter mais, certamente o fareis. "Não furtarás."

O próprio vizinho, da vossa igreja, a quem prometestes, quando nela entrastes, amar como a vós mesmos, procurais agora arruiná-lo; estritamente, é verdade, de tal forma que a lei não vos pode tocar, mas arruiná-lo, se puderdes. Sois comerciante; alguém ignora os vossos preços e entra na vossa loja. Obtendes todo o dinheiro que puderdes, antes que ele vos deixe. Se obtiverdes o valor do dinheiro dele, muito bem — é uma sorte se isso acontecer. "Não furtarás." Sois banqueiro e fostes confiado. Nos vossos negócios, para guardar em segurança, o dinheiro dos outros foi colocado sob os vossos cuidados. Dia após dia, o banco faliu, os credores ficaram arruinados, e vós retirais-vos para viver dos juros desse dinheiro que roubastes aos outros. Sois cristão!

"Não matarás", é o padrão da vossa humanidade cristã. A Inglaterra cristã vai à guerra com a Índia, para que possa obter maiores possessões. A América cristã por vezes tolera massacres e derramamento de sangue nas suas próprias fronteiras, desde que existam circunstâncias atenuantes — isto é, desde que o assassino tenha bastante dinheiro com que comprar a opinião pública e a "justiça legal". Isto é por vezes conhecido até no vosso meio.

Assim poderíamos percorrer todo o longo catálogo de mandamentos e encontrar, em quase todas as páginas, que no próprio seio desta comunidade cristã, cercada por igrejas cristãs, com pavimentos cristãos onde caminhar e lares cristãos por toda a mão, e pessoas cristãs percorrendo as ruas — não passa uma hora sem que um ou todos estes mandamentos sejam deliberadamente violados. A vossa moralidade não está à altura do padrão das suas próprias leis. Não sois, não aquilo que professais ser, homens cristãos.

E assim não mencionaremos isto; desde a própria zombaria, como ela soa — "Amai-vos uns aos outros!" o mandamento de Jesus, seguido por ele na sua caminhada diária de vida, a Regra de Ouro, fazer aos outros como gostaríeis que vos fizessem a vós — não apenas ensinada por ele, mas praticada da forma mais bela — destas duas coisas não falaremos, exceto como algo a ser alcançado naquele brilhante futuro em

que os homens seguirão aquilo que ensinam, praticarão aquilo que professam, serão aquilo que afirmam ser.

Moralidade — deverá ela ser encontrada no lar? Virtudes cristãs — estarão elas algures aqui, pairando em redor, tocando os corações daqueles que nos escutam? Sim; mas não as encontramos, na sua maioria, neste grande templo do culto religioso; não as encontramos entre os homens que professam mais; não as encontramos entre os homens de negócios cristãos, que ao domingo afirmam ser cristãos, usam sobrecasaca elegante, discutem e depois as lançam de lado durante o resto da semana, pensando que Deus não o sabe; não as encontramos ali, nem entre a multidão ricamente vestida que nada conhece do significado da verdadeira moralidade.

Encontramo-las nas salas da legislação, onde a Justiça é apenas outro nome para o erro, e a Liberdade uma zombaria da própria palavra; não encontramos virtude entre os membros do Congresso, entre os membros do Legislativo; não a encontramos nos governantes e administradores dos vossos Estados e do vosso país; por vezes nem sequer a encontramos no próprio Presidente — nem sempre. Onde encontramos virtude? Naqueles corações verdadeiros e vivos cuja vida diária é apenas a expressão de uma oração, cujo pensamento e sentimento constantes não são de formas cristãs, mas de caridade cristã.

Aqui está uma mãe, pobre, sem instrução, velando junto ao berço do seu filho. A criança está a morrer. Ela sabe que terá de a deixar; trabalhou arduamente e durante muito tempo para sustentar a sua vida, e homens e mulheres cristãos tiveram pena dela, mas nunca a ajudaram. A criança está a morrer. Ela sente e sabe que terá de separar-se dela; contudo o seu forte coração feminino e cristão ergue-se com fé e esperança, e mesmo no meio da angústia de se separar do filho, sente e murmura: “Seja feita a Tua vontade!” O seu coração é forte; cumpriu o seu dever; a sua consciência é clara, pois nada fez de errado. Aqui está a virtude cristã.

Aqui está um homem cujo pão de cada dia depende do trabalho constante das suas mãos. Pobre homem, contudo é justo e reto, embora pobre, e percorre silenciosamente o caminho da sua vida. É bondoso para com aqueles que são mais pobres do que ele, divide o último pedaço de pão com os que sofrem. É desconhecido e ignorado; mas cumpre verdadeiramente a sua vida e o seu destino; e algo nos diz que ele é um cristão.

Quem há hoje que não tenha recordado, com a mais profunda fervura de amor, a sua mãe, e como, nos primeiros anos da vida, com constante cuidado e amor maternal mais santo, ela vigiou e guiou cada pensamento e sentimento e passo, para que não entrasses no caminho da tentação e do perigo, e rezou ao grande Pai para que Ele te pudesse guiar para todo o bem. Mas quando, por fim, os anos da juventude e da idade adulta chegaram, e tiveste de deixar o lar, com que devoção, tristeza e, na verdade, amor essa mãe preparou a tua partida; e cada peça de roupa e cada objeto necessário teve de ser passado pelas suas mãos; e qualquer pequena ação ou ato de bondade que pudesse ser recordado depois da tua partida, ela fazia questão de conceder.

E depois, quando todos os baús estavam arrumados, e nada mais era negligenciado senão as suas lágrimas sagradas e as suas orações, brotando do seu coração transbordante para que fosses abençoado e prosperasses, e a volumosa Bíblia sagrada, a sua única confiança, o seu cofre seguro, colocada no baú, e, por último, embora não menos importante, uma longa e afetuosa carta cristã de mãe, assinada pela sua própria mão e manchada pelas suas lágrimas; ali está uma cristã. Uma mulher cujo pensamento e ato diários são devotados aos filhos, ao lar, aos amigos, ajudando em cada boa palavra e ato, essa mulher é uma cristã.

Segui-a — segui-a na sua vida diária — a paciente resignação, o longo sofrimento, a tristeza, mas ainda o brilho alegre e feliz trazido à tona por esse modo de viver — segui-a à igreja, segui-a ao lar e à sociedade. Ela derrama um brilho à sua volta. Os pobres recebem bênçãos das suas mãos. O mundo não o sabe. Ela não coloca o seu nome, com floreados, à cabeça de cada lista de subscrição que o mundo inteiro possa ver. Quão silenciosa e bondosa! Mas se houver um ato de bondade a fazer, uma lágrima de simpatia a derramar, uma mão estendida a oferecer àqueles que são oprimidos e caídos, essa mulher está pronta para tudo isso. Ali está uma mãe cristã. A vossa terra foi abençoada com tais mães. Podeis pensar nela por toda a virtude moral e excelência que possuís agora; e se tendes poucos princípios, não é culpa dela, mas vossa, porque não seguistes os seus conselhos.

Mais uma vez: o padrão moral da sociedade não é o maior bem para o maior número. A lei social permitirá isso, nem mesmo na América republicana e democrática. Ainda deve haver seitas e partidos, ainda devem existir certas leis sociais que podem ou não estar conformes com o correto, mas que ainda assim devem ser obedecidas. Nem a saúde, nem a felicidade, nem a religião, nem a virtude cristã, nem a própria moralidade formam qualquer consideração; “a sociedade” exige-o, “a respeitabilidade” reque-lo.

Mas a moralidade é diferente disto. Lembrai-vos disto, homens e mulheres cristãos, vós que afirmais seguir o manso e humilde Jesus — o mais elevado padrão de moralidade jamais proclamado por Jesus foi o do amor perfeito por toda a humanidade, bondade e justiça perfeitas, perfeita caridade e virtude — esse é o mais elevado padrão jamais conhecido, provavelmente o mais elevado que alguma vez será conhecido, embora eras futuras possam ultrapassar o passado. Lembrai-vos de que o vosso padrão de moralidade é elevado; e todos os dias e todas as horas, e cada momento das vossas vidas, devem acrescentar um passo ao vosso progresso rumo à sua realização.

Lembrai-vos de que viveis não apenas para vós próprios, mas para todo o bem que puderdes fazer, e para todos aqueles com quem entrais em contacto. Lembrai-vos de que não sois pagãos, que acreditam viver esta vida e depois afundar-se na inexistência; lembrai-vos de que não sois filósofos pagãos, que acreditam no gozo do presente e deixam que o futuro cuide de si mesmo, e que acreditam que o ego deve ser cultivado e todo o resto do mundo esquecido. Sois cristãos; acreditais na fraternidade

universal de toda a humanidade; acreditais que todos são vossos irmãos, vossas irmãs, vossos vizinhos, vossos amigos; acreditais que deveis pensar em bondade, praticar atos de amor que falem mais alto do que palavras poderiam falar de um cristianismo profundo e verdadeiro em si mesmo.

Moralidade. — Não é correto que nenhum homem, em quaisquer circunstâncias, prejudique outro. É correto que todos os homens, em quaisquer circunstâncias, façam um favor a outro, se puderem. Se não puderdes fazer algum favor, praticai para com eles um ato de bondade, não lhes causeis dano. Garantimos-vos que, se estas regras, sem quaisquer outras, fossem seguidas estritamente por todos os homens, de todas as classes, que professam ser cristãos, crime, contenda, guerra, conflito, luta, pecado e miséria de toda a espécie desapareceriam, as penitenciárias e prisões seriam convertidas em escolas e colégios, os asilos de pobres seriam esquecidos, não haveria pobreza, pois todos seriam ricos na riqueza da bondade humana, e todos seriam felizes na consciência dos atos e pensamentos da alma.

A justiça é severa, rígida e positiva, mas sempre bondosa; e só a justiça exprime o elevado padrão da nossa moralidade, a nossa conceção do que a moralidade deve ser, a nossa conceção da justiça religiosa. É correto fazer o correto; é errado fazer aquilo que não é correto. O bem é aquilo que acrescenta, sempre, à felicidade do objeto. O mal é aquilo que traz infelicidade. Se estais a fazer algo que traz infelicidade, e pensais conscienciosamente que isso é correto, e que deveis sacrificar a vossa felicidade, lembrai-vos de que isso é errado. O prazer não é felicidade; pois a felicidade é constante e firme, como uma luz constante, brilhando enquanto a estrela da manhã aparece constante nos céus. O prazer é um espasmo, glória passageira, que brilha por um momento e desaparece, deixando apenas descontentamento. Aquilo que traz prazer nem sempre é correto; mas aquilo que traz verdadeira, constante e perfeita felicidade, isso é correto.

Demos-vos, tão brevemente quanto possível, a nossa conceção do correto e do errado. O padrão não difere daquele que já ouvistes. Não demos novas ideias sobre o assunto. Mas confiamos ter despertado algumas simples conceções nas vossas mentes, que vos levem a supor que a moralidade não é uma questão complicada de filosofia moral, nem um assunto a ser teorizado, mas que o correto e o errado nunca podem ser qualificados, que o errado nunca pode tornar-se correto por todos os sofismas do materialista, que o correto nunca pode tornar-se errado por todas as perversões de mentes pervertidas, nem um pode ser trocado pelo outro, mas que ambos permanecem na sua natureza essencial, claros, positivos e definidos, de modo que todos os homens os podem compreender, se quiserem, as mentes mais simples tão bem quanto as mais instruídas; a mente simples, talvez, melhor do que aquelas que são instruídas da maneira pervertida pela qual os homens aprendem o que é correto e o que é errado.

O grande homem e o pequeno homem, o rico e o pobre, o escravo e o livre, todos sabem, ou podem saber isto. Se ides praticar um ato que sabeis que prejudicará alguém, não precisais parar para perguntar se é correto ou não; sabeis que é errado. Se

ides proferir uma palavra que destruirá o carácter e a reputação de alguém inocente, sabeis que é errado. Se ides praticar, na vida privada ou social, um ato que sabeis que ferirá os sentimentos de alguém — ao dizer uma palavra, ao lançar um olhar — sabeis que é errado; nem mesmo a gratificação da vossa vaidade, inveja ou malícia o desculpará. Se ides ocupar uma posição de confiança pública, preencher um cargo, e sabeis o que é justo e verdadeiro, não precisais parar para questionar a vossa consciência; pois sabeis quando estais a fazer o correto.

Ainda que sejais um demagogo, bajulando o favor público, embora vos rebaixásseis a quaisquer meios para obter o vosso cargo, embora saibais que o obtivestes, ainda assim podeis governar corretamente; pois sabeis quando fazeis o correto e quando fazeis o errado. Não é desculpa para um homem inteligente, que compreende a sua posição relativamente aos outros, que ignore; não é desculpa para um homem ignorante, que, não sabendo nada, pratique qualquer coisa sem saber o que é correto e o que é errado.

A vossa consciência, o resultado enquanto a mente possui fluxo, dir-vos-á sempre. Podeis julgar de causa para efeito, nas caminhadas quotidianas da vida. Não precisais compreender os elevados padrões da teologia e da religião; não precisais recorrer ao catecismo, ao credo, ao clero, aos ministros ou à Igreja; não precisais pedir conselho à opinião pública. A vossa própria consciência, o registo escrito da vossa alma, a vossa própria inteligência — o poder interior da vossa mente, a vossa própria honra e humanidade — a primavera da vossa própria vida — essas coisas dir-vos-ão o que é correto e o que é errado.

Esforçai-vos todos, então, por alcançar a bondade mais elevada que a melhor mente alguma vez concebeu, a moralidade perfeita, constante e incessante de uma vida boa e virtuosa, inconsciente, verdadeira, pura e perfeita, e sempre a mesma. Esta é a maior religião. Conhecendo isto, conheceis o único cristianismo consistente, o único que Cristo alguma vez seguiu.

“ZOLLNER” SOBRE ESPÍRITO, MATÉRIA, TEMPO, ESPAÇO, A QUARTA DIMENSÃO.

Um Discurso da Sra. Cora L. V. Richmond.

O “Psychometrical Circular” de Miller, de onde citamos, afirma que o relator omitiu certas frases de “carácter excessivamente metafísico” que não conseguiu transcrever com exatidão. Fizemos mais algumas abreviações.

Não se afirma que o discurso desta noite seja proferido pelo espírito do Professor Zollner, mas o pensamento é dele, e será transmitido às vossas mentes tão fielmente quanto possível através de um intérprete pertencente ao habitual grupo de controlos deste médium.

A substância é apenas a expressão relativa daquilo a que se chama vida: é aquilo que está abaixo da própria vida e, portanto, não pode formar parte da vida real. Dentro da forma humana, rodeados pela matéria, julgando a relação do indivíduo com a forma através dos sentidos materiais, somos levados a supor que os padrões da vida material são os padrões da vida no universo. Isto deve ser um erro, pois o Infinito não pode ser limitado pelo finito. O universo não pode ser limitado pelo átomo. O máximo que o átomo pode expressar é uma proposição relativa, e todas as proposições na ciência material devem, portanto, ser relativas, enquanto átomos relacionados com átomos, mas não enquanto átomos relacionados com a vida. A vida é o princípio infusor — é absoluta.

Nada que possais ver, nada que possais perceber com os sentidos, pode de modo algum ser chamado vida. Estendei as sensações do braço materialmente estendido, como o sentido do tato; estendei o sentido da visão, como vibrações de luz sobre o órgão visual; estendei o sentido da audição, como o que quer que possa vibrar sobre o órgão da audição; mas nem a luz, nem o som, nem o tato podem expressar a vida: estes, como afirmado, são apenas proposições relativas. Tempo e espaço — estes também exprimem proposições relativas e não positivas. No universo, que é absoluto, tempo e espaço não são relevantes; são apenas relevantes para aquilo que não é absoluto, real. Portanto, quando falamos do espaço como definindo a existência material, apenas queremos dizer que ele define aproximadamente as relações dos átomos entre si, dos corpos orgânicos entre si, das coisas que existem no tempo e no espaço relativamente a outras coisas que existem no tempo e no espaço.

Seja o que for que exista pertencendo ao homem, que exista no tempo e no espaço, é afetado pelas relações dos átomos. Os corpos orgânicos afetam-se mutuamente, não podem atravessar-se uns aos outros, não podem intercetar-se sem que haja concussão. A fricção, como resultado dos corpos organizados em movimento, deve sempre produzir fricção. Assim, a ciência, como já afirmei antes, é apenas a relação dos corpos organizados entre si, apenas a relação da substância com a substância, apenas a relação daquilo que está abaixo com aquilo que está abaixo; apenas a relação dos átomos com os átomos. Mas a vida do universo não é atómica, não é orgânica: é positiva.

Qualquer classe ou ordem de seres que possa existir no universo acima do homem — talvez homens noutros planetas — existiu em relações atómicas convosco e com o vosso planeta, e constitui uma sugestão das relações superiores, atomicamente, entre vós e as ordens da vida genérica abaixo de vós.

Estas gradações superiores da existência criada ou material são expressões mais elevadas (e revelam mais qualidades) através da matéria, e através de sensações mais refinadas, mais atributos do Infinito são expressos.

As ordens inferiores de vida exprimem limitação, atributos inferiores aos do homem, um tipo de atributo para cada ordem de ser; talvez instintos que não sejam em si capazes de se inverterem na forma da razão. Tudo isto, como já foi dito, é relativo. Portanto, o estudante de ciência que estuda a vida orgânica deve estudá-la

relativamente, do ponto de vista dos sentidos, não da mente ou do espírito; deve estudá-la com referência à sua relação consigo mesma; de modo algum deve tomá-la pelo absoluto. Nenhum homem estuda o absoluto; nenhum homem o mede. Não está no espaço, não é organismo. Não tem, portanto, relação com a matéria exceto para a controlar. Portanto, esta noite, chamo a vossa atenção, não para factos físicos, não para a ciência material, que é relativa, não para as relações dos corpos organizados com o tempo e o espaço, não para as limitações dos átomos em relação ao corpo organizado, mas para o reino do absoluto, que é o reino do espírito (isto é, da alma).

Não penso em tempo e espaço, penso em infinito. O que faço com o meu pensamento está no tempo e no espaço. Se o levar à prática, isso ocupa tempo; se influencio objetos com o meu pensamento, isso afeta a matéria; essas proposições compreendeis. Mas se nada fizer com o meu pensamento — se o conservar, o pensamento permanece no meu pensamento exatamente o mesmo; então vive no absoluto; ele…

…não vive no tempo e no espaço, não afeta a matéria, não move corpos orgânicos, exceto conforme eu escolha atuar sobre eles. Tendes amor que podeis não expressar, tendes pensamento e oração que podeis não exteriorizar; permanecem, portanto, ainda no absoluto. Expressais a oração — ela começa então a afetar o tempo, o espaço e a matéria; torna-se então relativa; saiu de vós, embora (dentro de vós) faça parte de vós; expressa, já não sois vós, deixou de ser vossa; ao sair de vós começa a afetar a substância. Ela exprime-se mais ou menos perfeitamente através da substância capaz de a exprimir, contudo nenhum homem vê o pensamento regressar a si na forma em que o enviou para a matéria: não volta na forma que teria.

O que quero dizer é: uma estátua é esculpida no tempo; um edifício é construído no tempo. No ideal é perfeito; na vida material é imperfeito: no absoluto não tem mancha; no relativo não pode deixar de ter mancha; porque a matéria, da qual a sua forma é construída, é inferior ao pensamento que a criou; porque as substâncias não podem corresponder ao absoluto, porque a substância nada é para o absoluto. Aquilo que está abaixo não pode positivamente igualar aquilo que está para além, acima, dentro, com referência ao absoluto, ao ideal.

Não podemos expressar o absoluto no espaço, pois o espaço é sem fora e sem dentro; sem descrever a circunferência e o centro; sem descrever acima, além, abaixo; sem definir o espaço. Não podemos exprimir em horas, dias, meses, anos, sem definir o tempo. Todo o génio existe no pensamento. Não faço um estudo da beleza pelo tempo e espaço: apenas o faço relativamente através do tempo e espaço. Não estabeleço uma lei que seja final para o bem-estar do homem no tempo e no espaço. Percebo princípios e princípios que governam os pensamentos do homem. Mas quando aplicam esses princípios relativamente, eles falham, porque aquilo a que os aplicam é inferior ao próprio pensamento.

A paixão humana é o resultado do organismo, mas o pensamento humano é o resultado do espírito. A paixão humana consome o corpo, resultado do espírito. A paixão humana consome o corpo, destrói as forças vitais, destrói a vida; daí a morte

física. O espírito não é apaixonado; está cheio de vida, fogo, fervor; mas não possui decadência material; não consome, mas constrói; não destrói, mas cria. Retira das substâncias do universo aquilo que o sustentará, através do qual se expressa.

É o espírito, portanto, que deve vivificar a matéria; é o espírito, portanto, que deve recriar, reproduzir e perpetuar a expressão genérica da vida e da matéria. Entregue a si mesma, a matéria não é genérica; entregue a si mesmo, o átomo não possui consciência; entregue a si mesma, a matéria não se reproduzirá; entregue a si mesma, nada existe, portanto, nela. Nada pode ser melhor definido do que — o mundo sem o espírito. Digo-vos isto, não talvez porque o compreendereis, mas porque é verdade.

Com o tempo, o mundo chega a conhecer a verdade que antes não compreendia. Digo-vos isto porque o sei; não, talvez, porque o possa demonstrar a vós, pois isso não pode ser demonstrado enquanto não estiverdes preparados; estais preparados para isso apenas se estiverdes preparados para medir espírito por espírito. Aproximamo-nos demasiado da medição das coisas pela matéria no tempo e no sentido, na forma material, limitados pelas limitações do corpo; esquecemos o absoluto de onde viemos; esquecemos medir o Universo pelo absoluto; é apenas quando, por inspiração, algo abala a memória, que nos recordamos de nós próprios e lembramos que fazemos parte do absoluto, do Infinito.

É isto que acende no homem o anseio de ser imortal; é isto que demonstra ao homem ser imortal: é isto que, através da matéria, exprime de algum modo aquilo pelo qual o homem julgará esse estado imortal que está para além da expressão da matéria; e que a matéria, por súbita transmutação, deve expressar vida ou morte, mortalidade ou imortalidade, conforme seja atuada por algum poder infinito. Quero dizer com isto que o nascimento não é diferente da morte; quero dizer com isto que a vida, como lhe chamais, não é diferente daquilo que não chamais vida, porque ambas são apenas mudanças relativas da matéria, uma ação inversa e reversa do espírito.

A alma imortal é sempre a mesma; o espírito é sempre absoluto, e aquilo que exprime vida ou morte materialmente exprime apenas uma coisa materialmente, e isso apenas relativamente. Colocando-vos sobre o Sol, todas as leis relativas aos planetas em torno do Sol deixam de vos afetar. Não existe força ativa que mantenha os planetas nas suas órbitas; há a aniquilação de tudo o que se relaciona com a Terra, Vénus ou qualquer dos planetas, porque estais no centro de toda a lei com referência ao sistema solar tal como criado.

Estais, portanto, no absoluto, na ausência de lei enquanto a lei afeta esta criação relativa; assim, colocando-vos no absoluto, no espírito, tudo o que se relaciona com a vida material deixa de vos afetar, pela simples razão de que estais no centro daquilo que produz os efeitos, tal como o centro de uma roda não é afetado pelo movimento que constantemente agita a circunferência. Há um ponto na roda que está absolutamente em repouso, onde não existe movimento; assim, no espírito estais no centro da roda que exprime a vida material e, portanto, não há mudança; não pode

haver mudança no tempo e no espaço, pois estais com aquilo que é realmente a fonte de todo o tempo, sentido e expressão.

Isto sendo concedido, seja como questão de lógica, razão, argumento, ou porque é verdade, deve colocar o espírito humano (realmente) numa posição diferente daquela que lhe é atribuída na Terra. Falais de progresso, falais do espírito atingindo coisas como falaríeis de uma árvore a crescer ou de uma criança a tornar-se homem; eu não posso avançar do absoluto para o absoluto; não posso crescer da eternidade para a eternidade.

Estou na eternidade todo o tempo; sou eterno ou nada sou; a eternidade não é parte de mim; não me torno imortal; não cresço para ser espírito; não cresço para ser alma; mas sou. Aquilo em mim que é alma não pode ser menos; aquilo em mim que é espírito não pode ser menor; aquilo que se exprime através da matéria pode fazê-lo perpetuamente, eternamente, mudando a toda a hora, de modo que, tendo presente esse símbolo, o centro da roda está sempre em repouso; a matéria é a circunferência; a matéria é a porção mais exterior; a matéria é aquilo que nada faz, mas sobre o qual se atua; não há nada que ela faça, é incapaz de agir. Na finalidade do espírito, a matéria é nada.

Estou a falar daquilo que é; estou a falar aos vossos espíritos, ao vosso entendimento. To-

Amanhã os vossos corpos serão postos de lado; não terão memória daquilo que vos disse esta noite; a forma não conservará nada dos mundos aqui expressos. O espírito conservará a sua própria recordação desta noite no seu próprio lugar, na sua própria vida; o espírito conserva-a agora ou não o pode fazer então.

Falo, portanto, não à vossa audição; não falo aos vossos olhos; não me exprimo a qualquer atributo que a matéria tenha expresso, mas àquilo apenas que compreende o que digo, que interpreta o pensamento expresso, que percebe e interpreta o pensamento que está por detrás da fala. Vibrações de palavras podem alcançar-vos através dos sentidos, a inteligência não pode; ela alcança-vos em virtude da inteligência que está para além da palavra, para além da audição dela. Não sou, salvo enquanto espírito; já não existo no tempo e no espaço. Não tenho sentidos físicos; não tenho nenhum dos atributos da substância relativa; mas existo como uma entidade, no absoluto; Eu sou; habito para além do tempo e do espaço; habito num reino que não muda, mas que faz todas as mudanças; sou, portanto, superior a tudo o que a matéria pode possivelmente detetar.

Sou superior a todas as leis que governam os vossos planetas; sou superior ao Sol, à Lua e às estrelas, porque eles não me governam. Se posso governar um átomo na Terra, sou superior a ele; portanto, independente da matéria, fora do tempo e do espaço. Governo organismos sobre a Terra segundo a minha vontade; movo-os para fazerem o que lhes ordeno. Um organismo movi imperfeitamente quando estava na Terra, quando ocupava barro sensível; posso mover muitos organismos a partir do

espírito, para que o meu pensamento os possua — estes podem cumprir a minha vontade. Influenciamo-nos uns aos outros…

Na forma material influenciamo-nos mutuamente por coisas relativas; influenciamo-nos mutuamente por vibrações sobre os sentidos através da substância material. Em espírito influenciamo-nos mutuamente pelo pensamento. Somos entidades; não sentimos tempo nem espaço, mas mente; não sentimos aquilo que é relativo, mas aquilo que é absoluto. Todo o pensamento é absoluto, portanto o espírito é, na sua alma, uma entidade.

Esta noite falo-vos do espírito. As manifestações do mundo espiritual são reais, porque vêm de um reino absoluto; os espíritos realizam aquilo a que se chama milagres, simplesmente por causa das suas relações com a matéria. Se pudésseis deslizar para além dos sentidos, como eles podem, então poderíeis superar, como devem superar, pela própria natureza da sua existência, a relação entre substância e substância. Não haveria dificuldade em realizar coisas que os espíritos realizam. Em espírito não temos afinidade com o corpo; não temos nada que nos ligue a ele. Não somos organizados, mas vivemos: o nosso é vida, o vosso organismo; o nosso é existência, o vosso apenas expressão. O nosso é a vida da vida, o vosso a forma dela; o nosso é o espírito, o vosso o corpo.

Estou a falar daquilo que é invisível; separai-vos do vosso corpo e sabereis o que quero dizer. Não o conheceis pela fala, não o conheceis pela audição, não o conheceis pela visão; já não estais no tempo e no espaço, limitados pela sensação; estais então em espírito como Eu sou; não falais, porque isso não é necessário; em espírito não há necessidade de ouvir, pois o espírito percebe espírito. Não é mais relativo; é absoluto. Sabemos, não precisamos de compreender. Isto desperta consciência, perceção de pensamento, como é chamado por falta de melhor termo, é uma qualidade absoluta, e essa sensação ou expressão é uma qualidade relativa.

Na produção da manifestação material pelo poder espiritual, portanto, embora não compreendendo de todo na forma material e relativa aquilo que vos digo esta noite, percebo que existe outra relação da matéria que a ciência ainda não declarou; deve existir uma relação da matéria com o absoluto que ainda não é conhecida da ciência. Isto, por conveniência de expressão, denomino outra dimensão no espaço; e, como é muito evidente que, se as perceções humanas fossem suficientemente despertadas para descobrir a relação relativa da substância com a substância, dos corpos orgânicos com os corpos orgânicos, que o facto de dois corpos orgânicos entrarem em contacto um com o outro e não conseguirem atravessar-se é apenas uma afirmação relativa, enquanto outro facto é que nenhum dos…

…organismos são absolutos, e que num sentido absoluto eles não apenas podem passar e tornar a passar, mas não podem ser detidos de todo. Quando as coisas, portanto, se tornam invisíveis, como por vezes acontece na presença do "sensitivo" ou "psíquico" em sessões espíritas, isso já não é maravilhoso, à luz do absoluto que vos descrevi.

É verdade que deixam de ser visíveis ao olho, mas as vibrações da luz visíveis ao olho têm apenas um alcance muito limitado, enquanto existem biliões de vibrações que o olho é incapaz de perceber. Ora, estas vibrações podem ser aplicadas a um objeto de qualquer espécie e, no que respeita ao olho humano, então o objeto torna-se invisível. Ou tomemos ainda outra ilustração: aquilo que relativamente é orgânico deve deixar de ser orgânico, porque não existe organismo absoluto; e, como a mutabilidade e a mudança terminam e destroem o organismo, como uma árvore pode ser queimada e deixar de ser um organismo desse tipo, como a água pode ser transformada em vapor e deixar de ser fluida, tornando-se gasosa, assim qualquer forma organizada pode tornar-se substância em forma desorganizada.

Com aplicação suficiente de poder pode ser queimada, pode ser consumida pelo fogo ou pela água; mas existem outros solventes além do fogo e da água; outros elementos desintegradores além do tempo, decomposição, transmutação e ação dos elementos materiais. Essa destruição, essa transmutação, aquilo que pode colocar substâncias para além do alcance dos sentidos humanos, sem destruir o seu organismo nem alterar a sua forma de relação umas com as outras, apenas exercendo sobre elas um atributo do espírito ou a expressão disso, não é conhecido dos espíritos limitados por corpos materiais.

Existem seres ou existências que vivem num reino absoluto, independentes do tempo, espaço e sensação; independentes das leis que afetam comprimento, largura e espessura; podem tornar comprimento, largura e espessura inteiramente inexistentes, colocando-os pela existência desta outra força, como se não existissem, acrescentando à superestrutura do universo uma força que ainda não conheceis e à qual ainda não sabeis chegar.

Outra proposição: diz-se que os objetos são desmaterializados e depois materializados. Quereis dizer com isto que se tornam visíveis e invisíveis, palpáveis e impalpáveis aos sentidos; porque, se a materialidade é apenas aquilo que é palpável, então toda a existência atómica não é material. Mas se quereis dizer que são tornados palpáveis, então os objetos nesta sala, embora neste momento não visíveis nem palpáveis aos vossos sentidos, continuam materiais; que, das substâncias que esta sala contém, não suficientemente palpáveis aos vossos sentidos, poderia ser moldado não apenas um organismo, mas talvez mil organismos palpáveis aos vossos sentidos.

Para este propósito é apenas necessário que algum organismo independente atue sobre isso; porque vós, que sois governados por aquilo que regula o vosso organismo, não podeis agir através dos vossos organismos sobre substâncias menos palpáveis do que aquelas que o corpo contém. Mas certamente aqueles que não estão sujeitos, na sua condição, às leis que governam esta substância que está em solução à vossa volta, podem agir sobre ela tão realmente quanto um homem pode agir sobre o barro do oleiro, embora, se estivesse imerso no barro do oleiro, não pudesse agir sobre ele.

Um homem a erguer-se na sua própria cadeira é símbolo daquilo a que estais limitados no organismo físico; mas alguém menos limitado do que vós, fora de vós mesmos, pode erguer-vos, porque está independente das limitações particulares da

vossa posição. Assim, se vos fizerdes no corpo humano como o homem sentado na cadeira, e o espírito desencarnado como aquele que não está sentado na cadeira, então percebereis que o espírito desencarnado pode fazer aquilo que para vós hoje é impossível, a partir da própria posição que ocupa em relação à substância sobre a qual atua.

Portanto, os objetos podem tornar-se visíveis ou invisíveis,…

Portanto, os objetos podem tornar-se visíveis ou invisíveis, as substâncias podem ser transformadas em forma, as formas desmaterializadas ou tornadas invisíveis, por transmutação e mudança; toda a substância, lembrai-vos, onde exprime as relações do espírito com a matéria, tudo aquilo que está abaixo do espírito, sendo de todos os modos suscetível ao espírito, quando o espírito não está incorporado nela nem rodeado por ela. Quero dizer: sempre que age e existe, a sua expressão não está limitada a essa forma particular. Assim, se não tivésseis outro método de comunicar com um amigo exceto através de uma abertura numa parede de prisão, medir-vos-íeis pelo tamanho do papel em que desejásseis escrever a nota que quereis dar-lhe; mas se tendes um meio aberto de comunicação e um utensílio livre de uso, não limitais as vossas expressões exceto pelo vosso desejo.

O mesmo é verdade para os espíritos, encarnados ou desencarnados. A limitação do corpo é a casa-prisão; aquilo que exprimis através dele deve ser pesado e medido pela construção mecânica daquilo que estais a usar; mas em espírito tendes toda a substância através da qual vos expressar! Não há limitação ao vosso desejo, à vossa vontade, à vossa aspiração, à vossa inteligência. Portanto, todos os organismos tornam-se sujeitos ao vosso domínio, governados pela lei da adaptação; todas as substâncias tornam-se sujeitas ao vosso domínio, governadas pela lei da inteligência.

Todo o milagre é explicado desta maneira. Tudo o que participa da natureza do sobrenatural é, portanto, explicado; deve ser sobrenatural, pois aquilo que está acima do universo material e dos seus processos orgânicos é a lei suprema do universo. Falando-vos, portanto, deste ponto de vista absoluto, desejo que compreendais que aquele que declara qualquer coisa no universo impossível torna-se ele próprio maior do que o universo, pois deve saber tudo. Aquele que declara que a limitação da sua perceção no tempo e no sentido deve governar seres que não ocupam tempo, espaço ou sensação, declara-se um idiota. Como pode ele saber o que é possível num reino que não habitou, num reino em que não existe, e com seres que não pode, na expressão exterior, assemelhar ao seu estado atual de ser, exceto em espírito?

Poderíeis igualmente dizer que aquele que caminha sobre neve perpétua declararia impossível o mar tropical de fluxo perpétuo. Poderia também declarar, nos trópicos, quem nunca viu ou neve ou água congelada — ou até flutuando na superfície da água — ser impossível. Quase tudo é impossível medido pela experiência de um homem; a maioria das coisas é impossível medida pela experiência do homem mais sábio; medida pela experiência do mundo inteiro, se a experiência fosse tudo, o próprio universo seria impossível.

Nenhum homem viu as estrelas serem feitas, nenhum homem as viu crescer, e contudo, quem as declararia impossíveis, quando enchem o espaço com a sua presença arrebatadora, acendendo todos os seus caminhos de luz com o infinito? E contudo, aqueles que declaram que a vida do espírito, agindo sobre a matéria, está limitada por esta ou aquela ou outra lei da substância material, não podem de modo algum saber do que estais a falar.

Anuncio a existência no mundo de um novo pensamento que tomará o lugar de todo o outro pensamento científico; uma nova fórmula que tomará o lugar de todas as outras fórmulas: que a matéria possui um poder, ou antes capacidade e aptidão, de ser atuada por aquilo que é desconhecido para a ciência material. Quero dizer com isto a aniquilação da matéria pelo espírito, e que, se o espírito não desejasse expressão através da matéria, o espírito infinito através do universo da matéria, e o espírito finito através da forma física, a matéria não existiria. A ciência declara a luz como vibração, não como substância. Eu declaro a matéria como a vibração dos espíritos, e toda a manifestação do poder espiritual no mundo prova isto, e toda a manifestação do espírito do homem através do seu corpo prova isto, e as relações dos átomos com os átomos, das substâncias com as substâncias, cessam tal como o espírito deixa de se expressar.

ESPIRITUALISMO INTEGRAL

Artigo escrito pela Sra. Cora L. V. Richmond, de Chicago, Illinois, EUA, sob a influência dos seus inspiradores, e lido pelo Sr. J. Greenwood, de Hebden Bridge, na Convenção Internacional realizada em Liverpool no domingo, 5 de julho de 1925.

Parte I

O Espiritualismo segundo a Sra. Richmond

O termo “Espiritualismo Moderno” é apropriadamente aplicado ao movimento que começou a atrair a atenção pública em meados do século passado e que passou a ser historicamente datado dos “rappings” de Hydesville, quando os chamados “rappings” ou “batidas” de Rochester foram primeiramente ouvidos em Hydesville, no Estado de Nova Iorque, EUA, mais amplamente conhecido como “Rochester Knockings”, devido ao facto de terem ocorrido na residência de uma família rural de classe média conhecida como as Fox (as irmãs Fox), em cuja presença os sons ocorreram.

Esse estranho fenómeno, e o importante facto de se encontrarem respostas inteligentes e claras nas batidas, despertaram interesse histórico e deram início a todas as descobertas, invenções e revelações posteriores do tipo. Pequenos e insignificantes acontecimentos conduzem frequentemente a resultados extraordinários. É, portanto, prudente não considerar depreciativamente um acontecimento pequeno e obscuro que tenha resultado no presente movimento mundial conhecido como Espiritualismo.

Nos primeiros dias do aparecimento do fenómeno, Robert Hare, da Filadélfia; o Professor James J. Mapes, de Nova Iorque; o Dr. J. W. Edmonds, de Nova Iorque; e, um pouco mais tarde, D. D. Home, Professor (Sir) William Crookes, Mrs. Cromwell Varley, em Inglaterra, Camille Flammarion, Professor Zollner, no continente, e dezenas de outros homens e mulheres cultos de diversas áreas de atividade, investigaram os fenómenos físicos e mentais que surgiam simultaneamente em muitas partes do mundo, e concluíram que era impossível atribuí-los à ciência conhecida e poderiam ser explicados apenas por espíritos. Quase sem exceção, foram obrigados a aceitar a afirmação de que manifestações "inteligentes" (isto é, fenómenos produzidos por forças desprovidas de espírito, uma força imortal atuando através da matéria e por métodos desconhecidos da ciência) eram o verdadeiro sentido da antiga teoria dos fenómenos físicos, e ao mesmo tempo toda a hipótese de "explicação" que até então a ciência (do tipo de Faraday) tinha apresentado.

"Explicação", de certo modo, de um facto ou de uma série de factos científicos só é válida enquanto não seja derrubada pela acumulação de novos e maravilhosos factos que mais tarde se revelem associados e que, de outra forma, permaneçam desconhecidos, tanto na Europa como na América; os investigadores prosseguiram, mas sem chegar aos resultados que teriam sido os mesmos na ausência das teorias preconcebidas dos sábios humanos. Contudo, tal como existem leis anteriores às investigações, os investigadores estavam limitados ao conhecimento que possuíam das leis universais; nem, portanto, poderiam as leis do Universo, já conhecidas, explicar os fenómenos do Espiritualismo que encontravam origem no reino espiritual.

Os fenómenos, a filosofia e a inspiração do movimento centraram-se inicialmente em toda a chamada "nova luz" (ou nova verdade segundo a inteligência manifestada). Médiuns e milhares de espíritos inspiradores, desde cedo, vieram …nacionalidades e condições sociais das pessoas. O autor conheceu muito bem os médiums nas Cortes de reis e em casas de campo dos mais humildes, entre os reclusos de conventos e outras ordens ascéticas, bem como nos círculos da sociedade mundana. O escritor deseja que se compreenda claramente a posição do Espiritualismo quanto ao que constitui as condições necessárias para a mediunidade, embora quaisquer condições particulares possam ser modificadas pelo estado ou condição do médium.

As dificuldades encontradas na abordagem desta investigação, de um ponto de vista puramente científico, são muito claras. Essas dificuldades podem ser brevemente resumidas: os fenómenos físicos (na natureza) são geralmente a base da investigação científica; o natural tende a pertencer ao domínio do efeito para a causa; os fenómenos primários, ainda por descobrir na física; mas aqui, desde os primeiros testes, o investigador encontrou fenómenos e forças cuja manifestação tem sido tão evidente como os fenómenos físicos; uma investigação científica baseada na ideia de descobrir uma nova causa (que também pode ser designada por "inteligência manifestante") é um trabalho de superorganização e torna-se impraticável enquanto o objeto. Portanto, toda a investigação do Espiritualismo baseou-se na suposição de que nada foi provado,

e afirmar que a origem das manifestações ainda é desconhecida equivale a ignorar toda a hipótese.

Por mais variados que sejam os métodos, os processos de comunicação entre o mundano e o supramundano, a existência, hoje conhecida, não só das entidades e leis subtis e inteligíveis e do departamento de estudo no além, como também a mente humana está pronta, desde o supramundano estado de espírito, para ser impactada por influências conhecidas relativas às inteligências humanas, mas, no presente, aqueles que se encontram no estado humano não estão preparados, nem possuem preparação suficiente para esse conhecimento. Também não houve uma classificação suficientemente ampla ou completa da formulação dos factos, nem das diferentes formas, porque os nomes dados a cada manifestação separada ou fase do fenómeno, tendo sido atribuídos com o propósito específico de transmitir uma mensagem, ou imagens, a amigos no estado terreno, o objetivo ou intenção sendo primordial, em vez do método ou fenómeno, …

Os primeiros investigadores — e também os mais recentes — abordaram o assunto com grande cuidado, esforçando-se sempre por eliminar completamente a hipótese "espiritual" das suas investigações. Em quase todos os casos encontravam afirmações persistentes de personalidades de uma inteligência semelhante à humana. "Eu sou um espírito", "Vivi na Terra de tal e tal maneira", e o nome e local de residência eram geralmente apresentados. Sempre que surgia uma questão e eram dadas respostas (quer por pancadas, escrita ou outro método automático), as respostas mostravam invariavelmente nome, idade e personalidade clarividente, transmissão, inspiração, etc., acrescentando-se também a resposta. Frequentemente, quando uma determinada fase do fenómeno era demasiado repetida (a pedido do investigador) a ponto de se tornar cansativa, comunicavam-se espíritos familiares: "Já demonstrámos o facto; agora desejais comunicar uma mensagem aos vossos amigos." Sempre por detrás do fenómeno estava a personalidade que o produzia.

Os investigadores mais cuidadosos e meticulosos, assim como os espíritos mais conhecidos e curiosos, concluíram que para admitir que o Espiritualismo tivesse sido produto do tempo e das eras, e provar que cada ser humano (inteligência) sobrevive à mudança chamada morte; que tal existência pressupõe também a imortalidade; e que, em condições ainda desconhecidas dos mortais, mas evidentemente possíveis no próximo estado de existência, os vivos e os comunicadores com os que permanecem no estado humano podem encontrar-se, provando assim que não existe, para ambos, distinção entre o espírito inteligente e o espírito humano.

As persistentes batalhas ou resistências de certas classes de teólogos contra as manifestações do princípio espiritual têm sido bastante naturais como parte das dificuldades principais encontradas na linha lógica da oposição, e as mentes filosóficas tiveram pouca dificuldade em aceitar os seus argumentos; porém, se a teoria apresentada por eles — de que "isso (o Espiritualismo) é obra de Satanás, majestade e

inferno" — fosse naturalmente aceite: "Se os espíritos humanos comunicam, por que razão espíritos bons?"

A demonstração de uma existência futura, e a abertura de todo o domínio das realidades espirituais — tudo o que se relaciona com o… …espírito humano aqui e no além (e muitos de nós pensamos, antes disto, que as nossas atitudes em relação ao espiritualismo eram espirituais). O Espiritualismo apreciou plenamente o valor do trabalho de sociedades de investigação psíquica, tanto na Inglaterra como na América, reconhecendo, contudo, que os seus membros se dedicavam a assuntos que, na verdade, estavam intimamente ligados ao Espiritualismo; tiveram valiosa e amplamente de reconhecer os labores dos seus predecessores, Dr. A. R. Wallace, Sir William Crookes e os muitos eminentes estudiosos já mencionados.

Os espiritualistas não fazem objeção a terminologias, mas, em geral, aceitam os novos nomes, desde que sejam melhor adaptados a uma compreensão inteligente do assunto. Exigimos, porém, que também seja reconhecido que os médiuns no nosso círculo espírita ou sessão espírita, dentro de uma hora, se tornam um "instituto psíquico" quando se tornam instruídos em fenómenos que anteriormente nada mais eram do que investigação. Mas nada tinha sido provado até ser investigado. Contudo, apreciamos plenamente a serenidade e o ardor daqueles que, sob o nome de "Investigação Psíquica" e "Estudos do Oculto", dedicaram a sua energia e o seu tato (fenómenos ou manifestações mentais ou espirituais) durante cinquenta anos.

Tenha-se em mente, por todas as pessoas de espírito imparcial, que nunca houve nem existe atualmente o fenómeno chamado "Espiritualismo" aceite pela ideia de uma existência futura, seja através do estudo da vida sob alguma forma teológica, seja pela intuição que agora se tornou faculdade da mente humana, representando uma porta aberta entre os dois domínios da existência, entre o plano interno e externo da consciência.

Muito do que permanecera inexplicado tornou-se compreensível através de uma investigação séria dos fenómenos hipnóticos, menos misteriosa e luminosa à luz do Espiritualismo. O oculto, o misterioso, o estranho, o fantástico e muitos fenómenos anteriormente associados a superstições foram esclarecidos pelo Espiritualismo. Fantasmas, supostas aparições frequentes em cemitérios e casas assombradas, passaram a ser considerados manifestações do espírito, cujo poder de produzir mensagens de conforto. "Premonições" e "avisos" são agora conhecidos como "impressões" e sugestões espirituais provenientes de uma espécie de "sentido interno" e de uma espécie de "visão espiritual" (ou perceção espiritual) demonstrando estar em operação através de métodos semelhantes aos então designados como…

Não afirmamos que os fenómenos sejam novos, nem que a filosofia do Espiritualismo o seja, mas sim que tanto o fenómeno como a filosofia representam o mais recente desenvolvimento de um movimento distinto, originado no domínio espiritual e transmitido de geração em geração (sem cessar durante sessenta e cinco anos; e o sistema de pensamento produzido pela apresentação dos fenómenos e da

filosofia é, na verdade, tão novo hoje como o era quando começou a ser essencialmente verdadeiro, embora as descobertas, invenções e revelações de hoje sejam as do presente. O antigo esplendor derrama a sua luz sobre o mundo de eras passadas, mas o brilho do presente é tão novo quanto o foi o Grande Mestre quando disse: "Que haja luz" — e houve luz).

Parte II

O Espiritualismo Inclusivo

"Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que aquelas que a tua filosofia sonha."

Quando os factos da existência contínua e da intercomunicação entre os dois estados são comprovados, o domínio no qual a mente humana é admitida torna-se ilimitado. Assim como a religião é amor a Deus e o homem (o homem entendido como fraternidade); assim como a ciência demonstrou o facto (o conhecimento), também a filosofia é a soma total da verdade, a sabedoria do conhecimento.

A filosofia do Espiritualismo é a união num todo perfeito de todas as suas partes. A sua ética, em harmonia com os mais elevados ideais, constitui a moralidade do crescimento e do aperfeiçoamento humanos; e a característica do espírito humano — substituindo as teorias — oferece qualquer outro meio de perfeição ou de superação de todos os defeitos existentes na natureza humana.

Para muitas pessoas, talvez um número maior de mentes reflexivas do que o público em geral imagina, o aspeto filosófico do Espiritualismo é o mais atraente e encantador; é certamente o mais abrangente e inclusivo. Contudo, não pode haver verdadeira filoso …órfico que não inclua o assunto na sua totalidade. Já ouvimos pessoas mais comuns e sem instrução afirmar que "não há nada de novo ou verdadeiro numa sessão espírita". Também ouvimos pessoas de espírito muito esclarecido declarar: "A filosofia do Espiritualismo é grandiosa, mas não aceito os fenómenos." Contudo, em cada caso, os interlocutores possuíam apenas uma visão parcial do assunto.

A demonstração de que existe vida após a morte levou-nos a apresentar as seguintes proposições:—

1. Que a capacidade de existência contínua da consciência humana, o Ego, reside no indivíduo, e não depende do ambiente nem da condição física; não pode, portanto, resultar do contacto com o cérebro ou organismo humano.

2. Que tudo aquilo que dá ideias aos indivíduos ou às sociedades relativamente à consciência persistente do eu individual — consciência incorporada em cada vida humana — não possui explicação filosófica, exceto a que deriva da existência e persistência das individualidades do Espiritualismo, e que é essa individualidade que afeta todos os organismos, embora não o

espírito, apenas libertando-o para entrar numa ordem de atividades mais ampla e superior, no estado de existência chamado morte. E, assim como a fase da vida orgânica é tão preciosa e está tão intimamente ligada ao plano divino da natureza no seu nascimento para o estado humano, também o próximo passo (ou fase seguinte) é a continuação legítima da existência aqui, e cada espírito humano retoma a sua vida individual pessoal no plano espiritual, tal como um indivíduo terreno, sendo a consciência quebrada apenas pela morte.

3. Que necessariamente, tal como tudo o que pertence apenas ao plano físico (exceto a consciência psicológica do eu) é lançado de lado com o corpo, e que o espírito, despido de qualquer vestimenta física ou necessidade, permanece nesse estado de expressão, tal como o indivíduo terreno, qualquer que seja o modo de expressão no estado humano.

4. Que estados mentais de felicidade ou miséria são possíveis em qualquer estado de existência que o indivíduo possa alcançar através do desenvolvimento, crescimento e desdobramento, conduzindo a resultados mais elevados e melhores; e que o progresso espiritual para condições mais puras, por meio de transformações progressivas, continua.

5. Que nenhum espírito ou anjo é demasiado exaltado para alcançar e auxiliar aqueles menos desenvolvidos e mais ignorantes (e nós próprios ainda o somos) através da lei da adaptação.

6. Que as visões ou vários estados em que os espíritos se manifestam após a sua libertação do ambiente das organizações físicas, o relativo e absoluto princípio da existência espiritual, a interdependência do espírito é mais perfeita do que nos estados menos perfeitos de consciência; a comunhão consigo mesmo manifesta-se na esfera terrena; de facto, essa é a principal força governante do plano espiritual e do estado de sabedoria pelo qual esse domínio permeia, acelera e se manifesta como um poder controlador; todas as atividades da vida são reguladas por esta filosofia do Espiritualismo, pois é a filosofia da vida.

Quando o caminho para o domínio espiritual interior se abre, seja pela evidência dos fenómenos ou pela única via através da qual a mente humana pode possuir-se (Intuição), o Universo transforma-se. A velha conceção da vida e do além passa por uma grande revolução: um novo Céu e uma nova Terra. Ao passar da obscuridade e incerteza dos estados mentais anteriores, a mente e os próprios sentidos tornam-se luminosos com a luz da Inteligência Imortal. Todos os fenómenos da Natureza assumem um significado diferente e, em vários aspetos, quando o observador é despertado pelo contacto vivificante do conhecimento.

Na sua definição final, o Espiritualismo é a Filosofia das filosofias, a Religião das religiões e a Ciência das ciências. Inclui o princípio e a análise finais da matéria, do espírito e das manifestações finais da mente, os princípios primordiais e finais do

espírito, a entidade eterna, o ego, a alma, e tudo o que se relaciona com a existência, com o ser.

Num movimento como este, inteiramente impelido a partir dos domínios do espírito e orientado para o avanço das manifestações e inspirações espirituais (embora inteligentemente auxiliado por algumas das mentes mais brilhantes da Terra), é totalmente impossível determinar a extensão da sua influência no futuro sobre o número daqueles que, pela evidência positiva do reino espiritual, foram convencidos da verdade, ou daqueles que não são considerados espiritualistas no sentido técnico, mas que, pela sua presença e pensamento no mundo, foram despertados e iluminados.

Quando, há mais de duas décadas, o falecido Professor Elliott Coues (então Presidente da Sociedade Teosófica na América), homem erudito em praticamente todos os departamentos do conhecimento humano, visitou Chicago para proferir uma conferência sobre Teosofia, ocupou toda a noite explicando o que o Espiritualismo moderno tinha feito em favor de quarenta anos da sua existência e nunca se referiu à Teosofia senão até ao final do seu discurso, acrescentando então que o Espiritualismo tinha "preparado o caminho" para a Teosofia. O que poderia dizer um investigador tão famoso, um observador tão cuidadoso das coisas que aconteciam no mundo, senão aquilo que disse?

Já em 1860 o falecido Arcebispo Hughes (católico romano), de Nova Iorque, fez a declaração de que existiam dez milhões de espiritualistas nos Estados Unidos apenas. Atualmente, os espiritualistas afirmam não haver um número definido.

Existem agora organizações locais e nacionais em ambos os lados do Atlântico e em todas as partes do mundo, não para fins sectários, mas para fortalecer mutuamente uns e outros na proteção da verdade do Espiritualismo e da liberdade individual contra a perseguição e a injustiça dirigidas aos médiuns. A influência do movimento faz-se sentir em todos os departamentos da vida humana; produziu uma mudança completa na atitude do pensamento humano e relativamente aos problemas da morte e da vida após a morte, bem como à relação entre os dois estados, ao mesmo tempo que abriu um vasto domínio interior, incluindo todos os problemas psicológicos e possibilidades da mente humana enquanto ainda dentro do ambiente humano.

Foi alcançado muito estudo na investigação laboratorial da natureza e dos seus elementos, e, dentro do seu âmbito, conduziu ao maravilhoso estudo dos Rosacruzes e à transmutação da substância como se fosse magia. Penetrou nas Igrejas de todas as denominações cristãs, e as religiões das nações; e estudiosos eminentes, sacerdotes e ministros sussurraram a mensagem da Vida Imortal, dizendo: "Não somos todos espíritos ministrantes?" Resolveu muitos dos problemas mais obscuros entre religião e ciência, e corrigiu numerosas ideias erróneas e preconceitos relativos à vida futura, substituindo o conhecimento pela teologia. A crença é boa, a fé é melhor, mas o conhecimento é melhor do que tudo.

O Espiritualismo alcançou milhares e centenas de milhares, tanto dentro como fora das Igrejas, dentro e fora das escolas da ciência e da filosofia, aceitando a

evidência como conclusiva e reconhecendo a sua aceitação dos seus princípios através da demonstração e do conhecimento, e não apenas pela fé.

…e milhares de outros foram levados a aproximar-se disso pelo testemunho desses mensageiros ao espírito. Foi restaurado o vínculo antigo e feito novamente um ponto de princípio a reconhecer as leis invisíveis. As suas fontes de inspiração são os anfitriões invisíveis, sob a Infinita Luz e Sabedoria. Os seus mestres e mensageiros são os grandes, os sábios e os amados que partiram. Abriu um vasto conhecimento interior muitos anos antes de esse conhecimento se tornar um achado científico distinto, com tato, ciência, filosofia e história, dotado de sabedoria e eloquência muito além do seu tempo. Criou uma literatura própria, composta por milhares de volumes de experiências e de filosofia, fontes periódicas que publicam relatos e demonstrações de fenómenos e de pessoas proporcionais, e preparou o melhor da literatura da época, ensinando e iluminando os grandes escritores populares de prosa e poesia, como Dickens, Thackeray, Longfellow, Phelps e muitos outros, com a sua verdadeira inspiração.

Não houve contribuição mais valiosa para a literatura do Espiritualismo do que a obra póstuma de Frederic W. H. Myers, intitulada *Human Personality and Its Survival of Bodily Death* — volumosa, exaustiva e de grande alcance — mostrando que uma mente verdadeiramente sincera, elevada e culta não pode entrar em contacto com a investigação deste assunto sem chegar à sua filosofia, sem afirmar as grandes verdades centrais do domínio espiritual; e, embora o livro se refira sobretudo à leitura da mente do público geral, os espiritualistas fariam bem em colocá-lo nas suas bibliotecas como uma obra abrangente e espiritual.

Não menos importantes, como resultado da atitude espiritual de todos os indivíduos que são eminentes na formação da tendência do pensamento moderno, estão os escritos de Sir Oliver Lodge — espiritual, edificante e cheio do universo da luz. E que podemos dizer senão que mitiga o pesar pelas recentes perdas decorrentes da vida mortal, através do desaparecimento do "Titã", do "amigo da humanidade" maravilhosamente dotado, "dele e do fracasso" — do doloroso fim do inspirado e nobre espírito de William T. Stead?

Anos de conhecimento profundo do assunto foram dignos de atenção; se tivesse existido apenas tempo, não teria ele também criado um Espiritualismo próprio; não teria a porta aberta, o canal pessoal de comunicação, sido revelado a ele por……a sua própria escrita "automática" e pelas mensagens pessoais vindas de "Julia" e, mais tarde, da sua esposa, que já falecera e concluíra a evidência e a razão pelas quais o Espiritualismo existe? E agora que o véu lhe foi levantado, o que mais nobre, mais capaz e mais disposto a ser iluminado, mais desejoso de aliviar toda a dor dos corações humanos, se poderia encontrar além de William T. Stead, o velho da humanidade?

E é aqui que termina o âmbito deste discurso: levantar o véu, apresentar à vossa mente, ou melhor, à vossa visão espiritual, aqueles que partiram! O que seria do mundo sem eles? O que seria se fosse possível que as suas maravilhosas mentes não

pudessem sair! Que os espíritos que "caminham sobre a Terra, tanto quando vos despertamos como quando dormis", acrescentando em todas as formas exaltadas para o progresso da humanidade, nada pareça impossível. A sua luz influencia a vida no mais pequeno detalhe; aceita a verdade e, no mundo inteiro iluminado, faz com que as mentes e o coração mais profundos concordem com uma única existência — mantendo os laços da vida espiritual, e não material.

Para uma compreensão materialista e incrédula, demonstrou-se a existência do ser humano para além da mudança chamada morte. Para aqueles que tinham "esperança" na vida futura através de qualquer forma de crença religiosa ou filosófica, acrescentou conhecimento e, sobretudo, abriu os portões que o materialismo e a teologia não tinham ainda deixado entreabertos. Revelou e esclareceu as formas e condições da vida após a morte e o que poderá surgir depois da dissolução do corpo, oferecendo conhecimento dos estados e condições daqueles que passaram por essa mudança, através do testemunho de inúmeros espíritos desencarnados que agora vivem, na própria natureza da realidade, num domínio autêntico, fornecendo informação sobre assuntos pertencentes a esse estado de existência.

Mensageiros imortais trouxeram o conhecimento da sua vida no domínio espiritual e anunciaram e provaram, da forma mais maravilhosa, que a chamada "terra desconhecida" é um país visível! Mãos invisíveis reacenderam os fogos sobre… …altares da inspiração que durante eras tinham estado desolados. A história de Prometeu já não é uma fábula. Limitados pela filosofia e pela teologia ao fogo da ignorância, que o mero intelecto roubou do céu jamais perderia, o espírito humano foi conduzido pela Alma, o verdadeiro Psíquico, à imortalidade.

Anjos e espíritos ministrantes aguardaram sempre as vozes da alma em direção ao mundo imortal. "Removeram a pedra da porta do sepulcro", onde milhares de corações humanos julgavam que os seus entes queridos estavam sepultados. Atravessaram o abismo, expandiram a corrente da morte, através da íris em arco da vida.

A "autoridade" do Espiritualismo é a verdade onde quer que se encontre. Os seus "livros sagrados" são a inspiração da verdade em todas as épocas; considera e ordena aqueles que servem a verdade e a inspiração como seus; criou a verdade universal do conhecimento, da sabedoria e da arte; é a cerimónia ao serviço de uma vida nobre. A sua comunhão consiste em espíritos afins e no companheirismo de todos. O seu altar é o espírito humano; os seus templos são as almas vivas. Está aberto; o presente ilumina o passado, a demonstração, a filosofia e a religião do espírito. A reverência trata, com a mão aberta do seu tesouro, a sabedoria dos céus.

Videntes e profetas, inspirados de novo, revelam mais uma vez a antiga e eterna verdade imortal. O enlutado esquece a dor e seca as lágrimas de tristeza, enquanto escuta a mensagem de amor. O cansado encontra, no espírito, força para suportar as cargas da vida. O fraco encontra força; o egoísmo é inútil. O crime, o pecado e todas

as imperfeições humanas e limitações físicas desaparecem gradualmente, mas certamente, pelo crescimento que vem da vida em todos os seus aspetos.

Calmo, amplo e destemido, este novo credo, de visão aberta, contempla o passado, o presente e o futuro com igual interesse e coragem nascida da esperança perfeita. "As nascentes da vida eterna" estão aqui, e a sua influência mortal bebe avidamente das fontes da vida. O "pão da vida" é a arma, e sustenta todos os espíritos que livremente doam a sua ajuda. Do puro vinho espiritual do seu arsenal é destilado, em poção viva. Os poetas tomam o cálice encantado e aproximam-no dos lábios, e voltam a cantar a canção da esfera.

O mundo, cansado, tocado, despertado, libertado das letargias das proposições materialistas e das afirmações dogmáticas, dos canais da perceção sensorial, dos túmulos do medo e do desespero, dos sepulcros onde a sua esperança e fé e a sua elevada visão do bem se enterraram, volta-se com ansiedade para este novo amanhecer, dizendo: "Não será a luz (que foi prometida) da 'cidade iluminada por Deus'?"

UMA INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL

Discurso transmitido através do organismo da Sra. Cora L. V. Richmond, no Berkeley Hall, Boston, na manhã de segunda-feira, 15 de Novembro de 1889.

Por todo o mundo, a humanidade começa a atribuir uma interpretação espiritual a todas as formas de religião. Foram necessários séculos para isso. Tão literal é o homem, e tão propenso a reduzir tudo o que pertence ao espírito ao padrão dos sentidos, que frequentemente confunde a manifestação com o próprio espírito e esquece aquilo que foi dito por alguém que sabia:

"A letra mata, mas o espírito vivifica."

Já não vos é permitido interpretar Osíris segundo o simbolismo em que foi apresentado aos antigos, mas antes compreender que o sol e o nome Osíris eram símbolos da vida divina que está por detrás de toda a existência. Já não vos é permitido considerar Ísis como uma imagem literal velada na Terra, mas como símbolo do espírito de toda a vida respirada pela divindade, expressão da criação da forma mais maravilhosa.

Foram necessários quase dois mil anos para que o mundo cristão aceitasse colocar uma interpretação espiritual sobre o nome, os ensinamentos e a vida de Cristo; e, contudo, as suas mais simples palavras estavam cheias dessa interpretação. Quando os discípulos lhe perguntavam o significado das suas palavras, ele apontava sempre

para o reino dos céus que está dentro de vós; e, quando insistiam em ter um "Pai" literal, uma "casa" literal e uma "morada" literal, ele remetia-os sempre para aquilo que é divino no espírito.

No entanto, durante dois mil anos, a grande luta da Cristandade tem consistido em prender a casa do Pai ao pó da Terra e em confinar o reino dos céus ao domínio literal da interpretação humana.

Toda a religião, para ter valor, deve possuir a sua nascente dentro do espírito; toda a expressão religiosa, para ter valor, deve estar impregnada desse espírito. No momento em que existe expressão sem espírito, isso é idolatria; no momento em que existe forma sem verdade viva, a própria forma se torna uma caricatura.

Não exibiríeis o corpo de um amigo — embora infelizmente isso aconteça muitas vezes, para escândalo da humanidade e do bom gosto, no caso de pessoas ilustres — não exibiríeis o corpo do vosso amigo pelas ruas da cidade se o espírito tivesse partido, dizendo:

"Este é o meu amigo."

Não colocaríeis esqueletos humanos na vossa casa apresentando-os aos visitantes e dizendo:

"Estes são os meus amados amigos."

Quando o espírito abandona o corpo, este é sepultado; quando o espírito da verdade abandona a forma, também a forma deve ser enterrada dignamente e com respeito, sem disputas, guerras ou derramamento de sangue.

Hoje encontrais-vos no meio do turbilhão do testemunho vivo de um movimento espiritual que, na sua largura, profundidade, altura e extensão, é tão vasto e tão estupendo que é quase impossível ao frágil intelecto humano formular leis aplicáveis ao seu alcance. Nem mesmo as mentes mais instruídas e analíticas conseguem medir plenamente a sua importância. Os sentidos ficam torturados e confundidos por tudo o que lhes é imposto; o intelecto fica atónito e desnorteado tentando aplicar testes superficiais.

Apenas aqueles que possuem a salvaguarda de uma correta interpretação do movimento espiritual contemporâneo podem escapar a perder o equilíbrio mental ou físico, ou a afundar-se nos bancos de areia e nos pântanos da dúvida, do ceticismo, da incerteza e, finalmente, no turbilhão de complicações que o observador casual encontra no estado atual do Espiritualismo.

Pois, se isto não fosse uma unidade divina no céu, o aparente estado atual das manifestações espirituais seria uma discórdia eterna sobre a Terra. Mas esta unidade divina, expressando-se através de cada fase e fenómeno do Espiritualismo — através do verdadeiro e do falso, daquilo que parece genuíno e daquilo que parece não o ser — pode apropriar-se até da expressão aparentemente falsa para ilustrar o seu poder, tal como faz com aquilo que chamais verdadeiro.

Primeiro apodera-se dos vossos sentidos, infundindo-lhes visibilidade e tangibilidade, apenas para depois vos retirar isso novamente, para que compreendais que os sentidos não são dignos de confiança.

Apela ao intelecto com a sua lógica e filosofia até parecerdes encontrar filosoficamente toda a fórmula espiritual e estardes prontos a proclamá-la ao mundo; mas, no dia seguinte, essa fórmula é derrubada por uma nova interpretação, demonstrando que o intelecto humano — por mais vigoroso que seja matematicamente, filosoficamente ou metafisicamente — não possui ganchos com que possa agarrar uma proposição espiritual, exceto no próprio reino do espírito.

Coloca diante de vós tudo o que os sentidos podem exigir; contudo, os sentidos afastam-se porque não conseguem apreender a maravilhosa e divina proposição que está por detrás.

Coloca diante de vós tudo o que o intelecto pode exigir, elevando-se às maiores alturas e descendo às maiores profundezas; mas o intelecto detém-se à porta daquela conclusão imortal que apenas o espírito pode alcançar.

O que desejamos esta manhã é oferecer aos espiritualistas a única solução correta, não apenas para os fenómenos e para a filosofia, mas também para as aparentes discórdias e contendas no Espiritualismo: que a ilustração espiritual, para ser valiosa para a humanidade, deve apresentar-se em todas as formas possíveis; e que, depois disso, apenas podeis confiar no próprio espírito — aquilo a que a manifestação deve verdadeiramente apelar — para encontrar a solução correta do seu significado e da sua intenção.

Mas o vosso estado não serve para outro; ele não pode participar da vossa condição, a menos que a verdade o encontre exatamente onde vos encontrou a vós. É à humanidade que esta verdade chega; não é particularmente importante que ela regule o planeta, o mundo exterior ou o movimento das coisas materiais; ela vem à vida humana segundo cada necessidade humana, alcançando cada condição conforme o estado interior — e isso é o mais importante.

Muitos dizem:

“Ah! se pudesse haver harmonia entre os espiritualistas.”

Será a harmonia tão mais valiosa do que a verdade que seja necessário existir paz antes de existir crescimento? Deve haver um nivelamento morto, uma letargia de calma humana, uma paz não nascida da perfeita harmonia, mas da inanição?

Que haja discórdia até existir conhecimento; que haja discórdia até ela própria abrir caminho para a verdade perfeita — e então virá a paz.

Não tememos a discórdia; ela não pode destruir a harmonia daquela sinfonia dos céus que faz de cada vida individual uma parte desta divina orquestra da imortalidade. Se sofreis, gritais; e é melhor que o façais. Se estais perturbados, falais; a repressão

não tornará a perturbação menor. Se há espaço na eternidade para cada alma, também há espaço na Terra para todo o crescimento necessário aqui.

Se vos perturbais mutuamente pelo vosso crescimento, então criai mais espaço; tornai-vos mais inclusivos nos vossos pensamentos e ideias, pois este espírito é um poder no mundo e seguirá o seu caminho.

Tendes permanecido calados quando devíeis clamar, e clamado quando devíeis permanecer calados, até que isto caiu sobre vós, obrigando-vos a fazer aquilo que devíeis fazer. Se existe necessidade — como deve existir — de harmonia, então deve haver verdade, deve haver amor, e a harmonia cuidará de si própria.

O poder capaz de fazer as almas viverem em formas terrenas é igualmente capaz de cuidar delas, sabendo que, no seu crescimento, aquilo que parece conflito é por vezes necessário; e que não é apenas o sol e a paz que dão força e robustez ao carvalho. A árvore da floresta dobra-se sob a tempestade; os seus braços gigantescos tornam-se fortes quando chamados a resistir-lhe. Não seria correto cobrir esse crescimento com uma fina película de harmonia superficial.

Nas profundezas do vosso ser, na grande alma que é a alma da humanidade, não existe perturbação. Tocai as notas mais profundas de todas as naturezas e encontrareis nelas o mesmo: amor, verdade e bondade. Mas, antes que isso possa expressar-se no ser mortal, cada vida humana individual — cada expressão através da qual a alma procura manifestar-se — deve ter disciplina, deve conquistar-se a si mesma, e toda a discórdia deve ser vencida; não apenas reprimida, mas arrancada pela raiz e removida.

Aquele que corta os ramos da árvore venenosa não a destrói; mas aquele que cava até às raízes e as atinge, esse venceu verdadeiramente o mal. Muitos lamentam aquilo que parece violência e discórdia, mas esquecem-se de que as lições da vida, guiadas pelo divino, encontrarão sempre o seu caminho.

Quando a tempestade está sobre o oceano, não podeis construir um novo quebra-mar para impedir as ondas de alcançarem a costa. Não podeis impedir as ondas de se erguerem quando o espírito se move.

Os anjos de Deus, em tempos passados, agitavam as águas; era porque as águas precisavam de ser agitadas. E, se hoje descem novamente e agitam as águas, é também porque elas necessitam disso.

Mas, no meio de tudo isto, nada impede o espírito de dizer:

“Conheço um lugar, uma condição, um estado que não está perturbado.”

Ouvistes dizer que, no centro do ciclone, existe um ponto sem agitação, onde até um bebé poderia repousar sem que um só caracol do seu cabelo fosse tocado. Ouvistes dizer que, no meio da fornalha ardente, existe um lugar onde não há chama nem destruição; onde o tecido mais delicado poderia permanecer sem sequer se chamuscar.

E ouvistes também que, no meio das águas fervilhantes e tumultuosas da vida ao vosso redor, existem almas que repousam calmas e silenciosas no centro do conflito, sabendo que a paz e o poder do universo não podem ser perturbados por aquilo que existe para o crescimento e desenvolvimento das almas.

Se impedísseis as tempestades da primavera, não haveria botões nem flores no verão; e assim também acontece aqui, na vida material: as dores do nascimento têm de surgir.

Portanto, quando elas vierem até vós, alegrai-vos; pois a dor que precede cada nascimento é prova de que a vida está presente. Nada é pior do que a estagnação; por isso, é melhor que a paz nasça do conflito e do triunfo sobre ele.

Não vos perturbeis, pois, nem tenhais medo. Deixai esta obra agir sobre vós; deixai que descubra as vossas fraquezas; deixai que vos aflija para que possais superar essas fraquezas.

Tudo aquilo que ensina a qualquer mortal — e qualquer que seja a manifestação através da qual ensina — é conhecido algures naquele reino onde luz e sombra, alegria e tristeza, calma e tempestade, são mantidas na solução divina do amor perfeito e trazidas aos vossos corações e vidas sob a orientação de sábios e divinos auxiliares.

Os espíritos amigos podem nem sempre conhecer o propósito. Também eles são instrumentos sob um poder mais divino. Mas já é tempo de anunciar aos espiritualistas aquilo que Cristo anunciou aos seus discípulos: qual é o verdadeiro tesouro espiritual que procurou imprimir-lhes.

Não confundais a letra com o espírito; não confundais a manifestação com a realidade; não considereis que qualquer forma exterior e simbólica de expressão possa, de alguma maneira, ser a plenitude da verdade.

Os blocos de madeira sobre os quais o alfabeto é impresso são para as crianças; mas, quando a linguagem é conhecida, utilizais essa linguagem para exprimir pensamentos. Palavras lidas no dicionário, desligadas da linguagem viva, não teriam significado algum. A linguagem não possui sentido a menos que seja usada para expressar as ideias mais elevadas.

O Espiritualismo escolhe agora sílabas infantis; está a construir e a destruir os vossos blocos; está a criar expressões para os vossos sentidos adaptadas às necessidades humanas.

Quando a linguagem divina for aprendida; quando a grande verdade for acolhida nas vossas vidas; quando a sinfonia dos céus tiver sido plenamente trabalhada no vosso ser; quando todos os acordes do seu incomparável tema tiverem fluído para dentro e através da vossa existência, então não haverá receio de que a forma expresse a alma e a linguagem corresponda à mensagem transmitida.

Não haverá discórdia então, porque tudo será visto do ponto de vista do espírito, da vida da alma, que escolhe a palavra amor quando o amor é necessário, e escolhe o

batismo da dor quando isso é o melhor e o necessário para o aperfeiçoamento do mundo.

Ide, portanto, avante, quer na tempestade quer na calma; quer no meio de provas contraditórias, quer quando tudo parecer claro. Lembrai-vos de que a clareza depende da vossa atitude, do vosso ponto de visão. Se estiverdes no vale, vereis obscuramente; se estiverdes no cimo da montanha, tudo parecerá claro.

Cada lição é adaptada ao estado terreno, enquanto toda a luz e glória do mundo espiritual e o grande amor dos anjos e de Deus são derramados sobre a humanidade segundo as suas necessidades.

NACIONALIDADE AMERICANA

Discurso de Cora L. V. Hatch no Dodworth's Hall, Nova Iorque
Domingo de manhã, 3 de março de 1861.

Proponho chamar a vossa atenção, esta manhã, para o tema da **Nacionalidade Americana**, salientando que a sua condição atual é o resultado natural e inevitável da natureza ambígua e variada dos habitantes deste país. É mais motivo de surpresa que esta nação tenha alcançado o seu atual grau de prosperidade e poder, quando reúne tamanha variedade e contradição de elementos, do que pensar que o seu progresso pudesse ter sido impedido por dificuldades e erros.

Ao revermos a breve mas brilhante história desta nação, não podemos evitar concluir que uma ascensão tão portentosa e rápida como a de um cometa rumo à eminência deve ser seguida por um declínio proporcionalmente rápido ao seu nível próprio. A nacionalidade americana é o orgulho proclamado por cada cidadão nativo entre vós; mas, quando consideramos que três ou quatro gerações é o limite máximo até ao qual as famílias mais antigas entre vós conseguem traçar a sua ascendência neste solo, e que os únicos verdadeiros nativos americanos foram completamente varridos da parte norte deste continente, admiramo-nos com a arrogância e presunção — quase merecendo ser chamada paganismo — que sustentam tal reivindicação no presente.

Há apenas alguns séculos, o homem vermelho percorria orgulhosamente as suas florestas nativas e reclamava-as como herança imemorial; as suas preces elevavam-se em segurança desde o wigwam (tenda). Agora, a civilização cristã expulsou-o do seu lar com fogo e espada — e onde encontrou ele refúgio? Não em qualquer clima distante onde pudesse habitar em paz e terminar os seus dias com algo semelhante à prosperidade da qual fora expulso na sua própria terra; nem sequer nos terrenos de caça do longínquo Oeste, onde os poucos e miseráveis remanescentes das suas tribos desaparecem rapidamente perante a vaga crescente da civilização.

Não; foram absolutamente exterminados pela guerra, pela intemperança e pela doença — enviados para a terra dos seus pais. Tais, para eles, foram os frutos da

civilização cristã! Isto não aconteceu na parte sul do continente, onde ainda hoje os indígenas constituem dois terços da população; tendo-se considerado mais prudente preservá-los, mesmo encorajando a mistura entre as raças rivais, do que prosseguir a política de extermínio. Mas, nos países do norte, passo a passo, foram sendo empurrados para trás além de…

…as fronteiras da civilização; e, excetuando alguns pequenos remanescentes de tribos, destacados aqui e ali, o nosso governo e o nosso povo, no tratamento dado aos aborígenes, nada têm de que se orgulhar do ponto de vista da humanidade. A guerra entre as raças resultou sempre na derrota dos defensores nativos; e, quando a guerra não bastou, a ação do vício — esse mais poderoso extinguidor da humanidade — completou eficazmente a tarefa de aniquilação. Não digo que os habitantes nativos fossem tão grandes, quando o homem branco desembarcou pela primeira vez nas suas costas, como talvez tivessem sido outrora. Naquele tempo, a sua degeneração parecia já ter começado; contudo, que crueldade sem precedentes existiu num povo que se dizia civilizado ao invadir e massacrar uma raça quase indefesa! Se esta não cedesse a terra sagrada pela história e tradição, perante os seus implacáveis invasores.

Mas, regressando ao nosso tema imediato — deixando o restante dos pobres homens vermelhos seguir os seus antepassados —, com a introdução das raças brancas neste continente foi implantada a primeira forma de política e governo nativos americanos. Existem entre nós quatro ou cinco nacionalidades distintas; mas o elemento puritano predomina nos Estados do Norte e Nordeste. Segue-se o inglês, ou aristocrático; e há ainda outros derivados das imigrações irlandesa, alemã, francesa e espanhola.

A linhagem puritana contribuiu com o grande elemento radical e revolucionário para o caráter nacional. O princípio aristocrático procura isolamento e exclusividade; enquanto as tendências cavalheirescas e monárquicas dos povos do Sul estão sempre prontas para recorrer às armas, perpetuando assim as antigas noções bárbaras que prevaleciam em França e Espanha, e em certa medida também em Inglaterra. Depois temos a enorme população ocidental, composta principalmente por alemães e irlandeses, que, eles próprios, talvez fossem originalmente combinações de várias nacionalidades.

Assim, dos nossos vinte e cinco milhões de habitantes, nem três milhões pertencem à mesma origem e língua; e, sendo este o caso, não deveríamos esperar naturalmente inteira paz e harmonia entre eles. Em primeiro lugar, o elemento do Puritanismo é demasiado absoluto e radical nos seus impulsos — demasiado rígido na sua consideração pela lei e pelo costume para se amalgamar facilmente com aqueles que importaram ideias e práticas de caráter diretamente oposto — e, por isso, os dois estiveram sempre em conflito. Mas, apesar disso, até os Puritanos procuraram envolver o seu círculo particular com um prestígio de pretensão aristocrática que é, no mais alto grau, repugnante e inconsistente; e isto contribuiu grandemente para impedir uma harmoniosa e consolidada…

…nacionalidade. O elemento aristocrático, por sua vez, procurou impor as suas conceções através das observâncias e regulamentações da vida social, se não pela própria lei positiva; e temos, além disso, aqueles que desejariam ser considerados a NOBREZA do nosso país, consistindo nos descendentes das primeiras famílias da sua grandeza; mas que são bem conhecidos por serem, em muitos casos, os representantes mais degenerados de um Washington, um Jefferson, um Madison ou um Hamilton.

Na região sul encontramos prevalecer um espírito guerreiro, derivado de ascendência francesa e espanhola. Passando para o Oeste, encontramos uma vasta população alemã, que cresceu com tal rapidez que quase dois terços da riqueza dessa região estão nas suas mãos. Há ainda, além disso, um elemento menos numeroso mas altamente influente, nomeadamente o judaico — que, pela sua tenacidade em aderir às suas fortes peculiaridades distintivas e pelo seu isolamento obstinado do resto da comunidade, interpõe uma fraca barreira, exercendo contudo uma influência considerável sobre o comércio, à formação de uma grande e homogénea nação.

Quando acrescentamos a tudo isto os irlandeses, e a ignorância e superstição que trazem consigo, não é antinatural supor que, sob estas diversas influências de raça, as nobres características do nosso caráter nacional tenham sido deterioradas. O que realmente surpreende é que os nossos compatriotas tenham ignorado durante tanto tempo influências tão importantes e que, exposto durante tantos anos a um influxo tão vasto de populações, o nosso país tenha conseguido subsistir de todo.

Pois deve recordar-se que não recebemos das costas da Europa uma justa proporção da sua integridade e intelecto mais refinados, representados nas suas classes mais opulentas e instruídas; foi antes dos refugos e depurações das suas cadeias e casas de trabalho que recrutámos as fileiras dos nossos cidadãos, e até escolhemos governantes políticos e representantes. Se isto não foi mais notado, talvez tenha sido em consequência da nossa indulgência, tanto nos sentimentos como nas leis, para com todas as classes e todas as raças de homens, excetuando uma.

Não só todos os estrangeiros são livremente admitidos entre nós, como recebem os plenos privilégios de cidadania após cinco anos de residência, incorporando assim entre as nossas forças governantes uma vasta massa de ignorância e preconceito, nas pessoas de eleitores que nada compreendem da história e dos princípios do nosso governo, e que, na maior parte dos casos, nunca leram nem sequer ouvido falar da Constituição ou da Declaração de Independência, sabendo apenas que podem ascender a uma posição de influência dominante através do exercício da sua astúcia e autoconfiança.

Também entre os desesperados aventureiros e os refugiados políticos de todas as partes da Terra, bem como entre o robusto e industrioso campesinato alemão, que negocia apenas entre si, criando assim um interesse comercial separado e exclusivo no nosso meio. Desta forma, é muito natural que a vossa nacionalidade distintiva se tenha degenerado: a vossa verdadeira aristocracia deteriorou-se pelo isolamento ou desapareceu por completo.

Atualmente, o elemento estrangeiro na vossa sociedade, sendo uma combinação de todas as nações da Terra, impede-a de assumir plenamente o caráter do americanismo; embora o próximo quarto de século provavelmente traga melhorias, pois agora pareceis ocupar o degrau mais baixo da escada neste aspeto. É como se estivésseis a erguer um edifício, pretendendo seguir um belo plano arquitetónico, e os vossos amigos, vindos de todas as partes, enviassem cada um a sua própria sugestão — aqui uma cúpula, ali um pilar, etc. — de tal modo que o vosso edifício, em vez de simétrico e harmonioso, apresentaria uma massa incongruente de fealdade.

É preciso dar tempo para que uma nação recupere destas influências perturbadoras no seu crescimento e prosperidade. O maior espanto é que a nação, em tais circunstâncias, tenha sobrevivido à geração dos seus fundadores — que a sua própria existência tenha resistido, até agora, primeiro, à introdução destes elementos estrangeiros na população; depois, às disputas e contendas vazias de políticos egoístas; e finalmente, à forma como os demagogos se aproveitaram do enorme influxo da imigração, apelando aos seus preconceitos ignorantes.

Agora, precisamos apenas de esperar pela ação natural do tempo, que acabará por corrigir tudo, devolver à nossa estrutura nacional o seu equilíbrio adequado e libertar o nosso povo dos seus embaraços. Pois as nossas dificuldades atuais não nasceram, estritamente falando, da controvérsia seccional em torno da escravatura, mas sim das diferenças inerentes entre o caráter puritano ou do Norte e o da população do Sul; pois o primeiro, embora bastante suavizado mesmo na velha Nova Inglaterra pelo passar dos anos, preserva ainda a sua severa e inflexível integridade, bem como a sua repreensível intolerância na política e na religião.

Estas, de facto, são as grandes forças operantes no sentimento do Norte; o qual, além disso, embora tenha rejeitado todas as distinções monárquicas de posição, ainda alimenta, em Boston especialmente, uma espécie de aristocracia odiniana dos velhos nomes históricos, como se, ao seu redor, ainda pairassem feitos nobres; e como se tal orgulho de nascimento fosse algo mais do que uma suposição ridícula. E, ofendidos por estas pretensões da parte do Puritano, a pretensa aristocracia do Sul vangloria-se da descendência da nobreza do Sul da Europa; e as duas secções lançam olhares de desdém uma à outra a partir das respetivas baterias…

…dizendo, de um lado: “Estais a tentar estabelecer uma nobreza”; e, do outro: “Estais a tentar fundar uma república aristocrática”; e assim os sulistas erguem o nariz com altivo desdém, enquanto o puritano aperta mais firmemente as suas vestes em torno de si, como quem evita os seus irmãos degenerados.

Entretanto, o restante da comunidade — os verdadeiros sustentáculos do Estado — é obrigado ao trabalho; e cumpre-o com tanta integridade quanto qualquer homem ou mulher pode reivindicar em qualquer lugar. Devemos então recordar que a liberdade das nossas instituições garante direitos iguais a seitas e denominações, não menos do que a indivíduos de todas as tonalidades de opinião; que nenhuma nobreza espúria pode afirmar pretensões que interfiram com o governo geral; e que, mesmo

quando tenta tal interferência, se avançar de forma insidiosa, pode exercer grande influência.

Sob a mesma proteção, nobres estrangeiros que caíram em desgraça no seu país podem usar aqui todas as suas honras e até ser cortejados; todos os tipos de roubo e fraude são perpetrados sob o nome de instituições americanas. Tudo isto é consequência necessária da liberdade de que desfrutamos, mas, apesar disso, produz um efeito desastroso sobre a nossa integridade enquanto nação.

Que sabe um estrangeiro comum, ao chegar aqui, dos princípios americanos? O inglês olha para trás e considera aquilo que deixou na sua terra como modelo de perfeição; o francês traz consigo o gosto pelas belas-artes e pelos esplendores de uma hierarquia cortesã; e assim também os colonos vindos de outros países europeus, cada um à sua maneira. É destes elementos, confundidos e misturados, que a nacionalidade americana se compõe.

Se sois americanos de nascimento, podeis contar três ou quatro gerações dos vossos antepassados em solo americano; mas a distinção de que vos orgulhais deve ser partilhada com milhões que não adquiriram sequer o mais leve sentimento de nacionalidade, nem em compreensão nem em emoção.

Contra os perigos resultantes deste estado de coisas, a melhor salvaguarda encontra-se na educação e na integridade moral, e naquele sólido bom senso que é o crescimento natural do solo puritano. Quando, com a ajuda destes factores, as várias características raciais entre nós se tiverem suavizado e as suas tendências divergentes tiverem dado lugar a uma nacionalidade distinta e positiva, então poderemos esperar que o governo seja administrado de acordo com a vontade do povo; então deixará de haver pretensões à nobreza, exceto aquela que será concedida a todo o cidadão esclarecido; então a verdadeira e simples dignidade humana será considerada mais digna de homenagem do que todos os títulos que o dinheiro possa comprar; e surgirá uma nação distinta em si mesma, cujo crescimento em número e prosperidade material estará em harmonia com o grande princípio geral do vosso governo.

Pois as desvantagens sobre as quais nos detivemos são, se devidamente prevenidas, apenas temporárias e incidentais. Uma nação nunca atingiu a grandeza através de uma política de isolamento; e quando a nossa combinar o melhor das populações do mundo, constituirá o maior povo jamais conhecido na história.

A conclusão deste discurso, proferido à noite, será publicada na próxima edição.

Depois de apresentar um resumo abrangente dos tópicos do discurso matinal, a oradora prosseguiu da seguinte forma:

“O país que representais apresenta uma massa confusa de nacionalidades, com características muito diferentes, como já enumerámos anteriormente; de facto, esta população representa todos os governos da Europa. Todas as nações da Terra entrarão nas suas futuras gerações; pois mesmo agora os chamados elementos originais ingleses, alemães e irlandeses entre vós não conseguem traçar a sua ascendência para

além de três ou quatro gerações; e, portanto, não podem dizer verdadeiramente qual é a sua origem. É o simples facto de terem nascido neste solo que constitui a nacionalidade entre vós; e, por isso, para uma genuína nação americana, devemos olhar para o futuro.

E devemos sentir simultaneamente espanto e esperança perante as impressionantes provas do progresso realizado pelo vosso país, apesar dos esforços dos demagogos e apesar das mudanças sociais introduzidas insidiosamente por pretensos aristocratas. É uma prova admirável da força firme que sustenta as vossas instituições o facto de terem resistido a esta grande maré de corrupção.

Não queremos ser entendidos como condenando aqueles que procuram refúgio e um lar nas vossas costas; pelo contrário, desejamos-lhes sinceramente, com amor generoso, toda a felicidade; mas afirmamos que apenas quando todos os preconceitos nacionais então introduzidos tiverem desaparecido será possível atingir um nível harmonioso de caráter nacional. Para isso, a educação deve contribuir principalmente, assim como o Cristianismo; aquele Cristianismo que não chega com a Bíblia numa mão e a espada na outra, mas com os braços estendidos em bondade.

As instituições políticas do vosso país não necessitam de mudança; mas é grandemente necessária uma melhoria no caráter daqueles que administram o vosso governo e as vossas leis; e embora não nos oponhamos à imigração estrangeira, protestamos contra a introdução daqueles preconceitos e opiniões que, sob a influência da ignorância e da superstição, tendem à completa perversão e corrupção da vossa constituição.

O elemento americano original na vossa população é demasiado reduzido para preservar grande quantidade de influência; enquanto a porção estrangeira não é suficientemente esclarecida para constituir a vossa segurança na presente crise perigosa; por isso, a segurança do vosso governo deve depender da inteligência e da solidez moral da grande massa do povo, capaz de apreciar as qualidades que ele exige. E esses não são indiferentes nem descuidados relativamente às instituições que lhes garantiram…”

…garantiram o usufruto das suas posses e abriram-lhes os portões da eminência na vida; e, quando a liberdade religiosa e social de que aqui desfrutam tiver desenvolvido as suas boas qualidades, podemos esperar que não só ingressem de coração na carreira do aperfeiçoamento próprio, mas também que uma nova nação surja; e que, sobre o solo da vossa herança, os vossos filhos colham a seara que vós semeastes.

A nossa forma de governo é uma grande arca, capaz de resistir a todas as tempestades exteriores, desde que não seja atacada internamente. Conflitos domésticos podem espalhar-se pelo vosso país, mas não podem ser permanentes, pois o vosso povo está impregnado de simpatias mútuas e entrelaçado pelos laços mais estreitos. E nenhum outro resultado além daquele que agora é visível poderia ter sido esperado;

pois o povo da vossa região sul, possuindo uma tendência natural para o poder, procura manter-se numa posição análoga àquela que os nobres estrangeiros ocupam em relação aos seus trabalhadores; enquanto o sentimento do Norte rejeita e condena todas essas concessões ao espírito monárquico, embora, com demasiada complacência, tenha criado entre si uma aristocracia republicana, ideia perversa dos objetivos para os quais a nação foi formada.

Quando consideramos, além disso, a vasta introdução do elemento estrangeiro, não teria sido necessário qualquer profeta para prever, há trinta anos, o estado de coisas atualmente existente. E, notai bem as nossas palavras: isto resultou não tanto da questão da escravatura, mas das diversas interações e preconceitos, em geral, das vossas várias secções. Os Estados do Norte, povoados por estrangeiros e descendentes dos Puritanos, colocaram-se contra a cavalheiresca população do ensolarado Sul; em suma, aquilo que era uma disputa social infiltrou-se na arena da política; e essa transferência sempre foi acompanhada de efeitos desastrosos.

Prevemos um agravamento adicional das dificuldades; talvez ocorra uma mudança radical nas opiniões do Norte e, talvez, a destruição do que hoje constitui o orgulho do Sul; pois o trabalho livre e o trabalho escravo lado a lado são como a mistura das formas democrática e aristocrática de governo — não podem coexistir por muito tempo; e, neste caso, foi apenas o elemento vindo de países estrangeiros que até agora impediu a vossa nação de se desunir.

Duas realidades, no decurso do tempo, podem ser seguramente previstas: primeiro, a extinção da escravatura; segundo, a destruição do fanatismo — ambos objetivos igualmente desejáveis. Pois já é tempo de ambas as secções serem conduzidas aos seus sentidos — aquilo que decorre de ideias abstratas, em defesa do bem prático, e aquilo que, sob o nome de democracia, alimenta um falso orgulho de nobreza.

Também não é menos necessária uma revolução para essa aristocracia "bacalhau" entre vós, que procura estabelecer-se como a porção mais nobre da vossa sociedade à custa da reputação dos seus antepassados, como se eles próprios fossem algo mais do que a cabaça de Jonas, que murchou sob a geada de uma única noite; enquanto as classes médias, constituindo o osso e o nervo… …da vossa população — aqueles que não se preocupam com quem foram os seus antepassados, mas que não se envergonham de trabalhar para obter um sustento honesto e um bom nome — são os únicos verdadeiramente dignos de confiança para o sucesso e a defesa em tempos de perigo. Estes foram até agora demasiado influenciados pelos demagogos, porque acreditaram descuidadamente que o governo seguia bem o seu curso; mas despertaram ao ver o barco do Estado a derivar sobre areias movediças, através dos excessos do fanatismo e do egoísmo míope dos líderes partidários.

O povo, para quem as gerações futuras olharão, deve erguer-se na majestade da sua integridade nativa e proclamar a ampla e imóvel base da nacionalidade americana. Uma prosperidade mais brilhante nascerá sobre o nosso país — mas não hoje —

enquanto à frente do governo estiver um velho político agarrado ao poder com uma mão e ao túmulo com a outra; e os seus associados, cujas vidas inteiras foram gastas em pilhagem e corrupção, nada cuidando senão dos seus próprios interesses.

Tendes duas seguranças em que confiar: a beleza e a justiça da vossa teoria de governo, e a inteligência que, apesar da superstição e da corrupção, se espalhou por todas as classes da vossa sociedade. Se desejais deixar aos vossos filhos uma rica herança, dai-lhes um nome honesto e uma educação que lhes permita compreender e aplicar corretamente a constituição e as leis do país que serão chamados a governar. Ensinai-lhes que a virtude e a moralidade conferem títulos mais elevados de estima do que todas as dignidades que os monarcas podem conceder; e que deve ser a sua mais alta ambição serem cidadãos americanos, capazes de aspirar à cadeira presidencial — embora isso, no presente, não seja de modo algum uma posição desejável, vendo-se ocupada apenas durante quatro anos, ou, se o ocupante for muito bem-sucedido e popular, por mais quatro; período durante o qual permanece sujeito à voz da nação e, depois disso, torna-se apenas mais um cidadão. A verdadeira grandeza deriva da verdade, da honra, da integridade, do mérito e da educação.

Assim, procurámos apresentar, tão concisamente quanto possível, as nossas ideias sobre este assunto; e esperamos não ter ofendido ninguém que reivindique ser cidadão americano; pois, se errámos, foi do lado da caridade e da justiça. Não tivemos tempo para desenvolver amplamente estes tópicos, nem para recorrer a estatísticas em apoio das nossas opiniões; mas somos animados pela mais viva esperança de que este país, possuindo o germe de tamanha grandeza, não venha a ser arruinado pela indiferença ou egoísmo dos seus filhos. Lembrai-vos, nós vos conjuramos, de que os primeiros requisitos no caráter dos cidadãos americanos são a firme integridade e a honra; e que, se estas forem preservadas, o governo cuidará de si próprio.

NACIONALIDADE AMERICANA — CONTINUAÇÃO

Discurso de Cora L. V. Hatch no Dodworth's Hall, Nova Iorque
Domingo à noite, 3 de março de 1861.

Depois de apresentar um resumo abrangente dos tópicos do discurso matinal, a oradora prosseguiu da seguinte forma:

"O país que representais apresenta uma massa confusa de nacionalidades, com características muito diferentes, como já enumerámos anteriormente; de facto, esta população representa todos os governos da Europa. Todas as nações da Terra entrarão nas suas futuras gerações; pois mesmo agora os chamados elementos originais ingleses, alemães e irlandeses entre vós não conseguem traçar a sua ascendência para além de três ou quatro gerações; e, portanto, não podem dizer verdadeiramente qual é a sua origem. É o simples facto de terem nascido neste solo que constitui a nacionalidade entre vós; e, por isso, para uma genuína nação americana, devemos olhar para o futuro.

E devemos sentir simultaneamente espanto e esperança perante as impressionantes provas do progresso realizado pelo vosso país, apesar dos esforços dos demagogos e apesar das mudanças sociais introduzidas insidiosamente por pretensos aristocratas. É uma prova admirável da força firme que sustenta as vossas instituições o facto de terem resistido a esta grande maré de corrupção.

Não queremos ser entendidos como condenando aqueles que procuram refúgio e um lar nas vossas costas; pelo contrário, desejamos-lhes sinceramente, com amor generoso, toda a felicidade; mas afirmamos que apenas quando todos os preconceitos nacionais então introduzidos tiverem desaparecido será possível atingir um nível harmonioso de caráter nacional. Para isso, a educação deve contribuir principalmente, assim como o Cristianismo; aquele Cristianismo que não chega com a Bíblia numa mão e a espada na outra, mas com os braços estendidos em bondade.

As instituições políticas do vosso país não necessitam de mudança; mas é grandemente necessária uma melhoria no caráter daqueles que administram o vosso governo e as vossas leis; e embora não nos oponhamos à imigração estrangeira, protestamos contra a introdução daqueles preconceitos e opiniões que, sob a influência da ignorância e da superstição, tendem à completa perversão e corrupção da vossa constituição.

O elemento americano original na vossa população é demasiado reduzido para preservar grande quantidade de influência; enquanto a porção estrangeira não é suficientemente esclarecida para constituir a vossa segurança na presente crise perigosa; por isso, a segurança do vosso governo deve depender da inteligência e da solidez moral da grande massa do povo, capaz de apreciar as qualidades…”

…da grande massa do povo, capazes de apreciar as qualidades que ele exige. E esses não são indiferentes nem descuidados relativamente às instituições que lhes garantiram o usufruto das suas posses e abriram os portões da eminência na vida; e, quando a liberdade religiosa e social de que aqui desfrutam tiver desenvolvido as suas boas qualidades, podemos esperar que não só ingressem de coração na carreira do aperfeiçoamento próprio, mas também que uma nova nação surja; e que, sobre o solo da vossa herança, os vossos filhos colham a seara que vós semeastes.

A nossa forma de governo é uma grande arca, capaz de resistir a todas as tempestades exteriores, desde que não seja atacada internamente. Conflitos domésticos podem espalhar-se pelo vosso país, mas não podem ser permanentes, pois o vosso povo está impregnado de simpatias mútuas e entrelaçado pelos laços mais estreitos. E nenhum outro resultado além daquele que agora é visível poderia ter sido esperado; pois o povo da vossa região sul, possuindo uma tendência natural para o poder, procura manter-se numa posição análoga àquela que os nobres estrangeiros ocupam em relação aos seus trabalhadores; enquanto o sentimento do Norte rejeita e condena todas essas concessões ao espírito monárquico, embora, com demasiada complacência, tenha criado entre si uma aristocracia republicana, ideia perversa dos objetivos para os quais a nação foi formada.

Quando consideramos, além disso, a vasta introdução do elemento estrangeiro, não teria sido necessário qualquer profeta para prever, há trinta anos, o estado de coisas atualmente existente. E, notai bem as nossas palavras: isto resultou não tanto da questão da escravatura, mas das diversas interações e preconceitos, em geral, das vossas várias secções. Os Estados do Norte, povoados por estrangeiros e descendentes dos Puritanos, colocaram-se contra a cavalheiresca população do ensolarado Sul; em suma, aquilo que era uma disputa social infiltrou-se na arena da política; e essa transferência sempre foi acompanhada de efeitos desastrosos.

Prevemos um agravamento adicional das dificuldades; talvez ocorra uma mudança radical nas opiniões do Norte e, talvez, a destruição do que hoje constitui o orgulho do Sul; pois o trabalho livre e o trabalho escravo lado a lado são como a mistura das formas democrática e aristocrática de governo — não podem coexistir por muito tempo; e, neste caso, foi apenas o elemento vindo de países estrangeiros que até agora impediu a vossa nação de se desunir.

Duas realidades, no decurso do tempo, podem ser seguramente previstas: primeiro, a extinção da escravatura; segundo, a destruição do fanatismo — ambos objetivos igualmente desejáveis. Pois já é tempo de ambas as secções serem conduzidas aos seus sentidos — aquilo que decorre de ideias abstratas, em defesa do bem prático, e aquilo que, sob o nome de democracia, alimenta um falso orgulho de nobreza.

Também não é menos necessária uma revolução para essa aristocracia "bacalhau" entre vós, que procura estabelecer-se como a porção mais nobre da vossa sociedade à custa da reputação dos seus antepassados à custa da reputação dos seus antepassados, como se eles próprios fossem algo mais do que a cabaça de Jonas, que murchou sob a geada de uma única noite; enquanto as classes médias, constituindo o osso e o nervo da vossa população — aqueles que não se preocupam com quem foram os seus antepassados, mas que não se envergonham de trabalhar para obter um sustento honesto e um bom nome — são os únicos verdadeiramente dignos de confiança para o socorro e a defesa em tempos de perigo.

Estes foram até agora demasiado influenciados pelos demagogos, porque acreditaram descuidadamente que o governo seguia bem o seu curso; mas despertaram ao ver o barco do Estado a derivar sobre areias movediças, através dos excessos do fanatismo e do egoísmo míope dos líderes partidários.

O povo, para quem as gerações futuras olharão, deve erguer-se na majestade da sua integridade nativa e proclamar a ampla e imóvel base da nacionalidade americana. Uma prosperidade mais brilhante nascerá sobre o nosso país — mas não hoje — enquanto à frente do governo estiver um velho político agarrado ao poder com uma mão e ao túmulo com a outra; e os seus associados, cujas vidas inteiras foram gastas em pilhagem e corrupção, nada cuidando senão dos seus próprios interesses.

Tendes duas seguranças em que confiar: a beleza e a justiça da vossa teoria de governo, e a inteligência que, apesar da superstição e da corrupção, se espalhou por todas as classes da vossa sociedade. Se desejais deixar aos vossos filhos uma rica herança, dai-lhes um nome honesto e uma educação que lhes permita compreender e aplicar corretamente a constituição e as leis do país que serão chamados a governar.

Ensinai-lhes que a virtude e a moralidade conferem títulos mais elevados de estima do que todas as dignidades que os monarcas podem conceder; e que deve ser a sua mais alta ambição serem cidadãos americanos, capazes de aspirar à cadeira presidencial — embora isso, no presente, não seja de modo algum uma posição desejável, vendo-se ocupada apenas durante quatro anos, ou, se o ocupante for muito bem-sucedido e popular, por mais quatro; período durante o qual permanece sujeito à voz da nação e, depois disso, torna-se apenas mais um cidadão. A verdadeira grandeza deriva da verdade, da honra, da integridade, do mérito e da educação.

Assim, procurámos apresentar, tão concisamente quanto possível, as nossas ideias sobre este assunto; e esperamos não ter ofendido ninguém que reivindique ser cidadão americano; pois, se errámos, foi do lado da caridade e da justiça. Não tivemos tempo para desenvolver amplamente estes tópicos, nem para recorrer a estatísticas em apoio das nossas opiniões; mas somos animados pela mais viva esperança de que este país, possuindo o germe de tamanha grandeza, não venha a ser arruinado pela indiferença ou egoísmo dos seus filhos. Lembrai-vos, nós vos conjuramos, de que os primeiros requisitos no caráter dos cidadãos americanos são a firme integridade e a honra; e que, se estas forem preservadas, o governo cuidará de si próprio.

CRIANÇAS NA VIDA ESPIRITUAL

A condição das crianças pequenas na vida espiritual e o seu crescimento até à maturidade

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; vou preparar-vos um lugar."

"Vede que não desprezeis nenhum destes pequeninos, porque os seus anjos contemplam sempre a face de meu Pai que está nos céus."

"Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, porque dos tais é o reino dos céus."

Estima-se que dificilmente um quinto da família humana atinja a maturidade; talvez a verdadeira percentagem seja ainda menor. A maioria destes parte ainda na infância ou na meninice. Sabemos que, quando os pomares de macieiras estão cobertos de flores, provavelmente nem um por cento dessas flores chegará a dar fruto. Ainda assim, a natureza é pródiga nas suas florações e produz abundante fruto para a estação. Sabemos que, de todos os rebentos que surgem na natureza, apenas certo número está destinado a alcançar crescimento perfeito. O horticultor poda as suas roseiras para que não floresçam em excesso; e toda a frutificação da Terra, na sua mais elevada expressão, é produzida por processos semelhantes de poda.

A natureza é pródiga, mas também bondosa; e, embora uma cidade como Chicago esteja sujeita, por algum tempo, a tornar-se sobrepovoada devido à separação da grande maioria da raça humana, a humanidade não precisa recear a superpopulação, embora isso tenha sido um assunto sério de discussão. Existem cataclismos naturais que varrem o excesso da raça humana e, até que os seres humanos sejam melhor treinados e mais generosos, haverá pestilência, fome, inundações e todo o tipo de aparentes desastres destinados a remover o excesso de população. É conveniente que assim seja.

Ainda no presente, a Terra poderia provavelmente suportar um número muito maior de pessoas. Mas o impulso para a vida deve ser compreendido como possuindo um propósito último; e, se for verdade, como sustentamos, que apenas certo número de almas pode encontrar expressão num determinado planeta, então naturalmente tudo deve ser organizado tendo em vista as condições últimas, bem como as intermédias…

Como vós próprios verificais, contudo, na vida humana, estes pequeninos são emprestados ao lar e muitos deles partem ainda na infância, ou na primeira meninice, ou antes de alcançarem a juventude ou a maturidade. Assim, tem sido o grande estudo de muitos cientistas descobrir como impedir que as crianças morram, tal como tem sido o grande estudo de muitas pessoas — que talvez devessem ter feito algo melhor — descobrir como impedir que os adultos morram.

Estais conscientes de que o “elixir da vida”, a “fonte da juventude perpétua”, que foi o sonho de Américo Vespúcio e de muitos outros, esteve, em certa medida, na mente de quase todos os grandes filósofos e de todas as grandes seitas de todas as épocas, que procuraram perpetuar a existência humana individual sobre a Terra.

A maioria das pessoas diz:

“Oh, não nos importamos quando os idosos partem; parece muito apropriado que partam depois de terem amadurecido com os seus anos e experiência terrena; ou mesmo na meia-idade; mas parece cruel e desumano que crianças pequenas devam partir, sofrer e morrer.”

Algumas pessoas sentem grande revolta erguer-se no coração quando os seus filhos morrem. Consideram um ato especial de crueldade que os seus filhos partam. Naturalmente, estas são todas condições de crescimento imperfeito.

Consideramos que a grande abundância de vida familiar sob certas condições, e o facto de a percentagem daqueles que atingem a maturidade ser tão pequena, não apenas corresponde a condições semelhantes na natureza — onde a analogia se aplica —, mas que existe intenção e propósito específicos.

Em certos estados da existência humana, a procriação é, naturalmente, abundante; noutros estados, onde as faculdades mentais e outras são mais desenvolvidas, não existe tão grande tendência para gerar descendência. Mas, em todos os casos, as vidas que entram na existência têm lugares especiais. Quando deixam de existir sobre a Terra, não penseis que deixam de ter lugar no além.

A existência espiritual sendo verdadeira, e o espírito precedendo a matéria, faz toda a diferença no mundo quanto à maneira de encarar esta questão. Se estes "pequeninos" não possuem espírito, então, naturalmente, regressam ao pó; e o materialista poderia lamentar que eles não cresçam, porque tudo aquilo que o materialista conhece da vida é aquilo que se manifesta numa única existência humana aqui.

Mas se é verdade que o espírito precede o corpo, como necessariamente deve acontecer para que exista um além, então é verdade que toda a pequena vida — mesmo toda a vida que nunca chega a ver a luz do dia — entra numa existência espiritual; assim, grande parte da profunda tristeza relacionada com as crianças que passam para a vida espiritual desaparece.

Com todo o terror habitual da morte, é um facto notável que, na Igreja Católica Romana, as crianças, se devidamente batizadas, sejam consideradas melhores no outro mundo do que neste, porque estão seguras e não sujeitas à tentação.

Existe uma história muito divulgada acerca da mulher hindu que mergulha o seu bebé no Ganges para que a sua pequena vida possa ser salva para Brahma. Mas a verdadeira história é esta: não é o bebé vivo que a mãe sacrifica; como sabeis, naquele país não há sepultamento, mas cremação, o que é perfeitamente apropriado como medida sanitária.

Os pobres, contudo, nem sempre conseguem suportar o custo e a despesa das cerimónias necessárias para este tipo de tratamento dos mortos; assim, por vezes…

…uma mulher nativa faz uma pequena jangada ou arca leve de juncos, caniços ou varas entrelaçadas com flores para ornamentação, coloca então o pequeno corpo sobre ela e deixa-o flutuar rio abaixo para ser recebido pelos deuses. É uma cena profundamente comovente e impressionante. Um cântico suave acompanha este rito funerário, quando a mãe entrega ao deus do rio a criança à qual não pode proporcionar os dispendiosos ritos e cerimónias da sepultura bramânica ou budista.

Na realidade, é isto que ela acredita: que o bondoso deus do rio e os espíritos das águas cuidarão do seu querido filho tão bem quanto o brâmane que pronuncia encantamentos e realiza sacrifícios da maneira habitual. Talvez exista algo desta

espécie em todo o coração materno; ela entrega o seu filho ao Amor Infinito. Ela sabe que, de algum modo e em algum lugar, se ama o seu filho, ele existirá.

Mas deveis pensar também no grande número de vidas sem amor, no grande número de crianças que não são os filhos reconhecidos de ninguém, ou no grande número daqueles que ficariam órfãos se permanecessem sobre a Terra; na vida daqueles que vivem na pobreza, na necessidade, no crime e na miséria das cidades superpovoadas.

Tomai qualquer jornal desta época e lereis sobre sociedades e instituições de beneficência, sobre aqueles que se dedicam à caridade, que alimentam, vestem e oferecem refeições especiais a milhares e milhares de crianças que não pertencem nem são reclamadas por ninguém na Terra.

Para aliviar a consciência humana e para dar a cada um plena oportunidade de desenvolver a clareza do pensamento, foram criadas instituições de beneficência chamadas orfanatos. Existem depois outras instituições de caridade, e cada sociedade religiosa possui a sua linha especial de trabalho nesta direção.

Na verdade, o trabalho institucional dos países cristãos civilizados em favor dos desafortunados — os pobres, os mutilados, os cegos ou aleijados de qualquer espécie — excede todos os outros trabalhos reunidos. Aquilo que deveria ser feito pelo Estado é deixado à caridade dos indivíduos, porque os indivíduos têm o privilégio de acumular riqueza.

Tudo o que possa ser dito em favor das instituições de caridade, e muito há a dizer, afirmamos, do ponto de vista da vida espiritual e do verdadeiro espírito da humanidade, que a caridade institucional é um compromisso; que a caridade institucional é um substituto do verdadeiro amor e da verdadeira benevolência da raça humana.

Deixais dinheiro para fazer aquilo que deveríeis fazer por afeição e interesse pelo bem-estar das crianças da Terra. Muitas vidas nobres estão ligadas a este tipo de trabalho e levam-no adiante por amor à própria obra; e, naturalmente, nesses casos, trata-se de algo que nasce do florescimento da mais elevada filantropia humana. Mas, como regra geral, a dotação é simplesmente dinheiro dado pela consciência a partir do excesso da riqueza.

Nos estados espirituais não é assim. Contudo, onde quer que a vida tenha começado, aquilo que essa vida foi destinada a expressar será expresso. Se o bebé parte antes mesmo de o estado terreno ter sido plenamente visto, continua a existir uma existência espiritual; e embora essa existência espiritual não dê fruto na direção da experiência terrena, traz a sua bênção ao lar como uma beneficência espiritual.

Muitos pais humanos, muitas mães humanas — e devemos dizê-lo aqui e agora — encontrarão os seus bebés não nascidos prontos para os receber como aqueles que já tinham respirado o ar terreno; ainda que as próprias vidas desses pais tenham sido aquilo que resulta da ignorância da lei natural e das leis mais elevadas da vida.

Não acrediteis no vosso médico quando ele vos diz que não existe vida no bebé ainda não nascido. Todo o princípio de vida possui espírito, e esses espíritos são vossos para vos receber e ministrar quando chegar a vossa hora.

Entretanto, os queridos do vosso lar — aqueles de quem não vos podíeis separar enquanto mamavam e recebiam de vós o sopro da vida; aqueles que estiveram convosco uma hora, um dia, um mês, um ano, cinco anos, dez anos ou dezasseis anos — todos esses também aguardam a vossa chegada.

Nos estados espirituais, tais mães que deixaram os seus filhos queridos aqui na Terra cuidam daqueles que partem do estado terreno deixando as suas mães aqui; ministram-lhes e ensinam-nos a ministrar aos seus próprios pais.

Que coisa maravilhosa seria — como foi dito num discurso anterior, e como tantas vezes é afirmado pelos odistas — se pudésseis cuidar aqui das crianças cujos pais não estão na vida humana, ou que não reconhecem os seus deveres, da mesma forma que os vossos próprios filhos são cuidados na vida espiritual. Não haveria órfãos nem necessidade de orfanatos. Cada lar teria a sua quota de crianças — e haveria alegria e felicidade em todos os lares.

Claro, algumas destas crianças não podem assumir o fio e o peso da vida humana como talvez o tivessem feito aqui, mas assumem o fio da vida que lhes é atribuído — um fio igualmente valioso.

Não penseis que, porque partem antes de estes rapazes aprenderem a brincar, lutar e cair uns sobre os outros, e antes de estas pequenas meninas aprenderem a tecer correntes de margaridas e a ler livros de histórias, por isso não lhes são ensinados caminhos úteis.

É um grande erro supor que as crianças não sejam desejadas no mundo espiritual tanto quanto o são aqui. A vida infantil é uma vida valiosa, e esse estado de existência em que a vida infantil é necessária é o próximo passo; e é presunçoso supor que todas as crianças sejam necessárias aqui e que todas as pessoas que atingiram a velhice sejam mais necessárias lá.

A verdade é que…

…a mistura dos dois estados, e a sua semelhança espiritual, torna bastante tão necessário que existam crianças na vida espiritual como aqui.

Se conservásseis todos os vossos filhos; se não houvesse uma cadeira vazia; se todas as roupas e brinquedos tivessem sido usados até se gastarem e quebrarem; se nunca os pusésseis de lado com carinho em memória de alguma pequena vida que vos foi retirada do meio; se todos os vossos filhos crescessem dentro da rotina habitual da existência doméstica, quanto pensamento daríeis ao próximo passo da vida, ao mundo de que estamos a falar?

Naturalmente, quando os idosos partissem, pensaríeis neles nas suas novas condições; mas diríeis:

"Oh, chegaram à idade em que é apropriado partir,"

e as crianças em crescimento ocupariam todo o vosso tempo, pensamento e atenção.

Mas, tal como as notas menores na música, aquela pausa na vida quando a pequena forma é colocada em repouso e, como uma imagem de cera ou mármore, é depositada no caixão; quando as crianças chegam trazendo flores; quando sois obrigados a explicar-lhes e a encontrar algo para dizer às outras crianças; quando a natureza vos abre um novo capítulo — sois obrigados a dizer, ou que aquela criança foi apagada da existência, ou que ela se encontra noutro e mais elevado estado…

…abre um grande capítulo da existência humana que nunca seria aprendido, que nunca poderia ser aprendido de outra maneira, a não ser pela vida infantil que parte do vosso meio, do vosso coração.

Oh! Existe grande ensinamento num berço vazio, grande ensinamento nos brinquedos e bonecas que permanecerão imóveis, e grande ensinamento naquele amor materno que faz a mãe voltar-se com mais ternura para os outros pequeninos queridos, qualquer que seja o conhecimento que tenha adquirido acerca da outra vida. Se nada mais lhe tiver chegado, Deus tenha piedade dela e deles. A ferida fecha-se com um pesado baque, como o som da terra sobre a tampa do caixão, e existe sempre um eco no seu coração; e as pequenas crianças não compreendem quando o irmão ou irmã mais novo deixa de ser mencionado, porque os seus nomes nunca mais devem ser pronunciados.

Conhecemos uma senhora cuja pequena filha, aos nove anos de idade, era uma criança bela e promissora; possuía as suas bonecas e brinquedos e companhias como as outras meninas. Era uma criança invulgarmente doce, amorosa e bondosa.

A mãe era membro comunicante da igreja — pensamos que da Igreja Episcopal — mas, devido a uma divergência religiosa por parte do pai, a criança não tinha sido batizada. Quando a menina morreu, a mãe desejou naturalmente que o seu próprio ministro falasse no funeral. Para grande horror e espanto dela, o ministro lançou uma sombra de dúvida sobre a salvação da pequena menina porque não tinha sido batizada na igreja.

Com o conhecimento que possuía da natureza da sua filha, com a ideia que fazia daquela pequena criança, sentiu erguer-se a indignação do coração materno para a sustentar naquela hora. Quando saiu daquela igreja, nunca mais regressou.

Desde então, se a sua filha, nunca tendo feito mal algum, não pudesse estar no céu, ela própria não desejava ser salva. A morte foi a grande instrutora naquele caso; pois retirou-a da servidão da forma e da cerimónia para a luz da religião da afeição. Ela sabia que, se aquela criança vivia — e acreditava que sim — então encontrá-la-ia na vida futura. Foi o primeiro passo naquele portal aberto da vida futura.

Essa fé foi recompensada por uma bela visão. A sua pequena filha veio até ela, beijou-lhe os lábios e disse:

"Mamã, estou com o avô e a avó e com todos os nossos amigos, e este é um mundo tão belo no qual entrei."

Vejam Que porta aberta surgiu para aquela mulher — primeiro através da dor e depois através do choque causado pelas palavras daquele ministro no funeral da sua filha. Se aquela criança tivesse sido batizada da maneira habitual, provavelmente ela teria saído daquela igreja com a convicção de que, algures, num lugar distante e desconhecido, encontraria a sua filha, mas de que a criança não estaria aqui.

Conhecemos outra mãe — quaisquer que fossem as experiências do pai, talvez os seus sentimentos fossem mais contidos — cuja bela filha, a sua única criança, morreu. Ela também tinha a fé da igreja; pensamos que era presbiteriana ou congregacionalista. Acreditava plenamente que a sua fé a sustentaria em tal hora, assim como acreditava que o sol brilharia; mas, quando chegou o momento e o corpo da filha jazia ao seu lado, sentiu a fé abandoná-la; tal como sentis a areia, na reação da maré recuando do mar, fugir debaixo dos vossos pés.

Ficou desorientada, profundamente abalada. Com todo o esforço da sua natureza, tentou apoiar-se. Recorreu ao seu clérigo, que pregou o género habitual de sermão e lhe ofereceu o tipo de conforto que os clérigos oferecem; mas tudo lhe parecia destituído de significado. Encontrava-se à beira da insanidade, embora fosse uma mulher de espírito invulgarmente forte.

Não aceitava qualquer resultado desse tipo; acreditara plenamente que a sua fé e confiança no Salvador seriam suficientes para a fazer atravessar qualquer provação, mas descobriu que não era assim, que não conseguia encontrar consolo naquelas circunstâncias. A sua condição física foi afetada, pois a saúde começou a falhar-lhe.

Ele era espiritualista; começou cuidadosamente a falar-lhe do outro mundo, da sua filha espiritual, da possibilidade de receber uma comunicação dela. Um dos nossos médiuns de prova mais populares, cremos que o Sr. Emerson, estava de passagem pela cidade nessa altura; ela foi vê-lo e recebeu uma mensagem da sua filha. Foi como se tivesse sido instantaneamente restaurada; os seus pés estavam novamente sobre terreno firme; soube, desde esse momento, que a sua filha vivia.

Sem negar quaisquer das graças, atos e dons que lhe tinham chegado anteriormente, sentiu então certeza da continuidade da sua filha.

Agora, mesmo nos lares onde este conhecimento não chega, com todo o seu esplendor positivo, permanece ainda a esperança, permanece ainda o pensamento daquele ente querido que partiu. É como aquele doce pequeno poema que todos recordais, em que a pequena criança responde ao estranho quando ele pergunta quantos filhos existem na família:

"Somos sete, cinco na Terra e duas no Céu."

Naquele lar, a religião tinha apenas sido exercida; naquele lar havia virtude; e a religião que conseguia exaltar o tempo para além do barro deserto até à companhia dos céus era uma verdadeira bênção.

Há mais de trinta anos, a vossa presente oradora conheceu uma menina cuja mãe era muito ortodoxa, rigorosamente conforme todos os preceitos da igreja. A pequena menina visitava uma amiga onde a vossa oradora estava hospedada e tornaram-se muito afeiçoadas uma à outra. Nunca se falava de espíritos ou vida espiritual, mas o amor da criança e daquela que estava diante de vós era maravilhoso.

A menina via espíritos e dizia à mãe:

"Mamã, vi ontem à noite o meu irmãozinho e ele contou-me muitas coisas."

A mãe desagradava-se com isso e, em vez de encorajar estes dons, falava severamente à criança. Mas as visões continuavam e, sempre que dizia à mãe que tinha visto o irmãozinho, a mãe castigava-a. Era uma criança bela, delicada e frágil, dotada do dom da visão; contudo, a mãe não lhe permitia falar das visões que via, dizendo-lhe que seria castigada até deixar de as ver.

Naturalmente, por misericórdia para com a criança, as visões tiveram de ser afastadas, e os sentidos sobrepuseram-se àquilo que era permitido na religião da mãe. Naturalmente, a mãe era sincera; o seu coração não teria conseguido agir de outro modo se tivesse sabido melhor. Mas quando chegar o Grande Despertar, quando a revelação final lhe mostrar que o pequeno rapazinho visitava diariamente a irmã e procurava fazê-la também compreender a sua presença, quão grande será o remorso.

Contamos-vos estes exemplos apenas para que possais compreender que luz entrou na vossa vida, como esses lugares vazios foram preenchidos, como as vossas vidas se expandiram para incluir outro domínio, e para que saibais que essas crianças são cuidadas e educadas de acordo com as suas necessidades espirituais no domínio em que entraram; que não precisais sentir que estão sozinhas e sem companhia.

Tudo isto deveria ser um grande consolo para os vossos corações. Nem deveis sentir que…

…eles vos esquecem. Mas, pais, tal como não levaríeis as vossas filhas terrenas a todos os lugares que visitais, nem as introduziríeis em todos os pensamentos que tendes, lembrai-vos disto, espiritualistas: convidais os vossos filhos espirituais para junto de vós onde quer que estejais; e se desejais a sua presença e o seu cuidado, deveis fazer algo com aqueles pensamentos de que temos falado, algo com as vossas condições mentais e o vosso modo de vida que torne possível aos vossos filhos espirituais permanecerem convosco onde quer que estejais e quaisquer que sejam os vossos pensamentos; e se eles são preparados como mensageiros, feitos mensageiros e guardiões para levar a mensagem de vida e amor a outras crianças na Terra menos afortunadas do que eles, então é um grande consolo saber que os seus humildes pais se orgulham deles no seu mundo e no seu conhecimento.

Pois o conhecimento adquirido na vida espiritual serve para ministrar aos necessitados, para dar daquilo que se recebeu; e, se existir tendência em qualquer direção, na ciência ou na arte, para auxiliar aqueles que estão envolvidos nesse trabalho. Como o jovem que falou através deste organismo numa noite de domingo disse, descobriu que a sua missão era ajudar aqueles jovens cujas dificuldades se acumulavam sobre as suas escrivaninhas e que poderiam ser tentados de algum modo; assim, essas crianças encontram ampla ocupação em ministrar às pequenas almas nas cidades superpovoadas e em auxiliar os seus pequenos irmãos e irmãs quando estão prestes a cair em palavras cruéis ou em atos errados contra outros; em ministrar aos seus pais e mães, ou a outros pais e mães solitários que não compreendem, ajudando a aproximar os seus filhos queridos para que também possam ministrar. Pois esta grande outra vida toca continuamente este estado humano.

Estas crianças não se contentam em afastar-se para os seus belos lares e mergulhar apenas nas alegrias e florescimentos da vida espiritual sem ministrarem àqueles que não possuem tais florescimentos. Assim, quando os fardos da vida no vosso labor diário são subitamente aliviados e dizeis:

"Sinto-me melhor hoje do que ontem"

após alguma provação difícil que tivestes de suportar; ou quando, de repente, no meio das nuvens, parece surgir um raio de sol a atravessá-las, sem dúvida que são os vossos queridos — ou os queridos de alguém — que vêm ministrar-vos. Existem bondosos espíritos maternais nessas esferas espirituais que instruem essas vossas crianças nos caminhos do auxílio e as transformam em mensageiras de luz para a vossa Terra. E desejam que vós, que não tendes filhos terrenos, também cuideis de alguns dos pequeninos daqui que não possuem pais terrenos — tendo os seus pais no espírito; podem estar a ministrar aos vossos filhos espirituais — e que também ajudeis aqueles que não têm lar a encontrar lares junto daqueles que não possuem filhos próprios.

Conhecemos pessoas na Terra que não têm filhos e que, apesar disso, são pais mais verdadeiros do que muitos que têm filhos no sentido mortal, porque ministram, ensinam e enchem as suas casas de crianças.

Os estados espirituais contêm provisão para todos aqueles que partem em tenra idade. Dizeis:

"Que pena que este jovem homem ou esta jovem mulher, apenas começando a entrar na vida humana, tenha morrido."

Ah! Se o véu pudesse ser afastado, pensamos que então diríeis:

"Que maravilhoso que essa jovem vida tenha sido levada para realizar uma obra maior e mais elevada, para cumprir uma missão mais sublime e perfeita."

"Este jovem homem, apenas entrando no auge da juventude"; "esta jovem mulher"; "esta criança, com todas as esperanças da vida interrompidas" — não acrediteis nisso. Quando o grande Mestre da vida promove uma juventude, uma

donzela ou uma criança para o próximo estado de existência antes do pleno florescimento dos vinte, trinta, quarenta ou oitenta anos, é porque essa vida particular possui algo a realizar nesse outro estado.

Não afirmamos que vós ou outro ou este jovem homem, ou esta jovem mulher, mas que essa vida tem. Está sob a guarda……e em harmonia com o grande propósito universal de que essa vida esteja ali, em vez de continuar a crescer na forma humana; tendo trabalho a realizar ali, ministrações a desempenhar, algo a cumprir que talvez não estivesse incluído no vosso conhecimento atual.

Ora, sendo isto verdade, o florescimento da vida ocorre ali como aqui, embora não da mesma maneira. O botão que, sob outras circunstâncias, teria sido mais perfeito, desdobra-se ali na sua perfeição. Essas flores que parecem partir da vida terrena antes da expansão encontram expressão nos estados espirituais e, possivelmente, em ambientes mais apropriados do que aqui.

Não podeis imaginar o que teria sido essa vida se tivesse permanecido aqui; mas podeis saber que, tendo partido, essa vida não é um fracasso, não é abortiva, não foi em vão e encontra ampla expressão e exercício para os seus poderes.

“Têm elas de aprender”, perguntareis, “coisas terrenas, como fazem aqui através do contacto com a existência terrena?”

Respondemos: não precisam de aprender coisas terrenas nesse estado; aprendem coisas espirituais. O seu propósito e missão consistem em aprender as coisas espirituais e transmiti-las àqueles que não possuem esse conhecimento.

Existe necessariamente algum contacto com o estado humano para conhecer as vossas necessidades. Uma criança pode ler os vossos pensamentos com bastante facilidade, mesmo aqui, e discernir aquilo que se passa por baixo da superfície; e, quando o corpo é removido, a criança consegue compreender as vossas necessidades.

Podeis ter uma criança intuitiva na vida terrena e, por mais que a mãe esconda as lágrimas e se afaste quando se encontra em sofrimento, a criança compreende que algo aflige a mãe. Mesmo que não seja muito intuitiva, a criança fala-lhe disso; se for muito intuitiva, procura silenciosamente consolar a mãe de todas as maneiras possíveis.

Removei as barreiras do tempo e dos sentidos e essa criança continua próxima, procurando trazer bálsamo ao coração da mãe; procurando confortar a mente do pai quando ele regressa preocupado com os negócios, cansado e desgastado. Não é o espírito da criança o mesmo que era na forma terrena, junto das outras crianças? Não é essa criança que sobe para o colo dele, acaricia-lhe a cabeça e lhe dá conforto?

Oh, nesta expansão do vosso lar; oh, nesta inclusão do domínio mais vasto; nesta admissão da plena luz da existência espiritual que desce… …até vós, há tanto em que pensar; tanto que será feito com esses queridos no espírito quanto aquilo que fará por vós, para vos elevar e fortalecer no vosso estado humano.

Tende certeza — e alegrai-vos com esta forte e maravilhosa esperança da vida espiritual e da existência contínua — de que não existe dúvida de que, em qualquer linha de instrução ou ensino adaptada ao seu estado, existe ampla provisão para aquilo de que necessitam; e professores, guardiões e amigos segundo a lei da adaptação.

Não acontece ali como aqui, onde há professores que compreendem uma criança mas não compreendem outra; nenhum grande moinho de aprendizagem humana no qual cada criança é colocada numa tremonha e se espera que seja moldada da mesma forma.

Porque, apesar de todas as escolas gratuitas — que são uma grande bênção — no estado humano continua a existir a necessidade especial de cada criança, necessidade essa que não pode ser considerada no grande bulício e turbilhão deste mundo humano.

A mãe conhece a diferença entre os seus filhos; conhece a diferença de temperamento e as diferentes exigências; embora os ame igualmente, compreende que são diferentes. O sábio professor também compreende isto.

Mas nos estados terrenos e nos estados espirituais existe uma vasta diferença: nestes últimos, cada criança recebe ensino de acordo com a sua necessidade, segundo a adaptação; enquanto no sistema competitivo da Terra o mais forte fica à frente, ganha os prémios e os louvores, e aqueles que são menos favorecidos ficam para trás.

O humano leva a cabo a falsa ideia da chamada "seleção natural"; enquanto, na seleção espiritual, existe aquilo que chamais hospitais morais para os fracos, asilos para os necessitados, letras em relevo para os cegos, a aplicação de meios superficiais e artificiais para ouvir os surdos — todos os métodos pelos quais se pode ajudar a fraqueza em todas as direções, exceto nos negócios.

Nos negócios e no trabalho do vosso mundo, os fracos são esmagados. A teologia teve muito que ver com isto. A grande revolução moral desta época consiste em ajudar aqueles que não conseguem ajudar-se a si próprios; se são fracos fisicamente, suprir a sua fraqueza.

No vosso sistema de ensino, no vosso sistema competitivo de exames, os fracos ficam para trás…

Quando o génio Froebel, pela inspiração dos céus, concebeu o maravilhoso plano do "Jardim de Infância", entrou em harmonia com as esferas espirituais. Cada criança segundo as suas necessidades individuais; cada ser humano segundo a lei da adaptação.

Quando finalmente os vossos colégios e universidades se tornarem verdadeiras instituições de aprendizagem, segundo o plano do espírito e dos céus, existirá adaptação às necessidades do estudante, e não "B's", "A's" ou "A menos", moldados todos no mesmo mecanismo; mas o conhecimento será adaptado à capacidade de cada um aprender, recebendo cada qual a assistência necessária.

Uma criança sensível que, apenas por causa do exame competitivo, não consegue dizer a lição que conhece perfeitamente, enquanto outra mais confiante avança e ganha o prémio, fica esmagada; e a criança lenta, que necessita de atenção e cuidado especiais, não é ajudada — contudo, se possuir génio, é auxiliada a partir do interior e, como Daniel Webster, eleva-se acima de todos os sistemas.

Este conhecimento, este treino mais elevado, está a infiltrar-se nas mentes dos professores das escolas públicas e das instituições; estão a tornar-se permeados por ele.

Num daqueles maravilhosos congressos reunidos durante a Exposição Mundial, um grande clérigo e filantropo disse:

"Estamos a começar a ter dúvidas acerca da caridade institucional."

Isto vindo de um homem da igreja, de alguém formado nas escolas das instituições de caridade.

"Estamos a começar a ter as nossas dúvidas. Aprendamos estas lições dos céus."

O estado ideal é o amor da mãe; as instituições nunca promovem o amor; são apenas o estado transitório entre a barbárie de abandonar os desafortunados…

…morrerem à fome, e o estado mais elevado que ensinará às crianças da Terra a verdadeira linguagem dos céus e aos pais da Terra o verdadeiro ministério do céu.

APÓS A MUDANÇA CHAMADA MORTE
OS VÁRIOS ESTADOS E OCUPAÇÕES NA VIDA ESPIRITUAL

A VIDA ESPIRITUAL ANALISADA DE FORMA ABRANGENTE POR ALGUÉM QUE COMPREENDE O SEU ESTADO EXATO — O PRÍNCIPE PODE SER UM MENDIGO ESPIRITUAL NA VIDA ESPIRITUAL, ENQUANTO O POBRE E DESVALIDO É MUITAS VEZES ENCONTRADO COMO UM PRÍNCIPE ESPIRITUAL — OS ESTADOS OBJETIVO E SUBJETIVO CUIDADOSAMENTE COMPARADOS.

Discurso proferido no Teatro Hooley, Chicago, Illinois, domingo, 5 de maio de 1895, por "Aquele que Sabe", através da sua intermediária, a célebre poetisa e oradora inspiracional, Sra. Cora L. V. Richmond.

DISCURSO

"Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos um lugar."

Paulo disse:

"Agora vemos como por um espelho, obscuramente — então veremos face a face."
Talvez pudesse ter acrescentado: "alma a alma".

Sem dúvida, a realidade da existência espiritual será surpreendente nas suas experiências, mesmo para aqueles que se consideram preparados pela fé ou pelo conhecimento do estado futuro. Que o espírito não será aquilo que o homem é, pode tornar-se evidente pelo facto de o corpo humano morrer e nenhum corpo humano ser visto a ocupar o seu lugar. Qualquer que seja o corpo, forma ou estado espiritual, os seus atributos e funções podem diferir essencialmente do organismo físico. Todos admitirão isto.

Então, qualquer que seja esse estado, deverá estar tão bem adaptado às necessidades do espírito quanto o organismo físico está adaptado às necessidades da vida terrena. Sendo isto filosoficamente admitido, e possuindo os seres humanos conhecimento, através do testemunho de amigos espirituais, de uma existência para além da morte, de visões e revelações relativas a anjos e espíritos ministrantes, do que diferentes escritores e videntes escreveram e declararam acerca da outra vida, e da revelação especial nesta era moderna do moderno Espiritualismo — a intercomunicação entre os dois mundos —, seria de esperar que existisse uma ideia inteligente acerca da vida além da morte.

Assim poderia acontecer, se as pessoas estivessem dispostas a pôr de lado a sensação física e substituí-la pela inteligência, pelo conhecimento mental e espiritual. Mas as pessoas não estão dispostas a fazê-lo. Estão dispostas a fazê-lo no que respeita à ciência, uma vez que os postulados mentais…

…devem sempre substituir a sensação física. Fazem-no no domínio da matemática, pois é absolutamente impossível ilustrar com figuras físicas ou coisas materiais aquilo que a matemática expressa plenamente em números. Fazem-no até na química, uma vez que é possível tornar visível aquilo que é invisível e invisível aquilo que é visível. As pessoas contentam-se em saber que o oxigénio, o hidrogénio e o carbono estão na atmosfera invisível, e que, ainda assim, formam o ar e a vitalidade que respirais.

Estão mesmo dispostas a ir mais longe, admitindo que as vibrações chamadas eletricidade possam ser desenvolvidas e utilizadas e, sob certas condições e circunstâncias, tornadas visíveis e depois invisíveis; que todas as atividades e potencialidades da vida estão ocultas da visão exterior; contudo, não se satisfazem em supor que o reino espiritual seja um domínio separado e distinto, um domínio inteiramente diferente das múltiplas e extremamente variadas manifestações da matéria sobre a Terra; que as realidades da "Cidade Bela", o Reino dos Céus, não são realidades num sentido físico; que as substâncias de que se dizia ser composta a cidade sagrada não eram substâncias no sentido de ouro, pedras preciosas e alabastro terrenos; mas que essas pedras, e o ouro e alabastro, eram símbolos de pensamentos puros,

aspirações fervorosas e tudo aquilo que, no simbolismo antigo, bastava para tornar belo o reino celeste.

Nem sequer se satisfazem com a ideia de que as árvores, flores, montanhas e rios sejam subjetivos em vez de corpos orgânicos objetivos. Desejariam ter leis — não apenas leis, mas também a atração da gravitação, corpos pesados, casas construídas por mãos humanas, portanto não eternas no céu. Muitos desejariam uma reprodução exata da Terra, apenas melhorada ou embelezada pela mão do homem. De certo modo, todas as religiões fizeram isto. A interpretação física de uma ideia espiritual tem sido a ruína das religiões do passado. O paraíso do maometano é simplesmente uma existência sensual ampliada; e mesmo na Índia, o estado puramente metafísico que o estudioso, o vidente ou o adepto pode compreender está completamente perdido entre aqueles brâmanes que imaginam participar dos luxos sensuais do reino de Brahma. Nirvana, que está para além dos sentidos, não pertence à mente comum da Índia.

Não precisamos acrescentar que a herança da Terra, que os hebreus, até recentemente, quase universalmente esperavam, era a herança literal da Jerusalém literal e a posse literal da Terra. Outros, mais espirituais na sua interpretação, passaram a considerar a Nova Jerusalém como algo irreal, ou como um estado dentro do reino do espírito; mas existem hereges na Igreja Hebraica, tal como existem cristãos liberais na Igreja Cristã evangélica ortodoxa.

O Reino literal dos Céus, que os cristãos esperavam desfrutar, foi interpretado em demasia segundo a maneira dos sentidos. Quando os nossos amigos evangélicos ortodoxos foram pressionados de perto, viram-se obrigados a responder que acreditavam num céu literal e num lago literal de fogo infernal, como o Hades. Se muitos não aceitam isso, deixam de ser considerados ortodoxos evangélicos; e se, como nas recentes revelações, muitos entre o clero ortodoxo não aceitam a interpretação literal, continuam ainda assim a não ser considerados evangélicos, e as igrejas encontram-se constantemente à beira de tentar condenar o clero por heresia, por interpretar as Escrituras segundo as suas próprias ideias, em vez das ideias dos fundadores e intérpretes da igreja.

Os espiritualistas não estão isentos desta crítica. Poder-se-ia pensar que uma religião baseada no espírito, e possuindo manifestações oriundas de fontes espirituais, compreenderia a diferença entre realidade e matéria, entre aquilo que é real para o espírito e aquilo que é material para os sentidos; mas a maioria não o faz, e considera que as realidades da vida espiritual serão tão materiais quanto as realidades ou materialidades da vida terrena.

É precisamente neste ponto que os espíritos encontram a sua principal dificuldade em comunicar a natureza, os estados e as ocupações dos espíritos. Não é porque os espíritos normalmente não saibam, mas porque as pessoas geralmente não estão preparadas para compreender; as mensagens têm de ser adaptadas à compreensão das pessoas. Ao fazê-lo, ao construir casas-escola para as crianças humanas, para os

filhos dos sentidos, os espíritos são obrigados a usar palavras inteligíveis para o vosso entendimento, mas que podem ser interpretadas de forma inteiramente errada.

Isto seria evitado se as pessoas estivessem dispostas a considerar a existência subjetiva tão real quanto aquilo que é denominado objetivo. As formas genéricas da vida não constituem todas as realidades existentes. A vida humana seria muito limitada se fosse apenas sensação e nada mais; mas até a sensação, para derivar as suas funções de qualquer coisa que seja potente, deve ser, afinal, o resultado da inteligência. O ser humano sensibilizado, que é aquele que consegue registar inteligentemente as sensações através do órgão ou faculdade do cérebro, aquele que pode, pelo processo da consciência cerebral, registar aquilo que os sentidos declaram e depois agir inteligentemente sobre esse registo, sabe que vê, sabe que ouve, sabe que compreende e desempenha toda essa função num domínio que é puramente subjetivo.

Embora as coisas que o homem vê, e que são registadas na retina do olho e depois no sensório, sejam objetivas, o registo delas é puramente subjetivo; a memória que delas conserva é subjetiva, e tudo aquilo que constitui o seu valor e disponibilidade é subjetivo. Se, portanto, existisse uma forma de existência que não necessitasse de manifestação através do registo na retina do olho, uma existência que não necessitasse de manifestações como as vibrações sobre o tímpano ou tambor do ouvido — na verdade, uma existência situada para além da região da sensação, apenas no domínio do pensamento —, ela seria, ainda assim, tão real, tão possível e tão poderosa.

As afeições do coração e da mente, as aspirações do espírito, tudo aquilo que conheceis como justiça, amor, verdade, conhecimento e sabedoria, pertence a esse domínio de que falamos, e isso deve constituir a natureza da existência do espírito.

Qualquer que seja a manifestação na vida espiritual que se assemelhe à forma ou à sensação, essa manifestação não é final, mas secundária. Não causa a existência nem a enfatiza; é antes o resultado dela para fins de manifestação. Se, ao atravessar a mudança chamada morte, puderdes remover da vossa consciência, ainda que temporariamente, a necessidade de um objeto, a necessidade de uma forma objetiva, e considerar que a realidade da existência que procurais é a realidade do pensamento, da afeição, da aspiração e do sentimento — em suma, que a entidade reside inteiramente no pensamento e na individualidade do vosso amigo — então estareis preparados para compreender, quando a mensagem chegar, a natureza da vida espiritual.

Quando os espíritos dizem: “Temos uma existência tão real quanto a vossa” — como vos é dito agora — não deveis, portanto, pensar que ela é apenas tão sensorial quanto a materialidade, porque a materialidade está muitas vezes muito distante da realidade. Quando vos falam da aparência dos vossos amigos — de que, para o espírito, eles são igualmente reais — não deveis concluir, por isso, que sejam necessariamente orgânicos e genéricos.

A realidade é o resultado daquilo que se manifesta como uma realidade sobre a consciência. Se a consciência for tal que a manifestação não necessite de ser objetiva, mas seja o resultado de condições subjetivas, então aquilo que é subjetivo deve ser mais real, como acontece na vida espiritual. Se sois dominados, por exemplo, por uma grande ideia, por um propósito, por uma paixão, ou por qualquer coisa que tome completa posse da vossa mente, mesmo aqui, a existência objetiva em que agora vos encontrais causa pouca impressão sobre vós; atravessais a vida, no que diz respeito à aparência exterior, quase mecanicamente; sois dominados pelo pensamento, aspiração, sentimento ou propósito interior; essa é a realidade, e essa seria a realidade mesmo sem a forma física.

Muitas vezes procurámos explicar isto, mas tão inútil parece enquanto permaneceis ainda envolvidos no tempo e nos sentidos, que considerámos imprudente tentar sempre explicar aquilo que os espíritos fazem ou em que realmente se ocupam, pois as ocupações e estados da existência espiritual parecem, por enquanto, demasiado distantes da consciência humana. Contudo, existem certas classes de mentes: estudiosos, estudantes esotéricos, aqueles que investigaram o domínio da filosofia mental, capazes de formar uma compreensão clara da posição que assumimos e da razão pela qual o domínio espiritual não é mais palpável à consciência humana.

As manifestações dos seres espirituais através de objetos físicos, para alcançarem os sentidos do homem, não são, naturalmente, manifestações usuais e ordinárias, nem manifestações que, sob certas condições do progresso humano, fossem desejáveis. O facto de essas manifestações acompanharem grandes derramamentos do espírito, e o facto de cada nova revelação de poder espiritual equivalente a uma dispensação religiosa ser acompanhada por tais manifestações, de modo algum indica que estes fenómenos físicos venham algum dia a tornar-se comuns e ordinários.

Isto significa simplesmente que, na condição atual da raça humana, em que as presenças objetivas são mais palpáveis e reais do que as da mente e do espírito, estas manifestações se tornam necessárias para despertar o pensamento, atrair a atenção e mostrar que os espíritos possuem poder sobre a substância, embora não estejam organicamente ligados à substância; daí as vibrações chamadas “batidas”, todas as manifestações dos “fenómenos físicos”, não serem mais do que uma adaptação às condições humanas, e terem necessariamente de deixar de ser satisfatórias assim que a consciência humana fosse capaz de tomar posse de uma “ideia espiritual”.

No presente, porém, os seres humanos estão maioritariamente limitados aos sentidos; nem todos são videntes nem conseguem perceber as presenças espirituais; as perceções psíquicas da raça humana ainda não se desenvolveram plenamente — e estas são razões suficientes para que tais manifestações atravessem as barreiras dos sentidos até aos seres humanos, nas condições de tempo e sensação.

Mas quando as perceções psíquicas da raça humana se desenvolverem plenamente, quando a humanidade vestir a sua nova roupagem e tomar posse das suas capacidades espirituais, e quando todos aqueles atributos que permaneceram

adormecidos pela ignorância, pela falta de exercício e de reconhecimento, devido ao medo dos escárnios e zombarias do materialismo, estiverem finalmente despertos, e a raça humana entrar na sua nova herança, então as manifestações físicas deixarão de ser mais necessárias do que hoje são as antigas diligências, agora que possuís vapor e eletricidade.

O mundo está gradualmente a despertar nesta direção; em vez de o mundo espiritual se aproximar do homem, é a humanidade que se aproxima mais do domínio do espírito; os espíritos não estão hoje mais próximos dos seres humanos do que sempre estiveram. O domínio espiritual que o poeta grego Hesíodo descreveu como estando ao vosso redor — "Milhões de seres espirituais caminham invisíveis sobre a Terra, tanto quando estais despertos como quando dormis" — não é mais verdadeiro hoje do que o era então, ou no tempo de Milton; mas os pensamentos e perceções da raça humana estão a mudar; há mais pessoas dotadas destas perceções.

Quanto mais estas perceções interiores despertarem, menor será a necessidade daquilo que se chama manifestações físicas. Haverá ainda, durante muitos séculos, aqueles que continuarão dependentes do que se chama manifestações ou "provas através dos sentidos", como se a inteligência não tivesse de decidir mesmo depois de as provas estarem presentes.

Temos repetidamente salientado que os meros factos da existência (os factos físicos) seriam destituídos de valor sem o reconhecimento pela inteligência; indicámos que, quando esse reconhecimento realmente ocorre, os factos das manifestações físicas deixam de ser necessários. Quando se souber que o estado espiritual, no domínio separado dos sentidos, é uma existência na consciência; quando se compreender que os espíritos passam pela mudança chamada morte ao libertarem-se destas limitações (de tempo e sensação), em vez de acrescentarem novas limitações; que as limitações dos sentidos são barreiras no que diz respeito ao espírito, embora sejam necessárias enquanto se está na forma humana para expressão através dos sentidos; e quando finalmente se compreender que a existência espiritual consiste em libertar o espírito das barreiras do tempo e da sensação, sem privar o espírito do possível controlo das coisas no tempo e nos sentidos, então haverá uma perceção inteligente daquilo que acontece quando o espírito abandona o corpo mortal, "despojando-se do invólucro mortal".

Naturalmente, nem todos os espíritos despertam de imediato com igual perceção espiritual, igual glória espiritual, igual felicidade — ou ausência dela; qualquer que seja a condição do indivíduo — desejamos que mantenhais isto em mente e lhe deis ênfase —, qualquer que seja a condição do indivíduo no tempo e na sensação, no estado terreno, essa condição é melhorada para esse indivíduo ao libertar-se do organismo físico; porque há, nessa libertação, uma certa medida de alívio.

Embora a falta de desenvolvimento nos caminhos espirituais seja, naturalmente, ainda uma carência, deixa de existir a dificuldade orgânica da tentação através dos sentidos; e embora possa não haver um despertar súbito para o conhecimento daquilo

que deveria ter sido conquistado, há ainda assim a remoção daquilo que constituía uma barreira física, e todo o estado espiritual é melhor para o indivíduo do que o estado humano, embora todos os espíritos não sejam, evidentemente, iguais.

Isto elimina as ideias que alguns possam alimentar de que a mudança chamada morte transforma imediatamente alguém das sombras para a luz, ou de que certos espíritos possam estar pior depois dessa mudança (a morte) do que estavam enquanto seres humanos.

Temos dito frequentemente que não poderia haver imagem mais verdadeira do Hades do que as condições das cidades superpovoadas; do que os estados de obscuridade, degradação, vício e crime observados nos lugares elevados e baixos da Terra, sendo o "alto" e o "baixo" termos frequentemente transferíveis na consciência humana. Não pode existir, na existência espiritual, algo que expresse ou manifeste cenas tão horrendas como as encontradas na Terra, porque não há o disfarce nem a máscara dos sentidos.

O ambiente terrestre cria as condições que o espírito é chamado ou esperado a superar; não tendo superado essas condições, o espírito entra no estado de… quê? Não de crime ativo, pecado ou mal na vida espiritual, mas da negação, da sombra de não ter conquistado. Os espíritos são muito menos ativos em induzir as pessoas a praticar o mal do que em tentar superar os resultados das suas próprias más ações e tendências enquanto viveram na Terra, pois aquilo que lhes pertence é a impotência espiritual e a incapacidade que seguem a expressão terrena do crime e do pecado.

As pessoas têm ideias estranhas sobre este assunto. Não poderia haver oportunidade melhor do que a presente para enfatizar esta verdade: nenhum mal pode tornar-se mais maligno por passar para a vida espiritual; a condição consiste antes numa melhoria nesse grau; aquilo que constitui mal agressivo no estado humano torna-se subjetivo (ou negativo) no estado espiritual e não pode dominar, porque os sentidos já não existem para lhe servir de instrumento; por isso, esses espíritos — subdesenvolvidos, infelizes, mesmo aqueles que cometeram crimes na Terra — encontram-se, ainda assim, num estado de impotência.

É este estado de sombra e desamparo que constitui a consciência individual do Hades; dos fogos ardentes do remorso; do arrependimento; da ausência de realização em boas obras durante a vida terrena; e, se não acreditais que isto seja tormento, pensai em vós próprios numa ocasião em que tenhais falhado no cumprimento do vosso dever, ou falhado em dominar um apetite, uma propensão, uma paixão ou uma tendência; acrescentai então a consciência de fracasso contínuo em superar isso durante toda a vossa existência mortal, e a passagem para a vida espiritual sem ter alcançado a vitória.

Ali não existem dedos de anjos irados apontando ao espírito e dizendo: "Não venceste", "Não és um espírito verdadeiro"; a voz acusadora vem do interior, da

consciência da impotência, da sombra que impede a perceção do domínio espiritual — e isso deve ser, de facto, sofrimento.

A maioria dos seres humanos possui tanto uma porção desta natureza imperfeita como uma porção da natureza divina. Se fôsseis dividir o bem e o mal na humanidade — "as ovelhas e os cabritos" (segundo a expressão evangélica) — cada ser humano seria dividido em dois; alguns poderiam possuir maior proporção de luz, outros maior proporção de sombra; mas a vida perfeita ainda não se revelou, exceto se contardes os Messias, que não são humanos no sentido comum.

Portanto, cada ser humano possui alguma parcela desta sombra, desta consciência. Não é necessário que outro ser humano lhe diga quais são as suas faltas e fracassos no domínio espiritual, pois o espírito torna-se tão consciente de que as insuficiências e a falta de conquista no estado terreno constituem a sua fraqueza, que até alguns dos mais brilhantes mentes e génios se encontram espiritualmente obscurecidos; não no intelecto, tal como o intelecto terreno é medido; não no brilho das realizações humanas no domínio da matéria, mas no caminho da conquista do eu. Aquele ou aquela que possui maior medida dessa vitória, encontrando-se geralmente entre os mais humildes da Terra, possui, por isso, maior liberdade, maior conhecimento e maiores riquezas espirituais.

Príncipes da Terra são frequentemente encontrados como mendigos espirituais; não porque fossem príncipes, mas porque não conquistaram o eu. Pobres e desvalidos são frequentemente encontrados como príncipes espirituais; não porque fossem pobres na Terra, mas porque, por baixo dos farrapos e dos golpes da fortuna, encontra-se muitas vezes uma natureza verdadeiramente altruísta.

Entre estes dois extremos das condições humanas encontram-se todos os outros estados humanos. O grande génio intelectual que, contudo, não possui perceção espiritual, não ama os seus semelhantes e não ofereceu algo das suas capacidades intelectuais para benefício dos outros, não pode ser considerado espiritualmente elevado. A exaltação não é medida, nem nos é permitido medir as várias condições de uns e outros.

Aquele que passa para fora da forma terrena tem perfeita consciência das suas próprias insuficiências; não lhe é permitido julgar as insuficiências dos outros. Está amplamente ocupado em superar as da sua própria existência individual. Nem lhe é permitido dizer: "Vede a que alturas cheguei." Não ficamos em bicos de pés, como rapazes, para mostrar o quanto crescemos; mas, tendo alcançado a condição espiritual, esforçamo-nos por tomar consciência das condições que existem dentro de nós.

Não levamos connosco para o estado espiritual as nossas várias buscas egoístas da vida humana. Não necessitamos das coisas que eram indispensáveis enquanto vivíamos nos sentidos. Habitações físicas, vestuário físico e formas físicas deixam de ser necessários; portanto, as ocupações e estados devem ser tais que pertençam à existência espiritual.

O vasto sistema industrial da Terra, acerca do qual existe atualmente tanta agitação; o enorme interesse no capital, sobre o qual há tanta discussão, não podem ser factores primordiais na vida espiritual como o são aqui, exceto na medida em que se relacionam com o egoísmo humano; e tudo aquilo que resolver essas questões com base no maior bem para o maior número, ou na maior medida de fraternidade humana, estará em conformidade com as riquezas espirituais, por mais que possa ser criticado como otimista e transcendental por aqueles que se consideram profundamente versados nos assuntos humanos.

Pode acontecer que os espíritos não estejam qualificados para julgar o estado das finanças; contudo, os médiuns são frequentemente procurados — e mais frequentemente ainda por muitos que recusam aceitar ou reconhecer que são espiritualistas — com o único propósito de descobrir algum meio de ganho material; indicações sobre preços na Bolsa; a subida e descida das ações; qual será o número feliz ou favorável na grande lotaria da especulação humana; e isto é procurado até por membros muito sérios e devotos de igrejas, a quem é proibido ter qualquer trato com feitiçaria ou bruxaria.

Contudo, se os espíritos conseguem ver — e sem dúvida os espíritos podem saber —, segundo os antigos registos, existe uma certa classe de pessoas que recebe respostas de acordo com a sua própria tolice. Talvez saibais quem são. Nem sempre é com o propósito de responder ao tolo segundo a sua tolice que tais respostas são dadas; é por outro motivo. Se os espíritos conseguem prever e fazer declarações verdadeiras, como frequentemente fazem nesta direção, isso conduz a mente que procura a outras questões, e chega o dia em que ela procurará outros propósitos.

Regra geral, aqueles que agora são espiritualistas não procuraram os espíritos para tais fins, mas porque desejavam resposta para a pergunta:

“Se um homem morrer, voltará a viver?”

E descobrem que a pergunta é respondida pelo espírito:

“Tudo aquilo que é valioso no homem não morre, mas vive.”

Descobrem que a vida — a consciência, a inteligência — atravessa e ultrapassa aquilo a que se chama morte, não perdendo, mas ganhando nas suas posses através dessa única mudança ou grau; que o espírito se liberta de muitas faculdades que eram grilhões enquanto estava na forma física; rejeita aquelas que são puramente terrenas e pertencem inteiramente aos sentidos; que a perceção espiritual ocupa o lugar da sensação humana; que o espírito pode perceber mais do que todos os sentidos humanos reunidos, a menos que esses sentidos sejam vivificados por uma perceção muito ativa e desenvolvida.

Por outras palavras, o estado espiritual é o estado que constitui o próximo passo de cada vida humana. Se não existisse um lugar ou estado na existência espiritual adaptado a cada condição humana, que fracasso sublime seria a vida, já que as

condições falsas e infelizes seriam varridas da existência e ninguém poderia ter certeza de que algum ser pudesse ser salvo.

Segundo a consciência espiritual, segundo o conhecimento espiritual, esses estados são simplesmente uma continuação da existência do ser humano sem a continuação do ambiente físico. A mente ou espírito que comunica conhece quais serão as condições de um indivíduo pelo estado mental ou espiritual desse indivíduo.

Expressamos isto de forma simples e elementar porque desejamos ser compreendidos por todos: cada indivíduo leva consigo o seu estado, mas não leva o seu ambiente físico. Se, contudo, segundo a lei da existência subjetiva, o estado ou condição do espírito for tal que nenhum outro ambiente, exceto ambientes materiais — ou exceto aqueles que se assemelham às condições terrenas — seja considerado vida; se o ser humano que parte, como todos vós lhe chamais, tiver sido não apenas dominado, mas inteiramente governado pela ideia de que não existe outro padrão de vida ou existência senão o padrão dos sentidos, então, sem dúvida, esse espírito ficará, por algum tempo, rodeado daquilo que pensa ser vida, e isso será o cumprimento de:

"Como o homem pensa, assim ele é."

Num certo sentido, os nossos amigos da Ciência Cristã têm perfeita razão ao afirmar que aquilo que um indivíduo pensa é uma realidade. Evidentemente, é neste sentido: enquanto dominado pelo tempo e pelos sentidos, se esse domínio for a força predominante e única; se o indivíduo estiver preso ao tempo e aos sentidos e às condições da vida terrena; se, pela imaginação, pela poesia, pela filosofia ou pela ciência, não tiver sido levado a compreender que o domínio da consciência não é o domínio da sensação; se nada tiver despertado qualquer pensamento além daquilo que pertence à Terra, então o estado espiritual que imediatamente se segue deverá ser aquele que mais se assemelha, para esse indivíduo, ao estado terreno; mas, para todos os outros espíritos, não existiria tal semelhança.

Ao aproximarem-se da condição desse espírito, todos os outros espíritos diriam:

"Porque é que este pobre homem se encontra nos grilhões da sua própria falta de consciência espiritual?"

Tomemos, por exemplo, como ilustração, o maior egoísmo humano possível. Não vos pedimos que procureis fora de vós próprios, mas se conheceis um estado mais egoísta do que o vosso próprio; isto é, um estado completamente destituído de consideração pelos outros; que nunca ama senão da forma mais supremamente egoísta; que nunca pensa em qualquer indivíduo exceto enquanto esse indivíduo possa servi-lo, seja homem ou mulher; que constrói as suas posses terrenas sobre a base de acumular para si tudo quanto for possível de posses terrenas — em estados espirituais seria nada — simplesmente uma negação, com a consciência de que aquilo que era a força dominante que culminava em vitória na Terra, materialmente, é fraqueza no espírito.

Não existe uma súbita revolução do sentimento; não existe uma súbita iluminação da mente ao passar do estado terreno para o espiritual; contudo,

conhecemos casos de pessoas que obtiveram grande vitória nos caminhos egoístas humanos, em que existia inteligência e perceção suficientes, ao entrarem no estado espiritual, para compreender que o poder que constitui a maior vitória nos modos humanos é totalmente sem valor no espírito.

Tais pessoas começam então, como as pessoas começam aqui. Estão dispostas a aprender com mestres espirituais. Compreendem que não conhecem as primeiras condições e métodos da vida espiritual, e estão perfeitamente dispostas a aceitar o conhecimento de que o primeiro ato de esquecimento de si mesmas é o primeiro passo para o desenvolvimento e vitória espirituais. Este conhecimento, aliado a grandes poderes e energias da mente, faria rapidamente avançar o espírito.

Mas quando existe absoluta vileza de mente e de espírito, não seria surpreendente que alguns espíritos parecessem passar longos anos do tempo humano antes de despertarem para esta consciência de que existe um passo adicional de crescimento que deve ser dado antes de poder haver perceção espiritual.

Estes estados obscurecidos da vida espiritual são excecionais. Os estados de vitória individual são universais. O desejo de superar aquilo que não foi superado na vida terrena deve ser universal. Como o ser humano médio não é profundamente degradado, o espírito médio encontra alívio nos estados espirituais relativamente às condições opressivas da vida terrena; e a maioria dos espíritos alegra-se por ser libertada.

Para aquele que agora vos fala, foi como passar de uma masmorra para o ar livre, para a luz. Nem demasiada luz pode ser percebida de início, mesmo pelos melhores. Nenhum esplendor espiritual é aceso diretamente a partir dos reinos superiores; a luz deve vir do interior; assim, até a própria luz é moderada segundo a condição do espírito. A luz vem, como deve vir, de dentro.

Para aquele que vos dirige estas palavras, foi uma libertação de poderes, em vez do aprisionamento de tais poderes que, talvez, tivessem estado pouco ativos na vida humana. Houve maior amplitude de visão; maior atividade de atributos e faculdades; um sentido de liberdade semelhante ao que uma ave poderia sentir ao ser libertada da prisão limitada da gaiola. Não é possível saber que inteligência transmutada existe entre o verme, a crisálida e a borboleta, mas o espírito humano leva consigo, na sua condição transformada, algum conhecimento; e entre o verme da Terra, a crisálida da mudança e as asas desdobradas da imortalidade, existem alegria consciente, acréscimo de posses, maior poder e perceção.

Aquilo que era vago e irreal na Terra torna-se claro; questões que pareciam difíceis de resolver nos estados humanos tornam-se imediatamente resolvidas para o espírito; assuntos que aqui eram considerados especulativos, transcendentes e vagos tornam-se temas da maior importância na vida espiritual. Em vez do intercâmbio entre nações, do estado do comércio ou da condição política entre governos, a grande

questão passa a ser a intercomunhão dos espíritos; a relação entre as almas, os seus atributos e poderes, conforme se relacionam entre si.

Todo o espírito que passa da vida terrena estaria pronto a comunicar se os seres humanos estivessem preparados. Existem muito poucos espíritos tão cegados pelo preconceito, tão acorrentados pelas sombras materiais, que não saibam que conseguem ver ou perceber mais do que vós. Aquilo que para vós é cegueira é perceção para eles. As barreiras estão todas do lado mortal, exceto aquelas que resultam da ignorância. Sois vós que "vedes através de um espelho obscuramente". É o estado humano que constitui o vidro obscurecido. O tempo, os sentidos e os ambientes físicos formam as barreiras. A remoção dessas barreiras constitui a perceção da existência espiritual.

O que mais surpreende a maioria dos espíritos é que não têm de ir a parte alguma para chegar ao mundo espiritual; que não são levados através de milhas e milhas de espaço, sobre vales, lagos e montanhas, nas asas dos anjos, para encontrar a Terra dos Espíritos ou o Reino dos Céus; nem através de caminhos tortuosos, descendo eternamente, para encontrar o Hades.

Ao libertar-se do corpo físico que envolve o espírito, aparentemente nos atilhos e faixas dos sentidos, o espírito toma consciência de um domínio mais vasto; encontra ali os amigos outrora conhecidos na Terra; por outras palavras, a ida e vinda do domínio espiritual, ou da "Terra Espiritual", é apenas uma figura de linguagem. O "domínio espiritual", a "Terra Espiritual", está à vossa volta, dentro de vós, acima de vós, onde quer que existam afeições.

Quantas vezes isto já foi dito, e ainda assim tantas pessoas pensam que terão de subir alguma "escada" etérea, alguma escadaria, como aquela simbolicamente apresentada a Jacob na antiguidade, para encontrar o domínio espiritual. Ele está todo ao vosso redor, mas não é vós; permeia os vossos espíritos, mas não domina os vossos corpos; realiza aquilo que pode ser realizado em benefício das condições humanas, atuando sobre os vossos pensamentos, a vossa inteligência e as vossas afeições, sempre que possível, por meio de atração; aguardando o momento em que as barreiras do tempo e dos sentidos sejam removidas.

Buscareis dentro de vós, e não fora, a resposta à questão sobre a condição dos espíritos. Quando dizemos "olhai para dentro", queremos dizer que não olhareis com os vossos olhos humanos, nem ouvireis com os vossos ouvidos humanos, nem desejareis tocar com os vossos sentidos humanos para saber que os espíritos estão próximos de vós.

Naquelas horas de comunhão em que falais convosco mesmos (e muitos o fazem em voz alta) e revistes as ações do dia, existe censura se não tiverdes agido bem, e louvor se tiverdes. E, durante todo o tempo em que falais convosco mesmos, trata-se de uma discussão entre razão e intuição, entre razão e impulso e, metaforicamente, o castigo que aplicais a vós próprios, se não tiverdes dado o vosso melhor, seria algo que não aceitaríeis de mais ninguém.

Ora, nesse domínio em que podeis falar convosco mesmos, nesse domínio onde habita o ego, nesse domínio da consciência onde resolveis os vossos problemas em filosofia e matemática, nesse domínio ainda mais elevado da verdade, do amor e da sabedoria, através das silenciosas câmaras do espírito, podeis encontrar-vos e conversar com os vossos amigos sem interrupção nem qualquer outra fraude além daquela que perpetrais sobre vós próprios.

Podeis encontrá-los ali e, para vos satisfazer de que não se trata de imaginação nem de autoengano, eles condescendem em entrar no domínio do tempo, do espaço e da substância para vos alcançar de um ponto de vista objetivo; fazem-no apenas para que essas barreiras possam ser removidas, e por vezes conversam convosco alma a alma, em vez de "através de um espelho obscuramente" pelos sentidos.

Não penseis, por isto, que estamos a menosprezar os "sinais e símbolos", as manifestações que precisam de chegar aos sentidos. Pelo contrário, todo o domínio espiritual, todos aqueles que hoje comunicam com os mortais, procuram romper essas barreiras superficiais da mente e do corpo por meio de manifestações que não podem ser negadas, por sinais que não podem ser ignorados.

Fisicamente, se precisais deles, oferecem-vos prova dos seus poderes. Intelectualmente, se a ciência precisa deles, fornecem-vos evidência dessas forças "psíquicas" ou "ocultas", a fim de, para que vós, ficando satisfeitos no plano físico (pois não existe lei externa da natureza que possua inteligência sem a consciência dos vossos amigos), possais então questionar e assegurar-vos de uma audiência convosco nas câmaras interiores da vossa vida, próximas do seu próprio domínio, onde não se encontram condições humanas perturbadoras, e onde descobrireis, ao afastardes o véu do ambiente exterior e removerdes as barreiras do tempo e dos sentidos, que os vossos entes queridos estiveram sempre à espera.

Essa é a sua ocupação: transmitir este conhecimento; é a ocupação dos espíritos aperfeiçoarem-se em conhecimento, sabedoria, amor e excelência, e desenvolverem aqueles poderes que não foram suficientemente desenvolvidos aqui, para que, nos estados sombrios do espírito e nas condições obscurecidas da vida terrena, possa nascer este maior conhecimento.

Porque nós não fabricamos relógios quando não existe tempo a marcar no nosso calendário; porque não nos ocupamos em fiar e tecer quando as nossas vestes são tecidas de substâncias como pensamento e aspiração; porque não construímos casas para amontoar dez, vinte, cem mil ou um milhão de seres humanos enquanto o sol e o ar fresco permanecem do lado de fora; e porque não erguemos palácios para nós próprios enquanto os pobres se contentam com casebres — as pessoas pensam que não existe ocupação na vida espiritual.

Mas se construir tais coisas para tornar a verdade; se levar adiante a mensagem que remove do mundo da humanidade o medo primordial da morte; se minar, mostrando a luz que existe dentro e acima das câmaras escuras da dúvida e do

materialismo; se lançar o holofote do espírito sobre condições falsas e revelar aquilo que é verdadeiro; se fortalecer cada resolução elevada, trazendo para primeiro plano a conquista pelo espírito e declarando que esta é uma vitória maior do que todas as batalhas vencidas por exércitos; se fazer tudo isto e enxugar as lágrimas do enlutado por meio de um correto conhecimento da vida espiritual é uma ocupação, então por que razão contratais clérigos para ensinar coisas espirituais?

Porque são gastas milhares de vidas tentando encontrar a verdadeira filosofia da existência? Porque razão a ciência se esforça agora por ficar em bicos de pés e espreitar para o domínio oculto e psíquico, se não for uma ocupação importante conhecer o que é o espírito e quais são as suas relações com outros espíritos no mundo?

PRINCÍPIOS AFIRMATIVOS DA IGREJA DA ALMA

na Reunião do *New Thought* de Chicago, Domingo, 11 de Março de 1906

É nosso costume habitual abrir cada alocução dando voz ao silêncio; juntar-se-ão, portanto, numa Invocação:

Ao Infinito: Amor e Sabedoria, Deus Mãe-Pai, inclinamo-nos em louvor; perante o altar visível do universo Visível voltamo-nos, sabendo que átomos e mundos e sistemas e sóis são governados pela lei Infinita, o propósito Divino; e para essa majestade de mundos em movimento, para esse esplendor de noites estreladas, para a inefável glória do dia voltamo-nos em louvor. Mas para aquele outro altar, invisível, para o santuário eterno, para aquilo que está dentro da alma inclinamo-nos em silêncio, sabendo que ali habita a resposta para cada anseio; a resposta para cada necessidade; e louvamos sem cessar. Ámen.

Senhor Presidente e Membros da Federação:

Não como representante oficial da Igreja da Alma, mas, contudo, como seu fundador e pastor que enunciou os seus princípios, e como alguém que é um com la Federação e com os pensamentos que aqui estão representados, o vosso orador apresenta-se diante de vós.

Ao declarar os princípios afirmativos de uma sociedade, não se deve esquecer que existem princípios universais que, por mais bem conhecidos que sejam, exigem iteração e reiteração. A Infinitude de Deus é uma proposição indiscutível em todo o mundo, quer estejamos na Índia, na China ou aqui nos mesmíssimos antípodas. Mas nem sempre nos lembramos disso. As pessoas no mundo exterior, por via de regra, vivem inteiramente em corpos e coisas e não sabem que, se perfurarmos a natureza em qualquer lugar, encontramos vida, e se sondarmos essa vida ainda mais a fundo, encontramos lei, e onde quer que encontremos lei, encontramos inteligência, e a inteligência que é universal é Deus.

As pessoas nem sempre se lembram de que a alma é imortal, que viemos em direção a este lugar e que daqui partiremos, que esta é uma porção da eternidade. Por isso, é necessário que se declare repetidamente que os homens não são casas de argila; que as pessoas não são as habitações em que vivem. Portanto, é preciso lembrar-lhes para sempre que, se penetrarem a humanidade em qualquer lugar, encontrarão a alma. Se quiserdes saber do homem, a humanidade mais profunda e divinal, deveis lembrar-vos sempre de que a alma está aqui.

O Dr. Thomas disse: "As pessoas falam da eternidade como algo em que vamos entrar." Nós dizemos: isto é a eternidade aqui e agora. Quando Vivekananda veio com a grande mensagem do Oriente para o Ocidente, dizendo às nações cristãs as verdades mais sublimes do Cristianismo, e fazendo um grande trabalho entre os pagãos de Chicago, ele disse que as pessoas aqui costumavam dizer: "O homem é, e tem uma alma." Como se a alma fosse uma espécie de apêndice da raça humana. Enquanto a verdade é que todos são almas e têm o uso, temporariamente, dos seus instrumentos materiais, ou formas, os quais usam mais ou menos perfeitamente, de acordo com o seu domínio sobre eles. As pessoas esquecem-se disto ao falar da vida humana, pelo que é necessário e preciso que se lhes lembre que são almas e possuem corpos humanos. A Igreja da Alma defende isto.

Depois, há outras verdades grandes e vivas. Entre elas, aquilo por que todos nos esforçamos, cada um fazendo o seu máximo, aquilo que está nos pensamentos e mentes de todas as pessoas pensantes: a Fraternidade das Nações, mas que só pode vir através do reconhecimento da fraternidade das almas. Portanto, devemos deixar de acreditar em qualquer Imortalidade exclusiva, em qualquer separação de qualquer classe no "Reino dos Céus". Por conseguinte, aquilo que é representado pelo vosso orador esta noite é: a Fraternidade das Almas em primeiro lugar, que deve necessariamente produzir uma fraternidade de nações na terra. Pois, assim como as almas têm estado afastadas devido à sua falta de conhecimento do amor infinito e umas das outras, assim também são atraídas para um maior reconhecimento de Deus e umas das outras ao saberem mais sobre a alma e esquecerem as limitações do pó. Estes três aspetos essenciais: A Infinitude de Deus, a eternidade da alma e a fraternidade de todos os seres humanos na terra e noutros mundos, ou onde quer que estejam: estes constituem as bases de todas as religiões e são os factores essenciais nas religiões do mundo.

Quando o D. Pratt disse "pessoas seriamente mortas", queríamos que ele dissesse pessoas seriamente vivas. Queremos falar sobre um interesse vivo e sério no trabalho das pessoas vivas. Naturalmente, a "Imortalidade" e a "vida eterna" no além não preocupam as pessoas que estão vivas agora e que vivem aqui; aqueles que sabem, aqueles que compreendem — o grande conhecimento que está a chegar à raça humana — que as vias de informação se abrem para cima e para dentro, de acordo com a perceção humana.

Não ficamos atrás de ninguém na nossa admiração pelas ciências e pelo conhecimento que delas deve resultar. Mas, como disse o Dr. Pratt, "Se fecharmos as portas da Intuição, fechamos a via do conhecimento" — do conhecimento a priori, daquilo que chega à raça humana de saber que sabe. Emerson disse: "a evidência da imortalidade não deve ser dada ao intelecto, esse conhecimento está no espírito vivificado do entendimento." Se o espírito for vivificado, não só não temos qualquer preocupação com a imortalidade, mas estamos perfeitamente cientes de que aqui e agora é a eternidade, que a eternidade se estende para trás e para a frente num grau ilimitado.

Os princípios e objetivos básicos da Igreja da Alma são vencer o erro com a Verdade. É um princípio bem conhecido entre os agricultores que, se plantarmos a melhor semente, aquilo que não tem valor desaparecerá. As ervas daninhas são mais facilmente sufocadas semeando relva e grão do que de qualquer outra forma, portanto, abundância de semente garantirá uma colheita.

Vencer o ódio com o Amor é o mandato divino de todas as pessoas divinas. Nós defendemos isto; temos de o fazer, não há outro caminho. Não podemos usar as armas do mundo para conquistar o mundo. Apenas armas Divinas são dadas. Estas devem estar centradas na grande vida de Cristo ou no amor, qualquer que seja o nome que escolham chamar-lhe, Buda ou outro. Mas o que quer que represente o grau mais elevado desse amor na terra, esse é o nome.

Depois, sabemos que a injustiça desaparece com a justiça; e a primeira, última e maior conquista é a superação do egoísmo e do proveito próprio pelo esquecimento de si mesmo. Muitos denominam-na "abnegação". Mas a palavra sacrifício mostra que estamos demasiado conscientes de estar a fazer algo. Diz-se: "Sacrifiquei tanto pela Verdade." O que diz a Verdade em retorno? Qualquer pessoa que esteja consciente de fazer um sacrifício pela Verdade não encontrou a verdade. Pois tão perfeito e supremo é aquilo que a verdade traz por causa da sua posse, que não se pode fazer um sacrifício. É um triunfo acrescido, uma posse acrescida. O esquecimento de si próprio na busca da verdade, na beneficência para com os outros, é a grande conquista; até mesmo aquilo que procura sob o disfarce de abnegação torna-se, passados tempos, esquecimento de si próprio. Portanto, precisamos que estas coisas cheguem às pessoas da terra e sejam novamente reiteradas.

Olhamos para o tempo presente como sendo a recorrência de um daqueles grandes ciclos Espirituais que visitam a terra periodicamente, e que são conhecidos no reino da alma como culminações. Porque, assim como sabemos que os planetas são governados por leis e estes se movem em certos ciclos, se compreendêssemos melhor a lei que controla o sol, saberíamos melhor o significado das condições atmosféricas da terra; e se soubéssemos melhor sobre aquele sol mais distante, lá longe, além das Plêiades, talvez, em torno do qual este sistema solar se move, e outros sistemas revolvem, saberíamos mais sobre a Terra e as suas condições e sobre este sistema solar.

Daqui a pouco, quando essas vibrações etéricas Invisíveis alcançarem Marte, e essas vibrações de pensamento forem traduzidas adequadamente, saberemos ainda mais sobre esses planetas que ainda não são compreendidos; mas quando soubermos, quando compreendermos tudo isto intelectualmente, se não estivermos conscientes da grande relação das almas, teremos pouco conhecimento. Portanto, quando soubermos mais sobre as vidas, devemos saber mais sobre aquilo que está mais próximo; quando soubermos mais sobre as almas individuais, devemos saber a sua relação com o Infinito; devemos manter para sempre em mente o espírito desse conhecimento, sabendo que as almas estão correlacionadas pela sua relação com o Infinito.

Isto não só permitirá que as pessoas governem as suas próprias vidas, não só as tornará cada vez menos temerosas das sombras dos sentidos, mas as tornará inconscientes da morte, as tornará inconscientes de tudo exceto da vida; que a passagem a partir da forma é apenas outro estado de existência, não! é simplesmente como uma mudança de vida. Sendo esta vida contínua, não pode haver perda. Que, assim como o Infinito é imanente em todas as vidas, assim como toda a vida é a culminação no seu ser absoluto do Infinito, assim também todas as almas são imanentes umas nas outras, e o tempo e o espaço, e o nascimento e a morte, e todas aquelas condições humanas que são transitórias não afetam estas relações das almas; que aqueles que estão vivos aqui, no tempo e nos sentidos, quer estejam separados por oceanos e montanhas, estão, no entanto, próximos em simpatia.

Descobrimos que, à medida que os sistemas de ciência melhoram e há um aumento do conhecimento das leis materiais, assim chamadas, as pessoas estão a tornar-se cada vez mais prontas para ter conhecimento desses métodos interiores e superiores. Supondo que o sistema Marconi tivesse sido pregado ou anunciado ao mundo antes de a telegrafia ter existido na sua forma mais rudimentar; ninguém estaria pronto para a telegrafia sem fios. Tinha de haver telegrafia com fios primeiro, pois de outra forma as pessoas não poderiam ser consciencializadas dessas maravilhosas vibrações de círculos elétricos que se expandem sucessivamente até encontrarem vibrações semelhantes.

Porque há um "transmissor" e porque há um "recetor" sintonizados entre si, dispensa-se esses fios maravilhosos, e a atmosfera e os éteres mais finos tornam-se o meio de transmitir a mensagem. Daqui a pouco as pessoas saberão a transmissão da inteligência. Compreenderão o significado destes "silêncios" que são tão valiosos; compreenderão o ato de se reservarem para a comunhão interior uns com os outros.

Quantas vezes pessoas que são semelhantes; marido e mulher, irmão e irmã ou amigo e amigo, estarão sentados juntos quando um dirá: "Estava precisamente a pensar em fulano." "Ora! isso é muito estranho", diz o outro, "pois eu estava mesmo prestes a pronunciar o nome dele também." Isto, em linguagem moderna, é chamado "Telepatia". Mas é esse mesmo tipo de Inteligência que, sendo imanente, prova que não há tempo, nem espaço, nem separação para aqueles que estão em simpatia. Daqui a pouco, alguém sentado em Londres enviar-vos-á um pensamento aqui para Chicago

e, como não há tempo nem espaço para o pensamento, recebê-lo-eis tão bem como se essa pessoa estivesse sentada na sala ao lado ou na cadeira ao lado.

Porque onde há um em harmonia com outro, compreendereis que não pode haver limitações de tempo e espaço. Este instrumento (um piano na sala) aqui sintonizado numa certa vibração fará com que outro instrumento sintonizado precisamente na mesma vibração responda, mesmo noutra sala. Tocai uma nota aqui e haverá o som da nota responsiva ali. As vidas estão assim sintonizadas e tocadas pelas Grandes fontes Invisíveis de Inteligência, ao ponto de um homem na América descobrir uma "invenção", assim chamada, e outro na Europa descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo, e depois haver uma alegação de infração, mas não é assim. O que impedirá aqueles que estão na mesma condição mental ou psíquica de receber a mesma ideia ou princípio que está no universo da inteligência? Apenas é necessário que o "recetor" esteja em acordo com o "transmissor".

Existem apenas duas fontes de inteligência: o Infinito e o finito, e o finito está apenas a um grau de distância do Infinito. Se alguém tem uma ideia, deve ser de uma inteligência finita com a qual essa mente está em sintonia, ou deve ser da inteligência Infinita. Outras mentes que estejam num estado semelhante receberão a mesma ideia. Poetas de todo o mundo têm dado expressão aos mesmos pensamentos, por vezes quase com as mesmíssimas palavras, dando à acusação de plágio grande plausibilidade.

Isto pode ser facilmente compreendido; porque, se existe uma palavra ou forma de discurso perfeita para a expressão de uma ideia perfeita, duas mentes podem usar a mesma forma de discurso para a expressão da mesma ideia perfeita. Não pode haver duas perfeições. Se fosse possível existirem duas pessoas capazes de expressar os seus pensamentos na linguagem mais perfeita, sendo ambas capazes de perceber um pensamento perfeito, esse pensamento viria a cada uma talvez da mesma fonte.

O escarnecedor dir-vos-á: "a Regra de Ouro não é nada, a Regra de Ouro foi pregada antes de Jesus vir; encontramos o seu sinónimo nos ensinamentos de Confúcio, encontramo-la muito atrás nos escritos de Zoroastro, e encontramo-la em muitas das escrituras dos antigos." Mas nós dizemos: tanto melhor. Quem quer que tenha estado na mesma altura receberá a mesma mensagem. Debaixo da árvore de Buda, não comungou Buda das mesmas condições de arrebatamento que Jesus no Monte da Transfiguração? Não estão todos a alturas iguais em condições semelhantes? Deverá um neutralizar o outro? Pelo contrário, isto é apenas uma evidência acrescida: altura somada à altura e glória somada à glória. Quem quer que, não tendo ouvido falar do Monte das Oliveiras, proferir o Sermão do Monte da Paz hoje, também tocará essa altura.

Não o compreendemos? Não nos apercebemos de que todos aqueles que se estão a voltar para a luz devem, cada um e todos, num determinado momento, receber a mesma inspiração? Devemos nós reivindicar nesta pequena sala, ou nas ministrações da nossa própria igrejinha, que temos toda a Verdade, e a única Verdade? Não

devemos nós compreender que aqueles que caminham em direção à mesma meta devem receber a sua orientação da mesma luz? Não devemos nós também compreender que, em cada um destes ciclos de verdade espiritual, vêm derramamentos semelhantes do espírito sobre a terra?

Como disse há poucos momentos: compreendemos pela astronomia a que horas certos cometas devem chegar; estamos cientes do momento do periélio e afélio dos planetas, e de certas condições que resultam das suas posições e relações com o sol e outros planetas. Então por que não destas maiores leis espirituais? Por que não daquelas vidas que se movem como orbes de esplendor sobre la terra e passam para os seus lugares designados, mantendo ainda a luz e transportando a mensagem?

Não é o Cristo morto que os homens procuram em Jerusalém. "Nem no monte nem em Jerusalém os homens adoram", mas o espírito de Deus que está em toda a parte. Nem é a olhar para trás que encontramos sempre a melhor mensagem. Poderíeis vós alimentar os famintos de Chicago com o trigo que José guardou para os egípcios e para os seus irmãos? Não! o trigo que cresce nestas vastas pradarias é vosso. É outra colheita, e o grande ciclo do tempo trouxe a grande abertura deste vasto celeiro do mundo. Devemos nós procurar, portanto, o sustento espiritual apenas no passado? Não está o "Deus Vivo" tão perto hoje como estava outrora? Não há outro para tirar este povo da escravidão, bem como Moisés? Não está o Monte das Oliveiras muito perto daqueles que o procuram? Não continuam aqueles anjos que brilharam no Monte das Oliveiras durante a noite a ser os ministrantes? Não chegam eles até vós aqui, como ali, através daquelas inefáveis, embora invisíveis, vibrações?

"Todas as casas", disse o poeta, "em que os homens viveram e morreram são casas assombradas." Mas não são assombradas por fantasmas, são assombradas por seres vivos e imortais. Neste grande e maravilhoso "silêncio" no qual atravessais o visível, assim chamado, e entrais no invisível, não vos afastais para o "reino dos céus"; não passais além da fronteira do tempo e dos sentidos para o mundo superior, mas é aqui e agora. "Milhões de seres espirituais caminham na terra invisíveis, tanto quando acordais como quando dormis."

Milton, Hesíodo, todos os poetas viram e compreenderam isto, e esta grande pulsação do infinito que vos chega de longe. Quem foi na pequena Corte de Weimar onde Goethe e Schiller transmitiram os primeiros vislumbres daquele período maravilhoso e místico que estava a chegar à Alemanha?

Quem foi que, a partir de um maravilhoso silêncio do espírito, deu a conhecer através das vozes dos poetas ("Os Mistérios da Reminiscência", de Schiller), as perceções divinas que transcendem todo o conhecimento exterior? Não deveremos nós perpetuar e manter estas vozes abertas? Não deveremos nós também encontrar a ministração de Deus e as ministrações das almas próximas? Não deveremos nós estender a mão com esses braços invisíveis, apelando àqueles que anseiam e desejam ministrar? Através do mar, a mãe ouve a voz do seu filho, não é uma voz física, mas o grande amor que chama e por vezes faz sinal.

Afirmamos que o valor disto é profundo; que não é vão, que nenhuma alma se estende para outra pedindo ajuda e dando ajuda, a que não se responda. Nada vos pode falhar que seja vosso. Nada pode deixar de vos alcançar que vos pertença. Mas aquilo que não vos alcança pode ser a palavra exterior, a mensagem falada, a carta interrompida, a comunicação por telégrafo; mas as grandes forças invisíveis, embora palpáveis, do universo trazem-vos o pensamento e o amor que é vosso na sua abundância e na sua plenitude. Hoje o mundo está a ceifar esta colheita. A ciência não teria tal colheita como a de hoje se não fossem estas forças propulsoras da terra que vêm de dentro. Não! Na sua forma mais externa, na sua análise mais rudimentar, o materialista pode descobrir que não há nada na sua tese sem a alma que está mais além.

Gostámos do que o vosso presidente disse sobre a fé. Não é cegueira, mas conhecimento, porque os olhos da alma estão abertos. É aquilo que a alma sabe, as coisas que são percebidas. A fé é o conhecimento a priori da alma. É aquilo que sabeis porque sabeis, e é porque o sabeis da autoridade mais elevada, a alma, e a eternidade dentro da alma. Portanto, ao falar destas coisas — e a voz proclama-as — o poder que pertence ao reino Invisível, embora palpável, é o poder, não só do Omnipotente, mas de cada vida humana, e cada vida humana tem direito à sua atividade mais elevada, aos seus esforços mais nobres no domínio que é potencial. Cegas e surdas têm as pessoas caminhado. Agora já não são obrigadas a ser cegas e surdas. Se as pessoas têm sido guiadas pelos sentidos, já não são obrigadas a ser guiadas pelos sentidos e pelos atrativos do pó. O tipo de vida que pertence a esta época é o da grande renovação da vida.

Estamos agora a aproximar-nos de um daqueles grandes ciclos recorrentes. É-nos dito não só pelas condições planetárias atuais, mas por aquilo que se conhece do conhecimento do ciclo até ao passado distante, como os astrónomos e as tabelas do Egito. Compreendemos que o grande ciclo está prestes a cumprir-se no tempo presente. Será um cataclismo físico que atingirá apenas o mundo exterior e não pertencerá ao mundo superior e interior? Não haverá uma agitação mental correspondente às perturbações físicas, vulcões e terramotos? De facto, aquilo que pertence à "nova terra" pertence também ao "novo céu". Sim! É o Novo Céu que precede a Nova Terra. "E vi um Novo Céu e uma Nova Terra." O que significa que o espírito vem primeiro e o material responderá. Cada nova reforma, cada novo crescimento de pensamento que chega ao mundo é precedido pelo espírito do mesmo.

Não se constrói o corpo primeiro para depois soprar nele um espírito, mas o espírito impele o corpo para a frente e depois a vida resulta. Assim, onde todas as coisas estão a agitar-se na vida humana, esta grande mudança de ciclo está sobre a terra. O novo período Messiânico está prestes a acontecer. O novo Cristo na humanidade vai nascer, o novo dia do anúncio está aqui. Não a forma visível, talvez, não aquilo que estará na grande humanidade reconstruída, mas cada vida humana está a carregar a sua profecia deste Novo Reino dos Céus que está a chegar à terra. Pensais

que pertence simplesmente a casas e terras, à existência física e à guerra entre nações? Sim! O Conde Tolstoi respira paz no meio de uma grande revolução.

Vidas brotam do meio das sombras para declarar a luz. Os grandes elementos estão aqui que contribuem para a paz entre as nações, enquanto ainda há vastos preparativos para a guerra. Aquilo que encontra a humanidade nos bairros degradados, como Jane Addams faz. Aquilo que canta as pessoas para fora das sombras, como o Exército de Salvação faz. Aquilo que as alcança nas suas próprias condições, como fazem alguns destes pensamentos que estão a espalhar-se pelo mundo. Mostrando os sinais da grande vida nova, e acenando que o grande ciclo está aqui.

Quem são os anunciadores? Eles surgem de muitos lugares humildes, encontram-se entre muitas esferas da vida, escrevem livros e poemas, declaram-no na literatura do mundo, percola através de cada departamento da vida. Não se pode pegar num livro, ou ler uma página em qualquer volume que não contenha os seus prenúncios. Mesmo que haja "falsos cristos", como lhes chamam, e "falsos profetas", nunca houve uma sombra sem a luz, nunca houve aquilo que se diz ser falso sem o verdadeiro. Nenhuma moeda que não exista foi alguma vez falsificada; e aqueles que confundem a sua pequena quantidade de inspiração com inspiração messiânica apenas confundiram a sua proporção da luz. É muito fácil para qualquer pessoa sentir-se muito exaltada por uma pequena inspiração. Então, como será quando a grande maré cheia destas forças invisíveis for libertada sobre o mundo e esses poderes que estão na vida humana forem fortalecidos para avançar?

Houve um tempo em que não sabíeis que estáveis a respirar oxigénio, e houve um tempo em que não sabíeis quão grande percentagem dele é destruída no próprio ar que respirais nas vossas habitações. Como, então, sabereis a quantidade de intuição que dia a dia se exerce no vosso meio? Como, então, saberão as pessoas as grandes forças espirituais dos seus próprios seres que, subjacentes aos obstáculos da vida humana, pressionam para a frente em direção a cada esforço abençoado, cada coisa bela e útil?

As manifestações de Deus estão no universo, mas Deus é a voz da alma. Não sabeis nada sobre Deus a partir do universo material, este conhecimento não está lá. O grande livro da natureza é para homens de ciência como o nosso amigo aqui, mas ele não encontrou Alma, Deus, Intuição lá. Ele dir-vos-á que sim. O materialista para aí. Mas a voz de Deus é a partir da alma; a sua via é a Intuição e a sua voz o pensamento da humanidade. Escutai-a, ela acena-vos para a frente e para a frente, diz-vos que não há alma que alguma vez tenha encontrado expressão na vida humana que ainda não exista, dando voz a essa voz de Deus algures, em qualquer lugar, neste mundo ou noutros mundos. O tempo e o espaço não são nada, mas através destas barreiras que parecem interpor-se, esta grande maré cheia é vossa.

Fechareis vós a única via através da qual sabeis absolutamente alguma coisa? Nenhuma observação da ciência, nenhum *experimentum* (...) no próprio cadinho da química, nenhuma análise pela matemática vos pode fazer saber este conhecimento

que é impalpável, evasivo, que nenhum químico pode analisar, este algo que faz com que o vosso corpo não seja quimicamente diferente amanhã do que é hoje, contudo amanhã pode ser o que se chama morto. Hoje, o que quer que sejais, isso tem conhecimento e permeia a vossa forma com a sua inteligência e atividade, permeia-a com a sua beleza e encanto, isso torna a vossa vida dominante, mas nada fará por ela amanhã se for convocado para o estado interior e superior. Portanto, é este estado que vos está a solicitar e a chamar-vos sempre para as câmaras mais elevadas do vosso ser. Já alguma vez estivestes no fundo de uma mina de carvão? (O vosso orador já esteve.)

Se sim, vistes pessoas a existir ali, e sabeis que são vidas que pulsam, pensam, amam; e há pessoas no mundo que pensam que essas vidas têm direito a algum grau de sol e ar fresco. Assim, nestas habitações que estão abaixo do nível da intuição, se alguém vos disser que há outra parte, mais elevada, da habitação, que há uma grande extensão de vida de que nada sabeis, que tendes o vosso lugar nas muitas moradas da casa do Pai, e que não precisais de morrer lá em baixo para as ganhar, que tendes apenas de ocupar estas muitas moradas enquanto estais aqui. Habitai o melhor que for vosso, das intuições, da inteligência que está a ligar as vossas vidas, e a perspetiva é muito melhor para a vida.

O Sr. Ingersoll disse: "Um mundo de cada vez é suficiente para mim." Mas se isso for uma cave, não é suficiente. Se viveis num rés-do-chão, não é suficiente. Lá em baixo (pisos inferiores do Templo Maçónico) eles não podiam ver aquela lua brilhante de que o nosso amigo (Dr. Pratt) acabou de falar, nem a bela radiância cintilante que a lua espalhou sobre o lago; mas aqui, mais acima, podereis ver tudo. Assim, nesta altitude da alma, podereis ver a humanidade muito melhor; podereis compreender a vida muito melhor. Muitas pessoas cruzaram o oceano apenas para subir aos Alpes ou às Montanhas Rochosas com o propósito de ver a vista. Subi ao Monte da Transfiguração, ao Monte das Oliveiras; subi à altura de Gaya e vede que visão da vida está ali; vede as almas, aquelas que subiram "através da grande tribulação", com o "novo nome" nas suas fontes, a "pedra branca" do amor imortal. Por que não deveríeis? Esta grande altura não só não incapacita as pessoas para a vida diária, mas torna cada dever mais claro e mais forte, é a medida maior de saber que o passo seguinte é todo o passo que pode ser dado, é la medida maior de compreender que a terra tem direito ao melhor em vez do pior para a vida humana.

Tudo o que pretendemos defender é que os seres humanos expressem todos os dias o melhor que sabem. Nenhum Deus, nenhum anjo, nenhum espírito, nenhuns seres humanos podem pedir mais.

O melhor que sabeis hoje; amanhã poderá haver outras alturas, outras conquistas, mas hoje o mais elevado que sabeis. E esse mais elevado não consiste simplesmente no conhecimento das coisas pertencentes à "melhor" expressão; porque se o conhecimento estiver lá, a expressão virá. O fazer o bem é o resultado de conhecer perfeitamente o bem. Começamos na outra extremidade da linha em relação à que é habitualmente ensinada: começamos com o conhecer e depois o fazer, preceito e

exemplo. Mas conhecimento antes que o preceito possa ser dado. O crescimento da planta é a partir de dentro, o sol exterior brilha sobre ela como o amor Infinito e atrai-a para fora.

Queridos amigos, estas alturas não estão longe noutro reino qualquer, não são "inatingíveis", não são coisas que sejam ténues, distantes ou vagas.

As coisas ocultas só são misteriosas porque são invulgares. Mas é ao "caminho pouco frequentado" que se está a apelar agora; é a voz junto daquela porta pouco frequentada que está a chamar a humanidade! Coberta de silvas e abrolhos pode estar, mas é a voz do espírito, a luz da alma, a Inteligência divina a suplicar-vos para habitardes as vossas muitas moradas aqui e agora. Fazei-as, criai-as. Vós estais a construir as vossas habitações agora; não do pó, que se desmoronará, não de coisas materiais que passarão em ciclones ou terramotos, ou tempestades, ou pela inclemência do tempo, mas as grandes coisas impalpáveis, invisíveis, eternas, elas duram para sempre. Apelamos a isto dentro de vós, pedimos-vos que façais esta estrutura, sabemos que estais a ajudar a construí-la, e cada um que constrói traz ao Mestre Construtor a coisa mais perfeita que sabe.

É por isso que é melhor reunirmo-nos. É por isso que o *New Thought* exige o melhor que tendes. Deveis dá-lo, não só na vida diária, mas quando vos reunis; o melhor que sabeis, o melhor que tendes, o esforço mais elevado em prol da colheita da verdade.

Vinde para esta habitação maior, pois assim como todos os templos na antiguidade estavam sobre alturas em símbolo, e a jornada até lá era o esquecimento de si mesmo, assim toda a construção espiritual deve ser em direção ao mais elevado que a humanidade espera de vós.

Apresentará o artista para exposição o seu primeiro quadro imperfeito? Pedem os escultores que olheis para as experiências nos seus estúdios? Está o químico satisfeito em exibir o que se poderia chamar os seus fracassos, que são apenas degraus? Não! ele diz: "Encontrei-o, isto é o que desejo que vejam, não importa por que caminhos vim, não importa por que experiências o alcancei, aqui está." Esta é a altura, esta é a verdade perfeita, esta é a única conquista. Chamai-lhe o que quiserdes, mas na sua divindade e na sua perfeição é a profecia da raça humana perfeita.

Jesus nunca declarou nada impraticável. Ouvireis às vezes que estas coisas, como a Regra de Ouro, nunca foram destinadas a ser praticadas. Então elas nunca teriam sido anunciadas. Aquilo que é anunciado e seguido por um é a profecia para toda a raça humana. Ouvis uma canção algures, desejais cantá-la; ouvis uma sinfonia divina algures, desejais compor uma; ouvis falar de uma vida que é perfeita; algures no tempo a vossa vida será perfeita, e algures e nalgum momento nesta terra o grande anseio será cumprido, e aquilo que virá depois será a plenitude acrescida. Pois se pelas encostas da eternidade abaixo, ou através dos espaços, houver algum planeta tão obscuro e sombrio como esta terra, nalgum momento e algures nos grandes ciclos da eternidade

vós, também, podereis subir às alturas como Buda fez, ou como Jesus fez, e dizer às pessoas daquele mundo sombrio: vinde para a morada de meu Pai; vinde para "as habitações não feitas por mãos, eternas nos céus".

AJUSTANDO-NOS AO UNIVERSO

Chicago, 1 de Outubro de 1905

"Para onde irei eu do teu espírito? ou para onde fugirei da tua presença?

"Se eu subir ao céu, tu ali estás; se fizer a minha cama no inferno, eis que tu ali estás.

"Se eu tomar as asas da manhã, e habitar nas partes mais extremas do mar, até ali a tua mão me guiará, e a tua destra me susterá."

Quer no inferno quer no céu, quer na Terra quer em qualquer outro planeta, que importa isso, se se conhece o Centro, o Poder Supremo?

Antigamente, nas eras obscuras, a astronomia falhava porque as pessoas faziam desta pequena e diminuta Terra o centro do sistema solar. Conseguiam calcular os eclipses; não conseguiam falar dos outros planetas; ficavam sem compreender. Mas logo que, com o olhar da matemática — a única ciência material exata — descobriram que o Sol é o centro; logo que descobriram que todas estas estrelas giravam em torno do Sol, em vez de o Sol, a Lua e as estrelas girarem em torno da Terra, os seus cálculos tornaram-se mais exatos, quase perfeitos; e quando, pela observação daquilo que é conhecido como a precessão dos equinócios, descobriram que havia outro centro, mais distante, tornaram-se ainda mais exatos porque puderam fazer cálculos matemáticos para as rotações do sistema solar em torno desse centro mais distante.

Dificuldades no Ajustamento

Assim, sempre que alguém faz de si próprio o centro do universo, haverá muros de pedra aqui e obstáculos ali, eclipses inesperados e tempestades que não sabe como enfrentar. Sempre que pensas que o universo está a fazer algo contra ti em vez de por ti, terás dificuldades e queixar-te-ás. É esta atitude para contigo próprio que constitui a grande dificuldade de ajustamento aqui. "Porque é que houve tempestade hoje quando eu queria ir à igreja?" "Porque é que as pessoas têm de fazer isto ou aquilo ou outra coisa apenas para interferirem comigo?" "Porque é que alguém nasce, ou porque é que alguém morre, apenas para me castigar?" "Porque nasceu o meu filho cego, ou este aleijado, ou aquele qualquer outra coisa, só para me causar mais problemas?" Claro que esta atitude não vê senão tudo o que é sombra, mas convida as sombras; sai ao encontro delas, corre daqui para ali à procura de dificuldades, que "as outras pessoas" estão sempre a criar.

Logo que começas a compreender que não podes sair do universo, por mais que tentes, reconciliar-te-ás com o teu ambiente e tirarás o melhor partido dele onde quer que estejas, e saberás que, quando chegar o momento, darás o passo seguinte.

A maioria das pessoas é como bebés. Claro que o bebé começa por ir para um lugar no lado oposto da sala e segue, segundo a natureza, em linha reta, nunca reparando no banco ou na cadeira que está no caminho. Claro que o bebé cai. Se for um bebé crescido, "alguém pôs aquilo ali para as pessoas tropeçarem". Depois o bebé, como o bebé crescido, começa a raciocinar; o bebé tem de aprender a trepar da próxima vez. Depois, antes de o bebé começar a construir estradas — outro estado de expressão física — o bebé apenas conhece a próxima melhor coisa: trepar por cima das barreiras. Os homens primitivos são bons trepadores; passam por cima das colinas em vez de as contornarem; não hesitam em usar os pés.

Só depois de começarem a construir estradas — outra fase de crescimento complexo — é que passam a contornar o obstáculo e não a trepar. Sem dúvida, quando as pessoas regressarem às condições primordiais da alma, descobrirão que os obstáculos estão ali para ser ultrapassados. Faz parte do desenvolvimento do pequeno bebé aprender a trepar. Se houver uma escada em qualquer lugar, o bebé encontrá-la-á. É preciso colocar muitas barreiras para impedir o bebé de trepar; mesmo que tenha uma ou duas quedas, isso não faz diferença, o bebé trepará. O grande segredo da vida é que todas as pessoas desejam trepar; todas querem alcançar algo que parece inacessível, mas se esta ou aquela ou outra barreira intervém, pensam que alguém a colocou ali de propósito para as impedir. Como sabes tu se não será verdade que ela está ali para tornar necessário que trepem?

Então as pessoas começam a pensar que alguém está sempre a tentar fazer alguma coisa contra elas. Por vezes as pessoas têm naturezas desconfiadas, e pensam que este ou aquele que foi amigo está sempre a fazer algo contra elas. Ora, as probabilidades são nove para um, ou noventa e nove para um, de que essas pessoas nem sequer estão a pensar nos desconfiados. Claro que isso não é muito gratificante para a sua vaidade. Mas as pessoas geralmente não saem do seu caminho para fazer mal aos outros, exceto quando querem "mantê-los sob controlo" para lhes tirar dinheiro, ou para obter alguma influência que os force a contribuir para algum propósito. Só por vingança, o que é muito raro, ou por algum motivo egoísta, é que as pessoas se dão ao trabalho de agir contra alguém.

Na maior parte das vezes o universo não está a fazer nada contra ti. As estrelas continuarão o seu curso, a Terra continuará a girar, terramotos na América do Sul e nas Ilhas Sandwich, ou em Itália ou na Grécia, abalarão a Terra e engolirão cidades; o Monte Vesúvio irá...

…não será silenciado por tudo o que a Igreja de Roma, e todas as outras igrejas do mundo, possam fazer. O universo está ajustado às leis e métodos universais. Tudo pode estar uno com essa lei, tudo pode estar uno com as coisas que estão ajustadas a essa lei. Mas tu ou nós não podemos combater o universo isoladamente. Fazemos parte

dele, e essa é a sublime beleza da situação. Só temos domínio sobre o nosso ego e pensamento, não plenamente sobre o ambiente; ainda assim, a posse da entidade é nossa; mas não podemos sair do universo porque estamos ofendidos; e não podemos denunciá-lo para depois regressarmos outra vez e entrarmos no universo. Somos sustentados por aquilo que é semelhante a nós próprios.

A parte que é como o pó é sustentada pelas leis que governam o pó; a parte que é como a Inteligência do universo é sustentada por essa Inteligência. Não decidimos seguir algum outro caminho quando descobrimos que o mundo se movia sobre o seu eixo. Mas, embora o possamos fazer nas nossas aeronaves e pelos nossos motores, não decidimos que teremos outras leis além daquelas que governam o mecanismo do mundo.

Poder do Espírito

Sabemos que existem outras forças na inteligência humana que não apenas podem cooperar com a natureza, mas que, se tomarmos corretamente essa parte do universo, acreditamos que a alma pode transcender a natureza física. Nunca podemos exceder a lei material exceto através de um conhecimento do poder do espírito; e esse poder é governado pelas suas próprias forças reais que pertencem ao espírito. Quando somos uno com Deus no universo que pertence a Deus, estaremos ajustados. Ora, evidentemente, todas as leis da química, todas as descobertas de homens como Edison, todas as explorações no domínio da ciência material são apenas adaptações às leis que governam o universo material. Se formos contra os ventos, subimos alto segundo princípios que podem ser calculados matematicamente; se remarmos rio acima, tomamos em consideração a força da corrente; se o vento nos é contrário, também o tomamos em consideração. Não pensamos que os ventos nem as correntes do rio estejam ali para nos contrariar.

Neste domínio do universo material, quanto maior a mente, maior o controlo sobre os elementos. Isto porque a mente está ajustada para saber que se deve agir em conformidade com os grandes propósitos da natureza. O objetivo da ciência não é ultrapassar esses propósitos, não é pô-los de lado, mas trabalhar em harmonia com eles, para que toda a tempestade seja a nossa asa, toda a tormenta a nossa fonte de força.

“Rezamos por chuva; contudo, quando o dilúvio chega, mal estamos preparados para ele. Rezamos pelas asas purificadoras dos ventos; contudo, o tornado e o ciclone parecem desafiar-nos. Rezamos para que todas as forças da natureza tragam uma colheita abundante às nossas portas e navios aos nossos portos carregados com a riqueza do mundo — ou com uma parte dela — mas esquecemos que a colheita dos campos e o comércio de todo o mundo não são os únicos objetos da natureza. Este campo de trigo ou aquela vinha daquele homem não são as únicas proposições do tempo de Verão. A razão por que as pessoas hoje não conseguem governar melhor os elementos é que olham para o universo do estreito ponto de vista do egoísmo pessoal.

"Agora quero chuva", diz um homem. Mas ele não sabe do homem ali adiante — esse homem pode não a querer. Um homem diz: "Quero este ou aquele tipo de tempo", mas não pensa no outro homem ali adiante que pode não querer o mesmo tipo de tempo. Ora, alguém pode ter chuva e outro sol logo que as pessoas se adaptem aos métodos que o universo emprega. Quando conheces os métodos que a natureza emprega para criar uma tempestade, podes ter uma. A maioria de vós pode ter um ciclone doméstico a qualquer momento. Mas os elementos parecem desafiar-vos.

A verdade é que a recolha da quantidade necessária de vapor para produzir chuva é apenas uma questão de conhecimento mais aprofundado dos métodos do universo; e todo o estudo numa direção científica ao longo dessas linhas produzirá os seus resultados frutíferos logo que as pessoas estejam preparadas. Mas as pessoas não estão preparadas. O grande intelecto do homem requer anos para chegar ao limiar do espírito. Esta espiritualidade foi esquecida; foi encerrada na teologia das igrejas do mundo e nunca usada, ou caiu nos areais movediços e rochedos do materialismo. O espírito do homem deve ser cada vez mais desenvolvido para responder às exigências do ser humano ao adaptar-se ao universo.

Com que frequência as pessoas se sentem como alienígenas, com que frequência se sentem órfãs, com que frequência sentem que se afastaram da casa do Pai, da sua espécie, e não sabem como refazer os seus passos. Felizmente, não tens de refazer os teus passos desde a estrada, por mais sinuosa que seja, ou por mais profundo e escuro que o vale seja; ele conduz a Deus e à alma. Não te podes perder na selva, não te podes perder em navios no mar, não te podes perder em lado algum. Portanto, onde quer que estejas, podes adaptar-te ao universo das coisas e ao Infinito. Porque é apenas um passo das coisas para as realidades maiores.

Alexander Selkirk (ou Robinson Crusoe), o conto da tua infância e da infância do teu avô, era uma ilustração da adaptação do homem à natureza, de tirar o melhor das coisas. Se tivesse aberto pequenas brechas maiores no espírito, se o grande universo da inteligência tivesse sido aberto para ele, essa vida humana particular não teria tido tantas consequências. E o conhecimento chega quando ainda supondo que todas estas coisas falham; supondo que o teu trabalho falha; supondo que a tua vida falha; supondo que a tensão da vida material se quebra, não estás fora do universo, não estás fora da tua alma, não estás afastado de Deus. O universo contém todas as proposições de que necessitas; guarda tudo o que queres saber ou compreender. É apenas uma questão da tua chegada, de estares preparado.

Ora, tal como o bebé, a menina e o rapaz podem fazer muitas grandes perguntas que não podem ser respondidas enquanto não crescerem; e depois fazem muitas grandes perguntas que ainda parecem sem resposta, mas cuja resposta existe. O problema das pessoas é que querem a resposta antes de estarem preparadas. Não sabem o que querem. Muitas pessoas dizem, quando têm oportunidade de fazer perguntas, que o mais difícil é saber o que perguntar e como formular a questão. Para

uma pessoa que consegue inteligentemente fazer uma pergunta e compreendê-la, a resposta não está longe.

O Propósito do Universo

Depois as pessoas dizem: “Oh, se eu fiz o meu melhor, não vejo porque é que esta ou aquela calamidade me deveria acontecer.” Milhares e milhares e milhares de pessoas fazem o seu melhor e, ainda assim, as coisas parecem acontecer-lhes. O significado disto não é que tenham sido escolhidas como exceções para que tal lhes aconteça, mas que, se isso faz parte do plano e propósito do universo, então essa coisa surge inevitavelmente nesse caminho. Mas a provação não é eterna, não te domina para sempre. Muitas vezes a tristeza de hoje é tão pesada que cega os olhos para a luz do sol, apaga a flor em desabrochar, faz o mundo inteiro parecer sombrio; mas em seis meses ou menos perguntar-te-ás como alguma vez pensaste que tudo era tão escuro. Toda esta mudança aconteceu porque estás mais uma vez ajustado ao teu meio envolvente. É verdade, evidentemente, que a primeira grande tristeza deve atingir todo o ser humano.

O animal irracional, que participa da vida da sua espécie, ou do seu dono, não possui grandes fontes recuperadoras dentro da sua alma; não possui aquela parte da vida que conhece algo para além da vida física, não é preenchido pela esperança que toma posse de ti quando estás ao lado da sepultura de um ente querido, aquela consciência, aquela perceção interior que sustenta e fortalece da maneira mais maravilhosa; aquele vasto outro reino, ao qual não estás conscientemente ajustado, mas que irrompe sobre a vida humana e toma posse dela, é aquilo que sustenta todo o ser humano quando aquilo a que se chama morte chega ao agregado familiar; qualquer que seja a fé ou forma de religião, ou a ausência dela; Ingersoll junto à sepultura da pessoa amada; o espiritualista junto à sepultura do seu ente querido; o membro da igreja junto à sepultura da pessoa amada; todos retiram desse vasto outro reino o único conforto que existe. E é semelhante em cada caso, embora lhes chegue sob nomes diferentes: fé em Cristo, fé no universo ou fé na imortalidade da alma. Não importa qual seja o nome; o grande universo da alma ajusta-te a ele depois de algum tempo.

Ajustando-nos ao Universo

Pouco a pouco deixas de tentar ajustar o universo a ti próprio e começas a ajustar-te ao universo. Então a tempestade no mar não te assusta; não corres contra os rochedos; os cardos e espinhos não te ferem tão ferozmente. Deixa que isto se estenda através do universo moral e espiritual e resolverás o problema da vida. Nem tudo deve ajustar-se ao meu padrão, mas o meu padrão deve ajustar-se a tudo. É como resolver a questão da economia política; nem tudo para a multidão, nem tudo para o reino, nem tudo para um só, mas tudo para todos.

Quando começamos a ajustar-nos ao universo, começamos a ajustar-nos às pessoas. Descobrimos que as pessoas não estão deliberadamente a esbarrar connosco na rua; não pretendem magoar-nos. Exceto quando chocam contra o nosso calo

favorito, o nosso braço dorido, então pensamos que o fazem apenas para nos ferir. É neste ou naquele ponto precisamente onde somos tão sensíveis que as coisas nos magoam. Mas a verdade é que as pessoas estão apenas a seguir em frente e essas coisas acontecem. Não podemos pensar que toda a família humana está apenas a tentar magoar-nos. Quando deixamos de pensar assim, começamos também a ver que as especiais não estão a tentar ferir-nos. Na maior parte das vezes estão a tentar ajudar-nos. Não são piores do que nós; estão a tentar ajudar-se a si próprias, tal como pensamos estar nós. Quando este pensamento toma posse da raça humana, cada ser humano verá por si mesmo que ele ou ela é um mundo a ser conquistado por si próprio. Mas existe também um universo ao qual devemos ajustar-nos; isto é, todas as outras vidas que existem no universo. É este reconhecimento, esta consciência de estarmos adaptados aos outros.

Ora, não é falta de princípio adaptar-te ao teu meio envolvente. Tornar-se-iam mártires aqueles que batessem com os seus corpos contra muros de prisão ou barreiras. Pascal, escrevendo poemas imortais, sobreviveu mais tempo do que se tivesse destruído o cérebro a tentar abalar as paredes da prisão. A conquista chega por outros caminhos. Quando as coisas físicas não podem ser movidas, as coisas espirituais são as mais triunfantes. Quando o escravo não podia deixar o seu senhor por causa dos cães de caça e dos guardas, o espírito estava livre na oração — encontrando-se para conhecer e profetizar o dia da liberdade.

O Maior Reajustamento

Hoje, seja qual for o ambiente, sejam quais forem as dificuldades, não vale a pena bater com a cabeça contra um muro de pedra. Não se pode derrubar o Truste dessa maneira; não se pode fazer nada com o poder de Mammon dessa forma. Não destruas o teu cérebro em quaisquer esforços fúteis. O maior reajustamento é o reconhecimento da fraternidade das vidas humanas. Quando o membro da igreja reconhece essa fraternidade, os muros desmoronam-se. Não existe possível cristalização de Mammon. Não mudas com este reajustamento; é a mudança na tua natureza; o método mais elevado é o único método verdadeiro.

“Curar Satanás com Satanás” é um método obsoleto; pertence ao passado. “Vencer o mal com o bem” está no grande reajustamento do futuro. Entra em linha com o método maior, entra em cooperação com as forças maiores e mais poderosas. Que o Czar e o Imperador, o rei e a realeza façam tratados, se quiserem. Que Satanás acorrente Satanás, se puder. Mas os anjos podem quebrar os grilhões, pois tais como esses nada sabem deles. Pedro saiu da prisão, e os Discípulos venceram sob o domínio do poder maior; as vossas próprias vidas tornam-se livres de correntes por causa desta grande lealdade uns para com os outros.

Quando alguém está ajustado à humanidade maior, ao universo maior, às forças espirituais, a lealdade a este rei, ou àquele imperador, ou a este governo nada significa. Não podes ser desleal se fores leal à humanidade. Quando William H. Seward anunciou a “lei superior” em relação à escravatura, aqueles que defendiam a

escravidão chamaram-lhe "traição" e disseram que ele era desleal ao governo, à Constituição e às leis. Mas, sendo leal à liberdade, à humanidade e à lei que incluía o escravo e o senhor de escravos, tornou-se leal à nação e a Deus. Claro que o florescimento do antigo tipo de lealdade era a guerra.

O florescimento da mais alta lealdade foi então a Proclamação da Emancipação. Mas, amigos, se é uma vida de martírio, ou o custo de uma vida física, não é tão mau pela liberdade como o é pela servidão, escravidão e domínio militar. Quem lamenta os milhões de vidas perdidas para promover uma Coroa, ou para promover um Governo numa posse injusta? Aqui estão mártires a caminhar diretamente para a forca, ou para a prisão, ou para a crucificação social, e as pessoas pensam que eles não querem morrer.

Diz-se que o cobarde hesita antes de pegar em armas pelo seu país. O homem e a mulher corajosos não se colocarão contra o universo, não se colocarão contra os grandes princípios imutáveis. Esses homens que estão prontos para regressar disseram no parlamento ou no congresso, ou noutros lugares: "Preferimos ter razão do que ter o rei ou o presidente," podem ou não conhecer o valor do que…disseram. Mas conhecendo o que é correto, nenhum ser humano pode permitir-se ficar do outro lado. Conhecendo os princípios corretos, nenhum ser humano pode permitir-se não falar e não agir. E como isso significa colocar-se em acordo com o universo, mesmo que aí exista martírio. Mas o mártir não sente como tu sentes a respeito disso.

Aquele que sacrifica o que se chama a sua vida pela verdade ganha a sua vida. Não sente que seja um sacrifício. Se estás a lamentar-te e cobardemente assustado com a atribulação que a verdade te traz; se dizes: "Oh, sim, sou espiritualista, mas isso custou-me um bom negócio"; "sou reformador, mas paguei caro por isso", que queres dizer com isso? O que queres dizer quando os portões do céu te foram abertos e os teus entes queridos te foram restituídos? Quando estas forças te deram meios para interpretar o significado da vida e da morte? É porque temes esta ou aquela opinião humana, é o pensamento da Senhora Grundy, ou algo que alguém disse. O que é isso?

Não te podes permitir fechar as portas do céu quando elas te foram abertas, porque a tua vizinha critica. No nosso ajustamento ao universo, a Senhora Grundy não deve ser considerada. Porque a Senhora Grundy acredita na "última novidade", acredita na moda mais elegante, e a sua vida é devotada ao culminar daquilo que é mais elevado e melhor. Edison não dá a mínima para a Senhora Grundy se puder compreender as mais recentes e elevadas vibrações elétricas. Astrónomos que atravessam continentes e mares para descobrir o que será revelado durante um eclipse do Sol não se importam se a Senhora Grundy pensa que o dinheiro foi bem gasto ou não.

O Universo é Nosso

No eclipse total dos céus, o eclipse espiritual total que parece cair sobre o mundo, aquele que vê a coroa do sol espiritual iluminando e clareando o mundo no meio deste eclipse, lançando a sua luz através dos vales escuros e manchados de lágrimas da tristeza, não pode permitir que as sombras dos vales intervenham.

O nosso grande ajustamento reside em saber que o universo é nosso; que ele contém tudo aquilo de que necessitamos para nos apropriarmos, tudo aquilo que a eternidade exigirá; e que aqui, neste pequeno espaço apertado de tempo e sentido terrenos — as coisas que vêm e vão, que se encontram e passam, que nascem e perecem, que permanecem por um tempo e desaparecem — são tantas pedras de apoio, pequenos obstáculos que devemos transpor para alcançar esse reino superior, onde o ajustamento é maior; onde existe maior perceção, onde os poderes do espírito se desdobram cada vez mais; onde, até mesmo aqui, não podemos perder-nos, porque estamos todos na eternidade, agora e hoje, e as forças do universo são nossas.

O ADVENTO DA VERDADE ESPIRITUAL

[De uma Conferência de Cora L. V. Richmond.]

Quando perguntas: "Conheceremos este advento da verdade espiritual?" Respondemos que a verdade espiritual deve ser conhecida quando chega; o advento está no coração humano e chega de tal modo e a tal hora que não há como enganar-se. Quando há algo a puxar pelas cordas do teu coração para fazer coisas melhores todos os dias; quando há algo que remove as pedras dos sepulcros e túmulos que engoliram os teus entes queridos, e os devolve à tua vida quotidiana, tornando-os espíritos ministradores da tua existência diária; quando a grande voz desta verdade clama à humanidade para dar o melhor que existe dentro dela, e quando até sob o nome de anarquista e revolucionário o clamor do ser humano se espalha pelo mundo, podes ter a certeza de que o advento está próximo.

Mas as pessoas dizem: "Acreditas na violência? Aprovarias o derramamento de sangue?" De modo nenhum, mas os reis e governantes acreditam na violência. A ordem estabelecida de Mammon é protegida pela violência. Exércitos e marinhas existem para preservá-la e os exércitos fazem guerra contra tudo o que se opõe às dinastias do poder terreno. Oh, não! Nós não acreditamos na violência; desmantelemos os exércitos, enviemos os navios de guerra de volta para casa ou em missões de paz, eliminemos os armamentos das nações e desarmemos a polícia de todos os distritos do mundo cristão, pois não acreditamos em derramamento de sangue. Mas se, depois de o verme ter sido esmagado sob os pés, ele se virar; se os homens brincam com serpentes e colocam os armamentos e grilhões de Mammon sobre outros homens, não é de admirar que estes por vezes retribuam na mesma moeda.

Quando a escravatura existia nas ilhas das Índias Ocidentais e no Sul, as pessoas diziam: "Oh! acreditas na insurreição, acreditas?" porque alguns defendiam a liberdade para o escravo. Não acreditamos que a causa primordial da insurreição seja a

escravatura. Se a escravatura é errada, será errado que os homens se levantem para a vencer pela força? Os erros infligidos pela força de Mammon não são considerados assim no vosso mundo. Estais justificados pela lei em matar um homem se ele entra na vossa casa para roubar ou matar, mas ergueis as mãos em santo horror se um homem rouba um pão para não morrer de fome. Quem vos deu o direito de defender as vossas posses mundanas com homicídio?

O novo advento, como o antigo, como todos os adventos que o mundo alguma vez conheceu, chama-vos. Chama-vos não para sepulcros nem santuários mortos, mas para o Altar da Verdade viva. Se na vossa vida a fragrância do ar da manhã é mais doce, os raios do sol mais gloriosos, é por causa desta luz, pois os arautos estão às vossas portas, reclamam a vossa atenção. No topo da montanha estão aqueles que clamam: "A verdade está aqui, Cristo está prestes a nascer nas vossas vidas!" Se eles conquistaram a vossa atenção, é porque o egoísmo, o orgulho e toda a miséria e mundanidade humanas estão a afastar-se do vosso meio.

Este advento chega lentamente. Já alguma vez viste o nascer do sol no mar ou na planície? A longa preparação está no Oriente. Primeiro surge uma ténue faixa cinzenta depois da escuridão da noite; agora, gradualmente, aparece uma tonalidade plúmbea sobre todas as coisas, tornando a escuridão mais visível, e do Oriente surgem algumas nuvens anunciadoras, incomparáveis na sua palidez; talvez a estrela da manhã brilhe ali para tornar o vazio e a escuridão mais aparentes. Depois vês de onde vêm os sulcos de luz, de onde surgem sulcos de luz, incomparáveis, todos poderosos, erguendo-se como de um grande mar de esplendor; contudo. ainda não é dia; pois por todo o horizonte as sombras ainda espreitam. Ainda há necessidade do sinal na costa e de vigilância no mar, porque o dia ainda não chegou. Então viste, quando uma, duas, três horas passaram nessa poderosa preparação, que o mundo ainda não está pronto para a aurora? Na costa os pássaros começam a chilrear suavemente; depois as brisas movem-se entre os bosques e as flores estremecem enquanto os seus cálices orvalhados sonham com o dia. Sobre o mar, por cima das cristas das ondas, um pássaro aparece e mergulha as asas na penumbra. Ainda não é dia, porque a noite ainda não desapareceu por completo.

Quando esperaste três horas, contando os batimentos do teu coração, e o sol ainda não nasceu, perguntaste-te se algum dia seria dia? Há ainda mais preparação; as linhas entrelaçadas de luz parecem surgir em tronos poderosos; ali reúnem-se, no trono dos reis do dia, todos os exércitos dos esplêndidos estandartes de nuvens, reis, tronos, dominações, poderes; então, quando tudo está preparado, quando o púrpura, o ouro e o carmesim se fundiram num só grande esplendor, um majestoso mar de luz, o sol ergue-se subitamente e sem aviso, e é dia! Assim também na vida humana chegam os estremecimentos da aurora da luz espiritual.

Assim também o crepúsculo deste novo advento apareceu no vosso meio, os ténues brilhos da madrugada cinzenta, o surgir dos primeiros raios que preparam a manhã; então o medo, a dúvida, a apreensão, o temor da morte e o antagonismo têm

todos o seu domínio neste débil crepúsculo do advento espiritual do século XIX. Todas as emoções agitadas, todos os conflitos e contendas estão sobre vós, e o crepúsculo da manhã nascente testemunha o conflito da luta humana, a batalha da nova verdade contra os erros do passado. Talvez mesmo agora o dia esteja a romper em alguns dos vossos corações, talvez a luta esteja ainda agora a decorrer e…

…não sabes se será a tua vida ou se será a tua destruição. Mas se não existe madrugada cinzenta (e é esta que precede o ouro e o carmesim), se não és iluminado pelo seu resplendor, se estás nas sombras e escuridão da existência quotidiana, ainda parecendo ver a noite dos medos humanos e das coisas materiais, e não vês esta aurora, ai de ti! Pois a luz está aqui e isso prova que estás cego; e se estás espiritualmente cego, então a grande obra deve prosseguir pelo poder curador interior, e por Deus e os Seus anjos e espíritos ministradores em ambos os mundos. Deves ser paciente até que os teus olhos se abram, a tua visão se torne clara. Mas aqueles que não estão completamente cegos, aqueles que não estão completamente surdos à voz e consciência do espírito, sabem que este advento está aqui e agora; sabem que este é o nascimento recorrente em cada era da história humana; e sabem que à vossa porta estes mensageiros da manhã aguardam para anunciar a aurora desta verdade, paz e amor nas vossas vidas.

A verdade não chega pacificamente ao princípio, mas está em guerra com tudo no vosso meio que é falso. É como uma tempestade, um mar revolto ou tormenta que purifica o ar. Aquilo que faz partir o poder do erro, da escuridão, do egoísmo; não derruba santuário algum de amor sagrado, mas faz-vos servir Deus amando os outros. Traz o santuário das formas mortas para formas vivas aqui e agora. Todas estas coisas estão a acontecer no mundo; se estais vigilantes e atentos, se o vosso espírito está vivo e desperto, e o sabeis, alegrais-vos por estar vivos hoje.

É algo viver em qualquer época da Terra, mas é ainda mais viver quando todos os poderes culminantes das eras passadas e do tempo presente fazem preparação para a derrota de todos os erros a que o tempo deu origem, quando a verdade trava batalha direta e distinta com o erro, quando espírito e matéria se encontram na luta final e o espírito é vitorioso. É um espetáculo que anjos e homens bem podem parar para contemplar. E esta é a hora e este é o dia, e estas são as obras que estão a decorrer no vosso meio, e ninguém senão os cegos se recusa a ver.

PALAVRAS DE SABEDORIA

Os Objetos da Organização Nacional

Os guias da Sra. Cora L. V. Richmond falaram em substância da seguinte maneira, no Jubileu do dia 17 último:

Todos os organismos são crescimentos a partir de um germe que procura expressão. Sob a relva, a semente adormecida aguarda a rápida vida da sua existência;

depois, obedecendo à lei da sua existência, produz as suas aspirações e poderes, conquistando para si os elementos da terra, do ar e da luz para os moldar nas fibras da sua expressão.

O organismo humano existe para a expressão do espírito — não um dos seus muitos poderes seria completo por si só; e mesmo o intricado e subtil mecanismo do organismo humano é inadequado para exprimir plenamente aquilo que o espírito deseja revelar. Diversas invenções, dispositivos e aparelhos mecânicos foram acrescentados aos meios de expressão do espírito na forma humana, até que os maravilhosos poderes completos da arte mecânica multiplicaram as facilidades da expressão humana mil vezes, um milhão de vezes. Não satisfeito com aquilo que os olhos podem ver, o espírito humano, através dos seus poderes mentais, concebeu o telescópio e o microscópio; não satisfeito com o alcance da audição, com a receção de vibrações que se tornam som, o telefone e o fonógrafo.

Instrumentos musicais que revelam sob as mãos do mestre habilidoso maravilhas de som foram produzidos. A arte capta as formas invisíveis ao olho nu e torna-as cativas na chapa sensibilizada. A tinta solar produz aquilo que nenhuma mão humana poderia produzir, e os mil braços poderosos do vapor e da eletricidade levantam os fardos, realizam o trabalho e suportam as mensagens do mundo. Tudo isto é obra, não de uma, mas de muitas mentes, e embora o indivíduo seja estritamente responsável pela realização da parte que lhe foi atribuída, ainda assim o resultado total reside na adequada associação das partes.

O maquinista constrói o motor, não para dominar o homem, mas para ser seu servo. Toda a coisa criada existe para servir o propósito do seu criador.

Sociedades, organizações, governos, quando se tornam opressivos, não o são por qualquer poder inerente à organização, mas pela tirania do homem, que exerceria a mesma opressão individualmente que exerce através das organizações, se tivesse poder para isso.

No momento em que qualquer associação se torna opressiva, nesse momento começa a revolução. Houve um tempo em que uma organização, mesmo da espécie local mais pequena, entre os espiritualistas, era impossível.

Muitos tinham escapado demasiado recentemente da escravidão dos credos que os prendiam ao medo, não apenas da morte, mas daquilo que poderia vir depois da morte — os horrores do Hades — e, confundindo a sua própria condição de estarem presos com aquilo que os prendia, rejeitavam naturalmente toda a ideia de organização como opressiva. Além disso, o processo de desintegração e individualização ainda não se tinha completado nas mentes daqueles nobres homens e mulheres que estavam preparados para a nova luz. Para construir deve haver preparação; para crescer deve haver preparação do solo e sementeira da semente.

Meio século trouxe uma mudança maravilhosa; e mais meio século testemunhará uma mudança ainda maior. Ficou claramente revelado quando os delegados da

Convenção Nacional Espiritualista se reuniram nesta cidade, nos últimos dias de Setembro passado, que vieram unir os seus trabalhos. Muitos deles tinham estado nas fileiras do Espiritualismo como trabalhadores desde o princípio; muitos tinham passado por grandes tribulações, provações e perseguições, que enfrentaram corajosamente; alguns diferiam dos outros em opiniões relativas a problemas individuais e éticos ligados à vida humana, mas todos vieram resolvidos a afundar as suas diferenças e unir-se na base geral de promover o bem-estar humano e o esclarecimento, procurando levar adiante uma apresentação mais perfeita das verdades do Espiritualismo.

Três objetivos básicos estavam e estão presentes nas mentes daqueles que participaram na convenção e que formaram a organização para levar adiante esses propósitos.

Primeiro: unir as sociedades locais e estaduais numa fraternidade e cooperação ativa, e formar um corpo compacto de trabalho para a difusão das verdades do Espiritualismo e para a proteção dos seus médiuns e professores.

Uma vez que nenhuma parte pode igualar o todo, ou a força de qualquer organização local não pode igualar a força unida de várias organizações locais, e a força combinada de todas as organizações locais formará um grande poder ativo; além disso, existem leis em muitos dos Estados que dificultam o exercício dos dons espirituais, especialmente o dom da cura e as várias fases fenoménicas da manifestação, a Organização Nacional, concentrando a força de todo o movimento em qualquer ponto onde seja necessária, será muito mais poderosa para combater estas leis inconstitucionais, impedir futura legislação na mesma direção e revogar as leis opressivas já existentes que tornam o exercício dos “dons espirituais” um crime, em vez de os reconhecer como uma bênção para a raça humana.

Os médiuns são encorajados a tornar-se membros das organizações locais onde residam, para que possam beneficiar da proteção assim oferecida.

Segundo: além dos jornais espiritualistas competentemente dirigidos e dos muitos volumes de literatura já existentes, pretende-se recolher, compilar e disseminar novos factos e ensinamentos que possam ser necessários; e manter um gabinete completo de estatísticas, tanto quanto possível, que permita a qualquer pessoa interessada obter qualquer informação desejada acerca do movimento.

A publicação das atas da Convenção Nacional para organização é um caso em questão, ao qual será acrescentado o nosso documento sobre o Espiritualismo apresentado ao Parlamento das Religiões, apresentação essa que, se uma Organização Nacional existisse há dois anos, poderia ter sido feita apenas por nós, como deveria ter sido, no Parlamento enquanto este estava reunido.

Existem muitas divisões deste ramo de trabalho que o tempo nos impede de continuar aqui.

Terceiro, e de modo nenhum o objetivo menos importante: uma Organização Nacional dá peso e respeitabilidade ao movimento.

Se pudéssemos pensar que existe qualquer perigo de o Espiritualismo se tornar "popular" no sentido superficial desse termo, através desta ou de qualquer outra organização, desejaríamos que ela fosse imediatamente dissolvida. Nem consideramos que aplauso ou favor constituam respeitabilidade. A verdade é respeitável, embora queimada na fogueira ou condenada ao encarceramento numa cela de criminosos. O erro não é respeitável, embora vestido de arminho e adorado por homens.

Tão valiosa é a verdade, tão precioso o seu belo nome, que nenhuma mentira venerada pelo tempo, nenhum erro sancionado, nenhuma falsidade mascarada sob qualquer disfarce agradável pode, por um instante, tomar o seu lugar. Sede fiéis a esta luz eterna; a este conhecimento da vida imortal; a este nome de Espiritualismo dado a vós pelo mundo angélico. Sustentai a organização que criastes; dai-lhe a força das vossas vidas enquanto ela cumprir o propósito para o qual a moldastes, e sede nutridos na medida da vossa sustentação e apoio. Ela deriva a sua existência, funções e trabalho de vós.

Acima de tudo, sede fiéis ao nome de Espiritualismo que hoje é a luz viva do mundo.

CARLYLE E DISRAELI
OS MÉRITOS QUE CONQUISTARAM ENQUANTO HOMENS, E A SUA RECEPÇÃO NA VIDA ESPIRITUAL

Um Discurso da Sra. Cora L. V. Richmond.

[Do "Times" de Chicago, 20 de Junho de 1881.]

A Sra. Cora L. V. Richmond proferiu ontem à noite, no Fairbank Hall, o seguinte discurso sobre "A Receção na Vida Espiritual do falecido Thomas Carlyle e do falecido Benjamin Disraeli", pretendendo ser inspirada por esse outro grande inglês, recentemente falecido, o filantropo George Thompson:

Os julgamentos dos homens pertencem ao tempo; os de Deus pertencem à eternidade; agora vemos como através de um vidro obscurecido; depois, face a face.

Duas vidas que, no seu registo histórico, abrangeram mais de meio século desapareceram da vida inglesa e dos olhos do mundo, e os seus atos serão registados pelos historiadores segundo o valor e a estima que os mortais lhes atribuíram. A relação espiritual destas vidas com a presente geração não é apenas peculiar, mas significativa; e embora nenhum contraste maior pudesse ser oferecido por quaisquer duas vidas, ainda assim talvez nunca duas tenham partido num espaço tão curto de tempo uma da outra, cuja influência fosse em si mesma tão peculiar e cuja memória será transmitida com tanto brilho.

Benjamin Disraeli, descendente de uma raça proscrita, começou a vida, como o vosso presente orador bem recorda, sob o humilde traje do aspirante à fama literária, e tão modesto nisso; contudo, com a ardente ambição escondida na sua vida que mais tarde floresceu na literatura, no político, no primeiro-ministro. Esta vida produziu uma impressão distinta na mente que agora vos dirige, principalmente porque em todos os aspetos essenciais estávamos em desacordo. Politicamente, não havia laço de simpatia; nas direções literárias os nossos gostos divergiam, e embora eu confessasse a brilhantez da vida que gradualmente se desenrolava diante da minha visão, era uma brilhantez que igualmente deplorava e admirava. Depois da Reforma Parlamentar de 1833, e depois de tudo o que Lord Palmerston pôde fazer, parecia como se a Inglaterra estivesse mais plenamente…

…preparada para uma forma mais liberal de governo e para tais avanços graduais em direção à liberdade que não deveriam encontrar obstáculo. A história de Inglaterra é a história do Conservadorismo, e a história dos últimos anos é outra dessas vagas reacionárias que surgem nas nações quando estas ainda não estão plenamente maduras para a liberdade, e quando uma parte — embora essa parte seja uma pequena minoria — está no poder e considera o passado com santidade apenas porque é passado, as instituições mais do que os homens, e a posição, o lugar e o poder possuem consideração mais elevada do que a humanidade. Não é censura a Lord Beaconsfield dizer que ele era conservador desde o centro até à circunferência do seu ser; que não tinha qualquer simpatia pelo elemento liberal e progressista que molda o destino das nações modernas.

Nascido da raça hebraica, parecia desejar reconduzir a civilização dos tempos modernos aos dias de Salomão, do Rei David, ou talvez até do Rei Saul, não com a intenção deliberada de prejudicar a humanidade, mas acreditando na supremacia do poder, nos direitos dos reinos e dinastias, naquilo que pertencia ao poder inerente dos monarcas, e acreditando que império e domínio são o direito natural do soberano, por quaisquer meios que tenha obtido esse direito. Se pudesse ter sido rei, o mundo teria sido demasiado pequeno para conter o limite da sua ambição. Assim foi: dedicou os melhores anos da sua virilidade, as aspirações do seu orgulho, abandonando o caminho das letras pelo da eminência política, por amor ao domínio soberano. À Rainha de Inglaterra havia devoção; ao monarca de um povo poderoso existia quase adoração; mas à Imperatriz que deveria unir sob um só reino todas as províncias possíveis e todos os territórios conquistados haveria adoração, e teria sido sincera, e teria sido o florescimento legítimo da sua vida.

Em muitos aspetos Lord Beaconsfield representava sentimentos elevados e uma devoção cavalheiresca à mulher, e uma apreciação da sua igualdade em capacidades intelectuais talvez não concedida por muitas mentes indiscutivelmente muito liberais; mas, no domínio do governo, existia apenas um poder, e esse o poder central; podia existir apenas uma ambição, e essa conquistar todos os impérios possíveis e acrescentá-los aos da Grã-Bretanha. Existia uma ideia dominante, a ideia de incorporar no tempo moderno a grandeza da nação da qual ele descendia; e uma espécie de devoção religiosa a este princípio levou-o a lançar-se nas águas incertas da vida política numa época em que duas carreiras se abriam diante dele e quando, talvez, a da

literatura tivesse desenvolvido sensibilidades mais nobres e elevadas do que a vida do político ou do homem de Estado. Não o chamei homem de Estado; porque, segundo a minha teoria de estadismo, isso só pode ser aquele que tem por fundamento inicial e desenvolvimento gradual o bem-estar da nação pela qual o estadista trabalha.

Diplomata ele certamente era — hábil em manipular as mentes dos homens, e tão habilmente que a aristocracia de Inglaterra se voltou para ele como por comum acordo para mostrar o caminho da salvação dos seus interesses que gradualmente desapareciam; e agora que ele já não está na Terra, já não existe o mesmo poder que procurava o seu conselho, que promovia os seus interesses, que o elevava à posição mais elevada que a nação podia oferecer, procurando em vão o seu sucessor.

E a Inglaterra nunca encontrará o seu sucessor; a reação chegou. Tirania, Afeganistão, guerras inúteis no estrangeiro, toda a história da administração precedente à atual foi uma história final de reação conservadora, e o grande homem que ocupa o seu lugar — que preenche agora o seu posto, antes — sofreu a intensidade que um estadista e patriota podem sofrer pela segurança da nação, esforçando-se por desfazer os erros realmente promulgados sob o domínio de uma teoria que acredita que a civilização retrocede em vez de avançar.

Lord Beaconsfield já não existe; os seus conselhos não podem prevalecer na Terra; no que respeita à vida humana, não exercerá influência. Nem Benjamin Disraeli existe no sentido da vida mortal; aquilo que constituía o título de "lord", um título modestamente e relutantemente aceite, embora elegantemente herdado da sua esposa, que era sua igual companheira, esse título extinguiu-se — esse poder extinguiu-se no que respeita à sua influência política sobre a Grã-Bretanha, e o sol do Conservadorismo está na vida que recentemente desapareceu em Inglaterra.

Agora, esse Conservadorismo procura em vão um líder; aqueles que representavam os títulos hereditários e a aristocracia de Inglaterra procurarão longa e inutilmente alguém que reúna os elos quebrados da aristocracia, remendada e composta por nomeações de posição e poder, e pela criação de títulos inexistentes na linhagem familiar; e tanta da aristocracia de hoje é aristocracia do povo. Estes estão sem poder político; estes não têm pretensão ao estadismo, e estes estão gradualmente a deslizar para esse esquecimento que certamente chega a todos os que herdam em vez de possuir dons.

Muito se deve dizer deste homem: se tivesse sido algo diferente de um conservador, se tivesse sido algo diferente de um líder do maior partido que podia causar reação no mundo, se tivesse representado outros interesses além daqueles que tendem a degradar em vez de elevar a humanidade, eu poderia tê-lo chamado grande; mas não posso dizer que a grandeza possa ser associada ao erro em qualquer questão da humanidade. Considero que isso é o eclipse da grandeza, que é a noite do génio, que é a maravilha na humanidade da Terra, e tais linhas ilustram o que poderia ter sido se a humanidade e os dons da Natureza tivessem sido poderes paralelos na fundação do carácter.

Na vida social ninguém podia ser mais sociável, em toda a cortesia política ninguém podia ser mais afável, mas ninguém também podia possuir maior grau de subtileza do que aquele que fez de Benjamin Disraeli um diplomata mais valioso, em certa época, do que qualquer outra mente na Europa — tal grau de capacidade moldou e formou o pensamento da nação em direção a uma poderosa política externa, deixando totalmente negligenciadas aquelas questões de interesse doméstico que constituem a segurança do governo. O poder no estrangeiro tem pouco valor a menos que haja conservação da força em casa; e enquanto os interesses do trabalho, o valor das manufaturas, da agricultura e os vários interesses domésticos envolvidos na única questão relativa à Irlanda eram completamente negligenciados, guerras no estrangeiro eram conduzidas pelo domínio e império que elas trariam — esta mente brilhante, este clarão meteórico, este génio da diplomacia, persuadiu a nação inglesa e o governo britânico de que esta política era a melhor. À superfície assim parecia, mas nas profundezas havia aquela corrente subterrânea que preparava o derrube final da política de Lord Beaconsfield e o estabelecimento de um governo liberal que, mesmo que ainda não tenha alcançado aquilo que esperava e prometia, continua em processo de o fazer.

A outra mente a que nos referimos — mais erudito do que político, mais crítico do que historiador — apresenta tal estudo à presente geração de mentes pensantes que devo chamar a vossa atenção mais de perto para a análise deste carácter. Ele apresenta à presente geração a figura de um literato, um Nemésis social e político. Não estava associado a nenhuma escola de pensamento; não nasceu de nenhuma nacionalidade de ideias; a sua vida tinha a sua origem e o seu trabalho nas mentes contemporâneas; não tinha, na minha opinião, igual nem associado, nem qualquer relação no mundo das letras; nem pertencia a qualquer das escolas de pensamento que hoje influenciam a Inglaterra, salvo à escola de Thomas Carlyle. Ele foi o princípio e o fim de uma forma distinta de pensamento.

O mais próximo que posso recordar na história de Inglaterra da sua mente talvez fosse Lamb; mas mais penetrante do que ele, mais arrebatador e severo, e com maior alcance de mente e génio, Thomas Carlyle ocultava-se do mundo apenas na medida em que se permitia ser visto. Não tinha propósito de ambição. Não creio que se importasse com o que o mundo pensava dele. A sua vida era sua. Valorizava-a pelo seu trabalho. Não lhe importava o que os homens registavam sobre ele, desde que empregasse o seu tempo utilmente segundo a sua interpretação do tempo.

Ao contrário do Sr. Disraeli, nunca procurou posição, lugar ou poder; ao contrário do Sr. Disraeli, nunca escreveu para aprovação popular, mas escreveu o que pensava dos homens, dos tempos e das coisas, como se tivesse o princípio e o fim da sua própria vida e propósito guardados dentro de si; e, no momento da sua partida da existência mortal, ninguém podia dizer se Carlyle representava mais o poder do crítico, do historiador, do homem de letras profissional, do artista ou do pensador — independente de todos estes, numa escola de filosofia tão acima da humanidade que não se aventurava a dar um sistema ao seu meio, sentindo que este não seria compreendido. É chamado cínico, que não seria compreendido. É chamado cínico; o Sr. Disraeli era dos homens mais afáveis e gentis. Os dois eram opostos em carácter;

mas se a bondade for o verdadeiro impulso do coração humano, eu confiaria o bem-estar da Inglaterra e da nação britânica — de todas as nações da Europa e do mundo inteiro — mais depressa à guarda de um homem como Thomas Carlyle do que às mãos de mil homens como Disraeli.

Confiaria nele porque, fiel às suas convicções, desprezava a hipocrisia, criticava a vacilação; empreendeu criticar — e fê-lo com êxito — os atos dos homens contemporâneos seus, e fê-lo tão destemidamente como um cirurgião aplicaria o bisturi, ou como qualquer pessoa administraria uma repreensão necessária, requerida no momento e percebida como absolutamente necessária. Os sarcasmos que estavam nos seus lábios eram para a mesquinhez dos homens, não para a humanidade; o aparente cinismo não era para a humanidade, mas para aquilo que lhe aparecia como a hipocrisia da humanidade. A posição não tinha valor aos seus olhos desacompanhada de sinceridade e sem os verdadeiros dons; e ele não teria aceite a dignidade de par do reino, nem o cargo de primeiro-ministro da nação, ainda que se sentisse qualificado para o ocupar, por qualquer outra razão além do serviço ao seu país. Pensava que podia servir melhor o seu país pela observação, pela crítica, por aquele género de vida que o colocava numa posição independente em relação a todos os homens e todas as coisas, e surgiu como o golpe de uma espada, cortando para ambos os lados — brilhante, verdadeiro, cuidadoso, e animado por um coração tão bondoso quanto já pulsou dentro da estrutura humana.

De Benjamin Disraeli eu diria: ele é o descendente e a alma presa à Terra de uma raça inquieta que…

…procura ainda algum domínio perdido, um império sobre a Terra, cobiçando posição, poder e brilho de realização, pela influência que possa exercer sobre a humanidade, e para que o possa levar pelo mundo como arauto da sua fé.

De Carlyle eu diria: ele representa o espírito de outro mundo, nascido não da presente geração nem da passada de pensamento — mas tal como surge um eclipse, ou o meteoro atravessa o horizonte do intelecto da Terra e traz a repreensão, a lição, o pensamento, o valor da sua existência desligada de qualquer outra vida — de Carlyle eu diria que fazia os homens recearem as suas críticas e, ao fazê-lo, muitas vezes os obrigava a serem mais honestos, mais verdadeiros, mais justos, mais estudiosos, mais cuidadosos nas palavras e nas obras. Homens de Estado prestavam homenagem a Disraeli pelo seu poder, posição e brilho da ambição externa.

Temiam Carlyle pela sua crítica e justo julgamento. Todo o mundo da arte e das letras recorria a Carlyle como alguém desinteressado, tendo apenas por objetivo servir a verdade e, embora a exprimisse muitas vezes na linguagem mais severa e por vezes mais dura, ela destinava-se a fazer o bem, a purificar os pensamentos e os objetivos do mundo. Eu preferiria ter o coração puro e o forte poder intelectual, impelidos pela bondade, de uma mente como a de Carlyle, do que uma geração inteira de Disraelis com os seus sofismas, com as suas várias razões plausíveis para fazer coisas erradas amigavelmente, de modo estadista, à maneira do político, mas conduzindo — se me

perdoardes a palavra — todos para a perdição enquanto vivem. Eu preferiria ter uma mente como a de Carlyle, para manter as nações da Terra sob vigilância, para criticar diariamente os seus atos, para escarnecer das minhas fraquezas individuais e denunciar as minhas loucuras individuais, impelido pela bondade do infalível amor da verdade e da justiça, do que possuir todos os aplausos do mundo por tal louvor como aquele que Disraeli podia conceder.

Isto não é linguagem demasiado forte, porque já disse antes que não há julgamento nisso exceto aquele que resulta do estudo das vidas destes dois homens. Com a sua vida privada nada tenho a ver. Igualmente bons, igualmente puros, igualmente amorosos e bondosos como amigos, como companheiros; aquilo que deixaram ao mundo é o retrato da sua carreira pública. De um lado temos uma nuvem de tempestade com relâmpagos rasgando os céus, talvez bifurcados, atingindo o favorito único que valorizamos acima dos outros, mas purificando o ar; do outro podemos ter um sol de verão mantendo sob os escolhos e areias movediças da política uma nação que deriva pelo prazer para a tempestade da destruição.

Mas demo-nos os Carlyles, se tivermos de precisar de um destes homens. Contudo, talvez não seja justo fazer estas comparações, visto que as vidas são tão essencialmente diferentes que não podem encontrar-se.

Mas que dizer deles na vida espiritual?

Como Inglaterra não terá reação conservadora — que fará o espírito do falecido Lord Beaconsfield? Vi-o pouco depois da entrada no Mundo dos Espíritos, como todos os que são afetuosos, sociáveis, bondosos, domésticos — os seus amigos estavam ali para o receber; mas nenhuma ambição dominante, nenhum elevado templo da fama, nenhuma multidão de favoritos imortais, nenhum aplauso trovejante de multidões, nenhuma imperatriz soberana, rainha, para visitar nele a oferenda votiva do louvor.

Vi-o de pé, sozinho, contemplando aquilo que parecia ser as ruínas de um esplêndido império: templos, mas todos em decadência, palácios cobertos de hera, e o pó dos séculos submerso sob as areias do tempo, e com as mãos cruzadas e ar meditativo vi-o contemplar esta cena como a obra da sua vida, politicamente. Uma pequena ilha de verdura, um oásis no deserto, um jardim sorridente por detrás de um muro, oculto da minha vista e de todos os olhares intrusivos de outros espíritos, exceto daqueles que diretamente o assistiam, indicava onde, em silêncio resguardado e afetuoso, os seus entes queridos poderiam habitar.

Mas faltava a coroa de louros; as conquistas da vitória não estavam simbolizadas naquela atitude em que o contemplei, menor em estatura do que quando esteve na Terra, e aparentemente mais enfraquecido. Parecia sentir como perda compreender o estado em que se encontrava separado das suas afeições. Eu podia ver lampejos da vida do poeta dentro dele; podia ver amigos e companheiros esperando para o saudar, mas um grande sonho da sua vida parecia por cumprir; e ali jazia, uma bela e ao mesmo tempo certa e trocista ruína, tão bela como os mármores esculpidos de Roma, tão bela como os pilares de Pompeia, tão bela como a própria Inglaterra sob o domínio

de uma dinastia passada, arruinada pela marcha agressiva de um Cromwell, e devastada pela mão desoladora da revolução.

Ouvi uma voz dizer-lhe — não a mim — fui autorizado a ouvi-la, porque é uma lição para vós: "Isto é o que a tua nação teria sido se o teu poder tivesse prevalecido;" e as esperanças, as ambições, os sofismas, as subtilezas da sua vida tão estranhamente complicadas e entrelaçadas com elevada afeição e aspiração pareciam enterradas ali, enquanto a única parte que brilhava clara e luminosa, e cheia de resistência e promessa para o futuro, não tinha poder para o arrancar da sua meditação. Era remorso? Não sei. Não nos é permitido olhar para os corações e vidas dos espíritos quando existe introspeção e autoexame. Talvez as torres da ambição fossem gradualmente examinadas e autorizadas a cair por terra. Talvez as coroas brilhantes da fama terrena, cobiçadas e usadas, fossem postas de lado nesse retrospeto mental como inúteis.

Talvez sobre esta aparente desolação viesse alguma ténue perceção do verdadeiro esplendor e fervor da vida que tinha sido perdido. Não sei. Mas vi-o ali, pensativo como uma estátua, cheio de meditação como alguém perdido para si mesmo no meio envolvente, não ouvindo a voz da afeição, nem os apelos sociais, nem o suspiro do poeta, nem os vislumbres de um poder mais alto que o chamava, salvo apenas uma perceção que vinha da sua própria presença como a perceção da Justiça de Deus, como se reverentemente se preparasse para curvar-se ao veredicto daquilo que via em redor de si.

Muito diferente foi a vida que se extinguiu sem o brilho e pompa da associação aristocrática, sem o luto das cabeças coroadas, no sentido em que Disraeli foi pranteado; com verdadeiros pranteadores, homens geniais da nação e do mundo, verdadeiras mentes intelectualmente seguiram o desaparecimento de Thomas Carlyle, como poeta segue poeta, ou artista segue artista, lamentando todo o tempo que a Terra perderia o brilho da sua vida; e tanto mais patético isto é porque não é conhecido da humanidade que Thomas Carlyle não pertencia à Terra, pois eu via-o como vindo de um país distante, realizando aqui na Terra uma obra, e transportado quase subitamente para outra atmosfera e outro estado de ser. Não existe homem na Terra que possa chamar-lhe irmão; muitos podem admirar e muitos podem dizer que apreciavam o seu génio e as suas qualidades de mente e coração, mas os seus semelhantes de espírito estavam muito longe. Vieram até ele de algum outro mundo, e havia um brilho de outra atmosfera iluminando acima do seu leito de morte, e em torno do seu espírito havia uma luz. Era a luz de Marte? Vi-a brilhar como uma daquelas naturezas guerreiras mas justas, comissionadas para realizar certa obra na Terra, contudo mantendo na sua reclusão comunhão com almas muito distantes!

Poderá alguém dizer o que existia no coração de Thomas Carlyle? Ninguém. A esposa podia sonhar, mas não podia saber; e nenhum homem, por mais íntimo que fosse, podia sondar o seu silêncio secreto e o maravilhoso poder que lançava tão espesso véu e máscara sobre si mesmo a ponto de brilhar sobre o homem e nada receber em retorno.

Cuidadoso em todas as suas obras, preenchendo cada detalhe que lhe dizia respeito; estudioso, observador, reunindo os tesouros da sua literatura à sua volta para que não cometesse erro naquilo que fazia, ainda assim veio realizar certas coisas, viver uma certa vida, e então…

…partir. O rasto dessa vida permanece no brilho das suas realizações; permanece na certeza da sua justiça, na severidade da sua crítica; mas quem segue a alma de Thomas Carlyle para o mundo que ele agora habita? Não os homens; eles não questionam. Mas isto é certo: ele podia ensinar aos homens de ciência, que não hesitava em cultivar, as primeiras lições nas causas da vida; podia ensinar aos professores de religião, cuja primeira lição em religião ele não professava imitar; e em nenhum momento de toda a sua vida, no meio de todas as suas dúvidas e críticas aos homens, alguém o ouviu duvidar do Infinito, ou criticar a justiça dessas leis que governam o universo, ou exprimir dúvida quanto à imortalidade, ou deixar de reverenciar a vida daquele homem tornado mais exaltado entre os filhos dos homens pela sua verdade, espiritualidade e ensinamentos — Jesus de Nazaré.

Dotado espiritualmente, não tendo de aprender as lições que vós aprendeis aqui, conhecendo antes de vir o alfabeto do ser espiritual, perfeitamente consciente desde o princípio do destino da alma, veio aqui quase para se sentar em julgamento sobre as fraquezas dos homens para que a humanidade pudesse ser exaltada por isso.

Não louvamos, não censuramos; simplesmente dizemos que, à luz da história desta vida, este seria o nosso julgamento, e à luz daquilo que vimos em espírito acerca dele, este é o nosso conhecimento; vindo de uma outra atmosfera, como se uma órbita ou atmosfera de luz tivesse vindo, havia luz sobre o seu espírito; ela sustentava-o, separando-o dos espíritos que se teriam aglomerado à sua volta. Por um breve intervalo despediu-se daqueles que conhecera na Terra; por um breve intervalo pronunciou palavras de reconhecimento às mentes que aqui se tinham associado a ele.

Mas o mesmo pensamento longínquo levou-o ainda mais longe, e nessa luz que descia de alguma outra atmosfera vieram seres de outra qualidade — não digo superiores aos anjos da Terra, mas diferentes deles, como estranhos na vossa atmosfera, contudo acompanhando-o e levando-o consigo. Tão distinta era esta visão, tão absoluta esta visitação, que todos os que tinham estado associados a ele na vida pública, ou todos os que tinham testemunhado na existência terrena, pela memória ou pela experiência, a obra de Carlyle, contemplavam isto com espanto e admiração, tal como contemplaríeis um meteoro aproximando-se da Terra e levando consigo uma parte da Terra, como se fosse parte do seu…

…pertences. Assim, esta luz veio, envolveu-o por toda a parte, iluminou-o até que o seu espírito brilhou, não com a forma que usava na Terra, mas com um rosto benigno, bondoso, justo, e contudo tão cheio de seriedade quanto se poderia imaginar num rosto humano, e ainda assim bondoso; e ele foi arrebatado nessa atmosfera e vontade e afastar-se-á dos arredores da Terra, deixando para trás parentesco espiritual. Quero dizer com isto que, embora as suas obras sejam faladas pelos homens, os seus pensamentos sejam registados, e muito do que viveu e escreveu venha a ser discutido,

depois de algum tempo não haverá elo ligando-o ao estado terreno, e ele passará da atmosfera espiritual da Terra, não pertencendo aqui.

Podeis ter notado na história do mundo que existem naturezas como Napoleão que parecem vir para um propósito especial, embora Napoleão tenha vindo para uma missão de trevas que, por contraste, provou ser uma missão de luz, um Nemésis num certo sentido, para aprender a lição da futilidade da ambição humana. Carlyle deve ter vindo para algum propósito expresso, um Nemésis para a literatura, o estadismo, a ciência e as loucuras do dia; deve ter vindo para expressar aquela forma peculiar de crítica de que o mundo necessita e que o seu espírito, vindo de algum outro estado, precisava de expressar. Não digo que fosse um arcanjo, não digo que fosse um Messias, mas digo que a sua vida foi excecional, que a sua natureza foi excecional, que a sua obra foi peculiar, que o seu registo não pertence a escola alguma, que não possui associados entre as escolas vivas da filosofia; que estava acima de Huxley, Spencer e Tyndall — para além de todos os homens e mentes científicas e literárias de hoje.

Não fundou uma escola de filosofia, não veio para esse propósito, mas veio para exprimir numa única vida individual aquilo que pode fazer tanto bem quanto a filosofia — isto é, crítica sincera, honesta e severa. Veio, portanto, no cumprimento do seu próprio destino espiritual e obra, e passa agora para fora da atmosfera da Terra, não deixando seguidores atrás de si, nenhuma escola de pensamento que venha a ser incorporada com o seu nome, mas apenas uma memória como algo brilhante que atravessou o horizonte intelectual da Terra, deixando primeiro o raio do seu brilho, e depois o pensamento de quão exaltada era a alma deste homem que nunca teve tempo para duvidar da imortalidade e que, no meio das críticas de toda a razão, nunca permitiu que a sua razão derrubasse a sua consciência do amor de Deus.

Tão singular foi a sua existência quanto qualquer outra que a história humana possa oferecer, e tipifica precisamente aquele género de vida que pode surgir como um estranho clarão por um momento através do horizonte da Terra e deixar a humanidade a perguntar de onde veio e para onde partiu. Da esfera intangível da justiça, que não é tão grande quanto o amor, surgiu esta poderosa luz, e para essa esfera regressa, não deixando parte do seu ser sobre a Terra, mas atraindo-vos para cima até esse brilho mágico pela luz do seu intelecto, pela severidade da sua vida, pela integridade do seu espírito, que mesmo agora, voltando atrás para lançar um último olhar sobre a Terra, sorri à humanidade como alguém que vos teria abençoado, vive para abençoar todas as almas, e portanto não podia difamar, nem lisonjear, nem louvar, mas apenas indicar o caminho para a mais elevada verdade e justiça.

Por que caminhos de luz
Cada mortal aqui na Terra
Pode alcançar esse brilho celestial
Ninguém no nascimento mortal
Pode saber ou compreender
Mas cumprir o grande mandamento de Deus.

Todas as almas foram feitas úteis,
Todas as almas, em uníssono,
O Seu ser permeia,
E tudo, pela Sua bendita palavra,
Segue o plano perfeito
Para revelar o homem perfeito.

A humanidade elevar-se-á
Em grandeza desde a Terra
Após os dias da infância,
Após o nascimento vacilante;
E através dos céus abobadados,
Os caminhos que os grandes outrora trilharam
Alcançarão até os olhos mortais
E ensinarão o poder de Deus.

UMA PROCURA DO CÉU

Por um Revivificacionista Falecido. Transmitido através da mediunidade da Sra. Cora L. V. Richmond, no Templo Metropolitano, São Francisco, Domingo à Noite, 20 de Maio de 1883.

(Relatado por G. H. Hawes.)

"O Reino dos Céus está dentro de vós."

Eu encontrava-me nos confins de dois mundos; em redor de mim estavam as vagas impetuosas de uma terra desconhecida; as ondas precipitaram-se sobre mim para me levar à eternidade, e uma voz falou no meio daquela grande tempestade da morte: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

Eu pensava que ia para o céu. Durante vinte anos a minha vida fora dedicada ao ensino dos meus semelhantes acerca do céu. Cristo, a minha salvação e a minha âncora estavam ali; e eu aprendera, após grande pecaminosidade, que ali estavam a minha esperança e salvação. Reuni todos os poderes do meu ser para persuadir os homens a voltarem-se para Ele; procurei por todos os meios possíveis conduzi-los à consciência da salvação através do Seu sangue. E agora, quando chegara a hora final em que esperava juntar-me ao meu Redentor, a voz trovejou da grande tempestade da grande mudança que viera sobre mim: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

Tremi pela primeira vez no meu pensamento da vida eterna. Perguntei a mim mesmo, examinando o meu coração, se encontrara esse reino, e, estranho como possa parecer, uma grande vaga de dúvida passou sobre mim que ameaçou, naquele instante, aniquilar toda a esperança. Estranho como possa parecer, aqueles entes queridos que se encontravam junto ao leito para observar o último suspiro e ver a minha vida

extinguir-se não compreenderam que, na exclamação que saiu de mim ali, havia uma exclamação de desespero. Eu disse: "Ó Deus!" e então fui lançado na eternidade; não face a face com anjos cantando em transportes de júbilo; não aos pés do meu Redentor, onde eu rezara noite e dia para ser colocado. Não tinha eu orado, sendo os meus pecados escarlates, para que pudesse ser lavado e purificado? Não tinha eu orado para que as minhas ofensas, sendo grandes, fossem esquecidas? Não tinha eu suplicado em nome do Redentor, salvação? E agora encontrava-me no meio da escuridão.

A dúvida que se apoderara de mim a partir do reino interior permaneceu comigo então, e entrei no reino das almas sem saber se estava salvo ou não.

Posso dizer-vos, amigos, que se nunca experimentastes esta terrível dúvida, se vós, nas horas de provação e conscientes de ser perdoados, nunca sentistes aquilo que me sobreveio depois, então não tendes qualquer conceção possível da ansiedade que invade um espírito ao entrar na vida eterna e acreditar num único caminho de salvação, sem contudo ter a certeza de que essa salvação lhe pertence.

Teria dado todos os poderes que alguma vez possuí, teria dado qualquer coisa se essa dúvida pudesse ter sido resolvida. Mas quando procurei descobrir, sondando o meu ser, a fonte secreta desta agonia, não encontrei resposta além daquela que vos nomeei: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

Onde estava então Deus? Onde estavam os anjos cujas harpas de ouro eu esperara ouvir afinadas com os hinos do louvor divino? Onde estavam aqueles santos que estavam salvos e seguros na luz desse reino? Onde estava Aquele que eu procurara como meu Redentor?

Tateando nas sombras ouvi gemidos daqueles ao meu redor, dizendo: "Onde está o meu Redentor?" e reconheci vozes daqueles que eu procurara ajudar na Terra na busca da salvação de Cristo. "Vós aqui!" exclamei, "e vós também na escuridão? Onde, então, está a luz?"

Suplicava a todos, perto e longe: "Podeis mostrar-me onde vive o Redentor? Habita Ele nas vossas mentes? Estais vós em dúvida e escuridão como eu?" Mas ainda assim a voz trovejava nos meus ouvidos: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

Eu esperara encontrar o Reino dos Céus num lugar fixo. Esperara encontrar a Cidade Celestial resplandecendo com a glória do Filho de Deus. Esperara que os muros se erguessem diante da minha visão, e que os portões de pérola se abrissem ao som das vozes dos anjos à medida que eu me aproximasse. Esperara, e triunfara nessa esperança, que a minha salvação era certa. E agora voltei-me para olhar para dentro. O que estava ali? Não servira eu bem o meu Mestre? Não lhe dera eu dia e noite os meus pensamentos?

Não confiara Nele para aquela salvação que eu julgava segura no Seu sangue? Não ensinara eu aos outros as lições da vida e da sua salvação pelo caminho reto e estreito? Não suplicara eu, demasiadamente e com grande confiança, ao meu Criador, em nome do meu Salvador, que salvasse a minha alma? E olhando para trás, através

dos anos desse serviço, não conseguia encontrar deficiência nesse serviço; e ainda assim a voz trovejava profundamente dentro da minha alma como o som de uma gruta oceânica sob o mar: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

No meu profundo desespero fui mais longe; disse: "Então não pode haver céu, nem Cristo, nem Deus, porque eu, que tinha fé, não estou salvo; estamos completamente perdidos!" E o lamento que saiu do meu espírito poderia ter sido ouvido como o som de uma terrível tempestade que varre uma costa rochosa, alto e profundo, uma monotonia dolorosa.

Então surgiu uma figura que se colocou ao meu lado, vestindo traje humilde, com um rosto extraordinariamente doce e calmo, e uma fronte onde estavam traçadas as linhas do sofrimento, mas triunfante sobre o sofrimento. Roguei-lhe: "Pode dizer-me onde habita o meu Salvador? Pode dizer-me onde está o céu?"

"Quem é o teu Salvador?" disse ele com voz suave.

"Cristo, o Filho de Deus. Não o conhece?"

"E como e por que motivo Ele te salva?" perguntou o meu interlocutor.

"Por acreditar Nele e ter fé no Seu poder de salvação; por seguir os Seus passos, mas principalmente por aceitar a Sua expiação pelos nossos pecados."

"E fizeste isso?" perguntou ele.

"Pensei que sim; acreditava ter seguido a Sua orientação. Sei que tinha fé no Seu poder de salvação. Julguei-me salvo."

"Vês aquele calabouço?" disse ele, e subitamente a minha visão abriu-se e vi um homem acorrentado por algum grande crime.

"Vês aquele homem gemendo ali?"

"Vejo," disse eu; "é algum pobre desgraçado que ultrajou as leis do seu país e está a cumprir a pena."

"Visitá-lo-ias?"

"Sim, se pensasse que ele se arrependeria."

"Procurarias levá-lo ao arrependimento?"

"Sim, se ele viesse a Jesus e confessasse o seu erro, lançando tudo sobre Ele, poderia ser salvo."

"Trocarias a tua esperança de salvação para salvar a alma dele?"

"Como! Renunciar à minha esperança no reino de Cristo? Àquilo por que tinha rezado? Renunciar à coroa da glória? Renunciar ao meu céu?"

Ele desapareceu, e a voz falou: "O Reino dos Céus está dentro de vós."

Teria eu cometido um erro? Teria compreendido mal o que ele disse?

"Renunciaria eu à minha esperança de salvação para salvar a alma dele?"

Não tinha pensado nisso. Como poderia? Poderia dar a minha vida por outro, mas a minha felicidade eterna — onde estava ele? Não o via; não havia luz, havia uma terrível sombra sobre o meu espírito. Não sabia quem eu era. Procurara o Reino dos Céus para mim mesmo, e depois para os outros. Tornou-se então claro para a minha consciência que eu não procurara primeiro o Reino dos Céus para todas as outras almas; pensara apenas na minha própria salvação.

Oh! ali estava a perdição: ter a consciência acumulada durante vinte anos de que o único pensamento, primeiro, último e acima de tudo na minha mente, fora eu mesmo. Agora o rosto calmo desapareceu. Não sabia quem era, mas veio tal pressentimento sobre o meu espírito que disse: descerei a qualquer escuridão que exista; entrarei naquela cela de prisão; verei o que posso fazer, e se perecer, que pereça! Mas aqui está um homem mais miserável, talvez, do que eu. Esforçar-me-ei por aliviar a sua miséria, mas nunca saberei se estou salvo ou não. Acredito que estou condenado e que a minha alma irá para sempre para a escuridão onde há choro, lamentação e ranger de dentes; mas irei ajudá-lo.

Fui até àquela cela de prisão, envolvendo invisivelmente o pobre desgraçado que ali estava, e inclinando-me sobre ele com tão doloroso gemido, que ele levantou os olhos do leito onde jazia prostrado em agonia, dizendo: "Pobre desgraçado; que posso eu fazer por ti?"

Ali estava eu a compadecer-me de alguém que estava preparado para me ajudar na sua última hora de agonia, e que, ao próprio som da angústia que saía do meu espírito, se compadecia de mim no seu derradeiro momento de existência terrena. Senti-me mais envergonhado e humilhado do que nunca.

Depois fui para os lugares mais sombrios da Terra; aqueles lugares fervilhantes de sombras e crime, e disse: "Certamente aqui existe alguém que possa precisar da minha ajuda," e inclinei-me sobre uma mulher na rua, proscrita, condenada, embriagada, e disse:

"Certamente aqui posso encontrar algum espaço para exercer a minha compaixão."

Inclinei-me bastante perto (como pode fazer um espírito desencarnado) e disse: "Há alguma coisa que eu possa fazer por ti?"

"Que grito de angústia foi esse?" disse ela; "Quem está aí fora no frio esta noite? Pobre alma cansada, poderei ajudar-te?"

"Oh!" disse eu, "até estes têm piedade de mim! Caí eu, então, tão baixo que aqueles por quem ninguém tem respeito e de quem ninguém se compadece têm compaixão de mim? Com efeito, dignos de piedade devem ser" as vozes do espírito que podem soar assim aos ouvidos mortais, acusadas de miséria. Tentarei algo mais."

Ouvi uma voz ansiosa e lamentosa proveniente de um salão palaciano, onde um rei caminhava pelo seu aposento durante a noite com passo inquieto, com o medo da morte a cercá-lo por todos os lados, assombrado pela suspeita de que em cada canto poderia ocultar-se um assassino, estremecendo ao som da voz do próprio servo, e rezando fatigadamente para que chegasse a manhã, a qual apenas traria terror acrescido. Pensei: agora há espaço; este homem teme a morte; este homem teme aquilo que poderá surgir nas sombras da sua própria casa, e soprei sobre o seu espírito. Ele afundou-se mais e mais, até cair ao chão num desmaio de agonia, dizendo:

"Creio que vou morrer!"

E seria esta a ajuda que eu prometera? Oh, onde estava a chave que pudesse quebrar este terrível encantamento que pesava sobre o meu espírito? E a voz veio mais profunda ainda:

"O Reino dos Céus está dentro de vós."

Prossegui através de todos os estados e condições de sofrimento; procurei casas mortuárias, celas de prisão e lugares de escuridão; frequentei os salões do crime sobre a Terra, e aquelas regiões sombrias que estavam para além dela, impelido por uma força irresistível. Roguei-lhes que me deixassem ajudá-los. Então a minha voz voltou a dizer-me:

"Olha para dentro."

Quem era eu para os poder ajudar? Estivera habituado a pensar que podia ajudar almas, mas que poder, que luz, que verdade, que bondade existe em mim para que eu pudesse presumir ajudar até o mais humilde filho da Terra?

Não prossegui com o sentimento correto; estava a fazê-lo pelo Reino dos Céus que julgava ter perdido. Procurava seguir, por um método artificial, o caminho que pensava que o meu Redentor tinha seguido.

Mas que tinha eu, então, para oferecer? Prometia esperança, eu que não a tinha? Oferecia salvação, eu que não estava salvo? Ah! de novo a voz veio até mim:

"O Reino dos Céus está dentro de vós"; e, numa humildade profunda e absoluta, afundei-me no meu espírito, dizendo:

"Seja o que for que exista para eu ser ou fazer, ó Pai celestial, deixa-me fazê-lo."

E o rosto e a figura que primeiro me tinham aparecido voltaram a colocar-se ao meu lado; mais radiante era o semblante, mais revestida de brilho estava a forma, e a mesma voz suave disse:

"Que farias tu?"

E eu disse, do mais profundo do meu espírito: "Qualquer coisa que haja para fazer."

"Que quererias tu ser?"

"Qualquer coisa que o Pai Infinito escolha ou deseje."

"E darias tu a tua eterna esperança de salvação para salvar outra alma?"

Com um grande terramoto que abalou a minha espírito até ao mais profundo centro, exclamei na minha angústia: "Não sei."

"Então, se não o fizeres," disse o meu mentor, "não podes entrar no Reino dos Céus."

Que poderia ele querer dizer? Mais uma vez o meu mentor desapareceu e fui deixado sozinho com o meu próprio estado e condição para lutar com eles.

Que poderia ele querer dizer? Esqueci-me de mim mesmo. Estava desesperado por minha causa. Voltei os meus pensamentos para os outros. Vi, no meio de uma multidão terrena, uma criança delicada, e essa criança estava em perigo iminente; parecia haver influências de escuridão envolvendo-a, e num instante disse: "Oh! deixai-me salvar essa criança do perigo! Não tenho vida física para dar." Vi a luz do seu rosto; vi o seu coração radiante; vi a sua bela existência. Daria tudo se a pudesse salvar. Vi o meu amigo mais próximo e mais querido; alguém a quem estivera ligado por laços de ternura tão profundos na Terra que nunca uma sombra se interpusera entre nós.

Vi esse amigo em perigo de mente e corpo; vi que a grande escuridão que descera sobre o meu espírito afetara também o espírito do meu amigo, e voltei-me com tão constante luz e afeição para aquele único amigo que já não conhecia outra existência, procurando durante todo o tempo salvá-lo. E tanto amor saiu do meu ser naquela hora que eu teria dado a minha salvação eterna para salvar o pensamento, a mente, o espírito, a alma do meu amigo.

Ó Deus, jamais poderei descrever-vos o êxtase daquela hora. Quando esse sentimento veio sobre mim — de que eu daria qualquer coisa pelo amor que sentia por outro — abriu-se diante de mim uma visão de beleza divina; as nuvens romperam-se e afastaram-se como as tendes visto afastar-se em glória incomparável quando a tempestade termina e passa; quando os trovões seguem por um lado e os relâmpagos por outro, e um dourado pergaminho de bela luz ilumina os céus.

No espaço que se tornou claro com o afastamento da nuvem vi seres belíssimos; aqueles que eu amara e estimara em tempos passados. Aqueles de quem me afastara devido ao fanatismo e egoísmo da minha religião, por terem encontrado Cristo e por eu os ter condenado; eis que estavam acima de mim, aqueles que tinham amado os seus semelhantes mais do que a si próprios, e que não professavam amor por Cristo; vi-os agora sorrindo para mim do alto onde estavam e chamando-me com as mãos estendidas. E vi o rosto incomparável daquele que me aparecera duas vezes na minha escuridão e perigo, agora revestido de brilho, agora rodeado por uma auréola de luz; e os que estavam perto dele eram aqueles que tinham dado as suas vidas, os seus pensamentos, toda a sua existência pelo amor da humanidade.

Enquanto isso, das sombras em redor de mim vinham as vozes suplicantes daqueles a quem eu ensinara o caminho da salvação através do egoísmo, dizendo:

"Onde está o meu Redentor?"

Eu teria voltado costas àquela companhia sem matéria naquela hora e, mergulhando na escuridão que me rodeava, teria dito:

"Se quiserdes aceitar a luz, recebei-a; agora posso dá-la a vós."

E assim fiz. Quando tendes a luz e a dais, cada vez mais ela vem até vós. Tão grande amor senti naquela hora, e a voz que sempre viera mais e mais perto disse agora triunfantemente na minha alma:

"O Reino dos Céus está dentro de vós."

O Cristo que triunfou era o espírito da verdade e do amor; e ali estava Aquele que os homens mil vezes injuriaram e traíram entre zombarias e louvores, dizendo: "Aquele que mais ama o seu próximo é o primeiro no Reino dos Céus. Aquele que procura salvar a sua vida perdê-la-á, e aquele que dá a sua vida por outro ganha tudo."

Ó Deus! naquela hora de triunfo o verdadeiro Reino dos Céus foi-me revelado; e eu teria dado todos os mundos, todos os tronos, todas as harpas de ouro e todos os pensamentos de salvação eterna para depor esta dádiva aos pés daqueles que procuram egoisticamente apenas a salvação.

E agora a minha mensagem terminou. Não estou em ruas de ouro, nem dentro de muralhas fabulosas; estou triunfante porque sei agora que não posso ser salvo a menos que cada filho da Terra também o seja. Sei agora que não posso ser feliz no reino da eternidade da vida eterna, a menos que também através da escuridão do coração e da vida penetre este pulsar vibrante do amor eterno.

Nada mais peço pelo meu Redentor, pois entronizada na alma está a bendita imagem daquele semblante que me ensinou que a luz está entesourada dentro de nós. Nada mais peço pela cidade de ouro, pois nos ambientes da existência espiritual, nas moradas povoadas do alto e entre os espíritos apinhados da Terra, descubro que a cidade do meu amor está nos corações e almas dos meus semelhantes. Nada mais peço

pelo amor de Deus e pelo trono de brancura, pois não contemplaria qualquer estado abençoado ou morada sagrada que excluísse dentro dos seus muros qualquer filho de Deus.

O Reino dos Céus está dentro de vós, e o seu nome é amor; não o amor de si mesmo, não o amor de Deus, não o amor de Cristo, mas o amor pelos vossos semelhantes, que é o amor de Deus e de Cristo.

CIÊNCIA VS MORALIDADE

OU AS CAUSAS DA ASCENSÃO E QUEDA DAS NAÇÕES

Um Discurso proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Temperance Hall, Grosvenor Street, Manchester, no Domingo à Noite, 16 de Agosto de 1874, presidido pelo Sr. Thomas Ellis. O salão estava superlotado. Um comité selecionado pela assistência escreveu três temas e o seguinte foi escolhido por votação: "Dependerá a ascensão e o progresso das nações da difusão do conhecimento científico, que é variável, ou da extensão e aceitação das leis morais, que são fixas e imutáveis?" Após os habituais cânticos, leitura e invocação, a Sra. Tappan falou da seguinte forma:

Ouvistes o tema anunciado; ele contém duas afirmações, além de fazer uma pergunta. Afirma que o conhecimento científico é variável e mutável, e que a lei moral é fixa e imutável. Naturalmente, antes de responder à pergunta, devemos dispor destas duas asserções. O conhecimento científico, tal como se expressa no mundo, não pretende ser definitivo no que se refere a quaisquer desenvolvimentos específicos de uma única ciência na sua infância; mas toda a ciência absoluta é, nas suas leis, precisamente tão imutável quanto a lei moral. Qualquer aparente carácter definitivo na lei moral, aceite pela humanidade como tal, é tão dependente das mudanças de educação, administração e outras influências externas como a ciência.

Solicitamos, pois, em primeiro lugar, que se estabeleçam as premissas que consideramos adequadas — que o conhecimento científico relativo àquelas ciências que se encontram ainda na sua infância é variável; mas todo o conhecimento científico que contribui para o esclarecimento e utilidade da humanidade, através da difusão das artes mecânicas e da extensão da civilização, embora mutável, constitui ainda assim uma mudança para melhor, e qualquer ciência abstrata, como a matemática, na sua finalidade nunca muda; os princípios fundamentais da ciência matemática são os mesmos hoje como quando foram inicialmente descobertos no Egipto. Consequentemente, devemos considerar o que se entende por conhecimento científico.

Se o cavalheiro entende simplesmente as teorias da ciência, que não pretendem ser definitivas até que sejam justa e distintamente testadas, pois, com certeza, concordaremos com a sua asserção de que estas são mutáveis; mas se ele entende as possessões e aquisições reais da ciência, embora mutáveis, estas rendem a cada mudança uma colheita frutuosa para o benefício da humanidade. Tais aquisições científicas como a bússola do marinheiro, a prensa tipográfica, a máquina a vapor e o

telégrafo magnético, em nossa opinião, têm sido fontes frutuosas para o aperfeiçoamento e progresso das nações; enquanto a lei moral fixa que existe no mundo, embora permaneça inalterada por eras, não move tanto a humanidade, em nossa opinião, como o alimento acessível e a difusão do conhecimento geral sobre os princípios da vida externa e da proteção sanitária; sendo estas leis morais, como afirmámos, as mais elevadas, mas encontrando-se acima do alcance médio do pensamento humano até que o homem físico esteja provido. Solicitamos, portanto, ao responder à pergunta, que se declarem as que acreditamos ser as causas da ascensão e queda das nações, e se, nos processos finais e culminantes do desenvolvimento humano, a lei moral e a lei científica não se revelarão coiguais e codependentes uma da outra.

É bem sabido de todos os estudantes de história que, no início das nações, as raças nómadas da terra iniciaram a sua associação mútua a partir de um desejo de proteção física; que, à medida que o homem se descobria nas eras bárbaras deficiente em proteção física, combinações de homens se reuniam com o propósito de afastar os perigos das feras, dos elementos da terra e do ar, e por fim uns dos outros; e que estes perigos eram puramente físicos na sua natureza, mas transformavam-se em perigos invisíveis, pois os homens consideravam naqueles dias que cada elemento era habitado por um ser sobrenatural. Sabemos que, no início e na infância das raças, o desejo de avanço e de proteção mútua refreia a cupidez e o egoísmo que mais tarde prevalecem. Sabemos que o perigo atrai mutuamente as pessoas; e quando concentradas no simples objetivo do instinto de preservação, não há tempo para a influência corruptora dos vícios que posteriormente se introduzem.

Assim, julgamos que todas as nações na sua condição primitiva eram patriarcais, vivendo mais como membros de famílias, sendo o chefe ou progenitor o cabeça da família e decidindo todas as disputas, tornando-se ele, por sua vez, o sacerdote ou intérprete de ensinamentos religiosos ou espirituais; e, à medida que as comunidades aumentavam, estes sacerdotes ou patriarcas eram indubitavelmente escolhidos de entre os mais sábios do povo ou os mais idosos. Finalmente, quando os homens se reuniram em cidades, construíram reinos e estabeleceram governos e leis, foi, como afirmámos, a partir deste instinto de preservação, para que pudessem mutuamente afastar qualquer inimigo dos ventos, das águas, das feras, das cheias destruidoras e das influências devastadoras em geral.

Com este desejo estava, naturalmente, implantado na mente o amor pelo Espírito ou poder supremo que parecia evidentemente governar o universo. Isto tomou a forma de adoração. Mas como as antigas nações descobriram influências desfavoráveis bem como favoráveis na natureza, concluíram que existiam dois tipos de divindades — uma, o deus ou deuses da bondade, e outra, o deus ou deuses do mal; porque no tempo do verão e durante a prevalência dos raios solares a vegetação melhorava, a vida manifestava a sua influência frutificadora e a terra embelezava-se, rendendo os seus produtos ao homem; no tempo do inverno ocorriam cheias, neves, chuvas devastadoras, toda a espécie de poderes malignos — estes eram também deificados.

E torna-se um facto que entre os Bramanes, que adoram uma divindade tríplice, aquilo que representa o destruidor Siva tem mais seguidores do que Bramah ou Vishnu; torna-se um facto que o sentimento de medo usurpou o lugar da adoração. Mas, como afirmámos, todas as leis fundadas nas combinações de homens para proteção mútua nas etapas mais iniciais do crescimento de governos e reinos são leis de progresso, porque estão sempre a esforçar-se por obter algo que é mais elevado; mas assim que uma nação atinge a condição de prosperidade, então a prosperidade gera a corrupção, crescendo a partir de duas causas distintivas — uma é que na prosperidade eles se congregam em cidades superlotadas, em vez de viverem, como fazem as tribos nómadas, próximos da natureza e ao ar livre. Estas cidades superlotadas, devido à falta de medidas sanitárias, tornam-se fontes frutuosas de doenças e de crime, e destas procede a introdução certa daqueles elementos que mais tarde destroem o povo que aparentemente criaram.

Nos países remotos do Oriente, nos vastos impérios da Índia e do Egipto, da Ásia e no império chinês, e onde quer que estas influências existam, sabemos que as duas causas corruptoras que caminham de mãos dadas com a civilização são as cidades superlotadas e a falta de medidas sanitárias adequadas, e a corrupção que é gerada pelo egoísmo; pois logo que haja uma combinação suficiente de homens, de leis e de soldados para os proteger de invasões externas de inimigos, começam a fazer guerra uns aos outros, seja por egoísmo ou por algum tipo de ambição. Daí que os primeiros elementos de destruição nacional sejam semeados com a prosperidade de uma nação e com o número de pessoas que se reúnem.

Porém sempre que esta prosperidade é suficientemente esclarecida para não se aglomerar em limites demasiado estreitos — como foi o caso do império chinês, que foi a origem da sua própria destruição, por se isolar das outras nações da terra, ou como tem sido o caso de muitas outras nações distintas, que se recusam a comerciar com nações externas, semeando assim as sementes da sua própria destruição — sempre que a civilização tem sido suficientemente esclarecida e suficientemente grande para fazer com que as nações assim combinadas não se restrinjam a um território isolado, e não aglomerem o seu povo num espaço demasiado estreito, e não se predem umas às outras pelo egoísmo individual, estas nações existiram pelo período mais longo de tempo.

Mas acontece, ou foi desde o princípio uma lei do Criador, que sempre que as nações atingem um certo grau de prosperidade material, atingem também um certo grau de ambição, de cupidez, de desejo de ganho; e este egoísmo individual ou nacional forma o gérmen da destruição nacional. Os impérios do Oriente ilustram isso. O império chinês, que por milhares de anos deteve o domínio no Oriente, só foi destruído devido à corrupção nacional, o resultado de um número demasiado grande de seres humanos concentrados numa parte da terra; e onde quer que isto exista, há sempre uma negligência daquelas medidas sanitárias adequadas que produzem vida e poder e força e vitalidade numa nação.

As causas da ascensão e queda das nações têm sido uniformes em toda a história do mundo. Não precisamos de recuar tanto quanto ao império chinês; podemos

reportar-nos ao Egipto, contendo em si os esplêndidos poderes e resultados de eras de civilização que o antecederam, a sede e cidadela da aprendizagem, da ciência, do governo, da riqueza, do poder — o Egipto também guardava no seu seio os germes da mesma destruição que causara a decadência das nações do Oriente, a saber, com a prosperidade veio primeiro a doença, depois o desejo de ambição, as guerras agressivas, a peste, a fome, a destruição. Os impérios grego e romano, supostos representar o apogeu da civilização e cultura humanas, e ainda hoje apontados como os maiores e melhores esforços do esclarecimento humano e da civilização humana, deveram a sua decadência à existência de duas falhas distintas, o isolamento e a ambição — o isolamento do resto do mundo devido à sua suposta superioridade; a ambição, que se restringiu ao que era material e intelectual, em vez de combinar também a excelência espiritual; e estas causaram, como afirmamos, o derrube final das mais belas evidências de civilização que já existiram sobre a terra, porque as nações posteriores ainda não atingiram o apogeu do seu poder.

Mas sempre que uma nação, pelo seu excessivo isolamento ou poder, se separou do resto do mundo, parece haver sempre um impulso prevalecente de tribos bárbaras ou de hordas de homens naturais para varrer e devastar as regiões assim aparentemente embelezadas pela mão do homem. Isto foi sempre considerado uma calamidade, e a invasão do império romano nos seus dias de maior prosperidade pelos godos e vândalos foi considerada a maior desgraça que alguma vez aconteceu à civilização.

Nós consideramo-la uma das maiores beneficências, pois removeu da esfera estreita e limitada do próprio império romano para a esfera mais ampla do mundo as sementes e germes daquela civilização; abriu caminho para as nações que desde então cresceram para lá das Colunas de Hércules, e removeu a civilização helénica para as fronteiras da Bretanha e da França, e até provocou o ímpeto que finalmente criou o Novo Mundo com a sua maravilhosa população e poder. Sempre que um centro de civilização pode ser disperso, é como levar tantas sementes nas asas do vento, para as plantar no deserto, e render de novo a colheita do crescimento e prosperidade humanos.

Sempre que essa civilização é mantida dentro de um compasso estreito, cria os elementos da sua própria destruição e, finalmente, morre pela falta de um reabastecimento daqueles elementos que lhe dão vitalidade e força. Perceberão isto em referência às famílias reais, e em referência a todas aquelas nações que proíbem o casamento com outras nações; por esse isolamento, retêm em si os elementos fisiológicos e físicos da autodestruição; pois qualquer doença, incapacidade ou imperfeição física assim gerada torna-se perpetuada de uma geração para outra.

As raças mais fracas do mundo são as raças de reis; las raças mais fortes no mundo são raças compostas pelo maior número de nações amalgamadas. A raça anglo-saxónica representa uma destas últimas, a nova nação americana representa outra; e todas aquelas nações que têm sido a expressão de várias raças contêm em si a maior quantidade de vitalidade e prosperidade. É-nos pedido, contudo, que estabeleçamos um contraste ou comparação entre a durabilidade das nações, e que digamos se a causa

da sua ascensão e declínio deve ser atribuída a resultados científicos ou a resultados morais.

Consideramos que o verdadeiro estudante de história deve enunciar e enumerar ambas as causas conjuntamente. Consideramos que elas não podem ser separadas quando medimos a ascensão e a queda de qualquer nação, seja ela qual for, porque enquanto, como afirmámos, os dados científicos absolutos podem variar, também as conceções da lei moral variam. Por exemplo, os costumes sociais e morais entre os judeus e entre as nações do Oriente diferem essencialmente daqueles prevalecentes na Grécia e em Roma, e no entanto, ambos pereceram igualmente. Os egípcios tinham um tipo de moralidade, o antigo brâmane tinha outro, o budista reformado tem outro. Todos os sistemas de lei moral variam de acordo com a nação em que existem. As leis do espartano Licurgo seriam consideradas muito imorais hoje, uma vez que ele mandava matar todos os bebés imperfeitos que nasciam, e uma vez que nenhuma pessoa deformada tinha permissão para viver.

Hoje isso seria considerado homicídio; era então considerado o epítome da lei moral. Também estão cientes de que existem diferenças em muitas questões sociais e morais proeminentes entre as dispensações hebraica e cristã. Mas consideramos que a verdade moral última, tal como a verdade científica última, está destinada a ser a causa governante e controladora do avanço e da prosperidade das nações; que quando a verdade moral última for dada a conhecer e plenamente ensinada, ela indubitavelmente cobrirá todas as necessidades morais da humanidade: assim, quando a verdade científica última for dada a conhecer, cobrirá todas as necessidades físicas da humanidade.

Supunha-se que as leis de Moisés, tal como incorporadas nos mandamentos, continham tudo o que era requisito para o avanço e prosperidade dos filhos de Israel; no entanto, quando Cristo veio, ele incorporou esses mandamentos numa única afirmação: "Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros." Isto superou muitos dos mandamentos, pois continha a totalidade deles. Assim, existem verdades científicas, indubitavelmente, que acabarão por tomar o lugar de muitas que são apenas aproximadamente verdadeiras, e o mundo será governado por elas.

Mas quando nos perguntam se a regra de ouro teve mais a ver com a civilização moderna, ou se terá "sido a bússola, a prensa tipográfica, o telégrafo magnético, a máquina a vapor e os vários dispositivos para criar poder e libertar os homens do trabalho laborioso, devemos dar o veredicto àquilo que parece ter sido o meio de difundir a maior felicidade entre a humanidade.

Indubitavelmente, a regra de ouro, quando enunciada, constitui a orientação mais elevada possível para a humanidade; mas como há de ela ser enunciada sem os milhões de línguas que diariamente saem da prensa tipográfica? Como há de ela ser enunciada sem os muitos braços gigantes de poder que diariamente cruzam os mares sob a forma de navios a vapor? Como há de ela ser enunciada sem as asas subtis do relâmpago que a transportam a milhares de milhas através do oceano, por baixo do

mar? Como há de ela ser enunciada sem os marinheiros que descem ao mar in navios e levam consigo mensagens de civilização para as nações distantes?

Aquele que inventa um método ou projeta um meio através do qual milhões de seres humanos possam ser colocados na posse dos meios de vida é o salvador do mundo; pois a grande questão para a massa da humanidade não é o que fazer uns aos outros, mas sim como viver; a grande questão para as massas não é simplesmente a lei moral e o código mais elevado da natureza, mas com que alimentar os seus filhos; e não se pode alimentar os homens com a regra de ouro; não se pode dar isto a um homem para comer enquanto os seus filhos estão a morrer de fome por falta de pão. Aquele que tornou possível que o pobre de Inglaterra tivesse pão isento de impostos fez mais do que todas as igrejas que erguem as suas agulhas pelo mundo fora.

Estas podem parecer afirmações fortes; mas quando nos lembramos de que a lei primordial da existência do homem na terra é que o corpo seja um templo adequado para a alma, e que é o direito de cada criança que nasce no mundo ter alimento adequado, abrigo e vestuário, lamentamos profundamente a quantidade de discursos que se dedicam a esta mesma regra de ouro, enquanto há indigentes nas ruas de todas as cidades cristãs, e enquanto há milhares famintos de pão. Pensamos realmente que algo é necessário além da mera afirmação da lei moral, quando há multidões que se aglomeram em cidades superlotadas, e em locais baixos da terra, procurando apenas casa e abrigo. Se dois mil anos deste tipo de discurso não foram suficientes para atingir os corações daqueles que estão nos próprios centros da civilização cristã, o que seria fora desses centros?

Se não fossem as medidas adotadas através do conhecimento científico, sabemos que os métodos de avanço humano e de saúde e prosperidade humanas não seriam um por cada mil do que são hoje. Olhai para as pragas devastadoras e formas de peste que varreram as cidades povoadas da Ásia e do Oriente no tempo passado, destruindo milhares de lives. Olhai para as pestes devastadoras que têm sido conhecidas até na esclarecida Bretanha. Mas assim que a Comissão Sanitária entra numa cidade e cumpre o seu dever adequadamente, a peste e a pestilência desaparecem. Assim que se providenciam medidas eficientes para afastar miasmas venenosos, para proteger a vida humana contra doenças contagiosas, para preservar a pureza da atmosfera, da água, dos alimentos, então todos estes poderes de destruição física cessam.

Não há quantidade de mero discurso moral que o faça, mas sim um conhecimento minucioso das leis científicas sobre as quais a vida e a saúde se baseiam; e essas leis estão contidas no conhecimento daquilo que é destrutivo e daquilo que é benéfico para o homem. Cada doença é transmitida ou pela atmosfera, ou pela água, ou pela alimentação que comeis; e cada doença contém germes distintivos e especiais, sejam animais ou vegetais, que podem ser propagados entre a humanidade e que podem ser destruídos por um conhecimento científico adequado. Aquele que descobre um modo de prevenir praticamente a difusão destas doenças torna-se imediatamente um grande salvador tanto moral como físico para a humanidade; enquanto aquele que aponta um método eficaz não só de adquirir meios para sustentar a vida diária, mas de poupar esses meios de forma a dar saúde e

educação aos seus filhos, torna-se o maior missionário que a civilização moderna pode possuir.

Preste-se atenção ao facto de que não negamos aqui, nem subestimamos, nem pomos de lado os grandes homens do ensino moral do mundo; mas o ensino moral do mundo é como uma estrela que está colocada no céu, não dando luz aos pés errantes daqueles que caminham na escuridão da carência e da penúria. Quem quer que ligue essa lei moral com a necessidade imediata desses homens aqui em baixo, aos vossos pés, esse é o homem que combina o mestre e o salvador num só. Quem trouxer essa lei ao alcance do homem que aqui se afadiga e moureja, e tornar possível que ele veja o seu caminho livre — tão bem como o rei no trono, o potentado ao seu lado e o milionário que se deleita na riqueza —, mostrar-lhe-á alguma ligação entre a regra de ouro e a sua própria vida.

Porém, o que sabe o homem que está a morrer de fome por falta de pão ou que, angariando uma subsistência escassa, é obrigado a mourejar em cada hora ativa da sua vida para o sustento de si próprio e da família — o que sabe ele sobre fazer o bem aos outros ou agir com justiça? Haveis de pregar-lhe enquanto aqueles para quem ele olha em busca de instrução se deleitam na riqueza, sem a possibilidade de ele fazer a ponte sobre o vasto abismo entre si e eles? O que lhe direis do Estado e da Igreja e da construção de governos quando ele apenas sabe que de manhã à noite e de noite à manhã está a lutar e a esforçar-se por uma mera subsistência?

Ora, é evidente que algo mais é necessário no mundo além da afirmação moral ou da mera afirmação científica. Se temos ciência, temos de a ter aplicada praticamente às necessidades e desejos dos homens; e consideramos que cada aquisição científica que tornou a aprendizagem possível, que tornou o trabalho mais suportável, que tornou o destino do homem trabalhador menos pesado, tem sido uma revelação direta e distintiva do céu; e consideramos que o doce espírito de paciência e bondade amorosa que possa também ter vindo com o mestre religioso tem sido igualmente uma graça salvadora no mundo.

Nós, pela nossa parte, não podemos separar a moral mais elevada das leis físicas e científicas mais elevadas. Acreditamos que todas as leis da natureza são leis de Deus. Acreditamos que a compreensão adequada dessas leis é religião. Acreditamos que a verdadeira adoração a Deus é conformar-se com essas leis, físicas e morais; e aquele que viola a lei física, trazendo com isso sofrimento sobre si ou sobre os seus filhos, é um pecador tão grande quanto aquele que viola a lei moral.

Acreditamos que virá o tempo em que tereis tanta vergonha de ter uma dor de cabeça como de contar uma mentira; quando será tão importante saber como evitar apanhar uma constipação como evitar roubar; quando a importância que se confere à saúde física e ao bem-estar será tanto uma parte da vossa religião como o dizer as vossas orações matinais; quando será considerado parte das devoções humanas saber precisamente a quantidade necessária de oxigénio a introduzir numa sala a fim de preservar a saúde humana, e não como agora (talvez não na presente ocasião, mas muito frequentemente), respirando-se ar venenoso repetidamente, com o propósito de

receber instrução espiritual e moral. A quantidade de gás ácido carbónico introduzida no cérebro e no sistema durante um discurso comum produz resultados muito mais pecaminosos do que se as pessoas geralmente permanecessem sem ouvir o discurso.

O veneno físico assim introduzido vicia o sangue, transporta debilidade para o cérebro, torna impossível exercer adequadamente as funções de raciocínio e destrói todo o esforço que um homem possa eventualmente fazer na direção da bondade. Retirai esses bairros de lata e pântanos do desespero nas vossas cidades superlotadas, e tornai-os todos locais adequados para a habitação dos homens. Cuidai para que as crianças não sejam aglomeradas em tugúrios baixos e debaixo do solo e das sarjetas das vossas cidades superlotadas.

Cuidai para que dezasseis, ou dezoito, ou vinte famílias, totalizando sessenta ou cem pessoas, não sejam condenadas a quatro ou cinco divisões individuais. Isto é o que consideramos ser o esclarecimento moral; isto é o que consideramos ser o elevado trabalho das sociedades missionárias nacionais em todas as terras cristãs; isto é o que pensamos que deve ser ensinado nas escolas, e tornado a religião quotidiana e permanente de cada lar, para que o templo que o espírito habita possa ser tornado a morada adequada e a casa de Deus, tendo a alma uma habitação apropriada.

Afirmamos que consideramos que o homem bom é aquele que ama a justiça e caminha retamente; aquele que ama o seu próximo como a si mesmo, e que faz — não, não apenas faz, mas pensa — em relação a todos como gostaria que pensassem em relação a ele, cumprindo assim os requisitos mais elevados da lei moral. Mas afirmamos que existe uma barreira intransponível entre o homem que está a morrer de fome por falta de pão e aquele que está a expor a regra de ouro. Cuidemos para que na terra cristã que enuncia a mais elevada lei moral não exista esta ampla discrepância entre os homens apenas pelo acidente do nascimento. Cuidemos para que aquele que trabalha dia e noite não seja obrigado a esgotar até ao limite as forças que a natureza dá; enquanto outro homem que não pensa no amanhã se deleita na ociosidade.

Aquele que fizer entre estes dois extremos na sociedade uma ponte adequada e filosófica, que arquear sobre este vasto abismo da humanidade um sistema científico de ética, tornando possível que cada homem tenha uma formação física, intelectual e moral adequada, esse será o salvador do século dezanove. Isto está a ser rapidamente executado. A difusão do conhecimento, a prensa tipográfica, economia na alimentação, a dispensa da aprendizagem, as escolas adequadas para as crianças, o trabalho que é diminuído e aligeirado — tudo isto são auxílios para a concretização deste resultado; e quer o ímpeto proceda da parte moral quer da parte científica da comunidade, pouco importa.

As invenções através das quais o trabalho é aligeirado emanaram de mentes científicas, e não devemos esquecer que os grandes conservadores das opiniões teológicas, a organização das igrejas, se opuseram a cada passo de avanço da ciência; não devemos esquecer que não apenas a agulha magnética, mas a prensa tipográfica, a máquina a vapor, o telégrafo elétrico, não receberam oposição mais violenta, e quase nenhuma exceto por parte dessas mesmas organizações eclesiásticas.

Não consideramos, contudo, que estas representem a força moral da comunidade; não consideramos que esta forma particular de expressão religiosa represente realmente o poder moral da humanidade: consideramos que a voz mais alta do maior número de pessoas no mundo constitui a sua força moral, e que quando qualquer questão está perante uma nação, ou perante o povo do mundo, se se obtiver a voz média da humanidade sobre esse assunto, obter-se-á geralmente o padrão moral mais elevado. Não há número de pessoas, por mais ignorantes e degradadas que sejam, que, se interpeladas desta maneira, não deem o seu veredicto a favor daquilo que é melhor e mais elevado.

Não há número de pessoas sem preconceitos e não governadas pela paixão que, quando questionadas sobre o que é correto e o que é melhor e o que é mais elevado, não digam que é correto e melhor e mais elevado aquilo que promove a felicidade da humanidade, e que é errado e não é o melhor e é baixo aquilo que tende para a degradação e infelicidade da humanidade. E sendo este o padrão de gosto, consideramos que a lei moral e a sua expressão estão seguras nas mentes da maioria das pessoas do mundo.

É um facto aprazível, para o qual desejamos chamar a vossa atenção, que entre todas as nações da terra a expressão mais alta de moralidade é simultânea e semelhante, seja entre o cristão, o hindu ou o bárbaro remoto — a saber: "Faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti." Na Arábia, onde poderíeis considerar que a vossa vida não estaria segura, a tenda de um estranho é sagrada.

Nas planícies da América do Norte, onde os índios selvagens capturam e talvez matem aqueles que supõem ser os seus inimigos, o estranho que é seu hóspede é protegido; ele está seguro sob o seu teto. A hospitalidade e o agir justamente para com aqueles que são estranhos no seu meio torna-se a voz prevalecente até mesmo das nações bárbaras do mundo; enquanto nos países maometanos os seus negócios por vezes envergonhariam a medida e o dízimo das nações cristãs, visto que não existem barreiras, fechaduras e chaves, mas em muitos dos locais de comércio as mercadorias são deixadas sobre o balcão, e o comprador deixa a quantidade necessária de troco, levando o que necessita, e quando repreendidos por este descuido eles desculpam-se dizendo:

"Não há cristãos num raio de duzentas ou trezentas milhas!"

É uma lei nos países cristãos que os homens ajam honestamente, mas os resultados nas ruas das vossas cidades mostram que não confiais uns nos outros; e entre irmãos (agora estamos a colocar proposições penetrantes) da mesma denominação, é necessário que documentos legais distintos sejam redigidos e atestados sob juramento, a fim de que possais agir justamente uns com os outros. Se esta for a expressão mais alta da civilização, então não sabemos o que significa civilização.

Acreditamos que a lei moral exige mais do que isto, não apenas que sejais justos uns para com os outros quando compelidos a fazê-lo por obrigações legais, mas que

não haja sequer um pensamento ou desejo de agir injustamente. E colocando este teste ao mundo, há grande necessidade de que a lei moral seja mais plenamente ilustrada. Acreditamos, como questão de facto, que a simples condição de bondade e de verdade e de pureza forma o estado espiritual mais elevado. Acreditamos que aquele que, por mais humilde que seja, tem dentro de si esse estado espiritual, possui maiores riquezas do que se fosse senhor de uma propriedade ou rei de um império.

Mas também acreditamos que as duas condições devem caminhar de mãos dadas na sociedade, e que quando aplicadas às nações devemos ter para os resultados físicos as melhores medidas científicas e sanitárias, e para os resultados mentais e morais a melhor e mais elevada formação mental e religiosa. E acreditamos que de tal modo é dependente uma da outra que o espírito esclarecido não deseja, e sofre ao expressar-se numa forma indigna; e que a forma indigna muitas vezes impede a expressão dos impulsos mais elevados e nobres da humanidade. Acreditamos que quando se tornar um facto na religião, bem como na ciência, que todo o âmbito das obrigações do homem inclui a perfeição física e moral, não haverá então a divergência entre a ciência e a religião que existe hoje.

A tendência desta divergência é que o homem científico dedica todas as suas energias ao físico, e à sua expressão e perfeição. Isto indubitavelmente produz resultados esplêndidos; mas quando o templo está aperfeiçoado, se não houver alma para o ocupar, o que importará? O teólogo dedicou todas as suas energias ao cultivo do espírito do homem, conforme supõe, à custa da natureza física e científica. O resultado é que o corpo emaciado, as condições de semifome no mundo e todas as formas de doença exigem uma vigilância crescente por parte da ciência.

Façamo-lo desta maneira — que o verdadeiro médico seja o homem que compreende não apenas as causas físicas, mas também as morais da doença; que o verdadeiro médico não sonde apenas a ferida que está manifesta no corpo, mas analise também esses poderes subtis da mente que frequentemente causam sofrimento e doença, e não pode haver um médico verdadeiramente científico que não compreenda as causas psicológicas bem como as fisiológicas do sofrimento humano. Façamos também com que as coisas se organizem deste modo — que aquele que ensina os homens moralmente e lhes dá alimento espiritual, também cuide, ou seja alertado, de se eles têm alimento físico e vestuário adequados; e que não se esforce por impressionar nas suas mentes a excelsa excelência das máximas morais até saber se há comida na despensa, ou se as crianças estão a sofrer por falta de pão.

Quando estas combinações forem feitas na sociedade humana, o instrutor da religião não será um estranho para com todos os pequeninos que andam sem teto nas nossas ruas; e far-se-á como ponto de bom gosto e de elevada lei moral numa comunidade que não haja aí indigentes, que não haja mutilados a chorar por pão. Tendes, para vossa honra seja dito, como nação cristã, as mais nobres e benéficas instituições e asilos para os surdos, cegos e mutilados, locais de instrução para os pobres e os marginalizados; no entanto, há milhares de pessoas ainda desprovidas, e

milhares mais que, de caminhos morais, são cegas, surdas e coxas, que não têm outro caminho a percorrer senão diretamente para a penitenciária ou para a força.

Haja asilos para os cegos de espírito e os surdos de alma, locais para os moralmente enfermos, de modo que se um homem for predisposto pela organização que herdou, ou por qualquer outra causa antenatal, a tirar o que não é seu, não seja, por isso, forçado a um confinamento solitário, mas colocado num hospital onde a cleptomania seja objeto de um tratamento especial, tal como colocastes o homem cego num asilo adequado. Se houver aqueles que têm génios ingovernáveis, e que são propensos a mutilar e assassinar os seus semelhantes, haja locais de reforma e instrução para eles.

Rapazes pequenos que se encontram nas ruas a bater nos seus pequenos companheiros, e a dar vazão a essas paixões que podem ter sido transmitidas de gerações anteriores, que sejam contidos; haja alguma instituição moral (não, infelizmente! como os vossos albergues de trabalho, mas alguma contenção moral suave) através da qual essa paixão seja suprimida, e o antagonismo e a violência da sua natureza eliminados. Se houver aqueles propensos a cair nas vossas ruas — como, infelizmente! há demasiados sujeitos à tentação das bebidas inebriantes —, providencie-se um caminho para os afastar da tentação; seja para eles tão impossível obter bebida que os prejudique a eles e aos seus semelhantes como é agora obter arsénico com o qual envenenar as vossas criaturas semelhantes.

Mas enquanto os fracos de espírito e os mutilados na alma e os cegos na excelência moral forem deixados sem estes esteios e amparos, precisamente durante esse tempo a instrução moral no mundo será nula; precisamente durante esse tempo não haverá os resultados necessários produzidos para a quantidade de instrução. Poderíamos desejar que estes esplêndidos edifícios, erguendo as suas agulhas ao céu, fossem transformados em asilos de almas enfermas; poderíamos desejar que as suas esplêndidas naves fossem abertas como vastos recetáculos para os enfermos de espírito, onde vozes gentis e mãos prontas e instrutores eficientes pudessem valer àqueles que estão moralmente enfermos. Poderíamos desejar isto; e sendo assim, seriam companheiros adequados para aquelas outras instituições que apoiam os fisicamente fracos e enfermos, e os protegem por causa das suas desventuras.

Mostrámos, consideramos nós, que a mais verdadeira e mais elevada civilização depende da aplicação coigual das leis físicas e morais que são conhecidas, ou que virão a ser conhecidas no mundo; e que, embora a lei moral possa ser perfeitamente enunciada, não pode ser perfeitamente conhecida enquanto a condição do mundo fisicamente conduzir a uma condição de carência e dependência; que não pode haver atenção adequada dada às verdades mentais e espirituais até que o corpo seja transformado num templo adequado para la alma; que a forma mais elevada de governo será aquela que combina as duas, protegendo tanto os que são moralmente como os que são fisicamente fracos; e que a forma mais elevada de civilização será aquela que, rejeitando as luras e locais em que a humanidade está agora aglomerada,

tornará possível para cada ser humano ter ar puro, água pura, alimento puro, habitação e vestuário adequados, e cultura mental e moral adequada. Esperaremos então o epítome do esclarecimento e da civilização na terra, e não antes disso.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Várias perguntas foram feitas, e prontamente e satisfatoriamente respondidas. Nem todas foram pertinentes ou sábias. Uma pergunta foi:

"Tratam os espiritualistas, como regra, os seus semelhantes melhor do que os anti-espiritualistas?" A resposta foi: "Os ensinamentos do espiritualismo prescrevem que o façam. Se falham em fazê-lo, é a sua falha pessoal, tal como é a falha pessoal do cristão se falhar em obedecer à regra de ouro."

A pergunta foi então variada, desta forma: "Não é esse ensinamento o ensinamento de outras denominações, bem como dos espiritualistas?"

R: "Não duvidamos que seja, e acreditamos que está a passar a ser cada vez mais geralmente adotado por todas as denominações na cristandade. Pensamos que há um esforço sincero por parte de homens esclarecidos de todas as denominações de se esforçarem por promover o bem-estar físico dos seus companheiros mortais antes de tentarem ensinar-lhes demasiado do espiritual. Consideramos isso como um dos mais belos sinais dos tempos."

Fez-se objeção à acusação dirigida contra o eclesiasticismo de se opor ao progresso. Por que razão deveria o sacerdócio ser acusado de se opor à verdade científica se estivessem na ignorância de que era a verdade?

R: "Mas o sacerdote que persegue a verdade antes de saber se ela é a verdade, não tem o direito de estar na ignorância."

A última pergunta sugerida foi a de que estávamos muito atrás dos dias de Cristo na cura dos enfermos; e foi dito que se Cristo pudesse apenas vir de novo e repetir estes milagres de cura haveria esperança para o mundo. A Sra. Tappan respondeu que a cura dos enfermos não era geralmente praticada nos dias de Cristo, mas apenas por Cristo e pelos seus seguidores; consequentemente, o padrão da humanidade não era mais elevado do que hoje. Além disso, muitos médiuns nos dias de hoje curam os enfermos. Havia milhares de tais casos de cura bem atestados, mas essa cura já não era uma maravilha, porque entrava no âmbito da ciência natural, embora supermundana. Os trabalhos foram levados a uma conclusão aprazível pela recitação de um poema de improviso.

A REGRA DO DIREITO

(Proferido em Manchester, domingo à tarde, 16 de Agosto; tema escolhido pela audiência.)

Veio uma voz de Deus ao homem,
Sobre o Monte Sinai,
Revelando ali o plano maravilhoso,
Pelo qual o Seu poder vindo do alto
Se manifestaria para o bem humano;
Essa voz, quando compreendida,
Deu dez regras para o bem-estar humano.
Moisés assim pensou e assim revelou:
Que todos os dias e todas as horas
A potência do grande poder de Deus
Era conhecida e ensinada em regras.
Estas foram desenvolvidas pelas escolas,
Todas moldadas pela lei mosaica,
Concebidas sem uma única falha.

Entre as nações do Oriente,
Onde a Natureza espalha o seu banquete primordial
De beleza, e onde o minério de ouro
Desdobra toda a sua rica magnificência,
O simples pensamento de homem para homem
Revelado no plano perfeito
Da fraternidade humana reinava soberano.
Mas esses pensamentos, como o dia dourado,
Pereceram, e então o sangue humano
Afogou toda a glória na sua inundação.

A justiça então tomou controlo da mente;
Gregos e Romanos procuraram ligar
Homem ao seu irmão pelo poder
Da justiça e pela torre da orgulhosa Liberdade.
Mas os subtis processos das escolas,
O método simples e as regras
Das eras estoicas, das escolas espartanas,
Não serviram para erguer o véu semelhante à névoa
Da escuridão da Terra; e os homens lamentaram
A perda total desse primeiro plano
Que parecia ter vindo à Terra para a humanidade.

Mas existe um Guia, o mais brilhante, o melhor,
Encontrado entre todas as nações, e expresso
Mesmo por aqueles que procuram ser
Adoradores da verdade sob o sol,
Mas glorificado por Ele no Calvário,
Aquele que morreu, o manso e humilde;
Não ensinado pela lei, nem instruído pela escola,

A simples ética da Regra de Ouro,
Erguida acima de todos os lugares do mundo,
Inscrita num estandarte brilhantemente desfraldado:

"Este é o meu plano:
'Fazei aos outros aquilo que gostaríeis
Que eles vos fizessem' —
A palavra de Deus ao homem."

O RITO SACRIFICIAL

Tema selecionado pela assistência

Proferido em New Bedford, Mass., 29 de Novembro de 1857

"E sem derramamento de sangue não há remissão." — HEB. ix. 22

O texto das Escrituras apresentado pelo comité para o nosso esclarecimento esta noite é uma parte do argumento de Paulo aos seus irmãos hebreus, no qual ele se propõe demonstrar que o sangue de Cristo está acima ou é mais importante do que qualquer outro sacrifício. Como Paulo fora educado na religião judaica, os ritos sacrificiais haviam sido enxertados da forma mais completa na sua teologia; e sendo ele próprio um homem cruel, como é evidente pelo facto de ter dado a sua voz contra Estêvão e de ter guardado as vestes dos seus perseguidores enquanto estes o apedrejavam.

A sua conversão, quando a caminho de Damasco, não removeu todos os erros das suas convicções anteriores, mas convenceu-o plenamente de que Jesus de Nazaré não era um impostor. Com este pendor educacional da mente, acreditando que Deus exigia o derramamento de sangue para expiar os pecados dos seus filhos, ele chegou muito naturalmente à conclusão de que Jesus se tornou a oferta sacrificial a Deus pelos pecados do mundo.

A religião judaica fundou-se em, ou melhor, cresceu a partir do paganismo; e a cristã do judaísmo — sendo Paulo, mais do que qualquer outro dos apóstolos, aquele que combinou as duas: tendes assim uma religião que contém alguns dos pensamentos e princípios mais belos e elevados que a mente humana pode compreender, mas

misturados com as conceções mais depravadas da Divindade que alguma vez desonraram a humanidade.

Deus é representado como alguém que incute a doutrina de vencer o mal com o bem e, ao mesmo tempo, planeia os meios mais terríveis de se vingar dos seus filhos indefesos; é representado como um Deus de amor e, ao mesmo tempo, como possuidor de um coração cuja crueza lançaria uma sombra sobre um demónio; é representado como um Deus de poder e, no entanto, perpetuamente derrotado nos seus planos; e assim por diante através de cada atributo do seu ser.

Não se pode negar que tendes as doutrinas de todas as nações, desde os registos mais antigos da humanidade até ao presente, enxertadas nas religiões deste país, e cada seita ortodoxa ergue-se como representante de algum período do passado. As doutrinas de João Calvino e Jonathan Edwards foram as mais bárbaras de que há registo, e constarão nas páginas da história como um índice que aponta para a loucura, crueldade e depravação de eras passadas.

Sem o derramamento de sangue, não há remissão de pecado; ou, sem aquilo que é considerado uma expiação entre Deus e os seus filhos, ninguém poderá jamais entrar no reino dos céus. No nosso esclarecimento deste tema, os nossos ouvintes lembrar-se-ão de que não nos limitamos a nenhum credo e a nenhuma interpretação especial das Escrituras. As nossas ideias são estritamente nossas. Nem o Espiritualismo nem os espiritualistas são responsáveis por elas. Nós próprios somos os únicos responsáveis por quaisquer opiniões que possamos apresentar. Esforçar-nos-emos por baseá-las na razão e no julgamento, e em tanto da revelação divina quanto nos pareça divino.

É proclamado pelos céticos, no que respeita ao Espiritualismo, que este denuncia a Bíblia, que não acredita na inspiração divina. Isto é absolutamente falso. Não existem teorias ou credos que a reconheçam tão perfeita e verdadeiramente como o faz o Espiritualismo. Mas de que maneira esta inspiração age, ou como havemos de saber o que é divino, tem sido uma matéria de dúvida em todas as eras, e sê-lo-á sempre, até que cada homem se torne o seu próprio oráculo, e a alma de cada um seja o seu próprio templo, onde Deus lhe possa falar em pessoa.

Com esta breve introdução, procederemos a expor as ideias em que este passo da Escritura se baseia, nem assumiremos que o sentido literal do passo seja verdadeiro. Devemos primeiro considerar a sua origem, as interpolações que chegaram até à igreja cristã e que estão incorporadas nas Escrituras cristãs. Nenhum teólogo da época atual pretende interpretar cada palavra da Bíblia como sendo literalmente verdadeira, ou pretende que, literalmente falando, a terra foi feita em seis dias, visto que a geologia provou o contrário. Pode, então, haver outra interpretação que não a literal desta parte da Bíblia.

Poucos clérigos pretendem considerar todos os milagres como sendo literalmente verdadeiros. Alguns representam-nos como sendo literais, outros apenas como descrições figurativas de eventos naturais. A nossa opinião, no que respeita ao Antigo Testamento, é esta: que ele é a história das batalhas de uma nação pela supremacia em

pontos religiosos e políticos, e que, consequentemente, não é a história de todo o mundo, mas apenas de uma pequena tribo que sacudiu o jugo da servidão e, finalmente, se tornou uma nação poderosa, possuindo mais conhecimento do que os seus contemporâneos, mas não mais bondade. Eles incorporaram a antiga mitologia egípcia, que foi transmitida até aos nossos dias.

Vemos assim a dispensação mosaica. Essa dispensação estava ajustada à época em que Moisés viveu. Exigia olho por olho e dente por dente. Mas quando Jesus, o Cristo, veio, ele disse: "Não pagueis o mal com o mal, mas vencei o mal com o bem" — provando que as leis morais, sociais e políticas não eram as mesmas no tempo de Jesus que no de Moisés. Moisés pode ter sido igualmente inspirado, e a partir da mesma fonte, que Jesus de Nazaré; mas a sua inspiração estava adaptada à sua época, e a de Jesus à sua época e às eras que lhe sucederam.

Assim percebereis que, embora acreditemos na inspiração divina, não acreditamos nela sob aquela visão que rejeita qualquer inspiração exceto em épocas e nações particulares. Acreditamos na inspiração; acreditamos que cada homem inspirado é inspirado a partir das suas conceções mais elevadas do Deus eterno. Assim, os antigos judeus, os egípcios, os gregos, as várias nações pagãs, tiveram as suas próprias conceções de Deus. E haveremos de dizer que elas não são verdadeiras, que não têm direitos tão elevados sobre o Pai Infinito e Eterno como nós próprios?

Deus fez os seus filhos; ele declarou-os bons. É afirmado que aqueles que foram por ele declarados bons caíram, mas nós não acreditamos nisso. Não acreditamos que o homem tenha alguma vez caído daquilo que originalmente era. Acreditamos que ele está pervertido, não porque alguém tenha cometido um pecado, mas porque, através da ignorância, a alma não percebe a luz do seu próprio ser. Acreditamos que a alma está ainda na sua infância; que a idade de ouro está ainda por vir. Portanto, com esta ideia, seremos imediatamente declarados, por aqueles de vós reconhecidos como ortodoxos, como infiéis e heréticos. Esperai até terminarmos. Acreditamos na religião; não somos infiéis ou heréticos a esse respeito. Portanto, não vos pronuncieis sobre nós até nos terdes ouvido até ao fim.

Os antigos pagãos praticavam o sacrifício, a deuses particulares, de certos animais que se acreditava assemelharem-se a esses deuses. Os antigos egípcios reconheciam nas estrelas certas propriedades misteriosas, porque calculavam a partir das estrelas os períodos atribuídos à terra, quando a vegetação brotava, quando certos animais produziam as suas crias; consequentemente, as constelações receberam o nome desses animais. Touro, significando o boi, foi nomeado a partir do tempo em que o lavrador saía com os seus bois para lavrar; e Carneiro a partir do tempo em que as ovelhas produziam as suas crias. Sendo a linguagem tão imperfeita, eles reconheciam as constelações apenas pelo nome que lhes davam pelo facto de o sol passar perto delas nesses períodos particulares do ano, e os diferentes pontos nos céus eram assim personificados nesses animais.

Com o decorrer do tempo, a ligação destas estrelas com o aparecimento das estações induziu a crença de que elas tinham uma influência sobre a primavera ou o

verão, que traziam as estações consigo. Consequentemente, diziam: "Quando Carneiro vem, ele influencia a vegetação; quando Touro vem, é tempo para o lavrador." Na sua ignorância dos verdadeiros princípios da astronomia e das leis do mundo físico, atribuíam a estas estrelas poderes que pertencem à Natureza, ou ao Deus da Natureza. Deificaram-nas e chamaram-lhes deuses.

Assim aconteceu que os animais a partir dos quais estas estrelas tinham sido nomeadas foram supostos ser deuses sobre a terra; e o boi, e a ovelha, e esses vários animais personificados nestas constelações foram chamados divindades. E quando o povo desejava que algum favor especial fosse concedido, sacrificava um animal correspondente ao nome daquela estrela, e com o qual supunha que o deus que ali residia ficaria agradado. Percebeis que a ideia de sacrifícios de animais, do derramamento de sangue para ganhar um favor especial com a Divindade, teve origem não nas nações cristãs, mas nas pagãs.

Esta ideia permeou todas as nações na história. Muitas nações sacrificaram seres humanos. A mãe hindu que sacrifica o seu filho é conscienciosa e religiosa nesse sacrifício. Ela arranca do seu coração todos os sentimentos do seio de uma mãe e lança o seu filho nas águas do Gange, dizendo que Deus assim o exige. A esposa é colocada na pira funerária do seu marido, para que os dois possam ascender juntos aos reinos dos deuses. Pensam que seria um pecado agir de outra forma. A esposa viva lança-se sobre o corpo do seu marido; o fogo é aceso ao redor dos dois, e ambas as almas ascendem juntas.

Abraão esteve prestes a sacrificar o seu filho, quando a voz do Senhor lhe falou, a voz daquela inspiração que é reconhecida na dispensação mosaica. Perdoai-nos se chocamos as vossas opiniões religiosas, mas o que é certo é que, se rastejarmos esta ideia até atrás, descobrimos que foi nas nações mais antigas que teve origem o costume de derramar o sangue de animais; e era feito para que as estrelas pudessem ser propícias e render uma colheita abundante aos cultivadores das terras, para o sustento das suas famílias.

Quando descobriram que os animais que tinham deificado não davam um retorno, começaram por fazer ídolos, representando as várias paixões do ser do homem — um deus do ódio, outro da vingança, outro do amor, e assim por toda a categoria das paixões e sentimentos humanos. A estes sacrificavam não apenas animais, mas seres humanos; não apenas aqueles animais que se supunha não terem almas imortais, mas aquelas vítimas humanas que tinham sido capturadas em batalha; e traziam-nas ali, e sacrificavam-nas aos pés daqueles ídolos imóveis, que sem dúvida imaginavam possuir poder divino.

Investiram todos os elementos da terra, do ar e da água de atributos divinos. Porquê? Porque, na sua condição primitiva, não conseguiam vencer os elementos. Percebiam que o frio os penetrava, que as vagas não seriam submissas à sua vontade, que o brilho do sol não viria ao seu chamamento, que as estrelas cintilariam nos céus, não obstante olharem para elas com admiração; e este pensamento veio até eles — o de que todas estas coisas da Natureza tinham algum espírito, ou deus, ou fada, ou silfo,

que habitava dentro delas. Com esta conceção, cada coisa material foi deificada. Enquanto o seu próprio ser era rude e inculto, sacrificavam sangue aos seus deuses; iam para a guerra com outras nações porque imaginavam que os seus deuses exigiam esses sacrifícios; traziam para casa formas trucidadas e queimavam-nas nos altares destes ídolos.

Assim foi a mitologia pagã, passo a passo, introduzida na dispensação mosaica, e tem sido transmitida até ao tempo presente. Assim estavam os antigos filisteus e israelitas no deserto, em guerra uns com os outros.

Assim batalhavam eles, sangue com sangue, forma com forma, religião com religião. E devoravam todos aqueles cuja força não fosse igual à sua. Porquê? Não porque Jeová tenha ordenado ao sol e à lua que se detivessem para que pudessem lutar uns com os outros, como é interpretado por muitos, mas porque a sua natureza não desenvolvida os fazia viver no exercício ativo dos seus poderes destrutivos e combativos. O antigo estandarte transportado por eles tinha pintado na sua superfície as figuras do sol e da lua, que eles deificavam, e porque aquele que o segurava dava o sinal, ao ficar imóvel, de que eles deviam lutar, a cristandade substituiu o sol e a lua, no lugar do estandarte, na sua crença. O sol e a lua não se detiveram realmente; Deus não suspendeu as leis naturais da sua criação. Ele não parou a terra no seu movimento diurno. Mas estas figuras sendo deificadas por eles, como remanescentes da sua antiga mitologia, detinham-se sempre que o estandarte era segurado como um sinal para que lutassem; e quando eram vitoriosos, pensavam que os deuses tinham de facto ajudado a lutar as suas batalhas.

Ao longo do Antigo Testamento encontramos constantemente vestígios desta antiga mitologia, e nele a origem da ideia de sacrifício. O Deus que exigiu a Abraão que sacrificasse o seu filho era o deus da mitologia; o Deus que susteve a sua mão era o Deus do seio de Abraão, o Pai do universo.

Pois se é errado para o homem matar, como Moisés declarou, não será errado para Deus assassinar os seus filhos? Se é errado para os homens irem para a guerra uns com os outros para que possam sacrificar os seus irmãos capturados em batalha, será correto Deus exigir o sacrifício de uma das suas criaturas para que os pecados dos seus filhos possam ser expiados?

Meus amigos, deveis perdoar-nos se dissermos que neste século dezanove, embora professeis ser cristãos, estais a viver a dispensação mosaica; e pior do que isso, a viver a dispensação das nações pagãs. Estais ainda a agir com base nessa classe de ideias que permitia aos homens supor que Deus poderia ficar agradado com o sacrifício de vítimas humanas na guerra. Pois os homens lutam uns com os outros, matam-se uns aos outros, todos os dias, a cada hora, mesmo agora, entre todas as nações cristãs; e mesmo nesta esclarecida América, em tempos de guerra, empregais um capelão para invocar a ajuda de Deus para vos assistir na carnificina humana.

Vimos que esta ideia da necessidade de sacrifício para a remissão do pecado nos chega através da dispensação mosaica; mas teve origem muito atrás dela, e tem sido

introduzida até nas nações cristãs. Antes de começarmos sobre este texto, desejaríamos primeiro dar-vos uma breve sinopse da história do Novo Testamento. Aqueles de vós que são instruídos, que leram as histórias da religião, não a que foi escrita por partidos ou seitas, ou ministros sectários, mas que leram a original, ou o que se denomina história profana, sabem muito bem que nenhuns evangelhos que registam os ditos de Jesus de Nazaré foram escritos por ele, ou pelos seus doze apóstolos, que foram escritos muitos anos após Jesus de Nazaré e os seus apóstolos terem partido. E se lerdes muito atentamente a história profana, sabeis que foram escritos por sacerdotes que tinham recebido, através da tradição e de outra forma, estes relatos, e os apresentaram nesta forma — que nos tempos de Constantino uma convenção se reuniu em Niceia para decidir se a Bíblia deveria ser o padrão do culto religioso — que metade dessa convenção era a favor da adoção da vossa atual Bíblia, e metade contra ela. O sanguinário Constantino, aquele cuja mão tinha lidado tão vilmente com o seu irmão, cuja vida inteira foi caracterizada por uma profunda degradação, deu o seu voto a favor do Cristianismo.

Estas não são especulações, mas factos históricos. Nem é isto tudo. É certo que muitas partes da Bíblia se perderam, e outras foram mal interpretadas. Tendes alguma razão para supor que aquilo que agora tendes exposto diante de vós em cada sábado é a totalidade da Bíblia? Sabeis quanto dela está literal ou verdadeiramente traduzido? Não tendes razão nenhuma para acreditar nisso, nenhuma mesmo. Meus amigos, se aceitarmos a tradução literal dos passos da Escritura que são anunciados pelos vossos ministros a partir dos vossos púlpitos todos os domingos, aceitamos um alicerce que é muito estreito, estais sobre uma plataforma que se está a degradar debaixo de vós, cujos pilares cedem ao mais ligeiro sopro de verdade.

Mas nós aceitamos os princípios incorporados na vida e no caráter de Jesus. Acreditamos de facto que ele foi manso e humilde. Acreditamos de facto que ele sustentou essa vida ao longo de toda a sua adorável carreira, que foi o Filho de Deus e, como disse, o Filho do homem. Acreditamos de facto que ele esteve aliado ao Pai Infinito. Acreditamos de facto que ele foi sacrificado no Calvário, não para que o nosso Pai fizesse as pazes com os seus filhos, mas porque os judeus não o permitiram viver. Aceitamos qualquer salvação que possa ser atribuída à sua vida e caráter. Aceitamos a beleza viva da sua eloquência ardente que, embora não possa ser reproduzida literalmente como foi proferida no monte, está ainda grávida de conceções divinas da Divindade.

Aceitamos esse espírito manso e humilde que nos fala dizendo: "Vai, e não peques mais," erguendo os oprimidos, limpando as lágrimas da viúva e do órfão, expressando o tipo mais perfeito de caráter e ação. Aceitamos o espírito de humildade de Cristo que, embora os homens o considerem o Deus perfeito, o fez dizer: "nosso Pai e nosso Deus;" e ao dizer isso, declarou que ele próprio não era Deus. Mesmo até ao fim, quando tinha ressuscitado do sepulcro, quando o seu espírito divino infundiu aquela forma que estivera deitada três dias e três noites no túmulo, ele não disse:

"Eu sou o Deus Infinito, e estes serão destruídos porque me crucificaram," mas diz:

"Não me toques, ainda não ascendi para meu Pai. Vai e diz-lhes que ascendo para meu Deus e vosso Deus, meu Pai e vosso Pai," retendo até ao fim a sua filiação para com o divino, eterno Pai. Não vemos a menor evidência, se considerardes a tradução literal do Novo Testamento, de que Cristo tenha afirmado ser Deus. Existe apenas um passo que diz: "Eu e meu Pai somos um." Mas mesmo assim ele diz: "Meu Deus e vosso Deus," "Meu Pai é maior do que eu," "Meu Pai e vosso Pai," e apenas quer dizer pelo primeiro passo que em alma, em espírito e em vida ele é um com o Pai.

Quando Paulo, na sua epístola aos seus irmãos hebreus, escreveu este passo, estava a tentar demonstrar que Cristo fora oferecido uma vez por todas, e que não havia mais necessidade do sacrifício de carneiros, cabritos, novilhos, etc., pois Jesus havia cumprido a lei pelo sacrifício de si mesmo. Paulo reconhece as exigências da religião na qual fora educado, bem como a sua crueldade e barbaridade, pois diz: *"quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão"*.

Ele foi o único apóstolo educado em todos os princípios da religião judaica, e a sua súbita conversão não removeu o seu antigo preconceito; e, sendo levado a crer em Jesus, combinou tanto a religião judaica como a cristã nas suas doutrinas e, ao fazê-lo, tornou-se o canal direto para enxertar na religião cristã a ideia de que Deus exige sangue para aplacar a sua própria ira; e dezoito séculos não foram suficientes para a remover das doutrinas da igreja.

É evidente que Paulo, mesmo após a sua conversão ao Cristianismo, manteve a sua crença na necessidade do derramamento de sangue para a remissão dos pecados e, ao falar de Cristo, diz: *"Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção"*. Hebreus ix. 12. Ele acreditava que, assim como o bode expiatório estava para os judeus, Cristo estava para a humanidade. Mas descobrireis que o vosso único bode expiatório será o *"cessar de fazer o mal e aprender a fazer o bem"*.

Não acreditamos que qualquer salvação possa ser obtida pelo derramamento de sangue, nem que o nosso Pai seja tão vingativo, tão malicioso, que exija que o sangue seja derramado para que possa fazer as pazes entre si e os seus filhos. Aqueles que atribuem a Jesus de Nazaré o sacrifício vicário para a redenção do homem fazem-no simplesmente como uma desculpa para a sua própria ignorância, para esse profundo elemento de crime que preferem lavar no sangue de Jesus, e não numa vida de pureza e perfeição, segundo o exemplo por ele deixado.

Não, meus amigos, embora possa ser chocante para vós ouvir a autoridade da Bíblia ser questionada, não podemos acreditar que Jesus de Nazaré tenha sido alguma vez sacrificado para aplacar a ira do Deus Infinito, pois Deus nunca esteve irado ou vingativo; se ele é infinito em amor, não pode ser infinito em ódio; se ele é um Deus de misericórdia, não poderia enviar ao mundo o seu Filho unigénito e depois assassiná-lo, na prática, sobre a cruz. O quê! O nosso Pai, o Jeová do Universo, o Deus Infinito, sacrificar o seu Filho para aplacar a sua própria ira e vingança — isso é uma ofensa ao caráter da Divindade e um insulto ao senso comum.

Se ele fez isto literalmente, se as visões ortodoxas estão corretas de que Jesus de Nazaré é o meio através do derramamento do seu sangue; que, a menos que esse sangue tivesse sido derramado, a humanidade não poderia ser salva; que Deus, o Infinito Pai de amor, fez com que o seu Filho viesse ao mundo para um sacrifício, então o Deus deles é pior do que o ser que, dizem eles, habita no poço sem fundo. Não acreditamos que ele o fizesse. Portanto, com as nossas conceções sobre o caráter de Jesus, negaríamos que ele sancionasse a doutrina de Deus exigir o derramamento de sangue para a remissão dos pecados.

Se assim fosse, quando um homem assassina outro nas ruas, as vossas leis de justiça não seriam perfeitas, pois sem o derramamento de sangue nenhum homem se poderia salvar. O que Deus sanciona são princípios que são inerentes à natureza das coisas; portanto, se matar fosse o correto, seria um princípio universal, e envolveria a ideia de que todos os homens se deveriam destruir uns aos outros. Se assim fosse, o pagão, a quem professais desprezar, quando sacrifica um homem nos altares dos seus deuses, seria mais justo do que vós; e quando uma nação vai à guerra com outra nação, estariam a cumprir os princípios do Cristianismo de uma forma massiva.

Vós não acreditais nisso, embora professeis acreditar que uma carnificina religiosa foi cometida por Deus, no Monte Calvário, quando Jesus foi crucificado. A vergonha deveria avermelhar as faces de todos aqueles que professam crer num Deus de amor e misericórdia e depois lhe atribuem tal ação! Vergonha para a América, que tenta estabelecer algo melhor do que um governo monárquico, pois *"sem derramamento de sangue não há remissão!"* Nós não acreditamos nisso, não podemos acreditar.

Paulo estava enganado no que diz respeito às exigências da religião cristã, pois, tal como vós, foi incapaz de remover os seus antigos erros, embora uma nova luz tivesse rebentado sobre ele. A mitologia egípcia estava enxertada na sua alma de forma tão forte que foi necessário mais do que o período da sua vida terrena para remover a sua influência. Dizemos que, para a nossa mente, ele estava enganado.

Poderá parecer excessivo, perante uma comunidade ortodoxa, afirmar isto. Mas temos o direito às nossas próprias opiniões e à liberdade de expressão; se interferirmos com alguma das vossas, ou se fizermos passar um único frémito de horror pelos vossos corpos, não o fazemos intencionalmente. O nosso é o privilégio de falar as nossas mais elevadas ideias de verdade; e se elas não estiverem de acordo com as vossas, ponde-as de lado até que as possais receber.

Antes de entrar em mais detalhes sobre este assunto, dar-vos-emos a nossa opinião sobre o significado da palavra Jeová em contraposição à de Senhor e Deus.

No Antigo e no Novo Testamento, as palavras "Senhor" e "Deus" não incorporavam a ideia de um ser infinito.

Por exemplo, quando se diz que o espírito do Senhor desceu sobre eles, ou o espírito do Senhor lhes falou, ou disse isto e aquilo a Moisés, ou a Elias, a palavra

"Senhor", quando traduzida da língua original, não significa um Deus Infinito, mas simplesmente alguém que tem poder, que é suposto ser um governante. Assim, muitas vezes, na Bíblia, as palavras "Meu Senhor e meu Deus" são usadas conforme aplicadas a reis e oficiais governamentais; mas, tal como estão traduzidas na vossa Bíblia, são representadas como significando o Deus Infinito.

A palavra "Deus", também, que, no original, significa simplesmente um princípio perfeito e divino, ou alguma agência superior, não o Infinito ou o Eterno, é tirada da mitologia pagã e significa simplesmente algo que controla. Assim, em todo o Antigo Testamento, há apenas um ou dois passos onde a palavra Jeová é usada. Reconhecemos a ideia de que muitos que se supunha serem inspirados por Jeová eram apenas inspirados por estes senhores e estes deuses, que, dizem-nos, são muitos, mas Jeová é o maior de todos.

Poderá ser que não estejais familiarizados com la tradução literal da palavra Jeová. Ela é tirada de três palavras hebraicas, significando simplesmente o Passado, o Presente e o Futuro — Je, o Futuro; Ho, o Presente; Vah, o Passado. Esta é a nossa ideia de um Deus infinito — este Jeová, que preenche todo o tempo e espaço, o maior de todos, como está registado nas vossas Escrituras.

Acreditamos que os cristãos modernos, que se erguem nos seus altares dourados ou se sentam nos seus bancos estofados, e oram dentro das suas paredes afrescadas, não sabem que, na realidade, as suas orações são oferecidas a estes muitos senhores e muitos deuses, e não ao Jeová Infinito, que é o maior de todos; que quando oram pelas almas do seu povo, oram apenas pelas almas daqueles que se sentam dentro do mesmo santuário. Acreditamos que oram ao deus do vil metal, mais do que ao Deus do Universo. Isto poderá parecer-vos sacrílego. Mas olhai para muitas das vossas igrejas cristãs, onde o nome de Jesus é proferido por aqueles cujos corações estão inteiramente entregues ao orgulho, ao luxo e ao egoísmo, e vede se existe ali alguma conceção do Jeová Infinito ou de Jesus de Nazaré.

Eles pintam na ampla tela diante de si Cristo no Monte Calvário como algo que, para a sua mente, é um ideal perfeito; mas não têm conceções daquele *"que foi o amigo dos pobres, o de quem ergueu os oprimidos"*; daquele que entrou em Jerusalém rodeado pelos humildes e desfavorecidos; e partiu dali carregando a cruz sobre os seus ombros; daquele de quem foi cuspido e insultado, e que, no Monte Calvário, pôde olhar para baixo a partir da cruz e dizer: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

Não têm conceções da vida daquele Cristo que professam adorar. Apenas sabem que a crucificação, a expiação vicária, é algo com que assinaram os seus nomes no credo da igreja, e se isso apenas os salvar de um inferno já é suficiente, não por terem tanto amor pelo bem, mas por um pavor das consequências do mal.

Não é isto verdade? Se sois adoradores cristãos e vos ajoelhastes diante do altar de uma igreja cristã neste dia, e ali partilhastes do pão e do vinho como o tipo da carne e do sangue daquele que morreu no Monte Calvário, já pensastes alguma vez na sua

vida, já vos sentastes alguma vez e, lendo o vosso testamento, refletistes que ele foi o manso e o humilde, desprezado e oprimido; que se ele viesse hoje, nas ruas da vossa cidade, e se proclamasse como Jesus de Nazaré, fecharíeis as portas das vossas igrejas cristãs contra ele; que os ministros que louvam o seu nome e lhe rogam pela salvação o tratariam com desprezo e o enviariam para o manicómio? Já pensastes nisto? Se não o fizestes, perguntai a vós mesmos se não é verdade. Vós diríeis, com os antigos judeus, se tivésseis o poder: "Crucifica-o! crucifica-o!" Eles trataram-no como um ladrão comum — vós o trataríeis como uma futilidade comum e enviá-lo-íeis para a penitenciária ou para o asilo de loucos.

Perguntamos-vos se existiu alguma vez uma religião, ou uma teoria, ou uma profissão de uma teoria, que tenha causado tanto crime e derramamento de sangue como aquilo a que chamais Cristianismo na época atual, e que se funda na crença da necessidade de derramar sangue. Não nos referimos àquilo que foi ensinado por Jesus de Nazaré, mas àquilo que é pregado pelos vossos teólogos modernos. Olhai para os vossos missionários, aqueles que partem para terras pagãs para pregar o Cristianismo àqueles que nunca tiveram uma ideia de mal ou de vingança.

Olhai para aqueles que vão para as Ilhas Sandwich, onde um roubo, um homicídio, uma penitenciária ou um albergue de mendigos nunca existiram antes de os vossos missionários irem para lá falar-lhes sobre Deus, sobre Jesus de Nazaré e sobre a salvação. Os habitantes das Ilhas Sandwich não sabiam o que era roubar ou assassinar. Sabemos, naturalmente, que as guerras entre diferentes tribos existiam, mas não os homicídios comuns dos vossos países cristãos e civilizados. Nunca antes souberam que tinham de trancar as suas portas e colocar barras nas suas casas quando se iam deitar. O Cristianismo, ou aqueles que professam ensiná-lo, ensinou-lhes isto. É a mesma ideia, a mesma ignorância, a mesma depravação que perseguiu Jesus de Nazaré.

Mas nós acreditamos nessa perfeição e harmonia divinas que caraterizaram a carreira de Jesus. Acreditamos que ele existiu. Acreditamos que as tradições agora em voga a seu respeito não são infundadas. Elas têm o seu fundamento numa verdade profunda e duradoura. E embora as teorias cristãs possam desaparecer, embora possam agora deturpar o seu caráter e a sua vida, ainda assim os seus ditos morais, na nossa visão, manter-se-ão para sempre como as expressões de verdades divinas e eternas.

À medida que educais os vossos filhos, à medida que cultivais a parte física do vosso ser, conforme ensinais os vossos filhos a cultivar as suas formas físicas, nessa proporção a doença e a miséria desaparecerão. Outrora pensava-se ser um crime tentar descobrir quaisquer remédios para as doenças físicas, pois considerava-se uma dispensação de Deus sobre a pessoa doente por algum crime que esta tivesse cometido. Outrora pensava-se ser um pecado ensinar os vossos filhos a aperfeiçoarem-se fisicamente, a estudar medicina ou astronomia; outrora era sacrílego estudar geologia ou química. É agora considerado um pecado estudar as leis do espírito e as nossas verdadeiras relações com a Divindade.

Não deve ser assim por mais tempo. O nosso Deus não tem medo de que o homem alguma vez o alcance. Não é um pecado estudar os elementos mais profundos

da vossa natureza, estudar o caráter do Ser Divino sob qualquer forma. Podeis estudar estas coisas e investigar criticamente tudo o que vos forneça informação sobre estes pontos. Não é um pecado perguntar se Deus não é justo. Será ele menos o Deus Todo-bom e Todo-justo hoje do que quando concebeu pela primeira vez a ideia de criar o homem à sua imagem? — menos esse Deus do que quando as estrelas da manhã cantavam juntas? Não! Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Se os homens mudam, não é porque Deus tenha mudado, mas apenas porque se tornam mais semelhantes a ele em pensamento e sentimento.

Daqui a mil e oitocentos anos, será considerado um pecado atribuir a Deus o derramamento de sangue para a expiação dos pecados dos homens. Será considerado um pecado para o homem não investigar os elementos mais profundos e sagrados do seu ser. Todos os homens e todas as mulheres podem, e um dia serão, esclarecidos e tornados puros e santos pelo poder daquela verdade divina que vem do Pai Infinito. Pois ele envia os seus oráculos a toda e qualquer nação, e eles falam a perfeição mais íntima do seu coração, e ele proclama divinamente: "Nunca fiz uma alma que não possa salvar — nunca fiz um mundo que não assumirei como meu — nunca fiz um ser vivo e pensante que não estreitarei nos meus braços e chamarei meu filho."

À medida que os homens e as mulheres se tornam instruídos moral, intelectual e fisicamente, nessa proporção as cadeias, as penitenciárias, as prisões, as fechaduras e as barras, as batalhas e as expiações com sangue cessarão; nessa proporção o vosso Deus de hoje, o Deus da guerra, será mudado para um Deus de amor e misericórdia. Aquele a quem chamais o Deus do céu, mas que é, a julgar pelas vossas ações, um Deus de guerra e de contenda, será mudado para um Deus a quem o homem pode amar e adorar como um ser de Infinita Bondade. Nessa proporção, o crime, a ignorância e a depravação desaparecerão. Nessa proporção, o sangue de Jesus de Nazaré deixará de ser considerado essencial para a salvação do homem. Nessa proporção, os homens deixarão de olhar para a sua expiação vicária e procurarão a salvação ao seguir a sua vida e exemplo, e ao praticar os seus preceitos divinos.

Com estas palavras devemos encerrar a nossa conferência, esperando que considereis o que dissemos à verdadeira luz do seu significado, não na de qualquer deturpação. Lembrai-vos de que acreditamos de facto na inspiração divina; e na Bíblia, como adaptada às nações de onde veio. Acreditamos de facto que Jesus de Nazaré é adaptado a cada época e nação, a cada clima e a cada raça. O espírito de Cristo que há de vir ao mundo será a incorporação de pensamentos divinos, que pairarão ao redor de cada lar e soprarão a sua santa influência sobre toda a humanidade.

E a Ti, Jeová Infinito, serão rendidas todas as graças, todos os louvores, por estas elevadas conceções de ti, e que cada alma aqui esta noite sinta que estás tão perto dela como as pulsações do seu próprio ser. E assim possamos nós para sempre dirigir-nos a ti como o nosso Deus e o nosso Pai.

A TEORIA DOS GERMES DAS DOENÇAS

Para a mente científica de compleição materialista, a teoria da geração espontânea é um doce consolo e um potente estímulo. Para tal mente, a criação, tal como a vemos, é um processo auto-atuante e autodirigido que a matéria eternamente existente continua em virtude das leis e forças inatas com que está dotada. A afinidade química agrupou a matéria nos vários compostos minerais que encontramos na Terra e construiu as belas formas dos cristais. Alguma outra "afinidade", ou a ação mais engenhosa da afinidade química, agrupou a matéria em…

…a forma dos vegetais. Estes, com o tempo, desenvolveram-se em formas animais inferiores, que por sua vez se desenvolveram em formas animais superiores e, por fim, no homem dotado de razão e consciência moral.

Há muito neste esquema com que todos concordarão. A matéria está dotada de afinidade química, que opera mudanças todos os dias. As condições envolventes e um contínuo processo de seleção provaram modificar profundamente tanto as formas vegetais como as animais. Mas a pedra angular desta estrutura é a origem da vida, e esta foi procurada na geração espontânea. Afirma-se que a matéria inanimada devidamente preparada, quando exposta sob certas condições ao oxigénio e ao calor, irromperá em vida, e esta é a teoria da geração espontânea.

As recentes investigações e experiências de Tyndall mostram de modo bastante conclusivo que, quando são tomadas precauções adequadas para excluir o ar exterior com os germes que ele transporta, a matéria pode permanecer exposta durante longo tempo sem mostrar qualquer vestígio de vida, enquanto matéria semelhante exposta ao ar comum fervilharia de vida em pouco tempo. A vida, então, deve derivar de vida anterior, e a doença dos germes dessa vida. A geração espontânea é um mito, e a origem da vida um mistério.

Chamamos a atenção para este assunto para sugerir que a questão tem um lado espiritual. A falácia da geração espontânea quebra um elo na cadeia materialista que é fatal para todo o esquema. Pois, se a vida não começou espontaneamente, de onde veio ela? Sir Wm. Thomson, como Presidente da Associação Britânica, provocou hilaridade ao sugerir que a vida foi inicialmente trazida para este planeta por algum fragmento coberto de musgo caído de outro. Mas, afinal, isto não passa de uma amarga ironia para os cientistas, pois é uma confissão de que a ciência apenas dominou detalhes e de que os segredos fundamentais da criação estão para além dela.

Sustentamos que é bastante científico supor que, assim como encontramos a vida aqui, e como a experiência mostra que ela não pode começar por si mesma, deve ter

sido trazida ou criada por algum poder além das meras forças da natureza que vemos operar à nossa volta. Não só isso, mas, provisoriamente pelo menos, estamos justificados em atribuir a tal fonte a origem das distintas ordens da vida vegetal e animal. E que poder ou fonte concebível existe além do espiritual? A Divindade ou alguma agência Sua. Aqui, então, está um factor que, se introduzido, resolve toda a dificuldade.

É um factor que nos mostra este mundo como um laboratório sob a orientação e execução do propósito de alguma inteligência. Esta inteligência pô-lo a funcionar em processos, preparando assim novas formas de vida, que são trazidas ou criadas por esforço criativo especial quando necessário. Estamos conscientes de introduzir um factor altamente perigoso, o qual, na boca de um sacerdócio arrogante, tem procurado sufocar toda a investigação científica…

…investigação e sepultar todo o conhecimento; mas estamos certos de que terá de ser reconhecido, e que ainda será motivo de orgulho para a ciência reconhecê-lo, dar-lhe o seu lugar e mantê-lo nesse lugar.

Esta investigação sugere outro pensamento. Tyndall purificou o ar até este ficar "opticamente puro"; isto é, retirou dele todas as partículas e descobriu que a luz o atravessará sem se tornar visível ao fazê-lo. Parece, portanto, que a difusão da luz se deve a estes corpos minúsculos no ar; que estes pequenos agentes de putrefação e doença são auxiliares inestimáveis do sol na iluminação do mundo. Talvez não se siga daí como corolário científico, mas parece-nos algo provável que um estado análogo de coisas possa existir no mundo espiritual, e que, assim como estas partículas oferecem a chave para os males físicos, possam também sugerir a explicação dos males morais.

Poderá ser que os nossos "pecados" sejam partículas na atmosfera espiritual, e que sejam úteis de algum modo para o esclarecimento de seres espirituais superiores? Se os nossos pecados e sofrimentos tornam mais brilhante o dia celestial, isso oferece alguma justificação para a existência do mal. A ideia não é convidativa, mas é pelo menos um refinamento da imagem desgastada das alturas da glória ao alcance da vista e do ouvido do abismo da agonia. Mais provável é que sejamos criaturas contorcidas sob muitos microscópios morais; que as nossas excentricidades, vaidade e maldade sejam objetos de escrutínio espiritual, oferecendo assim uma perceção das leis do ser e dos métodos do Criador.

A TEORIA DOS GERMES E A MEDIUNIDADE

Aqueles que não conhecem os factos não suporiam que a luz que recebemos do sol depende das partículas na atmosfera que a tornam luminosa. Parece então que o próprio sol não tem poder para banhar a Terra em luz — sendo essa qualidade devida a um meio luminoso que existe na nossa atmosfera.

Os que ignoram as leis da comunicação espiritual frequentemente exclamam: "Porque não comunicam os espíritos comigo? Porque não reprimem os espíritos o crime, evitam acidentes, protegem os inocentes e ajudam a humanidade de inúmeras

outras maneiras?" Descobriu-se que existe, em imediata proximidade com certas pessoas, um elemento atmosférico que se encontra em relação à comunicação espiritual na mesma posição em que os germes atmosféricos se encontram em relação à luz solar. Para tornar a mente humana suscetível às impressões dos espíritos, é necessário existir uma condição através da qual isso possa efetuar-se. Esta atmosfera de pensamento é, de facto, uma camada de germes mentais — partículas de pensamento,…

…que interpretam para a mente recetora as ideias que possam ser refletidas sobre elas.

Cada mente possui uma atmosfera de pensamento peculiar a si mesma, mas as mentes podem geralmente ser reduzidas a classes que possuem certas características predominantes em comum. Estas mentes agrupam-se naturalmente, tornam-se fraternidades espirituais e relacionam-se com esferas de existência espiritual. Cada grupo é capaz de receber e interpretar fielmente ideias de certa classe e, como médiuns ou trabalhadores mentais, ensinam uma doutrina num plano adequado ao seu grau de desenvolvimento.

Estes elementos de pensamento podem ser vistos pelos sensitivos, e os poderes mediúnicos ou mentais do indivíduo corretamente inferidos a partir das aparências que apresentam. Uma atmosfera pessoal psiquicamente "pura" — para parodiar a expressão de Tyndall — excluiria eficazmente a influência espiritual; e, se a atmosfera pessoal não existisse de forma alguma, o indivíduo seria incapaz de receber ou transmitir pensamentos aos outros.

A condição desta atmosfera psíquica varia muito em diferentes momentos: as partes do cérebro excitadas, normal ou viciosamente, atuam modificando o espectro espiritual, por assim dizer, que por isso fica registado. Assim, para alcançar os mais elevados fins espirituais, o aspirante deve ser condicionado e, através da alimentação, exercício, hábitos e operações mentais, rodear-se daqueles elementos mentais que o relacionem com a esfera da vida espiritual com a qual deseja comunicar.

Quem poderá exprimir o significado do termo LUZ? Ela é tudo para nós enquanto seres percetivos no plano da existência física, e contudo a nossa apreciação dela depende não da fonte, mas de uma condição imediatamente relacionada connosco. Existe a luz do intelecto e a luz do espírito, em graus afirmados por uns e negados por outros. Os negativistas não possuem os resultados iluminadores; portanto, não reconhecem a fonte, porque em torno deles não existe aquela periferia que é essencial à perceção espiritual.

A Sra. Tappan-Richmond Dá as Suas Opiniões Referentes à Escarlatina e à Difteria

Na manhã de domingo, 20 de Janeiro, o nosso repórter esteve presente na conferência da Sra. Tappan-Richmond e fez um resumo da mesma; e, como a seguinte

resposta a uma pergunta feita por um dos presentes é de especial interesse neste momento, apressamo-nos a apresentá-la aos nossos leitores.

Pergunta — Qual é a melhor prevenção e cura para a escarlatina e a difteria?

Resposta — Supõe-se pela ciência, e é sem dúvida verdade, que…

…cada uma destas doenças é o resultado de animálculos existentes na atmosfera, ou numa condição latente no organismo desenvolvida por mudança súbita da atmosfera ou por exposição; por vezes na própria atmosfera e absorvidos através da inalação, dos alimentos, da água e até da roupa. Existe apenas uma prevenção: conhecimento absoluto das leis da saúde; ar absolutamente puro; luz solar adequada, boa água e alimentação saudável. A Terra, no seu atual estado de desenvolvimento, e a humanidade com o atual conhecimento das leis sanitárias, ainda não tornaram isso possível; mas graus aproximados desse conhecimento podem ser alcançados por vigilância constante.

Entre as crianças, entre as quais a escarlatina é geralmente comum, ou na difteria, que ataca as crianças mais frequentemente do que os adultos, deve haver cuidado constante com a água, a dieta e a condição geral do corpo. Para a escarlatina, alguns supõem, especialmente os homeopatas, que a beladona constitui a adesão específica às leis da saúde. Para a difteria, porém, existe um remédio simples que, se utilizado nos primeiros sintomas, geralmente erradicará a formação. Trata-se de uma parte de ácido sulfúrico para cem partes de água, a usar como gargarejo; se for um adulto, pode ser mais forte, acrescentando outra parte de ácido sulfúrico. Banhando-se na diluição de ácido sulfúrico, o organismo pode ser libertado do veneno. Mas principalmente estas doenças escondem-se em quartos escuros, cantos sombrios e armários, lugares mal ventilados e quartos impróprios para dormir.

Os germes de mais doenças são semeados dentro de casa do que ao ar livre. A formação de animálculos existe sob certas condições da atmosfera; as geadas destroem-nos, mas eles podem já existir no organismo, e a geada desenvolvê-los-á. O período de formação é geralmente na primavera ou no outono, e então deve manter-se grande cuidado e vigilância sobre as crianças, e os seus quartos devem ser bem ventilados; mas na maior parte dos casos a família está sujeita ao contágio pela presença dos animálculos dentro da habitação, ou pelo contacto com outras pessoas já afetadas. Isto é tudo quanto podemos aconselhar sem um tratado mais extenso sobre o assunto. — 10 de Fevereiro de 1877.

CIÊNCIA VERSUS ESPIRITUALISMO:
UMA NOVA ANÁLISE

Discurso proferido em Chicago, Illinois, pelo espírito "Phœnix" ("Prof. Mapes", aquando na vida terrena), através da mediunidade em transe da SRA. CORA L. V. RICHMOND.

Senhor Presidente e Amigos: Não é frequente que um espírito desencarnado deseje novamente revestir-se das vestes de barro. Raramente acontece que, uma vez libertados, procuremos de novo vestir as letras da vida mortal em forma orgânica. Podemos tomar emprestado tal vestimenta apenas pela hora necessária para expressar aos nossos amigos a nossa presença; podemos empregar meios rudes de conversa com os mortais conforme a nossa vida o permite e a compreensão humana o consente; mas digo que raramente alguém deseja voltar a entrar na concha quando os grilhões foram quebrados.

Mas sem dúvida alguns de vós experimentaram um desejo de viver em certas épocas da história passada; de ter sido alguém que viveu e respirou numa era heroica, histórica ou poética; alguém que pudesse ter participado da atmosfera dos bosques de Platão, ou aceite os maravilhosos ensinamentos de Sócrates, ou estado entre aqueles gregos que formaram o círculo escolhido reunido em torno dos primeiros santuários do conhecimento humano e da arte; ou ter vivido no tempo do grande mundo egípcio, quando a ciência deixou em vão a barreira que unia o homem ao Infinito. Digo, como alguém poderia desejar ter vivido então, assim nestes dias de descobertas maravilhosas, de inteligência surpreendente, de espantosas proposições científicas, quase se desejaria deixar este lugar na terra espiritual e dizer: "Sou ainda um de vós que podeis viver tais pensamentos e desenvolver tais maravilhas no meio da vida material."

Há trinta anos, quando as manifestações espirituais eram ainda recentes na sua influência e muito poucos homens de qualquer classe ousavam investigá-las, existiam contudo alguns para quem essas manifestações surgiam com provas impressionantes e distintas, com absoluto poder de evidência, com tal convicção que os seus resultados foram publicados ao mundo, entre os quais posso citar o meu honrado amigo Juiz Edmonds, o meu também honrado amigo Prof. Hare, e seguindo tardiamente os seus passos apenas como investigador, permaneci observando estas manifestações, inconsciente de qualquer lei, princípio ou poder que pudesse produzi-las na vida material. O Dr. John B. Dods, até então desconhecido da fama, anunciou a espantosa e maravilhosa descoberta de que as manifestações eram resultado de uma força ódica, ou ódilo, semelhante àquela que fora descoberta pelo Barão von Reichenbach relativamente aos objetos materiais, e que esta força ódica se tornava de algum modo emaranhada no cérebro, e que, não por cerebração inconsciente, pois essa palavra ainda não existia, mas por algum processo misterioso, o cérebro era responsável por

manifestações ocorrendo inteiramente independentes do contacto físico dos seres humanos, e que esta mesma fonte misteriosa produzia discursos, mensagens de amigos espirituais, flores,…e outras manifestações como as que o Espiritualismo registou durante os últimos trinta e três anos. O Dr. Dodds tornou-se imediatamente famoso, na sua estima, com base na seguinte teoria; e pronto para agarrar qualquer teoria ou captar qualquer indício que explicasse aquilo sobre o que nada conheciam, a mente pública e popular aproveitou-se disso como solução.

Nenhum verdadeiro estudante da ciência se deixava satisfazer por tais explicações. As mentes científicas ou estavam demasiado afastadas do assunto para se perturbarem com ele, ou talvez o investigassem e soubessem que tal explicação não bastaria. O Dr. Dods, dez anos depois, abandonou a sua teoria e tornou-se um dos mais firmes defensores da Filosofia Espiritualista, declarando que nenhuma outra solução senão a da origem espiritual podia explicar os variados fenómenos ocorridos sob o nome de Espiritualismo.

Poder-se-ia supor que em trinta anos semelhante teoria teria sido suficiente, e que a mente popular, satisfeita com ela, teria recorrido a alguma explicação mais vasta ou interpretação mais elevada daquilo que continua a ocorrer diariamente no nosso meio.

Os discípulos do Prof. Gregory, da Universidade de Edimburgo, teriam explicado as manifestações espirituais pela hipótese do mesmerismo; mas, sendo estudante do mesmerismo, o Prof. Gregory sabia muito bem que essa teoria não podia explicar o que ocorre, e abandonou-a como insustentável; ao passo que, há trinta anos, ninguém com qualquer grau de conhecimento relativo ao mesmerismo ou à ação psicológica ousaria afirmar extensamente e publicamente que estas manifestações deviam ser atribuídas à influência de uma mente sobre outra.

Mas as ideias, se nada mais, parecem repetir-se nos pequenos ciclos dos cérebros humanos, especialmente ideias que parecem absurdas; pois vemos como o mundo ficou espantado e emocionado, no início, com a explicação da cerebração inconsciente pelo Dr. Carpenter, que, atrevo-me a dizer, nunca assistira a meia dúzia de sessões na vida, nem fora meio dúzia de vezes médium na sua existência, mas que, não obstante, possuía uma teoria com a qual explicar aquilo acerca do qual era ignorante. Mas logo esta teoria também mergulhou na obscuridade, quando o mundo voltou a surpreender-se com o anúncio de que todos os que testemunhavam as manifestações do Espiritualismo sofriam sob o domínio da histeria, e que esta doença atingia tanto caixas de correio como classes de pessoas, e que apenas a fraternidade médica era capaz de combater esta vasta e crescente desordem nervosa. Mas também isto desapareceu, tal como as teorias precedentes.

haviam feito, até que foi anunciado, como se fosse uma nova descoberta do Dr. Beard, que todas as manifestações ocorridas na presença de médiuns, ou que se dizia ocorrerem, não ocorriam realmente, mas que a infeliz pessoa que consultava um médium sofria sob o delírio dos truques do mesmerismo; que era hipnotizada pelo médium; que na realidade nada testemunhara.

E isto, com toda a seriedade, é agora proclamado ao mundo como uma explicação bem-sucedida e adequada do que milhares de pessoas, possuindo todos os sentidos que alguma vez tiveram, e no claro uso de todas as faculdades que alguma vez exerceram, produziram como coisas espantosas. O hipnotismo pode ter produzido coisas surpreendentes, mas esta teoria é a mais surpreendente de todas as descobertas da ciência. Pensar que durante trinta anos, e mais, um grande número de pessoas competentes para conduzir as transações ordinárias da vida — não empenhadas na perseguição deste assunto por qualquer outro propósito senão o da investigação — tenham, para o número de milhões, sido mesmerizadas com êxito e continuamente; e que isto tenha prosseguido sem interferir minimamente nas suas ocupações habituais; que só sejam mesmerizadas quando entram em contacto com esta classe de factos, e que sejam capazes, em todos os outros momentos, de testemunhar em tribunais, administrar medicamentos aos doentes, tratar dos seus negócios, seja qual for, de conduzir com êxito causas criminais e outras, e de receber testemunhos e julgar cuidadosamente sobre todos os outros assuntos, mas que, neste único assunto, estejam mesmerizadas, é algo tão singular e com uma afirmação tão espantosa, que leva a pessoa a sair da concha, do tecido ordinário da vida, e ver onde termina a evidência humana.

Então temos de considerar que, se um homem testemunha que teve uma certa manifestação física acerca da qual não se oferece teoria, mas que ocorre sob tais e tais circunstâncias, ele está mesmerizado. Mas se testemunha uma experiência química, se frequenta um curso de geologia e presencia as suas ilustrações, ou se procura estudar astronomia e faz uso dos instrumentos através dos quais a estuda, continua a ser considerado na posse de todas as suas faculdades como estudante de ciência; e, acima de tudo, se estuda *materia medica* e se familiariza plenamente com todos os factos físicos e anatómicos, e todos os factos ligados ao sistema nervoso, está ao mesmo tempo apto para ministrar às doenças; contudo não é capaz de observar as manifestações do chamado poder espiritual. Então não poderá ser verdade que a existência humana é apenas um vasto esquema de mesmerismo, e que as pessoas não veem realmente as coisas que afirmam ver?

Que, afinal, são mesmerizadas pelo professor de geologia e pelo professor de astronomia; e que todos os departamentos do conhecimento humano não passam de uma ilusão da mente sobre outra; que não existe anatomia, nem estrutura física que exija terapêutica, mas apenas este sistema de mesmerismo? E não resultaria daí que o juiz ou o advogado que se senta como uma das testemunhas destas manifestações pudesse considerar que o testemunho daqueles que comparecem perante ele em processos criminais não deve ser proveitosamente recebido, pois podem estar mesmerizados?

E não se concluirá também que toda a manifestação da inteligência humana não passa de uma fantasia vazia, e que os homens são conduzidos em círculo, não maior do que uma teia de aranha, e que todas as outras coisas introduzidas nas suas mentes, além deste pequeno tumulto da existência, pertencem às regiões do protoplasma mesmerizado? Então o problema do universo fica resolvido, todo o grande equilíbrio da existência destruído, e o homem é apenas uma pequena porção de protoplasma

diferenciado — existindo nesta peculiar atmosfera — cuja única condição é ser capaz de mesmerizar os seus semelhantes.

Se alguém nada sabe, mas está mesmerizado, como pode ter certeza de coisa alguma?

Parece ser, contudo, um facto que as proposições científicas do mundo são tão mutáveis como as areias movediças da praia, e que cada nova vaga de descoberta cuidadosamente e ponderadamente apaga a ignorância precedente, e que as pessoas possuidoras do conhecimento científico atual têm muito cuidado em não recordar o período em que a ciência não aceitava esse conhecimento, quando a mente científica o rejeitava como totalmente e absolutamente insustentável.

Galileu poderia muito bem partir da sua morada nos céus para testemunhar na terra um espírito — ou qualquer condição da mente humana — que pudesse estar absolutamente certo de qualquer proposição científica; isto é, certo de que ela não seria ultrapassada por algum conhecimento adicional amanhã. O mundo está preparado para um milénio filosófico que pode reivindicar conhecimento absoluto em qualquer domínio exceto no da matemática; e, como a matemática é um termo e um meio, e não se aplica a qualquer ordem particular de coisas ou classe de acontecimentos, mas é em si mesma mental, a matemática não muda e é a única ciência no mundo que não mudou quase inteiramente nos últimos cinquenta anos. A química já não se contenta com os poucos princípios de anos anteriores. A geologia procura continuamente aquele elo perdido que talvez venha por fim a ser encontrado.

E o nosso amigo Sr. Darwin e o nosso amigo Prof. Agassiz, ambos cujas vidas estão na recordação de quase todas as pessoas presentes, diferem essencialmente em relação a duas proposições muito importantes, cada um acreditando na sua própria. O Sr. Darwin aceita a evolução, na qual Agassiz não acredita, ou não acreditava, na vida material. Este último anunciou a teoria glacial, na qual o Sr. Darwin não acredita. Estes dois homens eminentemente científicos, reverenciados justamente pelas suas verdadeiras realizações científicas, estão, contudo, prontos a mudar, e devem mudar — ou cada um adotar a teoria do outro, ou cada um abandonar a sua própria teoria por outra mais científica.

Mas o erro está em que o mundo é conduzido por homens científicos sem ser conduzido pela ciência. As proposições e teorias dos homens científicos não constituem ciência. Esta é um domínio muito pequeno no conhecimento científico real do mundo. Tudo o mais que sobre ela é hipotetizado torna-se um sistema ou teoria, mas não uma ciência.

Agora afirma-se que nada pode ser mais certo do que a certeza. Mas se a teoria do Dr. Beard fosse verdadeira, então não existiria certeza de coisa alguma; e então o que constitui a certeza? Os vossos sentidos enganam-vos. Eu acendo um pau e faço-o girar rapidamente diante dos vossos olhos; estais perfeitamente prontos a jurar em qualquer tribunal de justiça que vistes uma roda de luz. Para o vosso sentido da visão era uma roda, mas era apenas um pau aceso, e eu poderia provar-vos que vos

enganastes; que vistes a roda iluminada quando ali não havia roda iluminada alguma. A razão é evidente. Requer-se uma sexagésima parte de um segundo para produzir uma impressão no nervo visual. Requer-se o mesmo espaço de tempo para a esquecer, e a sua rotação move-se tão rapidamente de um ponto para outro do círculo descrito antes que o órgão da visão tenha esquecido o último ponto; portanto vedes uma roda contínua. Sois enganados, não pelo mesmerismo, mas pelos vossos próprios sentidos, e a ciência mental por si só pode explicar a teoria que à primeira vista parece demasiado miraculosa.

…tal proposição que surge ao ligar a rapidez do movimento com a lentidão da visão é aquilo que afinal resolve o problema. Novamente, podeis ser enganados pelo sentido do tato. Pelo rápido movimento dos dedos colocados numa certa posição sobre um seixo na palma da mão do prestidigitador, percebereis pelo tato que há dois seixos, quando existe apenas um; e isto, mais uma vez, porque os nervos da sensação são mais lentos a receber e esquecer a sensação do que o movimento que a produziu. Estas são ilustrações muito triviais e muito familiares, mas provam que, até onde os sentidos humanos estão envolvidos, não pode haver certeza absoluta a menos que também se vá além das aparências e do testemunho sensorial para o testemunho da mente.

Aqui os "explicadores" (?) no plano hipnótico reivindicam preeminência declarando que todas as comunicações recebidas de fontes espirituais são o resultado do mesmerismo. Como ou onde o conhecimento é obtido não pretendem dizer. Se provém da vossa própria mente, ou se evolui das misteriosas profundezas do passado, e está registado algures na atmosfera, ou aura que vos rodeia, contendo o registo, e o mesmerizador refletindo isso de novo sobre a vossa mente, não o afirmam. Mas é um problema acompanhado de dificuldade, e contra o qual a mente tão prontamente se revolta, que após um ou dois momentos de consideração nenhuma mente inteligente o aceita como adequado para resolver qualquer uma das manifestações do Espiritualismo Moderno.

Ainda é sustentado por uma classe muito numerosa de inteligências que investigam o Espiritualismo que, não obstante, o Espiritualismo é uma ciência. Quem o tornou assim? O Dr. Beard? O Dr. Dods? Toda a série dos chamados explicadores do Espiritualismo? É alguma ciência nas suas proposições? Podem eles dizer com alguma certeza quando as manifestações recorrentes terão lugar, e sob que circunstâncias sereis mesmerizados? Que é uma ciência, porém, é declarado por muitos homens literários de espírito elevado que não são científicos, mas que se dispõem a seguir no rasto da ciência. O Prof. Zollner declarou que as manifestações eram supersensuais.

Com isto queria dizer que a fonte e as causas inteligentes delas não eram ainda descobertas ou alcançáveis pelos métodos habituais da ciência ou da investigação humana. O Sr. Wallace não declara se são científicas ou de outro modo; contenta-se com uma afirmação dos factos e com a aceitação da fonte de onde procedem. O Sr. Crookes afirma os factos sem apresentar qualquer teoria, e pede ao mundo científico que os explique; e todo o homem científico de alguma eminência ou notoriedade, que em qualquer grau investigou os fenómenos do Espiritualismo, deixou o assunto ou por

explicar pelo mundo científico, ou aceitou a única solução inteligente — a da comunicação e ministração de espíritos desencarnados.

Mas parece estar na natureza de algumas mentes imaginar que uma única verdade ou um número de verdades constitui uma ciência, e que se puderem repetir esse facto algumas vezes convencerão o mundo de que eles e o facto são científicos. Claro que isto é impossível de ser plenamente levado a cabo. Um átomo pode servir de ilustração; um pássaro pode ser uma profecia da primavera; e uma única letra pode ser o começo de um alfabeto que, por sua vez, é o começo de uma língua; mas se eu disser "a, b," para sempre, nunca vos terei dado qualquer linguagem.

A ciência não é apenas um arranjo de princípios gerais para ilustrar que existem factos no universo, mas é um arranjo formulado de factos que ocorrem numa ordem sistemática, e que a mente do homem pode apreender filosoficamente, por observação e conhecimento das leis que os governam. Assim, até agora, a mente humana não apreendeu num sentido científico os princípios gerais do Espiritualismo. Assim, os factos ocorrem em desacordo com todas as leis estabelecidas e bem conhecidas da ciência — ou, pelo menos, se não em desacordo com elas, ocorrem para além do domínio da observação científica.

Testemunhar algo com os próprios sentidos e não ser capaz de o explicar, ou aceitar uma teoria sobre a qual isso é predicado, não é ciência. É o método científico, contudo, testemunhar todos os factos e não fazer qualquer teoria. É científico não prejudicar coisa alguma pela opinião formada antes do conhecimento dos factos; e, acima de tudo, é científico presumir que existem princípios no universo ainda não descobertos pela ciência, que, por sua vez, tornarão inteligíveis e explicarão aquelas coisas que agora permanecem em profundo mistério.

Os espiritualistas, sem o saberem, possuem a verdadeira ciência do Espiritualismo, mas porque a não conhecem, não podem afirmar que ela é uma ciência. Possuem factos; possuem a fonte de onde esses factos emanam, mas não possuem qualquer sistema formulado pelo qual os efeitos possam ser produzidos a partir de causas certas e bem conhecidas; e, até possuírem isso, esta ciência não pode ser ensinada, não pode ser classificada entre as ciências da terra, não será aceite nas escolas, academias ou colégios, e apenas homens científicos corajosos e ousados professarão a sua crença nela. No tempo presente poderá declarar-se que é a solução de todas as ciências — a ciência das ciências; mas quem o aceitará? Se não vos posso afirmar inteligentemente e conscienciosamente de que modo podereis testemunhar uma certa ordem de manifestação que ocorrerá sempre sob as mesmas circunstâncias, não posso pretender ensinar-vos acerca desta ciência.

Devo dizer-vos que, tal como ainda existe, está no domínio da supersciência. Devo afirmar, como fez o Prof. Zollner, que é supersensorial; e devo afirmar, como é afirmado por todos os que investigaram cuidadosamente cada fase dos fenómenos e cada manifestação do Espiritualismo, que é ainda algo apartado do conhecimento humano, um reino por si mesmo, que mais cedo ou mais tarde se entrelaçará tão

profundamente com as vossas vidas que despertará a consciência no pensamento e na mente do homem.

Posso também afirmar que, embora possua um sistema de ética, e embora esteja ligado a ele um declarado modo de vida e princípio, como sistema completo de filosofia apenas foi anunciado ao mundo, e apenas provado àquelas mentes que, por alguma causa ou outra, vivem numa atmosfera diferente de pensamento ou inteligência. Quero dizer com isto que a chamada mente científica e filosófica recusa reconhecer profecia ou inspiração, recusa ter oráculos, declara que a posse do conhecimento é comum e quotidiana, e é trazida ao nível de toda a mente humana. Quantos astrónomos existem que possam sair à noite estrelada e enumerar uma dúzia de constelações?

E quem, entre todos os que seguem no rasto dos profetas da ciência, pode afirmar conhecer o significado da medição das órbitas planetárias? É loucura dizer, quando Herschel e Kepler e todos os grandes mestres e profetas da ciência conduziram a humanidade a subir a íngreme encosta que eles próprios escalaram, que o seu conhecimento é comum e quotidiano. Nem uma mente em cem é capaz de compreender o problema de Kepler. Nem uma mente em mil resolveu um problema de Euclides; e, quanto aos princípios gerais da ciência, são tão estranhos à vida quotidiana como um voo nas regiões superiores do ar.

Não devemos esquecer que, porque lá em baixo na sua cela solitária ou no seu miserável sótão o pobre rapaz pode tocar no seu instrumento de uma só corda até atingir a escala cromática, isso não constitui a ciência da música — para além disso estão Mozart, Beethoven e todos os grandes mestres que, por inspiração, conhecem como crianças aquilo que este pobre rapaz tanto lutou por aprender.

Não teremos então Galileus, Platões, Keplers ou Mozarts, mas conservar-nos-emos na nossa única corda e na nossa única escala cromática, enquanto as esferas se movem nas suas órbitas de música? Não teremos profetas do canto, da poesia, da arte, e acima de tudo ninguém que, abrindo de par em par a porta da imortalidade, declare que todos podem entrar; e que isso é para todos, mas que ele teve primeiro de ali estar para o declarar antes que outros pudessem ver e seguir? Colombo partindo na viagem da descoberta, o inventor tremendo à beira de alguma grande realização, são apenas tipos do curso incessante dos acontecimentos do mundo sob a pressão da luz vinda do alto.

Herschel viu na sua visão mental um novo planeta, enquanto os seus contemporâneos, homens de ciência, os seus companheiros filósofos, riam dele com desprezo; e enquanto escreviam cartas zombeteiras dizendo: “Acreditarei nisso quando os céus caírem e o mar secar, e a lua mudar e transfigurar-se, e a terra deixar de existir, mas nunca acreditarei que exista um planeta, como afirma Herschel;” e agora Úrano move-se, um dos maravilhosos sistemas aos quais a vossa terra pertence, anunciado por este profeta da ciência; e aqueles que rastejam pelos vales e se alimentam do lodo de um único facto individual olham tardiamente com satisfação para o portal que ele abriu, e sorriem benignamente através do telescópio que os capacita a ver Úrano.

Tendes de escolher entre essa estreita compreensão dos chamados especialistas da ciência, que harpam para sempre sobre a única corda, e talvez uma desafinada, e a grande expansão do universo, que em si mesma inclui todas as possibilidades, e revela ao homem, era após era, a palavra que é finalmente aceite.

DEPRAVAÇÃO TOTAL*

PROFERIDO EM NOVA IORQUE, 30 DE DEZEMBRO DE 1857

Será o homem, por natureza, totalmente depravado?

A questão apresentada para a nossa consideração esta noite é de ordem teológica, e de tal natureza que nenhuma pessoa inteligente encontraria qualquer dificuldade em responder. A ideia da depravação total de qualquer um dos filhos de Deus só poderia ter tido origem na mente mais pervertida e depravada. A conceção que os homens formam uns dos outros e de Deus é um fruto da sua própria condição mental e moral.

Quanto mais degradada e cruel é uma nação, mais tirânica e vingativa é a sua divindade imaginária; e as suas ideias de Deus modificam-se na exata proporção em que melhora a harmonia da sua própria natureza. João Calvino, que se podia regozijar ao ver o Sr. Miguel Servet ser queimado até à morte num fogo lento feito de ramos verdes, podia facilmente conceber a depravação total e um Deus sumamente sem princípios e vingativo. Ele não poderia ter tido uma conceção verdadeira de qualquer outro. Pode dizer-se, com muita propriedade, que as opiniões religiosas de um homem são a bitola da sua própria alma. Jonathan Edwards, quando retratou um Deus de tão terrível ira e vingança, apenas daguerreotipou a sua própria alma nas mentes dos seus ouvintes. Não era o Deus do Universo, mas sim aquilo que nascera da condição depravada do homem, e ele foi erguido como um monstro poderoso para amedrontar pessoas melhores.

Ao examinar a história das nações, bem como das sociedades, descobrireis que, quanto mais se exercitam os poderes ou faculdades que residem na porção basilar do cérebro, mais baixas são as suas conceções da Divindade.

O deus do budista é um deus de poder limitado, ao mesmo tempo que possui poucas ou nenhumas das qualidades mais elevadas da mente; e eles adoram-no, ou antes, temem-no como tal. Muitas das igrejas "ortodoxas" da atualidade têm o mesmo deus que o budista, com o intelecto acrescentado, e assim estão continuamente a pregar sobre a ira e a vingança de Deus, e sobre o inferno ardente que ele construiu como uma prisão para os seus filhos; mas as qualidades benevolentes e afetivas da Divindade são raramente aludidas. O texto que diz que *"Deus é amor"* é raramente pregado pelos seguidores de Calvino ou pelos admiradores de Edwards; mas os passos que falam de ira, vingança e condenação estão gastos até ao fio em quase todos os sábados.

É apenas entre os mais baixos desta classe de pessoas que a doutrina da "depravação total" encontra algum apoio, e eles julgam a partir do seu próprio ponto de vista ou condição mental. Não nos entendais como lançando censura sobre eles, pois é o melhor que sabem. E quando crescerem para uma condição mais elevada de vida, verão então o absurdo de tal ideia, e rir-se-ão da imbecilidade da doutrina, que pertence à infância da raça.

Será o homem, por natureza, totalmente depravado? Respondemos que não. Presumimos que esta resposta seria suficiente para todas as mentes que têm o poder de raciocinar. Mas, como a pergunta foi feita, presumimos também que aqueles que a fizeram desejavam uma expressão da nossa opinião sobre este assunto. Sendo uma questão teológica, estamos cientes de que, como todos os outros temas teológicos, ela está envolta em dúvida, pelo facto de a sua origem ser tão extremamente incerta que poucos se atrevem a discuti-la a não ser dentro dos limites dos credos; pois sabem que, se o fizessem em terrenos racionais e filosóficos, ela desvanecer-se-ia no nada.

O bem e o mal são simplesmente termos relativos, pois nunca podem existir dois princípios positivos que sejam diametralmente opostos um ao outro. Num sentido estritamente filosófico, a criação é uma harmonia universal. Se assim não fosse, Deus estaria numa guerra sem fim consigo mesmo. O verão e o inverno, o dia e a noite, o frio e o calor, a luz e as trevas, e o bem e o mal são apenas termos usados para transmitir à mente a ideia de diferentes condições que são relativas entre si. As alternâncias do dia e da noite e do verão e do inverno são essenciais para o bem-estar da condição física da terra. Pode dizer-se que a periodicidade é uma lei universal da Natureza.

Vemo-lo no universo da mente, bem como no da matéria, pois o espírito ou mente é o único princípio controlador da matéria.

Tendes vulcões, sismos, tornados e trovões e relâmpagos, todos os quais são essenciais para a purificação dei elementos materiais. Assim, existem espasmos convulsivos da mente no sentido de forjar uma condição mais elevada de vida. A estes, enquanto sois demasiado ignorantes para compreender todo o seu significado, chamais mal. Nós chamamos-lhes os meios pelos quais o homem forja o seu destino; e como o homem não pode sair do Universo de Deus, deve viver e agir em obediência às leis que ele fez.

Deus é o único e exclusivo PRINCÍPIO governante e positivo em todo o Universo da mente e da matéria. Se ele é bom, todas as coisas são boas; se ele é mau, todas as coisas são más, e nenhum outro poder poderá alguma vez mudá-las.

Vós não dizeis que a criança, pelo facto de ser ainda um bebé, não possui os elementos de um homem; nem podeis dizer que todos os homens não possuem os elementos de um Deus pelo facto de estarem ainda na infância do seu ser.

A perfeição das leis do progresso eterno é a única perfeição para além do próprio Deus. Os arcanjos poderiam ser considerados maus quando comparados com a

Divindade; mas não são "totalmente depravados"; nem o é aquele irmão que se encontra no plano mais baixo da escala da humanidade.

Existe uma cadeia ininterrupta de simpatia que une os dois, e ambos continuam a abrir o seu caminho em direção a Deus, e continuarão a fazê-lo enquanto a eternidade durar.

Estamos a falar para homens e mulheres racionais, que veem em toda a Natureza uma grande harmonia, e cuja canção lírica vibra entre todos os planetas da imensidade, e não para o fanático teológico cuja alma nada vê senão o terrível panorama da sua própria condição escura e não desenvolvida. Quão desolada deve ser essa mente que nada vê num filho de Deus senão "depravação total"! Oh, quão longo é o caminho que ainda jaz entre ele e a verdadeira harmonia intelectual e moral! Contudo, em toda a sua escuridão espiritual, ele colocar-se-á como um instrutor da humanidade. No desabrochar dos seus poderes espirituais, ele é um bebé; e, embora os belos campos repletos de deleite e animação se estendam diante dele, ele não vê nenhuma da sua beleza: mas os vales baixos, onde as correntes sinuosas da sua própria natureza lentamente abrem o seu curso lamacento, são o local de repouso e o deleite da sua visão.

Assumindo que possa possivelmente estar correto que o homem é, por natureza, totalmente depravado, lembrar-se-á que se diz que a sua origem é Deus; também que se diz que Deus é infinito em bondade. Portanto, se a bondade no homem está depravada, e é o resultado da bondade infinita, então deve ser uma boa depravação!

Aquilo que está totalmente depravado nunca se poderá tornar esclarecido. Temos evidências históricas de que o homem tem vindo a ascender gradualmente na escala do esclarecimento, da filosofia, da educação, do valor moral e religioso, desde que o tempo começou. Se ele estivesse totalmente depravado, não haveria nada sobre o qual melhorar; e todos os homens seriam igualmente depravados, pois não haveria, por qualquer possibilidade, qualquer hipótese de melhoria.

Mais uma vez: se o homem é por natureza totalmente depravado, a sua origem deve ter sido de total depravação, e o seu destino será a total depravação. Só pode haver uma Fonte Infinita de vida. Se essa fonte for a bondade, então o homem é bom; se essa fonte for a depravação, ou o mal, então o homem é totalmente depravado, totalmente mau, e continuará sempre a sê-lo. Uma destas duas coisas é verdadeira: qual delas, deixamos para que a vossa razão e julgamento decidam.

É acreditado por alguns que o mal existe como um meio para o desenvolvimento do bem. Mas nós acreditamos que o mal, como princípio, não existe de todo. Se o bem há de ser desenvolvido, só se poderá realizar através do bem. Poderá ser um menor grau de bondade para a compreensão humana, ou do que aquele que vós atingistes.

O adágio é o de que *"uma árvore má não pode dar bons frutos"*. A ideia de mal tem origem na vossa compreensão finita de um bem. Para vós, seria um mal lançar os vossos filhos no Gange, ou esmagar os vossos corpos sob o carro de Juggernaut; mas

para o hindu é um ato santo. Qual é a diferença entre vós e o hindu? Simplesmente que vós vos tornastes esclarecidos até ao grau que vos faz compreender que Deus não exige tal barbaridade.

Mas não precisais de sair do vosso próprio país para ver a diferença de opinião sobre o bem e o mal. Estais rodeados por uma multidão de pessoas que honestamente acreditam ser um mal dançar; e existem muitas outras que acreditam que uma das alegrias do céu consistirá em dançar. Para o quacre, poderá ser um mal cantar; mas, com outras denominações, a melodia é uma parte do seu culto religioso.

A teologia diz-vos que o homem foi feito santo e puro, mas que pelas artimanhas astutas de Satanás, sob a forma de uma serpente, ele foi tentado e caiu do seu estado primitivo; mas nós dizemos que aquilo que é bom nunca se pode tornar menos bom. O homem nunca caiu, mas tem vindo a progredir lenta e gradualmente para uma condição mais elevada. A bondade deve sempre triunfar, pois é um princípio e é infinita; ao passo que o mal não existe sequer como um princípio negativo, como muitos supõem, pois não tem existência real. É simplesmente um menor grau de bem.

O mal é uma palavra que deveria ser banida de todos os vocabulários; pois não se segue que, pelo facto de o finito não poder igualar o infinito, ele seja mau — que pelo facto de um átomo não poder ser um mundo, ele seja mau, ou que não seja um átomo. Se os homens dissessem que um ser humano e finito é mau porque é finito, seria exatamente tão apropriado dizer que um átomo não era material porque não era um mundo. Na nossa opinião, a compreensão finita do bem é todo o mal que existe; e na proporção em que o entendimento dos homens se alarga, também a sua ideia de bondade aumentará.

Portanto, nós chamaríamos ao mal não um princípio negativo, mas simplesmente aquilo que é um bem nas suas condições. O homem que jaz a rebolar nas sarjetas da vossa cidade não vos compreenderia se lhe fôsseis discursar sobre os princípios morais da natureza humana. Tendes de descer, passo a passo, na vossa aplicação da moralidade à condição dele. Vós não chamaríeis a isso perfeita bondade, mas pode sê-lo para ele. O que ele compreende ou entende como o meio para o retirar da sua escuridão e degradação para um anjo ou um arcanjo seria um mal.

Vós dais-lhe um raio, enquanto o anjo vê o brilho do sol por inteiro. Portanto, a bondade positiva e a negativa diferem apenas na quantidade, e não na qualidade. A bondade é um princípio, e o mal não tem existência como tal a não ser como um menor grau de bondade. A luz é um princípio na Natureza, e os graus relativos de escuridão são apenas o resultado da sua ausência. Mas a luz existe em todos os lugares, num grau maior ou menor; o mesmo acontece com a bondade em cada ser que Deus fez. Todos têm o seu lado brilhante e amável, que pode ser iluminado ao aperfeiçoar-se a luz interior.

Por favor, compreendei-nos quando dizemos que não apoiamos o crime. Estamos apenas a ensinar lições de caridade. Se vós, esta noite, com a vossa conscienciosidade e o vosso conhecimento das leis do vosso país e da vossa natureza moral, estivésseis

num acesso de raiva, e nesse acesso matásseis um homem, os homens diriam que era um mal. Nós diríamos que não foi. O vosso motivo não era o sangue. Não planeastes encontrar esse homem na rua e assassiná-lo deliberadamente. Foi o resultado de uma ação súbita, um impulso ou paixão da vossa mente. Temporariamente, a vossa razão ficou suspensa. Ora, nós diríamos que foi uma insanidade momentânea, e que não éreis mais culpados, quando tivésseis recuperado novamente o vosso equilíbrio mental, do que se tivésseis estado permanentemente insanos.

Mas não podereis deixar de sofrer as consequências dessa perda de equilíbrio, pois as condições estavam na vossa mente. Dizemos que cada homicídio, cada crime, é apenas o resultado deste surto do espírito, tal como os vulcões, os sismos, os trovões e relâmpagos e os tornados o são dos elementos materiais; e guardam as mesmas relações para com o mundo moral que estes guardam para com o físico. Não justificamos o crime; apenas vos pedimos que considereis as suas causas. Quando os homens planeiam deliberadamente um homicídio, dizemos que é tão bom quanto as suas mentes conseguem conceber, sendo o resultado da sua organização e das condições pelas quais estão rodeados.

Se é errado para um homem matar o seu irmão, ele certamente, se a teologia for verdadeira, tem o exemplo da Divindade ao fazê-lo. Sendo Deus, sem qualquer tentação a não ser o facto de os seus filhos cometerem pecados que ele permite que façam, ele arma-os e envia-os a lutar e a matarem-se uns aos outros; e esta ideia tornou-se tão geral na igreja cristã que, em tempos de guerra, empregam um capelão, cujo dever é invocar Deus para os assistir na obra da carnificina humana. Ele mata nações inteiras; isto é, destrói as suas formas físicas.

Vós podeis matar um homem, e ter um motivo ao fazê-lo, e isso pode ser a vossa mais elevada conceção de bondade e, no vosso julgamento, o melhor meio para atingir a felicidade. Ora, esse ato é mau, ou um menor grau de bem, para nós que não o faríamos; mas se descêssemos a esse plano e, por um momento, suspendêssemos a ação da nossa razão superior e natureza moral, poderíamos cometer o mesmo ato. Todos os homens andam em busca da felicidade, e cada um segue o curso que acredita que mais conduzirá a esse resultado. O julgamento pode estar convencido de que ele está errado, mas outros poderes ou faculdades da sua mente ganham a ascendência, e ele, tal como nós, cede à influência mais forte. Esta é uma lei do nosso ser que ninguém pode transcender.

Dizemos que nunca se comete um crime que não seja feito por motivos realmente conscienciosos. Não essa consciência moral ou religiosa, de acordo com o vosso ou o nosso padrão, mas a partir da conscienciosidade da sua própria condição não desenvolvida. Ele raciocina assim: "Este homem tem ouro; eu não tenho nenhum: se isso me fizer feliz, será correto eu tirá-lo, por qualquer meio." Nenhum homem comete alguma vez um crime voluntariamente, sabendo que se trata realmente de um crime. Os homens não enterram os pés no fogo para os queimar até caírem: também não arruinariam a sua natureza moral se compreendessem igualmente as consequências.

O homem que erra sabe que, se for detetado, será colocado na penitenciária ou suspenso pelo pescoço até estar morto. Isso é em obediência à lei do vosso país, a qual, pelo facto de um homem matar outro, permite que vários homens o matem a ele e não cometam homicídio, mas sim o façam em imitação do Deus da teologia. Aquele que primeiro comete um homicídio não é pior do que o juiz que o condena; pois caímos de novo sobre os primeiros princípios e dizemos que, se é errado para o ignorante assassinar, não o é menos para aqueles que são mais esclarecidos.

É frequentemente o caso de o crime ser perpetrado por aqueles que ocupam posições elevadas na sociedade intelectual.

Mas descobrir-se-á que têm a educação ideal em alguns aspetos apenas para lhes ensinar como melhor cometer o crime. Por exemplo, homens que durante anos sustentaram um bom caráter podem ser detetados numa grande fraude contra a nação, ou contra uma empresa associada.

Eles ganharam inteligência suficiente das leis do vosso país e da natureza humana para lhes ensinar como melhor cometer a fraude. Não receberam uma educação moral e, neste departamento da sua natureza, podem não ser superiores ou iguais àqueles a quem vós olhais como os mais baixos da sociedade. Quando a moralidade, bem como a teologia, for ensinada nas vossas escolas e universidades, descobrireis que será muito diferente.

Há momentos em que a punição é necessária, mas ela deveria sempre combinar a reforma com a sua severidade. Por outras palavras, não deveria ser de caráter vindicativo, mas disciplinar, tendo em vista o bem do culpado, bem como a proteção da comunidade. Todas as leis de Deus se fundam neste princípio. A comunidade tem o direito de se proteger das depredações dos seus membros delinquentes, e também de usar a sua influência na reforma dos mesmos, mas não tem o direito de tirar aquilo que não pode restaurar. Isso pertence unicamente àquele Juiz que não pode ser enganado pela falsidade do testemunho humano, e que sabe quando é o melhor momento.

A vossa jurisprudência legal funda-se na lei de Moisés, que era olho por olho e dente por dente, ou a lei da retaliação. Jesus deu um mandamento que incorporava mais do que os dez; pois se vos *"amardes uns aos outros"*, não podereis falhar em cumprir todos os requisitos das leis dadas por Moisés. Até que os homens possam ser moral e socialmente educados até essa condição, necessitareis de tribunais legais. Mas estes não poderão ser senão extremamente imperfeitos, pois ninguém pode julgar adequadamente os motivos e as tentações de outrem, ou com que paixões este se debateu longamente.

Quando os homens se julgam uns aos outros a partir de um ponto de vista finito, ou a partir de qualquer conhecimento de princípios finitos, é como um átomo a julgar outro por este não ser uma estrela, ou um mundo, ou um sol. São precisos muitos átomos para fazer um mundo — é precisa uma raça humana inteira para constituir a Humanidade.

O Infinito é o único que pode julgar quão perfeitamente ela está feita.

O TRIUNFO DA ALMA PARA A PAZ PERPETUADA

20 de Abril de 1907 ─ Cora Richmond, Chicago

"Não vim trazer a paz, mas a espada."

"E eu passo a mostrar-vos um caminho sobremodo excelente."

O "Príncipe da Paz" da cristandade sabia muito bem que as nações da terra não estavam preparadas para abolir a guerra. Sabia também muito bem que a própria palavra de paz invocaria a contenda. Sabia que a Verdade é uma espada de dois gumes que perfura, moral e espiritualmente, o reino sombrio daqueles que se encontram em estado de guerra.

Ora, nós não consideramos que a paz seja algo que possa ser aplicado superficialmente, ou que as nações em estado de guerra possam concordar em abolir a guerra e respeitar esse acordo. O ébrio assina o compromisso de honra; isso agrada às pessoas da temperança e possivelmente fá-lo pensar que vai passar a ser sóbrio, mas retirai essas restrições externas e ele voltará a beber, porque não ganhou pessoal e individualmente a vitória.

Além disso, existem muitíssimos estados de guerra onde não há armas de fogo, não há armas de destruição física, não há armamentos, não há soldados, não há navios de guerra. Era exatamente tanto um estado de guerra quando os negros eram mantidos na escravidão como se houvesse soldados a guardar cada um deles, pois o governo dos Estados Unidos, que representava a paz e o direito igual de cada ser humano à "vida, liberdade e busca da felicidade", estava a ajudar a mantê-los na escravidão; se libertásseis algum dos escravos, os soldados dos Estados Unidos iam atrás de vós.

Essa misteriosa "linha ferroviária subterrânea" em que participavam os quacres e todas as pessoas amantes da paz era um assunto de grande preocupação para o governo dos Estados Unidos, pois valiosa propriedade estava a ser enviada apressadamente para o Canadá por métodos apenas conhecidos por aqueles ligados a esta "linha ferroviária subterrânea". Havia uma pequena casa em Rochester, Nova Iorque, o lar de Isaac e Amy Post ─ dois dos quacres mais simples, zelosos e amantes da paz que se podiam encontrar em qualquer lado ─ na qual não havia um armário, nem um canto na

cave ou no sótão que não tivesse abrigado refugiados da escravidão. Às vezes eles saíam vestidos com as roupas dele e às vezes com as dela, e em toda a espécie de roupas e disfarces, sendo ajudados a chegar ao Canadá. Dizia-se que estavam a violar as leis da terra. E estavam. Mas estavam a obedecer às leis da paz. Os soldados e os funcionários do governo tê-los-iam prendido como agentes da lei; no entanto, a Lei da Paz era a liberdade destes homens e destas mulheres.

O corso nos altos mares já não é legal, exceto quando as nações estão em guerra, ou exceto quando as nações desejam conquistar território. Mas já não é uma empresa privada; não podeis sair como piratas, mas podeis juntar-vos ao exército ou à armada e sair para conquistar algum povo inocente.

Enquanto o espírito de guerra agressiva e opressão existir, a assinatura técnica de tratados ou acordos de paz já não prevalecerá, ou não prevalecerá; queremos dizer até que haja sentimento ou crescimento suficiente do povo para insistir nisso, e que se o Tribunal de Arbitragem que se vai estabelecer permanentemente estiver em posição de, em todos os momentos, dispor das disputas e causas de guerra entre as nações da terra, e se houver o apoio moral do povo por trás dele, ele prevalecerá, e se não houver, não prevalecerá.

Quando falamos sobre o estado atual dos assuntos ou o crescimento das nações, não estamos a falar para os vossos preconceitos pessoais, não estamos a falar a favor ou contra o vosso partido político pessoal, consideramos um partido político tão corrupto quanto o outro, exceto que o que está fora do poder promete reformas e, quando no poder, não cumpre as reformas prometidas. Essa é toda a diferença. Mas um estado de guerra existe sempre e onde quer que por qualquer força individual ou coletiva algum homem ou combinação de homens oprima o seu semelhante, quer seja na oficina, na loja ou no escritório, quer seja nas urnas quando estais a votar; mas onde quer que seja, isso é um estado de guerra, e o estado que produz a paz surge quando vos rebelais contra isso.

A revolução não é a guerra. A guerra está antes da revolução, no estado de opressão, injustiça e força que a precedeu. Na guerra entre a Rússia e o Japão, que foi guerra de ambos os lados, ambos estavam no plano material; não havia nenhum problema moral particular na questão, eram simplesmente dois gigantes a lutar pela supremacia. O Japão tinha a vantagem em eras de treino físico e mental e de obediência. A Rússia tinha grande poder, mas era físico, e embora tivesse um exército treinado, este era rude comparado com o exército do Japão. Cada homem no Japão é feito de ferro; é o nervo e o músculo treinado, habituado, obediente. Foi um grande conflito físico; foi também um grande conflito moral, pois revelou aquilo por que a Rússia ansiava.

A revolução na Rússia não terminou. As revoluções não andam para trás, e a revolução pela liberdade não é a guerra, é o resultado de todos aqueles anos de imperialismo e opressão, anos de guerra. Há um cartoonista que recentemente acertou felizmente nas três causas da guerra, "o exército, a armada e o diplomata". Onde estes não existem, as guerras são muito poucas. Mesmo os aborígenes deste país, como são

chamados, não travavam guerras destrutivas uns com os outros com muita frequência. O exército da vossa nação na fronteira foi a causa prolífica da guerra: o ato agressivo da nossa civilização invasora, o uísque e os soldados. Quando falamos sobre os "caminhos da paz", não nos referimos a estes caminhos que aumentam o preço do vosso sustento dia após dia com firmeza invasora e não aumentam os vossos salários. Não é uma medida pacífica quando cada necessidade de vida é mais cara e quando não há mais dinheiro nas mãos dos consumidores para pagar por ela.

Acreditamos plenamente que a inteligência, a crescente inteligência e unidade das Uniões de Ofícios, dos Sindicatos de Trabalhadores e da Federação de Sindicatos de Trabalhadores tornará possível haver um ajuste mais tarde; mas enquanto existirem combinações opressivas de capital, haverá greves hostis, e enquanto existirem encerramentos patronais, a classe trabalhadora deve resistir; e a simpatia deve estar com o trabalho, porque aqui estão milhões de homens e, do outro lado, simplesmente milhões de dólares. Um homem com um milhão de dólares não tem o direito de controlar um milhão de homens com um dólar cada um. Essa é a proposição clara. Mas se ele de facto torna inevitável que tenha de ficar com a maior parte do valor do trabalho deles, e naturalmente eles têm de trabalhar, eles têm de ter o seu pão quotidiano, e se o seu pão quotidiano tem de ser obtido a tal custo, isso é um ato de guerra.

Ora, todos estes capitalistas estão a rezar pela paz. Quando o Czar da Rússia e Andrew Carnegie se juntam para emitir uma convocatória para um Congresso de Paz, isso significa que ou o Czar da Rússia quer controlar o mundo, ou tem medo dos seus conselheiros, medo dos seus soldados, medo dos seus assistentes pessoais. Ele não está a procurar a paz do mundo. Andrew Carnegie poderá estar. Ele obteve, através da guerra, muitos milhões de dólares, e agora quer distribuí-los ─ distribuí-los em livros que ninguém tem posses para ler, porque não têm tempo, e na construção de bibliotecas para vilas que as vilas não podem manter porque não têm fundos de doação perpétuos. Tão-pouco um Congresso de Paz terá qualquer utilidade quando o mundo se empenha cada vez mais no fabrico de armamentos de guerra.

Não obstante isto (tudo isto que dizemos), a paz do mundo está seguramente a caminho. É uma realização, um resultado. Aquela pequena semente que está ali em baixo no torrão não está a dormir, embora pareça estar, mas está a depositar cada energia para sair, o sol está a conquistá-la para aparecer; mas se colocardes uma pedra sobre ela, ela não crescerá; deve haver todos os acessórios para ajudar a esse crescimento. Às vezes a tempestade vem e destrói-a, às vezes existem coisas externas que interferem e o gérmen não rende o seu crescimento e frutificação corretos; mas após a luta do tempo da primavera e do verão, se olhardes para o pomar carregado de frutos, se olhardes para as vinhas carregadas de frutificação, se virdes os campos de grão para a colheita, podereis saber que o tempo da paz chegou.

As lutas do crescimento e as tempestades foram em vão para impedir a colheita. É por causa desta frutificação que as pessoas e as nações são mais amáveis; porque adoram no tempo da colheita; "A Festa da Colheita", o tempo de ação de graças do

ano. Todos vos lembrais de como na vossa infância os filhos e os netos se reuniam ao redor da lareira ancestral, e a ação de graças era pela frutificação do que o ano rendera.

A Colheita da Paz surge como o resultado do crescimento, e para que possa haver as sementes da paz plantadas no espírito, isso deve começar com o indivíduo, com a sociedade e com a nação. Recursos externos não servirão. As pessoas não vos podem conquistar para isso agora dizendo "este é o tempo aceitável, este é o ano do Senhor". Ponde a vossa casa em ordem, ponde a vossa comunidade em ordem, ponde a vossa sociedade em ordem, dissolvei os vossos tribunais judiciais, não luteis com o vosso vizinho por causa de uma polegada ou um pé de terra de que ele está na posse e que pensais pertencer-vos.

Cada vez que uma disputa é transplantada para os tribunais judiciais em vez de um ajuste individual ou pessoal, isso é um ato de guerra. Ali torna-se uma contenda intelectual entre os advogados. Quer estejais certos quer errados, esperais ter sucesso. Se fordes acusados de algum crime, quer sejais culpados quer não sejais culpados, esperais que o vosso advogado tenha sucesso em ganhar a luta por vós.

Naturalmente, o verdadeiro estado de paz consiste em não invadir os direitos do vosso vizinho; consiste em não tirar vantagem de ninguém nos negócios. Vós fechais as casas de jogo e deixais abertas as Bolsas de Valores e as Juntas de Comércio. Mas as "lojas de apostas paralelas" são fechadas porque, dizem, os pequenos negociantes não têm posses para perder. Mas o maior jogo do mundo está nas Bolsas de Valores e nas Juntas de Comércio, a especulação em opções e a hipoteca de ações. Seja como for que queirais chamar a isto, é jogo. Não alivia a grande pressão sobre o mundo o facto de, sob certas condições, ser legalizado.

O homem que roda a roda da fortuna numa pequena loja de cupões ou lotaria sabe o que está a fazer, mas se ele compra as vossas ações fictícias não sabe, não sabe quais são as condições. Quando um juiz proeminente nesta cidade foi outrora culpado por não fechar os salões de jogo, ele simplesmente respondeu: "Não estou a julgar dessa forma. Se me for exigido que extinga o jogo, começarei por fechar a Junta de Comércio." Todo este sistema de especulação é um estado de guerra, mas não é chamado assim pelo público.

Cada ato que esmaga um homem até dez ou doze ou dezasseis horas de trabalho todos os dias a fim de que possa ganhar o sustento é um ato de guerra. Cada ato que o impede de ter oportunidades iguais às dos outros para ganhar o seu pão quotidiano é um ato de guerra. E tudo o que de tal modo constrange a vida humana, que o sótão, a cave, o espaço debaixo do passeio da loja ou oficina, e a baia na estrebaria são locais possíveis de habitação humana, é um ato de guerra.

As crianças que perecem todos os anos sob a guerra do sistema industrial são milhares mais em número do que os soldados que perecem nos campos de batalha durante o período daquilo que é chamado guerra real. Mulheres que carregam os fardos da opressão saem, deixando os seus pequeninos à mercê das chamas ou do que quer que seja, para ganhar o seu pão quotidiano e o sustento escasso que podem dar

aos seus filhos. Mais pessoas morrem durante o tempo da chamada paz do que alguma vez são trucidadas durante o tempo de batalha.

Os índios ao longo da fronteira morrem em maior número quando não há guerra, porque são depravados e corrompidos pelo uísque e imoralidade do exército que está perto deles. A paz tem os seus terrores; e no tempo em que as pessoas dizem que uma nação está mais "próspera", existem registos de mais pessoas do seu povo a morrer de fome e de carência do que em qualquer outro tempo.

Lamentamos a matança daqueles russos que subiram ao palácio, homens, mulheres e crianças, simplesmente para pedir uma mudança nas leis. Lamentamos o massacre dos judeus, homens, mulheres e crianças. Já calculastes as estatísticas da morte em tempos de chamada paz? Sabeis o que está a transpirar na vossa cidade dia após dia? Estais cientes das crianças com menos de catorze anos de idade que mourejam dia após dia, que são as vítimas desta guerra contra o direito de as crianças crescerem? Sabeis o que está a transpirar ao vosso redor no meio dos vossos admiráveis amigos, o ir aos teatros, locais de entretenimento, e aos palácios dos milionários, do grande cortejo que não se vê e que passa invisivelmente para o mundo dos espíritos?

Dizemos-vos que o caminho da Alma é o caminho da Paz: que começa com estes pequeninos, que o caminho da Alma está aqui para estes indefesos que lutam e trabalham mas não se conseguem erguer acima do seu ambiente por causa destas condições humanas. Dizemos-vos que o caminho da paz está aqui e agora, para começar com as coisas individuais ou pessoais, estados sociais individuais, cidades individuais, comunidades individuais e finalmente com a nação. Aprovamos muitíssimas coisas que o vosso chefe do executivo fez, pensamos que ele assumiu uma grande posição em muitas direções, mas não aprovamos a posição que assumiu com referência àqueles homens dos sindicatos, àqueles homens trabalhadores no Oeste que estão sob julgamento por homicídio.

Acreditamos que se trata de uma medida política e não a aprovamos, pensamos que é uma marca de opressão. Pensamos que nenhum homem na cadeira de Chefe do Executivo deste país se deveria alguma vez condescender a fazer qualquer trabalho político, quer para a reeleição quer para a eleição de qualquer outro homem para lhe suceder. Pensamos que virá o tempo na vossa própria nação em que o Chefe do Executivo não será um partidário, mas quando, tendo sido eleito pelo seu partido particular, procurará justa e sabiamente administrar as leis para o benefício de todo o povo.

Pensamos que é exatamente tanto um ato de guerra quando o exército dos Estados Unidos é convocado acima do protesto, muitas vezes, de governadores de Estados ou de presidentes de câmaras de cidades para ajudar a regular os assuntos locais como o é anunciar a guerra. Compreendei-nos, pensamos que a verdadeira república e o governo verdadeiramente representativo primarão nos caminhos da paz. Terá caminhos para responder a estas emergências que não estão centrados em

exércitos. Pensamos que não existe um sistema mais corrupto no mundo do que o sistema de detetives dos Estados Unidos, e de cada Estado e cidade.

Pensamos que não existe maior incentivo ao crime e vício da falsa acusação do que o que o detetive comum tem através do sistema de recompensas. "Cinquenta mil dólares de recompensa por descarriladores de comboios" é um suborno direto contra a vida ou liberdade de alguém. Muitas pessoas inocentes foram privadas da vida por provas fabricadas. Estes são atos de guerra a decorrer todos os dias no vosso meio. Protestam os cidadãos contra isso?

Dizem as pessoas "isto não é correto"? São os homens julgados por júris dos seus pares quando nenhum homem que pense, ninguém que tenha uma opinião pode sentar-se no júri? Pergunta-vos se formastes uma opinião? Seríeis uns idiotas se não a tivésseis formado. Se formastes uma opinião, isso desqualifica-vos. Se os tribunais desejam um júri ideal como esse, deveriam ir aos asilos de imbecis ou de loucos ou a outro lado buscar os seus júris. Homens e mulheres inteligentes têm de formar uma opinião quando ouvem falar de um caso.

A verdade é que o estado de crescimento moral e espiritual deve constituir a paz ou a guerra da comunidade. Se as pessoas não usam revólveres ou armas de guerra, usam a opressão do poder ou da posição. Em Londres, a vida pessoal está mais segura do que está aqui. Em Londres, podeis falar a qualquer hora sobre qualquer assunto em qualquer um dos grandes baldios ou nos parques e não serdes estorvados. Não o podeis fazer aqui. Aprenderam por experiência que, não obstante ser um governo monárquico, a liberdade pessoal assegura a segurança do país.

Uma monarquia representativa com um monarca como uma figura de proa é propensa a ter mais liberdade pessoal do que uma chamada república com uma figura de proa enérgica, um homem que é propenso a quebrar amarras e fazer coisas. Seguramente não podeis olhar nessa direção para os caminhos da paz. Os polícias não carregam armas de morte em Londres. Aqui, se estiverdes a correr para apanhar um comboio da meia-noite, estais sujeitos a ser baleados por um polícia por pensarem que sois um ladrão. Não estamos a dizer isto ao acaso; está na memória de alguns de vós que várias pessoas foram baleadas, algumas delas mortas, por polícias enquanto corriam para os seus comboios. Este poder ilimitado nas mãos de pessoas irresponsáveis é o que causa um estado de guerra no vosso próprio meio; e o poder acrescentado é colocado nas mãos das pessoas que deveriam ser feitas responsáveis perante o público e perante o governo.

Ora, o que é o Caminho da Alma? O que é este "caminho sobremodo excelente" de que estamos a falar? Em primeiro lugar, é o caminho do crescimento; é a superação do egoísmo com o conhecimento do bem-estar dos outros, estando vós incluídos.

É um estado de guerra quando um homem tem um parque privado com um muro alto ao redor para que ninguém possa olhar para dentro do parque e desfrutar do seu belo cenário, a menos que alguém que viva perto possa avistar o parque a partir das janelas superiores da sua residência, ou como um homem fez em Inglaterra. Um

homem desagradável que possuía uma propriedade muito grande, a fim de que as pessoas não vissem as belas flores e árvores que ali cresciam, construiu um muro muito alto ao redor. Mas um tipo diferente de homem, que possuía alguma propriedade adjacente, construiu uma torre muito alta na sua propriedade dominando uma vista completa do parque do seu vizinho, para a qual convidou o público a vir e desfrutar das belezas dos terrenos do seu vizinho. Assim, muito em breve superareis os muros do egoísmo apenas tornando a vossa perspetiva suficientemente alta para olhardes diretamente para o jardim da humanidade.

A verdade é que deve haver no indivíduo a perceção de que as outras pessoas estão incluídas no plano da vida, de que todas as pessoas são uma parte do grande esquema, e de que o mundo da humanidade não gira em redor do pronome pessoal "Eu" ou de "mim e da minha família", mas de todas as outras famílias lá fora. Se existe um parque público, tendes o benefício dele bem como os vossos vizinhos. Se existe uma galeria de arte pública, e a arte é uma coisa tão maravilhosa para educar o povo, tendes a alegria dela bem como os outros.

Uma coisa singular aconteceu em Londres não há muitos anos. No "East End" de Londres, onde ninguém que tivesse qualquer pretensão a um sustento ou vida "respeitável" gostaria de viver, houve uma galeria de arte construída com a ajuda de algumas pessoas filantrópicas para o benefício das pessoas pobres que viviam nessa vizinhança. Mas aos domingos esta galeria era fechada ao público, abrindo apenas para os "patronos" ricos, os "colaboradores", a nobreza e a realeza que, fazendo um grande espetáculo nas tardes de domingo, conduziam os seus carros até lá com as suas carruagens e comitiva para visitarem esta galeria, mas a administração negava esse dia aos trabalhadores da vizinhança — para quem ostensivamente fora construída —, o único dia em que podiam possivelmente encontrar tempo para a visitar.

Alguém, percebendo a triste mas caricata situação, deitou mãos à obra para ter esse museu de arte aberto para o povo trabalhador aos domingos e, finalmente, após um trabalho vigoroso e persistente de vinte e cinco anos ou mais, conseguiu tê-lo aberto ao público aos domingos. Por essa altura, o museu tinha deixado de ser um local de interesse para a vizinhança, preferindo as pessoas os parques e o ar livre para a sua recreação de domingo.

Assim, por esta e semelhantes formas, o povo finalmente conquista. Mas leva cerca de cinquenta, sessenta ou cem anos para mudar a legislação em Inglaterra. Quanto tempo vai levar aqui, nunca o podereis dizer, pois vos estais a cristalizar. Enquanto a Inglaterra não tem agora leis de vacinação obrigatória, vós estais nos espasmos de serdes compelidos a ter os vossos filhos ameaçados com a vacinação cada vez que uma junta médica pensa que deveria haver mais dinheiro a entrar para o departamento médico. Se tendes essa luta para passar, levar-vos-á cinquenta, sessenta ou setenta e cinco anos para vos livrardes disso? Conhecemos o campeão dessa causa na Grã-Bretanha que viveu para ver o triunfo dos seus trabalhos.

Ora, quando as pessoas são legalmente autorizadas a viver e a prestar culto "de acordo com os ditames da consciência", não são privilegiadas para morrer de acordo

com os ditames da consciência, mas devem ter um médico ou um exame *post mortem*. É uma coisa errada morrer sem a ajuda de um médico, é contra a lei. Isso é um ato de opressão. É exatamente tanto um ato de guerra como se viessem e vos arrastassem para fora da vossa cama à meia-noite e vos compelissem a ir para a prisão. E vós, eleitores, não sabeis o suficiente para protestar contra isso.

Falai sobre um Congresso de Paz quando é possível que todas estas coisas ocorram! A voz da paz diz: Votai de acordo com os ditames da vossa consciência; se tiverdes a oportunidade. E se não houver partido que represente os ditames da vossa consciência, fazei um. Todo o mecanismo do governo não é tão inalterável como as leis dos medos e dos persas; tendes o direito de os alterar. O caminho da Paz é o caminho do Direito, daquilo que é justo para com os vossos vizinhos e amigos.

"Oh! mas as pessoas devem ser protegidas contra as epidemias." Seria uma boa coisa se tivésseis uma lei para vos proteger contra os micróbios nos vossos cérebros. A varíola não é provável, nem quando surge é uma milésima parte tão perigosa quanto a vacinação. O sarampo, a escarlatina, a difteria e muitas doenças modernas — não sabemos quanto à apendicite — são muitas vezes devidos à vacinação. Quando a "vida, liberdade e busca da felicidade" são garantidas ao povo, o simples remédio de um modo de vida saudável e simples medidas higiénicas na forma de prevenção sempre sucederão.

Depois, nos caminhos morais: O roubo que é feito sob a sanção dos negócios e o que é feito pelo homem que tira a vossa carteira do vosso bolso ou tira o vosso sobretudo do cabide do átrio são o mesmo moralmente, a única diferença é que um entra no âmbito da chamada transação legal e legítima. Mas se a Alma fosse inquirida e dissesse: "qualquer vantagem que tireis do vosso vizinho é roubo", a questão estaria respondida. Para crédito da raça humana seja dito: existem mais pessoas hoje que se recusam a tirar vantagem dos seus vizinhos do que antigamente; não obstante os vossos antepassados puritanos e aqueles que nasceram e foram criados no campo, pensamos que o homem de negócios comum de hoje é mais honesto do que costumava ser.

As corporações não têm almas para serem salvas, e ninguém é responsável por elas. Mas a massa do povo está a crescer para compreender que o povo deve receber, pelo menos, aquilo que pensa ser um equivalente para o seu trabalho. Ora, torna-se um facto que, quando existe maior inteligência no mundo, o gigante nos negócios não pensará que, pelo facto de ter um génio para fazer certas coisas, tem, portanto, o direito de as fazer independentemente dos outros, não mais do que um gigante fisicamente pensará em atropelar as pessoas na rua devido à sua força física. O propósito moral é servido ao usar a força do gigante para proteger aqueles que são débeis.

Ora, se apenas vos lembrardes, quando estiverem a falar sobre a paz, de começar pela fundação, e se existir um Rockefeller, um Carnegie, um Vanderbilt ou um Gould que seja um gigante nos negócios, usemos a sua força gigantesca para o benefício daqueles que são débeis. Este rapaz que resgata homens, mulheres e crianças das

chamas, ele é o herói, não o homem que pode atropelar homens e mulheres porque tem força intelectual e financeira. Encontremos o "rapaz do elevador" que correrá por toda a gama de fogo e chama, mental e fisicamente, para o benefício dos outros, que está agora no vosso meio. Encontremos os grandes "resgatadores" que compreendem o caminho e não vacilarão, e que esses resgatadores cheguem bem ao fundo da vossa consciência.

A Alma de vós está ciente; o Espírito de vós está a preparar-se mais. "Não farei esta coisa", dizeis vós quando tentados pela especulação ou por ofertas de investimentos que prometem a rápida acumulação de uma fortuna. Todos estes esquemas para extrair uma fortuna num minuto desaparecerão e o mundo saberá que o pão ganho pelo trabalho diário não é um processo de esmagamento, mas a frutificação legítima do empenho. Não se pode manter uma criança quieta, ela tem de estar a fazer alguma coisa. Não se pode manter um jovem ou uma jovem saudável perfeitamente ocioso, os jovens assim querem fazer alguma coisa, e a coisa que querem fazer é o que querem fazer, e esse desejo de trabalhar pode ser direcionado no caminho de criar alguma energia e desejo de ser útil.

Cuidemos para que a beneficência tenha um alcance mais profundo e mais amplo. Cuidemos para que todas as faculdades e poderes crescentes no coração e na mente humanos desabrochem na direção certa, de modo que cada um destes pequeninos tenha uma oportunidade de crescer.

Daqui a pouco tereis o "Dia da Decoração". É uma coisa bela, especialmente se decorardes os túmulos dos "Cinzados" bem como os dos "Azuis". Mas que necessidade têm eles de flores? Não os podeis beneficiar ao decorar os seus túmulos com flores, mas poderíeis fazê-los regozijar nos seus novos lares encontrados ao dardes flores aos seus entes queridos que possam ainda estar na forma mortal, ou a mulheres e crianças pobres que raramente ou nunca possuem uma flor. Se for demasiado trabalho distribuir as vossas flores dessa forma, enviai-as para os hospitais para animar e ajudar a curar aqueles que delas precisam.

Ou dai um bouquet de flores vivas à vossa esposa e vede quão muito feliz ela vai parecer, especialmente se nunca fizestes tal coisa desde que a namoráveis. Se fizerdes isso em memória dos vossos entes queridos que estão no outro mundo, eles ficarão mais gratificados do que se espalhardes as vossas flores sobre um local que nunca visitam exceto através da vossa presença ali. Falai sobre túmulos e vitrais memoriais! Podeis prestar melhor tributo àqueles que ressurgiram através da lembrança amorosa daqueles que estão aqui.

Assim, rumais para o Caminho da Paz quando deixais de celebrar o vosso Quatro de Julho e os vossos feriados nacionais com o ribombar de armas; e rumaríeis para o Caminho da Paz se os soldados dos vossos exércitos que regressaram a casa após a sua guerra se retirassem para uma vida pacífica, e desejassem não a guerra, mas a paz universal. Quando o General Grant se tornou o chefe do executivo do governo, ao trocar as honras da guerra pelas grandes responsabilidades da paz, fez aquilo que cada nobre soldado deveria fazer. Ele sustentou que o governo como um governo pacífico

era mais sagrado do que um governo guerreiro. Enviou comissões de paz aos índios. Tentou negociar a paz por todo o mundo. O tribunal de arbitragem de Genebra, como o fruto da guerra da rebelião, esteve largamente sob o seu conselho.

Rumemos para a paz nesse reconhecimento de que todas as almas são iguais aos olhos de Deus. Então não haverá legislação parcial; então não haverá um "Eu sou mais santo do que tu", e o Caminho da Paz será o Caminho da Justiça e do Amor Fraterno.

A TRANSIÇÃO DAS ALMAS

Incluindo

A TEORIA DA METEMPSICOSE, A TEORIA DA TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS SEGUNDO OS ENSINAMENTOS DE PITÁGORAS, PLATÃO E OUTROS; JUNTAMENTE COM UM INDÍCIO DA VERDADEIRA TEORIA RELATIVA AO PROGRESSO DA ALMA DE UM ESTADO DE SER PARA OUTRO.

UM DISCURSO INSPIRACIONAL PROFERIDO PELA SRA. CORA L.V. RICHMOND, EM CHICAGO, ILL., NO DOMINGO À NOITE, 11 DE MARÇO DE 1877

O tema desta noite, conforme anunciado, é "A Transição das Almas", incluindo a teoria da Metempsicose, a Teoria da Transmigração das Almas segundo os Ensinamentos de Pitágoras, Platão e outros; juntamente com um Indício da Verdadeira Teoria relativa ao Progresso da Alma de um Estado de Ser para Outro.

Ao explicar o assunto, ou mesmo ao aproximar-se dele, a mente humana deve levar em consideração duas coisas: primeiro, que a própria alma, como uma essência, possui poderes, capacidades e destinos que estão além da matéria; segundo, que em toda a teoria verdadeira a respeito da imortalidade da alma deve haver uma base essencial para essa teoria, assim como existe para o atual sistema de astronomia, como existe para a geologia, como existe para qualquer uma das ciências conhecidas.

A teoria da Metempsicose, resumidamente declarada, como era concebida pelos antigos e como ainda hoje é acreditada por um grande corpo de devotos religiosos no Oriente, é a de que a alma passa da vida humana, se for perfeita, para a região da Divindade; se for imperfeita, que a alma regressa novamente, assumindo uma forma exterior, seja de animais inferiores, como uma forma de punição, seja de seres humanos, como uma forma de mais experiência e trabalho na terra.

Lembrar-vos-eis de que esta teoria está imperfeitamente declarada em todos os registos que vos são transmitidos pelas religiões do Oriente, mas nela acreditam os brâmanes, que nutrem várias ideias a respeito do reaparecimento do homem sobre a terra, embora acreditem nele principalmente como uma questão de punição. Era acreditada pelos brâmanes a respeito das suas divindades, pois, quando Buda surgiu

entre eles, não só se acreditava que ele já tinha aparecido antes sob a forma de um mensageiro deífico, mas que voltaria a aparecer como o mesmo espírito em formas diferentes.

Era acreditada por aqueles que ensinavam a religião ao tempo de Zoroastro, e pelo próprio Zoroastro, que considerava a recorrência da existência da alma na terra como incidental para o seu avanço, e que era antes uma forma de punição do que qualquer promoção do espírito no seu crescimento exterior; ao passo que Pitágoras ensinou distintamente a reencarnação do mesmo espírito em muitas formas diferentes, e afirmou que ele próprio já tinha vivido anteriormente e ensinado, mencionando o filósofo que supunha ter sido.

Ora, as teorias de Pitágoras sobre a maioria das matérias da ciência eram, para o seu dia e época, corretas. As suas proposições matemáticas não são controvertíveis hoje e, à luz daquele período científico, ele deve ter tido alguma base sólida para esta filosofia, que não aquela que é aparente nos registos de superstição de um período tradicional. Sócrates ensinou la imortalidade da alma, mas não só ensinou uma imortalidade futura, como também uma passada, cujas reminiscências estavam apenas vagamente sombreadas na vida exterior, mas que ele defendia que o espírito podia compreender quando libertado do ambiente exterior; enquanto Platão, no seu sublime Cosmos, relaciona a alma no seu avanço como guardando alguma semelhança com os corpos celestes, passando por uma ordem de ser após outra, mas nunca perdendo a sua essência divina, e nunca perdendo a sua dualidade, ou a consciência dessa dualidade dentro de si mesma.

Que isto era acreditado proporcionalmente entre os hebreus é reconhecível pelo facto de eles esperarem que Elias aparecesse novamente, e de, quando os seus profetas vinham, estarem incertos se estes seriam agora novos mensageiros ou um reaparecimento de mensageiros precedentes, mostrando que até os Filhos de Israel, quer o tenham ido buscar ao Oriente quer fosse inerente à sua religião, acreditavam em algo deste género; enquanto todos vós vos lembrais distintamente de que, quando João apareceu, anunciando a vinda de Cristo, perguntaram a Cristo se este era aquele que haveria de aparecer — Elias, ou se era um novo profeta, e que ele respondeu de forma um pouco vaga, mas acabou por dizer: “Elias já veio;” referindo-se a João.

A palavra "Elias", naturalmente, seria interpretada como significando um profeta, ou vidente, ou homem do Senhor; mas, dadas as circunstâncias, a indicação é a de que mostra uma crença prevalecente na recorrência, pelo menos, de profetas depois de estes já terem aparecido uma vez na terra. Transmitida através de várias interpolações, foi deixada, contudo, para os cristãos, e de facto para a religião hebraica, em certa medida, apagar as evidências que tinham existido no Oriente a respeito desta singular teoria, até mesmo entre os gregos, e na aparência de deuses ou demónios na terra sob a forma de homens (...) invulgar; estes apareceram muitos, enquanto muitos dos seus instrutores realmente acreditavam nos períodos recorrentes da vida do homem!

Cristo vindo novamente como o (...) as suas revelações da alma, a respeito das suas existências anteriores e futuras, o seu pensamento a respeito da existência do seu

próprio espírito com a Divindade para sempre, o facto de os seres angélicos serem supostos ser pessoas ou seres que habitaram corpos humanos, as (...) ordens de inteligências espirituais que se supõe existirem e que não assumiram a forma humana — tudo isto aponta para uma existência da alma fora da e da matéria, a qual o pensamento atual desta época não alcançou.

Na Europa existe uma denominação ou seita prevalecente, chamada "Espiritualismo", distinta do Espiritualismo, sob os ensinamentos de Allan Kardec, os quais reviveram a antiga ideia da metempsicose, ou transmigração de alguns dados, em formas elaboradas de (...) e instrução, pretendendo (...) proporcionalmente de espíritos desencarnados, parcialmente dos registos de (...), dando uma descrição exata da alma viva, a sua antecedente existência imortal aqui, e a sua existência após a morte; enquanto os poetas em cada (...) sonharam, vezes sem conta, (...) a existência da vida num distante (...) algum outro mundo, e com reminiscências tão vagas e difusas quanto o poético possa ser, mas ainda com a (...) e consciência global de que algo de um espírito de verdade (...) que aspirou a uma imortalidade além da morte foi, ao mesmo tempo, confrontado com a proposição: Onde existia a alma antes desta vida? Se existe um início para a existência espiritual, não poderá haver também um fim para ela e temos nós o direito de predicar a imortalidade com base no mero início da existência externa neste planeta?

Estas proposições não são nossas; não as criámos nós, nem a história que as contém. Elas guardam a mesma relação com o pensamento moderno que a antiga astrologia guardava com a astronomia, a qual, tanto quanto os pontos de observação o permitiam, estava correta. Guardam a mesma relação com o pensamento moderno que a antiga alquimia guardava com a química, resolvendo a alquimia muitos dos problemas que a química falhou em resolver. Guardam a mesma relação com o pensamento moderno que os antigos sistemas de aprendizagem guardam, estando o tempo todo sujeitas à crítica e à luz da ciência moderna, mas permanecendo o tempo todo sem resposta, como problemas que se deparam a cada espírito humano no seu percurso em direção a um conhecimento correto daquilo que se encontra além.

Não é nosso propósito resolver este problema para nenhum ser humano. É simplesmente nosso propósito expor, tão justa e (...) conscienciosamente quanto possível, a teoria tal como era acreditada por mentes como Pitágoras, Sócrates, Platão, Confúcio e outros, e como é agora acreditada por muitos milhares de pessoas que estão mais esclarecidas a respeito do assunto da existência futura. Esta exposição será (...) na nossa própria linguagem, mas também suportará o escrutínio e o exame atento (...) sendo compilada a partir destes antigos (...)

A teoria é a de que a alma humana aqui, na sua forma externa, não é o centro do ser. Se fôsseis medir os corpos celestes tendo como referência a terra como sendo o centro, cairíeis no mesmo erro em que caíram os antigos, supondo que o sol era um dos planetas a girar em redor da terra, em vez de ser o centro.

Ora, supor que a vida humana, tal como existe sobre a superfície da terra, é o início de toda a vida é tão erróneo como supor que a árvore da floresta, que descobris

pela primeira vez, não teve existência anterior, ou que o planeta, que a astronomia descobriu pela primeira vez através do telescópio, não existia ali até que o telescópio fosse feito. A criança é propensa a acreditar que o mundo não poderia ter existido antes de ela ter nascido; visto que tudo parece tão estranho e novo para a criança, não poderia ter existido antes.

Todos vós já ouvistes o exemplo da criancinha a olhar pela janela a uma noite, tendo-lhe sido dito que Deus fizera as estrelas; e logo acima do horizonte, após o sol se ter posto, vendo a criança a luminosa estrela da noite, exclamou: "Mamã, oh, mamã, Deus fez uma estrela!" Para a mente da criança isto era uma criação, e não havia a contemplação ou a compreensão do facto de que, há milhares de milhões de eras, essa estrela já era um planeta e se movia no seu lugar ao redor do sol, exatamente como então.

Assim, a partir da infância da vida externa, os seres humanos julgam que não só a terra, mas os corpos celestes e toda a existência futura e todos os meios de salvação devem ter sido feitos expressamente para eles. Se existe um Deus no céu, Ele foi feito expressamente para esta terra. Se existe um Cristo, o Salvador da humanidade, ele foi um Cristo criado especialmente para esta terra. Se existem mensageiros celestes, seres angélicos e espíritos ministradores, eles são todos regulados com referência a este planeta; e tudo se centra em redor deste único grão de poeira que, comparado com o número infinito de mundos, é como um átomo.

A ciência da astronomia por si só conduziria o homem a mais humildade a respeito da organização do reino espiritual, visto que a organização do reino temporal parece deixar à terra apenas o seu lugar designado, e dizer que ela constituirá apenas uma parcela dos corpos celestes, muitos dos quais ultrapassam em tamanho a terra pela magnitude de milhares e centenas de milhares. Haveremos nós, então, ao tratar do reino espiritual, de supor que o mero ponto de tempo que qualquer ser humano por acaso vive sobre la terra, ou pela ordem da existência nasce aqui, constitui o início daquela centelha vital que deve ter sido infinita?

Os átomos contam a sua própria história. Dizem ao homem de ciência: "Nós não fomos criados; desde o passado infinito fomos moldados e formados; mesmo quando o caos parecia habitar, nós estávamos lá em elemento, à espera do grande édito da vida criativa que nos haveria de moldar em forma." As rochas e as árvores contam a sua própria história. Por mais mutáveis que as coisas da terra pareçam, sabe-se que as substâncias a partir das quais foram moldadas existiram há eras, e até a própria rocha poderia resistir mil anos e a árvore outros tantos. Vós não fazeis caso da existência anterior ao tempo em que observais as formas de vida sobre a superfície da terra.

Se vedes um grão de trigo brotar numa única estação e recolheis a colheita, pensais que todo o seu crescimento se deu dentro daquele tempo determinado; esqueceis os incontáveis milhares de anos em que os átomos da terra foram movidos e triturados, organizados e reorganizados, vezes sem conta, para preparar o solo para aquele grão de trigo, e (...) que cada átomo contido dentro daquele grão existiu nalguma forma de vida desde tempos imemoriais, e que todas as formas de vida,

mutáveis como são na expressão externa, contêm o elemento de existência que é em si mesmo eterno.

Ora, o espírito ou é um elemento que não foi criado, ou é menos do que a (...) debaixo dos vossos pés. O pensamento do homem que contempla a imortalidade, mede as estrelas, chama-as pelos seus nomes, analisa a poeira e descobre os elementos de que é moldada, esse pensamento ou não foi criado nos seus poderes externos, ou é menos do que as (...) substâncias que analisa e investiga. Deus, dizeis vós, é eterno; desde a eternidade passada Ele habitou na vida mais íntima do espírito, operando em e através de todas as substâncias.

A alma do homem, à semelhança de Deus — terá esse ser sido moldado, terá sido criado, será feito de pó? Então não haverá de voltar ao pó, e se não for feito de pó, se a essência inevitável que constitui o você e o eu sempre existiu, não terá de ter existido algures, e não é esta vida, esta (...) vida, um mistério tão grande, maravilhoso e poderoso como qualquer vida futura possa ser?

O astrónomo, com o auxílio da matemática, pode, se lhe derdes (...) do círculo descrito por um planeta (...) cometa na sua revolução, dizer-vos toda a órbita dessa revolução. Ora, os antigos acreditavam que as almas se movem em ciclos, e que a órbita da sua revolução é tão prontamente determinada por alguém perito no conhecimento da ciência espiritual como a órbita de um planeta é determinada por alguém perito na ciência astronómica. Os antigos acreditavam que a Divindade era o poder mais íntimo ou central; que em redor da Divindade luzes menores, possuindo os mesmos atributos, os mesmos poderes e propriedades em grau, giram ou se movem, como planetas menores; que ainda mais remotos do que estes planetas menores estavam os satélites, como luas mais distantes, girando por vezes em redor destes outros planetas como os seus centros de luz, e por vezes como que em redor do seu sol central, movendo-se pelo espaço fora; e era a teoria de Platão que grupos de almas, na gradação do seu crescimento espiritual, se moviam sempre harmoniosamente através dos céus e, se houvesse um mundo no seu percurso, ou um planeta, este se tornava o local de repouso momentâneo para a alma na sua peregrinação imortal.

Se contemplardes a magnitude da vida, ficareis certamente atónitos se supuserdes que a terra, com a sua pequena preparação, pode capacitar qualquer um de vós para uma eternidade que é simplesmente espiritual; e todos vós vos lembrais de ter pensado, se já passastes os anos do meio da vida: “Oh, se eu tivesse apenas outra oportunidade; se eu pudesse viver a minha vida de novo; se eu pudesse lutar com a vida outra vez, tenho a certeza de que ganharia a vitória e que a minha alma seria triunfante.” Não existirá, na economia da natureza, outra oportunidade?

Será este segundo tempo negado à alma apenas porque é o édito do pensamento moderno que não se vive novamente no pó?

Existirá algum poder para determinar por que razão não podereis vós viver tão bem aqui como no porvir, e se a vida espiritual há de ser o degrau para essa vida ainda mais interna que está além, não poderá ser necessário, antes de essa vida espiritual ser

plenamente obtida, que vós, noutro mundo, se não neste, compreendais os seus métodos, alcanceis as suas leis, luteis com as suas possibilidades e resolvais os seus problemas?

É uma teoria da vida religiosa e moral que a experiência do homem aqui deve determinar o seu futuro estado de felicidade ou de miséria. Então, começará cada alma a corrida de forma igual? Terá aquele que está na pobreza, na mendicidade, na miséria, uma oportunidade igual à daquele que está rodeado por todo o luxo; e haverá aqueles na obscuridade que tiveram oportunidades iguais às daqueles que estão na eminência, e vice-versa?

Não será o registo do crime rastejado a partir de algum início que é inadequado; e não será o registo da bondade igualmente rastejado; e haveremos nós de julgar os homens pelas suas vidas aqui, quando os seus inícios médios não são iguais? Quem determina o padrão da alma quando esta inicia o seu percurso da vida humana? Quem há de julgar as qualidades inerentes ao espírito infantil antes de o corpo ser ainda a expressão adequada dessa alma? E se, como os teólogos defendem, o homem é propenso à maldade e é intrinsecamente pecador, e deve experienciar a regeneração antes de poder ser salvo, quão pior do que parcial é o começo da vida humana, e quão infinita deve ser a luta nalguns casos para sequer alcançar uma conceção da salvação que é prometida!

Se a vida humana, tal como é calculada pela compreensão dos seres humanos, for a única oportunidade de preparação para a vida futura, então a própria vida humana é um fracasso. O esquecimento daquele que acredita na aniquilação seria mais bem substituído, visto que isso deixa todos os homens iguais.

O Espiritualista acredita que no estado futuro, que se encontra além da morte, existe uma oportunidade de avanço e melhoria. Até aí, tudo bem; mas nesse estado futuro, como aqui, o começo é muito variado, e algumas almas devem distanciar-se largamente das outras na corrida infinita, e as alturas eternas devem ser escaladas por algumas daquelas que levam tanta vantagem aqui.

Os inícios da existência humana na terra são o teste desta teoria. Mozart, quando criança, compreendia as terceiras e quintas da música; um ancião de cabelos brancos no meio desta assistência poderá não conhecer um único som. Onde aprendeu o seu espírito ou mente isto? Oh, foi hereditário.

Não houve tal coisa. Não houve nenhuma transmissão especial de talento musical ali; e os génios do mundo, incluindo os grandes pensadores, brotaram de condições onde não era possível que os seus talentos tivessem sido transmitidos. Então o espírito daquela criança foi ensinado antes. Quem se pode atrever a supor que algumas crianças não sabem, com o primeiro vislumbre de expressão de inteligência, mais do que outras após dez ou quinze anos? A criancinha que disse lembrar-se de que estava no céu e que estava a brincar com os anjos ali, e desejava regressar, é apenas um de muitos exemplos que, se registados, confirmariam a ideia de que as crianças reconhecem alguma existência fora de e anterior a esta vida.

A obtusidade da substância externa, a matéria que vos rodeia, os sentidos externos que vos encerram, proíbem o que se denomina memória. Mas se a memória fosse essencial, então muito poucos seres humanos atingiriam qualquer grande grau de conhecimento ou imortalidade, pois de todas as coisas que experienciais em toda a vossa vida não conseguiríeis recordar, mediante esforço, mais do que cem coisas, e talvez até menos. Os eventos que assumem um forte controlo sobre a mente na altura são por vezes lembrados muitos anos depois; mas, na maioria dos casos, a roda do pensamento gira, deixando a maior parte das vossas vidas na obscuridade, e deixando apenas os resultados colhidos para a mente.

Um argumento contra a teoria de Pitágoras e Platão é o de que a mente não tem recordação de uma pré-existência. Qual é o padrão da recordação? Algumas das mentes mais distintas da história disseram que de facto se lembram; os poetas dizem que têm vislumbres desta recordação, e os profetas declaram-no distintamente.

O ser humano comum não é músico; os seres humanos comuns não são génios de espécie alguma e, se tivésseis como padrão para a existência de génios da música o facto de todo o mundo ter de ser músico, então nunca teria havido músicos, pois todo o mundo não é músico!

Se fôsseis provar a existência de poetas pelo facto de todos os seres humanos terem de ser poetas, então não teríeis tido poetas em tempos passados; e os grandes homens em cada época poderiam ser apagados pelo mesmo padrão de raciocínio. Um número suficiente de seres humanos declarou que de facto se lembrava ou tinha vislumbres de lembrança para provar que este assunto é digno de consideração; e essas pessoas não eram monómanas, lunáticas, nem dadas a qualquer forma especial de superstição, mas expuseram as suas convicções de forma tão inteligente e clara sobre este assunto como sobre qualquer outro; ao passo que todas as pessoas de cada classe de existência têm uma vaga consciência, algures durante as suas vidas, de já terem visitado um local anteriormente, o qual visitam pela primeira vez; de verem um rosto que têm a certeza de já terem visto antes, mas do qual não têm recordação de alguma vez terem visto no corpo mortal. E assim, ao longo de todas as vossas vidas, se contardes os eventos desses períodos em que alguma estranha ocorrência ou recordação evoca uma reminiscência difusa, descobrireis que, se incentivado, este pensamento aumentará gradualmente e, tal como a intuição do futuro, impor-vos-á finalmente uma visão do passado.

Matematicamente, o pensamento da pré-existência deve caminhar de mãos dadas com o pensamento da existência no porvir. Um círculo não está completo sem o todo, e uma linha que é infinita em duração deve ser infinita no passado tal como no futuro. Quem quer que espere pela imortalidade, quer se lembre do passado quer não, quer a sua vida seja como um sonho ou de outra forma, deve considerar que, nalguma forma de existência, espírito ou anjo, semideus ou o próprio Deus, o gérmen da alma do homem deve ter vivido, deve ter pensado, deve ter-se movido através de alguma ordem intermédia de substância antes de alcançar esta terra; e que isto não passa de uma pequena porção do grande arco desse círculo eterno que determina a vida do espírito.

Não importa, no que diz respeito à verdade, que esta teoria seja agradável ou não. Recordar-vos-eis, talvez, da expressão de algumas pessoas relativamente à comunicação com os mortos: “Oh, eu não poderia de modo algum acreditar nisso — que os mortos pudessem voltar e falar connosco.” A ideia enche-as de horror e, no entanto, à medida que a mensagem chega gradualmente daquele que partiu, através do suposto abismo da morte, os olhos iluminam-se e o coração torna-se mais leve com a consciência desse estado futuro; e não haverá o homem, que é propenso a julgar meramente pelos sentidos externos, de se tornar mais brilhante e mais autoluminoso se considerar que não nasceu do torrão, mas que realmente emanou daquela mesma imortalidade para onde caminha? E não confirma isto todas as sagradas tradições e pensamentos da religião, que dizem que a alma segue para Deus, de onde veio, e declaram audazmente que o espírito do homem vem de Deus e deve retornar para Ele?

O que é este retornar, se não um batismo no espírito interior? Se passardes ao redor do cume de uma montanha, haverá uma parte do tempo em que o vosso percurso anterior ficará obscurecido, mas quando chegardes a outra parte, onde existe uma visão semelhante, embora num plano mais elevado, observareis a mesma cena que contemplastes antes, apenas com um alcance de visão acrescentado. Não podereis estar agora nessa porção da montanha onde não conseguis ver o melhor caminho? Não estarão as vossas memórias nubladas pelo ambiente externo e não pelo espírito; e não virá um tempo, ao passar pelo ciclo da existência, em que revertereis novamente a essas cenas e compreendereis o caminho através do qual passastes em alma, que é agora difuso para o entendimento externo?

A memória da vida humana não passa de uma memória de eventos externos, causada por uma recorrência de eventos semelhantes; e muitas pessoas esquecem por completo coisas que acontecem na vida, até que se recordem delas por algo semelhante. O mesmo acontece com o retrospeto da alma. Se nada experienciardes aqui semelhante à vossa experiência anterior, não vos lembrareis dela; mas se experienciardes algo que vos recorde a experiência passada, haverá uma vaga memória persistente que não conseguireis afastar de vós, de alguma experiência anterior, semelhante em género. Isto surge principalmente em estados elevados de religião, de amor, de êxtase poético, de inspiração, de música ou de algum fervor que remove a humanidade acima e além da mera vida temporal.

Mas que isso de facto surge e que estes períodos de êxtase são tanto uma visitação do passado como uma profecia do futuro, todos os que compreendem as experiências da alma entenderão e compreenderão; mas aqueles que não compreendem considerarão, naturalmente, que se trata de uma mera quimera do passado, e que os que acreditavam na teoria eram dados à superstição, revertendo simplesmente às tradições externas em vez das espirituais para o seu apoio e sustento; enquanto, com certeza, a própria ciência declarará que isso é absurdo e que para um homem ocupar novamente uma forma física é, indubitavelmente, impossível, ao passo que, com a mesma inconsistência com que a ciência sempre trata assuntos deste género, ela declara que a mesma molécula e o mesmo átomo, as mesmas substâncias da vida externa, podem ser moldados e formados vezes sem conta e reter as propriedades que anteriormente assumiram na configuração de outras formas; mas para o homem não

existe sequer esta imortalidade na ciência, de tal modo está ela determinada a que o espírito seja aniquilado.

As objeções a esta teoria são resumidamente apresentadas. Primeiro, apenas para a mente externa, parece que se perde a identidade. O que é a vossa identidade? Se ela consiste no vestuário que usais, perdem-na quando o vestuário se desgasta. Se consiste na casa em que habitais, perdem-na se vos mudardes para outro edifício. Se consiste no corpo que trazeis, perdem-no na morte. Se consiste nalguma ordem técnica especial da mente, esta está sujeita a mudar, pois os homens mudam de opinião todos os dias, e vós não sois o mesmo Smith que éreis há vinte anos, pois podereis ter experienciado uma mudança total na política, na religião e na moral.

Se éreis um jovem do mundo, dado a inclinações externas, e desde então vos tornastes sóbrio, sério e propenso à moralidade; se não acreditáveis em nenhuma religião e desde esse tempo experienciastes a religião, e se éreis intelectual, imperfeito, e desde esse tempo chamastes o estudo em vosso auxílio, os vossos antigos amigos mal vos reconheceriam e, no entanto, existe dentro de vós o mesmo espírito. Os corpos que tendes, aos quais tão tenazmente vos apegais, não são os mesmos corpos; a cada sete anos sofrem uma transformação total, e a ciência declara que não existe um único átomo a compor a atual estrutura que estivesse lá há sete anos.

O que é, então, que constitui a identidade? Evidentemente não os átomos da matéria; evidentemente não as opiniões, pois essas sofrem mudança; e raramente um ser humano, ao passar pela vida, mantém as mesmas impressões a respeito de qualquer assunto externo, ou a respeito de qualquer proposição de filosofia ou teologia.

Aquele que declara ter vivido cinquenta anos e não ter mudado de mente sobre nenhum assunto é certamente considerado um fóssil. Se a identidade, então, consiste em meras opiniões que estão sujeitas a mudar, naturalmente perderíeis a vossa identidade cada vez que mudásseis de opinião; mas se, por trás dessas opiniões, que são comparativamente externas, existe uma essência espiritual que usa o cérebro meramente como um miradouro e que, mediante novas evidências ou convicções, acolhe uma nova verdade como vós receberíeis uma nova paisagem na vossa visão, ou um novo quadro na vossa galeria, então os poderes expansivos da alma são ilimitados, e o alcance da visão que se poderá estender a vós quando finalmente estiverdes libertos desta barreira externa tornar-se-á eterno e abrirá o panorama da imortalidade.

Não pedimos a nenhum de vós que acredite; não se trata de uma questão de crença. Uma convicção vossa, quer seja verdadeira quer seja falsa, nada afeta. Quem quer que estude o assunto com a mesma perspetiva de o compreender que o astrónomo tem quando estuda os corpos celestes, compreenderá o significado do que dizemos. Não há escolha quanto ao local onde os planetas devem ficar situados; não há escolha quanto às órbitas da sua revolução na mente do astrónomo; ele descobre o que lá está. Ele aponta a sua lente destemidamente para os céus para ver o que os céus contêm. Quer tenhas vivido antes disto ou não, não é uma questão de escolha. Se assim for, é apenas metade de toda a verdade, pois só pode haver uma metade da eternidade diante de qualquer espírito que está a passar através da eternidade; o resto deve estar atrás. Se

essa metade da verdade constitui alguma orientação; se nalgum período da vida humana ela desponta sobre o espírito e constitui uma fonte de gozo tanto maior, deixamos para o poeta determinar.

No seu “Mistério da Reminiscência”, Schiller refere-se à existência da vida em tempos anteriores, e diz:

"Chora! pela vida divina que se perdeu ao longe, Da qual Tu e Eu somos os seus fragmentos dispersos; E para sempre o anseio invicto retemos — Suspiramos por renovar o longo e desaparecido reinado E tornarmo-nos divinos novamente."

Não é verdade que cada ser humano guarda sagradamente no seu espírito mais íntimo a consciência de ser algo melhor do que o pó que o contém? Não é verdade que vislumbres desta herança imortal se erguem profeticamente para a alma? E profeticamente significa também retrospetivamente. Não é verdade que, se essa herança for vossa no porvir, algures no longo e desaparecido passado, a partir de uma vida espiritual podereis ter entrado nesta vida; e não é verdade que isto é também consistente com a história humana e com a filosofia humana?

Foi dito, e é o registo da religião, que houve guerra no céu; que o arcanjo do Senhor se rebelou contra o édito mais elevado e foi expulso do céu; que à terra ele desceu, e habitou aqui sobre a terra em punição por esta rebelião, descendo finalmente ao Hades e, sob os vários nomes de Lúcifer, Plutão e outros nomes de ignomínia, foi lançado numa escuridão indizível. Foi dito que uma estrela caiu do céu e desceu à terra, assumiu o poder da vida mortal, esqueceu a sua imortalidade, até que por alguma transformação divina a estrela foi novamente restaurada ao seu lugar designado.

Não existe alguma parte disto que apele ao coração do homem? Não é a rebelião no céu a condição de felicidade que cada alma desdenharia se acompanhada por uma falta de conhecimento; e não se repete na história da queda de Adão o que realmente representava o crescimento espiritual da raça, e não o externo — o de que de um paraíso qualquer ser humano cai por amor desse conhecimento que finalmente se torna a sua ressurreição? E não é verdade que, se fôsseis anjos no céu, condenados a um alcance limitado de visão e a possibilidades limitadas, assumiríeis voluntariamente o traje externo da vida exterior com o propósito de mais conhecimento e mais esclarecimento? Não enviais expedições a mares nortenhos remotos e vos esforçais por encontrar o que jaz nessas regiões desoladas?

Não se bane o Dr. Livingstone de casa, da civilização e do esclarecimento para o interior de África, correndo perigo de vida por amor do conhecimento que isso traz? Não sofrem os homens perigos, dificuldades, toda a espécie de privações para que a alma possa banquetear-se no conhecimento e para que a mente possa ser alimentada com um poder acrescentado? Se os homens fazem isto na vida mortal, existirá alguma razão para supor que a alma o não fará; e se libertos da existência exterior e compelidos a habitar num paraíso limitado, não cobiçaríeis vós essa miséria temporária que traria também consigo algum dom ou benefício acrescentado de conhecimento?

Dizemos-vos que, do paraíso da alma que não está familiarizada com a matéria e as trevas, o homem se expele a si próprio, ou é expelido pela lei da sucessão espiritual, e acompanha os planetas na sua revolução com o propósito de ganhar a própria vitória que deve ser conquistada sobre a natureza exterior aqui. Dizemos que a missão da alma aqui implantada não consiste simplesmente em crescer a partir do pó, mas, com os poderes excelsos do espírito, em vencer esse pó e depois, tal como Alexandre, mas num outro e mais elevado sentido, suspirar por mais mundos para conquistar — e existem mais mundos.

Este pequeno ponto, com as suas poucas experiências e as suas visões limitadas, constitui apenas uma parcela da vida infinita que jaz diante do espírito; e nós e vós passaremos desta terra, da sua atmosfera de existência espiritual, para essas outras estrelas que melhor se adaptem à nossa condição, e ali aprenderemos o que houver para ser aprendido; tomaremos a nossa estada na progressão eterna, tal como aqui com a consciência de que Deus está atrás e diante de nós, e a Vida Infinita está acima de nós; seguiremos avante e avante, nunca esquecendo, apenas lembrando aquilo que é valioso para o espírito lembrar; enquanto a argila exterior e todos os seus pertences se afundarão gradualmente na insignificância, deixando apenas almas que estão aliadas umas às outras, apenas espíritos que estão ligados pelos laços mais íntimos da alma.

Não perderemos, então, os nossos amigos? Não esqueceremos, então, aqueles que nos são próximos e queridos? De modo nenhum. É a vida externa que conduz ao esquecimento. A riqueza, o esplendor, a ambição exterior, muitas vezes levam os homens a esquecer os seus amigos na pobreza e na humildade; as pessoas estão mais próximas em alma e unidas em espírito; mas o grande engrandecimento do poder e das riquezas mundanas traz consigo o esquecimento do passado. O espírito na aflição aproxima-se dos seus amigos. A morte é um dos degraus que traz os entes queridos mais para perto de vós do que estavam antes, porque existe uma máscara a menos a dividir-vos.

A forma externa é a máscara; a morte é aquilo que a remove de um de vós e traz a alma mais para perto de vós, e quando vós, também, tiverdes lançado fora a máscara, o espírito será atraído mais para perto dos seus semelhantes, e aqueles que são um em espírito erguer-se-ão como chamas gémeas para a estrela do seu destino designado, e habitarão em espírito, tal como não são capazes de habitar na terra, ouvindo-se perpetuamente, enquanto grupos de almas gémeas, separadas ao longe pelo tempo e pelo espaço na terra, na Vida Espiritual e nessa maravilhosa consciência da existência além, atravessam juntas as alturas e profundezas dessa imortalidade, e lembram-se de que outrora estiveram unidas, mas separadas na terra pelos laços cruéis da vida externa.

Estais habituados aqui a falar da separação que a morte ocasiona.

Pensais aqui que a morte é o divisor cruel.

Na vida do espírito mais íntimo eles sabem que a vida exterior é a única coisa que os divide daqueles que amam.

Os divinos devaneios de Platão, o conhecimento de Dante cuja Beatriz brilhava em esplêndida visão acima dele, não passavam de vislumbres desse reconhecimento imortal que chega à alma quando todos os espíritos afins se reconhecerem uns aos outros, e souberem que através de incontáveis miríades de anos atravessaram as alturas e profundezas da eternidade, e ainda assim não estão perdidos uns para os outros.

Quando este reconhecimento chegar; quando o espírito na sua alegria se der conta das suas posses, o tempo, o pó da terra, os sentidos externos, tudo o que vos dividia aqui se afundará na insignificância, e perguntar-vos-eis em que noite da vida externa entrastes para trancar a porta àquele divino portal do dia infinito.

Tal é a teoria da transmigração das almas.

Onde a alma entra num animal inferior, como era acreditado por Pitágoras e por alguns dos seus seguidores, supõe-se ser em punição pelo pecado; mas como consideramos que nenhum ser humano pode ocupar uma ordem de existência inferior a si próprio, não presumimos que esta parte da teoria tenha qualquer fundamento na verdade. Seria uma parte da justiça, contudo, da aparente economia divina se alguns seres humanos que vimos castigar brutos mudos recebessem por sua vez um castigo semelhante; e poderia possivelmente entrar na economia divina que alguma punição de género semelhante os aguarde, embora possa não ser sob a forma de um bruto mudo; e por vezes foi insinuado que supor que os seres humanos entrariam num cavalo, num cão ou noutro animal favorito seria uma calúnia contra a criação bruta; mas como isto tem apenas referência a uma classe de seres humanos que são muito raros, e como, naturalmente, estas exceções não afetam de forma alguma a regra, apenas o damos como uma sugestão.

Mas, na maior parte, a ideia das almas e da sua existência na terra, no que diz respeito ao aspeto externo, deve apresentar uma vida muito fragmentária; e nenhum de vós ou de qualquer ser humano que ouça esta teoria deixará de dizer: “Se eu também pudesse ter outra oportunidade, a minha vida poderia ser redimida de muitas das suas imperfeições.”

Essa outra oportunidade, essa vida, essa possibilidade infinita está diante de vós, quer ela jaza velada neste mundo quer seja num percurso estrelado de mundos ainda não assinalados e desconhecidos para a compreensão humana; mas para a vida do espírito ela é infinita e eterna, e Deus é o Deus do Passado tal como do Futuro.

O REINO TERRENO,
O REINO ESPIRITUAL
E O REINO CELESTIAL
QUE FINALMENTE PREVALECERÁ NA TERRA

Um Discurso proferido através da Sra. Cora L. V. Richmond, no Kensington Town Hall, no Domingo à Noite, 22 de Junho de 1884. Presidido por Webster Glynes, Esq. Música sob a direção de J. O. Ward, Esq.

O décimo capítulo do Livro do Apocalipse de São João, o Teólogo, foi lido pelo Presidente como a Lição da noite.

O Discurso

O tema para o Discurso desta noite, que deve, por agora, encerrar as nossas ministrações no vosso meio, é: "O Reino Material, o Reino Espiritual e o Reino Celestial que finalmente prevalecerá na Terra."

O Reino da Matéria, independente do Espírito, não pode ser considerado, visto que, se o homem for destituído de inteligência (*à priori*), de Ser Espiritual, não é capaz de considerar a matéria, pois, se possui ser espiritual e inteligência, essa mesma posse deve influenciar tudo o que ele vê e tudo com que entra em contacto. O universo visível é desprovido de transmissão de inteligência, a menos que exista inteligência para o perceber. Mas o que queremos dizer com o Reino Material é esse Reino Material no qual o homem se encontra colocado, ao qual ele, aparentemente, nos estágios primordiais da sua existência, presta uma obediência quase estúpida e cega; o qual ele, em alguns períodos da história da terra, e na presente civilização, provou que pode grandemente superar.

Os primeiros tipos ou raças da humanidade — aquelas raças que encontramos agora nos estados mais baixos, em regiões remotas como a Patagónia, algumas porções de África e os recessos do norte da latitude da terra — onde a vida é mera existência; onde os sentidos rastejantes apenas debilmente executam as suas funções, enquanto o alimento é aquele que se pode obter da maneira mais rude; — estes oferecem exemplos do que queremos dizer com vida material.

O homem, no seu estado desprovido de inteligência, é a criatura mais débil da criação da terra. Nascido para a existência sem o instinto de como há de obter o sustento, sem os meios de abrigo, não pode ser igual (na mera vida física) a nenhuma das ordens que lhe estão abaixo. Ele pereceria muito antes de encontrar alimento; morreria de fome e de frio, a menos que fosse abrigado por algum processo artificial; ao passo que a vida animada abaixo do homem se deleita com o brilho do sol e apruma as suas asas, encontra a sua habitação entre rochas e cavernas protetoras e ramos de árvores e, pelo instinto da sua natureza primitiva, preserva a sua existência e encontra as fontes da vida no ser procriador.

Não acontece assim com o homem. Destituído de qualquer instinto, o homem teria deixado de existir com o primeiro do seu tipo, mas aquilo que constitui a força da existência do homem é a primeira divergência das leis orgânicas da sua natureza e acima delas, é a realização da intenção e do ato voluntários. Queremos dizer com isto o ato que não é o resultado do instinto, que não é o resultado da sua resposta física à carência física, o ato que resulta da volição. Toda a outra existência no homem, anterior à manifestação da sua vontade, é mera existência, isto é, o instinto da vida, do procurar preservar a vida, o tentar de várias maneiras encontrar abrigo primitivo; estes podem pertencer, propriamente, à lei material, mas o primeiro poder do homem não consiste em comer, não consiste em vestir-se, não consiste em encontrar habitação, mas sim em pensar como o fazer.

E como o pensar é o resultado do reino que está além da vida material, o ponto da verdadeira existência humana começa onde esse pensamento toma posse do seu ser; em vez de pelo instinto, pelo poder da ação inteligente a sua mente reúne as substâncias que são necessárias para a existência, para a sua preservação e para o poder de a perpetuar. Em todas as formas, portanto, da vida humana na terra, quando o homem ultrapassa o estado de dependência totalmente imbecil da natureza, ele revela o reino do Espírito; quer se trate de mera intelectualidade quer não, quer seja o esforço mais rude para construir para si uma habitação, ainda assim esse esforço em si é independente da mera força material, e esse esforço marca a natureza do homem como estando acima da lei orgânica.

Estais cientes de através de que longos períodos de tempo e de que muitas etapas de existência a terra habitável tem estado em preparação para a perfeição como a habitação do homem. Estais cientes, talvez, por algo da História e da Ciência, através de que etapas a raça humana se tem desdobrado em expressão, desde a existência selvagem aparentemente primitiva até às presentes ordens de civilização; mas podereis não estar cientes de que todas estas etapas têm sido expressões, em maior ou menor grau, daquilo que, embora governado e dominado pela materialidade, está ainda além da materialidade.

Onde diferimos totalmente e para sempre do Materialista é nisto: ele afirma que o homem é o resultado da evolução da matéria, o resultado da lei orgânica, e que quaisquer propriedades ou qualidades que o homem possa manifestar, ele deve essas qualidades e atributos à existência material e à lei material da vida. Ora, nós declaramos que, embora antes de um certo tempo ou período na história humana possa parecer não ter havido indicações de que o homem está além da lei da vida material e da criação da lei material, contudo, assim que o homem começa a conhecer a sua existência e a analisar o universo material em que está colocado, ele declara-se superior a esse universo para sempre.

Pois, se a Natureza evolui uma existência que pode entrar em conflito com ela, que é capaz de a analisar, de a submeter à crítica, subvertendo as suas leis, divergindo delas e superando-as (por leis superiores da mente), suplementando-as com invenções e recursos mecânicos, a Natureza estultifica-se a si própria e prova que cada axioma na ciência é uma fábula, — prova que a torrente se eleva mais alto do que a fonte, que o

efeito pode ser maior do que a causa. O homem primitivo, portanto, encontrou-se num universo de matéria, desprotegido e desprovido de tudo.

E o primeiro pensamento de existência surgiu na sua mente de criar para si uma habitação. Esse pensamento prova que ele era superior à natureza na qual se encontrava; e a partir desse pensamento, quer tenha tido a sua origem no "Adão" (o homem da terra vermelha), quer na mente do primeiro homem que deu voz à inteligência, não nos importa saber; mas quem quer que tenha sido, em qualquer etapa da história humana, essa foi a revelação do espírito do homem.

A partir desse momento, a conquista sobre a matéria começou. Antes desse tempo, como bebés adormecidos, embalados nos braços das mães, estes gigantes da inteligência futura pareciam adormecer. A matéria, aparentemente, detinha o domínio absoluto. Os reinos da terra e do ar eram os seus inimigos; a terrível tempestade a desabar sobre ele, as torres coroadas de nuvens que guardavam a sua artilharia de trovões nos fortes de tempestade do céu, faziam-no olhar com medo e admiração para estes inimigos do seu ser primitivo. Os génios da terra e do ar ameaçando devorá-lo; do mar e da terra os exércitos dos elementos vinham em direção a ele; a desolação e a morte muitas vezes erguiam-se diante dele; a voz da fome clamava do seu interior; ao seu redor no deserto, nenhuma fonte fresca podia ser encontrada; no entanto, não obstante isto, nu e sem abrigo como estava, a voz que está dentro dele ergueu-se para vencer os elementos, e o primeiro teto protetor do selvagem primitivo dá sinal do poder que um dia há de conquistar cada elemento que o universo material contém.

Não acontece assim com os tipos de vida abaixo do homem. Nascidos na natureza que é a sua herança, nunca existe um esforço para superar, para vencer. A proteção que é inata está sempre lá; aquilo que é chamado instinto impele-os ao cumprimento do seu ser. Isso nunca se expande, nunca projeta e nunca melhora.

Não duvidamos de que o primeiro ninho de pássaro, construído pelo primeiro par de pássaros acasalados no Éden, era tão perfeito como aqueles construídos nas vossas sombras primaveris de hoje. Não acontece assim com o homem: a habitação primitiva deu lugar à morada do conforto, e até do luxo; o abrigo rude construído com os couros e peles de animais deu lugar à combinação e amálgama de cada matéria na terra, para adornar e embelezar e tornar mais grandiosos os palácios que o homem deve habitar. A necessidade física deu lugar ao atributo mais grandioso do amor pelo belo, e a mente do homem, não as suas necessidades corporais, supre agora a exigência de cada artigo de beleza e cada poder de luxo e riqueza.

O domínio da terra, o poder que o homem deve exercer sobre os elementos físicos, a conquista que tem sido obtida nas eras maravilhosas da história humana, que deram à luz as Pirâmides do Egipto e a grandeza da Arquitetura Egípcia, o esplendor da Arte Fenícia e Grega e as maravilhas de Roma: estes não foram chamados à existência pelas exigências dos sentidos; não foram a produção da vida material da terra, mas foram criados apenas para dar expressão ao Ideal; para dar na forma externa aquilo que desafiaria esta “Natureza”, que se alimentara do homem por tantas eras, a destruí-la de novo.

Até agora as Pirâmides têm resistido aos antigos inimigos do homem na terra — o tempo e a dissolução, — construídas sob cada lei de exatidão científica; fundadas em cada descoberta, astronómica, química, matemática; construídas de acordo com os oráculos de homens do passado da ciência e da erudição. Repetimos, as Pirâmides resistiram à aproximação do inimigo mais antigo, e estão a entregar os seus tesouros ao pensamento investigador dos homens de ciência de hoje; não como o resultado de qualquer exigência física, mas porque a mente do homem anseia por saber tudo. E quando o primeiro abrigo primitivo, ou a primeira vestimenta primitiva, foi criada pelo homem, a questão indubitavelmente surgiu: "Donde sou eu?" e "Por que estou aqui?" e "Por que está este ambiente em guerra com a minha existência?" Frustrado em cada ponto, inquirindo e procurando a solução em cada direção, ele voltou o seu pensamento para o interior para encontrar ali a resposta; difusa, é verdade, e tradicional como chega até vós, a voz de Deus a falar-lhe de que, primariamente, ele não é da terra.

Mas com toda a beleza, com todo o poder e inteligência extraordinários, com cada conquista visível que o homem tem feito na terra, parece, a partir do ponto de vista atual, haver uma surpreendente falta daquela exaltação que deveria ser o resultado de seres dotados de naturezas imortais; e o Materialista tem, sem dúvida, um motivo aparentemente bom para o seu questionamento quando pergunta: "Por que, se o homem tem uma origem espiritual, e se a fonte da sua existência se encontra noutro reino superior, por que não existe mais evidência disso na terra no tempo presente?" Respondamos à sua pergunta: O poder da luz no universo visível é o poder do ser, e onde quer que os raios do sol não possam penetrar parece haver a morte; e onde quer que os raios do sol possam penetrar encontram-se os germes da vida orgânica.

É declarado por aqueles familiarizados com tais assuntos que, em cavernas onde nenhuma luz solar penetra, os peixes não têm olhos, pois a natureza não desperdiça os seus recursos construindo instrumentos de visão que seriam inúteis. É também declarado como uma teoria da ciência que, através de longos processos de desdobramento criativo ou orgânico, cada átomo que compõe as presentes estruturas orgânicas da terra deve ter sido vivificado pelos raios do sol antes que se pudesse formar o órgão da visão; que o olho, o qual no seu mecanismo maravilhoso é a construção mais surpreendente que a terra tem revelado, deve ter sido criado a partir de substâncias atómicas que tinham sido vivificadas pelos raios do sol por incontáveis milhares de anos.

Não antes de esses átomos se terem tornado suficientemente vitalizados pela luz pôde o órgão da visão, que haveria de ver a luz, ser moldado. Se a Natureza no seu vasto laboratório trabalha assim por milhares de milhões de eras para aperfeiçoar o simples mecanismo que, afinal de contas, não tem valor a menos que exista inteligência para ver, por que não poderá o Espírito esperar e trabalhar por milhares de anos antes que os atributos que lhe pertencem sejam revelados e feitos palpáveis à mente externa, na natureza física do homem, até ao mais elevado grau de vitória? E se questionais "Por que razão o espírito não está mais revelado?", respondemos que é maravilhoso, considerando o que tem de superar, que ele esteja revelado de todo. Pois quando sabeis que, passo a passo, tem sido uma batalha entre a inteligência do homem

e as aparentemente cegas “forças da Natureza;” passo a passo, a consciência humana tem moldado para si o entendimento, e essas “forças da Natureza” não eram apenas cegas para a sua carência e surdas para os seus clamores, mas não ouviam a sua voz, não respondiam ao seu apelo. Ele encontrou a resposta; resolveu o mistério; reuniu as maravilhas que são agora suas para construir as forças da civilização, e ergue-se agora no gabado vértice dessa inteligência que ele próprio edificou e que reclama como sua.

Por um lado, está a teoria Materialista, “de que tudo isto se funda nas forças materiais ao seu redor e no seu interior”. Por outro, a teoria do Teólogo, “de que toda esta estrutura visível e invisível é moldada por Deus, e o homem não passa do instrumento cego para o seu cumprimento”. A meio caminho (e tão acima quanto o espírito está acima da matéria) destas duas afirmações ousamos nós colocar-nos, e pedir-vos que examineis as evidências, passadas e presentes, e vereis onde o homem se encontra hoje.

Que esta é uma época de vitória intelectual entre as nações civilizadas e esclarecidas da terra; que o poder intelectual e a grandeza dominam em vez da força física; que a época da majestade e do poder da mera força física já passou, vós admiti-lo-eis. Já não vedes gladiadores nas arenas a competir com bruteza feroz pela vida; já não apoiais, embora existam ainda remanescentes das suas tradições, o ringue de boxe. Já não é aceitável, entre os mais inteligentes, testemunhar meros combates de força física entre homem e homem. Sempre que construís cidades, nos tempos modernos, já não construís com o intuito de resistir à invasão de um inimigo através de muralhas impenetráveis. Confiais, antes, nas invenções que surgiram através do intelecto do homem e que transformaram a guerra no extremo da ciência intelectual mais elevada da crueldade.

Já não enfrentais o vosso inimigo face a face e confiais em trucidá-lo no combate corpo a corpo, mas confiais em matá-lo com a maior distância possível entre vós, com os instrumentos de guerra que significam a maior segurança para vós próprios e o maior perigo para ele. Felizmente, dois podem jogar este jogo, e ele serve-se dos mesmos recursos da guerra moderna para que vos possa trucidar a vós e estar ele num local de segurança. Felizmente, estes dispositivos intelectuais, se continuarem a ser aperfeiçoados, tornar-se-ão tão perigosos que não haverá ninguém que considere possível enfrentar estas armas de guerra — nenhumas nações as enfrentarão, portanto, as guerras cessarão. Confiamos que isto será o prenúncio da vitória moral, que deixará de desejar a guerra. Os recursos e invenções, portanto, dos tempos modernos já não são aqueles da mera força física e poder de violência; mas são a prova de que a engenhosidade e a perícia tomarão o lugar da força.

Vede o que já foi realizado! Em vez da galé impulsionada à mão, ou mesmo da enfadonha e deprimente viagem do navio à vela, tendes agora aqueles que atravessam os mares com a velocidade dez vezes maior do poderoso sopro do vapor; em vez do método tardio de transporte pelo lento processo da velocidade animal e da tensão do músculo — cuja velocidade máxima era uma peregrinação deprimente e vagarosamente cumprida —, tendes agora a mensagem relâmpago que circunda a terra; e em vez do fatigante aplicar do trabalho manual, do fuso, da lançadeira e da

agulha na mão cansada, confecionando cada peça de vestuário que a necessidade humana exigia, tendes milhões de fusos e lançadeiras a voar para dentro e para fora sob o domínio de algumas mentes inteligentes, que cuidam para que nada corra mal com a lançadeira, a roda, a correia ou o fio, e para que nada esteja fora do sítio, enquanto o vapor, como poder motor, está sob o controlo de um único homem para um milhão de lançadeiras.

Depois, com a exaltação do trabalho, tendes os vários recursos, o luxo doméstico, todos os confortos e conveniências que contribuem para a vossa exaltação mental e moral, na libertação do trabalho penoso. Cada dispositivo de riqueza e luxo, cada exercício de engenhosidade que torna o trabalho fácil, tudo o que vos afasta do contacto com a terra, do sujar das vossas mãos com o pó do campo — da condenação de Caim, tudo o que vos afasta da sua maldição primitiva; — ainda assim, não estais afastados da preocupação, ainda não estais no meio da felicidade, com o aumento da riqueza, com o poder de conduzir os vossos vários recursos mecânicos.

Com tudo o que vos fortalece e governa a terra, estais ainda no meio daquela carência que clama por alívio, que pede por algo que jaz além. Se o homem fosse nascido do pó, estaria neste momento tão bem satisfeito com as suas realizações (assumindo essas realizações possíveis se ele fosse apenas do pó), que não conseguiria olhar além, e não conseguiria sequer conceber que o mundo pudesse ser tornado mais belo, mais perfeito.

E, no entanto, apenas começastes a vitória humana sobre as coisas materiais. Estais ainda a olhar para a frente, para o tempo em que a eletricidade será o vosso poder motor, e quando o vosso vestuário e todos os tecidos serão tecidos pelo lampejo deste poder do relâmpago; estais a olhar para a frente (ou nós predizê-lo-emos por vós) para o tempo em que outro poder motor será acrescentado, mais subtil do que a eletricidade, mais potente do que o vapor, mais preenchido com a evidência da força mental do homem. Referimo-nos ao Motor Solar. A luz do Sol, assim como cria todas as coisas visíveis, governa tudo e torna perfeito todo o fino mecanismo da natureza, assim tornará perfeito o vindouro mecanismo do homem na terra.

Assim como os raios do sol criaram, com finas lançadeiras de luz, com poder químico, todas as maravilhas do universo orgânico, assim, sob o domínio da mão e da mente do homem, sob a sua inteligência aperfeiçoada e aumentada, esses raios carregarão finalmente os vossos fardos, tornar-se-ão os vossos mensageiros e o vosso poder motor. Nas asas da luz, as vossas mensagens de amor ou de trabalho serão transportadas, e estes raios realizarão o trabalho do mundo. Isto está a chegar, e a vitória do homem estender-se-á não apenas ao domínio sobre estes poderes quando eles aparecerem, mas ao governo das tempestades, à regulação da chuva para a secção do país que dela necessite, ao governo e recolha de correntes elétricas, quando exigido em certas localidades, e todos os locais áridos serão redimidos sob essas maravilhas do pensamento que ainda estão por vir.

Os vastos desertos, desabitados pelo homem durante eras, serão novamente feitos florescer como a rosa. Então erguer-se-ão maiores nações, cidades e palácios do que os

de outrora. Uma nova Heliópolis será revelada, e os Templos do Sol serão transcendidos; e o homem, no seu maravilhoso poder e domínio, superará esses deuses e semideuses fabulosos da mitologia, que governavam a nuvem de tempestade, o relâmpago e o brilho do sol, a tempestade e o mar; que cavalgavam sobre a nuvem de trovão como sobre uma carruagem.

Não apenas pelo poder físico isto virá. Os poderes espirituais que têm estado adormecidos por tanto tempo devem erguer-se para fazer a sua parte do trabalho. O homem deve governar la terra, não apenas pelo intelecto, mas também pela bondade. As suas descobertas devem não só ser aplicadas para tornar a sua própria condição mais feliz e mais perfeita, mas para a melhoria da condição dos outros. Essa divina caridade que no Apocalipse foi recomendada florescerá em toda a existência humana; e, lado a lado com a descoberta da mina de ouro e das fontes de riqueza mineral, devem brotar as flores da caridade e da bondade — lírios dourados da vida — e o amor à humanidade; caso contrário, estas maravilhas voltar-se-ão novamente para a destruição, e as armas da civilização tornar-se-ão as armas da queda das nações.

A Verdade Espiritual, chegando à terra em cada época da história humana, foi rejeitada, crucificada nas condições habituais da vida humana. À medida que o homem descobriu a inconveniência de adorar a Deus e a Mamon conjuntamente, bem como a sua impossibilidade, por isso Profetas, Videntes, Instrutores, Messias clamaram contra a adoração a Mamon, alertaram as nações no passado sobre a destruição por causa da sua corrupção, e a destruição veio. Para cada nação alicerçada no poder material, houve a queda material e a morte; para cada nação ou povo que olhou para a frente, para a vitória espiritual, houve a sustentação das asas que fizeram os seus sucessores lembrarem-se deles e segui-los. Cristo na Galileia e no Calvário foi o princípio dessa Verdade crucificada; enquanto Jerusalém pereceu, o Cristo daquele dia (e de hoje) vive nos corações e nas mentes dos homens.

A Espiritualidade, lado a lado com esses triunfos materiais antes mencionados, esforçou-se por manter o seu domínio. Sob formas de várias ministrações e revelações que vieram do domínio do Espírito, o homem foi convocado dos seus altares materiais, e da adoração no santuário de Mamon, para o santuário do Espírito. Nenhuma época foi deixada sem a sua voz, nenhuma, de facto, na qual a distinta Revelação do poder espiritual não tenha irrompido e perfurado a escuridão do Materialismo.

Cristo no meio da corrupção da nação judaica; os Profetas no meio dos reis iníquos de Israel; Buda no meio da escuridão e degradação que caíram sobre o Oriente, quando se afastaram da adoração da alma da Fé Bramânica; o Egipto quando foi alertado pela voz da Inspiração sobre a destruição que viria por se ter afastado do Antigo Santuário; mais do que isto a Grécia, alertada pelos seus Filósofos e Oráculos de que a corrupção que acompanhava o seu poder seria o derrube dessas orgulhosas cidades e templos de aprendizagem; Roma afundou-se na degradação por causa da sua corrupção, no meio do maior Império que o mundo alguma vez conhecera. Estes são exemplos com os quais estais perfeitamente familiarizados. E, no entanto, em nenhum caso houve esta destruição sem a voz de alerta do Espírito.

Hoje, em cada terra da Europa moderna, essa voz tem sido ouvida. A França ouviu-a, e na sua última guerra pareceu haver quase a destruição final. É ouvida agora na Rússia, na Alemanha, e na... Inglaterra, a voz suplicante deste espírito, que clama contra o materialismo de hoje, e contra a adoração cega no santuário de Mamon.

Todas as vossas cidades serão em vão, todos os vossos armamentos em vão, e todos os vossos navios que sulcam os mares, e todos os afluentes que vertem as suas correntes de riqueza no poderoso tesouro da nação; todas as colónias distantes que, como nações infantis, vertem a sua riqueza no regaço da mãe pátria; — tudo isto será em vão, a menos que também a voz do Espírito seja ouvida. Toda a riqueza que não é despendida para o bem do homem; o poder que não é dado para a elevação da raça humana; a força que não é dada ao fraco; a visão que não é dada ao cego; a saúde que não é dada ao doente: estes devem conter os elementos da sua própria destruição.

A riqueza da terra é dada ao homem para com ela servir a humanidade; a força, o poder sobre os elementos, são dados sob o seu controlo para que ele possa fazer da terra uma habitação.

As forças espirituais do universo, através de avisos, sonhos, visões, premonições, e através das vozes de criancinhas e espíritos ministradores junto das vossas lareiras, através da consciência, essa porta aberta entre Deus e a mente humana: elas dão o aviso de que cada vitória material, cada luxo material, cada conquista material estimada por si só, é o sinete e o selo da morte; enquanto aquilo que é valorizado porque pode valer aos outros; a liberdade que é valorizada porque torna os outros livres; essa riqueza que é estimada porque tornará os pobres e humildes da terra mais confortáveis: estes serão os tesouros do tempo vindouro.

O Reino Espiritual avisa-vos de que antes da sua aproximação, antes que o seu poder seja sentido e conhecido na vida humana, deveis escutar a voz do Espírito. Assim como, agora, o homem apura o seu ouvido junto ao portal da natureza material para ouvir as vozes das suas leis; assim como agora o astrónomo, com o auxílio do telescópio, passa as noites de dias e semanas e meses e anos, perfurando os céus, para estudar o percurso das estrelas; assim como agora, com o auxílio do microscópio, o naturalista estuda a asa do inseto mais minúsculo para que possa conhecer as leis da vida animada sobre a terra; assim como agora ele estuda a folha da flor, e a árvore, e a asa da borboleta, para que possa analisar as leis da sua construção com o maior escrutínio; assim como agora ele aplica cada nervo e cada faculdade na descoberta das leis que governam o universo material pelo qual está rodeado; — da mesma forma deveria ele escutar junto ao portal do Espírito pela sua voz.

E se o Materialista pergunta “Por que razão não existe mais Espiritualidade aqui?”, respondemos: Não houve tempo nem energia gasta no esforço de descobrir e analisar o reino mais amplo do Espírito. Terá ele compreendido a voz que flui em sua direção a partir do Divino? Terá ele escutado junto à porta da Morte pela voz de resposta da Imortalidade? Terá ele fendido o espaço com a visão telescópica da Inspiração, para saber onde se movem esses seres que são agora invisíveis à visão mortal?

Inclinai, inclinai a vossa visão em direção ao céu, se quereis ter o Espírito no vosso meio; voltai o vosso olhar em direção à luz, se quereis vê-la; e quando o grande orbe da Glória Espiritual finalmente irradiar sobre a terra, se parecer cegar os vossos olhos desacostumados, culpai-vos a vós próprios, que não quisestes ver o romper do dia, quando os arautos vigilantes estavam aqui e davam sinal da sua chegada. Inclinai-vos em direção ao reino Celestial. De além das barreiras do tempo e do espaço, milhões de vozes falaram ao homem. Na voz, talvez, do vosso próprio filho, algum sonho ou visão: "Ó Mamã! Eu vi a minha irmã e o meu irmão no céu ontem à noite." "Cala-te, filho", dizeis vós, "A tua irmã está morta." Não deveis falar daquilo que é invulgar e incomum. Podeis falar das estrelas e da asa do inseto, de uma coisa tão estável e duradoura como a borboleta, mas de anjos, nunca; porque não estivestes habituados a escutar essas vozes, a observar os sinais do céu, dia após dia e hora após hora. Eles estão a invadir a vossa vida material.

Estas faculdades estão a ser despertadas e acabarão por afirmar a sua supremacia, e em vez de a profecia, a visão, a inspiração e os dons do Espírito serem relegados pela Ciência para o domínio da Insanidade, o Materialista será declarado completamente louco na vindoura época do mundo, e o Asilo de Loucos será para aqueles que são moral e espiritualmente enfermos e cegos. Haverá asilos especiais neste Reino Espiritual na terra para esses pobres desafortunados da monomania materialista, que se recusam a ver a imagem de luz no Espírito, e que se recusam a receber a verdade meramente porque esta não se reflete no espetroscópio, — que não reconhecem a existência de nada que a química não possa analisar, e se recusam a aceitar aquilo que a sua matemática não é capaz de calcular.

Daqui a pouco, quando o Reino do Espírito for inaugurado, tereis hospitais para aqueles que são espiritualmente cegos, e ensinar-lhes-eis o alfabeto da linguagem dos Anjos, assim como ensinastes os que são materialmente cegos a ler o alfabeto da vossa linguagem. Daqui a pouco tereis asilos para os que são espiritualmente enfermos, e quando um homem, declarando-se o "homem de Deus", se erguer no seu púlpito e declarar que não existe inspiração no mundo hoje, será enviado para um asilo como incapaz de valer às necessidades espirituais do homem sob o nome de Inspiração.

Não apenas isto será verdade, mas se, como é o caso de muitos no tempo presente, disserem: "Nunca fui consciente de uma experiência espiritual na minha vida;" dir-se-á: "Pobre homem, como tenho pena de ti, quando todo o reino do universo é uma Revelação Espiritual, e cada dia de cada vida é uma experiência espiritual;" e ele também será tomado a cargo por aqueles dotados a partir da vida angélica para curar os que são espiritualmente cegos e surdos.

Depois, também, no Reino Espiritual, não haverá ninguém, como agora, enviado, como nas cidades superlotadas, para o estado de degradação e escuridão. As igrejas serão, como foi a ministração de Cristo, para aqueles que delas precisam. "Não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento." E se aqueles que se reúnem de Sábado em Sábado são os "Eleitos de Deus", então os pecadores serão convidados, porque precisam de vir, e poderá porventura acontecer que o mendigo e o pecador na rua possam ensinar ao milionário e ao fariseu o caminho da salvação; pois já ouvimos

tais coisas relatadas nas parábolas de Jesus; pois muitas vezes existe necessidade da ministração mais espiritual onde existe a maior força física. Assim, se o orgulho e a riqueza caminham de mãos dadas, o mendigo, o pecador e o marginalizado devem estar mais perto do Reino dos Céus do que estes (isto é, os orgulhosos e grandes do mundo).

Mas não só o Reino Espiritual existirá no tempo vindouro; atributos ainda mais elevados e divinos prevalecerão. Não só o homem reconhecerá como coigual com a lei material o seu ser espiritual, mas outra posse mais grandiosa e divina governará a terra, isto é, de que não existe vida exceto se emane do Divino; de que não existe poder que não seja do Reino Celestial.

E isso, não apenas quando Sete Dispensações passarem, mas a Décima Segunda aparecer (de acordo com o Apocalipse de João). A luz que será revelada ao homem será o perfeito Reino da Luz Celestial, e o Livro que então será aberto será esse incomparável "Livro da Vida", no qual todas as mensagens do Céu e da Terra serão reveladas; no qual o Anjo da Luz estará sobre o mundo. Então nenhuma criança nascerá na terra que não fale a língua dos anjos, ninguém habitará a terra nessa época tão distante (ciclo sobre ciclo de épocas daqui para a frente) que não saiba que as fontes da vida provêm da Alma em vez de provirem do corpo, e cada vida entrará na matéria em tão perfeito estado, permeando-a com a própria essência da existência da Alma; de modo que o material se tornará vivificado e purificado e exaltado pela sua luz. Nesse tempo vindouro e tão distante, todas as lutas com a matéria terão cessado, pois a grande voz da Volição Divina terá vencido cada forma material de existência.

E, assim como agora caminhais livremente através da atmosfera desta sala sem oposição da atmosfera, da mesma forma, então, cada forma se curvará e prestará obediência à voz e à vontade do homem. A matéria será dispersa diante dele e, como uma sombra diante da luz, obedecerá às suas ordens; e ao seu chamamento a luz emprestará as suas asas para cumprir as suas ordens. Cada forma de discurso humano tornar-se-á exaltada, e a linguagem do amor será falada; e cada pensamento será dedicado à perpetuação da Verdade, e todas as influências mais Divinas fluirão desse Reino Celestial, até que a Terra seja embelezada e adornada com cada Flor da Graça que o pensamento celestial do homem-alma possa imaginar. Isto não só não é um sonho, ou uma imaginação, mas a verdade da profecia que é agora revelada desta forma, isto é, se o homem até agora ganhou a vitória retratada neste discurso sobre o tempo e os sentidos, o universo material, aquilo que predizemos não é mais maravilhoso para o tempo vindouro do que tem sido aquilo que ele já realizou através das eras passadas do tempo.

A Alma do homem está ciente disto: ele antecipa este reinado divino e volta-se para ele com fervor; ele sabe que virá. Não virá pelo poder, pela força, pelo intelecto apenas: apenas ao longo das avenidas iluminadas pelas estrelas da Luz e da Bondade dos Anjos; apenas através da influência suave e benigna da Caridade; apenas sob o abençoado reinado da Fraternidade; apenas à luz daquela Harmonia que fará cessar cada discórdia e toda a luta, — haverá este, o Divino, o Reino Celestial, de finalmente prevalecer. Então a Matéria terá esquecido o seu poder primordial; de volta para a

Noite e para o Caos (as Divindades mais antigas) se afundará cada forma de escuridão e de dor, e a luz do Reino Celestial, nascida da glória excelsa da Alma, fará o seu Templo e habitação sobre a terra, nos corações e nas vidas de uma raça redimida, exaltada e glorificada sob o domínio e vitória da Vida Celestial.

Bênção

Deus Infinito! Que a luz do Teu Amor guarde todos os filhos do Teu cuidado como na "concha da Tua mão." Abençoa-os e sustenta-os na dor; fortalece-os na sua fraqueza; sê com eles na sombra, e em toda a adversidade; sê com eles na alegria. Possam os Teus filhos ser abençoados, e os Teus anjos ministradores acompanhar, até que cada um ajude a trazer "o Teu Reino sobre a terra, assim como ele é no Céu." Ámen.

O TEMPLO DA ALMA

Um Discurso Inspiracional proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Royal Music Hall, 242, Holborn, Londres, no Domingo à noite, 30 de Novembro de 1873.

DISCURSO

O mundo perfeito por Adão pisado,
Foi o primeiro templo por Deus edificado;
O Seu Fiat lançou a pedra angular,
E ergueu os pilares um a um a prumo estar.

O poeta descreve assim o templo material fundado pelas leis da Mente Divina. Mas desde que a adoração humana começou, na verdade no próprio alicerce da história humana, encontramos um registo infalível do progresso e da história das nações. Qualquer que seja a diversidade das Bíblias escritas de várias nações, por muito que a interpretação e a interpolação tenham deturpado as palavras da Mente Divina, a conceção que os diferentes povos tiveram da Divindade, e todas as fases da adoração humana como ligação da mente do homem à Divindade, estão patentes no registo infalível da arquitetura das nações.

As várias relíquias e vestígios que sobreviveram ao passar das eras, à guerra e à mão destrutiva do tempo transmitem de forma inequívoca ao entendimento humano de hoje qual era a impressão das antigas nacionalidades e povos a respeito da Mente Divina; e muito da sua religião está, também, contido no granito ou mármore colunado, na cúpula altiva, ou nesses esplêndidos monumentos e pirâmides do período de civilização já há muito extinto. É uma história maravilhosa, e transmite à mente humana algo da permanência e solidez das ideias religiosas, quando consideramos que muitos templos desertos de adoração antiga permanecem como a única evidência de que o povo existiu de quem estes são os monumentos.

É uma cadeia singular que elo por elo se desdobra aos olhos do estudante moderno, quando, ao decifrar os mistérios e hieróglifos destes monumentos antigos, descobre que existe um intrincado elo de pensamento espiritual e inspiração, ligando o presente ao passado através destes símbolos mudos e formas sem vida. Como dizemos, os livros escritos de diferentes nações sofrem muitas formas de interpretação por causa das diversidades de língua e nacionalidade, e as histórias que têm sido escritas do mundo estão dependentes da mente do historiador para a sua exatidão ou parcialidade; mas estes historiadores silenciosos não contam falsidades, estes monumentos não cometem erros; são as evidências simples e mudas de passados períodos de civilização, as únicas e exclusivas marcas, muitas vezes, que restam dos povos maravilhosos que desapareceram da terra.

É inquestionavelmente verdadeiro que as primeiras formas de vida da presente época da história da terra foram nómadas, e que as pessoas erravam em tribos, de certa forma semelhantes às dos índios da América do Norte, ou às das quase extintas tribos árabes, algumas das quais são de natureza demasiado selvagem para se congregarem em vilas e cidades. Estas pessoas nómadas adoravam uma forma de divindade através dos elementos ou forças da Natureza, e é inquestionavelmente verdadeiro que hoje os adoradores da Natureza, ou aqueles que adoram os elementos em vez de qualquer forma representativa de divindade através da inspiração, somam centenas e milhares de pessoas. Tanto atrás quanto podemos rastejar a civilização, percebemos que os habitantes da antiga Índia, o que é agora conhecido como China e Japão, eram pessoas de uma classe esclarecida e avançada, que, depois de terem experimentado a forma de vida nómada, se congregaram em cidades e construíram templos de adoração.

Muitos vestígios ainda permanecem; e uma evidência estupenda do seu avanço ainda existe na grande muralha da China, que é um monumento singular da antiga civilização. Mas a adoração primitiva destas pessoas degenerou, e aquilo que outrora fora filosófico tornou-se a mera expressão de formas externas e símbolos. É, contudo, inquestionavelmente verdadeiro que, pela observação dos céus e estudo das estrelas e constelações, pensamentos de adoração começaram a associar-se a estas estrelas, e os espaços estelares povoaram-se de divindades, cada uma das quais é um registo da vida real dessas nações; é especialmente verdadeiro em relação àqueles que eram pastoris nos seus hábitos e possuíam grandes rebanhos e gados.

Ao vigiarem as constelações, depressa descobriram que certas delas faziam a sua aparição com certas estações do ano, e a estas estações eram concedidos nomes especiais e formas de adoração. Os nomes atuais do zodíaco eram-lhes conhecidos e, de facto, foram os adotados por estas pessoas como indicativos do tempo em que a Natureza manifestaria a sua vida renovada. Os egípcios combinavam a mais alta civilização dos povos mais antigos; e como a Silésia era o centro da adoração antiga e da cultura antiga, inquestionavelmente os egípcios tomaram de empréstimo aos fenícios e a outras pessoas muitas das suas formas de adoração.

Mas também possuíam uma teologia definida e especial, que não era, contudo, espiritual no seu tipo, como a dos brâmanes, e não como a antiga adoração persa do fogo; mas era antes uma adoração real da Presença Divina sob cada forma de vida

física, enquanto Osíris representava essa forma que se supunha ser demasiado remota para a compreensão e especulação humanas; e em várias formas de objetos naturais encontrava-se a adoração a Ísis. Mas qualquer que seja a forma de adoração que possamos rastejar até ao seu alicerce original, sabemos que o sol, as estrelas, especialmente os planetas, e os vários elementos formavam os objetos especiais de adoração; ao passo que o inverno, as trevas e a noite formavam os objetos especiais de sacrifício — para que as divindades que tinham o controlo destas trevas, nuvens, cheias e outros elementos antagónicos à vida humana pudessem ser propiciadas.

Várias oferendas foram moldadas e vários sacrifícios feitos pelos antigos para que estas divindades não benignas não derrubassem o poder humano. Parece ser verdadeiro que, na antiga cultura egípcia, aquela constelação conhecida como o Dragão presidia no solstício de inverno quando as cheias acumuladas nas montanhas distantes transbordavam os vales e causavam resultados desastrosos. A fim de propiciar este Dragão, vários sacrifícios foram feitos, primeiro de animais, mas depois de seres humanos, quando a raça degenerou; e vários templos foram erguidos tanto para as divindades propícias como para as não propícias.

O Egipto distinguia-se por um templo cujo esplendor se diz ter estado muito além do de qualquer outro de que haja registo — o Templo do Sol em Rá ou On (Heliópolis), no qual todas as oferendas eram feitas ao deus da luz, do dia, do tempo da primavera, da progressão — tudo o que era favorável ao homem, em suma. Nesta cidade e neste templo congregavam-se todos aqueles sacerdotes instruídos e todos os principais anciãos que presidiam às várias oferendas e outras formas de adoração, levando o povo a acreditar na existência de uma divindade cuja habitação na terra era nesse grande templo. Mênfis era a cidade do seu governo civil; não era o lar da religião. Acreditava-se que este poder dador de vida, que estava depositado na Cidade do Sol, continha toda a glória e felicidade que podiam ser concedidas à espécie humana.

Dentro deste templo também eram trazidas e reunidas todas as formas de ciência que pudessem avançar ou em qualquer grau lançar luz sobre o maravilhoso assunto do Sol, e a sua influência sobre a humanidade e sobre a própria terra. E sem dúvida ali teve origem o mistério da tríplice divisão dos raios do sol; ali se ergueu também a figura do triângulo, e várias outras figuras matemáticas que só muitos anos mais tarde foram introduzidas na tabela das ciências conhecidas. Os templos que existem hoje na China são indubitavelmente vestígios daqueles templos antigos dedicados às estações; e existe uma semelhança singular entre as formas de adoração destes países opostos, pois enquanto os egípcios necessitavam das formas mais materiais de adoração, indubitavelmente a mais antiga religião bramânica estava cheia de fé num poder supremo; mas degenerou na mera adoração temporal, e os vários deuses das diferentes estações eram adorados conforme se supunha terem uma influência para o bem ou para o mal.

Por fim, quando o poder do egípcios esmoreceu, e os hebreus, procurando invadi-los, foram levados para o cativeiro, surgiu o novo elemento da adoração antiga para as suas formas degeneradas. Pois os hebreus, sendo um povo pastoril, tinham preservado

a ideia do Espírito Divino, o Pai, que se supunha ser, de acordo com as suas visões patriarcais, o progenitor da família humana; e esta religião patriarcal constituiu o único elemento que se enxertou na idolatria egípcia, e fez dela algo mais do que uma adoração meramente temporal. Ora, os hebreus, no seu cativeiro, nunca perderam a fé dos seus pais — a fé do Pai Rei, que os havia de guiar para fora da servidão.

Ramessés ou Moisés, contudo, sendo educado nas leis e costumes dos egípcios, inquestionavelmente tomou de empréstimo muitas das suas formas idolátricas: ele não deixou a antiga religião totalmente livre dessa interpolação. Como quer que tenha sido, os hebreus, ao regressarem a Jerusalém, construíram templos com algo do esplendor bárbaro dos do Egipto, e aprenderam ali a magnificência externa que induz a adoração humana com algo de poder e influência material. Supunha-se ser necessário; e embora não pertencesse à antiga adoração dos egípcios propiciar a Divindade através de oferendas e sacrifícios, o que estava inteiramente em desacordo com o costume patriarcal mais antigo, isto tornou-se um rito adotado entre os hebreus, e o templo foi transformado num local de oferendas e mercadejos de sangue, e várias feras e aves estavam sempre em procura para a propiciação da mente Divina.

Para se ter uma ideia do esplendor destes templos, basta reportarmo-nos à Bíblia dos hebreus; mas do Templo do Sol não podeis ter conceção alguma. Era formado do ouro mais deslumbrante, e as pedras mais preciosas foram trazidas para o embelezar, possuindo cada uma o poder divino de convidar a presença do Altíssimo.

Gradualmente esta crença em templos de adoração, ou em locais especiais a serem reservados para convidar a presença da Mente Divina, prevaleceu; e mesmo na história da civilização grega e romana, esses períodos de cultura e esclarecimento mais modernos para os quais cada estudante se volta com os olhos mais sequiosos, mesmo ali as divindades foram feitas o objeto especial de templos consagrados, para que pudessem ser convidadas a fixar a sua morada entre os homens. Júpiter, Jove, todos os poderes da luz e das trevas representados pela mitologia grega, supunha-se serem especialmente convidados pela dedicação de templos ao seu uso; e até o prazer e vários tipos de debandada sensual foram consagrados por estas mentes materialistas nas suas formas de adoração.

O esplendor que existia entre os gregos e romanos foi inquestionavelmente tomado de empréstimo aos antigos egípcios; mas sem tomar de empréstimo o fervor especial da sua adoração, ou esse encanto que denota força, existia um esclarecimento, um refinamento e, podemos acrescentar, entre os gregos, uma integridade e delicadeza que transcendiam largamente os egípcios.

Esses monumentos singulares dos egípcios, que se diz terem sido os locais de sepultamento dos reis, representam inquestionavelmente a força e o poder de uma nação sumamente poderosa. Referimo-nos às Pirâmides, a forma em que estão edificadas, a substância de que são compostas, as várias câmaras que têm sido exploradas — tudo denota um grau de permanência que é sublime de contemplar, especialmente quando pensamos na transitoriedade das coisas humanas. Não pensamos que tenham sido feitas para locais de sepultamento, mas sim como armazéns para

segurança de tesouros. Quando o Nilo transbordava em consequência do derretimento da neve nas montanhas distantes, ou quando outros perigos ameaçavam, a fim de que o povo pudesse ter algum local seguro para estes tesouros, bem como para o sepultamento de reis, estas Pirâmides eram edificadas. Quando novas explorações derem uma descrição mais minuciosa das câmaras interiores, descobrir-se-á indubitavelmente que eram destinadas a armazéns de tudo o que era valioso entre o povo, bem como de superabundante alimento, para que o povo não morresse de fome.

Nesses dias, as coisas temporais e as espirituais caminhavam de mãos dadas, e quase cada ação da vida e cada atributo do corpo estava em conformidade com algum rito ou cerimónia. Para cada prazer havia uma oração, para cada oferenda de devoção uma correspondência de gratificação física; e cada um e todos os elementos da terra e do ar estavam representados entre estas pessoas por nomes deíficos. Quando chegamos, como já nos reportámos uma vez, ao período grego e romano da história da terra, descobrimos a arquitetura a variar de acordo com o esclarecimento e cultura do povo: a leveza, a graça e a beleza artística dos gregos; o método intrincado dos romanos, combinando o esplendor bárbaro com a cultura grega e egípcia — tudo isto denota os vários avanços da civilização.

Para dentro de cada um destes templos as várias divindades das diferentes nações foram convidadas a fixar a sua morada; em cada um destes as várias formas de adoração foram levadas avante, através das quais se supunha que diferentes nomes de divindade indicavam diferentes atributos. Não apenas na história direta da nação hebraica, mas também em toda a história contemporânea, descobrimos que os hebreus não possuem arquitetura de muito esplendor senão após o seu cativeiro egípcio. Então começou a maravilhosa edificação do templo que supunham vir a resistir à decadência do tempo, mas não resistiu; pois até o esplendor de Jerusalém estava destinado a cair em consequência da adoração idolátrica ali introduzida.

Mas o Cristianismo, que haveria de introduzir um período mais brilhante, foi inaugurado durante o tempo dos gregos e romanos; ele também degenerou, e introduziu um novo período na arquitetura; e hoje, embora o Cristianismo não tenha uma forma típica de arquitetura, exceto a que existe entre cada nacionalidade, está distintamente expresso e tipificado nos vários templos de adoração nos países cristãos. Do São Pedro em Roma à mais pequena capela, encontramos o pensamento ou ideia prevalecente entre os habitantes da terra de que Deus deve fixar a Sua morada nestes templos. Faz parte da adoração que Ele seja convidado a vir ali, e que ali seja consagrada uma adoração ao Seu nome.

Qualquer que possa ter sido o caso das antigas divindades que presidiam sobre outras nações, parece uma característica estranha e surpreendente da religião que tem o seu fundamento exclusivo na natureza espiritual do homem, que tenham surgido no decurso de dezanove séculos tantos templos reservados especialmente para a adoração da Mente Divina. E cabe ao estudante descobrir se, neste reservar de templos especiais, não existe algo do antigo esplendor bárbaro, algo do pensamento pagão de que a Mente Divina exige tal habitação especial, se não existe algo de degeneração moral para a letra em vez de para o espírito da verdadeira adoração. Pois o que há com

o São Pedro em Roma, e com edifícios em cada cidade e vila no vasto Cristianismo do mundo a erguerem-se para proclamar a presença da divindade, não existe ainda no estrangeiro, em todas estas terras, um clamor que sai a pedir pelo espírito dessa divindade, o Jeová, o Deus, o Pai, o próprio espírito de Cristo, que não fez templo algum na terra, apenas o templo do espírito vivo?

Os romanos, tomando de empréstimo algo, como dizemos, do esplendor dos antigos egípcios, tinham necessariamente de fazer uma cidade de Deus e construir um templo no qual Ele unicamente devesse ser adorado; e hoje, debaixo da própria sombra do São Pedro, rastejam as crianças famintas dessa raça degenerada. Debaixo das próprias sombras dos vossos templos estão os marginalizados, os criminosos e os indigentes da vossa civilização. Existe um contraste estranho entre a luz que cai destes templos e a escuridão das ruas das vossas cidades superlotadas. O único templo que Cristo consagrou, purificou, exaltou, elevou, foi o templo do corpo humano, e esse edifício degradado torna-se o indigente, o criminoso, e tudo o que é escuro na própria sombra destes templos.

É um problema que gostaríamos que o esclarecimento deste século cristão considerasse, se Deus habita mais no São Pedro do que na choupana do humilde, e se não será tomar de empréstimo às antigas idolatrias algo da sua adoração material o reservar assim um templo consagrado e esplêndido, enquanto miríades de seres humanos estão famintos de pão. Que monumento de arte o São Pedro possa ser, pouco importa enquanto a Mente Divina, o Espírito Representativo, dele não necessite como local de morada. Que importa se o Gótico há de prevalecer, ou qualquer outra forma de arquitetura nesta casa de adoração, enquanto a Divindade exige apenas um espírito contrito, e enquanto Cristo ensinou debaixo da cúpula do céu? Não acreditamos que tenha alguma vez ocorrido seriamente ao pensamento do século dezanove que a ereção destes vários templos é uma espécie de idolatria.

Não acreditamos que tenha alguma vez chegado ao entendimento do adorador que todo este esplendor não é essencial para o convite do Espírito Divino; que vitrais, as figuras de santos, etc., não são essenciais para o convite da Luz Divina; e que a religião cristã, entre todas as outras, na qual Cristo, que incorporou o espiritual e representou os dons da mente, que veio para os humildes, que ensinou nas ruas, que não construiu templos, que não lhes impôs forma alguma de adoração — não devesse ser assim tipificada e representada. Depois considerai, cada tipo de templo religioso corresponde ao tipo da nação. Em Itália é um templo que se aproxima das antigas formas de esplendor bárbaro; em Espanha não existe tanto esplendor, mas o seu estilo é tomado de empréstimo de Roma; em França tudo é leveza e graciosidade, e o estilo de arquitetura corresponde às peculiaridades do povo; em Inglaterra é substancial — cada igreja poderia servir de fortaleza, ou poderia ser usada como armazém de mercadoria.

De facto, diz-se que existem algumas igrejas cuja cave é usada para o propósito profano de armazenar licores de uma natureza muito escura, ao passo que a porção superior é dedicada à adoração do século dezanove. É uma característica singular do país no qual estamos a dirigir estas palavras, que tudo possa ser utilizado para uma

coisa ou para outra. O armazém pode ser mudado em igreja, a igreja em armazém; mas é um comentário singular sobre a existência de um estado de mente pública que permita que um templo de adoração seja assim empregue.

Em outros países que são mais novos, como a América, a arquitetura corresponde à novidade, leveza e coloração de um povo ainda não amadurecido. Ao passo que deveríamos pensar que, se a Divindade exigisse um templo especial, caberia aos estudantes de arte e aos professores de arquitetura erguer templos de formas belas e de cada imagem esplêndida, tal como os antigos faziam; pois se desejais convidar a Divindade para uma morada física, que seja uma tal que comande o vosso próprio respeito.

Mas pensamos que os dias da idolatria estão contados; acreditamos que os templos e santuários de adoração hão de ser transfigurados; pensamos que outro templo, outro santuário foi pretendido pelo fundador da adoração cristã. Acreditamos que esse templo tem uma cúpula mais altiva, um varrimento maior, mais belas imagens e formas do que as gravadas em qualquer templo de adoração humana hoje. Acreditamos que o templo de Cristo é moldado a partir da humanidade; que a sua ampla cúpula é a cúpula do céu; que os seus muitos pilares são as várias nações da terra; que os seus adornamentos são dons espirituais; que as suas formas de adoração são os pensamentos que brotam espontaneamente no coração humano e nos lábios humanos; e que não exclusivamente em templos abertos meramente num dia da semana para a devoção à Divindade, mas em cada lar, junto a cada lareira, em qualquer lugar tornado alegre e livre de discórdia pelo som das vozes de doces crianças, em qualquer casa de instrução, em qualquer casa onde os pobres são convidados a vir, ali haverá um derramamento do Espírito! Quando faminta e com frio, como pode qualquer criança da adversidade e do pecado descansar debaixo da sombra do São Paulo e acreditar no Humilde?

Expulsas do seu encanto, expulsas das suas variadas formas de adoração, como seguem as massas cegamente para outros templos de prazer e paixão, enquanto as casas de Deus estão fechadas! Se forem de facto templos do espírito, nos quais Deus habita, que sejam abertos todos os dias; que cada hora e dia receba nos seus caminhos e naves sagradas alguma criança de Deus que ali necessite de prestar adoração; que sejam estendidos a cada rua; que todas as vossas queixas se transformem em louvor, as lojas em templos; e que exista um convite para entrar ali e ser tornado livre, íntegro e puro. Oh, diferente destes é o templo do espírito — a alma cujo principal mestre e sublime instrutor foi o humilde Jesus: foi moldado pela Mente Divina. Os seus vastos poderes, os seus labirintos maravilhosos, a sua incomensurável abrangência não são conhecidos.

A humanidade é o templo do verdadeiro Cristo. Os pilares da sua Igreja são a caridade, e o amor e a bondade são as oferendas de devoção ali. Construí templos de arte se quiserdes; que sejam consagrados a todas as belezas, graças e virtudes, mas que o principal altar e santuário seja o espírito humano, no qual Cristo descobriu o símbolo do divino, e no qual cada ato e feito e palavra de vida foram inscritos em caracteres indeléveis. Mais ainda, cada pensamento das vossas mentes, cada feito ou palavra,

torna-se uma parcela desse templo vivo no qual Cristo habitou, e para o qual o seu amor foi transferido quando a morte veio. Aqui está um templo de mais fino tecido — aqui um lugar tornado jubiloso e sagrado pela própria presença do espírito que Deus vos deu. Cuidai para que este templo seja tornado livre, puro e guarnecido. Todavia, se não compreenderdes as suas leis — se não compreenderdes as várias intrincâncias e diferentes formas que são exigidas para a sua produção e sustento —, não podereis ter um templo puro, uma habitação para a alma.

O grande espírito do Cristianismo moderno deveria ser o de tornar esta humanidade mais forte; o de tornar o espírito no templo do corpo humano mais perfeito e mais parecido com o seu mestre; o de tornar a grande família humana mais parecida com a grande igreja do espírito vivo; o de tornar a alma responsiva, através de todos os pensamentos e sentimentos da mente, às lições mais elevadas que Cristo ensinou. Como haveis de ter um templo de Deus quando fora da porta os famintos esperam por alimento? Como podeis ter um templo quando alguém em farrapos e trapos pede esmola? Como podeis ter um templo quando a humanidade está a latejar e a pulsar de dor e angústia?

A voz do Espírito chama através do templo vivo da alma: Vós construís templos para o tempo, mas o templo do espírito é moldado para a eternidade. Cuidai para que edifiqueis este também; pois enquanto as pirâmides se podem reduzir a pó, enquanto o São Pedro há de seguramente cair, enquanto todas as vossas igrejas serão varridas pelo tempo e pela guerra dos elementos, o templo do espírito unicamente sobreviverá — esse será moldado conforme vós o fizerdes. Se o formardes de belos pensamentos, de atos amorosos e de elevadas aspirações, assim o templo será apresentado aos olhos do Espírito divino. Se for formado de escuridão, de pensamentos baixos e enganosos, de paixão humana e de carência humana e miséria, como olharão os olhos de Deus para ele?

Mas como estarão os anjos perto de vós quando não existe um templo de luz para eles entrarem? A música, as orações, os vitrais com a luz a cair suavemente, o incenso alegre que se ergue, e a doce resposta daqueles que não sofrem, não fazem vibração. O ouvido infinito não pode ser alcançado; a compaixão infinita não pode ser tocada; a luz e o amor do Salvador não podem ser conhecidos por causa do choro de bebés nas ruas, e do clamor daqueles que estão necessitados, e as paixões humanas afogam o som do louvor. Oh, orai com as vossas mãos! Orai com as vossas mentes em compaixão! Orai com os vossos corações! Orai com os vossos espíritos! Construí fortes aspirações!

Então haverá de erguer-se um templo a partir da terra — vemo-lo agora nos olhos da mente — que será muito mais brilhante do que os templos mais sumptuosos do Oriente, muito mais vasto do que a cúpula do São Pedro, muito mais belo do que qualquer forma de arquitetura que se erga no vosso meio. Será moldado de todas as nações da terra. As pedras angulares serão a Justiça, e o Amor, e a Pureza, e a Verdade. As suas muralhas serão os reinos abrangentes do espaço, as montanhas, e as cúpulas coroadas de nuvens de distantes cordilheiras.

Cada nação debaixo do sol formará os seus pilares. Cada lei será moldada a partir da justiça, e cada governo será formado de acordo com o comando divino do amor e da equidade. Não haverá indigentes nem criminosos, não haverá prisões nem locais de encarceramento, pois o crime não será conhecido. Não haverá necessidade de crime, pois todos serão alimentados e vestidos. Os campos de milho renderão em abundância, e não haverá ricos nem pobres, mas todos iguais aos olhos de Deus. Este templo terá os seus alicerces edificados sobre todas essas aspirações, e caridades, e graças, nas quais todas as nações da terra que renunciaram à guerra aprenderão a paz e a boa vontade.

Não haverá doença, pois o espírito descerá e expulsará todas as formas de sofrimento, e quando não houver doença, será porque não há crime; e o conhecimento tomará o lugar da ignorância, e a caridade o lugar da inveja e da malícia, e o amor mostrará a sua luz onde a carência habitava. As suas paredes terão várias inscrições das palavras, dos feitos e da bondade que cada nação e indivíduo realizam para com o seu semelhante. Vede, será forte com a força de grandes mentes! Vede, será brilhante com a luminosidade de bons feitos e caridades!

Haverá formas graciosas ali, e haverá tudo de luz e beleza; pois o traçado das mãos das crianças estará ali, formando flores como brilhantes grupos de estrelas com que adornar este templo da humanidade. Depois haverá uma grande cúpula. Esta cúpula será constituída por estrelas mais brilhantes do que as constelações dos céus, mais gloriosas e duradouras do que os vastos mundos que povoam o espaço.

Esta cúpula será a mente do Infinito, cujas estrelas brilham como pontos de luz e amor sobre a humanidade, guiando-vos, direcionando-vos, inspirando-vos e elevando-vos. O seu alicerce poderá ser aqui, mas as suas muralhas alcançarão até aos reinos espirituais, e ali, com anjos e espíritos e almas glorificadas, aparecerá a inscrição também dos seus feitos de bondade, dos seus elevados pensamentos e aspirações. Não para o tempo apenas, mas para a eternidade! Não para la história humana, mas para a história de todos os espíritos! Não para a ocupação do homem, mas para a ocupação da alma será este templo erguido; e então vereis que não se desvanecerá nem perecerá. Nenhuma mão implacável o destruirá, nenhum tempo ou espaço o tornará menor, mas crescerá mais e mais forte à luz de todas as belezas e na glória de todas as divinas perfeições.

Talvez desespereis desse lar feliz. Dizeis vós que nunca virá? Vós estais cada um a ajudar a moldá-lo; algo do trabalho deste templo estais a fazer. Poderá ser que estejais a fazer uma sombra; poderá ser a fazer um pilar de luz; talvez a esculpir uma forma de beleza no vosso próprio e tranquilo percurso de vida. Ajudará a formar este templo. Talvez os vossos feitos de caridade e pensamentos amorosos sigam todos ignorados para o mundo, ajudando ali a construir este templo; talvez as vossas aspirações caiam de volta sobre o vosso espírito, e estejais desfalecidos e cansados de fazer o bem porque não há ninguém para encorajar; mas eles ajudam a formar este templo. Cada passo — cada um e único passo — é mais longe e mais perto deste brilhante e reluzente templo.

Podereis em breve deixar de servir os factos que usáveis na infância, em breve pôr de lado os brinquedos externos que vos atraíam, em breve pôr de lado as formas e os símbolos; mas o espírito de luz e glória permanecerá. Os governos humanos passam, as leis humanas também e as instituições humanas são mutáveis, mas o mesmo espírito supremo de justiça constrói sempre, e constrói para a eternidade; e cada alma viva ao som desta voz — mais ainda, cada alma que não vedes, pois estas almas estão ao alcance dos nossos pensamentos absorventes lá fora no mundo das almas — cada uma destas está a ajudar a construir este templo da eternidade.

E quando souberdes isto, quão pequenos serão os vossos pertences exteriores, quão frágil e intangível a casa que habitais; e as coisas em que pensais ser de tanta importância aqui, quão insignificantes! O som da igreja afastar-se-á de vós, e a Igreja Espiritual será estabelecida em seu lugar na vossa casa. As vozes das crianças não se ouvirão mais em lamentação, mas apenas em alegria; e belos templos, onde as flores de luz abundam, tomarão o lugar de abóbadas sombrias do pecado humano. Podereis cada um acrescentar uma pedra a este templo, cada um pode acrescentar algo ao seu adorno; e sob os olhos do Infinito ele avança belamente em direção à sua perfeição.

Pedra após pedra, pilar após pilar, é forjado; traçado delicado e belo ornamento, tudo moldado a partir do pensamento humano, tudo criado a partir do espírito vivo, tudo feito do tempo, da mudança e da morte — tudo pertence ao mundo onde não há tempo, nem mudança, nem morte, mas vida sempre. Trazer este templo para dentro da vossa compreensão, fazer-vos saber o que significa, fazer os vossos espíritos responsivos à sua voz, fazer os vossos corações vibrarem com a sua vida, é o nosso propósito esta noite.

Algo mais do que a vida exterior, algo mais profundo do que o templo externo, algo mais profundo do que um símbolo e forma de adoração — a alma exige uma fonte viva; a alma necessita de ser alimentada a partir da constante fonte da vida; o coração humano precisa para sempre, não de ser deixado faminto na letra, nem alimentado com as cascas, mas sempre com os grãos puros do espírito, sempre com a luz viva a partir do templo do próprio espírito de Deus. Dai-lhes isto, dai isto à humanidade, e a vida veste-se então de novo, e os templos nos quais a insensatez humana e a vergonha humana abundam tornam-se imbuídos do espírito vivo e da vida e sopro da Divindade.

Oh, os mártires passaram e foram triunfantemente para o seu lugar neste divino templo! Oh, escritores e trabalhadores inspirados passaram, e ascenderam através da perseguição, da chama e da masmorra para a luz da vida imortal! Oh, almas tranquilas e vidas humildes passaram inconscientemente, flutuaram para os seus lares como uma silenciosa flor nevada, e foram calmamente para o pleno usufruto desta deliciosa morada! Vós podeis tê-lo convosco; os seus pilares podem estar ao vosso redor; a sua glória acima de vós; a sua vastidão pode ser vossa se o quiserdes contemplar. O seu espírito está lá: é amor, é oração, é caridade, é divina aspiração. Possuireis esta centelha, esta chama; se o quiserdes, o raio refulgente desta luz descerá sobre vós e será vosso, sempre vosso.

Enchei todas as vossas almas a partir da fonte de toda a vida e almas. Fazei-vos um templo para adorar. Sejam os vossos corpos humanos os representantes puros e adequados do espírito humano. Sejam os vossos feitos, pensamentos e palavras de tal modo moldados e formados que não para o tempo, mas para a eternidade sejam erguidos. Aspirem as vossas almas a este pensamento. Pertença cada um de vós ao grande exército de trabalhadores — os milhões de trabalhadores — os muitos milhões de trabalhadores que estão a ajudar a esculpir para a humanidade este maravilhoso templo de vida perfeita e amor perfeito, no qual não habitará espírito algum senão a divina humanidade.

Pergunta: Qual é o facto com respeito à condição desta médium no momento presente?

As influências combinadas dos diferentes indivíduos que outrora habitaram formas como as vossas estão agora a controlar o organismo ou cérebro desta médium. Ela não tem consciência de palavras ou ideias. Que não se trata de um estado de êxtase pode ser demonstrado por um exame da circulação, a qual permanece na condição normal. Nenhum órgão ou órgãos particulares são influenciados com negligência de outros, mas nós influenciámos todos eles em proporção da exigência que fazeis sobre nós. Desenvolvemos o seu organismo, e isto sem o conhecimento externo a que as pessoas geralmente se reportam no desenvolvimento do seu cérebro, e deixamos ao vosso critério julgar a sinceridade da médium e a verdade da nossa afirmação.

Pergunta: Excederá alguma vez a qualidade da comunicação as qualidades combinadas da médium e das pessoas presentes?

A qualidade da comunicação nunca excede a capacidade da médium; poderá exceder as manifestações habituais de capacidade.

Pergunta: Dir-nos-eis onde e em que estado ou condições se encontra agora o espírito deste organismo, enquanto estais no controlo da médium?

O espírito da médium está ativo, não dentro da forma física, exceto na medida em que o seu Espírito ou as qualidades do seu Espírito mantêm as funções naturais do sistema físico. Os pensamentos ou a ação do seu Espírito situam-se noutra direção, provavelmente com amigos aos quais está ligada; a ação da sua mente está com eles, e ela apercebe-se da consciência de estar em associação com eles. Nós operamos sobre o seu cérebro, que é a máquina através da qual o Espírito manifesta os seus desejos e capacidades. Operamos a máquina a fim de comunicar ideias que a sua mente poderá não ter recebido, e a condição relativa em que ela se encontra, para connosco, é a de uma pessoa que está a dormir, exceto que o seu Espírito pensa que está consciente, mas nós controlamos a sua forma física, em vez de estar em repouso.

Pergunta: Por que razão não ficam os médiuns conscientes ao regressarem à sua condição normal?

Ela está habitualmente consciente de ter passado o seu tempo com outros indivíduos. Por vezes, o seu espírito falha em imprimir-se diretamente na memória externa, mas fá-lo sempre, mais cedo ou mais tarde. A médium está sempre consciente das suas próprias experiências enquanto controlamos o seu organismo, não das experiências que nós damos, não das palavras que vós enunciais, mas das ideias, dos pensamentos, daquilo que é comunicado, o que ela percebe com os seus amigos, quer estejam na forma física quer na posição de Espíritos amigos.

Pergunta: Quanto tempo após a recuperação da condição normal da médium decorre antes de este retrospeto ocorrer?

Depende da intensidade do pensamento que ocorre na consociação da mente que ela recebeu dos seus amigos. Se a sua mente estiver simplesmente a vaguear, o retrospeto poderá não se imprimir na memória externa por dias ou semanas. Mas se for um assunto de especial importância, então pode ser impresso na sua consciência quase imediatamente. É determinado pela intensidade da alma durante o tempo desta condição anormal.

É como as vossas ocorrências quotidianas. Podereis vaguear por vários dias, e nada de interesse particular transpirará que vos prenda a atenção ou fixe uma ideia na vossa mente, quando subitamente podereis deparar-vos com um objeto ou encontrar um amigo que recorde vivamente à vossa mente pensamentos há muito ocultos.

Pergunta: Pode o Espírito da médium, durante esta condição de transe, enquanto os Espíritos estão a controlar o seu organismo, estar ausente dos Espíritos que a controlam?

Com toda a certeza.

Pergunta: Pode ele comunicar como um Espírito?

Esta médium já o fez em duas ou três instâncias. Depende inteiramente da ligação que existe entre ela e aqueles com quem possa estar.

Pergunta: Existe algum facto subsistente que consubstancie isto?

Alguns que, se lhe perguntardes, ela relatará quando regressar à consciência.

Pergunta: Sabeis onde ela está no momento presente?

Não sei. Ela provavelmente vos informará quando regressar.

Pergunta: Existem alguns poderes da mente da médium que ainda permaneçam ativos durante o estado de transe sob o controlo da sua própria volição?

Iremos ilustrar: Podereis estar a conversar com um amigo sobre um assunto particular, e as capacidades que compreendem esse assunto estão todas concentradas na expressão das vossas ideias; contudo, o vosso Espírito ou os vossos pensamentos

poderão estar a vaguear noutra direção, não ativamente, mas ainda assim percetivelmente para vós próprios, portanto não tendes a mesma consciência dessa classe de ideias ou pensamentos como da outra. O mesmo é verdadeiro em relação ao Espírito. Na concentração de poderes que lhe permitem compreender e dar-se conta da identidade daqueles com quem possa estar a conversar, poderá haver capacidades sobre as quais a sua vontade opera inconscientemente no pensamento externo.

Pergunta: Então não existe uma separação absoluta do corpo?

De outro modo a vida estaria extinta. É apenas uma perceção do Espírito no seu afastamento do cérebro externo.

Pergunta: Existe algum espaço no cômputo da médium enquanto nessa condição?

Não espaço ou tempo. A mente não é governada pela matéria ou pelo espaço. São simplesmente condições de atividade na alma.

AS ESFERAS DO ESPÍRITO

(NÚMERO QUATRO)

Uma Conferência proferida pela Sra. Cora L. V. Richmond perante a Associação de Conferências Espiritualistas de Chicago, Ill.

INTRODUÇÃO

[Antes do começo do discurso (disse o controlo) temos uma declaração a fazer, que é que na conferência desta noite haverá três inteligências separadas em três esferas, ou estados, separados da vida espiritual. Aqueles que assistiram às conferências precedentes das noites de Sabbath lembrar-se-ão de que “Esferas Espirituais” foi o tema — as três esferas primeiro; “A Esfera do Egoísmo” segundo; “A Esfera do Benefício” terceiro; “A Esfera do Amor e da Sabedoria.” Esta noite tereis um discurso, primeiro, da esfera do eu. Será não sob o controlo direto do espírito, mas será uma declaração direta desse espírito relativamente à sua condição na vida espiritual. Confiamos que a audiência terá em mente estes factos enquanto escuta os três graus da vida espiritual apresentados esta noite.]

O CONFERENCISTA

(PRIMEIRO ESTADO)

Senhoras e Senhores: — Fui solicitado a fazer uma declaração. Impelido certamente não pelo meu próprio desejo, mas por um mandato que não pareço capaz de desobedecer, faço esta declaração. É inconcebível para mim como possa ter qualquer valor para vós. Pela minha parte, não escolheria tornar conhecido aquilo que aqui tornarei conhecido; mas, como sou compelido, descrever-vos-ei a minha condição desde a partida da vida terrena. A minha partida é muito recente, e embora eu pareça ser capaz de a descrever, não sou de modo algum capaz de a compreender.

O meu sucesso na existência terrena, a realização daquilo que mais desejei, o método dessa realização, talvez alguns de vós o conheçam. Certamente foi segundo os métodos aceites da existência humana.

Descobri muito cedo na vida que, para ter sucesso, se deve cuidar sobretudo de si próprio. Certamente assim fiz. Descobri que ser honrado e respeitado entre os meus semelhantes significava sucesso. Tive êxito. Que medida de honra recebi não sei, mas sei que alcancei o meu objetivo. Os obstáculos ao sucesso eram o respeito pelos outros e a falta de força de vontade. A consideração pelos outros cedo deixou de me incomodar, pois descobri que muito poucos tinham consideração por mim. Certamente possuía suficiente força de vontade para valer-me dos métodos de existência na vida comercial em que estava envolvido.

Chegou o fim da existência humana. Não digo que nunca tivesse qualquer premonição. Não digo que nunca pensasse que pudesse haver algo melhor. Não digo que não houvesse momentos em que não parecesse satisfazer toda a minha existência. Nada via melhor apresentar-se; nada via que pudesse impor o respeito e a consideração dos meus semelhantes. Não via outra forma de alcançar o sucesso. Tornei-me proeminente na região da minha esfera ativa de vida. Não tenho consciência de alguma vez ter esquecido voluntariamente os meus próprios interesses.

Não tenho consciência de alguma vez ter dado a qualquer ser humano algo de que eu próprio não pudesse prescindir; não tenho consciência de alguma vez ter dado, como objeto de caridade ou benevolência, algo que não considerasse trazer-me retorno. Não considerava bom investimento dar aquilo de que eu próprio necessitava — lançar fora a minha simpatia e caridade sobre os indignos, provavelmente, pelo menos sobre aqueles que muito em breve as esqueceriam. Posso ter dado a alguém que estivesse em tristeza ou necessidade, mas, se o fiz, foi muito provavelmente para não ser incomodado com eles.

Apresento-me honestamente diante de vós. Não desejava ser bom; desejava cumprir o meu dever apenas até ao ponto de me deixar irrepreensível perante os meus semelhantes e alcançar o êxito na vida. Sabia que a morte chegaria um dia; não sabia para onde me levaria. Não conhecia outro mundo senão aquele que habitava. Não conhecia outro modo de habitar esse mundo senão conquistar as coisas que nele existem; nunca me ocorreu que eu próprio devesse ser conquistado, pois não me criei a mim mesmo; as faculdades da minha mente não eram da minha própria criação; os desejos da minha vida não eram da minha própria criação. Se eu os podia satisfazer, de quem era a responsabilidade?

Agora estou morto, como o mundo o chama. Alcancei aquilo que um milhão de homens falhou em alcançar. Houve palavras escritas e pronunciadas sobre mim elogiando o sucesso, embora desprezando os meios pelos quais foi obtido. Aqueles que não têm êxito empregam os mesmos meios; falham porque não possuem capacidade. Pode haver aqueles que nunca empregam tais meios. Naturalmente conheço tudo acerca da filantropia; naturalmente sei tudo acerca da religião; mas não encontrei nestes dois elementos aquilo que o mundo mais valoriza, e não descobri que, ao longo de muitos séculos, os filantropos sejam valorizados, ou que aqueles que possuem grande piedade sejam elogiados entre os seus semelhantes. Estou agora morto, e naturalmente conheço a condição em que entrei; fui eu que a criei? Não sei que me importe presentemente escapar-lhe. Porque haveria de me importar? O mundo nada me ofereceu; nada esperava dele. Aquilo que dele ganhei, arranquei-o, e estou pronto para enfrentar o meu destino. Contudo, encontro-me de algum modo sem recursos. É um facto singular que desde a minha entrada neste novo estado de existência tenho notado que os métodos pelos quais podia transformar a minha energia em proveito na terra me falham.

Encontrei-me aparentemente numa planície árida, a princípio completamente sozinho; isso não me incomodou, mas não encontrei árvore, folha, arbusto ou planta, nem estava consciente de qualquer coisa crescer no lugar para onde viera. Presentemente vi armazéns; pensei que ali encontraria emprego pelo menos — congenial, possivelmente. À medida que me aproximava deles, desapareciam. Finalmente, quando alcancei um, estava vazio. Confundido de novo, vi alguns navios vindo sobre um mar; pensei: “Aqui haverá uma carga que pelo menos me ocupará.” Os navios aproximaram-se da costa, e parecia não haver vida a bordo que eu pudesse descobrir.

Confundido outra vez, vi habitações muito semelhantes àquela que eu próprio construíra; havia ali rostos familiares aparecendo, mas, quando me aproximava, desapareciam, e uma forma semelhante à de alguém que morrera de modo bastante inesperado, e sob circunstâncias peculiares, devido ao fracasso de um contrato, cuja culpa não fora minha, mas dele — o seu rosto perseguia-me. Afastei isso de mim. Vi algumas casas igualmente belas; pensei que talvez pudesse renová-las. Quando delas me aproximei, encontrei-as habitadas por pessoas a quem eu não beneficiara. Confundido novamente.

Sou suficientemente inteligente para compreender a moral de tudo isto. Reconheço na fila vazia de armazéns o meu próprio poder e pobreza espirituais terrenos. Reconheço nos navios que não me trazem carga alguma o facto de não possuir aqui investimentos provavelmente na direção correta. Reconheço nas habitações que eram o meu orgulho, e no facto de elas me assombrarem, o meu próprio orgulho à custa de um semelhante. Reconheço nas fileiras de casas miseráveis que devo passar e repassar todos os dias as pessoas que supunham que eu as tinha prejudicado.

Não posso dizer se alguma vez terei quaisquer investimentos neste mundo em que entrei. Não posso dizer se alguma vez me interessarei pelos métodos da vida aqui

existentes. Nada parece ser real, nada substancial, nada que valha a pena. Não valorizo muito aquela abnegação de que tanto ouvi falar, pois sei que vi tanto orgulho e tanto egoísmo associados à piedade como em qualquer outro lugar. Nada sei acerca da filantropia; sempre a supus apenas outra forma de ambição. Muito provavelmente o é.

Veio até mim um dia, desde que entrei nesta esfera, uma criança pequena. Tenho a certeza de que fiquei contente ao vê-la; tinha um rosto agradável e trazia uma flor. Certamente não crescera em nenhuma região ao meu redor. Perguntei-lhe de onde vinha. Disse-me que vinha de onde vivem as criancinhas e as mães. Então pensei na minha mãe e nos meus filhos. Procedera justamente para com eles perante o mundo; não posso dizer que tivesse agido justamente para com eles no meu coração e na minha vida, e interroguei-me se seria possível que todo o fundamento da minha existência tivesse sido um erro, e que eu na verdade não tivesse vivido, nem tido êxito, e estivesse realmente morto.

O túmulo ao meu redor parece formado pela minha própria vida; está vazio e desprovido de coisas úteis, mas ainda existem como sombras as coisas que ocuparam o meu tempo na terra. Tudo o que pareço testemunhar traz testemunho do meu próprio trabalho, mas não me traz retorno algum; nada produz; existe simplesmente para que eu o veja. Todas as formas de pensamento em que me possa envolver parecem ecos dos pensamentos que tive no meu estado terreno e dos planos para maior sucesso e poder, e ouço os suspiros e os gemidos de muitos homens aspirantes que tombaram porque eu consegui triunfar.

Este pode ser um estado que dure para sempre. Pode ser que vos interesse, mas, se me tivesse sido deixada a escolha, certamente diria que não é do vosso interesse nem da vossa conta. A cortesia comum da existência terrena talvez me impedisse de o dizer, exceto numa transação comercial; mas fui chamado para fazer esta declaração. Estes são os meus sentimentos exatos. Este é o meu estado preciso de espírito. Preocupo-me com os meus interesses terrenos; preocupo-me com a minha família apenas no que diz respeito ao interesse ligado aos laços que me uniam a eles, quaisquer que tenham sido. Há outras coisas que me perseguem e que não me importo de mencionar. Não sei se este estado durará para sempre, ou se, da presença daquela criança, aprenderei a plantar alguma semente que cresça, ou a carregar algum navio que tenha peso, ou a encher os meus armazéns vazios com…

…algo de valor nesta terra. As pessoas vêm e vão; amigos felicitaram-me, tenho a certeza, não sei bem porquê! Pensei apenas em vir dizer-vos isto, para que talvez possais ter carga melhor e armazéns mais bem providos do que os meus. Vou-me embora; deixo a minha declaração; nada me importa quanto a ela.

SEGUNDO ESTADO

(MUDANÇA DE CONTROLADOR)

Venho até vós, queridos amigos, após o chamamento dos guias que controlam este médium, para fazer uma declaração de algo relacionado com o estado em que me

encontro há muitos anos desde a minha partida da vida terrena. Fui, até certo ponto, conhecido entre os homens. Interessavam-me os assuntos do Estado. Amava acima de tudo o país que julgava valorizar mais a humanidade. Vi sair da vossa presença uma sombra que parece não ter lar na vida espiritual, cujos grandes poderes mentais foram pervertidos para o único objetivo de engrandecimento individual. Vejo ainda agora o brilho que ilumina o seu caminho. Sem dúvida, será o começo de alguma carreira superior na vida espiritual, visto que, quando existe um forte vínculo em grandes mentes que foram profundamente desviadas, o retorno é igualmente forte em direção oposta.

A minha própria consciência de enfermidade, ao entrar na existência espiritual, impediu-me de julgar corretamente a condição em que entrei. Sentia-me indigno de qualquer estado elevado; sentia individualmente as minhas próprias falhas. Tinha algum orgulho e, associado ao meu amor pela humanidade, receava possuir também um pouco de ambição. Procurei, contudo, tornar-me amado; e, ao fazê-lo, sem dúvida venci muito do meu orgulho individual. Procurei convencer-me de que os meus objetivos eram pelos outros. Depois de que maneira roguei ao meu país que ajudasse na abolição da escravatura nas suas colónias; depois de que maneira lhe implorei que melhorasse a condição dos criminosos, que alcançasse as águas e — como a América fez na esteira da Inglaterra — abolisse a escravatura comprada com sangue humano. Mas os grandes padrões da terra avançam rumo à liberdade, e a mais elevada obra do homem torna-se o auxílio ao seu semelhante.

A minha existência na vida espiritual tem sido entre mentes afins que, tal como eu, procuraram debilmente na terra e aqui com sucesso variável melhorar a condição da humanidade e daqueles que estão abaixo de nós. Não digo que o tenhamos feito sem recompensa. Não digo que nenhum pensamento egoísta alguma vez tenha penetrado em nós; mas digo que, se no meu espírito existia alguma consciência de exaltação ou orgulho acima dos que estavam abaixo de mim, sentia dentro de mim o açoite dessa consciência tão fortemente como sentiria as torturas de qualquer inquisição exterior. No estado espiritual em que fui admitido e acolhido, encontro demasiado amabilidade; fui introduzido como um dos cooperadores daquela esfera de conselheiros benévolos que procuram a elevação das nações da terra pela modificação de todas as leis, de todos os códigos e de todos os costumes internacionais que degradam ou desonram a existência humana.

Creio ter descoberto que a nascente da existência humana tem origem num motivo mais alto e mais nobre do que a busca individual da ambição ou do prazer para proveito ou engrandecimento pessoal. Creio saber que quem se esquece de si mesmo ao ajudar os outros aumenta assim a felicidade deles e a sua própria. Talvez por vezes façamos isso para “aumentar” a nossa própria felicidade, mas não podemos fazê-lo com êxito se esse for o objetivo supremo.

Descobri, na esfera em que habito, todas aquelas mentes que, com êxito, em tempos passados, defenderam junto de legisladores e conselheiros das nações a elevação de quaisquer classes de pessoas da servidão. Reconheço aqui as almas soberanas que se esforçaram por libertar as nações do Oriente da servidão; aquelas que

procuraram libertar a Itália da dupla escravidão da servidão e do poder sacerdotal; aquelas que tentaram libertar a Europa da tirania de leis que impõem pesadas penalidades aos pobres, sustentando contudo o direito daqueles que desejam que, em toda a parte, a vida humana seja tida por sagrada, e que nenhum ser humano arrogue a si o direito e privilégio de tomar aquilo que não pode conferir ao seu semelhante.

Creio que a nossa união em torno deste objetivo produziu em grande parte os resultados que hoje se verificam na terra. Mentes representativas de todas as nações da terra, cooperando juntas na existência espiritual e depois impressionando aqueles que se sentam nos salões legislativos da terra, não podem deixar de produzir resultados.

Por isso digo que, quando a escravatura foi abolida em Inglaterra e na América; quando a servidão desapareceu da Rússia; quando o campesinato de França ascendeu a uma condição mais elevada; quando a Itália foi, em grande medida, libertada; quando o Oriente começou rapidamente a erguer-se dos seus crimes e servidão; e quando o mundo ocidental floresce com a promessa de uma civilização e liberdade mais elevadas para o homem — digo que existe encorajamento para os espíritos da esfera benéfica a que pertenço continuarem os seus esforços nessa direção e levarem os seus sinceros apelos às mentes dos legisladores da terra que estejam recetivos.

O vosso próprio Charles Sumner (sem detrimento do seu mérito pessoal na elevação do escravo) não poderia deixar de ser um porta-voz da esfera a que o seu irmão já pertencia. Em Inglaterra, Cobden, e agora os Brights, Sir Robert Peel, escutam o nosso estado e prosseguem objetivos que fizeram parte da minha própria vida; não deixam de alcançar a esfera em que habito, mesmo depois de terem ocupado os seus lugares no Parlamento. Começamos com as mentes terrenas quando elas não têm consciência disso. Sentamo-nos junto delas em conselho silencioso e esperamos o momento oportuno em que um sopro possa encorajar uma palavra que de outro modo não teria sido pronunciada. Se a oportunidade se perde, se o coração vacila, se o espírito hesita, então poderemos trazer uma força que torne essa coragem maior.

Abraham Lincoln, ao assinar a proclamação de emancipação, talvez não o tivesse feito sem uma voz que lhe chegou da esfera das almas elevadas, dando-lhe a força que a legislação humana tanto tempo hesitou em conceder. A terra que libertou os servos da Rússia talvez não o tivesse feito face às rivalidades da Europa, não fora a força impelente e avisadora de que não é seguro hesitar em fazer uma boa ação quando chega a sua hora, receando as consequências.

A arbitragem de Genebra, prometendo paz às nações da terra onde a guerra era costume, poderia ser considerada um precedente inseguro de estabelecer perante as causas agitadoras das lutas políticas na Europa e na América; mas, segura ou não, o precedente existe, e é tido por mais responsável aquele que viola um pacto do que teria sido possível considerar-se em tempos de grande irritação. Obtivemos estes progressos lentamente. Os habitantes da terra costumam pensar através de muitos métodos divergentes: por vezes são métodos de política e por vezes de medo; mas, uma vez proclamada sobre a terra uma boa ação ou uma boa lei, ela permanece para enfrentar

os seus violadores, e mesmo que a nação recue, a lei permanece para encorajamento das gerações futuras.

O massacre de São Domingos foi considerado prova de que a escravatura não devia ter sido abolida — uma insurreição de…

…uma raça provocada por crueldades severas e pela agitação de longos anos; mas não seria antes um comentário à própria escravatura, que esmagara e ferira tão profundamente um povo ao ponto de o conduzir a tais atos?

Toda a honra e louvor àquela raça que, aparentemente sustentada por alguma mão omnipotente, esperou pela hora da sua libertação no vosso próprio país. Toda a honra e louvor àquele povo que confiou no Deus da libertação em vez de confiar na mão da violência para a emancipação dos escravos, e que tornou os primeiros transgressores dos direitos humanos também os primeiros transgressores contra o último e mais elevado dos direitos humanos — o direito à vida humana. Se os homens têm de ir para a guerra, melhor é que a condição que semeia as sementes da discórdia seja ceifada por aqueles que a semearam do que por aqueles que a não semearam. Se semeastes o vento, é melhor colher o redemoinho do que arrastar outros para o tornado para recolherem por vós as vossas colheitas.

A grande obra da emancipação e elevação humana não é meramente política; torna-se limitada não só pelos estatutos e pela Igreja, mas também pelas leis municipais e legislações locais que em grande medida constituem a felicidade e prosperidade das comunidades. Mais do que isso, descubro que ela se reduz ao âmbito muito pequeno da vida individual humana, e que, para uma legislação correta, devemos ter legisladores corretos; devemos ter indivíduos corretos, e os indivíduos devem possuir pensamentos corretos, não devendo ser escolhidos apenas porque estão disponíveis ou porque parecem a melhor política.

A política temporizadora de muitas nações adiou o dia da batalha, mas culminou no dia do terramoto. A política temporizadora de muitos povos faz com que a ferida seja cicatrizada à superfície quando deveria ser sondada e curada, trazendo destruição às nações e ao tecido social da vida. A verdadeira base, descubro eu, deve estar no indivíduo; a verdadeira tendência deve ser para o criminoso e não para o crime. Não precisamos ter pena das prisões e penitenciárias; elas são feitas de madeira, pedra ou ferro; mas o homem que está lá dentro é objeto da nossa compaixão — é o crime que condenamos.

Excluamos o crime arrancando a causa que o produz. Nunca destruímos uma árvore cortando-lhe os ramos. Procuremos e erradiquemos aquelas influências subtis da vida humana que conduzem à miséria, à pobreza, à ignorância e ao crime. Disseminemos o conhecimento. Espalhemos informação moral útil. Tenhamos escolas que levem essa informação até ao mais pobre e degradado dos seres. Tornemos possíveis no mundo as condições do crescimento moral. Tenhamos convites para uma vida mais elevada e nobre.

Ah, esta é a grande verdade secreta: a ternura pelo indivíduo é esquecida na condenação da ofensa. Esquecemos o amor enquanto recordamos a justiça. Esquecemos o ser humano enquanto nos lembramos do mal infligido a outros seres humanos.

O grande poder da beneficência é compassivo e também justo — ajuda a criança negligenciada ou o extraviado, ao mesmo tempo que condena o desvio, a loucura ou o crime. Entre a ofensa e o ofensor a lei traçou uma linha moral. Na esfera onde vivi, a ofensa é uma condição moral, e não a individualidade. O culpado passa para a sombra; a sombra pode permanecer ali para que outros nela entrem, mas o culpado deve ser resgatado dela. Quem entra no crime não pretende permanecer nele para sempre; entra cegamente e com paixão, ou é levado pela ignorância e pela falta de poder moral. Não temos o direito de dizer que, porque alguém ali se encontra, ali permanecerá para sempre. Nós…

…não temos o direito, porque um homem escolhe destruir-se, de lhe recusar os meios de auxílio; é nosso dever salvá-lo, se pudermos, restaurar-lhe o sentido moral e ensinar-lhe que é mais corajoso viver do que morrer. Que pensaria o mundo se um homem ou uma mulher infeliz, à beira da ruína, levado pela própria loucura, estivesse prestes a afogar-se porque decidiu dar esse passo? O suicídio foi tornado crime; claro que é uma forma de loucura — e não será todo o crime uma espécie de loucura? Não deveremos resgatar um homem da doença moral tal como da doença física?

Acrescentaremos o assassínio ao suicídio? Penso que não. Creio que, em épocas mais esclarecidas, a forca será desconhecida. Creio que, em épocas mais esclarecidas, as penitenciárias na sua forma atual serão desconhecidas. Tendes asilos para alcoólicos, asilos para cegos, asilos para surdos-mudos, e o mundo inteiro é um asilo em caso de guerra. Não será a batalha quotidiana da vida tão verdadeira como a grande batalha que conduz os heróis à vitória moral ou física, e torna os homens nobres quando dela se orgulham? Não lutam estes homens, caindo à vossa volta na existência diária, tão valorosamente, esforçando-se tão bravamente, desejando vencer e não conseguindo?

O conselho sanitário é convocado quando ressoam os alarmes de Waterloo, da Crimeia ou da guerra americana; mas o conselho moral e sanitário das nações não está alerta no campo de batalha diário da vida. Deixamos os homens afundarem-se pela indiferença, pela inércia, pelo cuidado exclusivo de nós próprios, pelas várias coisas que nos ocupam, quando uma palavra, uma sugestão, uma mão auxiliadora poderia alterar o destino deles. Este é o grande poder moral que deve ser difundido no mundo — que nunca esqueçais as vossas responsabilidades uns para com os outros; que jamais esqueçais que estais no campo de batalha da vida, e que os sofredores, os pecadores e as múltiplas formas de injustiça moral existentes no mundo devem ser enfrentados e vencidos por vós.

Há auxílios por toda a parte, mãos dispostas estendidas dos céus, mentes prontas a alcançar-vos; mas não podemos percorrer todo o caminho por vós. Não se começa a construir um edifício pelo topo — não podemos colocar a cúpula antes de lançar os

alicerces e erguer as paredes. A estrutura da vida moral e social da terra deve ser construída aqui por vós. O que o mundo espiritual pode fazer é encorajar os trabalhadores, apontar o objetivo, mostrar-vos as obrigações imortais que estão além, e esperar com a cúpula estrelada da vida social e política perfeita para que a possais alcançar.

Mas as vossas próprias obras na terra, as vossas próprias vidas e perceções, educadas e inspiradas por nós, devem lançar a pedra angular. Deveis erguer as paredes e, se não estiverem seguras e desmoronarem, deveis erguê-las novamente, até que, por fim, sobre elas, tanto quanto puderdes alcançar com cada ideal elevado e esforço nobre, levanteis o edifício social, lançando os seus fundamentos na igualdade humana, na justiça humana e no amor humano; então as mãos dos espíritos empenhados na mesma obra descerão das suas alturas e coroarão o edifício com a cúpula que eles próprios moldaram.

Estamos a construir desta maneira. É nosso objetivo, no futuro, onde quer que exista sofrimento ou pecado, encontrar a causa e removê-la; e a grande obra de cura do mundo prosseguirá quando cada mente e coração sentir a sua responsabilidade na apresentação deste edifício para que os anjos o coroem.

TERCEIRO ESTADO

(MUDANÇA DE CONTROLADOR)

Do estado divino
Onde as almas se movem e vivem
Segundo uma necessidade suprema,
Onde anjos guardiães, vigilantes, velam
Para espalhar bem longe
O único, o bendito mundo;

Da esfera onde o portal se abre para além,
Para mostrar a luz fulgurante que através dele cintila,
E revelar esplendores nunca vistos, belos e puros,
As luzes que o Céu oferece a vós;

Da esfera onde a alma, liberta de todas as dores,
Elevada acima das dúvidas, para além dos medos,
Para além de todas as tristezas que a possam alcançar,
Habita apenas naquela atmosfera silenciosa,
Sob o abrigo da Mente Perfeita
Que reina e governa com supremo poder,

Venho unir em amor os vossos pensamentos dispersos,
E fundir em harmonia toda a escuridão e o medo.

A vida tríplice e plena que, nas esferas superiores,
É hoje apresentada ao vosso espírito e pensamento,
Permaneça aqui, pela obra encantadora da verdade e do amor,
E vos torne radiantes com o brilho mais elevado do intelecto;
Que cada alma, elevando-se do seu estado inferior,
Construa a sua morada com atos bondosos,
E assim possa tocar o alvo mais próximo,
Por onde deverá vir a luz mais íntima.

Oh, não na esperança e no medo, nem ainda no infortúnio,
Mas através dos caminhos de um controlo abençoado,
Que não conhece dor nem terror aqui em baixo,
Assim se realiza a grande obra da alma:

Fazer aquilo que Deus vos destinou;
Cumprir o vosso papel no grande drama da vida;
Deixar passar calmaria ou tempestade,
Enquanto prosseguis com esperança e propósito firmes;
Cumprir o dever mais próximo do vosso semelhante,
Sem procurar louvor nem censura da mente humana,
Mas apenas força para que a vontade divina
Una o vosso propósito ao Seu propósito.

Não perguntar se alegria ou desgraça mortal,
Baseada em naturezas inferiores, o homem colherá,
Mas antes se a lei superior e ascendente
Será alcançada.

A verdade pode não surgir sem dor;
Dar o passo e plantar o germe
Que conduzirá ao futuro não é tarefa pequena.
Mais do que a caridade, mais do que o dogma, observamos o verme
E não encontramos ave sobre a asa elevada.

Ah! Devemos subir se quisermos alcançar as alturas!
Devemos desdobrar-nos segundo o plano mais elevado.
Os terrores da vida devem conduzir-nos, ou a noite,
E perguntar de novo se a aurora regressará;
Mas somente avançando na escuridão,
Sentindo que a Sua mão nos rodeia por toda a parte,
E, seja no silêncio, no frio, sem voz e austero,
Ainda há algo no ar silencioso
Que nos ordena avançar, fazer o melhor que pudermos,
Navegar mares desconhecidos e vencê-los,
Enquanto, todo o tempo, o sorriso amoroso do espírito
Espera receber-nos com o seu esplendor.

Não o sabemos; não devemos procurar as joias
Que cintilam ao longo da senda luminosa da alma;
Sabemos apenas que, ao longo dos feixes
Da vida — acima das cansativas areias
E das pedras que ferem tão duramente os pés e o coração —
Ainda devemos avançar, sofrer e suportar.

Aproximando-nos da luz, e a alma vencida
Encontrando força e sustento para apoiar-se,
Força para os mártires, expulsos para trás pela chama,
Força para os prisioneiros, arrancados da cela do calabouço,
Lutando sem esperança na terra, sem nome —

Sabemos que aquilo que do mais alto céu caiu ao mais profundo inferno
A lei da vida e o amor de Deus podem reerguer,
E as almas, por lentos graus, alcançar aquele estado
De triunfo onde o espírito aprende a elevar-se
Para lá das barras do próprio cárcere — aprendendo a caminhar
Pela única palavra de calma de Deus, o mais divino dos mandamentos,
Que triunfa sobre toda a vida de dor,

E contudo encontra no necessitado, procura o humilde,
Aquilo que só na escuridão e na provação as almas podem conhecer.

O PARAISO E AS SUAS CARACTERÍSTICAS

Clinton Hall, New York, Noite de Domingo, 15 de novembro de 1863

"'A Terra do Verão e as suas Características' é o nosso tema presente.

A ideia principal expressa no termo Paraíso é a de alegria, felicidade, sol; e, contudo, não é nesse sentido que hoje falaremos dela. Devemos antes falar dela enquanto princípio que, até agora, não tem sido frequentemente abordado. Durante eras e mais eras, a humanidade tem procurado algum estado ou lugar que possa realizar o seu ideal de uma condição mais feliz do que aquela que cabe à vasta maioria dos mortais. Em vão o procuraram, através de todo o domínio da existência objetiva, até que, recuando para o reino da imaginação pura e transcendente, acabou por se perder nas visões nebulosas e grandiosas de uma teologia.

Examinemos primeiro a fase mais antiga desta ilusão. O composto 'Paraíso inclui a ideia de, primeiro, que a estação do ano em que o sol, tendo passado o equinócio vernal, derrama os seus raios sucessivamente sobre partes da Terra, produzindo um aumento marcado e revigorante de luz, calor e vegetação; e, segundo, que a porção sólida da superfície terrestre, especialmente aquelas partes que estão em condições adequadas à habitação e ao crescimento humano. Mas, em qualquer ponto de vista, só

pode aplicar-se propriamente àquilo que pertence a esta Terra material; e, portanto, a palavra Paraíso, estritamente falando, significa apenas alguma região da Terra onde existe verão perpétuo.

Ora, é verdade que, nos países abrangidos pelos trópicos, esta estação prevalece durante a maior parte do ano, e a vegetação é perpetuamente renovada; mas mesmo aí períodos de escuridão e agitação, conhecidos como a estação das chuvas, interrompem esta brilhante uniformidade; e todas as outras causas naturais de aflição — morte, doença, toda a forma de calamidade — são tão prevalentes como em climas menos favorecidos. Contudo, a história do homem, desde a mais remota antiguidade, testemunha que toda nação e comunidade, por sua vez, alimentou sonhos acerca da presumida existência de alguma sede terrena de juventude incessante, e de prazer contínuo e sem restrições.

Não duvidavam de que tal região pudesse ser encontrada algures, embora se supusesse de acesso muito difícil, situada numa parte desconhecida ou inexplorada do globo. Ali imaginavam, e esperavam um dia encontrar, uma raça de seres vivendo numa felicidade imperturbada, no meio de uma abundância sem limites dos mais escolhidos dons da Natureza. Não havia tempestades, nem terramotos, nem pragas nos mundos animal ou vegetal que viessem perturbar uma existência de absoluto repouso e prazer sem mistura.

Esta ideia teve origem nas mentes das raças setentrionais, que situavam estas moradas de bem-aventurança nas fronteiras ocidentais da Ásia, como estando livres dos desconfortos da neve e do gelo, e das pragas de inundações recorrentes e destrutivas. Os Gregos, por outro lado, colocavam o seu Paraíso imaginário entre os Hiperbóreos, ou povos do extremo norte. Assim, vemos que todas as nações supunham que, viajando suficientemente para longe das suas próprias latitudes, poderiam encontrar alguma terra favorecida acima da sua, onde os inconvenientes particulares dos seus respetivos climas e locais de habitação eram desconhecidos; e que os Hebreus não estavam longe de ser o único povo que alimentava a visão de uma Terra Prometida.

Mas pode dizer-se que apenas um mortal viveu, que acalentou a convicção realmente descobriu a terra dos desejos do homem ou dos objetos de felicidade terrena, e esse foi o navegador genovês que encontrou um novo mundo para Castela e Leão. O audaz Colombo, é sabido, supôs que as terras que encontrou nas Índias Ocidentais, e ainda mais tarde, tinham levado os Capitães da América a acreditar que apenas tinham conseguido tocar a orla oriental da Ásia — a própria região onde fábula e tradição haviam colocado a ‘Paraíso’. Morreu e faleceu nessa persuasão, e durante longos anos depois uma sucessão de valorosos aventureiros de todos os países europeus percorreu todos os mares e suportou todas as dificuldades no esforço de penetrar na floresta primitiva e alcançar o poderoso rio para além do qual julgavam cintilar as torres douradas e acenar os pináculos resplandecentes da Utopia.

Mas, infelizmente, desde o tempo do Grande Almirante, todo o peregrino em busca deste paraíso desconhecido foi condenado ao desespero e à derrota final. Muitos

abandonaram os seus lares felizes e partiram nesta busca desesperada, com a sanguínea antecipação de alcançar a Fonte da Juventude ou a região da riqueza ilimitada, encontrando em vez disso todas as agonias do fracasso, da desolação e da morte. Por fim, o progresso da ciência e a expansão do conhecimento geográfico expulsaram para sempre esta visão da superfície da Terra — mas restava ainda a possibilidade de ela ascender a uma esfera de influência mais elevada e menos palpável. Ainda assim, a humanidade, enquanto caminhava pela poeirenta estrada da vida, fascinada pelas miragens do prazer infalível, colocava agora o Paraíso num país para além do mundo dos mortais, e Cristão, Maometano e Pagão esperavam igualmente que a morte os libertasse para a sua descoberta.

Ali não deveria haver doença, nem tristeza, nem morte, nem calamidade, nem decadência, nem inverno, nem tempestade, nem escuridão; e ali encontrar-se-ia a plena realização do gozo pelo qual o crente suspirara em vão na Terra. Ali, o Maometano seria transportado para leitos de flores imorredouras, e para a companhia de Huris eternamente jovens — mas se nalgum planeta distante, ou nalgum estado intermédio do ser, é mais do que podemos dizer; ali, o Judeu viveria o período do seu Milénio, quando a Nova Jerusalém descesse como uma noiva vinda do céu, para ser a habitação, em glória perpétua, dos filhos de Israel reunidos da sua dispersão por todas as regiões da Terra.

A ideia cristã da felicidade de um estado futuro compõe-se de ambas estas conceções, sendo tão vaga e insubstancial quanto possível imaginar. Em termos gerais, pode enunciar-se assim: visto que está claramente provado que a Terra é um fracasso, a humanidade um fracasso, toda a vida um fracasso, deve portanto existir algum lugar onde aqueles membros da família humana que, por uma disposição especial, não muito claramente compreendida, tenham sido, através de Jesus, salvos das consequências dos seus erros, possam ser enviados para receber as recompensas e favores que lhes serão concedidos.

Ora, a Terra fora originalmente concebida como uma morada de perfeita felicidade; mas, por algum lamentável e espantoso erro, o homem caiu da sua condição primordial de inocência e felicidade e, consequentemente, o pecado foi introduzido felicidade e, consequentemente, o pecado foi introduzido no mundo e, através do pecado, a morte, juntamente com uma multidão de males menores. Depois, como meio de preservar a humanidade da terrível sentença a que assim se tornara sujeita, recorreu-se a um plano segundo o qual aqueles que aceitassem e cumprissem certas condições prescritas passariam a ter direito à salvação final e à felicidade eterna, através do sangue expiatório do Filho de Deus.

Aqueles que não escolhessem aproveitar-se dos termos oferecidos (sendo incerto o que aconteceria a alguns, uma vez que viviam em completa ignorância deles) eram naturalmente excluídos da esperança de perdão; e supõe-se que esses recusantes incluiriam uma grande maioria dos aderentes nominais às doutrinas em questão.

O afortunado remanescente estava destinado a habitar a esplêndida cidade — a Nova Jerusalém, cujo plano foi cuidadosamente delineado por uma autoridade

inspirada, e cujos edifícios públicos, modo de governo, cerimónias, etc., são descritos com correspondente minúcia. As muralhas desta cidade seriam de vidro — se fabricado, por hábeis artífices, moldado ou esculpido, não é explicado — mas de metal vitrificado. As suas ruas seriam pavimentadas de ouro puro — um elemento da descrição provavelmente não o menos atrativo para espíritos não regenerados — enquanto todas as estruturas, mobiliário, vestes e ornamentos apresentariam um perfeito fulgor de joalharia, diamantes, rubis, topázios e esmeraldas figurando no catálogo com uma profusão capaz de excitar a inveja do próprio Grande Mogol. No meio desta deslumbrante exibição, num trono cujo brilho tornaria o Sol pálido e sombrio em comparação, senta-se o Rei de todos, a quem os principais personagens entre os seus eleitos, juntamente com as hierarquias dos anjos, rodeiam, adorando e entoando os seus louvores num contínuo hino de jubilosa melodia. Ora, de onde todos estes sólidos materiais seriam obtidos não é declarado; de outro modo, o relato é suficientemente compreensivo e completo para satisfazer a curiosidade mais exigente.

Todas as nações, elevadas acima da condição mais baixa do selvagem, tiveram alguma ideia de felicidade futura correspondente a uma ou outra das que descrevemos; mas a representação mais singular de todas as que encontrámos até agora é aquela recentemente apresentada por um filósofo brando pertencente à escola mais avançada do progresso moderno. O seu quadro pretendia provavelmente ser inteiramente diferente das ideias populares sobre este assunto; contudo, possui tantos traços em comum com as noções teológicas correntes que é impossível evitar a conclusão de que é, em certos aspetos, uma cópia. Diz-nos ele que existe uma terra — à distância de sessenta milhas, mais ou menos, da superfície do nosso globo — composta de substância material absoluta.

Não nos informa como esta porção de território se tornou isenta da atuação da lei da gravidade; nem sequer explica a natureza da substância em questão, embora deixe claro que duvida que seja tão natural quanto a terra sólida, que ele pisa atualmente. Mas este país, de forma encantadora e diversificada, está repleto de continentes e ilhas, montanhas e vales, lagos, rios e florestas; ali encontramos casas, árvores, flores e, em suma, toda a espécie de objetos exatamente semelhantes aos pertencentes à Terra. Os habitantes seguem várias ocupações familiares, dedicando-se à manufatura, construção, etc., muito como neste visível, terrestre e agradável mundo — e, contudo, tudo isto é o lar dos espíritos, o Paraíso — segundo a mais recente revelação da clarividência e da filosofia combinadas!

Deve notar-se, porém, que nem todos os habitantes deste Elísio são igualmente favorecidos na sua situação e circunstâncias, pois todos eles não aproveitaram os volumosos esforços do nosso filósofo para a sua iluminação e, infelizmente, não poucos tinham deixado este mundo inferior antes de a terra ter sido abençoada pela sua presença. Consequentemente, parece que certas regiões da terra prometida, destinadas a ser habitadas pelos espíritos menos desenvolvidos, se encontram numa condição algo semelhante à da Nova Inglaterra — bastante rochosas, frias e estéreis, onde a folhagem e a verdura são um tanto escassas, quando não totalmente ausentes. Todas as almas que partem devem entrar nesta terra e, numa ou noutra parte dela, trabalhar o seu caminho até às condições mais elevadas e às “localizações” mais desejáveis, da melhor

maneira que puderem. Agora temos de notar nesta descrição a mesma anomalia evidente que observámos nas teorias mais antigas.

Os objetos são descritos como positivos, substanciais, palpáveis aos sentidos; as flores têm odores e cores; os frutos sabor; o sol aquece e amadurece-os, embora não se esclareça se é o mesmo sol em torno do qual o nosso planeta gira ou não; e, contudo, não se explica como esta vasta extensão de país habitado escapou à força das leis inerentes da matéria em toda a parte, nem como a necessária multiplicação de animais e vegetais pode ocorrer num mundo onde decadência e morte já não são conhecidas.

A verdade, porém, é provavelmente esta: a fértil imaginação do "vidente" sonhador, mergulhada num estado de recetividade passiva, tornou-se influenciada por várias ideias fragmentárias pertencentes às noções cristãs e maometanas do estado futuro; e estas, sendo combinadas de forma algo vaga e revestidas de uma aparência de originalidade, foram apresentadas à multidão de discípulos admirados e sem espírito crítico como revelações genuínas de um estado real de existência, sob o atraente título de Paraíso.

Não passa de uma forma diferente da mesma visão fantástica que animou os crentes das várias religiões ao longo de incontáveis eras, e onde quer que a espécie humana exista. Mas, enquanto os seguidores de Maomé, os teólogos cristãos e os devotos hindus são todos, sinceramente e na ingénua simplicidade dos seus corações, retratando visões futuras de felicidade conforme as suas melhores e mais elevadas conceções respetivas, o filósofo progressista moderno apenas consegue confundir as características principais das suas descrições e, desse modo, produzir uma teoria mais desconcertante, inconsistente e anómala do que qualquer uma delas.

Analisemos um pouco mais. Somos informados, pelos eruditos profetas da Nova Dispensação, de que a 'Terra do Verão' é iluminada pelo sol. Ora, isto só pode significar seriamente que absolutamente a mesma substância material, a mesma qualidade de calor e luz que animam o nosso planeta, ilumina e aquece a terra em questão. Mas, se não for o mesmo, deve ser algo inteiramente e essencialmente diferente, isto é, não é sol de todo, e o termo nada transmite à compreensão, sendo apenas calculado para enganar. Mas precisamente aqui reside o erro fundamental de todos estes visionários. São incapazes de conceber que a vida do espírito desencarnado possa ser qualquer vida, a não ser uma espécie de semelhança atenuada, um reflexo sombrio da vida terrena, com um fraco nimbo de sentimentalismo doentio lançado sobre ela. Nunca houve erro maior. Não existe tal semelhança.

A conceção de uma 'Terra do Verão' (Paraíso)e todos os seus detalhes fascinantes são produto de uma imaginação meramente terrena, atuando sobre mera experiência sensorial, e são tão fúteis e sem substância como as 'torres coroadas de nuvens e os palácios magníficos' de um sonho poético. Pode a alma, quando libertada do entrave do seu tabernáculo carnal, necessitar de alimento proveniente de frutos e vegetais reais? Pode procurar prazer nos odores das flores e em refrescantes abluções em ribeiros correntes? Alimentam-se os pensamentos de flores de macieira? Recebe a mente nutrição dos raios solares?

Devemos imaginar a futura morada do espírito imortal como uma mera reprodução de cenas terrenas? Devemos, numa palavra, tornar-nos Maometanos ou Cristãos para alcançar uma conceção justa do nosso lar para além do túmulo? Devemos confinar os pensamentos e aspirações da alma liberta dentro de limites geográficos? (Com igual razão poderia um filósofo afirmar que a formulação de uma proposição matemática deve ter semelhança com formas físicas simples.) Não; a ideia falha, pela própria natureza da mente, da religião, do próprio Deus.

Não podeis levar convosco para além do túmulo as vossas estruturas físicas. Não podeis conservar nas vossas habitações celestiais um único átomo da substância que aqui rodeia e sustenta a vossa existência; nem a mais pequena centelha da asa de um inseto — nem o mais ténue perfume das flores poderá saudar os vossos sentidos nessa longínqua terra. A mente vive de pensamentos; o espírito habita o mundo do espírito, sem consciência do meio físico envolvente. Tal é a diferença entre mente e matéria. Contudo, muitos, mesmo entre os chamados espiritualistas, não vos compreenderão se lhes falardes de uma existência sem qualquer analogia com influências materiais. A mente não necessita de lugar, nem de tempo nem luz, nem escuridão, nem sol, nem lua, nem terra, nem água, nem ar. É pensamento absoluto, e a alma, no seu espaço secreto, não necessita de revestimento corporal, nem de qualquer ornamento além desse pensamento. Não há necessidade de visão, de olfato, de audição, nem de tato; mas possui uma faculdade omnipresente e omnipotente, enquanto existência absoluta. Ser absoluto é ser independente de todos os apetites e ocupações humanos, de todas as condições da materialidade. Os espíritos colhem flores na terra espiritual! Se as flores, elas próprias, devem ter as suas estações de crescimento, maturidade e decadência, então não podem ser realmente flores. Não; o mundo imortal não possui flores. É apenas a falta de uma perceção e compreensão espirituais elevadas que leva os homens a adornar os seus céus imaginários com objetos como estes.

Mas estais dispostos a deixar-vos enganar por tais brinquedos triviais da fantasia, como uma criança embalada por ameixas açucaradas, quando não haverá outra coisa para fazer além de colher flores e frutos de árvores encantadas? A vossa felicidade e miséria, as vossas conquistas e alegrias, estarão então inteiramente dentro de vós próprios. Não construireis estruturas, mas os lugares do pensamento. A luz do vosso dia será o brilho da iluminação da alma, e a vossa existência, a sua vida, atividade e propósitos serão todos autocentrados e autossustentados. Se fordes bons, sereis felizes, e a vossa recompensa encontrar-se-á na mais íntima consciência de vós mesmos.

Nem necessitareis do auxílio ministrante de anjos no vosso caminho de beneficência e alegria. Não existem realmente seres como anjos. Essa ideia foi há muito destruída. Não passam de encarnações idealizadas dos próprios pensamentos e propósitos do espírito, pelos quais outros são levados a ser e a fazer o bem. Não há inferno senão a consciência do vício; nem céu senão na alma consumida pelo remorso.

Recordai, então, que a mente não é matéria, nem pode ser comparada a qualquer forma de existência material. Não necessita de frutos, nem flores, margens nem rios pelos quais se mova; nem de brisas oceânicas, nem de sol, salvo daquele que pertence à luz do conhecimento. Não deis atenção a fantasias ilusórias. Recordai que o reino da

mente está dentro e não fora de vós, e que o pensamento pode comunicar diretamente com o pensamento, mente com mente, alma com alma. Todas as gemas que o espírito está destinado a adquirir no outro mundo são aquelas que se encontram depositadas no tesouro da sabedoria eterna e do amor. Estas brilham com um fulgor muito para além do dos diamantes e rubis. Dizemos-lhes que a mudança realizada pelo que os homens chamam morte é tão distinta e absoluta que não admite quaisquer termos de comparação, salvo a mais ténue aproximação a uma perpetuação de desejos e apetites físicos. O espírito livre satisfaz-se com as mais puras abstrações. Recordai, então, que toda esta conceção da Terra do Verão é um sonho vazio, ou a pretensa revelação de um falso profeta; tão absurda como o Paraíso de Maomé. Não desejeis que, em ligação com a vossa existência futura — para a qual não tendes uso — o espírito seja apenas espírito, e as suas vestes e ornamentos sejam as formas que exprime, as altas ideias pertencentes ao mundo da mente, não tendo relação com aquilo que vedes à vossa volta aqui. Nada semelhante ao mundo terreno existe na Terra.

O mundo espiritual só pode existir dentro do espírito, resplandecente com a sua própria luz, não necessitando de formas encarnadas, nem de verdura, nem de gemas, salvo as virtudes do coração e as ideias absolutas da vida imortal. Tal, então, é a Terra do Verão ou Paraíso. Dentro da alma há toda a luz e beleza; ela não conhece tristeza, nem morte, nem decadência; e nenhum véu de sombra se interpõe entre a sua visão e as glórias da Verdade absoluta. Numa terra de verão deve existir, em algum momento ou lugar, uma estação de inverno. Na alma não há nem verão nem inverno, mas as alegrias da vida eterna.

A Ti, ó Deus, cuja vida e beleza estão acima de toda a nossa existência, rendemos graças pelo Teu cuidado protetor, por esse divino poder de amor eterno que tudo envolve por todos os lados com as Tuas perfeições e nos torna filhos de um Pai celeste. Nós Te louvamos, não pelas bênçãos da nossa vida material quotidiana, nem pelo esplendor da beleza na criação visível em redor de nós, nem pelos prazeres do sentido e do tempo; mas louvamos-Te por essa consciência de raciocínio independente, vida e inteligência, que nos torna semelhantes a Ti e nos aproxima cada vez mais da Tua presença; por essa conceção dos Teus atributos que é a glória suprema da alma e pela qual ela é capaz de antecipar, mesmo aqui na Terra, a carreira infinita que a espera no mundo prometido além.”

A ADORAÇÃO DE FALSOS DEUSES

Chicago, 2 de fevereiro de 1908

"'Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, mente e força, e ao teu próximo como a ti mesmo.'

A última cláusula parece ser mais difícil de realizar do que a primeira. A razão é que as pessoas amam sempre o Senhor, O SEU Deus, seja ele qual for, que desejam ter. Mas raramente amam os seus próximos como a si mesmas.

O Deus que é Infinito não necessita desta adoração; é a natureza humana que dela necessita; e o Deus que é Infinito não se importa pessoalmente com isso. Ele não é um 'Deus ciumento' no sentido que os Hebreus supunham; e o Infinito sabe que os estados da adoração humana estarão de acordo com o desenvolvimento ou expressão humana.

A adoração não é uma fraqueza, não é uma falta, como dizem os iconoclastas, agnósticos e materialistas. Não nasce do medo, mas a adoração é a expressão do ideal mais elevado da natureza humana. E tudo aquilo que representa o mais alto ideal será objeto de adoração até que esse ideal seja substituído por outro. Portanto, quando, nos tempos antigos, se ordenava: 'Se Deus é Deus, adorai-O; se Baal, então adorai-o', era isso que significava. Pois sabeis que os Hebreus tinham muito ciúme das outras formas de culto, e a Babilónia representava a aprendizagem, a ciência e a idolatria do mundo. Baal não era um deus perverso; simplesmente não estava de acordo com as ideias judaicas e correspondia, talvez, ao Mamon de hoje. De qualquer modo, qualquer coisa oposta ao poder mundano era suposta pertencer a Baal. O que quer que constitua poder mundano é Mamon nos dias de hoje.

O Nome sob o qual o Infinito foi adorado, sob todas as formas de culto, é sinónimo de Infinito, o Todo-Poderoso, Omnipotente. Não há diferença na finalidade do nome, na finalidade da expressão, e tudo aquilo que simboliza o Infinito é, naturalmente, a perfeição da compreensão humana, a perfeição da iluminação humana. Só a perceção traz conhecimento. Portanto, qualquer discussão referente a Deus é matéria de perceção. Toda a tentativa de medir ou analisar Deus é inteiramente irrelevante para o assunto. É absolutamente impossível medir, com uma caneca de meio litro, aquilo que enche o universo, mas é isso que procuram fazer as pessoas que discutem sobre a divindade.

Temos frequentemente dito às pessoas que perguntam: 'Quem e o que é Deus?' — 'se não sabeis, não podemos dizer-vos; se sabeis, não precisamos de vo-lo dizer.' Porque este conhecimento não depende de qualquer condição, qualidade ou qualificação que o intelecto humano possa designar. Embora as palavras da vossa linguagem sejam abundantes e adequadas para expressar aquilo que se pretende dizer acerca da Divindade, todas essas palavras, depois de pronunciadas, têm de ser menos do que aquilo que pretendiam exprimir. Por exemplo, se disserdes 'Deus é infinito', não existe nada inferior ao Infinito que possa exprimir o que o Infinito é, e estais a tentar definir o absoluto através daquilo que é inferior. Se alguém tentar intelectualmente fazê-lo, dizemos que é um falso método. Dizer que Deus é

Omnisciente é tudo o que é necessário; a palavra Om, o prefixo, é o TODO — isto significa a totalidade, o infinito, o absoluto.

As pessoas são orientadas de acordo com as suas necessidades. Construís casas de blocos para a criança, não porque ela saiba o que é o cubo ou o quadrado dos blocos, nem porque conheça as letras e números nos lados dos blocos, mas ajudais a criança a construir pequenas casas e pequenas pirâmides enquanto aprende o alfabeto. Assim também com o alfabeto do conhecimento superior; enquanto construís as vossas casas de blocos de realizações físicas e mentais, vereis os números, notareis as indicações da linguagem infinita; vede-las? Contudo, apesar de tudo o que a ciência afirmou — que 'o universo é governado por lei' — nada existe senão inteligência que poderia ter moldado e descoberto essa lei.

O universo não poderia ter-se criado a si mesmo sem inteligência, e é o mesmo tipo de inteligência que vos foi revelado pelas pequenas linhas semelhantes a rendas de gelo no vidro da janela esta manhã, geometricamente perfeitas. Talvez ninguém as tenha pensado geometricamente verdadeiras, nem desenhado ali essas linhas geométricas. Talvez a Inteligência que conhece a geometria não lhe chame por esse nome. Existe um esplendor infinito que é mais do que geometria, que ainda não aprendestes a nomear, mas podeis chamar-lhe geometria. Não suponhais saber mais do que aquilo que torna esse desenho no vidro geometricamente correto. Assim, o raciocínio do agnóstico está fora de questão; o do materialista também está fora de questão."

"O adorador está sempre correto de acordo com a sua perceção da verdade. Não temos qualquer censura a fazer às pessoas que contam contas enquanto rezam; isso significa alguma coisa ao fazê-lo para vós se não significasse nada. Mas não há mais mal em dizer as vossas orações com as contas do que dizê-las imediatamente antes do pequeno-almoço, ou imediatamente antes do jantar, ou em horas determinadas. O momento de rezar é quando sentis vontade de rezar; é a atitude ou o estado de espírito em que vos encontrais.

'O que dizer então da adoração de "falsos deuses"?' O adorador sincero do santuário de Buda, mesmo que esteja simbolizado numa imagem de que não gostais, que não considerais bela, mas à qual ele chama Buda, sabe perfeitamente que aquilo não é Buda; sabe perfeitamente que 'Brama', o Deus eterno, não habita nessa imagem, mas que a imagem existe para a sua mente e compreende que ela é necessária para o seu culto. Será isso diferente da cruz, símbolo de Cristo pregado na cruz, adorada sob o nome de Cristianismo? São símbolos, e ninguém afirma que o corpo LITERAL de Cristo esteja preso àquele pequeno crucifixo pendurado na parede ou suspenso ao pescoço. Isso é apenas um símbolo.

Tudo o que passa por cerimonial em qualquer igreja ou catedral católica romana é simbólico, e os sacerdotes compreendem mais ou menos o significado interior, e o povo segue-o conforme a sua necessidade. Têm necessidade de adorar, necessidade de ser consolados, necessidade de que algo seja feito por eles, e isso chega-lhes sob a

forma de simbolismo; essa é a maneira como necessitam de adorar Deus. Depois há outras formas de culto, como as simbolizadas na fé calvinista.

Se alguém consegue encontrar conforto na fé calvinista, porque não o deixar tê-lo? Não é uma 'falsa crença' para aqueles que nela acreditam, pois ninguém acreditaria em algo tão monstruoso sabendo-o falso. No momento em que as pessoas aceitam qualquer forma de crença, é isso de que necessitam. Naturalmente, isso não altera nada; não faz Deus zangar-se, nem O afasta mais delas; essa é a pequena fenda de luz que possuem; não é sequer o buraco da fechadura através do qual olham, mas é alguma coisa.

Por vezes, quando olhais através dos estreitos espaços entre estes altos edifícios para um glorioso pôr-do-sol, podeis sentir anseios e desejos de sair algures onde possais ver o céu inteiro. Mas, afinal, esse pequeno vislumbre é melhor do que nada; não quereríeis que vos fosse retirado apenas porque não tendes o céu inteiro. Se um pequeno raio de luz entrasse por uma fenda na parede de uma masmorra onde estivésseis encerrados, seria melhor do que não haver luz alguma, mesmo que fosse uma luz refletida, ou menos do que uma sombra. Mas seja o que for, a forma de culto que alguém adota é, para essa pessoa, um verdadeiro culto se ela for sincera.

Ora, a nossa interpretação do significado disto é que, quando se dizia: 'Se Deus é Deus, adorai-O; se Baal, segui-o', queria dizer que não podeis servir dois senhores ao mesmo tempo. E é esta ficção de culto que passa no mundo por adoração, enquanto as pessoas não estão apenas a servir 'dois senhores' e a chamar-lhe o nome de Deus, quando na realidade é Mamon aquilo que adoram nessas circunstâncias; mas elas nem o sabem, nem o conhecem pelo nome de Mamon, antes pensam estar a seguir o verdadeiro culto e chamam-lhe adoração de Deus ao domingo, embora não lhe chamem nome algum durante os dias da semana; mas é o culto de Mamon. E quem não é verdadeiro ao tipo de culto que professa está, evidentemente, a tentar servir 'dois senhores', e isso é falso. A tradução moderna do texto deveria ser: 'Se Deus é Deus, segui-O; se MAMON, segui-o.'

Esse Deus do Egipto, este Deus da Índia, este Deus que NÃO TEM NOME, mas que é sinónimo de todas as línguas e entre todos os povos, nunca foi mal compreendido. As deidades tutelares e divindades menores do Egipto e da Índia não eram mais do que espíritos guardiões e anjos, e não era considerado irreverente perante o Altíssimo pedir à Divindade ou ao espírito guardião de um determinado tempo ou ocasião ajuda para alguém. Os espiritualistas, que parecem ter rejeitado toda a forma de culto, muitos deles, contudo, consultam os seus amigos espirituais; apesar disso, afirmam possuir anjos guardiães. Um grande número deles faz pretensões muito elevadas quanto à exaltação dos seus guias e anjos guardiães.

Será o Hindu, que vê nestes suaves 'devas' e vigilantes da noite uma representação do amor infinito, do poder que preside à Terra, mais idólatra do que vós? Ele não supõe, nem por um momento, que esses devas ou espíritos guardiães ocupem o lugar do Infinito.

Algumas das igrejas evangélicas ortodoxas têm muito ciúme do seu deus e, naturalmente, não desejam consultar espíritos guardiães, pois isso constituiria uma intervenção entre elas e Deus, embora, na realidade, não seja mais uma intervenção do que entre Deus e a pessoa que consulta o pai ou a mãe terrenos. Mas os Puritanos não gostavam que as pessoas pensassem demasiado nos seus pais e mães ou nos seus filhos. Sabeis que o verdadeiro e genuíno velho Puritano nunca elogiava os membros da sua família."

"Há um homem vivo no Connecticut, acerca do qual o vosso pastor sabe. A sua filha tomou conta dos assuntos domésticos quando a mãe faleceu. Fazia um pão excelente, de que o pai gostava muito, mas nunca houve da parte dele uma palavra de aprovação ou apreço. Passado algum tempo tiveram uma criada. Esta criada não conseguia fazer pão muito bom, por isso a filha mostrou-lhe como fazê-lo, embora ela não tivesse muito êxito. Então, um dia, a própria filha fez o pão. Depois de comer um pouco dele, o pai voltou-se para a criada e disse: 'O teu pão está excelente hoje; agora já conseguiste fazê-lo bem.' A filha sentiu um estremecimento de alegria; fazia aquele pão havia anos, e aquela foi a primeira vez que o pai alguma vez o elogiou, pensando que tinha sido feito por alguém de fora da sua própria família, para que o Senhor não o acusasse de pensar mais nos 'seus' do que no Senhor.

Assim, o velho espírito Puritano não acreditava em permitir que o amor pela família se interpusesse entre o homem e a sua fidelidade a Deus. Deve haver alguma consideração e DEVER para com a vossa família, mas deveis amar Deus. Assim surgiu nas suas mentes a ideia de que nenhuns espíritos ministrantes ou anjos guardiães deveriam colocar-se no caminho da sua devoção exclusiva àquela ideia estreita do seu Deus; aquela pequena faixa que não era maior do que a menor das fendas através das quais viam o Infinito.

Ora, isto é tudo o que existe nos diferentes estágios da adoração humana; não há formas materiais impostas. Deus não espera que as pessoas se ajoelhem ou prostrem diante d'Ele enquanto Infinito, mas quando pensam e acreditam que existe apenas uma atitude de oração, essa torna-se a sua expressão de devoção. Há muitas pessoas que não pensam conseguir rezar a menos que estejam de joelhos; consideram essa a atitude de oração. Outras julgam expressar mais devoção inclinando o rosto para a terra, ou olhando para o sol nascente ou poente. Mas tudo aquilo que desperta dentro do espírito humano a atitude de gratidão e louvor é o meio da verdadeira adoração.

A Igreja Católica Romana é, em muitos aspetos, a igreja mais ORGANIZADA do mundo, e as pessoas que têm receio da organização poderiam tomar o seu exemplo quanto a métodos de organização, porque organização não é necessariamente escravidão. A igreja romana inclui as coisas que sabe serem necessárias para a adoração humana. Entre essas coisas em que acertou plenamente está o facto de não ter eliminado os anjos guardiães, nem ter afastado a possibilidade do ministério dos espíritos. Naturalmente, isso deve ser feito SOB A SANÇÃO da igreja. Conhecendo a tendência dos seres humanos para procurar a luz e a ajuda que lhes estão mais próximas, e sabendo que toda a influência útil reconhecida como auxílio e força para

essas pessoas acabaria, mais cedo ou mais tarde, por ser procurada por elas, a igreja não eliminou os dons do espírito, mas viu que eles precisavam de ser regulados.

Portanto, isso faz parte da história da Igreja Católica que as igrejas Protestantes não aceitaram e que, até ao presente, quando um bispo da Igreja Episcopal Reformada reconheceu tardiamente o dom da cura, não foi incluído na igreja Protestante. Esses dons foram eliminados.

Todas estas coisas devem ser auxílios, e tanto poderíeis dizer que a mãe não deve estender a sua mão ajudadora ao seu pequeno filho que está apenas a começar a andar — auxílio esse tão legítimo — como dizer que os anjos e espíritos ministrantes não devem ajudar os mortais se o puderem fazer. E é isso que procurais: ajudar-vos uns aos outros e obter a vossa própria experiência nesse ínterim. Portanto, como dissemos antes, qualquer pequena forma de oração pedindo ajuda, venha ela de qualquer fonte, não é blasfémia. Não é irreverente rezardes à vossa mãe por algum pão quando ela o está a fazer.

Através da sua instrumentalidade, proveniente da grande fonte de resposta à oração, ela é quem faz o pão; portanto, ides ter com ela para obter um pedaço de pão. Do mesmo modo, não precisais de ir diretamente a Deus por pão. Quando um pobre homem negro rezava por batatas, alguém que o ouviu, enquanto ele rezava tão alto na sua pequena cabana, disse aos vizinhos que julgavam que ele respondesse à sua oração e, ao mesmo tempo, pregasse uma boa partida ao homem simples; assim, despejaram um saco de batatas pela sua chaminé abaixo, pelas quais o pobre homem agradeceu ao Senhor. Mas os vizinhos não sabiam que tinham sido transformados nos instrumentos de resposta à sua oração. Muitas vezes, pessoas que brincam, pessoas que ridicularizam essas coisas, tornam-se os meios de realizar exatamente aquilo de que se estão a rir.

Tudo o que é bom é verdadeiro. Naturalmente, Constantino foi transformado no instrumento para levar a cabo um grande número dos propósitos do Infinito. A verdade é que a adoração segundo as necessidades do pobre, como dissemos antes, é a expressão do estado ideal mais elevado do indivíduo naquele momento, e as necessidades pessoais ocupam frequentemente a maior parte da atenção humana. É por isso que as pessoas rezam por essas coisas. Se rezarem na direção certa, haverá resposta. Mas essas coisas só surgem em resposta a determinados estados.

Quando quereis abrir os caminhos da bênção ESPIRITUAL, naturalmente isso é diferente; portanto, deveis abrir esses caminhos através da procura espiritual. As pessoas parecem ter invertido o processo; pedem por meios espirituais coisas materiais, e pedem por métodos materiais coisas espirituais. Esse é o processo invertido, e esses são os ‘falsos deuses’.”

“Quando a Sociedade de Investigação Psíquica afirma que em breve demonstrará CIENTIFICAMENTE a imortalidade da alma, isso é o processo invertido. Nunca o fará. Quando as pessoas procuram o altar do espírito para descobrir preços futuros do trigo na ‘Bolsa’, estão a inverter os métodos. Estão a adorar falsos deuses. Estão a usar

os instrumentos dados pelo céu para o bem espiritual ao serviço DA OUTRA PESSOA, ou antes, da sua majestade satânica nesse caso, sendo o eu — que é toda a majestade satânica que existe. Portanto, esse tipo de culto não produz resultados satisfatórios.

Durante algum tempo pode produzir, porque aqueles que ministram dessa maneira em espírito pensam sempre que vos conduzirão mais tarde a algo mais elevado, e que acabareis por adorar não Mamon, mas Deus. Quando isso não acontece, as profecias relativas a coisas materiais falham, como inevitavelmente têm de falhar. Quando não vos afastais da procura meramente de coisas materiais, então a sua ajuda deixa de ser fiável. Esse é o método, essa é a regra invariável após certo período de tempo, porque não procurais no espírito ou na direção correta as coisas espirituais.

Depois, quando obtendes o vosso conhecimento e a vossa luz através de uma fonte e reivindicais outra, quando navegais sob 'falsa bandeira', quando usais um falso rótulo, quando não sois fiéis ao nome ou à coisa que vos deu a vossa luz, então estais a adorar um falso deus.

Muitas pessoas criticaram, e têm razão em criticar essas coisas, as palavras que Jesus terá pronunciado quando pediu aos seus discípulos para fazerem certas coisas 'por amor do seu NOME', 'fazei-o por mim, fazei-o em meu nome'. Ora, isso produziu a cobardia daqueles discípulos que tiveram medo no dia da crucificação e no dia seguinte. Apenas as mulheres tiveram coragem suficiente para ir ao sepulcro. Os homens escondiam-se, aqueles que NEGARAM O SEU SENHOR. Oh, não! Eles não sabiam nada acerca dele; nunca o tinham ouvido. Quem é ele? Isso é a adoração de falsos deuses.

Qualquer que seja a luz que vos tenha dado conforto e força, essa é a VOSSA luz, e 'assim brilhe a vossa luz diante dos homens para que glorifiqueis o vosso Pai que está nos céus.' O que não significa os vossos pequenos esmolares e longas rezas, mas sim a luz que vos deu conforto e força para suportar os vossos desapontamentos. Todos aqueles reformadores que foram perseguidos por causa das suas opiniões, através das várias fases da Reforma; os Quacres e os Shakers que sofreram perseguições; e outros reformadores que tiveram o seu tempo de sofrimento, e assim por diante em cada novo passo; aqueles que permaneceram leais, aqueles que foram fiéis, aqueles que não se revelaram traidores à sua luz, que não negaram o seu Senhor, foram os que adoraram Deus com toda a sua força e poder."

"Não importa que mudeis a vossa CRENÇA; não sois obrigados a adorar o Deus de ontem nos vossos ideais. Mas aquilo a que deveis ser fiéis é àquilo que vos dá a vossa luz. Muitos espiritualistas esconderam-se atrás das igrejas liberais; entraram para a igreja Unitária. Sabeis que não é preciso acreditar em grande coisa para lá entrar. Antigamente, a igreja Universalista era recetáculo para muitas pessoas que aceitavam a ideia do Espiritualismo. Desde então, muitas delas derivaram para essas igrejas que não têm nome específico, mas que se intitulam 'Igrejas Independentes'. As igrejas independentes têm vindo a alargar as suas ideias; embora baseadas em grande parte no intelecto, incluem certas formas de pensamento religioso liberal. Mas não há nenhuma

delas que ouse dizer Espiritualismo. Chamam-lhe ‘Investigação Psíquica’ quando querem falar destes assuntos.

Ora, o modo de servir a humanidade é ser verdadeiro para com a humanidade. Se a vossa luz vem da Igreja da Alma, dizei-o. Se é qualquer outra coisa que ilumina o vosso caminho e o torna mais luminoso, chamai-lhe pelo seu verdadeiro nome. ‘Fazei isto por amor do meu nome’; então o Cristianismo estava sob uma nuvem; estava a ser perseguido. Os Judeus opunham-se a este novo ensinamento; não compreendiam o significado de um Deus amoroso. Os Romanos, que dominavam o império sobre Jerusalém, estavam receosos porque chamavam àquele homem ‘rei dos Judeus’ e pensavam que se estava a formar algum tipo de complicação política. Por isso ele disse: sede fiéis à vossa convicção. Não vos envergonheis do vosso Senhor, mesmo que percais o vosso corpo físico. O que é isso comparado com a Verdade?

Ora, a religião do amor que faz bem aos outros; esta luz que vos chega é uma tal iluminação e é muito melhor do que qualquer outra. Mas vede aquilo que os cobardes procuram afinal; assim que um médium é perseguido, fogem; assim que é feita uma lei contra qualquer coisa em que acreditais, será que vos mobilizais verdadeiramente na proteção da vossa crença e daqueles que sofrem por ela? Era isso que ele queria dizer. Vós seguis ‘falsos deuses’. Muitas vezes sois governados pelos preconceitos das pessoas; tendes medo do nome daquilo que adorais. Não é considerado respeitável. Então, TORNAI-O RESPEITÁVEL; sois parte da comunidade e, naturalmente, sois respeitáveis relativamente àquilo em que acreditais. As crianças têm medo disso porque os pais não o respeitam suficientemente. Tudo isto significa que qualquer luz que seja a vossa mais elevada convicção, essa é a vossa luz para defender hoje, essa é a vossa orientação, essa é a vossa força.

‘Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, mente e força.’

Ora, este Deus infinito, este Amor infinito, não se importa com o nome pelo qual a verdade é chamada, seja Budismo, Bramanismo, Parsiísmo, Cristianismo; quer vos venha dos Judeus ou dos Cristãos, essa é a vossa luz. A luz da vossa alma que se mantém em relação com o Infinito. Não sois chamados a prestar contas a este concílio, a esta conferência Episcopal, Metodista ou outra qualquer; não sois chamados a prestar contas a nenhum Conselho Ecuménico. Aquilo a que sois chamados é a ser fiéis à vossa luz. É essa fidelidade e sinceridade que indicam onde vos posicionais.

Essas massas que são movidas e agitadas por credos e dogmas são, apesar de tudo, governadas em grande medida por essa espécie de fidelidade, e aceitais aqueles que vão para a igreja onde vão. É a forma de culto deles, quaisquer que sejam os elementos sobre os quais ela esteja construída, mesmo que seja medo. Dizeis que eles vão por medo. Que dizer então quando o rei do reino ou o erudito se junta à igreja romana depois de ter pertencido à Igreja de Inglaterra; essa é a sua luz, mesmo que para vós seja uma falsa luz.

É o motivo, é aquilo que fazem entre si próprios e o Deus infinito. Essa fraqueza — e evidentemente é uma fraqueza — e vós seguis deuses vãos e ídolos quando

permitis que opiniões se interponham entre vós e a questão de saber se servis Deus ou Mamon. Se ides servir Mamon, servi Mamon com toda a vossa força e poder. Respeitamos o homem que não possui outro conhecimento e não afirma adorar Deus quando está a adorar Mamon. Esses 'publicanos' e esses 'pecadores' estavam mais próximos do reino dos céus do que os 'escribas, fariseus e hipócritas'.

O que queria ele dizer com isso? Isto: ir ao templo e ali proclamar que adoravam o Senhor com todo o coração, força e poder, e amavam o próximo como a si mesmos, e depois descer aos mercados do comércio para vender, comprar e negociar coisas, não pelo seu valor real, mas pelo que podem render no mercado. Se estais envolvidos no mundo de Mamon e acreditais que esse é o caminho correto a seguir, isso é uma coisa. Mas se vós fazeis isso durante toda a semana e depois ides à igreja cristã dizer: 'Estou a seguir o Senhor Deus com todo o meu coração, e o humilde Jesus, e acredito no Sermão da Montanha e na Regra de Ouro.' ISSO É FALSO. Estais a seguir falsos deuses. Sabeis que adorais Mamon; então como podeis adorar Deus? É aí que sois postos à prova. É aí que o grande projetor da verdade espiritual é lançado sobre vós. O todo do Cristianismo está hoje sob essa luz intensa. Sabeis isso? Sabeis o que ela revela?

Aqui vos encontrais diante deste elevado exemplo que inspira coragem, fortaleza, paciência divina e bondade amorosa. Diante daquilo que Mamon crucifica e destrói. Olhai para as nações em guerra umas com as outras; nações enviando navios ao mar para intimidar outras nações; nações que constroem navios de guerra, estabelecem exércitos e armadas e se chamam a si mesmas seguidoras de Cristo. Esses são os falsos adoradores da Cristandade. Esses são os que não colocaram a sua luz sobre a colina para que outros a pudessem ver; e são esses que os séculos e gerações estão a chamar a prestar contas.

O dia do ajuste de contas chega; o processo de peneiração aparece; grandes ciclos trazem o julgamento, e o julgamento não é simplesmente o último dia da Terra inteira, mas o último dia da nossa terrenalidade, da vossa mundanidade, da vossa adoração de Mamon. Por vezes chega no tribunal da falência, por vezes chega na penitenciária por assaltar um banco, por vezes chega num grande colapso financeiro. Estes tempos tornar-se-ão cada vez mais frequentes.

É entre estas formas de culto de 'falsos deuses' que a crise está a surgir; precipitam-se umas sobre as outras agora; estão a ser postas à prova, e a prova está a destruir a sua mundanidade. O dia do julgamento está aqui. É aqui em tal dia e hora como qualquer outro em que as pessoas se confrontam com as suas falsidades. É aqui, em tempos assim, que as pessoas se confrontam com a sua duplicidade. É aqui que são confrontadas por não amarem Deus como professam. Precisais não de O amar mais do que podeis, mais do que fazeis. Mas nunca, desde que o mundo começou, existiu profeta, vidente, sábio ou poeta que tivesse uma palavra de encorajamento para o hipócrita; para aquele que professa adorar um exemplo manso, gentil e humilde, e depois trava guerra contra os seus semelhantes de qualquer forma. E desses templos de Mamon, desses armazéns onde o grão é acumulado para preços mais altos, as pessoas saem enquanto um exército de desempregados clama por pão. Que negócio tem uma

civilização cristã com um exército de desempregados dispostos a trabalhar? Como resolveu ela estes problemas? Como fez avançar a luz das suas verdades?

Cada relato que vos chega das lutas entre os adoradores de Mamon prova a verdade do que dizemos.

Agora este dia e hora estão aqui, e eis que as vozes vos chamam, e este mandamento reaparece: 'Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, mente e força, E O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO.'

'E todo aquele que disser que ama Deus e, ao mesmo tempo, odeia o seu próximo, é adorador de um falso Deus.'"

O VALOR DA FENOMENOLOGIA

NO UNIVERSO E NO ESPIRITUALISMO

Everett Hall, Brooklyn NY, noite de domingo 17 de agosto 1879

DISCURSO

"As palavras do nosso amigo e irmão [referindo-se às observações do Dr. Samuel Watson, publicadas num número anterior], que nos precedeu, sugeriram como tema: 'Tomaremos como geral, bem como especial: O VALOR DOS FENÓMENOS NO UNIVERSO E NO ESPIRITUALISMO.'

A nossa atitude perante este assunto não pode ser mal compreendida, pois, sendo a mais elevada expressão da vida humana espiritual, valorizamos as leis espirituais como as leis da própria estrutura do universo. A maioria dos seres humanos habita numa existência fenomenal. A soma total da vida humana, na sua maior parte, é composta por uma repetição de fases fenomenais que não têm maior relação com a verdadeira existência ou ser real do que a débil vida terrena tem com a imortalidade no seu todo. Em estágios de existência, contudo, onde o espírito é posto em contacto com matéria exterior, como sucede na vida humana, aprendemos que nenhum ser humano pode existir do exterior para o espiritual, nem o exterior espiritualizado pode dominar o corpo pelo espírito, até que exista tal experiência e conquista das circunstâncias e ambientes materiais que formem a base para a inteira conquista espiritual.

As crianças são ensinadas com alfabetos impressos a cores; com blocos de madeira que simultaneamente instruem e atraem; com pequenos brinquedos nos quais podem estar inscritas palavras de valor que a criança aprende através de repetidas impressões sobre o nervo ótico e o cérebro sensível. A infância é o estado sensitivo do ser, o fenomenal desdobrando-se gradualmente até à extensão da criança; e contudo, muitas vezes, as crianças rompem as barreiras das meras exterioridades e manifestam pensamento superior, sabedoria e inteligência, nascidas de alguma outra região e

valorizadas como aparentes exceções; mas não são exceções no verdadeiro sentido do termo.

Todo o universo da matéria é visto pela humanidade através das revelações da existência exterior. Estais naquela parte das revelações onde todas as formas e objetos são de tal importância para os vossos olhos que, como a visão da mosca comum, ampliais os átomos; a existência física torna-se ampliada pelas vossas próprias condições e necessidades, e valorizais as manifestações da Natureza e os ambientes da vida exterior na exata proporção em que sois afetados por eles.

A ciência é, naturalmente, o método de investigar e estudar a existência fenomenal na Natureza. Pode reivindicar um domínio mais vasto e deduzir dos factos princípios; mas dificilmente permanece permanente na sua posição, a menos que se suponha estar secretamente fundada sobre a manifestação da existência fenomenal na Natureza.

A religião, por outro lado, está revestida de suprema imaterialidade desde o princípio; é em si mesma uma declaração, uma impulsão para a matéria; algo projetado de um reino invisível e não visto, trazendo o seu próprio testemunho, a sua própria evidência, a sua própria declaração, a sua própria manifestação. Se dá fenómenos, estes são secundários relativamente à sua existência. Se se manifesta em sinais, símbolos, prodígios e operações do espírito, essas coisas são apenas incidentais à sua carreira mais elevada e ao seu objetivo mais nobre. Não nega, contudo, a expressão sob qualquer forma ou adaptação à compreensão humana, mas apela sobretudo àquilo que é mais elevado e sublime na humanidade.

A ciência recusa reconhecer esta posição da religião; recusa aceitar o ideal superior de onde ela deve ter vindo; recusa considerar a região do pensamento como uma prova da região da alma, enquanto existência absoluta, e consequentemente rejeita, na sua própria pessoa, tudo o que se relacione com a natureza invisível, impalpável e intangível do homem, como pertencente à suposição, teoria, superstição ou outra era de ignorância e credulidade.

Entre estas duas forças em conflito, o Espiritualismo ocupou o lugar de ambas as formas do pensamento humano; foi exposto aos ataques da ciência, por um lado, por presumir revelar-se a partir de fontes espirituais; foi exposto aos ataques da religião, por outro lado, por ser um facto e, sendo um facto, deveria pertencer às regiões infernais. Nestas circunstâncias, o Espiritualismo prosseguiu o seu próprio curso; entrou no mundo despercebido; expressou-se de uma maneira adaptada às condições ou circunstâncias das mentes com que entrou em contacto, mas permanecendo sempre independente delas no que respeita aos seus métodos e objetivos."

"Nenhuma forma de mediunidade foi descoberta pelo homem que não tenha sido desdobrada a partir do mundo espiritual e desenvolvida de acordo com as necessidades, circunstâncias e organização que rodeiam o médium e a humanidade. A consequência é que um apelo foi feito pelas fases espirituais às fases humanas da existência — àquela fase fenomenal do homem pertencente à porção que só pode

descobrir através dos sentidos e da manifestação de força ou inteligência. Esta é a resposta suprema à ciência. Suprema nesta direção, as expressões de força, manifestações de poder, indícios de inteligência, formas e aparências, todos os métodos de comunicação geralmente conhecidos da ciência foram interrompidos, postos de lado; as chamadas leis naturais foram contrariadas, e toda a manifestação produzida através do que é conhecido como fenomenal no Espiritualismo constituiu uma desconcertante proposição para os corpos científicos.

Neste aspeto, o mundo espiritual seguiu as indicações da lei e do controlo espiritual e da ciência; adotou o método que foi descoberto pelos homens e não pelos seres humanos; manifestou-se de acordo com as necessidades, exigências e requisitos da hora; desenvolveu médiuns para esse propósito; expressou aquelas formas de manifestação que seriam sugestivas para a mente científica, bem como convincentes para os sentidos.

O objetivo da manifestação espiritual num sentido físico não tem sido meramente uma demonstração ou manifestação. Não tem sido fazer algo com o propósito de suscitar admiração, aplauso ou aprovação maravilhosa dos homens. Tem sido, primeiro, com o propósito de expressar ao homem a existência inteligente de espíritos para além da matéria, pelo seu contacto com a matéria e capacidade de manifestar inteligência através de objetos ininteligentes. Segundo, chamar a atenção do mundo da ciência para a existência de outras forças, desconhecidas e não sonhadas no mundo científico, e assim empregar essas forças que a ciência não poderia negar — a existência dessas forças, nem a causa que as produz; levando o mundo científico, em pura autodefesa, a proclamar a existência destas forças, a fim de explicar fenómenos que sabem existir e para os quais não há resposta em nenhuma ciência ou processo aceite.

Mas se os espiritualistas tivessem parado aqui; se o mundo da ciência aceitasse as manifestações do Espiritualismo apenas como fenómenos; se não houvesse outra mensagem, palavra ou outro resultado, então o objetivo não estaria cumprido. Isto é impossível por duas razões: os seres humanos não se satisfazem com uma manifestação sem descobrir a sua origem, e sendo a origem da ‘manifestação’, neste caso, espiritual, não se satisfarão meramente com a manifestação. O telégrafo, enquanto fenómeno, é maravilhoso e, por si só, digno de milhares de mentes.

Mas é sobretudo valioso para o mundo pelas suas capacidades de transmitir mensagens; e o mundo está muito menos interessado na manifestação elétrica coincidente com o envio de uma mensagem telegráfica do que no facto de a mensagem poder ser cuidadosa e corretamente transmitida. Para o eletricista, contudo, todo o assunto é acompanhado de profundo estudo, e com outras descobertas semelhantes conduzirá finalmente aos resultados mais conspícuos e importantes. O mesmo pode dizer-se de todas as outras invenções humanas.

Isto também pode dizer-se dos métodos de comunhão no mundo espiritual. Cada novo método é uma maravilha para o seu tempo, tal como o fonógrafo, o telefone, ou qualquer outra novidade ou invenção da ciência. Não é estranho que os espiritualistas,

como todas as outras classes de pessoas, devam ter os seus passatempos favoritos, os seus métodos preferidos e as suas manifestações peculiares, frequentemente carregadas de mais significado do que outras formas; mas os espiritualistas sentam-se à mesa, ou em transe, ou recebem flores espirituais, ou recebem mensagens transmitidas à distância, ou apertam a mão de um espírito materializado, ou aguardam por outras manifestações apenas por causa da manifestação.

Afirmamos que este pensamento pode ser reformulado por todos os espiritualistas de qualquer espécie de inteligência, pois todos estão na busca de uma mensagem; preferem que essa mensagem chegue da sua forma favorita, mas se tiverem visto ou conversado com os seus amigos espirituais através de qualquer uma das variadas formas de manifestação, preferem que pai, mãe, irmão, irmã, filho ou amigo lhes transmitam a mensagem através de qualquer outra forma de manifestação; e não é tanto o amor pelo maravilhoso ou pelo miraculoso, mas o facto de a mensagem poder ser repetida vezes sem conta até que possam ser tranquilizados de que, enquanto a teologia e a ciência lhes deram tão pouca garantia do passado, uma existência espiritual é assegurada.

A consequência é que, à superfície do Espiritualismo, e através de todo o comprimento e largura da terra, parecem existir correntes em busca de maravilhas. Mas a verdade é que toda a manifestação bem comprovada é uma mensagem do mundo espiritual, e qualquer forma, aparência, facto, ideia, sugestão — desde que seja fecunda em elevação espiritual e ampliação do conhecimento; uma vez que cada viajante numa região desconhecida pode ver algo que outros ainda não viram, assim também cada espírito que regressa do mundo espiritual transmite alguma nova ideia, facto, sugestão ou manifestação que antes não era conhecida, talvez sequer sonhada.

Desejamos, portanto, indicar que, embora o fenomenal seja a parte mais baixa do Espiritualismo; embora seja o revestimento exterior do tesouro, a cobertura exterior do caixão; e embora tenha para o Espiritualismo a mesma relação que o revestimento exterior tem para o corpo do homem, ainda assim constitui um testemunho valioso; ainda forma a base externa para aquele tipo de testemunho que a ciência ouvirá, e a ciência nunca é encontrada de outro modo senão através destes meios."

"Quanto ao valor dos fenómenos na natureza, não precisamos de recorrer a toda a história do mundo científico para provar que cada facto ou princípio em ciência foi uma inspiração; o mundo, e até mesmo o mundo científico, nunca aceitou essas inspirações dos profetas da ciência até que a demonstração fosse possível. Galileu, representando o conhecimento pleno e distinto do movimento da Terra, e ainda assim, talvez, inclinando-se perante a evidência de que esse conhecimento não estava ao alcance da sua compreensão mental, é uma ilustração da aparência da verdade sem o fenómeno ou instrumentalidade da observação com que a testar. É inferior a outras ordens de mente.

Devemos ter em mente que toda a lição da vida chega à humanidade através destes dois canais aparentemente contrários; que agora é moda neste mundo acreditar que nada é alcançado através dos sentidos; e embora esta moda deva ser

profundamente lamentada, se for permanente, estamos perfeitamente conscientes de que aqueles que insistem nisso são os últimos a ser iluminados por ela. Os Tyndalls, os Huxleys, os Carpenters, os Spencers — aqueles que vivem num mundo de factos materiais e fenómenos — são os últimos a ser acorrentados a esses factos ou presos a esses fenómenos. Darwin explica os seus elos ausentes pela imaginação, não pelo conhecimento.

Huxley deriva as suas proposições e princípios de uma região da mente muito para além daquilo que os factos materiais justificam, e de um facto presume afirmar teorias que só podem ser respondidas pela análise do raciocínio crítico. O Sr. Tyndall depende de uma esfera maior de inspiração do que as meras fórmulas externas da ciência poderiam justificar, e Herbert Spencer afirma não as fórmulas nem os resultados da observação, mas retira da filosofia e da ciência, de sistemas de inspiração e de escolas teóricas, os materiais para sustentar o seu sistema; e então declara que a região de onde os derivou é 'desconhecível' e inacessível ao pensamento humano.

Todo o sistema do mundo do pensamento que recorre à evidência exterior como prova essencial da imortalidade é um sistema errado. Nenhuma evidência de vida imortal pode ser apresentada à observação dos sentidos do homem. Seja qual for a evidência que chegue ao homem através dos sentidos, é valiosa como prova auxiliar, um testemunho do lado de algo para além; mas se não fôssemos recetivos à evidência espiritual; se o homem não tivesse espírito com o qual compreender a evidência, ela cairia tão sem significado como a luz do sol cai sobre os olhos cegos, ou como as cores caem sem significado sobre a visão do daltónico, para sua análise.

Para o artista, todas as visões são belas; para o músico, todos os sons são vocais; mas para o surdo e o cego essas visões e sons não têm expressão. Assim, se o homem fosse incapaz de compreensão espiritual, todos os espíritos do seu mundo poderiam vir com manifestações, sinais, símbolos, prodígios, e nenhuma mente humana poderia conhecer ou ouvir.

O espírito dentro responde àquilo que dá evidência de algo para além dos sentidos, e valorizais a manifestação do mundo espiritual, não por causa da manifestação, mas por causa do que ela implica. Não vos importa o mover das mesas em si mesmo, nem os pancadismos, nem a música de um instrumento apenas, nem a evidência escrita simplesmente enquanto evidência escrita. Estais interessados pelo pensamento que ela sugere; pela linha que implica; pelas forças; pela sugestão que ela envolve; pelo reino da existência espiritual que está para além desta forma e do qual isso é o mais débil testemunho.

Como valorizais a carta escrita do vosso amigo falecido, encontrada amarrotada ou enrolada numa gaveta ou escondida num compartimento secreto. Não possui linhas de graça, mas foi tocada por uma mão querida e amorosa. O valor dos sinais espirituais reside no facto de provirem de espíritos desencarnados.

Se viessem de qualquer outro lugar, do mundo dos espíritos elementais, dos espíritos das trevas ou de impostores no mundo espiritual, seriam de nenhum outro

valor senão o de truques de prestidigitação ou das manifestações de um prestidigitador. Se negais que as mensagens dos espíritos desencarnados sejam reais, nesse instante estais obrigados a acreditar nelas, por falta de evidência em contrário, então valorizais absolutamente as mesas e vos escravizais a elas. Cada mensagem, a mais frágil 'sim' de um ente amado que partiu e foi recebido pelo vosso espírito, tem mais valor do que todas as eloquentes palavras dos oradores e estadistas com que estais habituados a simpatizar.

A próxima forma de pensamento sugerida por isto é que o fenomenal e o espiritual estiveram sempre unidos neste movimento espiritual. Nunca houve tempo em que o corpo existisse sem a alma; nunca houve tempo em que a alma existisse sem o seu próprio corpo cintilante de vida intelectual e pensamento, deixando o espírito despido por um instante sequer. Desde os primeiros pancadismos em Hydesville existiram mentes contemporâneas preparadas para a ocasião: os vossos Fishboughs, Mapeses, Edmondses, Brittan e dezenas de pensadores e investigadores inspirados, que se apoderaram da filosofia e do espírito do Espiritualismo para testemunhar os factos. Durante os últimos trinta anos, coexistindo paralelamente com todas as formas de manifestação física, houve ensinamentos inspirados, declarações intelectuais, devotos religiosos no santuário do espiritualismo, que afirmaram que o corpo não existe sem uma alma, e que a prova não é nada sem a resposta que implica.

Desde então até ao presente, embora novas manifestações se tenham multiplicado e, embora muitas pessoas, talvez, se tenham deixado desviar pela busca de manifestações exteriores, enquanto outras procuram excitação em toda e qualquer coisa, não devemos confundir essa tendência com a humanidade em geral. Mesmo neste momento, há pessoas que percorrem cidades e países à procura de qualquer novidade. O espiritualismo não escapa a isto; há buscadores de emoções em todas as direções. Perguntai ao jovem que percorre as ruas e os brilhantes passeios, numa dança ou festa, em busca de prazer por mar e terra, se nesta hora não está a tentar libertar-se da monotonia da existência, daquilo valorizam à noite, ou de manhã, é a sua contínua busca de espetáculos, busca de prazeres e busca de maravilhas.

Considerando de que material a humanidade é feita, é notável que, dentro das fileiras dos espiritualistas, existam tão poucos buscadores de maravilhas. Considerando que a humanidade, na sua maior parte, vive uma vida superficial, adorando num santuário superficial, acreditando na ciência com base no testemunho de outros, e na religião também com base no mesmo testemunho, é notável haver tão poucos pensamentos profundos e de alma elevada nas fileiras do Espiritualismo.

Não dizemos isto como censura. A razão é que o Espiritualismo é impopular. Que assim continue por muito tempo, se isso significar que, em vez de multidões, em templo ou igreja, aqueles que vêm para adorar venham por um objetivo mais elevado do que o mero aplauso de uma hora. Mesmo o culto público em toda a extensão da vossa terra se transformou em ornamentação e entretenimento. Até a música é envenenada pelos cânones da sensação.

Já não é Mozart; já não é Beethoven; já não é o elevado intérprete de hinos e mestres, mas aquilo que cativa e agrada ao ouvido, enquanto os outros sentidos também são indulgenciados. O estilo de pensamento de hoje é aquele que se orienta para o sensacional; e felizes são aqueles que, percebendo esta tendência, estão conscientes de um motivo sublime na vida, uma lição mais valiosa!

Considerando que a ciência insiste em que toda a forma de existência será fenomenal, e que a religião se desviou para as formas fenomenais das primeiras lições exteriores do Cristianismo e do culto interior do próprio Cristo; considerando que a moda, a sociedade, a literatura e a arte apelam mais às sensações passageiras e fugazes do homem do que ao elevado sentimento e à profunda convicção da verdade, é verdadeiramente notável que haja tempo para um pensamento tão profundo sobre este assunto como existe no mundo de hoje.

E a razão é que ele não teve origem simplesmente com a manifestação exterior, mas nasceu de um propósito interior, de uma construção ampla, administradora e duradoura das leis espirituais; de uma força que já não pode ser restringida — que está agora na hora designada do cumprimento de uma oração espiritual, que dentro e fora do homem, sobre a Terra e na vida espiritual, percebe a necessidade destes requisitos interiores e absolutos da humanidade.

Numa era de Materialismo, o Espiritualismo manifestou o seu poder. Como Sócrates, numa era de desmoralização e esplendor intelectual, derramou a sua maravilhosa filosofia sobre o mundo, nascida das necessidades e crescendo a partir das tendências absolutas do tempo, assim este conquistador do materialista, este adversário do fanatismo e da teologia, derramou a sua luz inundante sobre o mundo, iluminando simultaneamente o santuário do sacerdote e o estudo do erudito e do investigador; iluminando igualmente o altar e o santuário, bem como o cadinho e o mais severo teste da investigação científica.

Certamente, para além do facto último da imortalidade, nada há de maior do que aquilo que deve ser dedicado e plenamente expresso na vida humana. O objeto da existência é esta expressão perfeita. A árvore é valorizada pela sua perfeição enquanto árvore; o lírio pela sua fragrância, beleza e perfeição de forma. A humanidade será valorizada, no tempo vindouro, pela perfeita expressão da alma interior. Não depreciemos qualquer evidência da expressão dessa alma. Não diminuamos as vantagens de qualquer forma de pensamento que possa chegar ao homem. Não podeis avançar a menos que o mundo inteiro avance. Existe o lugar especial reservado para a ignorância no calendário do Espiritualismo. Deve haver crescimento espiritual contínuo e gradual, e cada espírito humano deve sentir algo da beleza da glória daquelas regiões de luz para as quais os espíritos dos entes queridos partiram.

Consequentemente, o Espiritualismo estende-se a todas as formas da vida humana; apela a toda a variedade da consciência humana; revela-se em todas as necessidades de cada ser humano. Se não precisásseis dele, e não fôsseis capazes de o receber, aquele que está acima do alfabeto, certamente, não o teria dado. Não há forma de pensamento, nenhuma expressão de qualquer forma de pensamento, que não

implique a existência dele. É apenas aqueles que ainda se detêm nisso, talvez lendo histórias de fantasmas, que o consideram valioso para além do imediatismo de qualquer explicação ou valor formal.

Não devemos considerar a forma exterior da religião, inferindo que cada uma é necessária para alguma época do pensamento e do desenvolvimento humano. Não devemos acreditar que toda a forma de instrução tenha sido adaptada à época em que foi dada, de modo que os jardins-de-infância da oração fossem valiosos para a criança, o adulto e até mesmo para a criança já crescida, quando é lenta a aprender as suas capacidades intelectuais. Devemos lembrar-nos de que existem aqueles que ainda necessitam da multiplicação das mesas requerida mil vezes antes de poderem aprender, enquanto outros entram nela vindos de outras regiões.

'O facto da imortalidade não é obtido através de uma grande experiência.' Essa experiência é uma porção do crescimento de cada espírito humano. É a sua própria e não a vossa, que é válida para ele; as suas próprias experiências, o testemunho que testemunham pode ser desnecessário para vós. Deveis considerar, do seu ponto de vista, e os vossos, se estais abertos a isso. Cada ser humano deve receber aquela intensidade que a sua própria vida é capaz de suportar. Se o santuário está dentro e é guarnecido, e esse testemunho pode vir como vinha aos profetas da antiguidade videntes, os filósofos inspirados, aqueles que dão testemunho das suas próprias experiências interiores, esses não necessitam da escrita na parede nem das maravilhas que outros requerem, mas todos os que veem, todos os que testemunham em busca de um vasto território, ficariam contentes em ter a visão aberta; suplicam e anseiam por alguma manifestação mais essencial e absoluta do poder do espírito.

Quando o mundo estiver suficientemente avançado para compreender que a existência não é fenomenal; que a vida humana não é *a vida*; que todas as formas de vida organizada são apenas os degraus para as experiências mais elevadas do espírito; que os seres humanos compreenderem, como sucede com o poeta, que o mundo do pensamento reside no reino do pensamento, o mundo do espírito no reino do espírito; quando forem complementados pelo crescimento, toda a forma de expressão é apenas o testemunho de uma inteligência invisível, é a existência real — que o corpo não passa do templo, a estrutura externa e superficial, o lugar temporário de habitação — quando compreenderem que o desdobramento dos ciclos da eternidade não pode ser comprimidos dentro da estreita dimensão da existência humana, mas medidos por experiências mais vastas além deste estágio do pensamento humano, quando tiverem deixado de considerar, o nascer e o pôr-se, as variadas mudanças da existência como os únicos factores importantes no universo; quando tiverem deixado de considerar as formas exteriores do homem como a única evidência da sua existência; então, de facto, já não haverá necessidade destas formas de manifestação.

Há aqueles dos nossos dias e aqueles que outrora foram profetas inspirados do espírito, que veem com os olhos do espírito uma visão mais ampla do mundo espiritual; que são inspirados pelo reino da mente espiritual. Mas estes são excecionais; formam, talvez, o melhor do que a humanidade possa rezar para possuir.

São como as correntes de água numa classe, os licenciados numa faculdade, os excecionados entre as mais altas ordens de inspiração.

Recordai isto, e que todos os seres humanos valorizam os testemunhos do espírito quando este vem até eles, e quando a sua visão lhes permite recebê-los; tal como as letras são dadas ao cego em superfícies elevadas, assim as cores podem ser detetadas por eles através de uma sensibilidade excessiva, nascida da sua cegueira, assim também existem aqueles na existência humana — e são a vasta maioria dos seres humanos — para quem as letras em relevo ainda estão a ser escritas no mundo da imortalidade; cujos olhos espirituais ainda não se abriram; cujas almas ainda não estão afinadas com a inspiração elevada; que ainda não despertaram para a voz que fala no íntimo.

Mas, como sempre existiram profetas e videntes em todos os tempos, a sublime esperança de toda a humanidade reside nesta perspetiva: que todo o pensamento será despertado, e a consciência da vida espiritual tornar-se-á mais difundida pelo contacto com a existência espiritual e pelo olhar para dentro. Este atributo de introspeção, esta consciência de que o exterior não fornece o testemunho vivo, está a aumentar no mundo e entre os espiritualistas. A parte valorizada de toda a evidência é a inteligência que vem de dentro. A parte valorizada de toda a inspiração é aquela inspiração nascida da consciência espiritual do homem, o resultado da sua aliança com o mundo dos espíritos; e estas faculdades são cada vez mais despertadas e inflamadas, até que agora o reino do pensamento se projeta no mundo da existência humana em maior proporção do que em qualquer outro período desde que o mundo começou.

Quão sublime é esta aspiração! Contudo, não negligenciaremos a flor porque o homem esteja imbuído de inspiração sublime. Pode chegar um tempo em que a rosa e o lírio já não sejam cultivados, mas o pensamento da flor permanecerá ainda mais poderoso. Quão exaltada, então, deve ser a nossa contemplação da Natureza! Em vez da forma exterior, da configuração, da cor e da superfície, só a vida espiritual é valiosa; só os princípios são duradouros, e o homem, permanecendo o epítome desta estrutura visível e invisível, sustenta na sua compreensão ambos os mundos, está familiarizado com ambas as regiões, mergulha nas profundezas mais fundas, exista apenas num reino de inspiração, estando, contudo, ligado e unido aos sentidos pelo pó exterior.

‘O esplendor da contemplação deste reino é aquilo que os espíritos procuram imprimir em vós. Não o mero facto da existência; não a existência fenoménica na Terra e no além, mas a grandiosidade da contemplação deste tema é aquilo que o Espiritualismo procura imprimir em vós. Não as meras formas da existência; não a existência material na Terra e no além, mas a existência elevada pelo espírito nascido da luz viva interior, derramado sobre vós com o poder e o triunfo das aspirações espirituais, tratando cada uma delas de forças glorificadas e formas não moldadas do barro, mas pintadas com os delicados matizes das mãos do artista, onde o poder e a luz podem esculpir o maior dos pilares e modelar a delicada flor com sol e ar, com inteligência e vida intrincadas. Esta é a essência desse tema; e na medida em que o homem vive dele, assim a grandiosidade do infinito é exaltada dentro do finito.

Aqueles que se deixam elevar por qualquer medida inferior, ou que perderam de vista este tema transcendente, acreditam que o presente não passa de uma corda passageira em comparação com a orquestra celestial da eternidade; como as estrelas comparadas com os esplendores dos céus…

E tal como um raio de sol é precioso para o prisioneiro, como um sopro de música para o ouvido longamente privado de sons doces, semelhante à voz de um anjo, assim também para a alma encarnada no materialismo — uma mente aprisionada na dúvida e no medo — a única palavra que traz a mensagem da imortalidade é o elo da grande cadeia angélica, o espiritual acima do material…

(Texto muito deteriorado no original)

"ONDE CHEGÁMOS
DE ONDE VIEMOS
PORQUE ESTAMOS AQUI"

Zoo Park, Missouri, domingo, 16 de [Julho? Agosto?] de 1899.

[Nota: "Mo." é a abreviatura de Missouri. O mês não aparece explicitamente na linha que enviaste; apenas a data "16, 1899".]

"Se recuardes connosco, em pensamento retrospetivo, muitos milhares de anos, vereis de ambos os lados desta cadeia de montanhas, cujas formas planálticas constituem o cenário deste encontro campestre, vastas extensões de águas. Os grandes lagos do Norte tinham então a sua saída em direção ao golfo e, de ambos os lados desta cadeia montanhosa, corriam largos rios; as águas dos lagos precipitando-se, como agora, para o oceano. Antes desse período em que, pela perturbação glacial, se formou a grande Niagara; antes de os lagos interiores da América do Norte encontrarem uma saída para Oriente, encontraram caminho para o oceano através das planícies e vales do Mississippi e do Missouri.

Esta cadeia especial de montanhas, assim situada entre esses grandes rios ou lagos interiores, era a residência de tribos indígenas favorecidas.

Nesse antigo tempo, um povo especialmente favorecido habitava esta terra da maçã rubra; aqui se encontravam toda a espécie de caça — o veado, o antílope, o búfalo — tudo o que era necessário para este povo privilegiado podia aqui ser encontrado. Acreditavam que as nascentes eram águas curativas enviadas especialmente para eles por Manitou. Sobre alguns desses planaltos, como aquele que agora ocupais, realizavam-se os conselhos desses homens vermelhos. Louvavam o Grande Espírito pela terra, pelas águas para além dela e por tudo quanto a terra continha. Muitos anos passaram; o planalto continua ainda aqui e, de ambos os lados, existem vales eternos, mas os lagos estreitaram-se em rios que ainda seguem para o oceano.

Os ‘caras pálidas’ tomaram posse dos antigos terrenos de caça dos homens vermelhos. Da raça anglo-saxónica, das raças latinas e das tribos semitas do distante Oriente viestes para ocupar as vossas habitações neste belo terreno de caça do homem vermelho. Sobre uma fundação de calcário, resultado do antigo período carbonífero, construístes as vossas cidades e, hoje, erguestes as vossas tendas onde, do seio da velha Mãe Terra, o tapete de erva verde e muitas flores coloridas, as árvores agitando os seus ramos em direção ao céu e as rochas eternas, foi erguido um templo para esta ocupação de hoje.

As eras desenrolaram-se; através do sol e das tempestades, este templo do amor de Deus; e as encostas inclinadas acima, e as vastas planícies ondulantes abaixo, declaram a maravilhosa operação das Suas grandes leis.”

“Mas viestes também de outras origens; alguns de vós vindes de diferentes tribos da Terra, a vossa descendência transmitida por raças que então ainda não existiam; vindes da relativamente nova raça anglo-saxónica, habitando um dos mais pequenos domínios da Terra; alguns de vós talvez venham das raças latinas, e não poucos poderão traçar a sua origem até às nações escandinavas do extremo Norte. Mas, de qualquer lugar de onde tenhais vindo, trazeis convosco espíritos dotados de pensamentos e aspirações imortais. Esses espíritos, provenientes da grande vida eterna, procuraram as suas habitações no pó e moldaram o barro de que as vossas formas foram feitas em expressões vivas, em pensamento, sentimento, animação e propósito.

EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO

Seja o que for que possais dizer da evolução, ela produziu os corpos dos homens; ainda assim, aquilo que forma o seu impulso, ou controla o corpo — o princípio vivo, atuante e pensante — foi envolvido pelo Propósito infinito vindo da divindade. Não pode haver evolução sem a sua involução prévia. Tudo o que o homem encontra na matéria foi primeiro ali colocado pelo grande princípio vivo e pensante que chamais Deus. Assim, quando encontrais este princípio vivo e pensante no homem, ele veio da sua herança imortal para realizar a sua obra sobre a Terra, para encontrar a consciência da sua vida humana e moldar essa vida para propósitos mais elevados e nobres. O homem e a mulher são as formas físicas que vedes, mas o princípio pensante — o poder móvel, atuante, vivo e conquistador da mente — encontra o seu caminho até à montanha neste momento para descobrir de onde veio e para onde vai.

O homem da ciência dir-vos-á que estas rochas, esta folhagem e toda a forma de vida que vos rodeia contêm algo daquilo que existe na estrutura humana. Isto é verdade, mas aqueles que declararam que o homem surgiu apenas do pó; que estas grandes eras da ação geológica e química produziram a natureza física do homem e que existe a natureza física do homem e que não existe nada mais nele. Mas o verdadeiro ‘homem’ da ciência apenas explica a parte material; apenas dá conta da ação química e descobre as propriedades encontradas no organismo humano, empregando o raciocínio da lei da evolução para mostrar por que processo a natureza moldou a habitação do homem, a estrutura orgânica que controlais.

Mas muito mais elevado é a fonte da mente humana, a inteligência dominante, o espírito controlador e vivo. A Natureza nunca plantou numa folha, árvore ou flor uma aspiração imortal além daquela que pertence ao átomo. Mas no espírito do homem existe aspiração pela vida eterna, por aquilo que está para além do pó; provando claramente a aliança e fidelidade do homem à imortalidade, àquilo que constitui a sua herança. É da fonte desta espiritualidade nativa que a herança do espírito procura para sempre expressão.

Na Caverna do Mamute os peixes não têm olhos. Porquê? Porque não existe ali luz com a qual ver. Nas águas do lago e do oceano, onde a luz penetra e atravessa as águas escuras, esses peixes têm olhos. Mesmo como mostrado pela sua ligeira não teria olhos, ou ouvidos, e sentidos afinados para a expressão da harmonia se não tivesse uma perceção da harmonia interior. Os sons da natureza estão por toda a parte, mas não foram disciplinados nem treinados em acordes musicais sem a ajuda da mente do homem. O erudito dir-vos-á que a 'flauta do doce Pã', quando ele cortou a cana e fez música entre os juncos, não passava de uma ilustração do espírito do homem, que pode construir um instrumento musical a partir das substâncias da natureza e organizar todos os sons da natureza em doces vibrações de harmonia.

AS ASPIRAÇÕES DO HOMEM

Assim é que a mente é superior ao seu meio; que os seus arredores não a fizeram, mas que ela, em certa medida, moldou os seus arredores. Assim, é claro que a aspiração à imortalidade que existe na mente e no espírito do homem não é criada pelos seus arredores, mas existe apesar deles; que, se não houvesse vida imortal, o homem não teria aspiração pela imortalidade; se não existissem possessões espirituais, o homem não procuraria possessões espirituais; se não houvesse vida para além da mudança chamada morte, o homem inclinar-se-ia para o inevitável, como o menor dos cães, e viveria esta vida de tristeza em silêncio e ignorância da luz divina para além deste vale de lágrimas. Mas a verdade é que, sendo consciente da Grande Herança, a natureza espiritual do homem aspira àquela vida que está para além e procura algum conhecimento desse reino transcendente. E de tempos a tempos esse conhecimento tem vindo.

Vós, como povo, estais hoje no cume dos séculos; todos os tesouros do passado estão colocados aos vossos pés; o erudito, o poeta, o cientista podem declarar-vos os grandes pensamentos e descobertas de muitas eras. Mas, de todas as eras que o mundo alguma vez conheceu, o cientista declara-vos que esta é a maior e a mais prodigiosa de riqueza espiritual, intelectual e material. É por isso que hoje vimos até vós, não apenas com os tesouros acumulados do passado, não apenas com a tradição e a história da Terra sobre a qual hoje permaneceis, mas com a tradição, a história e a inspiração de todas as nações debaixo do sol.

OS ESPÍRITOS MINISTRANTES

Do Egipto ergue-se a poderosa voz e fala-vos de uma inspiração que declara a manhã da existência tão brilhante como o olho do anjo Osíris, que declarou a Terra tão benéfica como a mãe Ísis, e as vozes de todas as presenças ministrantes eram divindades, que não eram infinitas nem eternas, mas deidades tutelares, anjos e espíritos ministrantes daqueles que haviam partido antes. Da antiga Índia, da fé Bramânica, chega-vos a voz do Bem Eterno, o poder e presença infinitos, invisíveis mas palpáveis, que permeiam todo o universo, manifestando-se na tríplice forma de Brahma, Vishnu e Siva. Estes três não são o Bem eterno, mas apenas a Sua manifestação; e as vozes de inspiração desses povos antigos eram as dos seres ministrantes que haviam passado da visão mortal.

Da antiga Palestina chega-vos a voz de Moisés e dos profetas, declarando a presença de anjos que caminhavam pela Terra como homens, e da voz que declarou a imortalidade da alma. Estas vozes e estas formas não pertenciam apenas ao Deus infinito e eterno, mas eram dos Seus mensageiros e espíritos ministrantes. Da Galileia chega a voz de doce ministério, daqueles a quem Jesus de Nazaré falou, dele guardado em redor e anunciado por anjos ministrantes, declarado pelos profetas, assistido por aqueles que velavam como espíritos ministrantes, os seus passos e os dos seus discípulos. Tudo isto vos foi transmitido através dos anos intermédios."

A INSPIRAÇÃO CONTÍNUA

"Mas, entretanto, a inspiração não foi interrompida; não fostes separados dos grandes tesouros dos séculos que passaram. Um após outro, a longa linha dos santos foi colocada para descansar e depois inscrita no calendário, por causa daquela voz de inspiração não reconhecida pela igreja e pelos descrentes. Depois vieram as grandes lutas e dores da Reforma, quando as vozes do reino invisível declararam que a luz e o poder do ministério angélico tinham vindo de novo ao mundo.

Mais uma vez a voz da inspiração foi ouvida quando John Wesley se separou da severidade da igreja da Reforma e declarou que a luz dos anjos ministrantes, e que o Espírito Santo, podia novamente conversar com os homens. George Fox e os Quacres ergueram um sistema de culto pelo poder do espírito, quando o espírito podia mover o homem a falar; e mais tarde, através dos Shakers e de outros que receberam estas ministrações, vieram as vozes dos espíritos assistentes. Tendes diante de vós a herança de um grande registo espiritual. Cada época teve o seu testemunho e deu a sua declaração da verdade. Essa luz foi a orientação de muitas almas; e adorais aqui hoje porque essas almas foram assim guiadas.

Mas pretendeis declarar que não tendes outra herança além deste registo espiritual do passado?

A INSPIRAÇÃO PRESENTE

Pretendeis dizer que as visões foram encerradas, que não existe ministério sobre a Terra hoje? Pretendeis transmitir o pensamento de que todas as pessoas devem

voltar-se apenas para trás, como fazem os Chineses, para receber a sua luz e adorar os seus antepassados? Não existem caminhos abertos para os céus?

Dizemos-lhes que, nesta era presente, nesta hora, por toda a Terra, existem pessoas que vão aos bosques para adorar, às montanhas para declarar a voz e a verdade do Deus vivo; que sobre os jovens e as jovens, sobre os humildes, a criança balbuciante, sobre os pais e matronas de cabelos grisalhos, esta voz e luz da verdade descem hoje. As visões não foram encerradas, a voz da inspiração não está silenciosa. Herdais não apenas o testemunho do passado, mas toda a vida e luz espirituais que existem no universo. Elas estão a ser derramadas sobre o mundo hoje.

Assim como a ciência vos revelou muitas proposições acerca das leis e forças da natureza antes desconhecidas; assim como hoje dominais o relâmpago e o cavalo de vapor segue o seu caminho sobre continentes e oceanos, também a voz do espírito se está a fazer sentir e conhecer no mundo neste tempo. Uma nova inspiração está a acelerar os impulsos e vidas das pessoas, e muitos estão a receber os dons do espírito. Nem isto é excecional, nem chega até vós por vias ilícitas. É a voz de uma inspiração tão legítima para a mente humana como o ar e a luz do sol o são para o corpo. Foi afastada de vós por formas estabelecidas de pensamento. O homem procurou fazer parecer que a humanidade não deveria ser inspirada exceto sob a sanção e privilégio de certas ordens eclesiásticas.

Estais perfeitamente conscientes de que, antes de esta grande república vossa ter sido fundada, antes de a Declaração de Independência ser conhecida, existia a teoria do ‘direito divino dos reis’ para governar as vidas humanas, segundo a qual nenhum ser humano poderia ter o privilégio de viver, pensar e regular a sua própria vida por si mesmo. Agora tendes o privilégio de viver sob o sol e o céu numa terra onde cada homem tem o direito (ou deveria tê-lo), não apenas de ganhar o seu sustento, mas de pensar por si próprio e seguir as suas próprias convicções. Viveis no meio de uma era em que a ciência descentralizou o espírito humano, quando os privilégios especiais de seita, casta e classe são negados e esquecidos.”

“Direis vós, então, que não tendes direito à vossa própria inspiração; que a voz do espírito não pode chegar até vós exceto através da autoridade da Igreja de Roma, ou através do catecismo de Westminster, ou através do credo de João Calvino, ou através das doutrinas mais brandas de João Wesley; ou através das do ainda posterior dissidente Dr. Priestley, ou das dos Unitários ou Universalistas? Não estais vós próprios livres no caminho da ‘consciência’, tal como no da governação? Não podeis adorar onde quer que escolhais, sempre que a voz da inspiração vos chegue? E aqui, sobre as montanhas Ozark, tendes o direito de ir diretamente ao Deus e aos médiuns, ao Grande Espírito, ao Manitou dos Ozarks, para obter permissão para adorar; nem precisais de ir ao Egipto, à Índia ou mesmo à Palestina. Pois o grande mestre disse: ‘A hora vem — e agora é — em que nem em Jerusalém nem ainda sobre esta montanha os homens adorarão, mas adorarão Deus em espírito e em verdade…’

A VOZ DO ESPÍRITO

Hoje essa voz do espírito vos convocou; chamou-vos para longe das vossas preocupações diárias, dos vossos negócios, da vossa luta pela riqueza, da busca e obtenção de ganho material; convocou-vos para o altar da memória daqueles que partiram antes; convocou-vos para o altar da verdadeira adoração, e é a voz do Deus vivo e não dos mortos, e nós subimos hoje até aqui, ministrando em muitas terras a muitos povos, em testemunho desta nova voz. Alguns vieram das escolas da teologia que tinham pouca esperança para o espírito do homem e através das quais, com temor e tremor, procuravam algum conhecimento da imortalidade.

Alguns vieram das escolas mais duras do materialismo que, pela ciência sem inspiração, tentaram apagar o pensamento da imortalidade do homem; e do agnosticismo, que se contenta com negar e dizer: 'não sabemos'. É tarefa do homem saber; ele está aqui para saber; o Infinito colocou-o sobre a Terra e rodeou-o de natureza e de todos os objetos da vida para que pudesse saber porque está aqui, e se existe uma voz proveniente do reino invisível e presenças ministrantes da terra dos espíritos, é tarefa do homem compreender porque essa voz é enviada e com que propósito as presenças ministrantes vêm até ele e o ensinam acerca da vida imortal."

"Quando o agnóstico diz que não sabe, limita-se simplesmente a admitir a sua própria ignorância e declara que, no meio da evidência, permaneceu cego; no meio do testemunho, recusou investigar; no meio daquilo que vos traz o conhecimento da vida futura, falhou em aproveitar para si esse conhecimento.

Quando o astrónomo vos diz alguma coisa, escutais, porque ele estudou a posição dos planetas e as leis que governam os seus movimentos; as suas distâncias entre si e em relação ao Sol, e sabeis que ele tem direito ao crédito que o seu estudo lhe concedeu. Aceitais as suas afirmações quase sem questionar, pois dificilmente haverá um homem ou mulher nesta congregação que, por experiências reais e cálculos matemáticos efetivos, tenha resolvido os problemas da astronomia. Mas se alguém vem até vós que possui experiência e conhecimento das manifestações espirituais, dizeis: 'oh, é fraco da mente', ou 'está a tentar praticar engano', ou 'é louco'. Ora, quando o Sr. Crookes — Sir William Crookes — recebeu o título não porque o herdou dos seus antepassados, mas por causa da sua grande aprendizagem e das suas experiências em ciência — quando fez descobertas relativas às vibrações da luz, a Associação Britânica de Ciência concedeu-lhe uma medalha pelas suas descobertas; e a Rainha considerou as suas descobertas científicas de importância suficiente para lhe conceder um título; mas quando penetrou nos mistérios do reino espiritual, quando descobriu existiam leis pelas quais ocorrem manifestações psíquicas, nenhuma medalha lhe foi dada; não recebeu o título de Doutor em Divindade por nenhuma das escolas teológicas daquele país.

A razão é clara: o caminho para o reino espiritual tinha sido anteriormente fechado e ninguém tinha permissão para fazer novas descobertas nessa direção. Mas fechareis os olhos ao testemunho de Sir William Crookes apenas porque a teologia declarou que o caminho para o mundo espiritual estava encerrado? Não tem ele tanto direito ao crédito no campo das descobertas espirituais como no das descobertas materiais? Dar-lhe-eis crédito pelo seu testemunho numa direção e não noutra? Não

dizemos que Sir William Crookes fosse mais qualificado para julgar manifestações do reino espiritual do que vós, digno presidente ou vice-presidente. Mas, como as pessoas seguem a autoridade, porque acreditá-la em vez de a dividir em duas e segui-la numa direção com a qual estais familiarizados e não noutra direção com a qual não estais familiarizados?

Quando recentemente Sir William Crookes foi nomeado presidente da Associação Britânica de Ciência, não apenas reafirmou o seu conhecimento e crença nos factos do Espiritualismo, que investigara trinta anos antes, como declarou não ter tido ocasião para mudar de opinião, e supunha que essa era uma das razões pelas quais o haviam honrado com a presidência da associação — significando que não tinha terminado as suas descobertas nessa direcção.

Quando o Prof. Alfred Russel Wallace era presidente da secção Psicológica da Associação Britânica de Ciência, todos os assuntos relativos à psicologia, mesmerismo (desde então chamado hipnotismo) e Espiritualismo eram ali tratados, e as pessoas tinham permissão para apresentar testemunhos em todas as direções. Um homem levantou-se, certa ocasião, no fundo da sala e disse: 'Sr. Presidente, eu nada sei acerca do Espiritualismo, mas penso—'

'Pare!' disse o Prof. Wallace, 'não estamos aqui para ouvir aquilo que não sabeis; levaria demasiado tempo; estamos aqui para receber o testemunho daqueles que sabem.'"

UM TESTEMUNHO FORTE

"Amigos, não viestes para ouvir as convicções ou opiniões de mentes erráticas e insanas que não têm conhecimento daquilo de que testificam, mas viestes para receber o testemunho daqueles que sabem e compreendem acerca do que testemunham; daqueles que passaram anos das suas vidas a descobrir e conhecer os meios de comunicação entre o reino invisível e o vosso reino, recebendo as ministrações daqueles que partiram desta vida terrena e transmitindo essas ministrações aos que permanecem na vida humana.

Aqui estão aqueles que, como a pessoa que se encontra diante de vós, cujos lábios se acenderam com este tema quando ela era ainda criança, quando, sem outros mestres além daqueles que haviam passado para além do plano terreno, falou palavras de sabedoria e filosofia relativas à outra vida; aqui estão aqueles cujas mentes e espíritos foram tocados pela presença viva dos vossos amigos falecidos, descrevendo as suas formas e semblantes, declarando as suas mensagens e lançando uma ponte sobre o abismo entre vós e esse reino invisível.

Se um homem viesse do Klondike ou da Califórnia e vos dissesse que descobriu ouro ali, haveria uma grande correria para chegar lá; os homens abandonariam as suas famílias, deixariam os seus negócios ou ocupações para encontrar o tesouro cintilante. Mas quando alguém vos diz que a morte foi vencida, que o grande tesouro da vida imortal foi redescoberto, que os vossos amigos não estão mortos, mas vivos, afastais-

vos com medo; afastais-vos em dúvida e recusais a evidência que vos pode ser dada. Porquê? Se aquele filho que partiu para Cuba ou para as Filipinas e nunca regressou em forma mortal fosse dito estar vivo e sobre a Terra, e pudésseis obter uma mensagem para ele ou dele, viajaríeis até uma terra distante para o ver ou receber essa mensagem. Agora, através das barreiras da morte, através daquele abismo que nunca foi transposto exceto pela fé, sobre esse estado aparentemente impossível e irreconciliável, os vossos entes amados construíram a íris arqueada da comunhão."

"Maior do que o telégrafo, maior do que a força do vapor que move o comércio do mundo, maior do que essas novas descobertas que se impõem sobre este novo século que está quase a chegar, é esta poderosa mensagem. Ela dirige-se a vós que chorais mãe, pai, irmã, irmão, filhos, amigo; diz: não estamos mortos, mas vivos; não vimos para interferir com os vossos deveres, as vossas ocupações diárias ou vocações na vida, exceto na medida em que estas vos prejudiquem a vós e aos outros; mas procuramos fortalecer, elevar e, acima de tudo, afastar o peso e a sombra da morte, quando ouvimos a grande voz de Rama, Rama por toda a terra da mãe que não será consolada.

Àqueles que têm fé e ainda não possuem certeza; àqueles que não têm fé, apenas esperança — certamente quem acredita numa vida futura não pode ser prejudicado por conhecê-la; aquele que tem fé não pode ser lesado trocando essa fé por conhecimento; e aquele ou aquela que não tem fé — e podeis contá-los aos milhares — será beneficiado por este conhecimento.

Estamos aqui hoje para testemunhar este conhecimento. Antes de este encontro terminar, os mensageiros esperam dar a evidência àqueles que ainda não a possuem, de que isto é verdadeiro. Esperam mostrar que a sua crença não está fundada apenas na fé, mas no conhecimento; que é uma sublime filosofia; que é o resultado legítimo e a sequência da existência humana; que a vida futura não é conquistada por qualquer favoritismo especial ou por qualquer linha peculiar de crença; mas que é o próximo passo inevitável de todos os seres humanos.

Que cada criança tem o direito de vir a este mundo com as melhores condições possíveis, assim como cada ser humano tem o direito de sair deste mundo com o melhor conhecimento possível acerca do mundo vindouro. Ele existe aqui e agora, tanto como no futuro; esse conhecimento do espírito é valioso; é uma bênção aqui e agora que a mensagem chega até vós, para que não tenhais de esperar até passardes pela mudança chamada morte para vos reunirdes com os vossos entes queridos. Mas dizeis: 'não queremos que nada se interponha entre nós e Deus.' Acaso a vossa mãe, o vosso pai, o vosso filho, o vosso amigo na Terra se interpõem entre vós e Deus?

Que existe no amor de uma mãe angélica, no ministério de uma criança espiritual, na bênção de um amigo amado que possa separar-vos ou afastar-vos de Deus? Sois afastados d'Ele pelo egoísmo, pela mundanidade, pela perseguição dos caminhos da intemperança, pela busca de si próprio e pela avareza; permitis que os vossos interesses humanos individuais se interponham entre vós e Deus. Mas o pensamento redentor da humanidade é que, quando trabalhais uns pelos outros, estais

mais próximos de Deus do que antes; e a bênção que vem desta mensagem é que os espíritos e anjos não estão continuamente a cantar e a congratular-se por terem sido salvos, mas estão a realizar a obra de Deus ministrando àqueles que se encontram na tristeza e na escuridão, seguindo assim o exemplo do grande Mestre de Nazaré.

Esta mensagem afasta a cortina que vos separa dos vossos entes queridos que partiram antes. Eles dizem: ainda estamos convosco; estamos vivos, movendo-nos, trabalhando, pensando, atuando; estais apenas a viver nas caves das vossas moradas; nós viemos abrir esses aposentos superiores, essas câmaras da vossa inteligência e espiritualidade que foram entorpecidas e atrofiadas pelo contacto apenas com coisas materiais. Eles dizem-vos que todas as pequenas avenidas do pensamento humano moldadas pela poesia, filosofia e arte são apenas as 'muitas moradas da casa do Pai', não feitas por mãos humanas.

Que estais a construir essas moradas dia após dia; que a estrutura da habitação espiritual está a ser moldada nas vossas vidas; que a vossa veste espiritual está a ser tecida pelos pensamentos e atos, e por aquilo que fazeis uns aos outros. Se forem maus, então a vossa habitação será sombria e a vossa veste de escuridão; se forem atos de amor e bondade, então a vossa veste será de brilho, como a 'veste resplandecente' que brilhou sobre o Monte da Transfiguração, quando Jesus segurou comunhão com os seus discípulos e entes amados que o seguiram até esse reino de luz.

Oh! amados, a luz desta verdade eterna, a glória deste reino transcendente, está a ser cada vez mais revelada. Hoje, vós estais colocados no cume das eras; lembrai-vos de que todos os seus tesouros são vossos. Que esta luz da beleza, glória e filosofia triunfe sobre o pó."

CARIDADE

Um Discurso Inspirador, proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, em Cleveland Hall, Londres, na noite de domingo, 8 de fevereiro de 1874

Se alguma vez os vossos pés caminharam por terras distantes e atravessaram montanhas estéreis e desoladas, cruzando desertos arenosos, onde os raios ardentes do sol abrasador não davam refúgio nem trégua ao cuidado, ao trabalho e ao cansaço; se viajastes pelo deserto sem caminhos onde o sopro do simum quente ameaçou destruir, e depois porventura entrastes num vale adorável que circunda e encerra a entrada para a Arábia feliz, contemplastes uma nascente a escorrer pelas paredes da rocha coberta de musgo, onde alguma mão bondosa esculpiu na pedra uma bacia na qual as gotas caem, uma a uma, e onde os viajantes se aproximam e saciam a sua sede.

Ali, o homem e a besta deitam-se juntos à sombra e descansam após a sua viagem fatigante. Peregrinos de vários santuários reúnem-se todos ali, e a taça de água cintilante passa de mão em mão; todos esquecidos das diversas nacionalidades e das várias missões que os trazem ali — o muçulmano ao seu santuário em Meca, o cristão a Jerusalém, todos os mercadores e traficantes do deserto, os filhos de muitos climas e crianças — todas as nações se fartam destas águas. No meio de um deserto, e nas terras áridas da vida, o coração que guarda uma doce fonte de caridade assemelha-se a este manancial que flui incessantemente, e os viandantes da fatigante peregrinação da vida param em vão junto a mansões palacianas, procurando, quem sabe, encontrar a fonte que brota constantemente no coração humilde. Para o ar, para a luz do sol e para as águas, não há limite.

Cada ser humano pode respirar, pode aquecer-se nos raios do dia e beber na fonte inexaurível; mas daquilo que é o mais sublime acima de todas as outras coisas, e daquilo que pertence, como a maior possessão da humanidade, a todas as nações da terra, há, lamentamos dizê-lo, o menos que se pode encontrar. Aquilo que constitui o elemento essencial da vida espiritual, sem o qual não há fé duradoura, não há esperança permanente, não há pureza durável, não há moralidade edificante e elevadora no mundo — isso é, principalmente, ignorado e não possuído pelo homem.

Não é apenas como uma parte ética da religião cristã que a caridade na sua essência é imposta. Ela pertence à mais alta ética moral de cada nação debaixo do sol, e é parte dos bens do hindu e do pagão, tanto quanto do filósofo e do devoto cristão. O estrangeiro recebe frequentemente hospitalidade sob o teto do homem a quem chamais pagão. Não há suspeita e nenhuma dúvida cristã a pairar sobre a vossa humanidade e a vossa natureza humana. Aquilo que é a possessão mais elevada da vossa vida e da vossa religião é ali praticado diariamente, e muitas vezes a maior hospitalidade e os impulsos generosos para com os estranhos prevalecem na terra mais distante. Mas aquela caridade esclarecida, aquele princípio duradouro e aquele propósito firme que opera mais do que os ecos de uma *linguagem bela* e os meros impulsos ternos do coração generoso, é o que o Mestre pretendia impor na sua lição de caridade.

Temos sido solicitados muitas vezes a discursar sobre este tema. Esta, acima de todas as outras, é a época, hoje é a hora, em que esta mesma lição é tão necessária no mundo como quando foi proposta pela primeira vez pelo seu mestre. É um facto extremamente singular que, com este capítulo sobre a caridade que acabou de ser lido, haja qualquer necessidade de discursar sobre o assunto hoje. É um facto extremamente significativo que, com uma religião fundamentada nesta declaração, haja tão pouca compreensão do seu significado e do seu espírito. É um facto extremamente significativo que, com a vossa religião cristã estabelecida por toda esta terra, a lei mosaica pareça ser a regra aceite em tudo o que respeita ao governo do homem e à influência do homem junto do seu irmão homem.

A razão disto é muito evidente; a caridade só é conhecida de nome e não de natureza, e aquelas almas elevadas e generosas que se erguem acima do seu tempo, para lá do período e da terra em que existem, são tão poucas e raras que formam uma exceção à humanidade e ao teor habitual do pensamento humano. O segredo de toda a

falta de caridade é indubitavelmente o egoísmo, esse motor principal da sociedade, no qual o mundo da humanidade, o rei no seu trono e até o camponês na sua choupana, olham para todos os seus irmãos homens como inimigos. O egoísmo é aquilo que reveste o espírito com a sua máscara fatigante, para lá da qual nenhum raio de impulso generoso, nenhuma luz, nenhuma fé na humanidade pode jamais penetrar, e até que esta máscara seja quebrada e o gérmen espiritual no seu interior rompa as suas cadeias, a alma deve permanecer isolada das suas almas companheiras e o homem caminhar sempre sozinho na terra.

O que é a humanidade hoje? Cada um dotado da mesma organização; cada um agraciado com algo da natureza divina; cada um compreendendo comparativamente a mesma linguagem e as mesmas leis: mas caminhais pelas ruas como estranhos, entrais no lugar de culto ou na habitação como estranhos; e se olhais uns para os outros através das janelas deste templo — esta forma temporal na qual a alma fixou a sua morada — olhais com suspeita, como se hostes armadas estivessem ali preparadas para invadir o vosso santuário, preparadas para assaltar o vosso castelo e a torre em que vos enclausurastes.

O egoísmo — aquilo que cuida do indivíduo e não cuida dos muitos, aquilo que luta pelo eu eterno em vez de lutar pela humanidade eterna, aquilo que pensa que o que pertence ao "Eu", ao indivíduo, à pessoa absoluta em questão, é de muito maior importância do que aquilo que pertence a um número. A lei primitiva de Moisés, o segundo mandamento, é constante e quase universalmente ignorada. Caridade! Pois bem, lado a lado com os edifícios que erguem as suas cúpulas e agulhas para o céu; lado a lado com o devoto que se curva diante do altar de adoração e profere o nome de Deus: lado a lado com esplêndidas caridades — aquelas instituições de benevolência cujas estruturas iluminam toda a terra e cujo vigor e poder parecem, em si mesmos, uma torre de força e virtude cristã, estão as abóbadas das prisões, as celas das masmorras, os lugares de devassidão, crime e miséria; e a força em que o assassino é suspenso ergue-se lado a lado com o templo erguido para a adoração de Deus. Isto é verdade, e há quase mil e novecentos anos que esta lição se apresenta desta forma.

Isto é verdade, e há quase mil e novecentos anos que estas palavras são pronunciadas, talvez anualmente, nos púlpitos cristãos. Quão frequentemente, na quietude dos vossos próprios lares e na reclusão dos vossos gabinetes, lestes estas palavras inspiradas; e, no entanto, quando saís para o mundo, olhais para a humanidade como vossa inimiga, e cada ser humano é julgado com suspeita.

É uma lei dos vossos próprios tribunais de justiça que, no que respeita ao crime, aqueles que são acusados sejam considerados inocentes até que se prove a sua culpa. Mas é a lei da sociedade que cada homem seja suspeito até que prove ser honesto. Nas vossas relações mútuas, no vosso comércio, na vossa comunhão social, este espírito de suspeita, esta dúvida involuntária e latente há de manifestar-se, estragando o vosso prazer e destruindo a vossa felicidade uns com os outros. Se assim não fosse, não poderia haver as diferenças que existem na sociedade; não poderia haver criminosos e marginais; não poderia haver nenhuma chamada camada inferior — as classes perigosas do mundo. Se, habitando permanentemente no vosso meio, e perpetuamente

e em todos os momentos e em todos os vossos negócios, o único espírito predominante estivesse convosco, estas coisas não poderiam ser.

Mas por que é assim? Em algum lugar por detrás do tecido social e religioso; em algum lugar dentro da vossa terra e dentro das leis que a governam; em algum lugar, à espreita lá no fundo e oculto, talvez como a serpente que estraga a árvore, que pode não ser descoberta, está o espírito subjacente a esta miséria humana e a esta falta de caridade humana. Em algum lugar espreita a raiz daquela árvore do upas que se espalha pela sociedade e causa as suas influências doentias em todos os departamentos da vida humana, fazendo daquilo que deveria ser um prazer já não uma alegria, cerceando a capacidade de felicidade e tornando a miséria humana proeminente diante dos olhos do céu.

Esta é a falta de caridade, cujo fundamento, podemos dizê-lo, no mundo é a teoria que ensina a doutrina da depravação da natureza humana. Se acreditamos que a humanidade é intrinsecamente perversa, e lho dizemos perpetuamente, não estaremos a semear as sementes e a cultivar os germes desses mesmos males que desejamos destruir? Se a confiança na natureza humana, na bondade primitiva, orgânica e espiritual de cada alma humana for cultivada, teremos fé na bondade humana, ainda que olhemos através da máscara do seu crime, ignorância e degradação.

O que quer que os teólogos possam dizer ou os moralistas impor, o que quer que a filosofia ou a metafísica possam descobrir nos elementos da razão humana e da inteligência humana, este facto único é supremo acima de todos os outros: que aquilo que os homens são ensinados a ser, nisso se tornarão; e se, através de séculos de julgamentos e gerações de instrução, o único sentido imperfeito e pervertido do homem for a crença de que não há aspiração, não há luz, não há bondade, mas sim depravação inata, assim isso pesará sobre os sentidos, destruirá as aspirações, arrancará todo o desejo, até que o estado moral atribuído ao mundo se torne o estado predominante.

No governo doméstico, vede como é! Se houver uma criança mais impressionável e apaixonada do que as outras, e a ama, a mãe, a governanta, todas as que têm a ver com ela, disserem: "Tu és totalmente má; não há bondade em ti", e cada pequeno ato e cada pequena palavra for feita ocasião para reprimenda e censura, não acontece invariavelmente que essa criança se torna a ovelha negra do rebanho? Aquela que causa desgosto e desonra no círculo familiar? Se assim é nas famílias, nas comunidades o facto é exatamente o mesmo.

E podeis confiar os caídos das vossas prisões, os criminosos instruídos e hábeis no vosso meio, a essa subtil lei de análise humana e simpatia que fará com que, se lhes for dito que são depravados, tendam naturalmente para a depravação, e se lhes for dito que têm aliança com o divino, com aquilo que é justo e bom e perfeito, se esforcem em direção ao bem. Acreditamos que a lição ensinada no mundo e rigidamente imposta, constante, diária, horariamente, de que a humanidade é inerentemente boa, faria mais para elevar a humanidade, diminuiria o número de criminosos, causaria maior

felicidade nas famílias humanas e na sociedade humana do que qualquer proposição ética que pudesse ser declarada.

O facto de a criança se esforçar por merecer o elogio que lhe é concedido; o facto de uma sucessão constante de críticas, reparos e punições endurecer invariavelmente o coração; o facto de a lei humana ter tomado para si o castigo, a punição e o julgamento dos seres humanos no que respeita às suas ações, inteiramente baseada na lei da vingança em vez da justiça, vai muito longe para explicar a condição do mundo hoje; e o facto de existir tanta divisão na sociedade que torna possível a existência de marginais, criminosos e todas as formas de pessoas viciosas, mostra a necessidade de algum poder supremo, de algum poder absoluto que vá ao fundamento destas coisas e desfaça aquilo que é aparentemente insolúvel.

Acreditamos que os atributos essenciais, as qualidades absolutas subjacentes à natureza humana, estão tão longe de ser viciosos e tão longe de ser criminosos que qualquer sistema como o que sugerimos, se fosse plena e destemidamente adotado, faria, mesmo num século de tempo, mais para melhorar a condição da humanidade, mais para erguer e iluminar aqueles que são considerados caídos, do que todos os códigos de moral mais severos, do que todos os métodos positivos e vindicativos de punição até agora adotados no mundo. Nesta geração, aqui nesta nação que professa a religião cristã, la lei é mosaica: olho por olho, dente por dente; a máxima medida de justiça em vez da máxima medida de misericórdia e amor.

Para os criminosos temos masmorras, o açoite, o carrasco; para aqueles que estão fisicamente mutilados — cegos, surdos — temos hospitais e asilos. Na lei moral apenas o homem é severo, naquilo que respeita à natureza espiritual apenas o homem julga o seu semelhante, e em contradição com a velha lei, *"a vingança é minha, diz o Senhor"*, a humanidade senta-se em julgamento supremo sobre o irmão ou irmã caída, e atreve-se a tomar nas suas mãos o castigo daqueles que ofendem a lei moral.

Por que não castigar o homem coxo porque não pode andar? Por que não açoitar o homem cego porque não pode ver? Ou enforcar aquele que é surdo? E quanto àqueles que são física e absolutamente imbecis, por que não ter masmorras para eles; e se algum de vós estiver doente, vamos, por força, confinar-vos a prisões solitárias e alimentar-vos a pão e água, para que possais tornar-vos saudáveis! No entanto, este é o remédio prescrito pela lei e pelos costumes modernos para os moralmente enfermos.

Vós construís hospitais e dotais-nos, pensando assim cobrir a medida da penúria e da necessidade; e para os cegos tendes letras para que possam ler e obter conhecimento; e para os surdos e mudos tendes sinais para que não sejam negligenciados; e para aqueles que estão enfermos e debilitados fisicamente tendes locais de repouso e enfermeiros; e a caridade cristã está a construir para si própria no mundo uma fama vasta e duradoura, de que segue por toda a parte na esteira da matança cristã e ata, no campo de batalha, as feridas que as espadas cristãs fizeram: mas no grande mundo da enfermidade moral, com os seus cegos e surdos e coxos e doentes — são enviados para a prisão!

Onde estão os vossos asilos para os cegos de espírito, que não podem conhecer o significado da lei moral quando os seus corpos estão famintos de alimento? Onde estão os vossos hospitais para os surdos de alma? Não nos importamos com a cela da masmorra, dizem eles, porque a mente está enervada pela falta de pão e de abrigo. Onde estão os vossos hospitais e enfermarias para aqueles que estão afundados nas profundezas da infâmia e do crime, sem nunca um raio de luz desde a hora do seu nascimento, sem nunca um pensamento de gentileza, mas tendo apenas a pândega, os gemidos e a embriaguez como companheiros habituais?

Onde estão os lugares providenciados para estes, para que os seus olhos, desacostumados à luz e à verdade, e nunca tendo visto os raios da virtude, possam ser recolhidos e educados na perceção destas coisas?

Ah, podeis maravilhar-vos com a depravação no mundo, e podeis colher as vestes das vossas vidas seletas em redor de vós. Mas é uma questão para cada um responder; é algo que vos pertence resolver; isto que enche o mundo de crime, de degradação, de miséria. Qualquer ser humano, o mais baixo como o mais elevado, dá expressão àquela vida na qual nasceu e foi criado; e o indigente, o criminoso, o marginal endurecido — aquele a quem a sociedade cerca continuamente de vergonha e tentação — é um sujeito de piedade, e mais um sujeito para a vossa compaixão do que aquele que tem simplesmente uma enfermidade física. Esta proposição pareceria autoevidente; não pareceria necessitar de ser imposta ou ensinada no mundo; e, no entanto, não só necessita de imposição, de inculcação, mas está na realidade em contradição com aquilo que estais habituados a pensar a cada dia e a cada hora.

A aversão moral, a condenação, o desprezo que são constantemente infligidos àqueles que são menos afortunados na sua organização moral e espiritual, a condenação da lei, a sua vingança sobre aqueles que violaram os seus mandatos supremos, são assuntos de tanta piedade, indagação e investigação, que o espanto é como qualquer ser humano pode sentar-se quieto e em paz no meio desta era esclarecida sem uma indagação mais séria sobre estes temas.

O filantropo, aquele que procura erguer a condição física do homem, esforça-se por melhorar a condição dos pobres; aquele que alimenta o corpo e o veste, aquele que se empenha em penetrar nos mistérios desse lugar secreto onde o vício e a degradação abundam, merece o louvor, a bênção dos seus semelhantes. Mas aquele que compreende as enfermidades espirituais da humanidade, que, elevando-se da contemplação física para a espiritual, investigar e unir essas forças de enfermidade moral e espiritual numa grande medida de libertação, esse será o maior benfeitor que pode vir ao mundo.

Ele encontra-se principalmente nas vossas próprias almas; ele falou nos atos da sua vida; ele continua a admoestar-vos, continua no vosso meio, continua a clamar contra esse egoísmo e estreiteza de mente que fecham a porta de toda a compaixão, e esperança, e fé, e amor aos vossos semelhantes. Jesus disse: "Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros: o cumprimento da lei é o amor". Onde a sua influência suprema e benigna habita, não podeis odiar o vosso irmão. Onde quer que

seja encontrado, ele ultrapassa todas as barreiras possíveis que parecem separar-vos do vosso semelhante, e traz-vos face a face com a sua alma, o seu espírito vivo.

O amor de mãe, o mais semelhante a esse amor divino, acompanha o seu filho em todas as fases da vida, desde o berço até ao túmulo. Ele pode caminhar longe por muitos caminhos de pecado e vergonha. A criança pode ser seduzida pela tentação e ceder, pode tornar-se vítima de uma loucura e de um crime avassaladores, e a cela da masmorra pode receber o doce sopro da sua vida; mas continuamente, dia e noite, aquele olhar vigilante e aquele coração amoroso, aquele amor sempre predominante e aquela alma sempre fervorosa continuam a lutar e a esforçar-se e a debater-se com o espírito divino pelo bem-estar dessa criança; acompanhando-a até à cela da masmorra, rezando no próprio limiar do túmulo; mesmo quando o cadafalso recebe a forma, ali a mãe se curva, rezando para que, mesmo nesse último momento, o espírito do seu filho seja recebido pela misericórdia infinita.

Tal é o amor que, uma vez plenamente possuído, o espírito humano supera todos os obstáculos, penetra através de cada máscara, perfura a camada de crime e vê apenas a alma viva e permanente. Este amor é o mais semelhante àquele que Jesus sentiu quando todo o pensamento sobre si próprio desapareceu, e ele apenas conhecia os sofrimentos, as tentações, os erros da humanidade; e este amor é possível que cada ser humano o sinta. Então, porventura, a ignorância, o orgulho e o amor-próprio cederão diante da sua influência benigna e benéfica.

Considerai, se vos aprouver, que sob o olhar dos anjos, dentro do mundo do espírito, as leis da terra não vigoram; não existem tribunais como esses que denominais de justiça; não existem edifícios como essas abóbadas de prisões nas quais enclausurais os vossos semelhantes; não existem códigos adulterados como esses em que o homem procura desafiar a inteligência e a lógica ao agrilhoar o seu semelhante; existe uma lei suprema, absoluta, e essa lei é o amor.

Na sua presença sagrada entra cada alma, de luz ou de trevas, de boa ou de má intenção, de vida perfeita ou imperfeita; e quando a morte, o mensageiro subtil e de asas suaves, vos retira do corpo material, que presença pensais que recebe o espírito? Hostes de anjos condenadores, mensageiros acusadores e espíritos injuriosos, a cela da masmorra, a abóbada da prisão? E senta-se o juiz ali em estado solene para pronunciar o decreto de eterna vingança? Não!

Na presença suprema do Amor que tudo perpassa entra a alma. Pois, imperfeita como necessariamente tem de ser — poucos passam da vida terrena sendo perfeitos — , à luz deste amor permanente, essa imperfeição torna-se para o espírito uma consciência absolutamente suprema; e, encolhendo-se dentro de si mesmo, ele esconde-se do olhar desse fogo consumidor, desse amor benigno, por causa das suas imperfeições. Anjos piedosos afastam-se por um momento e ocultam os seus rostos resplandecentes para que a alma não seja sobrecarregada por uma humilhação intencional. Não há vozes acusadoras, mas a voz da consciência; não há palavras injuriosas, mas o anjo a falar no interior. Então, despido da máscara exterior que a terra obriga a alma a usar, o espírito entra súbita e realmente na presença de seres que

podem ler os pensamentos, penetrar nas vidas, compreender os impulsos secretos de cada natureza.

Não haveria o espírito de definhar, de se encolher, a menos que alguma grande voz piedosa falasse as suas palavras de encorajamento e de ânimo? Oh, se fôsseis julgados hoje por outro que não este amor supremo e perfeito, quem poderia erguer a cabeça? Quem poderia elevar os olhos para a majestade dessa bondade divina e não ter medo? E, no entanto, condenais os vossos semelhantes; e, no entanto, tentais marcar a linha entre os que são dignos e os que não são dignos, e presumis sentar-vos em julgamento uns sobre os outros; e, no entanto, vós, se fôsseis colocados na mesma posição, teríeis praticado o ato e cometido o erro que eles cometeram. Disse-se outrora de Wilberforce, o filantropo, que, perante cada criminoso que via, imaginava que poderia ter sido igual a ele.

Talvez o próprio pensamento que o fazia sentir-se assim lhe tenha dado tanto poder para resistir a toda a tentação. Mas deveis lembrar-vos de que o mais baixo criminoso que pisa a terra, o ser mais ignorante que desprezais, apenas representa o que vós poderíeis ter sido; e se as vossas ações e pensamentos forem comparados com a bondade e pureza absolutas, aos olhos dos anjos e na presença do Investigador dos corações, estais tão longe dessa perfeição quanto estão aqueles que condenais.

Mas cada coração está cheio, e cada mente é dotada, e cada alma traz a marca desse amor infinito, sem o qual o mundo continuará com a sua discórdia, e altercação, e contenda; sem o qual prisões serão construídas e reinos estabelecidos sobre os corpos caídos dos vossos semelhantes; sem o qual, em todas as classes da vida e em toda a parte, a condenação e a palavra de censura serão ditas, e passarão de boca em boca; sem ele haverá ainda suspeita a espreitar nos vossos corações, e sentenças proferidas pelos vossos lábios, e ódio vingativo para com os vossos semelhantes.

Com ele há suavidade, e paz, e piedade. Com ele todas as formas de humanidade se tornam preciosas, e aquele que está mais nas trevas é o mais merecedor e o mais necessitado dos vossos cuidados; aquele que caminha pelos caminhos mais baixos tem a maior necessidade de piedade. Cedei, e descereis do vosso caminho elevado e da vossa torre de segurança e proteção individual para lhe apontar o melhor caminho.

Não sejamos ternos simplesmente por compaixão. Esse impulso de benevolência temporária que daria pela consideração de que não deseja, de que não procura presenciar o sofrimento — a verdadeira caridade não é isto. Vós desejais proteger-vos da consciência do sofrimento humano através da esmola que concedeis. Muitas vezes, para o bem-estar físico dos vossos semelhantes, dais esmolas aos pobres; dais amor também? Dais para o hospital; sentis pela humanidade? Dotais instituições; mas está o vosso coração e o vosso espírito ali? Dais ao indigente à beira do caminho se o homem vos importa; amai-lo como a um semelhante? Olhais nos seus olhos e pensais: Por detrás daquela forma, por detrás daqueles membros curvados e decadentes, há uma alma, um espírito tão estreitamente aliado à Divindade como vós estais — participando da essência divina, dotado da mesma imortalidade?

Não o fazeis. E o nome da caridade é pronunciado por lábios que não têm música de amor, e a partir de corações que se tornaram frios como a pedra, por causa da falta dessa mesma palavra no mundo. Tratemos, cada um de nós, de não esperar dos outros aquela caridade que nós próprios não sentimos. Tratemos de sentir primeiro pelos outros como desejaríamos que eles sentissem por nós; transpondo a regra de ouro; e tragamos de volta o exemplo árabe de pensar retamente dos nossos semelhantes. Tratemos de que o grande espírito da caridade signifique, não simplesmente uma concessão de dádivas ou de esmolas aos pobres, nem a construção de asilos, mas aquele fogo ardente e fervoroso, aquela chama de amor humano que nos une aos nossos semelhantes e nos torna um com o Espírito Infinito.

Oh, se a Compaixão eterna estivesse à vossa porta, se o próprio espírito do seu fervor e da sua vida caísse sobre vós, encontraria ele esta caridade no mundo? Não andaria ele de um lado para o outro como um viajante no deserto, como um viandante na solidão, para encontrar a fonte de água doce que sacia os lábios sedentos? Não diria ele, na verdade, este é um lugar deserto, um jardim onde todas as ervas daninhas se encontram, mas a única flor doce cujas sementes semeei não foi nutrida; foi sufocada e extinta e atrofiada, e a sua luz brilhante não ilumina os lugares estéreis e desertos da terra sombria? Mas eis que ela brilhará! Pois virá uma nova voz, um novo impulso do mesmo poder, ensinando à humanidade, acima de todas as formas, de todos os credos, de todas as doutrinas, acima de todos os pensamentos de erro, ensinando-lhes a vida do espírito, ensinando a natureza imortal da alma, o fervor vivo dessa dádiva que — a mais benéfica de todas — eleva e liberta o homem do cativeiro das eras. Cada um deve trabalhar para isto, cada coração aspirar a isto, cada alma deve revestir-se da luz desta piedade divina como de uma veste; e então os anjos cuja presença invocais, os espíritos cujas vozes cobiçais, o próprio Deus a quem rezais, testemunharão a luz da sua vinda ao mundo.

Vemos agora, com os olhos do espírito, aquelas almas que passaram da terra, aquelas mentes que se ergueram dos seus lugares no vosso meio, sacudiram os grilhões e os algemas da terra, revestidas de novo com a vida do espírito; e qual pensais que é a sua ocupação, a sua atividade? Em que pensais que preenchem as horas e os momentos da sua vida celestial a realizar? Qual pensais ser o elevado propósito e objetivo daqueles que estão libertos do tempo e dos sentidos? Vede onde esperam, esses mensageiros silenciosos e sem voz, enchendo o ar com as suas formas de luz e elevando a humanidade acima do medo do túmulo e da escuridão do sepulcro.

Eis que, com asa veloz, e em muitas missões de misericórdia e vida, eles dirigem o seu caminho para a terra. Não há voz vingativa, nem espírito vindicativo, nem presença irada; mas, de comum acordo, e com asas invisíveis e voz inigualável, elevam as suas vozes em louvor e ação de graças. Com atos de misericórdia, pensamentos de gentileza, orações de paz, eles visitam os humildes, a cela da masmorra é iluminada com as suas formas radiantes, a cabana da doença e do sofrimento é frequentada pelos seus passos inaudíveis.

Eles são frequentemente ouvidos em palácios; e onde quer que uma alma sofredora, um espírito cansado procure romper os laços dos sentidos; eis que, quando a

lâmpada arde fracamente e a luz se apaga, estes anjos ternos sussurram de paz e amor e alegria, e o criminoso moribundo eleva o seu coração com esperança, e o sofredor à beira do caminho sente o suave sinal da sua presença, e aquele a quem o mundo despreza é abençoado e recebe o sorriso deles. As suas mensagens aladas de caridade, a sua vida e luz, todas as oferendas de louvor e beleza são oferecidas com amor, e eles trazem esta mensagem à terra: Que permaneçais na Fé, seguros na Esperança, mas, acima de tudo, na Caridade.

FACETAS

Cora L. V. Richmond, no seu livro de 1923 intitulado *My Experiences While Out of My Body*, abordou a separação temporária entre o espírito e o corpo. "A possibilidade de o espírito 'deixar o corpo' por um tempo e depois retornar às suas atividades habituais foi demonstrada muitas vezes", escreveu, salientando que essa separação pode ser causada por acidente ou doença, mas por vezes por uma "ausência voluntária", referida simplesmente como uma experiência fora do corpo.

"Estas visitas ao 'céu'", continuou, "seriam por vezes matizadas pelo pendor religioso do sujeito, mas isto não é estranho tendo em conta que os estados espirituais são condições da mente e dos espíritos que os experienciam". Quase um século mais tarde, cientistas céticos fazem esta mesma observação como se fosse algo novo, oferecendo-a como prova de que a experiência não passa de uma alucinação.

Além de várias EQM (Experiências de Quase Morte), Richmond parecia ser perita em afastar-se do seu corpo voluntariamente. Não é inteiramente claro no seu livro, mas a principal experiência relatada parece ter ocorrido durante uma doença grave, quando esteve perto da morte durante vários dias, alguns anos antes da sua morte real aos 82 anos, em 1923, o ano em que o livro foi publicado. Contudo, ela afirmava ter tido muitas experiências fora do corpo e por vezes é difícil discernir se tudo o que relata no livro resultou daquela única EQM durante a sua doença grave ou se parte proveio de outras experiências.

Ela começa o livro afirmando que é impossível transmitir adequadamente na linguagem humana o que realmente experienciou, especialmente nos estados mais elevados do ambiente da vida após a morte, e que o melhor que podia fazer era tentar oferecer alguns vislumbres da sua experiência. Recordou uma grande sensação de alívio — de ser libertada das limitações do corpo — e não esperava voltar a ele como fizera anteriormente.

"Houve uma perceção de grande Luz, uma consciência de Iluminação, um despertar para a vastidão, a ilimitação deste Reino do Espírito", explicou. "Tudo o resto foi engolido — eclipsado pelas experiências maravilhosas que surgiram — as Presenças Amadas — as visões de Espíritos luminosos! Este era um estado de Superconsciência; o despertar de faculdades e perceções antes desconhecidas, de estar consciente, quase sem limitação; de SABER! Qualquer que seja a natureza e o estado

do verdadeiro Ego, isto parecia tão perto do Absoluto quanto se poderia conceber! Havia tanto de mim! Havia tão pouco de mim! Havia tantos e tão excelsos espíritos! Como alguém se encolhe na presença dos poderosos! Como alguém se expande no Conhecimento do Infinito: A Sua Imagem!"

Entes queridos já falecidos acolheram-na. "Os Mais Belos Amados, aqueles que me tinham precedido nesta vida maravilhosa, vieram em multidão, gradualmente, dar-me as boas-vindas: não todos de uma vez, mas primeiro aqueles que, pelos laços mais ternos, eram os mais próximos e os mais queridos." "Vi-os 'a moverem-se sobre' as mentes daqueles em formas terrenas que podiam alcançar, por vezes individualmente, por vezes em grupos, conforme as condições o exigissem."

O seu guia levou-a numa viagem pelo mundo espiritual. Testemunhou cenas em que os espíritos tentavam ministrar aos humanos sob a sua orientação, mas falhavam devido a barreiras terrenas, principalmente o egoísmo e o facto de não estarem abertos à influência espiritual devido a uma falsa educação, tanto teológica como material. Viu aqueles que tinham falecido recentemente e ainda não tinham despertado totalmente para o seu novo estado a existirem nas formas-pensamento e cenários das suas recentes vidas terrenas, visto que careciam da perceção espiritual para reconhecer e valorizar plenamente os seus novos estados.

"À medida que o Espírito se desdobra, as formas-pensamento mudam e depois desaparecem, conforme a perceção toma o lugar da limitação pelos sentidos", foi-lhe explicado. Muitos dos que reproduziam cenários familiares das suas condições terrenas pareciam satisfeitos, alguns até felizes, "nem sequer sabendo que essa similitude era o resultado das suas próprias formas-pensamento em vez de ser inerente ou orgânica na 'terra espiritual'". No entanto, havia muitos outros cujas formas-pensamento eram do "tipo sombrio" e aparentemente não muito agradáveis.

Richmond continuou dizendo que se tornou cada vez mais consciente de que podia perceber e receber de forma mais perfeita a resposta a cada pergunta, mesmo antes da sua formulação no pensamento. "A formulação é um processo de limitação, por vezes de impedimento", disse-lhe o seu guia espiritual, explicando que sentidos preparados são o resultado de mentes preparadas; isto é, mentes preparadas pela consciência do espírito enquanto na vida material.

Ela rezou para não ter de regressar ao seu corpo físico, mas o seu guia informou-a de que ainda tinha trabalho a fazer e devia voltar. Foi levada pelo seu guia para observar o seu corpo e notou que este ainda respirava, vendo também um "cordão psíquico" que ligava a sua forma espiritual a ele. O guia disse-lhe que, embora não regressasse imediatamente ao seu corpo, era necessário que mantivesse o seu espírito *en rapport* com o corpo. Assim, durante a experiência ao longo de "maravilhosos dias" do tempo terreno, foi-lhe exigido que regressasse ao corpo para manter viva a "centelha vital". Ela comparou a ideia de regressar a visitar amigos queridos num lugar de beleza e encanto e depois ter de voltar à rotina diária de cada um.

Foi levada pelo seu guia para testemunhar aqueles que estavam "a trabalhar consigo mesmos". Uma dessas almas ela reconheceu como uma pessoa que fora considerada "eminente" no mundo da arte enquanto na vida material. Ele estava a cortar, a esculpir e a soprar sobre uma imagem de si mesmo. Ela perguntou ao guia o que o homem estava a fazer. "A remover as angularidades e os erros da sua própria natureza: o ciúme de outros artistas, a cicatriz mais profunda; o amor egoísta pelo louvor humano — esse desejo desmedido de adulação; a relutância em conceder aos outros o apreço pelos seus verdadeiros méritos", explicou o guia.

"Os estados espirituais são tão variados como o são os estados pessoais daqueles que os compõem." "O conhecimento — ou a falta dele — possuído pela pessoa É o estado espiritual, isto é, o conhecimento dos princípios espirituais." Com efeito, quanto mais passamos a compreender relativamente aos princípios espirituais na vida terrena, melhor estamos após a transição para o mundo espiritual, assumindo que vivemos de acordo com esses princípios. "O tempo não parece ser um factor no reino dos espíritos, exceto no que se refere a pessoas e eventos no estado humano com os quais os espíritos têm ligação." "As nossas frases humanas, e até os nossos pensamentos habituais, parecem superficiais, fracos e pueris quando tentamos descrever as realidades divinas do Espírito."

A sua viagem pelos reinos mais elevados ou mais celestiais foi completamente indescritível. "Nenhuma linguagem humana é no menor grau adequada para retratar o êxtase produzido pela visão, contemplação ou perceção deste estado omniglorioso", continuou. "Orbe sobre orbe de beleza transcendente, esfera sobre esfera de esplendor celestial!" E embora os espíritos nesses reinos mais elevados estivessem mais unificados em propósito, mantinham a sua individualidade. "Esta Individualidade é Eterna; é o Ego do qual a pequena personalidade da terra e até dos estados espirituais é apenas um fragmento de manifestação."

"Desde o primeiro momento, foi anunciado através dos próprios lábios de Cora (enquanto em estado de transe) que havia um grupo de controlos espirituais daqueles cujas atrações mútuas e simpatia os tinham aproximado neste trabalho de controlar e guiar [Cora]." "Este grupo, agindo em conjunto sob os seus guias que tinham a seu cargo o trabalho dela, levaria por diante a mensagem de verdade que o mundo espiritual tinha para a humanidade, através do seu organismo."

Em 15 de fevereiro de 1853, menos de um ano após a sua entrada na vida espiritual. Os nossos leitores podem facilmente ver que seria absolutamente impossível para uma criança no seu décimo terceiro ano de idade dar tais pensamentos como estes sem assistência de algum poder fora de si mesma. O tema desta alocução é "As Esferas".

"Pensando que esta assembleia está plenamente convicta da existência de espíritos, procurarei agora explicar-vos de que maneira eles existem depois de deixarem a terra. Conheço três esferas na terra espiritual: uma terrestre, uma superterrestre e outra celestial. Cada esfera tem sete círculos, e estes, por sua vez, dividem-se em sete sociedades. Cada uma destas esferas, círculos e sociedades

representa um grau de desenvolvimento, correspondendo as da terrestre ao desenvolvimento dos habitantes da terra.

Por exemplo, qualquer pessoa na terra cujo desenvolvimento correspondesse ou a capacitasse para o primeiro círculo da esfera terrestre entraria nesse círculo ao deixar a forma terrena. Mas uma pessoa na terra só pode ascender até ao sexto círculo porque, se essa pessoa atingisse o desenvolvimento do sétimo, não poderia permanecer na terra nem na esfera terrestre, representando esse círculo a transição da primeira para a segunda esfera; e o espírito desfaz-se então do seu corpo inferior e assume uma forma mais celestial, sem que nenhuma dor ou doença acompanhe tal mudança no nosso mundo. Percebeis por estas observações que a progressão é a lei que governa todos os espíritos, quer encarnados quer desencarnados. Não há retrocesso.

As esferas ou círculos referidos são estados ou condições de mente. A escuridão que agora perpassa as mentes terrenas a respeito da vida no mundo Espiritual será em breve varrida por esta comunhão aberta. Em vez de medo na vossa adoração a Deus, conhecereis apenas o amor, pois o amor e a verdade são os atributos de Deus."

Oito dias mais tarde, a 23 de fevereiro de 1853, na presença de trezentas pessoas, foi proferida a seguinte alocução:

"Alegramo-nos por saudar tantos aqui reunidos com o propósito de ouvir da terra espiritual. Não duvidamos de que viestes com um desejo sincero de instrução.

Esta é uma era gloriosa em que viveis; uma era há muito procurada pelas mentes da terra — há muito pressagiada por videntes e eras. A maior — porque entre o vosso mundo e a terra espiritual foi revelado um meio de comunicação. Um pensamento absolutamente glorioso! Um pensamento que faz os corações tristes pulsar de alegria. Vimos falar-vos da felicidade que esta comunhão dá aos vossos amigos que partiram.

Vimos dizer-vos que os vossos corpos voltarão ao pó de onde vieram, mas os espíritos ascenderão às 'moradas não feitas por mãos'. Há felicidade para todos. Não perfeita, nem imediata, mas cada um, de acordo com as suas ações e condições, será feliz. Cada um terá a felicidade que está capacitado para usufruir e compreender.

Vimos dizer-vos que o amor vencerá o ódio, e que estas comunhões nunca cessarão. Pede-se-vos que considereis o assunto com calma e candura. Ele tem provas para cada mente sincera. A ignorância, por si só, escraviza o mundo e barra a porta da verdade. Mas é prometida a todos esta dádiva bendita, 'A luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo'.

Sendo dado o primeiro passo (no Espiritualismo), isto é, abrir a comunicação com os habitantes da terra; o seguinte será falar sobre a condição da existência espiritual. O amor, a verdade e a pureza estão gravados nos arcos do templo da alma."

Apresentamos agora um extrato de uma alocução sobre o tema "Evidências da Imortalidade", dada através da mediunidade do nosso sujeito, quando ela tinha quinze

anos de idade. Consideramo-la de grande valor e estamos certos de que os nossos leitores apreciarão os breves extratos que fizemos:

Em 1856, quando tinha acabado de fazer 16 anos, enquanto discursava novamente na cidade de Nova Iorque, foi-lhe dado o tema para debater.

Em Lynn, Massachusetts, em dezembro de 1857, um comité composto por homens eruditos previu que iria confundir os guias de Cora ao perguntar: "Poderá, por favor, definir a proposição pitagórica?" Falando através de Cora, os guias perguntaram: "A qual proposição se refere — ao Código Moral ou à chamada Proposição Científica?" Como não veio resposta por parte do comité, os guias abordaram o Código Moral. Após esse discurso, um membro do comité, aparentemente um cientista, perguntou: "Qual é o diâmetro de um balde cheio de água até à borda?" A resposta veio através de Cora: "O diâmetro de um balde de água é provavelmente tão grande quanto o diâmetro de uma estrutura craniana desprovida do material cinzento denominado 'cérebro' por supostos cientistas."

A 13 de junho de 1858, Cora, então com 18 anos, apareceu no Melodeon Hall, em Boston, e foi pedido aos espíritos que explicassem a diferença entre Verdade e Facto. Mais uma vez, usando as cordas vocais de Cora, os espíritos responderam, em parte:

"É costume o homem falar da verdade a partir da posição que a sua mente alcançou. Em tribunal, um homem jura dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, no entanto, apenas promete dizer a verdade conforme a concebe. Falais das verdades da religião. Tudo o que vos aparece nos dogmas religiosos consagrados não tem relevância para a verdade religiosa. A Bíblia, na medida em que é historicamente correta, não é uma verdade, mas sim um registo de factos. Não existe tal coisa na natureza, na arte ou no intelecto como a verdade. O intelecto não passa de facto, e a mente é construída sobre a base de factos frios. A arte e a ciência não são verdades, exceto na medida em que impulsionam a alma na sua conquista. O mesmo acontece com a arquitetura: é uma questão de beleza.

Não existe nenhum princípio de verdade na afirmação de que a terra é redonda. É apenas um facto. Haverá alguma evidência de que alguma lei da ciência seja perfeita? Nenhuma. Os factos, portanto, não passam de trampolins para as verdades. Os credos e os dogmas permanecem sempre os mesmos — nunca progridem. Não são factos, por conseguinte, não são verdades, apenas a expressão do homem sobre o que considera ser a verdade no que diz respeito à religião. Não podeis apegar-vos a opiniões favoritas ou a instituições antigas e chegar à verdade. O máximo da verdade é a sua simplicidade..."

Até ao final de 1858, Cora, com apenas 18 anos então, tinha proferido mais de 600 palestras sobre uma ampla variedade de temas. "Esta senhora pode dirigir-se a um público de cinco mil pessoas com grande facilidade, e os guias através dela fazem um discurso elaborado sobre qualquer assunto que o público possa escolher", escreveu o

Dr. A. B. Childs, um dos observadores. "Não pode haver maior teste do poder do Espírito do que este."

Enquanto viajava pela Califórnia, Cora encheu uma sala com capacidade para 3000 pessoas em São Francisco, em semanas sucessivas. Os conselhos e opiniões expressos eram quase sempre prefaciados com "nós", referindo-se ao grupo de 12 espíritos que falavam através dela, por exemplo: "Apenas podemos dizer: estudai as vossas almas como fazeis com os vossos corpos, dedicai-vos à ciência como fazeis com qualquer outra. Fazei da lâmpada do espírito humano o tema das vossas indagações e investigações e, tal como o feliz astrónomo que triunfou no exercício da fé matemática, também vós triunfareis na certeza do conhecimento espiritual."

Eis alguns outros excertos dos discursos de Cora:

Deus: "Diz-se frequentemente que uma Divindade Infinita é inconcebível. Uma Divindade Infinita é incompreensível, admitimos, mas não inconcebível. A mente pode conceber aquilo que não pode ser compreendido. Tudo o que se relaciona com a Eternidade não é compreendido exceto na Eternidade; mas vós concebeis tanto o que ficou para trás como o que virá depois enquanto estais no vosso estado atual. As conceções da mente são profecias, e as compreensões da mente são limitações."

A Alma: "A Alma, na sua natureza pura e primitiva, nada tem a ver com o tempo, nem com o espaço, nem com a matéria, mas apenas com a eternidade e com aquilo que pertence à eternidade. O que quer que doravante seja expresso relativamente ao que a Alma faz não deve ser confundido com o que a Alma é. A Alma é uma revelação para a natureza externa. Nenhuma coisa externa pode revelar Deus. Apenas a Alma, sendo da natureza de Deus, percebe Deus. Nada pode ensinar que Deus existe. Todas as coisas o podem ilustrar; o ensinamento vem do conhecimento, da possessão; e aquilo que reconhece Deus vem da Alma. Sendo a consciência na Alma, assim cada atributo expresso pela consciência está na Alma. Da mesma forma que deveis ir à Alma para encontrar a fonte de toda a inteligência, assim deveis ir à Alma em última análise para tudo o que promete expressão."

Superar a Adversidade: "A força do espírito é alcançada através de lutas que podem abranger todas as condições de vida. Não gigantesca ao ponto de uma força física desmedida, mas, para fins de utilidade, tanta força quanta a necessária; não gigantesca ao ponto de adorar o intelecto à custa do coração, mas sim ter sucesso em tudo e falhar em tudo, até que se possa fazer avançar o trabalho do espírito, até que este tenha conquistado todos os estados, não apenas o pecado, mas o maior de todos os pecados, a hipocrisia, e se erga numa humildade sublime e exaltada como a ilustração típica da conquista sobre a terra. Todos os estados entre esse e a condição mais baixa que possais imaginar são estados de experiência humana pelos quais cada Alma deve passar. Entretanto, infiltra-se nestas experiências um elemento religioso ou espiritual, uma sugestão de que aquilo que o corpo, ou a mente, apenas realiza não é realização nenhuma."

Moralidade: "Quando a força mental está a tomar posse, ela surge frequentemente velada antes do reconhecimento; as antíteses são o passo a partir de alturas que são falsas; tal como a altura física tem a sua queda para que uma altura melhor possa ser alcançada, assim no mundo intelectual há a recessão. Que ninguém suponha que, quando colocado na balança espiritual, o intelecto humano sem Alma pesará mais do que o pó que não expressa intelecto; que ninguém suponha que a simples expressão intelectual, desacompanhada de força ou intenção moral, possa pesar mais na grande escala da vida real do que essa vida cujo intelecto está velado e que, no entanto, em todas as aparências, exibe um rosto belo, com traços delicadamente cinzelados, mas sob alguma lei veio ao mundo sem perspetiva intelectual, sem rosto para a vitória terrena. Estas ilustrações são extremos, mas não existe profundidade mais extrema, ou altura fictícia, do que a do orgulho do intelecto, da qual este extremo é a antítese necessária e natural."

Génio: " Nomearíamos Mozart como um génio porque, sem instrução, na infância ele conhecia os princípios da harmonia. Não sabia porque nunca tinha tido experiência, mas sabia porque tinha tido experiência em vidas anteriores; ele tinha dado todos os passos porque aquela vida era a culminação. Isto permitiu a Mozart conhecer a música aos três anos de idade, não porque a sua Alma ou espírito fosse mais afinado do que qualquer outro, mas porque tinha dado os passos precedentes em vidas anteriores para essa culminação."

Reencarnação: "A mente humana alarma-se imediatamente com estes ensinamentos e declara uma perda de identidade se uma encarnação for seguida por outra, e se um espírito após outro tiver expressão. Não há reencarnação; há outra expressão, e outra, até que tudo o que é possível seja expresso aqui e na vida espiritual. Outra encarnação não é uma perda de identidade, mas sim uma expressão adicionada de identidade. Tal como cada forma expressa apenas uma porção do espírito que a perpassa, assim cada espírito (de uma Alma) expressa apenas uma porção da Alma. Não confundais o espírito da encarnação com a Alma; é tão fatal como confundir o corpo com o espírito."

Encontrar Amigos na Vida Após a Morte: "As pessoas dizem: 'Não gostaria de ir para a vida espiritual e não encontrar os meus amigos.' Se são vossos amigos, encontrá-los-eis; se não são, não o desejaríeis. Todos os laços reais duram na existência espiritual e formam uma porção das possessões da Alma. A esfera maior inclui a menor."

A adolescente Cora Scott Richmond (abaixo) confundiu cientistas, eruditos, ministros, advogados e jornalistas durante a segunda metade do século dezanove quando proferiu (enquanto em estado de transe) palestras improvisadas de uma hora sobre muitos assuntos diferentes. Em 1854, o Professor James J. Mapes, químico e inventor, viajou para Buffalo, Nova Iorque, para observar e estudar a rapariga de então 14 anos. Mapes pediu-lhe que falasse sobre "rochas primárias", ao que ela respondeu com um discurso sobre geologia que deixou Mapes perplexo. "Sou um homem com formação universitária e fui durante toda a minha longa vida um investigador de

assuntos científicos e associado a homens de ciência", reagiu ele, "mas permaneço aqui esta tarde mudo perante esta jovem rapariga."

Mapes resumiu as suas observações escrevendo: "As manifestações que são pertinentes para os fins exigidos são tão conclusivas no seu caráter que estabelecem na minha mente certos pontos cardeais. Estes são:

Primeiro, que existe um estado futuro de existência, que não é senão uma continuação do nosso estado atual de ser, desprovido de tais porções do nosso organismo que são agora denominadas materiais.

Segundo, que o grande objetivo da natureza, conforme demonstrado através de uma grande variedade de existências espirituais, é a progressão, estendendo-se para lá dos limites desta esfera mundana.

Terceiro, que os espíritos podem comunicar e comunicam com os mortais e, em todos os casos, manifestam o desejo de elevar e fazer avançar aqueles com quem comunicam.

Quarto, que os espíritos comprovaram, num vasto número de instâncias bem atestadas, a sua vontade e capacidade de afastar perigos, curar doenças, prevenir crimes, reformar criminosos, restaurar propriedade perdida e comunicar muitas ideias úteis, científicas e algumas altamente ocultas e inovadoras à humanidade."

CRESCIMENTO E RECONHECIMENTO NA VIDA ESPIRITUAL

(Manchester, 1874)

Os Espiritualistas de Manchester estão finalmente a ser favorecidos com uma série de alocuções inspiradoras através da mediunidade da Sra. Cora L. V. Tappan; e é apenas justiça para com esta senhora dotada referir que a visita teria sido feita mais cedo se tivesse sido possível obter uma sala adequada. A expectativa tinha sido despertada mesmo entre os não leitores do *Medium*, e o Temperance Hall, na Grosvenor Street, estava superlotado na primeira reunião, no passado domingo de manhã.

A presidência coube ao Sr. Thomas Ellis, outra adesão notável vinda das fileiras do secularismo. O Sr. Fitton liderou o canto, que foi tão entusiasta quanto a reunião foi harmoniosa do princípio ao fim. De acordo com o anúncio público, o público selecionou o tema da oração. Isto foi feito nomeando primeiro cinco cavalheiros, que se retiraram e, durante o canto e a leitura do capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos, escreveram três temas, tendo a maioria do público escolhido como o tópico mais apropriado e instrutivo: “Crescimento e Reconhecimento na Vida Espiritual”; ou, conforme foi formulado, “Existe crescimento e mudança no mundo espiritual, e os que partiram reconhecem aqueles que conheceram aqui?”.

"A Sra. Tappan prosseguiu, numa voz clara e firme... a discursar sobre o tema assim escolhido para ela." Assim declarou o *Manchester Guardian* no seu relatório na manhã seguinte. Dizem-nos que esta é a primeira vez que o principal jornal de Manchester toma conhecimento das reuniões Espiritualistas locais. O relato do discurso e das perguntas estendeu-se por quase meia coluna. Quanto ao poema de improviso, o repórter admite o seguinte: "A peça foi habilmente estruturada." Como seria de esperar, há uma tentativa de ignorar o controlo espiritual. A melhor resposta é a própria oração, pelo relato da qual temos de agradecer ao nosso amigo Henry Pitman.

A Sra. Tappan, imediatamente após o tema ser anunciado, levantou-se de novo e falou da seguinte forma:

Supõe-se frequentemente que a morte é a mudança final e que, sendo a mudança final, tudo o que diz respeito à alma, à sua vida futura e à sua preparação para a mesma deve ser realizado nesta vida ou no mundo material. Referir-nos-emos, naturalmente, às autoridades sobre este assunto — o registo sagrado chamado Escrituras, sobre o qual os cristãos fundamentam a sua crença num estado futuro e o seu conhecimento do que esse estado será —, ao testemunho de videntes que não existiam no tempo da escrita das Escrituras, mas que testemunharam em vários momentos seres espirituais e com eles conversaram —, ao testemunho da lógica e da Razão, que ilustram o que seria provável relativamente a um estado futuro, se é que a mente existe —, e, finalmente, ao testemunho do Espiritualismo com referência aos próprios espíritos e àqueles que os viram e com eles conversaram sobre o estado futuro.

Tomamos primeiro o registo das antigas Escrituras, deixando de fora as Escrituras ou registos que não são considerados autênticos e que não fazem parte da autoridade da Cristandade, embora multidões de seres no extremo Oriente deem a sua adesão e fé a outros livros que não a Bíblia Cristã; e, embora o testemunho desses livros pudesse ser valioso, continua a não ter valor de autoridade no mundo cristão, teologicamente falando. Deixaremos, portanto, o Alcorão, os Shastras, o Zend Avesta — os livros sagrados dos indianos do extremo Oriente — para essas nações, e daremos aquilo que consideramos ser o testemunho em que se confia na Cristandade.

A Bíblia Hebraica contém muito pouco sobre o estado futuro, sendo matéria de grande especulação entre teólogos imparciais saber se a religião hebraica ensina realmente um futuro para as almas dos homens. É verdade que existe a imagem de um céu futuro, ou Nova Jerusalém; é verdade que se supõe que essa Nova Jerusalém seja o lugar de morada imortal dos justos, dos bons e dos escolhidos; mas os hebreus de hoje acreditam, e pensamos que se acreditava nos tempos antigos, que apenas os eleitos e escolhidos de Deus habitariam a Nova Jerusalém, e que a Nova Jerusalém, ou cidade do céu, seria um lugar na terra, uma restauração dos judeus ao seu reino original, com um rei temporal que governaria sobre eles, e que a imortalidade e a felicidade eterna imaginadas para estes é a imortalidade da residência na terra, livre da morte e do pecado, enquanto todos os ímpios seriam consumidos — destruídos por completo.

Esta é, cremos nós, uma exposição justa da condição que a religião hebraica retrata para o futuro daqueles que hão de ser os escolhidos de Deus, que hão de herdar o direito de habitar aqui para sempre, enquanto os ímpios hão de ser totalmente destruídos.

Coube, contudo, ao Cristianismo revelar uma interpretação mais espiritual desta religião; e, sem entrar no mais mínimo grau nos méritos dos vários pontos teológicos de discussão, podemos declarar aquilo que consideramos ser o fundamento no Novo Testamento para a crença num estado futuro e nas suas condições.

Primeiro, o próprio Cristo representou o estado futuro como um estado espiritual, e o reino dos Céus como um reino espiritual; e tudo o que ensinou relativamente a esse reino dizia respeito à natureza espiritual do homem. Ele afirma distintamente, segundo o registo, que "o reino dos céus está dentro de vós"; mostrando que deve ser um estado da mente, não necessariamente uma localidade distinta.

A referência seguinte que faz especificamente ao estado futuro ocorre quando se está a despedir dos seus discípulos e seguidores. Recomendando-os às várias provas afetuosas que deu, diz ele: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; vou preparar-vos lugar." Isto referir-se-ia a uma condição de vida futura na qual poderia haver graus ou condições de existência, visto que nem todos, mesmo na casa do Pai, ocupariam precisamente a mesma posição. Outra indicação do que o estado futuro pode ser encontra-se na referência às criancinhas, onde as abençoa e diz distintamente: "Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, porque delas é o reino dos céus"; alertando aqueles que o rodeavam para não prejudicarem um destes mais pequenos, pois os seus anjos contemplam sempre o rosto do Pai no céu.

"Os seus anjos" é um termo ao qual voltaremos novamente. A referência específica e distintiva seguinte é feita, naturalmente, na sua ressurreição e na ilustração que esta oferece a toda a Cristandade da existência continuada para além da vida terrena. Mas não nos deteremos aqui sobre o facto de se tratar de uma ressurreição temporal ou espiritual, mas apenas sobre o facto de ter oferecido a prova da existência para além da morte. No Monte da Transfiguração apareceram Moisés e Elias, aparentemente em forma espiritual ou corporal-espiritual. Temos nestas várias referências os únicos elos de ligação oferecidos pelo Cristianismo a respeito da vida futura. Estas constituem as provas oferecidas pelo próprio Cristo: primeiro, que existe um reino dos céus, que há muitas moradas no céu nessa casa do Pai, e que ele tinha preparado um lugar para se encontrar com os seus discípulos que lhe eram queridos e próximos.

Coube, no entanto, a Paulo enumerar e enunciar distintamente as condições da vida espiritual, mais expressamente onde se refere a uma estrela que difere de outra em glória, tipificando condições de ressurreição espiritual.

Não sabemos se existe alguma passagem ou ensinamento distintivo que se relacione com o crescimento futuro do espírito, ou se a mente continuará a progredir, exceto os que mencionámos. As denominações cristãs variaram na sua interpretação e

nas suas opiniões sobre o estado futuro. Embora na igreja primitiva e entre os primeiros fundadores da fé católica romana se considerasse indubitavelmente que existiam graus de existência espiritual, e embora se pensasse que o espírito podia mudar a sua condição após a morte, essa fé parece ter-se extinguido em anos posteriores e, com a introdução da Reforma e dos seus ensinamentos mais severos, passou a haver na Cristandade a ideia prevalecente de que no estado futuro não poderia haver mudança, e daí que a alma devesse ser imediatamente absorvida numa condição de felicidade ou condenada a uma condição de miséria, sempre que o julgamento fosse pronunciado sobre ela. Mas os sistemas complicados das diferentes teologias não apontam o que acontece ao espírito no estado intermédio. Alguns deles consideravam que a alma dorme antes do dia do julgamento.

Alguns consideram que ela existe num estado intermédio de semifelicidade, correspondente ao purgatório da Igreja Católica Romana. Outros consideram que não existe qualquer existência até que o espírito seja despertado com o corpo a partir do túmulo. Mas acreditamos que tem havido evidências suficientes nas visões de pessoas para mostrar que a alma não dorme no túmulo até que a ressurreição aconteça; pois, quando João na Ilha de Patmos viu o anjo e se quis prostrar para o adorar, este ordenou-lhe que o não fizesse, pois era um dos seus conservos e dos seus irmãos, os profetas, mostrando que devia ser um espírito. De onde teriam vindo também Moisés e Elias se os mortos devessem dormir até ao dia do julgamento?

E os espíritos ministradores que assistiram Cristo e os seus discípulos? E as hostes e nuvens de testemunhas que os cercavam por todos os lados, conforme descrito por Paulo? Estas são provas de que as inteligências espirituais não estavam condenadas a permanecer dentro do sepulcro durante todo o sono do corpo, no intervalo entre a morte e a suposta ressurreição do corpo. Mas não pensamos que possa haver qualquer dúvida na mente cândida e investigadora a respeito da interpretação que se deve dar à própria ressurreição, à natureza espiritual dessa ressurreição e aos diferentes graus da vida espiritual.

Os pontos mais intimamente ligados à questão que temos de determinar são: se o espírito continua a avançar, se as crianças têm crescimento na vida espiritual e alteração na sua aparência, e se, nos estágios sucessivos do crescimento espiritual, haverá tal mudança que destrua a identidade ou o reconhecimento dos amigos?

Estas são questões importantes para consideração, e as respostas a elas foram reveladas em experiências posteriores, especialmente nas revelações de Swedenborg, que retrata distintamente as condições da vida espiritual, retrata o crescimento dos espíritos nessa vida e mostra que os métodos de reconhecimento não são meramente físicos, mas pertencem à natureza espiritual.

Todas as pessoas que testemunharam espíritos que partiram, com eles conversaram e fizeram registo dessas conversas, testemunham que, quando as crianças entram no estado espiritual em tenra idade, aumentam em conhecimento e desenvolvimento espiritual como teriam feito na terra, crescendo a forma espiritual proporcionalmente como a forma física teria crescido aqui. É costume a mãe pensar no

seu filho falecido como um bebé; mas, se refletirdes sobre os fortes impulsos da natureza, vereis que, se um filho tivesse sido separado de vós por qualquer meio externo, tal como a mudança para uma terra distante, de modo que não pudesse estar convosco em forma externa, nada teríeis lamentado mais do que o facto de o filho permanecer para sempre uma criança de peito. Ora, quando considerais que a vida espiritual deve ser, se é que existe, uma vida natural, uma continuação da existência da mente aqui, nada seria mais de lamentar do que um bebé, dotado das faculdades que vedes que um bebé possui, permanecer sempre um bebé através das eras infindáveis da eternidade.

E quando Cristo diz: "Se não vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus", refere-se, indubitavelmente, à inocência e pureza da mente infantil, e não ao estado de infância no qual reconheceis a meninice; e consideramos que os seus anjos contemplarem sempre o rosto do Pai se refere ao assunto mais profundo em ligação com a própria alma, o que provavelmente significa isto — que a alma ou natureza angélica da criança, embora a criança exista na forma externa, não muda, e não é total e absolutamente pervertida mesmo por qualquer forma externa de tentação na vida exterior.

De modo que, quando as crianças passavam para a existência espiritual em tenra idade, isso era considerado pela Igreja como uma circunstância extremamente afortunada, libertando-as das tentações da existência externa. Nós não consideramos que assim seja; consideramos que a vida terrena se destina ao benefício, avanço e crescimento do espírito humano; mas também consideramos que a natureza e as leis da Divindade providenciaram compensações e que, se uma criança for retirada em tenra idade, existem métodos espirituais de crescimento em conhecimento, de modo que a criança não seja totalmente privada de qualquer vantagem que possa advir do conhecimento externo, da observação e da cultura.

Sabemos que nada é desenvolvido de forma mais contínua por Swedenborg, pelos vários escritores espirituais, por aqueles que viram e conversaram com espíritos, pelo próprio Espiritualismo moderno, do que o facto de a criança em espírito ser transferida para professores ou guardiões espirituais, que assumem o controlo da sua educação e cultura na vida espiritual; e é um facto solene que seria bom que recordásseis aqui: o de que não existem órfãos espirituais na vida espiritual; isto é, se uma alma parte da terra, deixando atrás de si os seus pais terrenos, existem aqueles providenciados na existência espiritual que cuidam dela na vida espiritual.

Não existem indigentes — pequenos abandonados que andam a vaguear pela superfície da existência espiritual sem habitação nem lar; mas existem sempre anjos bondosos e benéficos e espíritos ministradores cujo trabalho designado é cuidar das almas que partem por violência, por doença, por vezes por fome e fraude, da vida terrena. Portanto, declaramos que este crescimento das inteligências espirituais deve, inevitavelmente, continuar na vida espiritual, ou as funções, propriedades e propósitos da identidade individual não podem ser aperfeiçoados; e, quando não lhes é permitido serem aperfeiçoados na vida externa, a natureza, sempre bondosa, e Deus, sempre

amoroso, na sua sábia beneficência, providenciaram os métodos de instrução espiritual.

Se, pois, o espírito mudar, e o bebé crescer, e os espíritos continuarem a progredir, perguntais naturalmente: “Como nos reconheceremos uns aos outros na vida espiritual?”. A mãe cujo filho a deixa com a idade de 12 ou 14 anos não espera que, quando o seu aprendizado terminar ou quando a sua viagem terminar, ele regresse para ela como um rapaz; mas o seu pensamento amoroso acompanha-o através das fases de despertar da primeira juventude, as suas orações acompanham-no para o proteger através das tentações desses primeiros anos, e ela espera, quando ele regressar, que não seja uma criança, mas um homem.

No entanto, ela quase nunca falha em reconhecê-lo. Mesmo se a forma estiver mudada e lhe parecer ao início estranha, há algo no olhar, algo na intuição, algo na recordação espiritual que não permite que ela se engane.

Acreditamos que na vida espiritual estes métodos de reconhecimento são ainda mais fortes. Não se trata de uma questão de visão física; não se trata de uma questão de conformação física; mas trata-se de uma questão de pensamento que se molda ao espírito que se desdobra, e quem quer que esteja ligado por laços de afeição na terra não deixará de reconhecer no céu; pois esse reconhecimento, que vem do espírito, não se engana, é infalível, não é governado por sinais e marcas externas, mas por cadeias amorosas de pensamento que se tornam palpáveis para cada um no mundo das almas e desenvolvem a cadeia do reconhecimento familiar. Raramente existe uma mente ou espírito amoroso que, ao perder um amigo, não imagine, naquilo que se chama imaginação ou sonho, as mudanças que ocorrerão a esse espírito na vida espiritual; e há frequentemente medos e pressentimentos de que a recém-encontrada existência seja tão cheia de felicidade ou alegria que afaste o ente querido completamente de toda a consciência da terra e vos separe dele por inteiro.

Mas, se tivésseis fé no amor, fé na constância da amizade, fé nos laços duradouros do espírito, saberíeis que aquilo que é real na terra não pode ser dividido pela morte; saberíeis que nenhuma mudança, crescimento, circunstância ou tempo pode separar o espírito e a mente daqueles a quem está realmente ligado por laços de afeição espiritual; e saberíeis que os métodos de reconhecimento devem ser muito diferentes daqueles em que estais habituados a confiar aqui, a saber, as aparências externas, as circunstâncias exteriores, a mudança nas condições da vida material; que o verdadeiro reconhecimento é um reconhecimento de espírito, uma semelhança de pensamento, uma compreensão de intelecto, os métodos e modos daqueles que pensam como vós, sentem como vós, são como vós espiritualmente.

Que as leis relativas à vida espiritual são capazes de ser distintamente retratadas na ciência do desdobramento espiritual, mostrar-vos-emos claramente; que, embora o reconhecimento no céu tenha sido uma parte da hipótese distintiva da religião cristã, a dúvida que por vezes subsiste quanto a saber se iríeis encontrar os entes queridos no céu, ou se o estado e condição da mente não poderiam ser alterados de modo a impedir-vos de os encontrar, está agora absolutamente resolvida pela ciência ainda

mais subtil da própria alma; pois tudo o que pertence ao espírito é, na sua natureza, eterno; tudo o que é absolutamente uma parte do seu crescimento não pode perecer, e qualquer posse que lhe pertença espiritualmente não pode ser cortada ou arrancada dele por qualquer circunstância exterior ou mudança na morte.

Que o método da existência espiritual é distintamente e absolutamente governado por leis — leis tão invioláveis e tão decisivas na sua natureza como as que governam a revolução dos corpos celestes — e que, se houver um espírito ligado a vós por laços de afeição na terra, a própria e inevitável lei da existência espiritual faz com que ele fique ligado a vós na vida espiritual. Não é uma compulsão externa; não é uma circunstância exterior como acontece tantas vezes na terra; não é o mero laço de consanguinidade; é algo mais do que isto: o filho que é vosso, o possuidor do vosso espírito, o fruto da vossa mente, está inevitavelmente ligado a vós por um laço espiritual; e esse laço, longe de ser enfraquecido pela morte, torna-se mais forte à medida que o corpo que vos separa é diminuído e enfraquecido pela morte.

Isto a que chamais vida, ou as circunstâncias que vos governam aqui, frequentemente vos separam dos vossos entes queridos, mas a morte trá-los mais para junto dos vossos espíritos, torna possível que mantenham uma comunhão próxima convosco, desperta as vossas simpatias e energias espirituais e prepara, por uma aspiração constante, a habitação do vosso espírito com o deles. A morte é a despertadora, e não a destruidora, do amor e da afeição. A morte é esse agente espiritual subtil que traz para mais perto as almas que estavam divididas pelo espaço, pelo tempo, pelos sentidos e pela matéria. Foi revelado, como afirmamos, pelo processo subtil da clarividência, da psicometria — do Espiritualismo —, que estas cadeias de inteligência, que as leis da mente continuam a sua operação, avanço e aperfeiçoamento na existência espiritual.

A mudança vulgarmente chamada morte foi de tal forma mal compreendida que perverteu todo o significado da existência. Em vez de ser uma destruidora, é uma despertadora da vida; em vez de ser a morte, não é senão um processo de vida; e sabe-se que, quimicamente, o corpo nem sequer perece, apenas muda a sua forma atómica; sabe-se que, quimicamente, nenhum átomo de que a forma física é feita pode jamais perecer, mas passa novamente para a substância da terra.

Mentalmente, a química do pensamento prova que nenhum pensamento pode perecer, mas que na morte cada pensamento é retomado e forma uma parte da existência espiritual e da vida espiritual; e que tudo o que for o pensamento e a mente na terra, tudo o que tiver sido a oração diária, a aspiração e a ação, isso se torna uma realidade no mundo das almas e vos encontra face a face ao entrardes no corpo espiritual; e que, se os pensamentos forem de amor, de bondade, de simpatia, de pureza, de aspiração, o corpo espiritual é brilhante e radiante na mesma proporção; e, se os pensamentos tiverem sido indignos e cheios de dúvida, de crueldade, de ódio e de vingança, o corpo espiritual é sombrio e obscurecido, revestido ao redor por vapores semelhantes a névoa, moldado segundo afeição da própria alma; e que, à medida que o espírito aspira, mesmo após a morte, assim a sua forma enevoada e

semelhante a névoa desaparecerá, e ele se tornará um anjo de luz com aspirações correspondentes.

Tem havido uma forte tendência por parte dos teólogos para negar esta possibilidade de mudança após a morte. Citam frequentemente o provérbio de que "conforme a árvore cai, assim ficará deitada", deixando de reconhecer que a árvore não fica deitada dessa forma para sempre, que se decompõe, que os seus átomos mudam para outras formas de vida, e que é realmente uma falácia dizer que a árvore fica como cai, pois não fica. Depois, novamente, afirmam que não pode haver mudança no sepulcro. Mas até isso é um erro, pois o corpo de um homem, bom ou mau, decompõe-se e volta à terra, entrando os átomos novamente na formação de novas fases de vida. Um homem maravilhoso e distinto foi colocado no sepulcro, e ali cresceu uma árvore sublime.

Quando se faziam escavações para mudar a forma da cidade, descobriu-se que as raízes desta árvore tinham penetrado no caixão e tinham obtido vigor e nutrição do corpo do homem esplêndido que ali fora depositado. O amigo que encontrou esta árvore saudou o seu amigo falecido nas folhas e ramos da esvoaçante árvore da floresta acima da sua cabeça. Se tivesse possuído visão espiritual, poderia ter saudado o espírito do seu amigo num outro e mais elevado sentido nos ramos do pensamento a acenar muito acima dele e até dentro da sua mente, sem dúvida motivando-o ao seu espanto e expressão de reverência.

Portanto, até esta ilustração fica aquém de ser literalmente verdadeira; ao passo que, no que respeita à mudança espiritual — se é que precisais de autoridade —, o que significa ela? Durante os três dias em que Cristo esteve no sepulcro, diz-se que ele foi e visitou os espíritos na prisão, aqueles que foram desobedientes nos dias de Noé. Se eles não podiam tirar proveito do seu ensinamento, terá ele ido para os atormentar? E se ele foi pregar-lhes para o seu aperfeiçoamento, não mostra isso aperfeiçoamento após a morte?

O que é possível para esses espíritos na prisão é possível para todos os espíritos na prisão, presos, amarrados e agrilhoados como possam ter estado pelos sentidos externos. Nenhuma alma parte da terra tão inteiramente livre que não carregue alguma marca de sofrimento físico e tentação. Nenhuma alma parte da terra tão absolutamente má que não seja capaz de receber alguma impressão, mesmo na prisão das suas almas; de modo que chega um momento na história de cada espírito em que algum anjo de luz, ou algum espírito da verdade vindo do Consolador, entra na casa de prisão da habitação da sua alma e os liberta do cativeiro da recordação dos sentidos materiais e dos pecados externos.

Se não fosse por isto, a humanidade poderia perder a esperança quanto ao estado futuro; pois quem entra no mundo das almas totalmente preparado para a existência espiritual? Quem vai com uma consciência plena de luz espiritual e existência celestial? Que mente alargada, que mente pensante pode compreender todo o significado da eternidade? E não haveis de vos desdobrar na eternidade? Haveis de permanecer cegos e surdos e sem voz e silenciosos perante as grandes e maravilhosas

verdades que vos hão de ser ali reveladas apenas porque não adquiristes o conhecimento ou a capacidade aqui?

A eternidade seria uma zombaria se o espírito devesse permanecer para sempre sem voz e surdo e cego perante o grande significado da sua existência espiritual. Pelo contrário, tem sido ensinado por muitas denominações teológicas recentes que pode haver uma mudança na vida espiritual, que a alma pode progredir de glória em glória, de novo conhecimento em novo conhecimento, e que nunca haverá um momento em toda a história da eternidade em que não haja algum novo pensamento, alguma verdade mais radiante e brilhante para a alma alcançar.

É isto que eleva o espírito, que o aponta para diante com esperança e aspiração à eternidade, sem o qual o próprio céu seria vazio e sem vida; pois a monotonia perpétua e incessante de um estado absoluto de completa felicidade desgastaria até as almas dos anjos se não pudessem ver um conhecimento maior diante de si. Para o espírito finito não pode haver finalidade. Mesmo aquilo que considerais ser o estado máximo de conhecimento empalidecerá perante os esplendores mais elevados da visão espiritual. Por que haveria João na Ilha de Patmos de adorar o anjo? Se ele soubesse o que o anjo realmente era, saberia que não era Deus.

Mas nem a sua desperta visão espiritual viu a totalidade do esplendor, e ele teria adorado uma luz menor, pensando tratar-se do glorioso orbe do dia. Assim vós, se pudésseis contemplar alguns seres espirituais nas suas moradas celestiais, poderíeis cair por terra e adorar, pensando que são Deus; mas à medida que avançais, e as vossas almas se tornam conscientes dos anjos nas suas esferas, encontrareis a Divindade mais e mais além; pois mesmo através de espíritos, anjos, querubins e serafins e todas as ordens de inteligências espirituais, continuais a não conseguir compreender a plenitude e a totalidade da glória e do poder que vos aguardam.

Poderá dizer-se que pintamos um quadro demasiado brilhante do estado futuro; poderá dizer-se que apresentamos à compreensão humana aquilo que é mais lisonjeiro e gratificante. Devemos pintar-vos o outro quadro? Devemos mostrar-vos que, das almas que passam da terra, noventa e nove centésimos, aliás, talvez novecentos e noventa e nove milésimos estão agora obscurecidos e sombreados na sua visão espiritual?

O mundo espiritual é composto exatamente por tais espíritos que diariamente partem do vosso meio, das vossas cidades superpovoadas, dos vossos antros de vício e crime, de todos os lugares de tentação e pecado dentro do mundo, e estes estão agrupados na existência espiritual, revestidos de vapores sombrios, rodeados pela memória das tentações terrenas e pelo pavor, medo e malícia que os expulsaram assim do mundo externo.

Mas a grande bênção é que este não é o seu estado permanente; pois nenhuma alma aprisionada é tão escura, e nenhum estado espiritual tão permanente e confirmado nas trevas que um raio de luz, ou a oração de uma mãe-anjo, ou alguma palavra de amor não possa chegar até ali e penetrar através das névoas das suas

habitações obscurecidas. Poderíeis ver um homem no cadafalso, condenado pelas leis do homem a ser enforcado, a partir com maldições nos lábios; e se no momento da sua morte se aproximasse dele a sua mãe, e lhe soprasse as palavras de amor que ele costumava ouvir na infância, não acreditamos que exista um criminoso tão endurecido que esse raio de esperança não alcançasse a sua alma.

Quando ele passa para la vida espiritual, há alguma mãe-anjo ou algum ser espiritual cuja luz, amor e afeição podem penetrar mesmo através das névoas escuras da condenação externa; e acreditamos que nenhuma alma é tão totalmente escura que não chegue um momento em que este raio de luz a alcance e resgate.

O reconhecimento dos amigos, então, é apenas uma questão de pensamento e de amor. Se o laço que vos une é mais do que mera circunstância externa; se eles são realmente os amigos espirituais escolhidos da vossa alma; se o filho é vosso em amor e bondade; então o laço que vos une não é senão uma profecia desse laço que vos unirá mais e mais completamente em forma espiritual.

Haverá aqueles na terra, talvez, que, por crueldade e ignorância, não podem ser denominados pais; há aqueles que habitam na mesma casa que não podem ser chamados irmãos e irmãs; há aqueles ligados por laços de consanguinidade que talvez rompam as cadeias assim que as circunstâncias os libertem; mas o pensamento genuíno que liga irmão e irmã, o laço genuíno que une o pai ao filho não se perde, antes se fortalece na eternidade; e mesmo que perdidos de vista, a filosofia e a religião espiritual ensinam que cada aspiração e oração a respeito deles os alcança na sua morada; que eles estão sempre nas asas do pensamento, da misericórdia e do amor, para convidar as vossas orações e pensamentos em direção ao céu; e que os dois mundos estão apenas separados pela fina película e névoa da vida externa, que, tal como a cegueira de Paulo, cai como escama dos olhos quando tocada pelo espírito da verdade desperta.

O poeta cego, Milton, viu com a visão da mente estes milhões de seres a caminhar pela terra. Hesíodo, o poeta grego de quem ele faz citações, viu incontáveis miríades de seres a caminhar pela terra. Sócrates tinha sempre o seu bom demónio ao seu lado, motivando-o a aspirações de virtude e avisando-o dos perigos ou das alegrias que o aguardavam.

Os grandes e bons de cada língua e clima ensinaram a presença dos deuses e dos anjos; e a voz estimulante da humanidade hoje, unida às provas que pertencem à visão real e ao testemunho irrepreensível, assevera que os seres espirituais na sua morada adquirem contínua e eternamente novos conhecimentos, que é seu deleite e ocupação transmitir a outras almas; que o emprego dos espíritos na vida espiritual consiste em receber conhecimento e em transmitir conhecimento; e que nenhum gozo no céu é tão completo que pudesse ser um gozo se não fosse partilhado por alguma outra alma; e que nenhum anjo é tão elevado nas moradas celestiais que não procure transmitir o seu conhecimento e sabedoria àqueles que estão abaixo dele, e que, transmitidas através dos vários estados de existência espiritual, estas ondas de pensamento, em glóbulos brilhantes, descem à terra e tornam férteis as charnecas estéreis e os desertos do tempo,

despertando aqui flores de esperança imortal, criando os impulsos de aspiração e apontando para a vida futura como o cumprimento daquilo que aqui é apenas semeado, mas ali colhido.

Convidamos agora o público — o comité primeiro — a propor quaisquer questões que o discurso possa ter sugerido às suas mentes, e se houver alguns pontos que tenhamos falhado em focar num tema de discussão tão frutífero, seremos extremamente felizes em responder a mais perguntas sobre eles.

O Sr. Bond, o cavalheiro que propôs o tema do discurso, disse que não tinha pensado nisso antes, nem tinha qualquer conhecimento da Sra. Tappan, cujo tratamento hábil e lúcido do assunto suscitou a sua admiração.

A primeira pergunta foi: Dado que foi provado que o reconhecimento existirá no céu, o conhecimento de que os entes queridos estão no inferno não será uma fonte de sentimento miserável para os seus parentes que estão no céu?

Resposta: Certamente que assim o esperamos, pelo bem da humanidade. Não conhecemos nenhum céu tão alto, nem tão perfeito, nem tão distante que os seres que o habitam não fossem tornados infelizes pelo conhecimento de que não apenas os seus entes queridos, mas que qualquer ser humano estivesse irrevogavelmente no inferno. Se, contudo, o cavalheiro deseja perguntar como podem eles ser assim infelizes, respondemos que o facto de os nossos entes queridos estarem num estado de infelicidade aumentará os esforços que o espírito fará para os erguer desse estado de infelicidade; e nisto consiste o trabalho do anjos, que fazem sempre a vontade de seu Pai que está nos céus.

Um swedenborgiano citou a afirmação do vidente sueco no sentido de que, quando as afeições de um homem estavam totalmente confirmadas no mal, não havia restauração. A Sra. Tappan respondeu que, sem dúvida, Swedenborg pensava que tais pessoas não podiam ser alcançadas pela verdade e luz divinas; mas aqueles que acreditam na bondade infinita de um Pai omnisciente não podiam conceber a possibilidade de seres finitos se alienarem de tal forma da Bondade Infinita ao ponto de tornar impossível que essa Bondade Infinita os alcançasse.

Swedenborg declarou, assumindo o risco, a opinião de que quaisquer seres continuavam pela eternidade em pecado irredimível, e não porque os tivesse visto, pois não podia ver a totalidade da eternidade com a sua visão finita.

Pergunta: Sendo as Escrituras consideradas uma autoridade, termos como “eterno” não implicavam que a punição seria eterna?

R. Foi mostrado que outros significados se aplicavam à palavra “eterno”. Fora das portas de Jerusalém havia um poço ardente para consumir detritos, chamado Geena, ou fogo do inferno — o poço eterno —, e era provável que a palavra usada para descrever o estado dos ímpios fosse uma expressão alegórica derivada deste poço eterno; que não se referia à condição absoluta de qualquer alma individual, mas antes à

lei moral eterna, cuja violação deve inevitavelmente encontrar a sua punição e condenação.

Um cavalheiro no público perguntou em seguida se a médium estava em dívida com o seu próprio intelecto ou com a agência espiritual pelo discurso que tinha proferido; ao que a Sra. Tappan respondeu que não se pedia à reunião que formasse qualquer opinião distintiva sobre o Espiritualismo, ou controlo espiritual, a partir das palestras que ela dava; mas a médium e os seus amigos, e todos os Espiritualistas, reconheciam que ela não falava por si própria, mas a partir do conhecimento dos seus "espíritos controladores". Isto, contudo, era uma questão sobre a qual se poderia chegar a uma conclusão apenas após um estudo de todo o assunto do Espiritualismo.

O interrogante afirmou que o discurso da Sra. Tappan poderia com a mesma facilidade ter sido proferido por alguém não inspirado. A Sra. Tappan respondeu incisivamente: Os espíritos, ao falarem através de um médium, não pretendem apresentar argumentos ou pensamentos que difiram de qualquer forma da inteligência humana, visto que a inteligência e a existência espirituais, se são alguma coisa, são uma continuação da inteligência e da existência humanas; e se o próprio cavalheiro passasse hoje para fora do seu corpo e falasse amanhã através de um médium, de que forma terrena poderiam os seus amigos reconhecê-lo se ele não falasse com uma inteligência humana?

"Por que razão os Espiritualistas, com as elevadas aspirações da palestrante, se tornam cúmplices de manifestações de caráter pueril, tais como o movimento de móveis?"

A Sra. Tappan respondeu com um efeito marcante:

Por que razão requer um autor, com elevadas aspirações e fantasias poéticas, a pena de um ganso para escrever os seus pensamentos? Ou por que razão é um músico, com o canto a rebentar dentro do seu coração, obrigado a tocar num instrumento composto por madeira, cordas e intestinos de animais? O instrumento de que um espírito faz uso não importa; mas a razão pela qual o fazem, se o cavalheiro realmente deseja saber, é porque os mortais assim o exigem — eles necessitam de evidências materiais da presença espiritual.

O público foi em seguida convidado a sugerir temas para um poema de improviso. "Deus é amor", "Qual deve ser a nossa regra de integridade?", "O coração", "A profundidade do amor de uma mulher", "Gethsemane" e "Simpatia das almas" foram submetidos, tendo o segundo tema sido selecionado, e sem uma pausa de um minuto, a Sra. Tappan proferiu um belo poema sobre a "Regra de Ouro", e que esperamos publicar na próxima semana.

Bênção

Que os espíritos ministradores e os amigos que amais vos acompanhem; que toda a verdade espiritual vos ilumine e eleve; que Deus o Pai esteja sempre perto de vós. Ámen

O LAR CELESTIAL E ESPIRITUAL

Uma Oração proferida sob influência espiritual pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Royal Music Hall, 242, Holborn, Londres, na noite de domingo, 7 de dezembro de 1873.

Sem dúvida, a flor da filosofia é o lar terreno ideal. Sem dúvida, a sociedade moderna em seu estado mais alto representa, em algum grau, o tipo ideal do reino dos céus. Não queremos dizer que a sociedade que simplesmente representa os prazeres da vida, nem uma sociedade que represente qualquer classe especial: mas a sociedade média da cristandade é a cristalização do pensamento mais elevado da cristandade. A casa é a joia central nessa constelação de brilho. Para este lar, humilde ou elevado, o homem de anos maduros sempre reverte com ternura e carinho. Para este lar, ele inevitavelmente traça o início de sua utilidade ou de sua falta de utilidade. Para aquele lar na velhice, ele reverte inevitavelmente como o ideal e o tipo do que compõe o lar celestial do cristão, despido de todo conflito material e das imperfeições que advêm do ambiente material.

Inquestionavelmente, os maiores homens da história foram aqueles em quem as comodidades da vida social e os ternos laços dos espíritos afins desenvolvem as emoções das virtudes sociais exaltadas. Inquestionavelmente, o principal político, o estadista comandante, o orador do púlpito, o grande líder literário dos homens, é aquele em quem essas virtudes sociais formam o substrato de seu caráter e o princípio subjacente de seu poder; e sempre detetamos, naquelas mentes em que esses princípios subjacentes estão em falta, a mesma falta em suas obras, por mais brilhantes que sejam. Por mais prazerosos que sejam os sentimentos intelectuais, se não houver esse elemento sutil de simpatia, se não houver o predicado para o lar terrestre, pelo menos não haverá fundamento para o homem perfeito.

Muitos, infelizmente! na sociedade humana não têm casa. Muitos têm simplesmente um lugar que se chama lar, onde, se a pobreza e a vontade não persistem, algo de desarmonia e discórdia entra; e não queremos dizer com a palavra lar essas condições angustiantes da vida exterior, nas quais a penúria rouba a maior de todas as alegrias — as delícias do afeto — e o crime tira e amarga os sentimentos nobres da humanidade. Mas a voz comum da humanidade representa um tipo elevado de estado espiritual, e todos vestem o humilde berço ou o casebre mais humilde com alguma das tonalidades dessa brilhante e deliciosa antecipação que existe, que existirá no lar celestial.

O lar do céu cristão — se é que posso me aventurar a dizer tanto — tem sido muito isolado e frio; e (se não se intrometer em assuntos estranhos a esta discussão) o

lar no céu que rompe os laços de associações e afetos íntimos, que toma mãe de criança, pai de filho e amigo de amigo, pode ser um epítome teológico de felicidade, mas não é o estado de felicidade a que a humanidade aspira. E, por mais brilhantes e deslumbrantes que sejam as ruas daquela cidade lendária, por mais deliciosas que sejam as cordas das harpas douradas, não pode ser o lar de quem guardou o amor, a afeição e as mais altas aspirações da mente e transplantou eles em pensamento para a casa do futuro.

Mohammed retrata um paraíso dos sentidos físicos — rouba a humanidade de sua característica mais divina para satisfazer os desejos do corpo material. Não menos frio é o céu que tira da humanidade cada aspiração e vínculo sutil da mente, se recusa a associar a existência espiritual aos laços, comodidades e aspirações da vida terrena.

Muito mais consistente é o ideal do céu do pobre agricultor, que disse que tinha um sonho e sonhava que foi para o céu, que a casa de Deus era uma casa de fazenda muito grande e que o lugar em que Deus habitava era uma fazenda muito finamente cultivada, e que ele viu Deus no frio do dia atendendo seus rebanhos e manadas. Pobre homem! essa era sua ideia mais sublime de céu e felicidade, e sem dúvida representava fielmente aquilo que ele pensava que contribuiria para sua própria alegria ilimitada.

Assim, o paraíso ideal do cristianismo é deslumbrante com ouro e pedras preciosas, com todos os esplendores que apelam aos sentidos, com toques *arrebatadores de música celestial* e o esplendor nevado do próprio trono de Deus. Mas, daquele amor que edifica o templo interno e da alegria que enche todas as coisas com a luz da bondade, do laço divino que une as almas afins, há muito pouco a dizer — muito pouco, infelizmente! para satisfazer a humanidade.

Agora que você deixou os segredos desse estado futuro, que os espíritos vêm falar com você e lhe dão conhecimento de sua morada, a primeira pergunta que surge aos seus lábios é: "Devo encontrar meus entes queridos lá?" E essa pergunta prova que, com toda a sutil cadeia de adoração, você nunca a resolveu antes; prova que o desejo faminto da humanidade é perpetuar algo que se assemelha à humanidade; prova que um céu que até agora transcende as perfeições e aspirações da mente de ser total e absolutamente frio e vazio, não satisfaz e é o menos necessário de qualquer um.

A pergunta então surge: "Devo encontrar meus entes queridos no lar espiritual? Devemos nos associar e quais são as maneiras e associações na vida espiritual? Quais são as leis que os governam? e quais são os métodos dessas sociedades espirituais?" Oh, essa é uma pergunta ilimitada! Muito mais em significado do que o ambiente circundante ou a forma material do espírito; muito mais importante do que se eles moram em edifícios como o seu, ou têm algum material transparente para construir suas habitações.

O pensamento se torna objetivo na vida espiritual, e a vida que aqui é suprimida e que constitui apenas uma parte secundária da sua existência torna-se uma luz brilhante, brilhando com a glória transcendente, o único ímpeto real e verdadeiro da existência. O lar na vida inferior muitas vezes significa quatro paredes quadradas,

alguns bens e bens móveis e a presença de pessoas juntas. A mente espiritual — pensamento — forma suas aspirações e desejos; e essa sutil cadeia de simpatia que o liga aos seus entes queridos constitui muitas vezes o único desejo de imortalidade — o único desejo de um estado futuro — para que você possa encontrá-los lá.

Certamente que zombaria seria uma existência perpétua, se aquilo que torna a existência desejável — amor humano, afetos humanos, pensamentos e aspirações humanas — lhe fossem arrancados de repente pela mão da morte. Em que novos propósitos da vida você poderia transpor seus pensamentos de repente? Em que novos labirintos de existência você poderia transplantar seus afetos e os poderes de sua mente, se não encontrar ali o espírito afim? Em que alegrias e compaixão especiais você poderia ser tentado se não pudesse trocar com mentes afins as aspirações e sentimentos de suas próprias mentes? Associações espirituais — a sociedade do mundo espírito — é o epítome desse grande desejo na Terra.

A sociedade é limitada aqui pelos laços de riqueza material, pelo tempo, sentido e espaço, pelo nascimento, e todas as formas de regras e usos externos e arbitrários, as necessidades de combinação no comércio, as necessidades de combinação no trabalho, a necessidade de isolamento nos esplendores dos títulos hereditários — todos eles pertencem a comunidades e associações terrenas. Não é assim na vida espiritual. A linhagem do espírito é a linha de sua vida da alma, não sua vida física; e o espírito a quem você mais reverencia é o pai, o pai ideal de sua vida terrena; o mesmo será o pai da sua alma.

Muitas vezes, os laços de sangue são quebrados na terra por discórdia e jargão. Muitas vezes o egoísmo entra e rouba o sol dos cuidados do pai. Muitas vezes, irmão é posto contra irmão, em consequência de riqueza e ambição material; e a história da civilização e da sociedade terrestres tem sido muitas vezes uma de lutas, discussões e contendas; mas, como dissemos, no centro de tudo isso está a flor da civilização humana, a flor da sociedade humana, a aspiração do espírito humano — o lar ideal.

Quando você entra na existência espiritual, todos aqueles a quem você foi vinculado por laços de afeto e semelhança de pensamento, se eles passaram adiante de você, eles se aglomeram ao seu redor para admiti-lo em suas associações. A mãe, por longos anos chorando e lamentando a ausência de seu filho, segue com imaginação esse filho para sua nova morada, e se pergunta que ser celestial se encarregará dele e se a criança, fortalecida em sua nova existência, esqueceu a mãe terrena. Há um laço mais forte no amor do que em todos os poderes da vida e do ambiente externos, e essa criança, crescida por acaso na existência espiritual, ainda se lembra da mãe na terra e é la primeira a recebê-la.

Portanto, quando um amigo se separa dele, o vínculo que liga os espíritos afins dura e sobrevive à sepultura, e todo pensamento e sentimento que você envia para sua morada se tornam outro elo da cadeia que unirá os dois na vida espiritual. Lembre-se, no entanto, que não há incongruências. Todo espírito está associado àqueles a quem é atraído, e não pode haver brigas e discórdias que são frequentemente encontradas na

existência terrena, porque os espíritos são removidos uns dos outros que são diferentes, e a atmosfera que os rodeia impede a discussão e a disputa que estão aqui.

Descobrimos que, se as pessoas fossem afastadas umas das outras, se não fossem obrigadas a ocupar a mesma casa, muitas vezes na mesma sala, seriam muito melhores amigas, porque o ambiente material e a dificuldade de tentar ser amigo de materiais diversas circunstâncias, muitas vezes distorcem o espírito, e muitas almas realmente afetuosas não manifestam suas melhores qualidades por causa das influências desagradáveis sobre elas. Na existência espiritual, não é assim.

Se conectado com alguém de quem vocês não gostam ou não se sentem atraídos pela semelhança de gostos, vocês não são forçados a discutir sua existência, cada um a esforçar-se por conquistar a supremacia, mas existem classes de seres semelhantes a vós, que têm gostos e pensamentos e avanço como o vosso. Para esses, vocês serão atraídos. Se eles são da vossa própria família a quem vocês mais amam e são mais chegados, eles serão novamente os mais chegados. Se não for da vossa própria família, como às vezes acontece, eles não serão os mais próximos de vós por consanguinidade terrena, mas por parentesco espiritual.

Você sempre se interrogam, se investigaram o espiritualismo, por que os vossos parentes não vêm. Às vezes eles não são atraídos por vós. Por vezes vocês não os amaram. Outras vezes, eles não são os mais chegados aos vossos espíritos; mas algum espírito que é atraído e é como vós será o escolhido para ministrar e conversar convosco. Onde quer que seja o laço que os prenda de origem espiritual genuína; onde quer que vosso amor seja algo mais que afeto externo ou política temporal, onde quer que tenha as suas raízes na própria natureza da sua existência: então sobrevive e supera a sepultura.

Muitas vezes vocês deparam-se a remoção física de amigos que realmente os amavam mais do que pensavam. Vocês lembram-se com dor de todos os atos maldosos e palavras, as pequenas diárias contendas e angularidades e contendas; vocês lembram-se disso com dor e arrependimento: pois, com a remoção do corpo físico, descobriram que havia um laço que os prendia ao espírito deles; portanto, quando vocês deixam a existência terrena, encontram-nos a sorrir e prontos para os acolher, as mãos estendidas de simpatia e amor.

Muitas vezes, a própria inimizade que torna os homens amargos é apenas o resultado de circunstâncias físicas, e não das suas almas. De facto, grande parte da controvérsia e discussões do mundo é desse tipo. As pessoas não se entendem. Não há como os vossos espíritos possam comunicar entre si; eles dizem uma palavra, e essa palavra é interpretada incorretamente; outra é dita e, em vez de os homens se unirem num entendimento, são expulsos; e indivíduos e nações batalham contra essas coisas triviais.

Mas no espírito não é assim; o significado do espírito é lido por quem simpatiza convosco, e vocês não podem cometer tais erros e tolices. Se vocês forem gentis, será sabido; se vocês estiverem a amar, ele se manifestará; se vocês quiserem comunicar

amizade, somente a amizade será dita, e não um engano e zombaria, como muitas vezes ocorre aqui. Os seres humanos são melhores do que parecem ser. A grande massa da humanidade aparece no seu pior. Aqui, por exemplo, há um pobre mendigo em trapos, e ali um homem violento em paixão; lá está outro que parece penoso, e acumula sua riqueza; e mais além, alguém é tentado a matar: essas são as expressões físicas das almas que muitas vezes se esforçaram com as maiores e melhores aspirações.

Os anjos não contam os fracassos, mas apenas as aspirações e pensamentos da humanidade. Cristo disse: "Todo aquele que peca em pensamentos, portanto, pecou." Boas ações são muito baratas; são compradas com política. Um homem pode usar um rosto honesto e fazer todas as boas ações à vista de seu próximo, e todavia, desejar muitas coisas que, aos olhos do Mestre, seriam pecaminosas. Portanto, o homem a quem vocês consideram criminoso e errado, tem aspirações que enobrecem muitas almas hipócritas. Aquele que é condenado, muitas vezes, luta e luta, e luta novamente, e cada aspiração foi estabelecida pelo seu anjo da guarda como uma boa ação, pois se vocês tiverem bons pensamentos — mesmo que não consigam cumpri-los — essas boas aspirações contam como atos no mundo dos espíritos.

Portanto, se vocês alimentarem pensamentos indignos, se os vossos atos forem aparentemente bondosos e a humanidade aplaudir, os anjos veem o motivo e, por trás do brilhante ato, contemplam a hipocrisia; não vale nada — vocês não podem abrir caminho para o céu com ouro, não podem subornar Deus para receber apenas as ações externas, mas a alma interior precisa ser verdadeira. O amor não é simulado na vida real. Não há máscara de amor externo para esconder o eixo do egoísmo. Não há símbolo externo de comodidade pelo qual os homens possam encobrir a sua amargura e ódio. É uma vida real, em que a alma encontra a alma cara a cara, para determinar se o seu amor é genuíno ou não; e quando vocês entrarem na vida espiritual, encontrarão aquelas almas com quem vocês foram fiéis em pensamento, e a simpatia amorosa que sempre a acompanha. Essas são as coisas que compõem a sociedade espiritual.

Existe uma tradução antiga da regra de ouro que quase achamos melhor do que "façam aos outros como vocês quisessem que os outros lhes fizessem", pois fazer é o cumprimento literal da letra. É o seguinte: "Sintam-se para com todos os homens como desejarem que eles sintam em relação a vós;" transcende a ação com o estado real de ser, com o fôlego vivo, com o fogo ardente, com o toque que não pode ser confundido; pois o lírio fica branco sem esforço ou ação e a rosa se desdobra na sua fragrância sem se esforçar para florescer. Eles simplesmente são: Então, se vocês foram amáveis, sinceros e bons, a vossa vida não pode senão expressar isso; enquanto muitos que não são assim, podem se envolver com o traje externo de luz para ocultar os pensamentos e, assim, esperar enganar os anjos em reconhecimento.

Isto não pode ser. Lá vocês encontram os vossos amigos alma com alma, pensamento com pensamento; e se vocês tiverem abrigado para com eles pensamentos injustos, se vocês erroneamente os tiverem considerado culpados de qualquer crueldade para convosco, isso será visto e conhecido; não pode ser escondido. Portanto, se vocês tiverem recebido gentileza que não retribuíram, se os vossos

espíritos tiverem sido visitados por ternos sentimentos e aspirações, eles serão humilhados quando contemplarem essas flores que vocês nutriram nos seus corações por elas.

As confraternidades da existência espiritual são muitas vezes feitas de diversas nacionalidades e famílias diferentes. As associações de espíritos são muitas vezes compostas por aqueles que não se conheceram na vida terrena, mas que, sendo parecidos e tendo pensamentos e aspirações semelhantes, se reúnem no decorrer do tempo e são unidos por uma corrente mais sutil; enquanto aqueles que se uniram a eles na vida terrena, seus parentes e amigos, formam, por assim dizer, no centro deste reino dos céus, ou neste lar celestial, uma estrela brilhante, agrupados com os vários amigos que fazem seu lar e sua sociedade encantadora; e assim, cada um, por sua vez, reúne para si mentes que são como eles, e assim por diante, até que as vastas associações da existência espiritual sejam compostas por aqueles que, como as várias estrelas e constelações, diferem um do outro na glória, mas estão todos dispostos de acordo com as leis da vida espiritual harmoniosa. Por exemplo, um filantropo na vida terrena às vezes depara-se com olhares frios e falta de encorajamento, mesmo no seu próprio lar, e afasta-se no seu esforço pela humanidade sob essas circunstâncias muito antagônicas.

Na vida espiritual, ele entra nas associações de espíritos filantrópicos, atraído pelos laços naturais da afeição, e s seus entes queridos reúnem-se em volta dele, simpatizam com ele, e ele forma a luz central — o brilhante planeta da raça das almas que luta para fazer o bem. O poeta que tem ideias sobre o céu transcende muito a sua vida terrena — ali, como aqui, agrupa ao seu redor aqueles que lhe eram próximos e queridos — sempre o círculo mais íntimo era o mais querido.

Assim, os objetos da sua afeição reúnem-se e, fora deles, são aqueles que são como ele em gosto, em pensamento, em sentimento e em aspiração, formando um lar que nem o Olimpo pode rivalizar, e onde os deuses da mais alta poesia se inspiram em atos e palavras de bondade. Também aqueles que buscam qualquer grande esquema ou problema para o benefício da humanidade, primeiro têm o seu grupo interno — o seu próprio grupo, as suas almas afins, os seus mais queridos e mais próximos, a sua mãe e amigos; e além deles estão aqueles que simpatizam com as atividades sublimes das suas mentes. Eles estendem-se com eles aos mundos do espaço para reunir os princípios da mente e do poder.

Agora vocês podem imaginar qual seria o vosso lar mais elevado na Terra, se, em vez das necessidades materiais que muitas vezes reprimem e diminuem os vossos poderes, vocês pudessem construir a partir dos vossos pensamentos, erigir uma habitação adequada para a reunião de todos os vossos amigos. Vocês poderiam buscar cada gosto e inclinação da mente, sem ser acorrentados nem arrastados pelas necessidades severas da vida material. Nesse ideal, vocês poderiam reunir poetas, filósofos, amigos e, em discurso doce e solene, considerar esses vários temas sem a necessidade de cuidados físicos. Supor que o vosso lar possa ser ampliado à vontade — estreito para acomodar-se em privacidade, amplo para acomodar os vossos amigos.

Suponhamos que, em vez de comer e beber, não houvesse necessidade dessas condições materiais, mas apenas o alimento do pensamento, apenas o conhecimento. Suponhamos que, em vez de tanto tempo para adornar o corpo, que os pensamentos que embelezam a mente sejam o único adorno inefável do espírito, e que vocês nem sempre andem a correr para lá ou para cá para dar ordens ou trabalhar com as mãos. Vocês veem imediatamente que seriam admitidos num novo estado de existência. Aquilo que era trabalhoso torna-se prazenteiro, a labuta torna-se liberdade, os prazeres da sociedade — as demandas meramente dos sentidos — tornam-se na troca de pensamentos de comunhão espiritual, beneficência divina, instituições de caridade e todas as graças que realmente adornam seu espírito, mas não têm oportunidade de se expressar por causa desses cuidados de assédio. Oh, a alma é muitas vezes acorrentada no seu corpo material!

Com demasiada frequência, vocês são escravos dos sentidos que devem servi-los. Com muita frequência, vocês tornam necessário o ambiente externo, em vez do espírito! Na vossa sociedade típica mais elevada, agora são admitidas todas as graças, comodidades e refinamentos que pertencem à sociedade típica do espírito; mas em vez de uma forma de expressão, em vez de qualquer assunto de interesse para a humanidade e importância para o mundo, em vez daqueles temas elevados do discurso que frequentemente formam o assunto das vossas meditações quando sozinhos, vocês estão envolvidos em conversas triviais, em pequenos cuidados, com o que transcendem toda investigação educada — os negócios do vosso vizinho; e assim o tempo é dividido entre comer e beber e discutir os assuntos mais triviais.

Afastem isso e estendam essa sociedade ao mundo do pensamento; façam do dizer o que pensam uma moda; fiquem na moda de falar com o vosso vizinho sobre essas ideias ou manter relações sobre tópicos que ocupam as vossas próprias meditações; façam do falar sobre coisas espirituais e a cultura da mente uma moda; façam com que se envolvam em estudos e investigações sinceras sobre os poetas o vosso estado mais elevado; tornar elegante que tudo o que diz respeito à literatura, arte, ciência e religião seja representado na sociedade; então eliminem essas demandas materiais e vocês terão a sociedade típica da vida espiritual.

Só que não é habitual que vocês falem de religião. Não é habitual convosco, caso alimentem aspirações espirituais, falar disso. Vocês podem falar dos vossos vizinhos, do vosso ouro e prata, da vossa casa e cavalos, das vossas roupas e joias, mas da vossa mente, não! Se pensarem em algo além disso, isso não está na moda. Muitos lares humildes são revestidos de graça por causa da sinceridade, por causa da verdadeira aspiração da investigação sincera que ali habita. E muitas das associações das maiores mentes do vosso mundo foram compostas por aqueles que ignoram os costumes da sociedade meramente frívola — que discursaram sobre temas elevados e se tornaram o centro da cultura e da iluminação refinadas. Na existência espiritual, é totalmente assim. O que é mais alto absorve e engole o mais baixo; aquilo que é melhor e mais nobre é incentivado, enquanto o que é baixo e degradante é desencorajado.

O pensamento elevado, a aspiração sincera, a oração fervorosa são quando as almas verdadeiras se misturam na verdadeira investigação; na vida espiritual, isso é

verdade, e seus filhos não são alimentados com os gostos mimados da sociedade moderna, mas com as influências doces e benignas que somente o amor pode dar; o encorajamento de todo pensamento, aspiração e desejo que os leva ao conhecimento — não uma estultificação do fundamento da inspiração — não uma multidão de meros pensamentos externos — de meros conhecimentos técnicos, mas aquele conhecimento verdadeiro que lhes dá tempo para crescer e florescer, os lugares desolados dos vossos corações serão fortalecidos.

As crianças na vida espiritual não são ensinadas a esconder os pensamentos e a imitar os mais velhos na hipocrisia, mas a serem verdadeiras, amáveis e sempre aspirantes. Deixem as crianças dizer a verdade! Mas eles são adornadas pelo lado de fora, e ministram-lhes uma política que lhes permite esconder os sentimentos, esconder os pensamentos, dizer falsidades — falsidades da moda — com a mesma boa graça, declarando que a mãe não está em casa quando está e passar pela forma de dizer como alguém é esplêndido quando não acredita que esse seja o caso. Isso compõe a mesquinha máscara da sociedade superficial, e as mulheres conversam — não umas com as outras, não com os seus espíritos, não com a sua alma, mas com essa máscara — os detalhes técnicos, as coisas superficiais triviais que compõem a sua existência comum.

Somente no círculo familiar, apenas para os amigos mais queridos, o homem ou a mulher da sociedade se arrisca a ser sincero, e muitas vezes nem mesmo está lá. Mas esse círculo familiar é estendido; essa sinceridade é ampliada. O espírito desperta da sua máscara ou sonho, e os olhos de todas as almas amáveis podem contemplar o homem, a mulher, o espírito. Vocês acham que isso não fosse desejável. Nada é mais desejável. Vocês ocultam os pensamentos por trás dessa máscara de esplendor, cultura e refinamento superficiais, sufocando as flores e botões delicados do pensamento e da aspiração que cresceriam, e toda a alma da sua existência é composta por essa ficção. Vocês podem amar o vosso filho, mas não pode manifestá-lo na sociedade. Vocês podem reverenciar, adorar e respeitar este ou aquele princípio, esta ou aquela grande mente, mas não é educado dizer isso.

Agora, essas aspirações compõem o que vocês são em espírito. Eles formam o tom que os espíritos veem. Eles são o indivíduo que os vossos amigos espirituais mais amam, e se esses forem escassos, comuns e tolos, qual poderá ser o amor desses anjos por vós, que se tornaram mais fortes, mais grandiosos e mais altos nas suas novas moradas? Não é que vocês sejam simplesmente indignos de si próprios ao fazer isso, mas que vocês, infelizmente e gradualmente aceitam essa coisa, esse símbolo externo, essa máscara e esse representante, em vez do ser real e interior.

Agora, conforme dizemos, na existência espiritual, é bem o contrário. A máscara é posta de lado; o verdadeiro homem e mulher são vistos com a sua melhor vantagem. Os sentimentos que vocês pensaram e que tiveram vergonha de expressar são recebidos como pensamentos e sentimentos que estimulam a vossa vida. Aspirações que vocês são tímidos demais para contar ao vosso vizinho, para que ele não os despreze e ria de vós, tornam-se aqui o fundamento da vossa existência. O pensamento que vocês não podem transmitir aos vossos companheiros, para que não haja zombaria

e chacota, torna-se no espírito o desejo que os apresenta àqueles que vocês mais amam.

Na sinceridade, baseia-se o lar celestial — a veracidade. Seja o que vocês forem — sem aparências, sem tentativas de esconder o bem ou o mal. Se vocês aspirarem em suplantar as vossas falhas, elas já serão corrigidas. Se vocês forem maiores que as vossas ações, vocês fazem uma injustiça à humanidade, ocultando os vossos pensamentos mais elevados. Muitas pessoas passam na sociedade por seres comuns, porque não ousam expressar os sentimentos que chegam aos seus lábios e nascem na sua privacidade e comunhão. Sejam o melhor; expressem o mais alto; ousem viver o mais alto; e a sociedade se tornará então não só o tipo material, mas também a expressão ideal do estado espiritual do ser.

Então nós passamos adiante.

O lar connosco no céu é um centro. Todo espírito tem um lar lá. Não há órfãos na vida espiritual. Não há indigentes. Não há criminosos. Não há ninguém que não esteja ligado a outra alma pelo laço que os eleva. Os espíritos que partem envoltos em tristeza e crime podem permanecer perto da terra sombria e associar-se aos seus companheiros no crime; mas ainda existe um elo que os liga a algum ser que os eleva, e eles são atraídos para lá. Não há pária na sociedade espiritual; as leis do amor, bondade e caridade envolvem todas as almas. A exclusividade não pertence a esse lugar, porque qualquer espírito pode entrar no círculo encantado do lar espiritual e desfrutar dos seus parentes; mas da mesma forma os que estão naquele lar não se fecham por dentro e não se envolvem em toda a comunhão externa. A sua luz apaga-se, o seu brilho estende-se e a sua influência é sentida no exterior.

Não há almas deixadas sem amor — embora talvez tenham morrido de fome na terra porque os lábios de nenhuma mãe nunca foram pressionados contra os deles, porque nenhuma voz gentil pronunciou uma palavra de alegria; faminto por simpatia, porque em todos os lugares havia uma vida sem sentido; mas essas almas encontram sempre uma voz de anjo com pena, sempre uma alma amorosa para encontrá-las, e uma atmosfera suprema e perfeita de paz, na qual não são provocadas, nem abatidas, nem pisoteadas porque são sensíveis. Vocês se conhecem nas ruas como estranhos; vocês passam um ao outro com uma palavra cruel ou um corte cruel. Você faz questão de não reconhecer na humanidade a imagem de Deus. Como deve ser quando vocês também anseiam por reconhecimento? Se os anjos não fossem mais sábios que vós, com que pretensão vocês poderiam entrar na morada dos abençoados? No entanto, como vocês falharam, talvez a cada dia, em perceber essa humanidade que é tudo sobre vós.

Mas os anjos são melhores; eles são mais sábios: tornaram-se mais fortes no amor, e todo filho de amor e todo espírito de excluído chega lá com uma voz bem-vinda. Você, que está vestido com conforto; você, cujos entes queridos são todos sobre você; você, que afastou com ternos suspiros de simpatia alguém do seu rebanho — lembre-se de que toda alma é tão querida por alguém quanto esses preciosos a seu cargo. Mais próximo como o amor divino é o amor verdadeiro das mães que segue o

seu filho através da vergonha e da falta, da miséria e do crime, até a degradação mais baixa, sempre amando e sempre orando.

Portanto, não há anjo tão alto, não há espírito tão transcendentalmente puro e verdadeiro, mas em seu estado mais elevado há uma lágrima simpática pelo filho mais baixo da terra, a alma mais sombria, pelo próprio espírito que você expulsa como sendo indigno.

Lar no céu! Ah! isto é uma luz, uma alegria e uma glória! Você pode muito bem falar da lareira e do lar terrestre como o símbolo do céu. O lar no céu é a morada onde abundam todas as graças, onde são transplantadas cada flor da esperança, e toda flor da oração e toda as aspirações o encontram com um rosto sorridente, e toda alegria se torna mais cara se compartilhada por outra; onde toda harmonia e paz prevalecem, onde a discórdia nunca entra, nem malícia nem inveja, para afastar o espírito eterno de acordo; onde seus entes queridos se reúnem ao seu redor, você gosta de estrelas brilhantes em uma constelação brilhante, iluminada pela pureza, pela verdade e pelo amor, e seus pensamentos brilham nos seus como raios de glória viva, mente em todos os lugares.

O vosso lar celestial! Ah, sim, você o constrói agora inconscientemente muito melhor do que imagina, muito mais sábio do que pensa. Será mais alto, mais puro e mais leve do que você imagina. Não será coberto por tantas sombras da vida. Será adornado com mais graças, porque o menor de vocês às vezes tem pensamentos amorosos, e esses pensamentos amorosos são tomados pelos anjos que os amam, e formam a atmosfera e as paredes do seu lar celestial; — melhor do que você sonha, pois a malícia e a inveja externas são muitas vezes jogadas fora com doenças, enfermidades e dores, e vocês se encontram na melhor das hipóteses nas planícies da vida espiritual, não na pior das hipóteses como aqui. Considera-se que o estado mais alto do homem não é o que você faz, mas o que aspira a fazer; você é creditado mesmo com suas falhas. Deus leva em conta suas orações e atende às suas aspirações, mesmo que você tropeça e vacile no caminho.

Os vossos amados! Sim; eles são os mesmos que os cercarão e ministrarão a vós — eles serão os que enxugarão os sulcos e os cuidados, e as lágrimas que escureceram os vossos olhos no meio da existência terrena, e as tristezas e as falhas, e fragilidades que envolveram e nublaram a sua aqui. São eles que, com olhos de compaixão, mãos amorosas e flores de esperança, saem para encontrá-lo e recebê-lo em sua nova morada. São eles que elevam seus pés e o fortalecem em sua necessidade, e o tornam mais forte, melhor e mais sábio do que você imagina.

São eles que vêm, todos sorriem, com os frutos que você lhes deu; toda fraqueza, pois suas palavras não conhecem amargura: todo adorno e beleza são deles. Então, além deste pequeno círculo, lá, ainda em espírito e pensamento, você se estende com as comodidades da vida espiritual, a outros círculos e outras sociedades, e a grande fraternidade do céu é composta desses grupos e povos; cada um como uma estrela brilhante — como um sol em uma chama central do ser, queimando firme e pura

durante a noite cansada do tempo, iluminando sua vida pobre e árida com as maravilhas de sua morada suprema.

Os vossos pensamentos, eles falham e vacilam, os deles são sempre perfeitos; você procurar fazer um ato gentil, mas é perdido em contendas material, há atingiu realização. Todos os seus desejos, todos os seus pensamentos para fazer o bem, são coroados de sucesso, e o lar espiritual é composto dessas palavras e ações de amor. Não pediremos que você siga mais adiante esse delicioso tema; mas, continuamente, até onde os olhos da mente podem alcançar, até onde o espírito pode compreender, são esses grupos celestes.

Mães, pais, filhos, todos os amigos reunidos e amarrados como flores brilhantes à testa do infinito, agrupados como constelações no grande espaço espiritual, estendendo-se por muito e longe, até que se percam no próprio esplendor de seus pensamentos, até que se tornem obscurecidos pela própria brancura de seus pensamentos. Ó vestes celestes! Ó habitações celestiais! Ó mentes divinas que cresceram tão fortes e puras! Ó o que essas crianças podem se tornar quando além do tempo e dos sentidos, e elevadas pela aspiração e oração, sem mais medo da morte e não mais ódio no mundo, a terra também se tornará a habitação de almas amorosas, e todo lar terrestre tipificará o lar no céu!

THEODORE PARKER NO DODWORTH'S HALL

Nova Iorque, Janeiro de 1861

AMIGO DAVIS: Tenho escutado várias conferências ultimamente dadas por Cora L. V. Hatch, e que alegam vir dos espíritos de Theodore Parker e de outros homens distintos. Embora admita que é um fenómeno extraordinário que uma mulher iletrada discurse com tanta fluência e inteligência como esta médium faz, contudo não posso acreditar que Theodore Parker cometeria os erros grosseiros de facto que frequentemente ocorrem nos discursos dela; tais como, por exemplo, que a Luisiana foi um dos treze Estados originais; que por cada cinco escravos o senhor tem um voto; que existem trinta milhões de homens livres no Norte; que os escravos totalizam agora entre quatro e cinco milhões; que a população pobre do Sul ascende a cerca de metade da dos escravos. Nem acredito que Theodore Parker diria que sabia por experiência própria que a condição dos brancos pobres no Sul é mais deplorável do que a dos escravos; nem faria uso de uma ilustração como a de confinar um certo animal ofensivo na sua toca para "morrer com o seu próprio fedor". Todas estas declarações foram feitas numa única conferência.

UM OUVINTE.

TRABALHADORES ESPIRITUAIS

EM NOVA IORQUE E ARREDORES

Sempre que se possa conceber na mente individual, ou na mente da comunidade, a forma de algum projeto a ser alcançado, de algum trabalho a ser realizado, ferramentas e instrumentos adequados para a obra nascem, a seu tempo, para a sua realização. Com o pintor criam-se as suas cores e pincéis. Quando a estrondosa locomotiva surge em sobressalto no cérebro do seu inventor, em rápida sucessão seguem-se engenheiros, operários, construtores, para preencher cada exigência que o comboio completamente desenvolvido possa tornar possível. O cinzel e a picareta, a máquina de costura e a prensa cilíndrica nascem com o trabalho em mãos.

Assim, os princípios e as fés, sendo em si mesmos espirituais, intangíveis, produzem maquinaria de igual subtileza; a guilhotina, o potro, a fogueira são os seus instrumentos astutos para espalhar e multiplicar a reforma. Assim, as reformas produzem heróis — veja-se a Revolução Francesa infundindo vida a um Robespierre, a um Danton, a um Marat, para inflamar o seu sangue; a uma De Staël, a uma Roland, a uma Corday, para a inspirar com alma e sentimento.

Assim descobrimos, na inauguração desta era espiritual, que há templos preparados para estes anjos que descem — ninhos já construídos para estas aves do céu. Gabriel encontra uma trombeta para o seu chamamento; Moisés uma tábua na qual inscrever a lei; Elias alguma alma ardente que possa ascender com ele no turbilhão.

Contudo, esta grande conceção dos céus — este advento de um mundo espiritual num mundo material — teria falhado por completo na sua realização se dependesse da sagacidade humana e do intelecto masculino para o seu nascimento saudável. Mas os criadores do plano, olhando do seu observatório além das nuvens, e sabendo que instrumentos delicados e refinados eram necessários para a emergência, apontam os seus dedos inspiradores aqui e ali, e vejam! da obscuridade, da fábrica, da casa de quinta, do círculo social, surgem mulheres, como bicos de gás subitamente acesos, e em todas as direções intelectos lentos e hesitantes incendeiam-se com a nova vida — o ímpeto divino assim gerado!

Talvez o instrumento mais fino e melhor adaptado que estes poderes invisíveis já empregaram seja a Sra. Cora Hatch. Como uma estrela da tarde, ela surgiu e brilha mesmo acima do horizonte; a luz suave, pura e cintilante dos seus raios, mais harmonizadora do que eletrizante, desperta uma sensação de suavidade e doce satisfação. Esta não é uma estrela-guia — não brilha a partir da escuridão. A paisagem tranquila, a luz suave de um céu crepuscular misturam-se com o seu brilho ameno. Benéfico e esperançoso é o raio que derrama sobre as almas pacíficas.

Esta estrela de brilho suave contemplei-a no Dodworth's, no último domingo de manhã. Ela ergueu-se transfigurada diante de mim, as suas mãos pequenas e adornadas com joias cruzadas pateticamente sobre o peito, os seus caracóis loiros caindo como gavinhas amarelo-pálidas banhadas pelo luar em redor da sua cabeça quadrada e compacta, os seus olhos azul-claros voltados para cima — poderiam ter sido de vidro

colorido ou de pedra de safira por toda a alma que deles espreitava. Se a audiência se reflete naquela retina, o seu cérebro está inconsciente do facto.

Pode ver-se mais do que uma santa como esta nas galerias de pintura de artistas holandeses e flamengos — uma Madona cuja glória não vem da sua própria alma, mas do Cristo a quem deu à luz. Os seus ouvintes adoram no seu santuário — ela é a sua santa padroeira; contudo, o seu sorriso é demasiado distante para os comover profundamente; este estranho transe afasta-a em demasia para agitar os corações dos seus admiradores.

A sua voz é um rico dom — profunda e plena —, os seus prolongados tons musicais reverberam pelo salão enquanto ela a eleva em oração. Esta jovem esposa-vestal é uma oração encarnada — a sua alma poderia ser aquele incenso colhido de mil altares. Um Ave-Maria — uma oração não de angústia, não de pecado ou crime, não expressando a agonia jorrante do Gethsémani, não a oração de uma alma perdida no grande labirinto da Vida; mas a oração afinada da Natureza, tal como a que ela envia quando o grão dourado dos seus inúmeros campos se move à luz do sol de verão — uma oração tal como a que um lírio-d'água que se aninha lança das suas pétalas cremosas e fragrantes quando balançado pelas mansas ondas do lago — uma oração tal como a que os pinheiros no topo das colinas enviam das suas pinhas resinosas quando o vento se agita entre as suas folhas e ramos — uma oração tal como a que as ondas fulgurantes podem murmurar a partir de grutas azuis e cavernas de sereias.

Esta senhora, que os seus amigos tão calorosamente afirmam ser incapaz de proferir, num estado normal, a filosofia que cai dos seus lábios em transe, parece, não obstante, ser dotada de uma capacidade natural adequada. A sua cabeça não tem uma forma imperfeita, não é um cérebro escasso, nem é moldada segundo o padrão aprovado das cabeças femininas, de testa estreita, lados comprimidos e topo elevado. Apresenta-se uma boa e substancial parte frontal; esta mulher não se submeteria docilmente a um tirano — pondo de lado a intervenção dos espíritos, divorciar-se-ia de um marido que usurpasse os seus privilégios.

Daniel Webster, Clay, Parker, Andrew Jackson falam através do seu organismo; não brilhantemente; não, porventura, com o brilho e o polimento, o osso e o músculo que empregariam se pudessem reanimar os despojos que estão sepultados nos jazigos das suas famílias; mas falam de forma satisfatória — mais do que isso. A sua linguagem é escolhida e elegante, as suas frases dispostas de forma eficaz, mas ela raramente emprega imagens para transmitir as suas ideias — nunca voa para cima, no azul etéreo. Nunca sobressalta pela sua originalidade de pensamento, por rasgos de espírito ou retórica cintilante, mas de forma calma e uniforme conduz as suas montadas até ao ponto desejado.

O tema do seu discurso no último domingo de manhã foi "Despertares Religiosos". Foi um discurso friamente fundamentado e habilmente sustentado. O pensamento seguia o pensamento numa sequência natural. O dela não é um discurso leviano ou desconexo. Mais do que um temido clérigo sentir-se-ia orgulhoso de produzir uma alocução extemporânea como aquela que escutei. Ela aduziu que os

despertares religiosos, na medida em que brotavam de uma ação indevida do órgão do medo, ou de motivos egoístas, eram desmoralizadores e deletérios no seu efeito.

Aludiu ao facto de que, há dois ou três invernos, quando o povo desta cidade e de outros lugares sofria de um pânico financeiro — quando a fome e o frio os encaravam de frente —, lembraram-se de aquecer as suas mãos e corações gelados no altar da igreja e, para se aquecerem, sopraram alto as chamas do entusiasmo religioso; mas agora que os seus celeiros transbordam de fartura, que os seus bancos estão repletos de moedas de metal, agora, neste tempo de provação da nação, o comerciante permanece no seu escritório, o caixeiro no seu livro-razão; e não ouvimos falar mais de homens de negócios que se reúnem para orações em horas de trabalho, ou de o teatro ser transformado na casa do Senhor.

A Sra. Hatch tem uma falha, que espero que os seus amigos espirituais superem. Ela itera e reitera o pensamento principal do seu discurso de forma demasiado constante. Manipula-o tão frequentemente que este perde a força — como uma imagem de argila moldada por um escultor. Forte, ousada, contudo, tocada uma e outra vez, as saliências são aplanadas, as cavidades preenchidas até que, de tanta repetição, a ideia original é perdida de vista e o efeito prometido desaparece.

Susan G. Hoyt

Nova Iorque, 30 de janeiro de 1861

OLHAI OS LÍRIOS

Improviso dado através da Sra. Cora L. V. Tappan, no final de uma palestra em Brooklyn, Nova Iorque,
30 de Julho de 1876.

"Olhai os lírios, como crescem!"

Sob a terra, na raiz escondida,
Sem raio de sol, sem luz conhecida,
Sem o terno romper do rebento a surgir,
Só trevas, só sombra, silêncio a dormir,
Nas profundezas que ninguém pode ver.

Longo tempo, nos bosques sombrios,
As violetas floriram junto aos rios;
E os amores das flores, em doce embriaguez,
Sussurraram perfumes de rara altivez;
O narciso inclina-se ao curso do regato,
Possuído de afetos guardados no recato.

"Considerai os lírios, como crescem!"

Passou o tempo do canto do pintarroxo,
Os filhotes tornaram-se vozes em alvoroço,
E os flocos do seu canto, lançados ao ar,
Pairam na vida que ninguém pode sondar.
As rosas despertam em plena floração;
O jardim cobre-se de doce exalação;
E os insetos errantes, vagando sem rumo,
Buscam novo cálice de aroma e perfume.
Porque tardam os lírios? Porque ficam quedos,
Dormindo em silêncio, humildes e medrosos?

"Considerai os lírios, como crescem!"

Esperaram longamente — chuvas primaveris,
A luz do sol e as marés subtis
Sustentaram a vida e deram vigor;
Porque dormem ainda os lírios em torpor?
Quem os despertará com mágico poder?

Quando chega o tempo dos ceifeiros sair,
Que esperaram todo o Verão a florir,
Pela semente amadurecida, de oculto valor,
Que só conhece quem semeou com amor —
Os lírios ainda não desabrocharam então;
Quando os campos maduros se estendem no chão,
Ali a flor e a folha, em doce esplendor,
Parecem sorrir com tranquilo fulgor.

Na Palestina, onde os pés do Mestre
Pisaram caminhos de pó agreste,
Os lírios floriam ao redor dos seus passos
Após o lento nascer da Primavera em abraços,
E espalharam sementes para o tempo futuro,
Quando os sinos da neve soassem seguros.

Pois a plenitude da vida que vive
Ensina a esperar o tempo que revive;
Qualquer Primavera traz dons em canção,
A violeta, os pássaros, doce vibração;
Mas pelos lírios deveis esperar,
Pois no seu chegar são lentos a despertar.
Os lírios da vida tardam a florir,
E ninguém sabe quando irão surgir!

"Considerai os lírios, como crescem!"

CURIOSIDADES SOBRE A CLARIVIDÊNCIA

Perguntas feitas ao Presidente no Concert Hall, Liverpool,
26, 27 e 28 de Agosto de 1874.
(Cópias textuais.)

1. Os animais conseguem raciocinar? — Alguns sim, outros aparentemente não.

2. As estrelas são habitadas? — O Espiritualismo, tal como a astronomia, é uma ciência. Há espíritos na carne e espíritos fora da carne que afirmam a existência de mais mundos habitados do que apenas a Terra.

3. Será possível sentir sem nervos? — Sim, certamente. Alguns animais — a amiba, por exemplo — alimentam-se sem estômago, movem-se sem músculos e sem membros, respiram sem pulmões e são nutridos sem sangue. Nas rãs, o fluido nutritivo é frio, não quente.

4. Qual será o tamanho de uma alma? — O tamanho difere entre diferentes indivíduos. Em alguns organismos animais é considerável; noutros é tão extremamente pequeno que não é percetível aos sentidos mortais.

5. Os espíritos sabem de que é feita a alma do homem? — Sim; O_4, H_2, N_6, O_{14}, demonstrado cientificamente.

6. Eu consigo fazer todos os truques do Espiritualismo sem um médium; conseguirão vocês? — Não; e não desejo travar conhecimento com eles.

7. O que é o Espiritualismo? — Considero o "Espiritualismo" o nome da ciência que demonstrou ao entendimento humano que tudo o que existe no homem é essencialmente espírito, e que, para sermos felizes no tempo ou na eternidade, a nossa vida deve conformar-se ao estado de uma esfera espiritual por meio ou através de mentalidades espiritualmente orientadas — isto é, exercendo as santas afeições da espiritualidade da alma, amando Deus com todo o coração e mente, e o próximo mais do que a nós próprios.

8. Como sabeis que o Espiritualismo é realmente verdadeiro? — Pela mesma regra pela qual "sei" que uma figura quadrilátera retilínea, cujos lados opostos são paralelos, ou iguais a um retângulo, é um paralelogramo; ou que, na ciência da geometria, uma figura delimitada por três linhas e contendo três ângulos é um triângulo. Isso significa, em português simples, prova até à certeza.

9. O Espiritualismo prova que o homem é imortal para sempre? — Não. Quando a eternidade terminar, haverá tempo suficiente para falar do que deve ser feito depois.

10. O que diz o Espiritualismo acerca da moralidade e de uma vida saudável no presente estado da sociedade? — Que ele ou ela é mais moral quem faz mais bem

— mantém o verdadeiro puritanismo do corpo e da alma, isto é, evita álcool, tabaco, gula e as frivolidades da moda, aderindo apenas às leis da Natureza e à ciência da saúde — em suma, estudando como evitar o médico.

11. O Espiritualismo concorda com a teologia acerca de Cristo? — Se por Cristo quereis dizer Jesus de Nazaré, filho de um carpinteiro palestiniano, não. Contudo, não posso responder pelos espiritualistas em geral; mas, já que dirigis a pergunta a mim, como os outros, ao "Dr. William Hitchcock", conheço algo desse espírito individual, e ele pensa que Jesus de Nazaré foi o mais glorioso herói da espiritualidade da alma que alguma vez adornou a carne e o sangue da humanidade, e isso também com a majestosa dignidade e o brilho celeste da Presença Divina. A teologia, porém, diz-nos que Jesus nasceu antes da sua mãe e tem a mesma idade do seu Pai.

12. Como posso conhecer a verdade acerca do Espiritualismo por mim próprio? — Participai num círculo e usai o vosso senso comum, como outros fizeram antes de vós.

13. O que é o espírito? — Vida numa forma mais elevada e melhor. Ao longo de toda a ascensão do ser, desde a mônada até ao homem, a Natureza não é senão um hino profético anunciando o advento de uma alma imortal.

14. Quais são as relações entre espírito e matéria? — Quanto a mim, sou da opinião de que o espírito mantém a mesma espécie de relação com a matéria — que em si mesma nada mais é do que uma esfera de força — que a água mantém com os gases de que é composta. Nenhuma forma de matéria é independente da mente. O espírito é uma substância etérea que aparece e desaparece.

15. É verdade que um violino vos falou em língua alemã? Se sim, onde? — Não é verdade que um violino me tenha falado em qualquer dialeto; mas uma inteligência invisível, que diz que o seu nome na carne era "Herr Van Joel", respondeu às minhas perguntas com grande exatidão em alemão, segundo o método espírita, e, em obediência ao meu pedido, executou música muitíssimo eloquente e verdadeiramente deliciosa no teto da casa do Sr. Parry, 142 Spencer Street, Everton, onde reside um dos melhores médiuns do mundo, embora ainda não plenamente desenvolvido.

16. O que procuram alcançar os espiritualistas? — Não sei, pois não sou cocheiro deles.

17. Alguns homens instruídos ou científicos acreditam nisso? — Sim, muitos milhares. E mesmo em Liverpool sei que nenhum menos do que uma vintena dos mais eminentes advogados, párocos e médicos acreditam nisso tão firmemente quanto a Sociedade Psicológica nas salas da Assembleia de Islington, ou fora dela. Ultimamente, clérigos e médicos escreveram-me declarando o facto e pedindo autorização para assistir a sessões em Liverpool ou arredores, e alguns deles são dos pregadores mais populares. O homem não pode criar a verdade de Deus, apenas pode

descobri-la. O testemunho de um varredor honesto, portanto, que fala com verdade é justo tão válido quanto o que diz o pároco, o senhor ou o bispo.

18. O que ensina o Espiritualismo acerca do Céu e do Inferno? — Que vós próprios fazeis o vosso Céu ou Inferno espiritualmente, para o tempo ou para a eternidade.

19. O Cristianismo falhou em alguma era ou nação? — Não, pela melhor de todas as razões possíveis. Nenhuma "era ou nação" praticou ainda o Cristianismo na forma da religião de Jesus.

20. Porque é que os espíritos que comunicam com os mortais falam disparates e produzem sinais e maravilhas materialistas ridículos? — Porque os ensinamentos espirituais são frequentemente o resultado da "educação" mortal, que até agora participou largamente do "disparate"; e os "sinais e maravilhas" são precisamente aqueles em que os materialistas ou secularistas se deleitam em testemunhar e acreditar.

21. O que afirma o Espiritualismo ser a principal doutrina das igrejas ortodoxas na Cristandade? — Pães e peixes.

As respostas a estas perguntas pelo presidente, Dr. William Hitchman, presidente e fundador da Sociedade Antropológica de Liverpool, foram recebidas com fortes aplausos repetidos vezes sem conta. —

The Medium and Daybreak, 4 de Setembro de 1874.

"O CONFLITO DAS ERAS"

Uma palestra da Sra. Cora L. V. Hatch, no Dodworth's Hall, Nova Iorque, domingo à noite, 2 de Março de 1862.

Relatado para o Banner of Light.

INVOCAÇÃO

Nosso Pai Deus, Tu que és a vida e a luz que preenchem todo o Universo; cuja majestade e poder estão acima de tudo, comparecemos perante Ti com louvor e adoração. Os Teus filhos desejam reunir-se no Teu abraço e receber o Teu amor sempre providente. Pai, aproximamo-nos de Ti e pedimos que os nossos corações possam ser renovados pela consciência do Teu poder — para que a graça do Teu amor infinito possa penetrar as nossas almas.

Pai Deus, as eras do passado revelaram algumas coisas do Teu poder; o presente está nas Tuas mãos, e só Tu podes determinar o futuro. Deus, os Teus filhos são

apenas átomos neste Universo que moldaste; apenas partículas no oceano da Criação; contudo, partículas dançando nos raios da Tua grande refulgência.

Pai, sabemos que o Teu poder está dentro de nós, e que nos dotaste com algo da Tua grandeza, para que possamos compreender-Te melhor e desvendar cada vez mais o mistério que Te envolve, de modo a conhecer algo da nossa relação Contigo e com a Tua imensidão, alcançando conhecimento e verdade com alguma evidência tangível do Teu amor infinito.

Abençoa-nos nos nossos esforços pela verdade. Recebe as nossas aspirações, as expressões espontâneas dos nossos espíritos e as nossas preces, na sinceridade do nosso ser. Concede que possamos conhecer-Te mais e mais, assim como as Tuas obras, e penetrar mais profundamente nos tesouros da Tua mente. O Teu poder; e que, pela experiência do passado, possamos compreender e medir o futuro.

Deus das Eras, Tu que és imutável e eterno, possamos comungar Contigo para sempre, e que as nossas almas, elevando-se nas asas da aspiração perpétua, atravessem o Teu universo e encontrem cada vez mais beleza e felicidade ao perceberem a Tua presença.

Bendizemos-Te por todas as coisas espirituais, por todos os dons espirituais, e glorificamo-Te por esse dom da imortalidade perpétua que nasceu de Ti, e pelo qual viveremos para sempre no Teu seio; e a Ti atribuímos para sempre todo o louvor e toda a gratidão.

Vemos à nossa volta as evidências de um conflito duradouro. O universo está repleto de formas majestosas e belas que parecem erguer-se em resposta ao chamamento da mente invisível. As estrelas estão colocadas nos seus lugares como inumeráveis gemas. Silenciosamente cumprem a sua missão, e sol após sol eleva-se em infinita grandeza, e mundo após mundo move-se nos vastos corredores do espaço; e toda a Criação, inquieta na sua vida, marcha ao som de música inaudível. A Terra, como uma gota destilada pela manhã, flutua no espaço e gentilmente percorre o seu curso em torno do Sol. Move-se obediente a forças invisíveis. Os cumes das montanhas, erguendo-se em grandiosidade, os vales cobertos de rica verdura, cheios de flores vivas, prestam homenagem ao Poder Supremo. As árvores da floresta, balançando com a brisa, e as flores com os seus inúmeros olhos, erguem-se para os céus.

O oceano bate furioso contra as costas rochosas, ou repousa silenciosamente como espelho dos céus tranquilos. Mas, de súbito, através dos céus irrompe um cometa flamejante, e todo o ar se enche de vapor ardente; então a Terra e as estrelas parecem deter-se nos seus cursos — e tudo termina. O oceano e toda a terra, aprisionados gigantes que estremecem no seio da Terra, fazem com que o solo abra largamente a sua boca escancarada; e tempestades, sobre terra e oceano, destroem tudo o que era belo. Dos cumes das montanhas, esmagando povos e as suas casas, desce a avalanche; ou torrentes flamejantes precipitam-se dos lábios da cratera. E assim o mundo prossegue numa mudança incessante. Assim é, e assim foi desde o princípio.

Deus é imutável, supremo em sabedoria e poder; mas esta criação que Ele fez, esta plenitude de vida que planeou, este mundo criado pelo Seu sopro, está constantemente sujeito à mudança.

O nosso tema, nesta ocasião, é o Conflito das Eras. Escolhemo-lo para vos revelar a verdade de que os ciclos da eternidade retornam sobre si mesmos; e que cada revolução apenas repete as mudanças que as suas predecessoras realizaram. A eternidade não é tão vasta, nem os planos da Divindade tão misteriosos, que a mente infinita não encontre, em algum grau, a sua maravilhosa harmonia. Cada desenvolvimento da ciência, cada revelação da nossa condição passada, cada conceção do avanço humano e cada ideia da mente humana repetem-se continuamente e refletem-se na história do mundo.

A Criação, que parece tão maravilhosamente harmoniosa, está impregnada por um elemento devorador de discórdia. Tão consistente, tão inteira, cada parte separada é mantida através do conflito e da perturbação. Pois cada aspeto da própria vida, cada crescimento da matéria, os próprios elementos que produzem os mundos, são outros tantos elementos de conflito.

O mundo não poderia existir se não houvesse constante luta e vitória em alguma direção. A matéria, deixada a si mesma, nada possuiria senão morte constante; mas, por algum outro elemento que, entrando em contacto com ela, produz todo o movimento, esta luta e esta vitória são mantidas — não pela matéria, mas pela mente — produzindo todas as várias formas de vida. Sem isto, a matéria seria um peso morto no universo, sem poder, movimento ou forma, e inteiramente desprovida de exaltação; mas o conflito que a eternidade conheceu é aquele entre mente e matéria, atuando através de todas as mudanças do universo material.

Este conflito é visível na superfície da Terra. O que é senão o amor do movimento, o sopro da vida, com o qual a matéria é dotada, que produziu as revoluções geológicas que elevaram as nossas montanhas e vales, e a vasta extensão de terras cultivadas? E que mais pode explicar as várias inconsistências na ordem da Criação? É a influência deste conflito que causa, em alguns climas, onde a temperatura é desigual, as convulsões subterrâneas da superfície terrestre, tal como a ebulição de substâncias aquecidas que precisam de escapar.

E o que causa os maravilhosos fenómenos das regiões polares, senão esse antigo espírito — esse espírito eterno — da forma, dessa divina afinidade para lhes dar nova vida? E quando chegamos à criação organizada, quando …podemos traçar a luta entre matéria e mente sob formas de simetria superior e regularidade, vemos que nenhum resultado é alcançado sem luta. Nenhuma ordem de seres foi criada, nenhuma planta, árvore ou animal jamais apareceu sobre a Terra sem conflito; e nenhum resultado na construção física foi produzido de outra maneira. Fora da matéria, não existe método de providenciar o ser, exceto o do confronto — uma forma esmagando outra.

A Terra, contendo dentro de si todos os germes da existência, retirou dos raios do Sol aquilo que os alimenta e desenvolve. A Terra deriva do espaço infinito aquilo que

produz movimento e luz. Cada uma das várias formas de existência na sua superfície subsiste à custa de outra, sem exceção entre as vidas animal ou vegetal. Não há crescimento na floresta, nem sequer um grão de areia, que não tenha a sua existência viva em consequência da destruição de alguma outra forma.

E quando chegamos às criaturas que possuem vida sob forma sensível, que são animadas e impelidas por algum poder superior, descobrimos que, em toda a sua ordem, existem por meios de discórdia e destruição. Os insetos são devorados por aqueles de maior dimensão; alguns animais selvagens são dotados de sentidos e órgãos especialmente ajustados para caçar e destruir os outros. A águia, no seu elevado voo, consegue avistar a sua presa sob as águas; e o falcão é igualmente capaz de lhe roubar a presa. Todos os animais, exceto aqueles que subsistem da erva, e mesmo esses apenas parcialmente, alimentam-se uns dos outros, e até subsistem pela destruição dos produtos da Terra.

Não existe, na ordem da criação, existência que não seja sustentada pela destruição; nenhuma destruição que não produza compensação em vida acrescida. Nada alguma vez se acrescenta ao volume da matéria na criação; consequentemente, qualquer forma que esta matéria possa assumir, seja no ser humano ou na pedra, deve ocorrer à custa de alguma forma preexistente. Portanto, todas as gradações da vida, desde as mais elevadas às mais baixas, assentam sobre a discórdia.

A Terra, separando a sua humidade sob a ação dos raios solares, reconhece que o calor da Natureza absorve essa humidade e a torna densa; e, quando as plantas secam e os animais se esgotam, chegam então as chuvas refrescantes e, por vezes, os raios ofuscantes e destrutivos das tempestades.

Por todos os reinos da Natureza, os seus elementos devoram-se e destroem-se mutuamente; e o homem, o chamado epítome da criação, o rei deste pequeno átomo do espaço, o imperador deste domínio diminuto, subsiste pilhando tudo o resto e, quando deixa de satisfazer a sua ambição insaciável, volta-se contra os seus semelhantes. Toda a criatura é sujeita à sua vontade, toda a classe da natureza animal ao seu apetite. Tudo o que na superfície da Terra é raro, delicado e delicioso é produzido cem vezes mais para satisfazer os seus desejos; tudo o que contribui para o seu conforto material, esplendor e luxo é tornado presa da sua ambição. Gemas, corais e pérolas são arrancados das profundezas da terra e do mar. O próprio material com que se constroem os seus palácios é…

…arrancado das profundezas da terra e do mar. O próprio material sobre o qual pisa é perfurado em busca de algo que possa satisfazer os seus desejos. Tudo o que se move, tudo o que existe, tudo o que traz a aparência de vida, deve responder a esta ilimitada ambição do homem; e assim ele é dotado, sem uma das limitações naturais pelas quais os outros animais provêm às suas legítimas necessidades, além das quais nunca vão. É a ambição infatigável e insaciável do homem que constitui o segredo do seu ser e do seu sucesso, da sua riqueza, esplendor e conhecimento, de tudo o que possui.

Tal como os fenómenos da natureza exterior, como terramotos, tornados, eclipses e os diversos movimentos dos corpos celestes, são governados por leis fixas e periódicas, e tal como a produção da superfície terrestre é alterada nas suas estações e reproduzida segundo condições explicáveis por um estudo atento da ciência natural, também este processo continua a ilustrar esta peculiar faculdade da humanidade, esta vontade dominadora, esta perseverança incansável, este dom inato que, se todas as coisas ainda não existissem criadas, criaria aquilo que respondesse mais plenamente às suas expectativas.

Esta influência e este poder, tal como exemplificados na história do passado, são apenas um tipo daquilo que existe na natureza; que a conceção da família humana, os seus mais elevados feitos na arte e na ciência, os seus dotes intelectuais e as suas ideias de religião apenas conduziram à repetição, nos ciclos das eras, de acontecimentos que ocorreram muito antes de a história ter sido registada ou de a Terra oferecer qualquer testemunho do que quer que fosse.

Rastreámos, na história de todas as nações, primeiro uma tendência para o instinto de sobrevivência. O ser humano, desprovido de vestuário, sem meios naturais de defesa contra o ataque das feras selvagens e perante a necessidade de alimento, foi forçado a procurar à sua volta materiais para roupa, armas e ferramentas. Depois, gradualmente, através da experiência, observação e poder mental inato, arrogou-se o privilégio da apropriação. Todos os povos primitivos repetiram quase exatamente a mesma operação, segundo a condição do solo e do clima; e, quando isto se realizou, uma consciência inata da individualidade, seguida de uma conceção de independência, apoderou-se da mente humana. Depois surgiu a ideia de associação, de providenciar mutuamente para as necessidades uns dos outros. Então nasceram os governos, não tanto pelo desejo de dominar, mas em nome da proteção mútua.

Sendo formadas associações para procurar alimento, tiveram de ser providenciados locais adequados de reunião; e, como nações separadas se formaram, uniram-se para se defenderem contra forças comuns. Isto continuou, e, mesmo tendo em conta os meios aperfeiçoados de transmitir inteligência e os resultados da experiência e da invenção, nenhuma ideia mais elevada de arte foi alcançada por qualquer nação isolada do que aquela que foi alcançada há milhares de anos; por outras palavras, a história tem sido, nas suas principais características, a mesma para todas as nações. Os chineses, até há pouco tão isolados, apenas repetiram, no seu progresso social, a experiência de talvez alguma outra nação…

…que existiu milhares de anos antes. Todas as comunidades se ergueram e caíram pela ação de causas semelhantes; e todas as nações, tomando-as na sua condição primitiva e acompanhando-as através dos seus distintos períodos de crescimento, são encontradas tendo alcançado o mesmo resultado. No início, encontravam-se num estado de inocência — ignorantes e simples. Depois, através da acumulação de artes e ciências, melhoram mentalmente — os seus credos religiosos organizam-se pelo impulso da adoração e pelo desejo de atribuir uma causa aos mistérios que as rodeiam; e, finalmente, avançam numa direção política, primeiro pela necessidade de controlar aquela completa liberdade individual desfrutada no período

mais antigo e, em segundo lugar, em consequência da ambição e da cupidez que sucederam à simplicidade primitiva.

Estas forças, mais cedo ou mais tarde, dão origem à anarquia e à democracia; depois, como é ilustrado na história de todas as nações, estas são sucedidas pela monarquia. Nunca existiu uma nação, nem jamais existirá uma, até que a família humana aprenda a beneficiar da experiência do passado, que não repita o mesmo ciclo, em maior ou menor grau. Não temos tempo para referir o conhecido ou suposto progresso dos vários tipos da humanidade; mas cada um deles, no seu próprio clima e sob as suas próprias condições, seguiu relativamente o mesmo percurso.

Entre todos eles encontramos, em substância, as mesmas artes, os mesmos feitos na arquitetura, o mesmo amor pela beleza e esplendor, o mesmo desenvolvimento — em grau muito elevado — de luz e plena iluminação, as mesmas conceções relativas à grandeza material que constituem a base das suas operações. Isto estende-se a todas as nações: entre os indianos, divididos em várias nacionalidades, mas ainda distintos; os chineses, desde o mais antigo período dos seus anais; os egípcios, ainda na sua antiguidade, tão afastados da nossa compreensão que a sua iluminação nos parece maravilhosa; e, mais tarde, os gregos e romanos, que transmitiram até nós os feitos do antigo império persa, compreendendo tudo o que havia de esplêndido no seu vasto domínio de glória e poder. Estes, nas suas condições primitivas, encontramos possuírem a mesma natureza: a mesma tendência para a consciência e autocontrolo, para prover às necessidades imediatas; depois o mesmo amor pela associação; finalmente, as mesmas ambições e preconceitos, o mesmo orgulho e emulação — tudo aquilo que nasce da prosperidade.

Alguns filósofos dividiram os ciclos políticos, ou revoluções das nações, em três.

Primeiro, a era da liberdade e da igualdade, sob o governo do que poderia justamente chamar-se justiça, da qual resultava a paz.

Segundo, o avanço daquilo que poderia chamar-se direito positivo, do qual nasce a prosperidade.

Terceiro, a fase da ociosidade e da indulgência, da qual nasce a guerra.

Assim temos primeiro a condição de simplicidade, produzindo apenas o que é absolutamente necessário. Depois, o estado de prosperidade incipiente, resultado da indústria. Finalmente, a consequência natural da facilidade, luxo e indulgência — isto é, a guerra.

Quando os povos têm constantemente de prover às suas necessidades diárias, há pouco espaço entre eles para o crescimento de paixões mais ferozes, tal como a doença dificilmente invade o corpo físico quando existe um estado adequado de circulação; mas, como resultado deste constante labor, surgirá necessariamente uma condição de indulgência numa classe e de doença noutra, o que fomentará o crescimento do ciúme, paixões malignas e tudo o que conduz ao derramamento de sangue e à luta.

As causas das disputas entre as nações são, primeiro, a prosperidade material, conduzindo ao desejo de recursos e domínio por parte do povo em grande escala; segundo, a ambição de algum governante ou tirano; terceiro, e não a menor, a religião. Isso forma a a base pela qual todas as nações lutaram; os focos secretos que impeliram o mundo no seu progresso; e estes repetiram-se sucessivamente na ascensão, história e declínio de cada nação até hoje. A prosperidade material traz consigo mil germes que inevitavelmente produzem ambição e amor pela fama; estes, por sua vez, produzem tirania.

Nas eras antigas, em vez de enforcar prisioneiros ou libertá-los em liberdade condicional, faziam-se cativos e nações inteiras eram escravizadas. Depois surgiu uma separação de reinos; depois as guerras religiosas — pois, como as nações diferiam nas suas condições primitivas, em consequência do clima e do solo, também as suas religiões variavam de acordo com exigências diversas. Assim vemos os egípcios, nas margens do Nilo, observando a subida e descida das suas águas e cada mudança nos corpos celestes, indicando o tempo da Primavera e da colheita, dotando o rio e o Sol de atributos divinos e adorando os monstros das profundezas como representantes dos seus oráculos.

Nos climas temperados, onde o orvalho e os aguaceiros do céu são fornecidos por fontes invisíveis, prevalece uma tendência para uma adoração mais primitiva e simples; os indianos adoravam apenas o grande espírito invisível, pois não tinham de observar uma torrente turbulenta; as estrelas silenciosas podiam ser-lhes sinais da Natureza instantânea, que, com o avanço e declínio das estações, revelava a vontade de um Criador instantâneo. Cada homem adorava aquilo que melhor se relacionava com as suas necessidades particulares, e os mesmos governantes os abasteciam com oráculos e profetas. Para estas divindades locais erguiam lutas e disputas; e descobrimos que, nas eras mais antigas da raça, a religião constituía um pretexto constante para hostilidades.

Assim, o indiano contendia com o védico pela supremacia da sua forma de culto religioso; os adoradores dos ídolos lutavam pela veracidade da sua Bíblia. Descobrimos que os seguidores de Confúcio contendiam ardentemente pelas suas ideias metafísicas e filosóficas; que os brâmanes combatiam em cada ponto do mundo pela sua superioridade e precedência. Descobrimos que os egípcios, ou os seus descendentes, sustentavam que a sua religião derivava unicamente do Deus invisível representado principalmente pelo Sol, e os seus vários atributos pelas estrelas e animais que adoravam.

Os seguidores de Zoroastro, que não foi senão outro intérprete do mesmo ensinamento — aqueles de Cristo e de Maomé, cuja religião era uma combinação das duas primeiras — são vistos lutando e combatendo sobre o tema das suas várias religiões. Os impérios do Oriente sucessivamente ergueram-se e caíram sob os auspícios desta guerra religiosa. De facto, quase todas as civilizações asiáticas foram fundadas sobre esta base.

Estas antigas comunidades representavam, nas suas várias religiões, todos os tipos de necessidades e exigências humanas, em cada departamento da vida em que passavam necessidades, em cada departamento da vida em que viviam, ensinavam e tinham o seu ser. O seu governo, os seus arredores físicos, tudo estava sujeito a este oráculo da religião, e de tal forma ela os controlava que todas as suas guerras e conflitos eram decididos sob o domínio de algum dos seus ídolos favoritos.

À medida que a civilização avança, encontramos esta ordem invertida. Na Grécia e Roma antigas, muito dependia da supremacia do poder moral; e ainda mais nos tempos modernos. A religião é feita serva de outras exigências, enquanto a ciência política e intelectual ocupa em grande parte o lugar que outrora lhe pertencia. Com esta diferença, e com aquilo que surge dos aperfeiçoamentos na transmissão da inteligência, descobrimos que o passado é apenas uma revolução e o presente outra, na mesma ordem da criação.

Vemos todas as modernas ideias de liberdade e justiça nas antigas comunidades indianas. As noções de liberdade republicana não surgiram primordialmente dos gregos, mas eram coexistentes com a própria existência da raça. Eram familiares aos antigos egípcios, que não possuíam distinções artificiais de posição, nem nobreza hereditária, nem supremacia social, exceto aquela concedida aos seus ministros da religião. A ideia de igualdade não é um desenvolvimento novo, mas uma conceção original da mente humana. Em vez de monarquia, ou qualquer tipo de despotismo, terem origem nas eras primitivas, são na verdade interpolações e invasões sobre aquilo que eram considerados os direitos originais da humanidade; e a nossa condição presente é simplesmente uma repetição, em escala ampliada, do estado de coisas que prevaleceu há muito tempo.

Portanto, somos levados à conclusão, como resultado de longo estudo e cuidadosa comparação da história antiga, de que, embora a família humana como um todo tenha avançado continuamente, as nações individuais, no seu tempo, progresso e inevitável declínio, estão destinadas apenas a repetir, como sempre fizeram, os registos com que a história está preenchida. Encontramos as mesmas causas recentes de conflito, as mesmas queixas e contendas, as mesmas desculpas triviais para crimes cometidos por instigação da ambição pessoal, a mesma tirania sem mitigação, a mesma classe de demagogos astutos usando o povo para realizar os seus próprios fins.

Ao longo de todas as revoluções dos impérios, desde o persa até ao francês moderno e à nossa própria República, descobrimos que os homens lucraram muito pouco em verdade com as lições que o passado lhes ofereceu para sua orientação. Parece como se os fundadores de cada governo tivessem fechado voluntariamente os olhos às lições da história e deliberadamente colocado as fundações onde tinham de passar por tanto derramamento de sangue e ruína antes de alcançar uma condição fundada no senso comum — como se aqueles que governam ou os partidos fossem formados com o propósito de lançar a humanidade através da mesma sequência de prosperidade e declínio, para que os seus vários impérios possam cair e dar lugar a outras raças, que deverão repetir a mesma história.

As nações nasceram como a vossa própria, com elevados princípios de liberdade e conceções de justiça e igualdade — avançaram até certo ponto harmoniosamente e, por fim, foram despojadas dos seus direitos mais queridos, até que, cansadas, se submeteram ao jugo de um monarca, em vez de serem governadas pelas paixões tumultuosas da multidão. Não terão todas as ciências tido o seu nascimento nas conceções das nações antigas, repetidas em cada ciclo do progresso do mundo? E não é a vossa própria nação, livre, gloriosa como é, colocada no alto caminho para uma prosperidade sem precedentes, subitamente lançada num conflito sem causa adequada e rapidamente à deriva no oceano da revolução, rumo aos períodos de anarquia, monarquia e despotismo?

Não parece verdadeiro que todos os destinos da humanidade estejam ligados uns aos outros por este conflito contínuo? Descendo à vida e experiência individuais, descobrimos que nenhum ser humano prospera senão à custa de outro. Nenhum homem alcança riqueza ou eminência, nem se alegra com qualquer dom pessoal distinto, sem que isso seja, em alguma medida, subtraído da felicidade dos restantes. Na vida quotidiana há um conflito incessante entre verdade e erro, luz e trevas; e, mais ainda, cada espírito humano individual encontra-se no meio de um conflito ativo.

No fundo do véu que oculta o funcionamento de uma única alma — crianças da sua atividade como agentes separados — descobrimos que toda a vida não é senão uma série de conflitos. O próprio génio nasce do conflito; e nenhum ser humano alcança elevada eminência ou sublime faculdade de autocontrolo exceto através de luta temível e terrível conflito e esforço quase incessante. A mente mais comum é feita dos elementos mais incongruentes e contendores. O homem que é elevado acima dos outros pela majestade do seu génio contradiz, na sua vida privada, toda a evidência da sua existência. O poeta, distinguido pela harmonia dos seus versos e pela nobreza dos seus pensamentos, revela no seu comportamento pessoal que é semelhante ao mais fraco da sua raça.

Nunca alcançastes triunfo algum que não fosse fruto da mais severa luta. Não existe verdade alguma gravada no templo do progresso humano que não tenha nascido de derramamento de sangue, ruína e devastação. Os homens guerreiam entre si como tantos insetos — devoram-se uns aos outros como uma horda de feras selvagens. Mas esta é a ordem da criação. Não chamamos a atenção para isto com o propósito de depreciar a beleza dessa criação, nem supondo-a imperfeita; desejamos apenas impressionar-vos com o grande princípio de que tudo o que existe deve nascer da luta e do conflito. Tudo aquilo que torna a humanidade perfeita e grandiosa é o resultado do sofrimento e da contenda, repetidos constantemente através dos ciclos.

Quando a raça tiver aprendido a beneficiar da sua experiência, estes ciclos tornar-se-ão menores, até que, por fim, se mova em harmonia estável ao longo do seu curso divinamente ordenado. Mesmo então, continuarão a existir vastos e inexplorados campos de conhecimento que, na esfera da mente, oferecerão tantos obstáculos e exigirão tanta energia como a anterior carreira do homem de esforço físico e resistência.

A paciência e a fortaleza dos indivíduos nascem do sofrimento. A moralidade não pode existir sem o crime. Não haveria necessidade de religião sem a ignorância; e a civilização é filha dessas paixões guerreiras às quais devemos os mais brilhantes feitos do génio e da ciência. As nações não passam de atores neste drama eterno.

Sim, o próprio Universo pode ser um campo de batalha, onde, na hoste dos anjos e dos arcanjos, se trava combate para vencer os obstáculos ao seu destino determinado. Dizem-nos que, antes da criação, houve guerra no céu, e acreditamo-lo, pois sem um conflito de algum tipo a criação jamais poderia ter-se completado. Também nos é dito, pelas tradições mitológicas de todas as épocas, que este conflito entre o bem e o mal começou com o conflito de todas as eras e introduziu a luz e o conhecimento.

Portanto, quando contemplardes esta aparente harmonia, estas lutas e desarmonias à vossa volta, não murmureis; pois é da ordem da criação que não haja bem desejável sem elas. Deus habita, infinito e omnipresente não está em repouso, porque tudo conhece; mas a sua criação move-se eternamente, cresce eternamente, luta eternamente, para que possa refletir finalmente alguma imagem dessa perfeição que a chamou do caos. A própria mente é filha deste conflito; e todo o progresso terreno, toda a experiência do passado, todos os registos das nações permitem-nos descobrir que não podemos mudar esta ordem — apenas modificá-la.

As nações continuarão a vir e a partir, a erguer-se e a cair, a afundar-se e desaparecer da Terra. Os seres humanos encherão cidades, erguerão templos e monumentos, e ainda assim tudo passará; as coroas desmoronar-se-ão, os tronos vacilarão e cairão, novas formas de culto surgirão e desaparecerão, e, contudo, esta ordem eterna permanecerá. Talvez até esta orgulhosa cidade, tão densamente povoada e ligada por misteriosos cordões de comunicação com todo o mundo, seja varrida; e, em algum ciclo longínquo, uma nova raça ocupará o vosso lugar e meditará sobre relíquias cujo significado apenas poderá vagamente conjeturar — as ruínas de ciências e religiões esquecidas.

E esses sucessores, ignorando os registos sepultados das vossas loucuras e desventuras, percorrerão novamente o antigo círculo e, por sua vez, afundar-se-ão na ruína e no esquecimento. Assim como, no curso da vida humana individual, através das etapas da infância, maturidade e velhice, assim é também a carreira das nações; e nenhuma experiência humana pode alterar esta lei, mais do que poderia ter servido para tornar o recém-nascido de hoje um aperfeiçoamento daquele que viu a luz há mil anos.

Tal é o conflito das eras, tal a ordem da criação e tal o mistério de Deus! Girando em vida perpétua — em perpétua luta — cada mundo, cada estrela, cada sol cumpre o seu destino; cada nação, cada indivíduo, vem e passa, enquanto fresca e jovem uma nova criação surge a cada momento da mão de Deus.

SERMÕES ESPIRITUAIS

Pelos Guias da Sra. Cora L. V. Richmond

Cada semana os sermões em transe de Cora consistiam em quatro partes; a invocação, o discurso, o poema e a bênção. A assistência escolhia o tema para o poema de improviso, o qual, para este, o primeiro sermão no livro de sermões semanais progressivos, foi "A Vida de Thomas Paine".

"....A sabedoria de Cristo, este despertar da natureza a partir de dentro, este amor pela humanidade não se limita àqueles que conhecem o nome de Cristo, ou que são denominados cristãos....."

Geração e Regeneração

Proferido perante a Primeira Sociedade de Espirituais de Chicago

Domingo, 7 de março de 1886

Discurso

Assim como em Adão todos os homens morrem, assim também em Cristo todos os homens são vivificados. "A menos que um homem nasça de novo, não pode de forma alguma entrar no Reino dos Céus." Estas e outras afirmações semelhantes introduziram na teologia o termo "regeneração" em contraposição à palavra geração, ou ser físico. A ciência ignora a regeneração e apenas lida com a parte do homem que é adâmica. Este Adão é a palavra genérica para o "homem da terra", mas o "Adam Kadmon", de que fala a Cabala, era o homem divino, o "homem de Deus", e, portanto, deve ter-se referido ao homem regenerado.

Este "Adam Kadmon" é o que pertencia às escolas gerais da Cabala e é, na realidade, o nome genérico para Cristo. Os Budas do Oriente, os Salvadores e Messias de todas as nações, bem como o Salvador cristão, são literalmente interpretados como pertencentes a este termo, "o homem de Deus", "la vida de Deus", a expressão de Deus no homem.

Há muitas pessoas, ignorantes tanto destes termos cabalísticos como da natureza religiosa do homem, que dizem: "mas se um homem nasce bem à primeira vez, não tem necessidade de nascer de novo". Isto é simplesmente uma tolice; o segundo nascimento referia-se a qualidades e condições de desenvolvimento que não podem ser expressas no nascimento do homem físico, e não se referem a um ponto no tempo, nem a qualquer sucessão de anos, mas a estados e condições. Este homem físico é da terra, terreno, e o Adão do Antigo Testamento é a expressão típica da raça do homem nascido da terra. Esta geração adâmica é la expressão da vida física, é o assumir da forma física, o soprar para dentro desta do sopro da vida e, claro, neste Adão todos os homens morrem.

A teologia insiste que é por causa do pecado de Adão, ou por causa da transgressão, que a morte é introduzida. Mas o próprio termo geração significa morte, significa que aquilo que tem nascimento deve ter decadência, aquilo que tem vida

genérica deve genericamente deixar de ser. Significa simplesmente que a porção da humanidade que é como Adão, que é feita de pó, que contém cada propriedade química da terra, que epítome, se assim desejarem, a expressão química da vida orgânica, genérica, deve, no entanto, morrer.

É o Adão físico que deve perecer; apenas nisto está aquilo que se chama transgressão; que fisicamente, por enquanto, a forma adâmica parece absorver e eclipsar, em alguns casos quase aparentemente obliterar, o homem espiritual ou o Adam Kadmon. O poder da geração pertence ao organismo do pó, é uma porção da estrutura orgânica do universo visível, é aquilo que o Infinito, no mecanismo divino do universo físico, colocou ao comando do homem superior.

No momento em que se tem um pensamento; no momento em que se tem uma ideia que está para além do corpo, que está para além dos cinco sentidos, no momento em que se pode pensar em algo além de comida e da visão do corpo, e das meras sensações da vida física, nesse momento o homem superior torna-se manifesto.

Se isto acontece na criança, no homem ou na mulher, não importa; se acontece num ano ou noutro, não importa; a "regeneração" não é uma porção da economia física, não pertence a nenhuma das leis da existência fisiológica; é algo separado da vida genérica, e embora a vida genérica, específica e individualmente, não possa ter existência sem o homem superior, a vida genérica de toda a raça de Adão tem existência por causa das leis gerais do universo, a lei específica que coloca essa lei geral na posse da vida humana individual está para além da criação física e encontra-se no reino do espiritual, o reino da origem das coisas, mas a geração da vida parece ocupar grande parte da atenção dos cientistas físicos, aqueles que se denominam proficientes em sociologia, ou no que chamamos por um termo impróprio "ciência social", veriam o assunto de toda a existência do homem apenas sob o ponto de vista da geração, suporiam que todas as enfermidades morais e mentais têm a sua origem e remédio no homem adâmico, no homem físico, e ensinariam que as leis da anatomia, da fisiologia e da higiene, quando devidamente compreendidas, permitiriam à raça humana superar as imperfeições do ser físico, mental e moral.

Por outras palavras, eles confundem a correta existência física com o estado espiritual regenerado. Estão a colocar o efeito antes da causa, estão a esforçar-se por lidar com proposições inversamente à ordem da sua existência real. A regeneração da família humana, quer seja na direção do bem-estar físico, quer seja na direção de modificar essas tendências aparentemente hereditárias para o crime e a doença que existem no mundo, deve começar toda na parte espiritual do homem. E esta regeneração é aquilo que torna o homem consciente de possuir um ser espiritual, algo mais do que o torrão de terra, e de ter uma natureza que, sendo divina, pode permear e renovar o sistema físico que não é divino.

O corpo é um mecanismo perfeito na sua estrutura orgânica; mas para estar perfeitamente sintonizado, e para que cada ser humano seja uma ilustração perfeita da perfeição desse mecanismo, deve haver uma consciência espiritual perfeita no e através do organismo humano. O homem adâmico prova a morte do corpo físico

porque o homem adâmico não está regenerado. O medo da morte entrou no mundo no tempo em que a humanidade estava na sua infância, quando as expressões da vida humana eram materiais, quando o nascimento era o começo e a morte o fim de tudo; e esta época não está assim tão avançada em relação a esse tempo primitivo; uma nova raça de bebés parece ter surgido na existência nos ultramaterialistas do tempo presente, que se dão ao trabalho de vos convencer de que o nascimento humano é o começo e a morte humana o fim de tudo o que constitui a vida do homem.

Claro que as raças se repetem, e as expressões delas, mesmo sob outros nomes, usam as mesmas aparências e têm a mesma origem. A infância física da raça que cresce a partir do medo da morte e da ideia de que o nascimento e a morte incluem toda a vida do homem é precisamente a mesma que essa gama limitada de pensamento científico que apresenta a mesma proposição hoje em dia.

Mas em todas as épocas tem havido vidas regeneradas, tem havido aqueles que percebem algo além dos sentidos, que admitem algo além do pó, que têm evidência daquilo que está dentro, e que, através deste poder regenerador, expressam nas suas vidas humanas não apenas o controlo sobre as imperfeições físicas dos gostos e apetites, mas têm controlo, em mente e espírito, sobre vastos números de pessoas. O Messias é o homem Kadmon perfeito, o homem Ideal na terra, o típico Filho de Deus. O materialista, o Adão da presente geração, é o transgressor típico — claro que não queremos dizer nada de pessoal com isto, queremos dizer que o homem, limitado à contemplação dos sentidos, está limitado na sua gama e faculdades morais; queremos dizer que o homem iluminado pelo espírito de Cristo é o ideal do mundo, quer na forma do Cristo da cristandade quer nos ideais dos filósofos, ainda assim a natureza é precisamente a mesma.

É o reconhecimento dessa divindade divina que constitui a única esperança do mundo. O homem puramente físico, o homem que contempla a humanidade e as suas enfermidades a partir do ponto de vista dos sentidos, declara que não pode haver regeneração ou reforma da terra a não ser a partir de condições físicas perfeitas. O homem puramente espiritual, o homem Cristo, declara que não pode haver regeneração da humanidade a não ser a partir de dentro, e estes dois sistemas, sob uma forma velada ou outra, existiram em todas as épocas, tomaram posse de todas as classes de mentes, foram os temas de controvérsia entre o cientista, o filósofo e o teólogo em todas as épocas.

Não estais a viver pela primeira vez numa época de dúvida e materialismo, embora possais imaginá-lo. Não coube ao século dezanove "descobrir" professadamente que não há nada na verdade espiritual. Na Idade Média, no século dezasseis, Fausto e Socino declararam um sistema de filosofia que não reconhecia o homem divino em Cristo, mas meramente um ser humano mais perfeito, não a regeneração através do espírito, mas através da filosofia física e material.

Tal foi a controvérsia nas diferentes escolas de pensamento na Alemanha que, numa direção, se ramificou na metafísica e, na outra, na reforma. Houve escolas de pensamento até nos primeiros anos da cristandade, como os arianos, que não

reconheciam o Divino em Cristo, mas apenas que ele era um instrutor muito eficiente, e procuravam colocar os seus ensinamentos no catálogo da filosofia ou da ciência humana. Noutros períodos da história do mundo, houve filósofos materialistas, como os que existiam no tempo de Platão, que procuravam derrubar os ensinamentos de Platão e Sócrates a respeito da imortalidade através dos sistemas de pensamento externos e superficiais dessas épocas. Portanto, não coube ao esclarecido século dezanove descobrir o materialismo, mas este é um remanescente de épocas bárbaras, e nós podemos devolver o cumprimento: quando eles dizem que a religião é o resultado das épocas de superstição, nós podemos dizer que o materialismo não passa do remanescente da barbárie.

A regeneração espiritual é a esperança do mundo; os ideais de todas as filosofias que sobreviveram aos toques do tempo. As filosofias puramente materiais afundaram-se na obscuridade. As filosofias puramente espirituais surgiram continuamente no horizonte do pensamento humano. O platonismo sobreviveu quando os sistemas materiais da Grécia e de Roma pereceram, e o pensamento daqueles que ensinaram as verdades mais divinas do cristianismo foi retido nas mentes humanas e na história humana, quando todos os subterfúgios materiais e o glamour da Idade Média desapareceram de vista. A nossa ideia a respeito desta influência regeneradora do homem Cristo, o "Filho de Deus", é o ser humano espiritual típico, o homem ideal, a realização perfeita, a vitória e conquista completa sobre a vida física, sobre a vida adâmica pelo espírito de Cristo.

Que isto não é alcançado pela filosofia ou pela ciência é evidente pelo facto de que, embora a filosofia e a ciência possam mitigar e modificar muitas das condições físicas do homem, elas não tornam os homens melhores enquanto filosofia ou ciência. Parece haver, entre o intelecto e o espírito do homem, um conflito perpétuo, como existe entre o espírito e o seu corpo. O intelecto do homem é apenas um pouco mais do que um Adão refinado; não é o espírito vivificado de Cristo. O intelecto do homem pode ensiná-lo a cometer um roubo com perícia; em vez de atacar um homem na estrada pública, como era o costume dos antigos salteadores da estrada — mas perdoem-nos, não queremos ser pessoais, mas num sentido modificado consideramos que as filosofias intelectuais do dia são os salteadores intelectuais do mundo —, eles assaltam a natureza espiritual do homem, desafiam-na pelos seus tesouros e roubam-lhe aquilo que ela deu ao mundo, declarando depois que foi sempre posse dos filósofos.

Ou poderíamos compará-los, de certo modo, a ladrões muito hábeis; a casa de Deus está aberta, está virada para o céu oriental da imortalidade, e a alma que vive lá dentro está sempre pronta a admitir o investigador da verdade, o homem Cristo, o homem Deus estão ali, na morada do espírito, mas o ladrão intelectual tem medo de entrar pela porta da inspiração e da intuição, ele está no telhado ou à janela, tentando ir do "efeito para a causa", do "conhecido para o desconhecido", esforçando-se por descobrir uma passagem secreta, ou alguma outra forma pela qual possa entrar nesta casa, onde sabe que se encontram os tesouros da alma, tomar posse deles e reivindicá-los como propriedade da ciência material, declarando que nunca antes existiram no mundo.

É um plano hábil, mas estes filhos de Mercúrio nunca passarão além das paredes exteriores da Casa de Deus através de métodos materiais. O conhecimento das coisas espirituais deve vir de dentro, e aquele que deseja descobri-las deve entrar pela única porta aberta, a porta da Inspiração iluminada a partir da alma. O regenerador está ali, está dentro de cada espírito humano, e esse Regenerator agindo sobre cada vida individual produz o despertar que se denomina o "segundo nascimento"; embora possa ser verdade, como muitas mentes científicas e materiais declaram, que a suposta "regeneração" em muitas vidas na cristandade, este despertar que é chamado o "segundo nascimento" na teologia cristã, a "conversão" que até na vossa própria cidade, neste momento, muitos indivíduos pensam estar a experienciar, possa ser, em muitos casos, o resultado de excitação, do estímulo superficial do magnetismo do orador, ou de algo que apela ao medo humano ou à ignorância humana.

Ainda assim, nas vidas mais elevadas dos cristãos, no tipo mais perfeito daqueles seres humanos que experienciaram o poder despertador da verdadeira religião nas suas vidas, não há nada que possa ser comparado à ignorância, ao medo ou à superstição. A regeneração é conhecimento; é o conhecimento da presença da vida de Deus no universo, é o reconhecimento da natureza espiritual da orientação do universo; é como se alguém que antes era cego fosse feito ver; é como se alguém tivesse sido surdo e agora pudesse ouvir a música da terra e do céu. Se não o experienciastes, não sabeis o que é.

Se despertastes para a compreensão do significado do que o orador está a dizer, como esse misterioso e omnipotente poder do amor, o amor da mãe pelo filho, sacrificando tudo, concedendo tudo, fazendo tudo, este poder que tudo controla e tudo pode move a vida dela — se experienciastes esse amor para com qualquer ser humano, podeis compreender o que a mãe sente, ou como o amor que sentem aqueles cujas vidas se entrelaçam no laço sagrado do casamento; se nobre, perfeito e verdadeiro, é o reconhecimento em cada vida de tudo o que é exaltado e perfeito; é o esquecimento de si mesmo, é a entrega de tudo; é esse despertar que faz com que até as formas na natureza e cada ser no universo pareçam mais alegres e mais belos.

Por este sentimento, sabe-se que os amantes escalam muros de prisões, escapam de celas de masmorras, atravessam mar e terra através do fogo e da chama e das dificuldades da batalha, para enfrentar todas as vicissitudes e perigos da vida humana por amor ao ente querido. Num sentido mais divino, num despertar mais perfeito e completo, a regeneração é o amor da humanidade, é o nascimento de Cristo que reconhece em todos os seres humanos não meramente o homem e a mulher físicos que são sujeitos de orgulho, e ódio, e desprezo, e egoísmo, não meramente a humanidade que tem andado a predar-se uns aos outros, mas a humanidade divina dentro de cada um, na qual existe a centelha do amor infinito e imortal.

Esta sabedoria de Cristo, este despertar da natureza a partir de dentro, este amor pela humanidade não se limita àqueles que conhecem o nome de Cristo, ou que são denominados cristãos; muitos que se supunham infiéis experimentaram, no entanto, esta regeneração; amam a humanidade com um amor profundo e absoluto; através do esquecimento de si mesmos sabem que a humanidade desenvolve as possibilidades

mais altas e mais divinas, e trabalham em todas as suas vidas e em todas as suas expressões para o bem-estar da humanidade. Esta regeneração não vem em nenhum nome, não está envolta em nenhuma forma de pensamento peculiar, mas é a posse de todos, ou latente ou já expressa; medianamente desenvolvida em alguns, toda a família humana revela, com muito poucas exceções, algum vislumbre do seu nascimento.

Mas quando as marés cheias se soltam, quando as geadas e o gelo do materialismo e da dúvida se derretem, quando a consciência da verdade e do amor toma posse da mente humana, é como se toda a natureza tivesse sido renovada; a morte em Adão já não existe, o corpo físico já não é uma maldição mas uma bênção, e a doença física já não pode aterrorizar, mas pode ser superada pela luz abençoada do conhecimento e do amor, e todas as formas de ódio humano e de orgulho humano e a guerra de indivíduos e nações derretem-se e desvanecem-se diante deste poder regenerador. A fome do corpo é impossível porque o espírito é alimentado a partir de dentro, e a comida é abundante porque os homens se amam uns aos outros e cuidam para que todos sejam providos. Não pode haver pobreza neste reino do espírito quando a humanidade estiver regenerada.

A vida individual que possui este nascimento mais elevado pode tornar toda uma comunidade mais alegre e cada lar mais contente. Uma comunidade ou sociedade de homens assim regenerada pode fazer do mundo um Éden, e toda a família humana, crescendo em direção a esta regeneração, pode fazer o "Reino dos Céus" na terra que o salvador e o profeta, o vidente e o poeta previram. Nem é este um ideal impossível, nem é a expressão de mero sentimento ou fantasia religiosa, é o crescimento absoluto e o testemunho de todo o mundo. Toda a sociedade humana de hoje está mais perto do Adam Kadmon, o homem Cristo, do que há mil anos; e há muitas vidas no vosso meio agora, talvez demasiadas para serem sequer notadas, que visam a mais alta expressão de boa vontade para com os seus semelhantes.

Os vossos próprios corações são acelerados por impulsos que apenas eram conhecidos pelos mais altos sábios e filósofos dos tempos antigos; as vossas vidas estão a tornar-se diariamente mais e mais nobres pela força impulsionadora desta vida de dentro, que terá crescimento, e se expressará, e crescerá em direção ao Cristo que está sempre à vossa espera.

Não nos interpreteis mal, é vosso dever dizer que tudo o que puderdes fazer no mundo físico que leve por diante a perfeição da humanidade, deveis fazê-lo. Quaisquer medidas sanitárias, quaisquer leis da ciência física que considerardes valiosas e benéficas, tudo o que contribua para a elevação material e conforto da humanidade, não podeis evitar fazer, se estais a procurar o bem-estar do homem; mas a regeneração do homem não será através desse método. A regeneração já começou quando procurais elevar a humanidade em qualquer direção. Portanto, a busca deste poder é aquilo que, quando levado ainda mais longe, constituirá a verdadeira, genuína e perfeita redenção do homem.

Pois foi afirmado, e isto de alguma forma vos perturba, que é apenas através da "fé" e através da "graça" que o homem pode ser redimido; se aqueles que são teólogos

desejam e preferem usar estes termos, podemos encontrar falha nas palavras que usam, quando elas significam a mesma coisa? Não é a "Graça" a suficiência do amor de Deus? Não é a fé a confiança no amor e na orientação infinitos? Não pode importar por que nome chamais a esse poder redentor e renovador, desde que seja amor e verdade.

Muitos que passaram pelas malhas e labirintos da teologia, e acharam o credo externo insuficiente para satisfazer, talvez tenham perdido o alimento que outros encontraram, talvez tenham sido demasiado externos na sua busca. Não deveis culpar a religião porque a teologia não vos alimentou. Se tivésseis possuído religião, a teologia não vos poderia ter feito mal; não a tendo tido, não podíeis esperar que a teologia a fornecesse. Aqueles que escaparam das igrejas, considerando-se livres da servidão, muitos deles mergulharam na servidão maior dos sentidos e do intelecto material, e decidiram não adotar nenhum conhecimento que os comprometa ou os entregue a qualquer crença na religião, contudo certamente estão numa servidão maior do que antes, pois se pensais que os termos teológicos podem fazer ou desfazer a religião, estais muito enganados.

Se pensais que a religião se limita à teologia, também estais enganados. O teólogo, mantendo-se dentro do limite da igreja, pode não ver outro poder redentor, outra graça redentora, outro método para a humanidade a não ser através do seu plano de salvação interpretado. Não o culpamos por isso; se é a sua forma de o compreender, não temos a menor objeção. Mas nós, que estamos fora do limite do dogma teológico ou credo em que ele acredita, sabemos muito bem que, por mais luz solar que ele possa ter na sua habitação, ele não tem toda a luz solar que existe; por muito de Deus e da Sua verdade que ali habite, Deus e a Sua verdade preenchem todo o universo, através de outros nomes e outros termos que podem ser tão divinos como os que ele está habituado a usar. Não fazemos guerra à linguagem de homem nenhum, mas o que queremos dizer procuramos expressá-lo na nossa própria linguagem e explicar adequadamente o que queremos dizer.

O poder regenerador a que nos referimos é um poder que está aberto às vidas humanas individuais e não está à guarda de nenhum sistema de teologia. O poder que queremos dizer é aquele que trabalha no coração individual, dentro ou fora do limite da igreja cristã, como é chamada, e se expressa na vida divina, em ações nobres, em exaltada abnegação, em caridade, em bondade amorosa e na verdade que mostra o poder regenerador do amor que está dentro. O crescimento espiritual é a única regeneração, e esta é alimentada pelas fontes invisíveis da alma que brotam de dentro do espírito humano.

Como tem as suas fontes e as suas nascentes para lá do tempo e dos sentidos, e do nascimento e da morte, não as podeis encontrar no berço, podereis procurar em vão para as descobrir na sepultura, não podeis encontrar a sua origem na infância do homem físico, nem nos cabelos brancos do venerável progenitor, apenas as podeis encontrar dentro daquele reino que tanto precede o nascimento como sucede à morte; tem as suas fontes nas grandes origens das coisas e alimenta, a partir dessas nascentes invisíveis, o rio da vossa vida diária, o crescimento espiritual do vosso ser diário.

Sim, o trabalho de regeneração está aqui e agora. Assim como os germes vivificados dentro da terra estão silenciosamente a fazer preparativos para sair, assim como os ares precursores do tempo da primavera estão todos vivos com preparativos para o nascimento de novos botões e florescimentos guardados no antigo coração da mãe terra por milhares de eras, guardados seguros e certos, e protegidos, esses germes destes mesmos botões e flores que estão prestes a ser, assim dentro da atmosfera da terra, para lá da morte da raça de Adão, do homem físico que está a passar rapidamente, da era física que tem agora um limite colocado à sua vida, da mente física que em breve deixará de ser; para lá destes, a raça regenerada do mundo está a preparar-se para sair.

Percebeis em todas as formas de pensamento humano o tremido de novos botões, e novos florescimentos aparecem, novos frutos em videiras velhas, novo crescimento nos pomares, novos campos de cereais que hão de amadurecer perante a visão do homem. O mundo está a preparar-se para o nascimento de Cristo; está a aprontar-se para o Adam Kadmon; há de ser, no seu desenvolvimento, divino, mais perfeito e mais belo; há de, de facto, reconhecer a lei do espírito em vez da lei do pó; a lei de Cristo em vez da lei de Adão; la lei do amor em vez do édito do ódio e da morte, pois o ódio é a morte; e tudo o que pertence à guerra e à luta pertence ao homem adâmico, assim o amor de Cristo, esse poder redentor, essa vida regeneradora, essa visão transcendente da existência, está já agora a manifestar-se, não apenas em vidas individuais, mas em toda la raça da humanidade, que está a olhar em frente em direção à grande transfiguração da raça, a elevação a partir da dúvida e do medo, e da dor, e da servidão da morte, para a vida que há de tornar real o Reino dos Céus na terra.

SERÁ DEUS O DEUS DO SECTARISMO OU SERÁ ELE O DEUS DA HUMANIDADE?

Proferido em Nova Iorque, 15 de março de 1857

Devido à condição dos órgãos vocais da médium, a nossa conferência será necessariamente muito breve nesta ocasião; mas esforçar-nos-emos por ilustrar as nossas ideias da maneira mais clara possível, e esperamos que façam o devido desconto para o que quer que esteja menos bem.

A questão que nos propomos discutir esta noite é esta: Será Deus o Deus do Sectarismo ou será Ele o Deus da Humanidade?

A alma, em todas as suas aspirações por verdades, está sempre a reconhecer algum poder superior, pois nunca está satisfeita, nunca está quieta, está sempre inquieta, sempre em busca de algo mais elevado sobre o qual fixar os seus afetos e desafiar a sua admiração e poder. Todas as revoluções da igreja e do Estado ilustraram isto desde tempos imemoriais. Desde que o homem, pela primeira vez, no jardim do Éden, provou da árvore do conhecimento, até ao momento presente, ele tem dado evidências de que nunca está satisfeito com o que é. Consequentemente, a fonte da

Divindade deve ser inesgotável, caso contrário o homem ultrapassaria os limites da sua razão finita.

Aquele próprio ato ilustrado na história bíblica, do tentador, do fruto da árvore do conhecimento ser partilhado por Adão e Eva, prova, na sua beleza e glória, a verdade deste princípio. Estavam eles satisfeitos com o seu estado inocente de vida religiosa, com as belezas daquele jardim, com as glórias da luz e do amor divinos que irradiavam para as suas almas através da inocência e do amor? Não, não estavam, senão nenhum tentador poderia ter destruído a sua paz ou causado a sua queda.

Eles não eram perfeitos em aspiração ou desenvolvimento, caso contrário não poderia ter havido nenhum poder destruidor, nada que os destronasse daquele estado brilhante e vivo. O que era, então? Era esta lei da aspiração, esta lei da ambição, esta lei do desenvolvimento, a funcionar dentro dos seus corações, no Adão e na Eva dos vossos antepassados, tentando-os, por assim dizer, a partilhar dos frutos poderosos da árvore do conhecimento, para que pudessem saber em que se baseavam a sua pureza e inocência. Pois a Divindade, no seu poder divino, criou leis e princípios, como todos devem compreender, e estas leis e princípios são as forças governantes que se manifestam em formas externas.

Assim acontece com o mundo externo; assim acontece com todos os universos naturais e sistemas de criação externa. Por que não com o homem, sendo o homem em essência divina parte da Divindade, embora essa essência ainda não esteja identificada? Cada meio e funcionamento da natureza física do homem tem como propósito a individualização e a perfeição individual, não em essência, pois a Divindade é toda perfeição nos atributos divinos da sua natureza, e estes são coevos da Divindade. Isto é o que separa os princípios ou primados de uma terra de um sol, mas o seu pleno desenvolvimento não é alcançado até que se manifestem através de convulsões e revoluções, através de grandes e poderosos sismos, que os abalam, purificam e refinam.

O mesmo acontece com a essência da alma do homem. Sendo a essência da Divindade, da identidade divina, ao entrar em contacto com a matéria externa, deve, através da convulsão, da revolução e da purificação, manifestar a individualidade do homem. O que se segue? Que, tanto quanto cada estrela neste sistema é uma parte do sistema solar, também cada alma humana neste globo é uma parte da Humanidade. Não há como fugir a isso; é uma conclusão clara e lógica — tanto quanto uma estrela forma parte do sistema solar.

Os teólogos, os homens de ciência, os líderes do povo dirão: "Só nós somos filhos de Deus; ele confia apenas a nós o conhecimento da sua vontade". Mas a Humanidade, com uma voz poderosa, fala e diz: "Onde quer que haja uma manifestação de pensamento, onde quer que haja uma manifestação de afeição, ou de adoração, ou de beleza, aí está a Humanidade". O que se segue? Que, tanto quanto o sol é o sol do sistema solar, de cada estrela no sistema solar, e tanto quanto cada estrela tem tanto direito ao sol como qualquer outra estrela, assim cada alma humana tem tanto direito à Divindade, mantém uma relação tão estreita com ele, possui uma

aliança tão próxima com ele, como o teólogo mais cultivado ou o homem de ciência externo mais avançado do mundo. É a essência de Deus, o poder de Deus e a lei de Deus, à medida que se manifesta no homem e na Natureza, e é o culminar do seu poder que dá ao homem a resposta sobre se Deus é um Deus de credo, um Deus de sectarismo, um Deus de servidão, um Deus de conservadorismo, ou se ele é um Deus de Amor, de Humanidade, de Progresso, de Eternidade.

Por um lado, limitais a sua omnipotência e poder; por outro, ofereceis os limites do seu Universo, de Sistemas de Universos e de Sistemas de Sistemas, ao longo das eras infindáveis de dez mil eternidades! E este é o Deus da Humanidade; esta é a Alma Central, este é o Sol, este é o Coração, este é o Poder, esta é a Divindade; e cada alma humana, sendo moldada a partir da sua fonte divina, sendo uma gota no grande oceano da imortalidade e da imensidão, sendo um átomo no sistema de sistemas de almas humanas, nos elementos poderosos do pensamento humano, reivindica uma aliança com a Divindade, reivindica que a Divindade é o seu Pai, Mãe, a sua Origem, a sua Fonte, o seu Centro, em redor do qual deve girar para sempre. Que alcance, então, dá isto à alma humana!

Que grandes e poderosas aspirações acende dentro do cérebro e do coração! Que poderosas pulsações, bem no fundo das estratificações do pensamento e do sentimento, se desenvolvem nas suas formas externas apropriadas! Humanidade! Há um significado grande e poderoso nessa palavra, que nenhum mero homem de ciência, nenhum teólogo, nenhum vocabulário humano jamais poderá sondar — que nada pode interpretar exceto as intuições da alma imortal do homem.

Escutai todos os desenvolvimentos da religião; escutai todas as manifestações de credos e de teorias — como circunscrevem e limitam os poderes da Divindade! Representam-no como um Deus de ira, de vingança, de ódio, de malícia, um Deus de tudo, exceto um Deus de amor e de justiça. Sim, essa servidão, profunda servidão espiritual, que não passa de escuridão antes do amanhecer do dia, instalou-se muitas vezes nos corações da humanidade, sobre as grandes e poderosas vagas de pensamento e de sentimento, cobrindo-as com os nevoeiros da dúvida e da superstição, até que o homem se viu inclinado a reconhecer que, afinal de contas, ele não é um Deus de justiça, afinal de contas, ele não é um Deus de omnipotência; que há alguma imperfeição na sua divindade; que a Divindade cometeu um erro nas suas criações.

Ó alma de amor, de luz e de beleza! Se existe dentro do teu coração ou cérebro um único sentimento de vida, de amor, um único frémito de glória, escuta esta voz da Humanidade, pois ela exige ser ouvida; ela clama bem alto do topo das montanhas da Criação, do pensamento, do sentimento, dos vales profundos do preconceito e da miséria, dos pátios e vielas das vossas cidades populosas, da ampla extensão das vossas poderosas pradarias, que ondulam na sua vasta magnificência; ela clama para que escuteis, em nome dessa Humanidade da qual vós, cada um de vós, sois uma estrela, um satélite, um membro. O que se segue?

Cada alma individual, na sua criação divina, tornando-se bela e glorificada como uma estrela; cada manifestação de poder e intelecto tornando-se em si mesma uma

coruscação de luz, enviada a partir da alma da Divindade; cada pensamento do cérebro, cada emoção do coração, cada pulsação da alma na sua busca pela verdade e pelo conhecimento, torna-se um poder, uma vida, uma beleza eterna, manifestando-se em direção à Divindade, e não longe dela — dentro, e não fora —, manifestando-se em cada ser humano, e não em qualquer seita, dogma, credo ou preconceito.

Considerai isto, filhos da Humanidade. Falo-vos como se fôsseis o mundo inteiro ali reunido, cada um formando uma parte dessa grande Humanidade, de religião, pensamento e sentimento, e cada um ocupando um lugar tão elevado como cada estrela nos céus. Na medida em que nenhuma centelha de luz poderia ser lançada fora desta Humanidade, nenhuma alma da vasta multidão se poderia perder sem destruir a simetria e a perfeição do todo, assim também nenhuma estrela poderia cair da sua posição atribuída no firmamento sem destruir a harmonia e a beleza da criação de Deus.

Dentro de cada coração que sonha pende o destino desta Humanidade; em cada corda de simpatia e de sentimento este tom ecoa. Vós e vós sois individualmente responsáveis perante esta Divindade pela manifestação da vossa própria humanidade, do vosso próprio destino. Oh! Dentro das vossas almas este Deus senta-se entronizado. Ele segura nas suas mãos as balanças da justiça; nelas são colocados os vossos pensamentos, as vossas ações e os vossos atos, para ali serem pesados e considerados de menos.

Deverá a Humanidade, no seu grande e poderoso poder, ser pesada nas balanças da justiça e ser considerada escura, sombria, sem vida? Que cada um responda. Falamos-vos não como uma nação, não como uma sociedade, não como uma igreja, não como um Estado, mas como homens e mulheres individuais, cada um deles um filho da Divindade, cada um realizando as suas revoluções em redor d'Ele; e cada um responsável, não pelas ações dos seus irmãos ou irmãs, mas pelos seus próprios pensamentos, sentimentos, cultivo de poderes e faculdades.

Então, como homens e mulheres, perguntamos-vos: Será Deus um Deus de credo, de dogmatismo, ou será Ele um Deus da Humanidade? Há uma voz de resposta dentro de cada alma. Ela vem trazida pela vaga de maré do pensamento e do sentimento, dançando neste grande oceano da Humanidade. Agora vemos as poderosas vagas a correr num turbilhão, mas coroadas com a espuma nevada do sentimento e do amor, e a maré misturada responde: "Este Deus é o nosso Deus — um Deus de Amor, um Deus de Justiça, tão próximo de cada coração em afeição e simpatia como as pulsações do seu próprio ser, como as respirações do seu próprio sopro — tão próximo como o próprio Amor".

Oh, que Deus é este! Oh, que amor é este! Que poder majestoso é este, que se manifesta em cada alma humana! Que dá a cada coração o amor do grande e poderoso Pai! Que fala a cada alma que aspira, dizendo: “Eu sou o teu Pai — não há outro Deus além de mim!”

Mas, assim como já agora a Noite, com a sua pluma de azeviche, paira sobre a terra, assim me parece que na perfeição das almas humanas surge por vezes uma noite, uma sombra de desespero, uma névoa, uma tristeza; e oh! O seu sopro fulminante e decadente é sentido, visto e ouvido. Escuta, filho da humanidade! Escuta, homem e mulher! Deus não retirou a sua luz quando estás na escuridão. É apenas o lado obscurecido na pintura da luz que dá nascimento ao dia glorioso. Se não houvesse sombra, não haveria sol; se não houvesse desespero, a alegria deixaria de ser; e o prazer e a dor não seriam conhecidos como opostos.

Então, homem da Humanidade, Mulher da humanidade, sois cada um deles um pensamento-joia no meio desta poderosa criação; sois cada um deles um planeta; estais a voltar-vos às vezes para a escuridão e às vezes para la luz; às vezes demorais-vos na sombra, às vezes desfrutais do sol da felicidade e do amor — a roda da revolução, o eixo sobre o qual girais, sendo controlados por esta lei de mudança continuamente ativa. Irá demorar-se na sombra e ver a dúvida, a dúvida dolorosa da Humanidade? Irá desfrutar do sol sozinho, enquanto dez mil seres humanos clamam por mais luz? Não irá espalhar a sua luz e fulgência, e deixar que vejam o lado ensolarado da sua alma, para que saibam que a manhã virá em breve?

Ó filho da Humanidade! Uma voz continua a clamar das profundas pulsações de simpatia dentro do teu coração, dos grandes e poderosos templos da ciência e da arte; esta voz continua a clamar ao homem, dizendo: "Deixai a vossa luz brilhar de tal modo que mostre o bem e a glória da Humanidade que vive e respira dentro das vossas próprias almas". Se lutais para colocar uma cadeia no seu desenvolvimento, para circunscrever a esfera e a órbita do vosso próprio deus; se afirmais que o deus dentro de vós não é um deus de justiça — então podeis dizê-lo com prazer. Mas se dizeis que o Deus da Humanidade não é um Deus de justiça, que o Pai Omnipotente não é o Pai de tudo o que vive, então isso é uma calúnia contra a criação, contra cada esperança e aspiração da Humanidade, e mais vale que a criança morra.

Poderia uma mãe, contemplando o rosto do seu bebé, dizer ou sentir que aquela criança não era sua filha? Poderia ela, fitando os seus olhos brilhantes e confiantes, projetar para ela a escuridão do amanhã que vem, ou dizer que Deus não era o seu Pai? Poderia ela, contemplando aquele bebé, mesmo depois de a sua forma ter decaído, dizer que ele não continuava a ser filho de seu pai? Oh, não! Há uma profundidade de sentimento, de pensamento, de beleza, dentro da alma de cada mãe, que lhe diz que o seu filho está aliado à Divindade; que é uma dádiva da Origem de toda a vida, uma luz brilhante, uma estrela, um satélite, que deve aperfeiçoar-se e harmonizar-se até que tenha em si mesmo força suficiente para girar no seu próprio eixo, desenvolver os seus próprios poderes e realizar aqueles atos de bondade cujos germes estão implantados em cada alma.

Então, se um pai ou uma mãe terrenal fariam isto por um filho, o que não faria a Divindade, o grande Pai e Mãe que permeia todo o espaço e preenche a imensidão — o que não faria ele por cada alma moldada pela sua mão? Embora esse filho tenha caído, porventura a mãe despreza-o? Não! — segurando-o ainda pela mão, fitando-o ainda nos olhos, ela diz: "Meu filho! Meu filho!" É apenas a escuridão de uma

revolução — é apenas o lado escuro da pintura que o filho viu; e ela de bom grado o animaria com a esperança no amanhecer de um amanhã glorioso.

Um anjo ergue-se no horizonte oriental da alma do homem, onde em breve irradiará e irromperá o fulgor da beleza viva, para animar o seu coração desolado com a sua presença, e a sua voz diz: "O teu Deus é o Deus da Humanidade!" — está sempre a sussurrar-vos, dizendo: "Filho, olha para o oriente! Eis que há uma estrela de Belém para ti, brilhando acima de todas as outras estrelas, brilhando na glória daquela perfeição que recebeu da Alma Divina; ela está a erguer-se para ti; não se deitará na escuridão, pois é uma estrela viva e gloriosa, que brilha para todo o sempre no meio-dia, e o tempo da noite nunca virá".

Está o teu irmão, essa alma humana, essa criança divina, degradado? Está ele em angústia, em miséria? É ele desprezado, um pária? E ajudas tu a espezinhá-lo para baixo, para baixo, PARA BAIXO, ainda mais, até que a própria negrura o sufoque, até que ele já não consiga respirar a atmosfera da escuridão, e os seus olhos fiquem tão pesados no esforço de vislumbrar a luz? Haverá um tal irmão, ou irmã, ou filho da humanidade no vosso meio? Oh! Lembrai-vos de que é apenas o lado escuro na sua revolução, apenas o lado escuro da sua pintura. Então olhai com caridade, em benevolência, em bondade; pois cada alma humana tem o seu lado escuro, e esse não é pior do que o lado escuro das vossas próprias almas. Lembrai-vos disto.

Haverá um homem de pobreza, haverá uma criança de miséria, de desespero, a clamar por vós no tempo de inverno, cuja forma externa treme de frio, expulsa do templo erguido para a adoração da Divindade, onde os poderosos e os grandes sobem para adorar, e que não permitem que a orla das suas vestes seja tocada por ele? Direis que esse não é um filho da Humanidade, da Divindade? Então o lado escuro está certamente na vossa própria alma; e essa alma, desprezada e abandonada, é mais brilhante e radiante do que o filho da riqueza que passa ao largo pelo outro lado.

Quando os terrores terríveis da guerra civil e religiosa causam desolação e fome, e penúria e sede, e fazem correr rios de sangue vermelho sobre a vossa terra, os homens clamam: "O nosso Deus abandonou-nos! Onde está a luz e a glória da manhã de paz que vem? Raio de luz! Irás tu penetrar esta cena escurecida, para que possamos saber da tua presença?" Lembrai-vos, ó filhos da Humanidade! Que as convulsões desta guerra moral e política não passam da noite dos partidos; e a gloriosa manhã de paz romperá tão certamente como o sol dourará o vosso mundo com os seus raios radiantes no amanhã que vem. Todos estes são filhos da Humanidade, cada um combatendo com o outro, lutando por ganhar poder e manifestando os elementos desarmónicos dentro de si mesmos.

Como a águia poderosa, que voa para o topo das montanhas da ambição e fita as profundezas da terra para apanhar a sua presa, assim são os políticos, os homens da sociedade que procuram incitar a guerra civil para satisfazer essa paixão pelo conflito que foi gerada dentro deles. Contudo, lembrai-vos de que eles são filhos da Humanidade, da Divindade; que o tempo da noite passará em breve, e o amanhecer do amanhã revelará uma eternidade de perfeição, de beleza, onde a escuridão nunca vem,

e onde os raios da manhã brilham sempre, translúcidos, gloriosos, na sua refulgência divina.

Homens e mulheres da Humanidade! O tempo da noite está na vossa terra agora, o tempo da noite da escuridão religiosa e política, e varre com fúria irresistível os corações da humanidade sofredora. Mas lembra-te, filho, que o teu Deus também está aí; que ele habita tão perto da tua própria alma como as pulsações dela; que ele está aí, e tão verdadeiramente como ele está aí, e cada alma individual aguarda pelo amanhã, com igual certeza esse amanhã virá, trazendo consigo o perfume de dez mil flores, de alegria, de beleza, de religião, que derramarão o seu odor deleitável por todas as avenidas do vosso ser, até que o vosso próprio sopro fique resplandecente com o seu doce perfume.

Oh! É glorioso para o olho da Fé e da Profecia, que, contemplando toda a guerra de cada alma individual, a ouve dizer: "O meu tempo virá em breve, pois a luz da manhã está aqui". Não importa se adorais em alguma igreja, se acreditais num credo particular, ou se não adorais sequer perante qualquer santuário externo — se contiverdes uma única centelha de bondade, continuais a ser filhos da Divindade. E se adorais no santuário da verdade; se adorais a brilhante refulgência daquela estrela que irradia sobre a vossa alma; se reconheceis o Deus da Humanidade, então as vossas almas estão salvas da escuridão e da noite: e o tempo da manhã chegou, dando-vos a fruição da paciência e da fé; e recolhereis nos celeiros das vossas almas imortais os frutos brilhantes e radiantes de um filho da Humanidade.

E a ti, nosso Pai, renderíamos todas as graças entusiásticas e gloriosas que brotam de corações a transbordar de agradecimento e gratidão por seres um Deus da Humanidade, que um dia acolherá todos os teus filhos nos teus braços benéficos e os conduzirá a graus cada vez mais elevados de perfeição, até que uma aura da mais brilhante glória eclipse a todos! E a ti serão todos os louvores, todas as canções de deleite e todas as aspirações, para todo o sempre.

VIDA ESPIRITUAL

As Experiências de um Poeta

Uma palestra transmitida através da mediunidade da SRA. CORA L. V. RICHMOND perante a Primeira Sociedade de Espiritualistas de Chicago, Illinois.

O DISCURSO

As palavras que serão pronunciadas esta noite não estarão sob o controlo pessoal do espírito cujas experiências são relatadas; mas aquele que as transmite espera apresentá-las exatamente no espírito daquele que está próximo e que dá expressão a estas palavras. Que o vosso amor interprete felizmente a mensagem segundo a origem de onde ela vem.

FELIZ é aquele que, ao aproximar-se do fim da vida terrena,

Quando lentamente declina o dourado sol da colheita,
Ouve uma voz celestial que diz:

"Amado, bem-vindo, bem-vindo e bem recebido."

Tal como num pôr-do-sol de outono, quando o brilho
E o dourado esplendor enchem o céu perfeito,
Ou quando pelos campos a luz enevoada
Do verão do Norte da Índia treme suavemente,

As medas de milho, despojadas do ouro do verão,
Ficam nuas, despidas e acastanhadas nos restolhos;
E toda a antiga beleza do tempo das colheitas
Produz força maior à medida que a terra envelhece.

A sua estação invernal, sombria e triste, dá lugar
Por fim a outra primavera completa;
O manto nebuloso da terra permanece,
E todos os ramos, sem dor nem medo,
Voltam a sua beleza para o céu de inverno;
E quando a tempestade passa impetuosamente,

Tal como a maré crescente sobre os bancos da vida,
Onde jazem ao longo da costa todos os tesouros
E as joias que o amor ordenou
Foram espalhadas ali na sua beleza,
Já não necessárias para a canção da viagem,

Atravessando as águas profundas para longe,
Ali ficaram como tesouros que pertencem
Ao espírito entre os dias gloriosos.

Ou como o som da música que passa docemente,
A vida ceifada transforma-se em acorde
Cada vez mais baixo e mais lento,
Até que os coros de anjos retomam a palavra
E convocam a alma para o cântico divino —
Assim surgiu o som da lira celestial.

Ambos os mundos, na ténue luz que se encontrava entre eles,
O estado mortal e o imortal estavam ali;
E amigos amados e amigos espirituais eram vistos
Na mesma glória e no mesmo ar luminoso e dourado.

Nenhuma diferença havia entre os batimentos do coração aqui
E o aperto de mão que, salvo isso,
Os amados usam na esfera mais brilhante.

Nada mostrava tristeza nem suspiro,
Mas apenas alguém de pé, à espera ali
Há muito tempo para acolher mais um rosto querido.

Assim, deslizando suavemente como o dia pode deslizar,
Ou como as águas de um riacho prodigioso
Deslizam para a maré mais vasta e grandiosa,
Passei dessa maravilhosa visão e sonho
Para a plenitude do estado maior,
Para a glória e a presença invisíveis.

Amados, não é toda a morte passar
Da vida mortal; nem é toda a vida eterna
Passar pela mudança chamada morte. As limitações
Desta morada terrestre, e a medida que temos
Do infinito através dos sentidos finitos e das
Limitações do pensamento humano — na plena
Confiança da vida imortal, com a certeza
Das presenças que estavam próximas e queridas
Em ambos os mundos, e no conhecimento absoluto

De que, quando alguém cumpriu tudo o que podia,
Mesmo que imperfeitamente, a semente semeada
E os tesouros confiados à sua guarda,
Ainda que por vezes lançados em terreno pobre
E por vezes a colheita não abundante,
Mesmo assim, com a certeza de que um lugar
E um estado aguardavam para receber cada alma,
Existe a falta de poder perfeito para compreender
De imediato o significado da mudança chamada morte.

Contudo, quando alguém, nos seus anos terrenos e na sua experiência, por mais plena que seja essa consciência que torna sagrado o dever de cada dia, e por mais que se possa ver em todas as cenas da natureza e da vida humana o incentivo ao mais elevado esforço, ainda assim, quando chega o despertar, quando o espírito é libertado, quando o conhecimento invade a consciência de que ela se encontra verdadeiramente no reino imortal, a maravilha é quase avassaladora. Ainda assim, a naturalidade disso é também o maior espanto, e a passagem da cena terrena para a perceção espiritual é tão pronta como a mudança de uma cidade ou país para outro, preparada, sem dúvida, pela voz interior que pertence a cada espírito humano, a qual, em algum lugar e em algum momento, já conheceu antes o reino imortal; pois ninguém parece entrar, afinal, como um estranho na posse da vida espiritual.

Não consigo conceber que espécie de vida seria essa em que os vínculos espirituais parecessem totalmente estranhos. Não sei como as naturezas muito mundanas, egoístas ou ambiciosas poderiam sentir-se.

Há imperfeição suficiente em cada vida humana para fazer alguém compreender que ainda não está inteiramente preparado para tudo aquilo que sonhou acerca do mundo imortal; e embora não existam anjos pairando com amplas asas brancas, nem um aguardar demasiado ansioso devido a um céu distante, e embora não haja seres trazendo palmas e coroas de glória com que adornar a fronte; embora não existam aqueles vestidos de luz alinhados para receber alguém no reino imortal, e embora não se sinta que se entra de imediato na presença da vida mais divina que o céu contém — ainda assim existe a consciência inexprimível de se ser libertado de laços que mal eram reconhecidos como laços: a fraqueza da idade, a consciência da forma terrena, pertencente às limitações dos sentidos — tudo isso desaparece de uma vez; mas também a fraqueza da mente, as maiores imperfeições do espírito, tudo aquilo que não está à altura da compreensão da nova vida, é sentido imediatamente; contudo, o aspeto natural é que se entra de imediato na presença de amigos e companheiros, daqueles que anteriormente eram companheiros, como se nunca tivessem sido afastados dele, como se não tivesse existido longo espaço de anos, separação e morte; como se aqueles que, com amoroso e atento cuidado, tinham compreendido e conhecido todas as provações dos últimos anos.

Nada tendes a comunicar aos vossos amigos; eles podem comunicar-vos muito quando entrais na vida espiritual. Aqueles que estão à espera possuem uma espécie de conhecimento daquilo por que passastes, e entra-se já na sua presença reconhecido, com todas as perfeições ou imperfeições plenamente conhecidas. Não há necessidade de dar explicações acerca do momento ou da natureza da vossa chegada, nem da falta de preparação ou prontidão. Isso é compreendido de antemão; e o mais estranho é que os espíritos parecem saber quando as pessoas estão a entrar na posse espiritual da vida, enquanto os mortais permanecem totalmente impedidos de o saber e ignorantes; e mesmo quando chega a profecia ou o pressentimento, a vida humana está tão cheia de terror a esse respeito.

Porquê saber que alguém atravessa os anos e que, muito em breve, o silencioso rio o levará para as águas mais vastas da vida eterna? Isso nunca deveria trazer dúvida nem terror. Mas a idade nem sempre é segurança contra esse medo, e a existência humana, em todas as suas etapas, apega-se tenazmente à habitação de barro como se, ao separar-se dela, toda a vida desaparecesse.

A verdadeira afirmação é que, quando o corpo é deixado, toda a morte desaparece. Não existe consciência da morte. O que se experimenta não é morte, e nisso reside o espanto, porque mesmo nos mais fortes houve sempre algum pensamento: “Terei coragem na última hora da agonia mortal? Existirá tempo ou razão para que eu não sinta esta fé, esperança, força e certeza?” — perguntas que cada pessoa coloca a si própria ao longo da vida.

"— Estarei eu preparado? Se o mensageiro viesse agora, seria possível que eu me encolhesse?" Não há nada a temer. Nem sequer penso que a vida mais terrível tenha tanto a recear na mudança chamada morte como no terror contínuo da existência mortal; e não consigo imaginar qualquer vida humana, cheia das aspirações habituais e dos deveres do amor, que pudesse sentir, no instante final da dissolução, o menor terror ou a mais pequena falta de segurança.

É uma passagem da incerteza para a certeza. É uma passagem da dúvida para o conhecimento. É uma passagem da crença para aquilo que, em si mesmo, é possessão ilimitada; e nesse sentido, no instante em que alguém é libertado, existe conhecimento. Muitos sabem-no antecipadamente. A glória sobreposta já se imprime sobre o estado terreno antes da dissolução ou separação, e abandona-se o corpo como uma veste gasta e inútil, sem qualquer arrependimento, mas com grande alegria por assim se alcançar a libertação.

Sou minuciosa nestes detalhes porque as vidas humanas parecem deter-se muito neles.

Existe, contudo, um período após a mudança que parece trazer o conhecimento das imperfeições individuais. Muitos espíritos vos terão falado disso: que, na súbita e instantânea passagem do espírito — ou na mudança gradual — existe uma sensação de triunfo; mas logo as imperfeições da própria natureza, as possíveis imperfeições da vida, as limitações e insuficiências tornam-se evidentes, e embora cada amigo que se aproxima, cada companheiro espiritual, os mais próximos e queridos, se abstenham de qualquer manifestação de conhecimento dessas imperfeições, a pessoa sente-se constantemente esmagada por elas — pelo facto de talvez isto ou aquele dever ter sido cumprido, e algo maior e mais nobre pudesse ter sido feito com o dom ou talento concedido; de certas tarefas terem sido atribuídas e possivelmente não realizadas; e permanece uma retrospetiva contínua durante um período que quase faz alguém recear avançar, para que a glória acrescida de algum ser espiritual não o faça sentir-se completamente indigno naquela presença.

Mas ninguém é autorizado a permanecer num estado de desânimo. A saudável retrospetiva que traz a cada espírito a consciência das suas próprias imperfeições é necessária; mas ao mesmo tempo tudo lhe é dado para que saiba que existem maiores possibilidades de conhecimento; que o espírito entra agora na posse mais plena dos seus poderes; e que a vida humana, embora fosse a preparação, não representava todas as possibilidades de alcançar conhecimento.

Quando alguém é recebido e aprende, sabe-se que o espírito foi visto através do invólucro de barro; e quando vedes o espírito dizeis: "Porque essa é a luz que eu via obscurecida na Terra. Esse é o espírito que eu via revelado imperfeitamente no vidro da vida humana." Compreendereis então que o reconhecimento não vem daquilo que vedes, mas daquilo que conheceis e amais nos vossos amigos.

O despertar desse poder espiritual, o conhecimento que ele traz, é uma fonte de alegria e triunfo constantes; e saber que os sonhos e esperanças relativos à vida

espiritual são verdadeiros, e que não se está cego, acorrentado e limitado por teologias fictícias; saber que não existe nada na mudança que possa causar terror, e sentir com perfeita certeza que todas as limitações estão dentro de nós próprios e podem ser ultrapassadas — esse é o conforto e também a tristeza pelas limitações que se encontra em si mesmo.

Mas cedo surge o desejo de maior conhecimento, de uma posse mais ampla e mais bela dos tesouros do reino do espírito. A consciência dos amigos amados, o ministério da sua companhia de juventude e maturidade, daqueles do lar em cuja presença se é admitido — tudo traz o seu encanto e alegria. Crianças crescidas até à bela maturidade de homem e mulher; bebés que partiram da vista e se tornaram revelados na vida espiritual como maravilhosos mensageiros — todos estes trazem os seus próprios sinais; e seria necessária uma vida mais longa do que qualquer existência terrena para relatar as perpétuas maravilhas que são reveladas, as transformações, o belo crescimento, o desabrochar na vida espiritual, a ternura e juventude daqueles que partiram na velhice, que não perdem essa bela floração que era a coroa dos seus anos, e que ainda assim parecem ter crescido perpetuamente jovens.

A fonte da vida e da luz, as afeições permanentes no espírito, renovam-se na sua perfeição, e parecem ter-se tornado mais fortes em vez de diminuídas pela separação da forma mortal, ou pelo véu que separa a vida humana da existência espiritual. Em breve me encontrei num reino que era parcialmente meu por direito de herança.

Muito acima dos rios maravilhosos,
Acima dos cintos de lagos e rios,
Muito acima das vastas pradarias,
E das maravilhas das montanhas;
Muito acima do amplo Atlântico
Que circunda, choroso, a costa agreste;
Muito acima do Pacífico tranquilo,
Com a sua prodigiosa riqueza de águas;
Muito acima do Redman decadente,
Conduzido desolado e solitário,
Caçado com flechas de fogo e veneno,
Perseguido com veneno ainda mais profundo;
Muito acima das sombras do mirto,
Das cabanas e trilhos do ocidente,
Murmurando sobre as águas distantes
Dos poderosos cintos e grilhões,
Das montanhas, grandiosas e austeras,
Existe uma terra tornada bela e formosa,
Mais bela do que as riquezas do Éden.

Manitou, o poderoso criador,
Na sua grande piedade pelos seus filhos,
E porque a natureza egoísta
Das suas criaturas os expulsou para ocidente,

Criou um reino mais belo e abençoado,
Um eterno terreno de caça luminoso,
Tornou-o tingido pela luz do pôr-do-sol,
Fê-lo belo, vasto e dourado,
Fez os rios mais rápidos e largos,
Tornou-os mais profundos, longos e brilhantes,
Fez as montanhas mais majestosas,
As árvores das planícies mais elevadas,
As planícies e pradarias mais vastas,
Tudo mais doce e belo;
E quando, convocados pelas flechas da morte,
Do meio das suas tendas foram chamados,
Dos seus conselhos e das suas batalhas,
Todas as tribos dos Peles-vermelhas se reuniram,
Manitou, o poderoso criador,

Disse: "Este terreno de caça dou-vos,
Guardado com búfalos e bisontes,
Com brilhantes aves de bela plumagem,
Para vossa posse eterna.
Não com língua enganadora e dúbia,
Nem com promessas destinadas a ser quebradas,
Nem com tratados todos violados,
Mas com prazeres quase eternos.
Este belo reino vos dou,
A todas as vossas nações, tribos e povos,
Mas a vingança nunca deve entrar,
Pois as injustiças que os vossos irmãos vos fizeram,
As flechas e os venenos,
As angústias do fogo e do Hades,
O terror e a aflição,
A morte das vossas mulheres,
A caça aos vossos filhos —
Tudo isso deve ser esquecido.
Que esta herança vos deixe:
Esta bela terra, tão luminosa e bela,
Este eterno terreno de caça radioso,
Será obscurecido e escurecido
Por uma nuvem mais profunda e temível
Do que a nuvem de guerra do rosto pálido."

Então reuniram-se todos os conselhos,
Nações, Chefes, chefes e guerreiros;
Então o símbolo do cachimbo da paz
Pairou sobre esta poderosa nação;
E ali comprometeram-se em conselho
Perante Manitou para sempre,

A não aceitar vingança nem ódio,
A não trazer derramamento de sangue nem ruína,
A não acender a trilha da guerra ocidental,
Nem a linha vermelha ou o rasto da nuvem de guerra,
Nem pintar o rosto do guerreiro,
Nem adornar o cocar de penas
Para a destruição do homem branco;
Mas a trazer uma bênção sagrada,
Paz poderosa e profundo perdão;
E a herança eterna
Permanece agora sua possessão de alma.

Assim me falou um grande chefe,
Eloquente com maravilhosa linguagem,
Um que esta grande nação massacrou
Pela sua eloquência e grandeza.
E assim foi reunido o cachimbo da paz,
Toda a dor das batalhas passadas;
Fumámos juntos o Calumet,
E eu parti do seu país.

Então surgiu um profundo anseio que tomou cada vez mais posse do meu espírito à medida que o tempo passava, de visitar o paraíso das almas cujas vidas haviam sido grandes, heroicas — mártires, heróis, santos, nos quais poderia ter existido tal glória que a Terra apenas conheceu como capaz de lhes tecer uma coroa imortal; e quando expressei este desejo em pensamento, sem palavras, apareceu alguém com semblante radiante, embora cheio de piedade, dizendo:

"Que podes tu fazer, ou ter feito, para reclamar a companhia de tais seres? É verdade que a tua vida foi, dia após dia, bem tecida nos seus deveres, e é verdade que sustentaste o direito e rejeitaste o erro."

Consciente da minha imperfeição, não respondi, mas pensei:

"Tão pouca luz me foi dada, tão pouco espalhei. Tão pequeno dom e tão escasso consolo ofereci aos que sofrem como aquele que eu próprio recebi."

E a resposta veio, benevolente, quando nenhuma palavra fora pronunciada:

"Ah, fizeste bem; mas aqueles que nomeaste deram tudo pela verdade."

Então disse:

"Os meus dons foram poucos e humildes. Dei-os apenas na medida em que eram meus. Não sei se, posta à prova, teria dado a vida; mas penso que a vida é pequena coisa para oferecer perante aquilo que a eternidade revela, e se, dia após dia, cada um cumpre a sua parte "…bem como aquilo que se sabe, não será isso alguma coisa?"

E então veio do ser acima de mim um sorriso pleno de reconhecimento, que disse:

"Não existem mártires maiores do que aqueles que encontram o dever de cada dia e o cumprem plenamente; e não existem seres que cresçam na vida espiritual preparados com maior esplendor para a sua obra brilhante do que aqueles que conhecem e compreendem e sentem, e dão o melhor de si pela humanidade."

Não consegui saber naquele momento se aquilo era bênção ou repreensão — não consegui senti-lo; pois não havia censura, apenas amor perfeito. Mas de repente fui conduzida a um reino de brilho tão extraordinário:

Para um domínio belíssimo e formoso,
Para uma glória como as maravilhas do mundo!
Que paira em torno de um espírito mais duvidoso,
Como se, embora lugar de oração, pranto e trevas,
Subitamente se tivesse revelado roubado à luz;
Como se ali a presença de um anjo tivesse iluminado
A glória e a maravilha puras e resplandecentes.

E então pareceu existir uma presença inteiramente sobrenatural.
Vi uma multidão aproximar-se com maravilhosa graça,
Trazendo a sua luz como se fosse eterna,
E com uma glória repousando sobre cada rosto;
E alguns eram companheiros da minha juventude,
E alguns eu conhecera em anos posteriores de luta,
E alguns eu vira na grande força da masculinidade,
Combatendo as batalhas pela verdade da vida;
E, ó arrebatamento ao contemplar de novo os rostos
Que eu conhecera marcados pelas linhas amorosas
Da luz e da visão, sempre mantendo o seu lugar
Ali, embora elevados acima do meu estado terreno.

Divinos, ainda podiam usar a força da convicção;
E conservar a coragem coroada do herói;
E eu soube que era a luz do amor vinda do céu.

Vi aqueles que tinham libertado os escravos
E quebrado correntes e grilhões pelo bem do homem na Terra;
Vi mártires da humanidade,
Fortes na força daquele nascimento sobrenatural.

Vi aqueles que haviam sido desprezados enquanto lutavam,
Agora coroados de luz e elevados ao seu próprio lugar.

Vi aqueles que eu conhecera em vida,
Que toda a riqueza da vida ou a sua desgraça

Consiste no que alguém faz pelos outros, e que o herói não é aquele
Que ostenta mil cicatrizes,
Mas sim aquele que traça amor, esperança e alegria
Pelos quais a vida humana pode travar a guerra do tempo.

E eis que, para além deste exército, havia um esplendor
Semelhante à luz vista nas antigas visões,
Uma vastidão de brilho incomparável, pura e terna,
Que parecia uma glória mais rara e perfeita de contemplar;

E então vi as linhas que conduziam em glória
Até onde essa luz brilhava clara, bela e intensa,
Um rosto divino narrado na antiga história
Ao qual o Irmão Mais Velho permanecia ao lado,
E aqueles que ele tinha abençoado e chamado
Para sua guarda.

Todos os seus seguidores sobre a Terra
Não eram aqueles que jaziam a dormir na sepultura,
Nem santos que reclamavam isenção do verdadeiro valor;
Mas trabalhadores pelo bem bendito da humanidade na vida terrena,
Portadores de fardos pelos seus semelhantes aqui,
Todos abençoados naquela glória pura, com vida amorosa
E radiantes nessa atmosfera sobrenatural.

Outra esperança coroara o meu estado terreno:
A de que eu pudesse entrar e passar para o círculo
Dos poetas, daqueles a quem os homens chamam grandes,
E contemplar a sua glória, o seu nascimento sublime.

Não sabia com que direito poderia entrar ali.
Pareceu então despertar no meu espírito um amor pelos grandes mestres do canto.

Pudesse eu apenas ter visto Dante quando, banido da sua cidade natal, vagueava exilado e ensinava o cântico dos céus; ou, se o cego Milton, sonhando o Paraíso, pudesse contemplar os anjos nesse estado glorioso — não poderia eu perceber o seu espírito na maravilha que ele criara em verso? E talvez Wordsworth, entoando hinos divinos; ou Shelley, com o seu canto cristalino e puro; ou Shakespeare, resolvendo os problemas da vida e da existência humana?

Oh, existiria no céu uma esfera dos poetas? —
Uma doce canção flutuou sobre o meu espírito,
Uma luz e um sopro como se almas estivessem perto,
Surpreendentemente melodiosos — a minha alma podia ouvi-los!

“Irmão, não és tu um daqueles que cantam?
Desde que alguma alma, impelida do coração,

Derrama o seu próprio amor espiritual,
E deixa para sempre partir a sua graça de amor;
E porque isso faz arder as asas da luz
Para que subam e tremulem no ar superior.
Não está muito longe nem fora de vista,
O reino dos poetas está sempre aqui.
É onde o pássaro cantor, na sua maravilhosa luz,
É ouvido quando já não é visto;
É onde a sombra escurecida da noite
Paira entre a Terra e o céu;
É onde a pálida morte e a vida se encontram,
E onde a vida conquista no seu amor.
É onde o céu traz aos pés do poeta
Todas as oferendas do alto.
E ainda assim, irmão, a canção é tua,
Que fazes aqui e acolhes;
E acrescenta a esta tua própria herança celeste…"

SE AS VIDAS HUMANAS E AS NAÇÕES SÃO GOVERNADAS PELO DESTINO, PORQUE FAZER QUALQUER ESFORÇO?

Domingo, 29 de janeiro de 1905

"Há um destino que molda os nossos fins,
Por mais rudemente que os talhemos."

"Existe uma maré nos assuntos dos homens que, aproveitada no seu auge, conduz à fortuna."

"Ele viu o fim desde o princípio."

Os Destinos e as Fúrias da mitologia eram representados como aqueles que tinham a direção das vidas humanas e que, apesar daquilo que existe no interior do homem, o conduziam à destruição ou à salvação.

A "Predestinação" é uma origem do Calvinismo. A ideia original da predestinação é a de que certas almas estão destinadas, fadadas ou ordenadas a serem salvas (e as restantes a perderem-se), através da "Graça", independentemente das suas próprias condições ou atos; e a doutrina oposta, o "Livre-Arbítrio" — segundo a qual cada vida individual possui livre escolha entre o bem e o mal — talvez tenha produzido, nas discussões teológicas, mais controvérsias do que qualquer outra proposição, nem sequer excetuando a "condenação infantil" e o "pecado original".

Mas entre fé e escolha, e entre "livre-arbítrio" e predestinação absoluta — na qual a parte individual nem sequer é considerada — existe aquilo a que chamamos "Destino"; e há entre estes conceitos tanta diferença como entre escuridão e luz, verão e inverno.

Toda a proposição assenta sobre a entidade, a entidade consciente da alma, como sendo um indivíduo ao longo da eternidade, como sendo semelhante a Deus, como estando dentro do governo da lei infinita e do amor infinito, e como contendo dentro de si própria a alma, o ego, o seu próprio destino.

Naturalmente, no plano físico, e entre os cientistas, o ambiente tem muito que ver com aquilo de que se fala como destino; mas no germe primordial, como peça primordial do protoplasma, não existe destino algum segundo a ciência; apenas pela diferenciação, ambiente, desenvolvimento ou evolução ele se torna alguma coisa. Entre a base do protoplasma diferenciado, que dizem ser o homem, e a base da alma imortal, existe tanta diferença como entre o nosso ensinamento e o materialismo. Naturalmente não concordamos, em grau algum, com a teoria do protoplasma diferenciado aplicada à inteligência humana. Neste discurso nada temos a ver com isso.

Seja o que for a Natureza, porém, nem os evolucionistas nem os opositores da evolução conseguiram demonstrar coisa alguma acerca da origem primordial dos germes da vida. E qualquer que seja o ensinamento da evolução, ela nada contém acerca dos tipos primordiais que nunca variam, nunca são permutáveis, que podem ser apagados para dar lugar a outros tipos, mas nunca fundidos neles. Isso, contudo, pertence à ciência material.

Sabemos que um grão de trigo, plantado em quaisquer condições favoráveis, produzirá trigo. Sabemos que, em circunstância alguma, será outra coisa. O destino desse grão de trigo, se crescer, é ser trigo. A colheita pode ser maior ou menor conforme as condições e circunstâncias, mas estas não alterarão a qualidade distintiva da própria coisa nem da sua natureza.

Por mais que o horticultor, agricultor ou floricultor consiga enxertar e entrelaçar certos tipos de plantas e árvores, os grandes tipos primordiais recusam-se a ser apagados e, se forem misturados com outros tipos, recusam-se a reproduzir-se.

Espiritualmente, no que diz respeito às vidas humanas, isto é ainda mais verdadeiro; e quanto mais complexas forem as condições da existência humana, mais se torna manifesto que o destino não é uma fatalidade cega, nem algo desgovernado ou incontrolável, mas sim todo o governo, todo o controlo, o reconhecimento da Inteligência Suprema naquilo que existe dentro e fora.

O universo é a oportunidade da alma — não este único planeta, esta única vida, este único futuro — mas o universo é a oportunidade da alma, e a alma possui toda a eternidade para aproveitar essa oportunidade. Esta afirmação suprema ou proposição diz respeito à alma e ao seu destino.

A eternidade não começa na Terra. Se começasse, não seria eternidade. Repetidas vezes afirmámos que é um axioma da ciência que tudo o que possui um começo deve, algures, possuir um fim. Quer sejais espiritualista, agnóstico, cristão ou qualquer outra coisa, quem quer que date o começo da alma na Terra não possui argumento algum para a imortalidade, nem mesmo para qualquer futuro; não possui o menor vestígio de lógica ou de evidência da imortalidade.

Ora, sendo o Destino o selo inerente à alma, os passos da sua manifestação são a expressão humana sobre a Terra. (Hoje não abordaremos o tema de outros planetas; não temos tempo.) As expressões através das vidas humanas aqui devem estar de acordo com aquilo que a alma deseja — ou, se preferirdes, que pretende expressar aqui primordialmente.

Existe uma certa classe de pessoas que julga o universo não pela intenção de Deus, mas pela sua própria observação limitada. O Sr. Ingersoll não pretendia ser ímpio, mas dizia que, se fosse Deus, não haveria dor, nem doença, nem sofrimento; antes faria com que a felicidade fosse contagiosa…

…e outros disseram o mesmo ao longo dos séculos; mas estavam a julgar o propósito do universo pela limitada compreensão humana.

Sempre tivemos grande simpatia por Nero, supostamente cruel, supostamente tendo incendiado o seu povo e todas as suas casas por diversão.

Nada menos do que os incêndios iniciados em Roma limpariam os bairros miseráveis. Chicago precisa de outro incêndio. Mas naturalmente nem sempre é necessário nos bairros degradados; por vezes é necessário nos palácios. Historiadores imparciais demonstram que Nero providenciou habitações temporárias para aquelas pessoas e lhes ordenou que abandonassem as suas pocilgas, para que houvesse renovação e limpeza. Muitos não quiseram sair; assim, naturalmente, quando os incêndios começaram, isso foi interpretado como perseguição. Não era inteiramente isso.

Não apreciamos Nero mais do que apreciamos Vladimir na Rússia, ou aquele magistrado execrável que está a desempenhar ali o papel de Nero.

As grandes diferenças da vida humana por vezes provocam uma pressão sobre o povo que abala a sua fé na realeza. Não existe cabeça coroada no mundo que possa permitir-se, enquanto rei, considerar o povo. No momento em que começa a considerar o povo, depõe a coroa e torna-se um deles. Estas duas linhas encontram-se em certos pontos da história humana, e encontram-se tão inevitavelmente como ângulos certos na matemática; e quando se encontram significa colisão.

As forças acumuladas da natureza exigem uma saída, o que significa um terramoto ou um vulcão. Um rio represado na foz de um dos seus principais afluentes, ou em pontos do seu desaguamento, provoca uma inundação. Estas estão entre as proposições inevitáveis, e constituem o destino da raça.

Sempre que a alma entra em contacto com a matéria, como acontece aqui com as almas, isso significa que uma ou outra deverá vencer. Nos estados de desenvolvimento primário, o homem conquista apenas o suficiente da Terra para a sua habitação física e para um pequeno crescimento mental; mais tarde, para construir um altar ou um lar, e tudo aquilo que interfira com isso deve ser combatido ou vencido, quer a colisão seja com a natureza ou com os povos.

Chamamos agora essas linhas inevitáveis porque, em certos estágios do progresso humano nesta grande conquista, certas qualidades e atributos se tornam dominantes. Esta pequena criança que vos pede algo para comer, dentro de poucos anos será extremamente agressiva se não lho derem rapidamente, e fará grande alvoroço se não responderem imediatamente às suas necessidades físicas. O pequeno tirano é típico dos tiranos das raças e das nações. Eles querem nações, querem mais países.

Napoleão era apenas um bebé crescido; pontapeava e gritava porque Roma e todos os outros monarcas da Europa queriam matá-lo. Mas seguiu o seu caminho porque está assim organizado neste grande universo que, se perseguirdes a vida física e a vitória física, podereis obtê-las; isso faz parte da vossa experiência, faz parte do vosso caminho para alcançar a vitória suprema. Podeis seguir o vosso caminho e suportar as consequências.

Deus não sai do Seu caminho (não faz parte do caminho de Deus) para vos salvar dessa condição que resulta do vosso desejo interior e inato. Se a alma não estivesse em parceria com Deus, se Ele fosse rei em vez do Infinito e as almas não fossem parte da proposição divina da vida, então seríeis governados sem nada saber acerca disso. Mas existe amplo espaço no universo para seguirdes o vosso próprio caminho em todas as direções que desejardes, e suportardes as consequências.

Se quiserdes perseguir prazeres físicos, podeis fazê-lo; e então tereis um corpo arruinado, enquanto a natureza continuamente vos envia dor e avisos, dizendo: “este é o meu caminho”; mas se tiverdes ambição física e quiserdes perseguir a

autoindulgência, o luxo e o excesso de conforto do corpo, podeis fazê-lo, e então suportareis a pena da dor, e a imperfeição do corpo físico e o sofrimento tornar-se-ão a vossa lição.

Quando comeis mais do que necessitais, e bebeis mais do que o corpo consegue assimilar ou precisa, e usais diferentes tipos de vestuário além do necessário, e viveis em casas sem ar fresco, naturalmente haverá uma reação. Mas a natureza exige apenas uma certa reposição diária, e qualquer excesso disso é um fardo, e tereis de suportar as consequências.

Conhecemos um homem que se entregava ao excesso de tabaco; fumava charutos longe de casa e cachimbo em casa (para benefício da família). Alguém lhe disse:

"Encurtarás a tua vida se continuares assim."

"Não me importo", respondeu ele. "Gostaria de fumar e fumaria mesmo sabendo que isso me encurtaria a vida em vinte anos."

…estava na sua garganta, e que durante dez anos da sua vida desejaria estar morto todos os dias, sem o conseguir. Isso mostrava que ele se encontrava nessa linha do seu destino, e estava aqui para essa linha de experiência, tendo de aprender dessa maneira, como a maioria das pessoas aprende de uma forma ou de outra. Quando o corpo reage ao stress e à tensão da autoindulgência, a próxima coisa que tendes de fazer é aprender a conviver com uma mente arruinada. Alguns de vós sabem, em certa medida, como isso é, e não gostam disso.

Ora, Deus não colocou esse reumatismo particular nessa articulação específica para a fazer doer. Na grande economia do universo, o corpo é para uso e não para abuso; e quando o utilizais responde às vossas necessidades, mas quando o maltratais surgem dores nas articulações, e aprendeis através dessas dores a não fazer as coisas que as causam; se as fizerdes, tereis de suportar dores acrescidas.

Esculápio e os primeiros médicos, que estavam entre os principais benfeitores da raça humana, não estavam tão ansiosos por vos poupar à dor como por vos ajudar depois de a dor vos ter dado conhecimento suficiente para ajudar na cura.

Assim como isto é verdade na vida física, nunca duvideis de que também o é no domínio mental e moral. O problema de muitas pessoas é pensarem que o reino moral é um reino diferente, tal como o reino espiritual, e que este não possui governo; mas possui. O caminho da vida humana é através de uma sucessão de experiências e da aquisição de conhecimento. Não é apenas que cada passo seja inevitável num certo estágio de crescimento, mas também que a lição inevitável deve ser aprendida.

Muitas pessoas inclinadas à indulgência aceitam certas partes dos ensinamentos conforme lhes convém. Dizem:

"Oh, bem, não consigo abandonar este hábito; é o meu destino."

Também faz parte do vosso destino suportar a dor e a penalidade — e está no vosso destino aprender algum dia que existe apenas um caminho: vencer. Naturalmente, todos estes passos na vida física são facilmente aprendidos. A criança não precisa de queimar os dedos muitas vezes para aprender que o fogo queima.

Não existe intenção, na economia espiritual do universo — apesar do contrário defendido pela Ciência Cristã — de que, se alguém tocar no fogo, não se queimará. Existe um poder que pode impedir isso, se necessário, quando há perseguição, quando mártires são mortos, quando alguma grande verdade espiritual precisa de ser ilustrada. Mas na vida quotidiana o fogo foi feito para arder, e continuareis a queimar-vos se mexerdes no fogo, a menos que conheçais alguma preparação ou substância química que proteja as mãos da queimadura; ou, se pela expressão de algum grande poder espiritual fordes condenados pelos poderes mundanos, como os mártires, as chamas não vos perturbarão, mesmo que consumam o corpo. Essa é a proposição superior.

"Mas", dirá alguém, "se eu estiver condenado num certo vapor, naturalmente não posso evitá-lo."

Não. Mas se não faz parte do destino de alguém perder-se nesse navio, essa pessoa que esperava embarcar nele naquele momento será avisada, estará numa condição de receber uma impressão ou inspiração para não partir.

Mas o tempo inteiro intervém a outra proposição: existe algo para além da vida física, e essa é a razão pela qual as pessoas têm de morrer. Nunca foi intenção que o corpo permanecesse para sempre; embora exista um movimento de misticismo, ocultismo e vários cultos que afirmam poder perpetuar os corpos humanos eternamente. Mas somos gratos por não o conseguirem; porque imaginai atravessar a eternidade com aquela pinta na face ou aquela curvatura particular do olho.

Naturalmente sabemos que a Sra. Grant tinha um olho ligeiramente torto, mas o General não queria corrigi-lo. Dizia-se que, quando eram jovens, ele a cortejou com aquele defeito no olhar e não queria que fosse corrigido. Isso mostra como a imperfeição se torna uma fonte de afeição com o tempo; não por causa da imperfeição, mas apesar dela.

São apenas os arautos angélicos que podem ver com visão perfeitamente reta e aberta, que conseguem contemplar as formas luminosas do espírito glorificado pelo cumprimento. Mas isso acontece depois de todo o egoísmo, todos os apetites físicos e todos os desejos de ambição humana terem sido vencidos.

Por vezes, em coisas muito pequenas e aparentemente sem importância, as pessoas aceitam a ideia de destino e dizem:

"Oh, bem, está no meu destino fazer isto ou aquilo, e naturalmente fá-lo-ei."

Tudo isto é uma ilustração da infância espiritual. É como o bebé imitando as vossas frases sem saber o que significam.

É vosso destino expressar o vosso atual estado de crescimento, mesmo que tenteis escondê-lo; isso faz parte do processo, pois o ocultamento é tão inadequado. E todos os dias é vosso destino aprender a lição que cada experiência traz; e se não a aprenderdes essa experiência, ou outra semelhante, repete-se até que a aprendais. O destino não reside apenas em praticar determinada ação, nem em responder ou ceder a um certo estado de tentação; o destino está na lição que finalmente é aprendida e na vitória que, por fim, chega — a conquista de si próprio.

Conhecemos o glorioso destino de cada alma; é tão claro perante a nossa visão como as órbitas dos planetas perante a visão matemática do astrónomo. Mas não vos vamos dizer, mesmo que pudéssemos, se as ações na Bolsa subirão ou descerão amanhã; se a revolução na Rússia fará cair ou elevar o mercado do trigo; se ireis casar com a rapariga da vossa escolha e ser felizes, ou casar com outra rapariga e ganhar uma experiência de que talvez necessiteis, mas que não desejais. Não vos vamos dizer nenhuma dessas coisas.

"Haverá profetas e eles falharão."

Porque nem todos são profetas, nem todos são videntes, nem todos conseguem ver as coisas desde o princípio.

Sabemos, porém, que se fizerdes algo movidos por outro motivo que não aquele que supondes ser o mais elevado e perfeito, sofrereis a penalidade; se casardes por título, por dinheiro, por posição ou por qualquer outra razão semelhante, encontrareis as consequências. Mas não é no ato em si que reside o destino.

Podeis saber que noventa e nove entre cada cem jovens americanas que casam por títulos — cujos pais os pagam com dinheiro — acabarão por trazer de volta ao lar paterno lágrimas de tristeza e amargura; isso é o destino de tal ato. Está incluído na própria proposição. Vendeis o vosso "direito de nascimento por um prato de lentilhas", e o prato depressa desaparecerá.

Assim, nesta grande proposição das nações, as pessoas falam de "lei" — seja moldada por reis, governantes, duques ou conselheiros de monarcas — como algo criado por Deus. Ora, o selo que foi colocado sobre o universo relativamente às nações é este: podeis brincar com essas coisas, tal como um rapaz joga futebol ou ténis com o companheiro ou amigo, mas suportareis as consequências.

É o destino de cada Estado que ultrapassa, em condição ou poder, o estado de qualquer outro ser humano através da opressão, colher os frutos dessa opressão. Se semeardes um campo com um por cento de trigo e o restante com joio, que espécie de colheita tereis? O destino não se cumpre se não houver colheita de joio.

Assim também o campo humano está aqui para que semeeis. Deve haver ambição de poder físico através de longas linhas de herança, mesmo aquilo a que chamam "autoridade divina" ou "direito divino dos reis".

Pensai no Czar de todas as Rússias como vice regente de Deus na Igreja Grega, receando encontrar-se com o povo que vinha pacificamente ao seu palácio apresentar uma petição! Pensai no que ele está a colher, e a sua família também, por causa dessa "herança", que é o amor pelo poder!

E então alegrai-vos por serdes dos mais humildes entre estes, mesmo que os vossos filhos sejam mortos pelos soldados desse poder, pois anjos e espíritos ministradores, e aqueles que amam a humanidade, pairam próximos para os libertar do estado de morte humana em que se encontravam.

Sim! Da próxima vez que o Czar de todas as Rússias projetar um impulso vindo da alma, não desejará ser Czar. Essa lição está a ser aprendida. Napoleão aprendeu-a em Waterloo e Santa Helena.

Oh! É uma coisa magnífica estar "na onda" que, como dizem os poetas, "conduz à fortuna"; empurrar, impulsionar, conquistar e esmagar pessoas sob os pés, como as multidões fazem em pânico. Quase todos os seres humanos fazem isso para alcançar sucesso e subir ao ponto mais elevado, e pouco se importam em olhar para trás para ver as vítimas que esmagaram, dizendo:

"Fui bem-sucedido!"

Que coisa gloriosa para os jovens americanos lerem na literatura de hoje sobre os "homens feitos por si próprios", os Napoleões das finanças e os ditadores do comércio. Enquanto há cinquenta anos os rapazes procuravam ser um Wellington ou um Napoleão — excluindo Waterloo — agora o objeto exaltado é ser um Gould, um Vanderbilt, um Rockefeller, ou algum outro maravilhoso "homem feito por si próprio".

Mas não desejareis olhar para trás quando lá chegardes, ou mesmo antes.

É "destino" se quiserdes ser isso; e se todos os vossos desejos forem realizados e alcançardes essa vitória, contudo, quando vos encontrardes como Jesus no Monte das Oliveiras, ou como aqueles Napoleões que encontram o seu Waterloo, vereis dois extremos: o homem que triunfa pela paz e o homem que triunfa pela guerra.

O Calvário foi tão diferente dos Waterloos da história como o triunfo da alma difere da ambição derrotada:

"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

A mente capciosa, o crítico mordaz, o agnóstico e o materialista dizem:

"Porque não pôde Deus, ou Jesus, sendo filho de Deus, salvar a própria vida e dar crédito ao seu ensinamento?"

Mas então a lição não teria sido ensinada: que o corpo físico nada é comparado com a verdade espiritual; e se a vida de Jesus tivesse sido salva, esse facto sozinho

teria passado para a história, e não o Sermão da Montanha, a Regra de Ouro e a sublime vitória.

A suprema glória da Terra que foi arrancada do moinho da dureza, da discórdia e da sombra, existe por causa deste triunfo espiritual sobre a Terra, sobre o poder mental, sobre a ambição humana e, finalmente, sobre a morte física.

Ainda hoje se veem longas filas de enlutados nas ruas, vestindo tecidos escuros e trajes de luto; aparentemente, a teologia cristã não iluminou o caminho até ao sepulcro. Porquê? Porque se insistiu no corpo e não no espírito de Jesus como sendo "a Ressurreição e a Vida". Porque o grande destino da vida de Cristo — personificar o Espírito da Verdade em vez do poder material — ainda não foi aprendido.

E porque cada criança hesitante, cada homem e mulher de meia-idade, cada ancião e cada matrona grisalha, em algum lugar e em algum momento, devem aprender por si próprios as lições e possuir a grande luz desta iluminação espiritual que vence a morte.

Assim, caros amigos, falando de destino: quer entreis por esta porta ou por aquela, quer atravesseis esta ou aquela experiência hoje ou amanhã, o essencial é que podeis passar mecanicamente por muitas coisas e nunca ter realmente uma experiência. Sabeis disso; fazeis muitas coisas sem verdadeira experiência. Mas chega um momento em que o amor, o medo, o infortúnio ou a privação fazem surgir o destino que existe dentro de vós.

Talvez seja uma primeira grande dor quando a mãe ou o pai partem desta Terra; conheceis as dificuldades e provações da infância; fizestes a vossa pequena parte; fostes à escola; ajudastes nas tarefas da casa e do lar; mas nunca tivestes antes uma experiência verdadeira. Então surge na vossa vida um grande outro "eu"; aquilo que estava escondido torna-se uma nova proposição; confrontais o universo; sois colocados face a face com os grandes factos da existência; e a criança, junto ao caixão do pai ou da mãe, aprende pela primeira vez uma lição através da experiência, e a forma como essa criança olha depois para o mundo mostrará quanto aprendeu.

Por vezes a experiência chega através do amor, ou através da sombra do amor, que é a desilusão; e então esse grande outro "eu", afastando as pequenas preocupações da vida quotidiana, afastando as teias de aranha e as pequenas dificuldades, confronta essa situação. Então é necessário reajustar-se às circunstâncias.

Se o vosso amor tiver um desfecho feliz, quando tudo o resto vos falhar, existirá ainda a luz do sol, o ar fresco, o canto dos pássaros da primavera, as geadas do inverno, o riso nas ruas — tudo parecerá afinado por uma nova canção; dentro do espírito haverá um grande despertar. Se esse canto de amor continuar, a vida será bela, mesmo havendo muitas provações. Se não continuar, a vida torna-se uma tragédia, e tendes de a enfrentar o melhor que puderdes.

Assim, quando todas as lições tiverem sido aprendidas, quando o grande destino que se desdobra dentro da alma finalmente se tiver mostrado capaz de enfrentar estas emergências; quando, após repetidos fracassos, a tentação tiver sido vencida; quando, após repetidos esforços, o sucesso tiver sido alcançado e o fracasso compreendido; quando, após alturas repetidas, evanescentes e passageiras relativas aos objetivos e ambições da vida, cada passo tiver sido aprendido repetidamente; e quando finalmente tomardes o grande volume desdobrado e descobrirdes que apenas estivestes a preparar-vos para ler o Livro da Vida — então compreendereis que, sobre não pequena quantidade de ambição humana, como os heróis da história, sobre não pequena quantidade de fama poética, artística ou outra, permanece a grande luz do destino da alma.

Mas essas são pequenas lanternas penduradas ao longo do caminho, que mais ou menos confirmam aos viajantes que outras vidas já percorreram essa estrada.

Quando, sob alguma grande exaltação, emoção, amor ou inspiração, pensais ter atingido uma altura jamais alcançada antes, basta olhar ao longo do caminho e ver amantes, mártires, santos, profetas, videntes e Messias que já passaram por ali antes.

Muitas pessoas querem a verdade diretamente na sala de contabilidade, na bolsa de comércio; querem que ela lhes revele os preços, e chamam a isso “interesse pelas coisas espirituais”. Ora, não negamos que se possa ter interesse pelas coisas espirituais e que por vezes essas coisas lhes sejam reveladas. Porque podem sê-lo.

Mas imaginai todo o mundo espiritual a transformar-se em especuladores da bolsa apenas para vos agradar. Não será o outro homem tão importante como vós? E se ambos fossem informados dos preços, ficaríeis incapazes de tirar vantagem um do outro.

Assim se vê que, quando se obtém um pouco de verdade espiritual — como Dowie, com grande dose de autoestima — usa-se essa pequena inspiração e a grande quantidade de vaidade pessoal, ou um pequeno dom de cura física, como Dowie possuía inicialmente, juntamente com muito egoísmo; e é isso que cria os líderes políticos, comerciais e teológicos.

Mas, pouco a pouco, compreendeis que tudo isso são apenas pequenas vaidades que vos divertiram nesses períodos de vaidade e gabarolice. Aqueles momentos em que ficastes na ponta dos pés para parecer mais altos do que realmente éreis. Na ponta dos pés mentalmente, talvez para captar a atenção da escola ou universidade apenas para obter o diploma.

Aqueles tempos em que vos apresentastes ao povo como estadistas melhores do que realmente éreis, mas no momento em que chegastes à legislatura demonstrastes não o ser, porque não conseguistes sustentar aquilo que defendestes durante a campanha.

Quando tiverdes aprendido todas estas lições no caminho do destino humano, e voltardes ao Livro da Revelação — o grande livro cabalístico do Novo Testamento — compreendereis o significado dos doze graus de "superação". Ele não vos diz para superar nações ou povos, nem qualquer coisa pela qual tenhais egoisticamente ansiado; são estados de autodomínio.

Então compreendereis o significado do "novo nome"; então compreendereis o significado de tudo aquilo que é prometido, por causa daquilo que chegou à alma nestas grandes horas de triunfo.

Os maiores homens e mulheres são sempre os mais humildes; não têm exaltação pessoal, nem vaidade pela fama humana; não pedem reconhecimento.

"A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam."

Mas os raios irradiam para todos os que caminham nos caminhos que conduzem à luz, ao brilho e à utilidade.

Tolstói não foi homem de guerra, mas de paz, e contudo destacou-se sobre a Sibéria e a Rússia como a única promessa da nação. Mazzini não foi soldado, mas deu a Garibaldi a espada da interpretação da liberdade para Itália.

O General Grant não era fanfarrão, mas o mais modesto dos homens, e a ele foi confiada a árdua tarefa de conquistar a oligarquia armada dos escravos. Era um homem de paz, e extremamente humilde.

E quem vier, agora ou no futuro próximo, para conduzir a Rússia à liberdade não será um homem que ame o derramamento de sangue. E quem resolver o grande destino que agora dorme, mas é iminente, nesta nação, não será alguém que acredite na tocha e na espada. Embora talvez não consiga mantê-las afastadas. Mas aqueles que verdadeiramente conduzem as nações são amantes da paz. Apenas os que conduzem exércitos amam a guerra.

E agora, saindo deste emaranhado da vida humana, desta teia de mistério e dúvida humanos, nunca duvideis, nem por um momento, desse Destino que conduz cada alma imortal e cada filho de Deus, por fim, ao cumprimento divino.

AS VERDADES DO ESPIRITUALISMO

Uma palestra da Sra. Cora L. V. Hatch, no Dodworth's Hall, Nova Iorque, Domingo à noite, 1 de Junho de 1862.

Nenhuma questão é colocada com maior frequência, quer por céticos quer por crentes parciais na doutrina que estamos a discutir, do que esta:

"Que verdades importantes inculca o Espiritualismo, e que novas revelações trouxe?"

Desprezando toda a ideia de comparação pessoal, e sem a mais ligeira intenção irreverente, não podemos deixar de ser lembrados, por esta pergunta, de outra semelhante que frequentemente surgia nos lábios dos incrédulos nos tempos antigos:

"Pode vir algum bem de Nazaré?"

Mesmo então, quando o filho de Maria iniciou a sua missão entre um povo que nele via apenas um jovem humilde, amigo de publicanos e pecadores, também agora o Espiritualismo, surgindo das sombras da obscuridade e da indigência, alimentado em meio de circunstâncias imperfeitas e até viciosas, e por vezes aparentemente conduzindo a desastrosos resultados, impôs as suas espantosas evidências até à observação mais descuidada — a mesma curiosidade meio trocista leva o investigador superficial a perguntar.

Não é nosso propósito, nesta ocasião, falar das consequências do sistema em todas as suas aplicações; mas deve recordar-se que a verdade de uma doutrina ou teoria não é, de forma alguma, responsável pelos abusos cometidos em seu nome, e que não existe ideia, por mais elevada que seja, que esteja acima do alcance da perversão por defensores impuros e por impostores que vestem a libré do céu para servir o Poder das Trevas.

Ao discutir o tema do Espiritualismo, desejamos observá-lo separado de todas as considerações estranhas e não essenciais, e das opiniões e práticas dos seus adeptos professos que contribuíram para o tornar popularmente desacreditado, considerando-o simplesmente tal como é.

A luz desta teoria parece ter apenas recentemente despontado sobre o mundo, na forma dessas mensagens dos amados e perdidos, que nos dizem que passaram para fora da esfera da nossa própria existência e simpatia, mas vivem e podem falar connosco.

Duas questões estão envolvidas:

Primeiro, deverá o homem viver novamente?

À qual a resposta é:

"Os que partiram não estão mortos, exceto no corpo";

e assim resolvem-se as dúvidas do cético e do materialista.

Segundo, e mais importante:

Podem aqueles a quem chamamos mortos regressar entre nós?

Durante todas as eras do passado, apesar das revelações da religião e dos ensinamentos do Cristianismo, encontramos uma falta de confiança na crença da imortalidade da alma, que foi sentida até nos santuários da religião e confundiu os eruditos em saber eclesiástico, de tal forma que até os mais fervorosos devotos não escaparam ao contágio da dúvida.

A ciência e a filosofia nada ofereceram em auxílio desta doutrina — se não a contradisseram diretamente — e finalmente tornou-se necessária alguma demonstração poderosa para despertar o mundo da sua letargia sobre este assunto de suprema importância.

Então surgiu o Espiritualismo, obscuro, a princípio visível, falando em vozes frágeis, mas agora sustentando as suas evidências e proclamando em tons claros as verdades de Deus e da eternidade a milhões de almas perturbadas e descuidadas.

Mas o Espiritualismo, no seu sentido mais verdadeiro e amplo, não se limita a este dia ou geração. É uma das crenças mais exaltadas, abrangentes e universais, contendo tudo o que no passado foi grande, bom e belo; tudo o que no presente é verdadeiro, santo e divino; e destinado a desenvolver-se em tudo o que há de ser excelência e glória.

Não pode ser resumido numa única proposição, nem circunscrito por qualquer esfera temporária ou local de ação.

É aquilo que outrora foi revelado na glória da inspiração — dessa inspiração que, dizemo-lo, é o sopro de Deus, eterno, constante, universal, brilhando como o Seu sol, para todos.

Todos aqueles fenómenos excecionais das eras passadas — os estranhos prodígios da mente, os casos instantâneos de possessão, de transe, de sonhos e profecias e advertências — são provados pelos ensinamentos do Espiritualismo como estando em perfeita conformidade com as leis da inspiração universal, mostrando assim a sua iluminação e antiguidade, derramando o reflexo da vida superior sobre a literatura, a poesia, a ciência, a arte e difundindo-se em todas as direções onde a mente humana penetrou.

Que eram, sem Espiritualismo, os poetas e filósofos — aqueles que respiravam os pensamentos dos anjos e escreviam mais sábios do que sabiam?

Que eram os profetas e videntes do passado, senão aqueles que apresentavam as verdades do mundo angélico?

De que outra fonte derivava a sabedoria desse livro sagrado, entre vós, incorporando as mais elevadas e santas conceções possíveis à humanidade e registando o exemplo mais brilhante de bondade que Deus alguma vez concedeu à Terra?

As verdades ligadas ao Espiritualismo não estão confinadas aos limites estreitos de qualquer credo — reclamam, incorporam e estão ligadas a tudo o que é bom, verdadeiro e belo.

Não acrediteis que aqueles que apresentam o Espiritualismo deformado e imperfeito sejam o verdadeiro padrão; isso é a falsificação.

Não confieis naqueles que proclamam, como Espiritualismo, ideias próprias de sentidos morais depravados e incompatíveis com a religião pura.

O Espiritualismo acredita num Deus perfeito, divino, infinito em amor e poder; não existe outro Deus, e reconhece-O como o mesmo Ser que, em todas as épocas e entre todas as nações, escolheu transmitir, através dos Seus instrumentos escolhidos, palavras de amor, esperança e consolação aos Seus filhos.

Além disso, o Espiritualismo fala com certeza da presença dos entes queridos que partiram. A religião faz isto no seu sentido original, mas de forma imperfeita, apresentando a comunhão espiritual apenas como uma rara e ocasional misericórdia concedida por dispensa especial.

Acreditai-nos: o Espiritualismo revela isso como algo constante, mostrando-nos as hostes angélicas pairando sobre a Terra e enchendo o ar com a sua presença e cânticos de louvor.

Acredite-se ou não, esta verdade, ligada ao Espiritualismo, é sentida por todo o mundo; não existe país civilizado onde a ideia tenha sido proclamada em que não tenha criado raízes, mesmo entre os mais brandos.

Observai a mudança que, dentro de poucos anos, se operou na literatura do vosso próprio país. Os vossos escritores mais populares, em vez de permanecerem afastados dos confins da eternidade e nunca mencionarem o mundo futuro, salvo em termos de vago horror, agora retratam suaves e angélicas visões pairando sobre o leito de morte e, em visões de um mundo espiritual feliz, sugerindo as cenas de despedida dos que partem.

Tais ideias tornaram-se agora tão familiares como palavras domésticas, encontrando-se em todos os caminhos da sociedade e sendo expressas por aqueles que as adquiriram, direta ou indiretamente, através do grande influxo do Espiritualismo.

Mais ainda: estas gloriosas verdades penetraram até na cidadela do preconceito ortodoxo, de tal modo que dificilmente se entra numa igreja de qualquer denominação sem ouvir alguma referência a espíritos guardiães, ministérios angélicos e temas afins, como se os pregadores estivessem inconscientemente a dar voz aos pensamentos de alguma Inteligência superior.

Enquanto isso, o terrível tema da punição eterna foi quase inteiramente abandonado, e os credos doutrinais são referidos apenas na medida em que confirmam os artigos principais da nova fé. Em tudo isto vemos a influência do Espiritualismo.

A nossa crença, além disso, conduz a mente a um plano mais elevado de pensamento em ligação com a Ciência. Tão numerosas e variadas são as fases deste tema que não conseguimos apresentá-las todas dentro dos limites de um único discurso, podendo apenas indicar algumas ideias principais.

No reino da mente, revela agências e operações até agora insuspeitadas, retratando o poder subtil que a inteligência possui, onde quer que exista, demonstrando a sua atividade efetiva fora do corpo material.

Isto, por si só, constitui um dos mais importantes desenvolvimentos, pois a filosofia das eras passadas esforçou-se em vão por reconciliar as leis materiais com as suposições fundamentais sobre as quais assentam todas as religiões.

O Espiritualismo realiza isto revelando o facto de que a mente, e apenas a mente, é o Supremo Governador do Universo, e o meio pelo qual as formas materiais de existência são mantidas em ação; que a mente utiliza a matéria, mas não é governada por ela; que a mente é o agente invisível que produz todas as maravilhas da criação e, no homem, o mais subtil e poderoso do universo, próximo do próprio Deus, usando a forma exterior apenas como vestimenta temporária e transportando depois, para campos ilimitados de atividade, a sua consciência individual, a sua inteligência e o esplendor das suas realizações.

O Espiritualismo revela também a cadeia de ligação entre pensamento e pensamento, ilustrando o facto de que a mente, na sua essência, não é controlada por qualquer condição da natureza material, nem afetada por forças materiais, mas atua e governa como deseja.

O pensamento é, portanto, o agente secreto entre o espírito e o mundo material.

A alma é a mesma substância dentro e fora do corpo material.

O Espiritualismo estabelece e prova claramente que a mente, quando compreende e emprega corretamente as leis materiais, pode influenciar a matéria quase infinitamente, comparado com os limites aparentes do seu poder; que o espírito pode utilizar uma agência subtil para vencer a lei da gravidade e assim mover um corpo físico diante dos vossos olhos — facto que a ciência puramente material pode ser desafiada a explicar com confiança.

Pois é um axioma dessa ciência que a matéria apenas pode ser afetada pela intervenção de forças materiais.

O Espiritualismo responde:

"Deus é espírito, e contudo atua diretamente sobre a Criação em todos os momentos."

Assim, a mente e a alma, dentro da sua própria esfera, podem suspender ou anular as leis da matéria à sua vontade. Espíritos livres do corpo mortal podem empregar agentes desconhecidos para realizar coisas que antes efetuavam através dos meios desse corpo. Isto basta quanto a esse problema.

Uma verdade torna-se evidente que exigiria séculos à ciência não assistida para descobrir. E, na verdade, tornou-se uma questão saber se a mente, mesmo enquanto permanece no corpo, não poderá realizar maravilhas até agora apenas sonhadas, caso compreenda plenamente as leis que governam as relações entre ambos.

A ciência material arroga-se frequentemente possuir todo o conhecimento; mas a verdadeira ciência descobre todas as coisas e apenas decide aquilo que é verdadeiro.

Outra coisa que o Espiritualismo faz pela mente é libertá-la de todos os constrangimentos do preconceito e da superstição, removendo a arrogância do egoísmo científico, mostrando que a mente jamais poderá conhecer tudo ou ser capaz de medir todas as possibilidades; que existe sempre um domínio infinito para além do seu alcance mais distante; que, no auge do seu orgulho pelas suas realizações, ela apenas alcançou o primeiro degrau da verdadeira Ciência; limitando-se a soletrar o alfabeto das leis da Natureza — vacilando ainda no limiar do augusto templo da Criação.

Assim, treina a mente para escutar todos os ensinamentos, receber aquilo que o julgamento e o senso comum aprovam, e rejeitar o que não suporta a prova da razão e da intuição.

Outra grande doutrina, primeiramente avançada pelo Espiritualismo, é a de que existe um elo de ligação entre todas as mentes do universo; que a substância da alma é a mesma em toda a parte, sendo Deus o seu ser; que a inteligência humana é a sua forma finita; estabelecendo assim uma intimidade de relação, uma simpatia essencial entre o mais elevado e o mais baixo dos seres conscientes, conduzindo a uma compreensão da Divindade universal até então nunca concebida.

Além disso, revela a ligação entre o mundo material e o espiritual, fornecendo provas palpáveis de um além, e fazendo da vida interior e exterior apenas compartimentos diferentes do mesmo templo, mostrando que a vida espiritual está sempre convosco e que, na verdade, já sois espíritos.

Que cada alma entre vós já se encontra no mundo espiritual; e que não muito longe estão as mansões celestiais; mas que, como foi dito por Jesus:

"O reino dos céus está dentro de vós."

Agora, resumamos o significado de tudo isto.

Significa que nenhuma época ou geração limita os benefícios do Espiritualismo; nenhum verdadeiro crente nas suas doutrinas afirma que ele possua quaisquer verdades abstratas superiores às ideias mais elevadas do passado; não se vangloria de qualquer monopólio da excelência ou da sabedoria; apenas diz:

"Sou um dos canais através dos quais podeis receber conhecimento."

Não exige que os seus discípulos adiram a qualquer credo ou fórmula de crença; mas exige que cada homem tenha permissão para adorar o seu próprio Deus, à sua própria maneira, no seu próprio lugar e no seu próprio tempo, porque a Divindade imprimiu-Se na alma, e as suas relações com ela são independentes de circunstâncias e educação.

A sua voz, corretamente interpretada, não diz:

"Crede, sob pena de condenação eterna",

mas:

"Vivi antes que o mundo existisse; falei nos primeiros sopros da inspiração e fui ouvido em toda a elevada expressão do espírito humano. Sou a alma do futuro."

E o Espiritualismo também diz:

"Desci até vós através de todas as eras do passado, sob a forma de tudo aquilo que é belo, impressionante ou profundo nas mais ousadas conceções do poeta, do escultor, do pintor, do orador e do filósofo. Na verdade, sou tão antigo quanto o próprio Tempo. Aquela inspiração especial sobre a qual edificastes a vossa fé, e que considerais um precioso dom do céu — nela também eu sou visível. No Antigo Testamento falei aos Profetas; no Novo Testamento, a João, o Revelador. Estou presente no brilho do espírito para todos os crentes nas chamadas Revelações. Passei sobre os campos de batalha ao lado de cada herói. Conduzi o sangrento carro da revolução sobre os pescoços dos reis prostrados. Combati e conquistei o Erro sob mil formas. Meus são todas as formas da Verdade, passadas, presentes e futuras, em todas as suas múltiplas manifestações."

Sim, o Espiritualismo significa o rápido avanço da mente, a eterna elevação da alma; contém a chave da história da civilização; inclui todas as "conquistas" da Ciência, todas as realizações da Arte, todas as revelações da Religião.

Implica aquilo que, com o tempo, fará o mundo adotar métodos novos e mais elevados de vida — métodos que inspirarão liberdade e ordem entre as nações e os revestirão com o elevado e indomável espírito da devoção.

Lembrai-vos de que o Espiritualismo não lida apenas com os fenómenos modernos vulgarmente referidos sob este título, mas critica e investiga as revelações de todas as épocas passadas, procurando onde quer que poetas tenham encontrado imagens de beleza ou terror — onde quer que profetas tenham erguido as suas vozes

de advertência — onde quer que sábios tenham falado entre as coisas ocultas da Natureza; e ainda perguntais se existem verdades no Espiritualismo?

Poderíeis igualmente perguntar se existe alguma verdade na Natureza e no mundo; e em ambos os casos a nossa resposta seria a mesma.

Não incluímos na nossa definição os abortivos rebentos do Espiritualismo fingido — aquelas imposturas e falsidades que surgem da perversão da fé genuína e santa — mais do que acusaríeis o Cristianismo pelos crimes e loucuras que abundantemente se encontram em todos os sistemas religiosos.

Não entendemos por Espiritualismo aquilo que apresenta a inspiração do outro mundo, o qual surge nas asas de mensageiros angélicos para vos dizer que os vossos entes queridos, falecidos, não estão mortos nem mergulhados no esquecimento dos seus laços terrenos; aquilo que desperta de novo a vossa fé na imortalidade e retira à morte os seus terrores; aquilo que revela a verdade e confirma o carácter sagrado da religião; aquilo que, em todos os seus ensinamentos e aspirações, aponta apenas para o mais elevado objetivo; aquilo que coroou o passado de glória, enche o presente de esperança e aponta para um futuro de esforço ainda mais bem-sucedido.

Referimo-nos aos sussurros secretos que falam ao coração de uma vida mais elevada — aos esforços do génio, às fontes jorrando no deserto da humanidade, e às encarnações vivas dos pensamentos dos anjos.

Referimo-nos às inspirações da Ciência quando, após anos de estudo, um súbito clarão ilumina todas as profundezas da mente.

O Espiritualismo está em ação quando a alma, curvada sob os fardos da Terra, encontra consolação na religião; quando, cansado e desgastado, o peregrino da vida se lança aos pés de Jesus e ouve aquelas palavras de inefável compaixão:

“Nem eu te condeno; vai e não peques mais.”

Referimo-nos àquele ministério sagrado que não é demasiado elevado para descer das mais altas esferas celestes e testemunhar os inúmeros atos e expressões de caridade para com os moribundos que pertencem a Deus e aos Seus santos anjos.

Referimo-nos àquelas qualidades de bondade, honra, integridade de propósito, fidelidade e verdade que habitam em cada nobre filho da Terra.

Não vos pedimos simplesmente que declareis, em palavras, acreditar no Espiritualismo. Podeis pensar que mantendes comunhão com amigos falecidos e, contudo, estar tão destituídos do verdadeiro Espiritualismo e tão ignorantes do seu significado real como se nunca tivésseis ouvido o seu nome.

Aquilo que é mais elevado, mais verdadeiro e melhor — isso, e apenas isso, é Espiritualismo; e nada mais mantém qualquer relação com ele.

Quer novo quer antigo, os seus fundamentos são gloriosos, incluindo as mais altas revelações da verdade feitas aos homens, sob qualquer nome em que tenham sido proclamadas.

Proclama Deus como o Pai da Humanidade, o Criador e Governante do Universo; a alma como Sua imagem divina e imortal, colocada na forma humana para que possa alcançar uma individualidade de consciência exterior, e assim continuar, através das eras da eternidade, buscando verdades mais elevadas e conquistando novas vitórias sobre o erro e a imperfeição.

A isto acrescenta o grande facto da comunhão com os entes queridos falecidos e a teoria dos visitantes angélicos invisíveis, falando por vezes de modo audível aos sentidos materiais, por vezes à consciência da alma; pairando sobre nós, guiando os passos dos mortais e inspirando poetas, sábios e estadistas com as suas conceções mais felizes.

Ensina que anjos e seres humanos estão unidos por simpatias comuns e preparados para uma mútua intercomunhão; declara que todos os homens são imortais; que a alma, na sua essência, é pura e não manchada pelo pecado terreno; e que, quando tiver ultrapassado as fraquezas da mortalidade, está destinada a uma eterna progressão em felicidade e virtude.

Afirma que todas as almas são igualmente queridas para Deus e que cada coração Lhe é tão precioso quanto as pulsações do Seu próprio ser infinito; portanto, não existem verdadeiras distinções entre elevado e humilde entre as Suas criaturas humanas, salvo aquelas que são temporárias e devidas apenas às circunstâncias do nascimento, da educação e das condições da vida terrena.

Por isso, ensina que ninguém deve condenar o seu irmão, mas antes lidar com ele no espírito da caridade e da tolerância, que é a única verdadeira justiça.

Não pinta quadros revoltantes ou terríveis do futuro e do carácter de Deus, mas, em todos os seus aspetos e manifestações, oferece a mais fascinante eternidade ao espírito ansioso que satisfaz os mais ardentes anseios do devoto.

Afirmamos que esta é uma descrição fiel do Espiritualismo. Nenhum espiritualista pode contradizer-nos; pois todos os espiritualistas professam acreditar no que estabelecemos como os artigos da sua fé, embora possam não conseguir ilustrá-los na prática — e é aquilo que todos os seres humanos, em todas as épocas e países, nos mais altos pontos da civilização e nas suas horas de meditação mais sublime, aprovariam e desejariam.

O Espiritualismo apresenta à humanidade o mais elevado padrão possível de realização, tanto na fé como na prática, e aquilo que expusemos é a sua única definição verdadeira.

Rejeitai todas as outras como contrafações ou falsificações. Afastai-vos daqueles que procuram vender teorias estranhas e místicas — produto das suas próprias fantasias perversas e desejos impuros — como se fossem verdadeiras inspirações vindas do alto.

Acreditai apenas naquilo que é genuíno e perfeito — nisso e em nada mais.

Espiritualistas! Cabe-vos decidir quanto, ou quão pouco, possuís dos dons de que falámos e até que ponto vos aproveitastes dos privilégios que reclamais em virtude da vossa denominação.

Em parte, sem dúvida, alcançastes e desfrutastes deles; mas lembrai-vos: cada passo que dais fora do caminho reto da verdade e da justiça — por mais alto que proclameis a comunhão com os anjos — conduzir-vos-á para mais longe da verdadeira fé espiritual e marcar-vos-á com reprovação mais profunda do que aquela que se atribui aos crimes dos outros, que não conhecem a luz que vós reconheceis.

E vós, que ainda não professais esse nome, não aceiteis qualquer doutrina que não apresente o aspeto mais santo e não faça respirar em torno da vossa alma a atmosfera do céu.

Melhor possuir inconscientemente a luz que ilumina todos os homens do que abraçar trevas e corrupção em nome da verdade; melhor observar com simplicidade ignorante as vossas afeições naturais do que sacrificar tudo o que é puro e santo no vosso ser sobre o altar de uma falsa divindade e ao comando de sacerdotes enganadores.

Apegai-vos, no Espiritualismo, apenas ao que é nobre, elevado e divino, e ele vos trará tudo aquilo que as vossas almas desejam, quando a música dos anjos vos saudar à meia-noite e, arrebatados, ouvirdes as mensagens consoladoras dos entes queridos que vos visitarão das margens eternas.

EXISTÊNCIA APÓS A MORTE

Um discurso da Sra. Cora L. V. Hatch, proferido no Clinton Hall, Nova Iorque, domingo à noite, 8 de Novembro de 1863.

Conforme anunciado, um comité nomeado pela audiência escolheu o tema do discurso da Sra. Hatch para essa noite. Era o seguinte:

“Existem provas da continuação da existência e manifestação do espírito humano após a morte do corpo?”

"As provas da continuação da existência e manifestação do espírito depois de deixar a forma humana."

O Comité escolheu o velho e tão debatido tema da imortalidade — uma questão que foi discutida repetidamente e provavelmente continuará a sê-lo até ao fim dos tempos, e quando esse fim chegar não pretendemos saber.

Os anseios e aspirações da mente humana tornam esta questão a mais interessante que pode ser proposta. As revelações da religião e as investigações da ciência deixaram-na tal como a encontraram; e, no entanto, a própria questão é facilmente respondida por toda a mente de inteligência e perceção comuns, se deixada ao livre exercício das suas faculdades naturais.

"Vive o espírito humano independentemente do corpo e, se vive, possui os poderes da inteligência?"

Não pretendemos tratar este assunto da maneira habitual. Consideramos que um pouco de variedade será melhor do que argumentos cansativos e ilustrações gastas. Não vos pregaremos religião revelada, nem entraremos em pontos controversos de teologia.

Também não nos esforçaremos por combater os mil e um argumentos que apenas servem para provar aquilo que são apresentados para derrubar, embora tais exercícios possam por vezes ser muito agradáveis ao espírito.

Diremos apenas o seguinte: tais argumentos negativos devem existir no caso de qualquer verdade fundada sobre uma consolação humana absoluta. Assim como a gloriosa luz do dia poderia permanecer desconhecida se não fosse o regresso das trevas contrastantes, assim acontece com esta questão da imortalidade.

Não acreditamos que exista um único opositor sincero da imortalidade; diríamos quase que nunca existiu um no mundo. Repetimos que a nossa certeza nesta questão só é perturbada pelo contrapeso de argumentos negativos que, devidamente considerados, não tendem a destruir a doutrina, mas antes a sustentá-la.

Todos os chamados infiéis da escola germânica são apenas a personificação de muitas provas negativas da imortalidade.

O tema, corretamente considerado, não admite dúvida; mas é uma daquelas questões que necessariamente envolvem alguma forma de aparente incerteza devido à imperfeição e à perversão deliberada das nossas faculdades de perceção.

A existência da inteligência é reconhecida pela consciência absoluta de cada indivíduo, para além de toda a contestação e disputa. A inteligência independente — qualquer que seja a sua fonte ou origem, qualquer que seja a variedade dos seus poderes ou propósitos, qualquer que seja a forma da sua conceção, qualquer que seja o seu princípio ou o seu fim — esta existência é positivamente reconhecida como real.

Como poderia existir qualquer ato independente de inteligência? De facto, a Inteligência é positivamente conhecida por todos.

Cada um de nós sabe e reconhece que o grande mundo moral da humanidade é composto daquilo que os homens pensam — daquilo que fazem para regular e determinar o que pensam — daquilo sobre o qual atuam à superfície do globo, considerado fisicamente, sendo apenas o resultado do pensamento agregado da humanidade, acumulado desde há incontáveis eras.

Não existe coisa alguma como ação sem espírito. O pensamento forma o predicado, o fundamento de cada ato.

Como poderia a ação da nossa vida quotidiana e das nossas funções ser evocada e regulada sem os poderes da mente interior?

Como poderia o olho ver, o ouvido ouvir, a língua falar, a mão executar, sem aquilo que guia e impele?

Não existiria consciência das coisas exteriores, nem inteligência no mundo; a humanidade não poderia existir se esta não fosse apenas um departamento da Natureza, movido por poderes muito mais elevados do que aqueles que atuam e se agitam sobre a superfície da Terra, para além do pequeno domínio do controlo humano.

A própria Terra deve ser controlada por algo superior a ela mesma; a sua contenção e movimento devem ser regulados e governados pela lei.

Admitimos que as formas e mudanças da matéria são os maravilhosos resultados da lei natural, mas qualquer pessoa familiarizada com a Natureza sabe perfeitamente que deve existir também um legislador, e que nada é governado por lei sem uma origem.

Esta força omnipresente e controladora — chamai-lhe pelo nome que quiserdes: Deus, Natureza, Ser, Poder, Vontade, Espírito, Essência — resolve-se ainda assim em Inteligência, aquela consciência absoluta que vive, respira e manifesta a sua existência em todas as diversas formas da Natureza.

Ora, o domínio da matéria é ilimitado; o universo deve ter existido sempre, como prova do ser absoluto em toda a parte à nossa volta; e a morte e a mudança são apenas manifestações disso.

Todos os factos e ocorrências da Natureza sustentam a nossa proposição.

Não há necessidade de uma revelação especial para certificar esta verdade, nem de argumentos sobrenaturais para a apoiá-la. Compreende-se imediatamente que, onde existe um edifício, deve ter existido um arquiteto. Sabe-se que as coisas não existem por si mesmas — que a matéria, na sua condição primitiva, era fria e imóvel; para lhe dar vida teve de existir algo superior, algo acrescentado a essa substância inerte.

Sabemos, portanto, que o universo está vivo, que está preenchido de inteligência, e que essa Inteligência é chamada Deus, ou Grande Espírito, ou qualquer outro nome semelhante.

Ora, relativamente à mente humana, temos isto a dizer: ela possui o poder não apenas de compreender a sua própria existência, mas também a existência de outros objetos; de raciocinar a partir daquilo que vê até àquilo que não vê; de compreender, a partir daquilo que é trazido perante os sentidos, aquilo que os sentidos não podem apreender diretamente; de descobrir, a partir do carácter da obra, as qualidades do trabalhador; de julgar, a partir do edifício, os poderes e perfeições do arquiteto; a partir da obra de arte, os talentos do artista.

O escultor grava os seus pensamentos no mármore, e somos capazes de julgar, pelas suas produções, aquilo que os seus pensamentos devem ter sido.

Assim também o universo é um templo, repleto de inúmeras evidências de desígnio, fervilhando de formas de beleza radiante e vivo com mil vozes melodiosas.

Por detrás de tudo isto deve ter existido um obreiro, um artista supremo, permeando e guiando as operações da energia criadora.

A mente sabe isto intuitivamente, e sabendo-o acerca do mundo, também sabe que a mente do homem, embora em grau subordinado, igualmente guia e controla as forças materiais, não podendo ser produto da matéria que controla.

O intelecto do arquiteto não reside no ferro ou no mármore de que a sua estrutura é composta; o pintor não deriva as suas ideias dos óleos, tintas, telas ou pincéis pelos quais elas são incorporadas. Não, é a sua mente que descobre, na ampla paisagem ou nos grupos e rostos, aquilo que serve aos seus propósitos.

Assim sabemos, como foi afirmado, que a mente não pode ser resultado da matéria — pois nada pode ser resultado daquilo a que é superior e que possui poder para controlar.

A mente, portanto, deve existir e, sendo superior a toda a forma de matéria, deve atuar sobre a matéria em todas as etapas e condições do seu ser.

É verdade que nos é difícil descobrir onde termina a matéria e começa a mente, mas não é menos certo que esta última, na sua essência absoluta, é mais forte e mais perfeita do que o universo material.

A própria mente é a estrutura que, sendo indestrutível e imutável, pode penetrar, controlar e guiar todas as outras substâncias; numa palavra, é a vida de toda a matéria, e isto embora se manifeste apenas através da matéria.

A mente, portanto, é superior à matéria, mas manifesta-se através dela para os seus próprios propósitos e existe independentemente dela.

Não pode haver dúvida destas conclusões. O materialista pode dizer que não existe mente independente, uma vez que ela apenas pode manifestar-se através da matéria; mas ele começa pelo fim em vez do princípio, e o resultado é que nunca encontra o começo.

O começo da existência é mente — a matéria é o seu fim; o começo é poder — a matéria é o produto.

É verdade que a mente não pode manifestar-se igualmente através de uma organização imperfeita, tal como um novo músico não consegue executar com perfeição num instrumento imperfeito; mas as mesmas qualidades e poderes dominam na mente do compositor, ainda que possam não encontrar expressão alguma.

Assim acontece com os pensamentos do espírito humano — da alma — imperfeitos como a organização, por vezes quase totalmente ineficazes; contudo, o poder latente permanece.

A nossa próxima proposição é que a mente emprega a matéria para algum propósito; completado esse propósito, ela não pode deixar de existir.

A mente humana deve existir porque a grande lei da natureza orgânica que controla o universo assim a destinou.

O uso e propósito da existência individual é que a mente, através da matéria, manifeste a sua forma individual; depois pode afastar-se, e a matéria regressa à sua condição original, inerte e fria.

Mas a mente, que existia no princípio, continuará a existir e apenas se tornará mais perfeita — não em si mesma, mas nas suas manifestações.

Existe de forma definida e absoluta, de tal modo que uma alma individual nunca poderá tornar-se outra alma individual, independentemente da forma ou esfera que possa assumir, tal como nenhum átomo primordial pode fundir-se noutro — a alma, princípio e átomo primitivo de todas as formas de matéria, sendo precisamente semelhante em tudo, quer na rocha, na água ou no gás.

A alma é um agente inteligente e consciente que, durante um certo tempo, se encontra ligado a uma forma de organização material, através da qual apreende o mundo da matéria; e quando conclui esse estágio da vida, abandona essa forma fria, silenciosa e imóvel.

A alma, porém, continua a ser um poder consciente que atua sobre a matéria onde quer que a matéria exista.

Deve encontrar um meio de se manifestar, pois existe poder na inteligência, exceto quando em contacto com a matéria; nem podemos dizer se a matéria pode existir em todo o domínio da existência, pois conhecemos apenas aquilo que chama “matéria” — a substância visível ou palpável aos nossos sentidos físicos.

A química e a filosofia descobriram várias formas de matéria que são apreensíveis apenas através dos seus efeitos.

O ar que respiramos é uma dessas substâncias. Não o podemos ver, embora sem ele não devêssemos viver, e apenas percebemos a sua existência em movimento.

As manifestações da eletricidade são ainda mais subtis, e contudo constituem uma das forças vitais da Natureza, sem as quais nenhuma vida seria possível. Poderemos nós supor então, que a mente possa alguma vez existir sem meios de manifestação? Não poderá haver outras e ainda mais refinadas formas de matéria, corpos mais subtis que se manifestem aos nossos sentidos e, contudo, não existam para a mente tão claramente como os corpos mais densos?

Não existe uma atmosfera mental, espiritual e independente do material?

Os vossos pensamentos, neste momento, dependem dessa atmosfera material?

A mente vive da nutrição proveniente dessas substâncias grosseiras que sustentam o corpo?

A vida do espírito é mantida pela mesma força que faz o sangue correr nas veias?

Está revestida com o mesmo vestuário?

Necessita de proteção contra a fome, o frio, a sede e o fogo?

Não! O pensamento alimenta-se de todos os outros pensamentos. Reveste-se de imagens como se fossem vestes — o vestuário das suas elevadas e santas aspirações.

Não podeis duvidar disto, e ainda assim questionais se a mente pode continuar a manifestar-se após a morte do corpo?

Muito seguramente pode.

E toda a mente, todo o espírito, todo o poder, é resultado das suas manifestações constantes. Derivais vida e atividade do mundo invisível ao vosso redor.

Privai a vida humana disso — afastai da perceção dos mortais aquilo que apenas o espírito pode compreender — a consciência da comunhão com um poder e propósito superiores — e privareis a humanidade do seu alimento espiritual; fechareis as portas do templo espiritual e a mente beberá do vazio.

A substância mental é tão necessária à existência humana como o alimento corporal.

Duvidais disto?

Pois bem, privai-vos da imaginação destes recursos e perguntai:

"Onde estaria a mente?"

Se admitis isto, então admitis que a mente depende de outras mentes para o seu alimento natural, força e atmosfera vitalizante.

E agora duvidais de que a mente possa comunicar com a mente?

A atmosfera da mente é como a da Terra: invisível e impalpável, exceto quando em movimento violento.

Como esperaríeis então reconhecer a mente, salvo quando algum pensamento palpável, algum propósito poderoso, vindo daquela esfera espiritual, passa diante da vossa alma, encontra algum pensamento semelhante já presente em vós e impele-o à realização de algum propósito santo ou heroico?

Existe, então, alguma dúvida da vossa comunhão com alguma fonte de inteligência exterior a vós próprios?

E contudo o cético, glorificando-se na consciência do conhecimento material, acumulando ciência sobre ciência, teoria sobre teoria, persiste em procurar no mundo da matéria aquilo que não existe nele.

Queixa-se de não encontrar mente ali.

Porquê?

Poderá o homem esperar ver a mente, tocar a mente, encontrá-la naquilo que é externo e visível?

Supondes que a mente pode entrar em contacto com a mente exceto através da intervenção da própria mente?

As tribos materialistas procuram encontrar a alma no seu sepulcro — identificar o espírito com o seu mero vestuário temporário.

Não.

O homem vive, na sua visão, apenas pelas suas organizações exteriores e alinhamentos materiais.

Com igual razão se poderia dizer que as roupas que vestis são vós próprios.

Assim os homens erigem falsidades e chamam-lhes teorias, as quais podem ser derrubadas pela próxima brisa vinda do oceano do pensamento e da mente.

Como dissemos, o mundo em geral não é cético — na verdade, não existe tal coisa como incredulidade no sentido de acreditar realmente que não existe imortalidade, nenhum pensamento absoluto.

Os homens podem argumentar como quiserem, apresentar esta ou aquela forma de prova negativa como se fosse uma refutação da ideia; e contudo, na consciência mais íntima, existe algo que diz, em tons impossíveis de silenciar:

"Não dependo da matéria para a minha existência! Vivo, movo-me e existo nela, mas não sou dela."

A alma imortal possui um vestuário de pensamento e um veículo de ação que são imortais e absolutos como ela própria; e embora possua o poder de manifestar-se, onde, quando e em que circunstâncias esse poder é realmente exercido permanece para vós como questão de julgamento.

Onde, perguntamos, existiria a mente que não pudesse manifestar-se?

Não existe à vossa volta, continuamente, uma quantidade imensa de almas?

E não são as suas vozes constantemente transmitidas até vós através da atmosfera do sentido espiritual?

Não vos sentais frequentemente, ouvindo com intensa atenção as vibrações desses tons celestiais?

E não sentistes o toque suave e deslizante de uma mão que não era mortal?

Nunca sentistes outra mente além da vossa própria a afastar os vossos passos de uma direção errada?

Não estais conscientes, dia após dia e hora após hora, de ser atuados por algum pensamento que não é vosso, conduzindo a algum rumo que não definistes, mas que termina num resultado palpável — expressão de alguma força invisível e absoluta de inteligência caminhando ao vosso lado, guiando os vossos passos no próprio meio da vida quotidiana?

A própria voz da Natureza é apenas a expressão desta agência espiritual invisível, que, avançando de terra em terra, de margem em margem, culmina por fim em alguma grande realização.

Que outra coisa senão este poder invisível move a mão do herói, acelera o cérebro do estadista e forma a imaginação do poeta, fervilhando com mil imagens assim reveladas à mente consciente?

Não é tudo isto evidência de existência invisível?

E, mais profundamente ainda, não é esta nossa vida material, no seu mais elevado significado, apenas a expressão da mente impalpável?

Sim. A forma é apenas a expressão da mente impalpável. A forma é apenas o túmulo que encerra o espírito por algum tempo; é apenas um molde exterior através do qual mal conseguimos traçar os débeis contornos do habitante imortal.

"O homem natural", foi bem dito, "não compreende as coisas que pertencem ao espírito";

mas, como por vezes um vislumbre de luz solar visita um homem condenado numa masmorra para irromper na luz da eternidade através das fendas da sua prisão terrena, que maravilha é o deslumbramento do olhar da razão, que mal compreende o seu significado, ou que, em muitos casos, esse vislumbre transitório é pervertido e obscurecido?

Se o nosso caminho inteiro fosse sempre iluminado do alto, em breve deixaríamos de apreciar, ou mesmo de notar, o esplendor; tal como, se fosse sempre dia sem nuvens, talvez nunca pensássemos nem falássemos do dia.

Lembrai-vos, então: o espírito vive onde quer que se manifeste a vós, e manifesta-se em todas as formas de vida, de pensamento e de aspiração que sabeis que o espírito é capaz de possuir.

Aquilo que não compreendeis não são as capacidades do espírito que estão em falta, mas apenas o vosso olhar, incapaz de ver; não é o brilho imortal que está obscurecido, mas apenas o vosso cérebro físico, obtuso e pesado; são apenas as vossas faculdades terrenas que desconhecem o mundo do pensamento.

Vós próprios fechais a luz, tateais na escuridão da vossa masmorra e depois queixais-vos de que não existe luz solar, porque não a vedes.

No final do discurso, os ouvintes foram convidados pela oradora a apresentar perguntas diversas. Entre as respostas dadas encontram-se as seguintes, que, pela sua prontidão e clareza, suscitaram forte aplauso:

Pergunta: — Porque é a incredulidade tão predominante na Alemanha, terra de grandes pensadores?

Resposta: — Talvez seja assim — talvez o senhor não tenha consciência de quanto, ou quão pouca, incredulidade realmente existe ali; e talvez, por vezes, a terra dos grandes pensadores não seja a terra dos grandes pensamentos. O maior mestre do pensamento, talvez, permaneça desconhecido. A escola alemã de filosofia é a mais subtil, mas duvidamos muito que seja a maior.

P. — O anseio pela imortalidade prova o facto da imortalidade, mais do que o anseio pela felicidade prova que somos todos felizes?

R. — A imortalidade é uma verdade anterior e independente do homem. A felicidade é uma condição que cada um deve alcançar por si próprio, da melhor maneira possível.

P. — A guerra e o derramamento de sangue são concebidos pela Providência?

R. — Os mecanismos do universo material evidenciam desígnios, devido à harmonia observável em todas as suas partes. A humanidade possui, em certa medida, a mesma vantagem. Contudo, a Natureza parece estar em guerra em todas as suas partes — uma porção vive consumindo outra — e, ainda assim, acima de tudo isso vemos um grande e dominante princípio de harmonia.

A guerra resulta imediatamente da estupidez e ignorância da humanidade, e o seu propósito último é apenas conduzir ao grande arbitramento de todos os destinos, físicos e mentais.

P. — Comunicam os espíritos entre si através da linguagem?

R. — A linguagem mortal é uma mera condição física e arbitrária da forma material — uma necessidade da organização exterior. Muitas vezes falha em exprimir o pensamento. A linguagem do espírito é diferente. A mente pode compreender a mente sem a interposição da organização material.

A existência da mente não é provada pela existência da matéria, mas pela sua organização, e não há nada nisso que prove que o homem não tenha existido sempre. A matéria deve igualmente ter existido sempre.

P. — Qual é o pecado contra o Espírito Santo?

R. — O senhor passou da metafísica para a teologia. Vista pela teologia, a nossa opinião é que o pecado em questão nada contém; é puramente imaginário. Mas se o Espírito Santo for entendido como a influência da consciência de qualquer presença santa sobre o indivíduo, então o pecado contra o Espírito Santo deve ser um pecado contra as mais elevadas perceções humanas do que é santo e verdadeiro, e nunca pode ser perdoado porque o pecador deve colher todas as suas consequências.

P. — O que é a intuição?

R. — A intuição é outro nome para a razão, mas em vez do processo comum, é o dom de raciocinar rápida e consecutivamente sem esforço consciente; de apreender aquilo que não é alcançado pelos sentidos; de confiar na experiência que talvez a razão não possua, mas que lhe é trazida pela agência invisível da mente.

P. — A alma preexiste?

R. — Aquilo que não tem princípio não tem fim; aquilo que não tem fim não teve princípio.

Pergunta: — O que é o inferno?

Resposta: — A palavra *inferno* era usada entre os judeus para designar um modo de punição e referia-se a um determinado lugar fora de Jerusalém. Daí passou também

a aplicar-se à escuridão da mente; ao estado de isolamento moral — que é a consequência do pecado persistente.

Os espíritos, sendo conscientes de um facto, e a vossa organização física sendo consciente dele, são duas coisas diferentes. O espírito pode estar consciente, e de facto está absolutamente consciente, de muitas coisas que não podem ser transmitidas à organização exterior nem através dela.

Porquê?

Porque essa organização não existia juntamente com o espírito quando este existia. Essa organização será deposta e o espírito, na sua consciência absoluta, recordar-se-á de todas as coisas.

É apenas porque o espírito está embaraçado pela forma material que deixa de estar consciente da sua preexistência.

Um cavalheiro presente na audiência objetou que todo o nosso conhecimento nos chega apenas através dos sentidos.

"Como sabeis isso? Podeis prová-lo?"

Poderíeis reunir todas as partes componentes do organismo humano e combiná-las em proporções exatas, e ainda assim não conseguiríeis fazer o homem da vossa criação pensar.

Ora, é essa mesma inteligência independente que vos faz seres pensantes, que vos torna capazes, através dos sentidos, não de possuir conhecimento, mas de receber impressões que a inteligência converte em conhecimento.

Se realmente nada conheceis exceto através dos vossos sentidos, então não podeis conhecer coisa alguma senão aquilo que entrou na esfera da vossa observação real, daquilo que experimentastes pessoalmente.

Não sabeis que os planetas giram, nem que existe uma cidade como Londres, a menos que lá tenhais estado.

Ora, pelo mesmo princípio segundo o qual os filósofos sabem absolutamente que a matéria da Terra deve ter existido antes de a Terra ser formada, também sabeis que a substância de que o pensamento é composto deve ter existido antes do pensamento, e isto implica a preexistência da alma.

A TEOSOFIA TOMOU DE EMPRÉSTIMO

DO ESPIRITUALISMO

Proferido através dos lábios da Sra. Cora L. V. Richmond, Chicago, 25 de Novembro de 1900.

"Nada há de novo debaixo do sol."

A verdade é una. Podeis determinar o valor das partes da verdade que possuís considerando a sua adaptação ao todo.

O matemático conhece a esfera completa pela medição de um arco da esfera. Assim, embora alguém possa não possuir toda a verdade, conhece quando ela é verdade.

"Sede perfeitos, como vosso Pai que está nos céus é perfeito",

é um mandamento. Se fosse impossível, o mandamento nunca teria sido dado.

Um estado perfeito não implica perfeição total ou infinita, mas qualidade.

As duas palavras que formam o tema do discurso desta manhã: "Teosofia", ou, como os seus adeptos designam as suas opiniões, "Sabedoria Divina", e "Espiritualismo", a manifestação do poder e presença espiritual, e a demonstração, portanto, da existência para além da mudança chamada morte, e que assim existe no mundo há mais de cinquenta anos, foram colocadas lado a lado nesta manhã para ilustrar como, inconscientemente, as pessoas tomam emprestado umas das outras, e como algo é apresentado sob um nome que realmente teve origem e nasceu sob outro, e isso sem qualquer intenção de plágio.

Naturalmente, ninguém possui direitos exclusivos sobre a verdade ou sobre qualquer forma de verdade. Mas quando existe no mundo algo que representa determinada ideia, e alguém se apropria disso sem lhe dar o devido crédito, trata-se, evidentemente, de ocultação do facto, ignorância do facto, ou violação aberta do facto.

O Espiritualismo não reivindica possuir patente sobre a vida futura, nem sobre o facto da intercomunhão entre inteligências espirituais que deixaram o estado terreno e

passaram à vida futura, e aqueles que permanecem na vida mortal. Mas até ao advento do Espiritualismo Moderno, exceto nos períodos dos chamados “milagres”, ou em épocas especiais de revelação e elevação espiritual, não se considerava possível uma comunicação aberta entre os dois estados de existência.

O ESPIRITUALISMO DEMONSTRA A EXISTÊNCIA FUTURA

O Espiritualismo, durante os últimos cinquenta anos ou mais, tem demonstrado aos que duvidavam uma existência futura pelo próprio facto dessa existência. E que tal demonstração ainda era necessária pode ser visto pela grande dúvida que ainda existe entre pessoas parcialmente agnósticas e materialistas, e até entre membros das igrejas, quanto a essa existência e à possível identidade daqueles que passaram da Terra.

Esta demonstração surgiu numa época da história do mundo em que a teologia, por um lado, havia posto em risco a esperança humana na imortalidade, e a ciência, por outro, quase destruíra o facto que anteriormente existia na teologia; quando a existência espiritual, exceto numa esperança geral possuída pela raça humana, não era claramente concebida como um estado pensável, como uma condição que pudesse ser conhecida, como um estado entre o qual e o estado humano pudesse existir uma intercomunhão contínua e inteligente; que esse estado existia no mundo todos vós muito bem sabeis.

A maioria dos seres humanos nos chamados países esclarecidos do mundo não aceita hoje o Espiritualismo pelo nome; mas a maioria dos seres humanos está em dívida para com a existência do Espiritualismo relativamente àquilo que afirma acreditar sobre um estado futuro.

Os sermões, a literatura, a arte e até a ciência foram tão palpavelmente afetados pela existência do Espiritualismo que dificilmente se prega um sermão em qualquer púlpito de qualquer denominação; dificilmente se escreve um artigo em qualquer jornal sobre estes assuntos; dificilmente se pintam quadros representando seres espirituais que não estejam impregnados de Espiritualismo; e até a ciência, ao tocar temas espirituais, não consegue fazer uma afirmação que não tenha derivado do Espiritualismo.

Dizemos isto porque aqui ensinamos Psicosofia. O Espiritualismo faz parte dela, mas não o afirmamos em qualquer sentido sectário.

O Espiritualismo veio imprimir sobre uma era materialista o conhecimento de um estado futuro; demonstrar, como era necessário, o facto dessa existência e o correlativo e inevitável facto da imortalidade; e o facto da intercomunhão entre os dois estados — o estado para além da mudança chamada morte e o estado humano.

Praticamente — e dizemo-lo com grande pesar — os espiritualistas pararam aí. Na prática, não seguiram a grande dedução lógica e a inevitável linha de raciocínio que constitui um corpo derivado das revelações feitas pelo Espiritualismo.

Muitas mentes conhecidas como espiritualistas não o fizeram. Alguns dos mais profundos pensadores desta época aceitaram o Espiritualismo, não apenas por tudo o que demonstra, mas por tudo o que implica, sabendo que outras partes do círculo são provadas pelo arco que possuem.

O segmento do círculo é o Espiritualismo; sendo este verdadeiro, os restantes segmentos seguem-se inevitavelmente.

Mas a maioria — o grosso dos espiritualistas — não chegou a essa conclusão.

Presentemente mostrarei porquê.

IMORTALIDADE SEM PRINCÍPIO

Há mais de trinta anos dissemos aos nossos auditórios em Washington, Nova Iorque, Londres e outros lugares que, sendo verdadeiro o Espiritualismo, aquilo que o precede e aquilo que dele se segue devem ser igualmente verdadeiros.

Por outras palavras: tudo o que pode ser conhecido a partir das premissas estabelecidas deve ser conhecido em ligação com o Espiritualismo, e tudo o que pode ser estabelecido a partir dessa base deve ser estabelecido, ou então nada existe nele.

Assim, muito cedo adotámos a posição de que, se a alma é imortal no futuro, então não faz sentido falar de uma imortalidade que tenha uma extremidade cortada; que a imortalidade não é imortalidade se tiver um princípio; que, quer comece com esta Terra quer com algum planeta milhares de eras antes e continue milhares e milhares de eras no futuro, o começo indica não-imortalidade.

Aquilo que é imortal não pode ter princípio; e que, se o Espiritualismo estabelece um estado futuro e, por inferência, um estado imortal, então a imortalidade deve ser completa; deve ser como um círculo ou uma esfera sem princípio.

Os espiritualistas demonstraram muito cedo que haviam caído num sulco ao rejeitar o pensamento da pré-existência e ao dizer, como alguns dos seus filósofos semi-materialistas lhes ensinaram, que o espírito possui a sua primeira personalidade ou individualidade, e até a sua origem, juntamente com o corpo.

Ao fazerem tal afirmação, entregam ao materialismo toda a questão.

Assim, os espiritualistas, não se entregando ao raciocínio mais rigoroso nem à analogia, e não estando abertos à inspiração adicional, tendo demonstrado o facto de que não existe morte do espírito, confrontaram a sua filosofia com o conhecimento de que não existe morte do espírito com a morte do corpo e de que o espírito continua a avançar indefinidamente a partir desse momento.

Quando estas afirmações vieram da vossa atual oradora — de que a dedução natural deveria ser que a alma, como entidade, sempre existiu, se como entidade existe sempre — os espiritualistas objetaram.

Mas pouco depois Allan Kardec, em França, ensinou sob inspiração e comunicação direta dos espíritos aquilo a que chamou “Reencarnação”, as vidas sucessivas na existência humana; os estados pré-existentes na Terra e noutros planetas.

Deu ao ensino místico da França e da Europa o nome conhecido como “Espiritualismo”, que por vezes é confundido com o que aqui se chama Espiritualismo.

As mentes francesas, italianas e outras mentes europeias estavam preparadas para esta ideia; mas os espiritualistas da Grã-Bretanha, em regra, opuseram-se-lhe, assim como a maioria dos americanos.

Ainda assim, como foi dito antes, os nossos próprios ensinamentos precederam a teoria kardecista.

Mais tarde, há cerca de vinte e cinco anos, surgiu aquilo que hoje é conhecido como “Teosofia”.

Ela inclui a teoria kardecista, de certo modo, mas é aquilo que a sua fundadora, Madame Blavatsky, e os seus seguidores imediatos consideram uma revelação distinta ou uma interpretação especial do pensamento primordial da Índia e do Oriente.

Tanto quanto podemos afirmar, pensamos que a Teosofia, durante o último quarto de século, representou a interpretação ocidental do Budismo, um Budismo filtrado através da mente anglo-saxónica.

Um Budismo incluindo outras proposições vindas do Oriente e também do Ocidente, relativas à vida humana, que os seus seguidores consideravam adequadas e perfeitas para explicar todos os estados e condições da vida.

Entre o Budismo propriamente dito e o Espiritualismo propriamente dito existe pouca comparação, pois enquanto o Budismo inclui o estado que se segue à existência terrena após a mudança chamada morte, e que tanto budistas como teosofistas denominam “Devachan”, esse estado não é considerado importante enquanto condição de expressão, mas apenas como o estado entre duas encarnações.

Nem Madame Blavatsky nem o Coronel Olcott e os seus seguidores deram especial ênfase ao estado após a mudança chamada morte, nem aos estados entre quaisquer duas encarnações sucessivas, até muito recentemente.

Madame Blavatsky fez a sua aprendizagem na investigação do Espiritualismo antes de anunciar a Teosofia.

Era bastante médium para fenómenos físicos, o que foi utilizado até certo ponto na Índia para enfatizar a sua teoria do “adeptismo”.

Essa mediunidade começou enquanto investigava fenómenos físicos ligados aos irmãos Eddy, em New Hampshire.

Durou durante algum tempo.

O Coronel Olcott, seu associado na Teosofia, também investigou ali e publicou um relato bastante elaborado dos resultados dessa investigação.

Mais tarde, quando e onde a inspiração ou ideia teosófica entrou na mente de Madame Blavatsky não está completamente registado.

Mas a vossa atual oradora conheceu-a quando ela estava casada com um adido de uma legação estrangeira vindo da Índia, homem muito versado na erudição indiana, com quem, sem dúvida, tinha muito em comum, e que deve ter-lhe transmitido muito do seu pensamento e das suas ideias orientais.

Se visitou a Índia com o marido ou separadamente pela primeira vez, não o sabemos.

Foi apenas depois desse casamento que anunciou a Teosofia e que se formaram as primeiras "Lojas", constituindo então uma ordem secreta.

A primeira Sociedade Teosófica não foi criada por Madame Blavatsky, mas organizada na casa do Sr. Henry J. Newton, destacado espiritualista de Nova Iorque.

Essa sociedade foi criada com o propósito de formar uma turma para ouvir algumas conferências sobre ensinamentos orientais e misticismo dadas pelo Professor Felt.

Madame Blavatsky, como espiritualista, estava entre os que aderiram a essa turma.

Emma Hardinge Britten e vários outros espiritualistas proeminentes pertenciam-lhe.

A vossa atual oradora possui uma reprodução exata do documento original de fundação dessa sociedade e os nomes dos membros originais a ela associados.

Consequentemente, nessa época Madame Blavatsky não poderia possuir qualquer desse pensamento oriental, nem conhecimento daqueles "poderes ocultos" e misteriosos que mais tarde pareceram entrar na sua posse, pois ela era uma das ouvintes que se propuseram tornar-se discípulas do Professor Felt, que era um erudito orientalista.

Depois de duas ou três lições, pelas quais o Professor Felt tinha sido pago — na verdade, havia sido pago pela série inteira — desapareceu; quer se tenha desmaterializado quer entrado no "astral", nunca a turma soube o que lhe aconteceu.

Mas apenas algum tempo depois é que se formaram as "Lojas" da Teosofia, e isso ocorreu há menos de um quarto de século.

O ESPIRITUALISMO PRECEDEU A TEOSOFIA

Somos tão precisos ao fazer esta afirmação não para desacreditar a Teosofia, mas para mostrar que tudo aquilo que existia no mundo naquele tempo acerca do espírito humano e acerca do poder manifestante do espírito não estava ligado à Teosofia.

Que existia no mundo é demonstrado pelo facto de Henry J. Newton e aqueles que formaram aquela turma, a que deram o nome de Sociedade Teosófica, serem todos espiritualistas nessa época, e já o fossem há muitos anos.

Além disso, a mente ocidental tinha-se gradualmente preparado para o pensamento oriental na escola do intelecto da Nova Inglaterra, nas Convenções ou Congressos de Livre Religião, onde Thomas Wentworth Higginson introduzia frequentemente — sempre que lhe era permitido — representantes das religiões orientais, incluindo o maometismo, tudo o que se conhecia da religião parse e especialmente o Budismo.

Além disso, naquela época havia muitos visitantes do Oriente, e aqueles que ali apareciam eram aceites por essa Associação de Livre Religião.

Uma senhora cristã devota disse, com grande perturbação na voz:

"Cada religião tem oportunidade de se apresentar aqui nestas Reuniões de Livre Religião, exceto o Cristianismo."

Naturalmente isso não era verdade, mas a senhora estava muito impressionada com a ideia de que todas aquelas religiões orientais estavam a ser introduzidas, formando, na sua mente analítica, uma comparação com a causa do Cristianismo, que lhe parecia ter apenas um representante entre todas aquelas diferentes religiões orientais.

Seguiu-se então, como todos sabeis, a magnífica interpretação de Sir Edwin Arnold, no seu *Light of Asia*, lançando uma torrente de luz sobre a vida e a obra do grande Mestre, Gautama Buda. Eruditos, estudantes e todos os que seguiam os seus passos acolheram-na como uma luz adicional sobre aquelas maravilhosas e belas revelações.

A Teosofia surgiu precisamente nesse momento em que a mente ocidental começava a despertar para o pensamento das religiões orientais, e em que os sectários dos países cristãos começavam a ser levados a considerar que outras religiões também eram inspiradas, que outras almas haviam sido salvas além daqueles que tinham tido o privilégio de ouvir os ensinamentos da Luz de Nazaré.

A TEOSOFIA COMO CULTO SECRETO

A Teosofia foi formada na atmosfera de que falámos; com o Espiritualismo a abrir caminho, quebrando primeiro o terreno da antiga teologia; com o Espiritualismo alcançando o domínio que permanecera oculto, misterioso e ocultista, havia pouco

risco e muita glória em interessar as pessoas pelos ensinamentos ainda mais misteriosos, mais profundos e mais ocultos do Oriente.

O Espiritualismo, porém, era aberto; as "sessões" não eram fechadas a quem procurasse admissão; não havia mistério na mediunidade, exceto aquele mistério que pertence a todo o assunto ainda não plenamente estudado; nada havia que pudesse fazer parecer que espiritualistas ou médiuns, ou qualquer pessoa recebendo esta mensagem, fossem diferentes ou separados das pessoas comuns.

Não sucedia o mesmo com a Teosofia.

Tratava-se, à primeira vista, de um culto secreto; os seus mistérios destinavam-se aos "iniciados", aos adeptos. O seu ensinamento, no início, limitava-se aos pertencentes a uma ordem secreta ou que estivessem, de certa forma, sob um compromisso secreto.

Madame Blavatsky, após a dissolução da primeira Sociedade Teosófica, devido ao desaparecimento do Professor Felt, adotou esse nome para a sua ordem secreta.

Formou "Lojas" em Nova Iorque, depois em Londres e noutras cidades.

Essas Lojas foram as únicas que inicialmente receberam os ensinamentos da Teosofia; mais tarde, naturalmente, os ensinamentos gerais tornaram-se mais públicos, mas os ensinamentos "esotéricos" ou "internos" nunca foram concedidos exceto aos "iniciados".

Quanto ao "adeptismo", isso era algo quase desconhecido; contam-se muitas histórias diferentes acerca das diferentes condições mentais dos vários teosofistas que foram mais ou menos iniciados nos mistérios dos "adeptos" da Índia.

Conhecemos toda a história, mas dificilmente vale a pena repeti-la em detalhe, pois seria pouco proveitoso.

A Teosofia, enquanto movimento, tomou posse daquela parte da mente ocidental que desejava saber algo mais acerca da outra vida do que aquilo que o Cristianismo revelava, mas que ainda não estava inteiramente pronta para identificar-se com o Espiritualismo.

Os espiritualistas cometeram o erro de supor que nada mais poderia ser aprendido depois de resolvido o problema relativo à morte.

Os teosofistas cometeram inicialmente o erro de subestimar a influência que o Espiritualismo exercera e estava a exercer sobre a teologia da mente humana.

Quando a Sra. Besant entrou na Teosofia, veio das fileiras dos "Secularistas".

Passar diretamente do materialismo para o ocultismo e a Teosofia é um salto vigoroso; um processo de revolução interior que poucas mentes conseguem experimentar.

Mas a Sra. Besant chegou com todo o vigor da sua inteligência e todo o poder da sua análise, aceitando por convicção — primeiro, provavelmente por intuição, e depois, mais tarde, por análise — aquilo que adotou.

É em parte devido a ela que os teosofistas atuais atribuem maior valor ao que se conhece como Espiritualismo.

Na sua segunda visita a este país, a Sra. Besant tinha claramente modificado muito das suas opiniões e dava maior importância aos estados para além da mudança chamada morte do que Madame Blavatsky.

Os seus seguidores falam muito mais da influência dos espíritos nesses estados sobre as vidas mortais.

Descobrireis que o distinto visitante atualmente na vossa cidade — o Sr. Leadbeater, de Londres, teosofista — liga grande parte do seu discurso ao estado após a mudança chamada morte, reconhecendo as exigências que o Espiritualismo levantou e admitindo, com inteira justiça, a resposta que o Espiritualismo deu.

O falecido Professor Elliot Coues, um dos mais intelectuais estudantes deste país, possuindo provavelmente mais títulos científicos e honorários conferidos por sociedades científicas e literárias do que qualquer outro homem, quando foi presidente da Sociedade Teosófica deste país, há alguns anos, visitou esta cidade e foi convidado a proferir uma conferência teosófica numa das igrejas ortodoxas.

Toda a conferência foi, na realidade, uma exposição do que o Espiritualismo havia feito nesta época, e mal chegou a abordar propriamente a Teosofia, chamando-lhe antes pelo seu verdadeiro nome: Espiritualismo.

Grande número de membros da igreja ficou indignado; tinham ido ouvir uma conferência sobre “Teosofia” e acabaram por ouvir uma sobre Espiritualismo.

O professor respondeu, e com inteira justiça, que precisava declarar o que o Espiritualismo tinha realizado.

Nem sempre é verdade que os teosofistas admitam isto.

Também não foi sempre verdade — nem o é agora — que os primeiros ensinamentos, parte essencial da proposição teosófica, dessem especial atenção àqueles espíritos que se encontram nos estados intermédios entre as encarnações na Terra.

Todo esse domínio foi trazido à luz, discutido e realmente revelado pelo Espiritualismo.

E afirmamos que todos os domínios que o Espiritualismo abriu deveriam ter sido proclamados pelos espiritualistas.

Que eles foram proclamados por espiritualistas individuais já o afirmámos há alguns momentos.

PSICOSOFIA

Mas enquanto a Teosofia cresceu até admitir o valor destas comunicações e ministrações como vindas através do Espiritualismo, os espiritualistas, como corpo coletivo, não cresceram até admitir o valor dos ensinamentos que dávamos antes da Teosofia e que a própria Teosofia, em parte dos seus ensinamentos, adotou sob o nome de Psicosofia, ou Ensinamentos da Alma.

A alma, sendo imortal, deve inevitavelmente ter preexistido tal como continuará a existir — sendo já admitido pelos espiritualistas que ela existe após a morte do corpo; o que demonstra a inevitável necessidade de mais do que uma expressão da vida humana, se a vida humana tiver algum valor.

Os espiritualistas querem parar aí; querem limitar a expressão a uma única existência humana, porque se supõe que esse estado humano constitui a identidade.

A falta de conhecimento manifesta-se em toda a filosofia mental, bem como em toda a revelação; pois se a existência humana determina a identidade, então a morte do corpo poderia destruí-la, e inevitavelmente o faria.

Aqui damos as mãos, fazendo prevalecer a nossa reivindicação juntamente com os teosofistas.

Aqui o psicosofista e o teosofista devem inevitavelmente concordar.

Os espiritualistas tornam-se presos aos seus ídolos como as outras pessoas; prendem-se aos seus credos e crenças como os demais.

Não desejam ser perturbados no seu mundo espiritual mais do que os frequentadores das igrejas desejam ser perturbados no seu céu ortodoxo; todos os seus afetos e família movem-se nesse mundo espiritual e esperam reunir-se ali e possuir um lar material, tão material quanto o reino celeste da interpretação literal.

Ter esse lar desfeito, mover-se para alguma fraternidade mais ampla, mais elevada e mais grandiosa — isso não lhes agrada.

Naturalmente, o Espiritualismo é suficientemente vasto para a mente humana; não duvidamos de que haja nele matéria suficiente para ocupar várias centenas de encarnações em estudo. Mas, se algo é verdadeiro e foi negligenciado, algo que explique de forma mais perfeita a vida humana e a vida espiritual sem destruir nenhuma delas, então é uma grande vantagem conhecê-lo.

Como já demos esta ilustração várias vezes, tereis paciência se a repetirmos. A descoberta de um novo planeta não perturba o sistema solar. Naturalmente, os vossos antepassados opuseram-se energicamente à mudança da Terra plana para a Terra redonda e ao facto de ela se mover continuamente; opuseram-se à ideia de o Sol ser o centro em vez deste pequeno mundo. Mas vós deslocastes os vossos centros de acordo com o vosso conhecimento.

Se a alma é o centro da vida em vez do corpo, e o Infinito é o centro espiritual de todas as almas, isso resolve todo o problema da existência, tal como o Sol, sendo o centro, resolve o problema do sistema solar, e o Sol mais distante resolve o problema de todos os sistemas.

Pensai como se torna mais fácil compreender o que é a existência nesses planetas quando conheceis a sua verdadeira relação com o Sol; e como se torna mais fácil compreender a existência da alma no seu estado terreno de expressão e no seu estado espiritual, e em todos os seus estados de expressão, quando conheceis a relação de uma expressão com o todo.

Mas:

"Oh", dizem as pessoas, "eu não quero perder a minha identidade."

Então respondemos muitas vezes: uma identidade que pode perder-se não vale a pena ser possuída.

Se a vossa identidade é o vosso corpo, ela está perdida de sete em sete anos, mais ou menos, segundo a ciência.

Se a vossa identidade é o vosso corpo, então perde-se assim que o corpo morre — e o materialista tem razão.

Se a vossa identidade sois vós próprios, então todos os corpos que possais ter não destruirão a vossa identidade.

Aqui devemos discordar, enquanto psicosofistas, dos teosofistas.

Em nenhum dos livros ou ensinamentos da Teosofia a alma é enfatizada e declarada como entidade imortal.

A alma (segundo a Teosofia) começa como uma centelha do Infinito; a alma encontra expressão, ou encarnação — para usar a fraseologia técnica teosófica — na vida terrena ou planetária; a alma encontra sucessivas reencarnações.

Mas afirma-se também que, sob a lei do "Karma" ou "Kerna", como os hindus o pronunciam, essa alma, essa centelha, esse sopro, pode perder-se, ser obliterado, aniquilado pelo "mau Karma".

Na nossa opinião, isto é uma grave falha da Teosofia.

Os jainistas que visitaram este país durante o "Parlamento das Religiões" disseram à vossa presente oradora:

"Os jainistas diferem dos budistas; os budistas acreditam que a alma não é uma entidade imortal, mas apenas parte da expressão do Infinito e regressa ao Infinito. O jainista acredita que a alma é uma entidade, exatamente como ensinais na vossa Doutrina da Alma."

A nossa afirmação é que não existe valor numa expressão de uma "centelha do Infinito" que possa perder-se em quaisquer circunstâncias.

Que o valor primordial da expressão reside naquilo que a expressão pode oferecer; e que, se existirem quaisquer circunstâncias ou condições pelas quais, como centelha, essa expressão possa ser apagada, então toda a proposição se torna inválida.

Assim como a teologia cristã é invalidada pela perda de uma única alma.

O nosso ensinamento é: a alma é uma entidade eterna.

Não o Infinito, a entidade omnisciente e omnipresente que é Deus, mas semelhante a Deus em qualidade e perfeição; e nenhuma mudança, condição, expressão, ambiente ou manifestação pode manchar ou destruir a alma.

Nenhuma individualidade poderia ser produto da alma enquanto mera porção ou centelha da alma infinita e, portanto, não pode perder-se.

Todas as expressões em sucessivas encarnações, como lhes chamamos, são expressões para as manifestações dessa entidade, que adquire experiência na vida; quer numa ou em várias esferas, nada se perde, nada é anulado.

Os espiritualistas, ao fazerem a entidade começar com o corpo humano, destroem a lógica da imortalidade, porque ela não pode possuir imortalidade apenas no futuro.

A eternidade não é tempo futuro; a eternidade não é passado nem futuro, mas para sempre.

Assim, no ensinamento da Psicosofia incluímos tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será.

Tal como a proposição infinita inclui passado, presente e futuro.

Como proposição relativa à alma, saudamos aquela Teosofia que inclui o Espiritualismo, pois ela ajudou a preparar o caminho para a grande luz e conhecimento que o mundo alcançará acerca da alma.

Mas advertimos os espiritualistas, como já o fizemos muitas vezes:

Permitistes que a “Ciência Cristã” tomasse grande parte da vossa demonstração e grande parte da vossa filosofia de cura; permitistes que as sociedades de “Pesquisa Psíquica” se apropriassem dos vossos factos; e permitistes que a Teosofia tomasse posse da vossa filosofia.

O Espiritualismo tinha tudo isso ao seu alcance.

Mas porque as pessoas tendem a restringir as suas crenças aos seus desejos atuais; porque limitam as possibilidades do pensamento e da esperança às suas necessidades humanas imediatas — tal como um homem faminto esquece os outros e a sua necessidade de alimento enquanto pensa apenas nas próprias necessidades físicas — também hoje os espiritualistas absorveram avidamente as mensagens do mundo espiritual e deixaram passar sem atenção as grandes proposições relativas à vida imortal.

Nada pode resolver os problemas da vida, caros amigos, a menos que possuais a proposição completa.

Por mais importante que seja a aritmética, a geometria deve seguir-se, ou a aritmética teria pouco valor.

Não podeis permanecer sempre nos pequenos números.

Não podeis estudar eternamente os elementos primários da linguagem contidos no alfabeto; dizer eternamente “A B C” destruiria toda a vossa ideia de educação como resultado de progresso contínuo.

A criança que passou das vossas perceções imortais aprende mais coisas na vida espiritual do que apenas responder continuamente à pergunta:

“Os espíritos podem comunicar?”

Mas tendes tanta fome — é fome do coração, admitimo-lo; desejais estas mensagens, desejais estes amigos especiais — mas, oh!, que avenidas de luz, que vastos horizontes de conhecimento, que tesouros poderiam abrir-se perante vós se estivésseis preparados.

Muitas vezes procurais aquilo que se aplica às riquezas e prosperidade da existência humana; muitas vezes procurais alguma mensagem material, algo que sirva ao vosso bem-estar físico, em vez de abrir os tesouros da vida imortal.

Pede-se aos vossos amigos espirituais que desçam e abram os tesouros da Terra, como se já não tivésseis perseguido suficientemente esse propósito na existência humana.

Asseguramos-lhes: necessitais de tudo o que existe na Teosofia, no Espiritualismo, na Psicosofia, em tudo o que se relaciona com a alma e o seu destino,

para resolver até os menores problemas da vida humana; quando esse problema é submetido ao teste da solução perfeita, deixa de ser mistério.

Os teosofistas deram e continuam a dar grande contribuição a esse conhecimento, mas descobrem as suas limitações e corrigem-nas apressadamente.

Assim, os espiritualistas, receando perder o casaco que vestiram até o tornar gasto, receando não serem reconhecidos pelas mesmas feições humanas imperfeitas que usam aqui, receando que nomes particulares como “Smith”, “Jones” ou “Brown” não sejam os nomes pelos quais serão conhecidos no mundo espiritual, rejeitam a individualidade maior da alma para se mascararem através da eternidade na semelhança desta expressão imperfeita.

Não aceitam a grande proposição do destino imortal da alma para que esta pequena, débil e limitada existência seja absorvida.

Mas perguntareis: se for absorvida?

Tudo o que nela possui verdadeiro valor continua a ser vosso; apenas aquilo que nada vale é deixado para trás.

Não levareis através da eternidade mais o invólucro vazio da vida passada do que o pássaro leva a casca do ovo quando voa cantando.

Podeis abandonar tudo o que é transitório, tudo o que serve apenas aos usos da vida diária; até os vossos sofrimentos, que serviram para vos refinar, fortalecer e elevar, não precisam acompanhar-vos por toda a eternidade.

Já é suficiente ter aqui a dor de cabeça da semana passada; continuais a pensar nela e a agarrar-vos a ela até que outra miséria a substitua; amais as vossas sombras, a menos que haja razão suficiente para que elas continuem até as esquecerdes interiormente.

A MUDANÇA INTERIOR

Uma senhora que conhecíamos, atravessando grandes dificuldades porque as suas circunstâncias exteriores eram muito deprimentes, perguntou-nos se não haveria mudança possível.

Respondemos apenas com palavras de encorajamento:

“Oh, sim, dentro de um ano tudo será diferente.”

Não houve mudança no que dizia respeito à melhoria exterior; fisicamente tudo parecia ainda mais sombrio; mas um dia apareceu com semblante radiante e disse:

“Está tudo exatamente como disse.”

"Porquê? O seu marido conseguiu posição melhor? As suas circunstâncias mudaram?"

"Nem um pouco", respondeu ela, "mas eu mudei."

É esta regeneração interior que constitui toda a mudança real.

A matéria está continuamente a mudar, despindo as suas antigas vestes e revestindo-se de novos trajes de luz.

Estas flores existem apenas um dia para mostrar quanta glória existe nessa mudança.

A grande maré da vida que prossegue eternamente não se preocupa que estas folhas se tornem castanhas e secas e que as pétalas murchem.

Pensai no mundo em que, se fosse possível, todas as formas durassem para sempre!

Então desejaríeis terramotos e vulcões; tempestades e ciclones ocupariam os vossos pensamentos para mudar as coisas.

É porque as coisas não duram eternamente que a imortalidade é suportável — ou mesmo a própria ideia dela.

Se as coisas durassem para sempre, a vossa imortalidade seria uma servidão perpétua.

Mas as coisas são apenas usos; são etapas, estágios nesta peregrinação mortal.

Só entrais em contacto com as coisas na ação e reação recorrentes; a própria vida terrena sendo uma expressão, a morte um alívio das coisas, e o conhecimento disso uma alegria.

Na verdade, vida e morte são o contacto com as coisas e a procura de libertação da matéria.

MAÇONARIA
A SUA ORIGEM, HISTÓRIA E UTILIDADES

Chicago, Domingo, 26 de Fevereiro de 1888

Não existe qualquer palavra-passe exclusiva na Maçonaria moderna, nem há nela algo de místico, misterioso ou terrível.

Os princípios essenciais da Maçonaria foram tornados públicos e são conhecidos por todos os que desejem conhecê-los.

A origem da Maçonaria, tal como declarada pelos próprios maçons, pelas suas tradições e rituais nas lojas, deve ser objeto de raciocínio ou investigação individual, ou então não deve ser questionada de todo.

Muito do que pertence à Ordem não só interessa ao público em geral, como também é valioso para aqueles que estão familiarizados com o simbolismo antigo, ao traçar a ligação entre a erudição antiga e a moderna Ordem da Maçonaria.

Aqueles que esperam ouvir algo relativo aos mistérios ou segredos destes ritos ficarão, naturalmente, desapontados; mas é possível que até os maçons presentes beneficiem ao receber alguma sugestão adicional acerca daquilo que lhes foi dito com toda a solenidade: que remonta ao início da construção do templo de Salomão e foi trazido para Jerusalém por Hiram Abiff, o grande fundador da Maçonaria, o construtor do Templo.

Indubitavelmente existem espíritos, dentro e fora da Ordem, que acreditam que a organização atual pode ter tido origem em algumas das antigas guildas; como talvez já saibais, em Inglaterra e em toda a Europa, depois de o trabalho ter sido escravizado, todas as espécies de ofícios artesanais eram protegidas, mesmo sob sanção das monarquias, por ordens ou guildas.

Apenas os cidadãos livres da raça anglo-saxónica se vangloriavam de nunca terem sido escravos porque herdavam a terra. Os trabalhadores, aqueles que executavam qualquer tipo de trabalho manual, eram mantidos em servidão, tal como as nações conquistadas, e sob os antigos reis saxões eram servos, semelhantes à servidão que existiu recentemente na Rússia.

Os que trabalhavam como pedreiros eram isentos — referimo-nos aos pedreiros operativos, os maçons que construíam palácios, igrejas, catedrais e cidades.

É indubitavelmente verdade que estes se organizaram em sociedades ou guildas, com sinais, palavras-passe, etc., e viajavam de lugar em lugar; naquele tempo de civilização relativamente pequena existiam poucas grandes cidades para construir; ocasionalmente erguia-se uma catedral, e em cada uma dessas ocasiões devia haver um mestre que compreendesse arquitetura; depois haveria membros, maçons operativos, que penetravam por toda a Europa daqueles dias.

Que estes deviam ter um propósito comum comprova-se pelo facto de ainda existirem ruínas bem preservadas e arcos restaurados de catedrais, abadias e igrejas em Inglaterra construídas já nos séculos X, XII e XIV.

Um italiano veio para Inglaterra no século XIII cuja arquitetura era perfeita. Ainda permanecem vestígios da mais extraordinária arquitetura e escultura que ele executou com as próprias mãos.

Supor que aqueles envolvidos em tal trabalho estavam sujeitos às mesmas vicissitudes do trabalhador comum é impossível; daí se saber que durante toda a Idade Média existiram guildas de maçons operativos.

Por algum tipo de transformação nascida da liberdade das nações, da maior liberdade existente entre as classes trabalhadoras, a guilda dos maçons operativos certamente já não está atualmente associada à ordem dos maçons livres; mas, se é verdade, como os maçons afirmam, que a sua Ordem remonta ao tempo da construção do templo de Salomão, então também pode ter-se associado de algum modo aos maçons operativos da Idade Média.

A nossa ideia é que ambas as afirmações são comparativamente verdadeiras.

A nossa teoria pode ou não ser aceite, mas pensamos certamente que a guilda e a Ordem têm origem comum.

A guilda dos maçons possui precisamente os mesmos símbolos que a ordem maçónica possui hoje, e os mesmos símbolos encontram-se nos antigos templos de Jerusalém e nas mais antigas inscrições egípcias.

Esses símbolos devem ter estado associados à Ordem superior — queremos dizer com isto a ordem da Maçonaria ideal — que preservava o iniciado através de certos sinais e símbolos secretamente colocados à sua guarda; e que também protegia pela sua presença o pedreiro operativo da pobreza e da escravidão que os trabalhadores de todas as terras sofreram até muito recentemente, mesmo sob civilização cristã.

Se for verdade, como se supõe, que o rei Hiram levou consigo para Jerusalém certo número de maçons operativos para construir o Templo; se é verdade que iniciou os sacerdotes do Templo nos ritos sagrados da ordem secreta, então também deve ser verdade que ele traiu, em certa medida, os segredos da Ordem tal como eram conhecidos ou preservados no Egipto, porque ali as inscrições encontradas no templo de Jerusalém eram consideradas muitíssimo sagradas e só podiam ser transmitidas aos sacerdotes de certos graus no Egipto.

A nossa teoria é esta: tal como o mundo civilizado necessitou da maçonaria operativa, também a guilda dos maçons operativos foi protegida enquanto necessário sob a bandeira e asa da Maçonaria superior; mas que, por trás do pedreiro operativo, existia uma Ordem secreta ainda maior e mais divina, pertencente àqueles familiarizados com os símbolos cabalísticos da igreja hebraica; que a própria Cabala — e, na verdade, todas aquelas ordens secretas existentes no Oriente — encontraram entrada em Jerusalém e daí passaram para a civilização ocidental.

Todas estas coisas estiveram, em certo grau, associadas à fundação da Maçonaria, mas não tinham ligação então com a guilda dos maçons, sendo conhecidas por vários nomes sagrados, desde a Ordem de Melquisedeque até ao presente.

A nossa ideia é também que o verdadeiro fundamento dos símbolos e princípios, e a base da Maçonaria ideal, deve encontrar-se no Egipto.

Ali se encontram todos os símbolos adotados pela ordem moderna: o círculo, o plano, o esquadro, o triângulo, a estrela de seis pontas (ou triângulo duplo).

A esta última foram atribuídos diversos nomes e virtudes que substituíram os antigos nomes da Divindade.

Na nossa opinião, a introdução do Selo de Salomão, ou estrela de seis pontas, é uma inovação nascida da ignorância judaica quanto ao significado interior egípcio da estrela de seis pontas.

Acreditamos que o três e o duas vezes três, o três vezes três, o quatro vezes três — que significa a estrela de doze pontas (o símbolo mais elevado da Maçonaria) — existiam todos nos antigos símbolos cabalísticos; eram numerados nos Sephiroth e nomeados nos Shemoth; que as várias designações da Coroa e do Reino (pertencentes na Maçonaria ao Trono de Salomão) são a Coroa da sabedoria, o Trono da sabedoria, o Rei da sabedoria; e que as interpretações reais constituem a verdadeira chave para a solução do mistério deste Selo Sagrado.

Não há dúvida de que a Maçonaria foi transmitida através de dois canais distintos: pelos hebreus, que compreendiam corretamente, entre os cabalistas, o significado dos símbolos mas não podiam transmiti-lo àqueles que eram simplesmente operativos na maçonaria exterior, nem ao povo; e através da Fenícia e da Grécia para a Europa moderna, até que ambos se combinaram.

Sabeis pouco desta Ordem, exceto que, tanto quanto se pode seguir a sua história, ela existiu sem credo, distinção de raça, cor ou condição; que tem sido solvente de dificuldades nacionais e pessoais; que reconciliou reis e países; que tem sido extremamente liberal na sua profissão de humanidade; que os seus fundamentos são as virtudes essenciais; que a sua principal fundação está na caridade, no amor e na verdade; e que a sabedoria é a base de toda a compreensão.

Além de tudo isto, sabeis também que, embora em alguns períodos da Igreja Católica Romana ela tenha sido favorecida pelos papas — os quais foram eles próprios iniciados nos mistérios da Ordem — a Igreja Católica Romana acabou por tornou-se ciosa do seu poder e colocou-a sob proibição. Na civilização moderna ela já não é reconhecida pela Igreja Católica Romana; embora existam, indubitavelmente, muitos membros individuais do sacerdócio pertencentes a esta ordem tão misteriosa.

Durante toda a Idade Média e nos primeiros tempos da história da Igreja, ela foi aceite, e acredita-se que é devido à Maçonaria — e à presença na Ordem de muitos

sacerdotes e papas — que muitos desses antigos símbolos foram preservados; mas os maçons dificilmente se ofenderão se declararmos que o significado original desses símbolos se perdeu, e que só pode ser reencontrado rastreando o significado original e antigo dos próprios símbolos.

Descobertas recentes no Egipto, e o rastreamento dessas descobertas até à construção do templo de Salomão, provam que os símbolos egípcios e os símbolos existentes no Santo dos Santos do templo de Salomão são os mesmos; essa semelhança prova que a solução última de ambos deve ser igualmente a mesma, quer matemática, quer pertencente aos sinónimos místicos do nome de Deus; e que outros nomes foram substituídos por estes últimos, porque seria profano transmitir quer os sagrados *Shemoth*, quer os sagrados *Sephiroth*, às massas exteriores e não iniciadas da humanidade; estes foram, portanto, transformados em virtudes. Essas virtudes formam os princípios cardeais ou a própria base da Ordem.

Existe então, no antigo ritual egípcio, aquilo que claramente traça a origem da Maçonaria ideal.

O plano ou nível sobre o qual todos os maçons se encontram — ou deveriam encontrar-se — é a linha básica da pirâmide, tal como também é a base de todo o cálculo geométrico; no triângulo, os dois lados formam as duas linhas equiláteras que, acrescentadas à primeira, compõem a solução completa do círculo.

Até o triângulo ser descoberto, o quadrado era a única solução do círculo (e mesmo assim apenas aproximadamente), tal como o quadrado é também um dos símbolos essenciais da maçonaria operativa, e o triângulo constitui a base de todas as formas piramidais de construção.

Não é estranho que a maçonaria operativa, através das guildas, e a Maçonaria ideal, matemática e sagrada, tenham sido confundidas; nem é estranho que, na Idade Média, durante a civilização inicial da Europa, estas duas correntes se tenham misturado em certa medida sob a proteção da Ordem superior.

Acreditamos, contudo, de forma muito positiva, que na origem da Maçonaria ela não foi destinada à maçonaria operativa, mas antes a transmitir, geométrica e matematicamente, à mente humana os princípios essenciais da arquitetura do universo como base da erudição e aprendizagem divinas; e, através de símbolos, transmitir um significado superior àquele que era meramente incidental à execução mecânica da construção exterior.

Como base de todas as coisas, aquilo que é nivelado, aquilo que é plano, aquilo que encontra o olhar no horizonte, aquilo que forma a base de toda a edificação deve ser tomado como o único padrão do princípio das coisas.

Assim, até que o triângulo fosse descoberto, o quadrado devia ser considerado a solução do círculo, que era a consumação de todas as coisas.

Entre os antigos, os quatro lados do quadrado recebiam nomes sagrados; era considerado a base de todo o culto; isto é o mesmo nas religiões orientais e bramânicas, sugerindo a ideia de que este mesmo simbolismo pertencia às nações bramânicas e também formava a base da preservação das quatro qualidades da Divindade bramânica (os três e o um que forma o quarto).

Existe muito nos vários símbolos da maçonaria operativa que sugere que todos os símbolos e instrumentos mecânicos aqui utilizados eram usados no sentido de suplementar e tornar mais claras as virtudes humanas através de linhas familiares de interpretação, e não pretendiam estar associados à operação particular da construção em si.

Qualquer linha de raciocínio ou de história que escolhais aceitar, é certamente um facto notável que neste século XIX — que parece trazer a solução de todos estes problemas — estes símbolos tenham sido trazidos à luz desde o Egipto e do Oriente; e que correspondam exatamente em sentimento, embora não em linguagem, à interpretação mantida pelos maçons.

Quer estes tenham sido tomados da Cabala, que os introduziu na Maçonaria, quer a própria Maçonaria fosse conhecida no Egipto e tenha sido levada para Jerusalém e depois distribuída pelo mundo ocidental, sereis vós os juízes.

Pensamos que existem duas correntes, como já dissemos, pelas quais a verdadeira e a falsa maçonaria foram transmitidas.

Uma linha vem através da Fenícia e da Grécia até Roma e à Europa; a outra através de Jerusalém e da Cabala hebraica para a história dos hebreus e daí para a Europa; e que ambas as correntes se fundiram algures no início da era cristã.

Os fundamentos da Maçonaria moderna são, naturalmente, de natureza moral e relacionam-se com o Infinito; com a fraternidade humana; com a extensão da caridade, da bondade e da boa vontade para com todos.

Esses fundamentos constituem igualmente as bases das mais elevadas religiões do mundo.

Mas o grande mérito associado à Maçonaria é que ela tem permanecido excecionalmente livre de dogmatismo e credo; embora introduzida em todos os países, sob todos os climas, nunca houve insistência numa linha particular de credo ou dogma.

A organização da Maçonaria existe em Lojas, Capítulos e Acampamentos.

A Loja Azul, que constitui a antiga fundação da Maçonaria, contém todos os princípios essenciais.

Os Capítulos e Acampamentos parecem-nos graus ornamentais, provavelmente introduzidos após o advento do Cristianismo com o propósito de propiciar papas e reis, especialmente para que não suprimissem a Ordem original.

A Loja Azul possui três graus: Aprendiz Admitido, Companheiro e Mestre Maçom.

Nestes devem incluir-se todos os princípios cardeais da Maçonaria.

No que diz respeito aos capítulos e acampamentos, eles não são essenciais nem místicos, mas relacionam-se com ideias suplementares, incorporadas sem dúvida por reis e governantes particulares que desejavam tornar a Ordem um pouco mais exclusiva e também honrar certos favoritos nas suas cortes ou domínios com a concessão dos novos graus da Ordem.

Esses graus superiores não acrescentam nova luz nem poder iluminador além dos primeiros três graus que nomeámos; e, no que respeita a esses três graus, os próprios maçons concordarão que a solenidade da iniciação, a importância da vida humana e os diversos preceitos morais são, em si mesmos, suficientemente vinculativos para produzir uma renovação e reforma mundiais, se fossem realmente praticados.

É sem dúvida verdade que, em muitas épocas em que a barbárie ainda existia, quando havia comparativamente poucos graus de civilização, quando o mundo inteiro estava talvez à mercê de reis e governantes, isto se tornou uma grande proteção para a vida humana, para a virtude humana e para as posses humanas; e pensamos que, em determinado tempo, constituiu quase o único método de preservar os símbolos e alguma parte das suas derivações, cujos significados estão agora a ser interpretados em todo o mundo.

Estamos, contudo, perplexos em descobrir que, neste século XIX, a Maçonaria — para além do seu prestígio, da sua influência antiga, da confraternização de camponês e rei — possa ter algum valor especial entre cristãos e espíritos iluminados.

Se a razão está ligada pelo laço da fraternidade ao seu companheiro maçom, não estará a humanidade ligada pelo vínculo comum da fraternidade humana?

Se antes do advento da religião cristã era necessário que nas nações civilizadas existisse proteção adicional além daquela concedida por reis e governantes, certamente aqueles que seguem os ensinamentos de Cristo e o Sermão da Montanha não necessitam de outro incentivo para a fraternidade e bondade mútuas; mesmo que estejam desgostosos com os credos e dogmas da Igreja, a voz comum da humanidade, o elevado esclarecimento da época presente, faz de cada lugar de reunião — ou deveria fazê-lo — uma loja de Maçonaria: boa convivência, fraternidade, caridade e todas as mais elevadas virtudes.

É indubitavelmente verdade que, nos tempos modernos, as qualidades que outrora adornavam aqueles que obtinham admissão nesses ritos misteriosos já não são exigidas com o mesmo rigor.

Houve um tempo em que, tal como os Cavaleiros da Távola Redonda do rei Artur, ninguém podia ser admitido exceto os mais honrados, os mais elevados em

virtude, os mais leais ao seu rei, os mais exemplares na vida quotidiana, os mais verdadeiros no amor à noiva ou esposa; isto formava o padrão dos Cavaleiros da Távola Redonda; nos antigos tempos, formava o padrão daqueles admitidos nas mais elevadas ordens da Maçonaria.

Hoje supõe-se que continue a formar esse padrão, mas todos sabem que isso não é literalmente verdade; que a humanidade já não é posta à prova como nos tempos antigos antes da entrada nesse grau; porque o mundo inteiro impõe maiores exigências: fora dessas ordens existem tantas exigências de virtude humana quanto dentro de qualquer organização secreta.

Acreditamos, contudo, que todas estas organizações associadas levaram a humanidade a contemplar a possibilidade da fraternidade humana e que, em meio de guerras, contendas, diferenças de posição, grandes perigos e calamidades, conduziram o homem através de todos esses perigos com grande segurança.

Consideramo-las valiosas se alguém necessita do escudo da força, da proteção ou assistência de uma organização secreta.

Mas por que motivo deveria alguém necessitar disso neste tempo de esclarecimento, quando a imprensa pública, o mais elevado padrão da literatura e a própria sociedade deveriam exigir que todos os que entram no seu círculo sagrado fossem tão exemplares na vida quanto se espera do mais exemplar dos maçons?

Contudo, deve permanecer questão de opinião individual se esta sociedade, ou associação, ou qualquer outra organização secreta, possui atualmente valor social ou moral.

Houve um tempo em que ela poderia ter governado a política do mundo; já não pode fazê-lo.

Houve um tempo em que reis e sacerdotes, papas e governantes, podiam ser unidos pelo seu poder; esse tempo passou.

Mas ainda existe espaço para aqueles que necessitem do seu impulso, da sua aspiração, para auxiliá-los a levar avante alguma grande obra na vida, o mais elevado desdobramento da natureza individual.

Pode ser que ainda seja necessária.

Para aqueles que são comparativamente iluminados, cujas mentes já ultrapassaram os estreitos limites dos remédios externos, existe pouco nela que não encontrem mais atraente noutros trabalhos e noutras fontes mesma solução da vida; porque as forças ocultas e secretas existentes no mundo de hoje revelam não apenas os antigos mistérios da Maçonaria, mas também aquilo que conduz para além de qualquer forma ou ordem exterior, até aos mistérios da vida e ao próprio espírito humano.

Assim, se o Sermão da Montanha e a Regra de Ouro forem o padrão da vida, então não necessitais da Maçonaria. Mesmo que os ensinamentos de Buda — que também ensinou os fundamentos essenciais da Regra de Ouro e da fraternidade humana — sejam seguidos, não necessitais da Maçonaria; e se a voz comum de uma humanidade comum, que em toda a época e clima se levanta para declarar a confraternidade e irmandade dos homens, o fazer aos outros aquilo que desejaríeis que vos fizessem, a santidade da vida humana e da virtude humana, então não necessitais da Maçonaria. Mas se existir apenas uma ideia limitada destes mais amplos princípios, então poderá haver necessidade dela.

Não encontramos defeito naqueles que se unem pela camaradagem, pelo amor à sociedade, ou mesmo por aquele inocente gosto pelo aparato que provém dos vários adornos dos graus ornamentais; sobre esse desejo não temos crítica alguma. Apenas dizemos que a própria vida é uma grande e maravilhosa loja, e que todo o ser humano entra, ao nascer, no mesmo tipo de aprendizagem sugerido no primeiro grau da Maçonaria; que cada ser humano passa pela meia-idade como Companheiro; e que muito poucos atingem o grau ideal de Mestre Maçom, embora muitos possam reclamá-lo e todos possam supor tê-lo alcançado por terem atravessado a forma de iniciação na loja mística.

Quando considerarmos que a totalidade da vida humana serve para instruir o homem na fraternidade mais elevada e mais divina, então todas estas ordens secretas terão perdido o seu mistério e a sua astúcia.

Com os olhos dos anjos sobre vós, lendo cada pensamento, compreendendo cada motivo, e com o Olho Que Tudo Vê, cuja presença existe em cada espírito humano e se manifesta pela consciência aí existente, com esta interpretação podereis apertar as mãos do Egípcio, do Brâmane, do Judeu, do Cristão, do infiel, e encontrar fraternidade com todos.

Sob a interpretação mais elevada, podereis ultrapassar o cerimonial exterior, os diferentes graus que conduzem ao Arco Real da Maçonaria, e descobrir que estes são apenas os degraus da vida que conduzem ao templo interior sagrado, onde a presença de Deus se encontra em cada espírito humano, e onde todos são iniciados, através da dor, das provações e da disciplina, para enfrentar essa morte que certamente não é aniquilação e não constitui o fim de tudo.

Bênção

Sob a abóbada dos céus, sob a luz do “Olho Que Tudo Vê”, que toda a boa fraternidade seja vossa. Ámen.

AS MORADAS DOS MORTOS 2

PELOS GUIAS DA Srª, CORA L. V. RICHMOND.

«Como ressuscitam os mortos? E com que qualidade de corpo vêm?»
«Morrendo o homem, porventura tornará a viver?»
«Não há vista, nem som, nem qualquer vida na sepultura.»
«Na casa de meu Pai há muitas moradas; vou preparar-vos lugar.»
«Onde ficam as moradas dos mortos?»

As escrituras antigas, ou a compilação que surge em ligação com a Bíblia cristã, oferece muito poucas pistas sobre o que os judeus realmente pensavam a respeito da vida futura, pois os mortos são referidos como estando tão absolutamente mortos; e a sepultura é referida como a habitação dos mortos; aqueles que passaram da visão mortal são descritos como nada sabendo, de modo que pareceria, num vislumbre casual da interpretação que vos é oferecida, não haver de todo qualquer crença num estado futuro. Pareceria que os anjos apareciam entre os homens como homens, no seu falar de uma vida futura, e da salvação, e da alma no seu estado mais elevado, e aqueles que eram inspirados referiam-se sempre de tal maneira ao estado futuro como se fosse certamente algo que estava compreendido.

Assim, chegámos a esta conclusão: que a Bíblia judaica rabínica difere essencialmente da interpretação cristã, que os ensinamentos dos judeus foram traduzidos pelas autoridades e compiladores cristãos mais com a perspetiva de oferecer o que eles supunham ser profecia a respeito de Cristo do que para interpretar corretamente as visões da religião hebraica. Pensamos que existiam três classes distintas: os iniciados, ou sacerdotes, que compreendiam a tradição cabalística e que preservavam dos registos antigos e das Bíblias orientais o significado interior da inspiração, eles acreditavam na imortalidade, acreditavam num estado futuro, acreditavam em tudo o que vós compreendeis como o reconhecimento da vida imortal.

A segunda classe compreendia mas vagamente essas coisas misteriosas, e aceitava a salvação e a vida eterna mais como um facto físico do que como um pensamento espiritual, e este ato físico tornou-se cada vez mais material, foi transferido mais do céu para a terra. A maioria do povo acreditava que os mortos estavam mortos; que os ímpios nunca mais ressuscitariam, mas continuariam mortos, enquanto os bons seriam ressuscitados e herdariam a terra física, visto que a sua ideia da Nova Jerusalém e do reino que havia de ser seu era puramente física. Tal é a nossa interpretação das três linhas de história que se encontram no registo judeu; aquela que é profecia e inspirada como espiritual; e aquela que se estende muito para a frente, em direção ao cristianismo.

Mas certamente não pode haver dúvida, quando alguém se volta para as páginas que contam a história de Jesus, quanto a que tipo de céu ou estado futuro aguarda a humanidade; todo o ensinamento ali contido, que é muito pouco em termos de linguagem, mas muito em significado, refere-se distintamente a um estado espiritual, refere-se distintamente a um reino que não é da terra. Ele refere-se à «Casa do Pai» ou às moradas no céu como sendo uma condição espiritual, não material; mas os judeus que O ouviam não O compreendiam, não sabiam a quem Ele se referia com a palavra

«Pai», não compreendiam a que Ele se referia quando falava do Seu «Reino», supunham que o Seu «Pai» e o Seu «Reino» eram factos físicos, que lhes seriam demonstrados pela chegada, de alguma maneira grandiosa ou maravilhosa, deste Rei ou Pai.

Tamanha era a tenacidade com que os judeus se apegavam à vida material, sendo Cristo o seu Rei, que, quando veio o golpe mortal, quando o facto realmente apareceu de que Ele havia perecido fisicamente como os outros homens fazem, foi também um golpe mortal para a sua fé espiritual; não admira que tenham sentido o golpe tão intensamente; não admira que o povo que acreditava, de uma certa maneira, que Ele os guiaria à Nova Jerusalém para ser o seu governante, que tenham sentido tamanha aridez e desolação absolutas quando o facto físico da crucificação de Jesus lhes foi conhecido.

Entre as nações ainda mais antigas, especialmente no Egito, as moradas dos mortos eram separadas de todas as residências da humanidade; aqueles que tinham algo a ver com a dissolução física, ou preparavam os corpos para o sepultamento, eram párias, eram afastados de todo o contacto com todas as outras pessoas, nenhum ser humano podia tocar as suas mãos sob pena de violar a lei, ninguém, de facto, podia sequer entrar em contacto com eles, exceto por vias especialmente designadas; embora fossem dotados de amores humanos e interesses humanos, eram literalmente os habitantes da cidade dos mortos. Do outro lado do rio de onde se erguiam as esplêndidas cidades do Egito, estes habitavam em absoluto isolamento, nunca entrando em contacto com as vidas diárias dos seus semelhantes, tendo por companhia apenas os pensamentos dos mortos.

Mas uma ideia ainda mais subtil impregnava as mentes dos egípcios e árabes: a de que, longe no deserto, onde nenhum homem havia penetrado, ficava a morada dos mortos. Durante algum tempo em África, e mais tarde no Egito, foi costume levar os seus mortos para o deserto, onde os elementos destruiriam os corpos, onde as aves do céu e as feras selvagens se alimentariam deles. Onde nada estaria perto de qualquer habitação de tudo o que restava das formas mortas. Pensava-se até que as almas, aprisionadas pelo pecado e pelo egoísmo, erravam por aquelas paragens distantes; que o deserto árido continha os espectros errantes daqueles que tinham sido maus na terra; e que as almas que tinham sido fiéis e verdadeiras passavam através das sombras e pela terra de Hórus para os céus superiores, e eram admitidas no reino da luz celestial. Ainda outra teoria prevalece no Oriente entre os adoradores de Ormuzd e Ahriman; Ormuzd, o deus da luz, Ahriman, o deus das trevas ou da sombra.

O primeiro era o sol, não o sol literal, mas o sol de esplendor que habita no céu superior. Ahriman era o inverno, a noite, o satã da mitologia, não dotado de tamanha fúria vingativa como o Satã da cristandade, mas quaisquer sombras que estivessem sobre a terra quando o inverno ou as trevas chegavam, Ahriman prevalecia. Ele era também o deus da Morte, e para o seu reino, que era o mundo inferior, ou mundo das sombras, passavam as almas daqueles cujos corpos estavam mortos; ali, ou passavam para Ormuzd no seu templo de luz, ou através de outras formas de reencarnação consumavam os seus destinos na terra para conquistar o reino de Ormuzd.

Sob a religião bramânica e budista há também uma teoria subtil sobre as almas; todas as almas vêm da Divindade, do estado da Divindade que é o Nirvana, além do estado de tempo e sentido, mas uma vez que entram no reino do tempo e do sentido, devem passar por todas as suas mudanças de condições planetárias, todas as condições físicas em cada planeta, e eles até ensinam que devem passar por todos os estágios da vida animal — pensamos, contudo, que isto é uma interpolação. Então, de acordo com Buda, as almas que venceram, que cessaram de desejar ter qualquer contacto com a matéria, cujos desejos se tornaram tão exaltados que a vida material já não as encadeia, passam novamente para o Nirvana. Mas as outras que ainda estão na sombra passam pelos vários estágios da vida terrena encadeadas pelo *Karma*, ou condições das suas encarnações anteriores, até que, finalmente, se perdem nas sombras por completo ou são restauradas ao Nirvana.

Entre os judeus é indubitavelmente verdade que alguma porção destes ensinamentos orientais prevaleceu. Eles acreditavam que os mortos apenas ocupavam um estado espiritual, um estado intermédio, por um certo período de tempo e depois eram encarnados novamente na terra. Mas havia também outra teoria entre os judeus: a de que os mortos estavam a dormir, e que reapareceriam como possuidores da terra, ou dormiriam para sempre. O cristianismo, por outro lado, faz uma digressão distinta, quase na direção oposta, e o ensinamento, surgindo como surgiu, no meio do tipo de materialismo que prevalecia na Judeia, é tanto uma marca da sua autenticidade como qualquer prova que pudesse ser revelada. Tudo o que é ensinado na Bíblia cristã é espiritual; aquilo que é ensinado na Bíblia judaica é literal.

Tudo o que é ensinado por Cristo a respeito do homem como espírito é tão distinto que Ele torna o desejo do homem de fazer o mal tão pecaminoso quanto a própria prática do mal; Ele torna o pensamento de ira um assassinato tão palpável quanto o matar pela mão; Ele torna o pensamento de roubar o próximo tão real quanto o próprio ato, de modo que houve uma transferência total da pecaminosidade do homem da mera violação da lei para uma falta de perceção espiritual. Assim, também, houve uma mudança com referência aos mortos. É por isso que é tão impossível colher daquilo que era comparativamente um registo judeu, ou antes, uma tradição judaica (que é, afinal de contas, história), dados exatos sobre o nascimento, vida e morte de Cristo, pois eles não esperavam de todo que Ele morresse fisicamente, e se Ele morresse fisicamente, esperavam que Ele fosse restaurado fisicamente, para viver numa forma literal num reino literal.

É apenas lendo entrelinhas e por trás do registo, compreendendo que o espírito dos ensinamentos de Cristo se referia a Si mesmo como um espírito, bem como aos outros, para saber que Ele ensinou uma vida distinta, separada dos sentidos, um espírito distinto no homem, separado do seu corpo, e uma existência distinta além desta vida, separada da forma física pela mudança chamada morte, a herança distinta de uma natureza imortal como separada da natureza física. O facto de Ele não ter ensinado muitas das doutrinas do Oriente ensinadas por Buda não é evidência de que não as reconhecesse, pois é certo que Ele deu a entender que acreditava que João Batista era Elias, de facto, Ele afirma-o com todas as letras, pelo que é aceite como

uma parte dos Seus ensinamentos registados no Novo Testamento que Ele acreditava que os profetas e outros podiam aparecer novamente na terra.

Quando tomamos isto em ligação com todas as outras coisas que Ele ensinou, descobrimos que Ele estava aqui mais para ensinar o triunfo da natureza moral sobre la forma física, a natureza espiritual do homem como distinta da sua natureza física, e uma imortalidade que era espiritual. Mas Ele não ensinou nenhum céu literal; Ele não ensinou nenhum paraíso físico; Ele não ensinou nada que pudesse ser interpretado como uma aceitação do estado do além-túmulo como sendo um estado literal em qualquer sentido. Dado que Ele tornou as realidades morais da vida espirituais quando estava aqui, é inteiramente impossível que Ele tornasse as realidades espirituais de uma vida futura materiais quando estivesse lá.

Assim, quando diz aos Seus discípulos, os Seus maravilhados e perplexos discípulos, que não sabiam a quem Ele se referia quando se referia ao Seu Pai; que não sabiam de que falava quando falava do Seu reino, ou: «Na casa de meu Pai há muitas moradas; vou preparar-vos lugar.» Eles interpretaram-no num sentido literal; supuseram que Ele mandaria chamá-los, ou que um mensageiro chegaria daquele grande reino do Pai e os levaria materialmente dali.

Quando Ele morreu e não deu nenhum sinal; quando foi crucificado e não os reivindicou, foi um golpe mortal. Mas afinal de contas o ministério veio; a aparição no meio deles foi uma revelação; guiou-os passo a passo até à porta da verdade espiritual. Quando Ele finalmente se retirou e não voltou mais, em forma pessoal, ou não está registado que tenha voltado, ainda assim havia uma consciência dessa presença, dessa luz que os tinha guiado antes.

É claro que no cristianismo, por mais estranho que deva parecer à mente imparcial, infiltrou-se a interpretação material, revoltante e impossível da morte que os judeus alimentavam. O corpo, mantendo em cativeiro a alma adormecida, e a estreita casa de argila como habitação dos mortos, e até a ressurreição literal daqueles que hão de ser salvos é tipificada espiritualmente na visão de João. Isto é aceite literalmente como a verdade e alega-se que estes dogmas teológicos são fundamentados na vida, morte e ressurreição de Cristo.

Se há alguma semelhança entre os ensinamentos de Cristo e aqueles que ensinam o sono do espírito até à ressurreição do corpo, nós não a encontrámos; se há alguma semelhança no quadro de Cristo sobre o estado futuro e a Sua preparação para os Seus discípulos, e aquilo que foi tecido nos dogmas teológicos muitos séculos depois, nós não a descobrimos; e se aquilo que se segue à suposta ressurreição para a vida, e à suposta ressurreição para o tormento eterno pode ser extraído por qualquer deturpação dos ensinamentos de Jesus, nós não conseguimos possivelmente descobri-lo. É judeu, e não cristão; é a fé judaica ignorante, nem sequer a fé do profeta hebreu; é a ideia comummente aceite da multidão literal que não compreende de todo o significado da ressurreição ou da vida espiritual.

E contudo, nessa casa de argila, conforme ensinado na cristandade, e especialmente na cristandade protestante, foi apinhada a esperança, o amor e a vida da humanidade: nessa casa de argila, como retratada sob as doutrinas calvinistas, conforme revelado até pelo ritual da Igreja de Inglaterra, devem ser lançadas todas as esperanças e temores de uma humanidade que suplica e anseia, para esperar por aquele soar sombrio e lúgubre da trombeta final.

Ninguém é suficientemente espiritual para saber que o dia do juízo e o tribunal estão na alma; ninguém é suficientemente espiritual para saber que o anjo registador também está lá, e ninguém parece ser dotado de perceção suficiente para descobrir que a convocação que vos chega, e chega a cada um, para se erguer da sepultura, não é para aqueles que estão fisicamente mortos, mas para a vida humana que está moralmente morta.

Se fosse verdade que o espírito e o corpo pudessem dormir juntos por qualquer período de tempo no lugar de repouso da casa de argila, preparada apenas para as formas, então a aniquilação seria verdadeira; então o materialismo seria verdadeiro; então seria verdade que o homem poderia depositar os seus tesouros na sepultura com a certeza de nunca mais os contemplar; mas porque Jesus ensinou sobre outra vida, aquela que era divina, e porque o coração de todo o mundo, por consenso comum, se voltou para algo melhor; até o protestantismo foi resgatado daquele cativeiro lúgubre; uma religião mais ampla e mais bela varreu a teologia do passado; imperfeitamente é verdade; mas os pensamentos humanos são maiores do que os credos humanos; os poetas cantaram melhores canções do que os ministros pregaram sermões, e o mundo apegou-se mais a visões de esperança do que a quadros de desespero.

Os povos esqueceram Milton desde que Tennyson, Longfellow, Wordsworth e Shelley cantaram temas espirituais; as imagens do Hades de Dante estão apagadas à luz dessa verdade espiritual; e hoje o céu que é retratado até por aqueles que adoram no santuário exterior da teologia cristã não é de modo algum um céu como aquele que foi pintado por Calvino, ou que Milton teceu no seu canto.

Gradualmente, as moradas dos mortos foram abertas à vossa visão; gradualmente, as habitações do mundo espiritual foram reveladas à vossa compreensão; gradualmente, esse reino tem-se aproximado, e nenhum homem ou mulher que tenha qualquer fé inteligente hoje em dia olha para a estreita casa de argila no pó em busca dos entes queridos; nem mesmo aqueles que dizem no ritual «Creio na ressurreição da carne» sonham com o que estão a dizer. Eles acreditam que os seus amigos vivem em algum lugar, e não compreendem que horror estão a repetir quando dizem «Creio na ressurreição da carne». Essa vida espiritual foi toda retratada pelos seus amigos, tal como Cristo fizera antes deles, e os seus entes queridos estão lá.

Quem poderia confortar uma mãe que acreditasse que o seu bebé estava a dormir no túmulo até ao dia do juízo? Que voz poderia alcançar o pai ou amigo que contemplasse a pavorosidade desse sono? Não, há uma fé na humanidade mais forte do que as muralhas do credo mais forte; até o calvinismo entregou os seus bebés que estavam perdidos por não serem batizados e colocou-os aos pés de Cristo no céu. Até

esses bebés com os quais se dizia que o inferno estava pavimentado foram restaurados, pela luz de uma fé interior, à mãe no paraíso, pela melhor natureza de uma humanidade inspirada que não se curvará a um credo que estultifica o nome de Cristo.

Agora, por um impulso que se move firmemente, esse quadro da nova Jerusalém, esse céu com o seu trono de alabastro e ruas literais de ouro, com as suas muralhas de pedras preciosas e portas de pérola, deve ser compreendido como significando um estado espiritual; esses termos cintilantes são símbolos da luz e do amor divinos; atributos tais que só poderiam habitar no céu mais íntimo, dentro das almas dos bem-aventurados.

O Espiritualismo varreu o mundo para salvar a humanidade do pensamento da aniquilação e do tempo noturno da Teologia; e para estender o manto da sua beleza sobre este quadro horrível do passado através de uma certeza, uma certeza divina, de uma vida futura. Mas o Espiritualismo encontrou a humanidade exatamente como a teologia a deixara; encontrou a humanidade na teologia: e quando um espírito veio bater às portas dos vossos corações, fazendo por vezes sinais, sons e marcas nas vossas moradas, foi com várias emoções conflituosas que as pessoas receberam a mensagem.

Por vezes pensavam nisso como pessoas que regressavam da sepultura. Ouvia-se nos primeiros anos do Espiritualismo a fraseologia de «chamar os espíritos», como se eles fossem chamados, literalmente, dos seus corpos adormecidos; ouvia-se o pensamento dos espíritos como estando num mundo inferior; como se pensassem que os mortos subiam das suas sepulturas.

Ninguém os acreditava mortos, nem nada do género, ninguém acreditava que as pessoas chamavam os espíritos, em termos de altitude, sem dúvida pensavam que vinham daquilo que vós chamaríeis de cima em vez de baixo, a menos que viessem do Hades, e ninguém pensava que os seus amigos vinham desse lugar; contudo, na teologia que formava o estado individual de cada mente, o mensageiro do mundo espiritual tinha de entrar; o calvinista, o batista, o presbiteriano, o metodista, o episcopaliano e o católico romano, cada um tinha de ser abordado de acordo com o seu estado; e a grande surpresa daqueles que esperavam apenas encontrar os seus amigos na ressurreição pode bem ser compreendida.

Mas agora que estas barreiras foram rompidas; agora que o metodismo, o presbiterianismo, o episcopalianismo e até o catolicismo romano se fundiram como credos diante do amanhecer da luz espiritual; agora que o reino espiritual está aberto à vossa investigação, e conversais diariamente com os vossos amigos, recebeis admoestações e conselhos deles, perguntais-lhes a respeito dos seus estados, já não é desculpável que sejais ignorantes das suas moradas; elas não são as moradas dos mortos.

Os corpos estão mortos, salvo na medida em que foram regenerados na vida das árvores, da relva e das flores que desabrocham, salvo na medida em que os grandes e os pequenos, os orgulhosos e os humildes, revivificaram a terra e fizeram as margaridas e as violetas florescer mais brilhantemente, salvo na medida em que, até

nos campos de batalha, marcados, devastados e sulcados pela carnificina humana, a natureza estendeu gentilmente o seu manto de verde mais brilhante sobre as sepulturas no Sul, onde o conflito da última guerra assolou mais feroz, onde florescem os miosótis mais azuis; onde, nas batalhas travadas mais ferozmente, a natureza incorporou a lição do seu espírito na vida física.

Assim o Espiritualismo incorporou a lição da sua ressurreição na vida espiritual do homem; por isso, vós não procurais nenhuma parte, ou porção, ou o mais pequeno e minúsculo fragmento dos vossos amigos nas suas sepulturas. Então, se não os procurais na sepultura, onde os procurais? Qual é o estado daqueles a quem outrora, antes de terdes qualquer conhecimento da vida imortal, chamáveis pelo nome de mortos? Então as pessoas dizem: «Não sabemos, não somos capazes de colher dos ensinamentos onde eles estão, somos incapazes de decidir a respeito das realidades da vida espiritual, os relatos são tão conflituosos e contraditórios.» Não é de todo assim; quereis dizer que não sois capazes de fazer com que esses relatos se conformem àquilo que desejais.

As pessoas pensam que a vida futura não é palpável como ela é, mas sim como desejam que ela seja, ou conforme filosofam que deve ser a partir de um espírito que dá uma mensagem a respeito do seu estado na vida espiritual; o relato é dado corretamente, a falta está na capacidade das pessoas para compreenderem. Quando Jesus disse aos Seus discípulos: «O reino de meu Pai», eles pensaram que Ele se referia a um reino literal; quando Ele disse: «O reino dos céus não é da terra», eles ainda assim não sabiam a que tipo de reino Ele se referia; quando Ele disse: «O reino dos céus está dentro de vós», eles foram inteiramente incapazes de sequer formar uma conjetura sobre o que isso poderia significar.

Assim, quando os espíritos declaram os seus estados, as suas condições, os seus ambientes, quando vos falam das suas habitações, das suas ocupações, de tudo o que fazem, vós quereis fazer alguma aplicação geral a algo literal — fazer disso um reino literal, uma terra física como esta terra, e dividi-la em parcelas que possam ser habitadas e, se necessário para se conformar à vossa compreensão, ser dividida por linhas ferroviárias, sendo cada parcela alternada propriedade das companhias de caminhos de ferro.

A morada do espírito fica onde quer que estejam as atrações do espírito, e esse estado, primeiro e último, mal o conseguis compreender. Quer seja na habitação a que chamais os vossos lares mortais; quer seja na cadeira que o espírito ocupava na forma material; quer seja ao lado do ente querido, que anseia cada vez mais pela presença física; quer seja nas ocupações que preenchem a vossa vida diária — não é porque o espírito ame as ocupações, mas porque o espírito vos ama; e quer seja, num sentido mais amplo, na companhia daqueles que também estão na vida espiritual, que se associam aos vossos entes queridos, formando uma comitiva amorosa que habita junta, vós ainda assim quereríeis fixar a vossa morada a alguma estrela ou ponto particular no espaço, e fazê-la a um certo número de milhas da superfície da terra, e tê-la feita de tábuas, pedra ou tijolo para a poderdes compreender. Não importa; os espíritos ensinam de acordo com o vosso estado; tal como construís casas de blocos para os

bebés, ensinais-lhes o A enquanto estais a construir uma casa, e o B enquanto estais a fazer uma terra em miniatura, e enquanto estais a fazer outra coisa qualquer, e enquanto eles crescem, gradualmente os termos e o conhecimento do alfabeto entram nas suas mentes, tomam posse e tornam-se uma linguagem; então eles sabem que todas as suas casas de blocos foram apenas degraus para a linguagem; passados tempos, quando são crianças crescidas no sentido humano mais amplo, compreendem que a linguagem é apenas um termo, a expressão de uma ideia; que na construção de casas de blocos, no uso de letras e na aprendizagem de palavras, a construção era simplesmente um processo para chegar àquilo que transmitiria uma ideia.

Todos estes estados foram atravessados no Espiritualismo, estão a ser experienciados todos os dias; alguns estão na fase da casa de blocos, mas outros passaram um pouco além dela e estão a aprender as letras e os termos; mas a grande linguagem dos céus visa transmitir o único pensamento de que as vidas espirituais são de acordo com estados espirituais, não de acordo com estados materiais; e não há medida de qualquer coisa material que meça o estado do mundo espiritual. Mas a medida dos vossos espíritos aqui e agora, o que pensais e sentis, são as pulsações das vossas vidas reais; estas já são as vossas moradas espirituais, estas são aquelas moradas que são eternas e não feitas por mãos humanas.

Vezes e vezes e vezes sem conta deve a lição ser contada, enquanto as crianças crescem para compreender o seu significado; ao passo que outrora as letras das casas de blocos tomavam o seu lugar nas suas mentes, o pensamento expande-se finalmente para um significado mais pleno. Ensinai a Regra de Três, ela não é compreendida, mas pouco a pouco a mente agarra-a, transporta-a na sua jornada matemática, resolve problemas com ela, mas não faz dela a vida real da mente; assim é nestas moradas espirituais; oh, quão aéreas, quão espaçosas, quão amplas, quão maravilhosas elas são!

A construção da forma humana, as moradas a que chamais as vossas habitações, não têm nenhuma semelhança com estas, a menos que a mente, nesse estado, as molde para si mesma. Mas tudo aquilo de que os sonhos são feitos, todos os processos subtis que o pensamento pode conceber: a passagem de um lado para o outro sem a intervenção de substância sólida, todos os poderes divinos e admiráveis que fixam o espírito por leis de amor e atração uns aos outros — tudo isto é desconhecido.

Se o mundo espiritual fosse material, poderia facilmente ser descrito; todos os viajantes que para lá jornadeassem dariam mais ou menos as mesmas linhas gerais, teríeis mapas e cartas geográficas, tal como tendes mapas da América do Sul e da Índia; sabeis onde ficam os Alpes e os Andes; conheceis os cursos dos rios, quer sejam tão longos como o Mississípi ou tão largos como o admirável Amazonas. Não tendes nada deste género do céu; as cartas celestes dos clarividentes não bastam para fixar e prender a geografia espiritual na mente humana.

Não há geografia espiritual; não há geologia espiritual, nem química espiritual; não há astronomia, todas estas coisas são materiais, sabe-se na vida espiritual que elas têm as suas utilidades no tempo e nos sentidos, elas são grandes e preenchem a medida do conhecimento humano enquanto se está aqui. Mas o reino do espírito é um reino

próprio, os seus poderes e possessões são seus próprios; aquilo com que se assemelha só o podereis saber medindo-o por si mesmo, e se o medirdes pelo padrão dos sentidos, falhareis por completo: mas se por vezes se usam formas materiais para ilustrar significados espirituais; se por vezes, para alcançar a vossa pequena estatura ou perceção espiritual, os espíritos descem à consciência da matéria tal como outrora a possuíam, é apenas como um degrau que vos conduz para a frente.

A morada do espírito não é de todo a morada dos mortos, pois o espírito é vida, o espírito é amor, o espírito é verdade, o espírito é conhecimento; na proporção em que estes se desdobram, o espírito tem a sua morada; na proporção em que estes não se desdobram, o espírito está na sombra da morte dos sentidos. Vós estais a viver nas moradas dos mortos precisamente na medida em que o vosso conhecimento espiritual não está desdobrado. Aquele palácio além, no qual pode haver lampejos de luzes que rivalizam com as estrelas, sons de música tão arrebatadores como os sons das esferas, formas de beleza que parecem rivalizar com as formas dos anjos, pode ser uma morada dos mortos; mas na luz da alma, naquele céu que é todo ele perceção da presença arrebatadora dos entes queridos que pensáveis estarem mortos, não há toque, nem vista, nem qualquer sentido físico, mas sim o reconhecimento cardíaco e penetrante do meu ente querido que vive e habita comigo; dentro de mim.

Tudo o que há em vós é o vosso amor; retirai esse amor humano, e tudo o que o torna divino, e não resta nada na vida senão um mero brilho, uma existência de papelão, uma miniatura; é como as bonecas pintadas que ofereceis aos vossos filhos em comparação com as formas vivas.

As moradas dos espíritos estão no âmago mais íntimo daquilo que amais; ao redor, acima, abaixo, onde quer que estejais, ou, em grupos ou famílias, eles vêm ministrar-vos com palavras de amor e bondade. Nos vossos estados eles podem entrar, encontrando aí espíritos que estão aprisionados (mortais no cativeiro da morte). Por que haveriam de estar limitados? Por que haveria qualquer atmosfera ou estado no espaço de os reter, quando as suas vestes são tecidas com os finos pensamentos do espírito, quando as suas habitações são edificadas ao seu redor pelas suas próprias vidas? Tola e vã é toda a escada com que o homem tenta, materialmente, subir ao céu.

Aquilo que Jacob viu na visão foi uma escada descida do céu pelos anjos para o conduzir à condição deles; mas nenhum homem jamais construiu uma pirâmide, cúpula, pináculo ou qualquer edifício tão alto que estivesse um milímetro mais perto do céu do que a choupana mais humilde da terra; nem o pico da montanha mais alta, vislumbrando, resplandecendo e brilhando na luz solar perpétua, tem mais da luz celestial do que aquela que vós podeis ter numa água-furtada, ou numa masmorra, ou numa cave, onde o coração puro se eleva em oração.

Moradas fixas os vossos amigos espíritos não as têm, mas habitam dentro dos corações que amam, nas vidas que levam, e governam nos temas elevados que os possuem; não só a Vida Infinita e Eterna que brilha sobre eles é maior do que sóis e mundos, maior do que todas as visões arrebatadoras retratadas na cidade da Nova Jerusalém; mas um único pensamento de um anjo a ministrar a uma alma em cativeiro

é mais cheio de esplendor do que todos os céus retratados do paraíso de Maomé, o Nirvana do budista, o céu literal do cristão, ou o mundo espiritual material de muitos Espiritualistas.

A EXPERIÊNCIA DE UM PROFUNDO ERUDITO

O DIA SEGUINTE À MORTE BELISSIMAMENTE ILUSTRADO
AS VISÕES DE UM EMINENTE AUTOR — O SEU ADVENTO À VIDA ESPIRITUAL
AS SAUDAÇÕES QUE RECEBEU — O SEU ÊXTASE ARREBATADOR

AS SUAS ASPIRAÇÕES MATERIALIZADAS — A SUA VISÃO ABRANGENTE DA MORTE — OS MILHÕES DE ALMAS

*O discurso que ireis agora escutar é sugerido, no pensamento e na linguagem, por alguém que partiu recentemente da vida terrena e que foi amplamente conhecido entre os Espiritualistas.

A dicção será sua, mas a interpretação da mesma será pelo controlo habitual do médium, que fala o pensamento e a linguagem do amigo partido, o qual se encontra por perto. Oh! no sono do pensamento, que sonhos poderão vir!*

Não há dor no morrer. É como o vazante de uma maré; como o correr de um riacho; como o passar da luz do dia para o crepúsculo; como o chegar dos pores do sol de outono, em que todo o céu ocidental é inundado por um fulgor de luz; e, no entanto, é uma surpresa maravilhosa, mesmo para alguém que está habituado a pensar num estado futuro quando na terra; para alguém cuja mente foi cuidadosamente treinada em todas as escolas de pensamento a respeito da imortalidade; para alguém cuja religião e convicção intelectual dependem ambas, com absoluta certeza, do estado espiritual. Encontrarmo-nos a flutuar para fora dos redutos do tempo em direção ao espaço imensurável da eternidade é uma experiência tão sem igual que apenas aqueles que passam pelo portal da morte podem compreender.

• *Um discurso proferido pelo Espírito Epes Sargent, através da mediunidade da Sra. Cora L. V. Richmond. O Sr. Sargent distinguiu-se pela sua profunda erudição.*

A maior surpresa de todas é que sentimos o deslizar das coisas humanas sem uma dor, ou arrependimento, ou desgosto, ou sofrimento. Sentimos que a própria dor partiu e que um fluxo puro e inefável vem ao nosso encontro mesmo do outro lado da proa do porto. O desprendimento dos afetos humanos, a dor que surge no coração quando ouvimos o soluço dos entes queridos bem perto de nós e não podemos responder, é contrabalançado pelo frémito que acompanha este desprendimento do laço mortal, e sentimo-nos alegres com a morte mesmo enquanto ela está sobre nós.

Não se pode compreender, a menos que se tenha passado para as alturas das montanhas e visto a glória do nascer do sol longe no mar; visto-o surgir subitamente,

salpicando, por momentos, as ondas com carmim e ouro, e depois erguer-se em plena glória, como se nunca ali tivesse havido noite. O realismo da vida persegue-nos continuamente, e ansiamos por arrastar a parte mortal para o mundo imortal, a concha para as asas, a raiz e o gérmen para a flor.

Esquecemo-nos de que para cada etapa da vida há preparação e crescimento, e é como se quiséssemos levar as nossas vestes de bebé connosco e usá-las na idade adulta. Apegamo-nos aos farrapos de argila; apegamo-nos às amarras do tempo. As ancoragens dos sentidos perseguem-nos aqui e cingem-nos ao redor. Oh, que coisa sublime é sentirmo-nos subitamente crescidos até à plena maturidade — essas barreiras rompidas, os laços dos sentidos dispersos; saber que cada centímetro de nós mesmos está vivo, e sentir não apenas toda a consciência presente, mas toda a consciência passada, e eu diria até toda a consciência futura, aglomerada sobre nós.

O maior prodígio de todos é que tudo na vida material permanece o mesmo, mas transfigurado. Toda a sensação e consciência tornam-se cada vez mais palpáveis, até que as próprias batidas do coração dos nossos amigos são audíveis à medida que o espírito vai partindo. Tal como um instrumento com as cordas demasiado esticadas responde a qualquer som, assim a consciência daquele que parte, como lhe chamais, é cada vez mais estimulada, até que o próprio pensamento que pensais se torna palpável para aquele que não está a morrer, mas sim prestes a nascer. Vós estais perante a presença da morte.

Para vós, é uma vaga que recua. No meu passado mortal estive ali muitas vezes, observando com mente interrogativa a vaga recuante da vida e a passagem do mortal para o imortal, e antes de conhecer o grande esplendor da verdade espiritual, observava com tristeza e profundo arrependimento, com dúvida e horror indefiníveis, a condição a que os homens chamam morte; mas na grande medida da maturidade tardia, e na plena força e poder dos últimos anos de vida, eu sabia da existência espiritual, mas não concebia como ela poderia ser.

Se já inalastes o perfume de uma flor, mas nunca vistes nenhuma; se já lestes notas musicais, mas nunca as ouvistes expressas; se já sonhastes um sonho de beleza, mas nunca o vistes materializado ou personificado; se já pensastes no amor, mas nunca amastes, então podeis imaginar o que é o estado mortal comparado com o imortal — acordado, vivo, ativo, a letargia monótona da dor e do sofrimento a partir como que num sopro, e a força vigorosa da vida ativa, com o seu pleno vigor, a surgir ao redor, acima, abaixo; o repouso inefável, flutuando para uma infinidade de certeza, enquanto todas as coisas materiais, exceto o amor e a consciência, pareciam evanescentes — esta foi a experiência. Eu podia sentir todos os pensamentos daqueles que estavam perto de mim.

Podia contemplar a mente e o coração torturados pela angústia corporal, mas alegres por mim, pela libertação. Podia ouvir os meus amigos a pensar ao longe: «Esta é agora mais ou menos a altura em que ele tem de partir»; e quando a notícia se espalhou com velocidade elétrica, podia ouvi-los dizer: «Partiu mais um trabalhador», embora soubesse que milhares de milhas se interpunham entre eles e o local onde o

meu corpo estava. Podia ouvir os meus amigos pensar pelo mundo inteiro. Havia palpitações silenciosas do coração a responder à minha vida, e a inefável interrogação sobre o que ele estará a fazer agora que subiria aos lábios daqueles que ouviam ao longe que a estrutura mortal tinha cessado de respirar. Oh, mas o avivamento do espírito! Não vos consigo dizer com o que se assemelha.

É como uma sinfonia comparada com uma única nota; como uma oratória comparada com a melodia mais simples; como o poema de Dante; como o inefável Milton; como a luz suprema de Shakespeare, omnipresente e omnigloriosa; como o próprio amor, que vence a noite do tempo, da dor e da morte. Fui apresentado a mim mesmo. Os meus pensamentos, tudo da minha vida passada, estavam personificados. Tudo o que eu tinha feito ou pensado surgiu diante de mim em forma — em beleza ou deformidade. Crianças, os fragmentos da minha imaginação, que se supunha terem sido conjurados a partir do cérebro fecundo da vida mortal, estavam diante de mim em realidade.

Personagens que eu supusera puramente ideais e imaginários, desenhados com pena fantasiosa e enviados para ilustrar um princípio moral, surgiram diante de mim como realidades vivas, dizendo: «Eu era aquele sobre quem escreveste. Eu era o espírito que inspirava este e aquele pensamento», e cada fantasia acumulada tornou-se personificada, até que, como pequenos povos vistos em visões de fadas, todos os ideais se realizaram, e eu ri-me com estes filhos da minha imaginação ao encontrá-los tão reais, de pé ao meu redor, reivindicando-me como seu pai espiritual e dizendo que eram meus para sempre.

Poderíeis acreditar nisto? Não é imaginação, mas sim uma realidade, que aqueles sobre quem escrevemos, e sobre quem os poetas tecem canções solenes e grandiosas, e que as fadas que são retratadas em visão, para as crianças lerem, se tornam realidades na Vida Espiritual e são revestidas de substância espiritual, povoando todo o ar com imagens ricas e variadas. O próprio amor, a mais populosa das cidades povoadas dos céus, e divindades, por assim dizer, de esplendor dominante, vêm aglomerar-se ao redor de alguém quando se acorda do sonho da vida.

Amores, declarados há muito tempo e que pareciam meio enterrados sob as esperanças murchas da idade adulta, surgiram e reivindicaram novamente o seu reconhecimento. A amizade que, no mercado apinhado e movimentado das coisas humanas, tinha sido quase esquecida, surgiu novamente como uma imagem viva e pediu o seu próprio retorno. Todo o amor sobrevive, e como ele povoa o espaço que, de outro modo, pareceria infinito e vazio!

Não consigo imaginar o que seria a morte para aquele que nunca pensou numa verdade, ou sonhou uma coisa nobre para a humanidade, ou amou alguém. Dizem-me que há extensões estéreis nas almas humanas desprovidas de amor. Dizem-me que há desertos na Vida Espiritual desprovidos de flores, de rostos de crianças e de doces sorrisos, de reconhecimento grato da parte daqueles a quem se tentou socorrer e redimir na vida exterior.

Dizem-me isto, mas não consigo imaginar o que seria o espírito sem as cidades povoadas da imaginação. Na não consigo imaginar o que seria sem as imagens criadas do pensamento. As minhas, imperfeitas como eram, desprovidas de beleza como pareciam na luz clara do espírito, obscurecidas de certo modo pelas faltas, fracassos e falácias da minha natureza material, pareciam-me muito mortas; e esta cidade está acordada; a sua habitação povoada é o meu novo mundo.

Não passei através do espaço para os encontrar. Não fui para um planeta distante. O espaço pareceu vir ao meu encontro e foi imediatamente habitado. Vi todos os amigos da vida terrena tão realmente como os via antes de partir, mas a partir de uma visão diferente. Vi-os ao longe, na linha de luz da memória. Vi-os mais claramente porque vi os seus espíritos — esta amizade que eu tinha valorizado de menos; outra que eu tinha valorizado demais. Esta mente que parecia uma luz brilhante e radiante através da lente humana, tornou-se, talvez, menos brilhante, enquanto outra que eu mal tinha reconhecido subitamente surgiu diante de mim como um planeta ardente e reluzente.

No espírito todas as coisas se tornam reais. Já não estamos mascarados por desejos e impulsos egoístas. Vemos as coisas sem a coloração do corpo externo. Até o cérebro material perde o seu poder de nos iludir. Já não somos sofistas. Não há nada sobre o qual o sofismo possa tecer a sua teia ou tecido de falsidades. Todas as coisas se tornam claras. Somos espontâneos. Crescemos para nos tornarmos naquilo que o nosso pensamento é, e a nossa luz e vida tornam-se belas pela grandeza da imagem que construímos para a humanidade. Sobre um alicerce fino e esguio de bondade, erguemos a estrutura incomparável da imortalidade e eliminamos todas as faltas, das quais nos tornamos instantaneamente mais conscientes do que na vida material.

Não vos posso ocultar o facto de que deve ser uma desilusão para aquele que não tem conceção do estado imortal. A mente realista da terra encontrará as coisas tão mais reais no estado espiritual que as suas sombras desaparecerão, e então por algum tempo ele estará perdido. Eu estava grato pelo nascimento fora do materialismo que me deu consciência de uma vida espiritual. Estava grato pelo leve toque de fantasia que podia tecer ao redor das coisas humanas o esplendor do grande pensamento pela humanidade. Sei agora por que razão tenho uma esperança inefável por cada raça debaixo do sol, porque todas as raças são povoadas a partir dos céus. Sei agora por que razão tinha toda a esperança na elevação de cada criança da terra ao mais alto esplendor.

Sei agora por que razão as mulheres sempre apelavam a mim com lábios mudos e olhos ansiosos para serem libertadas do cativeiro da subtil cadeia que os séculos teceram ao seu redor. Foi por causa do firmamento espiritual que aprendi que o anjo da vida é dual, e o homem e a mulher são moldados à imagem de Deus. Sei agora por que razão cada esperança secreta, quer velada na pele do africano, quer aprisionada pelos limites estreitos dos costumes orientais, quer velada no homem vermelho, apelava a mim como pertencendo a algo além do que a matéria e o homem tinham concedido. Foi por causa da vida espiritual que prevê tudo, que torna mudas as injustiças das

nações, para que estas possam erguer-se um dia em magnificência e ser reparadas através do poder do espírito.

Sei agora por que razão o mundo da política, das lutas pelo vil metal, de todas as coisas que os homens perseguem por ganho, não tinha atrativos para mim — não porque eu fosse mais sábio ou melhor, mas porque fui escolhido para fazer outra coisa, e essa outra coisa era esperar sempre, inefável e sublimemente, que da escuridão viesse a luz, e que dos males aparentes e fios intrincados da existência humana surgisse a bendita humanidade do futuro.

Vindo em direção a mim, o espaço parecia estar preenchido com tudo o que eu tinha esperado e profetizado, e na própria antecâmara em que entrei imediatamente após a morte, pude ver tanto da eternidade que isso tiraria o fôlego mortal, como quase tirou o fôlego do espírito. Não houve nenhum crepúsculo baixo e sombrio. Não houve nenhum simples desvanecimento da existência e inanição. Não houve incerteza. Não houve perplexidade. Não houve pausa, como que em sono, no limiar daquele lado imortal, enquanto mãos ternas preparassem, como por vezes fazem, o estado imortal.

Subitamente, e com pleno poder, ergui-me num salto e fiquei imediatamente consciente de ser uma forma — um ser cuja intensidade me invadia e me arrebatava, até que eu parecia uma parte do universo ao redor — uma forma tão parecida com aquela que jazia aos meus pés que fiquei sobressaltado com a semelhança, exceto que uma era sombria, pálida e macilenta pela doença, pelo sofrimento e pelo trabalho, enquanto a outra estava mais do que coroada com o vigor da juventude e da maturidade, tão parecida comigo mesmo que me senti impelido a afastar uma das formas, de tão angustiante que é ver a nossa própria semelhança tão perto; e assim como alguém por vezes se vê num espelho e se pergunta quem poderá ser, assim olhei fixamente para a forma, e ponderei sobre a realidade e perguntei-me por um instante qual delas perduraria; mas como aquela já era a sombra, visto que nenhuma parte do eu individual ali permanecia; como já não havia sequer respiração, nem calor, nem cor, como era na realidade apenas a sombra, fiquei feliz quando ela foi guardada longe da visão terrena e humana, já que não podia mais ludibriar os olhos dos entes queridos; e durante todo esse tempo eu estava ali com o grande anseio do meu coração, com os braços envolventes e o amor que falava audivelmente ao ouvido espiritual, contudo eles não ouviam.

Falar para sempre com os nossos entes queridos e não ser ouvido era insuportável. Pensar para sempre em espírito em direção àqueles que ficaram para trás e não encontrar resposta levar-me-ia à loucura. Não sei o que fazem esses espíritos cujos amigos os colocam no túmulo ou no céu e nunca os deixam falar com eles. Se eu fosse um desses espíritos, dia e noite assombraria as câmaras das suas almas. Falaria a partir do silêncio do ar e forçá-los-ia a ouvir.

Já falei noutros locais; já me reportei, mas a minha palavra deve ser recebida aqui. Devo falar até que os ouvidos do espírito ouçam, até que a compreensão avivada do cérebro humano saiba que coisa imensurável é a morte, até que saibais o que vos envolve, vos abrange, vos cinge ao redor, vos circunda com os seus braços dadores de

vida; pois a própria coisa a que os homens chamam morte é aquilo que torna a vida suportável e vos enche com as possibilidades do ser.

Se não fosse por aqueles que estavam mortos para a vida exterior, que existiam no ar ao meu redor e na minha consciência, eu não teria fantasias povoadas no cérebro, nenhum pensamento de filosofia, nenhuma esperança aspirante; se não fosse por aqueles a quem chamais mortos, os vossos dias e noites seriam desprovidos de ambição. Não teríeis ar mental para respirar. Os estratos mais elevados da existência seriam cortados. A natureza supersensível morreria de fome.

Vós seríeis sufocados e famintos na casa de detenção, e a pequena e débil centelha de vida apagar-se-ia, deixando os corpos como autómatos desprovidos de alma, encolhidos e sem vida. Se não fosse por isso a que chamais morte, por esse sopro vital, por essa condição viva de ser, por esse poder protetor e tutelar, por essa harmonia e esplendor de todas as coisas, vós não estaríeis aqui esta noite; não haveria nada para vos mover aqui. Os impulsos espirituais do universo seriam esquecidos; não haveria fontes de inspiração, nenhum pensamento de religião, nenhuma pedra de toque para a imortalidade.

Os homens são tocados por seres espirituais como harpas pelo vento. Eles ouvem o som, mas não sabem a origem, e tal como o homem vermelho volta o seu ouvido para os pinheiros, escutando a música solene e pensando ser a voz do Infinito, ou daqueles que partiram para o campo de caça longínquo, assim, quando ouvis esta música solene no ar acima de vós, perguntais-vos o que será e voltais-vos para a vossa tarefa diária, esquecendo que sem ela seríeis sem vida, frios e mudos.

Estou aqui para testemunhar sobre a morte. Tal como outrora testemunhei perante a humanidade, tão débil e vagamente como o poderia fazer um ser humano que esperava pelo melhor e se esforçava sempre por encontrar a verdade, assim agora, com uma força maior, e com esta nascida não apenas do pensamento mas do ser, estou aqui para testemunhar sobre a morte. Ela é o esplendor vivo do universo. Sem ela não há flor na primavera. Sem ela não há transmutação rara das coisas que mude a noite em dia. Sem ela não há o esforço do átomo em direção a possibilidades mais divinas de ser. Sem ela não há a destituição da regra implacável da natureza, que é uma forma endurecida, e uma melodia monótona, e espaço, e sentido.

Sem ela, o fluxo e refluxo dos assuntos humanos solidificar-se-ia e cristalizar-se-ia, e o homem hoje estaria petrificado no meio de todo o seu pecado e crime, para permanecer para sempre como um simulacro solene no grande livro da eternidade. Sem a morte, nunca vos poderíeis livrar dos vossos erros. Sem ela, não poderíeis crescer para uma maturidade mais divina, tanto masculina como feminina. Sem ela, o amor seria sem voz; não haveria o entrelaçar de mãos imortais, nem o estremecer de pensamentos imortais ao longo dos corredores do ser. Sem ela, toda a vida seria sem significado, pois não haveria amor. Estaríeis encerrados em sepulcros. A vossa existência corporal seria uma ruína e um simulacro. Retirado o sopro do espírito, não poderia haver tempo e eternidade.

No meio deste esplendor solene, onde toda a vida se aglomera ao redor de alguém, e onde aquilo que é mais baixo e mais vil parte e esgueira-se para as sombras; no meio deste esplendor, onde cada coisa boa sobrevive e cada coisa vil perece da sua própria inatividade e inanição, onde gradualmente as sombras, as enfermidades do tempo e as deformidades dos sentidos dão lugar às perfeições do espírito e da mente, eu testemunho que o que me aconteceu é o resultado da morte. Estou transfigurado.

O ser que foi visto e conhecido na terra sou eu; e eu sou mais do que isso. Sou tudo o que esperei ser. Sou tudo o que aspirei ser. Eu não era mau nem pecador. Era imperfeito, como os seres humanos habitualmente são cá em baixo; como eles por vezes são, lutando por possibilidades mais elevadas. Mas sou agora mais do que ousava sonhar. Sou melhor do que ousava esperar. Sou o mais humilde no reino do espírito, mas sou maior do que o maior aspira ser.

Assim também vós sois desvelados dos vossos elementos mortais, cujo pior lado se revela na vida humana. Vós torna-vos também transfigurados. Já não sois os seres fracos que pareceis. A humanidade já não é aquilo que, através do tempo, da dor e dos sentidos, ostenta a imagem zombeteira do divino, mas a humanidade torna-se divina. Até o escravo — não me refiro àquele que usa grilhões na forma — mas até o escravo na alma, que chega rastejando de terror ao mundo do espírito pelo portal da morte, até aquele que se arrasta e rasteja com pânico em direção ao túmulo, é maior em espírito do que parece, maior do que ousaríeis sonhar que ele pudesse ser.

Oh! que reveladora é a morte! Apresento-me diante de vós esta noite, não sendo de vós, mas percebendo aquilo que é mais elevado e melhor em cada alma, sabendo que cada pensamento, sentimento e inspiração em direção à bondade tem o seu protótipo em esplendor no ser espiritual; e eu poderia mostrar como, para os vossos outros eus, aquilo que é a posse da vossa parte imortal é tão grandioso, tão divino, tão glorioso quanto sonhais, e o melhor de tudo é que a morte torna possível que tudo isto seja conhecido. Dá-vos a chave para o templo da vossa própria vida. Há apenas uma outra via pela qual o podereis saber, e essa via de forma vaga.

Refiro-me à inspiração ou perceção espiritual. Foi-me negado ter a inspiração direta que muitos têm. Fui obrigado a aceitar o testemunho de outros em grande escala; mas quando sei que existem aqueles dotados de janelas através das quais podem olhar em direção ao céu, contudo sei que eles não conseguem sequer começar a ver a glória que é minha, e pergunto-me por vezes como não rompem a barreira para se tornarem livres. Mas a mão restritiva da vida está sobre eles, e a restrição mais elevada daquela sabedoria que proíbe o romper de um laço até que tenhais conquistado a vossa liberdade. Aquele que procura evitar qualquer dificuldade na vida apressando-se para o mundo do espírito, encontra a mesma barreira impenetrável diante de si — ele próprio!

Ele não escapou de si mesmo, nem de qualquer fraqueza que estivesse dentro dele. Deve agora enfrentá-la face a face. Ela aproxima-se cada vez mais. Aglomera-se sobre ele. Deve superá-la em espírito, tal como falhou em superá-la na vida terrena.

Ah! não penseis que a morte vos fará escapar de quaisquer responsabilidades. Ela traz-vos todos os vossos tesouros. Rende-vos todas as vossas possessões. Restitui-vos todas as vossas esperanças desvanecidas. Devolve cada promessa bendita e boa da vida, mas não vos aliviará das responsabilidades. Estas são vossas; vós herdá-las-eis. Pertencem-vos como parte do plano infinito e, mais cedo ou mais tarde, num mundo ou noutro, num estado de ser ou noutro, deveis enfrentá-las e vencê-las, uma a uma.

Sublime é a morte! Bela é a entrada! Por mais intenso que seja o êxtase do espírito quando consciente do ser, e da forma, e da vida, não há nada que seduza alguém à negligência de qualquer dever ou ao cumprimento de qualquer promessa, pois a vossa pobreza de espírito é revelada pela morte, assim como as vossas riquezas, e deveis suportar o teste que o escrutínio divino traz.

Novamente vos envolvo com esta vida; novamente estendo as mãos do meu espírito em saudação a todos os que me conheceram; novamente digo que aquilo que eu acreditava saber e aquilo de que dei testemunho é agora meu. Aquilo de que dei evidência através do intelecto e cérebro humanos, e de tal poder quanto me foi concedido, dou agora evidência no poder avassalador e avassalador da existência espiritual. Através de qualquer cérebro que melhor possa falar, em qualquer forma que melhor me possa manifestar, virei ter com aqueles na terra a quem amo. Há necessidade da voz adicionada — devo falar aos seus corações de qualquer maneira. Eles devem ouvir a minha voz audivelmente nas suas almas. Devem dar-me espaço nas suas vidas, pois eu gritaria alto e fá-los-ia ouvir, ainda que estivessem no meio dos trovões de Niágara.

Para o mundo haverá uma voz; não uma, mas muitas; não débeis e vagas, como as de um homem a clamar no deserto, mas a voz de multidões, milhões sobre milhões de almas a falar audivelmente junto ao portal da vida e a falar aos corações da humanidade. Vós ouvi-los-eis. Eles clamam: pai. Vós ouvi-los-eis. Eles clamam: mãe, marido, esposa e filho, e vós pausais na vossa carreira diária e perguntais-vos que voz se assemelha a uma há muito silenciada na morte. Digo-vos que eles se aglomerarão sobre vós até que tenhais de ouvir. Falarão convosco até que cesseis de os colocar ao longe. Olharão nos vossos olhos a partir do mundo espiritual até que vejais que eles vivem e os reconheçais. Percorrerão as vossas ruas. Retratar-se-ão em todas as formas que forem possíveis. Manifestar-se-ão por sinais e marcas aos sentidos. Bater-se-ão com a vossa compreensão. Far-vos-ão cientes das filosofias do ser. Resolver-vos-ão os mistérios que colocastes longe de vós e que não quereis escutar.

Eles querem que saibais que a vida, não a morte, é o destino do homem, e que o doce mensageiro a quem destes o nome de Morte já não é nocivo, sombrio e terrível, mas sim a beleza de toda a existência, a coroa de todo o ser, a liberdade de toda a escravatura, o triunfo de todo o vencimento, o portal além das muralhas das limitações humanas em que viveis, conduzindo à cidade celestial e eterna onde todos são livres à luz da sua sabedoria e amor.

Oh! sons sem voz, contudo audíveis! Oh! milhões de almas que vêm aglomerando-se do espaço! Vós falais com um som mais poderoso do que o sussurro

do mar, mais vocal do que a voz do trovão de Niágara, mais potente do que os ventos que varrem miríades de florestas, mais divino do que as melodias impetuosas dos muitos e poderosos mestres a sintonizar as suas harpas em sublimes oratórias da existência. A morte e a vida são uma só, e estas vozes são as vozes dos vossos entes queridos.

AS EXPERIÊNCIAS DE UMA MENTE CIENTÍFICA NA TERRA E NA VIDA ESPIRITUAL

CONFORME NARRADO PELO PRÓPRIO

Uma Conferência proferida sob Influência Espiritual, pela Sra. Cora L. V. Tappan, nas Salas de Lawson, Gower Street, a 12 de Novembro de 1873. Após algumas palavras de introdução do Sr. Enmore Jones, que fez as honras da presidência na ocasião, a Sra. Tappan levantou-se e, de acordo com o seu costume invariável, proferiu o seguinte:

Amigos, esta noite dar-vos-emos um discurso, ou melhor, o segundo de uma série de discursos, sobre o Espiritualismo e a Ciência, no qual o elo de ligação entre a mente e a matéria, e os métodos para alcançar o reino da mente através da ciência material, deverão ser discutidos e considerados. É bem sabido que, se o Espiritualismo tem um fundamento na realidade, e as manifestações conhecidas como espirituais ocorrem de forma tangível para os sentidos, elas devem ter alguma influência ou relação com a ciência material.

É bem sabido que estas manifestações ocorrem; que os sentidos da visão e da audição — cada sentido físico é alcançado por algum poder oculto e desconhecido; que esse poder manifesta inteligência, e que essa inteligência afirma ser os espíritos de amigos partidos. Ora, os métodos através dos quais o espírito controla de tal modo a matéria, e através dos quais formas tangíveis se tornam aparentes sem quaisquer leis conhecidas da natureza, são dignos da investigação dos homens de ciência; e, contudo, é muito verdadeiro, como foi sugerido por algumas mentes, que o Espiritualismo lida com verdades espirituais.

É também verdade que os métodos através dos quais o espírito alcança a compreensão externa do homem estão dentro do limite e pertencem estritamente ao reino da ciência e dos fenómenos físicos, embora as ciências físicas não os reconheçam. Qualquer coisa, portanto, que possa lançar luz sobre estes assuntos, seja por discussão, inquérito, pista ou sugestão, está dentro do alcance e do âmbito do Espiritualismo Moderno. Os espíritos não estão tão afastados do sentido e da compreensão materiais que não saibam que esse departamento da ciência, no qual a mente influencia e governa o corpo material e tangível, pertence primeiro exclusivamente ao reino do espírito.

A investigação nesse departamento pertence a este lugar, porque enquanto os seres humanos habitarem corpos tangíveis, as leis que controlam esses corpos devem ser compreendidas pelo espírito, e, por conseguinte, o mundo espiritual deve agir sobre os vossos sentidos materiais para fazer estas manifestações. Portanto, deve haver uma ciência através da qual eles o possam fazer, e ela pertence ao reino da legítima investigação científica.

Está presente um espírito pessoalmente desconhecido para vós na terra, mas que na vida terrena foi um homem de ciência e que dedicou vinte anos da sua vida ao estudo do Espiritualismo a partir de um ponto de vista científico. Foi o «Professor Mapes», que vos dará os resultados da sua investigação a partir do ponto de vista científico. Lembrai-vos de que ele é agora trazido para proferir as suas ideias, e vem dá-las a vós em palavras tão claras e concisas quanto possível.

A conferencista pausou aqui um momento enquanto o controlo estava a ser mudado, após o que, retomando o discurso, disse:

Amigos, sou chamado a dar-vos os resultados de experiências em ligação com o chamado Espiritualismo Moderno durante o período de vinte anos anterior a deixar a forma mortal. Posso começar por dizer que, embora desconhecido para a maioria de vós, alguns de vós poderão ter ouvido falar de mim em ligação com a química hortícola. Estava interessado em todas as buscas científicas e posso dizer que fui um materialista na minha juventude e maturidade. Como materialista, não conseguia ver nenhum princípio animador da Divindade ligado à matéria; não conseguia ver nenhuma mente separada do organismo. Considerava a mente humana exclusivamente como o resultado da organização humana e das forças subjacentes da natureza.

Consequentemente, quando fui chamado a investigar o Espiritualismo como uma nova ciência, ocorreu-me que era muito provável que fosse uma daquelas forças misteriosas e ocultas que estávamos habituados a investigar sob o título de clarividência, e que tinha alguma relevância com a eletricidade. Tendo, então, a ver com a química ligada à agricultura, embora não fosse químico, esta ideia pareceu-me peculiar. A teoria dos átomos não se tinha tornado ainda a teoria popular entre os químicos, mas sim a força. No entanto, depressa refutei a ideia de elementos simples e vi que cada elemento deve ter uma estrutura atómica; consequentemente, que os átomos derradeiros da matéria nunca poderiam ser destruídos. Se os átomos derradeiros não podiam ser destruídos, vi então o meu caminho para uma imortalidade da matéria.

Cedo me veio à consciência que havia uma falta de simetria nas obras da criação se a matéria, sendo indestrutível, devesse continuar para sempre organizada, enquanto o homem, que podia analisar e determinar os propósitos da matéria, devesse ser destruído. Assim, quando o Espiritualismo surgiu, pareceu-me que lançaria alguma luz sobre o misterioso reino da mente. Sempre me denominei um investigador. Persegui a descoberta de que certos corpos tangíveis eram movidos sem qualquer contacto humano, que os corpos assim movidos pareciam ser dotados de inteligência, e testei de várias maneiras que esta inteligência não procedia da minha própria mente, nem de

qualquer pessoa presente, porque eram relatadas circunstâncias, pensamentos e factos além do conhecimento de qualquer pessoa na sala. Descobri então que as pessoas eram levadas a fazer coisas involuntariamente.

Todos sabemos que o sistema possui muitas funções involuntárias, como, por exemplo, a respiração, a circulação do sangue; a ação do cérebro é também involuntária. Mas quando ocorre uma tomada violenta da mão, e é dada uma comunicação além da inteligência do escritor, isso é evidência de uma maravilhosa ação involuntária além daquela manifestada nos exemplos acima. Pouco a pouco, fui levado a investigar estas manifestações, e surgiu-me uma revelação positiva nas minhas buscas científicas. Estava então interessado em investigar vários tipos de solos e as suas propriedades peculiares conforme adaptadas ao cultivo de frutos. Disse: «Se isto é verdade, posso obter alguma ideia com referência à natureza do assunto que estou a investigar.»

Contudo, as inteligências controladoras de todos os médiuns diziam: «Não vimos para vos ajudar nas vossas ciências individuais, porque queremos aguçar a vossa própria mente para trabalhar; mas se derdes o primeiro passo, nós ajudar-vos-emos a dar o segundo.» Descobri que o giz e o mármore são da mesma constituição química. Disse: «Explicar-me-eis a diferença entre a construção física do mármore e a construção do giz, que os torna tão diferentes para o sentido e para a compreensão, embora sejam quimicamente o mesmo?»

Os espíritos responderam: «A organização confere propriedades diferentes daquelas que a matéria possuía anteriormente. Sempre que o elemento primitivo na natureza passa por um organismo, ele, em virtude dessa organização, torna-se adiantado.» Deram-me então um novo passo. «A cal», disseram eles, «conforme se encontra nos ossos dos animais, é quimicamente a mesma que a pedra calcária no solo; mas esta última não fertiliza, a primeira sim.»

Por conseguinte, criei um fosfato de cal que, quando aplicado a certos solos desprovidos desses elementos, produzia nutrição. Ora, podeis analisá-los e descobrireis que a química não descobre por que razão a partícula de cal no osso humano é mais adiantada do que uma partícula de cal no solo. Aqui está a progressão, quando uma forma de átomo deriva da organização uma função adiantada. Essa função era o ponto que o espírito desejava que eu compreendesse.

Através da combinação de elementos atómicos, uma terceira potência é elaborada, e o fosfato de cal nunca mais volta à cal crude original que encontramos no reino mineral. Daí que toda a natureza seja progressiva. Veio então o pensamento à minha compreensão material: Se é tão verdade que a cal e cada composto na natureza derivam uma função especial da organização, não poderá ser também verdade que de todas estas combinações outras funções possam ser elaboradas, e que o espírito vivo seja uma delas?

Essa era a minha visão material; e acreditei até ao dia da minha morte que o espírito era a função adiantada das propriedades organizadas da forma humana.

Acreditava que os primados que compõem o corpo humano se tinham agregado e segregado a partir de várias formas de vida animal; a partir do reino vegetal e mineral para daí serem elaborados estados adiantados de desenvolvimento, e que daí o avanço além da matéria era evoluído, de modo que o espírito podia dar mais um passo e viver no estado desencarnado.

Os espíritos procuraram em vão desfazer o meu raciocínio, porque, como materialista, eu não tinha nenhuma faculdade intuitiva consciente. A minha esposa tinha, e dizia-me frequentemente: «James, estás enganado; o espírito é um elemento por si mesmo.» Mas nunca fui capaz de descobrir isso enquanto mantive a minha organização material.

No decurso destas investigações, chegaram ao meu conhecimento várias evoluções mentais, para usar uma frase darwiniana, que eu sabia não serem o resultado de qualquer função orgânica conhecida do cérebro que as criava. Entre outras, pessoas da minha família e casa foram impelidas a discursar sobre assuntos de que não tinham conhecimento por instrução. Isto, raciocinei eu, não podia ser evoluído a partir da organização; devia vir de uma fonte espiritual. Pouco a pouco, à medida que a evidência se acumulava, vi que havia outro mundo tão cheio de elementos e potências tangíveis como o nosso mundo; mas acreditava então que ele era composto pelos átomos adiantados da vida física, tal como acreditava então que a mente era composta pela função adiantada do organismo material.

Eu tinha uma bela estrutura erguida sobre este alicerce da ciência material; e asseguro-vos de que foi o único raio de esperança que se introduziu nas minhas várias especulações materiais. Pensava então que a mente podia ganhar elasticidade suficiente a partir do corpo material para se espalhar além da sepultura; mas estas especulações eram insatisfatórias e não ofereciam uma única solução real de todos os problemas que surgiam para a minha apreensão. Pedi aos espíritos para determinarem para mim este único ponto com referência à progressão dos átomos até se tornarem partículas derradeiras espiritualizadas.

Eles respondiam invariavelmente: «Os átomos nunca se podem tornar espiritualizados; a matéria nunca é nada senão matéria. A alma é uma substância — um elemento por si só. Age sobre e através da matéria, mas não está sujeita à análise material.» Como vos disse, estava além da compreensão do meu cérebro material entender que pudesse haver um elemento no universo que não seja material; e até ao dia em que passei da terra o problema nunca foi resolvido na minha mente. Dos factos e fenómenos espirituais, contudo, estava plena e absolutamente convencido.

Não só a mão da minha filha escrevia involuntariamente sobre assuntos que ela nunca tinha estudado respeitantes às ciências físicas, e sobre aquelas leis que se situam além do alcance da educação de uma senhora, ela ensinou-me coisas espirituais que desde então descobri serem verdadeiras. Outro membro da minha família foi ensinado a pintar. Cada flore, fruto e ramo que rodeava a nossa casa ou que pudesse ser trazido de uma distância era trazido para ela copiar; mas a característica mais singular da execução era que, se lhe fosse trazida uma folha de qualquer planta, ela não só pintava

o contorno, mas todo o caule da planta como se conhecesse a natureza genérica da planta. Isto, pensei eu, deve vir de uma fonte exterior.

Esse era outro facto. Depois, um jovem, com quem me sentava frequentemente, manifestava todas as potências mentais do mais erudito e científico professor. Ele era iletrado e sem instrução, um humilde membro de uma Instituição de Mecânicos com a qual eu estava ligado, mas não possuindo nenhuns dotes literários além do seu negócio. Ele entrava comigo na discussão das ciências ocultas, juntamente com a astronomia, a química e a geologia; e o seu conhecimento transcendia de tal modo o meu próprio saber — o resultado de anos de estudo — que não tive dúvidas de que estava a conversar com um homem superior e esclarecido que tinha passado da terra.

Contudo, como já vos disse, não conseguia descobrir senão que todas estas revelações eram o resultado da materialização, enquanto na vida terrena, do princípio existente ou de vida que então se dirigia a mim a partir do mundo espiritual, e do qual o espírito derivava a sua potência motora.

Quando passei da terra, o que fiz na plena crença na continuação da existência da mente — uma crença que tinha construído para mim mesmo sobre este alicerce da ciência material; uma existência que, como vos disse, resultava, conforme acreditava, da organização e da função — pensei que o cérebro humano derivava de átomos progredidos a sua qualidade espiritual. Quando acordei na vida espiritual, o meu primeiro pensamento foi descobrir se isto era verdade. Encontrei-me muito semelhante na forma e na aparência, em tudo o que constituía qualquer símbolo externo do meu outro eu. Parecia ser luz e vida tão-somente. Não havia necessidade do corpo — nenhum impedimento ao movimento.

Não havia nem espaço nem tempo; e cada faculdade com que tinha estado acostumado a medir as coisas materiais parecia estar agora concentrada numa única faculdade de influência abrangente. Disse: «Como vou eu perseguir a ciência se não conheço o tempo e o espaço; se não há matéria aqui; se isto é tudo uma mentalidade?» Fui trazido em ligação com aqueles adiantados na existência espiritual. Disseram eles: «Os métodos aqui são novos; não tendes conhecimento ou outra faculdade obtida com os métodos terrenos.

Suponde», dizem eles, «que é necessário em cálculos científicos várias centenas de anos para que a posição específica de uma estrela seja determinada, e vários milhares de anos para que os raios de luz dessa estrela alcancem a terra, conforme descrito por cálculos matemáticos, o espírito possui conhecimento e volição — e, a propósito, a volição é a qualidade específica do espírito desencarnado que lhe permite superar o tempo, o espaço e a matéria: por esta potência da vontade, ou *voulance*, o espírito pode, num aviso instantâneo, tornar-se ciente tanto do aparecimento de um novo planeta como do desaparecimento de um antigo, quando seriam necessários milhares de anos para que um raio de luz desse planeta alcançasse a terra, ou para que o desaparecimento desse raio fosse conhecido na terra.

É a vantagem do espírito ter esta potência da vontade para se projetar ao ponto particular onde essa estrela se sabe estar nos céus, e determinar imediatamente a sua condição precisa.» Ora, na terra eu sabia que a matemática era a chave para todas as ciências físicas, e nunca me tinha ocorrido, nem mesmo como um sonho, que a matemática pudesse ser superada por qualquer caminho mais curto para o conhecimento.

Mas descubro que pode. Descubro que a vontade é mais potente do que os números; que o pensamento viaja com velocidade infinita, enquanto a luz é comparativamente lenta. Descobri que nenhuns elementos do corpo físico fazem ou evoluem a mente; mas que o cérebro, dentro do qual o pensamento é construído, é evoluído a partir da mente — naturalmente o inverso exato do que eu pensava, sendo a alma o elemento primordial e o corpo exterior a estrutura. Descobri, para meu absoluto espanto, que um grão de trigo, a semente de uma flore, cada substância organizada na natureza, tem uma vida-alma individual; e que, quando, sob certas circunstâncias, essa semente é desenvolvida ou essa flore desabrochada, é o espírito que fala na e através dessa flore, e não o gérmen externo que produz a vida.

Descobri também que cada substância externa chamada átomo pela ciência não é senão o esqueleto ou invólucro do glóbulo infinitesimal de espírito que trabalha através desse átomo em todas as variadas formas de existência que preenchem a vossa terra. Encontrei apenas uma substância na natureza, em vez das sessenta e cinco que acreditava existirem lá na terra: encontrei uma substância primordial apenas, e essa é o espírito. Descobri que o espírito não só perpassa todas as chamadas substâncias organizadas, que todo o espaço está cheio de glóbulos de espírito, e que a alma humana identificada é o epítome da expressão espiritual, tal como o corpo humano identificado é o epítome da expressão material; descobri também que a minha incapacidade para compreender a parte espiritual ou intuitiva do homem surgia do organismo, da estrutura exterior, da ausência daquela qualidade cerebral particular através da qual o meu espírito pudesse evoluir a consciência da intuição. Mas, de forma suficientemente marcante, ao acordar na vida espiritual, não me encontrei como um bebé na intuição. Eu tinha intuição o tempo todo; mas ela estava enterrada sob esta estrutura de intelectualismo que tinha erguido para mim mesmo e que pensava constituir o indivíduo.

O intelecto não era nada, para meu espanto; o espiritual era tudo. Convicções que eu considerava visionárias e transitórias eram tudo, enquanto aquelas a que atribuía grande importância não eram nada. Descobri também que estas experiências em manifestações espirituais, que eu tinha atribuído às funções da matéria elementar, eram realmente o resultado da potência da vontade que o espírito desencarnado possui mais diretamente sobre a matéria do que o espírito encarnado; que ao passo que vós estais sujeitos à vossa organização, à doença hereditária, às proclividades herdadas dos pais, o espírito desencarnado não está assim condicionado, mas está apenas limitado pelo conhecimento, e esse conhecimento vem pelo desejar e pelo querer, e é, consequentemente, ilimitável para aqueles que aspiram.

Eu não acreditava na prece exceto como uma agência calmante; mas descobri que a prece é a vontade do espírito, e pelo seu exercício habituamo-nos a receber conhecimento da mente divina; e os canais através dos quais este pode ser recebido estão abertos a todos os espíritos. Daí que seja a falta de vontade, falta de volição ou falta de aspiração que causa os espíritos não desenvolvidos, ou espíritos que estão num estado de trevas, a vibrar entre as duas condições da vida espiritual.

Ora, tenho perseguido as minhas investigações a partir deste ponto de vista. Fui prontamente ensinado, no mundo em que tinha entrado, os novos métodos de busca científica e, em vez de tabelas matemáticas e fórmulas geométricas, fui feito ciente de métodos mais rápidos de pensamento. Quando tinha o desejo de investigar qualquer tópico ou estudo particular, fosse planetário ou elementar, o exercício da minha vontade para o fazer permitiu-me entrar *en rapport* com a aura desse planeta. Se há algum planeta que o espírito deseje visitar, pode fazê-lo com a assistência de um espírito mais adiantado do que ele. Há três estados de existência espiritual nos quais fui iniciado. Um é esse estado que rodeia imediatamente a terra, onde os espíritos estão mais ou menos sob a influência dos elementos terrenos. São o que chamais espíritos materiais, mas frequentemente subatentados a altas inteligências que os empregam para realizar manifestações físicas.

O processo destas manifestações tem sido o estudo mais interessante que tenho tido. Tenho estado presente onde quer que pudesse estar; descobri, contrariamente ao meu pensamento quando estava na terra de que estavam ligadas à eletricidade, que não estão assim ligadas; que a teoria atómica, e essa apenas, explicará as manifestações físicas; que é um assunto legítimo para o inquérito químico, e que pertence a esse departamento da ciência no qual as vibrações dos átomos são consideradas com referência à luz e ao som.

Pois sabeis que o espetro, ao analisar os diferentes raios de luz, provou que a cor é formada pelo diferente número de vibrações da luz na atmosfera, e que o espírito pode produzir luz de qualquer cor ao fazer um certo número de rápidas vibrações; também, que as leis do som explicam que os golpes e vários outros sons ouvidos em sessões físicas são o resultado de átomos a vibrar um certo número de vezes a uma certa intensidade; sendo o som produzido pela vibração invisível de partículas tão infinitesimais que não há instrumento na ciência suficientemente minucioso para as detetar na atmosfera.

A potência do espírito — a potência da vontade — pode produzir esta vibração num aviso instantâneo. Não há nenhum elemento, nenhuma força elétrica subtil, nenhuma força odílica — não há nada senão os átomos absolutos que existem na atmosfera que o espírito controla. Estes átomos, após passarem pelo organismo humano, tornam-se cada vez mais refinados; o oxigénio, o hidrogénio e o carbono, e várias outras propriedades e elementos que passam pelo corpo humano, quando novamente exalados, são mais finos em qualidade; tal como, conforme declarei anteriormente, a cal é mais fina após ter passado pelos corpos animais.

Consequentemente, sobre este elemento final — este átomo que passou do corpo humano e da organização do médium — o espírito é capaz, pela sua potência da vontade, de agir e pôr em movimento todos os vários átomos, o que dará conta de todos os fenómenos que ocorrem no Espiritualismo nas e através das sessões físicas. Sabeis que se pegardes num número de telhas e as colocardes numa longa fila e depois baterdes numa na extremidade, a que está na outra extremidade será movida.

Sabeis que o fio numa extremidade de uma bateria elétrica vibra quase imediatamente quando a outra extremidade é tocada, e uma moção semelhante ocorre ou sensações semelhantes são produzidas. Não é que a eletricidade passe todo o comprimento do fio; é la vibração das partículas a produzir na outra extremidade o mesmo efeito que a moção na primeira produziu. Assim o espírito, agindo sobre a atmosfera intermédia entre si e vós, produz uma vibração, e o átomo que está junto à mesa soa: daí que todos os golpes e vários outros sons sejam produzidos.

Naturalmente eu poderia ilustrar estas manifestações com alguma extensão e mostrar como o espírito é capaz de agir sobre estas várias substâncias, se tivésseis a visão para penetrar nas estruturas atómicas. Mas não podeis ver o átomo em si — apenas por cálculo progressivo chegastes à existência atómica, quanto mais ao elemento de que falo — o espírito. Descubro que o único limite para a investigação humana na vida espiritual é a ignorância, o único laço é a falta de vontade, a única potência que trava o avanço em direção ao conhecimento é onde a mente não se pode erguer dos ambientes terrenos e das trevas.

O segundo estado de existência espiritual (como disse, havia três) é a atmosfera interestelar ou intermédia entre o vosso planeta e os outros planetas. Os espíritos que não estão presos e atraídos unicamente à terra, mas que têm aspirações, desejos de conhecimento e anseiam por mais investigação, passam para este estado interestelar para habitar, e pelos seus dotes são capazes de comunicar com outros mundos e planetas, não só para ganhar conhecimento da estrutura de outras regiões, mas também dos seus estados espirituais e mentais. O terceiro e celestial céu está além da minha província descrever; mas pertence ao reino onde as funções inteiras da alma são espirituais, totalmente do Espírito, pertencendo ao mundo da mente, e cujos habitantes nunca comunicam com a terra exceto através das inteligências intermédias ou interestelares.

Eu, naturalmente, tenho muitas coisas que poderiam ser dadas, se conhecesse a maneira de as trazer à vossa mente; mas se desejais fazer-me perguntas, terei gosto em responder agora a qualquer coisa que conduza ao conhecimento sobre este assunto de investigação.

As seguintes perguntas foram então respondidas:

P: Existe alguma diferença entre alma e espírito?

R: Houve uma diferença no tempo passado. Supunha-se que a alma era a mente encarnada do espírito, e o espírito a substância. Há uma discriminação feita na

moderna ciência espiritual de que a alma é o mais íntimo, que o espírito é a manifestação dessa alma na vida espiritual ou exterior, e que a mente é o mais externo de tudo, ou antes, a estrutura através da qual a alma se expressa. Para mim mesmo, não faço distinção; considero alma e espírito termos sinónimos.

P: O que quereis dizer ao dizer que há apenas um elemento na natureza — o espírito? Quereis dizer que a matéria e o espírito são sinónimos?

R: Não; quero dizer um elemento primordial — um elemento que não é composto, que não é o resultado de qualquer combinação de dois ou mais elementos. Encontro o espírito como indivisível — um princípio primordial. Encontro a matéria capaz de análise — resolúvel noutros princípios. Não há o traçar a matéria de volta ao nada, ou ao espírito. É antes uma expressão ou excrescência dele, enquanto o espírito em si permanece não combinado.

P: Quando um espírito vem ao mundo, como, por exemplo, no caso de um batedor, esse espírito é novo, ou de onde é derivado?

R: Não é novo; é derivado da fonte do espírito. Disse-vos que todo o universo está cheio de espírito. Não há nova criação de espírito; mas o espírito é atraído para a terra, e o gérmen da existência física é então organizado. Ele não é, contudo, criado nessa altura.

P: É, então, a primeira vez que o espírito assume a forma viva, o mesmo que o espírito num átomo; ele entra no átomo e torna-se uma substância?

R: Bem, vós não sabeis, porque os átomos não começam a sua vida no momento em que começais a investigá-los. Os átomos sempre existiram em alguma forma de vida. Assim Deus, o Espírito, sempre existiu, e o espírito que vem para a forma finita sempre existiu, e acreditamos que sempre existiu em alguma forma de vida — diferente da vossa vida, mas ainda assim uma forma de vida, porque o espírito deve trabalhar para sempre, tal como os átomos trabalham; e Deus expressa-Se em cada mundo e em cada esfera, de modo que o espírito pode não ter habitado a organização humana antes, mas ainda assim tem estado a avançar, ou talvez a descer da Mente Infinita e a ajustar-se para a habitação da terra.

P: O espírito humano existiu em alguma outra forma organizada antes de entrar no corpo humano, como, por exemplo, numa flore, num grão de trigo, etc.?

R: O espírito humano não podia ocupar uma flore ou um grão de trigo, mas deve ter sido sempre da mesma natureza que é agora. Se tivesse sido anteriormente uma flore ou um grão de trigo, deveria tornar-se novamente uma flore ou um grão de trigo, e não espírito. O espírito que está na flore ou no grão de trigo sempre esteve numa flore ou num grão de trigo, ou em alguma forma correspondente. O espírito do homem não pode ter estado lá, senão teria sido diferente do que é — teria sido uma combinação e, portanto, destrutível.

P: Devo entender que quereis dizer que a matéria é simplesmente espírito organizado?

R: Deveis entender simplesmente que eu diga que os elementos da matéria não foram encontrados, mas que encontrei nas minhas investigações um único elemento, e esse é o espírito. Não digo, portanto, que a matéria seja espírito, mas que os elementos primordiais da matéria não foram encontrados.

P: A matéria é essencial para a expressão do espírito? Pode o espírito expressar-se ao espírito?

R: É certamente essencial para a expressão do espírito na forma material. Nenhum espírito se pode expressar a vós sem a agência da matéria. Enquanto estais encarnados, há necessidade da matéria.

P: Pode haver um espírito individualizado sem a matéria?

R: Com toda a certeza; isto é, conforme compreendeis a matéria.

P: Não é a organização material que rodeia o espírito e é desenvolvida a partir do corpo material aquilo que torna o espírito individualizado?

R: De modo nenhum. Nesse caso, quando o corpo morresse não haveria individualização. Essa era a minha crença na terra; mas vejo agora que o inverso é verdadeiro: que o espiritual não é uma emanação do corpo externo que faz o indivíduo; é uma entidade desde a eternidade, mas expressa a sua individualidade na forma humana.

P: Ouvi outros médiuns dizerem que o corpo humano é de uma organização tríuna; que quando deixa esta terra é de forma dual, e que é o corpo que ele rejeitou que o torna individualizado e através do qual ele se expressa.

R: Quando ele vai para outra esfera, visto que o corpo espiritual não tem utilidade enquanto permanece na atmosfera que rodeia la terra, ele tem de tomar uma forma adaptada a ela, mas essa forma não é imortal. É apenas o espírito na sua identidade que é imortal.

P: Podeis dizer o objetivo da vida?

R: Podeis dizer o objetivo de toda a criação? Não nos cabe a nós dizer o objetivo da existência. Encontramo-lo: isso é tudo.

P: Parece-me, pelo que foi dito, que há vários graus de espíritos no mundo espiritual — aqueles que são de certo modo materiais e aqueles que são espirituais.

R: Isso é perfeitamente verdadeiro; e assim deveis considerar que, quando os espíritos vêm aqui para a vossa atmosfera, assumem num grau a forma material. Não me refiro, agora, àqueles que se tornam palpáveis num sentido físico; mas em todos os

momentos, quando o espírito entra na vossa atmosfera, toma o suficiente das emanações da terra para se tornar de certo modo semelhante a vós mesmos; e esses espíritos que habitam o mundo espiritual imediato que rodeia a vossa terra têm um corpo espiritual permanente que corresponde ao vosso, apenas uma estrutura mais fina. Os espíritos mais elevados não têm esse mesmo corpo, mas têm outro corpo elemental que é composto pela natureza da esfera que habitam; e assim por diante, até chegardes ao reino do puro espírito, que não requer um corpo para a sua manifestação.

P: Vós sois capazes de visitar os outros planetas no sistema solar. Podeis dizer-me se os habitantes desses planetas transcendem os desta terra?

R: Os habitantes de alguns dos planetas transcendem os vossos. Aqueles dentro do meu alcance de conhecimento, especialmente Vénus, têm uma inteligência e espiritualidade que transcendem de longe tudo o que há na vossa terra; de tal modo que, se vós fôsseis apresentados aos habitantes, eles tomar-vos-iam por formas de seres mais baixas.

Se tivésseis um instrumento suficientemente poderoso, poderíeis descobrir que eles já estão cientes do aproximar do trânsito de Vénus, e ergueram fortes torres de luz a fim de atrair a atenção dos homens de ciência da terra; e se tivésseis um telescópio suficientemente poderoso, estas luzes seriam visíveis para vós, e um sistema de intercâmbio de luzes e sinais poderia ser levado a cabo entre vós e esse planeta. Isto pode parecer o vislumbre vago de um sonho, contudo provará ser correto. Fazei um telescópio suficientemente poderoso para discernir um objeto como uma cidade, e encontrareis estas torres e luzes elementais já preparadas para vós verdes; pois eles sabem que vós estais a lutar ainda numa treva antes egípcia.

Dr. BENJAMIN RUSH

1745? — 1813

SIGNATÁRIO DA Declaração de Independência
Médico e Professor de Química
UMA CONFERÊNCIA SOBRE A CURA ESPIRITUAL

ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE TRANSE DE
CORA L. V. RICHMOND
NO PARKER MEMORIAL HALL, BOSTON
DOMINGO À TARDE, 15 DE FEVEREIRO DE 1880
ABAIXO CONFORME RELATADO E PUBLICADO NO BANNER OF LIGHT
PÁGINA PRINCIPAL — DESTAQUE CENTRAL — 28 DE FEVEREIRO DE 1880

A CONFERÊNCIA

«A outro é dado o dom de curar, pelo mesmo Espírito.»

Como cristãos, pensar-se-ia que haveria pouca necessidade de se proferir uma palavra em prol de um método que constitui um dos predicados do mundo cristão; mas como os cristãos legislam adversamente à sua religião, e desaprovam nas suas ações aquilo que aprovam na sua teologia, compete àqueles que não reivindicam uma santidade especial, aqueles que não têm interesse nos dogmas habituais da Igreja, mas sim em nome de uma filosofia mais profunda e de uma maior utilidade humana, reivindicar para a cura espiritual o que o cristão lhe nega. Hoje, os curadores dos enfermos, no sentido em que Cristo curava, encontram-se entre aqueles que são habitualmente ignorados pelas escolas de *Materia Medica*. Quando a medicina se tornou uma ciência, cessou largamente de ser uma religião, e com essa cessação da sua qualidade espiritual essencial, cessou de ser cura.

A escola de Esculápio poderia ter sido fundada na descoberta inata de antídotos primordiais para a doença; mas a escola da medicina moderna é um sistema tão complicado de contradições, que se requer a máxima fé para aceitar qualquer sistema de prática. A cirurgia, na verdade, é uma escola por si só; contudo, estaríamos muito enganados se até a cirurgia não tivesse a sua antítese espiritual que acabará por suplantá-la, assim como a cura mais elevada suplantará os métodos mais baixos da descoberta humana.

Duas forças ou métodos são necessários no tratamento da doença: primeiro, um antídoto para o veneno real, introduzido no sistema por doença contagiosa ou gerado por alguma falta de saúde no sistema; segundo, um ajustamento do sistema onde não existe veneno, orgânico ou de outra natureza. Os antídotos para os venenos são específicos facilmente descobríveis por aqueles que seguem os métodos naturais em vez dos profissionais de cura, e encontram-se com tanta frequência entre os índios não qualificados e iletrados da América do Norte como entre os mais graduados das escolas médicas, e são conhecidos com tanta frequência por aqueles que praticam a cura entre os magos e feiticeiros do Oriente, como entre aqueles que fizeram do estudo da medicina a busca de toda a sua vida; ao passo que a adjudicação do sistema humano, quando não há veneno real, ou epidemia, ou doença palustre presente, é mais frequentemente realizada pela presença real do médico do que por qualquer remédio que ele administre ou faça administrar.

De cem anos de experiência em ambos os mundos, posso afirmar com segurança que o sistema humano é curado pela mente em noventa e nove de cada cem casos; que o poder ou influência do médico, enfermeiro ou assistente sobre a mente do paciente é o poder restaurador; que o agente de cura empregue afeta a doença na proporção exata em que a mente do paciente ou do assistente está em harmonia com ele; e que, onde há um resultado dinâmico real, este é produzido com mais frequência e liberdade pela conformidade mental do paciente e pela administração mental daqueles que o assistem.

Pois os venenos diretos e distintos produzirão resultados diretos e distintos, assim como os antídotos, assim como os acidentes físicos, chamados assim, ou qualquer outro choque violento sobre as vibrações recorrentes habituais do sistema; mas se houver um remédio igualmente violento à mão, quer seja na mente quer no corpo físico, este é habitualmente eficaz; e a promessa de que aqueles que têm fé tomarão veneno e não serão prejudicados, de que tocarão no fogo e não serão queimados, não é mais uma impossibilidade física do que o facto de a mente humana ser conhecida, na presença do medo, por fazer com que o corpo, acamado há anos, salte da cama e fuja para as ruas em busca de segurança; por fazer com que uma pessoa ferida no campo de batalha fique inconsciente do seu ferimento e prossiga no combate por muitas horas; por fazer com que uma pessoa afligida por uma moléstia mortal jogue fora essa aflição e recupere inteiramente dela sob o estímulo de uma alegria súbita, ou por fazer com que uma pessoa morra de medo de uma moléstia que nunca teve e com a qual nunca tinha entrado em contacto.

As doenças humanas, quando orgânicas, raramente são subitamente fatais; mas a mente alimenta-as até à fatalidade ao longo de um período de vinte e cinco ou cinquenta anos, o que, no máximo, constitui uma média bastante razoável da vida humana. Aqueles que herdam doenças raramente morrem delas subitamente, mas por sintomas premonitórios, cuidadosamente incutidos na mente em tenra idade por uma mãe ou assistente sempre vigilante, a doença é confirmada na mente do jovem. É transportada para os anos seguintes, e continua confirmada na mente, e cada sintoma de tosse ou outra circunstância acompanhante é atribuído à mácula hereditária, até que finalmente se desenvolve em doença real, e numa boa velhice cumpre-se a profecia de que eles seguirão as pisadas dos seus antepassados.

Por vezes, uma doença deste género surge súbita e inesperadamente na flor da vida, ceifando pessoas que não se supunha estarem predispostas à doença, provando a contrariedade das expectativas humanas, que frustra até a habilidade e a vigilância médicas, e mostrando que a doença, na maior parte das vezes, não é herdada; que o pensamento dela é herdado, e que a presunção de doença está mais frequentemente na mente do que no organismo físico real.

A diátese de cada ser humano é mais ou menos afetada pelas afeções escrofulíticas, pulmonares ou outras afeções incidentes numa vida que é excessivamente civilizada. As doenças do homem vermelho são maioritariamente o resultado de acidentes, ou de caráter epidémico; não existem doenças constitucionais entre eles; não existem doenças herdadas, porque a natureza, com o seu laboratório de remédios, a sua farmácia, está sempre à mão, e a intuição do homem vermelho sabe

como aplicá-la. Para as epidemias que são o resultado da privação, da injustiça ou de algo desse género, a natureza não providenciou nenhum remédio imediato; portanto, os índios sofrem mais nesses casos; mas para as doenças comuns que afligem as nações civilizadas, os aborígenes não têm qualquer conceção e não têm, por isso, remédios à mão.

No nosso avanço e civilização, comprometemo-nos a melhorar a natureza, a suplementar a ação da natureza por métodos artificiais que, levados ao extremo hoje em dia, produzem um sistema de prática que, se fosse final e plenamente insistido, faria de todos os seres humanos ébrios ou libertinos, faria de todos os seres humanos imbecis ou loucos, pela razão de que a aplicação de anestésicos a uma raça tão altamente sensível e sobrecarregada como a raça moderna de seres civilizados é, na verdade, um excesso de medicação que produz hoje os resultados mais surpreendentes. Com todo o avanço em direção à melhoria mais elevada da humanidade noutras direções, é um facto extremamente surpreendente que a medicina e a teologia tenham sido as que menos avançaram.

Aqueles que tratam os corpos e aqueles que tratam as almas permanecem adversos não só aos primeiros princípios da cura, mas adversos a quaisquer usurpações do seu domínio. Cada avanço na prática da medicina foi conquistado sob luta; cada visão liberal a respeito do domínio da natureza e da sua aplicação aos requisitos humanos encontrou a mesma oposição, e hoje confrontais-vos novamente com o mesmo tipo de demagogia daqueles que, julgando-se na posse de toda a verdade e de toda a ciência última, deveriam ser postos à prova ao nunca perderem um paciente e ao nunca verem falhar um remédio.

Quando a *Materia Medica* puder fazer isto, então eles poderão alegar isenções de escutar as reivindicações de qualquer outro tipo de prática. Quando as escolas da ciência moderna puderem determinar exatamente as qualidades e propriedades de qualquer remédio dado e a sua aplicação ao sistema humano com uma precisão infalível, e provar que em cada caso há a capacidade de o ajustar às necessidades do corpo humano, então, e só então, poderão eles clamar: «Não haverá mudança!»

Hoje estais no limiar de mudanças, e estas mudanças requerem uma consideração cuidadosa, fervorosa e adequada. Que pessoas irresponsáveis sejam incumbidas do importante cargo de decidir, talvez, a vida de um ser humano parece, ao princípio, uma proposição extremamente surpreendente. Mas quem são as pessoas irresponsáveis? A qualificação para realizar uma certa coisa deve ser concedida não só pela lei humana, mas pela lei divina. A mãe herda e possui o direito de cuidar do seu filho; é apenas em caso de extremo desleixo e abuso que esse direito lhe é retirado.

Os curadores deveriam ser feitos por Deus, bem como feitos pelo homem. O dom da cura é como o dom da poesia, ou do ensino, ou da arte. Podemos ter escolas e métodos, mas a cura em si é uma dominação, é uma posse da mente, é algo concedido pela natureza e alcança as várias ramificações do corpo humano.

O espírito está ali e afirma a sua preeminência. Se o homem não fosse senão um epítome de compostos químicos, poderiam estabelecer-se escolas de ciência para determinar com uma precisão exata o que sustentaria a vida e melhor removeria a doença; mas como o homem é não só um epítome de compostos químicos, mas uma expressão última de algo além da química, além da anatomia, além da fisiologia, além de qualquer constituição de estrutura que a antropologia tenha determinado, então devemos decidir sobre a capacidade de cura de acordo com a condição do homem como um ser espiritual.

Sei que a mente do paciente determina o sucesso do médico; sei que na maioria das doenças que afligem a humanidade há uma falta de ajustamento nervoso e espiritual; sei que na maioria das epidemias, novecentas e noventa e nove pessoas em cada mil morrem de susto, em vez de doença; sei que quem quer que tivesse o poder de inspirar confiança numa região epidémica conteria instantaneamente a propagação da doença, a qual apenas se estenderia àqueles infetados ou que possuíssem a condição negativa de sistema que predisporia à infeção; sei que o poder da mente sobre o corpo humano é por vezes absolutamente total, e que o poder de outra mente pode estabelecer de tal modo uma positividade que supere os efeitos do veneno, os efeitos do medo, os efeitos do frio, os efeitos de qualquer elemento suposto destrutivo da vida, e que a própria morte é detida e reduzida a nada frequentemente pela volição que entra em contacto com ela, reajustando as partículas para a polaridade exata da vida.

Sabendo disto, então, hoje, falo em nome do sublime, do divino dom da cura. Enquanto o homem estava no estado físico, remédios meramente violentos, aplicações físicas eram necessárias. A idade do ferro requeria o tratamento heroico da alopatia. Houve um tempo em que o corpo humano só cedia, talvez, aos remédios mais violentos e grosseiros da natureza; mas mesmo aí encontramos magia no Curador de Nazaré; mesmo aí encontramos esconjuros nos oráculos, e potências em fontes curativas e lugares santificados, provando que, não obstante a idade do ferro, a idade do ouro pode permear e fluvar através desta. Hoje estais a confinar com a idade da prata; a idade do ouro ainda não apareceu. As leis da *Materia Medica* estão a mudar, e métodos de prática mais subtis e ocultos são aprovados.

A homeopatia é o espírito da alopatia; é o espírito ressuscitado, talvez, mas potente, porque carece dos métodos mais grosseiros de compostos mais materiais. O vasto herbário da Natureza produz em várias formas de destilação os requisitos exatos para o corpo físico. Se não houvesse nervos, acompanhados por potência cerebral ou mental, poderíamos encontrar-vos estes remédios para cada mal; eles estariam sempre à mão; saberíeis sempre o que fazer; mas o antídoto para um é o veneno para outro. A razão é a diferença na estrutura dos nervos e do tecido espiritual, e esta diferença deve ser apurada, cuidadosamente medida e de tal modo adjudicada pelo verdadeiro médico que o remédio próprio seja descoberto.

Mesmo se os sintomas forem os mesmos, a doença é inteiramente diferente. As simulações de certas doenças no sistema humano que enganam o médico, crescendo a partir de certos estados nervosos, são frequentemente extremamente desconcertantes; mas estas têm as suas origens em estados espirituais e mentais que apenas aquele que

discerne verdadeiramente, o verdadeiro médico, pode apurar. Fui chamado à cabeceira de um paciente excessivamente nervoso, sensível e sofredor, e se não tivesse tido outro discernimento ou experiência além daquela que habitualmente acompanha um estudante de medicina, teria começado a dar a aplicação habitual para a febre tifoide nervosa.

Descobri que não existia tal doença; os sintomas estavam lá, mas as causas eram inteiramente diferentes. Havia desgosto; a mente estava afetada; a doença era secundária; os sintomas eram simulados e a verdadeira cura tinha de ser mental.

A mudança de ares é eficaz; a mudança de cenário opera por vezes prodígios; mas a palavra própria proferida no momento certo e no lugar certo é frequentemente mais potencial, e a própria presença de uma mente calma, uma que tenha confiança no poder supremo de cura do universo, é em si mesma uma poção de força, um agente medicativo real. Como a terra e o ar contêm tudo o que é essencial para o sustento, perpetuação e saúde do homem, a terra, o ar e o espírito contêm tudo o que é essencial para o seu bem-estar espiritual e físico. Para adjudicar isto devidamente, devemos mencionar o espírito em primeiro lugar como a potência curativa; a luz solar e o ar como o que se segue; os agentes medicativos como o último e mais baixo na escala da cura.

Primeiro, o espírito, porque sem a mente e o contacto real ou *rapport* não há cura ou restauração real. O curador mágico, aquele que tinha o dom do espírito na dispensação cristã, excetuando casos raros, dependia inteiramente da volição ou potência da vontade, a saber, o espírito a fluir dele para a pessoa afligida. Em alguns casos, a terra ou a argila era utilizada como meio de transmitir a força magnética; noutros, a água ou uma veste era usada como a instrumentalidade no estabelecer do devido *rapport* entre o curador e o paciente. A fé, dizia ele, era-vos essencial. Considero a fé essencial em todas as coisas; significa recetividade e uma condição que capacita a pessoa a receber a dádiva que é outorgada; a fé do rei em que o seu filho seria salvo; a fé da mulher a quem era proibido que Cristo a curasse, contudo foi restaurada pelo seu desejo fervoroso; a fé da viúva; a fé de todos os que receberam o ministério e foram declarados sãos era a atmosfera sobre a qual a cura espiritual podia ser transmitida.

Se não tendes fé no vosso médico ou no vosso curador, não o empregueis; esse é o requisito essencial e único. Deve haver também o dom; mas muitas pessoas possuem o dom da cura que não são chamadas médicos, e como não foi estabelecido na terra, em nenhuma escola de teologia e em nenhuma escola de *Materia Medica*, um sistema de cura espiritual, o mundo espiritual estabeleceu-o fora das escolas de teologia e de medicina, e a terra foi beneficiada pelo mesmo, embora não sancionado por sacerdote, prelado ou doutor.

Os práticos no mundo hoje cobiçam calorosamente a prática inteira da família humana, mas a cura magnética na hora presente usurpa uma grande proporção desta prática. Fá-lo avisadamente; fá-lo conscienciosamente; fá-lo com o consentimento de seres humanos inteligentes; e enquanto aqueles que empregam médicos deste género

forem inteligentes e estiverem cientes do que estão a fazer, parece-me irrazoável que quaisquer outros seres humanos, que afirmam ser igualmente inteligentes, os privem destes meios de restauração.

Mais valeria legislar contra o ar da montanha, ou o ar do mar, ou os banhos de mar, ou quaisquer outros requisitos que vários seres humanos consideram essenciais para a sua própria recuperação, ou legislar contra qualquer tipo de comida, ou qualquer tipo de divertimento, ou qualquer tipo de recreação, ou qualquer tipo de leitura. O princípio é precisamente o mesmo. Aquilo que eu considero bom para mim pode não ser bom para vós. Vós não sois compelidos a empregá-lo, e neste país, onde a máxima liberdade do indivíduo é cuidadosamente preservada, é estranho se, tendo encontrado o segredo da recuperação, não fordes capazes de o exercer.

Mas o segredo reside mais fundo do que isto. É o clamor do antigamente contra a inovação; é o Carro de Juggernaut do antigamente, a rolar de outra maneira e a sacrificar as suas vítimas. É o mesmo tipo de sentimento, alterado para o tempo, o lugar e a ocasião do século dezanove e de uma república livre. O sentimento é precisamente o mesmo que teria crucificado os próprios fundadores da medicina, se estivesse em contradição com a lei e o costume estabelecidos na terra. E quem foi mais perseguido do que estes perseguidores de hoje?

Permanecemos, portanto, no meio deste assunto sob a conclusão calma e deliberada de que aqueles que tentam destruir o espírito estão a lutar contra o que não conhecem. A cura magnética não nasce da argila; não é um epítome do pó; não é o resultado do crisol químico; não é fornecida nas escolas do mundo; mas tem a sua origem numa fonte mais elevada, a saber, o espírito do homem, encarnado e desencarnado, a abrir o seu caminho, como outrora sob a forma de milagres, prodígios e do espírito, chamados assim, mas sob a forma de uma potência que neste momento tem mais aderentes do que qualquer outro sistema de prática e, ao fim do dia, é mais capaz de aliviar e remover os males do mundo do que qualquer outro sistema.

Digo àqueles que têm o dom da cura, quer comissionados por qualquer escola do homem quer não, que não podeis falhar em exercê-lo. Digo àqueles que têm a potência do espírito para remover a doença que ela não pode ser silenciada; as muralhas das prisões não a conteriam; não pode ser suprimida por nenhuma multa ou fórmula de tribunal; os júris não a podem banir; não pode ser sujeitada por quaisquer julgamentos de tribunais de justiça humanos. Lembrai-vos, é um dom divino; é um dom humano.

Flui para vós a partir das fontes mais íntimas do Espírito; é o método natural se os seres humanos estão a sofrer, e em vez de suprimir este dom por qualquer lei ou legislação, em vinte e cinco anos ele suplantará inteiramente as presentes formas de tratamento; em cinquenta anos mal haverá outro método de cura no mundo. Em cem anos não haverá escolas de *Materia Medica*, pois a ocupação terá desaparecido, e vós sereis instruídos a partir desta fonte a respeito da antropologia humana no sentido mais elevado e mais amplo.

Para aqueles que não terminam com o protoplasma, mas começam aí e passam para o espírito nos seus vários estágios como a fonte de toda a vida e cura desde o alto da cabeça até à planta do pé, o homem é um epítome de forças espirituais, e compreender isto é compreender a lei do ser. O medo, o terror, a servidão abjeta a qualquer lei física, ligam-vos à doença. A felicidade, a alegria, a esperança espiritual, a aspiração — estas são as soluções de cura.

Teremos enfermarias não baseadas, como agora, em sistemas de tratamento que frequentemente sujeitam o paciente a mais tortura do que remédio e deixam o sistema destroçado para a vida; mas enfermarias onde cada atributo da mente e do espírito flua harmoniosamente em conjunto; onde a música, a luz solar, as flores, as crianças e os anjos ministradores realizem o trabalho de cura, em vez de gaiolas cirúrgicas e frascos de medicina e drogas; onde nenhum enfermeiro, com passo suave e sussurro cuidadoso, administre pelo tempo e pela hora o pó que é prescrito; mas onde as horas passem inconscientemente para o paciente, onde a recuperação seja como um anjo alado a pairar acima de vós; onde o médico não seja revelado e por vezes nem sequer seja conhecido; onde os assistentes sejam os vossos amigos; onde as vozes fluam para vós a partir daqueles escolhidos para vos ministrar; onde os acidentes possam ser evitados; onde os membros partidos possam ser ajustados sem o uso de anestésicos artificiais; onde o sono mesmérico tome o lugar das drogas; onde a potência magnética tome o lugar da cirurgia; onde cada forma de sofrimento humano seja controlada pela voz e volição da mente; e onde a potência curativa do espírito esteja em todos os momentos pronta para responder à vossa exigência.

Àqueles que a este dia são ostracizados, perseguidos, condenados, eu digo: tende coragem, pois o mundo espiritual é mais forte do que o mortal, assim como a alma é maior do que o corpo; o curador é mais mágico do que todas as doenças da terra.

Cristo o instrutor e Cristo o curador nasceram no mundo em nome da Verdade e da verdadeira cura. A religião para a mente e para o corpo caminhará de mãos dadas. Teremos medicina para a alma, e portanto o corpo recuperará.

Abaixo Deste Artigo O Editor Do Banner of Light Colocou O Seguinte:

A propósito da cura espiritual, é desejado que eu mencione um caso que ocorreu recentemente em Brooklyn, Nova Iorque, extremamente maravilhoso na sua evidência do poder da cura espiritual. O Dr. Laramie, não sendo médico, mas nascido na Nova Inglaterra e criado numa ocupação humilde, foi a Brooklyn para tratar de alguns negócios. Após ter estado lá algum tempo, foi-lhe dito pelo espírito que devia praticar a cura. Ele fez isto sem qualquer cobrança, também em obediência ao mandato do espírito. Foi chamado para assistir uma criança numa família pobre que estava cega como efeito da escarlatina.

Os olhos pareciam totalmente destruídos, e os médicos declaravam que a própria substância do olho estava a escapar; que a cegueira para sempre seria inevitável. Ele disse àqueles que o assistiam, após praticar magneticamente sobre a criança, que dali a duas semanas, àquela hora, a criança veria. Eles prestaram pouca atenção, mal

compreendendo o significado das palavras ditas. A idosa avó reparou na hora do dia e, precisamente duas semanas depois pelo relógio, a visão da criancinha foi restaurada.

Outro caso na mesma família, ainda mais notável, pode ser bem autenticado. Uma filha de vinte e quatro anos de idade nunca tinha caminhado e nunca tinha falado; noutros aspetos possuindo a inteligência de uma mente comum. Ela fez a sua mãe saber por sinais que os anjos lhe tinham dito nos seus sonhos que o Dr. Laramie a poderia restaurar. Pediram-lhe que a assistisse. Os seus membros estavam reduzidos ao tamanho de um pulso; não havia carne neles; ela nunca os tinha movido; não tinha capacidade de fala.

No espaço de um mês ela conseguia caminhar de um lado para o outro da sala; os seus membros tinham aumentado uma polegada em tamanho e conseguia falar bastante distintamente uma frase longa; ao passo que sob a influência da potência espiritual conseguia falar durante vinte minutos. O caso continua a melhorar; os membros cresceram metade e os seus guias espirituais proclamam que ela se apresentará em público e se dirigirá a uma audiência.

Estes factos podem ser confirmados ou autenticados por quem quer que deseje saber.

SOBRE A LIGAÇÃO ENTRE AS VÁRIAS CIÊNCIAS MENTAIS E O ESPIRITUALISMO

Um Discurso proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, sob *Influência Espiritual*, no Lawson's Rooms, Gower Street, Londres, 19 de novembro de 1873.

Amigos, o círculo de mentes científicas que vos irá dirigir a palavra esta noite optou por apresentar algumas sugestões gerais sobre certas fases e manifestações na ciência, ou melhor, na ciência mental, ligadas ao Espiritualismo, e mostrar em que aspetos a mente no corpo possui atributos semelhantes aos da mente desencarnada, e de que maneira ambas efetuam e controlam a sua ação sobre as substâncias materiais. É bem sabido que o magnetismo, o mesmerismo, a clarividência e até a psicologia pertencem ao que é conhecido como o reino do oculto e das ciências naturais; contudo, também é bem sabido que estas ciências estão ainda na sua infância, e que las leis que as governam são de uma natureza tão oculta que até agora nenhum sistema completo foi desenvolvido pelo qual certos resultados possam ser legítima e distintamente previstos a partir de causas conhecidas.

Tudo o que pertence ao reino da mente em ligação com estas ciências é tão misterioso quanto antes de elas surgirem na superfície do pensamento humano. No entanto, os métodos pelos quais uma mente pode governar e controlar outra podem ser tão claramente determinados como o método pelo qual um átomo pode governar, comunicar ou simpatizar com outro; ou o sol, o centro do sistema solar, governar e controlar os planetas. Mas, como a própria vida não é conhecida nem compreendida, como podemos supor que a mente, essa substância que é a mais subtil de todas as substâncias existentes, possa ser conhecida? Supôs-se que a eletricidade, o éter ou uma das multidões de forças na natureza pudessem ter alguma ligação com esta ciência mental.

Mas as recentes descobertas na eletricidade são especificamente de natureza científica. A eletricidade da sala de conferências é uma coisa; a eletricidade que o operador real gera no seu laboratório é outra. Essa eletricidade que é trazida para a ilustração de efeitos esplêndidos, que para os vossos sentidos é mais peculiar e impressionante, é muito diferente da força elétrica que pode ser pesada, medida e calculada nos seus vários aspetos e mudanças de temperatura, e totalmente compreendida e sob o controlo do homem.

Qualquer pessoa com experiência em eletricidade saberá que ela não tem a menor relação com o magnetismo, o mesmerismo ou qualquer um dos fenómenos mentais que ocorrem no mundo; que também não tem qualquer relação com as manifestações conhecidas como espirituais; que, embora algumas das suas manifestações sejam semelhantes a alguns dos possíveis efeitos da experimentação elétrica, elas não partilham da mesma natureza, não são produzidas pelas mesmas leis, não têm a sua origem em nenhuma fonte semelhante. A eletricidade é uma substância conhecida e palpável, cujas vibrações ocorrem em resposta a certas condições conhecidas e absolutas, e estas condições conhecidas e absolutas podem ser criadas quando e onde o eletricista desejar.

As manifestações do Espiritualismo, pelo contrário, ocorrem sob circunstâncias que excluem a possibilidade de vibrações elétricas, excluindo a possibilidade de experiências elétricas; e, portanto, seja qual for a substância que rodeia o médium e que permite aos espíritos mover mesas e outros objetos, ou levantar o próprio corpo do médium, ela não é de natureza elétrica. Tendo separado, pois, inteiramente as manifestações da mente daquelas da matéria simples, procedemos à análise dessas várias fases da mente conforme manifestadas através das ciências a que nos referimos.

O magnetismo animal, como é chamado, é essa força peculiar que emana de um corpo humano e exerce a sua influência sobre outro corpo humano. Todas as substâncias estão rodeadas por propriedades magnéticas peculiarmente suas.

O corpo humano está rodeado por um elemento magnético peculiarmente seu. Este elemento nada tem a ver com a vontade, volição, desejo ou outro atributo mental da pessoa: é um magnetismo puramente físico; age, reage e opera de outro modo inconscientemente, e quem possui a maior quantidade desta aura de magnetismo tem o maior poder e influência física; e quando é acompanhado pelo correspondente vigor

mental, produz o que é conhecido como mesmerismo. O mesmerismo é o resultado deste mesmo magnetismo sob o controlo de um poder de vontade individual, distinto e absoluto.

Quando uma pessoa deseja mesmerizar outra, serve-se desta aura magnética que a rodeia; e é sempre a pessoa que possui a aura magnética mais forte que pode, pelo seu poder de vontade, controlar outra que tenha um poder de vontade menos positivo. A outra pode ter tanto magnetismo, mas não tendo o poder de vontade para o direcionar, não pode resistir à força superior do mesmerista. Ora, este controlo mesmérico é governado por leis distintivas absolutas sob a influência da mente; e sabe-se que certas partes do corpo humano são polos magnéticos, sobre os quais o mesmerista, tocando no sujeito, pode operar à vontade. Estes polos magnéticos formam os centros nervosos onde as forças do sistema físico se concentram, tornando-se assim submissas à vontade do operador.

Este poder mesmérico nunca é exercido inconscientemente para o operador. Ninguém pode mesmerizar outrem a menos que queira fazê-lo; ninguém pode lançar outrem num sono mesmérico a menos que o deseje e saiba como fazê-lo. Há um poder distinto necessário para estabelecer a cadeia entre o operador e o seu sujeito. Ele deve fazer certas evoluções e passar por certas operações com referência a esses centros ou polos magnéticos, a fim de colocar o sujeito sob o seu controlo. Uma vez estabelecida esta cadeia de simpatia, o mesmerista pode agir sobre o sujeito mesmo à distância, pelo mero poder da vontade; pois a cadeia não se quebra facilmente. A psicologia e a biologia são outras fases do controlo mental, muitas vezes sem quaisquer sintomas físicos de sono mesmérico, mas pelo embalo da mente.

As partículas mentais que saem ou vibram de uma mente positiva para uma sala, embalam, movem ou deslocam a individualidade das pessoas; e muitas vezes muitas pessoas vivem durante anos sob o controlo biológico de outra mente. Sem terem qualquer consciência disso, são embaladas e movidas. Os seus pensamentos, sentimentos, emoções e crenças representam exclusivamente os de algum superior — não necessariamente superior em mente, mas superior em poder de vontade. O grande segredo de todo o controlo mental no mundo das grandes mentes é a biologia, ou a vibração mental que corresponde à vibração física do magnetismo, mas que não está aliada ao mesmerismo.

O mesmerismo desloca a vontade e dirige o corpo físico através do sono, ou através da suspensão das suas funções naturais, retirando a mente para o interior por um processo que pode ser semelhante à ação de endosmose da absorção física, em que certas forças são atraídas para o interior e a mente fica assim aliviada do contacto exterior. Ora, a clarividência desenvolve-se nos estados mesméricos, e o mesmerista depara-se frequentemente com um sujeito a quem não pode seguir por todas as regiões que a mente atravessa. Tendo colocado o seu sujeito no sono mesmérico, coube à clarividência desenvolver-se independentemente do poder do mesmerista.

Pois, embora a clarividência tenha sido descoberta primeiro através do mesmerismo, logo o clarividente viajou para além do poder de vontade do operador,

permanecendo apenas o corpo subserviente ao toque do mesmerista, enquanto a mente investigava regiões remotas, transcendendo o pensamento e muito além da vontade do mesmerizador conhecido. Isto é clarividência. Existem clarividentes independentes, que entram no estado mesmérico, conforme supõem, sem qualquer operador, e que neste estado investigam não apenas cenas na terra, mas cenas espirituais e lugares dos quais externamente não têm conhecimento. Em tais casos, o suposto clarividente independente é mesmerizado, não obstante, mas é por um espírito desencarnado, e por isso ele nem sempre vê o mesmerista; nem sabe que o mesmerista está ao seu lado, colocando-o neste estado clarividente.

Não existe tal coisa como uma pessoa ser auto-mesmerizada — é um erro de termos. Não se pode ser ao mesmo tempo positivo e negativo. Não pode lançar-se a si próprio nesse estado e ser, ao mesmo tempo, o poder controlador e o poder controlado. Pensou-se que as influências espirituais poderiam ser explicadas pelo auto-mesmerismo. Peça a um mesmerista para se mesmerizar a si próprio: ele dir-lhe-á que é impossível; diz que a própria natureza de ser positivo em relação a outra mente torna impossível que a sua própria seja positiva em relação a si mesma; e o espírito deve ser mais positivo do que o próprio indivíduo, não apenas em poder mental, mas no puro elemento mesmérico, a fim de o controlar ou de o lançar no estado mesmérico.

A psicometria é uma forma de clarividência diferente daquela desenvolvida pelo mesmerismo. A psicometria é peculiarmente um estado de simpatia mental, no qual cada objeto que entra em contacto com a mente, ou com o toque do psicometrista, transmite a esse toque e a essa mente, através da simpatia, toda a sua história — as suas vibrações passadas, os seus ambientes passados; tudo por que esse objeto passou fica estampado na mente do psicometrista. Psicomaquista é uma palavra melhor do que psicometrista. O psicomaquista possui o dom da simpatia mental ou espiritual.

É bem sabido, ou acredita-se, que cada vibração na natureza deixa uma impressão indelével algures; que cada objeto, e o movimento de cada objeto, deixou algures a sua marca; que cada cena pela qual vós, como indivíduos, passais, e cada fase ou atmosfera pela qual os vossos corpos passam, recebe alguma impressão. Cada vez que entrais em contacto com uma pessoa, conversais com ela, a tomais pela mão ou comunicais com ela de qualquer forma, recebeis dela alguma substância espiritual ou magnética, e também lhe dais alguma substância espiritual ou magnética. Sendo isto verdade, o psicomaquista pega numa carta, começando imediatamente com a influência mais recente que rodeou essa carta, seja ela qual for; ele segue-a de volta através das suas várias fases, por cada mão por que possa ter passado, até chegar ao escritor; e ao segredo mais íntimo dessa carta — os pensamentos que estavam na mente do escritor ao redigi-la, e tudo o que lhe está associado.

Ao pegar num pedaço de metal ou pedra, o psicometrista segue-o de volta através das várias etapas da sua história; sabe da camada ou rocha particular em que pode ser encontrado. Se o psicometrista for suficientemente científico no seu conhecimento, fará isto em termos científicos adequados; se não, terá de o descrever da melhor forma que puder, sem termos científicos. Em qualquer dos casos, ele pode traçar o seu

percurso, pode ver a formação da rocha ou do solo que rodeava este pedaço de pedra ou metal, pode dizer de que materiais é composto e, finalmente, dar toda a sua história.

Conhecemos um caso em que uma senhora se sentou a uma mesa com cerca do tamanho desta (uma mesa de cerca de 3 pés por 2) e, apoiando a testa na mão, começou a dizer que via primeiro um naufrágio e algo a flutuar na superfície da água. Foi então resgatado por alguém e levado para um barco. "É um pedaço de madeira", disse ela; "vejo-o mais atrás, numa masmorra.

Oh! Vejo alguém a tentar escrever nele. Vejo o prisioneiro curvar-se; vejo que ele está condenado por uma ofensa particular." Ela continuou então a contar cada fase do pensamento que ali tinha ficado impresso enquanto o prisioneiro escrevia. Estava inteiramente correto. A mesa tinha sido salva de um navio francês, tendo estado anteriormente nas mãos de alguém que fora aprisionado devido à sua participação na revolução, mas que escapou à pena que lhe fora imposta e naufragou mais tarde, tendo a mesa sido preservada e levada para a América.

O psicomaquista não tinha qualquer conhecimento da mesa, nunca antes estivera na casa e nada sabia da sua história. Muitos outros casos poderiam ser aduzidos onde pergaminhos, ganchos de cabelo e vários artigos foram psicometrizados, ficando um registo infinitesimal deixado em cada objeto pelas partículas agregadas a ele na sua passagem pelo mundo. Esta é uma das funções independentes do espírito humano encarnado e desencarnado. Pode não estar desenvolvida devido à falta de organizações adequadas na terra, mas todos os espíritos são, em certo grau, psicométricos, e muitas pessoas possuem este dom sem saberem de influências espirituais, ou do controlo distinto de inteligências individuais que já passaram da vida terrena.

Estes são assuntos de discussão particularmente interessantes, visto que a eles têm sido atribuídas muitas das manifestações mentais do Espiritualismo; mas, como vos dizemos, o mesmerismo, o magnetismo, la biologia, a clarividência, a psicometria, todos pertencem a um departamento distinto que lhes é próprio; e embora possam entrelaçar os seus elementos e muitas das suas forças possam ser semelhantes, e muitas das suas manifestações possam ser confundidas umas com as outras, ainda assim possuem uma esfera científica distinta em si mesmas.

A única diferença entre as manifestações espirituais, agindo sobre a mente humana, e estas várias formas de expressão mental na terra, é que os espíritos, estando desencarnados, são obrigados, sempre que uma atmosfera física é necessária, como no caso do magnetismo e do mesmerismo, a obter essa atmosfera do médium. Estando esse médium, em mente e pessoa, sujeito à vontade do espírito, estas propriedades magnéticas formam o meio de controlo; daí que todas essas fases de médiuns de desenvolvimento, médiuns simpáticos e outras formas, se originem com espíritos que controlam com o propósito de influenciar os outros.

Cada mente encarnada possui em embrião cada germe e poder que é possuído pela mente desencarnada, e a mente desencarnada possui cada poder que é possuído pela mente encarnada, com esta diferença: eles não têm um organismo físico próprio

como vós, e são obrigados a agir sobre organizações físicas aqui para realizarem as manifestações da sua presença e inteligência.

Eles têm a vantagem de possuir maior elasticidade de vontade, de agir sobre partículas de matéria mais diminutas do que vós podeis governar, porque as vossas ações em ligação com a matéria devem ser dirigidas exclusivamente pelos movimentos do vosso corpo físico. O espírito, por outro lado, tem uma vontade mais subtil e, não sendo constrangido por nenhum corpo físico, pode agir sobre partículas de matéria mais próximas do estado último e, assim, produzir efeitos que desafiam a ciência física e que os homens de ciência não conseguem compreender. Eles não compreendem, por exemplo, como o espírito pode mover uma mesa. Dizem: "É impossível, pois podemos querer até ficarmos azuis; não conseguimos mover a mesa."

Pela vontade não, porque a vossa vontade está limitada no exercício da sua função ao alcance particular dos seus atributos físicos e propriedades que estão encerrados nos vossos corpos individuais, e ao alcance particular de qualidades mentais que não podeis dispensar a outrem. Mas o espírito desencarnado tem maior volição, estando menos acorrentado, e opera, não sobre a mesa com as suas mãos ao fazer as pancadas com os seus dedos individuais, mas sobre a aura, ou partículas infinitesimais que rodeiam os vossos corpos, sobre as quais não tendes controlo, mas que, quando postas em movimento e concentradas, formam um elemento tão potente e maleável quanto se desejasse. Não há dificuldade em compreender isto.

Vós não compreendeis como a vossa vontade controla os vossos corpos individuais: apenas sabeis que o faz. Não vedes os glóbulos ou moléculas infinitesimais que trabalham e se esforçam em resposta à vossa vontade cada vez que levantais a mão. Não vedes que há uma vibração constante através de cada parte do vosso sistema em resposta ao vosso pensamento — uma vibração material absoluta, pela qual cada nervo comunica com o cérebro, e o próprio cérebro é atuado pela vontade voluntária do espírito. Estas moléculas ou partículas infinitesimais, que formam a substância cerebral, que comunicam com a substância cerebral, estão rodeadas por um fluido que corresponde ao fluido que o espírito emprega quando bate na mesa ou produz vibrações na atmosfera.

As moléculas infinitesimais que são assim empregues poderiam ser chamadas vácuos, se não fosse o facto de a natureza abominar o vácuo, ou quase vácuo, visto que possui vários; e neste minuto glóbulo, rodeado pela atmosfera do médium, reside o poder não só de comunicação, mas de levantar mesas e projetar corpos através da atmosfera. Como afirmámos, este é o poder da vontade espiritual, e é efetuado por forças subtis que vos são ocultas. O espírito vê a aura em redor dos vossos corpos físicos que ao vosso olhar está inteiramente oculta.

O espírito vê a ação dos fluidos nervosos, e sabe pela sua visão que estes fluidos nervosos são formados por glóbulos infinitesimais, cada um respondendo à sua função particular, e que, quando não responde, a paralisia então se segue. O espírito vê a vibração do vosso pensamento e, quando em simpatia, não exige que faleis como

fazeis uns com os outros; mas, apenas sobre essa vibração de pensamento, traça o que diríeis, e a mente desenvolvida pode, por sua vez, receber uma resposta do espírito.

É um sistema de telegrafia mental — uma telegrafia espiritual — pelo qual, em cadeias ou vibrações individuais de pensamento, o espírito é trazido em simpatia com a vossa própria mente. Há mais do que simpatia ligada ao desejo dos vossos amigos espirituais quando eles desejam que penseis neles frequentemente. Ao pensardes neles, fazeis uma vibração em direção a eles, pela qual eles podem alcançar a vossa mente. Ao recusardes ou abster-vos de pensar neles, a vossa mente vibra noutras direções, e o espírito não se pode aproximar. Diz-se frequentemente do Espiritualismo que ele apenas dá a resposta ao pensamento do investigador. Se o fizesse, isso não seria nada contra ele.

Pois o espírito deve ter alguma cadeia, ou algum elo, sobre o qual agir, e o único elo é a mente humana, e a aura que rodeia o corpo humano, e a atmosfera. Sempre que desejardes a presença de um espírito em particular, a quantidade de pensamento, ou melhor, a intensidade do vosso pensamento na direção desse espírito, trará mais seguramente o espírito do que qualquer outro método. Assim como o sol não é julgado pela sua simples chama, mas também pela sua intensidade, assim o pensamento pode ser muito magnífico em quantidade, mas se não tiver a qualidade subtil da intensidade, não alcança o espírito desejado.

E as pessoas que têm esta intensidade de pensamento, mesmo existindo na terra, muitas vezes influenciam-se mutuamente e comunicam de forma simpática, embora a uma distância muito grande, e o Espiritualismo desenvolve-se em muitos médiuns avançados a tal ponto que a escrita de cartas e o processo lento da telegrafia não são úteis, isto é, depois de serem superados pelo método mais rápido da telegrafia mental, que, quando aperfeiçoado, poderá formar a base de um novo sistema de comunicação entre indivíduos, sociedades e, talvez, nações.

O mundo material escarnece da ideia de se conseguir o que quer que seja através da oração. A intensidade do pensamento numa dada direção, se for devidamente guiada, pode conseguir quase tudo; e essa forma de aspiração mental, que pede especialmente um certo favor — "se não for em contravenção das leis naturais" —, trará certamente esse favor, desde que os vossos espíritos protetores possam alcançar esse pensamento, sendo a intensidade do vosso pensamento suficiente para os alcançar. Foi lançado um desafio pelo mundo científico para que uma certa enfermaria de um hospital fosse reservada como objeto de oração.

Se nos deixassem fazer e orar à nossa maneira, isso certamente traria resultados muito favoráveis. Se a referida oração provier de um desejo sincero, e for a expressão de uma multidão de pessoas, para um objeto que não esteja em contravenção de nenhuma lei ou desejo da vontade divina, certamente afetará um grupo de espíritos, e esse grupo de espíritos, agindo em conjunto, certamente trará um resultado desejável.

Mas, atente-se, a oração só pode agir assim, não em resposta a um desafio da mente material, mas em resposta ao desejo espontâneo e ardente que nunca põe em

causa a capacidade da inteligência que responde. A própria condição da oração é destruída ao dizer-se: "Agora, anjos, Deus ou Espírito Divino, vejam se conseguem fazer isto." Perde-se a própria condição de súplica mental e espiritual. Criai para as dádivas espirituais condições tão positivas como as que o cientista exige para as suas investigações, e a resposta será igualmente precisa. Ele exige certos laboratórios, certos lugares escuros, certas forças, certos produtos químicos: nós também exigimos certas condições; dai-nos estas, e a resposta virá.

Tem-se dito que não pode haver um método positivo de chegar a um critério de resultados espirituais quando as condições são tão diversificadas e tão desconhecidas. Mas elas podem ser conhecidas. Ninguém pode ir para o seu aposento e pedir ao seu espírito protetor que faça algo por si se for para dizer como deve ser feito. Ninguém pode pedir à Mente Divina que traga uma bênção à terra se for para ditar o método em que essa bênção deve aparecer. As leis que governam as manifestações espirituais são tão possíveis e capazes de ser conhecidas, e devem ser mantidas tão invioláveis, como as delicadas leis que controlam a vibração do telégrafo elétrico, ou as leis ainda mais delicadas que controlam a vibração que determina a quantidade ou qualidade do som.

Nenhum professor vos permitirá interferir com as suas experiências, nem nós vos podemos permitir, como investigadores, interferir com os métodos das nossas experiências. Há várias condições absolutas que devem ser invariavelmente cumpridas para produzir resultados satisfatórios, e quando os investigadores cavilam sobre as numerosas condições, devem lembrar-se de que cada resultado científico também foi alcançado sob condições, e milhares e centenas de milhares de vezes o estudante se debruçou sobre a lâmpada da meia-noite e o cadinho, tentando produzir um certo resultado químico, que não foi obtido até à derradeira vez porque as condições não eram favoráveis. Assim, cem mil vezes podereis procurar uma certa manifestação de presença espiritual, e no final ela é alcançada.

Não considereis que as outras foram fracassos, mas sim que produziram as condições perfeitas para o resultado. O olho humano — essa construção matemática e mecânica que é a mais subtil e delicada de todas — requer a sexagésima parte de um segundo para perceber um objeto. Quando se tomam as vibrações da mente humana — e lembrai-vos de que estas são muitas centenas de milhares de vezes mais rápidas do que isso —, a estrutura delicada da mente humana é tal que a mais ligeira vibração — uma vibração que não poderia ser medida por figuras aproximadas — causa uma perturbação das condições necessárias.

A ciência moderna revelou que o ouvido musical habituado pode descobrir uma variação de um som musical na ordem de 1 000 para 1 001. Isto foi de tal modo aperfeiçoado por meios artificiais que se pode descobrir uma diferença entre 4 000 e 4 001. Mas a mente é cem mil vezes mais delicada do que isto; e as inúmeras variações decorrentes da mudança de atmosfera, pensamento, etc., podem desorganizar as condições para as manifestações espirituais. O único milagre é terem tido sucesso de todo. O prodígio é que tantos factos bem autenticados tenham evoluído e tomado o seu lugar no mundo.

O assombro é que qualquer círculo consiga encontrar o suficiente da atmosfera mental adequada para consentir ou permitir uma única vibração da substância espiritual; mas o facto de ser assim é a prova de que milhares de mentes inteligentes, compreendendo perfeitamente o seu trabalho, sabendo o que andam a fazer, estão a dirigir estes movimentos na terra; prova que os espíritos desencarnados são os instrumentos de um plano inteligente e consecutivo pelo qual estas manifestações podem ser reveladas aos mortais. E se demorar — ora, foram apenas vinte e cinco anos — cem ou mesmo duzentos anos para que se conheçam as condições exatas sob as quais as melhores expressões da presença espiritual podem ocorrer, não será muito.

A astronomia demorou mais do que isso; e todas as ciências foram mais demoradas a aperfeiçoar os seus métodos e sistemas. É, portanto, um mundo impaciente este que exige que cada experiência seja infalível e correta logo no primeiro quarto de século de existência de uma ciência; e, no entanto, tão grandes e corretas têm sido muitas destas manifestações que formam hoje um registo de factos sem paralelo na história de qualquer outra ciência, e que, se recolhidos e coligidos, formariam a base de um sistema indiscutível, e o seu testemunho passaria inquestionado.

Ora, cada ponto — queremos dizer, sobre este assunto — acontece estar fora do pálio da ciência regularmente estabelecida, fora do pálio das religiões regularmente estabelecidas; de modo que tem de lutar em ambas as direções, para fazer o seu caminho o melhor que pode no meio destas influências conflituosas e contendoras. Numa conferência subsequente, dar-vos-emos o que concebemos ser as condições precisas e absolutas requeridas para o melhor cumprimento das manifestações e exigências espirituais; mas isso não pertence ao tema imediato do discurso desta noite.

Apenas desejámos mostrar-vos que as várias ciências pertencentes à mente, que finalmente foram requisitadas para dar conta do Espiritualismo, não o fazem de forma alguma, mas apenas formam a parte básica de um grande sistema de filosofia mental, que o Espiritualismo coroa e torna pleno, pois estende os poderes da mente para além da morte e para além do corpo físico, ao espírito vivo, consciente e senciente, dotado dos atributos de vontade, de poder, de pensamento, de controlar as propriedades da mente e da matéria, e de manifestar de tal modo a sua presença que se torna uma realidade viva absoluta num mundo que é feito de mudança e dissolução.

A verdadeira chave para a investigação espiritual é a sinceridade, a candura, uma disposição para receber a verdade; nenhuma curiosidade simples de sondagem ou penetração servirá, nenhuma curiosidade que procure a mera sensação mental, nada que procure aumentar a opinião individual sobre qualquer assunto particular. Deveis entregar-vos a esta investigação com a mente livre de opiniões a seu respeito. Que ela seja tão livre como o ar, tão límpida como a água, tão transparente também como a luz e a vida; e então cada minuto de vibração do mundo espiritual vos poderá alcançar; quer seja na vossa própria mente ou na mente de outrem, sereis capazes de o determinar distinta e positivamente.

Há outra dificuldade. "Como hei de saber", ouço alguém dizer, "se a impressão recebida é o resultado da minha própria imaginação ou dos espíritos?" É a coisa mais simples que se possa imaginar. Os vossos próprios pensamentos passam por uma série de evoluções que vos são conscientes; e descobrireis, após reflexão, que sempre que tendes um pensamento subitamente, passastes pelas várias etapas desse pensamento, e então, de repente, ele desenvolve-se na mente como um pensamento voluntário completo.

Por outro lado, a impressão espiritual é assim: a vossa própria mente a fazer uma pergunta; e, se fordes bem disciplinados e compreenderdes todas as operações da vossa própria mente, sabeis que vos recusais a dar uma resposta; mas surge uma vibração mental distinta, não pelo processo de pensar a resposta ou de imaginar o que ela possa ser, mas uma resposta absoluta, talvez não aos vossos ouvidos, mas de forma tão consciente para a vossa própria mente que sentis como se alguém a tivesse pronunciado nos vossos pensamentos.

Quando uma tal vibração alcançar a vossa mente, tende a certeza de que é uma impressão espiritual; mas deveis estar autodisciplinados e cultivam-se no sentido de a compreender, e não deveis deixar-vos enganar por vós mesmos.

Não deveis pegar num pensamento imaginário e dizer: "Isto pode ou não ser a resposta", pois a resposta vem nitidamente, de modo que não há como confundi-la, tal como a voz que agora se vos dirige. Estas estão entre as leis mais subtis do controlo espiritual. O Espiritualismo provou que, onde havia controlo absoluto, o pensamento era instantâneo, que o princípio orientador do Espiritualismo decorre do facto de não ser obra da volição daquele que está verdadeiramente inspirado, que a própria condição essencial da inspiração é que a mente seja pura e branca, e livre de noções preconcebidas sobre o assunto, e que então o pensamento é tão seguramente inspiração como a escrita numa folha de papel branco não é evoluída a partir do próprio papel.

Apenas nos foi possível dar um olhar bastante rápido sobre os assuntos importantes do tema escolhido; mas pensamos que detalhes mais especiais e distintos poderão ser elucidados pelas vossas perguntas. Sendo assim, solicita-se que façais perguntas sobre o assunto da conferência.

As seguintes perguntas foram então formuladas e respondidas: —

P. 1. — Devemos entender que se quer dizer que toda a oração verdadeira e fervorosa produz, ou põe em funcionamento, forças no mundo espiritual tão certamente quanto o fogo converte a água em vapor?

R. Deveis; toda a oração põe em funcionamento forças no mundo espiritual exatamente como o fogo fará vapor da água. A concentração de uma dúzia de mentes terá mais efeito, mais seguramente, porque uma dúzia de mentes alcançará mais influências espirituais do que uma.

P. 2. — Se fui corretamente informado, consta que os espíritos bebem um copo de cerveja em sessões; é assim?

R. É muito possível que os espíritos possam absorver a cerveja para a atmosfera como uma manifestação.

P. 3. — Pode explicar como um ser imaterial consome substâncias materiais?

R. Não dizemos que o espírito a consumiu, mas que um espírito poderia absorver a cerveja para a atmosfera, tal como aprendemos que a água foi transformada em vinho nos tempos antigos. A atmosfera é material, embora não tão material como os vossos corpos físicos, e uma quantidade suficiente de atmosfera poderia absorver um copo de cerveja de modo a que este não fosse palpável para o vosso sentido.

P. 4. — Disse que às vezes a oração alcançaria o espírito protetor se fosse suficientemente intensa; os espíritos protetores não estão sempre presentes, em vez de estarem por vezes longe?

R. Não dissemos que a oração alcançaria o espírito protetor, mas o espírito a quem se destinava, se pensásseis num espírito pessoalmente, pois há uma forma de os alcançar de modo a influenciá-los. Os espíritos protetores estão presentes convosco em todos os momentos; mas há uma diferença entre presença espiritual e presença material. Uma mãe pode carregar o pensamento do seu filho consigo enquanto está no seu trabalho, todo o tempo ciente de que o filho está a brincar, contudo todo o tempo conscientemente ocupada de outras formas; assim, o espírito protetor está sempre ciente do filho sob os seus cuidados, e se houver perigo por perto, a simpatia é tão grande que ele está instantaneamente convosco.

P. 5. — Ao referir-se à psicologia e à biologia, entendemos que disse que, uma vez que um indivíduo tivesse trazido outro sob a sua influência, e que depois se tivesse deslocado para longe, digamos para a Austrália, a pessoa em Inglaterra continuaria a ter o mesmo poder sobre ele? Não há um momento em que o elo se quebra?

R. Não dissemos que invariavelmente, e em todos os momentos, quando uma pessoa influencia outra, essa pessoa pode em todos os momentos e em todos os lugares, mesmo à distância, manter essa influência. Dissemos que é possível, quando uma pessoa estabeleceu plenamente um controlo mental sobre outra, que essa pessoa possa controlar a outra à distância, e foi claramente estabelecido por casos bem autenticados sob controlo mesmérico e psicológico que o operador pode estar a cem ou a mil milhas de distância e, no entanto, a uma hora dada, colocar o seu sujeito sob controlo. Naturalmente, isto aplica-se desde que nenhuma outra força interveniente quebre este poder de controlo. Mas um único caso é suficiente para provar que isso pode ser feito.

P. 6. — Repetidamente têm vindo ter comigo pessoas, e escrito para mim, dizendo que têm consciência de vozes a serem ouvidas nos seus ouvidos, pretendendo em alguns casos vir de espíritos, noutros de pessoas na carne: pode fornecer alguma informação quanto à fonte e natureza de tal perseguição, conforme a consideram?

R. Quando o som não é o resultado de doença — o que por vezes acontece, estando os nervos ligados ao órgão da audição tão doentes que podem perverter os sons externos dando-lhes a similitude de vozes —, mas é genuíno e absoluto, é simplesmente o resultado de uma simpatia mental entre a pessoa assim afligida e a parte de quem se supõe vir a voz; e muitas vezes é o resultado de um ato involuntário pelo qual o espírito, tendo simplesmente vibrado a atmosfera, pode alcançar o sentido da audição, como sabeis que o som e a audição não passam de consequências de vibrações. Mas o espírito pode vibrar a atmosfera sem a intenção de afligir o sentido da audição e, contudo, alcançar a consciência do indivíduo; de modo que a voz com que estão afligidos não passa de uma vibração mental, frequentemente o resultado de uma influência atmosférica física que o espírito faz intervir. Quando é de uma pessoa na terra, é simplesmente uma simpatia mental que, por sua vez, afeta o cérebro e produz o mesmo efeito que o som.

P. 7. — Recomenda o estudo do Espiritualismo seriamente, ou como um divertimento?

R. Penso que o cavalheiro não deve ter estado presente em nenhuma outra noite. Foi sempre afirmado que, como mero entretenimento, aconselhamos todos a manterem-se afastados dele. Não é da natureza dessas influências que as pessoas possam empregar simplesmente como passatempo. É da natureza da ciência e da ética espiritual — uma religião, se quiserdes, embora nenhuma religião possa originar-se senão a partir do interior do espírito individual, mas pode formar a via para expressar a vossa religião, e como ciência e sistema de ética requer a mais cuidadosa e séria consideração.

P. 8. — Temos casos autênticos em que médiuns receberam comunicações de perfeitos desconhecidos que estão ainda na carne, sendo estas comunicações recebidas através de ouvir vozes falar distintamente; foram posteriormente visitados pela parte de quem as mensagens vinham, que os reconheceu. Pode descrever como a comunicação foi recebida na primeira instância?

R. Afirmámos no decorrer das observações desta noite que cada espírito encarnado possui em embrião os poderes do espírito desencarnado. Frequentemente ocorre esta projeção de si mesmo para fora do corpo material. Tem sido conhecida como dupla vista, duplo eu e por vários outros termos, através dos quais o espírito que ainda habita o corpo material tem sido visto e ouvido à distância. É o resultado de alguma simpatia peculiar, embora desconhecida para a pessoa a quem a experiência chega; pois o espírito é por vezes fortemente simpático e projeta-se em direção a um futuro conhecimento do corpo; de modo que, quando vedes uma pessoa, dizeis: "Ora, parece que já o vi antes." O espírito é mais rápido do que o corpo; é como uma criança

que corre à frente dos seus pais para ver o que está adiante: assim o espírito vai em avanço, de modo que quando vedes uma pessoa por quem vos sentis atraídos, parece sempre como se já conhecêsseis essa pessoa antes. O espírito é frequentemente o mensageiro que vai adiante.

P. 9. — A voz espiritual que ouvimos em sessões às escuras é a do médium ou a do espírito?

R. Não é a voz do médium nem a voz do espírito, mas é uma voz produzida pelo espírito na atmosfera, o resultado da aura que rodeia o médium. Não é a voz do espírito, porque o espírito não tem nenhum órgão físico que possa produzir som na vossa atmosfera. Não é a do médium, sabemo-lo; porque por vezes a sua boca foi fechada, de modo a que nenhum som pudesse emanar. É uma vibração produzida na atmosfera pela criação de um tórax e de outros órgãos de som. Sabeis que a glote e a epiglote são de construção muito simples, e os espíritos podem fazer semelhanças delas sob certas condições; e por esta glote e epiglote artificiais causar a voz espiritual, e quando o círculo se retira, estas vão com ele.

P. 10. — Pode o espírito de um amigo falecido agir sobre a mente sem estar realmente presente?

R. Não sabemos o que quereis dizer com estar presente. Não estais presentes quando a cinco pés de distância, o espírito não está longe quando o pensamento está em simpatia, porque a distância não faz diferença. Mil milhas são o mesmo que um pé; e o espírito pode estar a apenas um pé de distância e, não obstante, não ter simpatia. Mil milhas não são nada, quando há simpatia; a distância não é nada para o espírito. A presença mental é uma coisa, e a chamada presença corporal outra coisa.

P. 11. — Quando vejo o rosto de um espírito, vejo pequenas figuras a passar pelo rosto, o que eu não compreendo.

Conferencista:

R: Figuras de seres humanos?

Questionador: Sim.

R. Existem várias formas de visão espiritual. Isso poderá não ser realmente o rosto de um espírito, mas algo apresentado à vossa mente como tal; pois só podeis ver o rosto do espírito com o olho absoluto do espírito. Mas muitas vezes há rostos que vos são apresentados pelo espírito que age na vossa mente, e as outras figuras são pensamentos de que eles podem desejar que tomeis nota sob a forma de formas, mas todas são fases diferentes de algum tipo de visão espiritual.

P. 12. — É absolutamente necessário que cada um tenha um espírito protetor?

R. Consideramos que as coisas que existem são necessárias, e cada ser humano tem um espírito acompanhante. Ora, isso pode ou não ser necessário. Simplesmente é assim. E este protetor que os tem assistido desde a hora do seu nascimento pode também ter outros sob os seus cuidados protetores, mas é capaz de saber o que cada um está a fazer e de ter a supervisão deles. É de bastante importância que cada um que entra no mundo tenha um espírito protetor. Sendo essa uma lei da natureza, nunca questionámos a necessidade de que tenhais pais ou protetores espirituais que vos deem a sua influência, o seu cuidado orientador, o seu controlo orientador em relação às vossas necessidades espirituais.

AS "MUITAS MORADAS";

OU, AS DIFERENTES CONDIÇÕES DA VIDA ESPIRITUAL

Um Discurso Inspirador, proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan, no Cleveland Hall, Londres, na noite de domingo, 8 de março de 1874.

Leitura: João xiii. e xiv.

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar."

A principal referência à vida futura na história e nos ensinamentos de Jesus está contida nestas palavras: essa vida futura a que, entre os hebreus e nas antigas Escrituras, raramente se faz referência; visto que não apenas os hebreus, mas cada classe de outros crentes religiosos, não aceitava na realidade uma imortalidade futura para todas as almas, mas acreditava apenas numa imortalidade para os filhos de Deus, dos quais, naturalmente, supunham constituir a maior parte.

Supunha-se que todas as outras pessoas, que não fossem os filhos de Deus, seriam destruídas; pelo que os filhos de Israel herdariam a terra e a Nova Jerusalém sob o reinado do seu Rei. Mas Jesus ensinou a beleza essencial da natureza espiritual do homem; que o reino essencial do Espírito está *dentro*, e que todas as formas de existência que pertencem à vida espiritual devem ser alcançadas através de atributos espirituais.

Nisto sustentamos — independentemente das visões teológicas que possam ser perfilhadas por aqueles que acreditam em Cristo — que ele foi o primeiro mestre essencial, tanto nos tempos antigos como nos modernos, que removeu distintamente as visões religiosas e a vida religiosa do reino temporal para o espiritual; que roubou à religião as suas meras formas temporais e máscaras exteriores, e a transferiu para aquela parte silenciosa e solene da natureza do homem — a própria alma; e quando ele se refere assim amorosa, assim afetuosamente aos seus discípulos nos seus últimos momentos com eles, e quando na sua comunhão com eles atende às suas necessidades físicas, lava-lhes os pés com as suas próprias mãos e os enxuga com a toalha que trazia

à cintura, ele realiza um ato de bondade amorosa como um último testemunho para eles antes de os deixar para o reino espiritual.

Mostrando que não compreendiam a sua referência à sua existência espiritual, Pedro roga que lhe seja permitido segui-lo para onde quer que ele vá; mas ele, prevendo o destino que o aguarda, prevendo a sua traição e subsequente morte, está ciente de que os seus discípulos não o podem seguir para esse reino espiritual.

Sobre esta afirmação de que a casa do Pai contém muitas moradas assenta o principal fundamento contido nos ensinamentos de Cristo para a crença no estado futuro — o principal fundamento para a crença de que esse estado futuro é variado, e está de acordo com a condição e os requisitos da alma individual; e ele, ao preparar um lugar para essa vida futura para os seus discípulos, prepara naturalmente um lugar seu para aqueles que haviam de acreditar nele e a quem ele deu poder.

Estas muitas moradas da existência espiritual estão, no presente dia, a ser reveladas à humanidade através de várias formas de intercâmbio entre os dois mundos — em muitas visitas angélicas ministradoras, na comunhão com aqueles que existem nessa forma de vida; e as muitas moradas da casa do Pai são alargadas do âmbito estreito da Jerusalém hebraica para o elevado e sublime templo espiritual daquele reino que não é feito por mãos humanas.

Não é sequer o céu do teólogo moderno; não é sequer o lugar estreito confinado dentro das muralhas de uma cidade física; não é uma morada de um materialismo tão transcendente que as muralhas possam ser retratadas em gemas e pedras preciosas; não é descrito por ele, o Mestre, como sendo dessa natureza de substâncias materiais que podem cintilar como o rubi ou brilhar como o ouro; não é uma cidade num reino material real, mas o templo do Espírito, o reino do Invisível, o tecido da Alma, no qual ele, o Mestre, que precedeu os seus amados discípulos, iria preparar um lugar e morada adequados para eles quando o seguissem.

Tudo isto parece extremamente natural, extremamente simples, extremamente razoável e, no entanto, em torno dessa simples afirmação foi tecida uma teia de teologia tão inconcebível que é quase uma matéria de dúvida e questionamento para a mente moderna se existe ou não um estado futuro. Tão simples e provável é esta afirmação que se apresenta, com toda a sua bondade amorosa e todas as suas palavras familiares de afeto de despedida, como o sistema mais recomendável e sublime de existência futura.

No entanto, sobre isto têm sido tecidas, durante quase 1900 anos, as malhas das fórmulas eclesiásticas, e um dogma atrás de outro foi criado para intercetar o caminho entre o homem e essa morada futura. Uma forma eclesiástica após outra interpôs a sua figura gigantesca entre a mente do homem e essa promessa simples do mestre do Cristianismo; e tornou-se um facto no mundo de hoje que, fora das muralhas das Igrejas que erguem as suas torres contra a cúpula do céu, há fortes questionamentos quanto ao estado futuro; e, dentro das muralhas, há almas famintas, ansiando por essa

presença divina que lhes fale das muitas moradas que não podem ver com os olhos naturais.

O futuro do homem é uma conceção tão simples desse estado futuro, tão de acordo com aquilo que vos rodeia na Natureza, e foi tão razoavelmente traduzido e interpretado para a consciência do homem por vários mestres, que parece estranho que este aturdimento ocorra numa época esclarecida, quando todas as avenidas do conhecimento estão abertas à mente humana; mas ocorre, e é um facto que, embora muitos acreditem e professem o sistema cristão real de salvação, a consciência do estado futuro, e os seus métodos de aplicação à vossa vida e necessidade presente, é um vazio que não pode ser facilmente preenchido.

Como será ele preenchido por uma simples referência a esta afirmação em si mesma? As muitas moradas na casa do Pai devem, sem dúvida, referir-se aos diferentes estados de existência espiritual; as muitas moradas devem, sem dúvida, referir-se a esses departamentos particulares da vida espiritual adaptados a cada forma de inteligência humana; e isto é aumentado, a nossa visão nesta matéria é confirmada, pelo facto de que, nos seus ensinamentos, Cristo também disse: "O reino dos céus está dentro de vós", o que significa que levais convosco para o mundo espiritual a condição precisa em que haveis de habitar, e que cada forma de pensamento neste mundo ajuda a construir e a moldar o reino em que ireis entrar; que o estado de felicidade não é tanto um lugar material, mas sim uma condição da mente; e que o verdadeiro espírito da Reforma de Lutero, de Calvino e de Melâncton era remover a visão temporal do futuro e os seus ambientes materialistas para uma forma mais espiritual e aceitável da mente humana.

Mas os seus crentes foram, por sua vez, tão materializados para se adequarem ao gosto das formas modernas de culto, que se tornou um facto quase impossível em referência à vida futura saber se podeis reconciliar a materialidade das ideias de existência futura com a natureza espiritual dos requisitos do homem. Hoje, o mundo vibra entre as duas opiniões da descrença num estado futuro e de uma crença sublime num futuro impossível que já não é de todo de natureza espiritual. Entre estas duas formas de crença surge um poder intermédio e real, que é a natureza espiritual do homem.

Interpretai isso adequadamente, e interpretareis o que o futuro será; interpretai as suas necessidades presentes, os seus requisitos, os seus desejos naturais e as evidências que possui de existência agora, e interpretareis todo aquele vazio que se estende entre vós e o futuro inexplorado. A mente humana, o espírito do homem, essa parte que é inquestionável e indubitavelmente imortal, não é material.

Os seus gostos, apetites, sentimentos, desejos, anseios estão todos acima e para lá da sua existência material — a sua própria luta, esforço, contenda e empenho para vencer a parte material —, aquilo que é elevado e sublime no homem está sempre a tentar tornar a matéria submissa aos seus desejos e propósitos; e a forma mais elevada de civilização hoje, o maior desenvolvimento da mente humana no mundo, reside simplesmente onde ela ganhou mais controlo sobre a matéria. As funções da matéria

destinam-se a ser submissas ao espírito; as propriedades da vida material são submissas aos poderes da mente; e o homem, como o poder supremo e absolutamente controlador, está destinado a vencer cada elemento material no seu caminho para a vida espiritual.

Na Igreja primitiva, acreditava-se que a Natureza devia ser ignorada e o homem, para se capacitar como um discípulo real da Igreja, devia, como Paulo, ignorar todos os laços da Natureza e dedicar-se unicamente aos objetivos do espírito. Até que ponto isto serve o propósito, basta-vos reportarem-se àquelas formas monásticas de governo que, quando ligadas ao Estado, se tornaram o poder supremo da ruína do homem. A forma moderna da mais alta religião é que o homem empregue a Natureza, não que a negue, mas que a use para o propósito da sua cultura espiritual e desenvolvimento mental. Aquele que triunfa sobre a matéria, aquele que sulca os mares, aquele que vence os elementos da terra e do ar, aquele que tem o domínio supremo sobre o templo que habita, esse é o discípulo moderno.

A razão pela qual a alma ou o homem, tantas vezes confinados na escuridão material, caem e fraquejam na estrada da vida, é porque a matéria os vence. Nas primeiras eras da história humana, antes de esta natureza espiritual ter sido reconhecida, e antes de ela ter ensinado o intelecto a tornar la matéria submissa ao espírito, todas as formas de existência material eram deificadas, e sucedera o facto de a idolatria e o culto de formas materiais tomarem o lugar do espiritual no culto: e daí cada forma de culto fetiche, daí cada forma de idolatria e o curvar-se diante de imagens de escultura e símbolos, e daí muito da idolatria que existe no presente dia.

Se esta natureza espiritual ou reino espiritual tivesse um lugar permanente e real no vosso meio, cada ser humano seria um templo, e cada espírito humano um santuário para a sua presença real na terra, e todas as leis materiais seriam submissas aos ditames supremos da razão humana e da espiritualidade. Mas a razão afirmou o seu domínio sozinha, com a humanidade a reivindicar a supremacia, e a mente, o pensamento e o intelecto a tomarem o lugar das antigas formas de culto e de obediência a meras formas; e é uma questão no mundo saber se o intelecto, com a sua força e poder gigantescos, construirá as suas formas de pensamento contra as antigas e gastas idolatrias, ou se o novo reino, o novo espírito, estabelecerá o seu templo real no coração humano e fará do homem a expressão viva e o representante dessa alma divina.

Estais cientes, aqueles de vós que sois adoradores e acreditais no poder e na perfeição da verdade que seguis, estais cientes de como é impossível, (como parece ser impossível), transpor este materialismo que vos divide do reino espiritual; que, com todos os vossos esforços, e todas as vossas aspirações fervorosas, e todas as vossas orações e anseios, regressa por vezes aos vossos lábios o pão da amargura, e sentis uma carência e um vazio nas vossas almas; porque o intelecto tomou o lugar da religião; porque o materialismo afirmou o seu domínio; porque a mente, orgulhosa das suas realizações e consciente de que venceu muitos dos elementos da natureza, se gloria no seu próprio poder; porque, pelo orgulho do intelecto no mundo, aquele que mais sabe das leis da Natureza é o que mais escarnece do Autor das leis da Natureza, e

aquele que está mais avançado na ciência de hoje é o que mais despreza a Alma invisível que está na fundação de tudo e, orgulhoso da sua própria força, declara ter encontrado o universo vazio e sem voz, salvo pela mente gigantesca do homem.

Uma teoria falsa e estéril rende ao mundo um resultado falso e estéril, e este poder do intelecto deu ao século dezanove a colheita de materialismo que estais agora a ceifar. Este orgulho do intelecto construiu no vosso meio a falsa teoria de que a razão do homem é suprema, acima da sua natureza espiritual e acima do reino que apenas a intuição governa. Fechando as portas cegamente contra este reino que Jesus abriu de par em par aos olhos dos seus seguidores, o mundo voltou-se completamente e abriu de par em par as portas do grande templo sem vida e sem voz da ciência material.

Combater isto — abrir de novo as fontes de inspiração, desselar de novo as nascentes ocultas dessa vida espiritual que flui suprema e constantemente, revelar de novo esse entrelaçamento das duas formas de existência que jazem tão próximas, unir a natureza espiritual do homem com a sua natureza física e intelectual, para que não haja mais este conflito, fazendo com que cada parte da vida humana tome o seu lugar designado, fazendo por este mundo aquilo que é requisitado, e exigido, e desejável, e fazendo por esse mundo vindouro aquilo que é necessitado e necessário — estas são as coisas de que tanto se carece hoje.

A ciência temporal, e essa forma de religião intermédia, quereriam fazer-vos crer que o homem neste mundo apenas precisa de atender a este mundo enquanto aqui está, e que uma fé inabalável em Deus nos conduzirá corretamente no próximo mundo — não poderia haver maior falácia do que esta. As crianças são educadas com vista a tornarem-se homens e mulheres, não para permanecerem crianças sempre. Ensinais os vossos bebés, as vossas crianças pequenas, os vossos jovens e donzelas, para que possam crescer para desempenhar as funções úteis da vida e tomar a sua posição no mundo. A ciência, a religião, a arte são vertidas nas suas mentes para que possam colher a colheita nos anos seguintes.

Não poderia haver maior sofisma do que aquele que diz ao homem para viver no presente e deixar o futuro cuidar de si mesmo. O momento presente é o elo transitório entre o passado e o futuro. Ninguém vive senão um instante de tempo no presente; e se não construirdes para o futuro quando tendes a oportunidade, o dia passou, o momento foi-se. Sois bebés em espírito se viverdes apenas para o agora. O que é que estais a construir, e a cultivar, e a tentar descobrir?

Não é que devais ignorar os usos e propósitos da vida; não é que cada dever e cada requisito da existência diária não deva ser cumprido; mas é que, tendo estes, e enquanto fazeis estes, estejais também cientes da existência do espiritual, que isso requer cultura e sustentação também. É que estejais cientes de que, na existência da vida terrena, não vos estais a capacitar meramente para o tempo e meramente para a terra, mas para a vida futura e continuada.

O viajante sábio que tenciona demorar-se por algum tempo numa terra estrangeira, se puder, prepara-se com o conhecimento da língua e dos hábitos do povo

entre o qual tem de habitar; um homem sábio prestes a entrar no estudo de um novo problema prepara-se com as leis a ele pertencentes; assim, aquele que na terra tem de aguardar o tempo para a existência espiritual, prepara também a sua mente com algo do conhecimento e algo da linguagem que hão de ser exigidos no estado futuro.

Se a existência do homem fosse unicamente da terra, se ele construísse apenas para o temporal, então diríamos: Erguei os vossos templos, construí os vossos palácios dourados, dedicai-vos à redenção real do deserto da terra e não concedais nenhum pensamento ao futuro. Mas se não construís de forma isolada para o tempo, se o futuro é de importância, então considerai, enquanto construís materialmente, que também tendes uma estrutura espiritual a erguer que durará para sempre.

Os mais altos edifícios da perícia e grandeza humanas têm de, em última análise, ceder perante as vagas avançadas do tempo. Até as pirâmides que sobreviveram a eras têm finalmente de sucumbir à lei da destruição inevitável. Mas o pensamento que está bem fundamentado nos princípios da verdade, que tem a sua origem na natureza espiritual do homem — uma verdade última —, é na realidade imorredoiro; não conhece destruição; sobrevive ao tempo, à morte e à mudança, e permanece no reino da alma para sempre. Não ocorre a cada mente individual, ao seguir uma forma particular de culto e ao curvar-se diante do santuário particular em que foi educada, que cada dia e cada hora ajudam a construir o futuro em que ireis viver; que o pensamento presente é transportado e traduzido para essa nova existência e se torna ou uma bênção ou uma causa de arrependimento; que cada momento e cada hora esbanjados em mero prazer temporal constituem uma perda proporcional para a natureza espiritual; e que, quando o espírito acorda realmente para a consciência dos seus requisitos, quando se torna realmente ciente do tipo de vida que deve levar, tudo o que pertence às meras fraquezas da vida externa nada é no mundo do espírito; enquanto cada verdade essencial, e cada dever, e cada propósito elevado se tornam os companheiros permanentes da alma na sua jornada viva e espiritual.

Se esta verdade fosse realizada, se fosse trazida para a consciência real da vida diária, poderíeis despender a quantidade de tempo que é agora diária e horariamente desperdiçada na mera existência temporal? Os deveres da vida — o prover de uma habitação adequada, de vestuário apropriado, de tudo o que pertence ao bem-estar material do homem — devem necessariamente ser considerados. Mas estes tomam apenas uma parcela do tempo em comparação com aquilo a que os homens chamam a busca da felicidade.

Na perseguição desta, o mundo inteiro é esquadrinhado; cada clima é roubado dos seus tesouros, e cada mar e terra das suas gemas, para ministrar aos gostos e apetites materiais do homem. O mundo dobrará os seus joelhos, cavará e mourejará, para que o corpo físico possa ser sustentado em esplendor e magnificência; e para o estado principesco e para o estabelecimento faustoso, ou para o erguimento de posses temporais, nenhum sacrifício é demasiado grande. O próprio conhecimento tem grandes poderes no mundo, pois ao lado desta vida temporal de materialidade surge também um segundo poder.

O amor ao conhecimento faz com que os homens incorram em perigos, visitando as regiões polares mais remotas, ou enfrentando qualquer risco, ou tornando-se párias, deserdados da sua pátria nativa, expatriados por causa do amor ao conhecimento. No país espiritual existem poucos exploradores assim aventureiros; no mundo do espírito são poucos os que se negam a si mesmos: alguns dos mártires — alguns reclusos fizeram isto; mas quem, hoje em dia, está disposto a passar fome para ter uma visão do espírito, ou quem abdicará de vestes sumptuosas por amor a uma visão do alvo traje da alma? Quem há que se negue à grandeza e ao louvor material, e à doce lisonja de muitas línguas, para poder ouvir a Voz dos mensageiros angélicos? Houve quem fizesse isto e, embora o mundo olhe para eles como santos e mártires, não o são mais do que aqueles que se envolvem, por amor ao conhecimento, em provações; com a única diferença de que estes penetram num país mais belo e revelam um mundo mais perfeito.

A verdade é que é compatível com os requisitos do homem, e com la natureza da humanidade, construir o espiritual de mãos dadas com o material. A verdade é que vos pertence o dever de trajar as vossas almas com as vestes da graciosidade, da paz, da pureza e da virtude, enquanto desempenhais também os vossos devidos deveres na vida. A verdade é que o estado futuro está todo ao vosso redor agora, que estais tanto na eternidade agora como alguma vez estareis, que a grande cúpula de Deus, que tudo abarca, encerra a presente humanidade, e que estais a construir para a eternidade enquanto pensais que a vossa estrutura é apenas para o tempo.

A verdade é que essa vida futura — o céu — jaz ao vosso redor, e que o alcance da sua presença, o significado da sua voz, é que a natureza espiritual do homem não deve jazer dormente, mas que deve ser cultivada; que deve ter tanto domínio e controlo como o mundo material tem agora. A verdade é que o grande conflito que decorre no mundo existe porque esta natureza espiritual procura uma expressão e uma voz; o conflito nas vossas próprias almas deve-se a isto; o conflito na Igreja e no Estado deve-se a isto; o conflito na sociedade e no mundo deve-se a isto.

Este reino espiritual, este elemento da presença sem voz, mas sempre palpável, este poder da vossa vida futura, estais a construí-lo passo a passo. Como havemos de descrevê-lo? Retirai de vós mesmos, se vos aprouver, os vossos sentidos habituais; retirai a materialidade que agora vos amortalha; afastai-vos do mero pensamento de formas e propósitos materiais, e considerai que impulso e ímpeto são dados à mente na contemplação das verdades espirituais absolutas. Considerai, por favor, o que o amor permanente, o que a fé perfeita, o que a esperança absoluta farão pela mente e pela alma do homem; e considerai então que tendes de construir esse reino, esse espírito, essa vida do futuro, precisamente com elementos tais como aqueles de que a fé, a esperança, o amor, a virtude e a bondade são compostos.

O tecido desse reino é por vós invisível; não podeis tocar as suas formas com os vossos sentidos, não podeis contemplá-lo com a vossa visão material; mas há tal grau de poder na autoridade absoluta e suprema que, onde ela caminha no vosso meio, é reconhecida, e as suas obras e palavras são proclamadas por todas as terras. Assim o amor tem um poder e ministério divinos — esse dom subtil e espiritual — que nem

sequer conseguis definir, mas que embala e governa o mundo e faz do santuário e do altar o próprio reino dos céus. Sim, se o mundo apenas lhe prestar atenção, o cultivo destas graças e a edificação destes poderes farão mais para libertar o mundo e trazer esse reino dos céus de que há tanto se fala do que todo o materialismo, as teorias e os sofismas que alguma vez foram propostos, do que todos os credos e dogmas que alguma vez foram impostos ao homem.

As muitas moradas. O dia de hoje é o alfobre do reino espiritual. Esta terra é o jardim no qual é plantada a semente que ali há de ser colhida. Todo o progresso, todo o adiantamento que aqui fizerdes, reverterá em vossa vantagem. O que semeais na terra torna-se flor e frutificação nessa vida espiritual, e os pensamentos e sentimentos que vos parecem transitórios tornam-se ali as realidades vivas do vosso ser.

Fome e sede o espírito não conhece; mas conhece a fome e a sede da falta de conhecimento. O corpo do espírito não sofre com o frio e o calor; mas o corpo do espírito sofre se não o tiverdes adornado com as graças e com as obras e pensamentos de bondade amorosa. A caridade torna-se a veste do espírito. Vós vestis-vos aqui de púrpura e linho fino; mas a alma só é vestida pelos pensamentos e ações amorosas das vossas mentes. O que haveis de construir nesse estado futuro? Se aqui a devoção inteira ao corpo suplantar cada momento, e o espírito for deixado sem o traje e a veste das obras graciosas, de que vos aproveitará se entrardes na vida espiritual deixando atrás de vós todo o vestuário sumptuoso, todas as formas de esplendor material, e não vos tiverdes adornado com as graças da pureza e da bondade, que poderiam ter unido o vosso espírito aos anjos de Deus que fazem a Sua vontade no céu, e àqueles que triunfaram sobre todas as formas de vida material e vivem unicamente para o Espírito?

Se não vos é dado fazer isto, é-vos contudo dado considerar que essa é a vida para a qual todos estais a caminhar, que inevitavelmente la lei da natureza vos conduz e arrasta para o momento final e supremo da morte. Não o podeis evitar; ide para onde quiserdes, esta presença está em toda a parte; habitai na terra que quiserdes, continua a ser o vosso destino; demorai-vos em qualquer cidade, não estais por isso isentos, e a maneira da vossa vida determina a maneira do vosso estado futuro no seu início. Ora, não há criança que não olhe em frente com o coração ansioso para o tempo em que se tornará um homem. O rapaz diz ao seu pai: Quanto tempo faltará para eu ser um homem — quantos dias e semanas antes de eu ser como tu? Do mesmo modo, a menina diz à sua mãe: Quando poderei usar os teus vestidos e ser como tu?

A alma do homem, confinada no barro, deve olhar em frente para ganhar o mundo do espírito; e ao passo que sois agora como criancinhas, tal como Cristo se dirigiu aos seus discípulos, "crianças em espírito", a estatura e o pleno crescimento rumo à virilidade espiritual é uma realização tão sublime, um dom tão perfeito, um futuro tão grandioso, que o mundo deveria estar atento à sua busca acima de todas as outras coisas.

A linguagem do espírito é a linguagem do conhecimento, do poder e da bondade; o pensamento do espírito é o pensamento de adiantamento, de aspiração, de afeto; a condição do espírito no seu estado mais elevado é de conhecimento, de poder, de

verdade e de amor — esse amor sublime que de tal modo irradiava sobre o rosto do Mestre que o iluminava com um esplendor semelhante ao do sol, e glorificava tudo o que entrava na sua presença. Pelo dom deste espírito, por estes poderes do reino espiritual, pela consciência real da condição do espírito no seu estado futuro, pelo conhecimento que vos faz saber que estais a semear as sementes da vossa vida espiritual, que estais a construir em direção à eternidade, e que a árvore da existência é plantada na terra apenas para florescer e dar a sua frutificação ali, não agradeceríeis àquele que vo-los fizesse conhecer?

Então não desvieis os vossos olhos; o reino espiritual está todo ao vosso redor, os pensamentos do espírito estão no vosso meio, e o contacto real dos dois mundos é declarado. Não estais a caminhar sozinhos na desolação, nem na escuridão; mas os interstícios do espaço estão preenchidos com vozes amorosas que habitam nas muitas moradas da casa do Pai.

E quem são eles? Quem são esses espíritos ministradores? Quem são esses anjos acompanhantes que ali se encontram? São os vossos próprios entes queridos, os mensageiros dos vossos próprios lares, aqueles que habitaram junto das vossas próprias lareiras e pedras do lar, aqueles que foram criados convosco sob o terno manto do amor natural — os vossos filhos, os vossos pais, os vossos amigos, todas as hostes invisíveis que partiram da vida terrena. Eles habitam neste país; eles residem nesta terra da alma; eles estão nas muitas moradas da casa do Pai. Não estais desejosos de saber onde vivem, qual é o método da sua vida, qual poderá ser a natureza do seu ser? Se um amigo parte da vossa lareira para uma terra distante, esperais com o coração ansioso e com a expectativa mais sobressaltada por saber dos novos métodos de vida que foram adotados nesse país distante.

Mas aqueles que partem pela mão da morte são sepultados e esquecidos, e o materialismo disse-vos que não deveis indagar sobre o seu estado. Mas enquanto essa porta está trancada, outra é aberta; a voz do espírito escancarou as portas das muitas moradas da casa do Pai, e os entes queridos, com mensagens sempre ternas, dão-vos o sopro dos seus movimentos e da sua vida; e vós fazeis a pergunta: "O que fazeis no novo país ou mundo que habitais?", e eles dir-vos-ão: "Ganhamos conhecimento; procuramos a sabedoria; esforçamo-nos por sobreviver aos erros da vida terrena; trazemos-vos mensagens de amor." Vós perguntais-lhes: "Qual é a natureza da existência no vosso mundo novo e espiritual?"

Eles dizem: "Não temos fome; não temos sede; não temos corpos que sofram como os vossos: mas temos fome e sede de conhecimento, e lamentamos as horas passadas na terra em ociosidade e inatividade, e lamentamos a penúria dos nossos espíritos, pois quando entrámos no mundo encontrámo-nos desprovidos de todas as graças que adornam os anjos." "E qual é o vosso sustento, e como viveis, e qual é a forma da vossa habitação?", perguntais. "O nosso sustento", respondem eles, "é sempre a atmosfera espiritual em que vivemos; o nosso alimento é o pensamento; as nossas ocupações são as ocupações do pensamento e do conhecimento; e quando não estamos entregues a estas ocupações, assistimos aqueles que são infelizes e desafortunados.

As nossas habitações são feitas de substâncias que não têm analogia na terra, mas baseiam-se em princípios espirituais, dispostas de acordo com as nossas vidas. Se construímos bem, os arcos são grandiosos e as salas estão cheias de todas as perspetivas doces e belas imagens; mas se não construímos bem, é como uma parede em ruínas ou um deserto estéril; e vivemos quase em perfeita felicidade se erguemos os arcos do amor." "E de que é feita essa habitação?", perguntais. "É feita das obras e pensamentos da vida diária, dos atos de caridade invisível, da graciosíssima lembrança do amor terno e da filantropia que perdoa todas as formas de pecado na consciência de que o pecador é tanto filho de Deus como vós. Aquele que olha com olhos amorosos para os seus semelhantes, esse é o que constrói no futuro uma habitação correspondente." "E os nossos entes queridos são miseráveis por causa da nossa infelicidade?" "Sim; mas não tão miseráveis como se estivessem privados de todo o conhecimento.

A mãe preferiria seguir o seu filho até à cela de uma masmorra, até mesmo ao cadafalso, do que estar para sempre em suspense, em qualquer que fosse o estado de felicidade em que esse suspense se encontrasse; pois o amor do coração da mãe supera todas as formas de considerações materiais. Assim, no mundo espiritual, não há lugar tão distante, nem nenhum com muralhas tão altas que mantenham a mãe amorosa afastada da presença dos seus filhos." "E eles são infelizes?" "Ah, lágrimas de simpatia e comiseração correm pelas faces dos anjos quando a grande voz da miséria da terra sobe ao céu; mas com essas lágrimas vem também a esperança da felicidade futura. Ela não dura para sempre; a miséria não dura sempre, e não há tempo tão longo que o anjo da morte ou o anjo da vida não venha a varrer tudo o que considerais miséria, e contemplareis de novo os vossos entes queridos face a face."

"E nesta vasta morada, nestes reinos de vida espiritual, e nestes templos e moradas da casa do Pai, todos contemplam igualmente o Seu amor?" "Não, não igualmente: apenas na proporção do conhecimento, da bondade e dos pensamentos amorosos que possuem. Cada espírito tem de construir a sua salvação com o temor e o tremor da humilhação. Não sois transportados de imediato para regiões de bem-aventurança, não sois de imediato conduzidos às habitações celestes dos bem-aventurados, não vos é de imediato permitido habitar na presença omnipresente e inteiramente palpável do amor do Pai.

Há portas e máscaras que vos ocultam: portais de ignorância e preconceito, e os pensamentos materiais que constantemente se colam à vossa natureza. Mas, passo a passo, o espírito ganha o conhecimento da sua vida material; e os degraus para a existência espiritual são escarpados, o caminho é espinhoso, a senda é íngreme. O egoísmo, o materialismo, a inveja, a contenda — tudo o que pertence a esta natureza terrena tem de ser lançado para o lado.

Estas são as pedras afiadas que vos ferem os pés; estes os espinhos que de ambos os lados entram no espírito sensível; mas, à medida que triunfais sobre eles, o caminho torna-se mais luminoso, os anjos mais elevados assistem-vos, e o arco-íris do dever estabelece uma ponte sobre muitos abismos de dúvida e contenda espiritual; e então sois admitidos, após longas lutas e após longos triunfos, numa sabedoria ainda mais

alta e elevada; então o caminho alarga-se, e a alma bebe a atmosfera superior da vida espiritual; então a visão e a beleza do espírito tornam-se mais finas, e a natureza espiritual esquece as canseiras, os problemas e as contendas da vida, tal como o homem adulto esquece os cuidados infantis da infância.

Mas, avante e sempre avante, tem a alma de jornadear; as muitas moradas tornam-se mais altas e mais brilhantes. O vasto arcabouço do céu é sustentado pelas suas elevadas cúpulas, onde habitam o Conhecimento, a Fé, a Esperança e o Amor, e, sublime acima de tudo, o espírito da Verdade, cujo nome o homem não conhece, mas que, nas palavras do manso e humilde Jesus, se tornou o mensageiro da vida do homem e apontou o caminho para essa habitação espiritual não feita por mãos humanas, para os muitos reinos, as muitas moradas na casa do Pai.

COMPENSAÇÃO E RETRIBUIÇÃO

A Sra. Cora L. V. Daniels encerrou o seu compromisso e o ciclo de conferências no Music Hall, Boston, no domingo à tarde, 25 de Abril, com um discurso sobre o tema acima referido. A assistência foi numerosa, apesar do rigor do tempo, e o sentimento de apreço manifestado pela ocasião foi tudo quanto se poderia desejar. Apresentamos abaixo um relatório sinóptico das suas observações:

Tinha sido dito por alguém (Theodore Parker), que durante muitos anos ministrou no nosso atual local de reunião: “Nunca tive uma dor na vida da qual pudesse prescindir.” “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” — Bíblia. “Há uma divindade que molda os nossos fins, por mais rudemente que os possamos talhar.” — Shakespeare. “Alá é justo, e coloca firmemente entre a escuridão absoluta e a glória demasiado deslumbrante, para que os seus filhos o possam contemplar nas suas obras.” — Corão.

Filosofia, Religião, Ciência, Moralidade e Arte conspiraram todas para assumir a soma do equilíbrio da Natureza. Nenhum filósofo ou homem de ciência presumiria contestar a proposição de que cada parte do universo era igual em grau a qualquer outra parte, e que todas estavam devidamente equilibradas pela grande lei da causa e efeito que se erguia entre o caos e a centralização absoluta. Também ninguém negaria o facto de que mesmo o mais ténue raio de luz ou a mais infinitesimal partícula de matéria tinha um dever a cumprir, e estava tão sujeita à lei como o mais grandioso sol ou a mais poderosa formação do mundo material. O grande desejo do homem em todas as épocas tem sido descobrir este centro da vida — o poder pelo qual essas coisas que constituem o universo cósmico eram mantidas nos seus lugares. E no mundo religioso, bem como no material, ele trabalhou para descobrir o segredo que governa a punição do pecado ou a recompensa das boas ações realizadas nesta vida.

Por mais vasto e inexplorado que fosse este campo de trabalho para o conhecimento, havia um facto evidente para o estudante cuidadoso: para cada equilíbrio existia um grau de força oposta. A mecânica, a ciência e todos os

subtilíssimos arranjos da filosofia matemática apontavam para uma única regra que formava um predicado pelo qual se podia julgar a verdade desta afirmação; não podíamos duvidar da necessidade ou da verdade das forças equilibradoras e opostas, pois pela sua demonstração havia uma lei para tudo — um sistema de causas tão interligadas e misturadas que nenhuma podia atuar sem a outra, e assim todos os resultados na Natureza eram apenas o efeito de ação e reação.

Em vão nos esforçámos por compreender plenamente o peso e a profundidade destes misteriosos processos, mas era um facto que cada partícula de matéria tinha o seu trabalho próprio a desempenhar e, desde o início da sua existência, era claramente distinta, trabalhando para diante e para cima em direção à perfeição plena. Que importava a essas partículas afundarem-se sob o mar, serem projetadas por um vulcão em erupção, ou serem espalhadas no perfume das flores? Continuavam a preservar a sua individualidade, pois traziam e faziam florescer uma semente imortal dentro de si.

Mas, falando dentro dos limites da ciência natural, era sabido que a matemática formava a pedra angular de todo o conhecimento, demonstrando que nenhum resultado podia ser maior do que a causa. Aqueles que, pela sua luz, estavam prontos a admitir a verdade da proposição de que a menor distância entre dois pontos era uma linha reta, ou que dois corpos não podiam ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, eram levados com o tempo a reconhecer que para cada efeito devia existir uma causa visível ou invisível. Para eles, todos os fenómenos do universo material eram passíveis de solução; o mistério do arco-íris ou da folha de erva era claramente demonstrado.

Sabiam que existia tanto uso para a tempestade como para a calmaria. Sabiam que havia uma provisão na grande lei para o vento que varria impiedosamente, trazendo destruição nas suas asas, embora caravanas e viajantes fossem apanhados no seu caminho; uma causa para o ciclone que rugia sobre os mares da Índia até navios e ilhas serem submersos na espuma salgada. Quando o choque do terramoto transformava em ruínas desmoronadas cidades que tinham sido obra de eras, e a natureza humana recuava horrorizada, podiam ainda dizer, com fé trémula: “Não possuímos o arranjo de tudo isto, mas estamos seguros de que está bem.”

O antigo estoico habituava-se à destruição de todos os desejos e amores terrenos, de tal modo que nenhuma aflição podia lançar uma sombra sobre o seu semblante. Mas este exemplo não era apropriado para seguir neste mundo. Não devíamos sufocar os nossos sentimentos, mas esforçar-nos por aplicar a todas as coisas as regras da fé confiante. Quando as convulsões da Natureza traziam os seus clamores diante dos nossos olhos; quando a espada bifurcada do relâmpago despedaçava o gigante carvalho e perfurava o cordeiro que buscava refúgio à sua sombra, devíamos ainda ver o bem e utilizá-lo tanto quanto na luz do sol. Pois todos estavam ligados pela lei da Natureza uns aos outros, e queixar-se de um era queixar-se de todos.

O mundo tinha sido conduzido à sua perfeição presente por poderes que teriam aterrorizado as mentes de hoje. Mas o vulcão e o terramoto eram apenas as suas válvulas de segurança. Uma máquina a vapor devidamente compreendida tornou-se o grande intermediário do comércio, mas, impropriamente controlada, era um

instrumento temível de morte e destruição — era um poder apenas aplicável quando compreendido. Assim, todas as forças da Natureza eram igualmente uma bênção e um remédio, e somente quando, pela ciência matemática, aprendíamos a pesá-las na balança do direito, podíamos perceber a razão da compensação e da retribuição que as acompanhavam.

Quanto ao mundo material, o mesmo era verdade para o moral. Um pensamento lançado desse mundo possuía mais poder do que todos os átomos do universo material. Devíamos ter presente que as suas leis eram tão vinculativas e os seus resultados tão certos como quaisquer dos que existiam na matéria, e estavam enganados aqueles que julgavam que qualquer punição era o resultado de uma influência pessoal direta.

A verdade era que esta procura de recompensa pelo bem e punição pelo mal surgia da ignorância. Não existia em parte alguma da Natureza uma punição ou recompensa pelas ações, produzindo resultados. A lei da compensação e da retribuição estava fundada nesses princípios, dos quais não havia fuga. Foi o facto da sua suposta capacidade de escapar às consequências da lei natural que divorciou a religião da ciência.

Se a vida e a morte fossem iguais — nem sujeitas ao controlo nem ao destino; se a vida estivesse repleta de deveres próprios da própria vida; se tempestade e sol fossem igualmente compreendidos pelo mundo exterior e reconhecidos apenas como o desenvolvimento das leis naturais, então não haveria necessidade de compensação ou retribuição — elas surgiriam por si mesmas. E a influência das almas humanas unidas seria a grande força motriz que deveria governar as eras.

Havia uma influência subtil nesse sistema religioso que fazia de Deus um bode expiatório (ou um mediador), ou fabricava um portador de fardos sob a forma de um demónio das trevas, sobre o qual descarregar as iniquidades dos seus santos. Mas a ideia teve origem, e permanece ainda não purificada na sua natureza, das noções grosseiras da antiguidade que colocavam a Terra sobre o dorso de uma tartaruga, a qual, por sua vez, repousava sobre uma serpente que flutuava à vontade num mar de leite; os ensinamentos que declaravam as esferas compostas de vidro sólido e todas as estrelas submissas, nas suas variadas órbitas pelos céus, ao comando da diminuta Terra! E no mundo metafísico de hoje ainda existiam a serpente e o mar de leite sobre os quais as mentes se testavam e se exibiam de um lado para o outro, nunca procurando examinar a sua fé, nem trazer as suas ideias ao teste da experiência individual.

Não deveríamos perguntar murmurando por que razão éramos chamados a sofrer as várias aflições da vida. Havia uma resposta à nossa questão no próprio facto da sua existência, e o recém-nascido que olhava para cima com um brilho de confiança e amor para o rosto da mãe era a representação adequada da alma olhando para os olhos do Infinito.

Não existia vazio na Natureza. Se houvesse um espaço vazio, então forças seriam postas em movimento para o preencher, e as convulsões da tempestade, do trovão e do

furacão seriam apenas o efeito legítimo dos esforços nessa direção. As flores morriam, mas dos seus corpos descompostos surgiam outras formas de beleza e graça. Belas cenas e luminosos panoramas desapareciam, mas não existiriam belas visões e cenários em embrião avançando para preencher o lugar vazio? A pedra calcária nos solos rochosos não tinha nem uso nem atrativos, mas, quando absorvida pela vida vegetal e animal, tornava-se carbonato de cal, compondo os tecidos e ossos da existência humana. Poderia ter estado à espera durante eras para ser absorvida, a fim de se tornar a habitação de uma alma imortal! Se as formas vegetais e animais nunca tivessem morrido, onde estaria o material a partir do qual modelar o tabernáculo do espírito?

O Inverno, tão frio e sombrio — a aparente realização da morte — era apenas a silenciosa profecia da Primavera, com as suas flores recém-despertadas. A Natureza prosseguia a sua obra — nada se perdia. Pássaro, castor, lontra, javali, lobo, todos cumpriam o destino que lhes fora atribuído na Natureza, ainda que fosse para se devorarem uns aos outros. As florestas selvagens ecoando ao grito da pantera eram apenas precursoras daquele estado de vida animal e vegetal que melhor serviria as necessidades do homem — oferecendo-lhe campos para cultivar, e o cavalo, o boi e as variadas tribos de animais domesticados para o ajudarem direta ou indiretamente.

Nada existia que pudesse ser sonhado na Natureza que não tivesse o seu uso e propósito. Todas as coisas cumpriam a sua missão. Seria a alma menos do que tudo isto? Teria o espírito que estava acima de tudo ausência de poder, de compensação e de retribuição? A resposta deve vir da natureza interior da mente, que ensina que a dor que aqui sofremos foi compensação na vida futura, e as nossas almas devem ser devidamente agradecidas por isso ao nosso Grande Pai.

As esperanças falidas de milhões dos filhos da Terra não encontrariam outro consolo para toda a sua agonia senão a certeza de que nenhum ser humano alguma vez teve uma dor que não fosse necessária para o seu bem último. Duvidar disto seria duvidar da própria vida futura.

Isto levou-nos a considerar a religião do mundo, que procurou fugir à vasta responsabilidade que sobre ela recaía de proclamar a verdade, e se esforçou por satisfazer os seus crentes com promessas de que, de algum modo, através de um sistema de suborno, poderia salvá-los dos efeitos dos seus erros. Afastemos os véus do erro, aterrorizados pelos trovões do Sinai ou pela severidade da Lei Mosaica, seduzidos pelas ofertas fascinantes de Maomé, e aprendamos o facto de que existia no coração de cada um uma voz proclamando a necessidade da regra invariável de causa e efeito.

Poderíamos dispensar as nossas dores individuais? Sim, responderiam alguns; teríamos então menos sofrimento, menos cuidados, mais saúde e nenhuma morte. Não existiriam dor nem injustiça no mundo. Então teríamos o átomo não desenvolvido em vez da flor perfumada — a terra escura em vez do brilhante sol — o estado de absoluta inconsciência em vez da alma imortal! Não haveria lutas nem esforços para amadurecer e expandir os poderes mentais. Se não existisse doença, então não existiria

conhecimento das leis da saúde. A dor levou o homem a procurar a arte de a curar. Quando as leis naturais fossem plenamente compreendidas, não deveria existir mais dor; mas até esse momento era necessária como passo para a perfeição do conhecimento. Se não existisse morte, então existiria apenas ignorância, pois não poderiam possuir vida. As próprias flores que adornavam o sepulcro tinham brotado da morte; e seriam menos belas? Apenas o caixão exterior se decompunha; não fosse a morte, não poderia haver espírito ressuscitado para herdar as glórias da vida eterna.

Sem morte e dor, onde teriam sido fundados os maravilhosos sistemas de progresso, sobre cuja elaboração os estudantes tinham consumido o óleo da meia-noite, e corações sangrando suportado ao longo da vida, senão para que os seus esforços pudessem produzir o bem para a humanidade? Sem batalha não existiria verdade. Pois, tal como as forças naturais se combatem na realização das leis do universo, também no mundo humano o rápido avanço das ideias foi acompanhado pela luta das armas materiais. Melhor que milhares perecessem assim do que não existirem ideias de verdade. Ao longo das eras podia ver-se o movimento da mão direita de Deus apontando para uma compensação infalível por todos esses sofrimentos.

Mas, ao restringirmos a esfera desta compensação ao "eu" — "Ultimus vero nos elat exclam, 'Mene, Mene, Tekel, Upharsin'" — "Foste pesado na balança e achado em falta." Mas somos nós próprios que o dizemos, e não a Natureza. Não existe um poder que tenha deixado impressões sobre as nossas vidas. Cabe-nos trabalhar nelas com o objetivo diante dos olhos: da dor aprendemos a paciência; da adversidade, a bondade; do pecado, a piedade pelos outros; do erro, a compreensão da verdade. Se a morte chega, através dos seus portões podemos contemplar vislumbres de glória.

Não precisamos de temer a morte, se nada mais for verdadeiro. Todas as coisas da Terra podem parecer-nos cheias de traição e desonra, mas a morte é constante e certa, e conduz-nos aos nossos entes queridos que partiram antes. Ela, a última de todos os anjos ministradores, é fiel no fim. Podemos vacilar no caminho da vida, podemos ocultar as nossas verdadeiras intenções, mas a morte provar-nos-á a todos, e sabemos que o fim que ela nos traz não é o fim da vida, mas o fim da falsidade, da vergonha e do desgosto, conduzindo-nos aos portões da gloriosa cidade imortal.

Muitas vezes surge uma nuvem na mente quando vemos o caminho aparentemente florido dos perversos e a coroa cintilando na fronte do erro, enquanto os discípulos da verdade são pobres e cheios de tristeza; mas não existe repouso para as coroas do pecado, nem há tanta agonia como aquela que deve existir nos corações dos que escutam os murmúrios compensadores dos anjos. Tecemos as nossas vestes de pureza ou de vergonha — a morte é a grande niveladora — e todos ocupam o seu lugar apropriado.

Mesmo que estas poucas horas na Terra fossem toda a existência, ainda assim a relação entre compensação e retribuição manter-se-ia verdadeira. Desafiamos qualquer um a mostrar na história que a alma que carregou a cruz não acabou por usar a coroa. No campo do esforço político, militar ou moral, os ambiciosos e os fanáticos acabaram por cair, enquanto os nomes dos homens bons e verdadeiros foram arrebatados pelas

ondas da memória, e das fogueiras dos mártires espalhou-se uma glória através dos séculos. E embora sombria e profundamente role a maré do destino, sabemos que toda a alma humana será finalmente levada ao grande porto do descanso eterno.

No encerramento do discurso, outro espírito tomou controlo do médium e, em cadências doces e melodiosas, pronunciou um dos mais belos poemas da nossa língua, repleto de rara beleza e excelência, emocionando profundamente a assistência, que escutou em silêncio absoluto:

"O AMOR VALE MAIS DO QUE O OURO."

Proferido em Chicago, Illinois, pelos Guias da SRA. CORA L. V. RICHMOND

A citação que constitui o tema da nossa saudação matinal foi traduzida do antigo árabe e transmitida através das eras que foram iluminadas pelo crescimento da humanidade em direção à luz do amor perfeito.

Na época em que o Egipto se encontrava no auge do seu esplendor, dizia-se que a Cidade do Sol tinha sido pavimentada a ouro; os templos de Íon estavam revestidos de ouro, e todos os vasos sagrados pelos quais recebiam o sacramento dedicado à Luz Suprema, o sol, eram dourados; as ruas dessa magnífica cidade brilhavam como a luz e o esplendor da manhã, e todos os que serviam nos templos ou reinavam nos lugares de poder estavam vestidos com trajes que representavam a luz do sol. Mesmo então dizia-se que o ouro era a mais preciosa de todas as substâncias terrenas enviadas através do raro alambique da natureza; servindo assim acima de todos os tesouros acumulados da Terra, todas as coisas preciosas do coração da Índia, das minas de África, agora enterradas ou levadas pelas areias, como tributo à luz do Egipto.

Desde então também os reis da Terra competiram uns com os outros para imitar o esplendor do sol nesse precioso metal que o homem valoriza acima de todos os

outros; porque podia ser brunido e polido, porque pela sua maleabilidade, flexibilidade e dureza o ouro podia assumir tantas formas de beleza e utilidade, tornou-se objeto de desejo e orgulho de todos os potentados da Terra: o representante terreno do infinito, o símbolo da luz da verdade, tipificando o esplendor do sol eterno.

Independentemente do culto de Mammon, o culto ideal do ouro existe porque ele simboliza aquilo que é mais raro e precioso, e porque, ao ser brunido e polido, podia ser feito para imitar o brilho do sol.

A Cidade de Íon foi construída em imitação do sol por causa do culto de Osíris; e mesmo muito antes, no Egipto ainda mais antigo, entre aquelas nações das quais hoje não tendes qualquer relato, existia ainda este culto dos metais preciosos, sendo o ouro o principal porque era o mais raro, o mais difícil de extrair das rochas, porque simbolizava aquilo que é mais elevado na natureza, mais elevado no pensamento do homem. Daí tendes, neste símbolo representativo, o símbolo pervertido da mais elevada natureza moral, não apenas a confissão de que o ouro é o mais alto padrão de valor no mundo idealmente, mas que ele tipifica aquilo que ilustra o mais alto valor no espírito humano.

Quão longe os antigos Romanos, quão longe os antigos Gregos, e quão longe a civilização moderna devem ter descido deste ideal de culto, podeis bem julgar. Sabemos agora que o ouro simboliza simplesmente Mammon e é colocado no lugar da vida humana. Não era assim na antiga ideia do culto do ouro; todo o esplendor, todo o ornamento, todas as coisas belas da vida eram ajustadas e decoradas com este precioso metal em símbolo da luz da gloriosa dourada glória daquele sol que brilhava sobre o Egipto, descendo até às profundezas do Nilo, despertando os germes do precioso grão que haveriam de produzir a colheita.

Tudo o que existia no culto do ouro vinha através dos reis e potentados do poder reconhecido, mas de nenhuma maneira o simbolizava como hoje, o mero culto exterior de Mammon; era o culto do esplendor, o culto das coisas cintilantes. O precioso metal era feito para servir no lugar da luz daquela Divindade que era por ele simbolizada, mas as moedas não eram feitas de ouro; o poder monetário do mundo não era feito de ouro; era antes o símbolo da luz que poderia finalmente evoluir do interior do pensamento humano, pelos princípios refinados em si mesmos pelos quais o ouro é experimentado e tornado puro no crisol do fogo.

É apenas no seu sentido ideal, portanto, que hoje nos referimos a isto. Por um momento colocar o moderno padrão do ouro ao lado da afeição, ou supor que existe necessidade de discursar sobre este assunto, seria um insulto à inteligência e ao sentido moral. Apenas no seu mais elevado sentido ideal, procurando explicar o que ele significa, em tudo aquilo que está entretecido na excelência moral pelo pensamento da Regra de Ouro — assim chamada a partir do antigo simbolismo do ouro — é hoje preservado, afinal, na consciência espiritual — que não pode haver símbolo exterior que corresponda à luz do único poder que redime e exalta o mundo.

Naquela maravilhosa declaração traduzida por Paulo acerca da caridade, diz-se que, no original, a palavra era amor, e que a palavra amor, tendo-se tornado tão pervertida sob a interpretação errónea do materialismo, as autoridades e os anciãos a transformaram em caridade. Mas o amor é o melhor termo, pois não pode existir nada chamado amor que não seja divino; tudo o mais é perversão, má tradução, uma moderna interpretação errónea que deve ser afastada. No significado antigo da palavra, quando Jesus anunciou o único mandamento que era o sinal do seu ministério divino, não considerou necessário qualificar a palavra que simbolizava tudo o que tinha a dizer: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros"; não pensava que fosse possível em todo o mundo perverter essa frase. Em todo o mundo da humanidade hoje não pode existir pensamento tão perverso e vil que substitua esse amor que não era o pretendido, no significado sagrado do fino ouro do espírito que foi trabalhado nessa única palavra em todas as eras do mundo.

Se não fosse o amor que Jesus veio tipificar e expressar; se não fosse o amor que até sob Moisés se tornou o padrão de ação para com o próximo; se não fosse o amor que na antiga fé budista entrelaçou a sua fina glória pela vida de Buda e derramou o seu esplendor sobre a Ásia, até que, por essa maravilhosa luz de reforma, Buda visse o significado de toda a sombra como fundo do amor de Deus; se não fosse o amor que atravessou a forma do antigo Egipto e, como ouro fino, se trabalhou no fino simbolismo que deu expressão à palavra de Osíris e à voz do Deus sem nome, então não teríamos utilidade para palavras cujos significados devem cair e desaparecer, e os princípios divinos da vida teriam de ser vagamente adivinhados, ou seguidos, como tantas vezes fazeis, sem um nome pelo qual os designar.

Esta conferência constitui o n.º 33, Vol. III, do Weekly Discourse, contendo sermões espiritualistas pelos guias da Sra. Richmond, publicados semanalmente em Rogers Park, Illinois, por Wm. Richmond

Tal como a luz do ouro era o padrão do esplendor material; tal como a luz do sol, …que o ouro simbolizava, era o agente vivificante do universo material, despertando toda a forma de vida para a atividade, fazendo vibrar os átomos até que rebentassem na infinita flor do lótus, devolvendo da sua taça dourada a imagem refletida da luz do dia, assim também esta infalível luz da alma, o poder que conquista e triunfa para sempre, devolve a palavra sagrada no símbolo da vida eterna.

A verdade é aquilo que o homem afirma seguir; mas quando sentis os seus enrolamentos, subis até às suas alturas, encontrais a sua palavra flamejante atravessando-vos completamente e seguis até aos seus recessos mais íntimos, ela encontra-se enterrada no seio do amor infinito; e aqui se diz residir a força e o escudo de Jove. Da fronte de Jove, diz-se, nasceu Minerva, a deusa da sabedoria, para governar o mundo. Segui a sabedoria até às suas profundezas mais íntimas, onde ela se curva junto do seu altar escolhido, onde, pela luz do seu poder transcendente, move e governa o universo visível até fins que são divinos; a sabedoria entrega o cetro conquistador ao amor. No mais íntimo coração de Jove, o poder do amor é supremo.

Diz-se que o conhecimento é grandioso, mas o conhecimento é apenas o brunimento dos princípios, o poder que enumera as qualidades existentes no universo e as transporta para expressão e propósito manifesto; mas a força animadora não é o conhecimento, tal como o raio de sol não é a própria fonte da luz.

Da grande e maravilhosa glória do próprio sol, cujo esplendor é apenas a sua luz, devem provir os seus raios, e o conhecimento é apenas um dos raios emanando desse sol primordial cuja luz é o amor perfeito; e se possuísseis todas as qualidades que se supõe constituírem a divindade no homem; se pudésseis enumerar todas as virtudes cristãs; se os homens vos cantassem aquilo que é mais divino no Paraíso, e o entrelaçásseis na vossa imaginação com a dourada glória da manhã primordial, primeira e última, o centro primordial, último e único da luz seria encontrado como sendo essa luz omnipresente do amor, o amor infinito, que não só possui conhecimento, afeição e sabedoria, e organiza os propósitos da vida divina, mas cujo único propósito, chama omnipotente e omnipresente, vibra em todas as almas, tornando-as conscientes desta herança divina.

Não é na sabedoria de Deus em que confiais, não é no conhecimento de Deus de que tendes consciência, não é a luz, nesta chama aparentemente potencial, que faz os homens acreditarem na lei infinita. Não. Mas é porque dentro da alma, pela luz da alquimia do seu próprio subtil poder, existe o reconhecimento do amor divino tornado perfeito na sua compreensão; ele ilustra a única vida divina, e sem isso o conhecimento seria sem valor; e a sabedoria seria estéril sem ele; as várias faculdades que constituem os atributos espirituais, sem este único impulso divino, perder-se-iam e seriam destituídas de sentido. Na vida humana, o único agente impulsionador, a única luz que distingue o homem da besta, que o torna maior do que a natureza abaixo dele, é esta luz do amor.

No universo material sabe-se que é o conhecimento que dá ao homem triunfo; de modo exterior ele pode ser sábio para levar avante os propósitos dos seus triunfos; fisicamente pode dominar; com os sentidos pode fazê-lo sem qualquer voz que lhe diga para ficar; o forte pode triunfar sobre o fraco, o gigante pode esmagar o anão, e os poderosos reis da Terra podem abater os súbditos que se prostram a seus pés; os homens podem travar guerras uns contra os outros sem uma voz de protesto. Sabedoria e conhecimento permitem aos homens fazer isto; o homem conquista o mundo por eles; a sua força física não basta, mas o conhecimento vem em seu auxílio. Quem sabe se não foi este conhecimento a serpente do Paraíso que tentou o homem?

Porque foi o fruto da Árvore do Conhecimento que constituiu a maldição do homem, e o conhecimento sem amor é tão árido e estéril como o fruto morto do mar; e se no Paraíso da vida humana o conhecimento do mundo viesse sem ser temperado por aquilo que torna o homem divino, varreria todas as coisas belas e adoráveis, as flores da vida quotidiana tornar-se-iam frutos amargos, e o homem, da nua altura do seu poder intelectual, nada veria além do caos que está para além. É o conhecimento que permite ao homem triunfar sobre a besta; é esse mero conhecimento exterior que o impede de simpatizar com o sofrimento dos outros, ou de lhes ser terno na sua servidão; é o conhecimento que o leva a matar ou a ser cruel para com amigo ou

vizinho. Em toda a sabedoria animal eles apenas matam uns aos outros por alimento, ou quando ameaçados; o homem mata pelo mero instinto da vitória; desse cruel orgulho intelectual que o leva a considerar-se conquistador do mundo e da sua espécie.

A atravessar esta sombra, iluminando esta escuridão, e fazendo o homem afastar-se não apenas dos seus instintos brutais mas também do caminho de degradação que o orgulho intelectual traz, está a luz do amor; não o instinto ou afeição animal, mas a luz do amor; é o potencial inteligente da luz espiritual, que mais do que vos levar a fazer o bem aos vossos, protege a fera do campo ou da selva que cuida dos seus; a pantera na floresta, o tigre na selva, cuidam dos seus; a ave abriga a sua ninhada; não é necessário recorrer ao amor da mãe e do pai para ilustrar o tipo de afeição natural. Não é isto que queremos dizer: cuidar dos vossos é atributo do instinto da natureza. Mas amar a humanidade; fazer o bem aos fracos porque são fracos; elevar os impotentes porque são impotentes; ministrar aos que sofrem; usar o sagrado conhecimento que Prometeu roubou do céu com a sua chama ardente para fazer o bem ao homem em vez de lhe forjar correntes de escravidão; possuir o poder dos reis e usar esse poder para elevar os outros; habitar no meio das sombras humanas e carregar a luz, se alguém tiver força para a dar ao mundo: é isto que queremos dizer — amar os odiados, aqueles que os outros desprezam.

Muitas vezes sois chamados a ministrar aos pobres; frequentemente vos pedem que concedais caridade cristã aos que são dignos, e considera-se exemplo elevadíssimo quando, por toda a cristandade, dais esmolas aos que sabeis merecedores, e concedeis fundos a instituições destinadas a promover os interesses dos pobres merecedores. Mas quem são os pobres não merecedores? Quem são os excluídos que não são dignos? Quem são aqueles que os homens desprezam? Quem deve cuidar deles?

Se o Cristianismo falha ao interpretar a luz desse amor perfeito que Jesus trouxe, quem o deve interpretar, senão os mensageiros nomeados de era em era para levar ao mundo as boas novas da sua verdade? Se é verdade, como deve ser, que existem muitos pobres que também são maus; se é verdade, como deve ser, que existem muitos ricos que são muito maus; quem deverá conceder amor aos pobres maus? O mundo inteiro concederá esse amor aos ricos maus, e… …o culto de Mammon que há de surgir, aquilo que o ouro traz, conquista o seu caminho até aos corações da humanidade.

Os pobres merecedores podem talvez ser objeto de caridade; mas ninguém questiona os ricos quanto a serem merecedores ou não. Se possuem pequenos vícios, ou se são criminosos endurecidos, o mundo ignora-o por causa do seu ouro, e cuidadosamente esquece que o ouro do espírito é mais precioso do que essa escória que serve apenas como revestimento exterior e incentivo ao crime. Mas para aqueles que o mundo despreza, para os criminosos e excluídos nos mais baixos bairros da degradação, para essa vida que de um ponto de vista moral deve ser repugnante, cuja própria vida é isso, como uma chama constante perfurando através das sombras, afirmando essa vida que está na noite, mas não a reclamando porque é excluída, não a rejeitando porque é criminosa — reclamando-a apesar de tudo isso?

Esse amor é sem valor quando apenas se faz passar por amor e é chamado por esse nome — ainda que mil vezes o revistais de glamour exterior, de afeição exterior — esse amor nada vale se não romper por baixo e através das barreiras externas e encontrar a alma que ali se esconde. E é por isso que a imortalidade é revelada ao homem; é isto que traz a mensagem do reino espiritual; é por isso que os portões tantas vezes se abrem de par em par e o mundo humano é posto em comunicação com o mundo dos espíritos; é por isso que, dos próprios portais da sepultura, os mortos, embora o corpo esteja enterrado, regressam um sobre o outro e mais profundamente ainda. Não é simplesmente o amor físico da mãe espiritual que a traz para junto de vós; não é apenas o laço natural que vos une aos vossos filhos espirituais que os traz aqui; não é por causa da afeição física, forte no lar, ou porque os títulos hereditários são preservados ao longo de uma longa linhagem de antigos antepassados no velho mundo.

O reino espiritual possui os seus próprios despertares preciosos, as suas próprias posses divinas; ele não vos chega simplesmente, como antes se disse, com base naquilo que é chamado afeição material natural, mas a mãe descobriu no seu espírito uma luz de amor que não pertence apenas ao corpo, mas vem da eternidade, e por causa desse amor que vos dedica inclina-se para vos guiar como filhos do seu cuidado sobre a Terra; mas nunca acrediteis que sois os únicos a seu cargo, que os filhos da sua própria casa são os únicos para quem ela se volta a fim de abençoar; essas vidas desoladas que nunca conheceram amor necessitam do cuidado e consolo do coração materno tanto quanto aqueles que são fortalecidos e elevados.

Ninguém pode ser um espírito ministrador que não seja mais do que uma mãe natural. O espírito ministrador deve possuir a alma da mãe, deve possuir a luz espiritual que vem do amor interior, e deve valorizar o vosso bem-estar espiritual acima de todas as coisas materiais. O amor vale muito mais do que o ouro, ao ponto de que, se a vossa mãe espiritual julgasse que seria um tesouro espiritual para vós perder o vosso ouro, ela poderia calmamente assistir à partida de todos os tesouros terrenos; pois tal é o triunfo do amor espiritual que ela saberia que isso seria melhor para vós espiritualmente.

As pessoas perguntam muitas vezes: “Mas os nossos amigos espirituais interessam-se pelo nosso bem-estar material?” Oh, sim, na medida em que o vosso bem-estar material esteja de acordo com o bem-estar do vosso espírito. Mas nenhum guardião espiritual, nenhum espírito ministrador, pode ser designado sem vos amar; e esse amor é muito maior do que o ouro, muito mais precioso do que a mera luz da prosperidade física, pois brilha através da adversidade e vê onde o amor ao ouro pode eclipsar a luz do espírito. Não supondes que um verdadeiro amigo em espírito pode permanecer ao vosso lado e ver-vos atravessar a sombra daquilo a que se chama adversidade material, continuando a amar-vos da mesma forma, sabendo que isso é o melhor?

A fraqueza na forma exterior é o pai que concede ao filho toda a indulgência física sem qualquer formação moral ou espiritual. Vós próprios o dizeis; vedes isso todos os dias, quando os filhos dos milionários se tornam devassos. Aqueles que veem

apenas a luz da prosperidade material muitas vezes atrofiam a sua natureza espiritual. A pior herança que um homem pode deixar aos seus filhos é ouro sem amor e verdade, sabedoria e conhecimento. Se não acreditais nisto, observai o mundo à vossa volta.

O homem honesto, aquele que trabalhou pelo bem-estar dos seus filhos, sustentando-os e protegendo-os, dando-lhes força e educação, procurará assegurar que nenhum falso manto de ouro cintilante os proteja do mundo exterior; procurará assegurar que toda a energia vital da mente e do corpo seja conduzida à plena posse e formação, para que possuam uma herança interior; procurará igualmente que o honrem por algo mais do que aquilo que lhes deixou em bens terrenos.

Triste, de facto, é o lar que nada tem para recordar um pai senão o ouro que deixou; triste, de facto, é a criança que não possui melhor armadura para enfrentar o mundo do que a armadura cintilante do ouro exterior. O mundo inteiro sabe disto; contudo podeis dizer que não estais a trabalhar todo o dia, e por vezes entrando nas horas cansativas da noite, não pelo pão quotidiano, nem sempre pelas necessidades do lar, ou pelo conforto diário, ou até pelo luxo diário, mas para que possais deixar algo que seja precisamente uma sombra entre o vosso amor e os vossos filhos? Seja qual for a quantia, de mil dólares a um milhão, é raro que um lar divida os dons deixados para trás sem alguma disputa, e o pequeno pedaço de ouro torna-se a própria cegueira que os separa do amor paterno e materno, impedindo-os de saber que permanecem unidos em espírito.

Oh! Se o inestimável tesouro do amor, esse raro, precioso e divino dom, estivesse sempre diante dos seus olhos, se fôsseis para eles mais do que aquilo que fazeis por eles, se na escala moral as vidas humanas fossem preciosas pelo seu próprio valor, quão preciosa cresceria essa luz, irradiando em cada lar, brilhando em cada semblante, encontrando-se em todo o lugar de reunião humana, saudando o mundo inteiro. E vede como o poder do ouro divide o lar, irmão de irmão, irmã de irmã, e até pai de filho; vede como, como um poderoso muro, se ergue entre um homem e tudo aquilo que ele realmente é, pois não é lembrado pelo que deixa atrás de si, pelas suas doações à igreja e à sociedade, a algum lugar público de beneficência — essas coisas constituem a medida da vida de um homem. E se o ouro for reunido das lágrimas da viúva e do órfão; se o ouro for forjado na ardente fornalha das provações humanas, não importa o volume de louvor lançado sobre cada pedra, esse homem dá às caridades públicas aquilo que obtém endurecendo o coração durante todos os anos da sua vida. Entre tais ofertas e a verdadeira luz do espírito, sabeis o que o Mestre disse, e sabeis o que a humanidade clama eternamente, não simplesmente por ouro para comprar pão, mas por esse ouro melhor e mais elevado que será como o pão da vida para o espírito, sustentando a humanidade de dia para dia e tornando impossível aos pobres e aos criminosos frutificarem e crescerem na sociedade humana.

Sim, é o amor dos anjos; tal luz de amor brilha através de toda a fase da dor humana, compreende cada fase do pecado humano, cada obliquidade e perversidade humanas; um amor que inclui toda a humanidade, e encontra a sua luz mais poderosa para se declarar onde não existem barreiras superficiais de perfeição exterior ou pecado exterior. É porque os espíritos e os anjos vos amam com aquele grau de

altruísmo que o amor apenas pode expressar, que assim ministram, que assim atravessam as sombras da vossa vida exterior. É para fomentar, não para encorajar essas sombras, mas para vos resgatar delas, para fortalecer a luz que há de conduzir para fora delas, para vos dar força para as vencer.

Se o homem é aparentado à besta, é porque o amor não despertou nele; se o homem é aparentado à humanidade, é por causa deste amor, e cada homem pode prever para o mundo inteiro um estado mais elevado de civilização, uma era melhor e mais gloriosa; um dia em que a humanidade habitará unida como irmãos, um tempo em que as nações apertarão as mãos através dos mares, rios e golfos de sangue que as dividiram. Se esta é a previsão e profecia do mundo, é porque o homem sabe que esse amor é infalível; e que ele há de um dia redimir e libertar da escravidão todas as nações da Terra.

Olhai para aquele glorioso astro, que hoje brilha como ação de graças pela vossa alegre e amorosa reunião. Tal como nos tempos antigos, e ainda através do caos, estas flores brotaram; esses potentes raios atravessaram as sombras, deram um salto para dentro da escuridão, sondaram os átomos no coração e acenderam os raios de luz que finalmente foram libertados; assim também hoje os botões, as flores, as colheitas e os outonos devem produzir os frutos desses milhares de dias dourados. Assim, do coração do Amor Infinito, da voz primordial dos anjos que viram a Terra ser moldada e os planetas despertarem para a vida, o sol desse amor transcendente sozinho penetrou as profundezas dos planetas onde se encontram as vidas humanas, e hoje coroa as vossas vidas e coloca o seu selo dourado sobre as vossas frontes e corações, enchendo-vos com a glória transcendente, com a luz-amor das eras.

Do Monte das Oliveiras, e da Árvore de Buda, sob a qual Buda contemplou a luz do maravilhoso Amor de Deus, e de onde Zoroastro surgiu para de súbito contemplar a chama de Deus; e desse antigo e esplêndido sol cujo símbolo era Osíris, cujo símbolo terreno era o ouro, provém a luz desse amor que hoje coroa o mundo e, com esplendor acrescido, coloca o seu selo e sanção sobre os vossos corações, enche os vossos lábios de profecia, enche as vossas mãos de atos graciosos e molda as vossas vidas segundo a sua vontade. Se negardes a sua presença e recusardes ouvir a sua voz, tal como a nuvem que passa diante do sol não destruirá os seus raios, sereis vós a ficar mergulhados na sombra.

Mas oh! quão graciosa é esta luz dos olhos, quão belo este júbilo dos corações, e quanto mais abençoado é este fruto que hoje vos trazemos e com o qual vos coroamos; não brilho exterior, não o resultado de qualquer semeadura terrena, nem a moeda de qualquer cunhagem, mas vindo de corações puros, de vidas que, como estas, estão afinadas com vozes do Éden — desde as marés arrebatadoras dos cânticos dos anjos flutuando sobre a Terra até aos suspiros afogados, gemidos e tristezas nos cânticos do Paraíso!

“A VIRILIDADE DO ESPIRITUALISMO

O QUE ELA PRESSAGIA."*

Discurso proferido perante a Primeira Sociedade de Espiritualismo em Fairbank Hall, Chicago,
Domingo, 27 de Março de 1881, pelos Guias da SRA. CORA L. V. RICHMOND

O nosso tema, conforme anunciado esta noite através deste instrumento, é: "A Virilidade do Espiritualismo — O que Ela Pressagia." Já ouvistes através dos lábios da nossa irmã,* mensageira desta verdade para o mundo, que este é um aniversário; que o Espiritualismo, na próxima quinta-feira, terá estado no mundo exatamente trinta e três anos como nome moderno. Entre este momento e o próximo domingo à noite, quando novamente vos dirigirmos a palavra através deste instrumento, terá havido uma celebração deste aniversário em todo o mundo civilizado. Não queremos com isto dizer que os vossos populares lugares de culto o celebrarão, ou que haverá grandes assembleias em salões públicos ou salas das massas populares.

Não queremos dizer que em Roma, em São Pedro, em Londres, em São Paulo e Westminster, haverá grandes procissões de povo e convenções daqueles que adoram no altar da religião popular; mas queremos dizer que, à sua maneira, silenciosamente ou com voz audível, a palavra de vida que chegou ao povo nestes últimos trinta e três anos será pronunciada e celebrada; que a mensagem do Espiritualismo ao mundo não terá som silencioso nem obscuro, e que aquilo que foi despertado pelas suas memórias ou pelas suas possessões positivas não será um som incerto no mundo.

"Quando eu era criança", disse São Paulo, "pensava como criança, falava como criança, agia como criança; quando me tornei homem, abandonei as coisas infantis."

Onze anos pertencem à infância, onze à juventude e início da maturidade, onze à preparação para qualquer trabalho que a vida possa trazer. Hoje o Espiritualismo encontra-se diante de vós no seu trigésimo terceiro ano. Já não é uma criança para ser brincada ou tratada levianamente. Já não é uma juventude para desperdiçar convosco algumas horas em argumentos inúteis e, talvez, trazer algumas ideias vãs para depois serem postas de lado; mas está plenamente desenvolvido; mediu o seu poder no mundo; criou os seus instrumentos de expressão; testou o pensamento e a mente do século XIX; foi submetido ao exame do pensamento e da mente do século XIX, e agora está pronto para trabalhar.

Pode haver nesta sala aqueles que acompanharam a sua carreira, que estão prontos para entrar com o Espiritualismo na obra que ele veio realizar, que sentiram a evidência da vida imortal coroando a sua existência com esplendor acrescido, que conheceram e foram movidos pelo contacto real da vida espiritual com a vida mortal. Pode haver nesta sala aqueles que são principiantes na investigação.

Estes devem necessariamente encontrar-se na infância do Espiritualismo; pois embora existam sempre velhice e maturidade, feminilidade e juventude e infância no mundo, não esperais que homens e mulheres sejam sempre crianças, nem que aqueles que tiveram experiência acrescida saibam menos do que os recém-nascidos; e isto é

precisamente o que ocorre à mente do principiante, que considera que o Espiritualismo acaba de nascer quando ele ou ela começa a investigá-lo, e que acredita que ninguém foi adequadamente capaz de testar ou investigar corretamente até que a sua mente individual tenha sido aplicada ao assunto.

Tal pensamento é tolo, é evidência de infância nessa direção particular da investigação, e deveria passar da mente como indigno, porque deveis saber, no momento em que um assunto vos é mencionado, que ele já existia no mundo antes de nascerdes, talvez, e que aqueles que eram sábios, inteligentes e capazes o investigaram, deram o seu testemunho e a sua experiência. A experiência deles não é a vossa, mas era deles. Tal como a vossa, ela é sagrada; tal como a deles, forma uma parte do grande testemunho da vida humana. Sem ela não poderíeis ter comunhão uns com os outros. E como estes exemplos são inumeráveis, o principiante não deve aproximar-se de qualquer assunto com a ideia de que possui qualidades especiais para descobrir a sua falsidade.

Não existe erro maior na vida humana do que este. A Natureza, com todos os seus múltiplos mistérios, a flor com o seu silencioso segredo de incenso, as estrelas com o seu maravilhoso poder de luz e movimento, poderiam confundir o homem ousado e temerário que presumisse contemplar as suas maravilhas pela primeira vez. Eras passadas falaram dos seus esplendores. A beleza da Terra foi revelada antes de hoje, e o poder da mente sobre a matéria, do espírito sobre a morte, da vida sobre a separação, foi repetidamente expresso pela língua exaltada do poeta, pelos lábios eloquentes do profeta e do mestre; e apenas porque o mundo deve nascer e regenerar-se continuamente é que esta luz chega até vós.

Estais cansados da Primavera porque ela vem uma vez por ano? Estais cansados da manhã porque chega uma vez em cada vinte e quatro horas? Estais cansados da infância porque o bebé tagarela constantemente à vossa volta? Será a juventude alguma vez cansativa nas suas múltiplas fases de desenvolvimento? Não é a promessa da maturidade prenunciada em todas as formas de vida, e não vos lembrais de que é necessário todo o ciclo da existência para tornar a vida completa?

O Espiritualismo encontra-se, portanto, hoje, nos corações e mentes de uma geração, como um facto completo. Passaram pelas várias etapas de dúvida, de investigação parcial, de convicção, de crescimento, de apatia, de indiferença, de regeneração, revitalização e certeza. Encontram-se agora presos ao mistério daquilo que está para além desta vida; viram a sombra da sepultura ser afastada das vidas humanas, e a certeza da imortalidade brilhar plenamente sobre a sua existência; testemunharam e deram evidência nas suas próprias pessoas de que isto é verdade. Estão a entrar na terceira fase da maturidade do Espiritualismo, que é trabalho ativo e inteligente — trabalho por aquela verdade que se edificou nas suas mentes; trabalho por aquele poder e propósito que superou e substituiu labores menores pela majestade do seu domínio; trabalho por aquele exaltado método de existência que substitui a morte e o medo dela, substitui a necessidade do credo pela certeza do conhecimento, substitui as pequenas muletas da fé pela posse real e pela certeza.

E aqueles que viveram esta plena geração e colheram esta plena colheita de conhecimento não se voltam com desprezo para o principiante e dizem: “Tenho todo o conhecimento — não tendes nenhum”; mas estão dispostos a que cada homem e cada mente passem pelas várias fases de investigação pelas quais eles próprios passaram. Apenas pedem que o principiante não despreze aquilo que eles viram; que aquele que ainda é um infante na investigação não despreze o quarto de século e mais de pensamento sincero, de trabalho real, de demonstração positiva, de ensino que veio das fontes que estiveram veladas até agora para o vosso entendimento.

Isto é apenas justo num mundo onde a inteligência da nova era é comparativamente igual, e onde as oportunidades não são negadas. O principiante tem direito a todos os privilégios de investigação que existiram no mundo durante trinta e três anos; apenas tem de tomar posse deles. Tem direito a toda a manifestação e toda a forma de prova que o mundo espiritual concedeu durante os últimos trinta e três anos, se quiser aproveitar-se delas. Tem direito a todo o conhecimento que essa investigação possa trazer, e a toda a alegria que a consciência da vida imortal lhe possa proporcionar; mas não deve erguer a mão contra ou procurar retirar daquele que a possui uma parte dessa certeza que chegou através de anos cumulativos de esforço, indústria e ensino espiritual.

Portanto, como dissemos, o Espiritualismo entra nesta hora numa nova fase. Este ano está pronto para enfrentar os problemas da vida. Este ano, embora não possua instituições estabelecidas, nem vastas escolas científicas, nem sistemas de educação, nem colégios ou instituições onde seja promulgado; embora não tenha corpo de professores designados para sair pelo mundo; embora não reivindique qualquer centro visível como sua fonte e poder, possui ainda o poder da maturidade neste tempo, e não significa simplesmente ociosa curiosidade e questionamento, não simplesmente a prova da existência para além do estado terreno, mas aquilo que essa prova fará no mundo. Significa renovação.

Uma época ou ciclo de tempo passou, e alguém pergunta: “O que tem o Espiritualismo para mostrar?” O que não tem para mostrar? O brilho superficial do culto exterior não lhe pertence; aquilo que pertence a qualquer sistema de cultura intelectual não foi promulgado por ele; não obtém as suas fontes de conhecimento através dos métodos habituais da educação humana. Mas fez precisamente aquilo que afirma de si mesmo — espiritualizou a compreensão e a conceção do homem; renovou os pensamentos deste século e, até onde os olhos podem julgar, habituados a contemplar o pensamento humano, espiritualizou a tendência do tempo moderno até que o materialismo, que há vinte e cinco anos costumava infiltrar-se no pensamento e na cultura, agora recua quando se encontra face a face com a maré crescente e sempre ascendente da verdade espiritual.

* Esta conferência foi proferida diretamente antes e em antecipação do trigésimo terceiro aniversário do advento do moderno Espiritualismo, e foi relatada integralmente no Chicago Times de 29 de Março — ao qual jornal estamos gratos pelo discurso.

** Sra. O. T. Samuel, que fez um discurso preliminar nesta ocasião.*

Bentham e John Stuart Mill, grandes nos assuntos da economia social e política, deixariam a humanidade abandonada sobre o rochedo nu e estéril do materialismo especulativo. Herbert Spencer, o poeta do moderno pensamento filosófico e metafísico, envia os seus éditos ao mundo académico, e eles encontram, face a face, à porta da academia, da escola e da instituição científica, os factos, fenómenos, filosofia e religião do Moderno Espiritualismo.

O Professor Carpenter, o Sr. Huxley e o Sr. Darwin, cada um à sua maneira construindo uma escola de materialismo no mundo, são respondidos pelos Crookes, os Wallaces, os Zöllners e muitos outros, afirmando que o materialismo, por si só, não satisfará a necessidade, e que existem muito mais factos no reino da existência ainda não observados pelos primeiros; e isto precisamente no limiar daquele período que parecia destinado a derrubar e extinguir os fogos da religião e da inspiração, embora estes tivessem morrido, por assim dizer, sobre os altares da teologia, e ninguém pudesse admirar-se de que das suas cinzas pudesse surgir uma nova chama de esplendor, iluminando o mundo. Mas aquilo que existira no mundo fora inadequado para conter a maré do materialismo intelectual.

O Espiritualismo encontra-se à porta, segurando a própria chave que a ciência tem procurado, e diz: “Estou aqui não para provar a aniquilação, mas a imortalidade. Que fareis comigo?” E nada podem fazer senão esconder-se nas suas ocupações habituais ou entrar corajosamente na lista dos investigadores e sair, como todo o homem científico saiu, quando tentou a investigação, crente nos poderes espirituais do universo e na sua manifestação nos tempos modernos.

Dizemos que o Espiritualismo está pronto para o trabalho ativo; não o dizemos apenas aos principiantes; dizemo-lo aos espiritualistas; àqueles que experimentaram toda a medida de trinta e três anos de investigação; àqueles que, talvez, repetidas vezes foram instruídos nos princípios fundamentais e nos elementos da comunhão espiritual.

A passagem citada de Paulo aplica-se a vós, espiritualistas; que para sempre não deveis permanecer nos ramos elementares; que aquilo que fazeis com o Espiritualismo depende de vós, e não dele; que ele está aqui no mundo.

Agora lembrai-vos de que não chamamos uma classe de manifestação elementar acima de outra; não dizemos que as manifestações físicas são elementares e as manifestações mentais mais avançadas. Dizemos que é elementar aquilo que primeiro toma posse da vossa mente como demonstração dos factos do Espiritualismo, quer comeceis numa extremidade quer noutra da escala que forma um ciclo completo de manifestação; não afirmamos que uma manifestação seja mais valiosa do que outra; mas afirmamos que não deveis permanecer para sempre no reino desse facto; que, tendo tomado posse dele, ele conduz-vos a algo mais, e que, embora cavando no solo possais chegar à raiz da árvore, não deveis agarrar-vos eternamente à raiz sem olhar para o tronco, os ramos, as folhas, as flores e o fruto que podem estar suspensos acima.

Existem certas fases de investigadores que se agarram para sempre a essa única raiz, dizendo: “Encontrei o facto e a verdade, e isso basta-me.” A vida imortal significa mais do que isto, se deve penetrar a vossa existência com qualquer coisa valiosa; se deve preenchê-la inteira e completamente, desde a coroa da cabeça até à planta dos pés; se deveis ser impregnados do seu fervor e fogo incomparáveis. O espírito não é algo que possais vestir e despir como uma peça de roupa; é a vossa vida, é vós mesmos; e quanto mais ele se expressar — quanto mais vos tornardes homens e mulheres — mais sereis seres humanos conforme concebidos pelo infinito Deus.

Aquilo em que vos deveis tornar através do Espiritualismo não deve ser medido no pequeno compasso de um facto ou no estreito círculo de uma teoria; é o caminho aberto que conduz a uma eternidade de factos, às verdades do universo; o caminho que haveis de subir mais cedo ou mais tarde. Esse caminho é inevitável no tempo e na eternidade, e quanto mais cedo derdes o segundo passo, mais cedo estareis preparados para o terceiro, e assim sucessivamente através de toda a cadeia espiral sem fim que conduz à eternidade da vida.

Não admira, pois, que nesta hora solene que percorre o mundo existam milhões para atestar o facto do Espiritualismo; existam centenas de milhares para dizer que sobre esse facto também se baseia um sistema de vida que significa vida aqui bem como no além, e que entra em todas as ramificações da existência humana, acrescentando brilho à glória intelectual e moral do mundo.

Homem e mulher juntos, na esfera do desenvolvimento perfeito, constituem a sociedade, a vida, a existência, a civilização, tudo aquilo que forma a existência; expressar essa vida, torná-la mais exaltada e perfeita, introduzir a atmosfera superior da existência no ser quotidiano, tornar a intelectualidade mais esplêndida e elevada tornando-a luminosa com alma, fazer dos vossos corpos templos adequados para o espírito habitar, e fazer da sociedade aquilo que o espírito ditará — este é o significado deste novo ciclo de desenvolvimento espiritual.

Ele não virá com o ímpeto e o ruído dos exércitos; não virá no esplendor do triunfo, como a vitória; não virá como uma onda que se aproxima da sua maré mais alta; não virá, de facto, como qualquer dos métodos exteriores que varrem a vida humana enquanto estão no favor popular; virá com trabalho silencioso nas vidas individuais; passareis cada um pelas várias etapas da infância, juventude e maturidade do Espiritualismo; fareis cada um como as crianças fazem com um brinquedo novo, como os jovens e as donzelas fazem com uma flor que apreciam por um momento, e depois, com maiores posses de faculdades e inteligência, aceitareis esta verdade como a mais sublime verdade do universo.

Se é valiosa, vale mais do que todas as outras verdades; se a existência é tudo o que existe, é porque vale mais. Se significa alguma coisa para a vida humana para além do mero *ignis fatuus* da hora; para além da bolha que pode rebentar com um sopro de ar, significa tudo aquilo que a eternidade possa ser para vós. Quem há aqui que ouse dizer que interpreta plenamente o seu significado? Quem há aqui que, tendo ultrapassado os portais da dúvida e entrado no portal da certeza acerca da vida imortal

e espiritual, ouse dizer que ela não é o mais elevado dom que pode ser dado ao homem: o coroamento da espiritualidade?

A infância é uma era egoísta; o homem e a mulher físicos na infância juntam todas as coisas para si próprios; a juventude e a maturidade desaprovam isto ao dispersarem aquilo que a infância ganha; mas apenas nos anos posteriores a solene posse da vida entra plenamente na consciência; e essa solene posse que vos chega em consequência do despertar espiritual não é a posse do eu, ou da fama, ou da intelectualidade, ou de posses terrenas, ou de qualquer coisa que o tempo possa conceder, mas a consciência da posse da eternidade. Se não é um raio de luz lançado sobre o mundo que ultrapasse qualquer materialismo aí existente, ou qualquer mero conhecimento exterior, qualquer espécie de filosofia ou ciência, qualquer esplendor do governo terreno, então estamos enganados quanto ao seu significado.

Nada prevemos. Dizemos simplesmente que o Espiritualismo está aqui para realizar a sua obra no mundo; para a realizar individualmente nas vossas vidas; para reconstruir e regenerar as vossas conceções da existência até que já não construais do átomo e da célula primordial para o homem, mas do espírito, serafim, anjo, descendo até à Terra; até que já não façais da superstrutura da existência um fundamento para a inteligência transitória, mas vejais o universo baseado e fundado na inteligência infinita da vida, da alma e da consciência; e isto penetrará nas avenidas do vosso ser, erguer-se-á em torno da vossa inteligência como uma proposição intelectual, tomará posse dos vossos factos materiais, revestirá as vossas vidas com o seu esplendor, exaltar-vos-á com as suas possibilidades divinas e far-vos-á sentir que estais com os anjos no seu estado imortal.

Mais do que isto: a sociedade sentirá o seu sopro e será despertada para um tom mais elevado. Já não existirá o véu, a máscara da falsidade usada. Face a face estareis uns diante dos outros como espírito para espírito. Vendo que a verdade vos libertou da escravidão dos sentidos e da degradação da vida material, olhareis nos olhos uns dos outros sem medo; já não tereis receio da máscara exterior usada pela falsidade e pelo erro, mas espírito para espírito, alma para alma, coração para coração, trabalhareis pela grande humanidade que há de vir.

Mais do que isto: profetizará; revelar-vos-á as visões do futuro; apontará para o feliz tempo em que já não existirão nem a morte, nem o medo da morte, nem o medo daquilo que vem depois da morte, mas a posse consciente da vida imortal, o resultado de uma herança eterna, cujo desenvolvimento está confiado à vossa guarda sagrada; à vossa guarda, auxiliada pelos anjos de luz que brilham sobre vós; à vossa guarda, auxiliada pelos espíritos ministradores que caminham e falam convosco todos os dias; à vossa guarda, assistida pela vasta sociedade dos seres humanos, que não serão nem inimigos nem criminosos, mas irmãos e irmãs na grande família da humanidade; assistida por aqueles pensamentos benignos que fluirão para a Terra quando a guerra, a luta e a ambição cessarem — quando as coroas tiverem perdido o seu esplendor e a espada perdido a sua astúcia; quando já não houver a luta descuidada para alcançar o lugar mais elevado, mas quando cada homem, vendo um irmão mais fraco, avançar para o ajudar; quando cada homem, vendo alguém cego, o conduzir para que caminhe;

e todas as mentes humanas se unirem no esforço para que, perante os olhos do mundo espiritual, dos anjos e das vossas próprias almas, possais ver que aquilo que o Espiritualismo pressagia é a plena maturidade espiritual da Terra.

No encerramento do seu discurso, a Sra. Richmond improvisou um poema de aniversário, intitulando-o "O Mensageiro".

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES

Cora L. V. Tappan.

Ao Editor do Banner of Light:

Como questão histórica, talvez seja apropriado dizer que as primeiras manifestações espirituais em Milwaukee, Wisconsin, apareceram poucos meses depois de o país ter sido surpreendido pelos "raps" através da mediunidade da família Fox. Uma jovem de dez anos de idade, filha de um Sr. Loomis, membro da Igreja Congregacional, era o médium, e as manifestações através dela pareciam-me plenamente iguais às da família Fox.

Ao regressar de uma viagem de negócios a Nova Iorque, ouvi pela primeira vez, num vapor no Lago Erie, um relato das estranhas ocorrências em Hydesville, que me pareceram tão absurdas que não mereciam sequer reflexão passageira. À chegada a Milwaukee, o meu sócio nos negócios, o Dr. J. S. Douglas, perguntou-me o que significavam aquelas histórias nos jornais relativas aos acontecimentos em Hydesville. Respondi que nada sabia mais do que ele sobre o assunto, mas que, se lhe parecesse melhor, consultaríamos a Sra. Lowry, uma excelente clarividente. Em conformidade, visitámo-la e, sem mencionar o nosso objetivo, induzimo-la a entrar em transe.

Dirigimos então a sua atenção para esses estranhos relatos e pedimos-lhe que declarasse o que via e explicasse a natureza do fenómeno. Depois de permanecer em transe profundo durante cerca de um quarto de hora, deu-nos, de forma animada, uma descrição do que testemunhava; afirmou que os espíritos tinham, de facto, encontrado um método de comunicar com os amigos que haviam deixado para trás, e prosseguiu

dizendo que estávamos à beira de um grande despertar da mente humana; que chegara o tempo em que a imortalidade poderia ser demonstrada aos muitos céticos dentro e fora das igrejas, e que antes do encerramento do século XIX o conhecimento de uma vida futura e da sua natureza seria plenamente conhecido e compreendido por toda a Terra.

Foi uma descrição verdadeiramente eloquente e produziu profunda impressão tanto no Doutor como em mim. A Sra. Lowry era então membro da Igreja Metodista e, no seu estado normal, estava plenamente doutrinada nos seus ensinamentos.

Antes de a despertar do transe, perguntei-lhe se deveríamos ter as mesmas manifestações aqui, e quão cedo, e em que família. Após alguns minutos, disse que elas apareceriam aqui em breve — parecia-lhe dentro de uma semana — e nomeou a família, no canto das ruas Main e Oneida.

Profundamente impressionado com a importância de testar a exatidão das suas declarações, determinei visitar a família no final de uma semana, pois conhecia bem o Sr. e a Sra. Loomis. O Sr. L. era pedreiro de profissão e, como eu tinha trabalho para ele, possuía uma boa desculpa para a visita. Encontrei apenas a Sra. Loomis em casa. Durante a conversa perguntei-lhe se tinha ouvido falar das estranhas ocorrências perto de Rochester, Nova Iorque, dando-lhe um breve relato, conforme lera nos jornais. Ela nada tinha ouvido. “Mas”, disse ela, excitadamente, “Doutor, estou tão contente por ter vindo. Não conseguimos dormir há duas noites por causa de pancadas e fortes batimentos na porta e nas paredes da casa, e o meu marido falhou completamente em descobrir alguém perto da casa ou qualquer explicação para os estranhos ruídos.”

Isto, podeis estar certos, surpreendeu-me e despertou em mim uma forte determinação de investigar o mistério. Disse-lhe que me admirava por ela não ter comunicado a alguém a dificuldade em que se encontrava. Respondeu que não ousava fazê-lo, pois as pessoas diriam que a casa estava assombrada e que não teríamos paz. Disse-lhe então que nada tinha a temer e descrevi-lhe, o melhor que pude, o método que a família Fox usava para falar com aquilo que afirmavam ser espíritos; e desejei que ela, se os ruídos voltassem, lhes falasse agradavelmente e verificasse se responderiam pelas pancadas. Ela disse que o faria, e fui-me embora.

Na manhã seguinte, o Sr. Loomis apareceu cedo no meu escritório e disse: “Doutor, deve ir imediatamente a minha casa; todos os nossos filhos que morreram estão a falar com a minha esposa, e ela está tão excitada que não consegue fazer trabalho algum.” Disse-lhe que não poderia ir antes da noite, mas que então levaria três ou quatro amigos comigo. À noite fui com o Dr. Douglas e dois outros senhores. Ao entrar, apresentei os cavalheiros à Sra. Loomis e preparava-me para me sentar quando começou uma perfeita chuva de pequenas pancadas no tapete em volta dos meus pés. Perguntei: “O que significa isto, Sra. L.?” Ela respondeu: “Os meus filhos que morreram voltaram para junto de nós e agora estão a dizer-vos ‘boa noite’.” Naturalmente, respondi da forma mais cordial.

Nessa noite as manifestações foram tão espantosas para todos nós como quaisquer outras que tenha testemunhado desde então, e nessa mesma noite, antes de dormir, decidi firmemente que, como homem honesto, investigaria este assunto, e que, se o considerasse verdadeiro, teria a satisfação de dizer aos meus irmãos na igreja: "Vinde e alegrai-vos comigo. A imortalidade está agora demonstrada, e agora podemos ter o prazer de convencer todos os céticos de uma vida para além da sepultura." Julgai o meu espanto quando os nossos pastores foram os primeiros a virar-nos as costas friamente e depois iniciar um sistema de perseguição sem igual em tudo o que eu havia anteriormente testemunhado.

Mas já abusei demasiado do vosso tempo. Tenho desejado colocar por escrito alguns factos da história inicial do Espiritualismo que possam ser úteis àqueles que investigam sincera e honestamente. Permiti-me apenas mais algumas palavras.

Poucos meses depois das primeiras manifestações em Milwaukee, recebi uma carta do meu velho amigo, o Dr. E. M. Joslin, então residente numa pequena cidade chamada Lake Mills, no Wisconsin, relatando um notável caso de mediunidade numa jovem entre onze e doze anos de idade, filha de um Sr. Scott daquela localidade. Sendo eu ainda novo no movimento e cheio de zelo, percorri sessenta milhas para ver o caso por mim próprio. Encontrei a cidade em comoção e grande ira nas igrejas porque uma pequena rapariga estava a afastar tantas pessoas das suas antigas crenças pela sua eloquência e pelos pronunciamentos de grandes verdades.

Passei três dias ali e pedi à mãe que trouxesse a filha para Milwaukee. Poucos dias depois ela veio, e multidões acudiram para ouvir os seus eloquentes ensinamentos — alguns para acreditar, outros para se retirarem confundidos. Em poucos dias a mãe levou-a para Buffalo, e aí foi apresentada pela primeira vez à tribuna pública, tendo desde então eletrificado o mundo civilizado. Esta pequena rapariga é agora a Sra. Cora L. V. Tappan — então conhecida como Cora L. V. Scott.

Vosso sinceramente,
James P. Greves.
Riverside, San Bernardino, Califórnia.

NÃO HÁ UTILIDADE PARA "O GRANDE CRIME PSICOLÓGICO."

A Sra. Cora L. V. Richmond, conferencista de notável eloquência e poder, e um esplêndido médium, bem conhecida neste país e na Europa, condena vigorosamente o livro.

"Examinai todas as coisas, retende o que é bom."
"Parece-te que protestas em demasia."

O único crime no livro chamado *O Grande Crime Psicológico* é revelado na página de título. É um livro perfeitamente inofensivo.

O editor não afirma ser o autor.

Florence Huntley, a editora, é conhecida de muitos dos vossos leitores como uma escritora agradável e interessante, uma estudante ponderada em muitos departamentos do pensamento moderno.

O autor é anónimo. Se fosse uma carta, colocá-la-íeis no cesto dos papéis. Se fosse um esforço literário, deixá-lo-íeis passar pelo valor que tivesse em sentido literário. Como declaração de factos, não tem direito à menor consideração até que o nome do autor seja revelado.

Nenhuma pessoa tem direito a aparecer perante o público afirmando anonimamente alegados factos apenas com base na sua própria autoridade, sem permitir que o povo saiba quem é o autor. Mas, como alguns dos meus amigos particulares, especialmente espiritualistas, pensam que o livro deve ser respondido, e pedem ao escritor que responda, li o livro e estou, portanto, consciente do seu conteúdo.

Se contém algo a que os espiritualistas e o Espiritualismo não possam responder perfeitamente, então que seja respondido.

Sem questionar a sinceridade do escritor, o livro baseia-se em pressupostos, no egoísmo e num tipo de denúncia que não suporta o teste da crítica honesta e justa dos assuntos discutidos.

A editora explica que o livro é ou o resultado de "experiência, experiência e demonstração", como é afirmado, "ou então não vale o material usado para o imprimir." Concordo inteiramente com a editora.

Que é resultado de experiência e que é resultado de vivência, no que respeita ao autor, disso não há dúvida. Que seja demonstração não é verdade.

Como expressão individual ou pessoal de experiência, vivência e opinião, só é valiosa na proporção em que a pessoa que a apresenta é valiosa, pois o seu testemunho merece crédito apenas enquanto a sua autoridade é considerada válida pelos que estão qualificados para julgar. Portanto, como produção anónima, deve ser posta de lado.

Não existe demonstração daquilo que é afirmado como "O Grande Crime Psicológico" no livro. A suposição de que existe uma escola de Ciência Natural diferente das escolas científicas usuais conhecidas no mundo, que permitiu a alguém conhecer mais coisas do que outras pessoas, é um pressuposto. Que esta escola de Ciência Natural tenha permitido ao autor do livro, seja ele quem for, perceber mistérios da natureza desconhecidos de todos os outros, é uma suposição e não é demonstrado pelo livro.

A suposição de que a escola de Ciência Natural demonstrou as coisas afirmadas neste livro não é sustentada pelo próprio livro. A suposição ou insinuação de que esta Escola de Ciência Natural está relacionada com cultos ou ordens misteriosas na Índia e no Egipto, e que estas foram transmitidas através de algum canal secreto, é uma suposição. A insinuação de que, por algum processo direto, estas pessoas entraram e tomaram posse de conhecimento desconhecido dos outros também é uma suposição. Na verdade, toda a base e fundamento da obra é suposição.

Existe uma quantidade considerável de fraseologia científica e método científico assumido na exposição das coisas que as pessoas realmente conhecem. Aquilo que é apresentado como novo e reivindicado pelo autor como "ciência da natureza" é inteiramente, como já foi dito, suposição.

Aquilo que agora repousa sobre o fundamento, principalmente, de que existem forças construtivas e destrutivas na natureza, nós também o sabemos. Mas sabemos igualmente que a integração e a desintegração da natureza só podem aplicar-se a coisas que podem ser construídas e destruídas. Ninguém afirma — e presumimos que nem o autor deste livro o afirmaria — que os princípios sejam construíveis ou destrutíveis. Consequentemente, a aplicação do princípio à construção e destruição da vida física está bastante de acordo com aquilo que é conhecido por qualquer pessoa interessada em saber, e bastante conforme com a ciência — não com a Escola de Ciência Natural misteriosa e vaga — mas com toda a ciência. Este princípio é admitido: tudo aquilo que pode ser construído foi construído; tudo aquilo que pode ser destruído é ou será destruído.

Como nem a construção nem a destruição atingem qualquer princípio, átomo ou qualquer coisa primordial no universo, o autor comete o erro de afirmar e pensar que está provado que o mesmo princípio se aplica à natureza moral e espiritual que se aplica ao universo físico e à existência. O autor toma algures a natureza moral no curso da evolução humana e parece acabar por tomar a "alma" ou "natureza espiritual" algures; depois passa a dizer que a natureza moral e a natureza espiritual estão igualmente sujeitas a esta lei de construção e à outra lei de destruição. Claro que isso não está provado como verdadeiro; é assumido.

Após algum tempo, torna-se claro que o princípio presente na mente do autor, o seu verdadeiro ponto central, é o hipnotismo. O hipnotismo é o crime; o hipnotismo é o princípio destrutivo da natureza mental, moral e espiritual do homem. Porque o autor afirma que cada pessoa tem direito à sua existência individual; que cada pessoa tem direito à livre escolha e ao livre julgamento; que o hipnotismo destrói a escolha, o julgamento e o livre-arbítrio. Portanto, qualquer pessoa que seja hipnotizada está no caminho da morte intelectual, moral e espiritual.

Temos tido bastante Calvinismo no nosso tempo, mas isto é Calvinismo com disfarce científico. Está pronto, com uma única palavra, para destruir a entidade do espírito ou preservar o espírito. Tudo o que é oculto ou considerado oculto é explicado por esta Escola de Ciência Natural que se encontra escondida algures sobre a Terra, e apenas aqueles que são membros deste corpo de "ciência natural" conhecem qualquer

coisa sobre as consequências do hipnotismo; contudo o hipnotismo é um crime por parte do hipnotizador e da pessoa hipnotizada.

Há um argumento muito longo e laborioso que nada prova. Existem alguns factos isolados apresentados como experiências pessoais que, naturalmente, não têm valor, visto que o autor não é conhecido. Mas existem milhares de factos contrários, bem conhecidos de todos os hipnotizadores e de todos os que estudaram o assunto do hipnotismo, e livremente publicados nas suas obras.

Em primeiro lugar: o ego, a vontade individual, a vontade suprema, não é tocada pelo hipnotismo. Em segundo lugar, aquilo que é posto de lado, temporariamente, com o consentimento do sujeito, não degrada nem causa degeneração no sujeito. Em terceiro lugar, foi repetidamente provado desde os dias de Anton Mesmer até aos dias da investigação psicológica e hipnótica que as naturezas espiritual e moral do sujeito não são dominadas pelo hipnotista, no mínimo que seja.

Tem sido repetidamente demonstrado que o hipnotismo é valioso como anestésico em hospitais e em casos de operações cirúrgicas e outras.

O autor do livro admite isto, mas denuncia o método como pernicioso mesmo que os resultados sejam bons. É pura suposição afirmar que o hipnotismo degrada, destrói ou perturba a individualidade do sujeito. É suposição afirmar que o hipnotizador é culpado de crime, ou que os hipnotistas empregam o hipnotismo para outros fins que não louváveis, humanos e justificáveis. Se desejassem empregá-lo para outros fins, não são e não podem ser hipnotistas.

O autor diz que sugestões inofensivas por médicos, tais como dar pílulas de pão como medicina e outros enganos, não devem ser classificadas com as sugestões ou pensamentos empregados pelo hipnotista sobre a mente do sujeito, mas que ele ou ela pode recuperar e ficar bem. Este último é um engano grosseiro e imoral. O primeiro é sugestão permissível. Muitas páginas são ocupadas pelo autor tentando provar a diferença entre sugestão hipnótica e aquilo a que o autor chama sugestão real, que é permissível. Toda esta diferença existe apenas e unicamente na mente do autor do livro. Mas sei que o mundo da ciência material não será subornado para aceitar este livro pelo facto de ser chamado científico — e as afirmações deste livro também são chamadas ciência. Sei que até os egoístas das escolas habituais de medicina material não serão enganados ao aceitar argumento tão frágil. Diz-se que o hipnotismo não é permissível, embora os seus resultados sejam bons, embora alivie a dor, embora impeça alguém de sofrer durante uma operação cirúrgica. Porque existe o bicho papão permanente da perda da volição, da perda da responsabilidade pessoal, da perda da personalidade e da individualidade.

Considerando que 999 em cada 1.000 da raça humana estão sujeitos à vontade de alguém a toda a hora; considerando que até o autor deste livro está evidentemente sujeito a grande ilusão, penso que estou disposta a arriscar com os hipnotistas profissionais, embora nunca tenha sido hipnotizada por eles. Além disso, os hipnotistas profissionais, muitos dos quais são professores em colégios e escolas, são homens

probos, honrados, de bons pensamentos e hábitos puros. Devem sê-lo para exercer vontade clara e inteligente. Qualquer "Arte Negra ou Magia" exercida de forma maléfica por hipnotistas profissionais ou outros é, tanto em nome como em possibilidade, uma relíquia do barbarismo oriental. Nada disso existe, exceto no medo da pessoa sobre quem se supõe que possa ser exercido.

Um conhecimento inteligente do hipnotismo revela que quanto mais elevada a natureza do sujeito, melhor a experiência hipnótica; quanto mais exaltada a individualidade da pessoa hipnotizada e quanto mais valioso e inteligente for o hipnotizador, menos qualquer natureza moral inferior pode influenciar ou dominar a natureza moral superior do sujeito.

Então o hipnotismo abre o caminho para o reino antes desconhecido e descobre que revela poderes na mente humana até então não conhecidos. Que abre o caminho para dons espirituais superiores é bem conhecido, embora negado pelo autor deste livro.

Nos primeiros dias do que era conhecido como experiências em mesmerismo e psicobiologia, há cerca de sessenta anos, no oeste do Estado de Nova Iorque, um homem simples, comparativamente humilde mas bom, chamado Joe Walker (meio-irmão da Sra. Mary F. Davis, antiga esposa de Andrew Jackson Davis), experimentava o mesmerismo com uma senhora que logo se tornou clarividente. Colocou-a em estado hipnótico quando ela cedo desenvolveu clarividência de ordem espiritual. Em vez de ser sua subordinada, tornou-se em vez de ser sua subordinada, tornou-se sua mestre. Este estado hipnótico permitiu-lhe passar livremente das limitações físicas para um estado de visão e conhecimento espirituais.

Ela percebia a presença de seres espirituais e era informada acerca da obra nos estados espirituais. Disse-lhe que eram de inteligência superior e que podiam orientar e dirigir as suas pesquisas e estudos, e ele tornou-se seu discípulo. Contudo, em qualquer momento, com o consentimento dela, podia colocá-la nesse estado inconsciente no que respeitava às coisas exteriores, mas nunca controlou as suas fontes de conhecimento depois de o estado ser induzido.

O mesmo aconteceu com Andrew Jackson Davis, a quem muitos se referem como o maior vidente do século passado. Ele entrou no estado inconsciente com a ajuda de um hipnotizador e assim penetrou no reino da inteligência espiritual. Não foi por qualquer conquista sua, por qualquer persistência positiva de que este autor fala, mas pelo método habitual e aceite conhecido pelos anjos, espíritos e homens: a ajuda de espíritos desencarnados.

Todas as manifestações de natureza hipnótica que ocorreram cientificamente credíveis estiveram sob o cuidado e a experimentação daqueles que não desejavam dominar outras vidas, e que não o poderiam fazer mesmo que o desejassem.

O ego supremo, a inteligência suprema, a alma suprema de qualquer homem ou mulher não é entregue à guarda de qualquer outra mente, nem pode ser apagada, nem

mesmo pelo autor de *O Grande Crime Psicológico*. Embora sejais informados pelo autor do livro, com a mesma ênfase com que outrora o ministro ortodoxo vos dizia que, se jogásseis às cartas ao domingo ou praticásseis qualquer ato mundano nesse dia, iríeis para o inferno, de que a submissão como sujeito ao hipnotismo é o caminho da morte; que o hipnotizador, por mais humano, bondoso ou benevolente, por mais empenhado em procurar conhecimento, é também o maior criminoso. Não existe verdade alguma nesta afirmação; repousa sobre mera suposição. Relega toda a experiência humana, especialmente a experiência de setenta e cinco anos, ao domínio do ignorante e do falso, e eleva este único autor ao plano do conhecimento de tudo. Não é verdade.

O autor, muito habilmente e com muito cuidado, apela ao orgulho profissional dos médicos e, como foi dito antes, permite a "sugestão" e o engano por parte dos médicos enquanto explica, ou procura explicar, que o hipnotismo conduz os seus sujeitos à imoralidade gradual, à degradação, à bebida e à ruína. Admitindo-se (o que é apenas para efeitos de argumento) que um homem se torne bêbedo através do hipnotismo, não são os milhares de bêbedos produzidos pelos métodos da medicina comum, quando whisky, morfina, cloral e outras drogas são indiscutivelmente administradas aos pacientes? Porque estão as ruas de Chicago cheias de alcoólicos e vítimas da morfina e do cloral, como resultado daquela exaltada escola à qual o autor deste livro recorre para suprimir o hipnotismo?

Como ilustração, em vez de nomes bem conhecidos, honrados e respeitados, o nosso muito imparcial (?) autor — conforme "ele" afirma (usando o pronome masculino) — refere-se muito frequentemente a irresponsáveis exibicionistas públicos chamados "hipnotistas" e professa provar as suas afirmações citando alguns casos em que pessoas foram arrastadas à ruína, segundo se diz, por este processo hipnótico. Ora, existem muitos outros caminhos pelos quais as pessoas são arrastadas à ruína em espetáculos públicos ou exibições públicas de qualquer espécie. A menos que alguém seja muito equilibrado, manifestar-se-á a habitual fraqueza humana numa grande proporção desses casos.

A menos que o conferencista ou "professor" seja realmente um homem inteligente, a alegação de "hipnotismo" é largamente assumida. Em muitos casos é simplesmente um truque, como os truques do prestidigitador ou ilusionista.

Não é justo nem correto classificar tais pessoas juntamente com os hipnotistas inteligentes cujas palavras e experiências merecem crédito. Não é justo usar casos desse tipo em que as pessoas hipnotizadas são inferiores no controlo dos seus apetites físicos, e dizer que qualquer fraqueza particular resulta do hipnotismo.

É bem sabido que, embora o hipnotismo não seja considerado um agente terapêutico valioso, é encarado como um dos meios pelos quais a dor pode ser aliviada sem quaisquer resultados posteriores prejudiciais ao sistema nervoso ou ao sujeito.

A alegação de que permanece uma influência subtil, e de que qualquer sujeito hipnótico está em qualquer momento e sob todas as circunstâncias sujeito à vontade do

hipnotizador, é uma afirmação absurda e falsa. O hipnotismo não viola nenhuma das leis do bem-estar do homem, mas muitas vezes admite o estudante num reino que, naturalmente, fora proibido pela teologia e desacreditado pela ciência, mas que é um reino real. Houve um tempo em que era o único meio pelo qual a natureza mais elevada e refinada do espírito humano era revelada aos homens de ciência. Não foi em nenhum caso autenticamente comprovado que seja prejudicial ao autocontrolo do sujeito.

O infortúnio é que, em todos os casos em que aqueles que foram hipnotizados ou aqueles que hipnotizaram foram considerados loucos, a mente superficial talvez atribuísse a loucura à experiência hipnótica. Não foi justamente atribuída a essa causa, mas, mesmo que fosse, a percentagem não seria maior do que noutras causas nominais. Um artista enlouquece a pintar um quadro; portanto, é crime pintar quadros! Um inventor enlouquece com alguma invenção; portanto, é crime inventar! Alguém enlouquece ao estudar; portanto, ninguém deve estudar mais. Esta é a lógica deste livro.

Mas tudo isto é prefácio; tudo isto é uma preparação cuidadosamente estudada. Embora, no fim de cada capítulo, o leitor seja informado de que isto (o hipnotismo) é "o caminho da morte". Mas qualquer ajuda que alguém possa derivar do hipnotismo, o método é errado, diz o autor; é o Grande Crime Psicológico.

Mas este não é realmente o objetivo do autor. O verdadeiro crime é a inteligência e o controlo espirituais. O autor admite tudo aquilo que os espiritualistas afirmam; admite que existe outro mundo; admite-o e introduziu argumentos muito laboriosos para demonstrar tudo isso; depois afirma que a mediunidade é substancialmente igual ao estado hipnótico; que o controlo do espírito é hipnotismo.

Eu sustento, e isso foi ensinado através de mim, que o controlo do espírito não é hipnotismo; mas, mesmo que fosse, não seria um crime. Contudo, o autor do livro procura explicar que qualquer controlo do médium mortal por um espírito é um crime. Usando a palavra "controlo" como dominação, usurpação e violenta contravenção do princípio "construtivo" desta Escola de Ciência Natural, que o autor guardou algures escondida num armário. Contudo, a mediunidade e o controlo espiritual são contra o princípio construtivo.

No que diz respeito ao controlo espiritual, trata-se de uma ação distinta, deliberada, inteligente, bem guiada e bem governada. No que respeita ao Espiritualismo, foi e é uma administração e movimento distintos, guiados, bem governados e devidamente orientados.

Claro que, segundo este livro, os espíritos que controlam médiuns pertencem todos à mais baixa "primeira esfera"; são espíritos presos à Terra; possuem todas as paixões e apetites da vida terrena. Não importa o bem que possam fazer, que verdades exaltadas possam ensinar, são todos maus (porque são hipnotistas) e apenas controlam seres humanos porque gostam de ser maus, ou porque não são espíritos exaltados desta Escola de Ciência Natural.

Qualquer mente inteligente que antes não fosse espiritualista, depois de ler este livro dirá: O ESCRITOR NÃO PODERIA TER PRESTADO MAIOR SERVIÇO AO ESPIRITUALISMO. Pois não existe mente inteligente que acredite que, das treze esferas que o escritor deste livro afirma ter escalado até esta pequena escala de Ciência Natural, apenas os espíritos da primeira e mais baixa esfera são autorizados a comunicar com os mortais através da mediunidade.

Estes espíritos são os vossos amigos, os vossos entes queridos, aqueles que moveram e influenciaram as vossas vidas enquanto estavam aqui. Segundo o nosso autor, pertencem a essa esfera; não vos fazem mal sempre que tentam controlar um médium para comunicar convosco. Esta é a lógica do livro. Todas as almas e pessoas espiritualistas, exceto estes poucos eleitos, estão nessa esfera. Todos os que consentem em controlar médiuns estão a fazer mal. Mesmo que não o saibam, estão a cometer um grande crime. Tal como o "Pecado Imperdoável" da teologia, é o caminho da morte para qualquer pessoa receber mensagens através de um médium controlado por esses amigos. Contudo, os vossos amigos espirituais continuam, através dos médiuns por eles controlados, a dar-vos as suas bênçãos.

Grande ênfase é colocada no facto de que espíritos maus controlam a maior parte dos médiuns para fins vis, e porque gostam de causar dano, porque possuem impulsos maus, porque nada mais têm para fazer. Em nome da inteligência espiritual e humana, o que estarão então a fazer os espíritos das outras esferas? Talvez tenham subido tão alto pela escada desta Ciência Natural e atingido tal exaltação espiritual que estejam acima da contemplação mortal.

Se o caminho da vida é o caminho da inteligência, da razão, da persistência e do conhecimento, certamente existem bastantes pessoas espirituais no outro mundo para corrigir este terrível estado de coisas revelado pelo fraco lampejo de inteligência que este autor afirmou deixar cair sobre o mundo. Assim que um médium está sob controlo, o simples facto de estar sob controlo prova, segundo a afirmação deste autor:

TODO O MÉDIUM TEM UMA LEGIÃO DE GUIAS! TODO O MÉDIUM QUE TRABALHA PARA O PÚBLICO ESTÁ SOB O CONTROLO DE UMA CLASSE SUPERIOR DE ESPÍRITOS QUE DESEJAM BENEFICIAR O MUNDO.

Agora este autor esforça-se grandemente por demonstrar a inferioridade dos "controlos índios" como evidência das afirmações feitas relativamente às ordens inferiores de espíritos, mas mais adiante no livro afirma que o índio, em contraste com o negro, é bem-educado, possui grande autocontrolo, não pode ser hipnotizado e possui grandes recursos naturais. Tendo provado que, como controlos de médiuns, os índios são destrutivos, fracos, maus, maliciosos e apaixonados, prova exatamente o contrário na sua descrição dos índios e dos negros. Mas, apenas porque os médiuns possuem controlos índios, diz que os médiuns têm uma baixa classe de influências à sua volta.

Ora, é verdade que quase todos os médiuns são acompanhados por controlos índios, mas não é verdade que o índio seja o principal guia. É verdade que o índio é capaz de reunir da natureza fortes forças magnéticas, embora o autor deste livro declare que o índio exaure o médium, portanto, é degradante. Com esta proposição relativa aos usos do controlo índio, o autor prova o seu erro quando levanta a questão: "O que fazem estes espíritos pouco inteligentes pelos médiuns?" A resposta é simples — dão força. Essa pergunta prova a falácia das afirmações feitas por instrutores tão equivocados como o autor de *O Grande Crime Psicológico*.

Quando o autor deste livro afirma que pode entrar numa sessão espírita e, pela escada que subiu nesta pequena escola de Ciência Natural, alcançar um estado de mente e visão tão independente que não precisa de pedir ajuda a espírito algum, mas pode fazer tudo o que o médium faz — como pode ele provar aquilo que afirma? Não sabe nem pode provar senão aquilo que está sob controlo espiritual, tal como tenta provar que todos os médiuns podem ser enganados por espíritos que dizem ser sábios, bons, bondosos e benevolentes quando nada disso são. O que faz ele? Subiu pela sua escada individual que lhe permite mergulhar no outro mundo e ver o que os espíritos fazem; talvez, segundo as suas opiniões preconcebidas, veja, exatamente como Dante viu quando olhou para o Inferno com as suas opiniões teológicas. Ou como Swedenborg viu quando contemplou os infernos e viu as condições da vida humana e as confundiu com estados eternos.

Como sabemos nós que esta grande, maravilhosa e sublime Escola de Ciência Natural não construiu apenas uma pequena escada de vaidade e não está a enganar este homem o tempo todo?

Durante mais de cinquenta anos, muitos médiuns proeminentes do Espiritualismo estiveram perante o mundo. Não estão esgotados física, intelectual ou moralmente; aqueles que foram sujeitos de mediunidade de transe, controlo de transe, ainda estão a realizar o seu trabalho — a menos que, após anos maduros, como a Sra. Frances O. Hyzer, tenham falecido.

O autor afirma que a duração média da vida de uma pessoa depois de praticar a mediunidade é de apenas sete anos. A maior parte dos médiuns, de qualquer notoriedade, que os espiritualistas conheceram praticam mediunidade há vinte e cinco a cinquenta anos e mais.

Aqueles que anunciam os seus serviços como médiuns nos jornais diários, em anúncios sensacionalistas, não são considerados médiuns respeitáveis pelos espiritualistas. O autor deste livro cita esses anúncios nos jornais diários como exemplos de médiuns. Os médiuns comuns não anunciam de todo. Se o fazem, trata-se de um simples anúncio no jornal espiritualista; possivelmente, por vezes, um anúncio de uma ou duas linhas a indicar onde podem ser encontrados. Tudo o que é anunciado sensacionalmente sob o título de mediunidade na imprensa diária não é mediunidade e nunca foi considerado como tal. Contudo, é exatamente esse tipo de anúncios que este autor afirma representar legitimamente o que são os médiuns e a mediunidade. Claro

que qualquer pessoa inteligente ou bem informada que deseje saber reconhece que isto é falso.

O autor admite demasiado. Sendo os factos verdadeiros, o mundo espiritual sendo verdadeiro e a mediunidade sendo verdadeira, alguém pode muito bem arriscar-se a chegar à décima terceira esfera tão rapidamente quanto o autor de *O Grande Crime Psicológico*.

Existem apenas treze esferas que este autor descobriu e que, segundo ele, foram cientificamente provadas. Bem, já é um bom número. Naturalmente, devemos esperar no volume seguinte, que é muito habilmente e cuidadosamente anunciado ao longo deste livro, que nos seja dito como lá chegar.

Agora somos informados, como resultado de toda esta maravilhosa e superior inteligência, de que dois terços, ou pelo menos 50 por cento, dos internos dos asilos são assim por causa da "mediunidade". Haverá alguma pessoa sensata que acredite nisso? Os registos dos asilos dizem o contrário. Se esta pessoa, que possui tão maravilhoso dom de clarividência, desenvolvido na escola fechada da Ciência Natural, possui, como é insinuado, alguma instituição para insanidade em que 50 por cento dos casos resultem de práticas mediúnicas ou influências espirituais, não hesitamos em dizer que essa pessoa foi falsamente informada.

Nada existe na mediunidade que não seja igualmente admitido na psicologia. Se é psicologia, então é outro assunto. Mas o autor de *O Grande Crime Psicológico* gostaria de atribuir o nome de mediunidade a todos os casos conhecidos de insanidade nervosa e outras formas de loucura encontrados nos asilos, contrariando os factos do caso, contrariando as causas conhecidas e admitidas nesses casos, e diria: "Sei, mesmo que vós não saibais, que essa pessoa está controlada por espíritos maus."

Infelizmente, muitos bons espiritualistas pensam que demasiados casos de insanidade são "obsessão". Isto leva-me ao ponto: em alguns casos entre espiritualistas parece haver aquilo que à primeira vista justifica a ideia da chamada obsessão por espíritos inferiores e pouco desenvolvidos; mas não é assim, nem em maioria, nem em 50 por cento, nem sequer em um caso entre mil.

Penso que todos admitirão que tive oportunidade, ao longo de cinquenta anos de conferências e escrita como médium, de conhecer alguma coisa acerca deste assunto. Admitireis que mesmo o estudante de Ciência Natural, que tem estado vinte anos a subir uma escada especial, talvez não tenha tido tão boa oportunidade de observação. Admitindo a inteligência do escritor — o que já é alguma coisa — e admitindo que os motivos sejam corretos, o que sois obrigados a fazer na ausência de outras provas, eu própria entrei em contacto pessoal com várias centenas de pessoas que pensavam estar obcecadas por espíritos maus, que trabalhavam sob uma ideia dominadora de que espíritos desejosos de lhes fazer mal haviam tomado posse da sua mente. Em todos os casos em que vieram à minha presença em busca de ajuda, auxílio, conselho ou proteção contra os chamados espíritos maus, encontrei inteligências sábias, boas e

benevolentes tentando ajudar essas pessoas a sair da doença física e mental que lhes era própria.

Eu, pela minha parte, não consentirei que o hipnotismo, a influência espiritual ou a mediunidade sejam culpados pelas conhecidas doenças dos seres humanos que, em certos períodos da vida, estão sujeitos a todos os tipos de ilusões, sintomas nervosos e delírios, e que frequentemente ouvem vozes que não falam e consideram estar a ser perseguidos por espíritos maus. Uma pessoa em delírio febril vê rostos e ouve vozes, e muitas vezes os melhores amigos junto dela são considerados inimigos. Portanto, deve estar sob o controlo de espíritos maus. É isso que este autor afirma. Aqui estão pessoas sofrendo de delirium tremens, com os nervos destruídos por estimulantes antinaturais, e sobrevém a reação; veem formas e ouvem sons que a sua condição produz. Não existem espíritos nos infernos ou nos Hades a fazer-lhes qualquer coisa; mais do que isso, muitas pessoas tentam ajudá-las neste mundo, e todos os espíritos procuram ajudá-las no outro mundo.

É falso dizer que bêbedos mortos ou criminosos falecidos se prendem às vidas humanas para as destruir ou para continuar os seus apetites e desejos por bebida. A embriaguez pertence ao corpo, mas a mente, o espírito, é mais fraco do que a mais fraca criança. O homem que não conseguiu controlar o próprio apetite, mas vê o seu corpo jazendo em estupor alcoólico, não está muito apto a possuir um espírito poderoso, mesmo na primeira ou segunda esfera da vida espiritual.

O poder psicológico, hipnótico ou espiritual para controlar e influenciar outros está em exata proporção com o conhecimento e o desenvolvimento espiritual. Se assim não fosse, não restaria hoje um único ser humano para contar a história. Se fosse possível que abrir a porta à influência espiritual para dar ao homem a mensagem da imortalidade libertasse estas sanguessugas sobre o mundo, então dai-me antes crença no inferno ortodoxo cristão e no diabo pessoal, pois ele é sábio; estes são ignorantes.

Este livro mostra demasiado; ultrapassa o alvo e, sem querer, declara precisamente deste modo a escola ou círculo seleto de pessoas ou espíritos que nada têm para fazer senão magnificar o próprio egoísmo e colocar-se como juízes de milhões de seres humanos inteligentes, espíritos inteligentes e espiritualistas em ambos os mundos.

Já tivemos religião do medo suficiente; a “Arte Negra” foi eliminada pelas forças espirituais inteligentes, e hoje nenhum hipnotizador pode fixar-se sobre vós ou sobre qualquer outro ser humano, por mais fraco, vil, malévolo e injustificado que seja o seu propósito. Aquilo que surge para o resgate de cada vida humana e acaba por socorrer todos os seres humanos é a experiência necessária, e os médiuns e espiritualistas devem aprender as suas lições tal como os outros. Tornar-se-á comum o autor deste livro afirmar que qualquer médium que tenha surgido diante do público manifestando influência espiritual e inteligência está profundamente degradado. É perfeitamente verdade, quanto à responsabilidade individual, que ninguém pode pensar, viver ou agir por outro.

É feliz para todos estes espíritos e médiuns que, sendo os "controlos" e mestres, não possam ser "acorrentados" ao médium; são sempre governados pela lei da adaptação e da permissão. A instrução do médium é palpável. Todo o médium recebe essa instrução, mais ou menos segundo a sua adaptabilidade. Mesmo que não a recebam, continua a ser verdade que a primeira mensagem recebida através da mão, através da mesa, através da prancheta, através dos lábios de uma criança ou de uma pessoa adulta é: "Sede temperantes, sede verdadeiros, sede bondosos, sede bons, sede harmoniosos; estas são as melhores condições para a comunicação espiritual, para a felicidade humana." Em regra, os espiritualistas são abstémios; defendem a temperança.

Não existe um médium em dez mil que sucumba à intemperança. Em tal caso, não é culpa dos espíritos que controlam esse médium, mas porque a fraqueza era inerente ao médium. Não podeis encontrar qualquer criminoso nas prisões, não podeis encontrar nas celas dos manicómios quaisquer pessoas tornadas criminosas pela mediunidade. Então falai do "Grande Crime Psicológico".

As portas do outro mundo abriram-se amplamente, é verdade, mas o ser humano comum não é um inebriado, assassino ou qualquer outra espécie de criminoso. A maioria dos seres humanos exprime as suas vidas em resposta às mais elevadas formas de conhecimento. A lei do controlo espiritual é que ninguém inferior a vós pode aproximar-se para vos fazer mal. É a natureza espiritual que é dominante; é a natureza moral que é dominante. Se possuirdes convicções espirituais ou morais, nenhum hipnotista poderá interferir com elas. A ausência dessas convicções é fraqueza, não poder.

Todos os seres humanos vão tornar-se médiuns. O autor vai muito longe — quase histericamente — tentando provar que a mediunidade não é um "dom" nem um "poder". É decididamente um "dom" (isto é, algo concedido pelo mundo espiritual), sem o qual a teologia moderna e a ciência moderna teriam mergulhado o mundo em algo pior do que a aniquilação — que é o vosso destino, espiritualistas e médiuns, segundo este livro. É um dom que abre o caminho do conhecimento espiritual, que transmite tanto ao médium como aos que recebem a mensagem conhecimento e amor superiores, que abre o caminho do progresso individual.

O escritor deste livro presume (por inferência) que os habitantes da Terra, até que o Espiritualismo e o Hipnotismo surgissem, eram uma raça razoável, equilibrada e perfeitamente capaz de agir corretamente em todas as circunstâncias; que nunca existira crime, nunca houvera doença, nunca existira nada de censurável no mundo até aparecerem o hipnotismo e o Espiritualismo.

Agora os teólogos, que o autor admite, por um lado, serem culpados de religião emocional e, por outro, de negarem a vida futura, são chamados a pôr termo a estas "influências hipnóticas", como sendo profundamente degradantes.

Felizmente, não haverá grande cataclismo espiritual como resultado deste livro. Felizmente, os vossos amigos continuarão a ministrar-vos em ambos os mundos.

Felizmente, os processos de mediunidade são processos legítimos de obtenção de conhecimento acerca da vida futura, até que a raça humana se desenvolva para o conhecer — não pela escada desta Ciência Natural que vos permite subir através da evolução para encontrar o princípio da alma algures pelo caminho — mas pelo conhecimento que vem do íntimo e do alto, da alma imortal, que sempre foi e sempre será. Felizmente, até que a raça humana entre na plena herança da sua mediunidade, esta continuará. Não se afirma que seja definitiva; deve ser o processo, não põe em perigo a vossa vida espiritual, moral ou o vosso bem-estar físico.

Não estais em perigo, embora o autor vos diga, sustentando todas as fases censuráveis deste livro, o "segundo e final morte da alma".

A alma não pode morrer. Se pudesse, eu preferiria morrer com os milhões de seres humanos que procuram fazer o melhor possível; com as inteligências espirituais que procuram realizar a sua obra de auxílio à raça humana; do que entrar naquela autoproclamada, exclusiva, exótica e "persistente" casta, atingida ou professadamente atingida, pelos seguidores desta chamada Escola de Ciência Natural!

A TRIBUNA

Questões Importantes Respondidas pelo Controlo da Sra. Cora L. V. Richmond, no Grow's Hall, Chicago, 16 de Setembro de 1877.

Reportado para o Banner of Light *por A. Jervis.*

Pergunta: — O que é a mediunidade, e como é melhor desenvolvida?

Resposta: — Temos sempre prazer em discorrer sobre este assunto, visto que tão pouco é compreendido a seu respeito, mesmo entre os espiritualistas. Nos tempos antigos, a mediunidade era suposta ser um dom divino e especial conferido pelo Infinito a certas pessoas escolhidas para esse propósito; especialmente era assim entre os hebreus, que consideravam o profeta e o vidente, ou qualquer pessoa dotada de dons espirituais, como especialmente designados pelo Altíssimo. Apesar disso, acreditava-se que raças de profetas nasciam e que uma geração sucessiva podia herdar o dom espiritual dos seus pais; e que, por meio do jejum, da oração, da abstinência e da moralidade na vida, os dons do espírito podiam ser grandemente encorajados e cultivados.

Na verdade, existia uma ordenança especial sob a lei mosaica segundo a qual aqueles que desejavam praticar profecia ou dons espirituais deviam observar certos períodos de jejum e oração — retirando-se do mundo e comungando com os espíritos — enquanto aqueles que desejavam profetizar ou possuir qualquer dom espiritual eram

afastados das ocupações comuns da vida e observavam especialmente as condições exigidas até que o dom atingisse o seu auge. Isto não era praticado apenas entre os judeus, mas também entre as nações orientais — os persas, os egípcios, os chineses e todos os que praticavam as diferentes ordens de magia no Oriente — através dessas observâncias especiais, jejuns, encantamentos, orações e outras severidades da vida destinadas a manter o físico em sujeição e vigilância; de facto, numa época material, quando os sentidos predominavam largamente e quando o poder físico constituía o padrão de força, era necessária essa severidade e cuidadosa abstinência para possuir qualquer dom espiritual. Foi através do cultivo desta vida ascética e desta severa auto-humilhação que os dons do espírito puderam ser propagados e que, de pai para filho, o dom da profecia, da cura e da visão espiritual pôde ser transmitido.

Os Magos do Oriente constituíam uma ordem separada e distinta, dedicando-se a vidas que asseguravam a visitação incomum de dons espirituais.

Entre as diferentes ordens que prevaleciam no Oriente, aqueles que possuíam os maiores poderes de adivinhação e prática das maravilhas da magia eram os que viviam segundo o padrão transmitido de mestre para discípulo, e que formavam uma ordem espiritual da vida; os discípulos dedicavam-se à prática dessas artes e forças que melhor encorajavam esses dons; mas entre as nações do Oriente, devido à sua falta de comunhão e unidade com outras raças, a incubação externa repousando sobre eles, o poder declinou.

Entre muitas nações do Ocidente, desde o advento da religião cristã, houve um declínio, devido ao facto de a mediunidade não ter sido seriamente reconhecida, tendo sido cultivada uma suposta ordem divina de sacerdócio à custa dos dons mediúnicos.

Os primeiros apóstolos da Igreja Cristã eram espiritualistas. Ensinavam conforme eram guiados; possuíam dons do espírito espontaneamente desenvolvidos, e aqueles que encorajavam eram cultivados de modo a tornarem-se quase espontâneos. Sob o sacerdócio, foram estabelecidas escolas para instrução e os dons espirituais foram gradualmente suprimidos. Desde a inauguração do sacerdócio sob domínio evangélico, os dons espirituais declinaram, mas ainda existem na Igreja Católica Romana, onde tanta atenção é dada às escolas separadas da vida. Afastados do mundo, muitos exemplos de dons espirituais foram desenvolvidos de forma singular e maravilhosa.

A mediunidade não é nova e não possui consequência particular exceto à luz do Espiritualismo moderno, que simplesmente lhe deu um nome; o pensamento moderno e os tempos modernos deram alguma explicação filosófica àquilo que outrora se supunha milagroso ou providencial.

A verdade é que todos os seres humanos são mediúnicos em certo grau e possuem determinados dons espirituais. Podem ser influenciados inconscientemente. Sabeis que a influência espiritual pode fluir pelos canais habituais da vida sem qualquer interrupção das ocupações diárias, manifestando-se em vários graus e conforme as condições. A grande dificuldade é que os seres humanos têm pensado que a mediunidade espiritual só poderia existir com a habitual intervenção ou interrupção

das ocupações comuns da vida. Pode existir em grau, mas, quando plenamente estabelecida, não será permitido exercê-la se estiver continuamente interrompida.

Quando os espíritos desejam comunicar ou ministrar-vos, entregai-vos inteiramente; sereis então tomados por algum controlo direto e a vossa vida transformada no seu canal. Existem duas distinções a fazer quanto à maneira de inspiração ou mediunidade. A inspiração é mais uma entrada natural da vida espiritual na vossa própria vida através dos canais habituais de estudo, ocupações e atividades mentais. Ninguém poderia ser músico, poeta, pintor, artista, químico, geólogo ou qualquer outra coisa pertencente às ciências humanas sem ser auxiliado ou inspirado. Ninguém pode destacar-se em qualquer dom sem auxílio do reino espiritual; na proporção em que o vosso próprio espírito é ativo, assim também tendes a assistência do mundo espiritual; portanto, embora possais desejar perfeita liberdade, o Mundo Espiritual não tem o menor desejo de vos privar dela.

Uma atmosfera de vida espiritual envolve-vos, concedendo-vos poder, esclarecimento e outros auxílios desejáveis. Quantas vezes vos referis à "obra de um génio" como uma emanação da sua mente — contudo, o resultado não deixa de ser obra de inspiração. O elevado dom do génio é inspirado, e o espírito do artista encontra-se em constante comunhão com espíritos afins à sua linha de pensamento e profissão. Não é desonroso ser gentilmente auxiliado e aconselhado pelos anjos. Se possuís esse dom do génio, ele é divino, e a ajuda que recebeis é de maior benefício do que permanecerdes sozinhos no universo sem assistência alguma.

A inspiração também desce, sem dúvida, em grau acentuado, sobre os líderes das reformas religiosas e em tempos de revoluções, mostrando que, embora provenha da vida espiritual, flui pelos canais habituais; tal como o rompimento da neve acumulada na encosta da montanha encontra o canal já desgastado e preparado para a sua receção, e nele avança em glorioso triunfo; assim a inspiração procura os canais habituais do pensamento humano e, divergindo em várias direções, dá livre uso a todos os poderes da mente, por vezes inundando os vales e produzindo o florescimento e a eflorescência da vida humana.

A inspiração geralmente surge na direção habitual através do mesmo canal por onde flui a aspiração; e aqueles mais suscetíveis ao controlo dos espíritos serão os considerados médiuns. É verdade, contudo, relativamente à mediunidade, que nenhum temperamento especial, nenhuma classe particular de pessoas, nenhuma posição seleta na vida, nenhum grau de cultura produz predominância de médiuns; os médiuns encontram-se em todas as condições da vida, em todos os graus de temperamento e de cultura, e a razão é, como já afirmámos, que todos os seres humanos são mais ou menos mediúnicos; entre todas as classes encontram-se alguns especialmente dotados — possuem …um dom particular de mediunidade; de modo que aqueles mais suscetíveis ao controlo dos espíritos em qualquer direção inspirada poderão talvez ser encontrados como o tipo predominante de temperamento ou sensibilidade física.

Aqueles que são suscetíveis à influência, ou instrumentos para produzir manifestações chamadas físicas, serão encontrados como um tipo predominante;

enquanto aqueles habituados a curar ou que são artistas variarão conforme o dom e o seu exercício.

A ordem da mediunidade deve incluir todos os tipos de temperamento. Para cada grau de mediunidade encontra-se expressão adequada no temperamento; e para cada nuance de variação no dom mediúnico existe uma nuance correspondente de diferença na organização. A mediunidade é um controlo direto de uma inteligência exterior influenciando o cérebro; tal pessoa é considerada médium, em contraposição ao caso inspirado nos canais habituais da vida. Tal médium é possuído, é tomado sob controlo, é o instrumento absoluto da inteligência controladora, mas pode ou não ser utilizado em conformidade com as ocupações diárias da vida.

Médiuns assim escolhidos, inteiramente tomados por espíritos, são tão raros na mediunidade como aqueles singularmente dotados em música, poesia ou outras artes. Não podeis ter perfeição em todas as coisas. Um em mil pode possuir génio na música, poesia, escultura ou qualquer linha particular de arte, como regra no presente tempo. Virá o tempo em que o génio não será a exceção, mas a regra; porém aqueles especialmente adaptados ao controlo espiritual, e especialmente selecionados por serem assim adaptados, formam a exceção, enquanto existe uma vasta multidão entre os espiritualistas e entre aqueles peculiar ou ligeiramente dotados em certo grau.

Todas as pessoas podem tornar-se médiuns em alguma medida, assim como todas podem tornar-se músicos até certo ponto; podem parcialmente compreender a arte e querer, ou até executar, obras artísticas de mérito. Mas, na maior parte dos casos, aconselharíamos apenas aqueles que possuem mediunidade de maneira marcada, sendo parte da sua natureza desde a infância, e que são naturalmente muito suscetíveis ao controlo, e cuja condição e posição na vida estão bem calculadas para convidar as ordens superiores da inteligência espiritual, e que não apenas podem receber benefício para si próprios, mas também conferi-lo a outros.

Tais condições são necessárias à mediunidade, a ponto de talvez serdes obrigados a abandonar tudo o resto. Cabe-vos decidir se este dom de mediunidade existe suficientemente desenvolvido para justificar abandonar as outras ocupações da vida. Se tal controlo da vida espiritual e tal condição de mediunidade ou mente não puderem caminhar lado a lado com as vocações habituais, e se estas últimas não puderem ser abandonadas, então não o procureis, pois existiria antagonismo entre ambas.

A condição da mediunidade é uma condição de intuição; a condição das ocupações habituais da vida é uma condição de realismo e aceitação. Para abandonar estas e entregar o vosso cérebro à influência de outros, não podeis ser controlados com êxito. Não vos aconselhamos a escolher a mediunidade de forma leviana; ela interfere com a vida; deixa-vos a meio caminho entre uma coisa e outra.

Há quem diga: “Oh, sim, eu gostaria de ser médium, mas não desejo exercer o dom a menos que me apeteça.” Se sois um canal de comunicação espiritual, não se segue naturalmente que sejais inconsistentes. “Oh, sim, eu gostaria de escrever poesia, mas então desejaria escrever quando me agradasse.” Então não sois um instrumento

apto para a forma poética da inspiração. “Gostaria de discursar eloquentemente, mas não desejo ser conhecido como médium.” E, atrás desse véu de vergonha, esperais que o Mundo Espiritual torne claro o caminho e vos faça discursar eloquentemente quando tendes vergonha de ser conhecido como médium! “Gostaria de curar os doentes, mas não desejo ser reconhecido como médium de cura.” Há muitos que possuem esse poder, mas o negam; contudo, ele geralmente declina em exata proporção à negação, e permanece de modo permanente na posse daqueles que não têm medo nem vergonha de ser instrumentos de dons espirituais.

Brincar com a mediunidade, tê-la hoje e descartá-la amanhã, chamar amigos por curiosidade para ver o que podeis fazer e depois propor perguntas triviais; procurar escrever por mero divertimento, segurando o lápis para ver se os espíritos conversarão convosco, e depois procurar também controlá-lo pela vossa própria vontade e pervertê-lo — tal atitude egoísta degrada estes dons para trivial ocupação e passatempo, e então dizeis ao Mundo Espiritual, quando o canal está aberto: “Não queremos que nos incomodeis constantemente.” Quando as comportas se abrem, quando a mente, o cérebro e o sistema nervoso são moldados e preparados para o controlo espiritual, a corrente não pode ser revertida sem ferir o instrumento e destruir as comportas do poder espiritual.

O primeiro sinal do telégrafo indica que alguém vos chama para ouvir a mensagem. Se então o fio fosse cortado, a nação poderia ser inundada de sangue. Mensagens passam de um lado para o outro, cruzando oceanos e continentes, e são consideradas sagradas, exceto pelos bárbaros. A mensagem que passa entre o Mundo Espiritual e este mundo não é de importância trivial; mas, se a corrente for destruída, ou o fio cortado, ou a linha de comunicação controlada para propósitos egoístas, isso interrompe aquilo que de outro modo teria sido uma bênção e causa desastre.

A mediunidade é um poder dado por Deus, mas existe em conformidade com as leis da natureza e é tão sagrada quanto qualquer coisa existente em qualquer direção ou departamento da vida. Cantores, aqueles dotados do dom divino da música, são quase considerados sagrados, e os pais sacrificam tudo ao cultivo da voz que tanto encanta as multidões. A mediunidade, em vários estados, é a única comunhão entre Deus e o mundo exterior da mente.

Através da revelação espiritual por mensageiros angélicos e espíritos ministrantes, Deus revelou-Se ao homem; e, através desse instrumento, o espírito, através da mediunidade, o dom divino do profeta e do vidente nos tempos passados, a palavra da verdade foi pronunciada. Através da mediunidade, a missão divina de Cristo foi manifestada ao mundo e, em todo o seu grau, através da mediunidade, os grandes Messias do Oriente revelaram a sua luz e as suas obras maravilhosas às primeiras nações da Terra.

Através da mediunidade, profetas e videntes na antiga época tiveram visões e foram erguidos das trevas pelo poder do Espírito. Através da mediunidade, Sócrates falou com o daemon e conversou com os deuses, mantendo elevado e sublime discurso acerca da imortalidade a tal ponto que a morte não tinha terror para ele, e desceu em

silêncio com o cântico da imortalidade na alma. Através da mediunidade, os primeiros cristãos realizaram as suas maravilhas, curaram os enfermos, falaram em línguas desconhecidas, interpretaram línguas e receberam o poder da profecia e da eloquência. Através da mediunidade, os primeiros cristãos puderam cantar hinos de triunfo sob tortura e ter visões que lhes anunciavam o triunfo da vida sobre a morte. Através da mediunidade, a Reforma foi levada a cabo, Lutero mantendo conversa com anjos e demónios, e assim combatendo as dificuldades, os açoites e a corrupção da Igreja Católica Romana. Através da mediunidade, John Wesley manteve comunhão com amigos falecidos. Reconheceu espíritos guardiães e anjos como sendo aqueles que outrora viveram.

Através da mediunidade, Swedenborg conversou com anjos, visitou as esferas da vida espiritual deu, tanto quanto possível, uma ilustração dessas visitas por meio de explicações, filosofia e imagens, no que agora é chamado a Nova Igreja. Através da mediunidade, George Fox e os Quacres foram levados à comunhão com espíritos e, por controlo direto, falaram e curaram os doentes. Através da mediunidade, os Shakers desdobram-se e retirados do meio do povo do mundo para que lhes pudesse ser concedida a profecia. Eram controlados; falavam em línguas e curavam os enfermos. Através da mediunidade e da revelação direta, o espiritualismo moderno veio sem ser procurado nem chamado pelos homens, o desenvolvimento espontâneo dos dons do espírito que existem apenas à espera de reconhecimento.

Através da mediunidade, todo o conhecimento que tendes do outro mundo deve vir, quer através de vós próprios quer através de outro ser humano. Não existe outro caminho para o mundo dos espíritos. Pelo encorajamento deles, pelo reconhecimento deste poder, ao ser considerado parte da herança do homem, podeis tornar o vosso caminho duplamente claro. Os espíritos encontraram-vos a meio caminho. Percorrem as águas ainda e turbulentas do pensamento humano. Descem e, se os esperardes, lhes derdes encorajamento e reconhecimento, eles virão.

Entre os vossos filhos há médiuns. Os seus dons são reprimidos na infância. Veem visões e, em consequência disso, são colocados sob os cuidados do médico e, em anos posteriores, enviados para a escola, contrariando assim a influência. Se, em vez disto, o dom fosse reconhecido e encorajado, como encorajais o dom do canto, da poesia e de todas as outras artes divinas, as suas vidas floresceriam, e os vossos lares tornar-se-iam recetáculos constantes de visitações espirituais, e, logo que alguém do altar familiar passasse para o além, a forma de um ente querido surgiria no vosso meio. Não os sentiríeis mortos, mas próximos. Se valorizardes este dom, mantende-o tão sagrado quanto qualquer dom da vida. Se soubésseis quanto a vossa vida é influenciada por ele. Em vez de cegueira, ignorância, disputa, luta e contenda, permaneceríeis tranquilos em silêncio, aguardando-o no vosso íntimo. Com serenidade, aspiração, esperança e oração, esperaríeis a visita dos vossos amigos espirituais como esperaríeis a bênção da manhã ou da noite.

A mediunidade pode ser encorajada pelo mesmo método com que encorajais outros dons. Dai-lhe espaço, e ela naturalmente expandir-se-á. Mas quando nove décimos de cada vinte e quatro horas são empregues na busca daquilo que sustentará o

corpo, e a outra parte na satisfação do apetite, resta pouco espaço para o exercício e desenvolvimento adequados dos dons espirituais. Não apenas seis dias da semana, mas todas as vinte e quatro horas são empregues na perseguição da riqueza, ou na busca de prazeres que apenas o ouro pode comprar. Sob tais condições adversas, onde existe oportunidade para o crescimento espiritual?

A comunhão com os espíritos do outro mundo não pode ser comprada com ouro. Não se encontra nos resorts de divertimento público; não se encontra na bebida, nem na comida além daquela que sustenta o corpo; nem em habitações dispendiosas; mas reside no desejo, na disposição e na vontade do espírito de manter intercâmbio com seres espirituais, e na adaptação peculiar do organismo a essas visitações. Nem deveis decidir e dizer: "Gostaria de ser médium como tal pessoa"; deveis, porém, contentar-vos tal como sois. O dom perfeito desabrochará no seu próprio grau. A rosa e o lírio não se queixam porque um não é o outro. A violeta, embora humilde, não procura tornar-se lírio ou rosa.

Se desejais dons espirituais, procurai aquele para o qual sois mais aptos, pois nenhuma condição isolada de mediunidade é perfeita em grau; deveis estar satisfeitos; não interfirais à medida que a coisa se desenvolve. Afinal, se a vida é uma preparação para a existência espiritual, se nas possibilidades da vida espiritual consiste a vossa herança, então comida, vestuário e abrigo tornam-se insignificantes comparados com o dom que só vós deveis seguir. Não há perigo de o corpo morrer de fome ou de o ser exterior deixar de afirmar-se pela procura daquilo que é mais elevado e melhor. Segui o caminho disponível; não perecereis de fome. Aqueles que ridicularizam os vossos dons podem escarnecer de vós, mas os poderes ministrantes dos anjos sustentar-vos-ão e elevar-vos-ão; a alma será alimentada e o espírito emergirá da obscuridade para a luz do estado espiritual.

Este não é o estado da mediunidade hoje, mas já o foi. Não se sabe que perseguições poderiam existir hoje, não fossem as leis da humanidade que já não concedem poder sacerdotal para perseguir por motivo de consciência aqueles que procuram a vida superior. Contudo, a sociedade ainda mantém a Inquisição, e o povo é hostil para com os que seguem a busca da luz. Assim, deveis esperar o que quer que venha. O salteador da estrada permanece à porta da vida para vos roubar toda a paz exterior. Esse salteador assume muitas formas: por vezes surge na forma de uma lei; por vezes na forma da paz; por vezes nos métodos mais amáveis da existência humana. Se não tendes o dom do espírito, acabareis por atravessar o desafio de qualquer maneira.

Se possuís o dom espiritual, ele permanece para além da existência terrena, e para além de tudo o que a sociedade humana ou a injustiça possam fazer contra vós; portanto, com todo o devido encorajamento destes dons que trazem bênção, ainda assim nunca aconselhamos levianamente a mediunidade; mas, com plena consciência da sua solene importância, e como veículo de comunhão espiritual, ela deve, em certa medida, tornar-se a obra da vossa vida.

SERÁ O ESPIRITUALISMO SATÁNICO?

A Srª Tappan em Cleveland Hall, Domingo 12 de abril de 1874

Lição: Mateus xii

A acusação tem sido tantas vezes levantada contra o Espiritualismo e contra as manifestações dos dons espirituais, de que têm origem satânica, que consideramos haver necessidade de lhe dar alguma resposta; não porque o valor da acusação seja em si particularmente grande, mas porque ela corresponde à acusação lançada contra isso mesmo no ensinamento do Mestre, cuja lição foi lida, de que a casa chamada espiritual, se estiver dividida contra si mesma, certamente não poderá subsistir. A voz unânime da Cristandade, desde o primeiro aparecimento do Espiritualismo moderno, tem sido a de que ele é de Satanás.

O clamor geral contra todas as formas de manifestações tem sido, não que sejam falsas, não que os factos não ocorram, mas que cada uma delas teve origem em influências malignas; esquecendo que não só Jesus prometeu aos seus seguidores, e a todos os que nele cressem, que as mesmas maravilhas os seguiriam, mas também que esse era o mesmo clamor, naqueles dias, entre os Judeus, entre os Fariseus e entre os Gentios; e que toda a visitação do Espírito, em todas as épocas, foi assim denunciada até que o tempo permitiu que as sementes crescessem, e os frutos da maturação provassem que eram do espírito.

A principal razão para afirmar que as manifestações do Espiritualismo são satânicas na sua origem é o facto de serem novas. Toda a novidade debaixo do sol provém de Satanás, segundo a autoridade eclesiástica. Toda a novidade debaixo do sol é embuste, segundo a teoria secular. Assim, enquanto a mentalidade científica, por um lado, afirma que é impossível que estas coisas ocorram, e a Igreja, por outro, afirma que são satânicas, seria muito difícil para o espírito investigador julgar; pois o investigador de qualquer nova verdade não deseja interromper as suas investigações quanto à origem, mas antes descobrir se ela é verdadeira, para então poder pronunciar-se quanto ao mérito da questão.

Em geral, verificar-se-á que estas denúncias partem daqueles que não se deram ao trabalho de investigar. Em geral, verificar-se-á que aqueles que mais ignoram um assunto presumem saber mais acerca dele, e que não se detêm para julgar as suas várias vantagens para a humanidade, nem para provar os espíritos e ver de que espécie são. Mas, veja-se bem, porque estas manifestações efetivamente ocorrem, conclui-se portanto que são de Satanás.

A história de Satanás é singular, se o tomarmos literal e absolutamente; e seria um estudo dos mais interessantes, se não tivesse já sido tão habilmente e positivamente demonstrado perante nós que essa singular personalidade passou por toda a variedade de transformações, e que a sua origem é tão duvidosa e obscura que suscita fortes dúvidas relativamente à sua existência enquanto personagem, bem como à sua identidade. Pode ser útil mencionar alguns pontos ligados à sua história, para mostrar

que a personagem sobre a qual a teologia fez recair as boas obras da humanidade não é, na realidade, o ser maligno que nos fariam acreditar; e que, se ele foi realmente o promotor e originador de todas as coisas que lhe são atribuídas, então é o maior anjo de luz no calendário e na ciência da história.

Dizem-nos que, sob a sua influência e auspícios, o saber apareceu pela primeira vez no mundo; que, nas cavernas misteriosas e sob a influência da astrologia, os antigos feiticeiros descobriram primeiro os princípios da alquimia, e acreditava-se que estavam aliados à sua majestade satânica, e que a "arte negra", na sua infância, estava íntima e claramente ligada à ciência da antiga alquimia, hoje conhecida como química. Acreditava-se que essas tábuas astronómicas eram mantidas sagradas nos tempos antigos porque não podiam ser expostas ao olhar das massas vulgares — acreditava-se que tinham a sua origem nele, e que todo o problema matemático era resolvido por sua instrumentalidade. Lúcifer, o filho da manhã, é claramente associado às tábuas astronómicas da antiga filosofia mitraica; e na tradição egípcia encontramos os mesmos sinais do Zodíaco que hoje são considerados uma ciência perfeita de cálculos astronómicos.

Somos obrigados a remontar o nosso Satanás, não à personagem espiritual referida, mas ao signo do Dragão, no qual o sol entra ao atingir o solstício de inverno, e com o qual travava uma luta desesperada, saindo depois dela, na primavera, livre e puro. Somos obrigados a remontar a sua existência a esses símbolos e sinais que entre os Egípcios eram adorados, não como símbolos da morte, mas da vida. Pois, singularmente, a Serpente entre os antigos Egípcios representava a imortalidade e não a morte; e, de modo igualmente singular, a Serpente era adorada entre eles como símbolo da bondade e não do mal.

Basta recorrer às tradições posteriormente incorporadas para mostrar que, sempre que foi dado qualquer passo no saber ou na sabedoria, foi alegado que tal acontecera por obra dos poderes das trevas. Assim se acreditava acerca do que os antigos Hebreus chamavam revelações de Jeová; assim se acreditava acerca dos antigos Egípcios, cujo Osíris representava a Mente Infinita, e Ísis representava a terra; assim se acreditava acerca dessas reformas dos países do Extremo Oriente cujos poderes de adivinhação eram dons diretos ou forças provenientes da Mente Divina.

Mas sobretudo, e sem regressarmos às nações pagãs ou à mitologia tradicional, encontramos na Idade Média, e desde o alvorecer da era cristã, que toda a invenção calculada para beneficiar a humanidade, ou ampliar a esfera do conhecimento humano, foi denunciada como demoníaca. A imprensa foi uma invenção de Satanás, e foi denunciada com a maior veemência pela Igreja, até que por fim abriu caminho através da intolerância canónica e se tornou o principal instrumento da educação e da filosofia nos tempos modernos. A invenção da bússola marítima foi mantida secreta durante muitos anos, por receio da Igreja. A arte da navegação foi declarada uma invenção contra o Altíssimo, e aqueles que ousavam pensar em descobrir um novo continente eram considerados como estando em aliança com Satanás.

Estas coisas, contudo, avançaram, e uma a uma foram admitidas dentro do seio da Igreja; uma a uma a Igreja apropriou-se delas, e a imprensa é hoje empregada principalmente na propagação das doutrinas dessa mesma Igreja que outrora a denunciou como invenção da mente satânica. O mesmo aconteceu com a máquina a vapor, o telégrafo e várias outras invenções modernas. Não é preciso grande esforço de memória ou de leitura para saber que todas elas foram sucessivamente denunciadas, e obrigadas a abrir caminho lutando contra os preconceitos dos fanáticos científicos de um lado e dos sectários eclesiásticos do outro. Esse mesmo sistema e organização que, em tempos passados, censurou o Mestre por ensinar ao sábado, penetrou agora em todos os departamentos da vida avançada, até que cada assunto da investigação humana é proscrito apenas até deixar de poder ser proscrito.

Diz-se, portanto, que o Espiritualismo é uma invenção de Satanás. O mesmo foi dito de toda a ciência moderna. Mas mesmo que tal não tivesse sido alegado acerca do Espiritualismo, diz-se que ele permanece fora do domínio da ciência e presume entrar na região do espírito ou da religião. Nenhum homem ousa afirmar que qualquer assunto esteja fora do domínio da ciência. A ciência não tem finalidade última. O reino da mente é uma região inexplorada e desconhecida, e se porventura se estender até ao mundo dos espíritos, nada existe na ciência que o negue ou recuse acolhimento e reconhecimento. Por outro lado, se pertence unicamente à região do espírito, que instituição, que corpo de pessoas está tão interessado em conhecê-lo como a própria Igreja?

Durante mil e novecentos anos a Igreja Cristã combateu as batalhas da sua existência; durante quase mil e novecentos anos propagou, através do fogo, da guerra e da contenda, a sua religião e os seus dogmas pelo mundo; durante mil e novecentos anos reclamou existência no coração dos homens, e desde os primeiros ou segundos séculos da sua existência, que construiu ela para sustentar o poder espiritual ou o elemento de força espiritual que reivindicava para a sua existência? Veremos. Os dons que Jesus possuía, e que os seus discípulos praticavam, foram prometidos àqueles que cressem. O estudante tem procurado, cuidadosa e criticamente, dentro do âmbito reconhecido da Igreja Cristã e da sua história, provas autorizadas e distintivas do poder que nela existe.

Tais exemplos existiram, mas principalmente em lugares obscuros e entre aqueles não reconhecidos como representações canónicas da própria Igreja. Em todas as terras cristãs debaixo do sol, os dons do espírito são hoje proscritos dentro do seio da Igreja. Nenhum mestre se levanta dentro dos templos de Deus e diz: “Vinde e sede curados.” Os cegos não recuperam a vista; os surdos não recuperam a audição; não existem dons de línguas, nem interpretação de línguas; não há quem seja chamado a ser curado pelo espírito e pelo poder da fé que possui.

Porque é assim? Se estes sinais hão de certamente seguir aqueles que creem, onde está a crença dentro da Cristandade? Se, mediante a fé no poder e no fervor do amor de Cristo e da sua existência, estes dons hão de certamente manifestar-se, onde poderão eles ser encontrados? E se o Espiritualismo, despertando de novo esses dons que há tanto jaziam adormecidos dentro da mente humana e da forma humana,

efetivamente restitui a vista aos cegos, cura os doentes, expulsa os demónios da discórdia e da contenda, e vence o medo da morte, então não será essa a mesma prova que vos foi ordenado aceitar e crer, e que acreditais ter existido nos tempos antigos? Mas a esterilidade e a escassez dos dons espirituais no mundo fizeram a humanidade deixar de esperar por esses dons; e sempre que um deles surge, tem de passar pelo suplício da denúncia até se firmar no entendimento humano e se tornar um facto estabelecido no mundo.

Não nos surpreende que o homem de ciência, empenhado na busca e descoberta da verdade, tenha sido compelido a insurgir-se contra a servidão eclesiástica que condena toda a nova verdade suscetível de beneficiar a humanidade. Não nos surpreende a contenda e a dissensão da própria Igreja, quando meras formas se tornam objeto de debate, e quando longas disputas são travadas dentro da própria Igreja acerca da simples letra, ou leitura literal da lei, enquanto todos os poderes e graças do espírito, e a amorosa bondade ensinada por Cristo, foram deixados fora do santuário, para que sacerdotes e doutores em divindade pudessem descobrir qual a lei especial que se acreditava ou ensinava nos tempos antigos.

Se Satanás cura os doentes; se expulsa os demónios; se realmente restitui a vista aos cegos; se concede os dons do espírito, o falar em línguas; se vos revela visões do além, mostrando-vos amigos angélicos dos vossos primeiros dias e da vossa vida terrena que partiram do vosso meio; se aponta aos vossos entendimentos os reinos espirituais; se vos liberta do medo da morte; se retira o aguilhão e o poder da morte das vossas vidas; — se faz tudo isto, e se inventou a máquina a vapor, a imprensa, o telégrafo, os diversos motores da indústria e os meios de auxílio ao homem, então Satanás é um anjo de luz e não de trevas, e o seu poder é divino e perfeito. Não o podeis negar. Pois que será chamado bom?

Se as mil mãos do trabalho que atormentavam o mundo: se as mil invenções que libertam o homem da servidão do labor físico; se as muitas toneladas de informação que diariamente saem da imprensa, levando conhecimento e pensamento avançado ao mundo; se o mensageiro relampejante que transporta à distância palavras de amor e afeição aos vossos corações; se toda a intrincada maquinaria e os fios que unem as nações do globo, civilizando os bárbaros distantes, reprimindo a escravatura, conquistando mediante os seus poderes e fortalecendo os poderosos impulsos da terra; — se estas coisas são satânicas, onde então procuraremos aquilo que é bom?

E se, como se diz, o Espiritualismo deve ser classificado com estas coisas, então certamente se encontra entre a companhia dos poderosos agentes que civilizaram o mundo; pertence então às poderosas hostes daqueles anjos do conhecimento e da informação que lançaram as suas influências radiantes sobre os lugares desérticos da terra e fizeram o deserto florescer como a rosa.

O Espiritualismo é o mensageiro da vida espiritual, combatendo e lutando contra os estreitos sofismas do materialismo e contra essa intolerância que não escolhe voltar o olhar para dentro de si, mas apenas para fora, nas suas leituras das revelações passadas. Não pode haver significado para as Escrituras senão o de que podem ser

espirituais. Não pode haver significado para as palavras escritas e registadas como tendo sido proferidas pelo Mestre, o Mestre da Cristandade, se elas não forem espirituais. Não pode haver significado para as maravilhas operadas por Jesus se elas não forem espirituais.

Não pode haver significado para as promessas dadas ao homem quando ele estava prestes a deixar os seus discípulos, se não se referiam aos verdadeiros dons espirituais. Não pode haver significado para a fé, para a oração e para as boas obras, para a elevação do coração humano em direção à inspiração e ao poder espirituais, a menos que isso signifique que esses dons devem ser concedidos.

Não pode haver significado para todos os sons de oração e vozes de ação de graças que hoje se elevam do vosso mundo, se em resposta não for despertado um fervor espiritual e chamados à existência dons espirituais. Cantamos nós o hino do louvor? Pronunciamos palavras de agradecimento? Cremos com toda a nossa mente e pensamento para elevar o nosso ser ao mundo espiritual e, ainda assim, não recebemos sinal algum disso? E se não houver sinal dado — se em todo o mundo, fora do Espiritualismo, não houver dons do espírito — não haverá necessidade de que, a partir de alguma fonte de poder além da forma usualmente aceite de culto, surjam o dom divino e o perfeito fervor da inspiração espiritual para despertar essas faculdades adormecidas e reacender a força dormente da espiritualidade?

O mundo deixou de esperar. A humanidade vagueou durante tanto tempo na escuridão do culto material, que de bom grado se contentaria com aquilo que não alimenta nem sustenta a alma. Enquanto as vagas lentamente invasoras do materialismo afastaram, uma após outra, da humanidade os marcos da vida teológica, a maré lentamente invasora da ciência material retirou, um após outro, os fundamentos da própria Igreja eclesiástica; e os diversos corpos religiosos de toda a Cristandade clamam: “Porque nos abandonou Deus?”

Não há necessidade de responder. Quando a vida espiritual não foi cultivada; quando os dons do Espírito não foram estudados; quando os mensageiros da vida e do amor de Deus não foram procurados; quando a inspiração e o poder do Espírito foram negados; quando, em todas as instituições de aprendizagem e em todas as escolas de educação teológica, os homens foram ensinados pela letra e não pelo espírito da inspiração; quando as escolas assim se esforçaram universalmente, umas contra as outras, com contradições e interpolações; e quando, no meio de toda esta contenda e dissensão, o mundo ficou vazio, árido, sem vida — sem espírito, e quase sem Deus.

Quando pode existir na Inglaterra eclesiástica um homem como Colenso, que ousa romper as barreiras da tradição; quando existem uma classe de pensadores e materialistas como Charles Bradlaugh e os seus seguidores; quando a cruz do poder religioso e eclesiástico que foi semeada colhe tal colheita de infidelidade e incredulidade que agora permeia a mais elevada literatura do país; e quando John Stuart Mill pôde formar a sua escola a partir dos próprios fundamentos e alfabeto dos pensadores de Inglaterra, isso prova até que ponto a espiritualidade é necessária e até que ponto o intelecto do século XIX se edificou contra o poder da espiritualidade.

Quando Strauss, na Alemanha, pode não só durante a vida, mas até ao túmulo, levar consigo os pensamentos de uma vasta minoria de homens pensantes na esclarecida Alemanha e Inglaterra, isso demonstra quão poderosa maré de materialismo está rapidamente a levar a areia solta sobre a qual assenta o edifício material da existência da Igreja.

Nada senão o poder espiritual — a revelação absoluta da existência desse poder; a edificação das leis sobre as quais ele está fundado; a expressão da sua presença entre a humanidade; a sua tendência para conduzir, influenciar e governar as massas; a sua força absoluta e duradoura como elemento da vida; — nada senão isto pode revelar o significado da espiritualidade e mostrar à própria Igreja as revelações sobre as quais está fundada. O homem materialista das letras ousa negar os registos e factos da inspiração e dizer, com audaciosa arrogância: "Todas estas coisas não possuem as evidências habituais da história contemporânea", e desafia a Igreja a explicar os vários pontos duvidosos e trazê-los clara e triunfantemente para primeiro plano; e então, quando a Igreja não o faz, e não o pode fazer, recai sobre o materialismo vazio dos sentidos, dizendo: "Se estas coisas fossem verdadeiras, e se tivessem sido verdadeiras, porque não o são hoje?"

A resposta a essa pergunta encontra-se inegavelmente nas evidências da existência espiritual que hoje se manifestam. A resposta a essa pergunta está no mundo, no facto de os homens de ciência o terem provado; e vai muito longe ao responder à grande dúvida e investigação do século XIX; enquanto o facto de a própria Igreja negar as manifestações de hoje vai muito longe em provar que a espiritualidade é esse elemento de poder que falta no próprio coração e vida da Igreja, dos seus defensores e mestres.

Mas se o Espiritualismo continuar apenas a disputar com os meros sofismas daqueles que não escolhem investigar, e se tiver continuamente de enfrentar as mesmas questões que devem ser respondidas para sempre, então talvez não possa dar imediatamente passos tão gigantescos no mundo como alguns poderiam exigir; pois cada nova mente, e cada novo investigador, apresenta-se com as mesmas perguntas, e os mestres do Espiritualismo são obrigados a respondê-las tal como surgem, enquanto aqueles que já avançaram não recebem nova luz alguma.

A verdade é que as pessoas não estão habituadas a pensar, não estão habituadas a ler, não estão habituadas a saber o que existe no mundo. Em matérias espirituais, o seu mestre é o clérigo, a autoridade que mantém as suas almas em cativeiro. Pensar sobre assuntos ligados ao espírito não faz parte da educação comum da humanidade; daí toda esta dúvida.

Existe um terror persistente, uma espécie de medo que tomou conta da humanidade relativamente às inteligências espirituais e aos seres espirituais, que talvez possamos agora dissipar, para que os temores e dúvidas que vos atormentaram possam finalmente repousar. O mesmo poder que permite às influências malignas, ou às influências do mal, aproximarem-se da humanidade, tem também controlo sobre o bem; e a mesma porta de acesso às inteligências espirituais pela qual o espírito pouco

desenvolvido pode aproximar-se e influenciar a vida humana abre-se também para a região dos espíritos angélicos e puros.

Uma vez admitida a influência do espiritual, deixais então à humanidade o julgamento da natureza e do carácter das forças espirituais que sobre ela atuam. O único argumento ou fortaleza, a única prova absoluta contra isso, é aquela que duvida da sua existência. Uma vez descoberta essa dúvida como falsa, a mente humana deve julgar se alguém vos pode dizer que é mau aquilo que melhora as vossas vidas, as vossas crenças, a vossa inteligência, as vossas ações, as influências da bondade.

Ninguém pode fazer-vos acreditar, por maiores que sejam as suas afirmações, que é mau o poder que vos liberta da escravidão dos sentidos, que desperta em vós aspirações para a bondade, que realiza em vós os atos, as palavras e as promessas da vida, e que revela plena, consciente e inegavelmente a existência futura. Não pode ser mau aquilo que, semeando as sementes da bondade, faz nascer as flores da esperança, da aspiração, da oração, das boas obras e das palavras amorosas; não pode ser mau aquilo que, despertando o homem da letargia do materialismo, revela a alma imortal e aponta os diversos estágios de progresso rumo ao conhecimento, pelos quais o espírito se torna feliz e livre da escravidão dos sentidos; não pode ser mau aquilo que, na sua influência e tendência geral sobre a humanidade, aponta para um padrão mais elevado e melhor do que a média da vida humana atual.

A mesma prova que eternamente faz da regra de ouro o mais elevado padrão da ação humana faz também da própria existência do espírito a mais alta aspiração da humanidade; e aquilo que conduz a uma existência imortal conduz igualmente ao mais elevado estado de existência que é possível a humanidade alcançar, apontando naturalmente as boas ações e os pensamentos puros como meios de atingir esse estado supremo.

Não receamos este argumento. Ele pertence àquela categoria de trevas e superstição que o pensamento avançado desta época há muito exterminou. É impotente no que respeita à sua influência sobre a humanidade, sendo o verdadeiro Satanás essa ignorância que fecha a porta ao conhecimento, esse egoísmo que impede a humanidade de fazer o bem ao próximo. Certamente esse Satanás reina no mundo. Sabemos que ele anda entre nós. Sabemos que a corrupção e o egoísmo mantêm cativo o coração humano. Sabemos que, em todos os lugares do orgulho e da loucura humana, a batalha mais dura e suprema é travada entre o egoísmo do homem e a sua caridade.

Sabemos isto; mas acima disso, para além da sua influência e superiores ao seu poder determinante, estão os anjos da aspiração e da bondade, a visão e o deleite nas coisas verdadeiras, a revelação da natureza mais elevada através da qual o espírito humano aspira a esforços mais nobres. E nenhuma aspiração fica sem resposta, pois ela encontra eco e cumprimento nos anjos ministradores que pairam sobre a terra nos dias de hoje, sensíveis às agudas agonias do sofrimento humano que por toda a parte rodeiam esta loucura pálida e materialista, esta escravidão e egoísmo, este terror persistente, este medo eterno que pesa sobre a humanidade.

Nada receeis mais do que a vós mesmos — do que esse egoísmo que espreita em cada canto da mente humana, que ergue diante de vós véus de dúvida e suspeita, veste máscaras de inveja e ódio, lança insultos contra os semelhantes e faz do mundo um campo de batalha em vez de um paraíso; que leva homens cristãos a odiar os seus irmãos cristãos e a disparar setas de inveja e calúnia. Este mal, este Satanás, está entre vós. Mas esse espírito, esse elevado sentido da vida, essa poderosa presença e força do anjo do amor, esse espírito que é mensageiro da paz — não dissipará ele as nuvens do egoísmo?

E enquanto pensais na presença angélica, não será o vosso pensamento elevado, e não buscará o mundo um impulso mais alto e mais santo do que aquele que leva os homens a odiarem-se uns aos outros? A suprema lei do amor, o Espírito divino cujo nome, pronunciado por Jesus, é mantido sagrado e reverenciado em todos os mundos angélicos — esse amor que expulsa o medo, que vence o egoísmo, que apaga o ódio e a malícia, que vos revela muitas das hostes angélicas; que não admite contenda nem ódio, mas apenas paz, amor e boa vontade. Esta é a missão, este é o espírito que esta inspiração traz ao mundo.

Os anjos nas moradas estreladas, os espíritos com asas de misericórdia, as almas dos vossos entes queridos, libertas pela morte e fortalecidas no ar do amor que respiram nas suas moradas espirituais — eles acenam-vos, chamam-vos com as vozes dos seus espíritos, falam-vos em sussurros de amor, entrelaçam à vossa volta as flores da sua vida imortal e perguntam se, com todas as vossas aspirações e todos os vossos anseios, não vos voltareis para o espírito, esse mesmo espírito que realiza no vosso meio a obra da vida, do amor e da imortalidade.

Este poema foi oferecido no encerramento —

Esta noite, quando os anjos vêm chegando,
Que mensagem de esperança estão trazendo?
Que sinal nos dirá que aqui estão velando?
Que canto entoam seus lábios resplandecendo?

Vede-os juntos neste quarto silencioso,
Cada rosto de um amado já perdido;
Cada qual trazendo um eco harmonioso,
Cada espírito que julgastes ter partido.

Há alguém por quem chorastes longos anos,
Um doce bebé levado do vosso lar;
Cuja pequena sepultura, entre enganos,
Regastes tantas vezes a chorar;
E dissestes no silêncio da agonia:
"Meu filhinho partiu… sozinho estou."
Mas vede agora, em branca companhia,
Entre flores de paz, quem regressou.

Vosso filho, entre anjos reunido,
Vem dizer-vos que a dor há de cessar;
Margaridas colheu no eterno abrigo,
Como outrora gostava de apanhar.
Brancas flores dos campos do além,
Onde o amor floresce em claridade;
Ninguém as prende, ninguém as detém,
Pois desabrocham na imortalidade.

E há também uma jovem de olhos claros,
Que iluminou a vossa vida outrora;
Vede agora os presentes doces e raros
Que ela traz, sorridente, nesta hora.
Violetas! Eram suas flores queridas,
As que cresciam no musgo à beira-rio;
Colheu-as frescas nas margens floridas
Do grande rio da vida, calmo e frio.

E ali surge também a vossa mãe,
Que vos amou por tantos anos ternos;
Antes mesmo que o peso da dor venha,
Ela chorou por vós nos dias eternos.
Agora vela ainda junto a vós,
E da prisão da vida ergueis o olhar:
"Mãe, que sinal me trazes, entre nós,
De que ainda me podes amar?"

E ela traz-vos botões de rosas brancas,
As flores que mais amava neste mundo;
Vede como desabrocham puras, francas,
Sem espinho algum, num amor profundo.
Nos seios dos anjos repousaram,
E ali ficaram brancas de pureza;
Nos reinos altos onde floresceram
Sob a luz eterna da beleza.

Depois vosso pai se aproxima também,
Com ramos de palma da árvore da vida;
E com bálsamo suave que convém
Vos fortalece na luta sofrida.
Muitas vezes pensais, talvez sem ver,
Que uma mão invisível vos salvou;
Nesse dia escuro em que podíeis cair,
Foi ele quem junto de vós ficou.

E chegam ainda almas delicadas,
Puras em amor e em serenidade,

Em quem raramente pensais nas jornadas,
Mas que vos cercam com fidelidade.
Com lírios brancos, virgens da paz,
Que cedo deixaram a vida terrena,
Descem com asas de luz celestial,
Como estrelas brilhando em noite serena.

E uma flor de amor trazem consigo,
Cujo perfume suave, prateado,
Desce como sino ao vosso abrigo
Com esta mensagem do outro lado:
"A flor que mais amamos é a mais bela,
Floresce nos jardins do eterno Deus;
Na terra ninguém conhece o nome dela,
Mas a sua alma é paz nos céus."

Tais sinais vos trazem do além distante,
Seguindo o voo da alma libertada;
Mensagens de um amor vivo e constante,
Que vence a morte e ilumina a estrada.

DE UMA CONVERSA SOBRE A CURA

A ciência da medicina encontra-se, nos dias de hoje, tão separada de tudo o que diz respeito à natureza espiritual do homem, e as escolas médicas derivaram de forma tão constante em direção ao materialismo, que não só chocaria a natureza sensível, não só o religioso, mas qualquer espírito sincero e ponderado, testemunhar o ceticismo pertencente às diferentes escolas da *materia medica*, especialmente no departamento clínico e na sala de dissecação, onde existe livre acesso ao corpo físico do homem.

O facto de essa ciência não conseguir descobrir a fonte da mentalidade humana quando o corpo está morto, nem localizar o espírito quando este já não se encontra ali, constitui para eles a lamentável espécie de prova de que o homem não possui espírito. Como se, quando o corpo já não fosse necessário, o espírito devesse permanecer para a faca do anatomista; como se a incapacidade de descobrir aquilo que, como o perfume da flor, se desvanece quando a flor já não existe, provasse que o homem não possui espírito algum.

Não é o exterior aquilo que o Grande Curador procura alcançar, nem aquilo que a verdadeira ciência da medicina deseja tocar, mas sim as fontes profundas da vida que têm as suas origens secretas muito dentro do reino do espírito. O nervo que dá vitalidade à mão pode ficar paralisado pela tristeza, pela dúvida ou pelo medo — males a que nenhum remédio da *materia medica* consegue chegar.

Pelo medo da morte, os homens tornam-se cobardes; e pelo medo da doença perdem o equilíbrio mental, enquanto todas as forças do sistema entram num estado negativo. A mente calma, saudável e não afetada pelo medo é requisito essencial para resistir à doença. Quando se afirmava, nos tempos antigos, que alguém podia entrar numa fornalha ardente sem ser consumido pelas chamas, isso representava um caso extremo da aplicação da força espiritual sobre a força física, demonstrando aquilo que a mente pode realizar ao resistir à enfermidade.

Aquele que é médico hábil e verdadeiramente concentrado na sua missão raramente contrai uma doença venenosa; o contágio não o alcança, porque é demasiado destemido e demasiado forte na sua influência dominadora. O mesmo princípio, aplicado de forma geral, afastaria não apenas as doenças comuns, mas até a própria malária e os contágios existentes na atmosfera. Considero que a propagação de doenças, como a difteria e outras atribuídas a microrganismos ou a influências malsãs do ar, resulta frequentemente do medo e de um estado negativo do organismo individual, que torna a pessoa suscetível à enfermidade; um poder simpático ou psicológico que atrai precisamente aquilo que se teme.

Habitualmente, como tereis notado, numa grande mortalidade, o homem acaba por morrer da doença que mais receia. O inimigo está à espera dele; é um alvo propício. Se o medo está na sua mente, a doença pode atacá-lo. Tal como um olhar magnético firme pode dominar uma fera enfurecida até ela se deitar mansa aos vossos pés, enquanto o homem medroso foge e é perseguido pelo animal enfurecido, assim também a doença espreita aquele que a teme. Mas aquele que possui vontade forte e não sente medo diante dela, esse não será atingido pelo contágio. Pode caminhar como alguém totalmente armado e revestido de couraça no meio das mais mortais enfermidades, se a mente e o corpo estiverem em harmonia.

Tomai a palavra da bondade daquele que estuda todas as fraquezas humanas e simpatiza convosco; que compreende que deve existir sofrimento e dor proporcionais à ignorância humana; que, por fim, através da experiência, aprenderemos a triunfar sobre a dor; e que o maior curador se encontra dentro de vós mesmos.

Chegará o tempo em que, ao menor sinal de desordem ou incapacidade física, voltareis para dentro de vós próprios o médico interior — essa poderosa força de vontade, saudável, vigorosa e vivificante — que corrigirá e endireitará aquilo que está errado dentro de vós, e curará a doença.

Conheci famílias inteiras destruídas pelo que se chama tísica, suposta doença hereditária, quando ela era perpetuada pelo forte poder mental da mãe atuando sobre os filhos, e um após outro acabava vítima não apenas da enfermidade física, mas também da influência mental.

Não existe doença, meus caros amigos, à qual o corpo humano esteja sujeito, que não seja suscetível do poder curativo do espírito. Não há sequer operação cirúrgica que esteja fora do alcance do poder espiritual, quer para superar a necessidade dela, quer

para a executar. Mas quando uma nação reza com fervor pela recuperação da vida de um presidente, e ao mesmo tempo entrega essa vida ao bisturi explorador…

…processos de vários médicos cegos que desconhecem, a escassos centímetros, a localização do mal, a oração dificilmente poderá ser eficaz.

Se orais pelo dom da cura, pedi-o à fonte da cura; se confiais na ciência, então abandonai as vossas orações, pois é ela quem corta e dilacera o corpo em que depositais confiança, e não aquela que o cura. Se deveis receber cura espiritual, não corrais, quando os vossos filhos adoecem ou quando vós próprios sofreis, ao primeiro boticário ou químico, nem ao primeiro médico, mas confiai no poder em que acreditais. Não podeis rezar ao espírito e ao mesmo tempo violentar essa oração com o vosso próprio corpo. Dois sistemas de prática diametralmente opostos um ao outro jamais poderão curar o mundo.

Curai-vos do medo, e a cura estará nas vossas próprias mãos; curai-vos dessa dependência dos fanáticos, e a cura estará ao vosso lado. Não existe panaceia definitiva em qualquer remédio mineral para as doenças orgânicas do corpo humano. Toda a partícula de medicamento composta de substâncias minerais é venenosa para a estrutura humana. Não comeis argila; não engolis a terra do solo para obter alimento e vitalidade; não existe vitalidade orgânica em qualquer remédio mineral. Os remédios vegetais podem ser usados incidentalmente, mas mesmo esses são de tal natureza que devem ser aplicados sob a orientação cuidadosa e vigilante do curador espiritual.

Mas sobretudo, e em última instância, não existe poder de cura maior do que aquele contido na mão humana; e a vontade humana que, com benignidade, serenidade e alegria, empresta a sua força ao quarto do doente é o agente mais vivificante e restaurador da saúde que a humanidade pode possuir. Os milagres operados em todas as épocas, e os dons de cura que sobreviveram mesmo através da aridez da teologia, demonstram-vos que a fonte da cura deve estar dentro de vós e que deveis voltar-vos para essa nascente onde habitam todas as forças vivificadoras, antes que o curador possa chegar até vós.

Ó procurai a fonte cristalina! Libertai-vos da escravidão do medo, e a pequena criança junto à vossa lareira poderá afastar a dor lancinante com o suave toque da sua mão delicada. Até operações cirúrgicas delicadas podem ser preparadas com êxito e realizadas por aqueles dotados do dom espiritual.

Encorajai esses dons; não os expulseis das vossas portas por medos superficiais ou pela vossa pobre submissão ao costume. Deixai que as escolas de medicina partam juntamente com as antigas escolas de teologia que lhes fazem companhia. Que a vossa teologia, que desejaria engolir na Geena as almas das crianças pequenas, desapareça com o vosso sistema de medicina, que igualmente destruiria os seus corpos.

A DUALIDADE DA MENTE HUMANA

Uma palestra da Sra. Cora L. V. Hatch, em Dodworth's Hall, Nova Iorque, Domingo à noite, 25 de Maio de 1862.

O nosso tema, nesta ocasião, é a Dualidade da Mente Humana, ou os seus motivos aparentes e reais.

Os homens não são aquilo que parecem ser. A aparência e a forma humanas são como uma máscara, por vezes bela e por vezes repulsiva, que oculta os verdadeiros traços da alma e transforma o mundo numa vasta mascarada de caracteres e motivações. Ousamos afirmar, sem receio de contradição bem-sucedida, que a mente humana possui uma natureza dupla; por outras palavras, pretendemos mostrar que todos os seres humanos, tanto os mais elevados como os mais humildes, os mais honestos como os mais infames, escondem sob a superfície do seu carácter algo diferente das suas manifestações exteriores; e toda a vida possui um propósito duplo, um oculto e outro aparente; um real, o outro apenas um disfarce. Isto pode parecer uma afirmação surpreendente e difícil de provar; mas procuraremos demonstrar a sua veracidade recorrendo tanto à história geral como à vossa própria consciência e observação pessoais.

Vemos em toda a Natureza um reino oculto de forças, amplamente diferente do aspeto da vida exterior. Por exemplo, muito abaixo das camadas superficiais da crosta terrestre, encontram-se aprisionados produtos venenosos e destrutivos, que gemem, fervem e se agitam em ondas ocultas de inquietação, exprimindo-se apenas quando encontram saída em terramotos e erupções vulcânicas, enquanto a superfície uniforme acima é perturbada apenas pelas suaves ondulações da planície verdejante, ou pelo tranquilo ondular do lago ou do mar; e tudo parece mover-se com regularidade e perfeição.

Olhai para a árvore da floresta, espalhando os seus ramos no ar e elevando o seu tronco maciço. Não vedes as fontes da sua vida, enquanto o sangue percorre silenciosamente todas as suas artérias; não vedes as suas folhas absorvendo em silêncio luz e humidade da atmosfera; apenas observais uma forma que vos representa o resultado de processos que não compreendeis. O oceano parece tão calmo nas suas profundezas cristalinas quanto os céus que reflete; mas não podeis perceber o longo acúmulo de fúria vulcânica que talvez ainda o faça erguer-se em vagas tumultuosas ou abrir um abismo para engolir tudo diante dos vossos olhos.

Todos estes exemplos podem servir para ilustrar aquilo de que estamos prestes a falar em ligação com a mente humana. Tal como todas as coisas na Natureza existem refinadas e concentradas nessa mente, também ela exibe, da forma mais plena e completa, esse carácter duplo. É da natureza de toda a mente, sujeita às modificações das circunstâncias e da educação, perseguir algum propósito de acordo com as suas características especiais; e aquilo que é revelado, mais ou menos abertamente, como impulsos do coração ou políticas de conveniência, pode acontecer prevalecer. É por isso que observamos na humanidade tão grande variedade de traços, não porque as nossas naturezas sejam inerente ou radicalmente diferentes, mas porque, devido às variadas circunstâncias de nascimento e fortuna, os homens começam a vida com

objetivos distintos em vista, embora todos procurem um mesmo fim comum — a conquista da felicidade.

Nunca existiu artista, poeta, filósofo ou estadista que não tenha planeado e seguido a sua carreira com vista ao seu próprio interesse pessoal. Todos aspiraram à grandeza e à glória sem outro objetivo; e quando ouvis homens falar de motivos altruístas, de sacrifício pessoal, podeis saber que tais coisas não podem existir, porque essa não é a natureza da humanidade. Se um homem oferece a sua vida por uma causa estimada, é porque pensa que será mais respeitado na morte nessas circunstâncias do que em vida. Esta regra, modificada pelas circunstâncias, aplica-se a todas as mentes. Ilustremos:

Notamos, ao rever a história do passado, que alguns homens, poucos em comparação com a grande massa, alcançaram distinção por si próprios ou foram colocados pelas circunstâncias numa posição eminente — e ou "atingiram a grandeza" ou esta lhes foi "imposta"; e procuraram sempre utilizar a sua posição para satisfazer algum engrandecimento pessoal.

Tomemos, por exemplo, os heróis militares. É bem sabido que a guerra é uma das mais poderosas agonias na promoção do progresso nacional; contudo, é igualmente indiscutível que aqueles que criam guerras e travam batalhas o fazem não em benefício da humanidade, mas em proveito dos seus próprios estados, dos seus reinos, ou daquilo a que chamam pátria — geralmente apenas um termo coletivo que exprime os seus interesses individuais. Mesmo aqueles que procuraram unir o estadista ao guerreiro sustentaram opiniões de carácter muito semelhante.

César e Alexandre são exemplos proeminentes neste ponto. Embora o conquistador macedónio declarasse ser seu objetivo benéfico espalhar a civilização grega pelo mundo oriental, o seu verdadeiro motivo era a sua própria exaltação e a reunião, em torno de si, de tal conjunto de reinos que o mundo jamais vira unido sob um único cetro. César esmagou impiedosamente as liberdades remanescentes do seu país na sua marcha rumo ao domínio imperial.

O grande Napoleão oferece talvez exemplo ainda mais impressionante do que qualquer dos seus predecessores ambiciosos, ao ponto de tornar até a sua própria família inteiramente subordinada aos seus desígnios imediatos. O atual Imperador de França lutou por Itália para poder colocar um rei no seu trono. A Inglaterra tem combatido para estender o Cristianismo e a civilização, como tem pretendido, desde que se tornou potência entre as nações; e, no entanto, sabeis bem que procurou realmente assegurar a sua própria supremacia, no mar e na terra, sem grande escrúpulo quanto aos meios — como testemunham a conquista da Índia e as invasões da China.

Passemos agora a outro grau de distinção — aos estadistas e governantes civis que, não sendo competentes para planear e dirigir movimentos militares, empregam generais para lutar por eles, fomentam perturbações ou recusam conciliá-las, para colherem os benefícios dos conflitos resultantes. Esta classe reclama pertencer estritamente ao plano mental da grandeza; contudo, salvo raras exceções que apenas

confirmam a regra, os seus maiores esforços foram inspirados pela ideia de que a sua própria grandeza estava inseparavelmente ligada à grandeza do seu país, e que os seus interesses pessoais seriam promovidos na proporção em que a lei da civilização do seu país fosse imposta às outras nações.

Entre os estadistas, tal como entre os guerreiros, a violência e a desonestidade assumem demasiadas vezes o nome de patriotismo.

Estes últimos, mantendo para com as massas dos seus compatriotas relação semelhante à da força motriz relativamente à maquinaria da manufatura, fabricam em segredo todas as causas de discórdia e conflito — compondo dissensões apenas quando tal serve os seus interesses; e, mesmo que os seus esforços terminem em ruína geral, ainda assim costumam encontrar maneira de salvar as suas fortunas privadas do naufrágio.

Os historiadores, deslumbrados pelo brilho da fama recente ou deformados pelo preconceito, transmitem às gerações futuras afirmações e narrativas que ou não têm fundamento na realidade, ou são engenhosas perversões da verdade. Assim, toda a história não passa de uma fábula, da qual se pode inferir que alguma coisa, não se sabe exatamente o quê, aconteceu; é um romance composto quer para a época em que o escritor viveu, quer para uma geração posterior.

O historiador encontra-se sempre de um lado ou de outro; os relatos antigos variam essencialmente conforme o partido em cujo interesse foram escritos, e são muitas vezes tão contraditórios que o estudante encontra dificuldade em chegar a qualquer conclusão segura. Na história moderna, a parcialidade é ainda mais evidente, e os objetivos egoístas do escritor mais transparentes. Nas histórias da carreira de Napoleão, os seus inimigos procuram diminuir a sua glória, enquanto os seus admiradores revestem o seu carácter com todas as cores de uma excelência imaginária. O estudante deve aprender a encontrar equilíbrio entre ambos.

Entre os mestres intelectuais da humanidade, poetas e filósofos ocupam um lugar mais elevado, porque na sua vocação parece haver menos egoísmo do que em qualquer outra; contudo, mesmo no seu caso, o poder oculto por detrás do trono — a poderosa mola mestra do esforço — é precisamente o mesmo. Pois que leva o filósofo a condenar-se a anos de labor solitário na resolução de algum problema difícil, senão a esperança de fama presente ou póstuma?

A mente, sem dúvida, deseja conhecimento; mas deseja-o para os seus próprios fins — se não pelo bem do mundo, então pela conquista de poder de algum género. O orgulho natural a todo o homem exulta na ideia de que o seu nome será mencionado com honra após a morte; e tão grande é o amor da glória que alguns foram levados a atos de desespero quase inacreditáveis apenas para não serem esquecidos.

Os registos das vossas atuais contendas civis contêm muitos exemplos desta espécie, nos quais homens incapazes de alcançar uma reputação honrosa precipitaram-

se para o extremo oposto e asseguraram uma terrível notoriedade em comum com tiranos e conquistadores — os despojadores e verdugos da sua própria espécie.

Poetas e sábios ocupam lugares mais sagrados na memória da humanidade do que heróis civis ou militares, e muito menos os príncipes do comércio, cujas ocupações são consideradas as mais ignóbeis porque os seus motivos reais são os mais abertamente revelados; mas todas estas classes têm o mesmo propósito em vista. Julgais que o poeta teria alguma vez tomado a palma da glória para moldar os seus pensamentos esplêndidos em versos melodiosos se supusesse que seriam entregues ao esquecimento com a geração presente? Teria Shakespeare, gentil e refinado espírito embora pareça, trabalhado nas suas maravilhosas criações se não esperasse que sobrevivessem à hora fugaz para cuja distração foram inicialmente concebidas?

Os poetas são homens; apenas ocultam o seu egoísmo humano sob uma nuvem de glória que a visão comum não consegue penetrar. E não sabeis que aqueles que agora vestem aos vossos olhos as roupagens da fama imortal foram muitas vezes, entre os mais nobres e exemplares na vida privada? Os seus caracteres pessoais e morais diferiram tão amplamente dos seus intelectuais como a águia altaneira difere da serpente rastejante, e continham as mesmas fontes ocultas de vício que as da humanidade comum. Mas o olhar desta última é menos facilmente atraído por aquilo que mais se lhe assemelha; e a paz contempla com admiração indiscriminada aquilo de que, se revelasse todos os seus verdadeiros traços, se afastaria com desgosto.

Acreditamos que, se pudésseis regressar ao passado distante e contemplar as veneradas figuras dos filósofos antigos — tal como apareciam à observação dos seus contemporâneos — muitos dos atributos pessoais desses soberanos que “governam os vossos espíritos a partir das suas urnas” despertariam em vós emoções muito diferentes daquelas com que hoje os encarais. É lei da Natureza que uma excelência especial numa direção tenha de ser equilibrada por imperfeição correspondente noutra. Byron escreveu talvez como ninguém jamais escreveu; e contudo sabeis o que Byron foi; e todas as estrelas na constelação do génio que brilham tão intensamente na história manifestaram fraquezas e fragilidades tão impressionantes quanto a sua superioridade mental.

Os mestres da ciência, os prodígios do talento especulativo e inventivo, que se elevam e medem as distâncias de mundo para mundo, não ultrapassaram o padrão comum da realização religiosa e moral — pelo contrário, muitas vezes caíram abaixo dele — pois a mente matemática é proverbialmente estéril nesse aspeto. Não se pode supor que tenham trabalhado apenas pelo bem de auxiliar a humanidade. Até Newton não parece ter sido motivado principalmente por sentimentos filantrópicos.

As mais elevadas regiões da especulação eram o seu domínio natural, e quando seguia as suas linhas favoritas de pensamento até conclusões bem-sucedidas, mostrava-se quase indiferente a torná-las públicas, queixando-se amargamente das controvérsias que perturbavam o seu repouso contemplativo. As suas descobertas cessaram quando já obtivera para si próprio aquela provisão que o mundo tantas vezes

nega aos seus maiores benfeitores, cujos trabalhos concederam riqueza e fama a multidões. A gratidão, de facto, não parece pertencer à humanidade em geral.

A moralidade e a religião são universalmente reconhecidas como ligadas aos mais importantes interesses da humanidade e essenciais à verdadeira felicidade; contudo, também neste aspeto, o carácter humano apresenta a maior inconsistência possível. Tomemos, por exemplo, aquela virtude que deveria ser espontânea em todos os corações humanos — a filantropia ou caridade. Tão rara é esta qualidade que, quando alguém é constantemente e com êxito levado a praticá-la, é exaltado como um dos maiores da sua espécie, como se fosse mais do que um exemplo, na prática, daquilo que todos deveriam realmente ser. Mas nunca existiu um filantropo declarado que não tivesse em vista algum objeto de vantagem pessoal ou recompensa.

WILLIAM ELLERY CHANNING

Cora Hatch 5 July 1863

O tema hoje apresentado à vossa consideração é **William Ellery Channing**.

Os homens fazem heróis — Deus faz homens. Existe, na mente de um homem verdadeiro, algo mais do que toda a história pode retratar. Nunca lemos, nos esboços biográficos dos indivíduos, aquilo que realmente os torna grandes. Nunca encontramos, no registo das suas vidas, aquilo que neles existe de maior. Os biógrafos não conseguem pintar, nem a pena consegue de forma alguma retratar, o verdadeiro espírito da grandeza viva. Ele pertence a algo que nem a palavra, nem a pena, nem o livro, nem sequer a linguagem podem ensinar. É uma presença e um poder em si mesmo; e embora diferentes homens sejam grandes de maneiras diferentes, aquilo que, em nossa opinião, é maior é o que produz a impressão mais duradoura e o exemplo mais proveitoso para o bem mais elevado.

Podemos ler acerca de grandes guerreiros e ter os seus feitos diante de nós; podemos ler acerca de mártires e das mortes que sofreram; podemos ler acerca de heróis e tornar-nos, como eles, grandes num único esforço; podemos ler acerca de poetas, sonhar os seus gloriosos sonhos e cantar os seus cânticos, enquanto os entoam em louvor aos deuses da Natureza; podemos ler acerca de artistas e representar com eles as cenas que inspiram a alma ao contemplá-las. Mas quando lemos acerca de um espírito gentil, cujo poder era suave e delicado como a brisa de verão, e que, contudo, na profundidade do pensamento e na sublimidade das suas realizações, parecia elevar-se para além da mais orgulhosa filosofia, então as nossas almas tornam-se enternecidas, e tudo o que nelas existe de bárbaro — e há muito disso no espírito humano — se aquieta e suaviza, permitindo que o homem melhor prevaleça.

É de uma vida e de uma mente assim que hoje falamos. Não temos atos de ousadia e fama para relatar; nada de feitos marciais; nada que espante ou maravilhe pela bravura e pelo brilho — como o mundo chama brilhantes às mentes que se erguem além da nossa compreensão e quase nos cegam com os seus raios fulgurantes; nada, talvez, que o poeta escolhesse registar. Contudo, temos uma vida cujo heroísmo

e propósito eram tão grandes quanto os de qualquer mártir; cuja coragem rivalizaria com a de qualquer herói; e cuja mansidão de espírito encantava todos os que a rodeavam. Aqueles que o conheceram e o amaram nunca esqueceram esse grande princípio da sua natureza.

Enquanto admiramos o intelecto, enquanto adoramos, amamos e veneramos aquilo que é elevado e enobrecedor, quando essas qualidades se unem numa vida e fazem dela uma vida de sacrifício, de tal modo perfeita na sua integridade que não conseguimos apontar um único ato individual, então, de facto, devemos venerar. Não louvamos um homem; não prestamos homenagem a heróis.

O ouro leva muitos a curvarem-se perante o seu altar, e guerreiros milhares a ajoelharem-se diante deles; mas aqueles que conduzem, quer na vida pública quer na privada, vidas tais que os santos poderiam desejar imitar, e aqueles que, na sua compreensão do amor de Deus, parecem perceber que todo o seu ser e natureza estão aliados a uma caridade avassaladora e irresistível que conquista todo o mal — estes merecem a nossa reverência e respeito, ainda que obscurecidos pela simplicidade; mas se a isso se juntar o brilho do intelecto e uma inteligência que compreende e aplica todas as coisas naturais aos usos da existência humana, então cresce numa reverência mais profunda.

Tal era, em geral, a mente de que hoje falamos; e contudo esta mente era composta de combinações tão singulares que alguns poderiam atrever-se a criticá-la. Pois vejamos. Na mente deste homem, e especialmente na sua vocação, existia aquilo que talvez gostássemos de censurar — uma natureza profundamente religiosa. Nunca, na existência de qualquer espírito, podemos descobrir uma natureza religiosa sem alguma proximidade à superstição; e, contudo, ela pode estar tão finamente afinada, tão perfeitamente misturada com inteligência e lógica, que já não parece superstição, nem sequer se assemelha àquela forma exterior de religião que mais se aproxima da hipocrisia.

Mas numa natureza verdadeiramente, profundamente e naturalmente religiosa, existe sempre algo a admirar; e se nós próprios não o sentimos, até nos agrada que outros o sintam. Assim, quando vemos um devoto fervoroso junto ao altar romano, embora talvez o lastimemos, ainda o admiramos pela sua fidelidade; e quando vemos um devoto no santuário da Natureza, crescendo em força e inspiração derivadas de Deus, cujo espírito amoroso enche todo o universo, e conseguindo, com a maravilhosa faculdade da sua mente, tornar tudo na Natureza submisso a esse espírito de inspiração divina — isto é, à verdadeira religião.

Channing era profundamente, verdadeiramente, naturalmente religioso. Conta-se que, quando criança, tão simples e tão belas eram as suas expressões religiosas, que encantariam até a mente mais endurecida pela simplicidade e beleza da sua compreensão infantil; e quando chegaram os anos maduros e a idade adulta, essa religião pareceu crescer forte, tal como outros homens se fortalecem no contacto com o mundo e no cultivo intelectual. Não existia outro propósito na sua vida senão alcançar o mais elevado bem religioso. Nenhum outro tema comandava tão

plenamente a sua eloquência ou encantava tanto os seus ouvintes como essa perfeita simplicidade e devoção infantil que pareciam inspirá-lo muito para além de si próprio e levar até a sua inteligência a tornar-se submissa aos elementos mais elevados da religião.

Parecia-me que, ao enfrentar qualquer mal, a sua mais alta forma de punição consistiria em vencer esse mal pelo simples poder do amor. Poderíamos divergir quanto à maneira de corrigir o crime, mas não poderia haver erro acerca do poder deste homem. Não havia cólera nem pecado que não parecessem dissolver-se na sua presença ou sob a influência do seu amor.

A grande ideia da sua vida era que, tal como Jesus parecia ensinar o amor como conquistando tudo, assim toda a humanidade poderia viver, e nenhum crime existiria, quando fosse vencido pela suave força do amor. Para ele, não havia sopro mais doce, nem poder mais grandioso, nem conceção de divindade mais elevada do que aquela compreendida nas lições de Cristo sobre amor e bondade. E muitas vezes tentei compreender como podia conceber aquele maravilhoso poder sobrenatural incorporado nesse amor sacrificial de Jesus. Contudo, acreditava nele e acarinhava-o de tal forma que parecia tornar-se parte integrante da sua própria natureza.

Com isto compreendereis que o fanatismo não fazia parte da sua natureza. O seu credo, se assim lhe podemos chamar, era do mais liberal género; e ao manifestar tal crença atraiu sobre si a condenação de outros, os quais, porém, o seu amor dominante acabava por vencer. Foi criticado porque acreditava no amor de Deus em vez da Sua ira. Foi condenado porque acreditava no amor de Cristo e não a sua …condenação. Muitas vezes era censurado porque adotava o modo mais suave de curar os males, em vez do mais severo, que tantas vezes mata.

Foi duramente condenado por acreditar na Natureza e no Deus da Natureza, em vez de num Deus sem natureza e meramente ideal. Ao conceber as coisas naturais, considerava toda a Natureza como pertencendo a Deus; digno de contemplação enquanto perfeito no seu devido lugar; por isso acreditava que não existiam erros na Natureza e que todas as coisas haviam sido concebidas para o bem. Até as tristezas, que alguns homens lamentam, eram para ele bênçãos e prazeres — anjos vestidos com roupagens de luz.

Estes eram os elementos mais elevados da sua natureza, e predominavam sobre todos os outros. Para ele, a história era apenas como uma harpa de muitas cordas, que podia afinar conforme as ocasiões e os propósitos da vida humana. Considerava todos os heróis como seres destinados a responder ao grande fim e desígnio da existência. Para ele, não havia heroísmo naquilo que os homens louvam; pelo contrário, a guerra e todos os males aparentados eram terrores — terrores resultantes da ignorância e da loucura humanas — que acabariam por ser vencidos pelo amor da verdade e pelos princípios triunfantes da bondade humana.

A sua grande fé residia na crescente bondade da humanidade. Se acreditava mais numa coisa do que noutra como acompanhando a Mente Divina, era que, em vez de

leis, punições, criminalidade e todas as formas de vício, deveria por fim existir, através do poder irresistível do amor — esse amor que julgava incarnado na pessoa de Cristo — o princípio do verdadeiro governo: um governo de religião; uma religião incarnada em toda a vida humana, acompanhando toda a inteligência, toda a lei e todo o propósito da existência humana.

Possuía uma profundidade de espírito acompanhando essa natureza religiosa que, mesmo na sua intensidade, nos espantava e nos levava a curvar em reverência perante ela; um intelecto capaz de compreender o misticismo de Platão ou de abarcar o mais difícil problema de Euclides; uma inteligência que faria até os filósofos tropeçarem nas profundezas do pensamento, enquanto, ao analisar todas as teorias e todos os credos, os tornava submissos ao simples poder da justiça e da verdade.

Acreditava existir um princípio superior ao próprio intelecto; que o conhecimento humano era apenas um meio para um fim, através do qual os homens chegavam à verdade. Acreditava que as grandes mentes do passado existiram apenas como marcos apontando o caminho para uma vida e um propósito mais elevados; acreditava que os grandes historiadores e filósofos viveram para que a vasta humanidade pudesse crescer forte através da vitalidade que concederam à humanidade; e, no fundo da alma, aguardava o dia em que o mundo inteiro pudesse possuir uma inteligência que, pela sua força, vencesse a ignorância e a depravação tão visivelmente presentes na sociedade.

Possuía uma fé inabalável — uma fé que poucos homens possuem; uma fé pela qual poderíeis viver, mas ainda assim dificilmente compreender plenamente; uma fé que jamais vacilava; que, nas horas mais sombrias da adversidade, quando provas e tempestades o cercavam, parecia apenas mais tranquila e serena. “Deus é bom”, dizia este homem, “e ama-nos mais do que ama toda a criação; posso confiar no meu Pai.”

E assim, desde a primeira infância até demasiado cedo na idade adulta, quando lhe foi retirada a vida, este homem viveu na plena fé em Deus e na crença na imortalidade. Não existia fingimento na sua crença. Não nascera de credos; não fora construída por cerimónias; não assentava em documentos escritos; não dependia de formas e símbolos de culto. Era uma fé que parecia surgir de dentro dele como fogo vivo ardendo sobre o altar do espírito, consumindo todas as dúvidas e tornando-o luminoso e belo como um espelho, sobre cuja superfície clara e tranquila poderíamos contemplar eternamente.

Poderíamos pensar, talvez, que havia demasiado pouca severidade na sua repreensão do crime. Na maior parte das vezes parecia-me que a justiça era demasiado branda, e que eu preferiria ver acompanhando aquele espírito gentil um pouco mais de firmeza. Contudo, nele, essa gentileza era perfeita; e foi precisamente isso que, em toda a sua vida, encantou até os corações mais endurecidos.

Mesmo quando visitava prisões, a doce suavidade das suas palavras dominava, ao passo que outros, pelas suas reprimendas, apenas endureciam os condenados. Ele caminhava pelas ruas, vendo aqueles que tinham avançado no crime, e falava-lhes com

palavras de mansidão, quando talvez vós ou eu lhes tivéssemos falado asperamente; e eles afastar-se-iam friamente de nós, enquanto o escutavam como se fosse um ser de outro mundo, bebendo por fim do espírito gentil que dele emanava, tal como o viajante sedento beberia a água oferecida por um bom samaritano.

O poder do seu amor era como magia. Encadeava os corações daqueles que o ouviam. E embora os seus pensamentos fossem profundos, nunca esquecia o tema da sua vida, que era a redenção da humanidade — tornar o mundo melhor — alcançar coisas mais elevadas.

Era uma daquelas raras mentes acerca das quais lemos que comparam a Natureza ao pensamento humano. Shelley, o poeta, fazia-o; alguns filósofos fizeram-no também. Assim fazia Channing. “É grandioso”, dizia ele, “como a alma humana.” “Se as estrelas brilham intensamente e giram em perfeita harmonia nas suas órbitas, não são tão brilhantes”, dizia este homem, “como o esplendor do pensamento humano nas suas mais altas realizações, nem tão harmoniosas quanto as almas capazes de alcançar a verdade perfeita.”

“Se existe beleza na Natureza, na sua primavera e florescimento”, dizia Channing, “estas não passam de símbolos dos espíritos humanos, que crescem perfeitos e puros como as flores são puras.” “Se na Natureza existem brisas que parecem despertar nas ramagens uma doce melodia”, dizia ele, “elas são como os pensamentos das almas boas, soprados pelos dedos dos anjos.”

E tão plenamente levava esta ideia à prática que tornava a humanidade superior a todas as coisas naturais, fazendo-vos esquecer, na sua presença, o encanto da Natureza, as maravilhas da criação, e lembrar apenas que Deus era alma, e que criara espíritos vivos em formas humanas. Assim esqueceríamos a forma do mundo, esqueceríamos os intrincados processos da criação, a estrutura geológica da terra e as variadas formas de vida animada, considerando-as apenas pensamentos alados através dos quais a Divindade procurara representar mais plenamente a sua própria alma.

Nisso residia o encanto da sua mente. Não era materialista. Não possuía factos maiores do que as suas experiências e intuições sobre as quais edificava a sua religião; contudo, estas eram para ele tão fiáveis e perfeitas que as mais profundas subtilezas da filosofia, os mais claros exemplos da matemática e os factos materiais mais inegáveis não conseguiam destruí-las. E contudo não era obstinado. Possuía simplesmente aquela fé que vê para além do material; aquela fé que penetra para além da aparência exterior; que não depende de factos externos, os quais nunca poderiam alcançar as mentes materiais; e que aqueles que apenas confiam na lógica jamais conseguem compreender.

E contudo, com todo este sonhar, todo este aparente transcendentalismo, estava longe de ser imprático. Pelo contrário, era um dos homens mais práticos que existiram; acreditava que cada momento da vida humana deveria ser gasto com algum propósito e utilidade. Nunca desperdiçava o tempo. Nada existia que pudesse roubá-lo daquelas horas e momentos preciosos. Fazer o bem a outro em aflição, conversar com um amigo

sobre um tema útil ou até comungar com a própria alma e com a grande alma da Natureza não era, para ele, perda de tempo; mas desperdiçar os seus dias em prazeres inúteis e frivolidades passageiras, como tantos homens fazem, procurando satisfação apenas nas formas exteriores da sociedade, ou na companhia dos amigos para matar horas em conversas fúteis e sem propósito — isso jamais fazia.

Era também um homem franco, por vezes até demasiado direto; não para ferir sentimentos, mas para exprimir honestamente aquilo que pensava. Contudo, se repreendia alguém, fazia-o com tamanha doçura que quase parecia o carinho de uma mãe consolando o filho, mesmo enquanto o tenta corrigir. Nisso residia o seu poder. Falava-vos das vossas faltas de tal modo que quase pareciam elogios, embora vos deixasse profundamente conscientes e humilhados pela censura.

Se falava abertamente de crime, fazia-o com tão sincero pesar que quase desejávamos ser nós próprios os criminosos, se essa fosse a punição. E contudo havia tal força na sua repreensão que ela humilhava, ao passo que palavras mais ásperas apenas endureceriam. Houve quem pensasse que ele era demasiado indulgente, demasiado amoroso, demasiado bondoso; que não denunciava com suficiente vigor os males da sociedade; que não tratava severamente os vícios e crimes que corrompem o mundo; que não procurava destruir os males erguidos pela sociedade para construir algo melhor no seu lugar.

Nunca ouvi palavras mais fortes do que as que ele empregava contra o crime; mas não eram palavras de força brutal — eram palavras destinadas a vencê-lo. Não existem condenações mais profundas do vício do que aquelas que encontramos nos seus ensinamentos e escritos; contudo, não eram condenações impregnadas de amargura, mas antes de um espírito de perdão, semelhante àquele que sempre considerei pertencer à natureza de Cristo: uma bondade generosa e amorosa que tornava suaves todos os tons e olhares.

A Natureza fizera por ele tudo quanto poderia fazer por qualquer homem; e, além dos seus dons de inteligência e fé espiritual, existia na sua presença um encanto que parecia enfeitiçar todos os que dele se aproximavam. Ainda assim, talvez não o pudéssemos considerar um homem destinado a travar as batalhas do mundo. Não seria ele quem empunharia a espada e lideraria os combates que o mundo tem constantemente de enfrentar na sua ascensão. Os governos não escolhem homens assim para fazer as suas leis, nem os guerreiros os escolhem para conduzir exércitos, nem frequentemente os vemos ocupar os lugares públicos onde os homens mais os celebram.

E contudo este homem possuía heroísmo, coragem, fé e confiança que o tornavam mais forte do que legiões de homens armados, ou mesmo do que o mais poderoso rei ou potentado. E a sua influência perdura, pois era uma força que o tempo não destrói, que a fama não pode construir nem a tirania remover, porque não assentava na vida exterior, mas no espírito — e, por isso, vive mais longamente. As suas palavras, já quase sagradas, tornam-se cada vez mais queridas ao coração humano

com o passar dos séculos; e a gentileza do seu espírito ganha novo poder à medida que o mundo avança no seu caminho de vício e crime.

Acreditava que a guerra era uma excrescência da natureza humana, resultado da ignorância e do crime, e frequentemente dizia não conseguir ver o bem produzido por ela. Sabia que a história regista o progresso das nações através das revoluções provocadas pela opressão; mas dizia: "Preferiria ensinar os homens a não serem opressores, do que ver as nações conquistar a liberdade dessa maneira." "Preferiria ver o mundo instruído a não praticar o mal, do que alcançar a bondade por meios violentos. Preferiria uma paz nascida do amor do que uma paz imposta pela espada."

Contudo sabia que assim ainda não era, e a sua única esperança consistia em que, um dia — tempo esse que talvez eu não veja, mas em que ele acreditava firmemente — o mundo deixasse de conhecer guerras e crimes; que, em vez de prisões, penitenciárias e matadouros humanos, existissem escolas, hospitais e lugares de instrução para curar os espíritos feridos daqueles que, através do pecado, haviam descido à degradação e ao desespero.

Ah, se tal amor pudesse prevalecer de modo que cada alma humana fosse dotada daqueles elementos etéreos que tornariam a vida de cada homem tão brilhante e pura quanto foi a sua própria vida, tão livre de pecado e culpa, tão perfeita na sua gentileza!

Para aqueles que dele divergiam, era impossível deixar de sentir afeição por ele. Nunca houve palavra amarga pronunciada por ele em toda a sua existência; contudo, muitos não acreditavam nas suas teorias; muitos as consideravam erradas; muitos o criticavam. E, no entanto, até os seus críticos acabavam por reconhecer nele uma superioridade moral raramente encontrada entre os homens.

Não exageramos ao dizer-vos que a sua vida e a sua mente eram incomparáveis na doçura; mas era uma doçura nascida de uma força mais elevada do que qualquer ser humano comum consegue possuir.

Se alguma vez alguém me impressionou com a certeza da vida imortal, essa certeza veio mais dos lábios de Channing do que de todas as obras, livros ou credos que a Igreja alguma vez ofereceu. Existia nele uma sombra de fé na imortalidade, uma convicção de vida eterna e de recompensa para as lutas, dores e adversidades da existência humana, que parecia brotar naturalmente da sua inspiração amorosa, como se estivesse escrita no próprio coração pela mão de um poder invisível.

Se existia consciência de que para além do túmulo deveria haver recompensa para cada sofrimento; de que a vida não era um fracasso; de que a eternidade era certa; de que a inspiração era o meio pelo qual a alma adquire conhecimento da vida imortal; de que a religião não respondia apenas ao propósito do espírito imortal no seu percurso terreno, mas que luz, vida e o amanhecer da imortalidade pertencem à morte — então essa consciência poderia ter vindo dos seus lábios.

Se havia poder no amor de Cristo — uma qualidade redentora no seu sangue capaz de lavar os pecados humanos — isso quase me faria acreditar que pudesse existir para todos os homens. E contudo a minha própria mente estava demasiado consciente das suas faltas para não sentir que cada alma deve purificar os seus próprios erros; que deve sofrer por cada ato culpado. Ainda assim, existia tal poder regenerador no amor e na bondade do Cristo-Salvador que ele quase fazia qualquer pessoa acreditar n'Ele. Foi esse poder que moldou a sua religião. A sua religião fez a sua vida.

Nascido de mãe — pois nunca alma alguma amou como ele amava a sua mãe — acreditava que o amor materno envolvia todos os lares; que era esse encanto que tornava os homens melhores do que seriam sem ele; uma luz dourada conduzindo-os para uma bondade mais elevada; uma força que venceria todos os males sob o céu, se os homens estivessem inclinados ao mal; e que a luz da presença materna os consolaria até nas horas mais sombrias da adversidade.

A memória da mãe era-lhe sagrada, e muitas vezes atribuía ao seu amor por ela toda a bondade e gentileza da sua natureza. "Não sou melhor do que os outros homens", dizia ele, "mas tive uma mãe. Não sou mais gentil do que os outros homens, mas a minha mãe era gentil."

E assim era. E essa gentileza tornava-o quase feminino na delicadeza do espírito, embora forte como qualquer homem desejaria ser ao lutar pelo que julgava justo.

Em tudo o que dizia respeito à liberdade e à justiça, foi um defensor precoce, atraindo sobre si condenação porque ousava divergir da multidão nos assuntos públicos. Todos os homens verdadeiramente bons amavam-no; todos os que exprimiam uma nova verdade, ou uma verdade considerada impopular, ou uma ideia que pudesse ainda ser verdadeira, jamais eram por ele condenados. Mesmo quando os julgava fanáticos, preferia dizer: "Talvez exista algo de verdadeiro nisso", a condená-los e errar.

Aceitava novos sistemas ou novas crenças sempre que julgava que poderiam tornar a humanidade melhor, rejeitando-os apenas quando a tornariam pior. Acreditava nas leis sociais e religiosas apenas na medida em que servissem para elevar a alma e a mente até algo mais alto. Acreditava nas formas de religião porque serviam para elevar o espírito com a própria alma da religião. Acreditava numa elevada conceção da Divindade, porque essa crença ajudava o espírito a tornar-se mais forte e melhor nas suas lutas quotidianas. E essas ideias moldaram o seu carácter.

Todo o vício, todas as leis injustas, todos os princípios errados incarnados na religião, tudo o que parecesse exalar maldade, perseguição, ódio ou medo — tudo isso ele rejeitava. Para ele, a alma da religião era o amor; a alma da inteligência era a sabedoria; a alma da sociedade era a justiça; e destas três, sendo a justiça a menor, pensava que o amor e a sabedoria acabariam por triunfar, e que a justiça seria governada por ambas. Via na bondade um espírito e um poder infinitos, incapazes de perecer ou morrer e, por isso mesmo, destinados a vencer todas as formas do mal.

Poderíamos permanecer eternamente contemplando uma mente assim. Poderíamos descrever os efeitos que ela produziria sobre a sociedade, pois onde quer que as palavras deste homem tenham sido escutadas, parece ter surgido uma doçura de espírito e uma fé na imortalidade belas e perfeitas de contemplar. Poderíamos desejar semelhante fé, porque é uma fé que fortalece a vida e dá coragem ao coração para combater as coisas exteriores até as vencer pela própria espiritualidade do seu poder.

A ciência era para ele apenas um meio de compreender a religião. Muitos homens pensam que a ciência suplanta a religião; que nos conduz às regiões da certeza, enquanto a religião não passa de um sonho vago e indefinido. Para ele, porém, a ciência era apenas um degrau em direção à realidade segura da vida espiritual. Nada lhe parecia real senão o bem eterno e verdadeiro. Não considerava verdadeira a realidade que pertence apenas às formas e às expressões exteriores em vez das ideias.

Não julgava verdadeiros os factos científicos apenas porque eram acreditados ou supostamente demonstrados. Eles serviam simplesmente para conduzir a mente humana a uma compreensão mais elevada da Natureza e, através dela, do grande Criador. Para ele, Deus era um espírito infinito, tão fundado na perfeição divina que todas as coisas eram compreendidas n'Ele e por Ele. Deus não era a Natureza, mas era a alma da Natureza, e a Natureza respirava apenas o espírito do Infinito.

Contudo, subordinava tudo isso aos interesses e propósitos mais elevados da humanidade. Acreditava que existia no pensamento e no progresso humanos algo mais nobre e elevado do que qualquer outra forma de criação; e, nesta imortalidade para a qual julgava a alma preparada ainda na vida terrena, via todos os objetivos e fins da existência humana concentrados.

Pensava que fazer o bem, viver vidas santas, sonhar alto, erguer ideais nobres, criar e adaptar esses ideais ao presente conforme as necessidades do tempo, tomar a Natureza e lê-la profundamente, sincera e inteligentemente como um livro escrito por Deus, e fazer desse livro o exemplo da vida diária — esse era o grande propósito da existência. Não temia a imortalidade. Não julgava a morte terrível; e a sua partida foi calma e santa como uma tarde de Verão.

Quando expirou o sopro da vida, entregou confiadamente o corpo ao seio da Natureza, tal como entregara o espírito às mãos do Criador. Nisso, mais do que em qualquer outra coisa, residia a sua força. Tratava Deus, na tristeza e na alegria, na adversidade e no triunfo, na vida e na morte, como alguém disposto a deixar-se adormecer pelo espírito do Criador e recolher-se ao grande seio do Infinito, perfeitamente consciente de que aqueles que amava o encontrariam ali, e de que através da eternidade caminhariam lado a lado.

Isto talvez vos pareça incompreensível; talvez também eu não o compreenda inteiramente. Para mim, talvez fosse apenas o sonho de um entusiasta; a visão de alguém cuja fé o cegara; os pensamentos de quem imaginava maiores possibilidades do que aquelas que nós conseguimos conceber ou sonhar. Contudo, para ele, essa fé

era a luz da existência — a chama que ardia constante e segura sobre o altar da alma, e que, mesmo através da morte, iluminava o caminho até às portas da imortalidade.

Partiu demasiado cedo para aqueles que o amavam. Na plenitude da força e do vigor da maturidade, a sua vida extinguiu-se como um pôr-do-sol glorioso, calmo e belo, respirando na sua serenidade o espírito de amor que sempre vivera; nada tendo de que se arrepender, porque fizera tudo quanto acreditava ser verdadeiro; nada tendo a lamentar, porque aqueles que o amavam aguardavam recebê-lo; nada tendo a prantear, porque a vida se abria enquanto a morte recuava; nada havendo a deplorar, porque os cânticos dos anjos pareciam soar-lhe aos ouvidos; e tudo quanto desejava era que o mundo que amava — a humanidade, seus irmãos e irmãs — pudesse elevar-se até às alturas onde contemplaria a luz do amor de Deus e ouviria a voz tranquila e o espírito amoroso da sua confiança e inspiração.

A religião, numa forma assim, é enobrecedora e perfeita. Ela constrói a vida; prende a alma àquilo que é bom; dota-a de uma divindade muito acima de qualquer forma exterior. E assim deveis procurar viver — para que, através desse amor, que era o amor de Cristo, também vós vos torneis puros; para que, através dessa fé, nascida da religião, possais conhecer a imortalidade; para que, através dessa santidade consagrada à fé, nada tenhais a lamentar; e para que, por meio dessa paz que brota da confiança, aprendais a repousar onde outros vivem inquietos, colocando a barca do vosso espírito sobre as vagas do imenso mar da vida, plenamente conscientes de que o grande Piloto está ao leme e vos conduzirá em segurança ao porto do repouso eterno.

Que essa paz, esse amor e essa sabedoria sejam vossos — a serenidade da sua fé, a força da sua mente, a integridade dos seus propósitos, o poder da sua mansidão. Pois estamos quase persuadidos de que existe maior poder no amor do que na espada; maior força na gentileza do que no braço robusto da força física; maior poder na sabedoria do que em todas as correntes e grilhões que os homens conseguem forjar; e maior resistência nessa confiança do que em todos os falsos cultos que as almas humanas possam conceber.

Assim, enquanto a paz repousa sobre as suas cinzas e as flores desabrocham sobre o seu túmulo, plantadas por mãos suaves, o espírito do seu amor permanece entre vós, e a sua gentileza talvez consiga afastar algumas das tristezas e alguns dos males que ainda existem nos vossos corações.

OS DOIS MAIORES FACTORES ESPIRITUAIS COMO INDIVIDUALIDADES NO SÉCULO XIX

Discurso pronunciado no Teatro Hooley, Chicago, Illinois, Domingo, 19 de Maio de 1895, pelos guias da Sr.ª CORA L. V. RICHMOND

Esta época tem sido repleta de luzes brilhantes em todas as suas numerosas e variadas culminações. É um século culminante. É uma era em que, em torno de certos pensamentos ou movimentos, se agrupam grandes mentes, e essas mentes reúnem outras à sua volta — mentes ainda maiores, que se tornam os centros dos movimentos que representam. Podemos seguir estes grupos desde o próprio início do século.

Desde o começo do século XIX, líderes e agrupamentos de espíritos impulsionaram o pensamento político, científico, literário e artístico com rápidos avanços. À primeira vista, pareceria que o progresso religioso e espiritual teria dependido menos de indivíduos do que do impulso geral do pensamento — do resultado do progresso universal deste século.

Nas observações que faremos esta manhã não incluiremos aquilo que é conhecido como Espiritualismo Moderno, nem qualquer dos seus obreiros, porque esse movimento ainda não atingiu a sua culminação; os seus trabalhadores ainda não estão classificados, e ele gira mais em torno de uma ideia espiritual do que de individualidades.

Falaremos daquelas vidas individuais que parecem ter preparado o caminho para tudo o que hoje existe de verdade espiritual (ou de apreciação dessa verdade) no mundo. Não falaremos dos eminentes teólogos, embora tenham seguido certas linhas de pensamento, quer denominacionais quer outras, sustentando consequentemente, em maior ou menor grau, temas dogmáticos e credais, progredindo apenas quando a força do progresso humano fora da Igreja os obrigou a avançar. Se as suas mentes foram iluminadas; se estavam adiantados em relação aos seus credos; se captaram o espírito da época e pregaram aquilo que o povo desejava ouvir — isso aconteceu apesar das limitações da própria Igreja.

Pareceria que a única vida humana cujos ensinamentos foram projetados para este século — através de um século intermediário de preparação — e amadureceram nesta última parte do século XIX, precisamente para aquilo que ninguém mais poderia ter preparado tão bem, foi a vida de Emanuel Swedenborg. Consideramo-lo o precursor do Espiritualismo: aquele que abriu a porta do outro mundo — não apenas aos seus seguidores imediatos, poucos em número, mas a toda esta era, embora os seus seguidores tenham procurado fechá-la de novo.

Sempre existiu uma porta aberta, no que respeita à comunicação entre os dois mundos; mas ela fora quase completamente encerrada pela Igreja até que os ensinamentos de Swedenborg, e o tempo que deles se aproximava que veio a ser conhecido como Espiritualismo Moderno, tanto mais essas portas eram fechadas pelos teólogos. Assim, tudo o que de comunicação espiritual se manifestava na vida de Swedenborg era uma profecia do presente. Era a abertura dos selos da comunhão entre os dois mundos.

Por mais equivocado que Swedenborg possa ter estado na interpretação daquilo que viu — tornando eternas as condições que eram apenas transitórias, resultantes do meio terrestre e dos estados terrenos — ainda assim a possibilidade de diferentes

estados e esferas da vida espiritual, a colocação da existência sob o espírito em vez da matéria, e a compreensão do lado espiritual da vida como mais real do que o material, tudo isso exerceu influência e preparou o caminho para um movimento ao qual mais tarde faremos referência.

Em vez de colocar o corpo em primeiro lugar, Swedenborg colocou o espírito primeiro, fazendo do corpo apenas o crescimento exterior do espírito; e enquanto moldava a forma espiritual à semelhança da forma terrena, fazia igualmente o espírito preceder e suplantar essa forma; portanto, esse poder espiritual, anterior à forma, conferia o selo da existência física. Muitos dos seus intérpretes e seguidores fariam do corpo físico o padrão e do espírito uma semelhança dele; mas, tal como compreendemos Swedenborg, ele faz do espírito o padrão da existência e do corpo ou forma aquilo que o procura imitar; pois toda a árvore, arbusto, flor, ave ou inseto — toda a forma objetiva da vida — possui o princípio que a precede, não necessariamente semelhante à sua forma, mas necessariamente anterior a ela.

Tudo o que é espírito é maior do que o corpo; assim, ele transferia inteiramente os padrões da existência do corpo para o espírito. Tudo quanto possa ter sido feito por aqueles que procuraram fechar as avenidas da inspiração após Swedenborg, a possibilidade de o homem ser dotado dessa inspiração — especialmente acompanhada, como estava, por grandes conquistas científicas e intelectuais — tornou-o memorável, sobretudo quando consideramos a época em que viveu. O anúncio das suas visões, inspirações e ensinamentos foi o início de uma nova era espiritual — um começo que ainda não atingiu a culminação e que produzirá, no fim, uma mudança de doutrina afastando-se da teologia material dos nossos dias; uma mudança em relação àquela teologia materialista avançada que se considera liberal, mas que ao mesmo tempo destruiria o espírito da sua própria identidade após a morte do corpo, ou o revestiria de substância material em vez de o libertar para o reino do espírito.

Mencionamos estes factos apenas como preparação, enquanto chamamos agora a vossa atenção para outro aspeto, inteiramente oposto.

Muitas vezes as grandes verdades são ensinadas através da oposição; não nos referimos à natureza daquilo que se combate, mas à própria oposição. Por exemplo: as verdades espirituais do universo são frequentemente demonstradas mais claramente na vida humana como reação contra o materialismo extremo — o ser espiritual delineando-se sobre o fundo dos sentidos, muitas vezes precisamente quando os ensinamentos das verdades espirituais são diretamente rejeitados.

Aqueles que desacreditariam as revelações de Moisés no Sinai, que rejeitariam a inspiração do Monte das Oliveiras e as obras de Jesus, o Galileo, os que recusariam subir ao Monte da Transfiguração, chegarão contudo a alguma altura metafísica ou transcendental através dos mesmos elementos do pensamento que hoje se designam por Teosofia, e pelos seus resultados inevitáveis. A culminação desta linha de pensamento produziu o transcendentalismo desta parte particular do século em que viveis.

Seguiremos esta linha de pensamento até àquele que consideramos o principal responsável — ou antes, o principal factor que a trouxe ao mundo.

O Sr. Darwin e os seus colaboradores na direção científica (entre os quais Alfred Russel Wallace e meia dúzia de outras grandes mentes) começaram a investigar certas linhas de pensamento até que o princípio da Evolução, na forma e progresso da vida orgânica, foi anunciado. Esse resultado alarmou os ultra-teólogos. Julgou-se que as teorias de Darwin e dos seus seguidores destruíam completamente os ensinamentos da teologia, nas interpretações literais então vigentes; e assim acontecia. Mas que valor possui uma teologia com interpretações meramente literais? Porque não interpretações espirituais das coisas espirituais?

O sistema darwinista, como foi chamado, penetrou gradualmente numa escola de ciência. Tende apenas ao domínio da ciência; nada afirma; não se ocupa de proposições espirituais ou religiosas. Na verdade, não toma qualquer conhecimento do alarme ou do susto, nem da mudança de posição que a teologia assumiu por causa desta teoria — pois o Sr. Darwin nunca afirmou nem negou coisa alguma relativa às proposições ligadas à interpretação teológica da "Criação".

Mas como o Sr. Darwin esteve demasiado ocupado a determinar as bases físicas das suas teorias e a reforçá-las através da descoberta daqueles "elos em falta" necessários para completar a cadeia de provas exigida para firmar a ideia de "evolução" como ciência perante o pensamento da época, os tímidos teólogos abandonaram as fortalezas da verdade espiritual e admitiram que eram obrigados a adotar a teoria da Evolução, deixando assim de poder sustentar as interpretações literais que anteriormente defendiam; o que equivale a admitir que as interpretações anteriores eram materiais e não espirituais; que todo o sistema teológico se fundava, não sobre a vida espiritual, mas sobre os sentidos — sobre o terreno, o terrestre.

Nenhuma quantidade de investigação realizada pelo Sr. Darwin e pelos seus colaboradores poderia destruir a verdade espiritual; mas, não possuindo eles a intuição necessária para a conhecer, nem a inspiração direta para a declarar, foram naturalmente compelidos a abandonar as antigas posições.

Mas não é a teoria da evolução, nem a mudança na ciência, aquilo que tornou esta questão espiritual tão importante; é antes aquilo que é mais subtil: os escritos e o sistema de Herbert Spencer — culminação de um sistema filosófico tão brilhante intelectualmente, tão hábil, tão coerente nas premissas, e contudo tão subtil, especioso e falso quanto qualquer sistema jamais apresentado ao mundo.

A sua mente brilhante, percebendo a deriva que a ciência tomara, levando as tendências mentais e sociais da evolução para um domínio onde já não pertenciam, transformou os resultados da evolução num sistema de filosofia em vez de uma simples declaração científica; fê-lo quase sem perceber. O resultado é que, sendo falsas as suas premissas e deduções acerca da natureza mental e espiritual do homem, as conclusões também têm de ser falsas.

Tende presente, porém, que não consideramos existir no mundo mente mais capaz do que Herbert Spencer; não julgamos que qualquer outro pudesse ter assumido as mesmas premissas, as mesmas bases, e produzido resultado semelhante. Tende também presente que, em tudo o que diz respeito à vida humana comum, à sua precoce perceção dos problemas sociais e políticos, e àquilo que pertence à filosofia do intelecto e à ética da vida material do homem, não pensamos que tivesse igual — certamente não superior — sobre a Terra; e, por causa da sua capacidade, da sua influência sobre as mentes esclarecidas desta época, porque representa a culminação e sequência lógica desta linha particular de pensamento, porque passo a passo este subtil materialismo ergueu uma estrutura da chamada filosofia, e porque essa filosofia quase culminou num sistema de ética, torna-se tanto mais perigosamente especioso.

Um trabalhador desajeitado e impreciso jamais teria alcançado tal resultado; uma mente menos dotada e brilhante nunca teria apreendido o aspeto filosófico deste novo sistema de pensamento, nem conseguido resultados semelhantes. Estas teorias quase vestem o traje da verdade e cativam sob a aparência da razão; este magnífico, sublime e poderoso negativo: o Agnosticismo!

Herbert Spencer, mais do que qualquer outro pensador moderno — mais do que vinte mentes comuns — é responsável por isso; nenhum dos seus contemporâneos científicos teve tempo, inclinação ou oportunidade para levar o seu trabalho ou investigação ao domínio das especulações éticas ou morais, ou para sonhar sequer em transformar a evolução num sistema de incredulidade espiritual. Esse sistema de materialismo amadureceu até dar os seus frutos; e embora os seus efeitos tenham sido mais sentidos entre as mentes escolásticas e intelectuais, ainda assim as gotas deste materialismo ou agnosticismo recluído infiltraram-se e espalharam-se por todas as fases da vida moderna.

A conclusão a que chega uma mente como a de Herbert Spencer — de que a Divindade é “incognoscível”; de que os pensamentos do Infinito são “impensáveis”; a afirmação de que o reino da mente e o reino do espírito, quer em estado absoluto quer relativo, pertencem a um domínio incognoscível — é uma negação que assume a forma de proposição aparentemente demonstrável e extremamente cativante para todas as mentes insatisfeitas com a teologia, e também para todas as mentes que não desejam fazer o esforço de pensar.

Estas duas classes de espíritos constituem a maior parte das inteligências do presente século; e quando falamos daqueles “que não querem pensar”, referimo-nos aos que tomam as palavras de um líder na ciência ou na filosofia como autoridade absoluta, tal como o sacerdote na teologia. Muitos homens preferem atravessar a vida sem pensar no que poderá haver além dela, aceitando antes uma teologia que os faz menos humanos e reduz a humanidade abaixo até da ternura e misericórdia das feras selvagens. Se tiverem de escolher entre uma teologia materialista e um agnosticismo materialista, preferem este último.

Mas o agnosticismo esquece que as alternativas não são apenas essas duas; que a humanidade — a grande massa dos seres humanos — vive entre esses dois extremos;

que a esperança e a aspiração encontram-se acima de ambos. Mas o materialismo, que é a base de uma interpretação física da existência, e a teologia, que possui uma correspondente base física no sentido material do medo, conduzem à credulidade cega e à crença mecânica. A grande massa da humanidade eleva-se acima dessas duas condições.

No florescimento desta ideia de Herbert Spencer — e das conclusões com ela relacionadas — existe um sistema ético extremamente cativante; quase um sistema perfeito de filosofia; uma proposição que muitas mentes consideram profundamente interessante, porque imita de perto os verdadeiros ideais da vida humana. O facto de Spencer, numa fase anterior da vida, ter aplicado as suas teorias à solução dos problemas sociais e políticos da época tornou-as ainda mais atraentes para as mentes liberais; mas, ao longo de trinta anos, Herbert Spencer mudou — não as deduções populares das suas teorias e conclusões, mas as próprias conclusões — partindo das mesmas bases para conclusões inteiramente opostas: antes defendendo a propriedade da terra pelo povo, agora defendendo a propriedade privada da terra; antes extraindo conclusões opostas das mesmas premissas.

Se alguém que muitos supõem ser uma das maiores mentes deste século, e cuja atitude intelectual sobre questões vitais para o bem-estar da raça humana foi tão ampla, consegue chegar a conclusões inteiramente contrárias às que anteriormente sustentava acerca de Deus, do espírito e da existência futura — podendo deixar de aceitar o paraíso oriental ou as condições futuras da Igreja Romana — então torna-se possível a mentes assim constituídas formar conclusões lógicas sobre bases falsas, tornando erradas tanto as bases como as conclusões, e ainda assim tirar das mesmas premissas conclusões quase igualmente falsas.

Nada existe de mais instável — embora fascinante — do que falsas premissas.

Se houvesse menos subtileza, menos praticidade, menos investigação, menos simpatia humana nas ideias de Herbert Spencer, existiria menos perigo para a mente comum; mas o pensamento subjacente é este: que o reino em que mente e espírito existem *a priori* não pode ser conhecido através dos sentidos nem compreendido pela mente humana; portanto, é um reino "incognoscível"; a eternidade é uma proposição que não pode ser apreendida pelo cérebro humano e, por isso, é "impensável"; sendo a Divindade infinita, e portanto inconcebível para a mente humana, Deus deve ser para sempre "incognoscível". A mesma afirmação é feita relativamente à imortalidade.

Nunca existiu falácia maior do que estas afirmações apresentadas sob o disfarce da filosofia. A matemática prova a sua verdade de uma vez por todas: números repetidamente enunciados e corretamente calculados podem, enquanto números, permanecer desconhecidos em si mesmos; contudo, resolvem corretamente os problemas do universo.

Poucas mentes conseguem conceber um milhão em unidades, e ainda assim biliões e quintiliões são frequentemente calculados com exatidão. Os problemas da astronomia são resolvidos corretamente por proposições matemáticas que, tomadas

isoladamente, permanecem “incognoscíveis”. Quem contou alguma vez um bilião? Nunca houve maior falácia do que a ideia de que o Infinito, por ser incompreensível à mente, seja por isso impercetível e inconcebível para a alma do homem. Herbert Spencer comete o erro de supor que as faculdades mentais treinadas — as mais cultivadas e intelectuais — constituem tudo aquilo que existe da perceção; e incorre ainda no erro de imaginar que o homem apenas pode conhecer aquilo que essas faculdades treinadas conseguem compreender como saber, e que nada mais elevado pode ser percebido pelo espírito humano.

Muitas pessoas, quase destituídas de educação intelectual, possuem, contudo, uma verdadeira perceção dos princípios — sobretudo da bondade e da virtude — e são sábias, frequentemente capazes de apreender os fundamentos da verdadeira filosofia e ética muito para além daqueles que, em grande medida, estão escravizados pela cultura puramente mental.

O grande espantalho desta era — aquilo a que os eruditos e homens de intelecto, tanto dentro como fora da Igreja, se curvam — essa influência dominante da escola de pensamento que culminou no Agnosticismo, é a proposição do “incognoscível” ou “impensável” aplicada às relações espirituais do universo. E tal proposição conduziu à atitude espiritual de homens como Robert Ingersoll, bem como de muitas mentes, dentro e fora da Igreja, que valorizam a posição social proporcionada pela pertença religiosa, mas recusam pensar em Deus, no futuro ou na eternidade.

Este é o estado médio da mente intelectual contemporânea; este é o desenvolvimento correto daquilo a que chamam as “classes pensantes”; e esta é a posição assumida por este brilhante filósofo mental, que procurou erguer, sobre a base do materialismo, um sistema de filosofia e ética que, pela própria natureza das coisas, deve ser essencialmente falso — um sistema destituído da base do verdadeiro conhecimento ou reflexão acerca daquilo que constitui o principal factor da existência humana.

Pois porquê teriam os homens nascido cegos, surdos e mudos, sem capacidade de construir casas e templos, de fabricar navios, criar cidades ou governos, de fazer guerra ou promover a paz, de pensar problemas filantrópicos ou realizar qualquer coisa além dos impulsos instintivos da natureza animal, se as teorias de Herbert Spencer fossem verdadeiras?

Porque, ainda que não fosse possível resolver o problema através da própria análise mental de Spencer, qualquer homem poderia perceber que o homem teria sido um idiota prodigioso — ou, se preferirem, um animal magnífico — lançado numa criação bela e harmoniosa.

O absurdo desta proposição aumenta, em vez de diminuir, pela aparente razoabilidade da linha de argumentação, tanto da própria proposição como das suas deduções lógicas. Mas, como dissemos anteriormente neste discurso, quando a base de uma teoria é falsa, é fácil construir deduções aparentemente lógicas sobre esse

fundamento errado; nem o absurdo diminui por vir vestido com roupagens éticas e ocupar posição destacada entre os movimentos reformistas da época.

Aqueles que aceitam estas ideias parecem imaginar que, de algum modo, a raça humana há de "evoluir" para algo perfeito sem que alguma perfeição tenha sido implantada desde o princípio; que algo perfeito deve desabrochar da própria humanidade — algo que nunca ali esteve. Esperam colher o milagre de semear pedras e recolher rosas para o paraíso do futuro. Esperam lançar sementes sem vida e colher uma colheita de perfeição.

Na verdade, esta teoria do Agnosticismo — segundo a qual nada pode ser conhecido — aplica-se apenas às palavras humanas; aplica-se somente à base científica sobre a qual é construída; e aplica-se com mais rigor precisamente onde deveria aplicar-se menos. Porque, excetuando a matemática, não existe ciência absoluta na existência; não há ciência que não esteja em transformação e flutuação contínuas, como as areias da praia.

Pensai nos novos elementos que continuam a ser acrescentados aos chamados "elementos primordiais" da natureza pela investigação científica! Durante séculos os homens respiraram oxigénio, embora os vossos antepassados nunca sonhassem que fosse oxigénio até que o Dr. Priestley assim o revelou. Depois surgem descobertas como o "argão", destinadas a explicar as "auroras boreais", ou o "hipnotismo", a "leitura mental", e tantas outras coisas que os homens têm chamado "segundo sentido"; e, na verdade, tudo aquilo que as pessoas não compreendem é prontamente utilizado pelos ignorantes como explicação universal dos mistérios materiais e espirituais do mundo.

Mas não foi assim com Edison. O mago da eletricidade provou que, de todas as maravilhas que a eletricidade realiza, nada seria possível sem a inteligência orientadora por detrás dela. O "argão" não é esse espírito diretor, tal como qualquer dos cem elementos ainda desconhecidos do homem o é. O verdadeiro mago é o espírito inteligente do homem.

E contudo, no seio deste iluminado século XIX, projeta-se um sistema filosófico que, se verdadeiro, destruiria os próprios fundamentos sobre os quais foi erguido este vasto edifício da ciência, e aniquilaria toda a base da existência humana, do esclarecimento e do progresso.

Mas observai os resultados: os estudantes liberais de teologia, os unitários, e até os membros mais amplos da Igreja, foram obrigados — com a Bíblia numa mão e Darwin, Huxley e Spencer na outra — a tentar equilibrar as duas últimas expressões da incredulidade: a crença e o raciocínio final do não-crer. E no meio disto, uma profunda reação apoderou-se de muitos desses estudantes: alguns refugiaram-se na Igreja Romana em busca de fundamento mais seguro para a fé; outros encontraram abrigo em religiões intermédias; e alguns aceitaram as teorias do grande Agnóstico — sem a sua inteligência — passando a pensar que a existência futura, o espírito e Deus são termos "incognoscíveis" e "impensáveis".

Outros voltaram-se para o transcendentalismo oriental, tão proeminente; e outros ainda encontraram no Espiritualismo a única resposta para as suas questões. E destes últimos o número é muito maior do que se imagina, e muitos estão a ser conduzidos para aí tão depressa quanto o pensamento consegue suportar porque, com cada dúvida que o Agnosticismo lançou sobre as bases teológicas do evangelismo, a Ciência Oriental tem sido compelida a procurar algo mais — algo que talvez seja "não-evangélico", mas profundamente espiritual na sua natureza.

Qual é, afinal, a colheita desta sementeira de Agnosticismo e Ciência Oriental? Mais do que existiria qualquer teoria dependente apenas da qualidade do pensamento de Herbert Spencer — que declara impossível o espiritual sem atender sequer ao nome de "Ciência Cristã", "Ciência Mental", "Cura Mental", "Ciência Oriental", "Cura Metafísica" ou "Cura Divina". Todas possuem a mesma base e origem que a teologia de Berkeley e da escola swedenborgiana: a precedência do espírito sobre as manifestações do universo. É, em suma, o antigo factor restaurado, levado agora ao extremo por causa do materialismo tanto da teologia como da filosofia modernas — o Agnosticismo.

E eis que surge um dos mais brilhantes pensadores da época, o Professor Henshall, projetando entre os seguidores de Herbert Spencer a ideia oriental e transcendental da inexistência da matéria — extraindo conclusões opostas a partir de premissas quase idênticas às empregadas por Spencer.

Devemos, pois, agradecer a Herbert Spencer — esse raro génio do Agnosticismo — por ter criado um fundo intelectual tão luminoso para a inspiração e espiritualidade desta fase final do século XIX; por ter libertado a inteligência do materialismo grosseiro, da sua qualidade puramente sensorial; e por ter levado a mente até às margens da filosofia mental, deixando ali espaço para que as asas mais luminosas do Espiritualismo conduzam o homem à sua verdadeira herança: o reino do espírito.

Agradecemos-te, "evolucionista"! Agradecemos-te, Herbert Spencer, por teres tornado o Deus da teologia "incognoscível"; por teres feito da religião da teologia evangélica e material uma religião incrédula; por teres transformado o inferno estreito da teologia num domínio "impensável". Agradecemos-te por deixares livre o espírito do homem; e agradecemos-te ainda por deixares as tuas teorias precisamente no limiar da sua própria aniquilação — pois, no momento em que as grandes verdades espirituais irrompem, aí se encontra o ensinamento de Swedenborg, recordado à luz de verdades que o mundo ainda não estava preparado para receber.

Agora a verdade culmina na convergência de muitas correntes de pensamento que salvam o homem simultaneamente do esquecimento da Teologia e do Agnosticismo.

Quando estivermos preparados para falar de Espiritualismo — como o cumprimento de todas as linhas convergentes da verdade espiritual — compreenderemos que esta era a preparação necessária: algo distinto do materialismo teológico, embora não menos perigoso do que o materialismo dos sentidos; uma

estrutura gigantesca e perfeita do intelecto humano, mas sem alma; um intelecto que não consegue destruir a existência do espírito, tal como não consegue destruir a imortalidade da alma; uma filosofia incapaz de apagar dos lábios de uma mãe o amor pelo filho, ou dos lábios de um bebé o sorriso que floresce em fruto eterno.

Este fundo intelectual produziu — e continua a produzir — resultados sublimes. Conhecemos muitos outros agnósticos, além do grande e brilhante Robert Ingersoll, que permaneceram junto do túmulo do pai, do filho, do esposo ou do amigo amado, exprimindo a mesma esperança que Robert Ingersoll exprimia: que, embora nada soubesse do futuro, esperava reencontrar o irmão numa vida futura.

Porque, se o futuro é realmente "impensável", se nada absolutamente pode ser conhecido acerca do outro mundo, que motivo existe então para pensar nele — mesmo na presença do maior dos agnósticos?

Estamos agora no meio das árvores culminantes do século XIX; do Oriente surge a grande afirmação primordial do espírito que vive eternamente. De todas as nações da Terra, homens e mulheres aproximam-se para dar testemunho espiritual; os grilhões dos credos dissolvem-se; e, diante de um altar comum da humanidade, sob a "nuvem de testemunhas", os povos reúnem-se. O Dr. Barrows chamou todos os povos da Terra para testemunharem a sua fé espiritual — e eles responderam.

Entrou nesta época um anseio universal de conhecimento — conhecimento unido a conhecimento, facto unido a facto, intelecto unido a intelecto, espírito unido a espírito. Isto é Espiritualismo. Disto falaremos mais amplamente; mas as duas forças que aqui nomeámos conduziram, pelos seus colaboradores e correntes paralelas, duas grandes proposições até um ponto decisivo no pensamento moderno: a aniquilação e a imortalidade. Arrancaram-nas do domínio exclusivamente evangélico, libertaram-nas da mera inspiração religiosa e colocaram-nas sob a luz aberta do universo espiritual — não apenas como um reino "pensável", mas como um reino demonstrável.

O conhecimento da existência futura, para além da forma terrena, é tão suscetível de demonstração quanto qualquer proposição científica, pois é uma proposição que nasce simultaneamente de dentro e do alto.

BENÇÃO FINAL

Não para permanecerdes apenas ricamente dotados de bênçãos terrenas, nem fascinados apenas pelo brilho mais resplandecente da mente humana; mas para que a luz que acima de tudo ilumina o caminho para Deus possa também descer sobre a vossa alma — que assim seja.

Ámen.

ESPÍRITOS BONS E MAUS

No final de uma conferência, na qual o Professor Mapes controlou a Sra. Tappan, foram respondidas as seguintes perguntas do público.

P. 14.—Como distingue entre espíritos bons e maus?

—R. Na vossa terra, eu confiava sempre na intuição da minha esposa. Eu não tinha intuição e não sabia, mas agora que essa faculdade se desenvolveu, confio nela, e é um guia infalível. Porque, tal como os objetos escuros impressionam o olho com a escuridão, e os claros o impressionam com a luz; tal como algumas ordens peculiares de seres têm cerdas, e por estas coisas são determinados; assim os espíritos individuais têm a sua própria atmosfera de luz ou escuridão, e quando esta vos alcança, a vossa intuição apercebe-se dela. Mas, para meu total espanto, não encontrei nenhuns espíritos tão maus como pensava, e não me encontrei tão bom como supunha. É um facto estranho na natureza humana que não haja forma de traçar a linha, porque ninguém é totalmente mau, nem ninguém é inteiramente bom; e no mundo dos espíritos não encontrei grande diferença. Os verdadeiramente desafortunados podem vir ter convosco às vezes, mas é mais para o seu próprio aperfeiçoamento do que para vos fazer mal.

P. 15.—A inteligência dos habitantes dos planetas é de algum modo governada pela sua distância relativa ao sol central?

R. Não, depende da idade dos planetas; embora a proximidade do sol e o movimento acelerado aumentem o desenvolvimento do planeta. A vossa terra está a passar por uma mudança que dará lugar a uma ordem mais elevada de seres; não que sejais destruídos, mas sim que serão gradualmente eliminados organismos mais elevados; e os espíritos que habitam esses corpos serão muito mais afortunados do que vós sois, assim como vós sois mais afortunados do que os cefalópodes que vieram há milhares de anos.

P. 16.—Creio que disse que cada organismo mantém esse mesmo organismo para sempre?

R. Nós não dissemos que cada organismo retinha o seu organismo. O organismo muda, mas o espírito é o mesmo. O vosso espírito pode não ser como o vosso corpo, porque o vosso espírito é uma coisa completamente diferente. É a expressão do espírito. Num estado mais elevado, desenvolvei-vos em algo completamente diferente, mas, à medida que avançais, continuais a manter uma semelhança, e existe o mesmo espírito interior inato que nunca muda.

A DUPLA PERFEIÇÃO DA VIDA NA TERRA

Town Hall, Kensington, Domingo à Noite, 16 de Junho de 1884

Lição: Capítulo 22 do Apocalipse

CONFERÊNCIA

O tema da conferência desta noite, como já foi anunciado, é: — "A Dupla Perfeição da Vida na Terra". "À imagem de Deus os criou". Não da testa ou dos pés para governar sobre o homem ou ser a ele sujeita, mas do lado (o que indica igualdade), declara o livro do Génesis, foi a criação da mulher; e também que "O homem foi feito à imagem de Deus", sendo homem o termo genérico para homem e mulher. O motivo pelo qual falamos de "dupla perfeição na terra" será encontrado quando voltardes os vossos olhos para o distante Oriente, onde, sob o domínio de religiões que perverteram a natureza da vida, a servidão da mulher, o seu aprisionamento e cativeiro, têm sido os dolorosos temas do pensamento humano, da tentativa de esclarecimento cristão e do esforço filantrópico por um longo período de tempo.

Mas não foi senão quando o islamismo invadiu o extremo Oriente, pervertendo as religiões mais antigas ao seu domínio, que esta condição abjeta se realizou de forma tão plena. Outras nações, especialmente o Egito — com o seu grande e maravilhoso poder de força intelectual e física —, tinham concedido à mulher uma posição exaltada na aprendizagem e na arte, e até no governo do reino. Muitas das profissões, ocupações e formas oficiais de adoração mais refinadas e exaltadas eram concedidas à mulher, — as donzelas de Ísis, ou aquelas que eram escolhidas para se desposarem com a religião. Assim, também na maior exaltação da Grécia e de Roma, temos a expressão de igual inteligência, na consciência de que o pensamento da mulher acompanhava, a dada altura, o do homem; de que, por vezes, no reino da inteligência, ela superava até aqueles que se consideravam os seus mestres.

A razão pela qual falamos disto é porque hoje, em terras cristãs, o avanço do pensamento nesta direção dupla tem dado passos rápidos. Vós estais no meio de uma revolução sem sangue, mas segura, sobre este assunto, politicamente, hoje no vosso governo interno. A única coisa em que desejamos deter-nos mais especialmente é na desatenção concedida (pelo homem) à esfera da vida que tem sido habitualmente denominada a "esfera da mulher". O homem e a mulher devem, necessariamente, fazer o complemento da existência e de toda a vida; e enquanto se desciam as florestas e se escavavam as montanhas em busca de ouro, se sulcavam os mares em busca de conhecimentos e riquezas, é confissão de todos os que foram pioneiros ou que estiveram nas fronteiras da civilização que o homem sem a presença do lar, sem a influência da mulher, é um bárbaro.

Os vossos próprios irmãos e amigos atestarão que, até que a influência do lar seja levada para o deserto, não há refinamento, que lado a lado com o machado do pioneiro deve viajar a mão mais suave e conservadora da mulher. Se isso for verdade, então não se trata apenas de a mulher preencher os lugares ou posições habitualmente concedidos à esfera do homem, mas sim de o seu próprio domínio receber o crédito devido como sendo a outra metade da existência; pois se o grão é plantado e colhido, e o solo é preparado pela mão do homem, ele ainda não é alimento, e quando passa pelas mãos da mulher, na preparação para o sustento do homem, recebeu mais de metade do trabalho para o tornar tal a partir das mãos dela.

Não se trata apenas de o lar ser exaltado, mas de que, onde quer que a civilização cristã se estenda, onde se encontre o tipo mais elevado de humanidade, a influência do lar seja dominante. Ele torna-se o centro de cada pensamento na vida. Dele devem irradiar todos os bons atributos, todas as virtudes benignas, todas as graças que adornam e elevam a raça. O harém não é o lar; por isso, nos países do Oriente, as nações estão desoladas. O lar é considerado sagrado entre as nações do Ocidente; daí o tipo exaltado de civilização (comparativamente) que tendes, o qual está a conduzir ao tipo ainda mais além e mais elevado, onde a influência do lar permeará cada departamento da vida humana. Pois não é verdade na natureza que o trabalho é partilhado em igualdade de condições?

Na construção do ninho dos pássaros cantores nos bosques primaveris, a labuta habitual é ajudada ou partilhada igualmente onde quer que seja possível. E não é verdade, até no sopro da rosa e do lírio, que esta vida dupla cumpre a sua parte, como a ciência bem sabe, na frutificação da fragrância e da floração? Que nenhum fruto surge na árvore, que nenhum belo grão dourado amadurece para a colheita, que nenhuma videira púrpura se pendura em cachos de fruta, sem a expressão desta vida dupla em forma igual? Quando entrais no reino da vida física e declarais que a mulher não pode, pela sua inferioridade de força, realizar os trabalhos e deveres do homem, concordamos plenamente convosco.

Nem ela o deveria fazer se for dever do homem lutar — se for dever dele usurpar os direitos dos outros, se for dever dele conquistar os domínios pela injustiça, fraude e violência, e apropriar-se deles como seus. Vós não cobiçaríeis tal direito para as vossas filhas, esposas e mães, nem elas procurariam possuí-lo. Mas será verdade que a mulher não pode triunfar na batalha? Não apresenta a história casos em que as mulheres lideraram exércitos conquistadores rumo à vitória sob a influência do patriotismo, do orgulho ou da inspiração, como Joana d'Arc? Não alcançaram elas vitórias tão grandes e assinaláveis como o homem? Não será antes que a mulher não pode ser considerada, no reino da força física, coigual ao homem? Mas a sua resistência, a sua paciência, a sua caridade e a sua bondade mais do que suplementam isto.

Se ela não pode lutar as vossas batalhas, pode seguir no encalço da batalha e ligar as feridas dos doentes, suavizar o sofrimento e os moribundos. Se isto último não for tão importante como o primeiro, então cessai de matar, e não haverá necessidade da ambulância, do hospital, do enfermeiro ou do médico para atender a tais infelizes circunstâncias e condições. Se o homem, portanto, retém o direito exclusivo de vitória e conquista, como acreditamos, na vida dupla ele representa aquilo que é simbolizado na força, na conquista externa, na criação do caminho, na preparação do caminho, no nivelamento da floresta, na escavação de minas, na construção de navios e na criação de diferentes formas de mecanismo — não será este domínio, afinal, senão a preparação para a vida na terra; enquanto a vida da mulher é aquilo que é conservador, aquilo que é mantido sagrado, aquilo que impede a dispersão; de modo que, se o ouro é recolhido pelo homem, a mão da mulher o preserva na casa?

Se a árvore da floresta é nivelada, então é a presença dela que torna esse humilde lar exaltado, e se por amor dela se cruzam muitos mares e terras, é porque ela une, pela

influência da sua força conservadora do amor, os poderes da matéria ao reino e domínio superior do espírito. Mas quando entrais no reino da mente, que se supõe ser o reino no qual a civilização existirá nas eras vindouras do mundo, que é, de facto, o orgulhoso reino da civilização e do pensamento modernos, então não descobrimos qualquer diferença. Deixando de lado a preparação debilitante que a mulher teve no que respeita à educação do passado, ela entra no domínio das buscas intelectuais precisamente no mesmo nível que o homem. Se ela resolve um problema matemático, o que concedereis que ela provou ser capaz de fazer, fá-lo precisamente da mesma maneira que o homem.

Não há sexo na geometria, e a mulher resolve os problemas de álgebra e trigonometria pelas regras com que o sexo mais forte os resolve. No reino de qualquer ciência ou filosofia material, as mesmas leis que governam a solução de qualquer problema na mente do homem devem também governá-los na mente da mulher; e quando entrais no reino ainda mais elevado do espírito e prosseguis este assunto, a mulher tem intuição. Se se supõe que o homem é superior na força física, ele certamente recorre muitas vezes às intuições da esposa, da mãe, da irmã ou da amiga, em busca de conselho e parecer.

A razão do homem e o processo de julgamento externo podem ser aguçados pelo contacto diário com o mundo; mas será a razão sempre correta? Estará o julgamento sempre seguro? Não tendes vós, nos negócios ou na busca da labuta diária, seguido o conselho da esposa? Ou quando ela disse: “Eu não confiaria naquele homem” — “Mas porquê?”, perguntais. “Não tenho nenhuma razão para dar”, responde ela, “mas eu não confiaria nele”, vós usastes da razão para aceitar os testemunhos escritos e eles falharam, e não desejastes então ter seguido a intuição que não podia dar nenhuma razão para a sua existência, em vez do vosso próprio julgamento, que fora cegado pelas evidências apresentadas?

Neste reino da intuição, a mulher tem permanecido superior ao homem por estar resguardada do contacto diário com o tipo de vida que deforma a intuição num chamado julgamento e perverte as perceções naturais em raciocínios que são muitas vezes superficiais. Mas se a mulher tiver oportunidades de expressão na vida, não é que esta instituição cessará de ser exercida, mas sim que ela se tornará uma das ajudas na condução das variadas buscas da vida. Não seria mais exaltado se, lado a lado, tal como construís o lar, tal como criais o santuário e o altar, e o cercais de toda a graciosidade e beleza, cercásseis também cada avenida da expressão humana com a mesma graciosidade e a mesma beleza? Aquilo que é necessário fazer pode também tornar-se necessário fazê-lo belamente, perfeitamente; e o lugar mais humilde na existência pode tornar-se embelezado pela presença daquele amor e daquela intuição que torna sagradas até as paredes da cela de uma masmorra, se ali habitar.

O gosto mais humilde, a rotina estreita da existência diária torna-se então exaltada a uma busca divina; pois se tiverdes a mesma fonte de inspiração que existe nas mentes daqueles que têm intuição, procurareis as buscas que tendem a exaltar e a elevar a humanidade. “Mas”, dizeis vós, “a mulher não pode ir para a guerra pelo seu país”. Tanto melhor; nem o homem deveria ir para a guerra. “Mas”, dizeis vós, “nem

para a defesa do vosso país ou das leis da terra?". Nós dizemos que não há necessidade de pegar em armas. "Deveremos então ficar em casa?". Respondemos que a defesa das leis do país não depende do assassínio dos nossos semelhantes.

A terra e a humanidade são o país e a nação maiores a que todos pertencemos, e no tempo vindouro não haverá guerras, não porque o homem se tornará debilitado ou a mulher menos feminina, mas porque não haverá agressividade sobre os direitos dos vossos semelhantes; haverá espaço suficiente, país suficiente, terra suficiente para todos, sem usurpar os direitos uns dos outros. Dizeis que a mulher não pode assumir a sua posição nas salas de legislação porque estas não são adequadas à sua presença. Então tornai-as adequadas. Esta sala é adequada à presença desta audiência inteligente de homens e mulheres, e não há razão para que a mulher, com firmeza, gentileza e igualdade de perceção, não prevaleça nas salas legislativas. "Mas as mulheres não são estadistas", dizeis vós.

Como sabeis que não o são? Alguma da melhor diplomacia do mundo tem sido levada a cabo por mulheres. Elas sugeriram e descobriram métodos de diplomacia internacional que os homens puseram em prática, mas as mulheres que, talvez, pudessem exercer os seus dons no domínio mais amplo de uma estadia legítima, são agora roubadas dessa oportunidade e empurradas para a diplomacia, por via da qual esta última poderia ser desprovida de muito do que agora é desacreditado. É verdade que a voz da mulher no ambiente doméstico é em si mesma uma voz de estadia, pois não é o ambiente doméstico a nação ou o reino menor? Não poderá, então, ser de maior valor no ambiente doméstico maior da nação se a verdadeira função do Governo for a de ser o lar dos seus súbditos, o progenitor dos seus filhos, e se a voz da nação for igualmente a voz do amor e da sabedoria no domínio do mundo?

Depois, também, falais da necessidade de proteger a mulher da tentação — como haverá ela de ser mais tentada? Não é o mundo, presentemente, o seu lugar de morada? E se ela está abrigada entre as paredes do lar pela sua própria exaltação e pureza, não está abrigada também por onde quer que vá? Se o mundo há de ser tornado mais puro e melhor, é pela aceitação do facto de que, lado a lado com o marido, o pai e o irmão, a esposa, a filha e a irmã devem viajar, amante e amigo devem ir juntos; para que todos os caminhos possam ser tornados limpos, claros e puros na vida social.

Pois o que é certo é que, no momento presente, bem o sabeis, há males que precisam de reparação, condições que precisam de exaltação, estados que devem ser renovados, e é apenas através desta igualdade de perfeita inteligência e perceção da verdade que os males sociais existentes podem ser removidos. Nenhuma exaltação pode existir na mulher enquanto o homem for degradado.

Eles afundam-se ou elevam-se juntos. E se o homem não for degradado, não pode haver mulher degradada na terra. Assim, hoje, nesta expressão de vida, deveríeis estudar antes o ideal do que aquilo que agora é e tem sido considerado prático, pois o ideal é a praticabilidade mais elevada que o mundo pode conhecer. É apenas através do ideal que alcançais a perfeição. Sem ele, degenerais para o nível monótono e para a

rotina da utilidade diária, nunca subindo além das paredes estreitas do egoísmo físico e do cativeiro.

Quando gerais o reino do ideal, então os poderes coevos de igual inteligência, igual refinamento, igual intuição existirão nas mentes do homem e da mulher. Se a força física existe num grau maior por um lado, assim a força espiritual a suplementará pelo outro. Quando eles se encontrarem no reino da ocupação e da busca diárias, haverá um perfeito acordo de vida, uma perfeita harmonia de inteligência e uma perfeita compreensão de um com o outro.

Tendes poetas, filósofos, artistas, em pares, que ilustram este estado divino e exaltado — os vossos Brownings, os vossos Howitts e uma dúzia de outros, que cantaram canções, ou cujas obras foram moldadas sob a mesma inspiração da mesma luz e da mesma vida. A bela página da história mostra como, quando Rafael pintou as queridas Madonas, a imagem suave e gentil da sua adorável esposa e dos seus belos bebés surgiu com a inspiração do amor para o guiar; como, também, no poema de Dante, na maravilhosa visão dos céus, ele contemplou transfigurada diante de si a divina Beatriz, que lhe deu a rosa nívea do Amor Imortal.

Assim vós, pelo ideal, procurais e encontrareis este céu dos poetas, este sonho daqueles que traçaram os seus pensamentos nos caminhos mais exaltados da intuição, em vez de procurarem o nível estreito e a monotonia de hoje, ou de adorarem no altar de Mamon. Se este último não for um lugar adequado para a mulher, então cessai de adorar ali — cessai as buscas de labuta diária e trabalho diário pelo orgulho humano. Se os passos da vida humana são tais que a mulher não possa ser admitida a caminhar neles, ou as realizações tais que a mulher não as possa cobiçar, então tornai-os tais que ela os possa partilhar convosco.

O agricultor no seu campo é muitas vezes ajudado, não apenas pelo seu filho mas pela sua filha. Basta-vos cruzar o canal estreito em direção à Europa, especialmente à Alemanha, para ver que os fardos da vida são suportados pela mulher, enquanto os homens são reservados para soldados. Mulheres que ficam em casa sacham o solo, realizando o trabalho que vós declarais pouco feminino. Se isto pode acontecer no chamado estado mais elevado de civilização, por que não pode ser concedido no domínio da inteligência, onde propriamente pertence? Se as mulheres suportam diariamente nos seus ambientes domésticos fardos que os homens não partilham, por que não deixar que a compensação intelectual e ideal venha também? Pois é apenas por isto, afinal, que um dia alcançareis essa vida, luz e perfeição social que estais agora a procurar cegamente.

O homem espera vencê-la pela revolução, pela vitória, pela conquista, nos vários domínios da natureza, da mente, da arte e da ciência, mas ela só será vencida quando este pensamento perfeito for alcançado. Metade disto não é a perfeição, e nenhuma metade de uma criação pode jamais ser vista como uma expressão total de qualquer verdade na criação. Aquilo que realiza perfeitamente o Reino dos Céus na terra, e o domínio da supremacia espiritual do homem, será a realização da natureza plena e da expressão do homem e da mulher no estado mais exaltado possível do ser mortal, não

no meio de estados inferiores. Julgais o mundo a partir do ponto de vista externo, fazeis da vida material o padrão da existência e, no entanto, a civilização está para sempre a esforçar-se por tirar-vos do material para o reino da mente e do espírito. Cada invenção conduz-vos em direção a ele, cada descoberta aponta o caminho, cada exemplo de utilidade na vida diária, elevando a vossa labuta diária, não é senão um convite para subirdes ao domínio do espírito.

Ali a mulher espera por vós; ela até vos precedeu ali; ela mantém-se pronta, com toda a disposição de coração, mente e espírito, para ajudar a conquistar esse estado de coisas superior. Deve ser alcançado pelos passos habituais do avanço humano; e dia após dia, e hora após hora, deveis tornar a vossa inteligência, a vossa conversa, a vossa sociedade, a vossa adoração, o vosso louvor, a vossa aspiração iguais. Não pode haver estado perfeito de vida social quando o homem visita o seu clube e a mulher os seus redutos de moda, e eles apenas se encontram em casa da forma mais formal. Não pode haver exaltação quando a lareira é abandonada pelos locais de moda e negócios ou prazer. A nação mais verdadeira é aquela em que a vida igual do homem e da mulher no lar é mais exaltada e aperfeiçoada, e o que o selvagem perdeu, a sociedade parece ter dado em seu lugar, a saber, a falta de lar no deserto foi sucedida pela falta de lar nos desertos da civilização (isto é, cidades superlotadas).

Nas classes médias da vida, onde a riqueza, a moda e o luxo supérfluo não afastam do lar, encontra-se o verdadeiro padrão da civilização de hoje, e onde esse altar e santuário é mantido sagrado e perfeito com a inteligência unida da esposa e mãe, com a do marido e pai, sustentando-se mutuamente, dando cada um ajuda na edificação do lar, na criação dos filhos, no exemplo que deve ser colocado diante deles, — esta é a força desta nação anglo-saxónica e das suas nações corolárias (os rebentos da árvore progenitora), a força de toda essa raça que saiu para conquistar e civilizar o mundo.

Mas a conquista será em vão, a civilização como nada, e não passará de uma barbárie suplementar — a barbárie extrema da riqueza, do luxo, da busca do prazer ocioso —, se tomar o lugar da vida doméstica forte e robusta, que lançou os alicerces para todas as terras a ocidente das margens helénicas. Assim, queridos amigos, que esta aspiração do tempo vindouro, essa imagem que os poetas pintaram e em cuja realização vós acreditais vagamente, seja o vosso galardão. “O mundo habitável está cheio de felicidade”.

Não haverá por mais tempo o domínio de castas, títulos hereditários ou o governo mais externo da riqueza, ou da terra, ou de tudo o que o mundo exterior possa oferecer independentemente do homem e da mulher; pois a terra há de tornar-se exaltada, e as nações hão de ser feitas perfeitas por uma vida tal que entrará na consciência diária daqueles que hão de criar as futuras nações da terra; e à medida que eles forem de facto exaltados, assim aqueles que vierem depois deles colherão a recompensa dessa exaltação na vida perfeita e divina que eles levaram.

Não mais, como agora no Oriente, a jovem donzela será vendida por ouro; não mais, como no Ocidente, a jovem donzela será vendida por títulos, terras ou reinos, ou

mamon de qualquer grau; não mais a dor e a estafa da labuta diária serão superadas pelo brilho e fascínio superficiais, e pela paródia da degradação; e não mais, lado a lado, as vossas irmãs de privação, miséria e vergonha parecerão escarnecer daqueles que se venderam ao poder ou lugar mundano dentro do reino da vida social.

Pois todos, com igual oportunidade e igual exemplo para o bem, perceberão a verdadeira luz e o verdadeiro caminho, e, sem censura, com exaltação da caridade, tomarão posse destes dolorosos domínios da vida, que têm sido demasiado tempo negligenciados, enquanto cada pensamento tenderá para a perfeição dessa existência dupla que lança os alicerces para os lares, as sociedades, os governos, as nações, e finalmente convida as mais altas e excelsas inteligências a virem habitar convosco. Como as musas que habitavam no Parnaso, como os deuses que do Olimpo falavam com os homens, assim a existência ideal se apinhará em redor das vossas habitações e das vossas lareiras.

Na vida futura que há de habitar na terra, a perfeita gentileza, a paz, a pureza, o amor, l inteligência, o conhecimento e a sabedoria tomarão posse das vidas na terra. O Modelo Divino, Cristo, apontou o caminho do amor e da luz ao homem e, pela exaltação da virtude individual, revelou a verdadeira expressão desse amor na terra; e assim como esta foi a ilustração típica para a humanidade, assim no tempo vindouro, dia após dia, e hora após hora, as vossas vidas estão a ser preparadas para essa expressão dupla que há de tipificar o caminho mais novo e mais elevado, quando vier esse Messias que revelará esta vida dupla no seu estado perfeito.

Quando a nova luz e a nova vida habitarem entre os filhos e filhas do homem, será a profecia da vida aperfeiçoada que há de vir sobre la terra, pois muitos estão prontos agora para perceber essa luz, e mostrar esse conhecimento e pureza que brilha nas suas vidas, mas que é agora afogado pelo tumulto, esforço e luta das vozes de Mamon e dos poderes mundanos que se ouvem na terra. Nesses lares adoráveis e sequestrados, onde a voz da mãe é ouvida, e onde a voz do pai em orientação parental gentil é também ouvida, vós havereis um dia de contemplar o anjo da nova vida descer; através dos vales a paz ressoará, e pelas encostas das colinas, nos lares adoráveis, que não são salões imponentes nem palácios de orgulho mas os redutos de beleza, graciosidade e encanto, adornados por toda a forma de arte, embelezados por toda a expressão de inteligência, mas nem régios, nem orgulhosos, nem exclusivos no seu domínio.

E vós percebereis que a privação, a miséria e a degradação, e essa desgraça social que habita nos redutos de cidades superlotadas serão dispersas pela voz suave da instrução, e a mão do ministério em igual poder se revelará entre os filhos e filhas dos homens, e que isto fará o seu caminho e a sua voz ser ouvida, até nos lugares mais escuros do infortúnio humano, quando as filhas da terra — quando as mulheres considerarem isso pecaminoso quando encontrado nos corações e vidas dos homens tão seguramente como quando encontrado nos corações e vidas das mulheres; quando a humanidade condenar igualmente um pecado num como no outro — se é que tem de haver condenação; quando as vozes da verdade e da pureza exercerem igual influência

sobre ambos, — e quando não houver censura que não seja visitada de igual modo sobre ambos.

Quando a Madalena, suplicando ao Mestre, foi perdoada, assim a voz do futuro se revela nesse amor Divino que pode exaltar, elevar, afastar toda a culpa sob a luz do julgamento Divino, que é imparcial e exercido sobre todos de igual modo. Agora, em nome desse tempo vindouro, apelando para o que há de mais elevado e melhor nas vossas naturezas, retratando e revelando a vida que, através dos vossos próprios filhos e através da vossa própria infância, através da voz da esposa e da mãe vos tem suplicado, sempre a partir do lar, a partir do Céu acima de vós, que esta exaltação se torne diariamente mais e mais uma parte do vosso ser, até que nesse Reino Divino, lado a lado, como anjos no seu estado perfeito, o homem e a mulher caminhem na terra livres, e puros, e verdadeiros, sob a luz do Céu; enquanto as vozes das crianças não mais serão transformadas em discórdia pelos sons de dor e sofrimento, mas todos serão sons de alegria, e doce música sob o domínio da luz, do anjo do amor e da harmonia cuja vida está na vossa vida, cuja alma está na vossa alma, e cujo lugar de morada na terra vós tornareis possível pelas vossas aspirações em direção ao Divino e perfeito, o reino duplo do amor de Deus na terra.

EXPERIÊNCIAS DO SR. W. T. STEAD ANTES E DEPOIS DA MORTE

Na *Light* de 25 de Maio, página 249, publicámos um breve excerto de um discurso proferido pela Sra. Cora L. V. Tappan-Richmond sob a inspiração orientadora do Sr. W. T. Stead e, agora, em resposta ao pedido urgente de vários amigos, citamos do *The Progressive Thinker*, de 18 de Maio, o relato completo desse discurso. Foi precedido por algumas observações da médium relativas ao seu conhecimento pessoal do Sr. Stead. O relato afirma que "após um hino, houve uma mudança palpável na aparência e na maneira da Sra. Richmond" e então, falando sob o controlo do Sr. Stead, ela disse:—

Caros Amigos: Fui devidamente apresentado a vós, mas não sou um herói. Todas as pessoas são, em certa medida, cobardes naturais; isto é, têm medo de alguma coisa. Eu não tinha medo do "outro mundo", nem medo de muitas coisas da vida humana; mas todos nós temos um encolhimento perante aquilo a que chamamos "morte"; perante aquilo que ela nos poderá fazer; como nos sentiremos; como conseguiremos enfrentá-la; quando e onde. Não existe morte. Só se pode conhecê-la pela experiência. A maior parte das pessoas hesita, teme a mudança. Para mim, a vida era uma só — a nossa, terrena e além.

Não creio que tivesse qualquer "premonição" antes de deixar Inglaterra, nem a minha mão escreveu automaticamente, nem alguém me disse: "Não vás nesse navio." Eu tinha de ir para cumprir um compromisso. Gostava do navio porque era o maior navio, e por que não ir nas maiores coisas, mesmo que se vá para o outro mundo? Naquela noite eu estava acordado quando o navio embateu. Falámos disso entre os

homens. Eu disse que pensava poder haver ansiedade excessiva e inclinei-me a ir para a minha cabine. Encontrei algumas pessoas assustadas; desci e descobri que havia outras com medo, e falei com elas, e ao falar consegui confortá-las. Não penso que tivesse ainda plena consciência de estar a fazer algo invulgar ou fora do comum, porque até então não havia pensamento dominante de perigo. Isto foi pouco depois da meia-noite. Eu estava preparado. Muitos já estavam ali primeiro para me receber. Mas que dizer daqueles que tinham medo da morte, que nada sabiam da vida além, e cuja fé poderia abandoná-los na hora do perigo?

Eles precisavam de ser confortados, tranquilizados, ajudados, se possível, a permanecer ainda algum tempo nos seus corpos. E a pessoa esquece-se de si própria quando está a servir as necessidades dos outros. Ainda assim, houve tão pouco tempo para preparar — tão pouca preparação real naquele gigantesco navio para uma tal emergência. Não havia pensamento dominante de que existisse perigo iminente e, quando finalmente se aceitou o facto de que os oficiais do navio sabiam, e de que havia preparação para levar mulheres e crianças, então disse para comigo: "Tenho de me ocupar destas pessoas aqui em baixo. As pessoas lá em cima são mais disciplinadas; têm mais conhecimento; possuem restrições sociais; compreendem o que se espera; mas estas pessoas mais emocionais talvez não compreendam."

Tanto quanto sei, passei o meu tempo a falar com elas, tentando confortar aqueles que eu conseguia fazer compreender-me. Eu falava apenas inglês e, portanto, não podia falar com os estrangeiros, mas esforçava-me por confortá-los; agarrava-lhes as mãos e tentava fazê-los sentir que não existia perigo real para a vida. Depois fui de facto para a minha cabine, não para dormir, mas para aquela comunhão que sempre foi o meu refúgio, com o Infinito, com os meus entes queridos invisíveis; então veio o primeiro aviso — escrito — de que o navio iria afundar-se, e eu estava ali quando veio o grande choque, quando soubemos, e todos os que não dormiam devem ter sabido, que o navio se renderia. Senti o gigante tremer e o avanço das águas, e veio o pensamento: "Será demorado? Haverá um grande período de sofrimento?" Mas não houve.

Quando tudo o que podia ser feito já tinha sido feito, tivemos de partir. Os gritos de agonia eram terríveis. Morte!

E então, após o primeiro rugido — o avanço das águas — uma grande sensação sufocante e avassaladora — despertei como quem desperta de um sonho horrível. Meu filho! Meu filho! Sim, o primeiro a encontrar-me. Ele era um dos resgatadores daquele reino onde os barcos salva-vidas nunca faltam. Eu estava vivo! Desperto! Desperto! Tinham-me encontrado!

Havia apenas o começo das águas, apenas o gorgolejar, o borbulhar, o rugido, e eu despertei. Vi pessoas ainda a lutar e pensei que ainda estava a tentar ajudá-las, mas a única forma no meio de tudo aquilo era o meu filho! Então percebi que já não estava de todo no corpo, mas que estava a tentar ajudar aqueles espíritos que lutavam para se juntarem aos seus amigos que tinham saído nos pequenos barcos — as suas esposas, irmãs, mães. O meu filho disse: "Vem." "Não, vejamos o que podemos fazer por

estes." E permanecemos horas e horas acima do local onde o navio se afundou, seguindo os pequenos barcos para tentar ajudar os espíritos que lutavam e se esforçavam ainda por viver nos seus corpos — aqueles que não sabiam que já estavam fora dos seus corpos. Percebi que não havia culpa dos oficiais; percebi que a tripulação tinha feito o melhor que podia naquelas circunstâncias; percebi que não havia barcos suficientes, e percebi depois que provavelmente isso era a única falta, ou a principal.

Mas a grande luz desta manhã veio até mim, a manhã da outra vida; foi como despertar de um pesadelo para uma aurora de paz, ou de uma prisão para a liberdade. E fui acolhido. Parecia uma manhã de esplendor após a noite da Terra, como asas comparadas com tatear às cegas — como flor e fruto após o botão do silêncio e da escuridão. Quem poderá descrever adequadamente o indescritível? Eu podia mover-me. O meu filho ia comigo para toda a parte; os meus queridos amigos tentavam fazer-me afastar. Eu dizia: "Não, façamos o que pudermos para ajudar estes", e vieram multidões de ajudantes, grandes agonias de luz daquele reino invisível para auxiliar os espíritos que não sabiam que tinham sido libertados.

Mas estes, estes que não tinham sabido? Aqueles que se agarravam aos seus corpos; que ainda em espírito seguiam os barcos frágeis no oceano que levavam os seus entes queridos? Oh, a angústia de ter de se separar deles! Estes precisavam de ser confortados, aqueles que tinham sido lançados desprevenidos, sem vontade própria, no reino dos espíritos.

Temos de os ajudar. O grande clamor de reunião é sempre ajudar os outros. Nenhuma vida entra no mundo superior sem que alguém, ou mais do que alguém, esteja ali para receber e cumprimentar essa pessoa. Muitos morrem sem assistência e abandonados na Terra, mas ninguém entra no reino além sem ser bem-vindo.

Foi uma dor separar-me assim daqueles que tinham de permanecer. É uma grande dor quando na vida humana (vós sabeis pela experiência, eu sei pela experiência) um amigo parte para a outra vida, embora saibais que ele vai viver e não morrer. É igualmente uma grande dor para um espírito desprevenido, sem qualquer aviso exceto alguns momentos ou, quando muito, uma hora, ser arrancado daqueles que ama na Terra. Os espíritos não querem partir. Precisam de partir. Depende inteiramente do grau de domínio de si mesmos e de serenidade que possuam, se estarão preparados; por isso, para eles, a partida é um horror. No início não viram quem vinha. Amigos espirituais que aguardavam para os fortalecer. Voltavam-se para trás, sem querer deixar os objetos da sua devoção e, quando felizmente, como aconteceu em mais casos do que pensais, o marido e a mulher partiram juntos, isso foi para eles a maior alegria — saberem que não tinham sido separados por aquela provação. Quando famílias inteiras partem juntas, é simplesmente maravilhosa a alegria que sentem por permanecerem assim unidas, não separadas.

Ser recebido e amado, pensar primeiro e constantemente naqueles que sentem a falta de alguém e choram por alguém, tentar alcançá-los com a mensagem invisível e impalpável do espírito, pensar e conhecer num instante a resposta para uma questão de toda uma vida—

Ainda não, ainda não. Se se puder encontrar uma mão ou um cérebro para transmitir o significado e o alcance desta nova vida, poderei usá-lo depois de algum tempo. Estou grato por esta oportunidade de prestar homenagem aos meus companheiros de viagem e aos oficiais do navio que afundou, e de dizer que só pode haver duas causas para o afundamento do navio e a perda de tantas vidas valentes. Excesso de confiança na robustez do navio e número insuficiente de barcos salva-vidas — estas são as causas.

Quando a vida humana for verdadeiramente valorizada, haverá sempre meios adequados para garantir a segurança. Oh, os resgatadores do reino celestial! Estes, estes eram os próprios mensageiros de Deus, ajudando — salvando todos.

Há emoções contraditórias quanto a como alcançar aqueles que estão na Terra; a grande muralha da ignorância material, a grande barreira entre o reino interior e o mundo exterior, a grande ignorância desenfreada; sim, a muralha da ignorância é aquilo com que mais temos de nos conformar ao tentar alcançar os nossos entes queridos. A minha própria família sabia, pelo menos sabia que eu sabia. Nem todos sabiam como eu sabia, mas alegram-se com aquilo que sabem; alegram-se nesta hora por não ser tudo escuridão; alegram-se porque a muralha não está completamente fechada.

Eu pensava que ainda havia trabalho a fazer na Terra. Pensava que muito permanecia por realizar. Este grande movimento pela paz tinha de ser concretizado pela iluminação. Não concordava com todas as ideias do Sr. Carnegie, nem com o desarmamento, nem com a paz a qualquer preço, nem com a paz de qualquer homem a qualquer preço. Acreditava na paz nascida do direito, e por isso, quando pedi a todos os governantes e governos da Terra cujos representantes estavam naquele último Congresso da Paz (onde conheci o vosso pastor, e onde tive o prazer de a conhecer),

pedi-lhes que fossem afastadas as causas subjacentes da guerra. Não peço a este país, nem à Grã-Bretanha, nem a qualquer nação, que se desarme. Tornai possível o desarmamento através de um Tribunal Internacional de Arbitragem, e então não haverá necessidade de armamentos.

Mas não é por isso que aqui estou hoje. Haverá outros tempos e lugares para falar da paz; mas trata-se da luz, desta vida, desta maravilhosa e bela forma de consciência espiritual. Nenhum corpo terreno para ser transportado de um lugar para outro; nenhuma limitação de olhos que não conseguem ver bem; nenhuma limitação dos sentidos. Sei que neste curto espaço de tempo, que julgo pelo meu contacto convosco ser de duas semanas esta mesma noite, aprendi mais respostas para todas as perguntas que fiz em toda a minha vida do que aprendera antes durante toda a vida, porque a resposta está inerente ao estado, à vida. Aqui ela está limitada aos sentidos. Agarramo-nos aos sentidos; compreendemos através dos sentidos; medimos as coisas pelos sentidos. Libertados dos sentidos, somos compelidos a ouvir com a mente, a interpretar com o espírito.

As nossas vozes não alcançam muito longe na vida humana; os nossos pensamentos alcançam milhões de milhas. Eu podia pensar em vós em Chicago tão facilmente como podia pensar noutro habitante de Londres, e em espírito posso estar aí tão rapidamente como poderia estar noutra sala. Espaço, tempo, todas essas limitações desaparecem com o corpo. Temos "demasiado espaço", a menos que estejamos preparados para ele. Uma menina que foi levada para um piquenique começou a chorar. Nunca tinha saído de Londres, não conhecia nada além de ruas e sujidade, e ali havia relva e flores, pássaros e árvores, e quando começou a chorar alguém perguntou: "Porquê, o que se passa? Não te estás a divertir?" E ela respondeu: "Tenho medo; há espaço de mais."

Assim também nós temos espaço de mais no mundo espiritual. É essa a maravilha dele, cheio de espíritos, multidões de pessoas, sem interferirem umas com as outras, mas com tal vastidão; a maravilha de conhecer coisas que não nos são ditas; a maravilha de não pronunciar a nossa pergunta e vê-la respondida instantaneamente. Pensai quantas vezes, repetidamente, perguntámos: "Onde fica o outro mundo?" E aqui está ele. Tirai o véu, a vossa máscara; retirai a armadura da carne, e aqui está ele. Talvez o conheçais.

Foi-vos dito: todos os profetas, poetas, videntes, sábios e filósofos vo-lo disseram, mas não o conheceis. É esta vastidão que é assustadora, mas temos toda a eternidade. A pessoa habitua-se ao céu azul depois de o ver durante algum tempo, mas quando se esteve fechado numa cela, numa masmorra, parece muito grande. Os mineiros de ouro de quem eu costumava falar algumas vezes não conheciam o aspeto do céu, e este parecia-lhes tão vasto e solitário.

Mas não tenhais medo de estar sós como espíritos. Não houve uma única dessas pobres almas errantes, nem um único daqueles seres humanos em luta, para quem algum espírito não estivesse presente para os receber ali, antes mesmo de deixarem o corpo, imediatamente; e eu vi multidões deles esforçando-se por alcançar os seus amigos; tentando ajudá-los; e ajudaram-nos, embora invisíveis.

É a lei suprema do espírito que se alcance aquele que se deseja alcançar. O "sem fios" do espírito não pode ser apanhado por qualquer obstáculo responsável que impeça a mensagem de chegar ao "recetor" pretendido. O sem fios do espírito alcança o objeto a que se destina. E assim, ao questionar, ao tomar consciência, ao despertar, eu saberia tudo; as respostas vinham em bandos até mim, como bandos de pássaros, voando sobre os invisíveis pinhões do pensamento, de Julia, de todos os meus entes queridos da família.

Ali estavam eles, à minha espera. Perguntei: "Sabíeis que eu vinha?" e eles sabiam qual seria a pergunta antes mesmo de ela ser formulada, e disseram: "Sim." Então pensei: "Porque não mo disseram?" Responderam: "Não teria servido de nada." "Porquê?" "Porque a tua hora tinha chegado." "Quereis então dizer" (e aqui surgiu o velho questionamento, a velha mente dubitativa, o velho intelecto) "que cada vida tem um tempo marcado?" "Tem." "E estes que foram separados, esta esposa, aquele

marido?" "Referimo-nos a isso. Reconhece um acidente", disse Julia, "no plano universal, e o universo não é cosmos, mas caos."

E assim, não foi um acidente que me trouxe aqui, mas uma grande intenção e propósito. Posso não ter amadurecido demasiado, nem estar plenamente desenvolvido; mas o momento tinha chegado, e tudo quanto foi feito na vida humana que ajudou de alguma forma a fortalecer, elevar, iluminar, alegra-me ter tido o privilégio de viver, e alegra-me ter tido o privilégio de conhecer a humanidade no seu melhor, mesmo tendo-a também encontrado no seu pior. O pior não é tão mau como as pessoas afirmam, o melhor não está acima de aperfeiçoamento.

E assim, como espíritos, aprendemos o nosso verdadeiro valor. Não levamos connosco nada material senão o nosso pensamento. Nem sequer tenho a minha caneta. Posso encontrar uma mão, posso encontrar outro cérebro. Talvez venha a usar este algumas vezes, mas quero que saibais que, embora o corpo tenha partido, o espírito está vivo e tão atento como sempre a tudo o que diga respeito aos interesses da humanidade. E se o meu filho tivesse permanecido — aquele que apenas começava a sua vida, e que eu pensava que iria continuar a obra por mim — aqui ele interrompeu o meu pensamento—

"Porquê?", disse ele, "pai, vivi mil vidas desde que entrei neste mundo. Influenciei milhares de pessoas."

O pensamento pode percorrer o mundo e encontrar aquele para quem foi destinado e a quem foi dirigido. "E teremos o nosso gabinete deste lado", disse Julia, "e veremos o que podemos fazer para que as pessoas conheçam a realidade da vida para além da mudança chamada morte."

E é este despertar, a alegria desta manhã, o esquecimento da forma como ela chegou, e o conhecimento do que ela é; é a gloriosa aurora dessa possibilidade que aguarda toda a vida humana, e eu passarei todas as oportunidades que tiver a esforçar-me por despertar as pessoas para ela.

Não faleis de morte; não faleis das pessoas como mortas; não vos curveis na tristeza e fecheis as portas, dizendo: "Oh, eles partiram!" Eu costumava pensar, por vezes, ao falar com pessoas sobre este assunto, que elas não queriam que os seus amigos estivessem vivos. Às vezes é inconveniente; se lhes fizestes um mal, ou se um homem quer casar novamente, não sabe exatamente o que fazer quanto ao espírito da outra pessoa. Mas não vos preocupeis; não existem ciúmes no espírito; a maior oportunidade de utilidade é sempre admitida aqui, e a grande força da afeição espiritual é que ela é altruísta.

E agora aprendamos a trabalhar juntos; demos as mãos; sede amistosos connosco; não nos excluais; não nos chameis mortos; não digais que estamos fora da corrida. Estamos precisamente nela, e tudo o que podemos fazer é ajudar, não impedir; auxiliar, não prejudicar; fazer-vos conhecer uma vida desperta; quer partais rodeados pelos vossos amigos e cobertos de flores, quer no meio de tempestades ou catástrofes

de inundação ou fogo, é apenas um instante, e sois libertados na glória de uma vida recém-descoberta.

Agradeço-vos. Agradeço aos amigos espirituais que me ajudaram através do instrumento escolhido por eles a transmitir estas poucas palavras fragmentadas. Se puder, algum dia voltarei. Sou W. T. Stead. Qual será o meu nome na terra celestial, não o sei, pois toda a vida se desvanece; não estou morto, mas vivo. 'Nem nascimento, nem vida, nem morte podem mudar ou manchar a alma dedicada ao ministério da boa intenção.'

COMO PODEMOS MELHOR SERVIR DEUS? O QUE SÃO O MAGNETISMO E A ELECTRICIDADE?

Questões Importantes Respondidas pelo Espírito Controlador da SRA. CORA L. V. RICHMOND Proferido no Grove's Opera Hall, Chicago.

Relatado expressamente para o *Religio-Philosophical Journal*.

Pergunta: — Como podemos melhor servir Deus?

Resposta: — Se Deus fosse senhor e o homem fosse escravo, poderíeis fazer esta pergunta. A adoração a Deus é a oferta espontânea ou aspiração do espírito humano, e só se pode verdadeiramente adorar seguindo esse ditame espontâneo; em qualquer outro sentido Deus não pode exigir o serviço do homem, pois o universo é Seu e todas as coisas nele contidas. A verdade apenas, na mais elevada compreensão que a mente humana é capaz de alcançar, esforçando-se por expressá-la, deve ser a mais elevada expressão do homem para com Deus.

Quaisquer que tenham sido no passado os princípios essenciais ou os primeiros elementos do culto, bem sabeis que no dogma teológico e no credo canónico foi criada na mente humana a imagem de que a própria forma externa do culto constitui a adoração e, portanto, é indigna do espírito humano; e sempre que a sua relação com o Infinito é uma relação espiritual, o homem serve Deus buscando sinceramente a verdade. A oferenda externa, embora possa consistir meramente numa questão de forma, de medo ou de terror, não se eleva para além das paredes do apartamento onde é feita, enquanto as oferendas do espírito, sejam elas de bondade, caridade, beneficência ou atos de benevolência, permeiam todo o céu espiritual e erguem-se como incenso do altar do espírito humano.

Deus não é rei, embora em algumas épocas passadas o homem O tenha suposto assim; não é tirano, embora segundo os antigos existisse um elemento de mal e tirania; Deus não é senhor absoluto, embora as leis fundamentais do universo imponham obediência; mas é antes o Pai Bondoso, o Benfeitor Espiritual, para quem a alma se volta em busca de iluminação, e que nunca afasta o Seu rosto daqueles que o

procuram, embora o Seu espírito esteja obscurecido do vosso olhar pelas névoas que se erguem da natureza material dos homens.

O serviço devido uns aos outros é promovido pela lembrança daquilo que verdadeiramente foi dito: o homem não pode servir melhor Deus do que amando toda a sua espécie. Diríamos simplesmente que tudo aquilo que eleva ou tende a elevar a humanidade; tudo aquilo que é expressão da mais alta verdade e amor conhecidos pela vossa alma; tudo aquilo que é manifestação da mais ampla caridade, beneficência e virtude — isso é servir Deus!

Pergunta: — O que são o magnetismo e a eletricidade? Quais são os pontos mais salientes e as características distintivas de cada um?

Resposta: — Para maior clareza, afirmaremos que existe apenas uma espécie de magnetismo reconhecida pela ciência — isto é, pela ciência puramente física — a qual deveria propriamente ser chamada galvanismo. Existe outra espécie de magnetismo que começou a ser reconhecida por estudantes das ciências ocultas como Mesmer, o Barão De Reichenbach, Dr. Buchanan, Prof. Hare e uma série de outros cientistas eminentes, denominada magnetismo animal. A eletricidade é uma vibração particular e poderosa da atmosfera resultante de correntes magnéticas que passam de e para o Pólo Norte em torno da superfície terrestre. O magnetismo é a causa destas vibrações elétricas; o estado magnético sendo um estado evoluído da Terra; o estado elétrico, uma condição atmosférica resultante de vibração polar. Ambas as condições são resultado apenas de vibrações atómicas, tal como a luz e o calor, os quais constituem certos estágios de vibrações atómicas.

O galvanismo é produzido pela bateria galvânica sob determinadas condições e pode ser empregue com êxito em experiências sobre a vida animal, chegando ao ponto de imitar ou estimular algumas das funções da vida, tais como a contração muscular e a vibração nervosa, se o tecido nervoso não estiver decomposto; no que respeita ao ser humano, a eletricidade atua sobre o sistema em relação aos temperamentos. O próprio temperamento pode estar sujeito a certas alterações chamadas magnéticas ou elétricas. Dividimos, para maior clareza, esses temperamentos em magnéticos e elétricos.

Não deveis confundir estes termos com os termos magnético e elétrico da ciência física, pois estes apenas se referem à aura nervosa em torno do indivíduo. Empregamos o termo magnético referindo-nos a uma das duas condições extremas, e porque quase todos os seres humanos representam uma modificação dessas duas condições. Existem pequenos glóbulos ou átomos de matéria em movimento que, quando perfeitos, são esferoidais. Estes constituem as partículas da aura magnética e elétrica em redor dos diferentes indivíduos.

Quando perturbados, verifica-se que consistem em duas partes, uma semelhante ao íman em forma de ferradura, a outra em pequenos pontos que se ajustam à extremidade aberta do íman, completando o glóbulo esferoidal. A porção da partícula esferoidal que se assemelha ao íman em ferradura é aquilo a que chamamos átomo magnético; isto é, aqueles que possuem esta aura em maior grau pertencem ao

temperamento magnético; aqueles que possuem a outra — isto é, o maior número de pequenas partículas semelhantes a pontos triangulares — pertencem ao temperamento elétrico.

Para benefício daqueles que desejem empregar estes termos, o segundo seria o eletropólo, o primeiro o magnipólo, distintos da esfera completa, e qualquer que seja a classe de partículas que forme a predominância no sistema nervoso, o indivíduo pertence ao temperamento magnético ou elétrico. Se os pequenos pontos predominarem no sistema nervoso e arterial, a pessoa é mais facilmente afetada por perturbações elétricas. Se a porção esferoidal predominar, a pessoa é mais afetada pela mudança das correntes próximas da superfície terrestre; quando ambas predominam igualmente no sistema humano, a pessoa não é perturbada facilmente por correntes elétricas ou magnéticas e possui um temperamento vital ou bem equilibrado. A vontade positiva do magnetizador, sob aquilo que é conhecido como a ciência do mesmerismo, entra em contacto com estas partículas e perturba quer as partículas magnéticas quer as elétricas, e em proporção direta à medida que uma ou outra predomina no magnetizador, assim a positividade do magnetizador triunfará sobre a condição negativa do outro.

Os sujeitos magnéticos são geralmente de temperamento elétrico. Geralmente carecem daquele equilíbrio do sistema nervoso que faz com que reajam às mudanças atmosféricas e a outras perturbações elétricas; por isso, a forte vontade do magnetizador atua diretamente sobre as pequenas partículas que predominam na aura nervosa, produzindo equilíbrio, equanimidade e induzindo tranquilidade e, em alguns casos, um estado de sono, porque aqueles que estão plenamente equilibrados no cérebro dormem, e não pode haver sono adequado sem esse equilíbrio correto induzido pelo temperamento natural, pelo magnetismo humano ou por meios artificiais.

Quando o corpo se encontra em estado de repouso, os temperamentos elétricos ficam menos agitados em direção ao cérebro e, por conseguinte, atraem mais partículas magnéticas para ajudar a provocar o sono. Aqueles que possuem o temperamento magnético quase sempre dormem bem e têm um excedente dessas partículas magnéticas, mas libertam-nas por sua vez, por vezes, mesmo inconscientemente, afetando outros indivíduos menos favorecidos com esse equilíbrio particular no sistema humano. Recordareis que empregamos os termos magnetipólo e eletricipólo apenas em referência à aura nervosa do corpo. As partículas magnéticas e elétricas da Terra assemelham-se vagamente a estas. As correntes magnéticas e elétricas sobre a Terra só afetam o sistema quando entram em contacto com a sua aura.

Pergunta: — Que efeito têm as correntes polares?

Resposta: — A corrente polar afeta a organização física do indivíduo quando este se encontra em estado de sono, revivificando a vitalidade exausta que foi despendida durante o dia, e fazendo-a circular pelo sistema em ângulos retos em vez de através do cérebro ou das extremidades; permite ao organismo recuperar o seu equilíbrio adequado, isto é, tornar-se devidamente polarizado em relação às correntes terrestres. Os seres humanos, tal como as substâncias metálicas, estão sujeitos por

vezes a despolarização em relação a esta subtil aura elétrica; o repouso, o sono ou estados semelhantes ao sono induzem uma condição pela qual o sistema volta a ser colocado em harmonia com as correntes polares.

Pergunta: — É melhor dormir com a cabeça voltada para norte?

Resposta: — Se a pessoa for de temperamento magnético; se for elétrica, é melhor dormir com a cabeça voltada para leste ou oeste, ou para sul em alguns casos. Mudando a cama de uma posição para outra, e sendo todas as outras condições iguais, descobrireis qual a direção mais adequada; como o sistema nem sempre permanece na mesma condição, existem também grandes modificações e mudanças no estado deste temperamento magnético ou elétrico. O primeiro, com as suas modificações, deve dormir com a cabeça voltada para norte; o caso inverso aplica-se ao temperamento elétrico.

Pergunta: — Como distinguir os temperamentos?

Resposta: — Existem certas indicações gerais; muito poucos são decididamente de um ou de outro tipo; quase todos são modificados; e o verdadeiro temperamento vital possui equilíbrio igual de ambos os tipos. O temperamento magnético é geralmente de compleição forte, normalmente muito morena — embora nem sempre; raramente se deixam dominar exceto sob influência de grande excitação mental; não se perturbam facilmente.

O temperamento elétrico, por outro lado, é de compleição clara, muito sensível ao frio e ao calor, e também sensível às correntes elétricas da atmosfera e à influência magnética de vários tipos, sendo frequentemente perturbado e incapaz de dormir sem causa aparente. Entre estes dois extremos existem diferentes modificações de temperamentos, enquanto o exato equilíbrio de temperamento chamado vital se encontra mais frequentemente em pessoas de hábitos sanguíneos e temperamento otimista, sem grande sensibilidade ao calor ou ao frio, e sem tendências depressivas suscetíveis de perturbação; este temperamento vital raramente é afetado por qualquer destas influências que perturbam o temperamento elétrico, exceto em caso de doença.

Pergunta: — Porque acontece que, quando um médium é influenciado por algum espírito, isso provoca uma sensação tão fria?

Resposta: — Esta questão relaciona-se com o efeito sobre o sistema nervoso ou aura em que o sistema nervoso evolui. É inteiramente um efeito nervoso, evidentemente. A sensação de frio resulta da súbita depressão da circulação nervosa, influenciando o cérebro e estendendo-se por todo o sistema nervoso e separando ou desintegrando as partículas vitais. A temperatura do corpo diminui gradualmente, e isto é causado pela natureza peculiar do espírito que controla. Por vezes é resultado da falta de harmonia entre a condição física do médium e o espírito controlador; não necessariamente falta de harmonia mental; por vezes a atmosfera possui um efeito percetível, porque o espírito que se aproxima possui mais da corrente elétrica do que da magnética e influencia mais diretamente a eletricidade do que a atmosfera

magnética que rodeia o médium. Todos estes sintomas resultam de alterações da condição nervosa produzidas pela influência de certos espíritos, que, atuando sobre a aura nervosa, limitam mais subitamente o fornecimento adicional de magnetismo físico que alcança o sistema nervoso ou a aura nervosa em torno do corpo físico.

Pergunta: — Essas correntes magnéticas e elétricas pertencentes à Terra e aquelas pertencentes ao indivíduo são iguais?

Resposta: — Se o cavalheiro tivesse escutado atentamente, teria descoberto no nosso tratamento deste assunto que dissemos que as correntes magnéticas e elétricas que rodeiam a Terra são, evidentemente, de qualidade diferente daquelas desenvolvidas no estado humano; existem provas de que as últimas diferem materialmente das primeiras, apenas se assemelhando a elas; não são iguais. Quando as vibrações magnéticas se repetem continuamente, tornam-se de natureza mais refinada, tal como os átomos da matéria, ao serem reorganizados com maior frequência, e o corpo, semelhante à Terra, possui os seus próprios centros ou pólos magnéticos e elétricos, e enquanto o corpo é afetado em grande medida pelo pólo magnético geral, possui também um centro magnético e correntes elétricas próprias, resultantes da aura nervosa, e são estas correntes as mais frequentemente empregadas nas experiências magnéticas e elétricas do sistema humano e em ligação com manifestações psicológicas.

Pergunta: — Afeta isso a lei dos sexos, isto é, permanecem juntos enquanto sentem a devida atração, e se separam quando sentem que já não são adequados um ao outro?

Resposta: — Refere-se a esta vida terrena ou à vida espiritual? [Resposta — À vida espiritual.] Na existência terrena, a lei que governa os sexos é a da geração, a menos que seja realmente pervertida, exaltada ou transformada pelo intelecto ou pela natureza moral do homem. Na vida espiritual, a lei que governa a associação do homem e da mulher…

…e da mulher são leis que pertencem ao espírito, e embora em certa medida se assemelhem às relações externas, não são de todo iguais, sendo o elo que os une o da atração mental e espiritual; se a atração for puramente do espírito, permanecem juntos para sempre; se for apenas atração de associação externa ou mental, o crescimento gradual de um ultrapassa o do outro, e afastam-se; em todos os casos, quer fraternais quer de outra natureza, a associação é resultado da simpatia e da semelhança de condições espirituais. Não existe vida generativa na existência espiritual, e a relação deve necessariamente depender inteiramente da natureza moral e espiritual.

Pergunta: — Como pôde Cristo realizar milagres?

Resposta: — A lei dos milagres, que significa simplesmente realização de maravilhas, é uma lei distinta e um dom espiritual diferente das leis que governam o ilusionista ou feiticeiro, que empregam meios artificiais para imitar manifestações espirituais genuínas, como fazem os ilusionistas de hoje. Os dons espirituais são o

resultado da harmonia do espírito e do sistema nervoso com as leis espirituais, e atuam livremente quando essa harmonia é perfeita; são impedidos quando interrompidos por falta de harmonia. Recordareis que, em certas ocasiões, Cristo não podia realizar milagres devido à oposição ou incredulidade daqueles em cuja presença se encontrava. Essa oposição produzia positividade da mente e do sistema nervoso, impedindo o exercício dos dons espirituais; é por isso que se insiste tanto no canto nos círculos, quando existe oposição ou incapacidade de interpretar as manifestações.

É tão fácil quebrar uma linha telegráfica ou interromper um comboio ferroviário, mas haveria pouco mérito em fazê-lo. A positividade com que muitas pessoas entram num círculo ou se aproximam de um médium de qualquer espécie interfere diretamente com as manifestações ao produzir agressão. Ora, quando Cristo realizava milagres, os mais notáveis eram aqueles ligados a pessoas de grande crença e à condição recetiva de Jesus, que investia o magnetismo ou influência que era capaz de conceder. Esses dons existiam em Cristo em grau muito elevado, como exemplo típico daqueles que os possuíam em menor grau. Cristo foi capaz de conceder esses dons aos seus discípulos, não por um processo físico, mas desdobrando-os a partir do interior deles; tal como os médiuns de hoje são desenvolvidos, por assim dizer, numa certa condição.

Jesus, como pessoa exercendo dons, desenvolvia outros pela presença e influência do seu desejo espiritual, tendo a sua atmosfera tendência para chamar dos discípulos os dons espirituais com que pudessem estar especialmente dotados, e quando eles falhavam, recordareis que ele os repreendia pela sua incredulidade; pois uma das condições mais sagradas para o exercício dos dons espirituais é que a pessoa tenha fé ilimitada; portanto, os dons que usavam eram apenas o desenvolvimento daqueles dons que já estavam dentro deles. Ele prometeu que, se seguissem as suas instruções e ensinamentos, fariam coisas maiores do que ele, mostrando que os poderes poderiam aumentar com a prática e com o estudo das coisas espirituais.

Pergunta: — O que é miraculoso?

Resposta: — Tudo. O miraculoso é algo que não compreendeis, talvez, quanto ao significado da palavra; no seu sentido genérico significa realização de maravilhas, ou facilidade em certas manifestações. Aquilo é miraculoso que transcende a vossa esfera habitual de observação. Nesse sentido, a própria luz é um milagre, tal como cada árvore e cada folha de erva; não possuís conhecimento real dos métodos da vossa própria vida.

Pergunta: — As coisas que se realizam como milagres contrariam a lei?

Resposta: — Mais uma vez teríamos de definir especialmente de cem maneiras diferentes, pois cada teólogo possui a sua própria interpretação. Não existe violação de lei na realização de coisa alguma, uma vez que tudo é realizado quer de acordo com alguma lei que conheceis, quer segundo alguma lei que desconheceis; existe sempre uma lei para a sua realização. Se alguma coisa se ergue do chão e não existe força física percetível para a elevar, deveis inevitavelmente concluir que existem forças

físicas impercetíveis algures, e que não há violação de lei, mas apenas outra lei não compreendida, de modo que cada chamado milagre, dos tempos antigos ou presentes, tudo aquilo que acontece e difere dos métodos habituais de observação, ocorre de acordo com outro conjunto de leis, para as quais o homem não possui facilidade nem inclinação de observação, mas que existem e se revelam muito mais potentes do que aquelas leis que são mais aparentes.

Pergunta: — Diz-se que Deus fez o homem, colocou-o num sono profundo e fez a mulher usando uma das suas costelas. Depois desobedeceram, foram expulsos do Éden e sujeitos à morte. Por favor, diga-nos o que pensa disto.

Resposta: — Existem apenas duas formas de ler ou interpretar os antigos registos incorporados nas Bíblias hebraica e cristã. Uma é tentar colocar-nos no tempo e posição dos antigos, e em relação com o autor, e considerar o que ele pretendia dizer; a outra é usar o conhecimento imperfeito da época presente e esforçar-nos por interpretar de acordo com o significado atual das palavras. Se fizerdes esta última, não tereis satisfação; se procurardes plenamente a primeira, embora possa exigir tempo, recompensará o vosso trabalho. Qualquer tradução literal do Antigo Testamento, segundo o padrão da teologia cristã, é um absurdo absoluto; mas os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, o Pentateuco, escritos por Moisés na terra de Moabe, eram uma história cabalística ou simbólica de certas coisas que desejava preservar, e que faziam referência a crenças secretas dos Egípcios e Persas.

Algumas interpolações ocorreram nesses livros ao longo da tradução, a tal ponto que o Bispo Colenso considerava que aquilo que é conhecido podia dividir-se em duas narrativas: uma escrita por Moisés, e a outra uma interpolação provavelmente de data muito posterior. Segundo esta visão do assunto, todo o relato da criação se torna simbólico, tendo especial referência aos dias e noites simbolizados; certos nomes usados para representar a ordem da criação; e cada palavra, tal como traduzida, também, segundo a compreensão do homem, pode possuir muitos significados, existindo desde meia dúzia até três dúzias de interpretações diferentes, e, a menos que a pessoa compreenda o simbolismo antigo, não poderá chegar ao significado original pretendido.

Com conhecimento o objetivo que procuramos alcançar, e este relato simbólico da criação referia-se a certos dias (períodos) em tempos passados, nos quais a parte espiritual do universo foi revelada aos antigos Egípcios e Persas e, sendo essa criação um mundo, a principal questão relativa ao tempo do homem está em ordem exata, e o único símbolo que podia ser usado para expressar o tempo foi mal interpretado como dias, significando anos, períodos, ou qualquer ciclo temporal determinado.

A criação do homem e da mulher do *genus homo* na declaração é uma sublime expressão do espírito e da matéria, do contacto da alma com o corpo, e, entendida nessa referência, torna-se a exata afirmação de uma verdade espiritual. Deus fez o homem à Sua imagem; macho e fêmea os criou. A subtil divisão significa que o princípio da alma, entrando em contacto com a matéria, se divide, e o sono, que é a expressão simbólica ou típica da vinda à Terra, era apenas uma condição da natureza

exterior do homem, enquanto o princípio interior era desenvolvido a partir do interior. Pelo estudo cuidadoso e pelo conhecimento do simbolismo encontrareis que a interpretação corresponde exatamente ao facto espiritual em todas as épocas do mundo.

Pergunta: — O comprimento do cabelo beneficia todos os médiuns, ou apenas alguns? E quanto à perda de força de Sansão quando o seu cabelo foi cortado?

Resposta: — O comprimento do cabelo é geralmente uma condição de temperamento ou de saúde. Muitas pessoas supõem sofrer grande prostração física devido a uma abundância excessiva de cabelo. Isto é um erro, pois o próprio organismo não o produziria se não fosse destinado ao uso do corpo físico. A força suposta residir no cabelo de Sansão pode igualmente ser interpretada num sentido simbólico.

O cabelo na cabeça do homem e a aura em redor dela representavam, nos tempos antigos, a força espiritual ou mental; e esta qualificação era suposta pelos antigos residir no cabelo e não no cérebro espiritual; consequentemente, a perda dos cabelos de Sansão era suposta explicar a perda de força; causava, sem dúvida, uma mudança magnética no organismo; mas, numa interpretação mais ampla, Sansão representava não um indivíduo, mas uma nação ou tribo; as madeixas do seu cabelo representavam não os cabelos físicos de um único homem, mas o resultado sobre a natureza espiritual da perda de aspiração através da submissão à tentação — sob as circunstâncias que cercavam o seu povo particular, o poder espiritual era a glória da cabeça, e essa glória sendo cortada, tudo estava perdido — tudo isto era simbólico, a força espiritual sendo retirada dele e do seu povo por conivência e traição.

Através da mudança, evidentemente, a sua força seria totalmente destruída. Lendo todos estes relatos segundo o seu simbolismo, em vez do significado literal, eles são interpretados de forma muito mais apropriada do que pela habitual interpretação literal do mesmo livro.

Pergunta: — O contacto entre os habitantes da Terra e os espíritos desencarnados é regulado, como o ensino desses espíritos a alguém acima de todos os outros na vida terrena, sobre assuntos que se situam dentro do âmbito da experiência terrena?

Resposta: — Certamente que não, se a experiência terrena incluísse o conjunto de toda a possível observação sobre o assunto. Se perguntardes a um espírito acerca de transações ocorridas após a mudança, não é de todo provável que durante muito tempo sejais mais bem-sucedidos do que confiando na vossa própria razão sobre o assunto; pois espíritos de certo grau, ao misturarem-se nessa atmosfera e estarem dispostos a comunicar a esse respeito, também podem estar sujeitos a cometer erros. Se perguntardes a um ser humano acerca de leis relativas à vida física e à ciência externa, ele revela aquilo que não pode ir além do que a fisiologia permite.

É razoável supor que um espírito, possuindo igual conhecimento fisiológico e tendo acesso às forças ocultas do sistema e às leis que constituem essa ciência, possa alcançar a questão e dizer mais definitivamente sobre as leis da saúde e da doença do que a observação externa conseguiria, limitada como esta está aos sentidos externos. Se perguntardes a um espírito acerca da condução dos negócios diários ou dos deveres quotidianos, não é de todo provável, não havendo qualquer questão moral, espiritual ou oculta envolvida, que ele ou ela esteja mais apto a satisfazer-vos, ou que isso vos satisfaça mais.

Mas se lhes perguntardes acerca das leis que afetam a Terra e a atmosfera, eles, estando em contacto com agências mais subtis, e sendo a observação, em todos os sentidos, mais aguçada do que na vida terrena, muito provavelmente poderão dar melhor conhecimento do que aquele que possivelmente podeis possuir. É verdade que não se pretende que os espíritos tomem o lugar da atividade humana nos assuntos humanos. É verdade que o mundo espiritual não pretende realizar o vosso trabalho por vós; também é verdade que podem tornar-se instrutores em questões não ligadas aos assuntos ou coisas terrenas, portanto em propósitos vitais que afetam a humanidade.

As opiniões dos espíritos devem ser ponderadas tão cuidadosamente como as opiniões dos homens; quanto aos factos, se os espíritos forem sábios, defini-los-ão segundo o seu conhecimento e deverão ser tomados em relação aos factos que conhecem. Espíritos sábios não vos dirão que sabem alguma coisa a menos que realmente o saibam; se a sua opinião for expressa, vós deveis recebê-la, e deixar que o resultado subsequente prove se é verdadeira ou falsa.

POEMA IMPROVISADO — "PAI"
(Assunto escolhido pela audiência.)

[Como "Mãe" tem sido tão frequentemente o tema da inspiração poética, a audiência propôs "Pai".]

Nos tempos antigos os deuses, em dupla mão,
Reinavam sobre a Terra em sua amplidão.
Dobrada era a força, sem jamais morrer,
Mesmo do nascimento orbital a nascer.
Desde cedo se ouviu sempre proclamar
O valor do Egipto a revelar.

Jove e Minerva, em igual poder e glória,
Governavam a Grécia clássica da história;
Mas sombriamente anunciavam o declínio fatal
Da vida e da força em seu curso mortal.
"Nosso Pai" foi o nome que Cristo veio dar
Ao Deus da paz que ensinou a amar.

Distinto da ira de Jeová tremenda,
Que reinava em poder de sombra horrenda;

Distinto do Rei dos reis que odiava
O pagão expulso que blasfemava;
Não como súbditos, nem servos em temor,
Mas como filhos guiados pelo amor.

Esta é a palavra viva, doce encantamento,
Cujo nome eleva a alma ao firmamento.
Seja qual for a força ou sabedoria humana,
No Pai repousa a mão soberana;
E se não cai na forma exterior,
Permanece forte em interior vigor.
(O amor materno mantendo o coração aceso e quente,)
A coragem manda com voz veemente;
O Pai governa pela senda da razão,
E se possuir o dom da compaixão,
Seu império será mais vasto ainda então,
Esmagando o temor pela afeição.

Mas se este dom nascer banhado em luz,
Com fortes leis da alma que o conduz,
Ele regerá pela verdade resplandecente,
Guardando o doce amor eternamente;
E através do suave e terno cuidado,
Livrando a Mãe do peso carregado,
Mesmo como ave sobre o ninho a velar,
O canto da vida se poderá escutar.

Mas nos céus acima, para além das estrelas,
A alma parental conhece leis mais belas;
Gerada na carne, embora a dúvida persista,
A sabedoria eterna jamais desista.
Pai da Sabedoria é o nome dado além,
Na morada celeste que a alma contém;
Mas sempre na Terra e no mais alto céu,
O nome da Mãe é Amor — eterno véu.

O IMPÉRIO DO ESPÍRITO

Palestra da Sra. Cora L. V. Hatch, no Dodworth's Hall, Nova Iorque, Domingo à Noite, 8 de Junho de 1862.

O nosso tema nesta ocasião é o Império do Espírito. Todos vós conheceis um reino que é limitado pela imensidão; que é mais profundo do que a eternidade; cujo governante é eterno e cujo domínio abrange toda a criação. Este império jamais caiu, nem pereceu, nem se extinguiu, e contra ele todas as forças da guerra, material e

eterna, têm combatido em vão. As suas muralhas são impenetráveis e, contudo, impercetíveis; e o seu trono e coroa brilham intensamente através da ténue visão do passado, avançando para o longínquo futuro, como quando a Eternidade era jovem. É um Império cujo nome não podemos dizer, cujo governante não é visto, cuja forma não pode ser definida, e cujos símbolos compõem o seu templo; e todas as estrelas e corredores da sua vasta catedral, embora exteriormente invisíveis, existem — e contudo este império está ao vosso redor agora.

Por este Império entendemos aquele poder controlador que controla pela voz, vontade e permissão do poder controlado, e ainda assim cria e modela aquilo que a vontade pode formar. Os sentidos exteriores da humanidade são tais que existe uma relação peculiar entre a forma humana e a Natureza. Onde quer que a forma viva e se mova, ela mantém alguma relação com os objetos exteriores. O corpo recebe alimento da Natureza, simpatiza com essa Natureza e dela retira toda a sua força e poder da Terra, da atmosfera e da luz que envolve a Terra; e a mente humana parece absorver, com maravilhosa afinidade, o facto de que toda a Natureza está unida num misterioso elo de simpatia; e, embora aparentemente indivíduos caminhem pela Terra, movam-se e, se isolados e distintos, exista ainda algum elo poderoso, oculto e interior, ligando todos.

Os sentidos humanos tomam conhecimento das coisas exteriores — todas as classes da humanidade, todas as ordens da Natureza parecem movidas cada uma por um poder separado; e contudo, onde existe uma espontânea similitude de vida, algum elo invisível une algures, que os sentidos não conseguem penetrar. Observamos pequenos átomos de terra, grãos de areia, seixos e rochas, que aparentemente não possuem significado nem propósito e se encontram dispersos; mas no grande vasto da Natureza, procurando encontrar relações entre átomo e átomo, pedra e pedra, até que todos unidos formam a grande Terra habitável — então olhamos para os céus, para as estrelas e corpos celestes, como gemas cintilantes no grande livro real da Noite, e perguntamo-nos o que são; e se observamos o seu curso, a sua maravilhosa passagem, perguntamo-nos se não haverá algo ligando tudo isso; e finalmente a mente, penetrando para além das aparências exteriores, descobre o elo dourado e vê todos eles dotados de vida e animação, como o seu próprio mundo. Os sentidos exteriores bebem apenas das condições materiais do ser, mas a mente bebe de algo mais.

Ora, esta Terra material, que vos parece tão bela e revestida de tão grande variedade de formas e matizes, só é visível através de algum outro sentido além do externo; pois, vede, o mundo é feito apenas de grãos de areia, reunidos em massas — nada além de elementos grosseiros e inúteis combinados rudemente, por vezes em formas, por vezes em árvores, aves e flores, apenas outras combinações dos mesmos elementos materiais grosseiros; e a visão exterior nada percebe neles além de uma massa de confusão e caos; seres sem propósito ou objeto — paisagens, mares, etc., todos pertencentes ao grande reino da Natureza.

Mas, mais profundamente, sob a superfície, encontramos uma rede ou algo impercetível e contudo palpável, que é mais do que um grão de areia — mais do que o grande monte de rochas ou a montanha, que aterrorizaria os sentidos exteriores —

mais do que a simples casca e fibras das folhas da árvore, que podem ser destruídas num instante; ali existe uma vida — essa vida alcança, na cadeia do ser, desde a forma mais baixa de existência até à mais elevada, e essa vida é aquilo de que falaríamos. Vede, onde se encontra? No espaço, longe das estrelas, onde não existe coisa viva e nada existe, no ilimitado? Onde poderá ser encontrada? Em algum clima distante, radiante e belo com esplendor material, adornado com dez mil miríades de gemas, mais belas do que a vista da Terra? Onde está este Império de que falamos, localizado?

Jesus de Nazaré disse: "Deus é espírito, e aqueles que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade." E novamente disse: "O reino dos céus está dentro de vós." Onde deverá esse espírito ser encontrado, ou onde havemos de procurar para encontrar o seu império? Podemos explorar o universo em vão; pois, se olharmos para além das estrelas, nada encontramos além de espaço infinito. Se olharmos para as estrelas fisicamente e medirmos e compreendermos os seus cursos, procuramos em vão; pois este reino não é material. Se observarmos cada departamento da Natureza e o percebemos nas suas relações físicas, não encontramos o reino de que falamos; mas se olharmos para a alma e a vida humanas, encontramos um reino superior a toda a matéria, e que é o Reino e Império do Espírito.

Definiremos, portanto, este espírito como aquilo que impregna a vida da Natureza; que não está obstruído nem dependente da matéria, mas a define através da matéria, e é aquilo a que chamais vida, num sentido geral e material; é aquilo a que chamais Deus, num sentido divino — Jeová. Esta regra espiritual governa pelo poder do seu próprio ser e, para onde quer que penetreis, por qualquer profundidade da Natureza, compreendereis talvez os mistérios da Ciência, mas a menos que analiseis a Natureza pelas leis do espírito e compreendais os seus princípios, nada tereis alcançado em direção à Ciência nem compreendido algo do Espírito da Criação. Pois este espírito constitui a mais elevada vida do homem; e a mente é dada como concentração deste espírito na forma de alma, para que a mente possa olhar para a Natureza e, por detrás de todas as imagens da criação, ver o Império do Espírito dentro da alma. Em que consiste este império? Vejamos.

Ele possui o poder de Deus, que é ilimitado. Atravessa toda a Natureza, de átomo em átomo, de reino em reino, da vida material, através do mineral e do vegetal, por todas as formas e sistemas de vida, e avança para o grande ser do mundo inteiro, e por isso é marcado sobre tudo o que foi criado como uma imagem de si mesmo. Ninguém pretende dizer que o espírito ou mente do homem poderia reconhecer Deus na Criação, a menos que esse espírito existisse suficientemente na alma para fazê-lo saber o que era semelhante a si mesmo; e se não pudesse, por um instante, supor que esta criação exterior estivesse dotada do mais leve uso, forma de perfeição, mas pelo espírito olhando da alma humana sobre a Criação.

Que beleza existiria então, sem isto, na rocha que geme, ou na árvore? Que seria o lago senão uma extensão líquida sem vida, atraindo apenas a visão? Que seriam a paisagem, o mundo sem vida? Que seriam todas estas coisas, senão o espírito dentro do espectador, falando à alma do objeto — seja o maravilhoso pasto, a encosta

arborizada, o riacho cintilante — e clamando: “Eu estou aqui”, recebendo em retorno o eco do espírito através de todas as fases da Natureza.

O olhar não vê a paisagem, nem o azul profundo dos cumes das montanhas, nem as águas distantes, mas vê a imagem desse espírito que se lança nessas substâncias e compreende o seu significado e criação. A visão exterior nada apreende além daquilo para que está dotada de perceção interior. Mais profundamente ainda: a alma é o palácio ou trono do qual toda a Natureza é o império — é o templo, o altar sagrado do espírito que governa toda a criação, e Deus, o espírito a quem chamais divindade, e que é o próprio amor, vem a esta alma e, sacudindo o pó dos pés da vida exterior, toma sobre si o corpo. Dentro da alma humana existe altar e santuário do espírito, mas o seu império está além.

Alguns poderão conceber o Império e chamá-lo céu, e dizer que Deus, o espírito da criação, habita numa terra distante, separada de toda a criação por muralhas de ametista e pérola, com portões de esplendor e pavimentada de ouro; que ali Se encontra entronizado em glória e governa pela majestade do poder e da ira, o mundo movendo-se apenas segundo a Sua vontade; mas o nosso império não deve ser assim delimitado. Olhai para o vosso firmamento estrelado e, quando julgais ver o fim deste império, entre essas incontáveis miríades de mundos, todos maiores e povoados por seres mais nobres do que os vossos, ainda assim não avançastes um só passo além daquilo que se encontra para lá: o Infinito, sem limites, composto de mundo sobre mundo e constelação sobre constelação, pois é este império, o espírito, tudo abrangendo e poderoso, que habita dentro de tudo e governa o todo.

Pode parecer-vos estranho que um corpo tão pequeno, comparativamente como a Terra, se mova segundo leis fixas e que isso cause oceanos e vá para vosso benefício, e contudo esteja cheio de tantas formas de beleza e de mente, dotado de tão elevada inteligência, que o espírito se erga acima e tente encontrar o seu autor; e ainda assim todos estes elos conduzem à insignificância, e a grandeza de toda a criação parece inteira nos embriões, ou nas menores partículas de pó, quando comparadas com o esplendor régio do império de que falamos.

Acrescentamos ainda que tudo isto não está desligado; que a Terra, embora pequena, não está separada dos muitos mundos maiores no espaço, mas através do todo existe um elo unificador — nenhuma separação de partes — mas uma grande cadeia do ser espiritual, ligando Deus ao homem. Esse espírito é Deus, e o mesmo Deus que habita na estrela mais distante — demasiado distante para ser alcançada pelos sentidos exteriores — é também o Deus que habita para além do vosso entendimento mortal, mais elevado do que a mais alta compreensão, e é ao mesmo tempo o mesmo espírito que anima o mais humilde átomo da Terra e é grande até na insignificância. Este espírito, tão grandioso e glorioso na totalidade, parecendo tão divino que não pode deter-se para contemplar os seus menores domínios, está dentro do mais pequeno átomo que compõe a Terra, e Deus é o espírito, majestoso e poderoso, mas não demasiado grande para habitar a menor folha trémula.

Quando os homens tentam comparar-se uns aos outros pelos seus reinos e tronos, os pequenos brinquedos e bonecas das crianças terrenas, pensam ser demasiado grandes e sublimes para falar até aos seus semelhantes, muito menos para notar os humildes elementos terrenos dos quais derivam o seu ser; mas o Soberano do nosso Império não é demasiado grande nem demasiado nobre para não poder descer às formas mais humildes da Terra e habitar nelas com tanta beleza e arte elaborada como no maior mundo que orna o espaço.

Não, é em todos os detalhes que este império se compõe; de grãos sobre grãos de areia, de camada sobre camada de minerais, de árvores, cada uma das suas folhas tão elaboradamente esculpida como a obra do escultor mais engenhoso, ou imagens e formas belas, embora diminutas, como aqueles insetos alados, para produzir um mundo onde o ser humano possa viver durante uma vida inteira, e então esse mundo parecer sem vida.

Assim prosseguimos até ao ser supremo, o homem. Na sua elevada magnificência e perfeição, apresentando uma imagem de tudo o que está abaixo, e contudo lembrai-vos de que sois apenas uma pequena Terra, que é apenas uma parte do infinito império. Podeis lembrar-vos quão profunda e perfeita é a obra do espírito — que permeia não só a Terra, que é um átomo, mas toda a criação; e então podeis admirar-vos que a alma, que parece possuir alguma ténue vislumbre do que é, procure romper as suas barreiras e descobrir a morada deste espírito? Mas não procureis demasiado longe; podeis tropeçar e cair. Tão elaboradamente como o templo da Natureza é decorado, elevando-se tão alto quanto os arcos do Céu, grandiosamente afrescado nos seus tetos e paredes — que são todas estas muralhas e corredores, e esses altares e templos cujas cúpulas se erguem para além da visão do sentido material, cravejados de joias vivas? De onde, e para quê, foram feitos? Porque respira este espírito nas inspirações da Natureza, enchendo a Terra de formas e imagens de beleza? Porque veste as estrelas com trajes de esplendor? Responderemos.

Embora a Natureza exterior proclame a glória do Criador, embora cada folha e árvore esteja cheia de beleza, embora as aves elevem os seus cânticos alegres de louvor em resposta à luz, embora as árvores entoem um solene agradecimento para sempre nos cumes das montanhas, embora o riacho para sempre cante na sua alegria, e o oceano devolva o seu eco de louvor, existe um propósito ainda mais sublime para o qual tudo isto existe. Deus, o Espírito e Império da criação, dotou a alma humana, tal como a Si próprio em aptidões, e mais do que toda a restante criação, elaborou-lhe poderes e faculdades e concedeu-lhe a mente mais elevada e divina.

Enquanto a Natureza e a Criação são apenas os templos nos quais as almas e pensamentos de Deus, os seres humanos, devem adorá-Lo, Deus concedeu à alma atributos aliados aos Seus próprios para que ela possa contemplar o templo que Ele fez e reconhecer o Supremo Arquiteto; é a alma que faz isto, que percebe o Espírito, reconhece os elos de dentro para fora e de fora para dentro. O canto do poeta é apenas uma resposta à voz da Natureza em reconhecimento do mesmo espírito existente dentro de si.

O escultor trabalha o mármore ou a pedra porque procura moldar algo semelhante àquilo que vê fresco da mão da Natureza. O artista lança as suas tintas sobre a tela apenas porque vê aquilo que o seu Criador fez e desejaria imitá-lo com a sua mão fraca e débil. Mais ainda: embora o pensamento humano não possa governar coisas materiais nem insuflar vida à pedra fria, nem pintar com a vida da Natureza material, a alma pode crescer e aquecer sob a influência do Espírito, e cada atributo da mente é mais delicadamente e ansiosamente elaborado do que todas as formas da Natureza.

Existe, na produção de todas as mais elevadas formas de pensamento, no despertar do espírito de devoção, no elemento religioso da oração, nas elevadas formas de fé, esperança e amor, a criação suprema da mão de Deus, e as formas exteriores da Natureza caem em insignificância comparadas com estas. Se Deus governa no império da matéria, quanto mais no Império do Espírito, que está tão íntima e infinitamente ligado a Ele. Se Deus está em cada grão e átomo que não pode mover-se sem o Seu sopro, que pensais da vida do Espírito, que nasce d'Ele e é como a Sua própria? Não! a alma não poderia, por um instante, pensar ou existir sem a presença desse espírito. Pensai: não é na tristeza, nem na alegria, nem nas ideias de ambição, nem nos feitos do intelecto, que tendes removido este espírito de vós, que este reino se afastou e vos deixou a girar na glória do ser individual.

Não mais do que um átomo poderia viver sozinho no espaço sem um mundo no qual agir e reagir, poderia o pensamento viver na mente um instante, ou uma ideia surgir da alma humana, sem a presença e sopro deste espírito. Não, é a própria vida da vida. "O reino dos céus está dentro de vós", e enquanto vemos as indicações da presença e mão de Deus espalhadas ao redor, devemos olhar para o espírito do homem em busca da presença absoluta da divindade. Oculto embora esteja, enterrado sob formas exteriores, esse espírito está ali, pensando, agindo e vivendo em todas as formas de vida, adaptando-se impercetivelmente a vós e a todas as mudanças da existência material, usando a coroa da mansidão mas cheio de dignidade e poder. Ele urge não por um sentido exterior, mas inspirando, guiando e conduzindo; governa e dirige a alma. Conduz-nos através da turbulência e da dor até às alturas da verdade e da liberdade.

O Império do Espírito é toda a Natureza, o seu altar e santuário estão dentro da alma humana, e a cada coração é dado um encargo sagrado; cada mente é tocada pela bênção régia e divina.

Lembrai-vos disto, e lembrai-vos de que a vossa própria alma é de descendência régia — que o Santo dos Santos está dentro, e não fora; o templo da mente, e cada pensamento, poder e inspiração divinos, não são como um grão de areia, mas como uma preciosa porção de ouro, ou como uma gema sagrada e bela, retirada do tesouro oculto da alma. Pois sem esse espírito, as formas ao vosso redor, os seres vivos que constituem essa grande humanidade, seriam inúteis e inertes. Sem esse espírito, essas qualidades que parecem tão grandiosas e tão elevadas acima da natureza material seriam nada e não teriam existência, e tudo aquilo que torna a humanidade viva, e os próprios seres humanos existentes, salvar-se-iam apenas nas formas materiais da

Natureza. Sem esse espírito e reino dentro da alma, a religião seria um sonho vazio; e a fé na imortalidade, e a consciência do divino, seriam de facto tão vagas e sombrias como alguns professam pensar. Sem esse espírito, o pensamento, que percorre todo o espaço e tempo como uma luz brilhante, teria sido sepultado no esquecimento há muito; e os seres humanos viriam e partiriam, sem deixar rasto, como pequenos insetos.

Sem esse espírito, não existiriam conceções de verdade, bondade e amor — tudo aquilo que pertence à mente divina, à humanidade e ao próprio ser — seria um caos vazio e negro. Sem esse espírito, amigo não poderia falar com amigo — pai, irmão e irmã seriam meros fantasmas exteriores, desaparecendo no esquecimento. Sem esse espírito, as nações não se ergueriam nem cairiam, nem existiria, na marcha do tempo, algo acima do mero mecanismo externo. Sem esse espírito, não haveria aspirações, nem esperança lutadora, nem palavra que despertasse a vida, fortalecesse, guiasse a ambição, nem fé elevada; mas tudo seria morto, frio e negro. Pensai, mortais, que a vossa mente pode viver, por um instante, sem esse ser e mente dentro de vós e ao vosso redor — um ser sempre vivo, inspirando todos os pensamentos. Deus está tão próximo de toda a vida como a própria vida do ser. Deus é tão essencial à respiração da alma como a atmosfera à sustentação do corpo físico.

Vistes o esplendor terreno desaparecer, como a erva dos campos; vistes as nações erguerem-se e caírem; ouvistes os cânticos dos templos feitos por mãos humanas, e vistes os seus altares derrubados aos pés das revoluções que destruíram reinos poderosos; mas aquilo que nunca vistes, e jamais vereis, é o Império do Espírito vacilar e cair. Acima das mudanças do tempo, acima do choque e do estrondo das armas, acima do ribombar das rodas do carro do conflito, ouvis os ecos dos pensamentos que viveram, que ousaram ser pronunciados e escritos, e embora os nomes dos seus autores possam ser esquecidos, ainda assim vivem nas páginas do tempo e estão inscritos no catálogo da história — brilhando no firmamento do pensamento e tornando-se cada vez mais luminosos com o avanço do tempo.

Nunca vereis o império do espírito cair, embora de tempos a tempos a espada do ceticismo e da dúvida, dentro do seu contacto e influência duradoura, ainda permaneça imutável e fixo, como quando a eternidade parecia estar na sua aurora, embora agora possa ter alcançado o seu zénite, segundo a vossa opinião. Nunca ouvistes falar de espíritos sendo destronados, pois as lendas de guerra no céu e de poder dividido não são verdadeiras, e a alma dá-lhes origem ao remetê-las para a fonte material de onde provêm. Não, o império do espírito permanece supremo e perfeito, e a coroa sobre a sua fronte brilha tão intensamente como o pensamento da humanidade exaltada.

O templo e santuário do pensamento são hoje supremos e gloriosos. Os domínios materiais podem perecer com a primeira revolução, mas vós imaginastes um império na vossa própria alma — algo dentro de vós que pode crescer e crescer por verdadeira conquista, até ser limitado apenas pelos confins da verdade e do conhecimento — um templo e santuário de religião e justiça, radiante com tesouros vindos do trono da Natureza e dos cumes montanhosos da sabedoria espiritual; e vós, partícipes deste espírito régio da infinidade, passareis como um exército conquistador, vencendo a luta,

o mal, tudo aquilo que pertence à Terra e ao tempo, até que alcanceis, usando as vestes brancas da majestade e do poder, o próprio Império do Espírito.

Curvai-vos diante deste altar; ele não está distante, mas dentro de vós; e ao redor dele cantai todos cânticos de louvor e gratidão para sempre ao Império do Espírito, e unir-vos-eis àqueles entes amorosos que já passaram para outra parte desse reino, permanecendo ligados a eles nas moradas eternas, tudo dentro deste império; e ascendereis às alturas do conhecimento, e de mundo em mundo, e vereis com que maravilhoso poder são controlados; e compreendereis todos os mistérios — todas as leis da criação material tornar-se-ão claras e belas nesse império. E conhecereis o Supremo Governante, e a Ele será atribuído todo o poder e glória para sempre, e vós O louvareis sem cessar, porque só Ele é grande. E embora a arte e a Natureza possam desaparecer, continuareis a viver no Império do Espírito. O tempo não o pode afetar, nem a morte terminá-lo, nem o espaço encerrá-lo, mas tudo será infinito, glorioso e divino, no Império do Espírito.

A MINHA RELIGIÃO,
PELO ESPÍRITO DE THOMAS PAINE

PROFERIDA EM CHICAGO, DOMINGO, 28 DE MARÇO DE 1886

Acreditava numa inteligência Infinita e soberana, e esperava pela vida imortal; esse era o meu credo quando na terra caminhava e falava com os mortais; a minha religião era o amor ao Criador expresso no amor e nas boas ações para com a humanidade, e em quase um século de tempo terreno no estado espiritual não tenho razões para mudar a minha crença ou as minhas convicções religiosas. A inteligência Infinita e soberana não se manifesta apenas em todas as obras visíveis da criação, naquilo que demonstra matemática e cientificamente a inteligência, mas é mais do que manifesta na capacidade da mente humana para perceber a lei ou ordem que o universo revela.

Com credos moldados pelo homem nada tenho a ver. Com fés baseadas na interpretação humana nada tenho a ver. Com todas as variadas formas de pensamento religioso no mundo, só tenho a ver com aquilo que é verdadeiro. A verdade é a minha revelação, e a verdade é o meu intérprete de Deus e da sua vontade para todo o sempre. Onde quer que eu encontre a verdade, essa é a palavra escrita de Deus para

mim, e se a minha mente não for capaz de a perceber, devo então, com todos os poderes de pensamento que possuo, despertar a inteligência que me permita perceber essa verdade. O poder vivificante do amor Infinito manifesta-se de igual forma em todos os sentidos, mas o poder de perceber esse amor depende das condições humanas, das circunstâncias humanas e das conquistas espirituais individuais.

Não conheço outra forma de servir e adorar a Divindade senão reconhecendo, na minha capacidade mental, as leis que governam o universo, e reconhecendo as leis que governam a vida humana nas minhas relações com a humanidade. Não conheço adoração mais elevada do que aquela que se concede nas vidas do género humano ao fazer o bem aos outros; ao procurar ajudar aqueles que são mais infelizes do que eu; ao esforçar-me por todos os meios possíveis para superar as sombras da infelicidade que possam cercar a humanidade. Mas um século de perceção espiritual, e grande parte desse tempo numa existência que é independente da dor material e da alegria material, permite perceber mais de perto as fontes das coisas; analisar mais claramente a relação de mente para mente, e de espírito para espírito.

O homem é limitado na sua perceção da humanidade pelos seus sentidos físicos, e as aparências materiais da vida muitas vezes engolem a realidade mais profunda e divina; enquanto os cuidados e dores diários da sua existência, a rotina cansativa do trabalho, a perseguição da tirania, o cativeiro imposto por escravidões de todos os tipos, devem fazer com que o homem pareça, temporariamente, a presa e a vítima das circunstâncias que o cercam.

Mas que isto não é uma verdade final é evidente pelo facto de que, de forma constante ao longo de todas as eras passadas, o homem tem crescido para condições mais elevadas de desenvolvimento; de que os governos humanos se tornaram mais sábios, melhores e mais avançados; de que a vida humana, no seu conjunto, representa um propósito moral mais elevado e um grau mais amplo de inteligência; e de que a servidão humana se está a tornar cada vez menor à medida que o esclarecimento toma o lugar da ignorância, o sentimento de bondade toma o lugar do egoísmo, e o despotismo humano desaparece rapidamente diante da luz dessa verdade de que a própria humanidade é a representação mais alta e divina da Divindade na terra.

Movo uma guerra incessante, como outrora, contra todo o tipo de despotismo humano; para sempre a minha voz clama contra todo o tipo de tirania, e essa força que se estabelece como direito na terra devido à proeza física, deverei para sempre, em qualquer mundo ou estado de existência, condenar e censurar. Embora mova guerra contra o absolutismo real, contra o despotismo que exerceria domínio sobre a vida humana, não é contra o rei ou governante individual que estou a guerrear — ele pode ser o escravo mais humilde, o objeto mais deplorável — é contra o princípio que devo lutar para sempre. Embora mova guerra contra qualquer homem que se coloque entre

Deus e o homem, guardando a consciência do homem, não é o padre, nem o prelado, nem o homem externo que condeno; é o princípio dessa hierarquia que afirma arbitrar entre a consciência do homem e a Divindade que é a fonte de toda a consciência e excelência moral.

Não tiraria de nenhuma vida humana um amparo ou apoio necessário, não tiraria de nenhuma criança as rédeas de orientação de que necessita; nem tiraria da humanidade qualquer conhecimento, ajuda ou assistência para um conhecimento mais elevado e um crescimento mais nobre. São apenas as amarras que eu tiraria, apenas as algemas e grilhões, apenas as correntes forjadas pela ignorância, e só faria isto na hora em que o homem estivesse preparado.

Mas se alguém não erguer a voz quando o pensamento lhe surge; se, tendo uma ideia de liberdade, um homem não a expressar; se, compreendendo o que considera ser uma verdade, não lhe der expressão; se, sentindo que os grilhões estão errados e as correntes são inúteis, um homem não se levantar para os quebrar da humanidade, então ele é o maior escravo por se manter em silêncio conhecendo qual é a verdade. Mas em todas as coisas creio que a mente e o espírito do homem são capazes de julgar as matérias que dizem respeito à liberdade humana, ao esclarecimento humano e ao conhecimento daquilo que é divino.

Para além dessa razão, que é o guia externo do pensamento humano, existe o impulso divino que vem do interior; de um reino do qual eu tinha pouco conhecimento quando estava na terra, mas que agora é a realidade divina do ser, a saber, o reino da intuição, o reino do espírito, a natureza interior e mais divina de cada ser humano que determina para ele o que está certo, que lhe declara a verdade, que lhe revela o caminho mais alto e nobre. Lembrem-se, nisto tenho em conta que a consciência humana é frequentemente pervertida pela educação, que la consciência de cada nação ou classe de pessoas está sujeita a ser aquilo que a educação do desenvolvimento moral e intelectual da nação justificar.

Estou também ciente de que, conscientemente, muitos atos atrozes foram praticados na história da raça humana; sob o mandato do zelo religioso, ou daquilo que parece ser o impulso da mais alta consciência, homens foram condenados à morte. O potro de tortura, a guilhotina, o carro da inquisição, o massacre dos Huguenotes, as perseguições, tanto de protestantes como de católicos romanos, todos os terrores que foram acumulados sobre os primeiros cristãos, e que estes, por sua vez, acumularam uns sobre os outros, entraram na categoria de atos praticados em nome da consciência; mas a consciência é apenas o registo do sentido moral e religioso da comunidade. Mais profunda do que esta é a perceção espiritual que, independente da educação, reteria as mãos do homem, ainda que impelido a atos de violência pela sua crença.

Muito se confunde com religião sendo apenas fanatismo, e muito se confunde com fanatismo sendo o pensamento mais puro e claro do mundo. Os homens julgam-se uns aos outros a partir dos seus pontos de vista individuais; nações inteiras pereceram pelo julgamento do seu povo, devido à visão oposta que cada um tomaria sobre a simples proposição do certo e do errado, e todo o mundo e a sua história apresentam, por isso, a colisão entre partes opostas e contentoras, nações opostas e contentoras. A verdadeira base de tudo é o egoísmo humano, a cupidez e a ignorância, e a estas devem ser atribuídos os resultados.

Lembrem-se de que nunca culpei nada que pudesse passar por verdadeira religião pelos atos de violência que o homem pratica contra o seu semelhante; lembrem-se de que nunca considerei a inteligência Infinita responsável pelos atos de violência que o homem pratica contra o seu semelhante; e lembrem-se ainda mais de que considerei responsável cada espírito humano na proporção do seu crescimento e desenvolvimento moral; mas existe uma lei mais profunda do nosso ser: não devemos culpar o Infinito por aquilo que nos parece horrível, nem acusar a humanidade de duplicidade e ignorância deliberada porque a humanidade não consegue compreender a verdade mais alta e divina.

A lei da vida humana é que a raça começa na cegueira e na ignorância, sem conhecimento daquilo que a rodeia, mal tendo um impulso da mente ou da razão com que medir o que a cerca; eles devem crescer em conhecimento, devem alcançar a sabedoria, devem descobrir pela experiência essa luz que os há de guiar. Todos os caminhos estão fechados para a criança, ou para a infância da humanidade, mas por graus lentos a criança conquista a sua fraqueza física, torna-se capaz de dominar a sua forma física; depois o poder mental avança com os seus vários esforços, a criança torna-se homem, e o homem realiza a sua existência terrena. Na infância da raça, todos os caminhos parecem fechados à humanidade, para que ele possa encontrar o único caminho que conduz a uma perceção clara do que é.

Ele não é dotado da sagacidade do elefante, do cavalo ou do cão; as feras do deserto selvagem têm mais instinto do que ele. Não é dotado de perícia em nenhuma direção específica da vida; no seu estado nativo, começa pela experiência, e o algo que está dentro dele, que está além da experiência e é superior à forma na qual está colocado, é incapaz de receber todas as impressões que la vida material pode causar.

Muitas mentes materialistas declaram que todas as impressões vêm do mundo externo, mas é absurdo creditar a matéria por causar impressões sobre a matéria daquilo que está além da vida material; a menos que houvesse algo que tivesse preparado a mente do homem para receber essa impressão, nenhum conhecimento poderia ser ganho pela experiência, e é precisamente esse algo que torna possível que as experiências da humanidade sejam valiosas; que reconcilia o homem com os vários

estados e graus de imperfeição em que o mundo tem sido encontrado. A história, vista apenas do ponto de vista da vida material, é uma monstruosidade.

A humanidade, vista apenas do ponto de vista dos sentidos, é uma excrescência, e a terra teria feito melhor em produzir como fruto final a ordem de seres que se diz estarem abaixo do homem; mas vista do ponto de vista da inteligência, e compreendida a partir daquilo que vem de dentro da vida e prepara os sentidos para receber essas impressões, toda a história humana se torna uma série de lições de experiências que deixaram a sua marca indelével na vida humana, e entregaram ao século dezanove do tempo humano toda a riqueza das nações históricas do passado.

Têm a sabedoria de todas as eras de onde colher; têm a experiência de todas as nações anteriores; têm o registo e a história de todos os erros da chamada civilização; reis e governantes entregaram-vos os mandatos da sua proeza e afundaram-se na escuridão. Nações e impérios ergueram-se e caíram com base no poder material, deram as suas oferendas à vida de Mamon; mas o género humano pode observar qual foi o seu destino.

Toda a raça humana marchou continuamente em frente, desde a debilidade da primeira perceção do pensamento infantil até à grandeza e glória das conquistas da ciência, da arte, da inteligência e da excelência moral e política de hoje. No passado, procurámos reunir as verdades das maiores mentes; curvámo-nos diante do santuário de Confúcio; adorámos no altar de Platão; tornámo-nos um com os grandes mestres da antiguidade; seguimos na linha do pensamento cristão — não o pensamento da teologia cristã, mas o pensamento da humanidade cristã.

A verdade, ninguém a pode reverenciar mais do que aquele que vos fala, e atrás de nenhum véu, nem santuário, nem altar recusaria entrar onde a verdade estivesse para ser encontrada; mas se for à luz do dia, se for sob as estrelas do céu, se estiver velada nos maravilhosos mistérios da natureza, se for revelada no coração humano ou ao entendimento humano, eu também a encontraria ali.

Os meus mestres são os sábios de todas as eras; aqueles que procuro emular são os grandes e bons de todos os tempos. No reino do espírito, aquilo que é valioso na vida humana não é o número de vitórias materiais alcançadas em batalhas, não são as conquistas de reis e governantes uns sobre os outros, não é a guerra entre exércitos contentores, nem sequer a guerra entre mente e mente, mas sim a medida da verdade humana, a medida da justiça humana, la medida da liberdade, a medida daquilo que promete para a humanidade as dádivas mais altas e divinas.

Se me perguntarem: qual é o meu livro de revelação? Direi: toda a verdade que foi revelada ao homem pelo conhecimento e amor do Infinito. Se me perguntarem: em

que templo adoro? Declarar-vos-ei que adoro no templo do universo, que o meu altar e santuário estão dentro do espírito, que a alma dessa vida, cuja manifestação é apenas debilmente feita na forma humana, é o verdadeiro santuário e altar onde me curvo. Se me perguntarem: quais são as minhas oferendas de louvor? Direi: as obras débeis que possa fazer pela humanidade, os esforços que possa fazer para erguer os oprimidos, as verdades que me são dadas a expressar — estes são o meu louvor. Se me perguntarem que ritual de serviço aceito? Digo nenhum, exceto a voz do amor onde quer que seja proferida, a voz da verdade onde quer que seja encontrada, e esse ritual que serve para avançar a condição da humanidade, ao erguer o género humano para tomar conhecimento do Amor Divino.

Façam os vossos santuários visíveis onde escolherem, dobrem os vossos joelhos diante de qualquer altar que reivindique a vossa devoção, sirvam o vosso Deus de qualquer forma que vos agrade; mas se não servirem a humanidade, o vosso serviço é em vão. Construam os vossos templos tão altos quanto a cúpula de São Pedro, tornem os vossos pilares tão elevados quanto os tribunais, mas se não amarem os vossos semelhantes e não buscarem, todos os dias, algo que os eleve, os vossos templos desmoronar-se-ão em pó, e nada restará do vosso serviço.

Em Éfeso havia um templo consagrado — nenhum historiador sabe a quem; foi incendiado pelo zelo de um jovem que se tornou famoso por causa desse zelo. No Egito existem monumentos e túmulos — ninguém sabe dizer com que propósito primordial foram erguidos —, no entanto, a humanidade que se pretendia servir com esses monumentos passou para o estado mais elevado e divino, enquanto estas ruínas que desabam e apodrecem — agora que a mão do tempo e a mão do homem se uniram para as demolir — passarão e serão esquecidas. Todas as antigas cidades e magníficos templos erguidos às divindades que o homem adorava desapareceram, mas o pensamento da verdade permanece perfeito e divino.

Na Grécia, as obras de arte, os monumentos às divindades da mitologia, toda a reverência e homenagem prestadas a meras imagens formais de devoção deixaram de existir, mas Platão permanece, um pensamento vivo, e cada era constrói cada vez mais monumentos de vida humana ao seu poder insuperável. Em Roma, todas as coisas pereceram, mas o sentido dos sábios, dos grandes e dos bons ainda habita convosco.

Os vossos altares passarão, os vossos santuários cristãos desmoronar-se-ão em pó, e os templos erguidos e dedicados por mãos e vozes humanas à adoração de Deus desaparecerão inevitavelmente no decurso do tempo, mas qualquer pensamento ao qual tenham dado fé, quaisquer atos de amor ou de ódio, qualquer bondade ou qualquer cobardia que tenham manifestado: estes permanecerão e, no templo das vossas vidas individuais, no santuário e altar dos vossos espíritos, estes confrontar-vos-ão para sempre. Os homens constroem a sua habitação eterna; a luz que está

dentro de vós torna-se cada vez mais brilhante, ou as sombras obscurecem cada vez mais o brilho.

O que acontece aos tomos escritos e aos vastos volumes do pensamento humano, ou aos templos erguidos à imagem humana, se a vida dentro do homem for negligenciada e profanada? Clamo por essa humanidade que, pedindo admissão às portas do Templo da Vida, descobre demasiadas vezes que estas estão fechadas devido à privação, à pobreza e ao pecado. Clamo pela humanidade que, sendo ignorante, não é sustentada pelo conhecimento; sendo fraca, não é amparada pela força; sendo impotente para fazer o que está certo, não é adequadamente ajudada; não conhecendo a forma de adorar e louvar, não conhece o nome do poder vivo que está no alto, a saber, a Verdade, a Sabedoria e o Amor Divino.

Os edifícios em ruínas das dinastias materiais não passam de protótipos físicos das formas decadentes de adoração superficial, de louvor externo. O homem não precisa de templos vastos que custam milhões de moedas para louvar a Deus; ele precisa que o órfão seja alimentado e vestido, precisa que a humanidade seja ensinada, precisa que as vastas multidões que povoam a terra sejam devidamente abrigadas, e precisa mais do que isso: que o espírito da Verdade e do Amor entre nos seus corações, em vez do nome da religião.

O homem não necessita de serviço externo com que articular o nome de Deus. Se tem palavras para falar, que sejam palavras de conforto, sabedoria, inteligência e ordem; o homem não precisa de nenhum ritual escrito com que declarar a sua intenção ou louvor; o silêncio do seu espírito proclama-o através dos atos das suas mãos, dos pensamentos da sua mente e das palavras da sua voz.

O poder da Verdade é uma presença palpável no mundo; destrói altares, templos e santuários quando estes já não servem a humanidade, e no coração humano é incorporada, aquando da sua queda, a luz daquilo que é divino e perfeito.

Hoje, o mundo cumpre a profecia de há um século, e a sociedade humana está a seguir rapidamente essa culminação que faz do verdadeiro espírito da religião a vida que está dentro do homem. Posso dizer-vos qual será a religião do futuro dizendo-vos as esperanças da humanidade; posso declarar-vos qual será a adoração daqui a cem anos declarando-vos quais são as mais altas aspirações e profecias da vida. Os poetas sonharam-no e cantaram-no, os filósofos afirmaram-no, e os inspirados de todas as eras deram ao mundo a voz dessa religião última e divina que o género humano há de seguir.

É uma religião moldada sem credo nem dogma, não limitando a consciência de nenhum homem aos grilhões de uma única amarra de fé, mas ligando-a apenas pela lei

dessa verdade perfeita que, como um cristal claro e brilhante, derrama o seu caminho através de cada sombra e revela a substância de que é feita. A religião do futuro não exigirá padres para os seus oráculos, mas será a voz escolhida da humanidade designada para dizer a verdade; não exigirá claustros, pois os homens terão aprendido a vencer a tentação, e não a fugir dela; não exigirá instituições de teologia, pois a palavra do conhecimento será falada em todas as escolas, e toda a vida humana será a turma de finalistas; não exigirá oficiais da igreja, pois o guia da adoração do homem serão as suas próprias intuições e a voz que está dentro dele; não exigirá templos, pois todos os templos que forem então construídos na terra serão para o benefício do povo.

Vastos e admiráveis serão, onde o louvor humano e o cântico humano se erguerão, onde atos de amor e beneficência serão as oferendas, onde aqueles que estão aflitos serão confortados, onde aqueles que são fracos serão fortalecidos, onde aqueles que são débeis e enfermos serão amparados e abrigados, onde todos virão prestar homenagem e tributos de júbilo e de ação de graças, enchendo o mundo com os seus cânticos de louvor.

Os governos humanos não precisarão de invocar o nome de Deus quando partirem para a guerra cristã (?), pois o nome de Cristo não será então o sinónimo de tudo o que tem sido errado e assassino; haverá apenas a lei do Amor, não haverá guerra, a mente humana desdenhará recorrer à força quando o pensamento estiver no mundo, e a integridade humana será o penhor e o vínculo entre nações e nações. Não haverá então demarcação de linhas nacionais — aquilo que é "meu" e aquilo que é "teu" — haverá o ar livre do céu, o brilho do sol radiante, a terra verde e ampla, as montanhas e os vales.

A economia política será internacional, as leis que governam as nações serão leis de proteção mútua e de paz mútua, a guerra será desconhecida porque o egoísmo e a disputa não estarão no topo, e o código das nações será o código da liberdade, da justiça, da honra e da paz.

Sei qual será a religião do futuro, vejo-a escrita no horizonte brilhante que ainda está obscurecido para a visão mortal. Estão no início de um grande conflito — as nuvens que ameaçam o vosso horizonte social, político e religioso não se ergueram num dia; nasceram da grande tempestade fervilhante de eras passadas de ignorância, são os fogos contidos de períodos passados de degradação humana, são-vos transmitidas a partir dos grandes tesouros de nuvens históricas do passado, e torrentes desta magnitude rebentam sobre vós agora, mas a Verdade será o vosso guia, a Liberdade e a Justiça serão o vosso escudo; por vossa vez, lembrar-se-ão de que o cargo mais alto e melhor que podem prestar à humanidade é esse cargo que provém do esclarecimento e do conhecimento da verdade, e da única lei do amor divino com que guiar a justiça do mundo.

Não pensem que a mera força física possa alguma vez trazer o direito ao mundo; um erro não justifica outro, embora a Némesis da história passada tenha revelado que todas as nações devem sofrer na proporção das suas más ações, mas não se considerem a Némesis designada. No caminho da lei divina, naquilo que é perfeito no seu próprio reino, as forças morais do mundo ganharão o seu equilíbrio e o seu poder, e vós sois chamados apenas a cumprir o dever mais elevado de cada dia e hora, o anúncio da verdade mais alta que possuem, o reconhecimento do tributo mais alto que podem oferecer.

Foi dito que aquele que vos fala era infiel. Infiel a quê? A Deus? Não. À humanidade? Não conscientemente. A única infidelidade foi para com o erro, conforme entendido por aquele que vos fala. Por isso dou graças aos céus. Se alguém pode ser infiel ao erro, infiel à bigotaria, infiel ao cativeiro, infiel à tirania de todos os tipos, então é fiel à consciência e à voz que estão no interior. Deus e essa Consciência, apenas, podem ser o juiz. Que ninguém declare que o materialismo era a forma de infidelidade que alguma vez esteve na mente do orador.

Longe de ser um materialista, todo o mundo era e é animado pela única lei divina e perfeita do Ser Supremo; longe de ser um materialista, cada vida humana era considerada sagrada como uma parcela desse Dador Divino, e agora, a partir do mundo espiritual que é a realidade sagrada de toda a existência, a voz que vos fala está aqui esta noite para declarar que o espírito é vida, que a inteligência é a fonte de toda a lei, e que o Infinito se manifesta cada vez mais à vida que se volta para ele, e que os assuntos humanos desvaneceriam, falhariam e afundar-se-iam no caos absoluto, tal como o universo, se não fosse por esta luz que está dentro do homem, esta alma imortal que força o seu caminho através de todas as formas e coisas materiais em direção à luz dessa religião verdadeira e divina.

Isso é materialismo que força Deus a habitar em qualquer tempo, forma ou lugar; isso é materialismo que constrói santuários externos e declara que Deus só está ali; isso é materialismo que molda palavras desumanas numa forma especial de crença e declara perdidos todos os que não aceitam essas palavras. É materialismo o que prevê a salvação da humanidade assente em qualquer vida material no universo, em vez de no estado espiritual; é materialismo o que vos transmitiu, através de todas estas eras de tempo, os julgamentos horríveis de reis e governantes materiais; é materialismo o que constrói hoje no vosso meio um santuário externo que devem adorar em vez do altar do espírito; e a ciência e o materialista da chamada filosofia demolem com uma mão esta estrutura, mas não vos oferecem nada que tome o lugar do espírito da religião, e enquanto o adorador material vos oferece esta forma externa de religião, nada vos dá que baste para essa compreensão divina do espírito. Sou infiel a todo o materialismo;

papa, ou padre, ou igreja, ou credo externo que possa limitar o meu Deus a qualquer um destes, eu os excomungo da minha igreja.

Sou infiel a todo o materialismo da ciência que adora a matéria como Deus e não vê nenhuma inteligência divina atrás das estrelas que se movem nas suas órbitas e das leis que governam o universo material. Sim! E sendo infiel a estes, creio em tudo o que alguma vez foi dado ao homem de verdade Divina em qualquer forma, nas palavras e obras de profetas, videntes e sábios. Creio no homem Cristo, e não no credo de Cristo; na palavra de Deus, e não na palavra do homem.

E para todo o sempre, enquanto o homem caminhar nesta terra, este pequeno ponto que brilha no espaço como o meteoro mais ténue, aquele que vos fala continuará a procurar essa luz e vida que é a mais alta e melhor, e procurará revelar a Palavra de Deus em ministérios tais que guiem toda a humanidade em direção à verdade, que tornem todas as nações uma só, que exortem toda a família humana a vir e adorar no templo do Deus vivo, que é a alma do homem.

A RELIGIÃO DO ESPIRITUALISMO EM COMPARAÇÃO COM AS ANTIGAS RELIGIÕES PELO ESPÍRITO DE WILLIAM ELLERY CHANNING

25 de fevereiro de 1877

Há cerca de vinte anos, do seu púlpito no Music Hall, em Boston, o meu amigo, o Sr. Parker, disse o seguinte sobre o Espiritualismo, ou "Espiritismo", como ele o denominava: "Esta crença, sem padres, sem credos, sem igrejas, sem qualquer braço estabelecido de adoração ou professores, entrando silenciosamente em cada caminho da vida, perfurando cada departamento da ciência, da literatura, da religião, está destinada a ser a religião do futuro."

O Sr. Parker não era um Espiritualista; nunca tinha investigado os fenómenos do Espiritualismo Moderno; não tinha tempo para o fazer; mas estava perfeitamente ciente da influência que este estava destinado a exercer sobre as mentes das pessoas, baseando-se, como ele via, em provas inegáveis, e tendo como fundamento o mais amplo alcance da filosofia e da razão humanas.

Não é meu propósito medir as religiões do passado à luz do pensamento moderno. Isso já foi feito de forma muito mais hábil do que eu conseguiria fazer esta noite e, talvez, em alguns casos, de forma igualmente injusta. As religiões passadas da terra cumpriram, em certa medida, os seus propósitos. Para a época em que foram dadas, eram indubitavelmente as religiões, e muitas vezes as interpretamos mal à luz do pensamento e da ciência modernos por não sermos capazes de nos colocar *en rapport* com as circunstâncias, ambientes, tempos e inspirações do período em que foram outorgadas. Ao budista pertence a sua adoração, ao bramine a sua, ao hindu a sua, ao adorador hebraico a sua, ao maometano a sua, e ao cristão de todas as denominações a sua própria forma especial de louvor.

Não é da minha competência criticar esta ou aquela forma, censurar ou questionar os métodos pelos quais os diferentes devotos se aproximam da Mente Infinita. Apenas reivindico o privilégio de me aproximar de Deus à minha própria maneira, e segundo o modo que a minha mente e o meu espírito virem ser o melhor método de d'Ele se aproximar. É a reivindicação da Igreja Protestante que o homem tem o direito de interpretar as Escrituras de acordo com o seu próprio entendimento. Não existe Igreja no mundo que tenha concedido menos privilégios de interpretação.

É o orgulho da Igreja Protestante que à consciência do homem chega uma voz vivificante que deve agir como intérprete. Não há Igreja no mundo que escute menos essa voz vivificante, lamento dizê-lo, do que a Igreja dos nossos antepassados. Cingida pelos limites estreitos do credo, estabelecida em formas fixas de pensamento, limitada no alcance da observação intelectual, a Igreja Protestante transformou-se numa casa de prisão da qual, à medida que a mente do século dezanove se desenvolveu rapidamente, os jovens filhotes fugiram.

Tal como o círculo familiar que é demasiado restrito nas suas diversões e prazeres, tal como o progenitor cruel que impõe a obediência por uma questão de dever, do qual a descendência se afasta assim que a força dos membros e da mente o permite, assim também, de dentro do ninho da fé protestante, um filhote após outro voou, deixando a Igreja-Mãe quase desprovida de descendência, e o ninho paterno como um canachal abandonado, preenchido, é verdade, por aqueles que ali se agarram pelo mero sustento do edifício externo, mas muito desprovido da vida e da inspiração que os elementos mais jovens do pensamento moderno lhe teriam dado.

Incorporado na Igreja, contudo, está o pensamento da inteligência moderna e este, gradualmente, apesar da força da educação e do credo, está a fazer notar a sua presença.

Mas o intelecto é áspero nos seus métodos, a ciência é didática nas suas medidas e, com provas externas e o martelo pilão de uma lógica e intelecto fortes, a Igreja foi esmurrada a partir de fora, em vez de ser renovada por dentro. O Materialista cometeu o erro de supor que a Igreja não é mantida por seres humanos; cometeu o erro de supor que a Igreja é um edifício, algo que pode ser derrubado pela mera proclamação da verdade científica e dos erros que estão na própria Igreja.

Mas não é assim. A perceção do conhecimento é uma questão de crescimento, e aqueles que estão dentro e fora da Igreja devem ter consciência do erro antes de poderem admitir ou mesmo adotar novas formas de crença. Infelizmente, porém, a mente religiosa do século dezanove não foi fortalecida nos seus devidos baluartes.

A fé que era o forte alicerce dos primeiros cristãos afastou-se continuamente diante da luz e das usurpações da ciência, e o fervor espiritual que mantinha viva a fé primitiva extinguiu-se assim que a ambição política e o poder externo se tornaram os principais instrumentos para o avanço da própria Igreja. Sob estas circunstâncias, é extraordinário que exista tanta fé religiosa na Igreja como a que existe hoje. Sob estas circunstâncias, é extraordinário que a mente humana se apegue sequer a qualquer pensamento de adoração, quando consideramos a ambição externa, a (…) a história de derramamento de sangue e rapina (…) adoção e apoio de toda a forma de opressão humana que teve a sua fundação na igreja estabelecida do mundo.

Os centros de (…) têm sido sustentados e apoiados pelos corpos religiosos, e estes centros de poder têm estado frequentemente associados à tirania, à ambição, com (…) com tudo o que degradou a humanidade. Brevemente, então, as religiões do mundo parecem ter passado por etapas sucessivas: a religião do poder ou força externa, que foi ilustrada na antiga Dispensação Mosaica (…) as religiões mais antigas do mundo, (…) poder temporal, esplendor externo e beleza de adorno, exibição exterior de oferendas externas, o rito sacrificial (…) tidos como necessidades para o (…) humano.

Sob esta luz de dominante (…) tornou-se cruel; os seus métodos de (…) tornaram-se métodos de tortura, e (…) do mundo foram usados como empregados para impor uma religião de e uma tirania sobre a consciência da humanidade.

Nenhuma alma era livre, porque nenhuma alma deixava de estar cercada (…) pelo mesmo poder da força material. (…) podia pensar em adorar segundo os seus próprios ditames, porque cada alma (…) permissão, principalmente daqueles (…)

poder, para adorar apenas segundo o (…) método, e todas as formas de (…) externa deveriam ser empregadas para propiciar as divindades que pareciam cercar o homem com poder físico e destruição.

A tais divindades pertencia uma das três divindades da adoração bramânica, e à divindade da destruição mais do que à da criação estes bramines davam a sua adoração; e os filhos de Israel, pedindo emprestado aos métodos antigos, davam ao deus do poder as suas oferendas, os seus sacrifícios, os seus testemunhos externos de reverência e louvor, esquecendo que a vida principal deve vir de dentro, embora frequentemente lembrados disso por profetas, videntes e sábios. A dispensação seguinte da religião pareceu uma modificação da lei da força, e foi uma dispensação de poder e fervor moral; mas assim que o homem se tornou externamente o representante dessa religião, esta fundiu-se novamente na lei da força, e a partir das doutrinas e ensinamentos de Cristo, que veio ao espírito do homem, a Igreja degenerou gradualmente de novo para a forma externa de adoração e para a imposição da disciplina externa.

Estes métodos foram também adotados na igreja protestante e, embora o primeiro resultado da religião protestante prometesse uma colheita maior para o reino espiritual, não demorou muito até que a Igreja e o Estado se unissem novamente no impacto profano de obrigar as pessoas a adorar, não de acordo com os ditames da sua consciência, mas de acordo com os ditames do padre, rei ou governante; e assim sucedeu que da Igreja Protestante e das dinastias dos antigos governos nasceram os novos (…) reinos de pensamento e as repúblicas do mundo.

Assim sucedeu que, acompanhando uma maior liberdade religiosa e espiritual, veio também o anseio por uma maior liberdade política, e o poder do tirano e do rei, do padre ou do credo, foram igualmente impotentes para amarrar os corpos e mentes dos homens, tal como o poder da Igreja foi inteiramente nulo para amarrar a alma e o espírito dos adoradores humanos.

Mas um pensamento mais brando de religião veio ao mundo. Espalhando-se sobre tudo, tal como, após uma tempestade, o brilho radiante do anoitecer se espalha pelo céu, surgiu no pensamento do século dezanove — surgiu logo no século dezoito — o alvorecer da religião pacífica, o método de Cristo como pertencente ao do amor, o ensinamento da vida de Cristo como o exemplo da humanidade; e isto, espalhando-se gradualmente no tempo de John Wesley, foi acolhido pelos primeiros unitários, defendido pelo Dr. Priestley e outros, até que finalmente, a partir dos unitários e universalistas, e outras formas de adoração, passou a haver uma crença no mundo no amor em vez do temor a Deus, no poder do amor em vez do poder da ira e do ódio, na misericórdia abrangente da religião de Cristo em vez da condenação dessa religião; e em contraposição às doutrinas extremas de Calvino e de alguns dos seguidores de

Lutero, surgiu a forma mais branda que adota o pensamento da salvação de toda a família humana; mas, acompanhando esta forma mais branda, veio também a rutura dos credos, a dúvida quanto à própria religião, a dúvida e a nuvem lançadas sobre a inspiração, a Bíblia sob exame crítico, os credos sob o toque desintegrador da infidelidade e as tendências materialistas do século passado, a linha de pensamento nas escolas da filosofia moderna, que parecia destinada a derrubar não só todo o pensamento religioso mas os próprios fundamentos dessa religião.

Sob estas circunstâncias, o Universalismo e o Unitarismo, embora espalhando-se rapidamente e ganhando aderentes, ganharam-nos frequentemente à custa do poder espiritual, e já não se tratava de uma questão de ensinar religião, mas sim de ensinar sob alguma nova forma de novidade literária o pensamento mais moderno na filosofia e na ciência, e as igrejas que expressam hoje a maior inteligência e para as quais é atraído continuamente o maior número de adoradores são aquelas que menos falam sobre religião.

Para ouvir alguma novidade do pensamento intelectual, alguma nova opinião sobre alguma ciência ou arte, oferecida numa forma de retórica agradável ao ouvido moderno, a maioria dos adoradores congrega-se na maior parte das nossas igrejas unitárias. Educado na mesma escola de pensamento, posso dizer isto com segurança; posso julgar de algum modo, mesmo desde a minha partida da vida terrena, pois então, com base exclusiva na escravatura humana, separei-me da religião dos meus antepassados para seguir os caminhos mais amplos e elevados da liberdade humana fisicamente, da liberdade humana na direção da consciência; e, portanto, posso dizer verdadeiramente que tenho visto de forma constante que esta liberdade de pensamento acompanhante tem sido gradualmente à custa do elemento religioso e espiritual no homem. Se nos tornarmos seguidores de uma escola de pensamento que admite a liberdade da consciência humana, mas ao mesmo tempo se recusa a admitir o aumento e o fluxo contínuo do poder espiritual no universo, corremos o risco de empobrecer espiritualmente.

Uma tal escola surgiu entre os religionistas liberais e de pensamento livre desta época; e vemos, portanto, no meio, não de um renascimento da religião livre, mas antes de uma forma atenuada de filosofia metafísica emprestada em parte da escola (…)

Alemanha, emprestada em parte da (…) escola de Bentham e Mill, mas que se tornou ainda mais fortemente tinturada com a escola de Huxley, Tyndall e Carpenter, na Inglaterra. Sob este regime, a Igreja Unitária está a derivar para a escola da descrença. Sob este regime, a Igreja de Inglaterra, com a (…) interpretação da igreja, está a derivar da escola da descrença; e sob este regime, aqueles que procuram um fundamento forte de fé estão a fugir para o seio da Igreja Católica Romana, enquanto

da Igreja Protestante fogem aqueles que procuram a liberdade de pensamento sob o pálio da filosofia moderna.

Foi afirmado que o Espiritualismo, como foi afirmado pelo meu amigo, o Sr. Parker, supre a necessidade da filosofia do século dezanove, enquanto permanece também a necessidade que responde à natureza religiosa do homem. Há alguns Espiritualistas que dizem que o Espiritualismo não é uma religião; que é meramente um sistema de filosofia; que é meramente uma ciência. Vou definir o que entendo por ciência.

A ciência é a expressão externa de um sistema de leis ligadas ao movimento de corpos externos, e o contacto dela com esses corpos faria essa ciência pertencer à natureza do homem; toda a ciência externa trata ou da estática ou da dinâmica em ligação com objetos externos.

A filosofia dessa ciência é a lei que subjaz à manifestação; la própria ciência relata a manifestação. Ora, o Espiritualismo é uma ciência; isto é, inclui uma ciência, pela razão de que tem relações estáticas e dinâmicas com a matéria; que existem manifestações pertencentes à matéria ligadas a ele, e que tudo o que está relacionado com o espírito humano no seu contacto com a matéria está, naturalmente, incluído nesta ciência.

O espírito desencarnado que entra em contacto com a matéria e faz qualquer coisa em relação a substâncias materiais faz disso uma ciência.

A filosofia que subjaz a isto é, naturalmente, a filosofia espiritual, e ela deve incluir não apenas toda essa classe de manifestações externas que apelam aos sentidos do observador científico, mas também toda essa classe de manifestações mentais que não apelam aos sentidos externos, mas pertencem à esfera da investigação metafísica e psicológica.

Este ramo de investigação foi frequentemente alcançado, pelo menos por algumas mentes científicas, enquanto as manifestações externas, chamadas manifestações físicas do Espiritualismo, passaram pelas várias fases de ser declaradas impostura e farsa e, finalmente, de serem atribuídas a alguma força oculta e desconhecida, tal como a força ódica, a cerebração inconsciente e coisas do género. Contudo, por trás de tudo isto e além disso, afirmo que o Espiritualismo é a religião do mundo. Retirem da Palavra inspirada o contacto do ministério angélico, dos mensageiros, dos espíritos, dos anjos e dos seus atos com a humanidade, e retiram tudo o que nela existe. Retirem do registo de Cristo e dos seus ensinamentos aquilo que pertence à natureza espiritual do homem, e retiram a vida desse registo.

O mesmo acontece com a história da Igreja, e o mesmo com a história do homem.

Retirem de Platão, de Sócrates, de Galileu, de qualquer professor de filosofia, poeta ou artista, o espírito que está por exprimir, e retiram-lhes a vitalidade da sua filosofia, da sua poesia e da sua arte. A imagem que eles dão é apenas a sugestão do que está além dela, é apenas algo para conduzir a mente à contemplação da proposição espiritual que era realmente o princípio animador.

Todos os profetas da ciência foram conduzidos passo a passo, não tanto pela observação exterior, mas pelo que a observação exterior sugeria daquilo que os sentidos não podiam alcançar.

Herschel, Kepler, todos os que lideraram na vanguarda do seu tempo na ciência lideraram por esta subtil profecia e sublime compreensão do espírito.

Pela minha parte, se alguma vez tivesse experimentado por um único momento uma dúvida sobre a natureza espiritual do homem, ou sobre o poder supremo do Espírito Infinito, ter-me-ia considerado um mendigo na terra.

Apesar da pobreza da teologia humana, apesar das cascas e pedras com que tentaram alimentar-me quando era criança, apesar das revelações que me chegaram através do estudo posterior, a crença e a consciência numa super-atmosfera de poder espiritual nunca abandonaram a minha mente por um único momento.

Calmamente como um lactente no seio da sua mãe, confiei nesse Poder Infinito que eu sabia cercar o universo em redor, e com igual calma permiti que a minha mente compreendesse que o espiritual, embora não compreendido, formava a parte principal da vida que eu vivia.

As perguntas, então, que são feitas mais frequentemente aos Espiritualistas hoje são: É o Espiritualismo uma religião? Pretende ele usurpar ou suplantar as religiões do passado? Está ele em guerra e em conflito com o Cristianismo? Usurpa e suplanta ele os fundamentos das crenças passadas?

Não é da minha competência responder a estas perguntas, mas simplesmente dizer que elas sugerem aquilo que desejo dizer esta noite. O Cristianismo está em maior perigo por causa dos inimigos de dentro do que dos de fora.

As formas estabelecidas de crença cristã estão a derreter-se rapidamente sob uma compreensão mais ampla do mundo, e se por Cristianismo entendem ou a Igreja Católica Romana ou os vários corpos evangélicos da Igreja Protestante, então eles

estão a ser usurpados por si mesmos; isto é, contendo o poder da autodestruição, a estrutura externa de toda a teologia humana perecerá com o meio material sob o qual essa estrutura foi moldada, mas destas brotam novas expressões da crença cristã, e o Cristianismo supremo é, naturalmente, a igreja suprema do mundo.

Mas o Espiritualismo tem sido não só um grande desintegrador, mas também um revelador, entrando na Igreja, deitando a mão aos credos mais queridos, fixando a sua verdade na mente em contravenção a algumas das crenças estabelecidas da própria Igreja; tem avançado firmemente até que a teologia se derreta como as rochas diante do poder invasor da avalanche que, na primavera, derrete e arrasta consigo rocha, árvore, detritos, tudo.

Ora, alguns dos principais pontos de crença na teologia cristã devem, por necessidade, desaparecer com o conhecimento que o Espiritualismo traz.

Nomearei alguns destes pontos: A crença que é mantida por algumas classes de cristãos de que o corpo dorme até à ressurreição, e de que a alma está num estado de provação ou sono durante esse tempo. Se um espírito pode viver um instante, uma hora, um dia, sem o seu corpo material, provavelmente nunca necessitará desse corpo material para viver depois, e a presença de um único espírito desencarnado que atesta que ele ou ela vive na vida Espiritual sem o corpo físico, certamente acaba com toda a crença na ressurreição do corpo físico do homem.

Isto, naturalmente, já desapareceu de muitas mentes há muito tempo, mas há quem ainda se apegue a isso, e a esses a resposta é: “Vivo na Vida Espiritual; tenho um corpo espiritual; estou consciente e o que me rodeia é o da existência espiritual.”

Outra crença é a de que existe um lugar absoluto de tortura e um lugar absoluto de felicidade. Cada espírito que passa para a Vida Espiritual, e que consegue encontrar meios de comunicação e falar com os seus amigos, diz: “Não estou no inferno; não estou no céu; isto é, não estou em nenhum dos dois lugares, de acordo com a interpretação da teologia; estou no Mundo Espiritual; estou numa esfera adaptada ao meu estado e condição. Existem etapas de crescimento, condições de vida adaptadas a cada etapa do pensamento humano.”

Com um único sopro de um mensageiro angélico ou espírito guardião, toda a superestrutura do céu e do inferno da teologia se desmorona. Porquê? Porque o Mundo Espiritual e a esfera da existência real têm mais poder do que a crença num lugar imaginário ou teológico de tortura ou felicidade.

Os antigos acreditavam que além das Colunas de Hércules, que guardavam o Mediterrâneo e o retinham na sua margem mais ocidental, jazia uma região selvagem

de mar, de deserto, onde havia monstros, males com cabeça de górgona, poderes que devorariam qualquer marinheiro desventurado que se atrevesse a ir até lá; e não foi senão até que algum marinheiro inspirado se aventurou além, descobrindo as costas da Bretanha, que se acreditou que a parte ocidental era de todo habitável, ou que existia ali alguma região que não estivesse entregue aos poderes das trevas.

Da mesma forma, quando Colombo içou velas para encontrar o Novo Mundo, era crença entre os supersticiosos da sua própria terra, os quais colocavam todos os obstáculos no seu caminho, que ele se estava a aventurar num mar habitado por demónios e que, pela sua temeridade em duvidar que a terra fosse plana, seria certamente devorado por monstros. A ciência, com as suas revelações gradualmente invasoras, revelou a maravilhosa estrutura da terra, e este vasto continente povoado é uma resposta a todos esses medos. Assim, quando a partir das trevas do passado, penetrando nas regiões desconhecidas que jazem além da morte, a teologia moldou um inferno e um céu que não passavam de ilustrações figurativas e alegóricas no tempo dos profetas e de Cristo; quando, a partir dos medos da morte e a partir do medo da punição que atinge a consciência, estas poucas regiões foram povoadas com as duas classes de almas humanas em que a teologia evangélica dividiu o género humano, surgiu então um marinheiro audaz, como Swedenborg, vindo dessa região, dizendo: "Existem várias etapas na vida humana"; ou, quando na luz mais branda da teologia wesleyana entra o pensamento da possibilidade de progressão além da morte, e quando, confirmando isso, os videntes do Espiritualismo Moderno declaram que existem graus de vida humana adaptados a cada espírito humano; e quando, unida à visão do vidente e à profecia, estava o pensamento e a comunicação da alma desencarnada: "Não estou no inferno; não estou num céu absoluto; mas estou numa esfera adaptada à minha condição", toda a região do medo e da esperança indevidamente exagerada desapareceu, e a alma é admitida no reino natural da vida além do portal chamado morte.

Assim, realizada com sucesso esta viagem e sendo a resposta à pergunta dada com êxito, nenhuma crença, por mais fortemente fundamentada que esteja, pode possivelmente resistir às invasões constantes da revelação real, do conhecimento real. Um mensageiro do Mundo dos Espíritos vale por cem mil crenças. Uma voz absoluta do além-túmulo vale por um milhão de tons de poder ou medo, como aqueles que são dados aos não convertidos pelos cristãos evangélicos. Devemos confinar-nos à religião dos factos, pois esses factos podem incluir todas as possibilidades no universo, e quando o facto está lá, não seremos obrigados a responder a um credo, pois a verdade fala por si mesma.

Ensina o Espiritualismo algum credo? Não. Tem o Espiritualismo alguma forma especial de crença? Não. Existe no Espiritualismo algum método estabelecido de

religião? Não. São necessários ensinamentos particulares para se tornar um Espiritualista? Não. Qual é, então, a religião?

A consciência de uma natureza espiritual no homem que reconhece uma natureza espiritual no universo; a prova de Deus residindo no próprio homem e não fora dele; a consciência de um Espírito, Poder, Princípio, Mente Infinitos que movem o universo, cuja personalidade não é importante que os homens conheçam, visto que o finito não pode alcançar o infinito; a consciência de um estado infindável de vida espiritual, que começa com o crescimento do espírito aqui e nunca termina; a consciência de que a vida futura, nas primeiras etapas, se adapta precisamente às condições da vida mortal aqui, mas as etapas infinitas que jazem além adaptam-se ao crescimento eterno do homem.

A religião do Espiritualismo inclui tudo o que diz respeito à natureza espiritual do homem, aqui e no além; inclui tudo o que pode promover o crescimento dessa natureza espiritual, aqui e no além, e lança os alicerces desse crescimento não sobre a crença externa, a especulação, o credo ou qualquer coisa que o homem exterior possa fazer, mas sobre o crescimento do próprio espírito, sobre a reivindicação que o espírito tem a um lugar no universo infinito. Por mais pequeno que seja, minúsculo em comparação com a Alma Infinita, cada alma deve reivindicar um lugar no universo espiritual e, tendo um lugar, tem todos os direitos, todos os privilégios, todas as possibilidades de qualquer outra alma, seja ela qual for.

Com esta base, a religião do Espiritualismo inclui todas as religiões, admite todas, questiona todas, e deixa todas desprovidas das suas meras exterioridades, expondo a alma da adoração humana para a contemplação da alma do homem.

Com esta interpretação, a religião do Espiritualismo torna-se o poder abrangente, controlador e omnipresente da natureza espiritual que habita na alma do homem.

Um bramine ou um hebreu, um egípcio ou um cristão, igualmente podem adorar no seu santuário, porque este inclui o todo.

Apenas a porção da luz do sol que contemplarem, essa mesma reconhecerão e absorverão. À medida que os poderes do espírito se expandem, os poderes para o reconhecimento da verdade aumentam e, assim, o espírito, por etapas graduais de desenvolvimento, reconhece o Poder supremo do universo.

Os credos dos homens parecem ter sido paredes convenientes, privando a alma de demasiada luz, para que o seu esplendor ofuscante não os vencesse. Tratamos as plantas jovens e tenras com cuidado; se estiveram na escuridão, mudamo-las

gradualmente para a luz; guardamo-las (…) treliça de trepar e por abrigado (…) até que tenham crescido o suficiente para suportar os raios plenos do sol.

Desta maneira, os credos dos homens têm sido paredes convenientes sobre as quais eles hão de trepar, mas quando finalmente a "árvore está (…) formada e o tronco está forte, e os ramos se estendem gradualmente, a parede deve ser retirada ou a árvore ficará confinada e anã, e apenas de um lado produzirá frutos e vida. Assim, o espírito não deve permanecer por muito tempo junto a paredes protetoras e barreiras de tempo e sentido.

Há um tempo em que a criança deve aprender a caminhar sozinha.

Há um tempo em que o espírito deve aprender a saber que apoiar-se firmemente na (…) vida acima é muito mais seguro do que (…) na terra abaixo.

Aquilo (…) que apenas rasteja pelo chão nunca se torna forte no seu poder, e a alma sabe que os raios da Luz Infinita penetram através da matéria, do tempo e do sentido para a elevação da alma além da matéria, e não para a construção da parede externa da alma.

O Deus a quem adoro, o Deus que o Espiritualismo reconhece e em quem acredita, é o Espírito Infinito da vida em todos os lugares, omnipresente, ativo, no pirilampo e na estrela.

O Espírito a quem adoro é o Espírito que está tão perto de cada alma como do mais alto arcanjo no céu, para quem cada alma, seja na terra ou no planeta mais obscuro, é igualmente querida. O Espírito a quem adoro não é o das disputas partidárias nem das pequenas altercações, não é o que entra nas imperfeições do tempo ou toma conhecimento, em qualquer grau, de personalidades, das lutas e contendas aqui; mas, implantando no peito humano a consciência do que lhe é devido, faz do homem o árbitro do seu próprio destino ao integrá-lo numa eterna parceria de responsabilidade, sendo essa responsabilidade a consciência do próprio homem; e, portanto, assim como um rei e governante não entrará nas pequenas disputas dos seus súbditos, mas deixa árbitros para fazerem isso por ele, assim o próprio homem é o árbitro entre Deus e o seu próprio espírito e, habitando na luz de que vós ou eclipsais o brilho ou tornais visível ao vosso entendimento, estais em paz com Deus quando estais em paz com o espírito que está dentro de vós.

Não há um caminho que esteja marcado.

Não há um credo através do qual o Espiritualista espere ganhar o céu. Não há oferta externa de louvor; não há fórmula de devoção.

O único credo que o verdadeiro Espiritualista reconhece é o da verdade, onde quer que ela conduza.

O Ser Infinito estando em toda a parte, sendo a verdade o seu brilho, não posso desconfiar dela, embora me conduza por todos os caminhos da dúvida humana.

A dúvida é a parede material que o homem construiu em redor da alma.

Inundarei essa parede e ela não me esmagará, pois encontrarei o meu caminho do outro lado e encontrarei a verdade que ali está.

A única fórmula que o verdadeiro Espiritualismo impõe é a adoração diária e horária de Deus através do cumprimento diário e horário do dever mais elevado que está diante de vós.

Aquele que nega isto como sendo a religião do Espiritualismo é um Espiritualista externo e não um Espiritualista. Aquele que nega que o espírito do homem deve ser vivificado por uma consciência da vida imortal é um fenomenalista e não um Espiritualista.

Aquele que nega que o Espiritualismo apela à religião da natureza do homem na adoração de Deus através da mais alta manifestação do espírito do homem na forma, é um externalista e não um Espiritualista. A verdadeira forma de adoração é a expressão de louvor na vida mais elevada que o homem pode levar. Os lírios florescendo junto aos pés do Mestre na Galileia eram o tipo de um sermão; a flor crescendo à beira do caminho é o cumprimento do louvor; ela aperfeiçoa-se tanto quanto possível, tornando-se o tipo mais elevado da sua espécie. A árvore da floresta, o pássaro, a estrela e o sol proclamam o seu louvor sendo o mais elevado da sua espécie.

Deverá o homem, dotado de espírito, com possibilidades imortais, com imaginação que não se extingue, com voo e língua elevados — deverá ele ser menos um símbolo de louvor?

O louvor que exijo dos meus semelhantes para com o Deus a quem adoro é que sejam tão perfeitos quanto possível.

O mandamento de Cristo: “Sede perfeitos, assim como o vosso Pai que está nos céus é perfeito”, não é para que sejais como Deus, infinitos, mas para que, como seres humanos, sejais perfeitos; como espíritos imortais, sejais perfeitos; como almas com poderes imortais, expresseis essas almas no mais elevado pensamento e aspiração de vida. Aquele cujas ações são as mais nobres, aquele cuja vida é a melhor, aquele que afoga o corpo nas águas vivas da alma, aquele que manifesta a caridade mais nobre, o

mais amplo alcance de inteligência, a mais elevada expressão do espírito — esse é o adorador no santuário do templo do Espírito.

Não me importa se ele dobra o joelho diante do santuário da Igreja Católica Romana, ou se adora ao pôr do sol com o muçulmano, curvando-se enquanto os sinos ecoam sobre a mesquita e a torre; não me importa se repete sermão ou cântico de louvor ou hino, ou se há palavras na sua oração ou apenas ações; se a sua vida for a expressão do espírito, tanto quanto ele sabe, ele é o adorador, e canta os louvores de Deus de acordo com a intenção infinita.

Este é o ponto supremo do credo do Espiritualismo.

Isto é tudo o que dele existe. Não há oferendas ritualísticas, nem hinos nem louvores.

Se cantamos é porque temos de o fazer; se oramos é porque a nossa aspiração nos conduz à oração.

Não pedimos a nenhum homem que ore. Si emitimos a nossa expressão em atos de bondade e palavras de amor, é porque a bondade e o amor estão lá, não porque os imitamos por uma questão de dever. Se queremos falar com suavidade, é porque a suavidade está no interior; se queremos instruir, é porque há uma lição a ser ensinada, não porque existam palavras e nada mais do que palavras.

Aqueles que ensinam que a Vida Espiritual é, na sua maior parte, como a vida terrena, e se contentam com um mero conhecimento da existência além da morte, defraudam a alma da sua mais elevada aspiração. A consciência externa da existência espiritual não é suficiente, mas é necessário que essa consciência interpenetre a mente, vivifique o poder, torne elevada a aspiração, lance os alicerces para o templo da alma além da sepultura.

Basta saber, quando se é criança, que se vai ser homem?

Estais satisfeitos e contentes com isto?

Não vos esforçais diariamente por vos tornardes homens mais depressa do que conseguis, e não está a criança constantemente a imitar, na sua pequena escala, as ações das crianças de maior crescimento, e não são as crianças da vida mortal tão imitadoras como estas?

Não nos agarraremos sempre àquilo que jaz mais além, lançando os alicerces da existência à medida que avançamos, e esforçando-nos por alcançar a condição de anjo que se encontra velada e oculta à vista?

Oh, não é simplesmente a existência além da morte que é grande, que é maravilhosa, que é o milagre da ciência moderna do Espiritualismo — a prova que chegou a esta era materialista da existência além da morte; mas é que essa existência está repleta também de possibilidades infinitas, e que além da Vida Espiritual, que é o mero reflexo e acréscimo à vida terrena, está a grande eternidade da vida erguida em montanhas de possibilidades diante da alma imortal.

Se fosse apenas um Mundo Espiritual com a repetição das paixões, das esperanças, das ambições e dos costumes da vida terrena, bem poderia ser apagado; mas é um Mundo Espiritual que está um passo mais próximo da altitude da vida dos anjos; é um Mundo Espiritual que é o grau seguinte na existência, que, além da condição de homem e de mulher da existência terrena, vos aproxima de vos tornardes um anjo; é a Vida Espiritual que é o degrau seguinte na escada da progressão infinita; é o Mundo Espiritual que é a etapa intermédia, vivificando e ensinando para a etapa que há de vir; é a escola, a gradação seguinte, que vos conduz um grau mais acima em direção a essa possibilidade infinita que se abre à vossa contemplação.

Não vos contenteis apenas com a vida além da morte, mas contentai-vos em saber que essa vida implica todas as possibilidades veladas dentro da alma imortal, todas as possibilidades inerentes que jazem nas várias etapas da vida.

Quando João, na ilha da revelação chamada Patmos, recebeu o mensageiro angélico e contemplou a sua glória, quis adorá-lo; ele proibiu-o, dizendo: “Olha, não faças tal; eu sou conservo teu e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus.” Não as revelações da vida além da morte, mas a consciência da existência contínua de pai, mãe, marido, esposa e amigo, as suas ministrações e presença, trazem conforto, trazem ajuda, trazem elevação ao pensamento e aspiração à mente.

Se a mensagem da vida além da morte significa alguma coisa, se significa o convívio de almas gémeas, se significa a continuação da obtenção de conhecimento, se significa a aspiração, a oração que também jaz além, então significa que para cada sonho mais elevado, não só de amor reencontrado, de companheirismo, de associação com os entes queridos que partiram, existe uma realização, mas que existe um cumprimento dessas possibilidades maravilhosas, a resolução de problemas grandiosos que estiveram velados na obscuridade material, o despertar de caminhos de pensamento que estão ocultos pelas barreiras do tempo, a revelação da consciência do espírito em caminhos desconhecidos do tempo e do sentido, o cumprimento do cântico do poeta, o reconhecimento da profecia da alma, o quadro do artista realizado, o sonho do sonhador concretizado.

Significa também que além da Terra Espiritual e além dos vários graus e etapas que jazem no Mundo Espiritual imediato, existe outra e mais vasta terra, uma terra de

poder e beleza celestiais, cuja glória apenas a visão inspirada pode contemplar, cuja contemplação apenas pode chegar ao pensamento e à poesia mais elevados, e como a visão mais sublime de Dante, ou como o sonho de Rafael, revelando imagens da multidão celestial, não retratadas na visão mortal, não pronunciadas em palavra mortal.

Significa a solução de todos aqueles problemas que residem dentro do espírito, velados e quase prontos para a expressão, a relação do homem com o Infinito, la relação do homem com as hostes angélicas que já voaram além do tempo e do espaço e estão a abrir novos caminhos para a eternidade, pavimentando esses caminhos com a glória dos seus próprios pensamentos, tal como pavimentaram o caminho do tempo com o esplendor da sua existência aqui.

Oh, Hostes Poderosas! Oh, Multidão Assistente! Oh, Almas Glorificadas, que tendes conhecimento onde os mortais tateiam nas trevas, que tendes sabedoria onde eles são cegos, que tendes vista onde eles não podem ver, envolvei o mundo com algo deste poder, e fazei da religião do género humano a aspiração da alma para realizar a sua vida mais elevada; e nessa vida, e nessa alma, e nessa divina expressão, possa o Espírito Infinito, brilhando através de tudo, glorificado em grandeza, adornar cada mente com algo do seu esplendor, e fazer de cada espírito um adorador no Templo da Verdade.

EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS
PELO ESPÍRITO DE WILLIAM ELLERY CHANNING

Através da Mediunidade da Sra. Cora L. V. Richmond

Proferida em Chicago, 9 de novembro de 1890

"Não se pode compreender o esplendor do reino celestial medindo-o pelas glórias da terra ou pela beleza do universo físico. Para perceber a luz espiritual, é necessário que haja despertares espirituais."

Não faz parte do propósito daquele que vos fala apresentar a história completa de experiências que, se medidas pelo tempo e padrão humanos, ocupariam anos; mas sim sintetizar essas experiências e dar-vos uma perceção inteligente da natureza da existência espiritual, tal como vista do ponto de vista daquele que vos fala; e, na

verdade, não pode haver um conhecimento perfeito da existência espiritual a não ser a partir do ponto de vista individual.

Não existe uma forma arbitrária pela qual a vida do espírito, nos estados espirituais, possa ser julgada como o é a vida externa da terra. Vós tendes as vossas estações; tendes a terra e a sua formação física; tendes o firmamento estrelado acima de vós e as leis inalteráveis que governam e guiam o universo material, tal como se vê na forma física ao vosso redor; tudo parece estar fixo no reino da vida exterior. O homem está, em grande medida, agrilhoado por estes laços do corpo físico, e isso parece, em muitos casos, limitar as condições de vida. Há muito poucas mentes suficientemente cientes da vida do espírito na existência terrena para quebrarem os grilhões dos sentidos, para serem livres na mente, livres no espírito enquanto animam o corpo físico.

Tal tem sido a natureza dos ensinamentos dos teólogos no passado, que fez com que o homem se voltasse com medo, com absoluto terror, para a imortalidade, enquanto através da inteligência, tal como a ciência e a filosofia têm moldado, o homem trabalha arduamente e devagar para alcançar o cumprimento da profecia e da inspiração, que sempre tiveram de esperar pelo método tortuoso da ciência e pelo crescimento dos anos para obterem reconhecimento na terra.

No estado espiritual, tudo muda. Não creio que seja exagero dizer que a transição chamada morte opera, em quase todos os casos, uma mudança instantânea. Refiro-me ao ponto de vista a partir do qual o universo é observado pelo espírito assim libertado. Se alguém está totalmente preso ao padrão dos sentidos, a mudança que se opera faz com que esse alguém seja ainda mais impotente nas coisas espirituais, ou mesmo nas materiais, do que quando estava na vida terrena.

Mas se a mente de alguém for de algum modo livre, ou se existir algum conhecimento intuitivo ou outro sobre a existência espiritual, a mudança, como foi dito anteriormente, é instantânea nisto: que a pessoa se torna subitamente consciente de estar colocada numa posição diferente em relação às coisas materiais com a dissolução do corpo material, ou melhor, com a cessação da expressão do espírito através do corpo.

No caso daquele que vos fala, houve a consciência de uma transição gradual; em vez de as coisas serem proeminentes, ou de os objetos serem agressivos, ou de as coisas materiais serem reais, houve um despertar gradual para a perceção de que as coisas eram irreais, eram sombrias, e de que o pensamento, o sentimento, as emoções, as perceções e os princípios eram tão reais que se tornaram dominantes, enquanto as outras coisas recuavam.

Alguém está por vezes consciente, mesmo na vida mortal, de ser absorvido por temas; qualquer grande reformador deve estar mais possuído pelo tema que procura defender do que pelo ambiente que o rodeia exteriormente; até os sonhadores e reformadores estão sujeitos às condições do corpo material; a consciência espiritual pessoal é a de que trocamos de lugar com o nosso corpo; de que, em vez de o corpo ser dominante, a mente é dominante.

É um sentimento de júbilo, após a primeira surpresa, tornarmo-nos conscientes de possuir liberdade; de que, em vez de estarmos limitados pelas restrições físicas, em vez de estarmos obrigados a caminhar conforme o corpo caminha, a trabalhar conforme as mãos têm força para trabalhar, a ver apenas até onde os olhos conseguem ver, ou a ouvir com o sentido baço da audição que diminui gradualmente à medida que a idade avança, não estamos realmente tão agrilhoados; de que, se existe limitação, esta é a limitação da mente e do espírito, e não do corpo. A consciência de estar onde se pensa e se deseja estar é muito surpreendente ao início, uma vez que não há consciência de locomoção; parece não haver tempo e espaço consumidos para ali chegar.

A consciência de estar onde estão os afetos, onde estão os nossos entes mais próximos e queridos, embora estejam dispersos, parece não haver tempo ocupado na passagem de uns para os outros; e a impressionante consciência de conhecer os pensamentos, sentimentos e emoções dos vossos entes queridos, embora estes possam não estar cientes da nossa presença. No espírito, parece haver uma perceção acrescida que toma o lugar de cada sentido e faculdade do corpo, e faz mais do que tomar o seu lugar: toma o lugar daquilo que alguém desejaria ser na vida terrena se o corpo obedecesse à mente de forma absoluta.

Não haverá provavelmente nenhum daqueles a quem me dirijo agora que não se sinta confinado e diminuído nas limitações do corpo; que não sinta, quando a fraqueza da forma, ou a fadiga e o cansaço chegam, ou quando tem fome e frio, que está em laços e grilhões; e todos se sentem atados por estes grilhões quando algum amigo à distância necessita da nossa presença, ou quando desejaríamos estar empenhados em alguma atividade onde é impossível levar o corpo ou obrigar o corpo a realizá-la.

Tal é o despertar da consciência de estar agrilhoado que, quase a primeira perceção de que aquele que vos fala se deu conta, foi um jubiloso sentido de liberdade; tal como numa combinação química certos gases são libertados para se expandirem, assim houve uma expansão quase sem limites, como se as condições confinadas e diminuídas em que tínhamos sido compelidos a agir, as linhas estreitas e limitadas que nos tinham obrigado a fazer apenas certas coisas, fossem removidas; e quando o espírito se libertou do corpo, houve a consciência de um poder quase ilimitado.

O espírito recebe, contudo, uma reação disto, pois quase em simultâneo com a consciência da liberdade ilimitada e do sentido de poder, surge um sentido de falta de conhecimento, e isso prova ser o único grilhão. Qualquer sabedoria que falte, qualquer inexperiência, tudo o que no conhecimento do espírito não esteja completo, torna-se instantaneamente um travão a esse sentido de liberdade; a pessoa sente as limitações de si mesma. Não se pode culpar o corpo se precisássemos de ter essa desculpa.

Muitas vezes, quando as pessoas não estão dispostas moralmente a fazer algo, é um pretexto conveniente e, sem querer simular ou enganar, as pessoas valem-se frequentemente das imperfeições do corpo para darem uma desculpa pela falta de propósito mental ou de coragem moral. Mais do que uma vez me surpreendi a tentar fazer isto na vida terrena; para meu grande espanto, na existência espiritual eu não tinha tal desculpa; aquilo que eu não conseguia fazer provinha da falta de conhecimento e de crescimento.

Alguém é colocado subitamente frente a frente com as suas imperfeições, e no preciso momento em que se lança na consciência da liberdade, fica de certo modo chocado ao encontrar a sua própria fraqueza. Mas há sempre algo para modificar isto; ao espírito não é permitido nutrir melancolia pelas suas imperfeições para lá do ponto de reconhecimento; ao tentar superá-las, não lhe é permitido deslizar para o reino do desespero, a menos que esteja determinado a aí estar.

As presenças espirituais que rodeiam a pessoa ao entrar na consciência da vida do espírito são aquelas que parecem estar à sua espera; não há a ideia de viajar pelo espaço para as encontrar, ou de que tenham vindo de uma longa distância ou de um grande caminho para nos transportarem para o reino supernal. É como se um véu fosse subitamente removido dos olhos e da perceção, e encontramos aqui os nossos entes queridos, encontramo-los à nossa espera como se soubessem que estávamos a chegar, e tivessem estado presentes durante as semanas e anos de sofrimento, amparando-nos, como se conhecessem cada passo e mudança, de modo que, quando nos sentimos exultantes com a mudança, ali está o amigo espiritual compassivo, o companheiro, o pai, a mãe, todos aqueles com quem estamos ligados, além da perceção do próprio espírito. Isto é maravilhoso; quão natural parece vê-los ali, considerando a educação terrena, a formação teológica.

Mesmo numa escola de religião tão liberal como aquela em que viveu aquele que vos fala, e na qual, na sua maior parte, todos os anos da idade adulta tinham sido formados, ainda assim foi maravilhoso. Quão natural pareceu encontrá-los ali, sentir que tinham estado a vigiar e a trabalhar ao meu lado; que não havia nada fora de conformidade com a ordem habitual das coisas no facto de eles reconhecerem a presença e a mudança que se tinham operado em mim.

Além disso, pareceu a coisa mais natural entrar nesta posse de consciência espiritual sem qualquer grande perturbação, sem medo envolvente nem violência para com a forma física. Creio, tanto por observação como por experiência pessoal, que quase todos têm algum tipo de preparação para a mudança; mesmo aqueles que não estão habituados a uma linha de pensamento religiosa ou à experiência espiritual têm alguns impulsos interiores, premonição ou aviso que os prepara, de modo que a mudança, afinal de contas, não constitui uma surpresa assim tão grande. Refiro-me, escusa-se dizer, ao ser humano comum; com aqueles que estão agrilhoados de alguma forma particular, que estão presos e agrilhoados pelo ódio, pelo medo ou pelo mundanismo, inquestionavelmente é diferente.

Mas com a mente comum, especialmente aqueles que estão habituados a ver o assunto do espírito a partir do ponto de vista habitual da vida humana, creio que há preparação, e que aquilo que os nossos antigos pais puritanos costumavam considerar como privilégio exclusivo do santo que falece — uma certa preparação durante o sofrimento de uma doença prolongada — é realmente concedido à maioria das pessoas; que até o pecador comum, ao aproximar-se do reino supernal, descobre que houve preparação; que, afinal de contas, não é uma surpresa assim tão grande. Com o desaparecimento da forma física, a maior parte do pavor e do medo afasta-se também, a menos que esse pavor e medo estejam entretecidos na própria fibra da mente, a menos que o espírito tenha sido tão confinado e diminuído que os terrores do inferno tomem posse da mente em vez do terror da morte; aí, como é evidente, deve haver um estado diferente.

Com as minhas próprias visões teológicas e a largueza de pensamento que me tinha habituado a cultivar relativamente à bondade Infinita, com a ideia de que a vida futura seria adaptada às nossas necessidades, não achei a mudança tão surpreendente; e, no entanto, com tudo o que parecia natural e cheio de simpatia, amizade e afeto no reconhecimento daqueles que me rodeavam, houve ainda assim uma surpresa. A surpresa veio com o pensamento de que aquilo não parecia mais estranho, com a ideia de que eu ia ficar surpreendido e não fiquei, com o conhecimento de que estava na existência espiritual e não sentia que fosse uma maravilha estar ali. E assim, de estar surpreendido pela maravilha disso, fiquei surpreendido porque aquilo não me causava maior admiração.

Até este estado teve também uma mudança e reação; esqueci-me de pensar se eu era real ou não; esqueci-me de tentar medir a minha forma espiritual com la forma da terra; esqueci-me de testar de qualquer forma física as minhas sensações, visto que me parecia que estas eram todas consciência e perceção. Mas notei, contudo, que todas as aparências ao meu redor eram secundárias em relação à consciência de saber que o espírito das aparências estava ali; e se eu fosse obrigado a dizer de forma absoluta

como sabia que estes amigos espirituais estavam comigo; se alguém me perguntasse se os via mais, ou se sentia mais a sua presença, ou se os ouvia falar, não saberia dizer.

Parecia saber com toda a minha consciência que eles estavam ali. Sabia por todas as faculdades que possuo em espírito, mas nunca me ocorreu decidir se estas faculdades eram semelhantes às do corpo; nunca me ocorreu indagar se era sobretudo visão ou audição, mas sei que era sobretudo perceção; transcendia de tal modo a visão e a audição dos sentidos limitados da vida terrena que me sentia um com os meus amigos; eles conheciam os meus pensamentos; compreendiam os meus sentimentos e respondiam a cada pergunta que nem sequer estava formulada na mente; pareciam conhecer-me melhor do que eu a mim mesmo.

A perceção do conhecimento das coisas ou condições espirituais deve ser a base para a medição da vida do espírito. Embora esta proposição não fosse nova para mim, como é evidente a sua aplicação foi nova, porque era uma experiência nova. Não creio que alguém que exista na forma humana ou que preencha a vida através dos sentidos, a menos que tal pessoa seja dotada do poder de ausência consciente do corpo, possa ter qualquer noção do que é realmente estar livre da forma física.

Não acho necessário que aqueles que ainda estão nos sentidos apreendam como se sente o espírito que passa pela mudança chamada morte; saber que o espírito ainda vive, saber que ainda existe uma consciência inteligente, e que tudo o que constitui o indivíduo está vivo e ciente, parece-me ser bastante suficiente; mas quando nos perguntais como espíritos que passaram pela mudança chamada morte: como se sentiu cada um, ou como te sentiste tu? Convido-vos, como única resposta a essa pergunta, a tornar-vos um de nós, e então sabereis. É como pedir a uma criança para saber como se sente um homem, ou como perguntar a quem não está na posição de pai como se sentiria se estivesse na posição de pai, o que é uma impossibilidade lógica.

Suponde que eu vos perguntava como vos sentiríeis, vós que não tendes o espírito de um criminoso, se estivésseis confinados no lugar de um criminoso; não como vos sentiríeis se tivésseis cometido esse crime, que não cometestes; nem sequer sabeis como vos sentiríeis se o tivésseis cometido.

Mesmo a prática de uma infração criminal com o propósito de saber como se sentem os criminosos, e de ter mais caridade para com eles, não bastará, pois mesmo aí a pessoa não tem o estado do criminoso, e ninguém, a menos que seja insano, tentaria realizá-lo. Quando alguém tenta colocar-se na posição de outro, é inteiramente incapaz de o fazer. Na qualificação e louvor da caridade humana, não achei necessário colocar-me na posição daquele que comete uma infração, mas concluí que era meu dever ser caridoso sem tomar o lugar do ofensor; porque achei impossível fazer isso, não saberia dizer como me sentiria se fosse qualquer outro indivíduo. Apenas sabia como tinha o

dever de me sentir, sendo eu próprio. Isto, na sua construção mais ampla, é tudo o que há na vida do espírito. A mudança é para cada um de acordo com o estado de cada um. Embora seja uma lei universal que o corpo físico e o espírito se devam separar, só pode haver semelhança na experiência na proporção em que houver semelhança na mente e no espírito, no afeto, na aspiração, e o Mundo Espiritual deve parecer a cada um, a partir do ponto de vista individual, exatamente o que o espírito e a mente desse alguém conseguem perceber.

Como é evidente, ao observar este assunto e ao relatar experiências, é mais natural que o espírito dê essas experiências através dos símbolos de coisas que possam ser compreendidas pela mente humana; de cenários, casas, habitações e terras que, sem dúvida, eles vivenciam se pensarem que sim, mas alguém que perceba de forma diferente deve esforçar-se por explicar e desmistificar estas coisas como desnecessárias, e apenas convidar a vossa consciência para o conhecimento da existência espiritual *per se*, para o estado espiritual modificado pelo estado do indivíduo.

Vi a terra? Se quisesse. Vi os meus amigos? Se quisesse; através das salas, através do ambiente; a própria forma no caixão, tudo o que dizia respeito à minha existência terrena, se assim o desejasse. Mas encontrei-me subitamente afastado das cenas terrenas, subitamente na posse dos estados espirituais de amigos que ainda estavam na terra. Descobri que, a não ser como parte do ambiente deles, eu não me importava com a forma física, com as circunstâncias físicas em que existiam, exceto na medida em que estas afetavam os seus estados de espírito; aqueles que me eram queridos.

Achei bastante fácil para mim descobrir em qualquer lugar ou condição sobre a terra que eles me atraíam; mas se não houvesse alguma pessoa para atrair, por que haveria eu de estar ali? Encontrei maior realidade nos pensamentos e comunhões dos amigos do que em qualquer dos seus ambientes; encontrei-me subitamente quase na posse da presença pessoal de muitos que nunca tinha conhecido na terra, mas que tinha desejado conhecer.

Parece-me que terá sido um curto espaço de tempo; que quase no espaço de tempo que levo a contar estas coisas passei a saber quais eram as minhas posses espirituais, a perceber as limitações do meu poder, a pôr-me a trabalhar para tentar superar; onde havia um limite de poder, uma barreira parecia erguer-se entre mim e o que eu desejava realizar. Podia ver onde tinha falhado muitas vezes na concretização do propósito moral no qual me julgava forte. Podia ver que se tinha falhado na apreensão de proposições e princípios, ali estaria a minha fraqueza espiritual; mas também podia ver plenamente que em muitos aspetos em que não me supunha forte, eu era forte; que uma pessoa nem sempre está ciente da sua força; na verdade,

verificou-se aquilo que me tinha passado pela mente mesmo enquanto na terra, que onde alguém se julga forte é onde a sua fraqueza está propensa a estar; na direção de que a pessoa se orgulha, se é que se orgulha de todo, é onde a falha está propensa a acontecer. Achei isto quase literalmente verdadeiro.

Parecia que na direção onde eu tinha a maior esperança para mim próprio era onde eu era menos forte; na direção que eu não tinha notado, onde tinha continuado dia após dia a cumprir a minha parte, ali havia grande força. Suponho que o facto de alguém reconhecer as suas próprias virtudes é em si mesmo uma prova de fraqueza, e que se alguém possui realmente em grau perfeito qualquer exaltação, não está ciente disso, tal como o sol que brilha ou o lírio que cresce.

Nas condições da vida humana, os nossos laços terrenos são aqueles, naturalmente, que mais nos absorvem. No espírito, entrei diretamente em contacto com aqueles cujas mentes eu tinha admirado, cujas vidas tinham sido o meu lema; aqueles que tinham conquistado de mim o louvor mais exaltado. Tudo o que dizia respeito à liberdade de consciência, à largueza da adoração humana, à liberdade de escolha individual em ligação com a religião, à elevação da humanidade de qualquer estado de trevas e cativeiro, parecia-me ser o objetivo da minha vida, e no entanto encontrei-me, ao entrar na existência espiritual e ao ser medido pela altura de outros, quase um pigmeu nessa direção. Descobri que os objetivos para a elevação da humanidade tinham sido, por vezes, grandemente mentais, ou uma questão de esforço sentimental. A liberdade de escolha de adoração, descobri que tinha as suas limitações mesmo na minha própria mente.

À medida que entrava em contacto com outras mentes, maiores em direções semelhantes, podia ver que os meus esforços tinham sido fracos e fúteis, afinal de contas. Julgava-me o mais ardente defensor da liberdade; contudo, podia ver onde tinha colocado amarras, limites e grilhões na minha própria mente ao limitar os outros. Pensava que no sentido de adoração havia largueza. Podia confiar no Amor Divino; contudo, podia ver onde tinha questionado esse Amor Divino a quase cada passo, tendo limitado as minhas próprias condições ao tentar corrigir os métodos dessa Divindade.

Pensava que na defesa dos princípios que constituíam a minha religião, habitualmente denominada Unitária, tinha entrado no plano mais amplo possível; descobri que havia até uma limitação em pensar assim; que ninguém tem o direito de se julgar mais livre de amarras do que outro; que o próprio facto de comparar as visões religiosas de alguém com o sentimento religioso de outrem, ao pensar que o outro tem amarras, a própria pessoa fica agrilhoada; podia ver que até muitos que eu supunha agrilhoados eram mais livres do que eu.

Foi humilhante ao início pensar que com todo o poder intelectual, com todo o conhecimento e luta de uma era em que a terra e a sociedade humana estavam justamente a entrar na mais ampla liberdade; com o pensamento de que eu pertencia quase à vanguarda do pensamento liberal, da liberdade de opiniões e convicções em moldes religiosos, descobri uma grande quantidade de pessoas, e algumas luzes brilhantes de entre aqueles que eu supunha estarem agrilhoados, que eram mais livres do que eu; que as suas amarras tinham sido meramente nominais, não reais; que embora eu tivesse grandes razões para me julgar tão avançado em relação a eles, como supunha, que eles não me alcançariam, ao vê-los tão mais à frente, através da sua maior simpatia, de uma maior paciência humana, eles tinham conquistado uma posição que eu não tinha encontrado. Acreditava estar em simpatia com todo o sofrimento; no que dizia respeito à minha vida, estava; mas havia ainda uma altura que eu não tinha encontrado.

Descobri que havia limitações; se não podes correr, só podes caminhar; se não podes voar, só podes correr; se os teus olhos não virem a centenas de milhas quando desejas que o façam, como se deve alguém sentir? Faço-vos esta pergunta. Com tudo o que o conhecimento terreno pode proporcionar, quem colocou a razão antes da perceção do espírito, para saber que se está agrilhoado pela própria consciência de ter conhecimento, e que muitos pensamentos que pareciam possuir-me para o maior crescimento da humanidade tinham sido possivelmente tão bem vividos por aqueles que não tinham o orgulho do pensamento liberal para manter?

De certa forma, parece agrilhoar uma pessoa o facto de ser um reformador, pela própria razão de que ela está tão absorventemente consciente disso e, nessa consciência absorvente de ser um reformador no pensamento ou de liderar o caminho, está sujeita a ser amarrada por essa mesma consciência. Eu tinha visto isso noutros movimentos e pensava que tinha estado comparativamente livre de me considerar um líder. Mas, ainda assim, se alguém ocupa uma certa posição no mundo e o mundo obriga essa pessoa a sentir que é um reformador, ela dificilmente o pode evitar. Agora noto que muitos espíritos que sentiram isto foram forçados pela própria natureza do julgamento do mundo contra o assunto que defendiam; sentem-se compelidos a considerar-se líderes, a pensar que o pensamento está avançado em relação à época.

Qualquer um admitirá prontamente que o Espiritualismo acompanha a vanguarda; que é a vanguarda no mundo da verdade espiritual, mas os Espiritualistas não se libertam todos, e o grilhão mais frequente que encontro entre eles é precisamente aquele que encontrei em mim mesmo: estão demasiado conscientes de ser líderes e reformadores, para não dizer, em muitos casos, quase mártires. Como é evidente, sofrem em certa medida por amor à opinião e pela verdade que lhes é querida. Mesmo que seja outra verdade que não a da liberdade de opinião, parecemos

pagar um preço elevado por ela. Muitas vezes, aquilo por que um indivíduo passa é confundido com a própria verdade; as pessoas julgam frequentemente a sua posição num movimento não pelos princípios que aceitam, mas permanecem dentro da experiência pessoal e da atividade dessas opiniões e proposições. Por exemplo, os bens, o ambiente, as relações e os amigos de alguém são muito ortodoxos, e a pessoa passa por uma luta para obter a liberdade de pensar como deseja; com o sofrimento, o ostracismo e até a crueldade e a perseguição que recebe, está sujeita a pensar que é um mártir. Ao mesmo tempo, é certo que essa consciência o impede de ser realmente um.

O mártir não conhece tal palavra como sacrifício. Estou perfeitamente ciente disso pelas vidas de heróis e santos que pereceram em triunfo pela verdade, marchando para a inquisição, para o cadafalso ou para a pira funerária triunfantemente; e supor que alguém devesse questionar o seu rumo a cada passo, devesse sentir a perseguição que o rodeia, que esta tolerância heroica para com eles é demasiado grande, é em si mesmo absurdo.

Embora, como eu não estivesse a posar para mártir, simplesmente aceitei a verdade à medida que ela me chegava. Proferi as palavras de convicção tal como apareciam, contornando a crítica e a cavilação daqueles que não podiam compreender. Julgava-me sereno naquele grau particular que pensava ter alcançado. Quão diferente é a perceção do espírito, face a face com mentes claras; com aqueles mais ricamente dotados do que eu, a obra da minha própria vida abateu-se sobre mim com todas as suas imperfeições e sombras.

Questionei em que medida havia algo que eu pudesse louvar; especialmente podia ver aquela altura fictícia que supunha ocupar. Por isso, embora fosse amável, amoroso, generoso e terno com aqueles que acreditavam comigo no que respeita à liberdade humana, no que respeita à liberdade de consciência, no que respeita à excelência de vida, embora fosse consciencioso para fazer tudo o que foi feito, se pudesse ter falado então como falo agora, se pudesse ter-me declarado e ser reconhecido na presença dos meus entes queridos como estou aqui hoje, teria dito: Não pode ser que esta palavra falada possa revelar a consciência que alguém tem das suas falhas. Tinha a certeza de que seria mil graus mais do que aquilo que poderia ser declarado.

À luz de uma verdade maior, quão minguados parecem os nossos pequenos fragmentos; no esplendor da luz do sol, o fogo que acendemos no nosso estúdio ou habitação desvanece-se; as nossas luzes menores desvanecem-se na luz do espírito; passamos a conhecer a diferença entre mente e espírito; passamos a conhecer que, por mais raro que seja o intelecto, muitas vezes o confundimos com a perceção, e que a nossa filosofia muitas vezes toma o lugar da nossa religião.

Profundo na convicção religiosa, eu continuava a não saber o significado de céu, perfeição, posses; e houve aquilo, ao afastar-me das antigas fortalezas do credo e do dogma, que, embora parecesse aproximar-me dos interesses humanos em certas direções, ainda assim me privou do exercício das únicas faculdades pelas quais unicamente o homem se aproxima do Infinito. Ao aprender a duvidar da interpretação humana das escrituras, negligenciei uma perceção mais profunda e profunda, as intuições e afetos mais profundos e profundos da alma, resolvendo demasiadas vezes os problemas da vida no domínio do intelecto em vez do da religião.

Se digo isto de mim próprio, não é porque algum espírito mo tenha dito; nem parece haver qualquer falta na comunhão e no convívio daqueles cujas mentes foram para mim uma luz na minha carreira terrena. Volto-me para eles agora como mestres, e eles reconhecem-me como um irmão. Volto-me para eles como guias para a minha força; eles estendem-me as mãos como a um igual; ainda assim, ciente de que eles devem conhecer as condições entre a luz deles e a minha, eu apenas parecia poder seguir para onde eles conduziam.

Pouco depois da passagem do meu espírito para o seu novo estado, houve sucessões rápidas de acontecimentos ocorrendo em muitas terras; especialmente neste país onde os meus esforços e lealdade tinham sido colocados: a guerra pela liberdade dos escravos, a rápida culminação de todos aqueles acontecimentos pelos quais o meu espírito tinha ansiado. Alas! Eu não ansiava por derramamento de sangue, embora vezes e vezes sem conta os meus amigos, Theodore Parker, Wendell Phillips e outros, me tivessem dito: “Não resolveremos esta questão da escravatura sem guerra”; ainda assim, eu tinha esperado que ela pudesse ser resolvida de outra forma, embora parecesse haver pouco sobre o que fundamentar essa esperança. Quando a maré da guerra varreu a terra, quando todos os acontecimentos que se seguiram tão rapidamente culminaram finalmente na emancipação dos escravos, não houve no meu estado de espírito um interesse tão profundo e absorvente como o que houvera enquanto eu estava no estado terreno.

Suponho que a razão para isto foi que eu via com uma visão maior; não me parecia a coisa importante que parecia na terra, porque via uma agitação maior e mais profunda. Refiro-me ao assunto da imortalidade do homem, a luz do espírito; e pareceu-me que tudo o que era menor foi engolido.

Durante esse período de grande provação, surgiu esta verdade na minha mente: que eu devia dar ou tentar dar aos outros o conhecimento desta luz espiritual onde quer que os pudesse alcançar, em qualquer condição; quer fosse servo ou livre, quer fosse soldado ou cidadão, quer fosse um líder intelectual ou político, onde quer que uma mente estivesse disposta a receber a luz espiritual, a questão menor da escravatura

física afundou-se largamente de vista na questão maior do cativeiro do espírito perante os sentidos.

Creio que, se um tema me ocupou mais do que qualquer outro na existência espiritual, foi este: fazer com que a mente humana percebesse as condições individuais da vida do espírito, particularmente perceber o estado espiritual, saber que são imortais em espírito, conhecer o reino imortal. Conforme observo a humanidade agora, o grilhão não está em qualquer cativeiro físico, mas no cativeiro intermédio. Aquilo que poderá ser a próxima grande luta nas nações, ou no comércio, ou na sociedade, não parece possuir-me tanto quanto possui alguns espíritos que encontro e que são mais ativos nessas direções; mas aquilo que me interessa e me invade é esta maré montante de luz espiritual, e que, onde quer que as vidas humanas estejam colocadas, sob quaisquer condições diferentes, este conhecimento é o mais valioso.

Para o cativo na cela, naturalmente o primeiro pensamento é de liberdade; para aqueles que têm algemas e grilhões fisicamente, a deles é a primeira proposição para se libertarem do cativeiro; mas alguns dos escravos a quem a liberdade foi oferecida ao preço do sangue dos seus senhores disseram: nós podemos esperar. Deus prometeu-nos a liberdade; sabemos que ela virá. Tal largueza de fé pode não pertencer a períodos de revolução e ação humanas, quando grandes assuntos pressionam as mentes que hão de estar envolvidas no conflito; mas certamente parece-me que não há assunto de interesse humano e nenhuma condição dos assuntos humanos para cuja realização uma mente inteligente e espiritual não se possa dar ao luxo de esperar. Não digo esperar ociosamente, não digo esperar supinamente, mas digo esperar pelo crescimento dos acontecimentos.

Indubitavelmente, a raça humana precipitou-se para a frente através da violência e da mudança entre as vidas que são violentas; indubitavelmente, se fôsseis chamados ou colocados à prova sob a pressão de um grande conflito, pegaríeis em armas pelo Sul ou pelo Norte, de acordo com a vossa lealdade. Eu não poderia senão dizer que tenho de pegar em armas pelo Norte, se a questão for a escravatura humana. Quando o Sr. Garrison, testemunhando a grande luta ao redor, foi interpelado, ele foi ao ponto de abandonar os seus princípios de uma vida inteira para dizer: “Eu não teria, se dependesse de mim, resolvido este conflito pela guerra, mas visto que é evidentemente o caminho de Deus, devo aquiescer.”

Não há outra coisa a fazer para o homem consciencioso em tudo o que se relaciona com questões imediatas senão colocar-se precisamente ao lado daquilo que melhor expressa o que ele acredita ser verdade. Mas nos estados espirituais encontro-me totalmente incapaz de entrar em contacto direto com qualquer elemento de violência. Encontro-me perfeitamente capaz de influenciar mentes, de alcançar pensamentos e até de convencer vidas a levar por diante a luz da verdade espiritual.

Vejo, independentemente das nuvens escuras da tempestade que se agita e dos abismos profundos onde as vidas humanas se possam afundar, a linha separada de trabalho espiritual e a maré de luz espiritual que entra, a qual, antes, durante e depois da tempestade, é meu dever ajudar a derramar sobre o mundo. Se alguém está no conflito, pode estar em espírito e acima dele, e se, no meio da tempestade da batalha, o barco salva-vidas do amor espiritual puder vir para fortalecer e vivificar aqueles que estão em perigo; ou se, na praia, enquanto os socorristas estão no mar, aqueles que guardam as torres de vigia virem que a luz não se apaga, não será isso igualmente valioso?

Poderia não nomear aqueles com quem mais frequentemente tenho convivido na vida espiritual, principalmente pela razão de que os seus nomes foram considerados de demasiado valor no passado, e não fossem as observações pessoais que vos foram feitas hoje, eu nem sequer teria anexado o meu próprio nome. Ainda assim, em companhia daqueles com quem trabalho, trabalho profundamente, cheio do conhecimento de que a luz espiritual iluminará o mundo através das vidas que olham confiantemente em direção a ela.

Que de longe as mentes maiores e mais sábias da terra acreditam na luz que está a chegar, percebem a sua grandeza, a sua maravilha, a sua generosidade e a sua potência; e eles não têm pressa; percebem que devem esperar até que o amanhecer chegue, até que a luz possa brilhar; e perfeitamente cientes de que, seja o que for que possa advir entre o período da noite aqui antes de verdes o amanhecer, esta verdade estará sempre em harmonia com o amor e a sabedoria divinos.

Contudo, todos nós devemos trabalhar de certas maneiras. Se alguém escolhe ser um mensageiro de misericórdia em vez de discórdia, se pairando ao longo das linhas de batalha aqueles anjos de simpatia humana recolhem o fio das vidas humanas que estão partidas, ou se alguém falha no conflito, dizem uma palavra de alento, transportam-no para a vida espiritual. Cada um tem o seu próprio trabalho a fazer; assim, no conflito maior da existência humana, colocando sempre a verdade à frente do erro, fazendo sempre da convicção honesta do espírito aquilo que cada um deve seguir, continuo a ver que fazer e ser o melhor que iluminará o mundo espiritualmente é tudo o que posso fazer. Se tenho uma verdade, apresso-me a declará-la; se tenho uma palavra de conforto, apresso-me a proferi-la; se vejo uma luz que os outros não veem, apresso-me a anunciá-la, para que possa fortalecer aqueles que estão nas trevas, possa ajudar com esta luz aqueles que estão em conflito; para que possa mostrar que, de dentro da sombra deste período da noite, a luz mais brilhante do espírito chega infalivelmente, mesmo que chegue lentamente.

Uma palavra mais. Eu tinha olhado sempre para uma luz como esta que o Espiritualismo proporciona. Acreditava que uma luz como a que o meu amigo, o Sr.

Parker, percebeu que seria a luz do mundo, estava a chegar. Acreditava que a maré de verdade espiritual que entrava haveria de preencher, algum dia e em algum lugar, todo o mundo e ser tão potente quanto a luz do conhecimento em qualquer outra direção.

Não sabia quão cedo isto poderia chegar; instantaneamente, o meu conhecimento espiritual teve consciência da existência espiritual. Fiquei seguro de que era iminente, como veio a provar-se. Com essa certeza, todas as marés do meu ser fluíram em direção ao conhecimento do espírito para tudo na existência humana.

Não é possível aqui e agora, disse eu no início deste discurso, que vós tenhais conhecimento da vida diária do espírito. Muitas pessoas criticam-nos: por que razão, se o Sr. Channing ou o Sr. Parker estão a falar connosco, não nos fazem saber e perceber quais são os seus ambientes e condições tão de perto como se os visitássemos na terra? Exatamente assim: se vós nos visitardes na vida espiritual, nós vos faremos saber.

Se alguém entra no estúdio de um artista, o artista, se o receber ali, está inteiramente pronto, disposto e ansioso por mostrar a obra da sua mão e o espírito da sua arte; mas se alguém não puder entrar de todo, deverá o artista pegar nos seus esboços, nos seus sentimentos, na sua poesia, na sua obra aqui e ali, e apregoá-los pela rua? Entrai na minha habitação e eu vos direi como vivo.

SÓ DEUS É BOM

PROFERIDO EM NEWBURYPORT, MASS., 22 DE NOVEMBRO DE 1857

"E, pondo-se a caminho, correu para ele um homem, o qual se ajoelhou diante dele, e lhe perguntou: 'Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?'

E Jesus lhe disse: 'Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão um, que é Deus.'" — Marcos x. 17, 18.

Não é nosso objetivo, nesta ocasião, estabelecer ou tentar provar qualquer um dos fenómenos ou a filosofia do Espiritualismo moderno. Gostaríamos simplesmente de chamar a vossa atenção para assuntos morais e religiosos que consideramos adaptados a toda e qualquer mente humana, seja qual for a posição em que se encontre. E se considerardes que a fonte de onde emanam não é aceitável, se até imaginardes que provêm de uma origem de onde não aceitaríeis a verdade, por favor considerai o que dizemos, e não de onde estes ensinamentos afirmam vir.

Gostaríamos de chamar a vossa atenção para os versículos dezassete e dezoito do capítulo dez de São Marcos. O versículo dezoito, mais especificamente, será o objeto da nossa consideração.

Quando Jesus de Nazaré foi abordado pelo jovem que tinha seguido todas as regras estipuladas na lei de Moisés — os dez mandamentos — durante toda a sua vida, e se dirigiu a ele como "Bom Mestre, que farei?", Jesus diz: "Não me chames bom Mestre; não há senão um bom, que é Deus". Depois disto, ele passa a dizer ao jovem que, embora possa ter seguido estritamente as regras dos dez mandamentos, há uma coisa que lhe falta.

Mas chamaremos a vossa atenção especialmente para o versículo que se refere mais particularmente ao uso das palavras "Bom Mestre". Antes de elucidar este assunto, contudo, será essencial penetrarmos nas ideias religiosas, morais e sociais, pois elas terão uma grande influência tanto no destino humano como em todas as autoridades humanas. Não é nosso objetivo apresentar qualquer credo ou qualquer doutrina especial nesta ocasião, nem sustentar qualquer teoria, seja do Espiritualismo ou de qualquer outra seita ou outra classe de crentes na Cristandade, mas apenas dar as nossas ideias religiosas sobre este assunto. Como indivíduos, reivindicamos o direito de as expressar; como instrutores, se perante vós nos encontramos nessa qualidade, reivindicamos a vossa sincera consideração. Portanto, expressaríamos, com a mais alta e santa deferência por todas as vossas opiniões religiosas, aquilo que consideramos ser verdade.

A religião, conforme aplicada ao homem na sua alma mais interior, é essa capacidade do seu ser que exige um objeto de adoração. Consequentemente, nos estágios mais baixos do desenvolvimento humano, entre as nações mais pagãs e selvagens, encontramos princípios religiosos a impregnar as suas vidas inteiras e a controlar todas as suas ações. Esta homenagem instintiva ao Espírito Infinito do Universo torna todas as outras coisas — a igreja, o estado ou a ciência — submissas à ideia única de adoração religiosa. Certamente, entre todas as várias seitas na Cristandade, entre todos os vários crentes em qualquer época ou nação, esta verdade fundamental, distinta e única, jaz na base de todas as religiões. E quer discordeis na forma e na cerimónia de adoração, quer discordeis ou não nas vossas ideias sobre a manifestação da Mente Divina, deveis todos concordar com este princípio único: que existe um Deus e que esse Deus deve ser adorado e adorado.

Com esta verdade fundamental como base de todas as religiões, não vemos razão para que os homens e as mulheres, em cada nação, não estejam unidos pelos mais estreitos laços de simpatia; não vemos razão para que os homens estejam tão em guerra uns com os outros — para que correntes de sangue humano tenham corrido pelas encostas da Humanidade desde as primeiras eras da existência, meramente

devido a discrepâncias religiosas. Não vemos razão para que a mente humana proíba o seu irmão ou a sua irmã de adorar à sua própria maneira. O único objetivo a ser alcançado em toda a adoração é a felicidade infinita e eterna; e se alguns seguem um caminho e outros outro, se finalmente chegam à meta, estando esse objetivo alcançado, por que haveríamos de julgar os seus meios de lá chegar?

É apenas para que nos possamos aproximar cada vez mais do Grande Infinito, para que possamos ser cada vez mais aperfeiçoados; e se em alguma igreja existem formas especiais prescritas, de modo a proibir os seus membros de seguir as suas próprias conceções mais elevadas da verdade, pelo menos podemos todos apoiar-nos nesta crença comum de que existe um Deus; ele é o Infinito: devemos adorá-lo, adorá-lo, amá-lo, da melhor maneira possível. Temos, nesta verdade, uma tal manifestação do seu propósito divino que não nos importa como os seus filhos chegam até ele, desde que cheguem até ele com este espírito.

Com estas visões da religião, referir-nos-emos mais especificamente à religião cristã, àquela que se diz baseada nos ensinamentos, no caráter, na vida e na morte de Jesus de Nazaré. Esta religião, assim suposta estar baseada na sua vida e história, é, atualmente, a religião prevalecente em todos os países civilizados, ou naqueles que se dizem civilizados. Toda a Europa moderna e os Estados Unidos da América estão sob o controlo desta religião protestante. Ora, devemos remeter-vos muito livremente, não de forma religiosa ou dogmática, para a história da igreja cristã.

Em nenhuma história, seja bíblica ou profana, encontrámos qualquer evidência de que os ensinamentos e ditos que estão escritos nos quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, sejam realmente aqueles que Jesus proferiu. É sabido por todo o leitor da história que estes livros foram escritos muitos anos após a morte de Jesus e dos seus apóstolos; nem Jesus nem os seus apóstolos escreveram jamais esses evangelhos; mas o mesmo não se pode dizer das epístolas no Novo Testamento. Isto é provado, não pelas afirmações da Escritura, mas pela história, a qual é tão merecedora de confiança quanto qualquer história com interpolações, ilusões e tradições pode ser.

Com este facto perante as nossas mentes, o que resta provar é — São estes ensinamentos, em substância, aqueles que foram dados por Jesus de Nazaré, e continuam eles a ser belos, não obstante todas as interpretações e interpolações utilizadas, não obstante o apagamento de muitos deles no concílio de Niceia, quando Constantino reinava? Ali perdemos todo o rasto dos verdadeiros evangelhos e somos deixados a considerar quais são inspirados e quais não são. Metade daquele concílio estava a favor dos evangelhos que temos, a outra metade não estava: Constantino introduziu o seu voto de qualidade, e a maioria governou.

Ora, com esta visão da história do Cristianismo, não é de admirar para as nossas mentes que, com tantas tradições e perversões, homens e mulheres tenham erguido um altar sobre o qual existem tantas falhas e erros; que, a par dos brilhantes raios da verdade, haja tanta escuridão; que nesta corrente de água profunda e pura que tem corrido da Fonte de toda a verdade em todas as eras, pareça misturar-se o sangue e os ossos de mártires que morreram por um credo ou instrutor particular; que a lama e a imundície das margens sejam arrastadas para a corrente. Pode parecer assim às vossas mentes.

Sais ensinados a confiar implicitamente nas palavras da Bíblia, conforme vos são traduzidas das línguas grega e hebraica. Ora, não tendes nenhuma evidência, a menos que confieis implicitamente na letra dessa tradução, de que esse livro que vos é dado nas línguas inglesa, italiana ou alemã seja realmente uma versão perfeita das línguas grega e hebraica nas quais foi originalmente escrito — de que São Paulo escreveu as epístolas aos Romanos e aos Coríntios, como São Paulo.

Mas é evidente que deve ter havido algum fundamento para toda esta tradição; deve ter havido alguma base para todo este erro, misturado com tanta verdade; deve ter havido algum homem, algum ser, algum Jesus, a quem estas coisas possam ser atribuídas. E quando observamos a história de Jesus de Nazaré, descobrimos que Pitágoras, Aristóteles, Confúcio, todos proferiram muitos ditos registados como sendo originais de Jesus; que Confúcio vos ensinou a serdes bons e amáveis para com o vosso próximo, expressando a regra de ouro numa linguagem um pouco diferente, mas sem significado diferente daquela regra conforme dada por Cristo. Qual deve ser, portanto, a nossa conclusão a partir disto? Não que Jesus de Nazaré foi o criador destas verdades, mas que ele foi o representante personificado delas, numa vida perfeita e num exemplo perfeito; que todas as verdades que tinham vivido e envelhecido, anteriormente à vida do meigo Nazareno, se combinaram naquela forma, se centraram num princípio vivo do bem — Jesus o Cristo, ou Jesus o Contador da Verdade.

Ora, de acordo com o texto que escolhemos de São Marcos para ilustrar, esta manhã, e de acordo com qualquer outra passagem registada como sendo o dito de Jesus, ele não reivindica, em nenhum caso, ser mais do que homem, ou mais do que o Filho do homem. Ele chama-se a si próprio o Filho de Deus; chama aos seus discípulos os filhos de Deus. Chama a si próprio e ao seu Pai um só; mas continua a dizer: “Meu Deus e vosso Deus, meu Pai e vosso Pai”. E nesta passagem, da forma mais direta, ele afirma e determina que não é perfeitamente bom — pois só Deus é bom.

Ora, com as nossas visões de Cristo e dos seus ensinamentos, certamente não arrancaríamos nenhuma da indumentária resplandecente que o envolve a ele e à sua crucificação ou à sua vida; certamente não desejaríamos derrubar nenhum dos ídolos erguidos por qualquer história de Cristo; certamente não desejaríamos despojar

nenhum deles de qualquer princípio de bondade, na vida ou na ação, que possam atribuir aos ensinamentos, à vida, à morte ou à ressurreição de Jesus; mas apenas apresentar estas coisas na sua forma real e deixar-vos agir segundo a vossa razão e discernimento. Não colocamos perante vós nenhum credo e vos pedimos que o subscrevais sem o uso destas faculdades. Não, não derrubaríamos a bela imagem de Jesus como o Filho unigénito de nosso Pai; mas apenas dizemos que o quanto mais do que homem Cristo era, não somos capazes de determinar. Certo é que ele sempre se chamou a si próprio o Filho do homem.

Nas profecias e histórias que predizem a sua vinda, no Antigo Testamento, não encontramos nenhuma que, para as nossas mentes, se aplique explicitamente e se refira exatamente a ele em termos pessoais. Referem-se ao Cordeiro que haveria de vir, à Nova Jerusalém, mas não a qualquer forma ou a qualquer ilustração particular desse princípio. E a história do Antigo e do Novo Testamento não passa, para nós, da história de uma nação e das lutas dessa nação pela supremacia, pelos seus próprios direitos e opiniões religiosas.

A Escritura apenas profetizou um rei para governar, um rei dos judeus. Os judeus acreditavam que ele seria alguém que viria com uma carruagem e com cavalos, e que os libertaria pela força das mãos dos seus inimigos. Ele não veio de nenhuma forma semelhante; nem foi reconhecido, quando veio, como sendo o Rei esperado.

Nem foi reconhecido durante a sua vida como sendo esse Rei, salvo pelos seus discípulos e por alguns que receberam os benefícios da sua bondade, amor e misericórdia. Nem foi reconhecido mesmo quando Paulo, após a sua morte, entrou em Jerusalém. Paulo tornou-se conhecido como o seu defensor mais poderoso naquela cidade poderosa. Foi conhecido como o anunciador desse evangelho que Jesus ensinou, e por isso foi preso e a sua vida colocada em grande perigo.

Portanto, não no reconhecimento da opinião pública, não na pompa real, no poder e no esplendor foi ele reconhecido como o Rei dos Judeus; nem se acreditou que o fosse quando, no Monte Calvário, foi crucificado, quando os seus discípulos fugiram dele e ele já não foi reconhecido como Jesus o Cristo. Com estas palavras perante nós — com esta passagem na qual ele se chama a si próprio não bom, perfeito bom, mas declara que o único ser bom é Deus — temos distintamente colocada perante nós a sua própria ideia de si mesmo e da sua missão.

Percebemos que ele se considerava o Filho de Deus e o Filho do homem; e, como instrutor, como rei, como profeta, como vidente, como um homem divino, não como um Deus, ele manteve o seu caráter até ao fim, mesmo na cruz, mesmo depois de ter sido depositado no sepulcro. Quando ressuscitou, não disse: “Sou um Deus, e venho censurar-vos por me crucificardes”. Não disse: “Sou o grande Deus, e destruirei este

povo que me rejeitou"; mas continua a dizer: "Não me toques, ainda não subi para meu Pai. Vai, diz-lhes que subo para meu Deus e vosso Deus, meu Pai e vosso Pai", mantendo ainda a sua referência ao Pai como sendo ele próprio um dos seus filhos, associando-se ainda aos seus discípulos até ao fim, falando ainda de si mesmo como um irmão e um conselheiro. É reivindicado pelos Trinitários que Cristo, enquanto no corpo, falava frequentemente do seu Pai, aludindo à sua própria natureza divina, em contraposição à sua humana, enquanto no corpo. Mas ver-se-á que ele alude ao seu Pai da mesma maneira depois de ter deixado de lado a sua forma ou natureza terrena. Ele continua a ser o Filho do homem.

Com esta visão de Jesus de Nazaré, temos apenas de nos reportar à sua vida e exemplo, àqueles ensinamentos personificados na sua existência privada, àquilo que temos de verdade das suas observações, traduzidas do antigo grego e hebraico, conforme anotadas por membros da igreja primitiva e depois traduzidas a partir deles. É um facto histórico que estes quatro evangelhos e, na verdade, todo o Novo Testamento, foram escritos muitos anos após a partida de Jesus e dos seus discípulos, e que estes nomes, Mateus, Marcos, Lucas e João, foram assinados neles não porque tenham sido escritos por estes homens, mas porque aqueles que os escreveram viram distintamente que, sem outra evidência que não a sua própria tradição, não se acreditaria que fossem autênticos. O que se seguiu? Colocaram à cabeça de cada história, de cada tradição, o relato do nascimento, da vida, da morte e da ressurreição de Cristo, e tanto dos ensinamentos traduzidos daquelas línguas quanto são aplicáveis à moral moderna e ao Cristianismo moderno, conforme acreditavam ser perfeito e verdadeiro.

Foi divulgado que dissemos, numa reunião pública, que os ensinamentos de Pitágoras eram superiores aos da Bíblia. Certamente que nunca fizemos tal afirmação. Dissemos isto: que os ensinamentos de Pitágoras continham muitas coisas que estão contidas na Bíblia. E continham. O mesmo acontecia com os ensinamentos de Confúcio, de Aristóteles, de Platão, de muitos que não são reconhecidos como seguidores cristãos. Mas acreditamos que os ensinamentos contidos na Bíblia são a concentração de todas as verdades que os precederam e, consequentemente, superiores a qualquer um deles.

Damos todo o crédito àqueles que acreditam que a Bíblia é a palavra de Deus. Consideramos o testemunho positivo que temos e somos forçados a acreditar que as Escrituras foram interpoladas e deturpadas, que não contêm senão a história de uma nação lutando, guerreando, batalhando com os elementos mais grosseiros do seu ser, que não passam de uma história, revestida de uma roupagem alta e santa, que transborda de grande fervor religioso, com conceções finitas da Divindade. Devemos, com toda a deferência para com os crentes, continuar a acreditar que a sua inspiração é

a inspiração que os homens podem receber do Espírito Divino, ainda que se encontrassem num estado ignorante e inculto.

Ninguém — nenhum clérigo de qualquer inteligência, na presente época, traduz literalmente cada parte da Bíblia e vos pede para acreditar nela como aplicando-se à presente época. Todos reconhecem que o Antigo Testamento não passa do registo de uma raça lutando pelo aperfeiçoamento do seu próprio estado social e governamental. Mas a profunda corrente subterrânea de verdade que preenche o todo faz-nos reconhecer uma perfeição divina nele.

Tal é o caso na história da religião maometana e naquilo que a carateriza na presente época. Na sua guerra e derramamento de sangue, nos seus profundos erros e desvios da fé conforme originalmente ensinada por Maomé no Alcorão e nas tradições registadas a seu respeito, vemos a ação destas lutas e destas guerras, destes conflitos entre a verdade e o erro, entre a ignorância e a depravação e este elemento na alma aliado à Divindade.

Vemos afirmações tão definitivas no que diz respeito à história de Maomé como na Bíblia cristã no que diz respeito a Jesus de Nazaré. Seremos nós os juízes entre as duas religiões? Deverá o seguidor da religião cristã afirmar que a nossa é preferível ao Maometanismo? Nunca. O único juiz é a Divindade. Se o espírito de Cristo pôde chegar aos antigos judeus, então esse mesmo espírito pôde chegar novamente aos maometanos.

"Ninguém há bom senão Deus." Esta última cláusula do nosso texto refere-se, mais especificamente, à Bondade Infinita. Se o nosso Deus é infinito, e se a bondade é a perfeição, ele é infinito em bondade! Nós não temos senão uma centelha dessa bondade da qual ele é o todo. Se ele nos fez à sua imagem, é apenas no sentido de que a imagem é finita, enquanto ele é o infinito; apenas no sentido de que temos uma centelha dessa bondade da qual ele é a chama viva e ardente; apenas no sentido de que no altar das nossas mentes estão acesos os fogos imortais do amor e da beleza; apenas no sentido de que, como Jesus disse, Ele só é bom.

Ora, se ele fosse, como lhe é atribuído, o Deus real; se ele fosse o Pai, uma parcela da Divindade, nunca teria repreendido este jovem por se dirigir a ele como "bom mestre". Bom, conforme traduzido no Antigo Testamento, e conforme traduzido do grego e do hebraico, significa perfeito ou semelhante a Deus. Ora, Jesus nunca afirmou ser perfeito, nunca afirmou ser totalmente semelhante a Deus. Ele apelava a Deus; foi assaltado, como os mortais o são, por tentações. Sob a figura do Diabo levando-o a um alto monte e mostrando-lhe todos os tesouros do mundo, temos uma bela exibição das tentações a que cada homem está sujeito no início da vida.

Ele é levado ao monte da tentação e são-lhe mostrados os reinos do mundo, e é-lhe dito: “Prostra-te e adora-me, e terás todas estas posses”. Poucos são os que conseguem dizer: “Para trás de mim, Satanás!”. Ninguém há bom senão Deus. Com esta ideia, basta-vos sentir que, na história de todas as nações e de todas as eras, ninguém pode pretender ser perfeito em bondade. Se tomarem a vida e os ensinamentos de Jesus por exemplo, ele, não pretendendo ser perfeito em bondade, não poderia ser uma regra infalível para as suas ações, exceto na medida em que os ensinamentos e o exemplo de Jesus seriam bons para todos, sob quaisquer circunstâncias; amar aqueles que estão em aflição e miséria, e segui-lo em todas aquelas ações e princípios que o aliavam mais de perto à Bondade Infinita do que qualquer outro ser que jamais caminhou sobre a terra. Mas, ainda assim, ele não era Deus, não era infinito, não era perfeito, pois só Deus é bom.

Então, deverão os homens que seguem a Bíblia da luz, que assim se encontram nos cumes da verdade e da eternidade, que veem distintamente o exemplo que lhes foi dado e a beleza da sua vida, e que seguem apenas lenta e relutantemente os passos deste Nazareno sacrificado, manso e humilde — deveremos nós dizer: “Nós somos verdadeiros e perfeitos, e vós deveis fazer como nós fazemos”? Deverão os cristãos modernos deificar-se a si próprios e pretender ser os únicos filhos de Deus perfeitos e divinos?

Deveremos nós dizer que ele nos escolheu para sermos o seu povo, enquanto os raios da verdade brilham para sempre? Que a uma nação é dada esta verdade, enquanto a sua irmã é mergulhada nas trevas? Que uma religião é a única aceitável para Deus, enquanto na outra a adoração religiosa é oferecida de forma tão conscienciosa e sincera por aqueles que se curvam diante dos seus altares?

Deveremos nós dizer que estamos certos e eles errados? Não deveremos, antes, considerar que existe apenas um Deus, e que ele é bom; que todos podem seguir as suas pisadas, não tendo nenhum o mesmo caráter, nenhum as mesmas ideias, nenhum os mesmos sentimentos, não existindo duas nações com a mesma história religiosa? Deveremos nós dizer que somos finitos, e não imperfeitos como representantes daquilo que é infinito e perfeito? Não! Sejamos antes firmes em reunir todo o bem; imaginemos que os outros são, pelo menos, em parte verdadeiros nas suas ideias.

Tudo o que tende a elevar o homem, que o afasta cada vez mais das coisas baixas e aviltantes da vida e o conduz a conceções mais elevadas do seu irmão e de Deus, que desenvolve o bem-estar dos homens e das nações, é verdadeiro e bom. Mas aquilo que faz com que uma nação cristã vá para a guerra com outra menos cristã, ou menos civilizada do que ela própria, não provém de Deus.

Não vivamos nesse espírito de Cristianismo que chama novo às coisas velhas, que procura antigas invenções sob novas formas e as reivindica como suas; não naquele que só consegue ver a verdade nas lições de um único instrutor, mas sim naquele que reconhece o todo, naquele que chama a todo o mundo filhos de Deus e que vê o seu espírito no grande templo do Universo, a preencher cada um dos seus departamentos, naquele que reconhece cada pensamento, cada sentimento, como estando de alguma forma aliado aos anjos.

Se sois mais perfeitos, ou se a centelha de bondade dentro da vossa alma está mais perfeitamente acesa do que a do vosso irmão, não o desprezeis nem lhe digais que ele não tem um único átomo, um único rasto de Deus; mas dizei-lhe que a bondade não é perfeita, contudo a centelha está lá, e o sopro do Infinito pode avivá-la até ser uma chama viva. Deus nunca fez um mundo que não possa controlar, nunca fez uma alma que não possa salvar.

Se todas as ideias que caraterizam a ação dos países cristãos devessem ser tomadas como o padrão da religião cristã, poderíamos dizer que esta era menos perfeita do que a dos habitantes das Ilhas Sandwich, de quem nunca se soube que roubassem, nunca se soube que mentissem, nunca se soube que tivessem fechaduras e trancas, prisões e penitenciárias, até que os missionários cristãos lá foram. Mas se havemos de tomar os ensinamentos e a história das nações cristãs como prova da sua religião, então remetemo-nos aos maometanos e aos pagãos para exemplos de moralidade e justiça. Se havemos de tomar tanta verdade em cada nação quanta a que ali existe, dizemos que esta é a nossa teoria, e que é verdadeira.

Quando toda a verdade se fundir, e todas as nações estiverem ligadas pelos laços de uma simpatia comum e de uma humanidade comum, então poderemos curvar-nos diante do trono e adorar um único progenitor comum; então poderemos tomar o romano, o índio, o maometano e o judeu, todos pela mão, e dizer: “Tu és meu irmão”. Então poderemos fundir cada nação com a outra, cada religião com a outra; o universo clamará, a partir dos corações e dos lares, a partir de um país próspero, a partir dos pensamentos divinos dos seus servos: “Nosso Deus, nosso Pai, ninguém é bom senão Tu!”. E este Jesus, que é o Cristo e o Contador da Verdade — que viveu há mais de mil e oitocentos anos — e foi crucificado no Monte Calvário —, deverá a sua ascensão para seu Pai impedir que esse mesmo espírito fale a cada nação?

Não pode Deus estabelecer os seus oráculos em cada nação e época do mundo? Não podem os princípios que Cristo ensinou ser ensinados noutros países? Existe uma maré poderosa, uma corrente cristalina que se ramifica para abençoar cada época e cada mundo, cada nação e cada povo. Não é apenas para vós, que vos julgais os seus escolhidos; para ele, todos são como os mundos em movimento, mal existindo um espaço entre eles, fundidos cada vez mais perto uns dos outros, formando a sua família

inteira, os seus filhos divinos. Assim como Jesus de Nazaré pode ser considerado o seu Filho divino, assim podemos reconhecer o género humano como sendo todo composto por filhos seus.

E por mais minúsculo que seja o princípio sagrado, a centelha de vida, ele pode ser visto em cada alma humana, por mais obscurecido que esteja. Pode ser visto no rosto meigo da Madona, enquanto o católico a adora e lhe chama a Virgem. Isto pode aplicar-se, também, às histórias privadas, bem como às histórias políticas e religiosas das nações. "Não há senão um bom, que é Deus." Quão poucos percebem isto! Quão poucos existem a trilhar o caminho da sua vida diária, dirigindo ao seu próximo alguma palavra dura, algum credo ou doutrina, que percebam que existe apenas um perfeito, e que esse é Deus. Eles afastam-se daqueles que divergem das suas teorias e dizem: "Serás levado para as trevas; Deus te julgará"; sem nunca pensarem que Deus é infinito no julgamento, infinito na bondade; sem nunca pensarem que são apenas como um átomo no sistema solar; sem nunca pensarem que Deus vê a alma e a vida, a centelha do divino no ser de cada homem.

Homens e mulheres, cristãos, infiéis, espiritualistas, o que quer que sejais, lembrai-vos de que existe apenas um bem perfeito, e esse é Deus. Jesus de Nazaré não o reivindica; Maomé não o reivindica; os escritores do Zend Avesta e do Shasta não o reivindicam; aqueles que, nas nações pagãs, têm as suas visões, as suas tradições, as suas Bíblias, não o reivindicam; mas o único Deus, o Jeová, ele é o eterno, o bem perfeito. Vós, no finito, não podeis ser juízes do infinito; vós, no material, não podeis compreender a imortalidade enquanto ela não tiver passado.

Vós, que viveis no palco da ação, não podeis compreender a eternidade enquanto a eternidade não deixar de ser. Não; aquele que vê o fim desde o princípio vê, sozinho, os pensamentos das nossas almas, e só ele pode julgar. e quando reis e potentados, com atos fingidos e orgulho fingido, contendem sobre matérias de adoração religiosa, a ele cabe sorrir da sua tolice, como nós sorriríamos das querelas das crianças. Ele sabe que todos hão de, finalmente, entrar em perfeita harmonia, que todos hão de entrar no bem perfeito, e todos os homens estarão unidos pelos laços vivos da perfeição e da paz.

Quando, dia após dia e ano após ano, os resplendores da sua luz forem derramados sobre as vossas almas; quando todas as religiões estabelecidas, e os templos dedicados à sua adoração, se desvanecerem como já se desvaneceram as antigas Jerusalém e Roma — até mesmo a vossa própria cidade e as vossas próprias igrejas; quando todas estas coisas se desvanecerem para sempre da terra, a Eternidade proclamará que existe apenas um bem, e esse é Deus: enquanto a alma, sempre a esforçar-se por alcançar a compreensão e o desenvolvimento desse bem, continuará a tentar alcançar o infinito, continuará a contar os mundos em rotação, a medir as

distâncias dos sóis, e sempre com este pensamento e este sentimento: “O nosso Deus é o único bem perfeito”.

Quão pequenos somos! — não passamos de um átomo no mundo flutuante do pensamento — não passamos de um ácaro no grande enxame vivo de almas que existem nas esferas eternas; e, contudo, nenhum é tão pequeno, nenhum tão ténue, que não seja reconhecido pelo Grande Pai como um dos seus filhos, que não seja recebido e purificado por ele; e o seu louvor e a sua adoração serão a recompensa eterna do vosso amor e obediência para com ele.

Portanto, na vossa vida diária, em todas as vossas ocupações, sejam seculares ou religiosas, lembrai-vos do que este Cristo, este Jesus de Nazaré, disse. Vós não podeis ser perfeitamente bons, pois existe apenas um bom, e ele é o Infinito; vós sois apenas finitos, e para sempre, ao longo das eras infindáveis da eternidade, continuareis a tentar alcançar aquilo que não é vosso, continuareis a proclamar que não sois bons, enquanto esta verdade única vos sobressalta e vos encara de frente: Deus é o único bem perfeito.

Ide ao Monte Calvário; vede Cristo crucificado como um malfeitor comum, entre aqueles dois ladrões referidos na Bíblia. Quando ele, na calma da sua própria vida, na perfeição da sua própria simplicidade, na adoração desse Deus que lhe deu o nascimento, diz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” — ele próprio expressou, da forma mais plena, a ideia de que existe apenas um bem, e esse é Deus, pois não reivindicou o poder de os perdoar inteiramente. Ele apenas podia perdoar-lhes os males que lhe infligiram a ele; não podia perdoar-lhes a ofensa à sua própria consciência, às suas próprias almas. Ele pediu ao seu Pai que o fizesse, mantendo até ao fim as suas conceções divinas de Deus, continuando a julgar-se apenas o Filho desse Pai Infinito.

Quando vemos a zombaria do Filho de Deus, a profunda adulteração daquilo que tem sido verdadeiro e perfeito; quando vemos Cristo, e depois olhamos para la religião dos homens que professam adorar o Infinito e seguir o exemplo de Jesus o Cristo — vemo-los a zombar do seu Criador com adoração, enquanto ao mesmo tempo contemplam fazer dano ao seu irmão; quando os vemos a professar seguir os ensinamentos do meigo Nazareno, enquanto nas suas ações negam cada princípio de justiça e de religião; quando vemos profitentes da religião e, o pior de tudo, aqueles que pretendem ser instrutores do povo, de pé no púlpito, e num momento anunciam doutrinas de bem que a sua vida não personifica — noutro, doutrinas que ultrajam cada princípio de humanidade —, então vem a profunda maré de emoção perante a visão destes males, e somos propensos a exclamar:

"Terá Deus abandonado os seus filhos e deixado em trevas morais e religiosas?". Mas nunca, enquanto um único coração pulsar com a vida divina, enquanto uma única alma prosseguir as suas buscas pela verdade, enquanto uma única sociedade, uma única família ou um único homem tiver no seu coração as operações deste espírito divino, deveremos desesperar ou queixar-nos — dizendo sempre: "Existe apenas um Deus, e ele é bom".

Concluímos o nosso discurso sobre este assunto, e diremos apenas agora, para terminar, que se encontra aqui um espírito que encerrará o serviço cantando um hino.

O PRINCÍPIO CRÍSTICO

Um Discurso Inspiracional pelo espírito de William Ellery Channing, através da mediunidade da Sra. Cora L. V. Richmond

Proferido em Boston, na tarde de domingo, 15 de Fevereiro de 1880.

O mundo espera eternamente pelo seu salvador. As gerações erguem-se e caem, os impérios são criados e perecem; os reinos desmoronam-se e desaparecem, mas a alma humana espera ser salva. O verdadeiro Cristo ainda não apareceu; o milénio final ainda não chegou; mas o homem continua eternamente a aspirar àquela verdade suprema que o tornará sábio, livre e perfeito. Mas que fazemos nós desse Cristo que já existiu, e dessa verdade que é tão antiga quanto o tempo? Pisamo-la; crucificamo-la e condenamo-la à morte; escravizámo-la e encerrámo-la em masmorras para testar a sua imortalidade.

E, no entanto, quando destruída, cobiçamo-la; quando fora de vista, ansiamos por ela; e, por fim, o mundo volta-se para trás, olhando para o Cristo crucificado como o único salvador. A criança deseja a flor aos seus pés, arranca-a do caule e, no delírio de um momento, desfaz-lhe as pétalas em fragmentos. As estrelas não estariam ao alcance da observação humana se não fossem tão elevadas, tão distantes e tão fora do seu domínio, de modo que a alma ascende até elas pela espiral da ciência, baseando os seus cálculos nos sólidos fundamentos da matemática; e ninguém lhe pode roubar as suas possessões estreladas; nem mesmo ele próprio se pode privar delas.

O homem não pode possuir aquilo para o qual não está preparado, e a verdade suprema que procura é tão alcançável no passado quanto no futuro. Com toda a sua compreensão, talvez esteja hoje pouco mais apto a entendê-la do que outrora. Devemos estar conscientes de que a Terra avança, mas tão lentamente que um Cristo sucede a outro, uma dispensação sucede a outra, sem encontrar a humanidade mais

próxima de estar pronta para aceitar os sinais da hora. Cristo no Monte das Oliveiras, ou Moisés no deserto, ou Buda ensinando as palavras do Altíssimo, ou os maravilhosos profetas vindos do Oriente com tesouros lendários de sabedoria nos lábios, ensinando nos desertos da Palestina — estes não foram compreendidos no seu tempo. Platão era considerado um sonhador; Sócrates, um lunático; todos os mestres foram confinados aos estreitos limites dos poucos que compreendem e dos muitos que perseguem; e o Cristo desta hora permanece distante, do lado de fora da vossa morada, batendo às portas das vossas vidas, enquanto vós, por vossa vez, clamais: "Crucificai-o!"

A Verdade, contudo, sendo tão antiga quanto Deus, que é desde a eternidade, jamais se desencoraja. A Verdade, sendo pessoal no homem e infinita na Divindade, possui em si toda a paciência e espera o seu tempo. Todo o anunciador da verdade compreende o seu destino quando ele chega; sabe o que o espera aqui, cumpre a sua obra e segue adiante. Toda a expressão de inspiração concedida à humanidade encontrará certamente resposta, resposta essa que a conduzirá através dos tempos, deixará aí a sua marca, iluminará o mundo com a sua luz e receberá alguma apreciação quando a próxima dispensação estiver pronta para nascer.

Há aqueles que consideram que a verdade é um princípio último — sem individualidade; que não requer forma de expressão, manifestando-se em todas as formas e pessoas, de acordo com o seu crescimento, como uma atmosfera, como um solvente. Eu não pertenço aos que acreditam nisso. Tão real e pessoal é a verdade para mim que ela me chega sob a forma de Cristo; chega-me sob a forma de cada mestre; chega-me sob cada forma e imagem da vida individual no universo.

Existem poucos Cristos; há muitos mestres. Existem poucos visionários; há muitíssimos seguidores. Tu e eu pertencemos a estes últimos. O Cristo apareceu-nos, ou está prestes a aparecer; mas talvez não possamos nomear o tempo nem o lugar. Outros receberam o seu Cristo; o reino da verdade chegou até eles; o divino, personificado ou impessoal, foi realizado, e o espírito foi batizado no reconhecimento supremo. Não acreditais nisso? Então que faremos com os grandes mestres da poesia, da arte, da ciência, da literatura? Ignoraremos Galileu porque um estudante compreende parcialmente o seu método? Diremos que Miguel Ângelo não era um génio porque os imitadores são as limitações das suas esculturas? Declararemos que Dante não sentiu o fogo e o fervor da inspiração sublime porque os poetastros e rimadores da época limitaram debilmente os seus versos? Não descobriremos sempre o mestre por detrás daqueles que abrem o caminho do mundo? Não reconheceremos Humboldt como maior do que aquele que apenas o venera no seu altar? Não será o líder maior do que os que são conduzidos? O general mais forte do que o exército? A mente que guia mais poderosa do que aqueles que são guiados?

O Sol será o centro do sistema solar, quaisquer que sejam os satélites ou planetas que possua; qualquer que seja o seu grau de brilho ou desenvolvimento, o Sol está presente, e aquele sol distante, preenchendo o seu lugar central, será a força e o movimento e a luz em torno dos quais os planetas e os seus sistemas giram. O Sol central é o sopro da vida para todos.

Cristos vêm à Terra como dispensadores de verdade especial, trazendo a culminação de mensagens que nascem nos reinos espirituais e se realizam nos cumprimentos da hora. O meu amigo e irmão, Sr. Parker, acreditava que cada época produzia o homem necessário — Napoleão ou César, Brahma ou Maomé. Hoje, desde as fortalezas do poder espiritual, ou desde os domínios da vida do espírito, os generais do pensamento humano, os líderes da emancipação humana, os coroadores da aspiração humana, são anunciados e fazem surgir o seu advento.

O Cristo nascido em ti e em mim, o pensamento da verdade despertado dentro de nós, revela-se como intérprete entre ti e Deus, ou entre mim e Deus. Toda a verdade despertada em nós por esse toque divino liga-nos à divindade. Há ali alguma personalidade, alguma voz infantil, voz angélica, voz crística, falando-nos talvez na escuridão e no silêncio das nossas vidas, mas sempre uma voz, sempre uma identidade. Não saltamos para a salvação, nem emergimos como uma chama inconsciente no sopro de Deus. Não somos agraciados com a imortalidade sem intuição nem propósito; nem o mundo pode ser salvo de um só golpe pelo movimento de qualquer verdade. Crescemos até esses estados; desabrochamos neles. Chegamos lá como os planetas chegam ao seu periélio, como os mundos e os sistemas chegam ao seu desenvolvimento e perfeição. A hora em que o Cristo nascerá em ti é conhecida pelo anjo da tua vida. A hora em que Cristo, na Galileia, no Monte das Oliveiras ou no Calvário, é revelado a qualquer coração humano, é conhecida pelo anjo dessa dispensação; e, por todo o mundo, cada espírito salvo por Cristo já está pronto para ser chamado.

Não aqueles que dizem: “Senhor! Senhor!”, mas aqueles que estão possuídos pelo espírito de Cristo, nascidos para o seu reino, tal como a criança nasce para a luz dos olhos da mãe, tal como o mundo nasce para o sopro da Primavera, ou como a flor se abre quando o ar do Verão passa sobre ela e desperta no coração da rosa o hálito do perfume. Ninguém pode dizer quando será salvo esse grande espírito que habita na proteção consciente de toda a vida, e o anjo que observa, das alturas do reino espiritual e angélico, os filhos da vida sobre a Terra.

Muito ouvimos falar do princípio crístico por aqueles que rejeitam a pessoa de Cristo. Pela minha parte, acredito em personalidades; acredito em indivíduos. Não creio que tu ou eu possamos ser salvos inconscientemente. Somos salvos inteligentemente. Cresceremos através da consciência que existe dentro de nós. A

divindade que nos pertence é a nossa imortalidade. Se for uma imortalidade inconsciente, então não é nossa. A identidade dentro de nós é aquilo que compreende a verdade, a identidade da verdade é aquilo que nos faz compreendê-la e, nascida com o espírito crístico sobre a Terra, não é Jesus que adoramos, mas Cristo.

Não é Moisés nem Elias, mas o espírito da verdade vivo dentro de nós. Não nos curvamos diante do santuário do Calvário, nem adoramos a cruz num sentido literal. Ela significa para nós um divino sacrifício pessoal. Quem não percebe quando o Calvário está dentro da alma, e que coroa surge da conquista de si mesmo que, neste mesmo dia e hora, pode estar a aproximar-se dos vossos corações? O Getsémani hoje, a vitória amanhã. E quando o Calvário aparece, não estais vós unidos com Cristo?

Admiro-me com esses mortais de vista curta que confundem uma forma com um espírito, uma forma com uma alma, e negam uma verdade porque a sua sombra não lhes agrada. Lembrai-vos: o mundo nunca seguiu um Cristo que fosse indigno. Em última análise, os seguidores de Moisés ou Jesus, Buda ou os visionários do Oriente, foram dignos daquilo que seguiram. Apenas as imitações são indignas, e essas o espírito rejeita. O mundo nunca rejeitou o Monte das Oliveiras, nunca desprezou o Sermão da Montanha. A Regra de Ouro é elevada acima de toda a perseguição humana. O que rejeita é o catecismo de Westminster, São Paulo e Roma, mas não o espírito de Cristo. Nascido de novo no seu reino, revelado a nós desde o interior, a sua luz tornou-se gloriosa através de incontáveis eras. O espírito disso é nosso.

A sua evidência está sobre nós; não o poderíamos rejeitar, mesmo que quiséssemos; não o rejeitaríamos, mesmo que pudéssemos. Pois não é o mesmo espírito que hoje aqui existe, e não estais vós possuídos da sua presença e do seu poder? Não reconheceis os seus sinais e símbolos? Não estão eles espalhados pelo mundo, cumprindo a sua missão? E não estais vós, como a nação hebraica, esperando o vosso profeta, o vosso rei, o vosso Salvador? Ele vem silenciosamente, como alguém que chega na noite; surge sem anúncio, talvez tomando o seu lugar nos vossos corações e tornando-se uno com as vossas vidas.

Essa verdade que vos revelou a vida triunfante sobre a morte; essa emancipação que vos libertou da escravidão dos credos, tornando a verdade una em todas as épocas; essa luz que firmou os vossos pés, não sobre o Calvário, mas sobre o Monte da Transfiguração; essa glória que iluminou a vida futura com existência consciente, e o caminho dos profetas e mártires com a luz de uma verdade sempre presente; essa verdade que constrói pontes sobre todas as lutas e contendas humanas, sobre a amargura dos reis e a guerra dos príncipes que procuraram não Cristo mas coroas — isso aproxima-vos cada vez mais da hora viva, do presente, do hoje. Estais mais nascidos para a dispensação cristã do que as próprias nações da Terra teriam acreditado.

Lembremo-nos, então, de que as pulsações de Cristo fluem em direção à Terra quando a Terra está preparada. Semeais a vossa semente quando o solo está pronto; recolheis as vossas colheitas quando os céus amadureceram. A frutificação nasce em vós no Outono, e a consciência da Terra renova-se pelos resultados da colheita. Os reinos espirituais não são semeados ao acaso; a Terra não é preparada acidentalmente para o nascimento dos Salvadores, nem existe um nascimento acidental que anuncie uma nova dinastia antes do dia e da hora estarem maduros para a sua chegada. Preceder o mundo é a missão de Cristo; conduzir o mundo é a obra única do Salvador. Aquilo que acompanha exatamente o compasso e o tempo dos vossos passos é apenas igual a vós; mas aquilo que vai adiante, a mais elevada vanguarda, isso é o espírito da hora.

Há quase dois mil anos, foi Jesus de Nazaré. Outro ciclo está agora quase concluído. O mundo em breve testemunhará uma nova evidência do poder divino. Será homem? Será mulher? Não serão ambos? No passado, homem e mulher alternadamente dominaram. Maria, a mãe de Cristo, foi adorada quase como Deus; Cristo foi adorado como Deus por aqueles que ignoravam o espírito materno. E, em eras remotas, Osíris e Ísis dominaram pelo poder da vida dual, do nascimento e da salvação. O espírito crístico do Oriente ministrando à humanidade; Buda aparecendo nas maravilhosas transformações e reencarnações da alma — estes são os emocionantes registos dos tempos antigos. Hoje o mundo espera. Será o Cristo homem ou mulher?

Há quem afirme uma coisa e quem afirme outra. Não será o princípio crístico supremo ambos? Não será o espírito completo da salvação a humanidade inteira? E no advento daquele espírito que hoje paira sobre o mundo, não existirá no Pai e na Mãe-Deus uma profecia do Cristo por quem esperais, que vela por vós, no verdadeiro advento da nova dispensação? Pois que significa esta agitação social? Que significa este tremor maravilhoso das gigantescas estruturas dos tempos antigos? Que significa esta sondagem e perfuração das feridas e cicatrizes da vida social, senão que deve haver uma renovação de todo o tecido humano? E de onde vem esta vida dual? Cristo falou da “noiva”. Talvez nunca a tenhais conhecido, mas ela existia ali; o espírito dessa presença inefável que completava a sua vida. Assim, no mundo atribulado que agora pede e reclama um Salvador, não é o menino-homem, não é a menina-mulher que deve nascer para a nova dispensação, mas ambos igualmente, homem e mulher — a nova humanidade, consagrada na sua própria imagem perfeita.

Ah, se soubésseis que símbolos subtis estão vivos no ar, que vozes significativas anunciam a sua chegada, e que poder de verdade existe nesse novo Belém que hoje floresce, e quando mais cem ou duzentos anos tiverem passado, que harmonia suprema aguardará o seu cumprimento, não vos admiraríeis de que espíritos e anjos saúdem esta

aurora com jubilosa aclamação e anunciem a solução de muitos problemas que agora estão velados na escuridão sobre a Terra.

Não existe Cristo que não seja para homem e mulher. Não existe Cristo que não seja para a humanidade. Os anjos que saem das esferas de luz chamavam "filhos de Deus" — "filhos" num sentido genérico — mas, no sentido dual, o homem e a mulher perfeitos: estes são os dispensadores das grandes verdades ao mundo; e essas dispensações e profecias revelam o princípio crístico.

Está escrito por João, naquela maravilhosa visão na ilha de Patmos — visão essa que, interpretada no seu significado literal, revela toda a história espiritual do mundo — que haverá "doze espécies de frutos da árvore da vida para a cura das nações". Assim como doze representa o supremo, o cumprimento das promessas espirituais ao mundo, também pelos doze Messias que hão de vir, o princípio completo da vida crística terá sido revelado ao mundo. E sendo a presente vinda apenas a sexta no ciclo do desenvolvimento da Terra, será uma ilustração significativa, uma vitória significativa, porque o mundo terá apenas completado metade da solução pela qual suspira. Metade redimida; metade glorificada.

Apenas a outra metade permanece por cumprir. E é por isso que os antigos tecidos estão a desfazer-se e as antigas dinastias estão a ser derrubadas, e o espírito da vida manifesta-se através de todas as velhas avenidas do pensamento humano. As dispensações dos tempos antigos estão a ser restauradas, e descobris, não apenas pela ciência, pela erudição e pela invenção, mas também pelos laços da intuição, que vos ligam ao passado, que cada nascimento da verdade, designado por esse nome sobre a Terra, foi um nascimento do princípio crístico, uma incorporação daquele princípio divino que, na sua plenitude final, redimirá o mundo.

Aqueles que são os primeiros frutos dos reinos de Cristo que vêm ao mundo; aqueles que estão prontos para amadurecer na colheita, devem ter vivido e começado noutros lugares além da Terra; devem ter nascido noutros planetas e sido impregnados de algum sopro de promessa que depois os aproximou mais do Cristo do que aqueles que vieram depois. Novas dispensações terão de surgir para reunir os antigos fragmentos das eras passadas, e duas vezes ainda terá de ser completado o circuito do mundo antes que todas as nações sejam atraídas conjuntamente para a plenitude deste princípio.

Mas quem não percebe que, em certos momentos da vida, podeis contemplar alguma luz da salvação humana e apontar para aqueles que estão aliados aos salvadores da hora? Vistes-nos, durante a última metade do século, lutando, combatendo quase até ao extremo pela liberdade do homem, e vistes-nos atacar os grandes males centrais da Terra, implorando pelo prisioneiro e pelo desventurado.

Vistes-nos agir através dos corredores da governação, vivos com o fervor e a inspiração da hora, deixando registo claro Daquele que há de vir. E nesta hora, sob alguma luz de inspiração, podeis erguer-vos e assinalar o caminho daqueles que anunciam a aurora prometida, dizendo: “Estes são os arautos; estes foram comissionados para anunciar o novo amanhecer.”

E um anjo, mais glorioso do que os demais, mesmo junto às portas da vida humana, nascido com inspiração e profecia nos lábios, vestindo o último século com uma chama de fogo, predisse aquilo que agora está a chegar — anunciou o advento da Nova Dispensação. Mas ela ainda espera… O tempo que ainda têm para desabrochar de novo — e um novo sopro de vida deverá ser infundido naqueles que hão de receber o novo espírito de Cristo — então há preparação. O Salvador não nascerá no Oriente, mas no Ocidente. O espírito crístico não nascerá no Oriente, mas no Ocidente. O círculo completo da civilização terá sido cumprido; e longe, onde o sol se põe nas águas cintilantes do mundo ocidental, para além das montanhas revestidas de esplendor — cujos vales são verdejantes com a vida, e cuja flora exuberante perfuma o ar como incenso — ali surgirá a nova luz, ali aparecerá o novo Salvador. Os males que agora existem terão então sido corrigidos; a vontade persecutória que agora encontra apoio nos lugares elevados terá desaparecido; e as corrupções que quase consomem a vida e a vitalidade das nações terão sido curadas pelo vento mágico deste conhecimento.

O poder probatório terá ido até ao próprio coração da ferida da corrupção humana, e a nação permanecerá, não como agora, mas como o epítome das nações do mundo, revestida de uma verdadeira humanidade e radiante com uma nova vida. O novo espírito da verdade encontrará expressão em todas as formas de vida finita. A alma que habita será reconhecida, será apreciada. Doravante o espírito de Cristo não será perseguido sobre a Terra, nem condenado à morte, nem apedrejado, nem desprezado; pois o homem procurará o bem espiritual supremo e, em vez de se voltar para a Terra, voltar-se-á para o Céu.

Agora, desde esta hora em diante, vereis que aqueles que estão aliados à verdade espiritual e à inspiração serão mais favorecidos, úteis, prósperos e ativos. Haverá menos vindicta a persegui-los, menos perseguição; os profetas não serão sempre apedrejados; os mestres não serão sempre desprezados e escarnecidos nas ruas. Haverá não apenas liberdade, mas apreço, e a luz do espírito brilhará doravante com mais ardor e plenitude. Aproxima-se o verão da inspiração. A Primavera já aqui está e, embora soprem ventos violentos e tempestades pelo mundo, eles são os arautos dessa nova aurora que precede a glória plena que há de vir. Felizes aqueles que, do alto das montanhas, anunciam o seu advento!

Felizes aqueles que, nos vales, sentem as pulsações da sua chegada! Felizes aqueles que compreendem que o coração da humanidade não foi criado para permanecer oprimido para sempre, e que a luz da verdade não será eternamente extinta pela corrente turva da política humana ou pelo fluxo sórdido da ambição humana! Podeis abrir caminho e dar lugar a uma inspiração mais elevada. Amanhã não sereis ridicularizados por aquilo em que hoje acreditais em segredo. Não haverá escárnio nos caminhos e atalhos, e quando alguém se erguer entre os seus semelhantes e proclamar a mais elevada verdade, ninguém clamará: "Crucificai-o!", pois com este Cristo que agora surge numa nova dispensação cessam as perseguições. Metade das dinastias do mundo estando completas, a dispensação mosaica passa, e Cristo vem habitar sobre a Terra.

A VOZ DO GOVERNO – GOVERNO HUMANO

CORA L. V. HATCH NO DODWORTH'S HALL

Domingo, 3 de Fevereiro de 1861.

LIÇÃO MATINAL

Sobre as montanhas repousam nuvens sombrias de aflição, e dos vales e das planícies ergue-se uma voz de lamentação, como se o desespero tivesse colocado o seu selo sobre a Terra, e por todo o ar carregado de temor ressoa um clamor por misericórdia. É maravilhoso para o filósofo, o historiador e o metafísico observar que lutas e provações a Verdade é capaz de suportar sem perder nem o seu esplendor nem a sua fecundidade, sem deixar de ser aquilo que deve sempre ser: triunfante e gloriosa.

A oradora desenvolveu então a ideia da indestrutibilidade da Verdade absoluta e da impossibilidade de impedir o seu triunfo final em qualquer direção. Um espírito vil de conservadorismo cego pode empregar em vão todas as suas artes insidiosas, pois temos o testemunho de toda a história da nossa raça de que a Verdade é absoluta, inflexível, incapaz de ceder a qualquer encanto, por mais poderoso que seja. A mente humana debate-se agora entre duas forças: o certo e o errado. Alguns procuram interpretar a verdade de acordo com as suas ideias preconcebidas e os seus preconceitos; mas o certo e o errado distinguem-se entre si tão claramente e de forma tão inequívoca como a glória serena da manhã se distingue da escuridão da meia-noite, ou do brilho fugaz e irregular dos meteoros. A Verdade não necessita de interpretação pela sabedoria humana e, por mais que seja obscurecida ou pervertida pela arte e pela ciência, permanece, na sua beleza e pureza incontaminadas, a mais elevada e santa descendente do Céu. E, contudo, é admirável como o mundo está impregnado da

conceção de que o erro pode estar aliado à verdade, e que subterfúgios traiçoeiros são usados para induzir a mente humana a render o seu desejo inato e o seu privilégio de conhecer a verdade, repousando antes sob o entorpecente feitiço da falsidade e da ilusão!

E o intelecto humano, apesar da sua potência e capacidade de compreensão, é ainda assim o mais facilmente enganado. A evidência dos nossos sentidos é falível — e tão fraco é, em geral, o nosso tão exaltado intelecto, que em todas as épocas passadas foi levado lentamente e com sofrimento a conclusões, apenas para depois as reconsiderar e derrubar. Nenhum princípio foi jamais estabelecido permanentemente por este intelecto sem o auxílio de um poder absoluto, diante do qual o seu orgulho acabou por se curvar. Isto já não é apenas teoria minha — é agora o meu conhecimento. O intelecto é o governante mais falível que o homem pode possuir — conduzindo-o a toda a espécie de falsas aplicações das leis naturais; a toda a espécie de especulações sem qualquer fundamento na verdade.

A oradora citou, como exemplo, a aplicação da força do vapor à navegação, não tendo surgido como resultado da investigação científica nem do estudo de factos e princípios previamente estabelecidos, mas irrompendo subitamente, como a aurora do dia, na mente de Fulton, depois de ele ter tropeçado longamente e recuado numa busca perplexa e dolorosa.

O estabelecimento da teoria copernicana da astronomia derrubou de uma só vez todos os resultados da sabedoria grega e romana nessa ciência. A exatidão dessa teoria permanece ainda hoje, não como um facto absoluto, mas como uma dedução da razão; e quem sabe se, num futuro distante, todas essas conceções de proporções geométricas no sistema solar não serão consideradas meras visões de um sistema intelectual excessivamente presunçoso? As verdadeiras leis fundamentais das coisas correm o risco de ser ignoradas devido à sua própria simplicidade, enquanto nós nos elevamos às alturas em busca de campo para o exercício das nossas faculdades especulativas.

E assim sucede também com a aplicação da verdade prática. Existe apenas uma expressão — um único teste da verdade simples — e esse encontra-se no progresso ascendente do homem e da inteligência. A Verdade é o fogo dos séculos, consumindo tudo o que é obscuro, grosseiro e injusto. Em todas as condições da humanidade, ela é tão simples como uma gota de água; e exige dos homens apenas a observância de uma regra para os conduzir em segurança através de todas as dificuldades da vida: aderir a toda e qualquer verdade, uma vez estabelecida, e abandonar o erro, quando reconhecido, de imediato e completamente.

Há duas classes de espíritos humanos incapazes de fazer isto: aqueles que não ousam sustentar as suas convicções sob a pressão da influência exterior, levados a

recuar perante os homens maus e calculistas — ou pelas exigências superficiais da vida — e aqueles que não querem abandonar as antigas crenças, embora saibam que são erros, porque temem a queda das instituições queridas fundadas sobre elas.

Diz-se que um homem bom não terá inimigos; mas mostrai-me um homem que não tenha inimigos, e eu mostrar-vos-ei um tolo ou um cobarde. Aquele que caminhou na maior humildade, e a quem a Cristandade diviniza como o melhor dos homens, teve muitíssimos inimigos e acabou por perecer vítima deles; e assim acontece sempre com aquele que conhece a verdade e ousa proclamá-la. Preferiria eu, ao dar testemunho da verdade, que o desprezo do mundo fosse lançado sobre a minha cabeça, a que um monumento mais elevado do que as Pirâmides fosse erguido à minha fama com a inscrição:

"Ele não tinha inimigos"; pois aquele que combate o erro, a hipocrisia e o engano, encontrará necessariamente inimigos entre os que não ousam expressar a verdade que sentem, ou que persistem obstinadamente em crenças erradas.

E, assim como acontece com os indivíduos, acontece também com as nações. As maiores nações foram aquelas que, tendo estabelecido verdadeiros princípios de governo, não temeram permanecer fiéis a eles; e que, tendo errado ao afastarem-se desses princípios, não recearam corrigir a sua ação. E qualquer governo que não possa ou não queira manter a verdade, que é o espírito da sua Constituição, não está apto a subsistir; e se não estiver disposto a abandonar o erro em que caiu, morrerá da sua própria corrupção — partilhará o destino dos orgulhosos e ambiciosos impérios do mundo antigo.

Os governos que hoje são mais seguros são precisamente aqueles que não receiam remediar os males existentes em si mesmos — que não ousariam sustentar um erro, mesmo que o mundo condenasse a sua aparente precipitação ao removê-lo. Napoleão conhece a sua verdadeira política — sabe que, quando um princípio é reconhecido e sentido como errado, é pior do que loucura e insensatez continuar a segui-lo; e que tal obstinação cega acabaria por derrubá-lo, como derrubou um homem ainda maior do que ele, o seu digno tio.

Este Governo Federal, que sempre vimos corar de vergonha ao associar-se ao erro, tem apenas duas possibilidades de salvação, dependendo da regra já estabelecida: ou reconhecer os princípios verdadeiros e justos incorporados na sua Constituição, ou eliminar tudo o que é errado na execução das suas disposições. Se um destes dois caminhos não for seguido, pouco me importa quão cedo venha a ser destruído — pois, se tal não acontecer, interesses maiores do que os seus próprios estarão em perigo: os interesses da humanidade. Uma nação, admito, é algo importante; e um fogo patriótico

nacional é digno de todo o louvor; mas o amor pela humanidade é maior do que o amor pelo lar.

Aquele que faz de uma única localidade o seu lar corre o risco de se tornar egoísta, avarento e mesquinho; mas aquele que faz do mundo inteiro o seu lar é como aquele que reconhece lealmente que toda a humanidade é sua irmã e seu irmão; e lembrai-vos de que, embora as pedras dos vossos lares possam ser seguras — embora a vossa terra esteja cheia de memórias que despertam em corações americanos todas as emoções verdadeiras e leais, e façam o sangue correr orgulhosamente nas vossas veias — lembrai-vos de que não há orgulho nem santidade naquilo que se funda sobre o erro, encoraja a injustiça e sacrifica os princípios da humanidade para preservar a lareira, o lar ou o país. Não! Por mais querida que a minha pátria me seja, preferiria ver a gloriosa

Confederação despojada de todos os seus orgulhosos emblemas e de toda a sua fama do que encorajar quer o espírito da hipócrita cobardia, que não ousa dizer aquilo que julga ser verdade, quer o espírito do erro obstinado, que não se rende à reivindicação da razão. Não há dois lados nesta questão; não existe meio-termo entre o certo e o errado; é uma falácia inútil afirmar que isto ou aquilo pode ser corrcto segundo determinado ponto de vista. Aquilo que é justo é sempre justo, mesmo no meio da perseguição e do erro; e é errado aquilo que não promove o crescimento de tudo o que favorece a sabedoria, o conhecimento e a inteligência; aquilo que não encoraja os mais elevados sentimentos e faculdades em todas as criaturas feitas por Deus; aquilo que, em suma, impede a obtenção da felicidade humana pelo único meio legítimo — o conhecimento e a bondade.

É uma falsa conceção acreditar que o erro pode ser modificado e feito servir os propósitos do bem. O erro e o mal trazem sempre consigo o seu próprio castigo — o bem traz sempre pureza, felicidade, segurança e paz.

Conheci homens bem-intencionados e conscienciosos que não tiveram coragem de praticar a verdade, porque alguém lhes disse que um pouco de erro misturado com ela seria mais prudente e serviria melhor os propósitos mundanos. Mas então esse pequeno erro, assim iniciado, aumenta sempre a necessidade de mais, até que toda a política se torna baseada nesse princípio. Só aquilo que cumprir o destino da humanidade e corresponder aos propósitos da Mente Divina é que persevera no bem, independentemente das consequências. Fazei o que é correto, e tereis apenas de suportar as consequências; fazei o mal, e tereis de vos esquivar de um lado para o outro até que toda a obra da vossa vida, construída sobre engano, hipocrisia e cobardia, se desmorone numa ruína inútil. Este nosso governo tem feito compromissos e remendos para manter a lealdade dos seus apoiantes, como se todos esses subterfúgios, compromissos e concessões ao erro não acabassem inevitavelmente por se voltar

contra ele e esmagá-lo até ao nada, mesmo que o dia do mal possa ainda ser indefinidamente adiado.

Não existe algo como alcançar finalmente o êxito através do mal para que daí venha o bem. Nunca! E agradeço aos céus que assim seja; e eu próprio tornaria o caminho do transgressor mais duro do que é. Alegra-me que a política nunca sirva os propósitos da verdade; alegra-me que a escravidão, a ignorância e a opressão jamais sirvam os propósitos da luz e do conhecimento. Regozijo-me mais no castigo do tolo ou do cobarde que não quer ou não ousa dizer a verdade que sente, do que quando a forca espera o miserável que o seu exemplo talvez tenha tentado no caminho do crime.

Não tendes vós, enquanto membros de famílias, cidadãos e homens, encontrado sempre a maior felicidade, segurança e tranquilidade na adesão ao direito e à veracidade, apesar das consequências? O pior que vos pode acontecer é que o vosso carácter seja difamado ou a vossa vida destruída; mas que valor tem essa vida que só pode ser preservada pela falsidade, talvez sofrendo mais do que as dores da morte e mergulhada na mais baixa degradação?

O que digo pode soar severo, radical, condenatório. Sou sustentada apenas pela evidência de toda a história, por toda a experiência no governo, pela voz unida da humanidade; e os registos ainda não escritos do futuro confirmarão as minhas afirmações. Se isto não for suficiente, então tendes a voz de Deus nas vossas próprias almas, mais alta e mais distinta do que qualquer outro testemunho; pois a distinção entre o certo e o errado é tão clara em cada alma humana quanto são distintas as órbitas e funções do Sol e da Lua no céu, que nunca se confundem ao misturar os seus raios, mas cumprem cada um o seu propósito. Assim, necessariamente, pela sua própria intuição, a mente humana conhece o certo e o errado.

LIÇÃO DA NOITE

Proponho dirigir-me a vós, nesta ocasião, sobre o tema do Governo Humano. Estou consciente de que, pela multidão de autores, estadistas, oradores, diplomatas e outros poderes que lançaram luz sobre este assunto e colocaram diante do mundo o fruto dos seus estudos, tudo o que agora possa ser dito parecerá talvez emprestado; mas, como qualquer ideia, grande ou pequena, pode já ter sido pensada antes, talvez não seja possível, em qualquer ponto relativo a este tema, ser inteiramente original; e proponho-me, de forma condensada, apresentar-vos os melhores resultados da observação humana, da experiência e do raciocínio sobre o assunto.

Aplicado à humanidade, governo é aquele poder, seja em teoria, pessoa ou lei, que representa os interesses do povo governado, e a palavra nunca pode ser corretamente usada em qualquer outro sentido. Lei arbitrária, autoridade e tirania

podem aplicar-se a diferentes formas de força governante; mas o governo relaciona-se com os interesses da humanidade no seu sentido mais amplo. Já se disse que o governo humano deveria tomar como modelo o Divino, o qual seria a forma mais arbitrária concebível; mas isso não é correto.

É evidente que tudo no Governo Divino existe clara e positivamente para benefício dos governados; as suas leis são aplicadas pelo motivo do puro amor pelo sujeito governado; portanto, não pode ser considerado um modelo de despotismo: é exatamente o contrário. Os monarcas mais sábios esforçaram-se por moldar o seu modelo de governo segundo o padrão divino, e não tiveram êxito porque, através da perversão, ele degenera numa regra arbitrária.

A oradora descreveu o governo dos antigos Egípcios como, na sua forma primitiva e pura, correspondendo de perto a este modelo.

Tal governo pode ser considerado como a conceção de um poder mais elevado, mais santo, distinto e positivo, ajustado às exigências de formas inferiores e limitadas de existência; e isto verifica-se em todas as ramificações da natureza. É verdade que, através dos reinos da natureza, a lei da força parece prevalecer — o mais forte oprime sempre o mais fraco e dele se alimenta para obter os meios de vida, crescimento e domínio absoluto; mas com que perfeita harmonia e adaptação funciona este sistema!

Em todas as manifestações inferiores da energia criadora pode traçar-se um grande esquema geral — um resumo do todo deve ser alcançado — e isso se realiza na criação e existência do homem; pois o homem foi feito, por assim dizer, a besta de rapina de tudo o que existe abaixo dele — nenhuma criatura animada sendo retirada do poder da sua natureza física comparativamente fraca, ou então da quase inconquistável superioridade da sua mente, que o coloca, nesta esfera inferior, quase na relação da Omnipotência.

Como é belo que o próprio facto de destruição e opressão mútuas proclame, por fim, o domínio e a imortalidade da mente humana — que, num mundo onde a força física bruta obtém supremacia incontestada em todos os graus inferiores, o ser humano, mais fraco do que todos os outros desde o nascimento e possuindo menos meios naturais de defesa, triunfe ainda assim sobre todos em virtude do seu dom espiritual.

Em tempos antigos pensava-se suficiente, para governar, copiar a Natureza; os maiores triunfos entre os homens eram obtidos pela força material; e os governos mais fortes tinham esse fundamento; como, por exemplo, na Grécia, em Roma e nos principais países do nosso tempo, onde a nação mais forte sempre se alimenta da mais fraca, e a repressão é exercida pelo braço poderoso da força militar, manejada pela

vontade de um ou de poucos. Isto, contudo, não pode prevalecer para sempre, pois no coração humano existe um elemento de resistência ao domínio arbitrário que não pode ser completamente esmagado, e esse elemento manifesta-se na revolução, que é um resultado inerente a todos os governos despóticos.

Porque o governo, na sua forma natural, é apenas o resultado de um pacto livre celebrado para benefício da proteção mútua, e nenhum homem se submeterá voluntariamente a leis que não ajudou a fazer, nem à execução opressiva e arbitrária de leis assim impostas; e isto porque a mente humana, pela sua própria constituição, é um princípio absoluto e só se sujeitará a leis impostas por uma fonte que reconheça como de natureza superior à sua. Daí resulta que apenas um elemento no poder arbitrário foi encontrado eficaz para restringir a tendência para a reação e a revolução — e esse é o elemento religioso. Convencei os homens da existência dessa garantia para a vossa autoridade, e podereis fazer deles o que quiserdes. Sem isso, não reconhecerão qualquer poder absoluto que não tenha sido criado pela sua própria escolha e vontade. Os governos monárquicos provaram, portanto, ser fracassos, por se terem desviado e degenerado do modelo divino e primitivo, abusando insuportavelmente dos seus poderes em favor de objetivos egoístas e ambiciosos de indivíduos.

O caso da monarquia judaica foi citado como exemplo de um governo que derivava os seus poderes legítimos apenas do povo, que o considerava vice regente e porta-voz do Divino.

A dificuldade dos governos monárquicos surgiu geralmente da ambição egoísta de algum governante eleito, que acabou por pensar mais no seu próprio bem do que no bem comum; e isto tem sido até agora o defeito das Repúblicas, auxiliado também pela insuficiente inteligência do povo para executar o seu esquema de direitos — estando as suas mentes, de facto, já submetidas a algum controlo despótico e encontrando a sua expressão e condição naturais e necessárias em governos despóticos. Onde a origem humana do poder é reconhecida, é puro absurdo falar de um governo que não represente as concessões mútuas do próprio poder que governa.

Foram citados os exemplos da França e da Grã-Bretanha, mostrando diferentes formas de constituições governativas, dependentes para a sua estabilidade daquilo que lhes dá existência e que respetivamente representam e incorporam — a vontade do povo.

Passemos agora ao nosso próprio sistema. Consideramos a forma republicana como a mais elevada forma de governo e a mais próxima do divino. Esta posição tem sido ridicularizada, porque se afirma que o governo de Deus representa a monarquia; mas isso não é verdade. Ele nada pede para si mesmo — não tributa nenhuma criatura para sustentar o seu próprio esplendor e engrandecimento; pelo contrário, toda a lei,

todo o ato do seu governo, é uma concessão às exigências daquilo que é governado. Cada flor, cada árvore, pede e recebe aquilo de que necessita para o seu crescimento e máxima expansão, e todas as leis que a afetam parecem ditadas apenas pelas suas necessidades. Ao contrário dos governantes humanos, Deus não procura passatempo nem satisfação da vaidade na obra da criação, mas considera apenas os usos, a multiplicação e os gozos das coisas a serem governadas; e não é este precisamente o princípio do republicanismo?

Uma República é formada pelas concessões mútuas de todo o povo. A vossa Constituição não está incorporada num rei, com coroa e cetro; é apenas a declaração de uma teoria aceite pelo povo que a ela se submete, que consente obedecer a essas leis para se proteger de hostilidades estrangeiras e para a preservação e perpetuação da sua prosperidade interna. Se assim não fosse, um dos fundadores dessa mesma Constituição poderia ter assumido as rédeas do poder; George Washington poderia ter-se sentado coroado e cetro em punho entre vós. Mas Deus o proibiu — e que o proíba para sempre! Escapámos aos males de um monarca — não tenhamos outro!

Estas ideias, juntamente com todas as autoridades sobre governo, concordam em demonstrar que um governo que deixa de cumprir os fins das suas instituições, usurpando os direitos e interesses dos governados, perde a sua autoridade e, de facto, deixa de ser um governo. Apliquemo-las agora à presente crise dos assuntos nos Estados Unidos. A Constituição foi adotada pelo povo dos Estados Unidos…

A Constituição foi adotada pelo povo dos Estados Unidos enquanto indivíduos — não pelos Estados numa capacidade separada e soberana — como sendo a mais adequada para assegurar a sua vantagem mútua e progresso comum. Oradores ruidosos e superficiais — demagogos, não estadistas — insistem por vezes nos direitos soberanos dos Estados. Nenhum Estado individualmente possui um único direito, exceto por concessão e permissão da parte de todos os outros Estados. Quão absurdo é, então, falar do direito inerente de um Estado adotar esta ou aquela forma de governo para si mesmo! Tal coisa não existe; todos os seus direitos derivam do pacto e das concessões mútuas acordadas por todos os Estados, segundo as quais cada Estado é considerado soberano apenas enquanto não interferir nem procurar derrubar as instituições garantidas por todos os Estados em conjunto; e, se o fizer, fica imediatamente à mercê do restante da confederação, não ocupando outra posição senão a de dependente e, pelo momento, parte absolutamente sem valor dela. Este princípio admite aplicação ainda mais ampla.

Ouvimos muito, da parte de professores e outras autoridades, acerca dos direitos inerentes e inalienáveis pertencentes à humanidade. Com toda a deferência para com as “brilhantes generalidades” da nossa Declaração de Independência, afirmamos que

nenhum indivíduo pode ter quaisquer direitos exceto aqueles que lhe são concedidos por todos os outros em comunidade.

Neste contexto, a oradora considerou os chamados direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade, sustentando que, no abstrato, são meras falácias e conduziriam, na prática, à licença desenfreada e universal e à violência. Os verdadeiros direitos do homem são três: o direito de resistir a leis na elaboração das quais não teve voz; o direito de resistir ao abuso de leis que possam ter sido legitimamente feitas; e o direito de recusar obediência à autoridade que assume a forma de tirania.

A oradora passou então a explicar a verdadeira natureza do direito de propriedade conferido pelas leis, sustentando que, em muitos casos, ele é meramente convencional e entra em conflito com o direito abstrato; aplicando esta visão aos direitos do homem sob os governos, que foram meramente criados por pacto e concessão. Afirma-se em certos círculos que este governo, se os rebeldes triunfarem, será um fracasso. Nada disso. Quaisquer que sejam as formas de deturpação que provoquem a queda da sua forma atual, na sua essência e princípio ele deve sobreviver imortalmente, pois cada Estado dissidente adotará as mesmas instituições. Um Estado não tem mais direito do que um indivíduo de declarar-se livre da obrigação de um pacto em que entrou, pelo qual renunciou a alguns dos seus chamados direitos naturais e soberanos em benefício do bem-estar social. O seu direito de ser um Estado independente depende inteiramente da observância das condições reciprocamente acordadas por todos os Estados.

O que são a Louisiana e a Flórida, senão aquilo que passaram a ser pela concessão do governo geral? E quando derrubam a autoridade desse governo dentro das suas fronteiras, tornam-se passíveis de serem capturadas e submetidas à servidão perante aqueles que permaneceram fiéis. Devem ser consideradas e tratadas como um indivíduo que renuncia às suas obrigações perante as leis e passa a interferir com os direitos e a felicidade dos seus vizinhos. Todos, quer indivíduos quer entidades políticas, que não tenham o discernimento e a sobriedade necessários para obedecer às leis e governos que eles próprios criaram e sancionaram, devem ser considerados loucos ou intoxicados e colocados sob disciplina adequada.

Nenhuma causa justa de queixa foi apresentada por qualquer Estado da União relativamente à escravatura, não obstante o contrário. A voz do povo é unânime em favor do nosso atual governo e em condenação daqueles que procuram derrubá-lo por motivos de capricho, fantasia ou loucura, apesar de ele ter florescido tão gloriosamente e por tanto tempo. Nenhum Estado foi forçado a entrar na União, e nenhum pode forçar-se a sair dela.

A oradora desenvolveu então a ideia da loucura e inutilidade do movimento secessionista, caracterizando-o como mero acesso de intoxicação. Quer a nossa forma de governo se revele, na prática, um fracasso ou não, é certo que nenhuma outra se aproxima tanto do modelo divino; que nenhuma outra possui tão inerente estabilidade, ou exige tão pouca força armada para proteger a sua administração, ou corresponde tão bem aos propósitos da civilização.

Se as presentes divisões aumentarem até cumprirem as suas tendências destrutivas, podeis estar certos de que, sobre as cinzas e ruínas da nossa grandeza caída, surgirá outro império, que se estenderá não apenas de oceano a oceano, mas do Círculo Ártico ao Cabo Austral, e poderá talvez até incluir os Estados da Europa. Pelo bem de tal consumação, quase se poderia estar disposto a testemunhar a queda da actual Confederação, para que em seu lugar se erguesse uma nova, que abraçasse o mundo inteiro.

Imploramos àqueles que se interessam por este Governo que parem antes de empregarem, na sua preservação, uma força brutal que não foi usada na sua criação. Não foi pela força das armas que o conquistastes; a lealdade e a fidelidade não podem ser consumadas em paz, amizade e justiça através do derramamento de sangue. O sangue derramado, pelo contrário, impedirá para sempre este Governo de recuperar a sua posição e provocará um retrocesso aos sentimentos das épocas em que o despotismo e a força brutal eram considerados correspondentes aos mais elevados tipos de humanidade.

O espírito da nossa era de civilização fará muito para impedir este último e pior recurso. Podemos afirmar com segurança que não pode haver luta quando não há ninguém disposto a lutar. Este Governo encontrará a sua melhor segurança na inatividade e no silêncio; e o seu Executivo, agora tão abusado, é o representante mais verdadeiro e sábio da voz do povo que poderia existir; pois os rebeldes cedo se cansarão de combater o ar — de lutar contra sombras — e, quando o paroxismo da loucura embriagada passar, deporão as armas e regressarão tranquilamente às suas vidas comuns — homens sóbrios, embora não mais sábios.

Até que o bom senso do povo tenha tempo para se reafirmar e recuperar do exemplo contagioso da loucura e da demência nos seus líderes, é melhor suportar insultos e injustiças do que precipitar a nação no inevitável vórtice da revolução. Porque a forma republicana de governo não está destinada a uma existência transitória. Noutros países vereis mais novas Repúblicas surgirem do que jamais ruíram — vereis um derrube mais completo das tiranias, um resultado mais perfeito crescimento de paz, amor e harmonia produzido por um povo livre e esclarecido constituindo a voz do Governo.

"PARA AS VOSSAS TENDAS, Ó ISRAEL!"

Porque Razão os Espiritualistas Adoram no Santuário da Natureza?

Uma Conferência proferida pelos Guias da Sra. Cora L. V. Richmond

No Encontro Campal de Lookout Mountain (Tennessee),
Domingo, 7 de Julho de 1889.

A citação que escolhemos foi a palavra dirigida a Israel numa ocasião muito diferente daquela que agora vos convoca para este retiro pacífico na montanha. Os israelitas foram chamados pela voz de Deus, através do seu profeta, a fugir dos seus inimigos perseguidores e opressores; a fugir das suas dúvidas e confusão; a afastar-se de todos os desvios que os tinham afastado do altar escolhido e esperar a voz de Deus nas suas tendas. Eram ainda um povo tribal que ainda não alcançara o estado de civilização pertencente às cidades e aos países estabelecidos; estavam mais próximos de Deus no seu culto do que a civilização cristã de hoje; mas haviam muitas vezes vagueado para longe do seu Deus na busca vã da riqueza; no desejo de ganhos mundanos tinham adorado no altar de Mammon; tinham perseguido os seus inimigos e haviam sido perseguidos. Este mandamento era a voz do silêncio, ordenando-lhes que permanecessem quietos até conhecerem a vontade do Senhor.

Muitos séculos decorreram desde então; a Terra mudou inteiramente em muitos aspetos, e a religião da Cristandade tomou posse da civilização. Durante dois mil anos o mundo teve em mente a pacífica declaração de Cristo quando falou à mulher, dizendo: "Digo-vos que nem em Jerusalém nem neste monte os homens adorarão." "Deus é espírito, e os que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade." Esta foi a pedra angular de uma nova dispensação. A maré cheia da civilização cristã varreu o mundo, destruindo a Jerusalém edificada em nome de Jeová; e agora, rodeando o globo inteiro, as pacíficas habitações, as torres elevadas e as cúpulas dessa civilização testemunham o progresso do homem, mas não contam toda a história; pois sob a sombra dessas torres e cúpulas encontram-se a carência humana e a tristeza; afastados do monte das Oliveiras e do pacífico mandamento de Jesus encontram-se ainda, erguidos no mundo, os gritos da guerra e da agressão; na cega perseguição de Mammon, todos os países cristãos da Terra estão tão visivelmente afastados do santuário de Deus como os antigos israelitas do de Jeová. Sob este estado de coisas, não admira que uma voz venha do céu, dizendo, como nos tempos antigos: "Para as vossas tendas, ó Israel."

Os homens afastaram-se da sua mãe Natureza; procuraram construir grandes cidades e, nas vastas e tumultuosas buscas do mundo, enganaram-se a si próprios acreditando estar mais avançados do que a Natureza. Desertaram das formas pacíficas e habitações da sua infância, das bênçãos das mães e das irmãs, e reuniram-se naqueles lugares moldados por Mammon, procurando a degradação a que os homens chamam cidades; desenvolveram artes e ciências estabelecidas, aplicações mecânicas que parecem suficientes para executar o trabalho do mundo, mas o labor arrasta-se incessantemente sobre as suas mãos; atravessaram o mar e a terra com os mais maravilhosos mensageiros alados — alguns de vapor, alguns de luz e alguns do sopro do relâmpago; mas todas estas coisas não bastam para tornar a raça humana feliz, nem para perpetuar ou aperfeiçoar aquelas graças benignas que formam a base da vida humana.

Assim que um homem se encontra suficientemente estabelecido nos negócios, leva a sua família e foge para o litoral ou para um retiro montanhoso; tão depressa quanto pode escapar da escravidão auto-imposta da busca diária de Mammon, encontra o lugar mais isolado da Terra para se separar da sua espécie. Porquê? Porque a sua espécie o explorou, e ele procura escapar daquilo que construiu: aquele tumulto e turbilhão em que o jovem mergulha com tão ardente entusiasmo ao deixar o seu lar rural, e que procura ansiosamente novamente — ai! — com um coração tão diferente e sentimentos tão diferentes! Encontra ele a mãe Natureza?

Ela está lá; é tão amável e doce, tão maternal como sempre; mas aquela que amara na infância foi trocada por uma imagem pintada, uma representação artificial e enganadora; pois, com o coração e as afeições gastos, com as correntes do pensamento secas pelo conflito com o mundo, ele não consegue encontrar a Natureza que outrora abandonou; ela continua lá, mas ele já não possui espírito para a encontrar; vendeu o seu espírito a Mammon, sufocou as suas afeições na cega perseguição do mundo. O palácio dourado que ergue junto da montanha ou da praia não é o lar da Natureza.

Com todas estas cenas desencorajadoras no mundo, ainda existe algo que conquista o homem para a Natureza hoje: o cientista, na busca do conhecimento, considera cada pedra preciosa; cada satisfação da rocha revela-lhe o grande registo que esta mãe Natureza traçou — para ele é um livro vivo; encontra nas imagens ao seu redor aquilo que revela as leis da vida; estuda, com energia incansável e desinteressada, cada folha deste grande livro rochoso da Natureza que o rodeia.

O botânico descobre na folha e na flor aquilo que o impele a um entusiasmo perpétuo; nenhum matiz de flor, nenhuma forma de folha lhe escapa; está tão ocupado com os mais minuciosos detalhes que se encontra demasiado absorvido para notar a ampla expansão da paisagem que conta uma história muito mais vasta da Natureza ao seu redor. O naturalista encontra na Natureza uma fonte inesgotável de estudo;

investiga a asa do inseto, por mais pequeno que seja — o maior animal, por mais grandioso, continua ainda a ser para ele uma fonte de profundo e maravilhoso interesse.

Mas para o homem e a mulher comuns a Natureza tornou-se um livro esquecido; selou as histórias da infância, retirou os tesouros suspensos nas gotas de orvalho, o pote de ouro no fim do arco-íris; os seus contos de fadas foram destruídos para o homem. Absorvido na busca do mundo, o sol radioso, as paisagens gloriosas são apenas outras tantas vias para um ganho de fim-de-semana ou um divertimento de férias. Para o grande mundo, a Natureza tornou-se silenciosa e parece para sempre muda.

A verdade espiritual, essa verdade que só o homem possui, essa verdade que, no meio de toda esta Natureza, é a única explicação da Natureza em torno do homem — queremos dizer a verdade da inteligência do homem, da sua natureza imortal, da sua participação na natureza daquele Deus que moldou o universo — esta verdade espiritual derramada sobre o mundo reconduz o homem ao livro da Natureza que ele esqueceu; o metodista primitivo encontrava lugares de culto mais elaborados do que qualquer outro sob a cúpula do céu, nos ramos sobrepostos das árvores, o lugar mais apropriado para o culto; e a história diz-vos que os vossos pais puritanos procuravam a forma mais simples de adoração; o seu altar era a costa rochosa da Nova Inglaterra; nenhum tapete verdejante, nenhum ramo suspenso, nenhuma cúpula de templo, mas apenas as rochas e as ondas que lhes serviam de órgão, e o céu tempestuoso acima; contudo, mesmo ali preferiam adorar Deus segundo os ditames da consciência, do que sob a elevada cúpula de São Paulo ou sob as paredes e tetos canonizados de Westminster.

Mais atrás ainda, tendes as maravilhosas tradições e histórias daqueles místicos druidas que adoravam nas cavernas da Bretanha ocidental, onde até hoje alguns vestígios dos seus ritos e cerimónias testemunham a sua devoção ao santuário da Natureza; cavernas sob as rochas, árvores místicas sob as quais recebiam as mensagens da verdade e altares onde queimavam fogos que atestavam o seu reconhecimento do Infinito. Tendes aquelas maravilhosas ilhas da Grã-Bretanha que outrora sustentaram os deuses druídicos, os nomes e formas que os simbolizavam no culto e a ideia do Infinito; Mona trouxe a sua bênção de vida e luz à Terra; aqueles interessantes celtas que tinham cada forma da Natureza, e através da Natureza davam ao homem os seus ritos e cerimónias místicas que o aproximavam do seu santuário.

Tendes os primeiros cristãos, adorando não em Roma, nem ainda em Jerusalém, nem no Sinai, mas no Monte das Oliveiras e junto ao Mar da Galileia, seguindo os passos Daquele que foi inspirado para os conduzir a verdades mais novas, aspirações mais santas e posses espirituais mais divinas; Daquele que revelou os dons espirituais

e declarou que estes sinais seguiriam aqueles que acreditassem. Passam-se por qualquer catedral ou igreja na Cristandade Protestante: nenhum homem possui um único dom prometido por Cristo; o homem de Deus é arranjado segundo vestes canónicas; é verdade, como pregador canonizado, prega o evangelho de Cristo; não declara que "nem em Jerusalém nem neste monte os homens adorarão"; "Deus é espírito, e os que O adoram devem adorá-Lo em espírito e em verdade"; mas declara antes a letra do credo; e então homens e mulheres afastam-se de coração pesado, ansiando pelo Monte das Oliveiras, desejando poder estar junto ao Mar da Galileia, perguntando-se quando virá o Mestre que lhes dará de beber das águas sagradas daquela fonte de vida que jamais poderá ser extinguida. Hoje, milhares de corações ansiosos e vidas que, sob algum sistema de formalidade, se dobram ainda em adoração, procuram outro altar, outro santuário. Se Cristo estivesse hoje corporalmente sobre a Terra, nós…

perguntamos-vos solenemente: seria Ele recebido nos templos dourados da adoração? Seria reconhecido por aqueles que pronunciam o Seu nome? Não seria antes obrigado a convocar os Seus seguidores para as montanhas e para a beira-mar, como fez a irmã ministra dos tempos antigos? Quem declara que o Cristo de hoje não é tão negado e rejeitado como o Cristo de há quase dois mil anos? Não! O próprio Cristo de Belém, permanecendo diante dos portões do templo, não seria reconhecido nem recebido nas Suas humildes vestes e simples ensinamentos.

Os espiritualistas procuram o santuário da Natureza porque muitos deles foram expulsos daquilo a que se chama a Igreja Cristã Evangélica, porque ali não encontraram voz para Cristo; procuram o santuário da Natureza e da verdade espiritual porque, como o venerável amigo aqui presente, estiveram na igreja de onde a inspiração partiu; disseram-lhes que a voz da verdade estava silenciosa; que terminou com a visão de João em Patmos, e encontraram hoje outra voz viva. Fogem dos lugares da perseguição de Mammon, porque aí não têm espaço para ouvir os silenciosos ministérios do espírito; procuram o altar que está próximo da Natureza porque a Natureza possui um novo significado, uma interpretação que nunca tivera antes, como livro de revelação que nunca antes havia sido aberto.

O homem de ciência encontra na Natureza um livro de conhecimento, mas não um livro de revelação, e declara que o universo, através do aspeto externo da Natureza, não lhe revela alma nem vida. Que faz ele então com todos os seus mistérios? Que faz ele com a sua alma, a sua inteligência, a sua vida, ajoelhando-se para aprender num santuário que não possui vida nem inteligência? Como pode olhar para as pétalas de uma rosa no seu estado natural, sempre em número de cinco, e não saber que existe uma inteligência governando o crescimento que determina que todas as plantas dessa ordem tenham cinco pétalas? Como pode olhar para o cálice brilhante do lírio e

examinar as suas pétalas estreladas, que são seis, e não saber que, tal como o símbolo da estrela de seis pontas, isso revela a inteligência do céu e da Terra?

Como pode contemplar os inúmeros cristais armazenados nas vastas reservas da Terra e não saber que cada cubo e cada ângulo são governados por princípios matemáticos corretos, como se as rochas os tivessem pensado ao longo de todas estas eras? Algo na rocha, na árvore e na folha revela ao espiritualista a inteligência que está para além; declara que a Fonte Viva daquela vida que pode modelar folha, árvore e flor, gema e pedra preciosa, é a Fonte que o homem adora.

Os espiritualistas aproximam-se do santuário da Natureza porque o coração da Natureza se volta para eles com bondade; ela revela-lhes as suas múltiplas formas de vida; declara-lhes em vozes inequívocas, sinais e símbolos, a perpetuação da vida de uma geração e de uma era para outra; e pela grande lei da evolução, que desdobra outras formas de vida, faz delas símbolo do seu desenvolvimento espiritual; declara-lhes que, quando uma forma de vida é insuficiente e inadequada, outra e melhor toma o seu lugar; revela-lhes que, quando uma lei se cumpre e completa, outra e mais elevada assume a sua posição, lei tão divina e sagrada quanto a anterior, porque outra forma de vida se tornou necessária.

Foi-vos dito por aqueles que criam credos — não pelos fundadores da religião, não pelo Cristo do Cristianismo, mas pelos homens que moldaram os credos — que uma determinada linha de fé é a única; assim que a alma do homem ultrapassou essa linha, foi para além dela. Foi-vos dito que um certo ponto da crença é tão longe quanto o homem pode ir, e contudo, logo que alguém se torna suficientemente iluminado e esclarecido para ultrapassar esse ponto, o antigo marco é removido e outro é colocado em seu lugar. O católico romano declara que nada fora da Santa Sé é adequado para salvar a alma do homem; contudo, milhões mergulharam fora dela. Se a Igreja Romana estiver certa, então eles mergulharam diretamente na perdição ao afastarem-se da autoridade romana. Foi-vos dito pelas várias denominações evangélicas protestantes que o crescimento numa direção espiritual é impossível, que um credo uma vez formulado deve permanecer para sempre; contudo, milhares de homens e mulheres inteligentes ultrapassaram essas denominações e encontraram maior alegria e ministérios mais divinos.

Que vos diz a Natureza à vossa volta? A árvore, falando com as suas folhas de mil línguas que levaram milhares de anos a crescer, diz: “Sou apenas o aperfeiçoamento de outras árvores que me precederam, e para além de mim haverá uma vida mais elevada e uma estrutura mais perfeita.” Cada flor que vedes declara um crescimento acrescentado; houve um tempo em que estas eram apenas formas simples e selvagens de florescimento; agora, sob cultivo e sob os poderes desdobrados da Natureza, existem flores adicionais e maior crescimento; houve um tempo em que as

vossas árvores de fruto produziam frutos amargos e agrestes, quando as flores que cresciam na encosta montanhosa eram amargas e desagradáveis ao paladar, mas a Natureza, auxiliada pela inteligência do homem, que se vale dos seus próprios métodos, proporciona-vos agora pomares carregados de frutos deliciosos ao gosto.

Se tivésseis permanecido fisicamente na linha árida e estéril do credo — aceitando apenas aquilo que é visível aos vossos olhos, embora não agradável ao vosso paladar — ainda estaríeis a comer maçãs que crescem nas encostas das montanhas, aquelas maçãs agrestes e silvestres, e o grande progresso da civilização seria impossível. Assim como a Natureza revela a perfeição dos seus tipos nas mais elevadas formas de vida possíveis sobre a Terra, também o espírito do homem, valendo-se dos métodos da Natureza, avança em direção a essa perfeição até que, vede!, a rosa desabrochada cresce nos vales de Caxemira, e os perfumes preciosos que enchem a fragrância são destilados pela Inteligência do homem.

Assim também, do grande reservatório dos vossos espíritos, os mensageiros sagrados da vida superior trouxeram a palavra que é de Deus. Esses mensageiros afirmavam que o tempo em que a igreja judaica era tudo o que existia para o homem seguir; quando a voz de Deus no Sinai, os mandamentos do profeta, eram tudo o que podiam compreender. Quando a voz os chamava para as suas tendas e lhes ordenava esperar a mensagem do Divino, era a voz da autoridade; era a voz da inspiração daquele dia; mas quando a expressão exterior se tornou morta, quando os fogos do altar se apagaram, quando a voz do profeta deixou de ser ouvida em Jerusalém, quando já não havia os sons refrescantes das águas da vida para a sede dos israelitas, então a voz de Jesus, o espírito da verdade através do Seu ensinamento, tornou-se a inspiração.

A letra da lei judaica passou; o espírito do Cristo vivo prevaleceu; e quando Ele, chamando os Seus seguidores para o Monte das Oliveiras, lhes deu naquele abençoado Dia de Sábado as divinas Bem-aventuranças, ofereceu-lhes aquilo que era mais precioso do que todas as fórmulas áridas do templo em Jerusalém. Não era de admirar que as multidões o seguissem.

E quando esse Cristo vivo, essa verdade viva, foi condenado à morte, quando se procurou trair e destruir aquele belo novo crescimento da Árvore da Vida, então a Terra chorou e os Seus seguidores ficaram tristes.

Passaram-se séculos! No Vaticano, em São Paulo, encontram-se as letras mortas da lei; sob as formas e credos da igreja os homens não encontram a árvore vivificante; novamente a voz do espírito sopra-os para a Natureza, convidando-os a sair da sua formalidade em direção a algum novo Monte das Oliveiras, algum novo e glorioso dia de inspiração, e a encontrar a luz viva que abandonou os santuários e altares construídos pelos homens.

É por isso que os espiritualistas estão hoje aqui. Vêm de grandes sofrimentos que os credos e dogmas da igreja não puderam consolar; vêm dos leitos daqueles que partiram, e o seu ministro não foi capaz de lhes dar uma palavra de esperança acerca da Imortalidade; vêm das buscas fatigantes pelos caminhos poeirentos da Terra, onde esse conhecimento foi silenciado, onde essa verdade foi muitas vezes condenada à morte sob muitas formas; vêm das trevas do materialismo, tendo sido conduzidos à crença na aniquilação em vez da crença num Deus vingativo e irado; afastam-se dos fogos do Hades, acesos não pela voz de Deus, mas pela mão do homem sobre a Terra, e procuram refrigério na fonte viva da verdade viva.

Afastam-se daquela ciência árida e estéril que, embora possa aperfeiçoar a maquinaria do mundo, esmaga as almas dos homens, retirando a vida do espírito em nome de Mammon; vêm dos túmulos cobertos pelas flores da afeição, sobre os quais as palavras dos sacerdotes de Deus não conseguiram trazer esperança nem consolo. A esses veio a voz ordenando-lhes que se dirigissem à Natureza, à montanha, ao santuário do espírito, para adorar. Não é uma voz de comando; é uma voz que os chama para as suas tendas, por causa daquilo que há de vir.

O que é que há de vir? Não possui santuário visível, nem está traçado em letras de fogo nos relâmpagos e trovões do céu; não há carros de heróis conquistadores conduzindo homens ao monte do triunfo ou à terra de Canaã sobre os cadáveres dos seus inimigos; nem sequer a presença daquele Cristo morto que vive agora no reino da vida eterna; mas, melhor e mais elevado ainda, a presença daqueles anjos e espíritos ministrantes, daquele Cristo que é um espírito vivo no reino da vida, daquele Deus que é uma presença viva em todo este grande templo vivo da religião, declara-lhes:

“Não acrediteis em credo algum criado pelo homem que negue a presença viva e eterna de Deus; não acrediteis em credo algum criado pelo homem que vos afaste da força espiritual do Cristo vivo, em vez do Cristo morto; não acrediteis em homem algum que vos separe dos espíritos ministrantes e dos anjos de Deus, pois ‘não são todos espíritos ministrantes enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação’?”

O Espiritualismo diz: Não acrediteis naqueles que vos dizem que os vossos amigos estão mortos e sem voz; até estas árvores declaram o contrário. As formas que parecem áridas e estéreis no Outono e no Inverno revestem-se da beleza perfeita das novas marés primaveris da vida que as percorrem e atravessam, embora poucos meses antes parecessem velhas e sem vida; estas rochas que dão origem a nascentes e fontes vivas transbordaram no deserto, e novamente a voz do Verão vos chamou aos altares da Natureza. Se folha, árvore e flor podem renovar-se assim, quando os ramos parecem nus e mortos e a Terra parece desolada, que será então da afeição humana e do amor daqueles que não podem perecer? Acaso a Natureza desfralda em vão os seus

estandartes frondosos para vos zombar? Acaso a grande voz do espírito que vos rodeia diz:

"Oh, posso substituir as folhas e flores mortas; e vós, seres humanos, deveis lamentar para sempre"? Produzem estas árvores, suaves e benignas na sua vida e beleza, a sua sombra e frescura primaveril apenas para escarnecer da vossa dor? Não acrediteis nisso; a Árvore invisível tem os seus ramos e folhas estendidos acima de vós; as suas raízes penetram muito mais fundo do que quaisquer que vos rodeiem aqui; o seu tronco é a luz visível, palpável e viva da alma; os seus ramos que tudo alcançam são o espírito que vive acima de vós, e o fruto dessa árvore é a vossa herança imortal.

A voz do espírito diz-vos na e através da Natureza hoje: "Mesmo quando estas flores infantis renovam as suas folhas ano após ano, assim também o amor se renova e permanece para sempre imperecível. Olhos de luz contemplam desde o céu, anéis dourados de ar cintilante ondulam na atmosfera solar; as formas daqueles que amais estão junto de vós em silêncio ou com palavras pronunciadas ao vosso lado."

Não existe morte. O testemunho da alma junto ao altar e santuário do espírito é este. Não existem barreiras entre a alma do homem e Deus, exceto aquelas que o próprio homem criou. A lei não escrita do amor, a lei perfeita da verdade, a lei do conhecimento — estes são os credos inscritos nas tábuas sagradas do coração humano; e as dez tábuas quebradas de pedra são aquelas verdades divinas e interiores reveladas ao homem no silêncio do espírito, mas que ele não consegue compreender, e por isso a letra da lei teve de ser dada.

Os espiritualistas vêm aqui porque, afastados da fonte das lágrimas, dos lugares de tristeza e luto, a luz dos ressuscitados pode aproximar-se mais deles. Aqui está o santuário onde, através de algum instrumento escolhido, a voz da mãe ressuscitada pode falar ao seu amado; aqui está o santuário onde a admoestação paterna e a palavra bondosa podem ser respiradas, sem que interfira qualquer som discordante do mundo; aqui está o altar onde, em comunhão harmoniosa e louvor, homens e mulheres podem encontrar a luz do espírito, voltando-se desta Natureza que os rodeia para aquela alma que pode compreender a Natureza; e voltando-se daí para a luz de Deus, a fonte de todo o amor e beleza.

Assim, não temos cúpulas de catedrais, nem arcos dourados e esculpidos, nem vitrais coloridos, nem altares onde ardem fogos sacrificiais para expressar a nossa adoração. Estes são os nossos símbolos escolhidos: esta cúpula é o templo do nosso Deus; todos estes sinais e maravilhas da vida visível ao nosso redor são convites para deixar o mundanismo, a luta, o labor e a rotina da vida quotidiana, e entrar neste templo de Deus para oferecer o louvor que convém às nossas almas vivas.

Não é uma voz de comando; é uma voz que os chama para as suas tendas, por causa daquilo que há de vir. O que há de vir? Não possui santuário visível, nem está traçado em letras de fogo nos relâmpagos e trovões do céu; não há carros de heróis conquistadores conduzindo homens ao monte do triunfo ou à terra de Canaã sobre os cadáveres dos seus inimigos; nem sequer a presença daquele Cristo morto que vive agora no reino da vida eterna; mas, melhor e mais elevado ainda, a presença daqueles anjos e espíritos ministrantes, daquele Cristo que é um espírito vivo no reino da vida, daquele Deus que é uma presença viva em todo este grande templo vivo da religião, declara-lhes:

"Não acrediteis em credo algum criado pelo homem que negue a presença viva e eterna de Deus; não acrediteis em credo algum criado pelo homem que vos afaste da força espiritual do Cristo vivo, em vez do Cristo morto; não acrediteis em homem algum que vos separe dos espíritos ministrantes e dos anjos de Deus, pois 'não são todos espíritos ministrantes enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação'?"

O Espiritualismo diz: Não acrediteis naqueles que vos dizem que os vossos amigos estão mortos e sem voz; até estas árvores declaram o contrário. As formas que parecem áridas e estéreis no Outono e no Inverno revestem-se da beleza perfeita das novas marés primaveris da vida que as percorrem e atravessam, embora poucos meses antes parecessem velhas e sem vida; estas rochas que dão origem a nascentes e fontes vivas transbordaram no deserto, e novamente a voz do Verão vos chamou aos altares da Natureza. Se folha, árvore e flor podem renovar-se assim, quando os ramos parecem nus e mortos e a Terra parece desolada, que será então da afeição humana e do amor daqueles que não podem perecer?

Acaso a Natureza desfralda em vão os seus estandartes frondosos para vos zombar? Acaso a grande voz do espírito que vos rodeia diz: "Oh, posso substituir as folhas e flores mortas; e vós, seres humanos, deveis lamentar para sempre"? Produzem estas árvores, suaves e benignas na sua vida e beleza, a sua sombra e frescura primaveril apenas para escarnecer da vossa dor? Não acrediteis nisso; a Árvore invisível tem os seus ramos e folhas estendidos acima de vós; as suas raízes penetram muito mais fundo do que quaisquer que vos rodeiem aqui; o seu tronco é a luz visível, palpável e viva da alma; os seus ramos que tudo alcançam são o espírito que vive acima de vós e o fruto dessa árvore é a vossa herança imortal.

A voz do espírito diz-vos na e através da Natureza hoje: "Mesmo quando estas flores infantis renovam as suas folhas ano após ano, assim também o amor se renova e permanece para sempre imperecível." Olhos de luz contemplam desde o céu, anéis dourados de ar cintilante brilham na luz solar da atmosfera superior; as formas

daqueles que vos amam estão junto de vós em silêncio ou com palavras pronunciadas ao vosso lado.

Não existe morte. O testemunho da alma junto ao altar e santuário do espírito é este. Não existem barreiras entre a alma do homem e Deus, exceto aquelas que o próprio homem criou. A lei não escrita do amor, a lei perfeita da verdade, a lei do conhecimento — estes são os credos inscritos nas tábuas sagradas do coração humano; e as dez tábuas quebradas de pedra são aquelas verdades divinas e interiores reveladas ao homem no silêncio do espírito, mas que ele não consegue compreender, e por isso a letra da lei teve de ser dada.

Os espiritualistas vêm aqui porque, afastados da fonte das lágrimas, dos lugares de tristeza e luto, a luz dos ressuscitados pode aproximar-se mais deles. Aqui está o santuário onde, através de algum instrumento escolhido, a voz da mãe ressuscitada pode falar ao seu amado; aqui está o santuário onde a admoestação paterna e a palavra bondosa podem ser respiradas, sem que interfira qualquer som discordante do mundo; aqui está o altar onde, em comunhão harmoniosa e louvor, homens e mulheres podem encontrar a luz do espírito, voltando-se desta Natureza que os rodeia para aquela alma que pode compreender a Natureza; e voltando-se daí para a luz de Deus, a fonte de todo o amor e beleza.

Assim, não temos cúpulas de catedrais, nem arcos dourados e esculpidos, nem vitrais coloridos, nem altares onde ardem fogos sacrificiais para expressar a nossa adoração. Estes são os nossos símbolos escolhidos: esta cúpula é o templo do nosso Deus; todos estes sinais e maravilhas da vida visível ao nosso redor são convites para deixar o mundanismo, a luta, o labor e a rotina da vida quotidiana, e entrar neste templo de Deus para oferecer o louvor que convém às nossas almas vivas.

Amigos queridos, nos dias e semanas que se seguirão, enquanto a luz do seu ministério é derramada sobre vós a partir do mundo espiritual, não esqueçais que, por mais belo que seja adorar neste templo, existe ainda um dever acrescido: ir à casa do luto, aos lugares de necessidade, pecado e miséria nas cidades apinhadas, a todos os que sofrem por causa da ignorância humana, a todos os que estão sufocados nas estreitas masmorras que os homens chamam habitações, nos lugares estreitos que os homens chamam credos; tendes um dever a cumprir, uma luz a transmitir; não permaneçais sobre a montanha, por melhor que seja estar ali, mas descei ao vale. Jesus, falando no Monte das Oliveiras, encontrava ainda tempo para visitar aqueles que estavam em tristeza e sofrimento.

Assim, amados, descendo das alturas exaltadas para onde ascendeis, fazei das vossas vidas uma promessa sagrada a todos os que estão cansados, a todos os que têm sede das águas da vida, a todos os que têm fome do pão da comunhão espiritual, a

todos os que choram e não podem ser consolados, a todos aqueles cujas vidas são pesadas e que nada conseguem ver para além delas; a esses levareis a mensagem de que a voz de Deus não está apenas na montanha, nem apenas no templo, de que a adoração do espírito não consiste apenas em louvor, mas de que a luz do amor de Deus, as perfeitas ministrações da caridade humana, abrirão caminho para a verdade espiritual.